



Relatos biográficos de professores/educadores de adultos

A ação das Coordenações Concelhias no âmbito do Plano Integrado de Desenvolvimento Regional (PIDR) do Nordeste Algarvio – Volume II - Anexos

Joaquim Matias Pastagal do Arco

Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Educação

ORIENTADOR :*António Fragoso*

ÉVORA, NOVEMBRO DE 2015



VOLUME II

ANEXOS

ANEXO 1. GUIÃO DA 1ª ENTREVISTA NARRATIVA

Objetivo: Conhecer experiências vivenciadas, identidade de aprendizagem, momentos marcantes, ação desenvolvida em prol do desenvolvimento social e educativo a nível local/concelhio no âmbito da rede pública de educação de adultos.

Entrevista

1. Fase Inicial

Formulação da questão generativa: “ Fale sobre a sua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, ação desenvolvida, melhores e piores momentos, até deixar a educação de adultos”

Pode levar o tempo que quiser e fale de tudo o que achar importante...

2. Fase do relato central

Não interromper...

Encorajar a entrevistada através de comunicação não verbal.

Não dar opiniões...

Esperar pela finalização do relato...

3. Fase Exploratória

Colocação de questões norteadoras (exmanentes) do Estudo que refletem os interesses da pesquisa. Tipo: (“experiências mais significativas”; “como decorreu o processo de alfabetização”; “papel das instituições no apoio às atividades”, “apoio da autarquia”; “ significado das ações para o desenvolvimento socioeducativo das populações”; “significado da formação contínua”; “valor da experiência na educação de adultos a nível pessoal e profissional” (...)

4. Fase do balanço

Passar das questões exmanentes às questões imanentes (tópicos, temas, episódios) que venham a emergir da narrativa e que permitam esclarecer dúvidas ou enriquecer o discurso.

5. Fase conclusiva.

Fase final em que a entrevistada dá por concluído o seu relato. Desligar o gravador. Comentar a entrevista... pedir esclarecimento sobre alguma questão mais duvidosa. Posso utilizar questões do tipo “porquê?”. Conversar um pouco enquanto sentir que a entrevistada está disponível para falar. Registrar anotações do diário de campo.

Agradecer e despedidas... até ao próximo encontro

ANEXO 2. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS 1ª FASE

Entrevista 1 - Teresinha

[Teresinha Fala sobre a tua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, até deixar a educação de adultos. Podes levar o tempo que quiser e fala de tudo o que achares importante]

T- Olha Joca, eu entrei para a Educação de Adultos em 1985, quando fui lá colocada, nomeadamente em Alcoutim, mas num monte chamado Balurcos e como havia falta de transportes na altura não se podia vir para casa todos os dias, acabei por ficar lá durante a semana, não é? Só vinha ao fim de semana e como tinha bastante tempo livre e já me tinha apercebido “hhh” por causa dos meus encarregados de educação, que eu na altura tinha cerca de 19 alunos e só um encarregado de educação é que sabia ler e escrever, que tinha sido emigrante em França e que depois regressou e o leque dos meus encarregados de educação, o nível etário estava compreendido mais ou menos entre os 30 e 40 anos, portanto era uma população muito jovem (...) que estava no analfabetismo. O que é que resolvi fazer? Sensibilizada para, para “hhh”, esse aspeto, da taxa elevada de analfabetismo no concelho “hhh” e juntando o útil ao agradável achei que devia começar de algum modo e tentando ocupar o meu tempo livre. Na altura nem sequer sabia que havia uma estrutura, a nível distrital, “hhh” do ensino recorrente nos vários concelhos, nomeadamente o de Alcoutim. Portanto, comecei a trabalhar sensibilizada para o a taxa elevada de analfabetismo e sem sequer ter conhecimento que havia essa estrutura no concelho. Numa reunião normal de encarregados de, de educação fiz a abordagem do assunto, disse-lhes que estava disponível, uma vez que não ia a casa tinha bastante tempo livre e que gostaria, já me tinha apercebido que havia a maior parte da população pelo menos naquele monte que não...que era analfabeta e eu não me importava nada de estender as minhas aulas aos adultos no período da tarde, porque estava livre, “hhh” foi imediatamente aceite o convite e no dia seguinte começaram as minhas aulas do ensino recorrente. Passados prai talvez uns 6 meses ou 5 meses, apareceu-me à porta da escola uma colega chamada Célia, que se apresentou como coordenadora concelhia de Alcoutim e fiquei um bocado espantada a olhar para ela (riso), não sabia o que ela me queria,

mas depois acabou por me dizer que já sabia tinha ouvido dizer que estava uma colega em Balurcos a dar aulas aos adultos por iniciativa própria mas que me vinha explicar que havia uma estrutura, a nível do distrito e até a nível de concelho, "hhh" em que ela era a coordenadora era a responsável portanto a concelhia de Alcoutim. Pronto, trocamos impressões, e acabámos por acertar as agulhas, não é? Continuei com as minhas aulas, ela depois disse-me que havia uma pequena bolsa, uma gratificação, que se dava aos bolseiros como eram designados na altura e que me ia contemplar também com essa bolsa, pronto, assim foi (...) continuei o meu trabalho, mas as solicitações eram mais que muitas, porque os outros montes vizinhos vinham também às minhas aulas, "hhh" aquilo começou a fazer-me uma certa confusão à cabeça porque não sabia como estender as aulas aos outros montes, não me abri à coordenadora concelhia para para essa situação...mas depois penso que foi um ano depois ou coisa assim, no ano letivo seguinte, fui surpreendida com um convite para coordenar o concelho então em termos de ensino recorrente. Pronto vi o meu sonho mais alargado, não é? Acabei por aceitar a iniciativa e a nomeação até me lembro que veio no, no diário da, da república desse ano e pronto abracei o projeto, comecei a fazer visitas ao concelho, aos diversos montes, porque entretanto falei com a autarquia, a autarquia disponibilizou-me uma carrinha e um dos motoristas da câmara e então nesse sentido não havia problemas e comecei a apalpar o terreno todo, lés a lés. Ah! as pessoas todas tavam (sic) sensibilizadas para essa causa, queixavam-se porque alguns montes tinham, estavam beneficiados e eles não tinham, gostariam de ter também, pronto, fiquei mais motivada ainda para o trabalho que era, realmente era um trabalho interessantíssimo, "hhh" que me motivava bastante, porque eu via os frutos à vista, era aquele tipo de trabalho, aquela semente que nós plantamos e que vemos ali desabrochar, numa maneira interessante, engraçada, ah...o que é que depois comecei a aperceber-me também que o concelho também era bastante isolado e como consequência as populações também estavam a lés do que se passava do resto do país, porque nada lhes interessava não sabiam ler não sabiam escrever, não podiam ler um jornal mesmo que a televisão também na altura não era toda a gente que a tinha alguns emigrantes que tinham vindo do do estrangeiro é que tinham uns quantos televisores, cinema nem falar nisso, conhecer a própria região algarvia, o a sede de concelho, a cidade de Faro, uma praia, um (...) sei lá, nada, nada de nada, eu achei que devia começar mesmo a serio a tentar quebrar aquele gelo, a tentar quebrar aquele aquele isolamento, que as pessoas tinham direito a isso.

Somos todos cidadãos deste país, se uns beneficiam disto, os outros também têm de ter a a a mesma igualdade de direitos, não é? Pronto, acabei por estender a alfabetização a todos os montes, e como outro problema que se me deparou era como arranjar colaboradores mas então lembrei-me dos estudantes do ensino secundário que residiam em cada monte e juntei-os, tentei sensibilizá-los para a causa, muitos abertos abraçaram logo a causa e com uma pequena formação inicial arranjei os meus bolseiros monitores, não é? Animadores, e...monitores, animadores, pronto e bolseiros ao mesmo tempo. Pronto, esta solução, era a mais perfeita, eles muito motivados e começaram logo o trabalho formou-se uma equipa fantástica no concelho de Alcoutim. Depois começamos a abrir o leque para outras atividades, as chamadas na altura, os cursos sócio – educativos (...) Ah! lembro-me do corte e costura, lembro-me dos dos da da do artesanato, em termos de cestaria e até olaria, tecelagem, que era, o concelho era rico, era e é rico de artes tradicionais que estavam já em desuso, as pessoas esqueceram-se completamente porque era mais fácil dar um pulo a Vila Real de Santo António a comprar tudo o que lhes apetecia do que meter-se outra vez a tecer um tapete, a tecer por exemplo o linho eu sei que era bastante cultivado no concelho de Alcoutim e transformado, portanto também nisso pegámos. Juntamos as pessoas, sensibilizámo-las para para para isso e surgiram os cursos sócio - educativos de corte e costura, tecelagem, até fomos reunir, fizemos o levantamento em todo o concelho de trajes antigos, fizemos sessões de moda com esses trajes antigos, ah...sessões de cinema que a equipa distrital, os colegas da equipa distrital também eram fantásticos, davam-nos bastante apoio, nomeadamente o Sr. Joca (risos) com quem estou a falar, e outros tantos de quem já não me lembro, mas estão presentes porque era a equipa distrital a reunir apoios e a concelhia a trabalhar no terreno, portanto estava mesmo numa numa plena consciência e pronto fomos trabalhando, à medida que o tempo que as pessoas foram amadurecendo mais, que foram-se abrindo mais...como é que hei-de dizer, aperceberam-se de que estavam a perder muita coisa boa, então eu própria senti que aquele que tinha sido um quebrar daquele isolamento completo, o concelho de Alcoutim, as suas populações já não eram a mesma coisa antes da implementação dos cursos de alfabetização no concelho e dos sócio - educativos consequentemente. A dada altura, ah...em Martinlongo, nomeadamente, um grupo de senhoras já um bocadinho mais experiente...ah...depois de de de apalpado o terreno, depois de uma de uma conversa de uma sensibilização com o instituto de emprego e formação profissional então

constituiu-se uma uma empresa, uma empresa em que as senhoras portanto elaboravam bonecos de juta a partir mesmo (...) a seguir ao curso sócio - educativo de rendas e bordados, corte e costura, que foi o anterior, depois então avançou-se para esse plano seguinte. Constituíram -se a empresa eu lembro-me que ainda fomos percorrer o norte do país com esse grupo para uma espécie de contactos, protocolos e aquisição de experiencias, uma troca de experiencias com outras. Eu, uma representante do instituto de emprego e as senhoras que faziam parte da da, da empresa. (...) [**Conta-me lá, quando chegaste a Balurcos, como é que foi?**] Então, vim de Angola, muita confusão, guerra, insegurança, também por causa dos meus filhos concorri e fui colocada em Alcoutim, em Balurcos, o que é que tu achas, uma professora preta, nunca tinham visto, “hhh”, os miúdos nunca tinham visto, aliás ate mesmo os adultos, vinham adultos ate de quase todos os montes, vinham ao Centro de saúde, a alguma consulta, ou para tratar assuntos particulares passavam por Balurcos porque tinham ouvido dizer que estava lá uma professora de cor diferente, queriam ir conhecê-la, apalpá-la, e era isso mesmo que acontecia as pessoas chegavam à escola, cumprimentavam-me “ai minha senhora eu vinha conhecer a senhora porque nunca tinha visto uma pessoa de raça diferente”, apalpavam-me o cabelo (risos) diziam que o cabelo parecia a lã da ovelha (risos), que era fofinho como a lã da ovelha, apalpavam o meu corpo, sei lá (...) as crianças, aquilo era uma coisa impressionante, chegavam-se ao pé de mim e com o dedo passavam pela minha pele e depois espreitavam e eu tinha o cuidado de dizer “ olha que isso não deixa tinta é a cor da minha pela porque eu nasci num pais muito quente, é como o forno das mães, como é que costuma estar?” “ai muito quente, muito quente” “ pois é se metemos lá a mão durante muito tempo queimamo-nos não é? Mas o calor da minha terra é tão forte, tão forte, que queima a pele e que dá a pele este tom de cor que vocês não têm no vosso corpo”. Mas nunca senti qualquer discriminação e as pessoas começaram a gostar de mim e o curso de alfabetização serviu para eu ter uma melhor relação com os pais, os meus encarregados de educação eram quase todos jovens, jovens analfabetos, o que era de lamentar. Algumas das mulheres tinham os maridos emigrantes ainda, outros tinham emigrado acompanhando os maridos e portanto regressaram, regressaram à terra para aplicar aquilo que tinham ganho, para construir casa, ah! tentar continuar a educar os filhos, que entretanto tinham deixado a cargo dos pais, não é? Dos avós (...) tudo isso, tudo isso sensibilizou, e até grande parte dos encarregados de educação e não só, que tinham

filhos, maridos, muitos pais que ainda tinham filhos emigrantes também no estrangeiro, vinham à escola também, para escrever a carta, para ler a carta, para ir ao banco com eles para trocar o cheque, pessoas que faleciam lá, lembro-me de dois casos, o caso da D. Rita e da D. Ângela que tive mesmo de tratar a reforma a partir de França, porque mandavam a documentação, como as pessoas, não sabiam ler nem escrever, e eu entendia alguma coisa de francês porque estudei francês e gosto muito de francês, então? o que é que eu fazia? Eu traduzia aquelas cartas e depois voltava a responder mandando a documentação que França pedia, ainda tratei duas reformas assim, e as nacionais, já nem se fala. Então resolvia os problemas das pessoas de Balurcos, resolvia os problemas todos (risos), todos (...) Ah!, na igreja como também faço, gosto muito de fazer, de acompanhar o serviço religioso, cantando salmos, ou só animando mesmo o grupo coral, na igreja também fiz isso. Convidava as pessoas para participar, quando, ”hhh” as pessoas queixavam-se porque a missa era só em Alcoutim, porque era lá onde havia a igreja, e eles não podiam assistir ou acompanhar uma missa mesmo por...ah...pelo falecimento do de de de parentes porque tinha tudo de ser em Alcoutim ou Martinlongo e então em Alcoutim ou Martinlongo ainda ficava a um bom bocado de Balurcos, e então lá andei atrás do presidente da câmara, sensibilizei-o, para uma construção, nem que fosse uma espécie de armazém ali por trás da escola, que havia terreno suficiente, para as pessoas terem ali onde velar os seus mortos e onde rezar uma missa ou participar numa missa quando fosse necessário, entretanto falamos com o Sr. Padre, também concordou o padre que estava lá na altura, ah! (...) em Martinlongo e vinha celebrar as missas no com...pronto no concelho, não é? E em Balurcos não havia onde celebrar a missa, depois o presidente da câmara lá, percebeu a situação, construiu uma espécie de um armazém, que serviu de capela, foi inaugurado e a partir dali o pessoal de Balurcos já tinha, o sacerdote já se podia deslocar a Balurcos celebrar as missas não só, ”hhh” ao fim de semana, não só a missa por alma deste ou daquele defunto ou mesmo para velar a alma do defunto, assim como as missas ordinárias, não é? uma vez por semana, e isso mobilizou as pessoas, mobilizou as pessoas, tocava a corneta em todos os sentido, não é? (...) **[A história do corno?]** Apitava o corno, porque eu notei que passava a, “hhh”, o merceeiro tocava uma coisa daquelas e as pessoas juntavam-se todas, passava a senhora da roupa tocava a apareciam as pessoas todas, do pão, do peixe, e assim sucessivamente e de que é que eu me lembrei? Ora deixa lá também começar a experimentar, assim foi. Também cheguei a

comprar, a ter mesmo um corno desses meu, tocava, à hora de irem para a alfabetização, tocava, no inicio não sabiam porque era, não é? Mas depois as pessoas vinham. “Então mas é o merceiro? O peixe a esta hora?” e eu “não olha vim vender o meu peixe” e dizia-lhes que espécie de peixe eu vinha vender (risos), achavam muita graça, achavam muita graça a isso mas vinham mesmo, vinham mesmo, então depois de assumir o cargo de coordenadora concelhia então eu comecei a usar mesmo com toda a força, porque para reunir as pessoas que estavam dispersas tinha de ser assim, não tinha uma corneta, tinha de usar o corno, que servia de buzina (risos). (...) [**Quando foste coordenadora concelhia continuaste a viver em Balurcos?**] Sim, continuei, e isso foi muito importante para Balurcos, muito importante, já conhecia as pessoas, gostava de viver naquele monte, continuei a desenvolver atividades, aos fins de semana vinha para Olhão onde tinha casa, mas, ainda houve alguns fins de semana que eu tive de lá ficar, quando me pediam, por exemplo, falecia alguém e era missa de corpo presente ou missa de sétimo dia ou coisa assim, não me fazia jeito nenhum vir a Olhão e depois regressar a Alcoutim, então acabava por ficar mesmo em Alcoutim, até às vezes desloquei o marido e os filhos para irem lá, um fim de semana lá, assim (...) Fiquei lá também por causa do curso de alfabetização, Eram mulheres, os maridos estavam emigrados, mulheres a princípio, mas depois começam a vir os homens todos de Balurcos, novos e velhos, novos e velhos e u quis continuar com eles, naquele ano, no primeiro ano, porque as pessoas, os adultos são muito sensíveis à mudança, mudar de animador ou mudar de professor, isso é problemático para um adulto, ate que ganhe outra vez confiança, chega a quebrar, eu acho que quebrava mesmo o ritmo de aprendizagem e então para evitar isso continuei em Balurcos e ser eu a dar as aulas. Quando vi que realmente comecei a sensibilizá-los, que, que, que tinha muito trabalho, já não podia continuar a dar-lhes aulas mas que vinha outra professora substituir-me, a coisa era a mesma e, pronto, foram aceitando aos poucos e então deixei aos poucos o curso de alfabetização, embora uma vez por semana eu fosse ajudar a colega que estava a substituir para que as pessoas não pensassem que eu tinha largado assim do pé para a mão ou que não queria nada com eles, não é? (...) [**Hum...**] Depois, havia outras atividades em Balurcos, portanto, havia o curso de alfabetização, e o socioeducativo, tivemos lá um ateliê, eram três atividades, tecelagem, cestaria e olaria, mas depois deixámos de ter o curso de olaria porque o oleiro faleceu e ficamos só com a tecelagem, o corte e a confeção, ah! ainda tínhamos outro que já não me lembro, ai,

ainda iniciámos um de artes de pesca, sim, ainda iniciámos mas depois não foi avante porque quem andava à pesca ao rio eram só três ou quatro pessoas e já dominavam bem a arte, não precisavam, como os jovens não aderiram acabámos por não abrir (...) os jovens, os jovens, esses não participavam nas nossas ações, o que fazíamos era sensibilizá-los para, motivarem, para acompanharem as pessoas, os pais, os os os mais velhos, as pessoas mais velhas do monte a não ficarem em casa, a não ficarem em casa e a virem por exemplo quando tínhamos sessões de cinema, aí os jovens vinham participar, (...) quando se convidava o médico, por exemplo para a educação sexual, para os mais jovens e para o planeamento familiar para os mais, ah! os casados, as senhoras casadas que nós, “hhh” nunca aceitavam tomar a pílula porque achavam que a pílula estragava o organismo, e então fiavam-se nas técnicas antigas, não é? Já seculares e acabavam por se enganar, não é? Engravidavam à mesma, não é? (risos) era convencê-los que realmente a pílula era eficaz, ensinar-lhes a tomar a pílula e eu sozinha, embora conversasse com as senhoras, estando presente um médico sempre era melhor, a questão era melhor, não é? (...) Organizei muitas sessões dessas, de saúde, fazia-se publicidade nos cursos e as pessoas aparecia, depois também se utilizou a rádio, “hhh” havia um grupo da rádio, o grupo da rádio surgiu precisamente num dos encontros dos jovens, ou seja, são jovens, alguns dominavam já alguma tecnologia, então, eu disse “vamos tentar aqui um grupo, vamos conversar bem com a câmara, vamos conversar bem com alguém de direito em Faro”, por exemplo eu lembro-me do Rui, que era também espetacular nesse sentido. E então os jovens sensibilizados juntaram-se e acabaram por criar os amigos da rádio, não sei se ainda existe, mas o Rui ainda está lá por isso não me admira nada que ainda exista, mas o Rui era a cabeça principal, era de Balurcos, gostava muito de rádio, inclusive trabalhava num dos bancos lá e era, e era, como é que hei-de dizer (...) depois houve apoios da câmara para criarem o grupo amigos da rádio, houve apoios da câmara, a câmara nesse aspeto sempre sempre sempre sempre colaborou, nas visitas de estudo disponibilizava sempre cinco, seis autocarros, lá íamos todos, íamos todos. Mais tarde apareceram com a abertura da, da escola secundária em Alcoutim, ah! já os alfabetizados podiam continuar, os que já tinham o quarto ano de escolaridade, já podiam continuar, estender até ao seu quinto e sexto ano e então aproveitando as instalações da escola começaram também, e, íamos todos, quando íamos a visitas de estudo era a alfabetização, os sócio -educativos, o o como é que hei-de dizer? O ensino recorrente noturno em termos de quinto e sexto ano e íamos

todos (...) [**Hum...**] Senti-me muito envolvida neste trabalho, tudo o que eu queria era ajudar, mas, o principal motivo foi que eu senti-me impotente no início perante aquela taxa de analfabetismo que o concelho apresentava. Esse foi o motor que me levou a dedicar-me com corpo e alma e depois o mais importante ainda foi a resposta da população. Portanto tinham falta. Até ali não tinham, a partir dali que começaram a sentir realmente que era necessário mudar, era necessário mudar (telefone toca) que era necessário mudar e tínhamos de mudar de alguma forma, começando por ali, tínhamos de mudar começando por ali uma vez que a população me estava a dar a resposta que eu desejava, então vamos um bocadinho mais, estendíamos um bocadinho mais o leque para aqui e para acolá e coisas do género. As visitas de estudo, ah! eram no âmbito dos cursos da alfabetização e sócio - educativos mas o objetivo principal era por aquelas pessoas a conhecer o que se fazia, como vivia o resto do país a tentar quebrar aquele isolamento, ir conhecer uma praia o mar a extensão do mar ir conhecer por exemplo uma extensão turística, como é que funcionava, quem é que usufruía do da daqueles serviços para que serviam, conhecer um aeroporto, ver um avião aterrar e levantar voo, com as crianças da escola eu tive na mesma altura uma experiência fantástica, trazê-los até a Faro, de Balurcos e trouxe, também, os pais, os que se quiseram aventurar também foram dar a voltinha de helicóptero, os que tinham medo, não foram, ficaram à espera, mas, entretanto, lá do ar os miúdos acenavam todos contentes, todos contentes e depois trouxe numa visita de estudo os adultos todos ali ao aeroporto de Faro para verem levantar e aterrar um avião e aperceberem-se de como é que funcionava aquele mecanismo, nos embarques e desembarques, bagagem, entrada de bagagem, saída de bagagem recolha de bagagem , essas coisas todas e depois a partir dali começamos a rumar para outras terras do país (...) Isto também fazia parte da alfabetização (...) [**Houve pessoas a fazer o quarto ano?**] Sim, senhora, sim senhora, eu tenho lá pelo menos a Gloria, o marido, ahh como é que ela se chama, “hhh”, Angelina, e, pelo menos cinco pessoas dessas não me esqueço, cinco senhoras dessas mais novas, do primeiro curso, fizeram, fizeram e ainda foram frequentar o quinto e sexto ano do ensino recorrente, no segundo curso já eram mais idosos, “hhh”, e não só, e não só, aquelas senhoras com 60 anos, com 50 e picos que já se consideravam (...) em Alcoutim, uma pessoa com essa idade já se considerava um velho, aprendiam a ler e escrever, aprendiam a ler e escrever, mas não iam fazer o exame, e depois nos serviços religiosos a princípio era eu que lia, fazia as leituras e cantava os salmos, mas depois

quando já havia gente que já sabia ler, não senhora (...) cada semana, esta senhora para o serviço religioso, aquele senhor e companhia limitada, e os jovens também, e os jovens também, uma das nossas monitoras, a Luísa, que ainda trabalha lá na câmara, casou com um moço desenhador aqui de Faro, ah! entretanto, no casamento já sabem cantar, o casamento foi em Alcoutim, o grupo de jovens participou todo, cantamos lá missa, cantamos lá a missa, no casamento, exatamente, foi muito engraçado, foi uma experiência muito, muito gira. (...) [Hum...] Foram 5 anos muito bons, 5 anos em Balurcos, sempre, (...) quando me vim embora, já as coisas estavam muito diferentes, graças a deus, as pessoas estavam diferentes, comecei a ouvir dizer, “hhh”. Olhe, convidavam-se umas às outras “Aproveitem! Quando esta senhora se for embora já não há mais nada para ninguém, aproveitem agora...”(risos) era mesmo assim, era mesmo assim. (...) Vim embora mas a alfabetização continuou, havia sempre gente, porque, em Balurcos, vinham os de Balurcos de cima, do monte a seguir, e de Balurcos de baixo, também vinham, 15, 16, 15, 16, nunca era menos, nunca era menos. O engraçado era que as mães que tinham os miúdos a frequentar as aulas durante o dia, traziam as crianças também à noite. “Então mas isto é só cursos para adultos, não é para as crianças à noite.” “Olhe professora, eu trago-a para aqui ou trago-o para aqui, como se fosse rapaz ou rapariga, porque ele vai ouvindo também aquilo que eu estou a aprender, e quando chego a casa ele ajuda-me a ler aquilo que eu aprendi”. Era engraçado. Só não deixávamos as crianças participar nas sessões de educação sexual, por exemplo com jovens, nas sessões de planeamento familiar, aí não deixávamos que as crianças participassem, de resto (...) **[O que é que significou para ti Balurcos?]** Foi um momento da minha carreira muito, muito especial, em que aprendi muito, porque no ensino recorrente não se ensina só, aprende-se, é uma troca de experiências, dá-se e recebe-se, foi uma fase muito importante da minha carreira, muito importante, porque para além da própria coordenação, dos apoios a nível distrital, frequentávamos cursos em Lisboa, eu lembro-me que frequentámos, o Joca também frequentou, o curso de agentes de desenvolvimento, aquilo foi uma uma abertura fantástica para o trabalho que estávamos a fazer. Lembraste que a dada altura também tivemos aquela troca de experiências entre portanto Portugal no nordeste algarvio acho que tínhamos a Suécia, foi um aprender, um aprender interessantíssimo e que, que, jamais se esquece (...) **[Houve algum episódio que te marcou mais?]** Que me lembre, “hhh”, o facto de ter de tratar reformas, reformas, porque as pessoas precisavam, já tinham o tempo

para a reforma e como não sabiam tratá-la passavam 2, 3 anos sem usufruir da reforma, não estavam a trabalhar mas não usufruíam da reforma porque não havia quem tratasse, quem se disponibilizasse a tratar das reformas, foi muito importante, muito importante aquilo, sensibilizou-me, ah! como é que hei-de dizer, não tenho palavras para exprimir isso, não tenho, eu estava a ajudar e a aprender ao mesmo tempo, estava, estava, era perto de mim tratar aquela reforma e ver aquela pessoa satisfeita, aconchegada, ao fim do mês com a sua reformazinha de tantos anos de trabalho, era um realizar-se de mim própria, não era só daquela pessoa, era de mim própria também, como ser humano, ah! era uma doação, riquíssima de mim própria a outros (...) eu sempre tive essa vocação, porque, já de África, porque eu comecei a dar aulas e o comandante da tropa da minha terra, eu sou de Henrique de Carvalho, agora é Salim, no leste do país, que é a zona diamantífera, “hhh” convidou-me a dar aulas aos soldados, soldados portugueses que estavam destacados e eu fiquei muito parva a olhar para ele “Aulas aos soldados?? Não me diga que os europeus também são analfabetos?” (risos) “olhe é igualzinho” a resposta que me deu foi esta, só que os de cá andam descalços e os de lá andam calçados, foi tal e qual o que ele me respondeu. Animei-me e lá fui, eu pensava que eram para aí 10 ou 15, eram 30! 30 soldados tive eu, durante aquele ano letivo a dar aulas, aquele e mais dois seguidos. Depois fui para a base aérea também continuar o mesmo trabalho, formação dos soldados que estavam lá, tudo voluntariado, aquilo estava integrado no programa de defesa civil de Angola, e havia enfermeiras também voluntariado, professores, e eu fui uma delas, portanto já trazia esse bichinho de lá. Portanto, quando cheguei cá, já tinha alguma experiência e este jeito, é como eu sou, muito natural, eu chegava, as pessoas chegavam a convidar-me para a matança do porco, para, para, ir ao campo com elas, que tinham ali uma sementeira da batata, iam fazer a apanha da batata e da cebola, e eu lá ia, sem perceber nada daquilo eu lá ia, ”então mas o que é que eu posso fazer?”, “olhe ponha a batata no saco” ou coisa assim, participava na vida delas, para verem eu descia ao nível das pessoas, para porque isso é que é muito importante para um alfabetizador, para um agente de desenvolvimento seja lá ele quem for. Quem tem de trabalhar com pessoas de um nível um bocadinho mais baixo do seu, tem de descer ao nível dessas pessoas, senão não se consegue nada, não se consegue nada...e toda a gente sabia que eu era professora ali, a única professora era eu, eu é que tinha de descer ao nível das pessoas e não as pessoas ao...senão as pessoas para chegarem ao meu nível é preciso que eu desça e foi isso que eu fiz,

descei, captei a confiança das pessoas, as pessoas perceberam que eu não estava ali para as condenar por serem analfabetas, mas sim para as ajudar a evoluir, a fazer alguma coisa à vida delas, e pronto, foi aí que (...) foi assim que comecei a fazer parte da vida das pessoas, convidavam-me para ir comer, “hhh”, havia pratos tradicionais de Alcoutim que eu não conhecia, o gaspacho por exemplo, não há quem me faça comer o gaspacho, mas eu comia o gaspacho com grande sacrifício, pronto para porque é muito chato as pessoas convidarem e a pessoa chegar lá e dizer “olha eu não gosto disto”, não, comia um bocadinho menos mas comia, as vezes já tinha almoçado, mas pronto vou fazer-vos companhia e assim sucessivamente. Eu aprendi a comer aquele sangue que fazem quando matam o porco em Alcoutim, que eu nunca tinha comido aquilo e apresentaram, a primeira vez que me convidaram para a matança do porco, eu lá fui e o primeiro prato que apareceu na mesa foi aquilo, eu nem sabia onde me meter, mas tive que comer, não tive outro remédio e por sinal até gosto, por sinal até gosto (...) Foram tempos muito bons, hoje, tenho saudades, podia ter ficado lá a viver, não me importava, o pior era ter filhos pequenos, aí era um sacrifício, a falta de condições, a família, senão teria ficado, sentia-me integradíssima, sentia que gostavam de mim, e, eu, “hhhh”, mesmo depois de ter saído de Alcoutim as pessoas vinham ao médico ao hospital, a ambulância vinha trazer as pessoas ao hospital e parava na minha casa, aqui em Olhão, para me deixar pão, batatas e legumes, fizeram isso durante muito tempo, muito tempo, ainda hoje sou convidada para ir às festas do 1º de Maio de lá, ah! para ir, também, às festas do concelho, sempre, sempre, sempre. (...) foi um trabalho que valeu a pena, foi uma mais valia para as pessoas, um trabalho marcante, gratificante, de que marcou bastante numa fase da minha carreira, de que nunca me hei-de esquecer, nunca, tive pena depois de deixar, mas tinha de conciliar o trabalho com a família, já tinha sido muito tempo, muito tempo, e então, pronto, como, já, o trabalho principal tinha sido praticamente feito, quem me foi substituir foi a Rosário, que ficou lá como coordenadora, que já tinha estado a trabalhar comigo durante dois anos como bolseira, portanto estava dentro do trabalho, e não! de certeza absoluta que não ia haver quebra no trabalho, pelo contrario, e ela continuou. Fui lá, voltei lá umas quantas vezes ao fim de semana, visitar as pessoas, ver as pessoas, ainda hoje de vez em quando lá vou, de vez em quando lá vou, ficou aquilo, “hhh”, um cordão umbilical, não é? Nunca, mais se cortou (...) [Hum...] É engraçado, não achas, sou de um país diferente e adaptei-me tão bem àquelas pessoas [A tua maneira de ser?]

Sim, talvez, ajudou, ajudou, pessoas diferentes, portuguesas, “hhh”, uma coisa era militares outra coisa era pessoas de Balurcos, outra cultura, pronto (...) não propriamente, a minha família é constituída quase metade por europeus metade por africanos, e euro - africanos, e isso pois já fazia parte da minha educação, conhecer a cultura portuguesa, conhecer a cultura brasileira por exemplo, holandesa, mas não conhecia o Algarve, não sabia que existia Balurcos, não sabia que existia o nordeste algarvio, não sabia (...) fui lá parar, pronto fui lá colocada para dar aulas, ainda trabalhei naquela escola, 1º ciclo, no ensino básico, mas depois também vieram outros professores, também havia dificuldade para colocar professores em Alcoutim, por causa do isolamento, por causa da falta de transporte, “hhh” e, pronto, foi assim, portanto, não foi muito difícil, se bem que o modo de agir das pessoas, por exemplo do litoral algarvio não tem nada a ver com as pessoas da serra, não é? É um modo muito específico (...) Balurcos era diferente, os jovens que vinham para o litoral, ou que conheciam o litoral, eram aqueles que vinham estudar para o secundário, porque o autocarro da câmara recolhia-os e trazia-os para as aulas aqui em Vila Real de Santo António. E, também havia muita gente emigrante, gente que regressou e eram esses o meu alvo, principalmente esses, porque já vinham com uma aberturazinha diferente de contactar o estrangeiro, mas em Balurcos também não havia quase nada, havia uma, uma taberna, “hhh”, de uma senhora que, também, tinha vindo de, de França ou da Alemanha, já não me lembro, era do marido, e eu também lá entrava porque ali somos todos familiares, eu não tenho o habito de tomar o café, mas entrava com o objetivo de conhecer as pessoas que frequentavam e, e convidá-los, ah! havia a mercearia, olha! a mercearia era muito pequenina, uma coisinha pequenina por trás da taberna, era um quarto a seguir à taberna (...) [**Havia algum posto médico?**] Não, não, de saúde não havia nada, as pessoas quando estavam doentes tinham de se deslocar todas a Alcoutim, “hhh” telefonava-se, muitas vezes, telefonei para o centro de saúde, não é? De Alcoutim, o Dr. Amaral, depois teve de entrar de corpo e alma também na alfabetização e a Dra. Conceição, era a Dra. Conceição, a delegada de saúde, mas, eram um casal e eu tive de os meter de corpo e alma, sensibilizá-los para isso, de vez em quando iam dar consultas, iam (...) até agora, ultimamente, acho que, agora é mesmo assim, passa a carrinha a recolher os doentes todos ou vem o médico aos montes a dar as consultas, mas nessa altura não, nessa altura não, telefonava para o médico quando fosse um caso grave, pois o doente não tem transporte, não se pode deslocar para aí, eu, não podia ir até

Alcoutim porque quando eu ia pedia a carrinha que me transportava então levava os doentes também. Eu tinha uma carrinha ao meu serviço com condutor e tudo (risos) Pedia à câmara, se tinha autorização para levar as pessoas que estavam doentes que não tinham transporte. Iam à consulta enquanto eu lá estava a fazer o meu trabalho e quando regressava vinham comigo, e depois passou a haver mesmo, “hhh” a autarquia ficou sensibilizada para a questão, e passou a haver mesmo um carro que transportava o médico aos montes, e quando se tratava de uma situação mais grave, então o médico tinha de vir mesmo, telefonava e o médico vinha (...) Ah! Eu, até de enfermeira fiz, numa visita de estudo (risos), tivemos um jovem que frequentava já o ensino recorrente, no quinto ou no sexto ano, não, já estava no sexto ano, tinha aí uns trinta anos, mas, para mim, era jovem, e parávamos em todos os cantinhos quando as pessoas têm necessidades de ir à casa de banho, e ele como era solteiro, “hhh”, íamos para Coimbra, íamos, acho, que visitar Portugal dos pequeninos ou ruínas de Conímbriga ou uma coisa assim, ah! Ele levou a viagem toda sem ir à casa de banho porque tinha vergonha, o que é que aconteceu? Prendeu a urina durante tanto tempo que depois aquilo começou a dar-lhe dores, rebolava no autocarro, gritava de dores, estávamos longe de Lisboa, estávamos mais perto de Coimbra, “ olhe, tem de aguentar até chegarmos a Coimbra”. Chegados a Coimbra os outros monitores que iam comigo ficaram, responsabilizaram-se pelo grupo da visita de estudo e eu avancei, mais o presidente da câmara para o hospital, chegamos ao hospital, entregámos o doente, preenchemos a ficha e o médico mandou aguardar. Tivemos ali hora e meia. Trataram dele e depois vieram-me chamar. Quem era a responsável de grupo, “olhe sou eu, diga de sua justiça”, diz-me o médico: “ olhe se a senhora diz que está em visita de estudo e que tem de levar o doente de volta, para este doente regressar até Faro, a senhora tem de vir aprender a mudar e a pôr a algália”. Eu fiquei a olhar para o médico e disse assim, “não! Tá aqui o presidente da câmara que ele é homem, deve ser mais predito para essas coisas”, o presidente da câmara levantou-se logo, sacudiu a água do capote “não, não, não” , “não não não, que eu não tenho muito jeito para isso, tem de ser a senhora, tem muito jeito para isso” e eu não tive outro remédio. Fui durante meia hora, põe, tira, tira põe, muda o saco, coisa assim e pronto aprendi o serviço, a algália e o saco porque tínhamos de passar ainda uma noite lá, e então fomos para o hotel, e tive de alugar um quarto de hotel ao lado do meu para o doente ficar lá e durante a noite pois, tive de ir mudar a algália conforme me tinham instruído. No dia seguinte, depois da visita de estudo regressamos a Faro,

quando cheguei ao hospital de Faro tirei a carta que trazia do médico de Coimbra, entreguei o doente, ah! e o médico: “senhora enfermeira, então já se vai embora?” (risos) “olhe não sou enfermeira, não sou enfermeira, eu fiz de enfermeira porque o seu colega disse-me para trazer este doente até Faro, tinha de aprender a fazer este trabalho” no hospital puseram a algália ao homem, puseram mas não sei porque carga eu lá tinha de mudar, já não me lembro porquê, foi para que não ganhasse infeção ou lá o que foi, tinha de mudar, tinha de ser mudada, de x em x horas, e isso é que foram os meus trabalhos (...) Mudei à noite, portanto, daquele dia e depois no dia seguinte de manhã, até chegarmos a Faro, o homem muito envergonhado, eu dizia-lhe “faça de contas que é a senhora enfermeira que está aqui, eu sou médica não se preocupe com isso e não sei que” mas que coisa, e, pronto olhe desenrasquei-me, é o termo. Cheguei ao hospital de Faro, entreguei o doente, librei a minha responsabilidade, ele ainda esteve internado oito dias depois disso a coisa, complicou-se, uma infeção, qualquer coisa ali no aparelho urinário por ele ter prendido a urina durante muito tempo. (...) **[Não tiveste preconceitos]** Não, o que é que tinha mudar a algália, mexer (...) era casa, já conhecia muita coisa, olha! Com as bolseiras também não tinha preconceitos, falava com elas de tudo que até as envergonhava, às vezes, porque eu achava que aquele leque de jovens que eu tinha selecionado para animadores/monitores, também, sofria um bocado o isolamento, também era necessário quebrar algum gelo, era necessário quebrar algum gelo, e abrir horizontes, tal como a população, quando se falava de um assunto um bocadinho mais delicado, parece que se encolhia, parece que não estavam à vontade e eu achava que não, que não devia ser assim, falava com os monitores, para se abrirem às pessoas nesse sentido, a falarem de sexualidade, também, porque estavam a ajudá-los a eles próprios. Para eu me abrir a alguém tenho primeiro de estar à vontade para poder tratar daquele assunto, não é? Também com a ajuda do Dr. Amaral tratámos muitas vezes, muitas vezes esse assunto. No princípio sim, envergonhadas, as pessoas envergonhadas, mas eu não tinha vergonha nenhuma (risos), disseram-me uma vez “ se esta professora já estivesse aparecido aqui há mais tempo, o meu filho, o fulano não teria nascido” (risos), “que eu não conhecia nada destas coisas nunca ninguém me ensinou”, era tudo, tudo, (...) As pessoas aqui faziam abortos, diziam-me, as minhas próprias monitoras, diziam-me que, mesmo elas não podiam tratar desse assunto abertamente com a mãe. “ Apareceu o meu período e não foi a mãe que disse como é que tinha de ser, foi uma prima minha”, ou

foi uma tia, “ tinham de abordar com uma tia, uma tia analfabeta, que não sabia de nada, tá a ver não é? Qual era o problema? “Portanto eu trabalhava primeiro a minha própria equipa, para os tentar abrir, pôr à vontade para a população, quando estava em Balurcos, também falava sobre essas questões, abertamente, sem problemas, com homens e mulheres, encolhiam-se um bocadinho os homens às vezes, mas, isso foi só no início, depois, habituaram-se. Havia pessoas que se abriam comigo, por exemplo, o marido não queria pôr o preservativo porque aquilo não levava a lado nenhum, que não sabia a nada, era assim que elas se referiam (risos), e, eu falava com elas e falava com eles, as sessões de educação sexual, as dos jovens eram à parte, só jovens e as dos adultos era adultos mas homens e mulheres, sobretudo os casais, ali tinham de estar presentes, ali porque pronto era era uma abertura e não era nada fácil, não é? Portanto era um assunto delicado, porque as pessoas não estavam habituadas a trabalhar nesse sentido, é verdade, não era muito fácil falar por exemplo duma relação sexual, como é que devia ser conduzida num casal que não quisesse ter mais filhos e coisas assim. Era muito difícil, era muito, o próprio médico dizia, assim, o Dr. Amaral “Eu não sei se as pessoas irão gostar disto, eu não sei se as pessoas...” “Vão gostar! Temos de começar, temos de começar...” e, pronto, e começámos, as pessoas começaram a ir ter com a Dra. Conceição a pedir os comprimidos anti concepcionais e o objetivo era esse, sinal que as relações sexuais entre aqueles casais e mesmo com os mais jovens, passaram a ser mais seguras. Havia muitos jovens em Balurcos, os três Balurcos juntos, o de cima, o de baixo e o do meio (...) [Hum...] Esta também foi uma experiência gratificante, gratificante, ”hhh”, sabes, fiquei com a sensação de dever cumprido, mas incompleto, incompleto. Eu sempre fui uma pessoa muito religiosa, quando abraçamos uma causa, partimos do princípio que somos todos irmanados, não é? E se eu, se a pessoa que está ao meu lado, o irmão que está ao meu lado não está bem, em principio eu também não estou bem. Se eu conseguir trazer ou ajudar, aquele irmão a estar bem, pois ótimo (...) Ah! a dada altura, para aí em 1989 mesmo em Alcoutim, foi colocado um enfermeiro, em Alcoutim, que vinha de Angola que eu já conhecia, já o conhecia em Angola, foi colocado no centro de saúde de Alcoutim. Já éramos dois pretos em Alcoutim, as pessoas diziam, assim, aliás, ele é que me dizia assim:”Ó professora, eu não sei, a minha cor é diferente, eu não sei se as pessoas me vão aceitar assim” e eu disse “Não se preocupe, o enfermeiro que eu conheço que é, que está aqui à minha frente é médico”, aquele enfermeiro era um médico autentico, era um enfermeiro muito experiente, não havia

um serviço de, de como é que se diz, dos dentes, ai, odontologia, não havia em Alcoutim, e ele andava de monte em monte, as pessoas que sofriam de dentes e que precisavam de tirar os dentes ele arrancava os dentes. Ele foi lá colocado em Alcoutim, foi uma mais-valia para o concelho, diziam assim “ Olha a professora é preta, o enfermeiro também é preto, estamos bem garantidos”, eu depois, vim embora e ele ficou mas dois anos. Depois, infelizmente, faleceu com um AVC. Foi uma infelicidade, ele tinha aí uns 53, 54 anos na altura, “hhh” mas, era um rico enfermeiro, era um médico. O Dr. Amaral podia-se ausentar do centro de saúde, que ele fazia aquilo tudo, aliás, o próprio médico tinha consciência disso (...) Coisas da vida (...) Oh! Joca, o que é queres que te diga mais, não me lembro de mais nada(...)

J- Fala-me, então, da tua experiência como coordenadora concelhia de Alcoutim]

T- Olha Joca, a experiência foi muito boa e muito compensadora, mas também se tornou mais rica porque foi um trabalho feito em equipa. Tínhamos a equipa da coordenação distrital, tinha os monitores, eu estava ali para orientar o trabalho. A princípio foi mais difícil porque estava ali sozinha mas depois colocaram uma colega, mais uma colega para trabalhar comigo, que era a Rosário e, pronto, já me dava uma ajudinha porque, como é que hei-de dizer, enquanto eu ia para um lado ela podia ir para outro lado fazer outra coisa, “hhh”fazer as tarefas que tinham de ser realizadas por mim. Sabes, como o concelho é grande, ela deu uma boa ajuda, mas é assim, sou da opinião que o trabalho em equipa só faz efeito quando toda a equipa está de acordo (...) quando tocamos a mesma música, não é, porque de contrário não se faz nada. O concelho de Alcoutim é um concelho muito grande e como já disse na 1ª entrevista, era um concelho com gente velha e gente nova, sim, que havia muita gente nova, mas era um concelho que sofria de uma grande desertificação com uma percentagem muito grande de analfabetismo, o que levava as populações ao conformismo e à impotência. Pensavam, bem, tenho a minha vida, a minha casota, vou ao campo, venho do campo, não precisavam de mais nada desde que tivessem alguma comidinha na mesa, nada lhes faltava se tivessem entre as 4 paredes aquilo que precisavam para viver. Com o analfabetismo as pessoas achavam que não tinham necessidade de mais nada (...) não precisavam de abrir os horizontes para mais nada, porque o que tinham chegava, tavam (sic) habituados a viver assim, conformados, de maneira que pensavam que só aquilo chegava. Eu fui lá colocada para o 1º ciclo, e

senti-me bastante incomodada quando me deparei com uma população jovem, encarregados de educação, bastante jovens, na faixa etária dos 30-40 anos, pais e mães sem saber ler nem escrever (...) mas isto não era só em Balurcos, era em todo o concelho, “hhh”, encontrei gente jovem analfabeta em todo o concelho, se calhar não havia tanta gente jovem nos montes, como encontrei em Balurcos, mas havia muita gente ainda jovem espalhado pelo concelho que não sabia ler nem escrever, alguns porque tinham emigrado e depois regressado à terra, mas conformados porque quando regressaram não havia nada para fazer, não havia uma sala de cinema, não havia divertimentos, nada (...), não havia trabalho para jovens, não havia um espaço para gente mais jovem. Não havia nada. Mas a primeira coisa que me incomodou foi que aquelas pessoas eram encarregadas de educação e não podiam ajudar as crianças. Podia-se pedir às crianças tarefas complementares à escolas que os pais não eram capazes de as ajudar (...) Quando estava em Balurcos comecei a pedir trabalhos de casa mas depois vi que não adiantava nada, porque em casa os meninos não tinham quem os apoiasse, ninguém os apoiava, por isso não tinha significado nenhum, por isso pensei, por iniciativa própria reunir aqueles encarregados de educação e propor-lhes um curso de alfabetização

[Teresinha fala-me mais da tua ação como coordenadora concelhia, os teus melhores momentos...] Olha Joca, o que eu mais gostei foi do conhecimento que tive do terreno, daquelas pessoas, do que aprendi, das amizades que fiz e da confiança que consegui cativar daquelas pessoas, porque eu achava que o coordenador concelhio, eu ou qualquer coordenador concelhio em qualquer canto do mundo, se não tiver, se não gozar de confiança das populações, se não conhecer o terreno onde está, se não conhecer as pessoas, o que fazem, o que precisam, o que fazer, o trabalho será (...) será um trabalho inglório. Eu pensei que teria de começar primeiro por aí, conhecer o terreno, ganhar a confiança das pessoas, fazer o melhor por elas. As pessoas não tinham, quando eu abri aquele leque da alfabetização, sentiram-se despertas as pessoas (...) depois começaram a encontrar falta disto e falta daquilo, porque antes dos cursos de alfabetização não sentiam falta de nada, mas depois, nos cursos encontravam tudo, tudo (...) todas aquelas coisas que já tinham posto de parte porque pensavam que não lhes fazia falta à vida, já eram adultos, com a vida feita, com as ideias fixas, não havia ali ninguém que chegasse e dissesse “olhe temos que mudar de vida, porque as coisas são assim, a vida pode ser melhor se tivermos esta ajuda aqui, se tivermos aquela abertura acolá”, foi (...)

basicamente, nisso que eu comecei como coordenadora concelhia, abrir cursos de alfabetização, fazer ciclos de cinema com a equipa da coordenação distrital, organizar sessões de saúde (...) lembro-me de me ter socorrido dos jovens do concelho, estudantes do ensino secundário, saíam de casa de manhã para Vila Real de Stº António, depois regressavam a casa e depois das suas tarefas escolares não tinham mais nada para fazer porque não havia no concelho nada onde os jovens depois das obrigações escolares pudessem ocupar os seus tempos livres e eu lembrei-me que eles seriam (...) eram um produto da terra e seriam uma mais valia para a equipa da coordenação concelhia (...) e foi assim mesmo que eu comecei a convidá-los, a recrutá-los a sensibilizá-los para a tarefa, para a problemática do analfabetismo no concelho, a maior parte dos bolseiros eram jovens estudantes que estudavam em Vila Real de Stº António porque em Alcoutim não havia ensino secundário. Fiz várias reuniões com eles e quando percebia (...) quando comecei a perceber que eles tinham entendido os meus objetivos que estavam sensibilizados para a tarefa da alfabetização, então propus à coordenação distrital que eles passassem a ser bolseiros e que tivessem um apoio, uma bolsa e que tivessem também uma formação porque eles não iam cair assim do nada para um curso de alfabetização, era preciso terem alguma formação, era preciso serem preparados primeiro. Inicialmente fazíamos uma sessão do método de Paulo Freire, de como alfabetizar, como cativar as pessoas, um aluno adulto, quais as motivações que um aluno adulto tem, quais são as suas aspirações (...) que praticamente não eram nenhuma e eles teriam essa tarefa de tentar, dentro do possível, dentro do seu dinamismo, dentro da sua força, dentro do seu espírito de entejuda, tentar levar essa tarefa avante, eu estava ali como apoiante para orientar, para ajudar, eu dava o apoio necessário (...) **[Hum...]** Reuníamos todas as semanas, eles punham em cima da mesa as dificuldades que tinham sentido, as dúvidas, como esclarecer alguns temas (...) eu ia ajudando, esclarecendo algumas coisas, às vezes falávamos de certos temas e eu dizia como deviam fazer e era assim que trabalhávamos. A dada altura também senti necessidade de pedir aos médicos do concelho, aos profissionais da saúde do concelho, médicos, enfermeiros, reuni com eles, sensibilizei-os (...) para a questão da saúde no concelho, para o problema da saúde nos montes, se as pessoas estavam doentes, não havia transportes no concelho, “hhh”, disponíveis para que as pessoas dos montes pudessem vir a (...), portanto, (...) a Alcoutim usufruir, onde estava o Centro de Saúde, usufruir dos cuidados médicos. Era muito mais fácil os médicos e os enfermeiros deslocarem-se aos

montes, mesmo através de nós, ainda que tivessem que usar os nossos cursos para isso, para que sensibilizassem as pessoas mais jovens (...) que fizessem planeamento familiar com os mais jovens (...) sensibilizassem as famílias mais jovens para a sexualidade, para os contraceptivos, porque tudo isso era uma coisa desconhecida, “hhh”, proibida, proibida, elas mulheres parideiras, entre aspas, que não queriam saber de nada disso, nada disso e meter-lhes na cabeça a elas e aos respetivos maridos que tínhamos que discutir todos juntos, tínhamos necessidade de discutir todos juntos aqueles problemas, porque um planeamento familiar não podia ser feito só com o médico e com e com a mulher, o marido também tinha que estar envolvido, tinha que estar também sensibilizado para os métodos contraceptivos, porque não os conheciam, era uma prática, uma tarefa proibida e quando eu tentava falar com as mulheres sobre isto nos cursos, nas primeiras sessões, aquilo era um bicho de sete cabeças, tudo muito cheio de vergonha, era um tabu, tocamos nessas coisas (...) sempre que havia seis ou sete mães mais jovens nos cursos era razão para tocarmos neste assunto, para fazermos estas reuniões. No princípio não queriam ir, mas depois comecei eu própria a ir buscá-las a casa, começaram a ir e, realmente, eles é que passaram a ver que era uma coisa útil (...) **[E os cursos de alfabetização, eram frequentados na maioria por idosos]** Não, não, por sinal, os idosos vieram depois, no início, a princípio a maioria das pessoas que iam para a alfabetização eram mulheres mais jovens, havia homens, “hhh”, eram menos, mas havia homens ainda jovens, depois é que começaram a vir os idosos, os primeiros a frequentar os cursos eram precisamente os encarregados de educação, as mães e os pais que tinham os filhos a frequentar as escolas primárias, portanto, aquilo era praticamente em todo o concelho (...) Eu reunia com os professores, com os colegas da primária, para saber quem eram os pais que eram analfabetos, os professores sabiam quais eram as crianças que os pais não sabiam ler, faziam listas. E eu, com essas listas ia aos montes, eu própria ia falar com eles, sensibilizá-los, informá-los, convidá-los que haviam cursos de alfabetização que estavam disponíveis para quem quisesse aprender a ler e escrever e que poderiam muito bem aproveitar no sentido de depois poderem apoiar os seus filhos nas tarefas escolares (...) foi assim que iniciámos (...) e depois, os velhotes começaram a acompanhar também os filhos, tanto é que as crianças diziam muitas vezes “oh professora, atão (sic) tu és minha professora, és professora da minha mãe e és professora do meu avô, tamem (sic), pois, sou professora de toda a gente”, Tinha que ser mesmo assim, tinha que ser mesmo assim,

porque era uma coisa impressionante ver populações inteiras, naquele concelho, entregues a si própria (sic), apagadas, que não conheciam sequer a realidade, a realidade do próprio país, não conhecíamos seus próprios direitos. Já tinha feito isto em Balurcos e, depois, como achei que foi uma boa ideia, mais tarde, quando fui coordenadora concelhia, fiz o mesmo, falei com as colegas das escolas primárias e fiquei a saber quem eram os encarregados de educação que eram analfabetos e fui lá (...) e fui convocá-los para os cursos de alfabetização (...) **[E esses professores não podiam fazer alfabetização?]** Não, não, porque a maior parte dos professores que lá estavam eram de fora, estavam lá colocados, mas, era por obrigação, ninguém queria lá estar, “hhh”, não queriam essa tarefa, queriam era ir embora depois das aulas, nem se queriam comprometer com a alfabetização, por isso recorri aos jovens do concelho (...), foi isso (...) Lembro-me, por exemplo, que a dada altura, já era coordenadora concelhia e apareceu no curso de Balurcos um grupo de quinze mulheres, senhoras de Balurcos de Baixo e de Balurcos de Cima, muito antes da hora de iniciar o curso e alfabetização, fiquei um bocado pré, “hhh”, perplexa porque não sabia ao que vinham, não é? pensei que viessem pedir-me para alterar o horário do curso, mas não, qual foi o meu espanto, quando elas me propuseram comprar dois bacorinhos, porque estavam dispostas a cuidar dos bacorinhos até Dezembro que era a altura do abate, da matança do porco e achavam que, uma vez que eu estava ali a viver no concelho, que, também, eu (...) que elas deveriam (...) sentiam-se, como é que hei-de dizer, com a obrigação de me ajudarem a criar também,” hhh”, dois bacorinhos, havia a tradição da matança do porco, esta tradição era muito antiga e ainda se mantinha e incomodava-lhes de certa maneira, fazia-lhes confusão, ver que todas as famílias, no concelho, tinham um porco para abater em Dezembro e a professora não tinha, a professora que elas consideravam uma amiga, uma pessoa que era quase como se fosse da família também, tinham pena que eu não tivesse também (...) passar por uma situação dessas (...) Eu, realmente, pensei duas vezes, mas não estava em condições de recusar o que quer que fosse, “hhh”, porque era sinal, para me fazerem esse convite, que eu estava já, que eu estava integrada, no concelho, que já tinha conquistado a confiança das pessoas e (...), e, como tal quem era eu para dizer não a um convite desses, na semana seguinte lembro-me de ter comprado os bacorinhos, de ter levado pra (sic) lá, mas com a condição de eu também aprender a cuidar dos animais e a estar integrada naquele processo que também me interessava saber,”hhh”, participar naquela tradição que no fundo é uma das tradições do

concelho. Assim aconteceu, elas tratavam dos animais e eu também, de vez em quando lá ia, dar ração, comprava a ração e dava (...) e elas, vinham duas de cada vez, ora de Balurcos de Cima ora de Balurcos de Baixo e era assim. Em Dezembro, chegou altura da matança, pois, mataram-se os porcos (risos), tive de comprar uma arca que não tinha onde guardar tanta carne, mesmo depois de ter distribuído a carne porque achava que devia fazê-lo, pelas pessoas que participaram no processo, fiquei com tanta carne que tive de comprar uma arca para guardar a carne, lembro-me de terem feito chouriço, de terem feito, presunto, foi uma maravilha (risos). Numa outra altura, mas isto foi logo no início quando implementámos o primeiro curso de alfabetização, que uma senhora chegou à escola e disse-me “ Oh professora, bom dia, vinha chamá-la par ir amanhã, ali à minha casa para fazermos uma mancheia (sic) de filhanitas”, e eu, uma mancheia (sic) de filhanitas? dei a volta à cabeça, disse-lhe que sim, que podia ficar descansada, mas eu, não fazia, não tinha percebido patavina, do,”hhh”, do teor do convite, ainda recorri aos dicionários, mancheia, mancheia de filhanitas e nada, não encontrei nada e, bom, lá fui, muito intrigada, mas lá fui, só depois de ver o processo a desenrolar-se, é que cheguei à conclusão que era uma confecção de filhoses, como esta (...) [Hum...] Outras estórias? lembro-me também, que, como a maior parte da população não tinha saído sequer do concelho de Alcoutim, nascia, vivia e morria em Alcoutim, nem sequer os concelhos (...) ali os concelhos mais próximos eles conheciam, Castro Marim e Vila Real de Stº António, não conheciam o mar, ouviam falar do ria Guadiana porque passava ali por Alcoutim, por aqueles que tinham por hábito frequentar Alcoutim por que outros nem sequer isso, do mar nem falemos, ver um avião, o voo de um avião (...) aquilo era uma coisa impressionante, como era possível, “hhh” e eu achei que devia (...) sensibilizei a autarquia para isso que dava um apoio bastante bom e uma vez por mês, ou uma vez por trimestre saíamos, com cinco, seis, sete oito autocarros, juntávamos pessoas dos montes todos, de todos os cursos, cursos de alfabetização, cursos socioeducativos, “hhh” e outros que existiam e eram apoiados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, lembro-me , por exemplo, daquele Curso de bonecos de juta de Martinlongo, e lá íamos nós, pelo país fora, Porto, Coimbra, visitar museus, sei lá (...) até Fátima, uma vez fomos, tudo para as pessoas se inteirarem de como era o resto do país, também tinham direitos, tal como as outras populações portuguesas, também tinham direitos de conhecer, de ver (...). Lembro-me também de, outra vez, termos ido ao aeroporto, e de ter pedido uma sessão com

controladores aéreos, de terra e não sei que mais para (...), entraram num avião, viram como é que funcionava um avião, o piloto esteve ali a explicar, mais ou menos, como as coisas se passavam, alguns, alguns que tiveram mais coragem tiveram um voo de helicóptero, outros que tiveram mais coragem que outros não queriam, tinham medo, limitaram-se a assistir, foi uma coisa muito engraçada, mas, pronto foi muito bom, muito bom mesmo (...). Sessões de cinema, pessoas que nunca tinham assistido, nunca tinham sentido necessidade de ver um filme, as sessões de cinema tornaram-se bastante úteis, bastante úteis, eram outras aulas de alfabetização de abertura dos horizontes das populações (...) ficámos a sentir necessidade de ter uma vez por semana uma sessão de cinema, juntar uns quantos montes mais próximos para uma sessão de cinema. Lembro-me que tu, Joca, tiveste (sic) aqui e deixaste uma máquina de filmar na coordenação concelhia, com mais uns filmes e ensinaste a mexer com a máquina. Enquanto tivemos cá a máquina de projectar fazíamos as sessões todas as semanas, ora em Martinlongo ora em Alcoutim, e mesmo em Balurcos, ora no Corte das Donas e sempre assim (...)

Sessões de animação sociocultural, sessões de animação de leitura, uma série de atividades (...) Havia aquele lado da festa, a recuperação do espírito de festa, as pessoas gostavam muito dos convívios, no final dos cursos, no final do ano, havia sempre uma festa, era uma sessão de convívio no encerramento de cada curso e ia toda a gente os do curso, da família, vizinhos, era uma autêntica uma festa, as pessoas juntavam-se todas, cada uma levava a sua coisa, pareciam casamentos ou baptizados, naquelas mesas havia de tudo um pouco, então, dançava-se, bailava-se, era o termo que as pessoas lá usavam e era assim. Passaram a sentir necessidade de todas estas coisas, e depois era a cobrança, primeiro era eu que impunha, não é, de certa maneira o cativar e o sensibilizar, depois, era uma obrigação minha haver festas. Depois havia uma coisa muito importante também, eram as sessões, eram debates de temas úteis para os jovens, porque eram jovens, e também para os jovens alfabetizadores, que eram trabalhados por mim, mas havia temas do seu próprio interesse que eu não podia trabalhar porque não estava preparada para tal e então convidava um médico, ou uma enfermeira e, às vezes, outros jovens do instituto de juventude de faro, para algumas sessões socioculturais, para debates sobre temas como a sexualidade (...) **[Hum...]** Aquela sessões eram para a toda a gente, todas as ações que fazíamos para os cursos, fazíamos para todos, mas, outros eram restritos só aos jovens, a sexualidade, que eram sessões muito importantes, houve uma que

marcou muito, foi uma sessão que fiz em Alcoutim em que juntei jovens de todo o concelho, e todos os nossos colaboradores, embora, muitos fossem jovens que frequentasse (sic) o 12º e o 11º ano, era um assunto tabu (...) senti essa necessidade porque às vezes chamavam-me, particularmente, e perguntavam-me “ Mas, oh professora eu tenho um namorado, ainda não me casei, posso ter relações com ele?” E aquilo era uma coisa que me deixava perplexa, quem era eu para dar um conselho desses, ao passo que se eu convidasse, um médico, por exemplo, já seria mais fácil, já ele teria resposta para estas dúvidas, para estas perguntas todas, comecei a sentir necessidade disso, e de debater outros temas e, então, achei por bem começar com os debates. O Dr. Amaral, a Drª Conceição, que era a esposa dele, o enfermeiro (...) que já faleceu, um enfermeiro que veio de África também, que já faleceu (...) Também houve debates sobre agricultura, também havia colaboração porque, os nossos parceiros sociais, entre aspas, era a agricultura local, era o instituto de emprego e formação profissional e era o instituto da juventude, também, também, apoiou-nos bastante, “hhh” lembro-me por exemplo, quando foi do início da implementação dos trabalhos do atelier dos bonecos de juta lembro-me que houve várias instituições que apoiaram, instituto de emprego, da in loco, lembro-me, por exemplo da Drª Everilde e do Dr (...), do Instituto de Emprego, Dr. Carlos? (...) já não me lembro, lembro-me da Agricultura, um engenheiro que era marido de uma colega nossa (...) **[Marcelo da Velha, já morreu]** Sim o Marcelo, era de origem cabo-verdiana, já faleceu o Marcelo? Era muito boa pessoa, fizemos muitas reuniões juntas, lembro-me também de um “moço” (sic) de Alcoutim que era também da Agricultura, pronto, trabalhávamos todos em unísono, e quando vimos que já era altura de irmos trocar experiências com outros ateliers do género do resto do país, também fomos, pedimos um autocarro da Câmara e todos juntos lá fomos, fomos visitar a oficina dos lenços (...) dos namorados em Ponte de Lima, passámos por S. Martinho de Alhandra, pelo Porto, Vila Nova de Gaia, havia ali, também, à beira rio um atelier que já não me lembro o que era, acho que era um atelier de camisas que iam para a América, de uma outra cooperativa, pronto, foi uma troca de experiências, uma abertura de mercado, para que os produtos que elas tinham lá pudessem escoar e lembro que, depois, até para o estrangeiro elas mandavam os bonecos, elas chegaram a vender. Este curso de bonecos de juta surgiu depois de um curso socioeducativo de rendas e bordados lá em Martinlog. Já havia um curso de alfabetização, depois criámos lá um curso de rendas e bordados porque foi o que as mulheres quiseram, havia duas

monitoras (...) eram dois cursos, rendas e bordados que duraram aí dois anos e depois, com a visita da francesa é que se tornou um curso de bonecos de juta, tu lembras-te disso (...), algumas dessas mulheres do curso de bonecos de juta já tinham feito o curso de alfabetização no tempo da Célia (...) **[Hum...]** A alfabetização foi muito importante, muito importante, foi a base de tudo, muito, muito importante porque foi o pilar para todo o resto do trabalho de educação de adultos, toda a gente reconheceu que fizemos um grande trabalho, as populações ficaram-nos muito reconhecidas, éramos a alegria daquela gente, foi a abertura (...) porque depois das pessoas sensibilizadas para a alfabetização, depois de começarem a ver o que lhes podia dar a alfabetização não pararam mais (...) não pararam mais, depois algumas foram para os cursos socioeducativos, depois era um rebuscar de tradições que já estavam quase perdidas, como o caso dos teares, recorremos muito aos teares para os cursos de tecelagem, nem imaginava que havia tantos teares na casa das pessoas e pensava que seria mais difícil, mas não, as mulheres mais velhas que sabiam tecer não se importavam de ensinar e também foi engraçado que havia muita gente que queria aprender, muita gente (...) quer dizer, mulheres mais novas que queriam aprender, para voltar a fazer tecidos (...) lembro-me que ainda se fez, voltou-se a fazer a sementeira do linho (...) do linho com um senhor que já não me lembro o nome, ali para os lados de Martinlongo, e uma senhora que depois transformava o linho em fio para depois se tecer, hã, lembro-me de uma tradição que há lá, também, é muito forte, os Maios, que é uma tradição que há em todo o concelho. Mas estava tudo perdido, foi a partir dos cursos de alfabetização que ajudámos a recuperar esta tradição que já não se fazia há muito tempo, não deixámos nenhum monte de fora, mas também onde havia cursos socioeducativos em todo o concelho, costura, tecelagem, pintura, cestaria (...) e trabalho com barro, olaria. Tudo, tudo, não deixámos nada ao acaso, o papel dos monitores de alfabetização foi muito importante. (...) eram jovens do concelho, “hhh” olha Joca, os monitores, esses jovens eram um produto da terra, eram uma mais valia e não eram estranhos e eu, de preferência, em cada curso de alfabetização, em cada monte, estava um monitor, um jovem que era da localidade ou era dali próximo, era um filho do monte como eles diziam, a aceitação era maior porque não era uma pessoa estranha e esse monitor já tinha a obrigação de conhecer as pessoas bem (...) a princípio ficavam um pouco envergonhados, também era a primeira vez que faziam aquilo, ficavam preocupados porque não sabiam (...) pensavam que iam abraçar um curso de

alfabetização sem mais nem porquê, eu expliquei-lhes que teriam de ter formação primeiro, teriam de vir a Faro alguns dias para terem uma pequena sessão de iniciação à alfabetização, para conhecerem um pouco do método de alfabetização de Paulo Freire, só depois disso é que começariam a trabalhar na alfabetização propriamente dita, para além disso eu estava ali para suporte, para os ajudar, para apoio a qualquer dificuldade (...) [**Hum...**] Lembro-me uma vez, que um deles, a dada altura, o Rui, chegou-se ao pé de mim, que era um rapaz extraordinário, e disse-me (...), olhou para mim e eu achei aquilo estranho e disse-lhe, “Rui estás tanto a olhar para mim o que se passa?, parece que não me conheces”, “Não a conheço mesmo, estou a olhar para si e a pensar o que é que levaria uma pessoa que vem de África, de tão longe, que não tem a nada a ver com isto, a criar este respeito, este carinho, esta amizade que a senhora tem por esta gente, por estas populações” (...) Esta, esta conversa deixou-me a pensar, “hhh” depois, disse-lhe assim, “Olha Rui tu és um ser humano, eu também sou um ser humano, hoje no mundo em que vivemos, somos todos cidadãos do mundo, eu não sou de África, tu não és da Europa, somos todos europeus se estivermos na Europa e se tu estiveres em África também és africano”. Portanto, é isso que me motiva, porque eu sinto falta, eu vejo que as pessoas têm necessidades e se eu posso dar porque não? (...) porque não hei-de ajudar? O que é que achas? Porque não? Desde que começámos este trabalho até agora, hoje pões-me esta questão, mas o que é que achas deste percurso até aqui? Por isso mesmo é que algumas me colocam esta questão, “Já viu que as pessoas agora não passam sem si, a perguntar, a pedir-lhe isto a pedir aquilo, quando é que vamos pra (sic) aqui, quando é que vamos pra (sic) acolá, coisa que era impensável até à senhora ter começado a trabalhar”, Porquê? Porque as pessoas não sentiam necessidade disso, achavam que estavam realizadas, que estavam bem (...) [**O Rui era bancário?**] Sim, o Rui quando foi para monitor era bancário em Alcoutim, mas havia, pelo menos, mais três casos que eram funcionários da Câmara e havia ainda um que era bombeiro (...) e depois havia as bolseiras, a maioria eram estudantes (...) houve ainda alguns casamentos entre os jovens (...) entre bolseiros e bolseiras (...) Depois destes cursos, as reuniões, depois destes convívios todos, depois da acção de formação onde se ficaram a conhecer, depois de se conhecerem muito bem, entre os monitores, houve muitos casamentos, eu lembro-me, pelo menos de cinco, que ainda estão vivos, gozam de boa saúde, têm filhos e continuam a viver no concelho (...) Dos monitores, eram mais raparigas que rapazes, rapazes eram aí uns nove se não

estou em erro, raparigas eram mais, aí umas doze ou treze, chegámos ater vinte e quatro cursos no concelho, só de alfabetização, fora os socioeducativos (...) é verdade, houve quatro casamentos, o Rui foi um deles com aquela rapariga da Cortes Pereira, a Lurdes, que não se conheciam antes da alfabetização, conheceram-se foi depois, (...) Esta foi uma grande experiência também para aqueles jovens (...) tenho a certeza que também eles ficaram bem marcadas, de certeza que nunca mais esqueceram, aqueles jovens ajudaram muitos daqueles idosos a ser mais felizes e não só, também fizeram com que alguns jovens que andaram no curso de alfabetização, depois que o 2º ciclo abriu em Alcoutim, sem ser pela Telescola, alguns continuaram a dar continuidade aos estudos, foram frequentar o 5º e 6º ano do ensino recorrente noturno (...) Isto não são coisas que se esquecem na nossa vida e ainda mais para eles que eram tão jovens e nunca tinham feito assim nada de especial, isso marcou-os e até pode ter influenciado o seu futuro (...) alguns ainda vieram a frequentar cursos de animadores culturais, não sei (...) em Beja e também em Faro aquele curso de animador comunitário **[Educação e Intervenção Comunitária]** Isso, parece-me que é isso, para trabalhar com “velhotes” (...) e parece que houve quem fosse para professora, e outros que trabalham no Centro lá em Alcoutim ou na Câmara e, às vezes, quando me encontram ainda dizem, “Olhe eu hoje faço isto graças a si”, é verdade muitos ficaram marcados e hoje quando lá vamos encontramos lá quase todos aqueles jovens que acabaram por ficar lá, construíram família, a autarquia também ajudou porque estava interessada em que ficassem lá e autarquia também construiu lá e isso facilitou esses jovens, eles conseguiram emprego e suspiravam por uma casinha, um cantinho seu, e como a autarquia se abriu nesse aspeto, pois, ajudou afixar os jovens no concelho (...) Foi , foi isso mesmo, os cursos marcaram toda a gente, “hhh” as populações e aqueles jovens, filhos da terra, que acabaram por lá ficar e organizar a sua vida, outros que ainda estudaram e alguns acabaram por voltar como já te disse, trabalhar no Centro de Dia, na Câmara, como agentes de desenvolvimento (...) e também me marcou a mim e de que maneira (...) olha aquele curso de agentes de desenvolvimento que fizemos em Lisboa, no Instituto Pio XXII para mim foi muito importante, abriu-me os horizontes para o meu trabalho de coordenadora concelhia, tu lembras-te, aprendemos muita coisa, aquilo foi uma experiência diferente com gente de todo o país, aqueles professores, sabiam muito (...) **[Hum...]** Olha Joca, eu acho que a vocação é muito importante, para trabalhar com aquelas populações é preciso gostar e ter sensibilidade, isso para mim é o pilar,

é a base, mas também é muito importante a formação, a formação é um complemento bastante importante, que eu tinha toda a vontade, estava motivada, gostava do que fazia, das pessoas, de viver lá, de implementar aqueles cursos, para trabalhar como agente de desenvolvimento naquele concelho, mas não tinha as bases todas, precisava de mais formação, de saber mais coisas, de aprender, porque era mais por intuição, por vocação, do que por possuir bases, mas, depois, que nos foi dada aquela possibilidade, melhor ainda foi (...) A formação era muito importante, olha!, eu gostava de tudo, gostava de ouvir coisas novas, gostava do convívio, praticamente conhecíamos a maioria dos colegas que trabalhavam na educação de adultos, estávamos sempre a encontrar gente nova, gostava (...) mas o que gostava mais era quando aprendia coisas que tinha que ver com o trabalho no terreno (...) olha também gostei daquela troca de experiências com aquela sueca (...) A Siv, que ia muitas vezes ao concelho, ia a Martinlongo por causa do curso de bonecos de juta, era muito bom, aprendia muita coisa com ela, olha, por acaso até surgiu um convite para eu ir visitar curso lá na Suécia, do projeto que ela coordenava, mas, depois, acabou por não se proporcionar, ficou o convite em águas de bacalhau (...) Eu visitava os cursos todos, todos os dias visitava cursos, se não podia visitar um curso numa semana, na outra estava lá, estava sempre presente, tinha um carro da autarquia sempre ao meu dispor, para além das reuniões que fazia com os monitores, gostava muito de visitar os cursos, estava sempre em contacto com as pessoas, por isso é que tinha uma relação tão boa com elas, nunca passava mais de uma ou duas semanas que não estivesse lá a falar com elas, a assistir um pouco ao curso de alfabetização (...) **[Achas que eles eram melhores monitores de alfabetização do que se fossem professores primários?]** Sem dúvida, sem dúvida alguma, eram melhores alfabetizadores que muitos professores que andavam nos cursos, aqueles jovens aprendiam rapidamente a fazer alfabetização e tinham um grande à vontade com as pessoas, havia muita confiança entre eles, já tinham recebido formação, já tinham uma abertura para alfabetização, faziam parte do grupo e (...) e, os professores não, não tinham recebido a formação, não tinham formação virada, específica par alfabetização e nunca teriam a confiança das pessoas como eles tinham, nem conheciam tão bem os seus problemas (...) Olha!, lembro-me de duas gémeas, uma delas tetraplégica que andava numa cadeira de rodas que morava no monte do Rui, e a dada altura recebo um telefonema dessa senhora que disse que se chamava Fernanda, eu não a conhecia e diz-me assim,” Oh professora então só as pessoas que

têm pernas é que têm direito aos cursos de alfabetização?, eu estou numa cadeira de rodas não me posso deslocar ao curso mais próximo, então não me pode mandar aqui ninguém que me possa ajudar?”, “Posso, fique descansada que posso, amanhã vou aí fazer-lhe uma visita e depois conversaremos sobre isso”. Bem, passei a ser eu a dar-lhe as aulas de alfabetização nos primeiros três meses, porque não tinha conseguido juntar ainda um grupo naquele monte para abrir um curso, para abrir mais um curso de alfabetização. Depois, comecei a andar de casa em casa, a conversar com as pessoas, a perguntar se não queriam juntar-se à Fernanda num curso de alfabetização, que os outros montes já, quase todos, tinham. Até que depois já diziam, “Estamos à espera minha senhora, estamos à espera, dizem que a senhora anda aí por todo o lado e ainda não tinha vindo para aqui”. Então fiz o levantamento, fiz a lista das pessoas e comecei pelo Rui. Foi assim que começou o curso do Corte das Donas (...) Alguns destes cursos funcionava na casa de uma pessoa (...) era assim, reunia com as pessoas, a maior parte das vezes, na rua, era quase sempre na rua e, depois, as pessoas, aquela que tinha uma casa livre, um armazém, uma sala, um quarto onde guardavam, por exemplo, os instrumentos do campo, ou coisa assim, olha, pronto, a pessoa dizia assim, “Olha tenho aquele espaço ali, acha que serve?” (...) Aproveitávamos, e era assim, era só uma questão de levarmos para lá um quadro que depois cada pessoa levava o seu banquinho, e pronto, e um alfabetizador e pronto (...). Dessa vez, eu dei aulas à Fernanda durante aqueles meses, até que se abriu o curso de alfabetização no monte (...) e fez o 4º ano também (...) fez o 4ºano de escolaridade (...) e participava nas visitas de estudo. Foi assim (...) **[Teresinha vejo que comesas a ficar cansada. Para terminar, qual a maior dificuldade que sentiste como coordenadora concelhia?]** Olha Joca, para ser sincera, eu não senti dificuldade alguma, não senti. Porque eu mudei-me para Alcoutim, fui viver para Balurcos, a minha vida era feita em Alcoutim e estava bem integrada, sentia que era bem aceite pela população, tinha um carinho especial pelo trabalho que estava a fazer e as pessoas também, dedicavam-me um carinho especial e tinha muitos conhecimentos, desde a autarquia, os bombeiros, o centro de saúde todos (...) A autarquia era a minha maior aliada, davam-me todo o apoio, era muito importante, estavam sempre disponíveis para ajudar, sempre me apoiou com transportes no concelho, nas visitas de estudo, como por exemplo, para os médicos se deslocarem aos cursos, se deslocarem aos montes para as consultas, para as visitas aos acamados, sempre, sempre, sempre (...), nunca senti dificuldade nenhuma, era só reunir com

alguém da autarquia, com o presidente, com o vereador ou com outra pessoa responsável lá dos serviços, dizer que precisava disto ou daquilo, a autarquia sempre esteve disponível. Para o meu próprio transporte tinha um motorista da Câmara que me levava para onde eu queria. Foi uma relação muito boa e muito importante (...) um apoio muito importante (...) bastante importante e ele, o próprio presidente, chegou, muitas vezes, a deslocar-se connosco, a acompanhar-nos pelo país fora nas visitas de estudo. Estas visitas como eu já te disse foram muito importantes para as pessoas conhecerem outras regiões, outros modos de vida, saberem como as outras pessoas viviam (...) verem as semelhanças e as diferenças com o viver em Alcoutim (...) **[Hum...]** Olha, para dizer que foi um tempo muito bom, gostei muito desta experiência e para mim, o mais importante, o melhor que eu fiz foi a alfabetização, a alfabetização está em primeiro lugar e depois sentir que aquela experiência foi de aprendizagens recíprocas, porque não ficava nada ao acaso, eu dava e recebia também, dava e recebia com todo o respeito, com todo o carinho e com toda a garra, e senti, sobretudo, que valeu a pena porque eu, eu própria, vivenciava a mudança, a alfabetização mudou mesmo as pessoas, mudou as vivências, mudou as experiências, mudou a maneira de pensar, mudou a maneira como se viam na própria comunidade, a alfabetização mudou a mentalidade, a maneira de encarar a vida (...), mas agora olho para o concelho de Alcoutim e é com algum desgosto que vejo que as coisas mudaram para pior nos montes, acabou o PIDR, acabaram os financiamentos, acabaram os cursos nos montes, vejo isso com alguma tristeza porque as pessoas mereciam continuar a ter alguma coisa que as animasse, que as juntasse, que as fizesse aprender outras coisas, algumas não iam aos cursos para aprender a ler e a escrever, iam para o convívio e sempre aprendiam alguma coisa, hoje não têm nada (...) Em Alcoutim, Martinlog, Balurcos, ainda podem ter alguma coisa, mas nos outros montes, naqueles montes mais longe, aí já não têm nada, já não têm continuidade daquele trabalho que lá fizemos (...) as pessoas já estavam habituadas àquela experiência que era muito boa, já tinham sentido que aquela experiência era boa para elas, (...) Devia haver continuidade, mas (...) até porque muita coisa se vai perder, aqueles levantamentos que fazíamos de tradição oral, de mezinhas, de benzeduras, provérbios, (...) lembras-te, ainda editámos um livro, quer dizer, era um tipo de manual, hoje já não há cursos depois as pessoas morem e já não há registos, é uma pena (...) porque eram pessoas sábias, pessoas com experiência de vida que também tinham muita coisa a ensinar, mas que não valorizavam essa experiência de

vida porque lhes faltava a base, aquele click que a alfabetização fazia (...) Para acabar digo-te que a educação de adultos foi muito bom para as populações, foi muito importante para o concelho, foi muito importante para mim, mas, mesmo assim, soube-me a pouco, sobretudo, agora que eu vejo que não houve continuidade daquele trabalho e, ainda hoje, as pessoas estão desgostosas, as pessoas comentam, dizem que se devia ter continuado com a educação de adultos (...) foi bom demais para acabar assim, para acabar como acabou, porque acabámos por deixar outra vez aquelas pessoas entregues à sua própria sorte, continuo a dizer que se deveria ter continuado porque as pessoas já não são as mesmas, as pessoas mudaram e depois da experiência da alfabetização continuam ávidas de aprender, de participar, de saber mais e mais e mais (...) **[Obrigado Teresinha]**

Entrevista 2

(Maria Rosário do Nascimento Fernandes Horta, nascida em 1965, entrou para a educação de adultos em 1986, saiu no ano de 2000, já em Faro, o último curso que leccionou foi no Montenegro, era o Florival coordenador concelhio de Faro)

[Rosário, Fala sobre a tua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, até deixar a educação de adultos.

Podes levar o tempo que quiser e fala de tudo o que achares importante] Então, olha, vou começar pelo princípio, formei-me no Magistério Primário onde te conheci, foste meu professor na Escola Anexa do B. João, na formação inicial, depois concluí o curso e estava desejava de começar a trabalhar como qualquer jovem de 21 anos, soube que havia um lugar atempo inteiro e com vínculo ao Estado, importantíssimo e continua a ser, numa telescola em Alcoutim, no nordeste algarvio, portanto, soube disso e concorri para o posto de Telescola. Fiquei então em Alcoutim. Um belo dia estava eu na Telescola, que funcionava só na parte da tarde, se bem te lembras e batem à porta, aquilo era com emissões da televisão que tínhamos de seguir “à risca”, depois tínhamos as fichas de trabalho que tínhamos de seguir, pois, a planificação era muito rigorosa, batem à porta, quando eu vejo ma “jeitosa” entrar, uma “jeitosa”, que era a Teresinha Romão Cardoso, entrou, vinha falar com as “mininas” professoras, toda muito simpática, pedimos para ela esperar um pouco, quando foi o intervalo em que os “miúdos” mudam da parte das Letras para a parte das Ciências, portanto quando houve esse intervalo falámos com a Teresinha, eu e a colega que estava comigo na altura, no Posto da Telescola, falámos e, então, qual era o motivo da visita? Trazia uma proposta, veio convidar-nos para trabalhar na educação de adultos, deu-nos a conhecer a educação de adultos, que nós na formação inicial nunca tínhamos ouvido falar, rigorosamente, nada, nem sabíamos que isso existia, então a Teresinha, assim, deu-nos a conhecer, disse que existia uma estrutura distrital aqui em Faro, minimamente, deu-nos as bases e disse que tínhamos que nos deslocar todas as noites para montes com população muito reduzida, mas população essa, analfabeta, e teríamos que “fazer” os cursos de alfabetização, tinham um nome próprio, Os CEBAs, então eu como não tinha carro, fiquei no primeiro CEBA que havia depois da vila, na vila não havia pessoas interessadas, que isto também é outro assunto muito interessante, que é a vergonha, a vergonha que as

peessoas tinham, de ir com aquela idade para a escola. Em Alcoutim não havia pessoas interessadas, o que significava que não havia analfabetos, sendo assim, se não havia inscrições, era porque não havia analfabetos na vila, e, então, num monte que há, que dista 4 Km de Alcoutim, que é a Corte da Seda, é o primeiro monte que se encontra quando se vai para Martinlongo, ficava eu, e a minha colega ia ficar num monte, a 7 Km que é o Torneiro. Essa colega tinha carro e assim ela deixava-me na Corte da Seda e ia para o Torneiro e depois na volta para cá, apanhava-me. E, foi assim. A boa da verdade é que se ganhava dinheiro, não era acumulação, era uma bolsa de dez contos, que se ganhava a mais, éramos bolseiras, (ar irónico...). Ai, aqueles dez contos, pensávamos nós, que dava para gasolina e dava para comprar mais isto e mais aquilo, foi isso que pensámos. Bem, iniciámos a experiência, eu no Corte da Seda e a minha colega no Torneiro, e tivemos a primeira formação, formação essa, dada pela equipa distrital ali num Aldeamento turístico ali em Tavira (...) **[Eurotel]** Isso, no Eurotel, foi a primeira formação que eu tive sobre educação de adultos. Aquilo foi começar em grande, porque foi muito bonito, foi a um fim de semana, num hotel, quartos muito grandes, o espaço, era tudo bonito, vieram formadores da Coordenação Distrital de Faro, incluindo tu, Joca, formadores de Lisboa, e cada um na sua área, na sua valência, deu-nos a conhecer o que era a educação de adultos, o que era um projeto integrado, o que se pretendia fazer no nordeste algarvio, qual a importância da alfabetização, os valores que se pretendiam transmitir, portanto, havia uma “filosofia” para a educação de adultos, foi muito giro. Recebemos todos, éramos muitos, acho que deviam estar quase todos os bolseiros que trabalhavam em cursos de alfabetização no nordeste algarvio, recebemos todos uma injeção vitamínica do que se pretendia que fosse a educação de adultos. Foi uma coisa muito gira, porque aquilo foi a um fim de semana, teve partilha de experiências, teve formação depois teve música e dança à noite, nós que éramos tão jovens, nunca mais me esqueci daquele fim de semana. E, depois, foi uma Formação que envolveu, formação, auto avaliação, e ainda teve os parceiros locais, que vocês convidaram para estar presentes naquele Seminário e eles foram, tais como vereadores, pessoas ligadas às bibliotecas populares de pequena comunidade, aquilo foi uma coisa muito interessante e eu nunca tinha feito uma formação daquelas, com aquele ambiente, com o pessoal todo a dar-se muito bem, foi uma experiência muito rica, muito rica, mas eu sentia-me um pouco como (...) do tipo, mas como é que eu tenho 21 anos e nunca tinha ouvido falar desta realidade, isto era tudo novo para

mim, foi inesquecível, parecia que, era um boi a olhar para um palácio, era um mundo completamente diferente, foi muito bonito e, depois, vocês da equipa distrital, lembro-me perfeitamente, cada um dentro da sua valência deu-nos, aquilo foi um dar, um dar de saber, e nós a absorvermos aquilo tudo, eu ainda guardo os meus primeiros apontamentos daquela formação, tem piada porque nessa altura tinha por hábito apontar tudo, tudo, registava aquelas informações todas. Com aquela formação o que é que nós descobrimos, descobrimos que a educação de adultos tinha uma identidade própria, tratava de ensinar, mas o ensinar tinha um significado muito diferente daquele a que estávamos habituadas. Depois, tomámos consciência do Paulo Freire (...) eu nunca tinha ouvido falar de Paulo Freire. Aprendemos imenso naquele fim de semana. Abriu-nos os horizontes noutra linha educativa e de vida porque a filosofia de Paulo Freire não é só de educação, mas é muito sobre a vida. Por isso e que aquela formação foi importante, falámos sobre alfabetização, sobre Paulo Freire, animação da leitura, animação socioeducativa que poderíamos dinamizar junto das comunidades, como teatro, cinema, exposições de artesanato, encontros de poesia, pequenos convívios, confraternizações, aproveitar os saberes das pessoas, eu sei lá (...) há muita coisa que já não me lembro, deram-nos ideias para começar a fazer uma recolha de tradição oral, não sei se te lembras dessa recolha que acabámos por fazer, todas as bolsinhas fizeram nos seus CEBAs, lenga-lengas, provérbios, mezinhas, receitas, orações, aquilo foi uma coisa fantástica. Eu acho que essa compilação saiu depois através da In Loco, não tenho a certeza **[Não sei se a In Loco publicou, não tenho conhecimento, mas, eu, fui responsável por fazer essa publicação na Coordenação Distrital, eu, próprio, tenho um exemplar]** Sim, mas depois de vocês publicarem, eu, parece-me que algumas associações aproveitaram essa publicação para, também, elas fazerem uma publicação sobre esses temas. Ou, então, terá sido feita uma nova recolha, não sei, como os saberes eram os mesmos, poderiam ter sido publicados por outros, o que seria legítimo, mas, não tenho a certeza. Tivemos formação a vários níveis nesse fim de semana. E lá fomos nós para os CEBAs, todas entusiasmadas, todas felizes, cheias de vontade de pôr em prática aquilo que tínhamos aprendido, fazer tudo aquilo que nos tinham ensinado. Depois, havia, mensalmente, reuniões com a coordenadora concelhia, que era a Teresinha, a nossa Teresinha, que era a personagem mais famosa do nordeste, a personagem mais famosa do nordeste (risinhos), porque ela era conhecida em todo o lado, oh pá! Era pela cor, que era a única “negra” que havia em todo o concelho, isto foi em 86, mas é

verdade, era a única pessoa preta, era a professora preta, bem, mas toda a gente a conhecia, e o engraçado é que, não a conheciam pelo lado negativo, não era racismo, era mesmo pela positiva, porque ela era diferente, toda gente gostava dela, tinha um valor naquele concelho, aquela mulher tinha uma força que era uma coisa incrível. Ela chegava aos montes, eu ainda trabalhei com ela, depois de ser bolsreira, fui destacada para a coordenação concelhia, fazíamos equipa as duas, ela convidou-me para trabalhar na coordenação concelhia de Alcoutim, e ela não tinha carro e eu também não tinha, então dependíamos dos transportes da autarquia, que era outra complicação, não é? O poder político apoia ou não apoia, mas, lembro-me de chegarmos aos montes, Joca, e ela com uma buzina, um “corno”, chamava as pessoas (risos), ela juntava os montes todos, ela chegava e aparecia toda a gente ao chamamento, olha, aquilo era um gozo desmarcado, as pessoas aderiam, que era uma coisa giríssima, ela, depois, promovia, mensalmente, uma reunião com todos os bolsreiros, fossem eles bolsreiros de CEBAs, bolsreiros dos socioeducativos, que eram aqueles formadores do artesanato, dos bonecos de Juta, das rendas e bordados, da tecelagem, sei lá, essa gente toda, da cestaria também que havia muitos cursos e das bibliotecas, dos animadores das bibliotecas de pequena comunidade, que também havia. Ela fazia a formação, nessa formação mensal havia uma orientação curricular de acordo com a filosofia de Paulo Freire, os conteúdos tinham que ir ao encontro das necessidades, foi no seminário do Eurotel que eu aprendi com vocês que não íamos de encontro, mas ao encontro, nunca mais me esqueci, não convinha que andássemos de encontro com as coisas (risos), isto são pormenores que ficam (...) portanto, tínhamos que ir ao encontro das necessidades das pessoas, tínhamos que fazer a deteção do problema e só a partir daí é que surgiria a planificação, é que seriam escolhidos os conteúdos que estavam mais adequados aquela população. O que é que nós começamos a descobrir? Começamos a descobrir e interessar-nos também pela demografia do concelho, pelas condições socioeconómicas, e começamos a fazer a tal caracterização do meio, que ainda hoje é utilizada nas caracterizações de muitas das escolas do 1º ciclo. Aquela história de que o concelho tinha a pirâmide etária completamente invertida, população muito envelhecida, o nível de analfabetismo era um dos maiores do país, aquilo eram 580 Km² que tinha 3 habitantes por Km², portanto, naquela altura a desertificação já era um problema, a partir daqui, depois, também surgiram, programas ao nível do 1º ciclo, de inclusão das escolas isoladas que promoviam (...), até andou a Helena Quintas lá neste projeto das Escolas

isoladas. Eu também participei nisso, quando estive lá no 1º ciclo, lá na serra, tínhamos esse projeto, mas isso já foi à posteriori, depois deste trabalho de educação de adultos, porque, nós em educação de adultos fizemos este trabalho de caracterização do meio, que era a nossa base para tratarmos os programas curriculares. E, depois, passei a ajudar, eu e quem tinha formação, apesar de aproveitarmos todos os saberes das animadoras, das bolsieras de alfabetização, que isso também era um problema, verificar qual o grau de aceitação que a população tinha relativamente a animadoras que viessem da localidade ou externos, que éramos nós. Algumas monitoras que eram de fora e eram professoras, ainda iniciaram, mas não correu bem. Mas, eu, se calhar como a Teresinha, sou uma felizarda, com o nível de adaptação e de sociabilidade e de integração que eu consegui, né? Mas, houve este estudo também, a educação de adultos também tinha essa preocupação, por isso é que apostava muito nas pessoas da comunidade. Portanto, dar valor e fazer realçar os próprios valores que a própria comunidade tinha, para depois promover a alfabetização e a animação de outras atividades. Eu comecei a interessar-me por este tema e comecei a ajudar a Teresinha a fazer as tais orientações, a fazer as primeiras planificações para o concelho, **[Já fazias parte da coordenação?]** Não, ainda não fazia parte da equipa de coordenação, era só bolsiera, mas gostava de ajudar a Teresinha, esta área começava a seduzir-me, e comecei a ajudar a fazer as primeiras planificações, se, assim se pode dizer, porque não era como as planificações que eu fazia para os meus meninos, as planificações eram, de tal maneira diferentes, conforme o meio a que se destinassem, conforme o curso. Cada planificação era como uma base de uma pizza, porque depois, aquilo que cada um “metia” em cima da pizza tinha que ser, também, muito distinto. O que eu e a Teresinha fazíamos, a Teresinha há-de lembra-se bem disto, era a tal base (...) era dar a tal base de trabalho, depois, os animadores é que criavam os “ingredientes”, é que lançavam as ideias, é que escolhiam os conteúdos, a partir das características da sua comunidade. Só assim é que isto tinha sentido. E, era assim que surgiam as palavras geradoras, do método de Paulo Freire que tinham que ter a haver, embora seguindo o método de Paulo Freire, tínhamos que escolher as palavras que melhor se adequassem a cada comunidade. Certo? Portanto foi uma experiência giríssima, esse ano. Uma experiência muito enriquecedora, fantástica. Entretanto no segundo ano, estávamos em 1987, eu fiquei em Martinlongo, aldeia muito “fina” (ironia) com rivalidades centenárias com Alcoutim, também não tinha necessidades de alfabetização,

também, não havia analfabetos nesta terra, nem pensar nisso (risos) é giro é, é giro, por exemplo, tinham uma biblioteca de pequena comunidade a funcionar, mas não tinha cursos de alfabetização, ninguém era analfabeto. Nesse segundo ano estava colocada na telescola de Martinlongo, trabalhei lá no posto da Telescola. E, no terceiro ano, em 1988, sou contactada pela Teresinha, com o aval da Coordenação Distrital, tu estavas lá, em que me vieram convidar para fazer parte da equipa concelhia, com a Teresinha. Aí já sim, destacada para trabalhar a tempo inteiro em educação de adultos. **[E no ano anterior, em Martinlongo, deste curso de Alfabetização?]** Não, não, então se não havia analfabetos em Martinlongo, se era tudo gente muito instruída, eu não podia deslocar-me, porque não tinha carro e vivia num quarto alugado em Martinlongo. Eu não ia alugar uma casa, para estar sozinha, preferia um quarto e era muito mais barato. No primeiro ano em Alcoutim também vivi num quarto alugado. No segundo ano, embora já casada, como estava em Martinlongo, tinha um quarto alugado porque não havia dinheiro para mais. O meu marido ia para Alcoutim no transporte da Câmara, porque trabalhava em Alcoutim, na Câmara e eu ficava lá em Martinlongo. No terceiro ano já fiquei em Alcoutim, como professora destacada, como elemento da coordenação concelhia, mas a coordenação concelhia também não funcionava em Alcoutim, funcionava nos Balurcos, na casa da Teresinha que era ao lado da escola, na escola primária tinha sido desativada uma sala, a escola funcionava numa sala e a autarquia tinha cedido a outra sala à Teresinha para ela lá morar e para funcionar a coordenação concelhia. A Teresinha vivia num cubículo minúsculo, entaipado, não sei se tu te lembras, a Teresinha vivia neste quarto com os filhos, ela até dizia que o pequenino tinha nascido no penico lá na serra, tinha tido o moço no penico (risos), eu acho que o moço quando nasceu, ela já estava em Balurcos. Ela pode ter vindo ter o bebé ao hospital, mas, depois, voltou, passado pouco tempo, logo para a serra (...), o bebé tinha meses quando foi para Balurcos. Esse pequenino é o Valdir que é jogador de futebol, jogou no Sporting, agora não sei por onde anda, o meu marido é que sabe dessas coisas. Portanto o menino é daquele concelho, o marido dela era desenhador, era técnico na Câmara de Alcoutim, ele deslocava-se nos transportes camarários também, porque a Câmara de Alcoutim garantia a deslocação dos seus funcionários. Portanto, a Teresinha vivia numa sala de aula onde nós também tínhamos as nossas reuniões, depois, com o desenvolvimento do nosso trabalho, que a Teresinha tinha implementado com a recuperação dos teares, que foi subsidiado através da educação

de adultos, da coordenação distrital, porque havia o PIDR, vocês canalizaram verbas para recuperação de teares, para recuperação de espaços que envolvessem o “trabalho” do linho, aquela senhora, a única tecedeira do concelho, a D. Senhorinha que deu um curso, ela já tinha sido aluna de um curso de alfabetização e foi aí que a conhecemos. Havia 23 cursos, o concelho de Alcoutim tem 101 montes, desses montes 10 ou 11 não eram habitados, agora, muitos mais não são habitados, naquela altura, estávamos em mais de vinte montes, foi uma coisa fantástica, até em Alcoutim houve, depois, curso de alfabetização, afinal descobriu-se que havia analfabetos em Alcoutim (...) Nesse ano que eu fiquei em Alcoutim, na equipa concelhia eu tinha que ter componente lectiva, portanto, tinha de dar um curso de alfabetização. Fiz uma campanha porta a porta e, aí, as pessoas já me conheciam, eu tinha casado com uma pessoa da terra, um filho da terra, e para além da campanha porta a porta, coloquei inscrições nos cafés, nos lugares para onde as pessoas passavam, colocámos no clube de Alcoutim, o clube centenário. Mas, o que mais terá contado foi eu ser conhecida, já tinha sido professora lá, depois casei com um filho da terra (...) o meu casamento foi feito pelas pessoas de Alcoutim, aquilo foi uma festa do povo, as carnes foram cozidas e grelhadas no forno comunitário, o pão, os bolos, a vila de Alcoutim fez-me a festa de casamento, as pessoas adotaram-me, eu só levei o bolo de casamento que me foi oferecido pelo meu padrinho que era (...) não estou a dizer bem, o marido da minha madrinha de casamento que era uma senhora do registo civil, era e é, que é a D. Isabelinha, o marido dela, era o diretor do Lar e Centro de Dia de Alcoutim, e, ele, quis que eu tivesse um bolo de casamento e veio buscá-lo, no próprio carro ao Azinhal a uma fábrica de bolos que lá está que iniciou com os cursos da Marília de Castro Marim, os cursos que houve com a Marília de Castro Marim, elas lançaram aquela casa comercial famosíssima que há agora no Azinhal, de doçaria regional. Começou como um curso socioeducativo e depois organizaram-se e a coisa correu bem, muito bem. Aquelas senhoras, as primeiras começaram aí, com a educação de adultos, tal como as senhoras da Flor da Agulha, em Martinlongo, e, também, as de tecelagem em Cachopo, começaram todas com a educação de adultos **[Falavas no teu casamento...]** Ah! Pois, eu fui colocada em Alcoutim, em Setembro, na Telescola, depois fui convidada pela primeira vez para um convívio com os jovens locais, uns mais jovens outros da minha idade, no dia de S. Martinho, eu e a outra colega fomos convidadas para um festa em que eles comemoravam o Magusto, lá em Alcoutim era costume, os jovens juntavam-se todos

e comemoravam o Magusto e nós, as professorinhas, fomos convidadas, porque alguns desses jovens eram irmãos, primos, tios dos nossos alunos. Foi de noite e fomos participar no Magusto, foi num sótão duma casa, assavam as castanhas em cima de uma tábua de madeira. Aquilo era como e faz agora com os miúdos da escola primária, cada um levou da sua casa uma saquinha com castanhas. Umassavam-se outras coziavam-se. Outros levaram os vinhos novos para provarmos. Nessa noite aparecem os vinhos e a Jeropiga, aparece isso tudo. Então. Foi nesse convívio que eu conheci o Alfredo. E, a partir daí, começou o nosso relacionamento, tomar um café, dar um mergulho na ponte, passear, um namoro perfeitamente idêntico ao que se tinha aqui nas cidades, lá ainda melhor, porque lá eu estava “à perna solta” (risos) “ ai mê amor, na há horas para entrar em casa, era um ver se te avias” (risos). Depois, passámos a ter um relacionamento mais sério e começamos a ir ao cinema, lá ainda não há cinema em Alcoutim, a Câmara de Alcoutim, atualmente, ainda promove noites de cinema, continua ir lá um senhor projetar uns filmes, que era o que nós fazíamos em educação de adultos, que era uma coisa muito gira porque nós é que levávamos o cinema aos montes no tempo da educação de adultos, eras tu, que vinhas cá com a máquina de 16 mm e com aqueles filmes portugueses. Eram os famosos ciclos de cinema do nordeste algarvio. E eu, também ia com o Alfredo ao domingo ao clube de Alcoutim, antiga sociedade da vila de Alcoutim, onde ia um projetista ali de Tavira mostrar os filmes famosíssimos na altura, do Bruce Lee, do Tarzan, eu via aquilo tudo. Eu lá ia com o meu namorado. Foi assim. Ora, eu quando casei com o Alfredo, eu fui muito acarinhada também nesse aspeto, posso dizer que fui também muito privilegiada, o meu padrinho é o atual presidente da Câmara, o Dr. Francisco Amaral, que era médico, eu conheci-o lá em Alcoutim, quando trabalhava no Centro de Saúde e ele participava com a Teresinha, colaborava coma educação de adultos, porque a Teresinha organizava aquelas sessões temáticas sobre saúde e levava o Dr. Amaral a tudo o que era monte onde houvesse curso de alfabetização. A Teresinha organizava aquelas sessões de saúde, agricultura, alimentação, segurança social, sessões temáticas de acordo com as necessidades das pessoas, dos meios onde estavam inseridos. Se se verificasse que havia dificuldades nalgum tipo de temática relacionada com a agricultura, técnicas, um novo produto, qualquer projeto, como estávamos neste processo de integração na comunidade económica europeia, havia muita necessidade de informação e a Teresinha combinava com os técnicos da Zona Agrária e promovia essas sessões. Foi

assim que eu conheci o Dr. Amaral, porque, quando eram questões relacionadas com a Saúde, ele era o elemento do Centro de Saúde que era destacado para estas sessões. Mas isto trouxe muitos dissabores à educação de adultos, nem queiras saber. O presidente da Câmara, que era o Sr. Manuel Cavaco era do partido socialista e o Dr. Amaral era já nessa altura um dos nomes fortes do PSD e como ele aparecia nas nossas sessões, era visto como se estivéssemos a ajudar a promover politicamente o Dr. Amaral. Com as nossas sessões de saúde ele, praticamente tinha contactos com a maioria da população do concelho, porque as sessões de saúde não deixavam nenhum curso de fora, ele ia a muitos montes, e isso era visto como se a educação de adultos estivesse a promover o Dr. Amaral, politicamente. Mas nós tínhamos um azar desgraçado, porque o Dr. Amaral era o candidato do PSD e o representante da zona Agrária, o Eng. João Dias, era o representante da CDU. Ambos eram candidatos à autarquia. Por isso, para qualquer lado que nos voltássemos, com estes técnicos, estávamos sempre mal, estávamos sempre contra o PS, lá na ideia do presidente Cavaco. É que isso da política, neste caso, não nos interessava nada, conhecíamos a pessoas, eram os técnicos representantes das Instituições que nós mais precisávamos e que mais pedíamos colaboração, que era a Saúde e a Agricultura. E tivemos represálias da Câmara, por isso, houve um tempo em que fomos proibidas de tirar fotocópias, não nos cedia transportes, não nos dava material, etc...e etc... não nos facilitava nada a vida. O pior era a dificuldade em visitar os cursos, pois, íamos sempre no transporte da Câmara. O Manuel Cavaco ainda me chegou a dizer a mim e à Teresinha que, enquanto nós continuássemos a “fazer aquilo”, que não tínhamos nada da Câmara. Mas, a Teresinha mandava sempre convite, sempre convite, só que, quase nunca iam, as sessões eram à noite e o presidente da Câmara morava em Olhão e ao fim do dia ia para casa. Mas, é engraçado que quando se aproximou o período das eleições autárquicas, o presidente da Câmara começou a aparecer em todas as sessões que nós organizávamos. Aí já aparecia em todos os sítios onde nós íamos, porque aquilo era uma festa, e era uma maneira de ele se mostrar mais, porque aquelas sessões eram organizadas no âmbito dos cursos mas eram sessões abertas em que aparecia toda a gente lá do monte. Nós chegámos a ter, eu tenho fotografias disso, tenho fotografias das palestras, das sessões de cinema, das sessões temáticas com a Teresinha, com o Amaral, com o Cavaco ao lado e com o João Dias. Eu tenho isto tudo documentado em fotos e aquilo era aberto de tal maneira que um idoso, se sabia que ia lá alguém duma Instituição, dizia ao filho. Ora se o filho morasse em

Cachopo ou noutro monte qualquer ia também ouvir. Muitas vezes, vinham pessoas de outros montes assistir às nossas sessões, geralmente as salas estavam sempre “apinhadas” de gente, vinham os idosos, vinham os filhos, vinham os netos. Havia festa no monte, aquilo puxava a família toda. Aquilo unia o monte todo e depois era assim, uma coisa muito interessante que era, depois da sessão havia sempre festa, havia um acordeão e uma festa rija de “comes e bebes”, era sempre assim aquilo era um convívio. Naquele dia era festa na terra e notava-se (...) tinha sentido, porque o isolamento geográfico era tão grande, era e é, a noção de interioridade era tão forte que as pessoas viam-se abandonadas que, naquele dia era festa. As pessoas levavam o que tinham de melhor, apareciam os melhores paios, as melhores chouriças, o presunto, o pão caseiro, o vinho novo, os doces, as filhoses (...) Há uma anedota que eu já te contei uma vez que é, “Na serra de Alcoutim dão tudo o que têm, coma chouriça, coma paio, coma azeitonas, coma este bolo, merda!” (risos). Mas lá havia de tudo, aqueles convívios eram uma coisa espetacular, as pessoas davam mesmo tudo aquilo que tinham de bom, com amizade, com (...). Era uma coisa espetacular. E havia sempre alguém que tocava um acordeão, alguém que cantava, que dizia versos, alguém que tocava uma harmónica, ah! E, às vezes, também havia bailarico, era ver as velhinhas a dançar que era um pagode, elas não precisavam de homem, dançavam umas com as outras, os homens ficavam a ver, de vez em quando havia um ou outro mais destemido que também dançava. Era uma verdadeira animação. Dizia-se assim “Vai-se a ver, só vêm por causa do bolo”. Mas o bolo também era importante, quando a alma rejuvenesce, quando há aquela alegria, isso é muito importante. Tudo é importante na vida e aquelas pessoas perdidas lá no meio do monte, também tinham direito ao seu momento de festa (...) **[Mas a situação mudou com o presidente de Câmara?]** Não, não mudou nada. Eu acredito que ele admirasse o nosso trabalho, mas andava “amuado” com a gente porque achava que os nossos amigos eram tudo menos do PS. Em relação às nossas saídas, estava tudo na mesma. O que valeu foi, que eu, entretanto, tirei carta de condução e comprei um carro, e comecei a andar com o meu carro. Durante o ano em que estive na equipa concelhia era eu que levava a Teresinha a visitar os cursos quando a Câmara não disponibilizava transporte. Depois, no outro ano, a Teresinha veio para “baixo” e fiquei eu como coordenadora concelhia. Foi aí que eu fiquei (...), eu estive um ano a trabalhar com a supervisão da Teresinha, no outro ano já fiquei como coordenadora concelhia, depois estive cinco anos como coordenadora no concelho de Alcoutim

[Em que ano é que assumiste a coordenação, lembraste-te?] Portanto 1986, foi o ano de início, em que fui bolsista, em 1987 estive em Martinlongo, foi em 1988, em 88 trabalhei com a Teresinha e em 1989 fui coordenadora concelhia. Então, neste ano de 1989 tu ainda trabalhaste comigo, ainda víamos cursos juntos, ainda vieste cá realizar o ciclo de cinema, ainda estivemos juntos em vários convívios dos cursos de alfabetização e socioeducativos (...) então, foi o ano em que lançamos os cursos do PRODEP e depois não trabalhávamos só no 1º ciclo, trabalhámos com jovens que não tinham completado o 2º ciclo e que não podiam ir para Vila Real de Stº António, por falta de condições económicas, ainda não havia escola integrada em Alcoutim, surgiu depois. Organizámos, depois, vários cursos socioprofissionais. Mas, para além destes cursos novos que surgiram, muito por imposição, também, da Coordenação Distrital, como coordenadora concelhia mantive a mesma linha do que a Teresinha vinha fazendo no concelho. Mudou pouca coisa, o que mudou, por exemplo, foi a coordenação concelhia que passou a ser em Balurcos (...) Vali-me dos conhecimentos que tinha, o marido da minha madrinha de casamento, que era o presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alcoutim, o meu marido era bombeiro voluntário, o meu sogro era um dos sócios fundadores da Associação, o meu cunhado é bombeiro voluntário, toda a família do meu marido está ligada aos bombeiros voluntários, e ele cedeu-me um espaço no Lar de Idosos. Não era um sítio vip, mas era um espaço de alvenaria, pintado, com condições, onde nós reuníamos, trabalhávamos e eu andava à vontade naquele Lar. Depois houve aquele problema em que o Manuel Cavaco teve um processo em tribunal por causa de desvio de verbas da CEE quando foi das obras da estrada para Alcoutim, que eu nem sei como é que isso ficou porque ele foi suspenso do mandato e nunca mais me interessei por esse assunto, ele tem esse processo e quem é que entra a substituí-lo, como presidente da Câmara, o segundo, o vereador que era vice-presidente, o Sr. Manuel Carvalho, também PS como o Manuel Cavaco. E esse senhor criticando, dizendo “Vocês, vocês, quando fizerem alguma coisa também têm que me convidar” (...) Acho que geria de outra maneira, geria as coisas, a meu ver, com outra atitude, podia dizer, ele dizia, mesmo, frontalmente, “Não façam nenhuma festa para o PSD”, ele dizia (risos), mas, passei a ter novamente fotocópias, a ter algum material que precisava, passei a ter, novamente, os transportes, os carros da autarquia para nos levar aos cursos. Foi um espetáculo. E, tínhamos o Alberto Mestre que era nosso colega, também como vereador. Foi um professor que esteve lá na implementação da

escola básica integrada e que foi para a vereação. E, acho que, por ser professor (...) até então as pessoas que estavam na Câmara eram pessoas do povo, um carteiro, um funcionário público, um bombeiro, pessoas com poucas habilitações, só porque eram do partido A ou B iam para a Câmara, como era o caso do presidente Manuel Cavaco que tinha o 2º ano do ciclo preparatório. Isso não é muito importante, o valor das pessoas é que importa e em Alcoutim as pessoas, em geral, tinham poucas habilitações (...) tu sabes que eu casei com um pintor da construção civil, portanto, eu sou uma pessoa branquinha e honesta nestes aspetos, mas, para a Câmara, era preciso mais sensibilidade, para os aspetos da educação, da alfabetização, isso tudo (...) Nós, por exemplo, tivemos em 1990, que foi o ano internacional de alfabetização, nós fomos a Évora, nós levámos uma representação de Alcoutim que devia ser a maior representação que lá estava, eu não sei ao certo quantos autocarros lá foram, mas, foram bastantes. A Câmara que cedeu tudo o que tinha de autocarros, levámos uma representatividade espetacular, fomos recebidos lá pelo ministro da educação, era o Roberto Carneiro, esse ano foi, quanto a mim, o ano máximo da educação de adultos em Portugal. Não sei, se era por ser ministro o Roberto Carneiro, se era por ser o ano internacional de alfabetização, mas, esse foi um ano espetacular. Achei eu, aquele ano foi o expoente. E, esse senhor o Manuel Carvalho, já falecido, foi um espetáculo de pessoa, a Câmara estava, outra vez, aberta para a educação de adultos [**Isso foi em que ano?**] Foi para aí em 1989, já não me lembro bem, mas, posso dizer-te porque tenho registos desse tempo, das eleições, eu guardo sempre isso, das campanhas autárquicas, eu ainda continuo a votar em Alcoutim (...) sabes, é uma coisa engraçada, eu vou a Alcoutim com regularidade, as pessoas fazem uma festa, sinto que gostam de mim, deixei lá tantos amigos, mas, eu em Alcoutim sou a Rosário de Faro, ou então Rosário do Alfredo, e agora que estou cá, sou a Rosário de Alcoutim. Portanto, as pessoas confundem, eu, no entanto, nasci na Fuzeta, portanto não sou de Faro nem de Alcoutim, isto é giríssimo. Mas, quando vou lá, ou quando falam de mim, dizem, a “ Rosário, a professora lá de Faro, ou então, a Rosário do Alfredo” porque, do meu tempo, há uma outra Rosário, a Rosarinho, que é a mulher do João Manuel. Essa é outra (...) o técnico da Segurança Social, era o João Manuel, que foi, durante 4 ou 5 vezes, candidato das autárquicas, da CDU, que era uma das pessoas convidadas, para, naquelas ações realizadas nos montes, dar informações sobre as reformas, as pensões, que eram os problemas reais das pessoas, destas populações envelhecidas. O João Manuel estava entre aqueles

técnicos que eram convidados para as nossas ações. Ainda bem que não havia lá partido popular monárquico, senão estávamos “lixados” (risos). Mas, se tivesse que convidar e fosse importante convidava, não tinha problemas, o pior é que tinha sido logo banida de lá (risos). Aquele tempo foi uma coisa espetacular, foram os melhores tempos da minha vida (...) **[Ficaste em Alcoutim até?]** Fiquei lá, como coordenadora mais 4 anos. Depois, a Manuela Mota entrou como coordenadora, porque eu tive a minha segunda filha, a bebé mamava, tinha mais um filho, agora já eram dois, mas o problema maior era a bebé, já não podia ir aos cursos à noite, porque a menina estava a ser amamentada e mamou até aos dois anos e não dava, assim não dava. Portanto, em 1992, com o nascimento da minha filha deixei de ser coordenadora concelhia e continuei a trabalhar em educação de adultos, já não podia fazer a coordenação e deslocar-me no concelho. Porque, como coordenadora concelhia eu tinha que ter uma disponibilidade quase total, muito mais nocturna que durante o dia. Eu não era prejudicada, eu era paga, recebíamos ajudas de custo para as deslocações, preenchíamos os formulários, aquilo não se recebia logo, mas nunca me senti lesada, porque pagavam tarde, mas pagavam. E, a pessoa era paga ao Km que fazia. Portanto não foi por aí. Quem passou a fazer esse trabalho foi a Manuela Mota, uma professora do 1º ciclo que vem atrás do namorado, são as tais histórias de vida de cada um, vem lá de Esposende, atrás do namorado que ficou colocado no 2º ciclo da escola básica integrada de Alcoutim e, ela, como não tinha colocação no 1º ciclo, concorreu naquelas propostas de escola para dar francês ou português, já não me lembro. A escola básica integrada de Alcoutim, nos primeiros anos, funcionou muito com base nessas propostas de escola. Não havia muitos professores a concorrer para Alcoutim. Entretanto essa colega tinha vindo de Esposende, sem colocação, e ficou ali a dar francês, acho eu. Ora, no segundo ano de ela lá estar fui eu a convidá-la a ela, porque a conhecia de lá, porque ela trabalhava lá e (...) o pessoal, os professores que antes era um grupo quase inexistente no concelho, depois, com a escola básica integrada já éramos mais, todos nos conhecíamos e começámos a dar-nos, a fazer convívios, jantares, a reunirmo-nos ao fim de semana. Era aquela vontade de ajudar, aquela solidariedade entre todos, porque a maioria daqueles professores estava longe de casa. Conhecia-a, entretanto o meu filho inicia a escolaridade, isto foi assim tudo uma sucessão de acontecimentos, depois, convidamo-la, ela, depois, também começou a dar aulas de acumulação no 2º ciclo, quando se lançou o 2º ciclo (...) eu tinha feito a iniciação do 1º ciclo em Alcoutim,

houve a continuidade da professora Suzel Gaspar que, também, foi nossa monitora de alfabetização em regime de acumulação, porque, quando houve a implementação da escola básica integrada em Alcoutim aquilo inseria o 1º ciclo, ela era a representante e era a vogal do conselho diretivo, e essa colega, depois, de noite começou a dar alfabetização, na minha vez, porque naquele primeiro ano, foi impossível para mim, tina a bebé. Depois, então, ficou a Manuela Mota que é convidada para a educação de adultos, quando a Manuela Mota fica como coordenadora, sou eu que é convidada para trabalhar em regime de acumulação e uma coisa, à parte da educação de adultos, foi que o Instituto de Emprego e Formação Profissional, quando saiu de lá a coordenadora que eles tinham lá em Vila Real de Stº António, convidaram-me a mim e eu ainda fui, também, coordenadora dos cursos do IIEFP, com base neste meu currículo. Era coordenadora do IIEFP e coordenadora concelhia de educação de adultos. **[Quando entrou a Manuela Mota...]** Quando entrou a Manuela Mota para a coordenação, eu tinha voltado ao 1º ciclo, dava aulas de dia e ela convidou-me para o curso de alfabetização à noite, voltei de novo a ser “bolseira”, só que agora já não se chamava assim, já não ganhava uma bolsa de 10 contos, mas ganhava mais, porque estava em regime de acumulação. **[Agora já havia analfabetos em Alcoutim]** Sim, sim, essa fase foi logo no princípio porque depois começou a haver sempre alunos nos cursos e depois também vinham doutros montes, Álamos, Guerreiros do Rio, Laranjeiro, Cortes da Dona (...), alguns vinham de mota. Mas esses montes sempre tiveram cursos de alfabetização, no tempo do PIDR. Eu quando era coordenadora concelhia fazia aqueles mapas e depois punha aqueles pinos às cores, aquilo dava um ponteadado, dava uma mancha da afluência dos cursos de alfabetização, dos socioeducativos, das bibliotecas populares. Incrível, foi um concelho cheio de formação da educação de adultos. Houve também a 2ª fase com os cursos de 2º ciclo que tinham uma via profissionalizante, Dactilografia nessas alturas era muito procurado, ainda não havia os computadores, saber escrever à máquina podia ajudar a arranjar emprego a alguns daqueles jovens, Corte e costura para ajudar na economia doméstica, Cestaria e Bordados sempre houve, artesanato, Olaria, Tecelagem, já não me lembro se havia mais alguma coisa (...) Mas, tudo isso acabou. Eu acho uma pena, eu acho uma pena a educação, qualquer que ela que seja, ser um parente pobre de qualquer orçamento e estarmos sempre a depender da misericórdia e da boa vontade de uma autarquia, do poder político, dependente das sensibilidades e depois, ninguém dá aquilo que não

tem. Se as pessoas que mandam, que estão no poder, não tiverem sensibilidade para os problemas reais e para levarem as coisas para frente, cria-se ali uns maus ambientes e uns vazios, umas inércias que não vale a pena, são uns a tentar fazer as coisas e os outros nada, quase não mexem uma palha. Depois, ouvi-se na televisão falar de formação, a escola para todos, lançam-se aqueles programas do PEP não sei das quantas, mas, depois, tudo depende de boas vontades (...) ele houve o PIPS que era um programa de alimentação, de apoio alimentar aos alunos mais carenciados, por causa da fome, e eu participei como voluntária. Alcoutim era o único concelho que não tinha coordenadora, que não tinha uma professora destacada para o Projeto, eu, para além do meu tempo de trabalho, participava nas reuniões, fazia a divulgação do projeto depois junto dos conselhos escolares que havia antigamente, fazia a promoção disso e, eu, participei como voluntária, pediram-me e eu participei. Fazia o levantamento das crianças carenciadas e depois fazia a distribuição de alimentos, havia a fruta, havia as sandes, mas, mesmo isto dependia sempre da boa vontade da autarquia. Eh pá! Eu acho que isto é inadmissível e eu sentia e continuo a pensar, é uma vergonha, uma vergonha, porque só houve e só há esta taxa de analfabetismo, porque continua a não se apostar na alfabetização, tanto que, por exemplo este ano, ali na Penha, na minha escola, já não há cursos de alfabetização, quando antes, havia duas a três turmas com gente inscrita. Não há pessoas para trabalhar, funcionários, para manter a escola aberta de noite, para limpar, foram reduzidas as tarefeiras, já não há os tais Pocs, programas ocupacionais para as pessoas que estão desempregadas que ganhavam para ali um valor, um subsídio de alimentação, até me dá vergonha estar a dizer isto, parece que não valorizo o pouco que as pessoas ganham, mas, o que tenho vergonha é de na minha escola não haver alfabetização quando sei que ainda há pessoas analfabetas aqui no bairro. Os ciganos que estavam aqui inscritos, estarão todos alfabetizados? É para se poupar, agora. Mas, também, não concordo que se faça alfabetização, que se abra cursos, para a “mama” do rendimento mínimo. A filosofia de alguns que conheço é “Inscrevo-me no curso se alguém me pagar”, “A gente não paga porque o orçamento é reduzido”, “Então, não vou” (...). **[Estás a falar da Escola da Penha, quando vieste de Alcoutim fostes aqui colocada?]** Sim, foi. O primeiro sítio onde fiquei colocada foi na Escola da Penha. A minha permanência no concelho de Alcoutim foi 10 anos. Em 1996 concorri para Faro e fui aqui colocada. Quem é que eu reencontro? O Florival, o coordenador concelhio de Faro, o nosso amigo Florival que foi coordenador

concelhio de Faro aí uns quinze anos, ou mais, até se reformar. Fez uma festa quando me viu, nessa altura, já não havia quase verbas nenhuma para a educação de adultos, mas, havia alfabetização ainda e foi logo convidar-me. Disse que ia pensar e logo dizia alguma coisa, mas ele, dias depois aparece-me com a proposta para eu assinar e eu assinei. Lá voltei à educação de adultos, em regime de acumulação, depois, havia possibilidade de vários cursos no concelho de Faro, só que ele, como o curso do Montenegro era aquele que tinha mais pessoas e a Junta de Freguesia, cá estão o poder político, o poder autárquico interessado nestas coisas da alfabetização, a Junta de Freguesia do Montenegro, recém criada, estava muito interessada em apostar no apoio às pessoas, às populações, no criar melhores condições, e tinha sido uma das necessidades identificadas, tinha sido a alfabetização. O Florival pediu-me para ser eu a pegar nesse curso. Eu não sou mais benemérita nem menos benemérita que os outros, mas compreendi o propósito do Florival, pois era muito fácil para mim era ali para S.Luís, que era na cidade, mas, ele pediu-me para ir para o Montenegro. E, eu fui para o Montenegro. Foi assim, estive lá ainda uns três anos. Só deixei a educação de adultos e o curso de alfabetização morreu, quando vim aqui para a ESE, fazer os Complementos de Formação em Educação de Adultos e Desenvolvimento Comunitário, porque as aulas eram em regime pós-laboral e à mesma hora que o curso de alfabetização, foi só por isso que eu deixei. **[Hum...]** Aquele Curso de Complementos parece que surgiu assim mesmo a propósito (...) enquanto, que as minhas colegas e muito bem, vinham, porque era aquele curso que abria naquele ano e era o curso que nos permitia a subida de escalão, o que soube que nem ginjas, né?, soube muito bem, a mim calhou-me ainda melhor por ser, precisamente, a área em que eu parece que tenho mais formação (...) que eu, entretanto, nestes anos fiz muita formação, com vocês na Coordenação Distrital, eu fiz todas formações que houve em Vale da Telha, todas as que houve aqui em Faro, em Albufeira, fiz” seminários organizados por outras instituições, “ia a todas” fiz as visitas aos outros PIDRs, “ ao nível nacional, havia encontros a nível nacional, havia ações de formação com gente de outros projetos, de outras regiões do país, aí havia uma troca, havia uma rede, uma rede de parcerias incrível, trabalhávamos em rede, trabalhávamos em equipas, havia uma partilha de materiais, havia um ambiente espetacular. Tu lembras-te duma passagem de modelos feita em Alcoutim, lembras-te o sucesso que aquilo fez, foi espetacular, foi uma coisa tão falada, com a participação de pessoas dos cursos de corte e costura (...) então e as exposições de artesanato? Lembra-te que a “nossa”

educação de adultos é que deu origem à feira de artesanato de Alcoutim, o Amaral e o filho do João Dias, o filho do falecido Dr. João Dias, foram os pioneiros da feira de artesanato de Alcoutim e essa feira de artesanato, a primeira contou muito com a “vossa” colaboração, aqui foi envolvida a coordenação concelhia e a coordenação distrital, vocês vieram lá de Faro ajudar a organizar a feira. A Manuela Chaves lá de Faro, veio para cá ajudar a montar os expositores. A Manuela tinha um saber imenso na área do artesanato, lembra-te, e depois conhecia muito bem os artesãos do concelho, ela já tinha feito um levantamento de todos os artesãos do nordeste algarvio, já tinha visitado a maioria deles, conhecia-os. E foi assim, durante as primeiras feiras de artesanato, aquilo era uma colaboração que a educação de adultos, a coordenação distrital dava. Agora a feira de artesanato de Alcoutim, é uma coisa já grande, é dinamizada por uma Associação de Desenvolvimento Local, a Alcance e por um grupo de pessoas que formaram uma Associação que é a Moira, salvo erro (...) ah, tenho outra coisa para te dizer, tu lembra-te do meu trabalho, do trabalho do meu grupo, nos Complementos de Formação, que fizemos sobre os Balurcos? Na vontade que as pessoas tinham de abrir, de ter um núcleo, um grupo de solidariedade social, pois é, fizemos um trabalho sobre isso, entrevistámos as pessoas, fomos lá umas quantas vezes, pois é, essa Associação está formada. A tal senhora que nos deu as principais entrevistas, os principais dados do nosso trabalho, conseguiu formar uma associação, A Associação de Solidariedade Social dos Balurcos (...) agora vão implementar o Lar e vão ter educadores sociais. **[Porquê o trabalho sobre Balurcos?]** Eu sabia que havia esse interesse por parte de pessoas de Balurcos e já que tinha de fazer um trabalho de investigação, achei que era giro fazer sobre Balurcos. Depois conheci aquela senhora que é do concelho mas viveu sempre em Lisboa, trabalhou lá num Ministério, quando se reformou veio viver para Balurcos, veio para a terra que é o que muitos fazem, e ela, quando chegou viu que os vizinhos, o pai e a mãe que ainda eram vivos, tudo pessoas idosas, e que não havia (...) há aquela valência em Alcoutim, há aquele em Martinlongo que é gerido pela igreja, é gerido lá pelo padre, e, depois, há um centro de dia, no Pereiro, um centro de dia em Giões, e não há mais nada, haver um centro de dia, distribuir alimentação, ajudar na limpeza da casa, há muito pouco, num concelho tão envelhecido como Alcoutim, **[Encontras alguma relação entre essas iniciativas e o trabalho realizado pela educação de adultos?]** Se encontro (...), há relação sim senhor, tenho a certeza absoluta, a certeza absoluta, foi a dinamização que fizemos na serra, tirámos as

peessoas de casa, elas saíram do casulo, aprenderam coisas novas, fizemos tantas ações lá que as pessoas habituaram-se a ter coisas novas, a ter necessidade de novas formas de sociabilização, a conhecer novas valências, sentiram-se mais “protegidos”, a ter mais atenção, eu acho que sim. Agora as pessoas estão mais acessíveis, aderem melhor às coisas e saber que é melhor haver um centro de dia, haver uma associação do que não haver nada, as pessoas agora dão muito mais importância a estas coisas, a valorizar a cultura das pessoas. Agora valoriza-se muito mais a cultura, então essa senhora foi convidada pela Teresinha “n” vezes para dizer poesia e hoje já tem vários livros publicados. **[Qual senhora?]** Essa senhora que veio para Balurcos quando se reformou, ela veio ainda no tempo da Teresinha, a Teresinha já a conhecia. Essa senhora é uma pessoa culta mas também ia às ações de educação de adultos que se organizavam em Balurcos. Essa senhora era uma poetisa popular que dizia três ou quatro quadras daquelas que, tu sabes que alguns de nós fazemos assim na brincadeira, tomou-lhe o gosto e começou a compilar tudo aquilo que escrevia e já tem vários livros lançados, mas, vários, isto é resultado de toda aquela dinamização, aquilo criou-se ali um dinamismo, criou-se ali uma força (...) **[Achas que o PIDR teve alguma influência?]** Acho, eu acho, eu que até não acredito muito em certos programas que há por aí, neste, acho que foi muito bom, para já, é importante haver dinheiro e com o PIDR, havia mais financiamento, depois também as instituições estavam mais disponíveis para colaborar, eu sei que tivemos aquele problema com o Manuel Cavaco, mas também sei que ele ia a Faro, às reuniões do PIDR e que ele, lá, dizia que apoiava muito a educação de adultos. Como PIDR era diferente, até o tipo de trabalho que a gente fazia. Para já, da Coordenação Distrital estava mais atenta ao que a gente fazia do que os outros colegas das outras coordenações concelhias, acho que havia mais acompanhamento. Também acho que nós íamos a mais formações do que “eles”. Eh pá! Era diferente. Também havia, como há pouco disse, maior relação com os colegas de outras regiões que tinham projeto integrado e também aprendíamos muito nessas visitas. E calhar também foi o PIDR que deu para revitalizar aquela zona e para projectar mais a educação de adultos, antes quem é que falava em educação de adultos. Depois, esta educação de adultos e este apoio deste projeto foi um motor enorme para estas novas associações que se criaram e para esta vida que as pessoas agora têm, o valorizar o saber, as formações (...) começou a falar-se mais em formação, as pessoas agora dizem mais “agora vou fazer uma formação, vou fazer uma formação...”, isto surgiu aqui, surgiu com a educação de

adultos e mesmo, e mesmo, eu só vejo a Alcance surgir (...) e a In loco a surgir com aquele senhor, que é uma excelente pessoa, que é um excelente teorizador sobre estas matérias, o Alberto de Melo, teve muito valor no trabalho que fizeram, mas eu acho que isto tudo vem da educação de adultos, aliás era a RADIAL que estava a colaborar com a educação de adultos, no princípio, não era a In Loco, que vem depois. E a RADIAL desenvolveu aqueles projetos, como os bonecos de Juta em Martinlongo, porque tinha a educação de adultos como parceira. Como é que a RADIAL chegou junto das pessoas? Quem é que lhe facilitou o contacto? Foi a Teresinha, foi a Vitória, foste tu? Depois é que começaram a conhecer as pessoas, a conhecer o meio e depois já puderam “dispensar” a educação de adultos. Tu sabes que é assim, sabes que isto é verdade. Eu sei isto, não só porque estava lá no nordeste, sabia o que se passava, mas também por aquilo que eu também estudo, ou que estudei, não é? Até nisto os Complementos de Formação foram importantes porque teorizei também muita coisa, li muito e percebi melhor as coisas. Há trabalhos publicados, por exemplo, uma investigadora que é a Cristiana Bastos que publicou aquele livro sobre os “Montes Algarvios” que é um Estudo dela, ela andou lá (...) tem havido pessoas que fazem trabalhos sobre a interioridade do nordeste algarvio, sobre a desertificação e toda a gente chega, se quiserem ser honestos, têm de chegar à educação de adultos, ao papel da educação de adultos. Agora que a memória é curta é, não há nada escrito, não há registos, eu, por exemplo, tenho as minhas formaçõezinhas todas, eh pá! Não se fala nisto, quando eu fiz os Complementos de Formação aqui, até é engraçado, tu, às vezes falavas da educação de adultos e parecias que estavas a pavonear-te com o que se tinha feito no nordeste, mas era verdade, era tudo verdade, não te estavas a pavonear, estavas a contar o que aconteceu na realidade, só que, o que tu fizeste, o que a equipa da Distrital fez, o que os concelhios fizeram não está em nenhum compêndio, não está em nenhum manual nem em nenhuma biblioteca, ninguém irá ler o que lá se passou, em lugar nenhum. Já reparaste nisso? Aqueles anos e anos de trabalho, aquilo não está valorizado, aquilo não está registado, nada, eu tenho imensas fotografias daquele tempo, daquilo que foi feito, eu tenho registo das ações de formação a que fui. Eu tenho um currículo até 1996 como nenhuma das minhas colegas tem, que não é valorizado, que não serve para subida de escalão, que não serve para nada. Mas eu tenho e tenho muito orgulho naquele currículo, sobretudo, as minha experiências em Alcoutim (...) o tempo que lá vivi, que foi espetacular, saudades que tenho desse tempo (...) **[Continuas a ir a**

Alcoutim?] Sim continuo, já vim de lá há 14 anos, mas continuo a lá ir, vou alguns fins de semana, nem todos, vou às festas de aniversário da “malta” amiga, dos familiares, vou de férias, passo lá sempre parte das férias Tenho lá a família do Alfredo, ainda. Tenho muitos amigos lá. Já tenho ido para lá e não fico na casa do meu sogro, por exemplo porque alguém me convida se há uma matança de porco, ou porque há isto ou porque há aquilo. Nas matanças de porco, gosto de lavar as tripas, de fazer chouriças, eu já sou uma expert na matéria (risos). [**Quando lá vais e falas com as pessoas sentes que ficou alguma semente do trabalho da educação de adultos?]** Sim, sim, como antes te disse, as pessoas podem ter memória curta em relação à educação de adultos, mas não muitas pessoas de Alcoutim, não esqueceram, não, apesar de não haver ações como havia no nosso tempo, de não haver os cursos que havia, ainda continuam a haver algumas atividades do mesmo género, o Amaral, o presidente da Câmara, falamos muito disto, da educação de adultos, ele até achou giríssimo eu fazer aquela formação dos Complementos de Formação, ele apoiou-me imenso, é meu padrinho, né?, e a gente fala muito, achou muito giro “Tu estás nessa área ainda e estás a fazer um curso, mas que bom, nunca pensei que a universidade do Algarve fizesse cursos sobre esta área”. E perguntava-me imensas coisas sobre como é que era e o que era, porque ele continuou a fazer muitas das coisas que nós fazíamos, e não foi só na sede de freguesia, em Alcoutim, ele não esqueceu os montes, ele fez renascer alguns montes, assim como nós fizemos coma alfabetização que serviu para dar vida aos montes, ele tem feito também alguma coisa nos montes, olha, criou pequenos museus locais nalgumas escolas primárias que foram desativadas, recuperou o espaço, fez o museu do professor que é em St^a Justa, tem lá várias publicações, fez o museu da arqueologia, fez o museu da espeleologia, até tem o museu daqueles que serviram a pátria nas ex-colónias, ele tem, vai arranjando várias temáticas para revitalizar alguns núcleos. Eu acho o trabalho dele muito meritório e acho que ele aprendeu muito com a educação de adultos, com o trabalho que nós fizemos, ele é uma pessoa muito humilde. Eu acho que ele tem feito muito por Alcoutim e admiro-o muito, não é por ele ser do PSD que eu até nem sou do PSD, isso da política não tem nada a ver, mas, ele não tem memória curta, ao contrário de muitos, ele gosta de aprender, é recetivo a novas ideias (...) uma coisa que não sei se tu te lembras, a zona agrária de Alcoutim também estava com projetos financiados pela Comunidade Económica e eu, acho que, no último ano em que estive como coordenadora concelhia, trabalhámos em

parceria. Não havia ação nenhuma feita em nenhum monte sobre agricultura em que a educação de adultos não entrasse. Quando eles faziam as palestras sobre novas técnicas, sobre novos produtos, sobre novas empresas, como lançar uma cooperativa, eles convidavam-nos sempre. Nós ajudámos os agricultores nos protocolos das cooperativas, a preencher formulários, a concorrer a apoios, a perceber as coisas, nas assinaturas, acho que foi raro o agricultor que deixou o “dedo” no lugar da assinatura, na constituição de alguma cooperativa, nos documentos, todos deixaram a sua própria assinatura. Esses agricultores tinham sido os nossos alunos e havia alguns, havia algumas regras que para poderem (...) tinham que ter frequência (...) não me lembro bem da regra, mas havia ali qualquer coisa (...). Uma vez, estive lá, na zona agrária de Alcoutim, um Diretor Regional, lá na zona agrária de Alcoutim, um diretor que era uma pessoa muito dinâmica (...) Recebemos lá, algumas vezes, com o ministro da Agricultura, depois foi aqui Diretor da Agricultura, aqui no Patacão, em que fazíamos ações, montávamos exposições, mostrávamos o artesanato. Quando “eles” iam para lá, a gente mostrava tudo aquilo que tinha para divulgar, tudo o que fazíamos, só assim é que a gente podia (...) os cestos, as mantas, os alforjes, as, (...) aquelas rendas que elas faziam, as meias que elas faziam com as cinco agulhas que nós também revitalizámos, isso voltou tudo a ser moda, voltou tudo a ser moda. Eu não tenho bem a certeza, mas, eu acho que após tudo isto, após estas ideias pioneiras, esta vontade de fazer coisas, surgiu o primeiro rancho folclórico de Martinlongo, constituído na maioria por bolseiras nossas que tiveram essa iniciativa, aquelas moças todas, moças muito ativas que havia (...) e muitas das nossas bolseiras tiveram um papel tão preponderante, depois, como “peso” social, isto é tudo muito relativo, mas isto foi importante para as populações, que agora estão em órgãos autárquicos, juntas de freguesia, associações de desenvolvimento local, nessas cooperativas que têm surgido aquilo dos “Perfumes”, das “Ervas Aromáticas”, outras foram trabalhar nos projetos da In Loco, então, todas as bolseiras com formação (...) então quem foi a nossa principal bolseira a nível logístico, tu não te lembras? A Josélia, a Josélia de St^a Justa, que hoje é a secretária particular do Dr. Amaral, essa Josélia saiu da coordenação concelhia, onde era bolseira, e foi para secretária do presidente da autarquia. Entretanto a Josélia, resolver continuar a estudar de noite, isto o “bichinho também lá ficou”, fez o 12^o ano à noite em Vila Real de St^o António. A rapariga continuou a estudar de noite, entrou na universidade em Beja, é licenciada, hoje, e não sei se já fez mestrado ou

não. A Josélia é o braço direito daquela autarquia. Isto não é engraçado? A educação de adultos mudou a vida de muita gente desta, destes jovens que não tinham nada para fazer, continuar a estudar na altura não continuavam, sair das casa dos pais também não era muito provável naquele tempo e com a idade que tinham, ser bolseiro foi uma saída, aquelas bolseiras mantiveram-se sempre nos cursos, enquanto aquilo durou, elas aguentaram-se lá. Depois, acabaram por ficar cá, a viver no concelho, organizaram cá a vida delas. (...) [A **Teresinha referiu que houve casamentos entre bolseiros**] Casamentos, pois houve, ora os que eu me lembro que se casaram foi a Manuela e o Zé António, um do Laborato outro dos Castelhanos, e, dois das Cortes Pereiras que é um monte que resulta de um aglomerado de sete montes mais pequenos, os sete juntos formam as Cortes Pereiras, aí tinhas o Antonico e a rapariga, a mulher dele que também se casaram, ela foi bolseira, atualmente, são ambos funcionários da Câmara. A Câmara ainda deu emprego a uns quantos bolseiros e outros continuam cá, no Lar, nas associações (...) então, um que havia no Balurcos, o Zé Manuel é o presidente da Associação Alcance, é da Moira, também pertence ao tal Centro de Solidariedade Social de Balurcos e mais não sei quê, é uma pessoa muito ativa no concelho (...). [E a **mulher dele também foi bolseira...**] Exatamente, a mulher dele foi nossa bolseira no Torneiro. Agora é cozinheira, ela deu aqueles nossos cursos de cozinha, ela é funcionária na Escola Básica de Alcoutim. É a cozinheira chefe, acho que sim. Foram tantos os bolseiros que nós tivemos, porque não era só alfabetização, apesar de ser a alfabetização o nosso principal desafio. Ensinar aquelas pessoas, aqueles idosos, com os dedos marcados pelo mato como eu apanhei nas Cortes da Seda, pessoas, os dedos eram tão grossos que nem conseguiam pegar no lápis, só tinham trabalhado com o mato, o trabalho deles era apanhar mato, estava, anos inteiros dobrados, até tinham aquelas doenças características da “coluna quebrada”, depois, chegavam à noite ao curso, aqueles dedos grossos, grossos, que até dava aflição, aqueles dedos ásperos que nunca tinham pegado em lápis. Joca, tu lembras-te daqueles lápis de carpinteiros triangulares? (...), lembrámo-nos disso, e porquê os lápis de carpinteiros, porque eram grandes, feitos de madeira seca e assim eles conseguiam segurar. Quer dizer, isto é coisas que dão-nos uma sensibilidade na vida, né? Uma pessoa dar um lápis da “Minie “ou do “Pateta” a um idoso daqueles, quer dizer, é como estar a ensinar um idoso o piu piu pia. Isto é ridículo, ridículo. Isto é imbecilizar a pessoa, a educação, tudo. E, até estes pormenores dos materiais tinha que ser tudo de ser pensado. Tudo

isto foi uma aprendizagem de vida muito importante. **[Essas reuniões com os bolsiros tinham que periodicidade?]** Todos os meses, duas vezes, era de quinze em quinze dias. Nas nossas reuniões tudo isto era discutido (...) Reuníamos na coordenação concelhia que era lá no Centro de Dia de Alcoutim. Aquele grupo de bolsieras era espetacular, quando as conheci achei que era um grupo fantástico, não sei como é que este grupo apareceu, parece que forma escolhidas a dedo. Mas, isso foi trabalho da Teresinha, como ela as cativou e as “formou” não sei. Só as conheci quando comecei a trabalhar na coordenação concelhia, mas acho que a Teresinha seguiu indicações de pessoas do meio, ela aconselhou-se, com quem, não sei. Segundo sei, em cada monte a Teresinha perguntava se eles conheciam, se eles indicavam alguém (...) eu acho que foi assim. Agora o que realmente sei é que foi muita sorte porque elas eram todas muito boas, eram espetaculares e depois eram muito amigas, havia ali muita amizade e também muito boa disposição, muita juventude. Nas vistas de estudo, aquilo era uma festa, aquela confraternização, aquelas raparigas, aqueles rapazes, o que eles se divertiam e divertiam as pessoas com as suas brincadeiras, com a sua alegria. Mas, não era só nas saídas em conjunto, quando havia saraus, convívios, sessões temáticas, geralmente convidavam-se outros montes e lá iam as pessoas e as bolsieras as acompanhar, até mesmo quando faziam visitas às bibliotecas de pequena comunidade. Lembras-te quando transferimos a biblioteca de pequena comunidade de Balurcos para O Lar de Alcoutim. Aí ficou uma biblioteca muito jeitosa. Depois té tivemos lá uma bolsiera. A Josélia era a melhor que tínhamos nas bibliotecas, era o melhor que havia em bibliotecas, ela fez cursos em Beja, cursos de animação de bibliotecas, depois, tivemos uma outra em Alcoutim que é a Olga, que é tua colega agora aqui, a Olga Ludovico, espetacular, ela inventariou os livros todos, organizou sessões, vê lá que os velhotes requisitavam livros e faziam as fichas de requisição. Bem, aquilo foi um espetáculo. Ainda hoje quando nos encontramos falamos daquele tempo, “eh pá, lembras-te?”, tal como eu, muitas vezes, recordo daquele tempo com o Amaral, quando encontro aquelas bolsiera, ficamos; às vezes, para ali a recordar esses bons tempos. Aquilo passou a fazer parte da vida, do passado de cada uma daquelas bolsieras. Aquilo não foi algo que passou por elas assim sem mais nem menos, aquilo deixou muitas marcas. Mas, marcas boas. Tudo aquilo foi muito importante na vida do nordeste algarvio. E, depois, tínhamos aquelas reuniões distritais com os outros concelhos do PIDR, Tavira, Castro Marim (...) E, eu, participei em encontros nacionais, tinha outra

dimensão, e eles admiravam muito o nosso trabalho e ninguém tinha a qualidade das nossas bolseiras. Agora as raparigas foram contratadas pela Teresinha, para mim já vieram preparadas, já sabiam do ofício, elas também participavam das nossas formações, juntávamo-nos, vínhamos, no carro, uma das outras. Portanto, elas interessaram-se sempre em continuar. Viviam para aquilo. Mas o que mais me impressionava nas reuniões era o interesse em aprender. O problema era as moças, as bolseiras, que não tinham carro e tinham que ser transportadas pela autarquia, senão como é que elas vinham? O que valia era que a autarquia arranjava sempre forma de as trazer e de as ir levar a casa. Naquela altura pouca gente tinha carro, então, eu, quando tirei a carta em Alcoutim, eu digo isto a brincar, mas é verdade, eu não sei estacionar entre dois carros, nunca aprendi, eu não precisava de fazer manobras para estacionar, lá não havia uma passadeira, não havia um semáforo, não havia um sinal de stop, havia sempre lugares à vontade para estacionar, tu sabes bem disso, ias sempre no teu carro a Alcoutim. Lembras-te, ainda fomos alguns cursos no teu carro (...) Pois, só havia dois ou três carros em Alcoutim, tirando os carros da Câmara e dos Bombeiros. Se, naquela altura, nós não contássemos com o apoio da autarquia, nada teria sido feito como foi. Por isso é que quando tivemos aquele problema com o Manuel Cavaco, o boicote nos transportes, o boicote no papel, nas fotocópias, aquilo estava a tornar-se impossível, vá lá que tudo se resolveu (...) **[Quanto tempo durou o boicote da Câmara?]** Ainda durou aí um ano, foi duro, foi no último ano da Teresinha, entretanto surgiu o processo contra ele, foi inibido de exercer funções, entrou o outro senhor. Um senhor sem formação escolar, formal, e olha, também lá muito bruto nas suas convicções, um velho republicano socialista, ele era guarda fiscal reformado, com aqueles hábitos muito militares, muito rígido, mas olha, ia-nos dando rebocadas mas ia facilitando, aquilo nunca me doeu nada e o que eu queria é que a Câmara nos apoiasse. E foi isso que aconteceu, a Câmara acabou por nos deixar fazer tudo, apesar das bocas do Sr. Presidente Manuel Carvalho, estás a ver, uma coordenação concelhia tão importante que trabalhava nas caves de um Lar e que cada vez que queria telefonar para vocês “ Mandem-me uma resma de papel”, tinha que vir à autarquia, porque não podíamos telefonar lá do Centro, tinha que pedir licença para telefonar, depois, a telefonista marcava o número, trazia o telefone ali ao balcão na nossa frente e eu falava. Foi assim. **[Pela maneira como falas, vê-se que a educação de adultos te marcou]** Marcou e de que maneira, marcou-me para a vida toda, se não fosse a educação da adultos, a minha vida teria sido totalmente diferente,

não teria ficado tão ligada a Alcoutim, eu fiquei “apanhada” por Alcoutim por aquela gente boa e simples e não foi só ter casado com um filho da terra, foi ter vivido 10 anos a educação de adultos, e porque acho que ajudei aquelas pessoas, se alguma coisa mudou, se a educação de adultos serviu para mudar um pouco a vida das pessoas eu acho que fiz parte desse projeto. Aquela experiência mudou-me, esta educação e esta formação mudou-me completamente e, depois, outra coisa, o Complemento de Formação, também não o desvalorizo, acho que foi muito importante e veio mesmo (...) eu não sei se foi na altura certa, se ainda faria outro curso, neste momento, não tenho disponibilidade financeira para fazer um mestrado, não tenho, mas aquilo veio mesmo a calhar, aquilo foi mesmo bom, porque senão eu acho que tinha estagnado. Durante o tempo que estive na educação de adultos tive sempre formação, depois, vim para Faro e parou. Davas aulas de dia e alfabetização à noite. Nunca mais tive nenhuma ação de formação. Por isso é que eu dou tanta importância aos Complementos, foi a oportunidade de voltar a fazer formação. E, deu-me novamente alento para que hoje continue interessada e preocupada, mesmo naquelas áreas onde eu nunca tinha trabalhado como as questões ambientais, a globalização, como a biodiversidade e outras áreas que havia no curso. Os Complementos deram-me outra perspetiva, até a forma como foi abordada a própria educação de adultos, tu foste o meu professor, a maneira como interpretámos Paulo Freire, que com esta distância me permitiu vê-lo de outra maneira, ser capaz de perceber coisas que na altura, se calhar, não teria percebido ou que me teriam passado despercebidas, sei lá. Eu lembro-me de algumas aulas e digo, eh pá! Só uma pessoa que não queira aprender ou que não se sinta disponível para ter um bocadinho mais de conhecimento é que pode ficar insensível e não se preocupar em ir tentar aprender mais um pouco, em ir ler mais sobre Vygostky, e conhecer melhor a história da educação de adultos, a sua filosofia. Eh pá! Eu se calhar sou deficiente e falo e falo e digo nada, ficaram-me alguns gostos e eu penso, eu não posso perder de rumo esta filosofia (...) Não sei a opinião dos meus colegas, mas, para mim, aquele curso serviu para nos dar pistas, serviu para aumentar a nossa cultura geral, serviu para redescobrir Paulo Freire, já sabia alguma coisa de Paulo Freire mas desta vez fiquei a conhecer melhor as suas ideias (...) apesar, de sermos todas professoras do 1º ciclo, acho que muito do que aprendemos também se aplica ao nosso dia a dia (...)

[No teu caso, achas que a tua passagem pela educação de adultos te ajudou como professora do 1º ciclo?] Ajudou e muito a perceber melhor o ensino. Um

princípio básico em educação de adultos é fazer um bom diagnóstico, é conhecer bem as pessoas, os nossos educandos, conhecer bem o meio. Ora no 1º ciclo também deve ser assim e isso eu aprendi na educação de adultos. Por muito boa profissional que eu seja, se eu descurar a parte humana do meio de donde aquela criança vem eu nunca terei resultados com elas, só boas palavras e boas intenções não chegam. Eu tenho que saber cativar e ir ao encontro de todas (...) e mesmo a questão da família, o que é que me interessa a mim eu saber que a família se está marimbando para a educação dos filhos, porque não colabora nos trabalhos de casa, pois, se eu sei disso, de certeza, que não me serve de nada um plano de recuperação daquela criança e colocar lá “ A família deve, durante todos os dias, apoiar na realização das tarefas escolares”, pois, se, eu fizer uma boa ficha de caracterização daquele meio também verei que, se calhar, aquela família também precisaria de apoio em algumas áreas. Por isso, eu posso penalizar duplamente o meu aluno, porque a criança já é penalizada porque a família também não teve a base, a tal educação formal que é necessária, por isso eu preciso ter uma atitude positiva com a família, porque se eu me antagonizar com ela, quem perde é a criança. A educação de adultos deu-me esse poder de compreender melhor os pais dos meninos, eles são pessoas adultas e eu aprendi um pouco, ao longo daqueles anos, a compreender melhor as pessoas, a entender melhor as suas necessidades, as suas preocupações (...) eles disserem “ Eu também já fui assim”, as tais ideias preconcebidas que os pais dos nossos alunos levam, pois, se nós não atendemos a isso, não soubermos diversificar culturalmente as pessoas, isto não presta para nada, não estamos lá a fazer nada, estamos lá passar as 5 horas para ganhar os mil e quinhentos euros. É a pura das verdades, é a tal questão de “Ai é só estrangeiros vêm nos roubar o emprego e dada!, dada!,dada!, se o professor hoje em dia não se consciencializar que a sociedade é o tal mosaico de heterogeneidade cultural, se o professor disser que eles estão cá e que eles é que têm que aprender, eu é que sou portuguesa (...) não estamos aqui a fazer nada, estamos a espalhar mais as coisas. E se não quiserem compreender, isto não vai para a frente e as mentalidades não mudam, vamos continuar a fingir, a fazer de contas que somos bons professores, vamos fazer de contas, porque eu sou portuguesa, eles é que vêm para cá, eles é que têm que se acomodar e a pessoa não abre, não dá, não tem sensibilidade, o cigano cheira mal (...) e cheira, também eu cheiro ao fim do dia, mas eu mal ou bem pago 60 euros de água e tomo banho todos os dias e eles não, cheiram muito a mal, dá vômitos, mas eles são crianças, eles não podem ser penalizados

duplamente ou triplamente por mim, mas, cheiram muito a mal, é horrível e os ucranianos são demasiadamente exigentes com os meninos, vêm com aquela disciplina ainda militar dos tempos da união soviética, obrigam a regras muito rígidas, mas, se nós soubermos compreender a cultura deles. Por exemplo, agora, trabalhamos o 5 de Outubro, a implantação da república é obrigatório que as crianças conheçam os símbolos da nossa nação, certo? Ora custava alguma coisa no dia 6 de Outubro dizer assim “ Temos o Chen que é chinês, temos a Yulia que é ucraniana, temos a Oline que é Moldávia, vamos pesquisar as bandeiras dos países deles, vamos conhecer os símbolos regionais desses meninos, as bandeiras, os hinos deles” Quando dizemos isto as crianças riem-se muito e dizem “ Eu não sei...”, mas, estão a ouvir e percebem... Isto não é Paulo Freire? Acho que é. Por tudo isto eu acho que a educação de adultos me ajudou a eu poder ser um bocadinho melhor do que aquilo que seria se não tivesse tido a experiência que tive, não achas? Há colegas que dizem, devemos promover a sociabilização, ora isso é o que eu tenho feito toda a minha vida de professora e é uma obrigação que todos nós temos, porque senão isto não vale a pena (...) (...) [**Obrigado Rosário**]

Entrevista 3

Entrevistada: Etelvina Inácio

Hora: 15,30 h

Local: Escola EB 1 de S. Brás de Alportel

[Etelvina, Fala sobre a tua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, até deixar a educação de adultos. Podes levar o tempo que quiser e fala de tudo o que achares importante]

R: Uma das coisas que eu achei mais importante naquele tempo...naquele trabalho no nordeste algarvio e estamos a falar de há 25 anos atrás foi, e eu posso fazer essa comparação porque uma parte do concelho de Tavira, estava dentro do projeto integrado de desenvolvimento regional do nordeste algarvio e a outra parte não, portanto, a única parte do concelho de Tavira que estava no Projeto era a freguesia de Cachopo e nós tínhamos muitos cursos de alfabetização, mas se compararmos as duas realidades, a que estava integrada no Projeto e a que não estava, o trabalho foi completamente diferente, porque no outro lado que não estava no Projeto Integrado o nosso trabalho resumia-se só aos cursos de alfabetização e a orientar pedagogicamente os monitores, enquanto em Cachopo só aí nós tínhamos 5 ou 6 cursos de alfabetização, para além disso, com as parcerias, com a In Loco, com a Agricultura, com a Saúde e, sobretudo, de muito perto com a Junta de Freguesia que foi o grande motor deste trabalho, porque as pessoas “olhavam” muito bem para o presidente da Junta. E isso era muito importante, as parcerias com a In Loco e com a autarquia local fez com que nós vivêssemos uma experiência do melhor que se possa imaginar que foi o renascimento, por exemplo, da tecelagem que depois deu origem a uma oficina de tecedeiras onde se faziam mantas, panos, cortinados, os sacos de pão, os naperons, quando se deu a recuperação dos teares, lembro-me muito bem desse tempo (...) pronto recuperar todo o processo, o linho, a forma como se plantava, o ciclo do linho até chegar ao tear, a forma como se tingia e depois fazer “daquilo” uma Oficina, as próprias mulheres que trabalhavam lá eram o motor quer como trabalhadoras quer como empresárias. Para mim, ter vivido de perto tudo isto foi para mim uma experiência fabulosa que ainda hoje recordo com alguma saudade (...) ver aquelas mulheres a trabalhar naqueles teares e as horas que passei conversando com elas. Tenho saudades desse tempo **[E o teu papel?..]** Acho que tive um papel

importante como coordenadora concelhia, porque nas primeiras reuniões eu é que fui falar com o presidente da Junta por causa do espaço e eu conhecia algumas das mulheres através dos cursos de alfabetização. Claro que em termos económicos e financeiros eu aí não fiz nada, eu era só coordenadora concelhia, acho que isso era mais com a coordenação distrital através do PIDR, mas a coordenação distrital também não deve ter ajudado, numa fase mais avançada quem acho que ajudou foi a In Loco, através de projetos de (de...) que eles tinham a nível internacional conseguiam ajudar a financiar este projeto das mulheres de Cachopo. O meu papel era diferente, eu tentava fazer a ligação entre as várias pessoas (...) pronto, o nosso trabalho em Cachopo já estava mais ou menos implementado quando este projeto, quando este projeto começou em força, foi fazer a ligação entre os agentes locais, as pessoas que nós já conhecíamos (...) isto passou muito, não pelas relações formais, mas pelas relações informais, as pessoas que nós já conhecíamos através dos nossos bolsiros nos cursos de alfabetização, quem seriam as pessoas que iriam querer aprender a trabalhar o linho, a querer aprender a tear, quem é que poderia estar interessado, lembro-me perfeitamente de falar isto com as monitoras de alfabetização para falarem nos cursos e saberem quem estaria interessado. Lembro-me muito bem de uma moça, a Salomé que fez parte do grupo da tecelagem, uma moça com muita força, prometia muito, era muito dinâmica, muito determinada, que estava perdida para lá no meio do monte das Mealhas que nem a luz lá chegava, ela foi uma pessoa muito importante para o grupo da tecelagem (...) e como é que chegámos a ela?, através de uma das nossas monitoras de alfabetização. O nosso trabalho como educação de adultos foi muito a partir daquilo que já tínhamos implementado, daquilo que já estava a ser feito, da articulação com a junta de freguesia e da vontade que tínhamos de fazer coisas, de mudar (...) A educação de adultos era isso, fazer coisas junto das pessoas, ajudar aquela gente, participar em projetos que servissem para dinamizar a freguesia e fazer com que as pessoas participassem. Antes da educação de adultos abrir os cursos de alfabetização não acontecia nada naquela freguesia e o que a junta de freguesia queria era que houvesse cursos que houvesse ações que animassem aquela gente que as tirasse de casa (...) acho que a educação de adultos fez isso e o que veio a acontecer depois (...) a In Loco e as atividades que aconteceram depois, só tiveram o sucesso que tiveram porque nós já tínhamos feito o trabalho inicial e quem chegou depois, a In Loco, que até fez um bom trabalho, beneficiou do nosso trabalho, do conhecimento que tínhamos da freguesia, por isso é

que inicialmente lhes interessou trabalhar em parceria connosco (...) e acabaram por aproveitar também algumas das nossas monitoras de alfabetização. Através das monitoras nós tínhamos o conhecimento da freguesia e depois tínhamos muito boa relação com o presidente da Junta, eu sempre me dei muito bem com o sr José do Seixo, era um bom homem, muito estimado pela população (...) por muita gente, porque havia outros, de outra cor política que já não gostavam assim tanto dele mas isso é sempre assim (...) e depois também havia a Câmara de Tavira que também era PS e que sempre me apoiou muito, sobretudo, o vereador da cultura. Aliás se não fosse ele eu nem teria ido para Educação de Adultos [**Porquê?**] Porquê...porque eu encontrava o vereador da cultura da Câmara de Tavira todos os dias comboio, eu morava na Fuzeta e fui colocada na escola primária em Tavira e fazia aquele percurso e o vereador da cultura também vinha todos os dias no comboio para Tavira. Tínhamos andado juntos no liceu de Faro e um dia, estávamos a conversar e ele disse que ia abrir uma vaga para coordenadora concelhia de educação de adultos em Tavira, a ideia era começara apostar nos cursos de alfabetização a exemplo do que estava acontecer um pouco por todo o Algarve. Em Faro já havia a coordenação distrital, era o Francisco Zambujal o coordenador distrital (...) lembras-te dele? Olha, soube que ia ser inaugurado um mural na escola de S. Luís em Faro em memória do Zambujal e também li que ia haver um polivalente como nome dele. Acho bem (...) Mas, como tava (sic) dizendo, o vereador da cultura da Câmara de Tavira convidou-me se eu queria ir para educação de adultos em Tavira e eu (...) olha aceitei e fui, foi assim (risos). Pronto, foi assim (...) [**Isso foi em?**], Foi em 1983 (...) Eu não sabia nada de educação de adultos mas aceitei o convite porquê?, primeiro era novinha na profissão e tinha medo de ir para longe, esta é uma das primeiras razões, depois, primeiro disse-lhe que não, que não sabia nada de educação de adultos, mas ele disse-me que eu era uma pessoa decidida, que tinha qualidades para isso e que seria capaz de dar conta do recado, que tudo se aprende etc...e depois o Francisco Zambujal, nunca percebi como nem porquê, foi a Tavira, à minha escola e conseguiu convencer-me a aceitar o lugar de coordenadora concelhia, aliás, eu lembro-me que a candidatura para coordenadora concelhia esperou dois dias que eu me decidisse, portanto, o prazo da candidatura fechava dentro de poucos dias e eles aguardaram que eu me decidisse. Pronto, era um desafio eu sempre gostei de desafios e lá fui, fui a primeira coordenadora concelhia de educação de adultos em Tavira. Pronto, aquilo foi um trabalho a começar do zero, eu não sabia nada, não

sabia como se fazia, tive de aprender tudo por mim, na Coordenação Distrital também não ajudaram muito, eles também não sabiam, estava tudo muito no princípio (...) não sabia nada de educação de adultos, e de ensino também não sabia muito, tinha acabado o curso em 1979, nos anos seguintes andei a “tapar buracos”. Em 1983 eu ainda mal sabia o que era ser professora primária quanto mais de educação de adultos, foi um pouco partir pedra e aprender, aprender com os adultos, aprender com as pessoas com quem lidava, com as pessoas da Câmara, da Coordenação Distrital, com as minhas colegas coordenadoras concelhias, aprendia, aprendia com toda a gente. Foi uma das experiências de vida mais ricas de vida que eu tive, foram aprendizagens únicas (...) foi, foi uma aprendizagem, foi uma vivência riquíssima. Estive na educação de adultos até 1989. Foram seis anos muito bem passados, adorei a experiência, foi um dos melhores períodos da minha vida profissional, foram anos muito, muito interessantes, eu quando saí já tinha aquela noção de que já tinha feito tudo o que tinha a fazer em educação de adultos, que já tinha aprendido tudo o que tinha aprender, percebes, achei que aqueles seis anos me deram quase tudo o que tinha a aprender sobre educação de adultos e como as coisas estavam, muito pouco iria ganhar se continuasse...achei que era o momento de sair, foi muito por aí, (...) também, mudei de residência, deixei a Fuzeta e vim morar para S. Brás, mas não foi por isso, foi porque já não me sentia tão feliz na educação de adultos como nos anos anteriores. Foi mais por isso, tanto que quando vim morar aqui para S. Brás me ofereceram o lugar de coordenadora concelhia aqui de S. Brás e eu não aceitei, achava que era tempo de virar a página. Depois S. Brás era muito diferente de Tavira **[Porque?]**, Porque Tavira teve o PIDR, tinha Cachopo. Sabes, a experiência em Cachopo marcou-me muito, sabes o que é começar uma experiência em que muitas vezes chegas desanimado a casa, que tudo parece muito difícil. Depois tudo mudou, o trabalho começou a aparecer, as bolseiras, aquela gente da serra, as parcerias (...) olha, depois de tudo aquilo que eu já falei que era “mexer” com as coisas locais, de ajudar a lançar um projeto novo em Cachopo, uma das coisas em educação de adultos que eu gostei imenso foi o orientar, o ensinar a ensinar, porque ao ensinar a ensinar tu tens de te questionar o que é ensinar e isso era o que eu tinha de fazer, pensar o que era ensinar quer aos adultos quer aos próprios bolseiros que estavam à minha responsabilidade (...) e depois era muito giro ir aqueles cursos de alfabetização ver aqueles “velhotes” a aprender, a tentar fazer o nome e quando eles já sabiam fazer o nome era uma festa para eles, “Olhe, senhora

professora já sei fazer o meu nome”. Aquilo era qualquer coisa de fantástico, depois contactar ali com as pessoas, perceber o que era mais importante para elas, ali in loco, perceber como era importante para elas fazer o nome, aprenderem a escrever “umas palavrinhas”. Às vezes, ver a alegria das pessoas valia mais que tudo, mais que a experiência, mais do que o sacrifício de ir à noite a caminho de Cachopo, de correr aqueles montes, de fazer aquele caminho Tavira – Cachopo. Era ver a alegria na cara das pessoas, a satisfação que sentiam e isso era muito gratificante, só por isso valia a pena o nosso trabalho. Eram pessoas com setenta e tais anos e já sabiam escrever o nome, já eram capazes de ler o nome de uma rua (...) já eram capazes de ler uma carta, não precisavam da ajuda do vizinho que sabia ler (...) por aí fora uma série de coisas que nos incentivavam. Para além de que havia sempre coisas novas, não é como estar na escola, na escola as coisas são mais previsíveis, em educação de adultos não, há sempre coisas novas, hoje estavas a falar com adultos e depois estavas a falar com crianças, depois tinhas uma reunião na Câmara ou tinhas uma reunião com uma Associação, ou tinhas que preparar material para um curso de alfabetização ou (...) sei lá, tinhas de ir falar com uma artesã por causa de uma exposição (...) tanta coisa diferente. Era um pouco assim, lembro-me uma vez uma cena que aconteceu giríssima que foi, logo que comecei a trabalhar em educação de adultos fui falar com o vereador da Câmara de Tavira e disse-lhe que tinha uma ideia para, hoje cada vez que me lembro disto farto-me de rir, tinha uma ideia para chamar as pessoas aos cursos de alfabetização de Tavira e então a minha ideia era pedir as direções das pessoas e escrever às pessoas, a resposta dele logo pronta (risos), “pois, muito giro, como é que para chamar analfabetos ao curso se escreve uma carta?” (risos) Só naquele momento é que eu me apercebi do disparate que estava a dizer, ainda hoje me rio muito disso, porque mostrava a minha ingenuidade quando fui para a educação de adultos, tinha começado a trabalhar naquela altura e não sabia nada, nada de educação de adultos, não fazia a mínima ideia do que era trabalhar com pessoas adultas. Outra coisa que me faz (...) que ainda me lembro bem, tu lembraste? Quando organizámos uma sessão de teatro na casa do povo de Cachopo, chovia como Deus mandava e eram nove horas e não havia ninguém na sala e Cachopo estava deserta, não havia viva alma nas ruas, lembraste? A gente pensava que aquilo ia ser um fiasco, ainda andámos pela rua a ver se víamos alguém (risos), o tempo a passar, a gente a falar que o grupo de teatro tinha vindo de Faro e era uma vergonha porque não ia aparecer ninguém e de, repente, a sala encheu, não havia lugar nem

para uma agulha, lembra-te? Era o teatro do “Luís Aguilar” Teatro Laboratório de Faro, acho eu (...) [**Confirmo**] Desta vez foi o Teatro, aliás foi a única vez que levámos o Teatro a Cachopo, o que nós passámos várias vezes foi cinema, lembra-te? Organizámos um ciclo de cinema, umas vezes ias tu outras vezes ia o Rui da Coordenação Distrital. Eh pá! Lembra-te quando fostes passar o filme da Almadra Atuneira a St^a Luzia? Isso foi cá uma noite, a sala cheia e tiveste de passar o filme três vezes, as pessoas não nos deixaram ir embora, tu dizias que a máquina tinha de arrefecer por causa das lâmpadas de alógeneo, nunca mais me esqueci dessa cena e costumo contar esse episódio, porque aquela malta de St^a Luzia era brava. Eles não te deixavam ir embora, tu já não querias passar a terceira vez, mas os que vieram depois e não conseguiram assistir às sessões anteriores diziam que tinhas de passar e passaste mesmo o filme, foi impressionante. As pessoas adoraram o filme Sabes que anos mais tarde acabei por ver esse filme no canal 2 da televisão? Foi uma experiência (...), nessa noite cheguei às tantas da madrugada a casa. O meu marido estava levantado, estava preocupado comigo pensando que tinha acontecido alguma coisa, não havia telemóveis naquele tempo. Foram tempos muito bons, são essas experiências de vida, essas histórias, que ainda hoje recordo com saudade [**Lembra-te de mais algum episódio?**] Eh pá! São tantas as histórias, lembro-me quando comecei a vir para Cachopo ainda não havia ainda a estrada alcatroada, aquilo, eram uns 20 ou 30 Km de estrada má, fazer aquela estrada de Tavira até Cachopo era uma autêntica aventura. E quando chovia? Fazer aquele caminho era uma tortura, a princípio ia com os fiscais das Câmara, aquilo era uma 4 L, dançava na estrada que era uma coisa, sem segurança nenhuma, de noite, era uma loucura (risos), depois comecei a fazer aquele caminho sozinha, fazia aquele caminho às tantas da noite, escuro como breu, às vezes metia medo, não se via um carro, uma pessoa, se acontecesse alguma coisa (...) acho que nem pensava nisso, também não era uma pessoa muito medrosa. E estava tão envolvida naquele trabalho que não pensava no pior (...) Uma coisa engraçada (...) quando penso no trabalho da educação de adultos em Cachopo, nós chegávamos aos sítios mais recônditos, aos sítios mais isolados que se possa imaginar, a Câmara e a autarquia estavam no terreno há muito mais tempo que nós, mas nos chegávamos junto das pessoas com muito mais facilidade e muitas vezes, nas alturas das eleições quer o presidente da Junta quer os vereadores da Câmara iam na carrinha da Câmara junto comigo aos cursos de alfabetização, porque era uma maneira de fazerem campanha e esta

resultava melhor porque iam lá e estavam eles, os políticos, eu a bolseira, era uma forma de chegarem mesmo muito perto das pessoas dos sítios mais isolados da freguesia e depois claro, havia festa (risos) havia chouriçada, havia vinho, depois que o pessoal viesse de lá, “tá quieto”, eram duas três da manhã. A princípio o meu marido estranhava, achava aquilo esquisito, de eu ir para a serra e vir tão tarde, eu, a princípio ainda o desafiei a ir comigo mas ele nunca quis ir, portanto não tinha de se queixar, eu estava a fazer o meu trabalho. Ele não entendia muito bem porque ia para Cachopo e vinha tão tarde, porque nos dias em que ia para Tavira, eu chegava normalmente primeiro que ele a casa, menos quando visitava os cursos à noite, mas nunca chegava tão tarde como quando ia para Cachopo. Cachopo estava no Projeto do PIDR e estava a uma distância de cerca de 45 Km de Tavira, era isso (...) E o trabalho o Projeto Integrado era diferente, não era só alfabetização, havia também outras atividades que organizávamos e havia mais reuniões, quando não era na Junta de freguesia, era na Câmara de Tavira, eles queriam estar sempre a par de tudo o que se fazia, até porque o presidente da Câmara de Tavira vinha a Faro à CCRA para as reuniões do PIDR e antes disso gostava de estar bem informado para dizer na reunião o trabalho que se estava a desenvolver em Cachopo, que pertencia ao Projeto (...). Eu acredito que a Educação de Adultos sem a articulação com as Câmaras não teria qualquer sentido, não conseguiria fazer o que fez junto das comunidades, as autarquias locais são um aliado poderoso da educação de adultos, mas o contrário também é verdade, a educação de adultos é um parceiro muito importante porque serve os interesses das autarquias, trabalha com as populações mais desfavorecidas e ajuda no desenvolvimento do concelho. Ora isso também interessa à autarquia que deve estar ao serviço das populações do concelho. Nós “fazíamos” cursos de alfabetização, organizávamos sessões temáticas, ciclos de cinema, mas também nos preocupávamos em divulgar a arte local, os artesãos. Nós fazíamos exposições de artesanato no concelho e a nível distrital, chegámos a ir para a FIL em Lisboa e levar trabalhos dos nossos artesãos, expor aquilo que nós descobríamos em termos de artesanato e que estava “escondido” um pouco por toda a parte. Lembro-me de ter organizado a primeira exposição de artesanato em Cachopo com artesãos ao vivo, com artesãos que ninguém fazia a mínima ideia que existiam, nós descobríamos as pessoas. Através dos cursos de alfabetização que estavam espalhados pelo concelho era uma forma de sabermos da existência dessas pessoas. É claro que tínhamos de ir lá falar com elas, duas, três, as vezes que fossem necessárias, eram pessoas idosas,

eram muito reservadas, e nós tínhamos de ir lá convencê-las (...) tirávamos fotografias, falávamos com as pessoas. Deu muito trabalhinho [Hum...Hum] Quando começaram a aparecer as exposições de artesanato com artesãos ao vivo, já nós tínhamos iniciado e para muitas dessas exposições nós é que tínhamos a chave, porque nós é que conhecíamos os artesãos. Mas aqui também é importante falar na Junta de Freguesia de Cachopo que também nos apoiava muito, às vezes, também nos emprestava o carro, uma 4 L, para irmos aos montes e depois (...) tinham a relação das pessoas que viviam na freguesia. O Sr. José do Seixo foi um parceiro fundamental (...) para aquelas pessoas que viviam na freguesia o presidente da junta era a pessoa mais importante para elas e em quem confiavam cegamente. Portanto a primeira coisa que eu senti foi que não conseguindo ter o aval da Junta de freguesia não se conseguiria fazer rigorosamente nada. Ali, aliás, houve alguns conflitos com a In Loco que nós tivemos de servir de intermediários porque houve alturas em que o Sr. Presidente da Junta dizia que não queria vez, x, y, z, não interessa dizer os nomes, contam-se os milagres mas não se diz o nome dos santos, né?, (sic), e depois éramos nós que tínhamos que fazer a articulação entre aquilo tudo, tentar remediar as coisas, apontar caminhos, se calhar é melhor ir por aqui, não ir por ali, e depois vamos tentar ver coma In Loco como é que fazemos (...). Tínhamos também uma coisa muito importante que era, a Coordenação Distrital, a equipa da Coordenação Distrital, uma coisa que tinham era que confiavam em nós a 100%, nós tínhamos total carta branca para agir da forma como achássemos melhor, nunca achei que aquilo que achasse que devia fazer fosse limitado, fosse coartado ou se havia alguma crítica era-me dito na cara e era assim que a gente trabalhava. Foi uma experiência muito rica, com muitas coisas boas (...) a distância também ajuda a ver as coisas boas, né? (risos) **[E o que é que foi mau?]** Eh pá! Eu não tenho más recordações daquele tempo, nada que me lembre assim de momento, eu acho que só tenho boas recordações (risos). Que me lembre o pior era o tempo que gastava em transportes, morava na Fuseta, “apanhava” o comboio até Tavira, depois, era só descer a rua e ir até à Câmara de Tavira, aí tinha o meu gabinete. Quando queria ir para Cachopo só tinha de combinar com vereador da Câmara que me levava ou com o fiscal. A maior parte das vezes ia com o fiscal da Câmara. Eu chegava à Câmara e dizia ao sr. Vereador “Quero uma carrinha para ir a Cachopo ou para ir às Mealhas ou ao Graíno”. Às 6 h da tarde tinha uma carrinha, nunca tive problemas nenhuns desses, problemas nenhuns. Se precisasse de ir de dia a Cachopo ou outro sítio qualquer, sem problema nenhum,

estava sempre disponível uma carrinha para me levar. Depois tirei carta. Foi em 1985 que tirei a carta, já trabalhava em Educação de Adultos há 3 anos. Lembro-me bem, tirei a carta no dia 19 de Março, dia do pai. Já tinha comentado com o vereador que ia tirar a carta. No dia 20 cheguei à Câmara e disse ao vereador, “Sr. Vereador, amanhã preciso de ir a Cachopo”. Resposta dele para mim “Então, mas precisas de ir a Cachopo e como é que vais?” Então estou à espera de saber com quem vou”. Responde ele “Mas tu não tiraste a carta ontem?” “Eu tirei...” Responde ele, “Então toma lá chave da carrinha e desenrasca-te”. No outro dia lá fui para Cachopo sozinha, por aquela “maldita” estrada, na 4 L. e voltei à noite, o pior era conduzir à noite numa estrada naquele estado e em que não se via viva alma. E lá fui uma e duas e três vezes e não me aconteceu nada. À terceira vez, não sei como é que fiz aquilo, cheguei a Tavira e tinha um sítio para deixar a chave, ao pé do estacionamento das camionetas, num cafezinho. No outro dia, diz-me ele (o vereador), “Mas olha lá o que é que fizeste à carrinha?” O que é que fiz á carrinha? Não fiz nada. “Não fizeste nada? Então a carrinha tem uma mocha de todo o tamanho”. Não faço ideia, não dei por nada, se calhar foi aqui em Tavira depois de estacionar”. A conversa acabou ali, nunca ninguém me pediu contas de nada. Tinha carta branca quer de Faro, da Coordenação Distrital quer da Câmara. Da Junta de Freguesia de Cachopo também tinha (...) mas era um bocadinho diferente, as coisas tinham que ser muito combinadas com o Sr. José do Seixo, mas nunca tive problemas com ele, nunca. As pessoas confiavam em mim e eu confiava nas pessoas. **[Quantas vezes ias a Cachopo, por semana?]** Eh pá! Eu ia pelo menos duas vezes. Todas as semanas ia visitar os cursos de alfabetização e depois havia sempre assuntos a tratar, reuniões com as monitoras de alfabetização, na Junta, reuniões com a In Loco, ir à Lançadeira fazer algum trabalho, sei lá, tanta coisa para fazer. Às vezes ia logo de manhã fazer o que tinha a fazer e depois ficava para a noite para acompanhar os cursos de alfabetização. Fazia muitas vezes isto. Na freguesia de Cachopo havia seis cursos de alfabetização, em Cachopo mesmo e em montes dispersos. **[E os bolseiros, quem os escolhia?]** Normalmente sim, por indicação do presidente da Junta. Era o presidente da Junta que me sugeria nomes de pessoas e depois eu falava com elas (...). Era assim. Havia sempre a conversa aquela é melhor, aquela é prima, aquela é assim, mas eu nem olhava para isso (...) Sabes, conversava com as pessoas e à primeira ou à segunda vez ficava logo com aquela ideia, sabes a gente tem aquela intuição de saber escolher a pessoa certa, de perceber se aquela pessoa tem iniciativa, tem

condições para ser monitora de alfabetização. Nunca me arrependi das escolhas que fiz. A princípio as monitoras tinham muita dificuldade, mas depois aprendiam. Eu, também procurava acompanhá-las. Se elas tinham mais iniciativa, se faziam uma adaptação mais rápida eu deixava-as ir, se tinham mais dificuldade eu dava mais apoio mesmo em termos de materiais. As monitoras pediam-me ajuda, colocavam questões sobre a forma como ensinar os adultos ou pediam ajuda na construção de materiais “Olha precisava deste ou daquele material” E eu arranjava, nunca lhes faltou nada. Tinha uma equipa muito boa, muito boa. E como eu não sou muito “calaceirona” o trabalho produzido foi bom porque elas tinham que seguir o meu exemplo, “né? “.No fundo, na relação entre colegas e eu considerava-as como colegas, apesar de eu ter um curso e elas não, tinha de haver sentido de união, solidariedade para nos ajudarmos umas às outras e elas sabiam que podiam contar comigo. Depois havia um espírito de amizade, elas eram todas jovens e eu também, algumas eram quase da minha idade e outras um “pouquinho” (sic) mais novas, como querias que as tratasse? A Aline estava nas Mealhas, a Margarida estava no Grainho, a Otilia estava na Feiteira (...) Engraçado que, no outro dia encontrei a Aline, foi uma festa. Estava a trabalhar também no ensino especial, estava colocada numa escola do 2º ciclo em Olhão. A Aline depois de ser nossa monitora veio para Faro e tirou o curso de professora de matemática/Ciências na ESE em Faro. Aline como as outras eram jovens com muita iniciativa, muito interessadas, eram pessoas com muito “estofó” e, sobretudo, porque eram da zona sabiam como contactar com aquelas pessoas, conheciam-nas, se calhar eu, mesmo apesar de ter um curso, se fosse colocada na freguesia de cachopo a dar aulas, como elas faziam, se calhar não tinha, não saberia “ensinar” como elas sabiam. Elas conheciam as pessoas, eram tios eram primos, eram primos do primo, eram vizinhos, tinham uma forma de tratar as pessoas que essa eu não as podia ensinar, elas sabiam melhor que eu (...) e é um pouco nesta troca, aprender e ensinar que a gente fez aquilo que fez **[E havia os momentos de formação]** Exatamente havia os momentos de formação para nós e também para eles. Aquelas formações organizadas pela Coordenação Distrital no início do ano letivo quando havia muita gente jovem, eram muito importantes. Ou era nas Açoteias em Albufeira ou era Vale da Telha. A princípio íamos muito para a Aldeia das Açoteias, mas depois a formação passou a ser em Vale da Telha, eh pá! Não dava tanto jeito, era mais longe (...) E lembras-te daquele curso de agentes de desenvolvimento no Eurotel em Tavira? Foi só para o “pessoal” que trabalhava no

PIDR. Estavam os monitores do nordeste algarvio em peso, Cachopo, Alcoutim, Castro Marim. Essa formação foi em grande, foram dois dias a trabalhar, lembro-me que na equipa de formação estavam pessoas da In Loco, do Instituto de Emprego, dos Serviços Centrais da Educação de Adultos. Cada equipa concelhia apresentou o trabalho que estava a realizar. Ainda há algum tempo tive nas mãos um livro que vocês fizeram, um relatório dessa acção com fotocópias de fotografias tiradas na altura, éramos todos muito mais jovens. Sim, deves lembra-te dessa formação porque nesse fim de semana nem chegámos a ir a casa, a mala que tínhamos levado para o Eurotel foi a que levámos para Lisboa, lembras-te? Saímos do Eurotel ao fim da tarde e apanhámos o autocarro para Lisboa para fazermos uma formação de uma semana. Nessa formação estava gente do país todo. Acho que foi um curso sobre iniciativas locais de emprego, se não estou em erro. Daqui fomos os dois, tu e eu, deves lembrar-te, disse **[Lembro-me bem]** Naquele tempo ainda vivemos umas experiências juntos, tu também passavas a maior parte do tempo no nordeste, lembras-te do Grainho? Quando fomos lá (...) Grainho não tinha televisão e fomos com uma televisão e com um vídeo mostrar às pessoas um programa de televisão que tinhas gravado **[Se me lembro, tinha gravado o telejornal do domingo anterior e o programa do Vivo Gordo com o Jô Soares]** È verdade, é verdade (...), Tinha havido uma reunião de equipa em que se falou que no Grainho não havia televisão, depois eu falei contigo (...). Fomos na carrinha da Câmara, lembras-te daquela estrada para o Grainho (risos). Quando chegámos lá a Margarida já tinha as pessoas do Grainho todas reunidas (...). “Coitaditas”, ficaram tão satisfeitas. Nunca mais me esqueci disso. Saímos de lá bem tarde, mas valeu a pena. As pessoas, depois, no curso, fizeram cartas para tudo o que eram entidades e acabaram por ter uma antena de televisão mais tarde para poderem ver televisão. Acho que aquela casa onde era o curso do Grainho, já não me lembro do nome da dona da casa, foi a primeira a comprar uma televisão. As pessoas do Grainho eram também muito simpáticas, o meu problema era lá ir, por causa do caminho e depois, chegava sempre muito tarde a casa. **[Isso nunca te causou problemas familiares?]** Não foi complicado, não, não foi, sabes, eu ainda estava na fase, agora vou dizer-te uma coisa mais pessoal, eu ainda estava na fase em que a profissão estava primeiro que a vida familiar, é verdade, hoje já não penso assim (risos) hoje já não penso tanto assim, hoje já ponho a vida profissional em pé de igualdade com a vida familiar (risos), mas na altura a vida profissional era tudo para mim, aquele desafio da educação de adultos era a

minha vida, eu tinha de dar tudo, porque não era fácil lidar com tudo, Tavira, Sta Luzia, Cabanas, Cachopo era muita coisa, muita responsabilidade (...) Eh pá! E para quem tinha estado a trabalhar na escola do Arraial Ferreira Neto durante dois meses, foi a minha primeira escola, vinha da Fuseta, descia do comboio em Tavira depois tinha de ir a pé até às 4 Águas, fazer isto todos dias era duro. Olha! ir para a coordenação de Tavira, só ter de descer da estação até ao centro de Tavira, era uma festa. Depois também tirei a carta e comprei carro. A partir de 85 foi tudo muito mais fácil (...) O que queres que eu te diga mais? **[O que é que sabias de educação de adultos antes de seres convidada para coordenadora concelhia?]** Nada, nada, rigorosamente nada, nunca havia lido nada sobre educação de adultos, no Magistério Primário nunca estudei nada nem sequer ouvi falar de Paulo Freire, de educação de adultos, a única coisa que ouvimos falar foi de alfabetização mas de crianças, porque ser professor primário é ser capaz de ensinar a ler e escrever crianças, adultos não. Tive de fazer uma aprendizagem do zero. Do zero, mesmo. Mas aquilo era muito interessante, uma das coisas da educação de adultos e que as pessoas não têm ideia é que no fundo, nós na educação de adultos ensinávamos um pouco como hoje, muitos professores ensinam as crianças, aquilo era método global, praticamente, o que nós fazíamos era utilizar o método global e hoje, apesar de se utilizarem variados métodos no ensino da leitura e da escrita, há muitos colegas a utilizar também o método global, deixa que te diga que é o método que eu acho que dá mais resultado. Ao fim das primeiras “aulas” a trabalhar com adultos eles já sabiam ler e escrever algumas palavras, que é o que se preconiza com as crianças, digamos assim, desde há dez ou quinze anos atrás que é utilizar os métodos globais. Quer dizer, nessa altura já havia a Escola Moderna e já havia uns quantos professores que já seguiam por aí, mas mais generalizado, só há pouco tempo é que se começou a trabalhar assim no primeiro ano, portanto ao fim dos primeiros dias de aula as crianças já sabiam ler e escrever algumas palavras. Naquela altura era o que nós fazíamos com os adultos, de facto o que é que interessa ao adulto? É aprender depressa, ele já não tem assim tanto tempo, né? Se nós fossemos pelo método Paulo Freire era fácil ao fim de algumas “aulas” eram já sabiam ler e escrever algumas palavras. E, isso era o que de facto lhes dava incentivo, para não desistir e eles não desistiam, isso também tem muito a ver com a força do monitor, percebes, a forma como o monitor se posiciona, como se relaciona com “eles”, como trabalha com “eles” (...) pronto, é um pouco por aí, as pessoas ao ver a atitude do monitor, a sua “força”, o seu entusiasmo, a forma como

orienta as sessões, isso é muito importante, e isto foi uma coisa que eu não senti nos primeiros cursos de alfabetização em Tavira: Eu quando comecei a trabalhar em educação de adultos, estava eu sozinha em Tavira e tive que dobrar um curso porque eram quinze pessoas em cada cursos, era muita gente e naquela altura também não tinha experiência nenhuma e eu não conseguia “dar conta” e mesmo quinze pessoas numa sala, para ensinar, é muita gente porque é muito do tipo ensino individualizado, uns aprendem mais depressa que outros, uns já sabem mais que outros, eles não vêm para o curso com os mesmos conhecimentos, o grupo é sempre heterogéneo e têm diferentes ritmos de aprendizagem, depois um já conhece as letras mas o outro não conhece, um já sabe escrever mas o outro não consegue, não sabe sequer pegar no lápis, muitas vezes as pessoas pegam no lápis como quem pega na enxada, pegam com uma força que quase rasgam o papel e a gente tem de os ensinar a pegar no lápis, temos que ter em conta pouco aquilo que hoje em dia se chama a motricidade fina das pessoas, né?, não é ensinar a motricidade aos adultos é alterar os hábitos que eles têm em termos de escrita ou, antes, a falta de hábitos que têm em pegar num lápis. Portanto é um ensino muito individualizado e continua sempre assim, porque depois alguns vão aprender mais depressa a ler algumas palavras e outros são mais lentos. Pronto! Uma coisa engraçada, eu tinha num curso de Tavira, tinha a mãe do vereador da Cultura da Câmara, a mãe do tal que me convidou para Educação de Adultos, a mãe dele fez a 4ª classe comigo. A senhora era uma pessoa educadíssima, mas não sabia quase ler, mas depois aprendeu com alguma facilidade. Eu na altura não pensava nisso, mas eu tinha ali um fiscal dentro da sala de aula (risos), olha foi bom porque a senhora aprendeu a ler e a escrever e fez a 4ª classe. Olha se tivesse falhado como monitora ela teria sido a primeira a abandonar o curso e fazer queixas da monitora ao filho que era, de certa forma, o responsável autárquico pela educação no concelho e eu ficava muito mal na fotografia. Mas correu tudo bem. Ainda dei alfabetização durante dois anos, mas depois deixei de dar, depois passei só a coordenar e a orientar as monitoras porque o número de cursos era tal que não dava, eu já não conseguia. A princípio era monitora e coordenadora mas depois tive de passar só a coordenar. Com o Projeto do PIDR e com o lançamento das ações de educação de adultos na freguesia de Cachopo eu já não consegui, era impossível (...)

[E em Cachopo houve adultos a fazer a 4ª classe?] A princípio sim, nos primeiros cursos havia gente mais jovem que fez a 4ª classe, depois, era mais gente que queria aprender a fazer o nome e que iam para o curso, principalmente as senhoras mais

idosas, porque aquilo era um convívio. Mas aprendiam a fazer o nome e a ler algumas palavras. Mas era diferente, porque uma coisa é ensinar a ler e outra coisa é ensinar a escrever, são coisas completamente diferentes, muitas vezes consegue-se ensinar a ler mas não se consegue ensinar a escrever. E hoje, como professora do ensino especial, ainda mais estou convencida disto, pois as crianças se não conseguem escrever, nunca conseguem ler e depois não estão preparadas para fazer o 4º ano. E isso era o que acontecia nos cursos de alfabetização, as pessoas aprendiam a ler algumas coisas, eram capazes de “desenrascar-se” mas depois para escrever era muito mais difícil porque tinha de haver muito mais sistematização, de conhecer melhor os conteúdos e de haver maior prática, mais exercício e nem sempre as pessoas tinham vida para isso. Mas, para aquelas pessoas já era muito importante aprender a escrever o nome, era quase como tirar a 4ª classe. Para elas o problema estava quase resolvido porque o escrever o nome parecia ser a principal razão porque iam para o curso. Quando iam à Junta já não tinham que pôr a cruz em vez do nome. **[E para além da alfabetização?]** Para além da alfabetização, organizámos ciclos de cinema, acho que já falei nisso há pouco, passávamos filmes não só em Cachopo mas também nos montes próximos, sobretudo, naqueles onde havia cursos de alfabetização e eram abertos a toda população. Aliás, quando passávamos um filme a sala estava sempre cheia e aquilo ia a família toda, os adultos, crianças, os pais das crianças, ia o povo todo. As pessoas participavam em qualquer atividade que organizássemos (...) Olha, uma coisa que aconteceu nas Mealhas, eu já não me lembro qual era o problema que eles tinham (...) no Grainho era o problema de não poderem ter televisão, mas nas Mealhas as pessoas eram muito incisivas, muito exigentes, muito imperativas, gostavam do presidente da Junta mas ele lá não podia falhar, estavam sempre “com o olho sempre em cima dele”, sabiam os seus direitos, enquanto nos outros montes as pessoas eram mais submissas, nas Mealhas eram mais críticas, mais reivindicativas, naquele monte a relação entre eles e o presidente da Junta era “quentinha”, de vez em quando havia “desaguisados” e isso também acontecia porque no curso a monitora se percebia que havia algum problema no monte punha isso à discussão na “sala de aula”, todos discutiam o assunto e, normalmente, chegavam a um consenso, se calhar achavam ali a melhor forma de depois ir pôr a questão ao presidente da Junta e muitas vezes ele também ia lá ao curso e era “chamado à pedra”, eu assisti a isso, algumas vezes, ele ia lá, a monitora, que morava em cachopo, levava o presidente da Junta, ou iam no carro dele, a

monitora convenciona-o a ir, e depois havia uma assembleia no monte, mesmo lá na escola, para resolver o problema **[Hum...]** As Mealhas era um caso particular, um monte muito exigente com pessoas muito exigentes. A monitora também influenciou isso, a Alina começou em Cachopo e depois foi para as Mealhas e as pessoas gostavam muito dela. **[Havia rotatividade dos monitores nos cursos?]** Não, tirando este caso, já não me lembro porque é que a Alina mudou de Cachopo para as Mealhas, mas não havia mudanças, quando saí em 1989 os monitores, praticamente, continuaram, eles mantinham-se nos cursos onde tinham começado, depois não sei o que aconteceu. Depois a Maria João é que foi a coordenadora concelhia, não sei, ela e a Leonor é que continuaram o meu trabalho, portanto eu não sei depois como é que foi. A Leonor no ano antes de eu ter saído, entrou para a coordenação concelhia. Chegámos a ser três na coordenação. A Leonor primeiro foi monitora e depois entrou (...) Não sei se te lembras, no nordeste a maioria dos monitores eram aquelas jovens com o 12 ° ano ou com o 12º incompleto mas no resto eram professores que tinham também uma bolsa, que acumulavam à profissão este tipo de trabalho. Não sei se te lembras, mas depois deixou de haver monitores com o 12 °, que não fossem professores. Depois passaram a ser contratados professores em regime de acumulação. Eu assisti a isso nos cursos de alfabetização, quando vim morar aqui para S. Brás. As regras mudaram, a DGAE acabou, passou a educação de adultos para a Direção Regional. **[Saíste da Educação de Adultos nessa altura ou antes?]** Foi nessa altura, como acho que já te disse, achava que já não havia muito a fazer, já tinha aprendido o que devia aprender em educação de adultos, o projeto do PIDR estava a acabar, aquela dinâmica em Cachopo estava no fim, os cursos começaram a reduzir, não tinham futuro porque acabando o PIDR não havia dinheiro para continuar a pagar as bolsas às monitoras, se no tempo do PIDR, às vezes, o dinheiro faltava e as monitoras recebiam com atraso, o que era uma grande chatice, então com o fim do Projeto, ia fazer o quê. Tinha chegado a minha hora de procurar outros desafios (...) e para te ser sincera, o que havia para fazer já tinha sido feita, já tinha alfabetizado, já tinha contribuído para mudar alguma coisa em Cachopo, já tinha sido feito o levantamento de artesanato, já tinha feito exposições (...), eh pá!, é aquele ditado, “aquilo tinha sido chão que já tinha dado uvas”. É um pouco por aí, as coisas estavam a mudar, já não iríamos ter possibilidades de fazer coisas, de fazer mais, já estava muito feito, já muito tinha sido explorado, já não havia nada de novo para fazer, a gente sentia que já não tinha muito nem a aprender nem a fazer, era um ciclo

que se fechava, muito do que tínhamos iniciado, o mais certo era acabar, como acabou. **[Dizes que uma das razões porque a maioria das atividades não teve continuidade em Cachopo, foi porque o PIDR acabou. À distância o que te ocorre quando falamos no PIDR?]** O PIDR, o PIDR, olha, em termos positivos já falámos, foram os financiamentos das atividades, o pagamento das monitoras, as ações que fizemos que se não fosse o PIDR não seria possível, foi este sentimento de solidariedade que as três coordenações concelhias tinham de ajudar a desenvolver estas populações, as formações que fizemos, o trabalho de equipa (...) **[E a colaboração com as outras instituições?]** Olha, estava a pensar nisso, aí é que, na minha opinião, não correu muito bem, as parcerias podiam ter corrido muito melhor, porque os momentos mais desagradáveis que vivi foram com as parcerias, eu acho que isto faz parte da essência humana (...) todos querem ser protagonistas, toda gente quer ter o poder, toda agente quer “passear o penacho” digamos assim e como o meu pai dizia “ Quando o barco tem dois mestres dá à costa quase de certeza” (risos). Eu penso que com a educação de adultos, muitas parcerias resultaram, aí umas 80%, mas poderiam ter resultado muito mais, atenção que estou a falar da freguesia de Cachopo, muitas vezes, as parcerias não resultaram tão bem porque era a educação de adultos a querer ter os louros, era a In loco, a querer ter os louros, talvez, porque ali havia doutores e na educação de adultos éramos professores primários, eu não sei qual era o senão da coisa, mas “eles” tinham a mania, queriam liderar tudo, eu, pessoalmente não tinha qualquer problema, mas sentia um pouco isso, era, todos as pessoas queriam os louros, e a junta de freguesia nem sempre deixava, e o sr. José do Seixo quando lhe chegava lá a “mostarda ao nariz” chegava lá e “Acabou-se, não há nada para ninguém” e ele é que mandava, embora ele não fosse nem doutor nem professor **[Hum...]** Eu penso que a In Loco, por vezes, dificultava as relações, mas, penso que também eles aprenderam muito, eu penso que também eles aprenderam muito, porque, muitas vezes, quando, as pessoas vêm (...) ou seja, quando as populações vêm que o presidente da Junta, a quem eles reconhecem o poder, para seguirem cegamente, se não resiste a determinadas pessoas eles perdem a confiança nele e o sr José do Seixo sabia isso, ele resistia (...) e as pessoas, embora quisessem os louros, às vezes tinham que se reduzir à sua insignificância, senão, não conseguem fazer rigorosamente nada. E, eu penso que, muitas vezes, a luta foi por aí, eu assisti a algumas reuniões que não eram nada agradáveis de conflitos entre o presidente da Junta e a In Loco e nós a ouvir (...), às

vezes a Câmara também entrava na discussão, mas, geralmente, deixava ao Sr. José do Seixo, o que o Sr. José do Seixo decidia, estava bem decidido. Uma das vezes, participou numa daquelas reuniões, mas manteve-se calada, o vereador da cultura manteve-se calado, o sr. Presidente da junta, se estivesse presente, ele é que decidia, a freguesia era dele. Pronto! e nós também, nós, educação de adultos, pelo menos, eu, no meio daquilo tudo, o que é que achava? como é que me posicionava? eh pá! Eles que entrassem “em bulha”, eu, aqui faço o meu trabalho, para mim o que me interessa aqui é ter boas relações com a Junta de freguesia porque é assim que eu consigo levar o meu trabalho por diante, a bom porto, né? “ele” que tenha lá guerra com a In Loco, guerreiem à vontade e a gente no fim logo tenta encontrar uma forma de “tornear” as questões e era muito por aí [Hum...] Porque muitas vezes o que acontecia (...) olha! Sabes o que é que eu aprendi com tudo isto, aprendi que se devia discutir as coisas, depois, não a”quente”, nessas situações aprendi isso. Eu, naquelas lutas não tomava partido, olha! Eu nas viagens ao nordeste também vinha muitas vezes coma Amélia Muge, que era a pessoa da In Loco que mais trabalhava em Cachopo até porque o presidente da Junta deixou de querer conversar com a Priscila ou com o Alberto de Melo, completamente, então a Amélia Muge ia muito comigo, aliás, eu ia com ela, ela levava o carro, passava na Fuseta e íamos juntas e depois vínhamos juntas e ela deixava-me em casa. Uma vez tivemos um acidente juntas, ficámos “à rasca”. Eh pá! Ali junto à Alfandanga íamos virar para a esquerda, um carro não nos viu, vinha largado, bateu por trás, “rebentou-lhe” com o carro e eu fiquei com o pescoço “torto” e ela também ficou aflita. Mas, pronto, nós vínhamos as duas, conversando pelo caminho, e eu e a Amélia acabávamos por nos entender, como já nos conhecíamos bem, ela tinha estado em Moçambique e conhecia o meu marido, o Carlos, às vezes, ela parava na minha casa para tocar um bocadinho viola com o Carlos, e isto faz tudo parte da vida, estes encontros informais fazem todos parte (...) e parece que o meu marido tinha andado a estudar com a irmã da Amélia, a Teresa, que está na ESE, e contactavam muito, falavam muito de Moçambique, trocavam ideias e assim, ela, às vezes, parava lá em casa e jantava connosco, e, muitas vezes, eram estas formas de amizade que se criavam e quando a vida proporciona estas coincidências, digamos assim, ajuda a que as pessoas confiem umas nas outras, e no fundo, ao longo do relacionamento agente acaba por se conhecer e por perceber até melhor as expressões, as comunicações não verbais, as coisas são por aí e se nós formos um bocadinho perspicazes, a Amélia antes de tomar

uma medida em relação ao sr. Presidente da Junta, perguntava-me “ O que é que tu achas?” E, eu, às vezes, dizia-lhe, “ se calhar não é por aí, é por aqui”. E as duas juntas, em consenso acabávamos por “levar a água ao nosso moinho” em relação, principalmente à Lançadeira [**Hum...**] A Lançadeira resultou muito, devido a este tipo de parceria, informalmente, através de troca de ideias, a Amélia era uma pessoa muito simples, não se julgava mais, não queria ser mais nem menos do que os outros, nós duas trabalhávamos bem, articulávamos uma com a outra, entendemo-nos sempre muito bem em termos de posição e de tomadas de decisão, às vezes, quando os outros apareciam é que a coisa era mais complicada (risos). Mas, pronto, era muito assim. A parceria assim resultou (...) eu quando me lembro, perguntavas à pouco “quando se fala no PIDR o que é que eu me lembro?”, olha, lembro-me que foi o sítio onde eu aprendi a trabalhar em equipa, percebes, aprendi mesmo a trabalhar em equipa, e ainda hoje digo que nós não sabemos fazer tudo, todos de forma perfeita, sabes fazer uma coisa bem e eu sei fazer outra, mas se conseguirmos, em equipa, aproveitar aquilo que sabemos fazer bem, aquilo que eu sei fazer melhor do que tu e aquilo que tu sabes fazer melhor do que eu, o resultado é bom e foi assim que conseguimos funcionar, no nosso trabalho tinha de haver liderança, mas ser líder não é saber mandar, liderar é saber chegar a consensos, aproveitando o que cada um de nós sabe fazer bem. Isto é que é trabalho de equipa. Cada um a trabalhar em favor do grupo e a favor das populações, que era para isso que nós lá estávamos [**Sentias-te uma líder?**] Sim, eu tinha de ser líder porque o trabalho a isso obrigava e eu tinha de tomar decisões. Nem sempre era possível falar para a Coordenação Distrital ou para o vereador da cultura, para me aconselhar, e depois eu tinha autonomia para decidir e tinha de o fazer, eu tinha uma equipa de monitoras e era a responsável pela educação de adultos no concelho. Então tinha de assumir esse papel. Ser líder, sabes, eu acho que sempre assumi um pouco esse papel, por onde passei. Não, quando era mais jovem, fiz o liceu em Angola e aí nunca me destaquei, mas depois (...) no Magistério Primário em Faro, aí sim, era delegada de turma e era já muito activa, durante os três anos do Curso. Hoje, penso que sim, que tinha e tenho um pouco esse perfil e isso ajudou-me na educação de adultos porque coordenar é um pouco ser líder, porque havia momentos em que precisas dizer que não é assim é assim, é muito importante conseguirmos consensos, mas com os meus monitores era preciso dizer, “essa estratégia talvez não seja a mais adequada, faz antes assim, não dizendo não, redondamente, mas dizendo se calhar este caminho é melhor que esse, se tentares

fazer desta forma é capaz de ser melhor do que como querias fazer”. Ainda hoje, em educação especial eu trabalho com “montes” de gente que é novinha na profissão e eu tenho que dizer “ olha se calhar não é por aí, é por aqui, como é que a gente faz, vamos tentar ver como é que a gente faz que tenha melhores resultados. Como é que tu fazes, achas que é a melhor maneira, isso resulta? “. É um pouco por aqui.

[Continuas líder?] Sim, tem que ser, eu estou a coordenar o ensino especial aqui no agrupamento (...) a educação de adultos ajudou-me muito, aquilo que hoje sou devo muito à educação de adultos, ao que aprendi como coordenadora concelhia. Na educação de adultos, a princípio, eu estava a orientar pessoas que não faziam a mínima ideia do que era ensinar adultos, eh pá! Eu tinha de me lembrar de como eu fazia, antes, nos dois anos antes de ser coordenadora, que tal como elas, estava a fazer alfabetização. E quais foram as principais dificuldades que eu tive? tive de me lembrar disso e depois dizer “ Olhem, vocês vão ter estas e aquelas dificuldades, olhem que vai ser assim, se calhar a melhor forma de lidarem com certas situações é assim (...), mas se vocês conseguiram encontrar outro caminho, excelente, têm é de procurar enfrentar as situações e resolvê-las”. Coordenar é liderar. E, isto é liderar também, vê-se no trabalho com as crianças, vê-se nas relações com adultos, tens que te mostrar tal qual és, ser frontal, ser sincero e as pessoas acabam por te respeitar como tu és, não por aquilo que tu dizes mas por aquilo que tu demonstras ser, e que tu és de facto.

[Sentes que deixaste marca no trabalho em educação de adultos?] Eh pá! Eu não sei se deixei a minha marca, eu sei que dei tudo o que tinha, fiz o melhor que pude e soube e dediquei-me, dediquei-me muito, a educação de adultos também me deu muito (...) se deixei a minha marca, olha, só as pessoas é que poderão dizer isso, o que é um facto é que, eu, hoje, quando encontro pessoas daquela zona, toda a gente me vem abraçar e dar beijinhos, “Olha a Vinita e não sei quê...”, Mas, eu aprendi muito e fiz o melhor que sabia, disso eu tenho consciência, se calhar também fiz muita asneira, pelo meio também (risos), porque, se calhar não sabia fazer melhor, porque eu não tinha formação, nem havia formação para ser coordenadora concelhia, havia a formação da Coordenação Distrital, mas essa era tão pouca e tão esporádica que dava para pouco, olha, dava para o que dava, as formações que houve foram insuficientes, mas também é verdade que todas as formações são sempre insuficientes, quando acabamos o Magistério não sabemos ensinar crianças, temos que aprender coma experiência, com os erros, quando tiramos a carta de condução não sabemos conduzir, temos de aprender com a prática,

fazer asneiras, em tudo temos de aprender com a prática e depois ir buscar aquilo que aprendemos na formação e que nos pode ser útil. Mas isto, só digo agora passados trinta e tal anos de serviço, na altura, não, na altura tu refilas porque a formação não te deu aquilo que querias aprender, que querias saber para utilizar no dia a dia, tu querias aprender, claro, eu senti isso quando acabei o Magistério. Eu acabei o magistério e fui para uma escola em Tavira, onde hoje é um Hotel, o Arraial Ferreira Neto, aquela escolinha foi a minha primeira escola, e eu, passadas umas semanas, depois de lá ter sido colocada fui a Faro e encontrei o meu orientador de estágio e meio a brincar “insultei-o” “Vocês não me ensinaram nada no Magistério, aquilo que eu aprendi não me serve para nada, o que devia ter aprendido não aprendi, não me ensinaram a dar aulas a moços, eu tive uma nota de 15 para quê...”(...) Isto é um pouco assim, mas eu penso que esta revolta é a primeira reacção, mas também é aquilo que nos faz ir procurar soluções para os nossos problemas e os nossos problemas são todos problemas práticos, não são problemas de precisarmos fundamentar teoricamente isto ou aquilo, queremos é soluções práticas, é com isso que nós vivemos (...) e na educação de adultos também era muito assim, tínhamos de ir à procura das respostas, dos caminhos para resolver os problemas (...) apesar que aqui nem sequer tínhamos formação teórica, ao contrário do que aprendemos no Magistério, porque no fundo achávamos que não tínhamos aprendido nada, mas tínhamos, sempre acabamos por utilizar conhecimentos que fizemos no magistério, agora na educação de adultos foi um bocado mais complicado, até porque muita da formação que tivemos era muito superficial, talvez, pouco consistente, não nos dava muitas respostas para as questões que se colocam quando trabalhamos com pessoas adultas (...) mas eram todos os que estavam neste barco, mesmo os da Coordenação Distrital que, por vezes, eram nossos formadores em determinadas áreas para as quais tinham tido formação nos Serviços Centrais, eles também não sabiam dar resposta à maioria dos problemas e no trabalho de alfabetização, na relação com adultos eles é que tinham a aprender connosco que estávamos no terreno, sabíamos mais que eles (...) mas eles eram da Coordenação Distrital **[Essa é para mim?]** Pois claro, tinha esta engatilhada há vinte anos. Mas voltando atrás, isto da educação de adultos era muito intuição e alguma formação, acho que eram as duas coisas mais importantes. Olha! A formação ensinou-me Paulo freire, porque eu não sabia nada de Paulo Freire, nunca tinha ouvido falar no método de Paulo Freire, nem nada dessas coisas (...) eu fazia exercícios noturnos à procura das palavras-chave do método de

Paulo Freire que poderiam interessar aquelas pessoas até que depois descobri, olá! Porque é que eu estou aqui a “matar” a cabeça, se eu for lá e as pessoas me disserem as palavras, é muito mais fácil. Né? Pronto. Essa parte foi muito importante para mim, os cursos de formação, mas depois o ensinar a ensinar ninguém nos ensinou, né?, aí entra a tua intuição, a maneira como te assumas como educador. Tu, que foste orientador de estágios, sabes como é que é, sabes muito melhor que eu, é a própria pessoa que tem que encontrar as soluções para os seus próprios problemas, porque os seus problemas podem ser iguais mas muitas vezes, são diferentes dos problemas que os outros encontram, porque as turmas são diferentes e tu também és diferente, não há dois professores iguais, mas, o que podemos fazer, e isso fazíamos na educação de adultos era tocar experiências e os monitores gostavam disso. Esses momentos de partilha, de reflexão, sim, eram de reflexão apesar de na altura nem utilizarmos muito esse termo, mas eram momentos em que discutíamos o que cada uma fazia e como fazia e isso ajudava muito (...) e todos aprendíamos. Olha! Eu aprendi imenso com as minhas monitoras. Naquelas reuniões dizíamos “Já tiveste este problema? Como tentaste resolver? O que é que vocês acham?” É por aqui que nós íamos. Porque uma das coisas que nós fazíamos com os monitores era uma reunião mensal e às vezes de quinze em quinze dias para eles trocarem ideias entre eles, para verem o material que precisavam, ver em cima da mesa do material que tinha feito qual era aquele que lhes interessava, qual era o mais proveitoso para eles, para utilizar com os adultos que elas estavam a ensinar, e depois, trocaram experiências entre eles, falarem das situações que tinham acontecido, às vezes, um problema de uma monitora era o problema de outra e elas sentiam os problemas uns dos outros. Elas olhavam para mim como a pessoa que sabia, mas eu já não estava a ensinar e elas tinham era que acreditar mais na palavra do vizinho que tinha problemas semelhantes e que estava na prática do que em mim, obviamente, e eu, tinha essa noção, né? Elas tinham muito o sentido de grupo, sentido de equipa, ajudavam-se muito às outras e sentiam aquilo que estavam a fazer. Eh pá! Nos dias das reuniões, uma hora antes, elas já estavam todas no café à minha espera e do que é que achas que elas falavam, falavam dos “seus” adultos, dos sucessos que iam conseguindo, até falavam nos nomes dos adultos, eu não conhecia pelo nome quase nenhuns mas elas alguns conheciam e depois riam, não rir de gozo mas de prazer, as monitoras via-se que gostavam do que estavam a fazer e não era só por causa da bolsa que recebiam (...) mas os dez contos dava-lhes muito jeitinho. Um das coisas que acontecia muito era, o pessoal em

Faro atrasava-se imenso em relação aos pagamentos das bolsas, às vezes, eram dois ou três meses, que as moças não recebiam aqueles dinheirinhos que eram uma ninharia, oh pá! Então elas diziam-me, mas eu já sabia, e “vá” de telefonar para a Coordenação Distrital. Era interessante que elas só me vinham dizer depois de falarem entre todas, depois de tomar uma decisão em conjunto, elas faziam sempre isso, quando me queriam dizer alguma coisa, era sempre em nome do grupo, muito interessante. Houve uma altura em que o dinheiro se atrasou tanto imenso, imenso, que elas disseram “ Vamos tomar uma posição, vamos dizer para Faro que não damos mais aulas enquanto não nos pagarem”. Foi uma trabalhadeira para conseguir “mudar-lhes a cabeça”, eu disse-lhes “ Eh pá! Compreendo a vossa posição, se tivesse do meu bolso eu pagava, mas não tenho, agora vejam lá, se vocês param com o curso arriscam-se a depois não ter ninguém na sala e o mais certo é o curso fechar, vejam lá, até porque as pessoas não têm culpa. Só vos peço que esperem mais um pouco que tudo se resolver vou tentar resolver o assunto”. Elas nunca pararam, aquilo foi mais uma forma de pressão, porque eu passei o problema para Faro e a coisa resolveu-se, mas foi um bocado chato. Houve uma outra vez em que tive de pedir ao vereador da Câmara que adiantasse o dinheiro e ele fez-me a vontade (risos). Era muito importante que ele adiantasse, pronto. Mas foi assim, elas eram moças mesmo muito interessadas e reviam-se um pouco umas nas outras (...) Eh pá! Tenho saudades desses tempos (...) Algumas nunca mais as vi, mas outras quando as encontro é uma festa, a Aline que já falei e a Rosa, uma moça que está em Cabanas são as únicas que encontrei. Foi muito interessante, muito giro **[Achas que essa experiência também as terá marcado, como a ti?]** Acho que sim, acho que foi muito importante para elas. A Rosa acabou por tirar um curso de professora não sei onde e a Aline tirou em Faro o curso de professora de Ciências/Matemática. O ano passado quando fui ver uma unidade de educação especial ali naquela Escola em Olhão, ali ao pé da cadeia, encontrei a Aline e fizemos uma festa, ela já tirou o curso há algum tempo na ESSE, eu cheguei a encontrá-la, várias vezes, na ESE e a primeira vez que a vi, perguntei-lhe o que é que ela estava ali a fazer. Agora está a trabalhar em educação especial, não sei se ela já saiu, porque ela não tinha feito a especialização. Mas estava nessa escola a trabalhar como professora. Das outras nunca mais as vi, mas soube pela Aline que as outras estavam a trabalhar em Cachopo, no Centro de Animação Infantil, teriam feito aquele percurso também ligadas à In Loco e acabaram por ficar por lá, não sei (...). **[Queres falar um pouco**

mais?] Eh pá! Dizer o quê, mais? Acho que já disse tudo (...) a educação de adultos foi uma experiência que me colocou imensos desafios, e quem gosta de desafios gostaria de ter trabalhado em educação de adultos naquele tempo, no fundo, foi com a educação de adultos que eu aprendi a lidar com aquilo que eu não estava à espera, com o inesperado, com situações boas e más, que de repente me surgiam que eu tinha de resolver, percebes, e depois, também deu para construir muitas amizades, a amizade, a confiança é muito importante neste trabalho, temos de confiar uns nos outros e assim se reforça essa amizade. Eu há pouco falava nisso, eu tinha a confiança da coordenação distrital, e as monitoras confiavam em mim e eu confiava nelas. Havia um elo entre todos os que trabalhávamos em educação de adultos, era muito importante. E tu só és amigo de quem confias. Na educação de adultos desenvolvemos esse sentimento, e tu desabafas quando vais tomar um café, falas dos teus problemas, pedes ajuda, colaboras, isso é construção da amizade. Ao longo da vida profissional vamos fazendo sempre amizades, olha lá, se não fôssemos amigos tu não estarias aqui a fazer-me esta entrevista. A nossa amizade começou no Magistério, mas nem tanto foi na educação de adultos que ficámos bons amigos. Estas coisas são muito importantes. Quando há pouco falávamos nas parcerias, eu entendia-me com a Amélia, havia confiança entre nós, também havia amizade, mas é verdade que no início do Projeto, nas reuniões com a In Loco, algumas pessoas pareciam que desconfiavam umas das outras e assim não dá. Mas no fim, no fim, umas vezes com cada um a puxar para um lado e outras a puxarmos todos para o mesmo lado, acho que fizemos um bom trabalho, acho que ficou lá nossa marca, como tu há pouco perguntavas. Não é que eu tenha visto esses efeitos do nosso trabalho em Cachopo, porque parar ser sincera nunca mais lá voltei mas tenho a sensação que o trabalho de educação de adultos resultou, tive esse feedback pela Maria João que trabalhou comigo na Coordenação, é de Cachopo, os pais viviam lá, apesar de ela viver em Tavira e foi a Coordenadora concelhia que me substituiu e ela conhecia muito bem Cachopo. A Maria João tirou o curso do magistério comigo, era a mais novinha do meu curso, entrou só com o 5º ano, tinha 15 anos, no tempo em que quase toda agente entrava com o 7º ano e a Maria João quando acabou o Magistério tinha 18 anitos. Os pais dela e os sogros dela são da freguesia de Cachopo, os pais de um monte e os sogros de outro monte. Ela aparece na educação de adultos a trabalhar comigo, porque, na altura, quando eu tive de encontrar um substituto ao Abilheira que trabalhava comigo na coordenação concelhia, eu lembrei-

me da Maria João, que eu conhecia porque era do meu curso e eu confiava nela a 100%. O facto de ela ser de Cachopo também me levou a convidá-la. Eu já tinha um percurso feito em Cachopo quando ela veio trabalhar comigo, muito mesmo, não a convidei tanto por ela ser de Cachopo, quando ela veio trabalhar comigo foi para aí em 86, 87, já eu tinha feito 4 anos de educação de adultos. Depois, foi ela que ficou no meu lugar como coordenadora concelhia, cheguei a ir à casa da mãe dela, ainda hoje a gente encontra-se e conversamos, conheço muito bem o Virgílio, o marido dela e o Carlos também se dava bem com ele, acabámos por desenvolver uma amizade de casais. E, depois, quando eu saí ela ficou e depois, mais tarde, passados três anos, ela saiu também. Ainda chegou a trabalhar com ela um colega do nosso curso, que era o João Horta que entrou para o curso connosco, interrompeu para ir para tropa e depois quando voltou já tínhamos acabado. Trabalhou com ela na coordenação concelhia de Tavira. Não sei que é feito dele, mas sei que, depois, voltou para o 1º ciclo. A Maria João, não sei até quando ficou na coordenação concelhia, mas era uma moça muito dinâmica, era uma pessoa impecável e tinha um ótimo relacionamento com as pessoas de Cachopo e isso também ajudou imenso a continuar o trabalho. **[O coordenador concelhio ser do meio é uma vantagem?]** Não sei, pode ser e pode não ser. Depende muito da pessoa, da sua aceitação, pode depender de muita coisa, olha, no meu caso, o facto de eu não ser do meio, de não ser conhecida em Cachopo, ajudou-me imenso, porque eu penso que quando chega lá uma pessoa que ninguém conhece ficam sempre na expectativa, se é uma pessoa do meio e não é bem vista, não era o caso da Maria João, é um problema grande, isso de ser do meio é um “pau de dois bicos”. No meu caso, acho que resultou porque cheguei lá, ninguém me conhecia, eu não tomava partido por este ou por aquele, não sabiam se eu era PS ou PSD ou outra coisa qualquer. Eu acho que o melhor é nós chegarmos lá e construirmos um caminho novo, foi por aí que ganhei o respeito das pessoas, acho que ganhei porque sempre tive boas relações com todas. Por acaso tive sorte com a Maria João que ela era uma pessoa bem vista, na altura não pensei nisso, mas imagina que não era, podia pôr em causa todo o meu trabalho anterior, ou não, porque se me apercesse disso eu ficava em Cachopo e ela ficava só em Tavira, a gente arranjava maneira de resolver o problema. Mas nem sempre é assim, depende muito dos interesses da zona, imagina que os pais da Maria João eram PSD e a Junta era PS. Cachopo era um bocado complicado por causa da política, havia pessoas com quem não podíamos, pura e simplesmente, falar. Nós aos poucos e poucos íamo-nos

apercebendo disso, se hoje em dia ser do próprio partido ainda é um pouco a (...) nestas zonas pequenas, nestes meios do interior e muito fechados ainda pode haver mais problemas (...) estávamos em 1983 e é preciso não esquecer que ainda não tinham passado 10 anos do 25 de Abril, e havia ainda muitas coisas quentes (...), por acaso o Sr. Presidente da Junta era PS e a Câmara também era PS, mas eu não sei como foi, depois, quando as coisas se alteraram, porque havia pessoas em Cachopo que poderiam ser (...) eram forças da zona, mas como eram doutros partidos não eram sequer tidas em conta as suas opiniões e a gente “topava” isso nas tais reuniões de monte, nessas reuniões de monte onde havia questões a resolver, ou porque não havia luz ou porque que não havia estrada alcatroada e porque é que não havia, e os buracos na estrada que não eram tapados, havia muito estas “rinhas” de partidos, tu apercebeste a princípio, mas o que é isto, mas, depois, acabas por perceber que há ali coisas que tem que ver com opções partidárias, com posições de oposição, o que interessa é que aquele não consiga para eu depois vir a conseguir. **[A cor política do presidente da Junta terá influenciado a participação nos cursos de alfabetização?]** Acho que não, o “ir” para os cursos de alfabetização não tinha nada que ver com a cor partidária, podia manifestar-se nas reuniões ou nas conversas, mas não, isso só vinha ao de cima era nas tomadas de decisão, quando estava em causa problemas lá do monte e sobretudo quando o presidente estava presente para discutir isso com as pessoas lá do monte, agora de resto, acho que não. Mas, na escolha das monitoras já era diferente, quando ela sugeria nomes para os cursos. Eu sei que havia pais de monitoras que eram amigos do presidente da junta, não sei se não haveria monitoras “melhores” do que estas cujos pais não fossem amigos do presidente da junta, isso nunca cheguei a saber, hum...(risos). Era um pouco assim, aliás eu apercebi-me logo que “ser do partido” era importante nestas coisas, porque quando eu fui trabalhar para a Câmara e o vereador Jorge Valente me levou a Cachopo e me apresentou ao Presidente da Junta e disse “ Esta senhora é a nova coordenadora concelhia de Tavira e vai coordenar aqui em Cachopo os cursos de alfabetização”. O Presidente foi simpático, conversámos um bocadinho, eu expliquei o que era educação de adultos o que me propunha fazer e fomos embora. No caminho, o vereador disse-me “ Podes confiara 100% no Sr. José do Seixo, tudo o que precisares é só pedires-lhe”. Eu aqui percebi logo, são pessoas do mesmo partido e isso vai facilitar as coisas. E facilitou muito, tive sempre o apoio do Sr. José do Seixo. Lembro-me muito bem desse dia. Claro que na altura, na altura em si, eu era muito

novinha tinha para aí uns 25 anos (...) hoje consigo fazer melhor a ligação entre as coisas, a maturidade faz a gente perceber melhor as relações entre as coisas. Foi com tudo isto, que eu cresci como pessoa, como coordenadora concelhia, como professora que hoje sou, sou melhor professora porque tive possibilidade de viver esta experiência. Foi uma experiência excelente. Marcou-me muito, deu-me muita segurança, porque eu na altura era uma pessoa muito insegura, podia não parecer mas era, tinha sempre a “mania” de que “Eu não sou capaz, eu não consigo”. As expectativas, os desafios postos na frente e que eu não podia recusar em relação à educação de adultos foram desafios que me fizeram avançar, muitas vezes não tinha tempo de pensar, não havia escolha, tinha de ir em frente, a escolha não me era posta com um sim ou não, tinha de ir, tinha de seguir e isso ajudou-me muito a ter de confiar em mim, a ter maior segurança, e ensinou-me a ponderar as coisas, mas também a ter decidir no momento e a não hesitar perante as situações, e preferível tomar uma decisão errada do que ficar ali a empatar, nem para cima nem para baixo. Mudei muito, mudei porque vivi situações muito variadas, aprendi imenso, conheci imensa gente. Claramente, foi uma das experiências mais importantes da minha vida, sem dúvida nenhuma, fez de mim a profissional que eu sou hoje. Sempre me achei uma pessoa combativa, mas que não era muito inteligente, que era um pouco burra, mas com uma grande capacidade de trabalho, hoje, estou convencida que afinal sou um bocadinho mais inteligente, mas a capacidade de trabalho continua igual, a imagem que eu dou por onde passo é de uma pessoa muito determinada, muito profissional, lutadora, sem receio de desafios e sempre pronta aprender mais e mais. E tudo isto devo em grande parte à educação de adultos, mas, para acabar, deixa-me dizer-te uma coisa, atenção, é completamente diferente trabalhar em Projeto Integrado de Desenvolvimento do que trabalhar fora dessa região que tem Projeto Integrado, é completamente diferente trabalhar com parcerias, trabalhar em zonas da serra onde não há luz, onde, não há estrada, onde nada acontece, onde a maioria, são pessoas analfabetas, onde há sempre “montes” de problemas para resolver, onde ajudamos a melhorar a vida das pessoas, do que trabalhar em educação de adultos em Albufeira, Portimão, Lagos, etc...Eu, tenho essa ideia e vou dizer-te aqui só para nós, mas se ficar gravado ficou e tu fazes o que quiseres, eu conhecia coordenadores concelhios na zona do barlavento, onde não havia Projeto, em que tenho a certeza absoluta que os coordenadores, alguns coordenadores do barlavento, não conseguiriam fazer este trabalho, ou, então, teriam de se transformar completamente,

como pessoas que eram, teriam de mudar e muito. **[Queres dizer que os coordenadores do Nordeste algarvio foram escolhidos a dedo?]** Não, não digo isso, não digo que foram escolhidos a dedo, até porque quando surgiu o Projeto alguns de nós já lá estávamos como coordenadores concelhios, A Célia de Alcoutim, a Marília em Castro Marim e eu. O Projeto começou um pouco mais tarde, olha, quando teve mais força foi mais ou menos no teu tempo, entraste quando? **[1985]** Pois, aí já tínhamos os cursos de alfabetização, depois quando entraste, coincidiu com os cursos socioeducativos e com a animação sociocultural, aí tiveste um papel mais ativo, com as sessões de cinema, o teatro, os encontros de poetas, bons tempos, bons tempos (...) **[Obrigado Etelevina, hoje ficamos por aqui, voltaremos a nos encontrar]**

Entrevista 4 – Marília Rufino

Nascida em 1957, acabou o curso em 1978, entrou para e.a. em 1981, saiu quando acabou a e.a. em 2007

[Marília, Fala sobre a tua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, até deixar a educação de adultos. Podes levar o tempo que quiser e fala de tudo o que achares importante]

No Nordeste há uma coisa que eu tenho com grande orgulho, é a empresa dos bolos do Azinhal e elas têm-me carinho, eu posso telefonar agora, eu digo “preciso de um bolo daqui a uma hora”. E tenho o bolo. Eu costumo dizer sempre “Eu ajudei a criar aquela empresa”. Ali naquele encontro que houve no Hotel Altura, nas ILEs, nas Iniciativas Locais de Emprego, era aquele grupo de jovens, que algumas só tinham o 4º ano “hhhh” o que é que lhes ficava, qual era a perspetiva daquela jovem de 17 ou 18 anos, um casamento, casarem-se, serem mães e não fazerem mais nada. Elas tinham sido minhas alunas na escola, depois tivemos um curso de animação sociocultural, porque eu acho que é uma área que as pessoas, pronto, era preciso investir naquelas jovens, porque os terrenos eram pobres e o que é que elas ficavam a fazer na serra. Portanto, continuar a estudar não tinham hipóteses e aquilo ali, o Azinhal seria o renascer para um grupo de mulheres, que a mulher há vinte e tal anos, tirando a classe média ou era professora ou empregada dos correios ou etc..., para elas de um momento para outros verem-se empresárias. Portanto, eu penso que o PIDR foi um projeto muito avançado para a época, que é o que nos falta hoje, portanto, porque investir em alunos, sem investir nas famílias, “hhh”, sem haver um tronco comum, eh pá, estamos a ter umas ideias muito espartilhadas e ali com o PIDR não, a gente partia do conhecimento do meio local, via as necessidades das pessoas, e, por exemplo, no Azinhal, criámos a PROVA demos o pontapé para a PROVA que é a tal Associação de Mulheres que nasceu numa casinha velha e hoje já é uma grande fábrica de bolos, já são empresárias, com um grande nome no mercado. Portanto, eu sou a pessoa que ainda tenho a Ata da reunião, quando nós demos o passo que elas tinham muito medo com o Instituto de Emprego. Portanto nesse PIDR o Instituto de Emprego fazia parte e a RADIAL e elas, depois, começaram a ter formação. Portanto partiram de uma casinha velha alugada, depois, já tiveram fundos comunitários para fazerem uma empresa e hoje são umas grandes empresárias, com

nome nacional e internacional. Ali os nosso vizinhos espanhóis conhecem a PROVA. E é bom que se diga, nós levámos aquelas mulheres à Fatacil. Hoje que se fala muito na Fatacil, a Fatacil nasceu da ação dos coordenadores concelhios, da coordenadora de Lagoa a Rosa Amaral. Os coordenadores concelhios (...) os coordenadores concelhios aquilo foi uma escola política, se nós formos ver, a maior parte, políticos, deputados, presidentes de Juntas, presidentes de Câmara, vereadores, passaram pela educação de adultos. Foi, praticamente, a primeira escola de política social, porque não havia ainda cursos de política social, porque nós fizemos encontros de poetas populares, agora já toda agente faz encontros de poetas populares, fizemos feiras de artesanato, toda a gente faz feiras de artesanato, fizemos levantamentos etnográficos e é isso que eu hoje, acho que, com os meios que tínhamos, nós escrevíamos à mão, eu andei de monte em monte a passar filmes com as máquinas de projetar e aquelas bobines, para sensibilizar as pessoas para os cursos, quando hoje, o Magalhães (...) nós fazíamos tudo com recursos rudimentares. Ora, se nós tivéssemos naquela altura a internet, se tivéssemos a videoconferência, se tivéssemos outras oportunidades, novas oportunidades, ora o que são as novas oportunidades, é isso mesmo, é o encontrar o indivíduo com todo o seu saber. Portanto, eu por exemplo, sou avaliadora externa das Novas Oportunidades, que é um trabalho, não é pelo dinheiro que ganho ou deixe de ganhar, para mim, o mais importante é eu sentir que continuo a estar na educação de adultos, porque, o que é as Novas Oportunidades, ninguém ensina ninguém, é as pessoas, o carpinteiro, o pedreiro, toda a vida calcularam áreas, toda a vida fizeram medições, é pôr em prática os seus conhecimentos. Portanto, é ir ao baú das suas recordações e a pessoa transcrever, portanto, o que é que me levou, passados estes anos, ter ido para as Novas Oportunidades e ter concorrido para ser avaliadora externa é encontrar o paradigma que eu perdi, porque cada vez mais nós sentimos que isto está tudo muito formatado, a relação humana está-se a perder na escola, que era uma coisa que se privilegiava na educação de adultos. O contacto porta a porta, tudo isso, eu, por exemplo, na feira de Vila Real fiquei muito gratificada, fiquei mesmo contente, quando encontrei uma senhora “Professora lembra-se dos cursos em Furnazinhas e das exposições, a Câmara voltou a fazer cursos, quer dizer, eh pá! Alguma coisa ficou. Se os senhores presidentes das Câmaras que usaram o nosso trabalho para fins políticos e agora foram buscar novamente essas ideias, excelente! É isso que eu acho, agora, hoje, toda a gente fala em educação de adultos, mas as pessoas não sabem o que é educação de adultos, só usamos é o mesmo nome, isto

agora não é educação de adultos, usam uns programas muito estruturados, são os cursos EFAs, mas as pessoas não sabem o que são cursos EFAs, eu tenho a percepção de que se tivesse certos e determinados formadores, ia-me embora e é isso que eu acho. Voltando atrás, há vinte tal anos atrás, nós fomos verdadeiros heróis da educação no Algarve e, se calhar, no país, porque pelo cargo que ocupava tive oportunidade de participar em vários encontros nacionais e internacionais, alguns transfronteiriços e, o nosso trabalho aqui era admirado pelo que fazíamos. Nós fizemos coisas que mais ninguém fez e as pessoas ficavam admiradas com a forma como dinamizávamos as populações, o número de cursos que tínhamos, as atividades que desenvolvíamos. A educação de adultos era uma área virgem e nós é que a desenvolvemos, nós é que criámos o campo para outros depois aproveitarem e houve muitos que se aproveitaram daquilo que fizemos, ainda bem, se as populações aproveitaram, mas nós é que começamos, é que andávamos no terreno junto das pessoas, íamos a casa delas, falávamos com elas (...) Olha, eu fui assistir a uma apresentação num Centro de Novas Oportunidades, que a pessoa convidou-me, eu não fui júri, a pessoa convidou-me e fiquei, realmente, as homenagens às pessoas, não é aquelas das Câmaras, são aquelas das pessoas mais simples e uma pessoa faz uma apresentação sobre o seu clube da sua terra natal que nasceu precisamente num curso socioeducativo e quando a pessoa perante uma assistência, eu era uma pessoa anónima ali, diz “O Clube do Rio Seco deve-se a uma pessoa que está na sala” e eu senti-me pequenina. É verdade, quando a senhora me disse, quando me convidaram para ir eu nem esperava que a D. Arminda fosse fazer uma apresentação dela, como é que uma pessoa, empresária de Vila Real, mas do Rio Seco, sua terra natal, quando ela diz que o clube do Rio Seco nasceu depois de um curso socioeducativo de corte e costura e que as pessoas começaram a se reunir e acharam que, chegaram à conclusão de que tinham necessidade de ter um clube e que estava uma pessoa na sala que tinha ajudado a criar o clube, que era eu. Eu nunca na vida, passados estes anos todos, pensei que tivesse ficado uma semente e ficaram várias sementes no concelho de Castro Marim (...) **[Hum...]** Não ficou uma, ficaram várias, o que fizemos teve consequências, aqui era um concelho com gente idosa mas também com muitas mulheres ainda jovens que participavam nos nossos cursos e tinham muita genica e que, depois, se organizaram. Hoje, como a D. Arminda que voltou para o Rio Seco, acredito que muitas pessoas estão a voltar para o sítio onde nasceram e têm vontade de fazer ressurgir certas coisas que já existiram, que nós lançamos há vinte e

tal anos e que depois foi desaparecendo. As cidades começam a não lhes dizer nada e as pessoas estão a voltar, a comprar os seus terrenezinhos, a voltar a interagir com as pessoas lá da terra. As pessoas por causa da idade ou da crise deixaram de trabalhar e estão a voltar e têm necessidade de ocupar o tempo e a D. Arminda diz “ eu preciso levar para lá cursos como havia no seu tempo”. Eu já me sinto, assim, um bocado, velha, mas, efetivamente, foi verdade, tínhamos cursos espalhados pelo concelho e as pessoas sabem disso e agora, voltam para a terra e querem fazer aquilo e que nós já fizemos, isto é sinal de que deixámos a nossa marca. Outra marca que eu acho que deixámos, que sinto um bocadinho vaidade, estava um sacerdote em Castro Marim, havia mais de trinta anos e que tinha alguma má relação com a população, quando chegou um sacerdote novo, apresentaram-me e eu disse-lhe, vamos lá ver, a gente vai apresentá-lo à comunidade e fizemos várias sessões com o padre. Na Altura que era uma população grande nós fizemos uma reunião na escola primária, apareceu muita gente, disseram ao padre que gostariam muito de ter uma missa. Isto foi em Outubro (...) já não me lembro o ano, nos anos 80, 90 (...) e foi celebrada uma primeira missa num cinema antigo, foi giro, quer dizer, fui eu quem deu os passos todos e depois nessa missa fui convidada para estar presente e hoje, eu vou aquela igreja e sinto um arrepio. No fundo, eu fui o tijolinho do lançar uma ideia numa população que não tinha uma igreja, que nunca tinha tido uma missa, mas queriam ter uma igreja e o querer e poder. As pessoas têm uma grande força e de partilha e de saber e começamos numa reunião com uma bolseira na escola para as pessoas conhecerem o padre, porque antes era um padre velho agora era um padre novo, fizemos uma reunião na escola e depois surgiu a necessidade de uma primeira missa na Altura. E a missa realizou-se no Natal, no cinema e depois as missas, a igreja funcionou muitos anos no cinema e, hoje, a Altura tem uma igreja lindíssima. Quer dizer, achei interessante, passados anos eu ser convidada para inauguração da igreja. Isso, para mim é que é o mais importante, mais importante do que o que a ministra possa pensar de um simples professor, o que fica na memória das pessoas é o que aconteceu de bom e elas não se esquecem daqueles que trabalharam, que ajudaram a fazer algo de útil para comunidade. Porque no fundo o que é mais importante, qual é o nosso maior património, são as pessoas. Agora, descaracterizámos, é verdade, porque os políticos, enquanto nós fazíamos encontros de poetas com a prata da casa, hoje, vamos buscar grandes artistas de nome que cobram grandes cachets, ninguém trabalha para uma Câmara gratuitamente. E nós, não tínhamos uma estrutura, como

precisávamos do apoio da Câmara, trabalhávamos muito em parceria, às vezes, tínhamos dissabores porque as pessoas conotavam-nos com a cor da Câmara,”hhh”, eu, durante aqueles anos todos tive problemas, tive problemas porque as pessoas a certa altura, isto é assim, ninguém dá sem receber alguma coisa em troca e as pessoas, às vezes, servem-se ou serviam-se do professor, e, depois, as pessoas conotavam-nos com um partido. Se, efetivamente, corria tudo bem, tudo bem, se as pessoas tinham divergências políticas, eu era a primeira, “hhh”, é o treinador o primeiro a, pronto, eh pá! Mas a pessoa tem de ir adquirindo (...) [Hum...] Eu apanhei muitas, fui treze anos coordenadora concelhia em Castro Marim e treze anos coordenadora em Vila Real e conheci muita coisa. Em 26 anos de coordenadora concelhia engoli muito sapo, tive muitos problemas, eh pá! Em Castro Marim não tive assim tantos problemas, conheci sempre o mesmo presidente, mas em Vila Real, não, conheci três, em Vila Real conheci o CDU, conheci o PS e estive um ano com o PSD (...) Por exemplo uma recordação muito engraçada que eu tenho com alguma mágoa, cheguei um dia da Cortelha, um sítio de Castro Marim e disse para o antigo vereador “Olha a escola da Cortelha, da primária, vai fechar, é uma casa particular, devíamos comprar a casa” “Tás (sic) maluca, comprar uma casa na Cortelha?” “Eh pá, podíamos fazer bailes, podíamos fazer cursos, podíamos fazer exposições, podíamos fazer missas” Pronto, e entretanto não registei a minha ideia, não vendi a minha ideia. Passados anos, o atual presidente da Câmara fez aquilo que eu tinha sonhado, há 15 ou 20 anos atrás,”hhh”, eu costumo dizer quando tiver uma ideia, tenho que a registar. Pronto é o que eu digo, há uma coisa que ainda me falta fazer, tenho feito muita coisa, neste momento sou Vice-Provedora da Stª Casa, que é um cargo muito difícil (...) [Hum...] também fiquei muito desperta para o associativismo, uma coisa que nós tínhamos que hoje é quase tabu, era formação, uma coisa que nós tínhamos muito na educação de adultos era formação, mas formação com grande qualidade. Eu, por exemplo, tive a honra de “hhh” de realmente ter formação com o Roberto Carneiro, quer dizer, privar com o Roberto Carneiro não é privar com qualquer formadorzeco (sic). No ISCTE em Lisboa tivemos montes de formação, tivemos aquele curso de agentes de desenvolvimento com pessoas que hoje têm livros escritos, que são conhecidos, eu no meu mestrado estudei alguns, olha, a Isabel Guerra (...) Hoje, eu, por exemplo, pelo facto, de já estar no topo da carreira, eh pá! Não tenho direito a formação, quer dizer, não consigo ir porque é sempre a horas letivas, estava interessada em formação em

quadros interativos e outras coisas, “hhh”, e não tenho oportunidades. Se quiser, tenho de ser eu a pagar e pronto. Tive (sic) aqueles anos todos na educação de adultos, tive formação, depois fiz o mestrado e agora parei (...) [**Mestrado em Educação de Adultos?**] Sim, sim, fiz aquele mestrado de Espanha que era aqui em Vila Real mas pedi equivalência na Universidade do Algarve, eu sou das poucas pessoas que a Universidade do Algarve deu equivalência em Ciências da Educação na especialidade de Educação de Adultos que é a área que eu gosto e tenho trabalhado, praticamente, a vida toda. Eu naquela altura fiz o mestrado porque também se dizia que a educação de adultos tinha os dias contados e eu sinto-me é identificada com a educação de adultos e eu queria era continuar nesta área, aliás, (...) depois voltei à escola, não tenho nada que dizer dos órgãos de direção, embora tudo tenha sido muito atribulado devido às reformas muito aceleradas, mas, também, de certo modo, perceberam que eu poderia ser uma mais valia se me aproveitassem, se não me aproveitassem seria uma professora, se calhar, como alguns casos, com menos sucesso e, eu pus-me logo, disse “Eu estou disponível, eu gosto de alfabetização, eu gosto de trabalhar com adultos”. Por exemplo, aqui na escola, quando há problemas com a etnia cigana, eu tenho um relacionamento, “hhh”, razoável, digamos, para não dizer, “hhh”, com a etnia cigana, qualquer problema com diretores de turma eu sou o elo de ligação entre eles, os pais, os miúdos, pronto, quer dizer, eu penso que qualquer diretor ou presidente da comissão instaladora ou o presidente do conselho executivo, de certa forma, também foram inteligentes porque me aproveitaram, porque resolvi-lhes alguns problemas e por outro lado, não lhes causei problemas ao ensino formal (...) o ser humano adapta-se com facilidade, porque, eu acho que o grande problema é que as pessoas não perceberam que nós na educação de adultos evoluímos muito mais depressa do que os conceitos dos programas curriculares do 1º ciclo. Há um menino que tem computador, que tem jogos, tem não sei quê, nós não podemos usar o analítico-sintético, o pa, pe, pi, po, pu, papa, pipi, popó, isto está ultrapassadíssimo, temos que ir, que nós, independentemente de ser professores, temos que ter, temos que andar um bocadinho, “hhh”, eu conto sempre isto, acabei por entrar no hi 5, porquê? Tive um caso, aqui no gabinete, de uma jovem que andava num CEF, que deu a password a um amigo que por sua vez pôs a cara dela no corpo de uma mulher nua, a miúda abandonou a escola, depois lá falei coma mãe e com a família e não sei que mais, eu senti necessidade de entrar no hi 5, ter a minha página, para quê? Para poder ir

transmitindo, que se pode estar nas novas redes, mas também temos que nos salvar (…). E, é isso que eu acho hoje e que muitas vezes fico frustrada, o pipi e o popó e o pupu, não sei quê, isto não diz nada aos miúdos. Não diz e eu se tivesse que voltar para o 1º ciclo, eh pá! voltaria, mas, teria que trabalhar primeiro com os pais, para os pais também perceberem a minha mensagem, porque senão andávamos um bocadinho às avessas, porque hoje, é mais importante um conhecimento (…) nós estamos na era da globalização (…) [Hum….]E eu tenho outra história, nós ensinamos mais do que aquilo que pensamos que ensinamos, nós ensinamos mais do que pensamos, ”hhh” há cerca de oito, nove anos, estava no RSI, porque era também um cargo inerente “hhh”, que antigamente era o rendimento mínimo, e era uma família que andava na alfabetização, eram todos analfabetos e uma miúda cigana no caminho para a escola conheceu um não cigano. Pronto, houve ali uma história, uma história, e passado um tempo a mãe veio dizer-me que a filha tinha desaparecido, bom uma série de histórias, ela desapareceu e não sei quê. Bom, ela meteu-se no comboio que ia para o Porto, à procura do tal amor, ele disse-lhe como é que ela devia fazer, devia apanhar o comboio e não sei quê, ela chegou ao Porto e não havia homem nenhum. Pronto, o que é que acontece, ela ainda teve a inteligência de se dirigir a um polícia, o polícia acionou a linha de emergência, passa a noite na polícia e ela só conhecia dois nomes de Vila Real, o nome da técnica da segurança social, Drª Susana Cruz e a da Profª Marília Rufino, professora da alfabetização. Bem, começamos a intervir na família, a moça foi viver para uma casa de abrigo, de Abril até Dezembro, e nós fomos trabalhar coma família. Como é que trabalhámos com a família, era complicado porque a mãe de princípio dizia que desejava mais ver a filha morta do que recebê-la. Então nós dissemos que o rapaz era cigano, mentira, a certa altura a rapariga estava grávida e ela ia à segurança social receber apoio da técnica da segurança social e eu ia trabalhando com a família. A certa altura ela já dizia que recebia o cigano e a filha, ora o rapaz não era cigano e nós tivemos que aniquilar o pseudo cigano, portanto, como ele batia-lhe muito e bebia muito, ela foi para uma casa de abrigo, “hhh”, a Dina teve o bebé lá em cima, as técnicas vieram trazer, pronto, e de certo modo, cá está a referência que ela conseguiu, uma pessoa analfabeta, ir até ao Porto, sobreviver como cigana, hoje é uma mãe solteira, já teve um POC aqui na escola, também com muita vaidade minha, [POC?] um programa ocupacional temporário. E então, pronto, e o miúdo já anda no 3ºano, o miúdo é muito esperto, continuo a falar com o pai ao telefone, continuo a ser o intermediário,

quer dizer, e, estas coisas, é o que eu acho que é o que eu levo. Digamos que, eh pá!, depois as coisas acabaram de uma forma (...), eu acho que a partir do momento em que não conseguimos ser uma (...) fomos uma direção geral de extensão educativa, mas nunca tivemos um quadro próprio, eu acho que foi aí o grande problema, depois o grupo missão foi muito ambicioso “hhh”, eu acho que a educação de adultos já tinha os dias contados, acho que o problema dos nossos políticos é as capelinhas, portanto, nunca houve um entrosamento entre o chamado ensino formal e o não formal, a educação de adultos, eh pá! e, depois, de um dia para o outro toda agente começou a fazer educação de adultos. Andámos com o paradigma, ninguém sabia o que era educação de adultos, onde é que se encaixava, eram aqueles que andavam ali e tal, os coordenadores concelhios, ninguém percebia quem éramos nem quem não éramos, o que fazíamos e o que não fazíamos e, de um dia para o outro, toda a gente começa a fazer formação, “hhh” e a dar formação em educação de adultos, mesmo sem perceber. Portanto, e é isso que eu acho que faz falta termos um bocadinho a perspetiva que todos somos adultos educadores e adultos educandos (...) **[Hum...]** Eu acho que é uma pena se ter perdido o PIDR, que acho que estava muito avançado para altura, houve projetos comunitários, vê-se muito pouco a nível das escolas e hoje as escolas, limitamo-nos a um espaço sem condições quando se diz, temos tudo, temos um computador não temos impressora, quer dizer, hoje as escolas estão desprovidas de meios (...) **[Falavas no PIDR]** Ai, gostei muito desse tempo, fui muito feliz, nessa altura é que me senti mesmo realizada com tudo aquilo que fazíamos, como as populações nos viam, as pessoas queriam coisas, acreditavam em nós, sabiam que estávamos ali por elas e a Câmara, percebia isso. Eu tinha muito apoio da Câmara, não era possível fazermos o que fizemos sem a Câmara. A Câmara dava apoio logístico, pagava bolseiros, alguns, nem todos, no tempo do PIDR, a Distrital pagava também, aquelas pequeninas festas que se organizavam, eles ajudavam sempre, se convidávamos algum artista local e era preciso pagar alguma coisa, lá íamos à Câmara, era preciso muito dinheiro, fotocópias, material para os cursos que precisávamos, nós fazíamos os panfletos numa máquina de escrever, ainda sou desse tempo (risos), os cartazes, para os cursos, para as festas, que ia haver um baile, uma sessão sobre saúde, aqueles encontros de acordéon que agora se fala muito, nós é que começámos a fazê-los em Castro Marim há 30 anos. De acordo com a época do ano, dias de festa, feriados, no encerramento de cursos, no final do ano, havia sempre uma festinha, música, encontros de poetas, baile, aqueles lanches que

fazíamos, que as pessoas gostavam muito, cada uma levava uma coisa, era uma festa no monte. Eh pá! eu naquela altura sentia-me (...) não é bem importante, as pessoas gostavam do nosso trabalho e eu na Câmara tinha quase tudo o que pedia, depois tinha uma relação mito bom com o presidente Guilhermino, que, infelizmente, já faleceu. Ele sabia tirar partido da educação de adultos e nós aproveitámos isso. Foi um tempo muito bom, (...)

Isso foi o meu início na educação de adultos, foi aí que aprendi o que é ser coordenadora concelhia. Depois que acabou o PIDR tudo mudou, infelizmente. [**Ser coordenadora concelhia, como é que aconteceu?**] Sabes, eu fui sempre uma pessoa aventureira, quando acabei o curso do magistério concorri a nível nacional, fui para a Ilha da Madeira, estive na Madeira e estive nas anexas ai orientar estágios da Pré, depois, vim colocada aqui para o Azinhal e os presidentes de Câmara tinham tido aqui uma reunião na CCRA e, então, iam ser criados cargos de coordenadores de educação de adultos e eu penso que naquela altura havia uma certa posição política de que deveriam ser as Câmaras a escolher os coordenadores. E eu, guardo com muito carinho, o dia em que estava na escola do Azinhal e aparece-me o Francisco Zambujal. Foi ele que me convidou. Ele já tinha falado com o presidente da Câmara de Castro Marim que já me conhecia, e, então, como me conhecia, porque eu era uma professora conhecida, era uma voz reivindicativa na Câmara, porque quando cheguei à escola do Azinhal com o fervor dos vinte e poucos anos, achava que as carteiras não eram adequadas para as crianças, queria mobiliário novo, mais material, etc...etc... e ia à Câmara, muitas vezes, e o José Guilhermino, conhecia-me bem, eu sou natural do concelho de Castro Marim, e é assim, era uma jovem professora que tinha estado na Ilha da Madeira e que voltou para o concelho, ali tudo se sabia. Depois aparece-me o Francisco Zambujal a convidar-me e eu aceitei logo sem saber o que era educação de adultos. Eu não sabia nada, nada, nada de educação de adultos, não fazia a mínima ideia, no Magistério nunca nos falaram deste tipo de educação, nem de Paulo Freire, temas geradores, coisas dessas, nunca tínhamos ouvido falar, nós também somos daquela geração do Magistério, depois do 25 de Abril, fomos o 1º curso e ninguém sabia qual o rumo que a educação tomava, mas, se calhar, no Magistério aprendemos outras coisas que depois nos ajudaram. Estávamos um pouco, quer dizer, tinha acabado o fascismo, estávamos na Democracia, não sabíamos o que isso era, estávamos um pouco por intuição, mas, hoje, também vemos que as pessoas saem das Universidades muito mal preparadas e vemos

aqueles cursos que não têm prática integrada e depois andam à nora, nunca foram confrontados com uma turma, gerir um conflito. Eu, hoje, penso que a educação de adultos deu-me uma grande preparação, mas a princípio, eu não sabia nada, fiz estágio com crianças, não com adultos (...) Mas, depois aprendemos, tivemos muita formação. E, hoje, sou formadora e acho que aprendi muita coisa na educação de adultos naquelas formações que fizemos, nos Seminários, nos Encontros. E também aprendemos com a experiência, uns com os outros. Se tínhamos dificuldades tínhamos de nos arranjar, quando entrei para educação de adultos, estávamos todos iguais, não havia ninguém que pudesse dizer que sabia como se fazia, ninguém tinha tido experiência nesta área. Sabes, com quem aprendi, de princípio, foi com uma equipa que veio, “hhh”, aqueles primeiros estudos que se fizeram, não sei como apareceram, mas trabalhavam connosco, lembro-me da Everilde, que correu o nordeste algarvio todo. Eh pá! aquilo foram tempos lindos, porque aqueles montes não tinham nada e nós, por um lado, e o PIDR deu azo a que se rasgassem estradas, se acabasse com o isolamento de muita gente, havia escolinhas com três e quatro meninos e começou a haver cursos das avós e das famílias, à noite. Criaram-se cursos no concelho todo. E não eram só pessoas idosas, também havia gente jovem. Nos montes havia aqueles que eram pastores, que ávida, o futuro das pessoas, na serra, naquela altura, olha, ou iam para Guarda, para a Polícia, ou ficavam como pequenos agricultores se não tinham outras condições, quer dizer, e era a população que nós encontrávamos e hoje, a população, naturalmente, pronto, eu acho que os montes nunca vão acabar, vamos é numa mutação. E tive o primeiro curso socioeducativo de corte e costura em Castro Marim que, depois, fez uma passagem de modelos na Praia Verde. Foi muito giro, era um curso de mulheres ainda jovens que depois forma apresentar os seus vestidos, teve jantar, teve prémios, tu lembraste? Estavas lá **[Sim, fiz parte do Júri]** Pois foi, naquele tempo fizeram-se coisas, Furnazinhas tinha um projeto de património histórico-cultural, começámos a fazer levantamentos sobre lendas, mezinhas, provérbios, sei lá, foi descobrir a cultura popular, a poesia popular, a Tia Rita que infelizmente já “partiu”, pronto, eu acho que foi uma época que as pessoas começaram a valorizar a cultura local (...) hoje aparecem os antropólogos, evidentemente, tudo tem a sua época e hoje as pessoas parece que estão a descobrir aquilo que já tínhamos feito há mais de vinte anos atrás, mas ninguém descobre nada (...) **[Sobre os cursos de alfabetização]** Os cursos de alfabetização eram dados pelas bolseiras, por professores em regime de acumulação.

A princípio eram bolsseiras e as professoras destacadas na coordenação concelhia, eu não dava curso, elas davam. Fazíamos as reuniões quinzenais para distribuir material, íamos aos cursos, eu é que ia mais vezes, mas as minhas colegas da coordenação também iam. Depois, mais tarde, eram professores em acumulação e aí já era diferente, eles é que faziam o material, havia poucas reuniões de coordenação, eu, de vez em quando, ia aos cursos, alguns desses professores precisavam de muito apoio, mas havia mais dificuldades em reunir com eles, já não era a mesma coisa e aí já não havia PIDR. No tempo do PIDR ainda tínhamos as visitas da Distrital, mas depois, esse apoio acabou. Era tudo muito diferente (...) e não tenho dúvidas que as bolsseiras faziam melhor trabalho que muitos dos professores em acumulação, alguns eram colocados na alfabetização sem preparação nenhuma e pior do que isso, sem motivação, aquilo era uma obrigação. As bolsseiras, não, aceitavam porque queriam, porque gostavam, tá bem, aquela bolsa ajudava, mas não era pelo dinheiro (...)

[Perdeste o contacto com essas bolsseiras?] Eh pá! mais ou menos, de vez em quando encontro, depois vim para Vila Real, sabes, como entidade patronal, tenho uma educadora de infância que foi nossa bolsseira em Odeleite, aliás tenho, “hhh”, eu acho que a educação de adultos acabou por ser uma porta aberta para muitas jovens, muitas jovens formaram-se na vida, como bolsseiras, muitas jovens que estavam na serra, eram do próprio monte e as pessoas respeitavam-nas, depois, foi o criar o gosto pela formação, por lidar com as pessoas (...) E muitas jovens conseguiram, há muitas na área da informática, da enfermagem, da educação, no ensino há muita gente (..)

Eh pá, acho que é daquelas coisas que eu acho que é bonito. Pronto, acho que há qualquer coisa de belo, o reviver das tradições, hoje faz-se a Maia, eu fico contente, só tenho pena que os recursos e os meios do meu tempo não me tivessem proporcionado que quando eu saí não tivesse deixado um livro escrito com todo aquele material que recolhi durante aqueles anos e, olha que foi muito. Eu fui a primeira pessoa no concelho que fez a recuperação da Maia, fiz na Junqueira a primeira festa da Maia, depois de muitos anos que esteve esquecida esta tradição. As pessoas da Junqueira depois aderiram à ideia e passou a fazer-se esta festa. E os doces tradicionais, o pão caseiro (...) Fui eu que fiz a primeira feira de artesanato no castelo de Castro Marim, que depois a Câmara seguiu a ideia e todos os anos se faz, já não sei em edição vai, mas foi a educação de adultos que iniciou a feira de artesanato no concelho. Eu é que dei os primeiros passos, eu fiz os levantamentos dos artesãos dos concelhos, eu conhecia-os todos e convidava-os para a feira. No

início era eu que levava muitos deles para a feira no meu carro. O meu carro fez milhares de quilómetros naquele concelho, ia no meu carro a todo o lado, nunca pedi carro emprestado à Câmara, não é que eles não me dessem, mas preferia ir no meu, ”hhhh”, toda agente já conhecia o meu carro, quando chegava a qualquer monte vinham logo ter comigo. Não deve ter havido artesão nenhum do concelho que não tivesse andado comigo. Depois criou-se uma comissão, era a comissão concelhia de divulgação do artesanato, constituída pelo vereador do pelouro da educação da Câmara, por mim, por outras pessoas do concelho. Depois, muitas pessoas, pronto, hoje, muita gente daquele tempo já desapareceu, mas, eu tenho um grande espólio desse tempo e penso um dia vir a publicar um livro, sobre a minha experiência, sobre a minha vida em Castro Marim, com os trabalhos que tenho desse tempo. Fiz isso, fiz, por exemplo, o levantamento das janelas típicas de Castro Marim, sou que tenho, das platibandas, que foi um trabalho que se fez a partir de um curso de fotografia. Também, não sabia o que era um curso de fotografia, também foi uma aventura, mas, sabes, esse curso correu bem aqui em Castro Marim. Eh pá! Foi giro, acho que foram coisas que não aconteceram por acaso, fomos fazendo, fomos aprendendo, e, hoje, acho que era importante, todos nós, sermos agentes de educação de adultos, que é o que faz falta, porque, no final, da comunidade, do meio, é que deve partir tudo. É assim, se trabalharmos os meninos e não trabalharmos as famílias, face ao problema do bullying, face ao problema da droga, do insucesso escolar, do abandono escolar, não é por mero acaso que a minha tese foi sobre o abandono escolar. O abandono escolar não pode ser visto como um fatalismo, aconteceu, nada acontece, vai-se construindo, “hhh” porque eu aí também acho que aprendi muito com a comunidade cigana e com o poeta António Aleixo, porque, por exemplo, do berço à tumba são valores que nós vamos adquirindo, e os valores estão intrínsecos numa família, “hhh”, e eu acho que se a família, for uma família estruturada, pode ter algum deslize na vida, mas, se houver uma estrutura local, um agente de desenvolvimento, que apoie a família, em qualquer família pode acontecer uma situação menos correta, mas não quer dizer que a pessoa não prossiga os seus caminhos (...) [Hum..] Eh pá, já não tenho mais nada para dizer [Acho que tens] Não tenho, sinto-me cheia, é assim, aos 52 anos acho que estou todos os dias a aprender e assumo isso que é o meu paradigma, não sei tudo, estou sempre a aprender, e eu acho que tinha vontade de fazer coisas novas e daí estar ligada a uma associação, a uma IPSS, por eu acreditar nas pessoas, faço tanta coisa, mesmo assim, tenho a alfabetização, estou

ligada à St^a Casa da Misericórdia, estou no Gabinete de Apoio à Família, sou mediadora de um curso EFA e sou avaliadora externa dos cursos dos Centros Novas Oportunidades (...) [**Fala-me um pouco do trabalho da coordenação concelhia de Castro Marim, no tempo do PIDR**] Eh pá! Eu era a coordenadora e depois tinha duas colegas, também professoras que estavam destacadas e que trabalhavam na coordenação comigo, mais na alfabetização, davam cursos e produziam material para os cursos. Eu fazia a planificação com a equipa, reunia quinzenalmente com os bolsiros, ia aos cursos porque, no fundo o acompanhamento técnico-pedagógico era precisamente isso. Estávamos organizados por áreas (...), nós tivemos o primeiro curso supletivo nocturno, não havia nada em Castro Marim, não havia a escola de Castro Marim, nós conseguimos levar para C. Marim um curso que abriu portas a pessoas que conseguiram fazer o 6^o ano. Por ironia do destino, tenho encontrado pessoas, agora, como avaliadora externa, a fazerem o 9^o ano, por acaso, foi gratificante, encontrar pessoas com histórias de vida, passados anos, recomeçaram a estudar, porque, às vezes, o problema das escolas é ter um muro à volta, têm um muro, como espaço físico, mas têm um muro, “hhh”, pronto, o que é que isto fazia diferença na escola, o curso se calhar podia ocorrer na tasca do Zé da Esquina, onde os amigos se encontram à noite, e essa perspectiva, a educação de adultos a tinha. Em qualquer lado se pode fazer, “hhh”, havia um jornal muito interessante que era o Viva Voz, nós recebíamos o jornal, líamos o jornal, chegávamos a ouvir os programas da rádio, e hoje, as pessoas, quer dizer fecham-se muito, temos um programa padrão, e, por exemplo, eu tenho esta mágoa, tive o ano passado uma boa professora, do meu grupo, em alfabetização, e a pobre vai ser avaliada como uma professora do 1^o ciclo, quer dizer, a pessoa que pegou no dossier dela, avaliou-a como se fosse professora do 1^o ciclo, isto é triste. Quer dizer, as pessoas não percebem o que é ter um grupo de pessoas com saberes heterogéneos, com vivências diferentes, criam objetivos, criam programas de recuperação, eh pá! nós não temos programa de recuperação, recuperação fazemos todos os dias, não fazemos um programa de recuperação para o aluno que teve uma negativa, não, eu não posso fazer um material para a semana, eu todos os dias tenho de ir ver o que é que eu aprendi e voltar a fazer e a colega teve o mesmo bom que as outras que não pediram avaliação. Ficou frustrada e eu como coordenadora dela, mais frustrada fiquei porque foi uma pessoa que não sabe o que é educação de adultos que a foi avaliar. Isto está mal, portanto, continuamos a ser os parentes pobres de todo o sistema, mas há uma

coisa que toda a gente se está a esquecer, se nós não investirmos na educação de adultos com grande respeito, com grande seriedade, nós vamos ter graves problemas e já os temos, porque daqui a pouco temos turmas inteiras de meninos ciganos, meninos isto, meninos aquilo que, os professores não estão preparados para outras culturas, para outras etnias, se eu nunca vi o mar ou se eu nunca vi um castanheiro, como é que me espetam um texto do castanheiro. Eu hoje, com 30 anos de serviço, ainda perco muitas horas a preparar as aulas, porque vou construindo o meu material à medida, faço, exatamente como fazia, como aprendi naquelas formações que fazíamos em Vale da Telha, sobre Paulo Freire. E, se hoje tivesse de voltar para o 1º ciclo, eu teria que explicar aos pais porque faço isso, porque, por exemplo, eu aproveito as embalagens, quando eu vou ao LIDL, eu vou aos hipermercados trago os pacotes de leite e recorto e vemos as promoções e até que dia é a validade do produto, e vejam lá a data e está válido e não está válido e não sei quê. Por exemplo, ainda no ano passado fiz várias sessões sobre saúde, na semana da saúde, com o colega de educação física e pesámos as pessoas e vimos, “hhh” e é isso que eu acho que faz falta, ainda continuamos muito formatados a uma sala de aula e isso tudo, e aquele que sair do padrão, coitado é indisciplinado (...) **[Hum...]** Porque a pessoa tem que se dar para receber. Porque, se nós desenvolvermos competências mínimas, é o que eu todos os dias, “hhh”, a minha conversa é todos os dias isto, ninguém estava à espera já, toda a gente faz o IRS na internet, neste momento as pessoas que recebem uma pensão, ou têm RSI, rendimento social de inserção, têm que fazer a prova dos rendimentos, portanto ou fazem na sua casa ou têm que ir a um serviço, têm que ter uma senha, tem que se explicar às pessoas o que é uma senha, têm que ter um cartão de cidadão, por exemplo, o ano passado, tivemos uma aula prática, vamos toda a gente tirar o cartão de cidadão, mas, para tirar o cartão de cidadão, eu tive que estar a fazer, a pedir autorização para ir a uma vista de estudo, quer dizer, é um bocadinho, pronto (...), **[Hum...]** eh pá! mas, é assim, o que queres que diga mais (...) **[Estou a gostar de te ouvir]** (...) Estou a viver uma fase de resiliência (...), **[Qual a tua relação com o concelho de Castro Marim?]** Eh pá! vou muitas vezes, é aqui tão pertinho, deixei amigos, ainda vou de vez em quando buscar o pão, buscar azeite, o borrego, os bolos vou buscar a Odeleite, e há gente a voltar. As pessoas, e nós vemos, hoje, as pessoas reformam-se e voltam para a terra, para a casa que era dos pais, a cidade já não vai dizendo nada, mas isso já se dizia, “hhh”, quem era, ah! A Everilde já dizia isso há 30 anos, já se dizia que havia necessidade. Hoje,

na cidade, as pessoas vivem em função do consumismo, não podem passar sem o hipermercado. E, no campo, no nosso tempo, nós fazíamos recolhas de receitas e hoje, não, “compre o seu peru de natal” e já vem feito, quer dizer, perdemos o saber fazer por o ter, e naquela altura as pessoas faziam, faziam de gosto, eram os “burnhóis”, os fritos, as “panadilhas”, as pessoas gostavam de fazer e de partilhar, lembraste daqueles serões, que havia de tudo e as pessoas gostavam de mostrar, de dar, aqueles jantares eram uma maravilha (...) Eu hoje, penso que a educação de adultos deu-me outra perspectiva da vida, aprendi muito com tudo isto, com as pessoas, com a formação, com os problemas que tive de resolver, com tudo. Eu, hoje, como entidade patronal, entre aspas, na Stª Casa da Misericórdia, neste momento, vou apostar na formação através das Novas Oportunidades, nas áreas modulares, gestão de conflitos, motivação, dinâmicas de grupo, porque, nada é estático, e é isso que eu acho que as pessoas têm que ir percebendo (...) **[Por falares em formação, há pouco dizias que, como coordenadora concelhia aprendeste também no terreno. Que parcerias havia aqui em Castro Marim]** Para além da Câmara, havia a RADIAL, o Centro de Saúde, eu pertencia ao Grupo de Educação para a Saúde de Castro Marim. E, pronto, isto depois era um concelho muito pequeno e acabávamos, “hhh” éramos sempre os mesmos, todos nos conhecíamos. Mesmo, hoje, alguns casos de sucesso que nós temos tido, por exemplo, ontem, estou ligada ao Projeto Vida e fui estar com o médico para tratar de assuntos de toxicodependência, temos aí algumas famílias, alguns casos de encaminhamento e, nomeadamente, projetos de vida, eu acho que era um termos, que eu aprendi naquela altura, e, hoje está muito em voga, projetos de vida, mas muita coisa vem daquele tempo, a educação de adultos foi a minha escola (...) **[Falaste na RADIAL]** A Radial, pois, eles trabalharam connosco, sempre me dei bem com eles, havia colegas que achavam que se estavam a aproveitar do nosso trabalho, que tinham certas manias, mas eu acho que não, isso tudo depende da forma como encaramos a coisa, nós já cá estávamos, no terreno, depois eles vieram, eh pá! eu aprendi muito com eles, vinham com outras ideias, tinham perspectivas diferentes, o Alberto de Melo, naquela altura, veio de França, estive na Direção Geral, pronto, tinha outras ideias, e, hoje, tenho uma boa ótica com o Alberto de Melo, com a Priscilla, aprendi muito, realmente, na relação com eles, “hhh”, nós podemos ter muito a noção da prática, mas depois falta o esquematizar, o orientar, as relações que tinham, por exemplo, aqueles célebres almoços na Ti Anica, nós íamos lá, mas, quer dizer, havia sempre um motivo, ir mais

além, as Iniciativas Locais de Emprego também foram um bocado a plataforma, desbloquearam, o Instituto de Emprego e Formação Profissional, naquela altura só dava subsídios de desemprego e foi também o pontapé de saída dos tais projetos das Iniciativas Locais de Emprego (...) E pronto, como digo, fui um bocado preguiçosa não ter ido escrevendo as minhas memórias, mas, a gente nunca acredita que esse tempo vai passando e ainda bem que as coisas são assim, porque a gente tem que ir saboreando e encontrando coisas, cada dia uma descoberta. E quando eu, por exemplo, acho, uma coisa que eu também aprendi muito com a educação de adultos, eu tenho a sensação que não estou a envelhecer, tenho a sensação de que gosto de trabalhar com grupos heterogéneos, gente jovem e gente menos jovem. Porque é nessa partilha de saberes, com pessoas de várias idades, que vamos sabendo e mudando, não eram os tais senhores (...) eu fiquei um bocado desapontada com a política, afastei-me da política, era da Assembleia Municipal, mas, não, já não quero nada com a política, fiquei desencantada, uma coisa somos nós como técnicos no terreno e, outra, são os políticos que prometem o que não podem dar e a certa altura há o tal choque, o tal paradigma entre o poder político e o poder de quem não tem nada. E, eu, não posso prometer o que não tenho para dar e então a minha relação acaba por ser mais dócil, mais sadia, tudo o que se possa aguentar em relação aos políticos e essas coisas, se calhar, paguei um bocadinho caro, porque também não fui uma pessoa ambiciosa na política. Sempre me senti mais técnica do que política, nunca tive ambições políticas e então, daí, hoje, sinto-me uma pessoa mais livre (...)

[Deixa-me perguntar-te, tu foste 13 anos coordenadora concelhia de Castro Marim, viveste o término do PIDR, como foi depois?] Quando o PIDR acabou as coisas mudaram completamente, completamente, não era a mesma coisa e depois saí, a maior parte do trabalho já estava feito, já tinham acabado aquelas parcerias, perdeu-se aquela dinâmica, e, eu acho que comecei a ficar cansada, e a Câmara não me percebia, e, sabes, uma pessoa que está muito tempo numa Câmara começa a entrar numa rotina e as pessoas, depois, e isto é mesmo assim, chegam aqui e depois já querem chegar além. Depois começaram preocupar-se mais em fazer estradas, estradas, estradas e deixaram a educação de adultos mais de lado (...) e depois vim para Vila Real, também, porque a colega que estava na coordenação saiu, foi para o Parlamento, aí está o que te disse, a educação de adultos a ajudar à política, “hhhh”, em Castro Marim ficou a Adelaide Pinheiro, ainda ficou dois ou três anos e depois a coordenação fechou. Vim para Vila Real e foi outra história de vida. Havia outros

desafios, havia um Centro Cultural, havia um espaço que era um antigo centro de artes e ofícios que foi remodelado e, eu sinto, fui eu que comprei as cadeiras, comprei entre aspas, porque ajudei a escolher aquele material, eu construí, fui a Coimbra, naquela altura, nunca tive a universidade da terceira idade porque assustava-me (...) o presidente da Câmara, Eng. António Murta confiou em mim, totalmente, para criar (...). Naquela altura, havia um protocolo tripartido, Câmara, Direção Regional de Educação e St^a Casa da Misericórdia porque havia necessidade, por uma questão de verbas, e eu nunca quis, foi, naquela altura, também, da criação da ANEFA, uma perspetiva diferente etc...e começaram a aparecer as universidades da terceira idade (...) porquê, porque a educação de adultos deixou de ter os cursos socioeducativos, porque os cursos socioeducativos na perspetiva do ministério de educação tinham que ser canalizados para pessoas com menos escolaridade e a população começou também a querer descobrir, pronto, começou a nascer o bichinho, etc...E aí, houve uma oportunidade, quer dizer, o que a Câmara não pagava, “hhh”, criou uma disciplina que era cidadania, o que me deu um gozo muito grande, muito grande, porque eu achava que as pessoas podiam não ter os cursos, os cursos como o Inatel, não podiam estar nos Arraiolos pelos Arraiolos, tinham que desenvolver competências de leitura e escrita e então criou-se a educação cívica e cultural, por sua vez, naquela altura era permitido, como havia uma parceria com o ministério da educação, na sua descentralização, direção regional, professores de várias escolas foram leccionar, tive o prazer de conviver com uma pessoa que já “partiu”, o Eugénio Gavinhos, de Tavira, era um poço de saber, era um fulano da célula do PCP, era um fulano fora de série, quer dizer, com ele, as pessoas estudaram in loco o que eram os órgãos de soberania, fomos à Assembleia da República, passámos lá o dia , conhecemos os jardins, almoçamos no Parlamento, assistimos à discussão do orçamento, “hhh”,depois, não bastando, fomos ao Parlamento Europeu, eh pá! pessoas que nunca andaram de avião, ir ao Parlamento Europeu (...)

[Quantos cursos havia na Universidade dos Tempos livres?] Eh pá! Tinha mais de quarenta cursos, cursos para jovens, menos jovens, pessoas idosas, era assim, ainda há dias encontrei uma velhota que disse “Professora, este ano, diz-se que não há dinheiro para cursos” (...) depois com toda a reestruturação do ensino, não foi por questões políticas, como se disse por aí, eu volto à escola, portanto, eu estava destacada, o gabinete da coordenação concelhia funcionava lá, e depois, os professores iam das escolas à UTL, dar alfabetização, aquilo era um centro de

educação de adultos, iam professores da Secundária, “hhh”, eh pá, isto é tudo a maneira como nós encaramos, eu não podia criar um curso de educação física, podia era criar um projeto. Viver em e com Cidadania, viver saudável e com cidadania, todos os cursos tinham uma componente formativa (...). Por exemplo, o colega de Educação Física, que no fundo era uma pessoa que tinha um doutoramento em educação física e o que é que acontece, acontece que o nosso projeto que foi aprovado e não sei quê, não era um projeto de educação física, Viver em e com Cidadania Saudável, ele era pago pela escola secundária, tinha x horas para trabalhar na Universidade dos Tempos livres, era um projeto da Direção Regional, ou seja, o colega António Pereira ia dar educação física, mas não dava educação física, se ia dar postura corporal dava um texto às pessoas para lerem, para falar, quer dizer, fazíamos panfletos, iniciámos as célebres caminhadas que hoje está em voga, a caça ao tesouro na mata, depois, (...) com a reestruturação educativa, depois voltei à escola, fechei a coordenação concelhia, entreguei os bens, depois, vim para a escola, mas com a função de coordenadora, tinha um nome muito pomposo Técnica, “hhh”, tinha a ver com os cursos EFAs, e, tinha que coordenar os cursos EFAs de Vila Real, Castro Marim, Alcoutim, e, era mediadora, era avaliadora, ia assistir aos cursos, foi um bocadinho a forma que encontraram para a transição (...). Quando foi o concurso de titulares, ali eu tinha que fazer uma opção, se vivesse em Faro poderia ter feito outra opção, aqui, ou ia para a carreira técnica da Direção Regional ou saía mesmo e saí, fiquei no ensino. Pronto, fiquei aqui no Agrupamento, fui sempre destacada, a Câmara nunca me pagou dinheiro, isto que fique bem patente, nunca recebi um tostão da Câmara. Portanto, depois voltei à escola e penso que a minha adaptação não foi difícil, costumo dizer que levei anos a mandar, entre aspas, e, hoje, sou mandada. Quer dizer, não me importo, posso não concordar, às vezes sou um bocadinho irónica e digo, a ministra paga-me para eu não pensar, paga-me para eu fazer (...) E pronto, o que é que queres que eu diga mais, já não tenho mais nada a dizer (...) **[Para ti, quais os melhores tempos do PIDR?]** Tudo, os cursos, a formação, as festas com as pessoas, os encontros de poetas (...) a passagem de modelos na Praia Verde, com as jovens de Furnazinhas, daquele curso de corte e costura, a passagem de modelos foi daquelas coisas que a pessoa não esquece mais, hoje, para se fazer uma passagem de n modelos é preciso estilistas, é preciso assessores para tudo, é preciso isto, é preciso aquilo, quer dizer, hoje, “hhh”, naquela altura, apesar de haver subsídios funcionávamos com pouco, com a prata da casa,

convidávamos amigos, conhecidos, fazíamos tudo por amor à camisola e, hoje, se alguém pensar em fazer uma passagem de modelos, se calhar vai chamar a Ana Salazar, se calhar vai chamar um aderecista famoso, e, nós fazíamos, as coisas corriam, porque nós acreditávamos e quando se acredita, faz-se, e nós fazíamos tudo, fazíamos os cenários, pintávamos os cenários, improvisávamos, e, hoje, não, hoje, vamos buscar a Maya, que até me sinto mal de falar isto, como grande protetora e defensora do concelho e divulgadora, não sei porquê. Mas, isto, para dizer o quê, para dizer que hoje, os políticos vão buscar figuras da televisão para vender a imagem. Mas, se calhar, eu, também, vendi a imagem de Castro Marim, os políticos aproveitaram-se de mim, do meu trabalho, mas isso, hoje, para mim, já não conta, conta mais o que eu vivi, o que eu aprendi, o que eu sei vale mais que o aproveitamento dos outros sobre a minha pessoa (...). É evidente que se me perguntarem, "hhh", eu, hoje, cada vez que estou na praça Marquês de Pombal, nas feiras de verão, vou lá compara bolos à Prova, elas dizem-me logo, quer a sua encomenda? Eu, se estivesse aqui fazia publicidade, fui eu que as criei. Quer dizer, e, eu sinto, hoje, que deixei a semente no concelho, hoje há muita coisa que não havia no meu tempo, mas acho que nada acontece por acaso, com a educação de adultos as pessoas começaram a participar, a conhecer novas formas, aprenderam a organizar-se. O que é a Odiana, não é mais nem menos que, são os agentes locais de desenvolvimento, só que naquele tempo nós éramos uns simples professores, ganhávamos o nosso mísero ordenado, né? e hoje, não, as pessoas é tudo doutores, ajudas de custo, quer dizer, as coisas tomaram umas proporções comerciais, o marketing, a globalização estragou tudo, pronto (...) **[E nos montes, ainda há atividades de educação de adultos?]** Eu acho que sim, sim, há, as Câmaras agora estão a, "hhh", vamos lá ver, as Câmaras perceberam, nitidamente, que para ter as pessoas na mão começaram outra vez a fazer aquilo que já tínhamos feito, as visitas, quem é que começou com as visitas de estudo? Fomos nós, levávamos as pessoas todo o sítio, olha, levámos as pessoas à Expo, elas não faziam a mínima ideia do que isso era. Eu, cada vez que me lembro, comprámos bilhetes baratos, fomos à Expo. E as Câmaras estão a retomar tudo isso para comprar o eleitorado. Neste momento a Câmara de Castro Marim tem um curso de Arraiolos em Furnazinhas, elas já me disseram "Professora, passados tantos anos voltámos a ter um curso". E, têm feito outras coisas nos montes. As pessoas estavam habituadas, estiveram muito tempo sem ter nada, mas agora voltaram a ter. As pessoas lembram-se, não sei se a

iniciativa é do Gabinete de Cultura ou se são as pessoas que pedem, não sei. Por exemplo, em Vila Real, criou-se o hábito das viagens de estudo, fizemos excursões, fomos ao Parlamento Europeu, foi lindíssimo, as pessoas adoraram, conviver com eurodeputados, foi muito engraçado, as pessoas ficaram com a visão, que eu também não tinha, que os eurodeputados chegam lá e acabam por esquecer que foram eleitos pelo PS, pelo PSD, pelo CDU, são um bloco de Portugal, convivemos, almoçámos, todas essas coisas. E, todas essas capitais, Viena de Áustria, fizemos esses circuitos todos, Inglaterra, isto na Universidade dos Tempos Livres. Hoje, as pessoas, é evidente, criaram o bichinho, e, hoje, as autarquias começaram a ir ao dia do Avô, fomos nós, em Vila Real, os primeiros que fomos ao Dia do Avô, à Praça da Alegria. Hoje, toda a gente já faz, excursões à praça da Alegria, quer dizer, hoje, para mim, não é novidade, novidade se foi, foi há vinte anos atrás. Quando eu olho as fotografias, era uma mocinha nova, mas, costumo dizer, a água não passa duas vezes por baixo da mesma ponte, mas continuo a sentir prazer, fiz tertúlias com o Carlos Brito quando foram os trinta anos do 25 de Abril. São coisas que deram prazer, que dão prazer e continuo a sentir, quer dizer. É evidente que hoje, se voltasse para um cargo desses, não era tudo rudimentar, hoje é tudo sofisticado, estuda-se a imagem, o que dá, quando dá, e, antes, não, nós éramos todos muito amadores, mas, também, éramos amigos, solidários, havia uma boa união entre todos, entre as coordenações e com a Distrital (...) [**rede solidária?**] Sim, isso e era muito importante. As pessoas conheciam-se, eram amigas, hoje, e, é engraçado, nomeadamente, eu tive a oportunidade de ir a uma visita, aquando da Maria Lurdes Rodrigues ter vindo a Vila Real fazer uma inauguração e, de repente, isto deixou-me um bocadinho vaidosa, de repente, o Luís Capucha, foi nosso formador, no ISCTE, no curso de agentes de desenvolvimento, há tantos anos atrás, disse assim, “Então o que é que fazes aqui?”. Quer dizer, um homem que era secretário de Estado, a certa altura, no fundo, eu que não era figura de proa acabo por aparecer no Diário de Notícias, o homem a dar-me um abraço muito grande. Foi engraçado, “aquela moça do Algarve”, foi giro, senti, pronto, e depois acho que nós, o Algarve marcava pontos quando ia aqueles cursos, levávamos sempre uma boa representação, fazíamos boa figura, e depois, quando fazíamos as exposições, o artesanato, os bolinhos do Algarve (...) Em Tróia fizemos aquelas apresentações, havia qualquer coisa que nós tínhamos, éramos diferentes, tínhamos sempre alguma coisa a apresentar que era diferente, não sei. Não era ser melhor ou pior, havia qualquer coisa. Lembras-te do Ano Internacional de

Alfabetização em Évora, foi o Algarve em peso, até levámos os poetas, a Tia Rita Engrácia (...) [Hum...] Os encontros de poetas, havia aquele Encontro que se fazia anualmente, que tu organizavas, mas eu também fazia no concelho, em Castro Marim não havia só a Tia Rita, havia outros, e também, em Vila Real, a D. Mariana Bandeira que está no Lar da Manta Rota, também foi a encontros de poetas. Nos cursos, de vez em quando, aparecia um poeta, mas, havia outros, naquele tempo a Tia Rita é que chegou mais longe, a Câmara publicou alguns livros da Tia Rita, mas, depois, também, apareceram alguns. Por exemplo, aqui em Vila Real, o Manuel Rio, o Sr. Manuel Gomes que também chegou a ir a encontros de poetas. Estas pessoas começaram a ir aos nossos encontros e depois acabaram por ir aos encontros de poetas que se fazem no Algarve (...) Começamos a fazer os encontros aqui no nordeste algarvio, mas independentemente do PIDR, as outras coordenações acabaram por beber qualquer coisa de nós, aprenderam connosco. Quando havia aquelas formações, os encontros, as reuniões distritais, dizia-se o que se fazia, o que não se fazia, “hhh”, sabes, não havia aquele problema da avaliação dos professores, as pessoas eram muito autênticas, muito genuínas, dávamos, mostrávamos, não tínhamos preconceitos, não tínhamos preconceitos, e, eu, acho que hoje cada um vai se fechando na sua capelinha, é mesmo (...) Parece que quem ia para a educação de adultos era diferente, não eram muitos os professores que eram capazes de fazer aquilo que nós fizemos, era o meio, e, atenção, eu fui para a educação de adultos porque era um desafio mas fui ficando por paixão, tornou-se uma paixão, vai-se gostando, e isto vai crescendo em nós, faz parte da nossa vida, eu cheguei a pôr o meu trabalho à frente da minha vida pessoal, [Hum...] Eh pá, costume dizer assim , parti solteira, eu acreditava no que fazia e quando comecei na educação de adultos era solteira e hoje continuo a ter a mesma liberdade, mas, casei e penso que nada mudou, O Rufino é uma pessoa que me entende e sempre respeitou o meu trabalho, sempre me ajudou muito, e os meus filhos também sempre me aceitaram como eu sou. É, assim, como mãe, acho que nunca lhes faltou nada, tive sempre o meu espaço e eles tiveram o deles, depois eu tive sempre o apoio dos meus pais. Muitas vezes, quando era coordenadora em castro Marim, vinha tarde para casa, quando ia visitar os cursos e os meus filhos ficavam com os avós. Os meus pais foram uma grande ajuda, sempre, eu muitas vezes estava fora, O Rufino também, tinha os treinos, tinha as arbitragens. E, hoje, continuo a ter o apoio dos meus pais. Eu não podia estar na Stª Casa e fazer o que faço sem o apoio deles, embora, hoje esteja mais livre, os

meus filhos já não precisam de mim, já saíram de casa, já se organizaram, ela está a estudar em Coimbra e ele é engenheiro civil em Vilamoura. Pronto, mas, sempre perceberam o trabalho da mãe, quando eram pequeninos, também chegavam a ir comigo aos montes, e aceitavam e eu, pronto, “hhh”, de certo modo, também sou “aberta”, tenho uma casa no campo que, como costume dizer, está sempre alugada de Verão, está sempre lá gente, os moços e os amigos. Eh pá! se calhar também aprendi muito na educação de adultos, enquanto mulher e ser mãe. Todos nós aprendemos, passamos pelas coisas, não fechamos a porta, a pessoa tem de gostar do que faz, tem de se sentir bem, temos de viver para aquilo que fazemos, porque senão, as coisas tornam-se, “hhh”, por exemplo, eu nestas duas horas, pronto, sou diretora de turma, mas desde as 10 h que estou despachada e se for preciso estou à 2ª, estou à 3ª, à 4ª, e se uma pessoa telefona eu atendo, estou sempre disponível, quer dizer, isto, é uma continuação da educação de adultos, eu estou sempre a repegar e a acreditar no próximo. Isto também tem as tais situações, por exemplo, um dia, um cigano pediu-me para ir lá a casa, a mim e ao Murta, que a mulher estava a “acabar de morrer” e ele queria que agente protegesse os filhos, foi uma moça que nós quisemos que fosse para um curso, que era cigana e fez o 9º ano (...) Quer dizer, há dez anos que trabalho com comunidades ciganas, fiz festas ciganas, tive cursos com ciganos que, hoje, moças ciganas, que andam no 9º ano no centro novas oportunidades, eu sinto prazer nisso. Trabalhava com elas temas de Vida, debatíamos. Agora, eh pá! é uma frustração, eles não têm noção de nada, tenho que traduzir tudo em dinheiro, tudo é dinheiro, para mim o número é abstrato então eu tenho que traduzir quais são as notas que existem hoje, ter 20 batatas ou ter 20 euros é a mesma coisa, é verdade o que queres que eu faça agora. E, pronto, também comecei a aprender que nós não podemos só ver o cigano como aquela pessoa que rouba, que, “hhh”, temos que ver alguma coisa no cigano, porque é assim, num dia destes, eu aprendi uma coisa, um cigano veio para mim e disse “ Professora”,” hhh” vieram muito chateados porque o médico queria saber se havia alguém cego na família e eu expliquei e eles responderam “ A gente não quer saber se os nossos filhos nascem cegos ou surdos, a gente não quer é forasteiros na raça”, por isso é que há primos casando com primas, assim sabem que aquelas nunca os vão trair. Eu, depois, fui para casa ler, pronto, se me perguntares, se calhar eu e a técnica do Centro de Saúde somos madrinhas de algumas laqueações, conseguimos convencer já algumas ciganas que tinham 4 e 5 filhos que era bom para elas não terem mais nenhum filho. E, depois, por sua vez,

“trabalhámos” o cigano. Quer dizer á luz do cigano, tomo a pílula, à luz do cigano sou laqueada, quer dizer, não é mentir, é ter um discurso, ter jogo de cintura que se adapte às circunstâncias. É, isso (...) [**Hum...**] Não tenho mais nada, nada a dizer, (...) [Estás a **despachar-me?**] (risos) Não, não, é que falar disto tudo, da minha vida, da educação de adultos, eh pá! tenho tantas saudades, e depois, recordar tudo isto até me dá vontade de chorar [**Chorar?**] Sim, falar nisto comove-me sempre um bocado, foram muitos anos. Sabes, eu fiquei com muitos amigos do tempo da educação de adultos, nesse tempo é que fiz bons amigos e, às vezes encontro-os e, palavra para aqui, palavra para ali, e estamos falando daquele tempo, quem eu encontro no Verão é o Marcão, de Portalegre, este ano esteve comigo, ficámos muito amigos, às vezes telefona-me, o Matias, a Céu de Grândola, eh pá! e muito outros do tempo da educação de adultos que nunca nos desligámos. Nas reuniões nacionais, encontram-se pessoas que continuam ligadas à educação de adultos, por exemplo, nas reuniões de avaliadores externos, encontramos pessoas com histórias de vida parecidas (...). É, assim (...). [**OK, Marília, obrigado**]

Entrevista 5 – Célia Anselmo

Ano de nascimento – 1953

Terminou o curso em 1974/75

[Célia, Fala sobre a tua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, até deixar a educação de adultos. Podes levar o tempo que quiser e fala de tudo o que achares importante]

Queres que te faça o historial, ora bem, eu sou do curso do magistério de 1974/75, o primeiro curso do Magistério da nova era, do após revolução de 25 de Abril. A minha primeira experiência de educação de adultos vem, precisamente, dessa fase, logo após o 25 de Abril houve, em Faro, algumas experiências de campanhas de sensibilização à alfabetização, e eu nessa altura trabalhei no Seminário, lembro-me que havia um curso que funcionava no Seminário constituído por indivíduos de raça negra e a minha primeira experiência foi aí. Isto foi a seguir ao 25 de Abril, eu era estudante no Magistério. Eu acabei o curso em 75, mas em 74 houve logo uma campanha de alfabetização, mas, com um cariz mais político, mais ideológico, muito ligado ao pensamento de Paulo Freire e aquela filosofia (...) ainda ontem, quando estava a pensar que me vinha encontrar contigo, hoje, estava a tentar recordar quem é que tinha organizado aquelas campanhas, mas não me lembro, mas, naquela altura, senti-me atraída, nunca tinha tido qualquer experiência em educação de adultos. Mas, houve uns cursos que se fizeram e isso ajudou muito. E, depois, quando fiz o meu trabalho como coordenadora concelhia, isso foi muito útil, essa filosofia do Paulo Freire, tudo o que estava subjacente, eu consegui levar um bocado para o terreno, porque, quando fui destacada, nesse tempo, não houve qualquer formação em termos de metodologia ou de técnicas de educação de adultos que nos apoiasse naquilo que íamos fazer. Enquanto estudante, sim, porque aí houve um curso coma metodologia de Paulo Freire em que estava subjacente a consciencialização, o diálogo, tudo isso e aí foi uma experiência muito interessante, enquanto aluna do Magistério (...) hoje comove-me lembrar esses tempos porque a pessoa com quem trabalhei, infelizmente já não está entre nós, uma colega nossa que faleceu, foi minha colega, foi ela que me levou para esta experiência, era a Benvinda, ”hhh” e a primeira experiência que tive foi com ela, ela era Guia das Escoteiras e não sei se isso teria sido a partir daí, não sei. Se teria alguma coisa a ver com o Seminário, porque, posteriormente, eu estive

em Ferreira, em Algod, (...) ainda como estudante, a fazer voluntariado, a participar nestas campanhas de sensibilização à alfabetização. Essa experiência foi diferente, percebes, foi diferente, porque, ao contrário de hoje, aquelas pessoas estavam ali porque queriam, porque tinham uma grande necessidade de aprender. Eu, até tenho vergonha de dizer isto, eram indivíduos de cor, e eu, embora, diga com toda a força que não sou racista, naquela altura, eu era miúda, percebes, e quando entrei no Seminário e vi uma série de indivíduos de cor, talvez por estereótipos e preconceitos, senti-me um pouco, senti-me um pouco, qualquer coisa de estranha, mas, digo-te, foi um tempo tão bom, eu era para aquela gente, uma jovem quase intocável, eu tinha dezoito anos. Isto foi uma experiência muito interessante, sabes, eu também tinha vivido o 25 de Abril de uma forma intensa, com todos os ideais da revolução, era uma sonhadora, e ver que poderia desenvolver um trabalho com aquela gente, vinda de África, e quando começo a descobrir a filosofia de Paulo Freire, em que era como tudo o que eu sonhava, tudo o que eu acreditava, mostrar aquela gente, que apesar de eles não trem nada, não saberem ler nem escrever, sabiam outras coisas, tinham outras experiências (...) eu lembro-me uma das primeiras palavras, do método de Paulo Freire era a palavra “tijolo”. Tu estás a ver a emoção que era quando se tentava com aquela gente, que mal sabiam falar o português, e que tinham dificuldade de entender a palavra “tijolo” e tudo o que estava por trás, porque a palavra “tijolo” não era mais que um pretexto para descodificar tudo o que estava à volta disso. Provavelmente, sou capaz de me começar a perder. Depois, posteriormente, “hhh”, quando tentei (...) porque isto é assim, tudo o que somos como pessoas, somos como profissionais, não é? E nunca tentei ver a educação de adultos, a alfabetização das pessoas como uma forma de ensinar crianças, um adulto é um adulto, uma criança é uma criança, e penso, que se calhar, o que, também falhou, posteriormente, na educação de adultos foi quando, as pessoas, alguns alfabetizadores não tinham formação adequada, no caso, as monitoras, as bolseiras, na altura chamavam-se bolseiras, eram pessoas que eram contratadas na comunidade, faziam uma formação connosco e que iam trabalhar na alfabetização. Mas, vamos bater sempre nisto, havia pessoas excelentes, sem grande formação, eram miúdas com o 11º ou 12º ano, que desenvolviam um trabalho extraordinário. Havia outras que não, faltava-lhe sensibilidade, faltava-lhes formação e as coisas não eram, não corriam tão bem assim. Depois, esta questão de tentar na prática, consciencializar os adultos para mais qualquer coisa do que a alfabetização, já era um pouco mais difícil porque isso,

“hhh” tens tu que ter também um certo “feeling”, tens que saber conduzir as pessoas de uma forma que elas não se apercebam, quer dizer (...) e, há sempre uma coisa que eu sempre fui, entro nestas coisas, sempre, sem ter, nunca, nunca, um cariz partidário, sem me identificar com qualquer partido, porque se isso acontecesse era difícil. As pessoas tinham lá as suas opções e eu não tinha que me meter, isso era um bocado arriscado, tinha que se saber conduzir a questão, porque a Câmara tinha uma cor, a Junta podia ter outra e as pessoas eram livres (...)

[E a experiência em educação de adultos?]

Bem, pois, essa experiência durou enquanto fui aluna, depois, em 1975, acabei o curso e fui trabalhar para o Zambujal, concelho de Alcoutim, freguesia de Vaqueiros, “hhh”, no ensino primário e aí não tive qualquer contacto com a educação de adultos, porque, aí, eu estava com as crianças, eu queria trabalhar com crianças, achava que essa era minha principal vocação, porque, se hoje voltasse atrás queria ser novamente professora do 1º ciclo. No Zambujal, aí, foi um deslumbramento, eu fui para o Zambujal nesse ano trabalhar numa escola que estava fechada. Eu pedi à Direção Escolar que reabrisse a escola, eu comprometi-me com a Direção Escolar que se reabrissem aquela escola eu me comprometia em concorrer em primeiro lugar para aquela escola. Eu sou de Giões que ficava ali perto, e interessava-me trabalhar perto de casa. A escola do Zambujal tinha estado fechada porque os professores não queriam lá ficar (...) Ainda hoje sou uma sonhadora, sempre gostei de ver tudo cor de rosa e pensei que, “hhh”, o que eu queria era trabalhar, ganhar dinheiro, sabia o esforço que os meus pais tinham feito para eu ir estudar para Faro, para tirar o curso, foi um curso em que eu me empenhei muito mas que eles também se empenharam muito para que eu conseguisse e que não me faltasse nada. E, então, fui para o Zambujal. A Direção escolar criou um segundo lugar, porque a concurso só ia um lugar. Foram a concurso dois lugares e eu fui com uma colega, essa colega com quem já tinha trabalhado na alfabetização (...) que infelizmente já faleceu (...) ela e as minhas duas sobrinhas (...) fomos para lá as duas trabalhar, porque havia gente, havia crianças suficientes para abrir duas salas. Eu fui à Direção Escolar pedir para criarem um segundo lugar, antigamente as coisas funcionavam assim, e o Diretor Escolar perguntou-me quantas crianças eram e eu respondi, “muitos” e ele disse “Muitos, mas quantos?”, “ Sei lá aí uns cinquenta”. E criaram mais um lugar, não eram cinquenta, mas eram aí uns quarenta e pouco, eram bastantes alunos, porque Zambujal era um monte pequeno, mas abrangia crianças de todas as redondezas. Aí

nunca tinha havido qualquer trabalho em educação de adultos, ou seja, um trabalho estruturado, porque houve um trabalho com as crianças, mas, também houve com a comunidade, porque a comunidade também se envolveu na abertura da escola. A escola estava fechada, degradada e as pessoas ajudaram, a escola foi pintada, o pátio era um matagal, foi tudo arranjado pela comunidade, a Câmara não ajudou nada, tudo trabalho das pessoas e nosso, é claro. Eu pintei a escola, joca, eu pintei a escola, nessa época com as pessoas. Posteriormente, um dia, o diretor escolar foi lá ver, viu as carteiras pintadas, as paredes pintadas, a escola toda arranjada, e perguntou-me “ Como é que fez isto?”, eu disse “ Ah! Faço bailes na escola para arranjar dinheiro”, “Bailes? onde?” “ Aqui, na sala de entrada” “ Ai é? E como é que fez, a quem é que pediu autorização?” “Autorização? A ninguém, acho que não precisava de pedir, precisava?” Precisava, precisava, olhe eu não estive cá, não sei de nada, continue, continue” Estás a ver, antes era assim e também havia toda esta ingenuidade, eu tinha 19 anitos, sonhava que podia mudar o mundo, só tinha era de acreditar (...) A ideia que eu tive, sempre achei que foi boa, só que subjacente a isso estava uma série de formalidades, mas, olha, resultou, as pessoas pintaram a escola, ajardinaram o pátio, ficou tudo bonitinho, sabes, naquela altura, penso que nós não recorriamos tanto às Câmaras, não estávamos habituadas a isso, pensávamos que a escola era para as crianças da comunidade, então, a comunidade tinha que se envolver, era o espírito do 25 de Abril, naquela altura. Era o espírito do 25 de Abril (...) [**Hum...**] A escola tinha estado fechada durante dois ou três anos, as crianças do Zambujal e dos montes próximos não tinham escola, as únicas escolas que estavam abertas eram as de sede de freguesia, Martinlongo, Giões, Vaqueiros, percebes, havia mais escolas no concelho, havia bons edifícios, mas estavam fechadas porque não tinham professores, “hhh”, naquela altura, felizmente para os professores, havia falta de professores, os lugares eram excedentes em relação ao número de professores, então, os professores podiam escolher os lugares. E, como eram lugares isolados os professores não queriam ir para lá, arranjavam todos os subterfúgios para escapar, pronto, se fossem colocados não iam, arranjavam atestados e essas coisas todas. Os professores chegavam lá, aquelas escolas, as escolas eram próprias daquela época, se o lugar não lhes agradava, não ficavam, sabes, havia, inclusive, uma declaração que as pessoas faziam, iam à Junta de Freguesia e diziam que não havia, naquele lugar, uma habitação condigna, a Junta passava a Declaração e os professores com base nisso, não ficavam lá. Era assim, naquela altura. Portanto, os professores chegavam

lá, deves calcular, alojamentos naqueles montes, era difícil, o que havia era um casebre onde se podia ficar, nada mais, mas, pronto, “hhh”, estive no Zambujal, um ano, depois, no ano seguinte, continuei no concelho de Alcoutim, mas vim para Giões, a minha terra natal, à minha escola primária, tudo escolas unitárias, (...) também, estive um ano em Giões, “hhh”, portanto, andei ali pelo concelho, entre Giões, Barrada, Martinlongo, e vou ter à educação de adultos (...) em 1984, fiquei dois anos como coordenadora concelhia e saí em 1986 (...) [Hum...] Sabes, havia em mim, um misto, entre o concelho de Alcoutim, “hhh”, isto, uma pessoa não se torna alcouteneja, nasce-se alcouteneja, por um lado, eu gosto muito do concelho de Alcoutim, eu gostava muito daquilo, mas, eu sentia que, sabes que, naquela altura não havia, sequer, uma escola secundária em Alcoutim, não havia nada, a única coisa que havia em Alcoutim era o 1º ciclo, eu na altura já era mãe, tinha um filho pequeno, e não havia um jardim de infância, não havia nada, na altura começava-se a falar na construção da Escola E. B 2,3 em Alcoutim, na altura não se chamava assim, era a Escola C+S, “hhh”, sabes, que também, estive ligada a esse movimento, aos primeiros contactos que houve nessa altura, enquanto estive na educação de adultos (...) não havia nada e como não havia nada, eu estava lá muito ligada à terra, muito ligada aos projetos, mas com aquela grande preocupação do que iria ser do miúdo, da educação do meu filho, se continuássemos lá, porque, nessa altura, tinham que se deslocar para Vila Real que era o sítio mais perto, para estudar, ou então ter que ir para um colégio ou qualquer coisa assim, “hhh”, e essa ideia não me agradava (...) de qualquer maneira ia tendo aquelas experiências na educação de adultos (..) também tive outro destacamento na educação física, mas isso não me agradou muito, não gostei da organização daquilo, isto foi antes ainda de estar na educação de adultos, antes de 1984 (...) Sabes o que é que acontecia, eu acabei por te dizer à bocado, o que acontecia com aquele concelho, era um concelho onde os professores estavam de passagem, porque os outros, os poucos professores que eram de lá, a senhora professora, eram pessoas já com alguma idade e um pouco como a gente daquela terra, acomodados, que não queriam ouvir falar de grandes experiências, de coisas novas, era a Senhora Professora, que havia algumas que até eram de lá, mas tudo o que fosse experiências novas não estavam dispostas a aceitar, sempre que aparecia qualquer um destes cargos (...) olha, o diretor escolar pegava no carrinho e aparecia-me lá na escola, quando foi da educação física, apareceu-me lá o diretor escolar e disse-me, “Você devia aceitar isto, veja lá é uma pessoa jovem, é aqui do concelho,

precisamos, era muito importante que houvesse alguém aqui no concelho e não sei quê”. E com a educação de adultos também foi um pouco assim, eles queriam iniciar o processo de educação de adultos no concelho de Alcoutim e precisavam de alguém, e não era fácil. Mais uma vez, foi o diretor escolar que me foi convidar para aceitar esse cargo de coordenadora concelhia (...) provavelmente por tudo isto, ele já me conhecia e não era fácil encontrar no concelho uma professora que estivesse disposta a aceitar um desafio destes, educação de adultos, ninguém sabia o que era isso, tinha que ser alguém do concelho, porque os outros professores que conheciam o concelho que aqui já tinham sido colocados o que eles queriam era fugir daqui (...) o diretor escolar conhecia-me destas experiências, primeiro quando foi do Zambujal, quando me foi visitar à escola ver o que é que uma catraia andava a fazer, viu-me no Zambujal, depois viu-me nos outros sítios por andei, no concelho, porque nessa altura, nós éramos visitadas por eles, naquela função meramente administrativa, limitavam-se a ver o livro de frequência, e foi assim que fui para à educação de adultos, à Direção Geral de Extensão Educativa, era como se chamava na altura (...) [Hum...] Nessa altura fui coordenadora concelhia, acumulavam-se as funções, os professores não eram só coordenadores, eram também alfabetizadores. Os coordenadores, nessa altura não estavam dispensados das funções de ensino, olha, não sei se era assim ou se foi condição que impus, porque, para mim, foi sempre fundamental trabalhar no terreno, portanto dar aulas, dar alfabetização (...) Estive no curso de Martinlongo. Tínhamos cursos nas sedes de freguesia, em Alcoutim que era sede de concelho, Pereiro, Vaqueiros, em Martinlongo e em Castelhanos. Porquê Castelhanos? No meio disto tudo, havia cursos nas sedes de freguesia e aparece um lugarejo. Castelhanos é um monte da freguesia de Martinlongo, em que havia uma grande carga política, um monte com grandes características de esquerda e que, eles próprios, quando sabem que existem cursos de educação de adultos, são eles próprios que vêm ter comigo e a pedir escola de adultos para o monte. Era gente mais velha, não era gente jovem, mas com muito sentido político. Aí sim, aí sim, havia uma grande carga política, não me perguntes porquê, que não sei. Ainda hoje se mantém estas características dessa gente de Castelhanos, com muito espírito comunitário. O curso de Castelhanos funcionou na casa de um deles, ofereceu a sua casa de fora, sabes o que é a casa de fora, as habitações tinham entre duas a três assoalhadas, a primeira, mais perto da entrada, chamava-se a casa de fora, ”hhh”, normalmente o mobiliário era uma arca, uma mesa, cadeiras, e eles diziam, puxa-se para ali a arca,

arranja-se um quadro, uma meia dúzia de carteiras daquelas que a Câmara tem, carteiras fixas, daquelas que associamos ao concito de escola tradicional, e pronto (...) A Anabela, era a monitora de Castelhanos, que acho que tu a conheces, essa moça está por Faro, na Segurança Social, uma vez encontrei-a e ela falou-me em ti, a Anabela Guerreiro. Essa moça foi monitora em Castelhanos e fez um trabalho muito bom, era uma moça com grande carisma, um grande entusiasmo, essa moça era muito boa, ela é de Martinlongo e deslocava-se ao curso que era ali perto (...) E, para elas, era excelente, para aquelas moças, fazer aquele trabalho de alfabetização era bom em todos os aspetos, ganhavam um dinheirinho, estavam ativas, aprendiam, “hhh”, era isso que eu te queria dizer, havia umas moças que eram excelentes, mas, havia diferenças entre umas e outras, porque, isto é assim, ou tu tens uma grande empatia, és uma pessoa que sabe estar, com facilidade de comunicação, o resto, depois, se fores um bocado inteligente, uma pessoa perspicaz (...) depois, tínhamos reuniões sempre, de 15 em 15 dias e nestas reuniões, aquilo era, eu gostava também de estruturar as coisas, elas levavam as coisinhas organizadas e desde que elas quisessem chegavam lá e, “hhh”, agora, tu sabes, eu posso dar-te a receita de qualquer doce, mas se tu não tiveres vontade, não te aplicares, não fizeres a receita com amor, não experimentares uma, duas vezes, mais vezes, não sai certo à primeira. Com a alfabetização era a mesma coisa, tem de se ir fazendo, experimentando, aprendendo, mas, sempre com dedicação, senão, não vale a pena. Eu ajudava-as, dava-lhes o material, esclarecia sempre que preciso, estava sempre disponível, mas elas tinham de querer (...) de um modo geral, fizeram um bom trabalho, também temos de ver que eram jovens sem formação pedagógica, que estavam a ensinar pela primeira vez e quando precisavam recorriam a mim (...) era a única professora. Entre nós, também havia uma relação aberta, eu sempre tive também, uma forma de estar de me envolver com facilidade com as pessoas e todas elas, havia uma ou outra, mas aí vamos passar por cima, sem referir aspetos de ninguém, diria pessoas com menos perfil (...) eu sentia-me, em parte, responsável pelo trabalho de todas elas, mas, se não tinham perfil, eu não tinha culpa, não fui eu que as contratei, quer dizer, algumas sim outras não (...) algumas foram contratadas pela autarquia, quer dizer, havia um misto, eram indicadas pela autarquia e depois eu ia falar com elas e contratava-as, “hhh”, havia um misto, como deves calcular, naquela altura, tal como acontece hoje, se a autarquia tivesse alguém, se houvesse alguma influência, pois, sempre foi assim

[Quem era o presidente?]

Era o Manuel Cavaco, foi o primeiro presidente da Câmara de Alcoutim a seguir ao 25 de Abril, “hhh”, independente de tudo o que se fale do Manuel Cavaco, eu não tenho nada a apontar-lhe, sempre me facilitou tudo, foi uma pessoa aberta, foi uma pessoa que me abriu as portas da Câmara e que, (...) não entrarei por outros aspetos, posteriormente, do que aconteceu, a única coisa que me interessa, neste caso, foi o que ele deu à educação de adultos. Deu-me sempre todo o apoio. Ele era uma pessoa que estava sensibilizada para aquilo que estávamos a fazer, apesar de em termos académicos ter apenas o 6º ano de escolaridade. Mas, curiosamente, algumas vezes o convidei para ir a sessões que organizávamos, ia sempre, tinha a modéstia de dizer às pessoas que nunca tinha tido grandes possibilidades de estudar, “hhh”, mas foi uma pessoa que colaborou bastante, claro muito menos do que depois nos anos seguintes, porque estávamos habituadas a muito menos recursos, improvisava-se, não era preciso aquela panóplia de fotocópias, que, posteriormente, se começou a utilizar nos cursos, “hhh”, havia também muita criatividade, embora, contássemos já com essa ajuda. As aulas eram preparadas quinzenalmente, procedia-se com tempo à elaboração os materiais e era autarquia que nos dava esse apoio dos materiais (...)

[Foste tu quem iniciou o processo de alfabetização no concelho]

Sim, fui eu, antes de eu ser coordenadora concelhia não havia alfabetização, nunca tinha havido nada de educação de adultos no concelho. Tudo começou comigo, e talvez, eu já não sei, nos outros concelhos deve ter sido mais ou menos ao mesmo tempo. Foi nesta altura em que entrei para a educação de adultos que são feitos aqueles estudos, os levantamentos sobre analfabetismo, sobre artesanato, as tradições, foi nesta altura, foi quando se começou com o PIDR. Foi, foi, estava o Vairinhos, que infelizmente já faleceu, era o Vairinhos que estava na CCRA (...) eu acho que quando entrei para a educação de adultos já foi no âmbito do PIDR, ainda me lembro da Evelize que andava a fazer aqueles estudos, “hhh”, de quem me lembro é da SIV que pertencia a uma fundação sueca (...)

[Van Lear]

Sim isso, a Siv Follin, ia muitas vezes a Martinlongo, reuni com ela várias vezes, a Siv foi uma grande impulsionadora, “hhh”, portanto, havia duas grandes vertentes de educação de adultos, a alfabetização e os cursos socioeducativos. Tivemos o curso de costura com a linha serrana, que foi criado na altura, tivemos as rendas e bordados (...) Portanto, nós educação de adultos, atuávamos em campos distintos, na alfabetização em que se tentava dar uma oportunidade às pessoas, uma primeira

oportunidade, para aquelas, era mesmo uma primeira oportunidade, pessoas que tinham bastantes competências, eu apanhei pessoas, "hhh", aí dos seus quarenta anos, mais ou menos, trinta e cinco, quarenta, alguns, que fizeram alfabetização, esses fizeram todos. Oh! Joca faziam e faziam muito bem, porque essa gente por circunstâncias, várias, tinham frequentado a escola, provavelmente, um ou dois anos, mas nesse tempo a escola era exigente e eles tinham adquirido algumas bases e muitos deles não deixaram a escola por falta de motivação, por problemas comportamentais, deixaram a escola porque tiveram de ir trabalhar. Tiveram que se fazer à vida e (...) havia aquela mágoa, havia a vontade de aprender, havia a vontade de saber muito mais e então, "hhh" os cursos de alfabetização também eram formados por grupos muito heterogêneos, se havia aqueles que já sabiam um bocadinho, também havia aqueles que nunca tinham andado à escola. Mas, melhor ou pior todos aprendiam, dessa gente nessas idades, praticamente todos fizeram o 4º ano em Alcoutim. Essa gente foi quase toda alfabetizada (...) Sabes, Joca, mas, se calhar, estes grupos assim, também era um problema para as bolseiras, porque não era fácil, nós tínhamos que trabalhar a várias velocidades, tínhamos, por vezes, de individualizar, para quem era professora não era tão difícil, agora para as bolseiras, não era uma tarefa muito fácil uma vez que não tinham formação pedagógica (...) Tínhamos um grupo de pessoas analfabetas que tinham frequentado a escola e as que não tinham, mas, em ambas, a vontade era a mesma, a vontade em aprender, as motivações eram muito díspares, muitos tinham aquele sonho de ter a 4ª classe, era um sonho, para muitos deles era. Fazer a 4ª classe, aquilo era uma festa, era eu que organizava, em Alcoutim, os exames da 4ª classe e olha, foram muitos os que fizeram naqueles três anos, foi muita gente que se alfabetizou. Muita gente que se alfabetizou, pessoas que vinham voluntárias, não era preciso andar atrás delas, "hhh", bastava fazer a divulgação e as pessoas iam. Eu lembro-me, havia experiências caricatas, lembro-me, de uma vez aparecer uma senhora, aí com uns 70 anos, e que apareceu ela que vinha inscrever o filho para a escola e eu pensei "Ela inscrever o filho para a escola com esta idade, que idade terá o filho?" Tinha 50 anos, mas, foi a mãe que o foi levar. Ele era solteirão, era uma pessoa muito tímida e ele tinha vergonha de se aproximar da escola e foi a mãe que o foi (...) Esse indivíduo era totalmente analfabeto, ele não sabia nada, Joca, nada, foi talvez o único porque naquela zona as pessoas sabiam qualquer coisa, as pessoas não eram assim tão (...) foi talvez a única pessoa que apareceu lá e disse que queria aprender, porque era

testemunha de Jeová, participava já nas reuniões e a vontade dele era ler a Bíblia, e a mãe também era, e ia porque queria aprender a ler. E foi, com uma motivação enorme, nesse primeiro curso onde estava integrado, com pessoas que já tinham frequentado a escola e iam para fazer a 4ª classe. E, em termos de grupo, pois, penso que deveria haver uma grande predominância de gente, numa primeira fase, que já sabia alguma coisa. No meu curso, de Martinlongo, também, porque era sede de concelho, e na sede de concelho as pessoas tinham tido acesso à escola, enquanto, que as pessoas dos montes não tinham tido, até aí havia diferenças, estás a perceber. Porque se o curso funcionasse na Barrada ou nos Castelhanos, por exemplo, viam-se pessoas menos alfabetizadas, pessoas que eram mesmo analfabetas, porque, como a escola, já no tempo em que elas eram crianças, a escola implicava deslocação e muito não tinham tido oportunidade de frequentar a escola. Os que residiam mesmo em Martinlongo, provavelmente, tinham tido oportunidade de ir á escola (...) ora deixa-me cá ver, esses que nunca tinham frequentado a escola, ao contrário dos outros, eram pessoas com uma autoestima mais baixa, porque os outros sentiam que tinha sido a vida que não lhes tinha dado oportunidade de ir mais além, os outros não acreditavam muito neles, percebes, não acreditavam que pudessem voltar a aprender, nunca tinham andado à escola. Sabes, uma coisa engraçada, Joca, isso vai ter depois influência naquilo que se consegue, este indivíduo que eu te citei, há bocado, com o exemplo da Bíblia, ele acreditava que ia aprender a ler. Foi a pessoa mais determinada que eu vi num homem que, aparentemente, parecia um homem tacanho, aparentemente um homem que não (...) que eu própria quando olhei para ele me parecia que ele teria imensas dificuldades e na verdade enganei-me, tinha uma sede tão grande de saber, de aprender, que fez a 4ª classe. Esse homem, está ligado ao artesanato, ainda hoje, vai às feiras de artesanato, faz miniaturas, já na altura ele tinha uma grande sensibilidade para essas coisas. E foi aprendendo, eu, neste caso, estava um bocadinho diferente das bolseiras, tinha esta capacidade de diferenciar o ensino, ser capaz de pegar nos interesses deles. Isso lembra-me que, como te disse, ele era testemunha de Jeová e eu com esse indivíduo, não era fácil, depois, também este grupo que tens pela frente é diferente de ter um grupo com crianças, não havia falta de atenção, de concentração, não havia desmotivações, não é? Havia por outro lado, uma sensibilidade diferente da criança, porque, enquanto, que na criança tu podes dizer qualquer coisa menos correta, passados dois minutos a criança esqueceu ou nem te ouviu, o adulto não, o adulto fica, tem que ser diferente, temos que gerir

muito bem estes aspetos. Lembro-me, por exemplo, esse, das primeiras palavras que fiz com que escrevesse foi Jeová, porque eu sempre tentei, na alfabetização, o método de Paulo Freire, nunca usei o método analítico-sintético com os adultos porque (...) da minha experiência como professora, nunca trabalhei métodos puros, trabalhava métodos mistos, e então também tentava com eles, “hhh”, portanto, estás a ver, eu estava sempre em vantagem sobre as bolseiras. Quer dizer, não podemos comparar coisas que não são comparáveis, “hhh”, sobretudo, na parte pedagógica, na parte de alfabetização, propriamente dita, na parte de estratégias, na parte de conseguirmos uma maior envolvência, de conseguirmos atingir mais facilmente os objetivos, não se podia compara o trabalho de uma professora com o das bolseiras. No entanto, também te digo, por exemplo, essa moça, a Anabela era uma moça perspicaz, muito interessada (...) também aprendia comigo, falávamos muito e também levava as coisas preparadas, tal como as outras (...)

[Lembras-te de mais algumas bolseiras?]

Lembro-me, para além, da Anabela, a Fernanda que estava em Giões, uma moça que ficou por lá, casou, teve filhos, lembro-me de uma moça que estava em Vaqueiros, não me lembro agora do nome, em Alcoutim estava uma moça que agora trabalha na Câmara ou trabalhava, agora, não sei, “hhh” no Pereiro trabalhou uma moça que depois foi para fora, talvez aquela que menos se envolveu, que não esteve ao nível das outras, mas (...) era boa miúda, muito jovenzinha, com outras aspirações e como eu te disse isto não era um trabalho muito fácil desde que não se vivesse e não sentisse. Tinha que se ter aquele espírito da alfabetização, “hhh” Em relação aos cursos, havia de facto uma grande envolvência por parte da maioria das pessoas, tinham dificuldades, também, há pessoas com mais capacidades outras com menos, mas, toda a gente, ou quase, toda a gente, pode aprender desde que se envolva e desde que queira mesmo. Essas pessoas que já, como à bocado já tinha referido, completaram o processo, fizeram todos o 4º ano, era para eles muito importante, funcionava para eles, como funcionava para a gente uma licenciatura. Para eles aquilo dava direito a festa, quando era a entrega dos diplomas, era com pompa e circunstância. Aí éramos nós que organizávamos com o apoio da Câmara um pequeno beberete, com os pró-formas habituais, convidava-se o senhor presidente da Câmara, monitor, familiares, “hhh”, o presidente da Câmara ia sempre, era isso que eu te dizia, ele até era um indivíduo modesto, pelo menos, perante as pessoas dos cursos de alfabetização. Mas, depois, a festa era no monte onde estava o curso, havia

comes e bebes, música, toda a gente do monte aparecia para a festa. Esta era uma vertente da educação de adultos, a alfabetização, em simultâneo, havia, “hhh”, aquilo era um concelho muito rico em artesanato e veio daí a criação dos cursos socioeducativos. Foram criados vários cursos, corte e costura, com alinha serrana, o curso de rendas e o curso de bordados. Esse de bordados teve a influência da Siv, da Van Lear, que apoiava o funcionamento deste curso. Esta fundação pagava o aluguer da casa onde funcionava o curso e era também onde eu me reunia com as bolseiras, fazia o lugar de coordenação concelhia. Vocês da Coordenação pagavam as bolsas das monitoras de rendas e de bordados, a D. Ilda e a D. Hermínia. Penso que a Siv também pagava um ou outro material para os cursos ou, pelo menos, encomendava trabalhos, porque, na parte da comercialização, era a Siv que fazia as encomendas e levava lá para a Suécia (...) [Hum...] Eu não tenho a certeza, mas acho que foi o Alberto de Melo que levou a Siv ao nordeste, parece que havia uma parceria entre a Radial e a Van Lear (...) da Radial quem aparecia de vez em quando era a Amélia Muge, “hhh” depois também ia a Priscilla. Mas, a princípio, quem começou logo a ir foi a Amélia Muge. As primeiras cantorias da Amélia Muge foram naquela casa, onde nós tínhamos os cursos de rendas e bordados e onde funcionava a sede da educação de adultos em Martinlongo. Sim, aqueles bonecos de juta, que hoje, são nossos, foi uma ideia da Siv, portanto, a juta não era uma tradição do concelho de Alcoutim, portanto, a essência dos bonecos foi da Siv, era sueca. Só que, depois, com toda a recolha que se fez das figuras, das artes, criaram-se aqueles bonecos associados à vida do concelho, às artes locais, às figuras típicas da região. A essência do boneco de juta não é dali. Foi feito um levantamento do artesanato local e, por exemplo, o linho, a tecelagem. A tradição do concelho de Alcoutim era, essencialmente, a tecelagem e a cestaria. Só mais tarde que apareceram os cursos socioeducativos de tecelagem, cestaria e outros, nesse altura, percebes, foi feito um levantamento de todos os artesãos do concelho e mais do que o levantamento, foi também falar com os artesãos, consciencializá-los da importância do trabalho que eles faziam, que era um trabalho que também não era valorizado e não era remunerado. Depois, também, se deu o oposto, porque isto parece que é um processo que é comum a acontecer, as pessoas quiseram passar do 8 para o 800, quando se dizia “ Você está a vender isto barato”. As pessoas depois pensaram que aquilo poderia ter muito mais valor, a questão da comercialização era um problema, porque aquela rota, não era propriamente uma rota que fosse conhecida das pessoas,

apostámos naquela rota dos artesãos, mas não resultou muito (...) mas no campo da cestaria, da tecelagem, que tinham sido, em tempos, atividades próprias daquela zona, tinham caído no esquecimento e nós é que recuperámos esta prática sobretudo, com os cursos socioeducativos e convencendo alguns artesãos a retomarem, esta atividade, porque acreditávamos na rota dos artesãos. Por exemplo, o linho, conseguimos que a D. Senhorinha de Penteadeiros, que ainda hoje, ela e o marido estão no ativo, “hhh” Alcoutim festejou este ano os 25 anos da Feira de Artesanato em Alcoutim, onde eu estive como convidada da Câmara porque fui eu que realizei a 1ª feira de artesanato de Alcoutim. Nesta comemoração tive o prazer de encontrar a D. Senhorinha e o marido, a D. Ildinha Xavier, artesã de Martinlongo, que foi a monitora do curso de bordados em Martinlongo e que se manteve durante muitos anos ligada à Flor da Agulha. Eu acho que nesta comemoração esqueceram-se da Siv, é o que acho, não sei, também não sei se a senhora ainda é viva, mas naquela primeira feira de artesanato, a Siv também ajudou, tive o apoio da Câmara, da Coordenação Distrital e, acho que a Radial também colaborou, mas esqueceram-se que a Siv teve um papel muito importante porque deu um grande incremento ao artesanato no concelho. Porque, sabes, ninguém dá aquilo que não tem, nós os alcoutenejos não tínhamos consciência da riqueza que era o nosso artesanato e de como se poderia valorizar o trabalho daquela gente. A mim foi a Siv que me fez ver a importância do artesanato, ela era uma apaixonada pelo nosso artesanato, ela estava ligada a uma Associação que apoiava mulheres a nível europeu, portanto, o objetivo da Siv era apoiar a criação de emprego em grupos de mulheres, mais tarde apareceram as ILEs, a Siv apoiava grupos de mulheres que se organizassem em pequenos grupos de produção, neste caso, de produção artesanal como foi o caso da Flor da Agulha. E, nesse aspeto, ela veio ter ali provavelmente indicada pela Radial, (...) eu até disse ao Alberto, “hhh”, estive com o Alberto e com a Priscila, em Alcoutim, nas comemorações dos 25 anos da Feira de Artesanato. Eles foram convidados, tal como eu. Eu fui convidada, mas não fui representar a Educação de Adultos, isso não fazia sentido, também já não existe, não é? Quer dizer, podiam ter convidado alguém da Direção Regional, mas, provavelmente, de lá, ninguém sabe o que se passou no nordeste algarvio, se calhar, é como tu dizes, não há registos da educação de adultos no nordeste algarvio e da Câmara também não se lembraram, devem ter convidado apenas aqueles que conhecem, que associam ao concelho e com quem mantêm contactos, não sei (...) Ainda dentro desse papel da Siv no artesanato,

quando eu dizia que foi ela que me sensibilizou para a importância do artesanato, era ela que me dava algumas orientações, nós falávamos bastante, ela é que nos fez acreditar nesta riqueza que já quase ninguém ligava. E ao contrário de nós, sabes, nós tínhamos um artesanato puro mas, talvez, mais tacanho, mais fechado e, para mim, o que me fascinou na Siv, porque ela tinha outra formação, outra sensibilidade, ela via o artesanato ligado ao belo, recriava, portanto, a Hermínia e a Ildinha sabiam bordar e, eu lembro-me da Siv pensar nos xailes, nos xailes negros bordados à mão que a Siv encomendava, era fascinada nos xailes bordados. A Siv pensava ou, então, com base na experiência, tinha subjacente ao artesanato já o estilista, eram tudo coisas que para nós, na altura, não existiam. Portanto a Ildinha e a Hermínia eram ótimas bordadeiras, elas faziam um trabalho na perfeição, elas sabiam fazer rendas de bilros, rendas de agulhas, era um artesanato local mas muito bonito, muito bem feito, era arte em si e era isso que encantava a Siv. A Siv recriou com aquelas duas mulheres o sentido estético daqueles trabalhos (...) [**E a feira de artesanato?**] Pois, eu fiz a recolha dos artesãos, das várias artes, foi também feita a recolha da oralidade, dos contos, das mezinhas, das receitas, da música que aí, aparece a Amélia Muge, já. Nessa primeira feira de artesanato a Amélia foi cantar (...) esta feira surge porque começamos a ver, quer dizer, surgiu de uma necessidade de mostrarmos também o trabalho de recolha que já tínhamos feito, também era uma forma de mostrar o trabalho da educação de adultos e isso era muito importante porque ainda não tínhamos chegado a todo o concelho, precisávamos de mostrar que existíamos, ainda éramos uma novidade no concelho. Mas, também, mostrar o nosso artesanato, os nossos artesãos, valorizar aquilo que era nosso e que as pessoas pareciam que tinham deixado de dar muita importância (...) Ah! Já me esquecia, para esta primeira feira também me lembro do apoio da Coordenação Distrital, da Manuela Chaves que, também, participou nalguns levantamentos de artesanato, vinha com a Vica [**Vica?**], Sim a Everilde (...) A Manuela deu uma boa ajuda, ela tinha muita sensibilidade para o artesanato, ajudou-nos muito, sobretudo, quando foi a montagem dos expositores e a organização da feira. Sim, para esta feira tivemos todo o apoio (...) Sabes, Joca, as coisas funcionavam, as coisas funcionavam, aquilo era, para mim, uma alegria enorme eu sentir que, ali naquele isolamento da serra, que chegava alguém de fora, que o Alberto de Melo chegava, que a Priscila chegava, que vinha a Manuela, que vinha a Siv, que vinham com ideias, ali, naquele cantinho do mundo, tínhamos acesso a coisas novas, estávamos abertos a novas ideias, foi um trabalho de parceria

que, se calhar, fez com que as coisas avançassem e avançaram (...) Essa primeira feira de artesanato pensou-se fazer, tudo com um sentido muito idílico já associando aquela parte do belo, e do recriar e do não sei quê, “hhh” e Alcoutim, como sabes, tem um castelo, um castelo que estava, nessa altura, completamente abandonado, o castelo não tinha sido alvo de qualquer intervenção, era um matagal pegado, e na altura quando se pensou fazer a feira de artesanato, pensou-se que seria em Martinlongo ou Alcoutim. Eu era de Martinlongo, não é, mas estava no concelho, e pensou-se, pronto, nesta altura devemos fazer a feira de artesanato em Alcoutim que é a sede de concelho e no aspeto de paisagem e tudo isso, tem, talvez, muito mais a oferecer do que Martinlongo. Onde é que se vai fazer a feira de artesanato, pensou-se no castelo. O castelo na altura era quase um curral, de castelo tinha muito pouco, só as muralhas, “hhh”, foi a Câmara que terra planou aquele espaço, tirou aqueles pedregulhos, limpou o castelo e colocaram umas sombras, umas esteiras, de uma forma muito artesanal. A primeira mostra foi o que se tinha feito com a tecelagem, nos cursos, que era a atividade que predominava no concelho, era o artesanato local. Portanto, a tecelagem, que também se tentou, depois, junto dos artesãos, porque aquilo tinha uns teares muito antigos que tinham dois pedais, eram teares fixos que não podiam ser facilmente transportados (...) e já se levaram para lá uns teares novos. Depois reconstitui-se todo o processo, à bocado perdi-me, mas conseguimos que esse casal, a D. Senhorinha e o marido, fizessem todo o processo, voltassem a cultivar o linho e desenvolvessem todo o processo, porque era uma coisa que tinham feito no tempo deles. Na altura, já não eram muito jovens, mas, eram umas pessoas muito disponíveis. Eles fizeram a plantação do linho, passaram por todas as fases e nós fomos, progressivamente recolhendo imagens da fase da sementeira, do apanho, do linho nas diferentes fases, no malhar do linho, portanto, ele fez aquilo para nós, também, com vontade de tirar vantagem daquilo, uma vez que era em pequena quantidade. Simultaneamente também havia todo o processo de fabrico da lã, do fiar, do cardar (...) agora falta-me o termo, todo o processo relativo ao fabrico da lã. Também recolhemos e também identificámos os artesãos que, nessa altura, faziam essa atividade da lã que era, também, uma prática do concelho. Muita gente, na serra, tinha ovelhas, ou tinham rebanhos ou tinham meia dúzia de ovelhas e, depois, na altura da tosquia, tosquiavam as ovelhas, recolhiam a lã, trabalhavam a lã, e faziam as meias, as meias de 5 agulhas. Faziam as meias de 5 agulhas, quer em linha, quer em lã. As de linha era com produto adquirido, a lã não, a lã era produto da zona (...)

A cestaria também, a cestaria, essencialmente, de cana, olaria também, mas, já numa fase decadente. A, olaria já estava em desuso, depois, é que se tentou recuperar, mas, curiosamente, numa primeira fase, a olaria não foi uma das nossas prioridades, talvez por influência de quem veio de fora e nos influenciou noutras artes, como os bordados porque estavam mais sensibilizados para isso que para a olaria. Porque a Siv, valorizava mais os bordados, não sei, talvez seja mais uma questão sueca, ou, porque era mais fácil levar, não sei. A Siv vinha cá, encomendava e comercializava os bordados e isso valorizava o produto. A Siv encomendava os xailes que depois levava para a Suécia, como fazia não sei. Ela era fascinada nos bordados, nos bordados e nos xailes bordados. Ainda hei-de perguntar à Ildinha se ainda ficou com algum daqueles xailes, pretos, bordados. Eram uma autêntica obra de arte (...) E, faço a primeira feira de artesanato e faço a segunda e faço a terceira. Estive três anos na Coordenação, fiz as três primeiras feiras de artesanato de Alcoutim. E, depois, quem veio a seguir a mim, foi a Teresinha, deu continuidade. Mas, essa primeira feira de artesanato teve um sabor especial, a educação de adultos iniciou as feiras de artesanato no concelho, porque, repara, nessa altura éramos nós que mais dinamizávamos o concelho, não havia actividade nenhuma. Obviamente que as autarquias tinham outras prioridades e naquela altura não estavam nem preparadas nem sensibilizadas para fazer este tipo de trabalho. Naquele tempo, o papel da autarquia não era dinamizar estas coisas, mas apoiar, não faziam, mas apoiavam quem fizesse. Era aí o apoio da autarquia, apoiar o nosso trabalho. Eram eles que transportavam os artesãos, eles é que transportavam os materiais, arranjaram o espaço (...) ainda no outro dia quando se comemoraram os 25 anos da feira de artesanato, as pessoas recordavam isso, um calor de abraçar que fez nesse dia naquele castelo porque, claro, não tinha o aspeto que tem hoje, nem o espaço que tem agora, mas foi agradável, as pessoas recordarem esse tempo (...)

[Que significado teve para ti toda esta experiência?]

Durante estes anos que fui coordenadora concelhia, tenho dificuldade em eleger um aspeto em especial, porque a história da alfabetização, propriamente dita, no concelho, para mim teve um grande peso, porque, depois isto são campos paralelos. Eu tenho de valorizar todas as ações que deram oportunidades às pessoas, mas, sabes, joca, também é uma alegria muito grande, é um prazer que é indescritível, tu teres uma pessoa, com 50 anos que se fechou, que não conhecia nada e que, de repente, tem o prazer de ler. Este indivíduo que eu te falei marcou-me, porque ele ia

para o café e os outros a gozar diziam “Então Joaquim vais ler o jornal?”, porque ele não sabia ler, “hhh” e ele não respondia. Então, passado tempo, ele fazia questão de ir para o café ler o jornal na frente dos outros, não dizia nada, mas via-se que estava responder ao gozo que lhe tinham dado durante muito tempo. Mas, curiosamente, era um indivíduo com uma boa forma de estar, bondoso, muito calmo, não era provocatório, não reagia quando queriam gozar com ele, mas no fim ele é que acabou por gozar com aqueles que se metiam com ele. É por esta e por outras experiências que eu digo que tenho dificuldade em eleger (...), mas, não há dúvida que a alfabetização foi a maior riqueza, o contacto com toda esta gente, o poder ajudá-las. Sabes, joca, também é agradável sentir que as pessoas gostavam de nós, que reconheciam o nosso trabalho, isso é a melhor retribuição que podemos ter, o reconhecimento das pessoas. Tudo isto foi um mar de emoções e de experiências com adultos, porque eu vinha das crianças, e a minha vocação era essencialmente educar crianças. Percebes, eu estava vocacionada para trabalhar no ensino mas com crianças e isto foi um desafio, que também, me fez muito bem. Porque eu tinha passado por aquela experiência, como te disse, quando perdi a minha cunhada, não perdi só a minha cunhada, perdi duas sobrinhas, num acidente de viação (...) (lágrimas) e o tempo posterior a essa fase foi muito difícil (...) foi difícil porque (...) a coisa que eu mais gostava nesta vida eram as crianças (...). E eu tinha perdido duas e em cada criança na sala de aula eu via as minhas sobrinhas (...) (lágrimas). Ir trabalhar com adultos, amenizou um bocado (...). Entretanto, nasceu o meu filho e esta experiência na educação de adultos, foi um tempo bom, foi fértil porque eu consegui fazer aquilo que gostava, mas, trabalhando com adultos, que amenizava um pouco aquela saudade das crianças, embora, eu gostasse muito, muito, muito, de trabalhar com crianças. Depois, quando vim aqui para Vila Real, voltei para a escola, deixei a educação de adultos e vim para o ensino regular. E, aqui a educação de adultos estava bem entregue, estava bem organizado, a Jovita estava a fazer um bom trabalho. Depois, nunca mais trabalhei em educação de adultos, depois, é assim, o tempo passa, a escola, o meu filho, a vida entrou noutro ritmo, o ensino regular, do qual tinha estado afastado algum tempo e, depois, apareceu outro desafio, o ensino especial e pronto, foi assim (...) Foi um novo desafio porque como eu já te disse, “hhh”, sabes quando se trabalha com adultos não há desmotivação, não há preocupação com as dificuldades, não há problemas de comportamento, e tu sabes que era isso, uma das grandes dificuldades com os miúdos, “hhh” e, provavelmente,

com essa vontade que tinha sempre de (...) Depois vim para Monte Gordo, que era, também, uma terra muito especial, em que, aí sim, havia problemas comportamentais, problemas de indisciplina, de absentismo, miúdos com grandes carências afetivas, com grandes cargas negativas, assim (...) e aí, percebes, era, novamente um desafio e os desafios foram-se sucedendo uns aos outros e assim é que vale a pena. Durante três anos andei no ensino regular e depois fui para o ensino especial, para os apoios educativos. Sabes, este, também, é um campo tão fértil (...) e eu acho que estava preparada para este desafio, aquela experiência em educação de adultos, também, serviu para eu crescer como pessoa e eu acho que mudei, um experiência em educação de adultos transforma sempre uma pessoa, “hhh”. Primeiro, acho que, a nível de contactos, de experiências (...) repara, houve, contactos coma Radial, com a autarquia, com a zona agrária, inclusive com fundações internacionais como a Van Lear, “hhh”, deu uma abertura, deu-me uma outra forma de encarar as coisas, de encarar as coisas na perspetiva do outro. Habituei-me, também, a valorizar aspetos que eu própria desconhecia, estás a ver, a riqueza daquele concelho. Eu vivi lá aqueles anos e nunca tinha pensado nisso, nunca tinha olhado para o artesanato como uma arte, como uma riqueza cultural. Eu tinha a ideia que aquele concelho era uma zona muito pobre que não tinha nada. E, até para mim, como pessoa e como habitante daquele concelho, fez-me vê-la de uma perspetiva e de um ângulo completamente diferente. Acabei por perceber que, se calhar, havia ali uma riqueza que, desde que, explorada e devidamente valorizada podia ser aproveitada de uma maneira diferente, “hhh” aí, com o ensino regular e com as crianças eu dificilmente teria essa oportunidade de ver isso. Nunca teria essa perceção (...) Tudo isto é um mar de emoções e de situações que a gente ao falar sobre isto começa a lembrar e sente nostalgia, sente saudades daquele tempo que vivemos de uma forma tão intensa. (...) E, depois, foi a possibilidade de contacto com tantas pessoas, de conhecer tanta gente, “hhh”, foi daí que nos conhecemos (...)

[É verdade (...) continuas a ir a Alcoutim?]

Claro que sim, continuo a ir com alguma frequência, mais a Martinlongo, ainda tenho lá a minha sogra, o meu cunhado, o Zé, que andou contigo no liceu, infelizmente, já faleceu, faleceu o ano passado de um cancro nos pulmões (...) os meus pais são de Giões, a minha mãe faleceu, também, há um ano e tal, mas, continuo a ir, sim, (...) as coisas estão um bocadinho diferentes, sabes, em termos de artesanato, o que vemos, o que foi criado, teve o embrião na educação de adultos,

esta feira de artesanato de Alcoutim que ainda hoje, passados 25 anos, se mantém e, de facto, já chama muita gente, começou connosco, mas, é, hoje, completamente diferente, melhor organizada, que apresenta produtos locais e outros, artesanato local e não só, vêm artesãos doutros sítios, as pessoas mudaram (...) Mas, a essência de uma certa mudança esteve, um pouco, no nosso trabalho. As pessoas mudaram muito, as pessoas saíram de casa, habituaram-se a participar, a conhecer coisas novas (...) a viverem a vida de um modo um bocadinho mais feliz, as festas, tudo era pretexto para fazerem uma festa, para se juntarem, para se divertirem à maneira delas. E, as pessoas, também, elas próprias, valorizaram-se, como eu te dizia à bocado, em jeito de brincadeira, que as pessoas talvez tinham passado de um extremo ao outro, elas viram que o trabalho delas era um trabalho que podia ser valorizado e talvez abrir outras perspetivas, outros horizontes, de saírem dali, conhecer outras coisas (...). A alfabetização servia para isso mesmo, também, abrir novos horizontes, a abordagem de novos temas, as sessões temáticas, a animação sociocultural tudo isso ajudava, pois, como eu te disse, a alfabetização, para ela funcionar tinha de ser assim. Foi por ter tido essa experiência e sentir que alfabetização era muito mais que estar numa sala a ensinar a ler e a escrever, que quando vim para Vila Real não me senti atraída pela possibilidade de lecionar aqui um curso de alfabetização, aqui as coisas funcionavam um bocadinho diferente. Conheci algumas colegas que trabalhavam em alfabetização de adultos, penso eu, porque precisavam ir buscar mais algum dinheiro, mas, não condeno isso, agora quando via colegas minhas que faziam fichas para os meninos do 1º ano ou do 2º ano que depois utilizavam com adultos. Ai! Isso não. Dar o a,e,i,o,u, a pá (...) não, joca, isso não. Isso mexia comigo, não, eu nunca faria alfabetização assim, nem sequer a ler e a escrever “é a pá”. É óbvio, que se me perguntares, “hhh”, há todo um processo de aprendizagem da leitura e escrita que passa por descer à letra, mas, nunca levar uma ficha, “hhh”, embora, alguns adultos pensassem que era assim que se aprendia, porque eles, também, tinham aprendido a escrever o a, e, i, o, u. Mas, de qualquer maneira, é uma forma infantilizada, desrespeitosa e (...) as pessoas que eu conheci, colegas que trabalhavam, isto sem querer entrar por campos, com todo o respeito que tenho por essas colegas, por compreender o que estava subjacente a essas pessoas, irem trabalhar à noite porque precisavam daquele dinheiro. Mas, uma professora que tinha trabalhado o dia inteiro, que, às vezes, até se deslocava, “hhh”, se calhar, também, ia encontrar pessoas que não estavam tão motivadas como as pessoas que eu tinha tido,

porque, no meu tempo, as pessoas estavam muito motivadas para a alfabetização. Mas, também, te digo, joca, nada acontece por acaso, as coisas influenciam-se umas às outras, eu tenho que ir motivada para a sala se eu quero motivar os outros, tenho que acreditar, joca, se eu não acreditar, não estiver motivada, aí não se consegue nada, ainda, mais, com pessoas adultas, aí não consegues mesmo. Se eu for para lá, derrotada, tanto mais, que eu disse-te que havia diferentes pessoas, havia aqueles que tinham uma baixa autoestima, que não acreditavam neles, se tu não fores motivado, se não fores capaz de fazer crer que, sim, eles podem aprender, eles vão aprender, então não vale a pena. E, depois, é como já te disse, tudo era pretexto para a festa, para o convívio, para a poesia, para os cantares, que aquela zona, embora seja uma zona que pertence ao Algarve, mas, de Algarve tem muito pouco, tem mais características de Alentejo que de Algarve, os cantares daquela zona são, essencialmente, os cantares alentejanos (...) Sabes, também, era uma coisa curiosa, aquelas pessoas estavam tão ávidas de aprender que isso tinha que ser muito bem doseado, que havia, sim senhora, uma parte da aula, propriamente, em que eles aprendiam e depois havia um momento mais descontraído, mas, era fundamental que na aula houvesse aprendizagem, porque eles queriam saber. Curiosamente, havia situações de Matemática, que as pessoas, hoje, parece que consideram desnecessário saber, mas eles queriam fazer problemas, resolver situações práticas do dia a dia, os pedreiros (...) por isso é que eu dizia, embora, aqueles conhecimentos não tivessem sido documentados, eu tinha pedreiros que faziam cálculos, que faziam tudo isso e não tinham a 4ª classe. Esses, que faziam cálculos, tinha frequentado a escola, mas, faziam, sobretudo, com estratégias próprias. Foi uma coisa que sempre me fascinou muito, foi ver as estratégias que eles levavam para fazer um cálculo, por exemplo, havia homens que trabalhavam nas obras e que faziam todos os cálculos, para fazer qualquer obra, recorrendo, pouquíssimo, ao uso do lápis. Posteriormente, foram vendo que havia outras formas de fazer matemática, mas, depois, eles valorizavam muito esta nova forma, mais tradicional, de chegar lá aos resultados (...) Agora, perdi-me (...)

[Célia, uma questão, o facto de seres alcouteneja, ajudou a iniciar este processo no concelho?]

Eu penso que ajudou e muito. Ninguém sabia o que era a educação de adultos, nunca tinha havido qualquer ação no concelho. Quando fiz a campanha de alfabetização, para sensibilizar as pessoas para os cursos, a maior parte conhecia-me, foi mais fácil

chegar à fala com elas. Acho que seria muito mais complicado se fosse uma pessoa de fora, que elas não conhecessem. Eu, era a Celinha de Giões, que era professora, era casada com o Sr. Orlando de Martinlongo, de uma família muito conhecida, eu penso que isso ajudou muito, que me facilitou muito as coisas (...) Bem, de qualquer maneira, isto, também, é como, quando, às vezes, se é filho de um génio, por um lado facilita, por outro, cria mais responsabilidades. Facilitou na medida em que as pessoas conheciam-me, eu era um deles, que tinha tido oportunidade de ter voado, de ter ido mais longe que eles, acho que isso, também, era importante, eu não era alguém de quem as pessoas pudessem desconfiar, que pudessem dizer “ Quem é este? o que é que ele quer? o que é que nos quer impingir?” Eles sabiam que aquilo que eu dizia, aquilo em que eu acreditava, eram verdades que eles podiam confirmar, também, porque me tinham visto crescer, acreditavam em mim quando eu lhes dizia “ É preciso ir mais além, é capaz, vá lá, mais um esforçozinho”. E, acredito que, também, me facilitou a vida, por confiarem em mim, a minha tarefa também se tornou mais fácil e terá ajudado a que obtivessem melhores resultados. Sem querer parecer pretensiosa, acho que fiz um trabalho positivo com aquelas pessoas e que elas reconheceram. A seguir a mim, vieram mais colegas, veio a Teresinha que foi uma pessoa, também, muito popular, mas as pessoas não me esqueceram, eu noto isso, quando vou a Martinlongo ou quando vou a Alcoutim (...) Sabes, joca, as pessoas ali naquele concelho, também, eram um bocado crédulas, eram pessoas que confiavam, que não exigiam, tudo as satisfazia (...) Por exemplo, aqueles problemas, quando nós alugámos a primeira casa para a educação de adultos, foram feitas aquelas obras, que a casa não estava em condições, foram vocês que pagaram as obras, o pintar aquilo, os materiais era tudo improvisado, coisa que se levava daqui, coisa que se levava dacolá, as estantes que eu fiz com os tijolos. Tudo isso fazia parte do processo. A mim, nem me passava pela cabeça que isso fosse um impedimento. Certas pessoas, empolgam-se, porque o material não é adequado (...) outros tempos (...) **[Hum...]** Há pouco falava que as pessoas ainda se lembram de mim quando vou a Martinlongo, ainda tenho lá casa, às vezes, sinto uma certa nostalgia, as coisas mudaram, já não há aquela vida que havia, antigamente, nos montes (...) pensar aquele sonho que nós tínhamos que as coisas iriam ser muito diferentes, que conseguiríamos combater a desertificação, que haveria uma melhoria em termos económicos, haveria um maior desenvolvimento, sobretudo, nas sedes de freguesia, que as pessoas mais jovens iriam conseguir dinamizar a zona de uma outra forma

(...) Acho que houve aquela explosão, fez-se muita coisa, parecia que estávamos bem encaminhados e, depois, as coisas foram caminhando muito lentamente, deixou de haver aqueles projetos que eram bons para o concelho e as coisas não evoluíram assim tanto. É verdade que o concelho não é mais o que foi, mas, também, não vejo os jovens dar conta de (...) a desertificação continua e, também, vejo, “hhh” aconteceu a globalização e não podemos isolar o concelho de Alcoutim do resto do mundo. Sabes que o artesanato, se se faz artesanato e não se vende, provavelmente, o problema do concelho de Alcoutim é que, quando lá vou, é isso que vejo, o incremento não é aquilo que nós sonharíamos e desejaríamos. É assim, como é que as pessoas vão comprar um produto artesanal que para ser devidamente remunerado vai custar x, quando hoje, a gente vê aí as lojas, os chineses e outros, a vender muito mais barato, e o poder económico das pessoas também não dá para comprar artesanato genuíno da serra. As coisas estão de tal maneira difíceis que eu não consigo explicar, não consigo, também, atribuir uma culpa a alguém, não sou capaz, o que é que falhou, foi a política?

No entanto vale a pena dizer que temos tido nestes anos uma pessoa à frente dos destinos do concelho que é um amante do concelho, que é o Francisco Amaral. Se há alguém que gosta, que defende com todas as forças o concelho, aquela gente, é o Amaral. Porque é, também, um da terra e gosta das gentes, gosta de tudo o que é de lá. Tem uma visão sobre o que é melhor para aquele concelho melhor do que ninguém. Portanto não posso dizer porque é que é assim (...) [**Hum...**] Educação de adultos, voltar a reiniciar esse processo, fazer, de novo alfabetização? Acho que não, hoje, já não se justificaria repetir o que fizemos há trinta anos atrás, penso que não, porque, hoje, felizmente, as coisas melhoraram bastante, o que é que aconteceu com os jovens? Vamos bater às nossas escolas, eu andei pela educação de adultos, estive no ensino regular, no ensino especial, nos apoios educativos, “hhh”, hoje os miúdos têm acesso a tudo. Há condições mas continua a haver uma desmotivação muito grande, há alguma falta de interesse, e a escola continua a não ser a resposta. Hoje, não seria suposto que fosse necessário fazer alfabetização porque a escola deveria dar resposta para que não houvesse analfabetos, devia dar resposta às necessidades de cada um. Tanto mais que a educação pré-escolar, naquele concelho, já existe, a educação pré-escolar itinerante. E não poderia ser de outra forma porque o concelho não tem gente jovem para que isso aconteça (...) O que ficou, também, desse tempo, acho que foi aquele espírito comunitário. Acho que isso foi muito importante. Isso

foi talvez a nossa melhor obra, ter levado as pessoas a sair de casa, a conviver, a participar nas ações, a conhecerem outras formas de viver ávida para além do trabalho. Agora vê-se que as pessoas vão continuando a encontrar-se nas associações recreativas que foram aparecendo, sobretudo, na sequência deste espírito. Porque, se pensarmos, as coisas não funcionam por compartimentos estanques, penso que esta vontade de se juntarem, de se reunirem, de conviver, e dar origem a todas aquelas associações recreativas que neste momento existem em todo o concelho. A sementinha ficou lá, porque, repara, joca, em meu entender, isso está naquela essência, não é fácil, e, eu, até vejo assim. Se não tem havido aquela abertura, as mulheres que eram, essencialmente, a força viva daquele concelho, se, elas não tivessem entendido que havia muito mais do que cozinhar, lavar e passar a ferro, limpar a casa, ”hhh” nunca seriam capazes de dar o salto, como deram. De se juntar numa associação, de se expor a cantar, de criar um grupo de música, de participar nas festas, nos bailes, nos encontros de poetas, de ir ao Café, porque o Café não era para as mulheres. O Café, a taberna era para os homens e é com a educação de adultos que tudo isto muda, esta maneira de pensar, é com a educação de adultos que as mulheres começam a sair à noite, para ir aos cursos, para participar nas várias atividades que organizávamos.

[Porque, a história das mulheres saírem à noite?]

Olha, eu vou-te contar ma experiência engraçada que me aconteceu um dia com esse Joaquim que já te falei, ela era um homem engraçado, tinha uma forma de falar muito própria, por exemplo, um dia estava constipado, “Então Sr. Joaquim, então, ontem á noite não veio ao curso porquê?” “ Ai menina, nem queira saber, nem segurava as ventas” (risos). Ele era solteiro, vive a igreja, lê a bíblia, é testemunha de Jeová, é um artesão que participa aí nas feiras de artesanato, por todo o lado, faz miniaturas. E havia aquela história das mulheres, do respeito, de não dirigir palavra, ”hhh” uma noite, ele ia para o curso, que funcionava na casa do povo de Martinlongo, ele vai para o curso, quando entra, dá-me um bilhete num bocado de papelão de uma saca de cimento. O grupo já estava a trabalhar, entra, dá-me o bilhete e foi-se sentar. Olhei para o bilhete e leio, com alguns erros, “ A Ti Natália tá estatelada” (risos). E, eu, fiquei assim confusa, olhei para o bilhete, olhei para ele, ele sentado, como se não fosse nada com ele. Fiquei assim num impasse, sem saber muito bem o que fazer, mas, aquilo, também, não me deu muito tempo, quando eu vejo a Tia Natália a entrar na sala a coxear “ Ai! ai! que me ia matando, escorreguei

agora ali”. Eu não fiz qualquer comentário “ Mas veja lá, magoou-se? Precisa de ajuda? Fez alguma ferida?” “ Não, não, isto passa, estava ali um buraco, escorreguei e caí, isto passa”. Acabámos a aula e, depois, à saída, pedi ao Sr. Joaquim para esperar um bocadinho, precisava falar com ele. Depois de todos saírem, digo-lhe, assim “ Então Sr. Joaquim isso é coisa que se faça, a Tia Natália caiu e o senhor não lhe deu uma ajuda a levantar-se” “Ah! Era o que faltava ajudava a mulher e ainda vinham para aí dizer que eu estava com ela e o marido ainda vinha ter comigo, era o que faltava” (risos) (...) Estás a ver esta solidariedade, ”hhh”, viu que a mulher estava estatelada mas não lhe deu uma mão porque não queria tocar na mulher do vizinho. Isto para te dizer a história das mulheres, como eram vistas por alguns homens (...) E, de facto, foi, talvez, esta experiência com a educação que levou as pessoas a que, nessa altura, saíssem das suas casa, está bem, que não havia muitos Cafés naquela altura, mas, estavam, essencialmente, reservados aos homens, e digo Café, porque era o único sítio onde as pessoas pudessem encontrar-se e conversar (...) A educação de adultos abriu outras portas às mulheres, fez-lhes bem à cabeça, foi a base de tudo o que, depois, veio a acontecer, naquela zona, para a própria valorização pessoal. Porque à educação de adultos estava subjacente toda uma filosofia que, depois, passava, também, pelo planeamento familiar, educação para a saúde, educação ambiental, educação sexual, todas essas coisas que faziam parte do nosso programa. Alfabetização não era só o aprender a ler e escrever, era muito mais. Havia uma outra vertente, que são coisas diferentes e que eu gosto de frisar, a questão da alfabetização no sentido de adquirir conhecimentos além da leitura e escrita, o ler o mundo como dizia Paulo Freire. Saber ler e escrever pressupõe capacidades individuais, supõe também uma metodologia, porque, nós, enquanto crianças, também não aprendemos a ler sozinhos. Mas, a maioria, salvo raras exceções, aprendeu a ler (...) e na altura, iam também parar aos cursos, uma ou outra pessoa com deficiência que não conseguiram fazer a escolaridade e podiam não ser capazes de fazer, depois, o 4º ano, mas tinham sucesso social, de ser aceite pelo grupo, de poderem conviver com maior regularidade, de participar nas conversas, de se sentirem integrados, não sentirem que estavam a ser estigmatizados. Naquela zona não havia o sentido de exclusão (...) e também não havia a vergonha social de se ser analfabeto, ninguém tinha vergonha de ir para a escola. Havia, se calhar, um ou outro, que, às vezes, gostava de uma certa chacota, mas, isso era com um ou outro que era figura típica e o único que eu conheci foi esse Joaquim, talvez, por ter aquela carga religiosa, quando

os outros homens não ligavam nada à religião e ele era o único homem, que eu conheci naquela zona, que era testemunha de Jeová (...) [**Obrigado Célia**]

Entrevista 6 – M^a João

[M^a João, Fala sobre a tua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, até deixar a educação de adultos. Podes levar o tempo que quiser e fala de tudo o que achares importante]]

Eu iniciei a minha atividade na educação de adultos em 1987, por acaso, na altura, trabalhava ali na escola do 1º ciclo da Estação aqui em Tavira e a Etelvina, que era coordenadora concelhia de Tavira e tinha sido minha colega de turma no Magistério, apareceu-me lá na escola e convidou-me. Eu ainda pensei, pensei, tive algumas dúvidas, mas, depois, achei que podia ser uma boa experiência e como também conhecia bem a Etelvina, acabei por aceitar. Ora isto foi em 1986, estava no final do ano letivo e em 1987 comecei a trabalhar na coordenação concelhia de educação de adultos em Tavira, fazia equipa com ela, éramos só as duas, ela coordenava o concelho e eu ficava responsável pelo curso de alfabetização de Tavira e dava-lhe uma ajuda na Coordenação. Dava aulas à noite em regime pós-laboral. De início, não foi fácil a adaptação, mas, depois, gostei das pessoas e achei a experiência muito interessante, tinham sempre muitas histórias de vida, muitas coisas engraçadas, e, depois, permaneci, fiquei para aí uns 6 anos na educação de adultos, dois anos depois, a Etelvina saiu e eu assumi as funções de coordenadora concelhia, saí em 1993. Quando saí a educação de adultos já pouco tinha a ver com a educação de adultos que conheci em 1987. Depois de mim, ficou o João Horta que na altura trabalhava comigo na coordenação distrital. Quando eu passei a ser coordenadora concelhia entrou a Leonor Anica para a coordenação concelhia e ficou com o curso de alfabetização de Tavira. A seguir entrou o João Horta. Chegámos a ser três na coordenação concelhia. Depois saímos as duas e ficou o João Horta sozinho na coordenação, porque, entretanto os cursos foram diminuindo, em Cachopo já não havia cursos, já tinha acabado o PIDR, já tínhamos feito o nosso trabalho em todas as freguesias, no interior e mesmo aqui em Tavira, e, portanto, diminuí o número de professores (...) **[Depois de 8 anos no 1º ciclo, vieste para a educação de adultos, como foi a mudança?]** São experiências completamente diferentes, mas olha, há uma história engraçada, nessa altura, uma aluna que estava ali no 1º ciclo, e que não tinha aproveitamento, entretanto, fez os 14 anos, nessa altura só podiam frequentar a Primária até aos 14 anos e depois, fui apanhá-la novamente no curso de

alfabetização. É claro que nestes cursos tínhamos que ter em conta as limitações das pessoas em termos de tempo, de material, das capacidades das pessoas e tinha que ser um ensino mais individualizado e conseguíamos porque eram grupos mais pequenos que na Primária, eram menos pessoas podíamos dar uma atenção mais individualizada e, pronto, era um bocadinho menos exigente. Os objetivos eram completamente diferentes. São ensinos diferentes, mas, para mim, não tive problemas com a mudança porque sabia que me relacionava bem com as pessoas de um nível etário superior e, depois, havia uma coisa que facilitava imenso que era nós termos os materiais já construídos. Tínhamos os materiais, mo que dizia respeito à língua portuguesa os textos estavam dirigidos para a vida das pessoas, se eram pessoas de meio rural eram textos relacionados com as suas experiências de vida, com a terra, coma agricultura, se eram cursos do litoral, os textos eram vocacionados para a vida no mar. Aqui em Tavira havia muitos cursos virados para a pesca, St^a Luzia, Cabanas, Conceição. Ora como já tínhamos os textos e as fichas isso era meio caminho andado para se trabalhar com as pessoas. Aliás as pessoas que lá iam, faziam sacrifício para lá estar e, portanto, aquilo era mesmo para aproveitar. De maneira que raramente faltavam e eram interessadíssimas, uma vez, num curso tive um casal que ora ia um ora ia outro, iam alternadamente, então uma noite eu perguntei “Mas, então, oh! D. Lucinda, porque é que nunca vêm os dois, hoje vem a senhora e amanhã vem o seu marido, têm algum neto para tomar conta?” “Ai não, senhora professora é que nós só temos um par de óculos, assim, só pode vir um de cada vez” (risos). Naquele tempo, as limitações das pessoas eram grandes (...)

[Tinhas alguma formação em educação de adultos?] Não, não, nunca tinha ouvido falar antes em educação de adultos, alfabetização só de crianças, a primeira vez que ouvi falar em Paulo Freire foi a Etelvina. A Etelvina e que me começou a falar de educação de adultos e depois, comecei a ir às formações organizadas pela Coordenação Distrital. Ainda se faziam muitas ações de formação e eu gostava de ir. Aprendi muita coisa. Aprendi coisas que me têm servido para a vida toda. Aprendi melhor o método de Paulo Freire que é muito importante também para quem trabalha com crianças. Mas não foi difícil trabalhar em educação de adultos porque tinha o apoio da Etelvina e depois, antes de mim, já havia muito trabalho feito, quando fui coordenadora concelhia só tive de dar continuidade aquilo que já estava feito. Eu não introduzi nada de novo, limite-me a dar continuação ao que já havia. Em Cachopo, então, já pouco havia fazer senão continuar com os cursos de alfabetização. Durante

os dois primeiros anos em que trabalhei com a Etelvina vinha pouco a Cachopo, mas quando era preciso vinha, mas era de dia, de noite nunca vinha. Com ela ainda vim fazer alguns levantamentos no terreno, ainda fizemos um levantamento de artesanato, ainda fizemos um levantamento de pessoas analfabetas. Mas, um contacto mais directo com as pessoas dos cursos à noite, só comecei a ter quando fui coordenadora concelhia, aí, ia, mais vezes a Cachopo. Ia numa carrinha da Câmara, uma 4 L, a Câmara sempre nos apoiou muito, não eram todas as coordenações concelhias tinham esse privilégio de ter à sua disposição uma 4 L para as suas deslocações aos cursos. Lembro-me de uma noite que choveu imenso, aí às 10 h da noite na serra é muito tarde, faz muito escuro e não havia luz eléctrica, nem estrada alcatroada nalguns sítios, e, às vezes, a essa hora e no meio da serra, com chuva, era muito aborrecido (...) **[És de Cachopo, isso ajudou?]** Não sei se isso ajudou ou não, acho que não foi por ser de Cachopo que a Etelvina me convidou, mas, o que é certo é que, as pessoas todas me conheciam e eu nunca escondi que era de Cachopo, e que os meus pais viviam lá. E, ainda vivem, ainda são vivos, graças a Deus. Eu também conhecia bem o meio, mas, quando entrei para coordenação concelhia a Etelvina também já conhecia muito bem Cachopo, já conhecia muito bem as pessoas, já tinha feito lá um bom trabalho. Eu pude apreciar que ela foi uma coordenadora concelhia que trabalhou muito sempre no terreno e eu já conhecia o trabalho dela porque vinha a Cachopo ver os meus pais e sabia do trabalho dela. Eu acho que ela e depois eu tivemos sorte porque a Câmara tinha um vereador da cultura que sempre nos apoiou muito, que era o vereador Jorge Valente que estava sempre disponível para tudo aquilo que nós precisássemos e, portanto, tivemos um trabalho muito facilitado. Naturalmente porque ele via bons resultados no trabalho que nós fazíamos (...) **[E a tua experiência como coordenadora concelhia?]** Quando substitui a Vinita já tinha observado o trabalho dela, já tinha aprendido muito com ela, só tinha que dar continuidade ao trabalho. Agora a minha experiência foi diferente da Etelvina, ela esteve no princípio, depois as coisas mudaram e já não havia tanto para fazer. E se perguntares à pessoa que esteve a seguir a mim, também foi diferente e ainda terá menos para dizer. Posso dizer que os cursos de alfabetização foram diminuindo, as atividades foram decrescendo, menos inscrições, menos participantes. Em Cachopo, praticamente, foi acabando tudo, então passei a trabalhar mais nas freguesias aqui mais próximas de Tavira. Mais ou menos, por esta altura, quando em Cachopo a educação de adultos perdia força, em St^a Catarina manifestavam interesse na

educação de adultos. Era a freguesia que ficava mais distante da sede de concelho, a seguir a Cachopo. Aqui fizemos um bom trabalho, as pessoas aderiram bastante, tivemos alfabetização, cursos socioeducativos de corte e costura, pastelaria. Aqui houve muito mais gente envolvida que em Cachopo. Na cidade de Tavira também fizemos muitos cursos socioeducativos e eram muito procurados. Tivemos Arraiolos, Pastelaria, tivemos também Costura, depois, ali em St^a Luzia também houve uma boa adesão das populações e houve até cursos socioeducativos dirigidos mais dirigidos para jovens, para que arranjassem emprego. Por exemplo, o curso de Barman que lhes foi muito útil para depois trabalharem em Hotelaria. Nessa altura ainda não havia cursos socioprofissionais do Instituto de Emprego e então os jovens que se empregavam nos bares iam sempre sem nenhuma preparação. No curso do 2º ciclo, os mais jovens inscreveram-se no curso de Barman. Olha, foi parecido com o que aconteceu em Cachopo com as mulheres que fizeram o 2º ciclo e depois fizeram o curso de informática para conseguir emprego. Este curso de Barman foi para estes jovens um complemento do 2º ciclo e soube que alguns deles ficaram aqui nos aldeamentos turísticos a trabalhar. Os cursos de 2º ciclo surgiram porque já se tinha esgotado um pouco a alfabetização, já havia muito menos gente para alfabetizar, e surgiu então o 2º ciclo. Primeiro foi aqui nas freguesias de St^a Catarina, de St^o Estevão e de Luz de Tavira e depois foi em Cachopo. Cachopo também teve um 2º ciclo que deu a algumas daquelas pessoas oportunidades de emprego. Aí sim, quando foram para o Lar da 3ª Idade, elas beneficiaram com o facto de ter feito lá o 2º ciclo. Foi muito difícil arranjar professores lá do 2º ciclo, já não me lembro quem foram os professores que deram lá o 2º ciclo, essa foi aparte mais difícil de todas porque quando fomos para lá só havia escola do 1º ciclo, agora nem essa há (...) o 2º ciclo não era como a alfabetização no tempo do PIDR que podia recorrer a monitores locais, estou a lembra-me que havia uma colega nossa que trabalhava na telescola, que depois também veio trabalhar connosco na educação de adultos, a Cremilde, que foi lá professora no 2º ciclo e até me lembro que em vez de Português/ Inglês tivemos Português/Francês que era a experiência dela (...) A Matemática já não me lembro quem é que deu, mas deve ter sido alguém que estava por lá e tinha habilitações para o efeito. Se que as pessoas concluíram o 6º ano, que ficaram muito contentes e que lhes serviu para arranjar emprego em Cachopo o que era muito difícil (...) [E a alfabetização?] Quando entrei ainda havia alfabetização na Mealha, que ainda durou um ano e depois acabou, Grainho já tinha acabado, Feiteira também já

tinha acabado, tivemos ainda em Cachopo, Azinhosa, Mercador que eram montes que não tinham tido alfabetização no tempo da Vinita. Comigo ainda avançaram esses cursos (...) parece-me que ainda havia mais, mas já não me lembro (...) **[E os monitores?]** Nestes cursos, tal como tinha sido feito com os cursos anteriores, os monitores eram desses montes, jovens que eu escolhi depois de me aconselhar com as próprias pessoas dos montes, sim, sim, porque depois até fomos ao casamento da monitora da Azinhosa, eu e a Leonor Anica. Criavam-se laços afectivos muito fortes entre nós e entre as monitoras e as pessoas. Esta parte afectiva era muito importante, porque fazíamos as reuniões, encontrávamo-nos, elas apoiavam-se bastante em nós e depois criava-se esta amizade. No Mercador também era uma rapariga nova, já não me lembro do nome dela, acabei por perder o contacto com ela, agora a da Azinhosa, continuo a manter o contacto com ela mesmo passados estes anos todos, ela acabou por casar e ficar lá. Em Cachopo estava a Cremilde que trabalhava connosco na Educação de Adultos e dava também o 1º ciclo e depois começou a dar o 2º ciclo. Depois a alfabetização acabou em Cachopo, já não havia pessoas para alfabetizar, os que queriam ir ao curso já tinham ido, os outros os mais idosos analfabetos já não se inscreveram. Aquela experiência da alfabetização em Cachopo estava acabada (...) **[Qual o significado desta experiência para ti?]** Foi uma experiência muito interessante, mas, que foi muito facilitada por eu ser de lá. O trabalho mais difícil foi feito pela Vinita, eu só dei continuidade e acrescentei muito pouco ao que já estava feito. Foi um trabalho muito importante para aquelas pessoas e acho que elas aproveitaram bem essa oportunidade. A educação de adultos mexeu com as pessoas e a Junta que também se viu envolvida naquela dinâmica. Acho que foi um trabalho que correu bem, a alfabetização mais para enriquecimento pessoal e o 2º ciclo mais numa perspectiva de emprego. Depois tivemos, também, cursos socioeducativos com aquelas pessoas que já tinham frequentado o 2º ciclo e aquele curso foi como um complemento, foi um curso de informática. Foi como se fosse uma continuidade ao 2º ciclo. Era um curso em que, eram quase todas mulheres, mulheres aí por volta dos 30 anos. Eram mulheres, que se tinham empregado lá no Lar da 3ª Idade. Muitas destas mulheres queriam valorizar-se, e se elas não estudavam ou não frequentavam outros cursos, era por causa da interioridade de Cachopo e porque não tinham condições económicas para se deslocar. As pessoas em Cachopo tinham muitas dificuldades financeiras. Por isso quando fizeram o curso terão pensado que isso poderia ajudar no emprego. Para fazer este curso socioeducativo fizemos um

levantamento junto do grupo do 2º ciclo e foi a preferência delas. Não foi fácil organizar este curso porque não havia em Cachopo ninguém para dar o curso, tinha que vir de Tavira. Normalmente, íamos, sempre, as duas, a professora de informática e eu, íamos na carrinha da Câmara. Na altura foi uma colega nossa do 1º ciclo que estava colocada em Tavira que já percebia muito de computadores, porque na altura não havia muita gente que percebesse de informática. Era a Irene Viana que, na altura, se interessou logo muito por computadores e mesmo a nível de 1º ciclo foi ela a primeira a dinamizar o trabalho com computadores nas salas de aula. Depois foi ela que deu o curso lá. Tínhamos uma parceria com uma empresa de computadores que montou lá os computadores e os alunos fizeram esse curso. Depois, também tínhamos o apoio da Câmara que era quem pagava à monitora (...) Ah! Tivemos também um curso de corte e costura com uma monitora local que era costureira, era a D. Rosarinha, este curso durou um ano, no outro ano já não apareceu mais ninguém a inscrever-se. Estes cursos eram muito importantes, mas, em Cachopo nunca duravam mais que um ano, porque eram sempre as mesmas pessoas. Enquanto eu estive lá houve estes dois cursos que foram pagos pela Câmara, que era a nossa única parceira (...) **[E a junta de Freguesia?]** A Junta de Freguesia não entrava nestas parcerias porque para o presidente da Junta a educação não tinha grande importância. Quando era no tempo do Sr. José do Seixo, aí sim a Junta apoiava tudo o que se fazia, mas, depois, quando veio o outro presidente, não, ele não queria saber disso. Tinha lá outras prioridades. Praticamente nunca cheguei a reunir com ele, ele não ligava muito à educação e também acho que me identificava com outra cor política que não era a dele, era o Sr. Amílcar, era do PSD. Uma pessoa um pouco difícil, já faleceu, já faleceu. Quando eu passei a ser coordenadora já era este senhor o presidente da Junta, foi na altura em que a D. Otilia Carneira se candidatou, por ser uma mulher, os votos no PS desceram vertiginosamente, depois houve para ali um problema entre a Otilia e a Salomé que se reflectiu na Lançadeira, já que antes eram amigas e tinham sido duas mulheres que tinham trabalhado muito para a Lançadeira e depois desentenderam-se (...) **[Voltando um pouco atrás, como era o apoio à formação?]** Fazia as reuniões mensais com todos os monitores de alfabetização, aqui em Tavira. Fazíamos a planificação, distribuíamos os materiais, dávamos orientações pedagógicas, porque a maior parte deles não tinha qualquer formação, e eles punham dúvidas e havia esclarecimentos. Muitas vezes discutíamos situações que tinham acontecido nos cursos e todos davam a sua opinião e se essa situação já tivesse

acontecido com alguma delas, dizia como tinha feito. Aquelas reuniões em Tavira eram muito importantes para as monitoras e elas gostavam. Eram jovens bastante empenhados e que levavam a sua função muito a sério. Acho que se desempenhavam muito bem, com a energia delas, o envolvimento com as pessoas e com o nosso apoio, penso que fizeram um bom trabalho. Nunca me lembro de nenhuma monitora que tivesse tido qualquer problema com as pessoas no curso ou mesmo na população, não me lembro de problemas com a população **[As reuniões eram sempre em Tavira?]** Sim, era aqui que tínhamos a coordenação concelhia, a fotocopiadora, os materiais. Perguntas isso, por causa das monitoras de Cachopo? Elas é que vinham cá, era só uma vez por mês. Quando não podiam cá vir, éramos nós que nos deslocávamos a Cachopo. Todas as semanas ia, pelo menos, uma vez, visitar os cursos. Sempre que era preciso, se havia alguma questão ou se havia necessidade de falarmos sobre as aulas ou sobre os materiais, aproveitava a ida a Cachopo e reunia com elas. Ia mais cedo, encontrávamo-nos em Cachopo e reuníamos e depois ia visitar os cursos. Mas, regra geral, elas vinham cá, como eram só três pagávamos os transportes, o bilhete do autocarro e elas vinham, fazíamos a reunião sempre em horas que desse para elas virem e depois voltarem no próprio dia. Naquela altura aquelas raparigas não trabalhavam e não lhes fazia diferença cá vir, eu acho que elas até gostavam (.....) **[Achas que elas faziam melhor trabalho alfabetização do que se fosse uma professora primária?]** (...) Não, acho que não, o professor do 1º ciclo tem outra formação, está bem que tem formação para ensinar crianças, mas acho que está bem preparado para ensinar, só tem que se adaptar. Está bem que estas monitoras conheciam toda a gente do monte e estavam bem identificadas com as pessoas, mas acho que não, pelo menos, as professoras primárias que conheci na alfabetização, todas elas trabalhavam muito bem. As monitoras tinham muito boa vontade, mas faltava preparação, a preparação era aquela que nós podíamos dar, mas podia não ser suficiente, é verdade que tinham vida a facilitada porque lhes dávamos os materiais, e as pessoas também não eram muito exigentes, o grau de exigência não era muito grande, por isso elas conseguiam fazer bem o seu trabalho. Mas melhor que um professor do 1º ciclo, não, acho que não. O professor do 1º ciclo é uma pessoa com qualificação para fazer alfabetização e, pelo menos, os professores que eu conhecia e que estavam na educação de adultos trabalhavam bem, tinham mais sensibilidade, mais bagagem, mas, também, não sei, se teria dado melhores ou piores resultados. Mas, à partida, penso que sim, para mim, o ideal seria serem todos

professores do 1º ciclo a fazer alfabetização e não ter de se recorrer a monitores, por alguma razão, eram professores do 1º ciclo que eram escolhidos para as coordenações concelhias e para a Sede, para a Coordenação Distrital, sabes que também (...) [**Qual o significado desta experiência para a tua vida profissional?**]

Eu quando vim para a educação de adultos já tinha trabalhado como professora primária e esta experiência marcou-me muito, porque acho que agora sou muito melhor professora do que seria se não tivesse passado pela educação de adultos. Também pela muita formação que tive que acho que foi muito importante, acho que influenciou na minha maneira de ser como professora apesar de ter perdido um pouco o fio à meada do 1º ciclo e depois quando deixei a educação de adultos custou-me um pouco adaptar-me outra vez às crianças, porque é muito diferente. Depois, também, era tempo de voltar, senti que tinha chegado ao fim o meu ciclo na educação de adultos, também porque já não me entusiasmava muito, os cursos de alfabetização estavam a diminuir, já havia pouco trabalho, as coisas também mudaram muito, começaram a sair muitos colegas, inclusive da Coordenação Distrital, deixou de haver aquelas formações (...), em Cachopo o que havia para fazer já estava feito. E eu gosto muito do 1º ciclo, é a minha preferência. Eu podia trabalhar noutra nível de ensino, mas é no 1º ciclo que eu gosto de estar. Estou no 1º ciclo por opção. Pensei sempre que ia para a educação de adultos como um desafio como uma experiência e, depois, quando achasse que aquilo já não me dizia grande coisa voltava e foi, precisamente, o que aconteceu. Quando as pessoas deixaram de aderir aos cursos de alfabetização perdi o interesse, porque os curso de alfabetização é que eram os mais motivadores, era o que eu mais gostava na educação de adultos. Na alfabetização havia dois tipos de pessoas, as que queriam ser alfabetizadas e fazer o 4º ano, ainda houve umas quantas pessoas que o fizeram, mas isso foi mais aqui nestas freguesias perto de Tavira, Stª Luzia, Conceição, Stº Estevão, Cabanas, e depois havia aquelas pessoas que iam para o curso porque se sentiam mais sozinhas. No caso da freguesia de Cachopo foi mais isso que aconteceu, as pessoas iam ao curso não porque o objetivo fosse a alfabetização, mas porque era uma maneira de ocupar o tempo e de poderem ter maior convívio, apesar de que acabavam sempre por aprender alguma coisa. Algumas contentavam-se em aprender o nome, desde que aprendessem o nome já ficavam satisfeitas e depois se tivessem ali aquelas horinhas de convívio aquilo já era uma mais valia. Aqui nos cursos do litoral como Cabanas, Stª Luzia, as pessoas iam para os cursos para se alfabetizar, principalmente aquelas pessoas que já tinham

andado na escola, e queriam fazer a 4ª classe. Aqui havia mais gente nestas condições. Em Cabanas era uma realidade muito parecida com Stª Luzia, depois, houve um curso de 2º ciclo, mas, depois, já não houve de Barman. Houve trapologia para mulheres, houve ainda outros cursos socioeducativos, já não me lembro quais mas ainda houve. A população de Cabanas aderiu bastante. Eu tenho uma vaga ideia que estes cursos que apareceram no litoral era porque estava a ser implementado o PIDR da Ria Formosa Tenho uma ideia que este Projeto não foi por diante, mas houve um grande investimento nestas comunidades piscatórias, isto foi a seguir ao PIDR do Nordeste Algarvio. Houve alfabetização, houve cursos socioeducativos, apostou-se bastante no 2º ciclo. Nas escolas sede já havia cursos de 2º ciclo, mas nas freguesias mais distantes como Stª Catarina, Cachopo, Stº Estevão as pessoas não vinham de noite para o curso de 2º ciclo, por isso se investiu aí. Mas, mesmo de Stª Luzia, Cabanas, Conceição havia pessoas que não se dispunham a deslocar-se para Tavira, por isso fizeram-se aí os cursos (...) Sabes, não sei se foi por estar a haver mais cursos de 2º ciclo, se haveria pessoas que queriam continuar a estudar, não sei, o certo é que começou a haver também mais alunos autopropostos para fazer exame da 4ª classe aqui em Tavira. Sabes que era em Tavira que se faziam os exames, aí tenho uma história engraçada, “ Um senhor que uma vez veio fazer exame, ele até não tinha frequentado o curso de alfabetização, era autoproposto, acho que esse senhor vinha de Cachopo, ele tinha andado na escola, no seu tempo, até à 3ª classe, e, depois, lá fez o exame e ficou aprovado e, depois, veio dar-me 500 escudos de gorjeta” (risos), achou que tinha sido uma coisa importante e não sei porque é que me queria dar o dinheiro, eu não ajudei em nada, aliás, foi a primeira vez que o vi, ainda fiz muitos exame do 4º ano aqui em Tavira mas nunca me aconteceu uma coisa destas, nem sequer aos alunos que eu alfabetizava e levava a exame, alguma vez, alguém me quis dar dinheiro de presente. Sabes que ainda se fazem exames desses, do 4º ano a adultos, aqui em Tavira. E sou sempre eu que faço de júri desses exames, apanharam-me aqui e souberam que eu fazia isso quando estava na coordenação concelhia, agora passei a ser eu a júri desses exames do 4ºano. Olha, sabes que eu gosto de fazer e todos os anos fico surpreendida porque há sempre pessoas a fazer, pensava que já estavam todas alfabetizadas, claro que sei que há analfabetismo mas pensava que eram mais aquelas pessoas idosas que já não frequentam os cursos, não pensava que aparecessem sempre pessoas, que se Auto propõem, para fazer exame do 4º ano. Mas são pessoas daqui, da serra não, acho que a maioria eram pessoas que

andaram à escola e que tiveram insucesso escolar, olha ainda o ano passado apareceu uma senhora daqui para fazer exame, acho que foi uma senhora que andou à escola e depois desistiu por qualquer razão. Outras vezes são angolanos, cabo-verdianos, pessoas que vêm dos Palops e que se auto propõem. Mas, de qualquer maneira, têm funcionado cursos de alfabetização aqui em Tavira, o ano passado houve cursos na Luz de Tavira, em St^a Catarina e em St^o Estevão, portanto, aqui há poucos mas ainda vai havendo, no nordeste é que não porque os montes estão praticamente despovoados, já não há alfabetização **[Qual o feedback que tinhas quando ias a Cachopo sobre o papel da educação de adultos?]** Eu sou de Cachopo. Sempre fui a Cachopo. Depois de deixar a educação de adultos continuei a lá ir, praticamente de 15 em 15, para ver os meus pais. O “feed back” que tinha é das pessoas com quem falava e um pouco daquilo que conversava com os meus pais, do que eles ouviam dos outros, porque eles nunca frequentaram nenhum curso, eles têm, ambos, a 4^a classe, os meus pais andaram à escola, ainda são novos, têm perto de setenta anos. Mas, a opinião que as pessoas tinham das ações de educação de adultos, não só dos cursos de alfabetização, mas de tudo o que se fazia, era uma opinião muito positiva. As pessoas tinham respeito pela educação de adultos e apreciavam o trabalho que era feito. Mas depois, acabaram os cursos de alfabetização, deixaram de haver aquelas ações em que as pessoas participavam e aos poucos os montes forma ficando mais desertos e até o 1^o ciclo acabou, agora as poucas crianças que há em Cachopo vão para Martinlongo, o ano passado havia 5 ou 6 crianças, ainda houve uma tentativa de as manter cá, mas não. Apesar de haver um número reduzido de aluno não faz sentido que uma aldeia não tenha ali uma escola, um polo que contribua para a vida da aldeia, porque uma escola sempre dá vida à aldeia, sempre pode ajudar a dinamizar mais o povo. Mas, não, não foi possível, se estivessem lá as crianças, a professora, uma auxiliar, sempre havia alguma vida, mas não. Fechou mesmo. Por isso estás a ver, Cachopo tem mudado muito e a educação de adultos (...) é passado, mas ficou na lembrança das pessoas. **[Só ficou a memória?]** Não, não, acho que ficou muito mais que uma boa lembrança, eu acho que a educação de adultos deixou algumas marcas, pelo menos, enquanto durou, ajudou algumas pessoas, ajudou ao convívio, ajudou a que algumas tivessem aprendido a ler, ajudou a uma maior atividade na freguesia e também ajudou a que algumas mulheres tivessem arranjado emprego. E, apesar da Lançadeira ter tido um maior apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional e, também, da In Loco, acho que a educação de adultos

também ajudou, porque na fase inicial essas mulheres tinham passado por cursos nossos. Mas agora a Lançadeira está muito desmembrada, houve uma mulher que terá dado continuidade ao projeto da Lançadeira, a D. Otília Carneira e que continua com a tecelagem, tem uma oficina, vai às feiras, até tem lá uma espécie de museu sobre a tecelagem do linho que é muito visitado, é muito interessante o trabalho que aquela mulher tem feito em Cachopo. Agora a oficina da Lançadeira penso que fechou eu quando vou lá não vejo a oficina, fechou, fechou. A Otília é que continua com aquela atividade em casa e depois tem um espaço de venda e exposição e a tal espécie de museu. De resto não há mais nada e também não há porque cada vez há menos gente em Cachopo, também não se justificam atividades porque não há pessoas a quem aplicar nada, acho que não vale a pena, as poucas pessoas mais novas foram as poucas que arranjam emprego, as outras tiveram que sair de lá, as crianças são transportadas para Martinlongo, a partir do 1º ciclo vinham para Tavira agora vão para Martinlongo todo até ao 9º ano (...) e há pouquíssimos habitantes, tem decrescido imenso a população (...) [**Se eu te falar em PIDR como relacionas com o teu trabalho de coordenadora concelhia?**] Não tenho assim muito a dizer porque quando eu entrei o projeto já estava na fase final, também não foram desenvolvidas muitas atividades, para além da alfabetização lembro-me que ainda realizámos umas quantas sessões de cinema, mas coisa pouca, já não me lembro, tenho uma ideia muito vaga, por isso não deve ter acontecido muitas vezes. O que havia a fazer já tinha sido feito no tempo da Vinita, do tempo do PIDR ainda me lembro da Amélia Muge que reunia algumas vezes connosco, mas, no meu tempo, já não, já havia muito pouca coisa e nesta altura o nosso apoio à Lançadeira era muito pouco, algumas colaborações em exposições e pouco mais. Das instituições que trabalhavam com a educação de adultos só me lembro da In Loco, da Amélia Muge que era a única pessoa que eu conhecia, mas mais do tempo da Vinita, depois não sei que voltas é que aquilo deu, nunca mais tive contactos (...) [**A Amélia saiu**] Sim, depois ainda havia a Priscila, não era! só a conhecia de nome, nunca cheguei a conhecê-la, praticamente a ligação com a In Loco acabou quando a Amélia saiu e depois aquilo parece que também não houve grande coisa (...) [**Então, em termos institucionais só mantinhas contacto com a Câmara?**] Sim, a Câmara é que me dava maior apoio, havia o vereador Jorge Valente e um técnico da Câmara, o António Costa, que era e é ainda funcionário da Câmara que nos dava muito apoio, ele acompanhou sempre este processo da educação de adultos, em Cachopo deixei de

ter qualquer porque o S. Amílcar nem queria ouvir falar em educação de adultos (...) Ah! Havia o apoio da coordenação distrital. Estavam sempre disponíveis para nos apoiar, também havia aquelas reuniões de coordenadores concelhios lá na Distrital em Faro e isso era bom, porque havia sempre uma forma de ajudar a resolver os problemas e a pessoa sentia-se apoiada. A ligação à Coordenação Distrital era muito importante também por causa da formação, ainda participei em algumas ações de formação, gostava imenso de ir. Lembro-me de Vale da Telha, aquela formação que se fazia no início do ano, acho que estive lá duas ou três vezes, íamos à 6ª feira e voltávamos no domingo, lembro-me (...) lembro-me dos trabalhos de grupo, das apresentações, da animação da leitura, das palestras, sim, depois aquele convívio entre todos, tenho uma boa recordação desses tempos. Também fui a um seminário a Évora sobre educação de adultos, faziam-se bastantes ações de formação, mas agora perdeu-se tudo, já não se fazem deste tipo de formações (...) também cheguei a ir a seminários na Quinta das Laranjeiras, aqui perto de Vilamoura, acho que tu já não estavas. Eram formações muito proveitosas que depois tinham aplicações práticas nos cursos porque aprendia-se muita coisa, principalmente monitores e, mesmo, professores que tivessem ainda pouca experiência. Guardo boas recordações desses encontros de formação, eram uma forma de nos encontrarmos todos, havia colegas de outras coordenações concelhias que eu só via nesses encontros, havia um espírito de grupo muito bom, havia amizade entre todos, sabes que ainda encontro, de vez em quando colegas desse tempo e é agradável, há outros que eu nunca mais vi. Olha, a ti já não te via há imenso tempo e o pessoal da coordenação? Nunca mais vi ninguém (...) O que eu acho que era bom, era o tipo de relacionamento que havia entre todos, entre a concelhia e a distrital, o ambiente informal em que muitas coisas eram tratadas, não havia aquela hierarquia que se vê na escola, na escola é diferente. E agora com os agrupamentos há um outro tipo de relação, mas, já foi pior, agora é melhor, já quase todos os professores do 1º ciclo são licenciados. Já não se nota tanto a diferença e as pessoas trabalham em colaboração e cada vez mais tentam não formalizar tanto as coisas, apesar de eles ainda exigirem, de haver ainda muita burocracia, mas há muitas conversas entre nós para facilitar um pouco o nosso trabalho, há uma relação muito horizontal entre todos, agora sim, não é como antigamente (...) é muito parecido como que acontecia na educação de adultos, e eu, talvez note que tenho um espírito mais aberto, talvez derivado a essa experiência, não sei. Porque aqui no Agrupamento, no 1º ciclo, eu estou a fazer funções de

coordenadora e noto que algumas pessoas ainda ficam assim um bocado de pé atrás em relação aos quadros dos outros ciclos e eu não tenho qualquer problema com isso. Naqueles anos que estive na educação de adultos havia muita informalidade e todos nos tratávamos por igual, eu falava com as minhas colegas da mesma maneira que falava com as monitoras, ou como falava com os da Distrital, não havia diferenças no tratamento., havia aquela proximidade que era importante para o trabalho que fazíamos (...) há experiências que nos deixam marcas, que nos fazem ser mais abertos, porque na relação que temos com as pessoas mais idosas, a relação com os colegas, com outras instituições, termos que negociar, são experiências que nos marcam e, eu digo, também gostei muito da minha experiência com os “cursos em si”, com a alfabetização, as festas, no natal, no final do ano, a amizade das pessoas, olha, as visitas de estudo também eram muito engraçadas, porque, também, levavam o farnel e toda a gente partilhava. Eles gostavam muito dos passeios e também era uma forma para os atrair para os cursos. Havia vezes, em que organizava passeios de todos os cursos, daqui e de Cachopo e era uma festa onde chegávamos, aquela gente toda espalhada pelos jardins a comer, levavam o seu farnel e faziam-se aqueles lanches partilhados. Era muito giro. Íamos muito a Évora que era uma zona que eles conheciam menos, ficavam muito impressionados com a capela dos ossos. Nem sei, quantas vezes, é que eu fui à capela dos ossos (risos). Também fomos várias vezes aquele palácio (...) Vila Viçosa, eles, também, gostavam muito, ficavam muito impressionados. Todos os anos fazíamos assim uma visita destas, era o momento mais esperado por muitos dos nossos alunos. Outra coisa que eles, também, gostavam muito era o Encontro de Poetas Populares que a Distrital organizava, depois acabou. Foi uma pena porque era muito giro, as pessoas dos cursos gostavam muito de ir, de ouvir os poetas, de fazer aquele convívio todo (.....) [**Não te ocorre mais nada, uma estória mais que queiras contar?**] Não, de momento não me lembro de mais nada, acho que já disse tudo, também não estive assim tantos anos na educação de adultos (...) [**Ok, obrigado Maria João**]

Entrevista 7- Rosa Cabrita (10,30 h ANG)

Ano de nascimento - 1952

Terminou o curso do Magistério em 1971/72

Ingressou na Rede Pública de Educação de Adultos em 1987

[Rosa, Fala sobre a tua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, até deixar a educação de adultos. Podes levar o tempo que quiser e fala de tudo o que achares importante]

Comecei a trabalhar na educação de adultos em 1987, lembras-te daqueles cursos de educação de adultos para jovens, cursos de 2º ciclo, a minha primeira experiência foi aí. Gostei muito dessa experiência, gostei muito mesmo. Foi em Castro Marim, eu vinha da telescola, como tinha dado 12 anos de aulas na telescola de Azinhal, já tinha experiência de 2º ciclo (...) Foi assim, quando acabei o curso do Magistério fui para o 1º ciclo, ainda dei uns anos e depois fui para a Telescola. Ainda cheguei a trabalhar 1º ciclo de manhã e telescola de tarde. Depois, surgiu a oportunidade e fiz a opção, passei a trabalhar na Telescola. Trabalhei doze anos e gostei muito dessa experiência. Depois, vim para o 1º ciclo, para Castro Marim. Havia aqueles cursos para jovens, acho que eram cursos financiados pelo Fundo Social Europeu, “hhh”, havia falta de professores e a Marília convidou-me. Eu vou dar a parte de Ciências, havia a parte de Letras e a parte de Ciências e eu vou dar a parte de Ciências desses cursos para jovens adultos, dava Matemática, Ciências. Gostei muito da experiência. Era à noite, sabes, trabalhar à noite é muito difícil porque as pessoas já vêm com um dia de trabalho, mas, pronto, criei uma grande relação de amizade com aqueles moços, eram jovens entre os 16 e os 20 anos que andavam a fazer o 2º ciclo. Estive dois anos nessa experiência, depois esse curso acabou e eu, depois, comecei a dar aulas de alfabetização. Dava aulas, não, não, estou a mentir, joca, entro para a equipa concelhia de Castro Marim, a Marília convidou-me, a equipa era a Marília, eu e a Rosa Forra. Eu entrei junto com a Rosa Forra Comecei a dar alfabetização, dava aulas de tarde, e comecei com uma experiência no Lar de Castro Marim, pessoas muito idosas. O que é que elas queriam, não era, propriamente, aprender a ler e a escrever, eu funcionava quase como uma psicóloga da educação de adultos. Eles queriam, era, convívio, era conversar, eles vinham, sentavam-se, contavam histórias. Fiz uma recolha de histórias das vivências deles. Foi uma recolha sobre as vivências

deles quando eram novos, dos sacrifícios que fizeram, onde trabalharam, Castro Marim era uma zona muito pobre e a vida era difícil, aquelas pessoas tinham passado muitas dificuldades quando eram novas. Eles adoravam falar da vida deles, contar histórias, alguns falavam da experiência na escola. Foi uma recolha muito interessante, que tinha, no fundo, um pouquinho da vida daquelas pessoas. Não sei onde é que isso para, ficou na coordenação concelhia, depois a coordenação acabou e não sei para onde é que, aquele material que produzimos, foi parar (...) Isto foi num curso que era de tarde, depois, ainda dentro da educação de adultos, começou a aparecer um tipo de cursos socioeducativos, de costura, de bordados, não me lembro como se chamavam esses cursos, as pessoas tinham que ter uma parte de formação. E eu comecei a dar essa formação aos adultos que andavam nesses cursos socioeducativos. Também gostei dessa experiência, já não me recordo o que é que eu dava, ”hhh”, mas, era também alfabetização, porque havia pessoas que precisavam fazer o 4º ano, antiga 4ª classe e ainda foram diplomadas umas quantas. Mas essas pessoas, já “arranhavam” qualquer coisa na leitura e escrita, não havia muitas analfabetas, por isso, era mais fácil ensinara ler e escrever. Essas faziam a 4ª classe sem grande dificuldade, também, eram, sobretudo, mulheres ainda jovens. Isso foi para aí nos anos de 1988, 89, depois, começaram a aparecer aqueles cursos do FSE. Na coordenação concelhia dava apoio à Marília e comecei também a dar formação a esses jovens, lembro-me de ter dado a CEE (...) sabes que a nossa memória já vai falhando, mas, era dentro dessa área. Depois, abandonei a educação de adultos, talvez aí em 1991, estive 4 anos com a Marília. Sabes, eu adorava dar aulas a crianças, estava desejosa de voltar ao ensino primário, porque eu estava efetiva em Castro Marim e o sair à noite também me estava a cansar muito, então decido voltar para o 1º ciclo, para a minha escola em Castro Marim. Mas ficou o bichinho da educação de adultos, voltei para a escola mas continuei a dar um curso de alfabetização em Castro Marim, mas, aí como bolseira. De manhã era professora primária, de noite dava alfabetização. Castro Marim é uma localidade muito especial, com uma mistura muito grande em termos de pessoas, das suas origens, não sei explicar. Não é fácil dar aulas em Castro Marim, tanto a nível de 1º ciclo como com os adultos. Eu fui bem aceite, mas reconheço que aquela gente é especialmente difícil, se comparamos, por exemplo, com as gentes de Vila Real de Stº António. Eu senti que gostaram de mim e eu trabalhei lá muitos anos, criei muita afetividade com as pessoas, mas é uma terra (...) Sabes que, C. Marim é conhecida como a terra do

degreo e eu notava, nessa altura, que havia uma grande miscelânea de culturas, de saberes, ”hhh”, uma grande confusão, mas, eu consegui integrar-me. Em C. Marim eu consegui fazer uma recolha de lendas com a Rosa Forra, a minha colega de coordenação concelhia, fizemos um livro, esse livro tem a Rosa, fizemos uma compilação com as lendas, com as vivências das pessoas, histórias de vida, está muita coisa lá, tudo escrito à máquina e encadernámos. Já sabes, que naquele tempo era tudo muito rudimentar. Depois, eu mudei de casa e ela disse-me “ Dá-me isso para mim”. E, eu dei-lhe esse trabalho, que tínhamos feito, ficou interessantíssimo (...) Depois, saí de C. Marim e fui dar aulas de alfabetização para a Altura e Altura foi dos sítios que mais gostei de dar aulas. Morava em Vila Real e deslocava-me todas as noites. Não era nada fácil. Tinha turmas de 20 e tal “alunos”, desde alemães, ingleses, belgas, que queriam aprender o português. Foi uma experiência muito enriquecedora mas muito cansativa, foram das aulas que mais me custaram a preparar porque ensinar português a estrangeiros foi muito difícil para mim, mas muito mesmo. As pessoas, os estrangeiros, muitos eram pessoas já “formadas” e queriam saber a parte de gramática, e, eu tinha que fazer bem a preparação em casa. Foi complicado. Enquanto, que a alfabetização, com os outros, tu sabes como é, as pessoas queriam mesmo aprender a ler e escrever para fazer o 4º ano, aí as pessoas tinham muita vontade, mas, também era muito difícil, as pessoas vinham de um dia de trabalho e vinham cansadas, sabes que depois de um dia de trabalho a “cabeça” já não está a funcionar em pleno. Eu explicava uma vez e outra e outra com todos os métodos, eu trabalhava na Primária com o método das 28 palavras e à noite ia mais para o Paulo Freire, não é? e tentava partir da palavra e batalhar ali com elas mas, num dia aprendiam, no outro já se tinham esquecido, sabes como é. Mas foi uma experiência muito válida, gostei muito, criei um núcleo de amizade muito grande com aquelas pessoas. Fazíamos lanches, convívios mesmo agradáveis, eram pessoas que ainda hoje eu considero amigas e quando me vêm fazem uma festa. Criei lá bons laços de amizade, foram três anos muito bons, aí sempre com as mesmas pessoas. A maioria destas pessoas fez o 4ºano. Sabes, joca, quando as pessoas vão para o curso e já sabem qualquer coisa, já leem alguma coisa é fácil, agora aquelas que não sabiam nada, que nunca tinham andado à escola, com essas era muito difícil conseguir que fizessem o 4ºano. Era muito difícil, muito difícil. (...) Mas, era engraçado, o grupo era sempre grande, porque mesmo aquelas que acabavam o 4º ano continuavam a ir. Apesar de fazerem o 4º ano, continuavam a ir ao curso. As pessoas gostavam de lá

estar porque não era só o aprender a ler e escrever, aquilo era um grupo muito interessante, discutíamos vários temas, eu levava várias coisas para discutir, as pessoas gostavam daqueles debates e fazíamos os tais convívios. As pessoas gostavam de estar ali, gostavam daquele bocadinho do dia. Mesmo as pessoas que não sabiam ler nem escrever gostavam dos debates, porque todas tinham as suas opiniões e gostavam de as dar. Foi um trabalho muito agradável, era aborrecido sair de casa todas as noites mas depois, gostava muito de lá estar. Era um trabalho muito gratificante. Mas desculpa lá, sabes que a educação de adultos nunca pagou bem, aquilo era uma autêntica exploração, fazer aquele trabalho por uma mísera bolsa de dez contos

[Então sujeitavas-te a isso, porquê?]

Olha, joca, primeiro, porque gostava muito de “fazer” alfabetização e depois, porque a minha filha estava a fazer um curso superior numa universidade particular e eu precisava desse dinheiro, sempre, era uma ajuda. Depois, eu vim trabalhar para Vila Real de Stº António, nessa altura, para o 1º ciclo. Efetive-me aqui em Vila Real e havia aqui cursos de adultos, mesmo ao pé da minha casa. Na mesma sala onde eu trabalhava de dia com o 1º ciclo, ia dar o curso à noite aos adultos. Criei outro grupo de amizade. Foram mais três anos com aquele grupo, que foi um dos que eu mais gostei de trabalhar, porque criei laços afetivos que ainda hoje se mantêm, ainda me continuo a dar com algumas daquelas pessoas que “andaram” no curso de alfabetização. E é muito interessante, isso, sabes! Porque a gente afeiçoa-se às pessoas e naqueles cursos não vamos lá só para despejar matéria,”hhh”. Aqui, ainda, levei pessoas a fazer a 4ª classe, mas, tinha, também, um grupo pequeno que andava a aprender a ler e a escrever que levava ali a tentar aprender, num dia aprendiam e no outro parecia que desaprendiam. Este grupo, também, esteve comigo durante três anos. Os que não chegaram a fazer a 4ª classe e os outros que fizeram. O grupo nunca se desfez. E, sabes, porque é que acabou, porque é que deixei o curso? Porque fui tirar os Complementos de Formação, aí deixei de trabalhar em educação de adultos, aliás, tu foste meu professor aqui em Vila Real nos complementos de Formação de uma disciplina que se chamava Educação Intercultural, deves lembra-te, não? Isto já foi aí há uns dez anos, não? ora eu estou aposentada vai para quatro anos, ainda trabalhei aí uns seis anos, tinha aí na volta dos 47, 48 anos, agora tenho já 58 anos, estou quase a fazer os 59 (...)

[Sim, lembro-me]

Depois, deixei o curso de alfabetização com muita pena minha. Encontrava as pessoas e elas diziam-me “ Então, Professora Rosa que pena não termos continuado e agora já não volta mais? não queremos crer que já não volta a ser a nossa professora” Acabou aí a minha experiência em educação de adultos, acabou não, porque mantenho ainda as amizades daquele tempo. Depois, elas tiveram uma professora de quem não gostaram e a seguir, a educação de adultos começou-se a gerir por outros moldes. Os professores eram colocados de propósito na alfabetização, elas não escolhiam, era a direção regional que as colocava. Também, acabaram os bolseiros. Mesmo que eu quisesse voltar depois de fazer os Complementos já não podia. E, mesmo, que eu tivesse que optar, já não voltava á educação de adultos, porque eu adoro crianças e era no 1º ciclo que eu queria acabar (...)

[Foram as saudades pelo 1º ciclo que te fizeram abandonar a coordenação concelhia?]

Foi, isso foi, mas também estava desgastada com o trabalho na coordenação concelhia, não o trabalho com os adultos na alfabetização, não, era, mais, o desgaste da coordenação concelhia, estava cansada da Marília (...) estás a gravar isto?

[Estou, mas acho que deves continuar, porque eu preciso perceber o que aconteceu]

Já não tinha paciência, foram quatro anos muito desgastantes. É muito difícil trabalhar com a Marília, eu até tenho receio de falar, tenho guardado isto sempre para mim. A Marília é uma pessoa, e, eu tenho vergonha dizer isto, joca, é uma pessoa que absorve o trabalho das outras pessoas que estão com ela em equipa, faz como se o trabalho fosse só dela, quer o protagonismo das coisas e era como se o trabalho fosse só dela. E, isto cansava-me a mim e à Rosa Forra, a outra colega que trabalhou comigo na coordenação concelhia. Vocês, lá em Faro, não se apercebiam de nada disto. E, isso era muito desgastante, olha, a Rosa era uma pessoa muito válida, mesmo muito válida e, depois, os “louros”, entre aspas, não é que a gente quisesse “louros”, mas, eu, quando trabalho em equipa, a equipa é uma equipa una. E, quando a gente via, quando o trabalho era apresentado, não era o nosso trabalho, era o “eu”, o “eu” Marília. E, depois, a maneira de ela trabalhar, cansativo, desgastante, trabalhar com a Marília era um trabalho muito desgastante, joca (...) **[Hum...]** Era assim, a Marília era a coordenadora concelhia, não tinha cursos de alfabetização, eu e a Rosa tínhamos. Nós na Coordenação, eu e a Rosa, é que preparávamos todo o material para entregar aos bolseiros, fazíamos as fichas todas, todas, era um trabalho

de gabinete diário, consultávamos livros, fazíamos as montagens, depois, tirávamos as fotocópias. A fotocopadora estava na Câmara e nós levávamos ali penduradas manhas inteiras a tirar fotocópias para entregar às bolseiras, que ainda eram muitos cursos. Esse trabalho era todo meu e da Rosa. Depois, nas reuniões, entregávamos esse material às bolseiras, tudo organizado por semanas e apresentávamos a planificação mensal. Nessas reuniões refletíamos sobre os cursos, sobre as dificuldades que tinham encontrado, etc..., e aí, a Marília era a chefe, ela é que fazia reunião, conosco presentes, mas ela é que orientava a reunião. Só falávamos quando ela pedia, para dar as orientações, para tirar dúvidas, fazer esclarecimentos, aí, pedíamos a nós. A Marília não tinha experiência de alfabetização e nós tínhamos. Sabes, esta orientação era muito importante porque as bolseiras não tinham formação, eram jovens com o 12º ano e nós explicávamos como deviam trabalhar, como deviam utilizar o material que lhes dávamos. Estas reuniões eram mensais e era sempre em Castro Marim, na coordenação concelhia. Quando íamos visitar os cursos, eu ia sempre com a Marília, porque, a Rosa como tinha o curso de alfabetização à noite não podia ir, eu é que ia sempre (...)

[Lembras-te das bolseiras?]

Do nome delas já não me lembro, mas, tínhamos um curso em Odeleite, um curso nas Furnazinhas, Junqueira, Azinhal, Rio Seco, Cortelha, Castro Marim, dava a Rosa, de noite e eu dava de dia. Como já te disse, em Castro Marim, eu dava aos cursos do FSE e a Rosa dava a alfabetização. Eu, à noite, nunca dei alfabetização em Castro Marim, dei de dia, alfabetização no Lar como já te disse, durante um ano, e, depois, dei essa formação, formação geral, aos jovens adultos dos cursos do FSE (...) Por isso, é que era eu que ia visitar os cursos com a Marília, ela não queria ir sozinha para a serra à noite. Mas, estas visitas eram muito importantes porque era um apoio que se dava aquelas bolseiras. Nós reuníamos mensalmente, o que acho que era pouco, porque elas, às vezes precisavam de mais orientação. Não eram todas, havia algumas com experiência. Lembro-me de uma moça que nós tínhamos, que estava no curso do Rio Seco, com bastante experiência, já com anos disto e essa já fazia um trabalho um pouco melhor que as outras, não sei que é feito dessa moça (...) Há tempos estive com uma moça que foi bolseira em Odeleite que tirou o curso de educadora de infância, ”hhh” a bolseira de Furnazinhas saiu de lá, nunca mais soube nada dela, do Rio Seco era uma moça casada, tinha alguns quatro filhos, acabou por ficar por lá, é dona de casa (...) não me recordo já, são já muitos anos, joca. A

Marília não te soube dizer isto? Olha que ela conhece toda a gente [Não] Então ainda está pior do que eu, não te falou dos sítios onde tínhamos os cursos? (...)

[Que significado teve para ti a educação de adultos?]

Foi uma experiência muito boa, gostei muito, aprendi a ser uma pessoa diferente daquilo que seria se tivesse continuado só no 1º ciclo. Olha, joca, foi uma grande experiência, mas, também, foi um grande desafio porque eu não sabia nada de educação de adultos quando comecei. Não tinha nenhuma formação. O que aprendi foi nos cursos e na Formação que vocês faziam. Lembro-me de ter ido a Faro, lembro-me daqueles cursos sobre o método de Paulo Freire, sobre animação da leitura que eu adorei. Eu fazia isso muito e depois, também, quando fui para o 1º ciclo. Gostava muito dessa técnica. Até as minhas colegas adoravam, tantas vezes fui à sala delas fazer animação da leitura com os alunos e outras salas. Ainda há pouco tempo, a Rosa disse-me assim” Prepara uma sessão de animação de leitura para vires dar à minha sala, para os moços não me verem sempre a mim” (risos). E eu disse-lhe “ Sim, vou pensar no assunto”. Eu gostava muito de fazer isto, fazia muito com os adultos. Eram sessões que eles adoravam, mesmo aqueles que não sabiam escrever, mas liam com ajuda, em voz alta. Aquilo era uma coisa giríssima. Fazia com todas as pessoas e mesmo que não lessem, elas ouviam. Fazia aqueles textos simples e ajudava-as a ler, as pessoas participavam no debate, davam as suas opiniões e as pessoas cresciam. Podiam não aprender a ler e a escrever mas cresciam mentalmente a discutir os assuntos. E discutíamos tudo nas aulas, não penses que eu me limitava só a treinar a leitura e escrita, às vezes, havia uma que dizia “ Professora hoje temos estado muito na conversa”, muitas queriam aprender a ler e escrever. Aquilo era um ambiente bom. Sabes, joca, na educação de adultos, as pessoas estavam à vontade “ A senhora está já há muito tempo aí ao pé dessa senhora” “ Professora tem que vir aqui para o pé de mim” “ Então, ela leu ontem e hoje tem que ler outra vez”. Era assim, eram piores que os gaiatos. Estavam sempre requisitando a minha presença. Era cansativo, joca, era um trabalho muito desgastante. Eu lembro-me, no ano que eu vim aqui par Vila Real de Stº António, olha, agora estou dispersando, eu tinha o 1º ciclo de dia, e apanhei um primeiro ano, que eu quando chegava a uma escola queria era o 1º ano, que eu adoro o 1º ano, é dos anos que mais me “enchem” é o primeiro ano. Eu trabalhava com o método das 28 palavras e então, eu via os gaiatos começarem logo a ler em Dezembro, começam a fazer a decomposição das sílabas e são capazes de ler. E, eu tinha avós e netos, tinha netos de dia e avós à noite, que era

giríssimo, lembro-me da D. Maria Alberto que me dizia assim “ Então o meu Fábio já sabe ler e eu ainda não leio porquê D. Rosa” (risos). E, eu tinha de explicar “ Vocês sabem, têm todo o desgaste de uma vida em cima, a senhora é uma pessoa nervosa, o seu neto está aberto para tudo agora, por isso aprende a ler tão facilmente”. E o gaiato ensinava à avó em casa. E, é claro, a senhora ainda conseguia “arranhar” mas nunca uma leitura fluente. Eu acho que nunca tive ninguém que aprendesse a ler com aquela “soltura” na leitura. Aprendiam a ler alguma coisa, liam, mas, sempre, uma leitura “arrastada”. Eu, se calhar, a experiência que tive não foi das mais positivas, não sei. Acho muito difícil ensinar a um adulto a ler bem, quem é analfabeto puro nunca consegue aprender a ler bem, até porque eles teriam de treinar em casa para melhorar e eles, isso, não faziam, eles só liam quando lhes dava textos. Agora, o caso era diferente com aqueles que já tinha andado na escola, nem que fosse só um ano. Aí, esses aprendiam muito melhor e ficavam a ler razoavelmente, porque tinham alguma noção, mas, quem aprendia de novo, não, muito difícil, arranhavam uma leiturazinha de palavras, pequenas frases, pequenos textos simples. Dar-lhes um texto complexo para a mão, não, eles não conseguiam, e, depois, aqueles, que já sabiam ler e escrever, dava-lhes, também, textos simples com temas que eles conhecessem. Trabalhava sempre a partir de um tema. Liam em voz alta e, depois, discutíamos todos. Tinham de ser textos simples, porque os outros que não sabiam ler, ouviam e podiam discutir, também. A discussão era para todos, tentava integrar todos para que ninguém se sentisse marginalizado. Depois, a partir daí eles partiam para as fichas, os que sabiam menos faziam fichas simples com palavras e associações de palavras e imagens, enquanto os outros já faziam interpretação de texto, composição. Isto na área da leitura porque na área da matemática, o que é que eu notava nas pessoas, as pessoas tinham um cálculo desenvolvido, têm uma experiência de vida, podem não saber fazer uma divisão com o lápis, mas, fazem-na mentalmente. Por isso, na parte da matemática, às vezes “descurava” um bocadinho, queria é que elas aprendessem a ler e a escrever, embora tivesse que fazer matemática mas, sabes como é, elas eram analfabetas mas conheciam o dinheiro, trocavam dinheiro, faziam contas de “cabeça” com muita facilidade, faziam somas, subtrações, sem problemas nenhuns, (...)

[Esse trabalho era feito no âmbito do PIDR]

PIDR, eu tenho uma vaga ideia do PIDR. Lembro-me que tínhamos reuniões, integrado nisso com uma professora da ESSE que agora canta (...)

[A Amélia Muge]

Isso, a Amélia Muge, lembro-me dela, sim, do Projeto Radial, e lembro-me de uma outra pessoa que também vinha, tivemos várias reuniões, o Alberto de Melo, também tivemos reuniões com ele, por causa dos cursos socioeducativos, mas não eram todos, eram só alguns. Lembro-me do projeto do Azinhal, do grupo de mulheres que depois criaram a Prova. Fizemos algumas reuniões lá no Azinhal, mas era a Amélia Muge, se não me engano, que coordenava esse projeto. Dessas mocinhas, acho que eram aí umas sete ou oito, que depois se juntaram para constituir essa empresa de bolos, três foram minhas alunas na Telescola do Azinhal, a Anabela, a Madalena e a Maria José que já não existe nessa Fábrica, as outras duas ainda se mantêm lá na Prova. Acho que houve umas quantas que ficaram pelo caminho. A Marília foi mais um elo de ligação. Ela já conhecia as pessoas da Associação que existia no Azinhal e fez a ligação entre elas e a Amélia Muge. Essa, era a vantagem da educação de adultos, nós conhecíamos as pessoas e as associações, ou porque tínhamos lá cursos, ou porque éramos do concelho e já tínhamos trabalhado nalguns destes sítios. No Azinhal havia uma senhora lá da Associação, ela é que foi a dinamizadora daquele projeto, ela era doceira, fazia os casamentos todos ali da zona e foi ela que orientou a criação da empresa. Foi da Associação que partiu essa ideia de criar uma empresa de bolos. Acho que esse curso era financiado pelo Fundo Social Europeu, daqueles projetos que apoiavam a criação de empresas de mulheres e acho que foi aí que entrou a Amélia Muge, no apoio a esses aspetos mais de organização e financiamentos. Já passou tanto tempo que já não me lembro bem (...) Lembro-me que tínhamos curso de costura em Castro Marim, nos montes tínhamos a costura e bordados. Bordados era a D. Luciana, que eu já fui aluna dela, ela bordava muito bem. A D. Luciana continua a dar bordados aqui nos cursos da Universidade dos Tempos Livres. Naquele tempo a D. Luciana dava bordados na Junqueira e acho que também no Azinhal e Castro Marim. Ela tinha vários cursos (...) De corte e costura, tivemos duas monitoras que iam de Vila Real, uma era a D. Albertina e ainda ativemos outra que já não me lembro o nome. Tivemos também curso de renda de bilros que era uma senhora do Azinhal que dava, “hhh”, ah! Já me lembro quem era a outra monitora de corte e costura, era uma senhora das Hortas que era vizinha da Rosa Forra, estou a ver a cara da senhora e não me lembro do nome, que a senhora é muito religiosa, ainda ontem a vi e estive a falar com ela. A Rosa sabe o nome dessa senhora que era uma senhora jeitosíssima na costura, muito delicada, com umas

maneiras muito corretas. Olha, eu fui aluna do curso dela, aprendi a costurar com ela num curso em Castro Marim, eu saía do curso de educação de adultos e ia para lá. É verdade aprendi a costurar com essa senhora. Eu e a Rosa Forra, andávamos as duas no curso de corte e costura. Aprendemos a fazer saias, ainda, hoje, eu sei fazer saias. Éramos educadoras e éramos, também, alunas, que a senhora achava giríssimo, nos andarmos lá. E, mesmo, algumas pessoas que lá andavam, porque, eram nossas alunas dos cursos de alfabetização e ali éramos todos colegas, era uma situação que as pessoas achavam muita graça (...) Mas, neste entretanto, surgiram outro tipo de cursos que eram os cursos do Prodep que, isso é outra história (risos), isto são histórias feias, não conto (...) **[Hum...]** Sempre vou contar, era assim, a Marília recebia por esses cursos, recebia por ser a coordenadora, recebia pelas deslocações que fazia no concelho por causa desses cursos, e fez-me acompanhante dela, para não ir sozinha, que nós tínhamos cursos em vários sítios, tínhamos em S. Bartolomeu, tínhamos no Rio Seco, em Castro Marim, eram cursos do Prodep, que eu ainda dei aulas num curso desses. Lembro-me que era um curso para jovens, fazia dinâmicas de grupo, dei, "hhh", já não me lembro, eram temas da CEE, tinha de estudar para preparar as aulas, porque não havia ainda Internet. E, então, era muito difícil procurarmos informação. Olha, lembro-me que a Rosa também dava Puericultura, não sei se a Marília te falou nesse cursos, que era um curso que organizámos em Castro Marim, com mocinhas em que havia médicas a trabalhar connosco. Acho que o curso foi uma inovação e não havia um programa estabelecido para o curso e quem fez o programa, a Marília convidou uma médica que é muito amiga dela, Dr^a Maria José, para fazer o programa do curso. Mas, quem fez o programa fomos nós, eu e a Rosa. Eu tinha livros de Puericultura, a Rosa tinha livros de Puericultura, juntámo-nos e as duas elaborámos um programa do curso e a Dr^a veio dar o ámen na parte da saúde. Havia uma verba paga por Lisboa para elaboração do programa. E a Marília pôs o nome dela, ela recebeu o dinheiro e nós ficámos a ver navios. Isto eram coisas que custavam. Eram coisas feias que a Marília fazia, estás a perceber. A outra era doutora, também assinou e se calhar também recebeu algum dinheiro e, eu e a Rosa que tivemos o trabalho, nada. E não foi pelo dinheiro, mas pela atitude, nós é que fizemos o programa e a Dr^a só mexeu na parte da saúde. Foram coisas que mexeram com a gente, coisas desagradáveis que foram desgastando a relação. Não que tivéssemos tido alguma discussão, não, nunca houve nenhuma discussão, mas foi um grande desgaste. Ela tinha muita necessidade de protagonismo e só parece que ela é

que existia. Sabes a Marília era uma pessoa extremamente inteligente em certas coisas, tinha uma inteligência prática, da vida, muito grande, muito grande, ela conseguia tirar partido de tudo. Ela mexia-se muito bem, naqueles projetos com a Radial, ela estava sempre nas reuniões que se faziam lá, nas reuniões na Câmara, ela é que marcava, muitas vezes, essas reuniões, ela conhecia bem o vereador, o José Luís, ela ia ao Instituto de Emprego, ela ia onde fosse preciso, nisso, tinha uma grande capacidade. E era assim, que a educação de adultos aparecia naqueles projetos lá no concelho de Castro Marim. A Marília é que fazia mais trabalho de campo, eu e a Rosa estávamos mais na Coordenação. Gostei muito de trabalhar com a Rosa. É uma pessoa mais calada, mas, é uma pessoa muito válida, muito inteligente (...). Sabes porque é que a Rosa aparece na educação de adultos, porque eu trabalho com a Rosa no Monte Francisco, estávamos no 1º ciclo, e nós fizemos coisas giríssimas lá. Lembras-te de ter aparecido aquele projeto “Uma Escola, uma Empresa”, nós fomos inovadoras disso, sem sabermos que isso ia acontecer, havia lá uma empresa que era a Miragem, qualquer coisa, que era de um homem, o João Gomes, pessoa muito conhecida, foi o dono dali dos “Escorregas” à entrada de Vila Real, sabes, era um senhor forte, pertenceu também à Associação de Futebol do Algarve, naquela altura ele patrocinava as coisas para a escola, porque nós dinamizámos a localidade. Eram pessoas muito dinâmicas, fizemos coisas que nunca pensei sermos capazes de fazer, eu adorei trabalhar com a Rosa, fizemos uma equipa fantástica. E, fizemos coisas malucas (...) ora isto foi quando? Deixa lá ver, para eu me localizar, a minha mãe falece em 86, a minha mãe dava-me muito apoio e eu deixo a telescola para dar mais apoio aos meus filhos, portanto, eu venho para Junqueira em 86/87, e venho para Monte Francisco em 87/88. Depois no ano seguinte, 88/89 é que vou para educação de adultos, a Marília convida-me, e, acho que havia duas vagas para a coordenação concelhia. Então disse à Marília “Mete a Rosa Forra que é uma pessoa muito válida”. Tinha e continuo a ter uma ideia muito válida da Rosa. Vi que podíamos fazer uma boa equipa. E a Rosa vem trabalhar connosco. Entrámos juntas e saímos juntas (...) Mas, estava a falar da nossa experiência em Monte Francisco, foi giríssimo, olha, proporcionámos uma viagem ao Jardim Zoológico e o dono dessa empresa é que pagou o autocarro, pagou tudo, sabes, nessa altura ainda não se pedia à Câmara autocarros para visitas de estudo, tinha de se pagar. E, foi esse, o João Gomes que pagou tudo, esse homem era um bocado utópico, tinha uma empresa, queria construir campos de golfe naquela altura,

mas nunca fez nada, mas ele recebia dinheiro não sei de onde e o homem, como o filho era meu aluno, proporcionava tudo aquilo que eu lhe pedia. Olha, fizemos uma festa, a nossa festa de natal, utilizámos o forno da aldeia, com as pessoas todas a colaborar, os moços a amassar e a fazer bolos dentro da sala com os pais a ajudar, foram experiências giríssimas, que as pessoas (...), hoje, quando eu olho para trás (...) ainda há pouco tempo estive com uma mãe de um desses alunos do Monte Francisco que me disse assim “ Ai D. Rosa fizeram coisas tão engraçadas” E, eu era meia doida, fui sempre muito de me ligar ao terreno, de gostar de fazer coisas, de estar em contacto com as pessoas, de sair fora da sala de aula. E, ainda, mesmo, nos últimos anos, a última turma, a mãe de um gaiato meu, que é minha colega, encontra-me na rua e diz-me assim “ Rosa, lembras-te daquelas broas que tu fizeste na sala?” Íamos com os tabuleiros cheios de broas para o forno que ficava ao pé da escola. Ela queria a receita das broas que fizemos e que o filho tinha levado para casa (rios). Estás a ver o tipo de coisas que fazíamos. Trabalhar com a Rosa foi fantástico. Éramos duas pessoas numa escola, mas, dinamizámos aquela comunidade toda. Foi fantástico, tínhamos ideias malucas e foi por isso que pedi à Marília para pedir o destacamento dela para a coordenação concelhia, achava que podia levar esta dinâmica, estas ideias malucas, mas, não era fácil (...) [Hum...] Mas, ainda fizemos coisas interessantes, mas, de tudo, de tudo o que fizemos, o mais importante para mim, aquilo que me ficou, mais, foi a amizade das pessoas e também ter sentido que ajudámos as pessoas a crescer, olha, nesses grupos, com quem trabalhei, acho que as pessoas mudaram, cresceram, a nível de horizontes, de ver as coisas de outra forma, de saberem discutir melhor os assuntos, dar opinião, acho que sim. Aquele trabalho foi importante para as pessoas. Podiam não ter, voltando, outra vez, para a alfabetização, podiam não ter aprendido a escrever bem e a ler bem, mas, na parte da oralidade, na parte do debate, eu acho que cresceram, e isso para mim era muito importante. Na educação de adultos, joca, o avanço das pessoas, por muito pequeno que parecesse ser, para mim, era sempre um êxito muito grande e quando eu via que as pessoas avançavam um bocadinho, nesse dia, eu ia para casa sempre muito satisfeita. Eu queria, era, ver as pessoas crescer, porque, vocês na Distrital, quando tínhamos as reuniões, vocês queriam números, quantos eram nos cursos, quanto fizeram a 4ª classe, números para dar para o ministério, mas, não, para mim as pessoas não eram números, eram seres humanos e que, devido a certos fatores, a vida tinha castigado muito, muito mesmo. Lembro-me ali do Azinhal, lembro-me de

experiências que as pessoas contavam, as pessoas tinham vivências muito duras, recordo-me das pessoas dizerem que iam para a escola, muitas vezes, sem comer, iam descalças, tinham irmãos e que para irem calçadas tinha o irmão que ir descalço, dividiam os sapatos, são experiências dolorosas da vida. Isto atingia-nos como pessoas, estás a perceber, portanto, nós tínhamos que nos esquecer dos números que vocês nos pediam e tentar entrar, (...) Eu era uma pessoa igual a elas ali, tinha, se calhar, mais saber, mas elas a mim, também, me encheram muito com saber. Tinham outra experiência da vida e isso era muito importante, crescer com a vida, com as dificuldades. Eu também cresci com elas e apanhei uma outra visão da vida que não tinha (...) Números, era difícil dar números porque nalguns cursos, nos montes, havia muitas pessoas já mais idosas e com essas eram complicado ter, os tais, resultados. Agora em Castro Marim, aí sim, porque as pessoas eram mais jovens e na Altura, também, é engraçado, aí havia ainda muita gente jovem na alfabetização. Mas essas pessoas mais novas, joca, “arranhavam” já, na leitura e na escrita, e eu lembro-me que até houve pessoas que foram certificadas, porque, o avanço daquelas pessoas já não ia ser muito maior do que aquele que estavam, era muito difícil dar mais do que aquilo, estás a perceber, e, então, facilitava-se para que fizessem a 4ª classe. Eram pessoas que tinham falta para o seu trabalho, lembro-me de uma senhora que era cozinheira, quando abriu o Jardim-Escola de Altura, a senhora necessitava ter a 4ª classe, a D. Graciete, e recordo-me que lhe facilitamos a vida porque a senhora sabia ler e escrever. A senhora era uma excelente cozinheira que era o trabalho dela, então porquê não proporcionar a essa pessoa aquilo que ela tinha falta. Eu via a educação de adultos nesse prisma, o que é pena, porque quando nós chegávamos às reuniões, joca, as pessoas da Distrital, eram pessoas de gabinete que não conheciam a realidade que nós tínhamos no terreno. E, quando tínhamos cursos, também, a outros níveis, em que estavam lá pessoas dos Serviços Centrais e, também, falavam de números, esses também não conheciam a realidade, não sabiam o que era trabalhar no terreno, alguns não faziam a mínima ideia do que era o nosso trabalho num concelho como Castro Marim. É muito diferente, nós estarmos sentados a uma secretária e tratar muitos dos assuntos por telefone ou por carta, e não conhecermos as vivências das pessoas. Isto não quer dizer que nessas reuniões e nesses cursos com vocês da Distrital, ou os dos Serviços Centrais não fosse importante. Era muito importante, nós aprendíamos muita coisa, lembra-te que a primeira vez que ouvi falar de Paulo Freire foi com vocês, eu não sabia nada de

educação de adultos, foi nas formações que eu aprendi, o método de Paulo Freire, a animação da leitura, outras coisas, também mais teóricas. Foi importante, porque eu depois tive necessidade de ler, de compreender melhor o Paulo Freire, de saber mais, não é que houvesse muitos livros, mas havia algumas coisas, lembro-me da Forma, acho que era esse o nome da revista que trazia textos, artigos, eu lia. Vocês também tinha um a pequena biblioteca que eu me lembro, havia alguns livros interessantes, lembro-me de requisitar e depois a Marília quando ia a Faro levava. Mas, eu entendi melhor as coisas, o método Paulo Freire, porque eu seguia o movimento da Escola Moderna e trabalhava com o método das 28 palavras e isso facilitou muito, porque conseguia encaixar melhor as coisas do que outra pessoa que trabalhasse com métodos mais tradicionais. Imagina, esses formadores que nós tínhamos no terreno, as bolseiras, diz-me lá o que é que essas moças entendiam, nós passávamos a mensagem, dizíamos “É assim que se faz”, mas elas só conseguiam fazer aquelas fichas. Aquilo, joca, elas estavam a ganhar aquele dinheiro e faziam o melhor que elas podiam, não conseguiam fazer mais do que aquilo que faziam, mas não era o suficiente, eu cá acho que não, não era, era alguma coisa, era melhor que nada, joca, era melhor que nada, porque dávamos as fichas para elas seguirem o método de Paulo Freire, mas, depois, reparávamos, quando íamos ao terreno, que elas ensinavam como tinham aprendido (...) elas faziam da mesma maneira de como lhes tinham ensinado, joca. Pensas que elas trabalhavam a decomposição e recomposição das sílabas, nem penses nisso. Mesmo as pessoas que já tinham algumas noções de leitura e de escrita como é que aprenderam, joca? Com o b, a, ba, não era com a composição de sílabas, nem com formação de palavras, nem pouco mais ou menos. As fichas estavam todas muito bem esquematizadas, mas, depois, não as utilizavam como devia de ser. Pelo menos, esta era a ideia com que eu ficava de quando fazia as visitas aos cursos e também por experiência pessoal, porque, quando eu estava nos cursos, essas pessoas que já vinham com esses ensinamentos de quando eram crianças, tinham tendência para, elas próprias, quando estavam a ler, fazerem assim. Essas pessoas tinham aprendido através de métodos sintéticos, por isso, tinham mais dificuldades com os métodos globais, já vinham viciadas. E, as bolseiras também. E, digo-te, comigo foi mais fácil porque eu trabalhava com outro método global que é o método das 28 palavras que era mais fácil para mim e as pessoas “entravam” bem nele, apesar de ver, que as pessoas traziam aquela herança. Não era fácil fazer alfabetização, era muito mais fácil com as crianças (...)

[São situações diferentes]

Olha joca, são situações diferentes. Era diferente pela facilidade com que uma criança tem a aprender e pela dificuldade que um adulto tem em aprender, aí era diferente, era mais árduo com um adulto, porque, tu sabes que um adulto nunca aceita que tem dificuldades. Um adulto quando vê que não está encaixando, que nós estamos a lhe ensinar, que nós estamos ali atentar que ele aprenda, “Vá leia lá, que é fácil” “ Ai professora eu hoje estou tão cansada” “ Olhe professora, o meu dia de trabalho hoje foi horrível” “ Ai professora, hoje venho com uma dor de cabeça, hoje, não me diga nada” “ Ai, hoje não consigo”. Nós tínhamos que entender, que passar por cima dessas situações todas, porque aquilo era uma maneira airosa de elas justificaram perante as outras a dificuldade que tinham, de não mostrar a ignorância que elas tinham. Não era fácil (...) mas, sabes, apesar disso, eu fiquei com o bichinho da educação de adultos, eu, quando saí da coordenação e passei a ter uma bolsa, eu não fazia isso só pelo dinheiro, sabes que eu quando deixei a alfabetização, senti falta, sentia falta daquele calor humano das pessoas, da relação que eu mantinha com o grupo. Eu tinha uma relação muito boa com aquele grupo, em todo o lado por onde eu passei, deixei laços de amizade com as pessoas. Eu não ia despejar matéria, joca, porque eu tinha de ouvi-las primeiro, elas, às vezes, vinham com problemas delas, dos filhos, dos maridos, “hhh”, às vezes, alguns daqueles problemas eram debatidos em grupo, algumas pessoas não se importavam de partilhar esses problemas, não tinham vergonha de trazer assuntos de família para a sala. O grupo era quase um grupo familiar. A experiência que eu tenho é essa, é a esse nível, joca. Fazia-me bem o dinheiro que ganhava mas sabes que era uma miséria, era mal pago e sempre tardiamente, tarde e más horas e, eu ia, sempre, joca, não faltava uma noite que fosse, quantas vezes, me custou sair de casa, mas eu ia sempre, porque eu tinha respeito àquelas pessoas. As pessoas estavam a dar-me a ganhar, mas as pessoas iam lá com ânsia de aprender, de saber, porque, deslocar da nossa casa de noite com chuva e com frio, e, elas também estavam lá, por isso, eu também tinha de fazer esse sacrifício, por respeito a elas. Foram laços de amizade que criei e que ainda os mantenho. Eu ainda mantenho esses laços de amizade, ainda fazemos almoços e jantares. Como já te disse antes, gostei muito de ter estado na educação de adultos, mas, o mais significativo foi a amizade que criei com as pessoas, a relação humana e ver que havia muitas carência na vida das pessoas (...) Sabes, Joca, esta experiência foi muito importante porque me ajudou a ver a vida de outra maneira e, também, a

maneira de ensinar, também foi uma aprendizagem como professora, fiquei mais sensível a certas coisas, mais tolerante, mas, também, mais crítica, porque aquele trabalho também me abriu os olhos para certas coisas a que eu não dava tanto valor (...) Aqueles cursos eram uma gota de água para aquelas pessoas porque elas precisavam muito mais do que aquilo que nós lhes estávamos a dar. Apareceram aqueles dinheiros todos, vindos não sei de onde, os cursos eram implementados, se calhar (...) a ânsia que elas tinham das coisas, por isso, apareceu tanta gente, com tanta afluência aos cursos, mas, se calhar, devíamos ter proporcionado ainda mais do que aquilo que proporcionámos. Isto foi a sensação com que eu fiquei, as pessoas queriam mudar, queriam sair de casa, voltar à escola, aprender fosse o que fosse. Elas estavam ávidas de aprender, de se dar com outras pessoas, iam para os cursos e gostavam de estar, de conviver (...) Naqueles curso havia uma carga afetiva muito grande e, sabes, joca, eu, sempre, fui uma pessoa muito afetiva e, também, com os gaiatos. Eu dava as aulas mais pelo lado afetivo, nunca fui pessoa de ser muito rígida, nem de me preocupar muito com os conteúdos, preferia criar laços de amizade e de respeito, por isso, é que eu te disse que essas pessoas, muitas ficaram minhas amigas. Quando me vêm fazem uma festa, joca, e isso para mim, como pessoa, deixa-me, às vezes, emocionada, das pessoas ainda se recordarem de mim e não me terem visto como uma professora que ia despejar ali a matéria. Eu era mais uma amiga delas e, aqueles primeiros formandos, que na altura eram jovens, alguns ainda se lembram de mim e falam-me quando me encontram. Mantive a relação com quase toda a gente. Tive pena de deixar a educação de adultos, mas, como, já te disse, fui para os Complementos e a seguir deixou de haver bolsa para a alfabetização (...) Passei a ser uma educanda, de educadora a educanda, nos cursos era educadora e educanda porque aprendia imensas coisas com as pessoas, mas, agora, sou só educanda, ando no curso de pintura a óleo na Universidade dos Tempos Livres, já andei no curso de Vitrais, ando na Hidroginástica. E não ando em mais cursos, sabes porquê, preciso estar também disponível para abalar lá para “cima” para ir ajudara minha filha, então, não quero sentir-me presa. A Rosa pediu-me para fazer a sessão de animação da leitura na sala dela, mas, eu, ainda não me dispus, porque aquilo leva tempo a preparar, e, eu faço as fases todas, faço a expressão corporal, levo música, levo o texto, faço aquilo tudo, os moços adoram aquilo, porque é uma aula diferente. E é isso que a Rosa quer, ela sabe dar, mas diz-me “ Quero que sejas tu a dar, é melhor quando é uma pessoa de fora que eles não conhecem”. Tenho de lá ir, à sala

da Rosa (...) Sabes, joca, a animação da leitura foi das atividades que eu aprendi com vocês, que mais gostei, mas, eu gostava das formações que vocês davam. Acho que havia um convívio muito agradável, o ambiente era muito bom, éramos um grupo engraçado, era giro quando nos encontrávamos todos, há gente que eu nunca mais vi. Era muito agradável, naqueles dias que estávamos juntos, era um convívio muito bom. Sabes que tenho saudades desse tempo. Lembro-me de, uma vez, ter ido ao Porto fazer uma formação, fui com a Maria João de Tavira (...) já não me recordo que curso fui tirar, os anos passam, e, também havia muitas formações. Era muito importante porque para aprender não nos podíamos limitar só ao curso que tínhamos, aí aprendíamos, mas era diferente. A formação foi importante porque também podíamos passar alguma dessa informação às nossas bolseiras. Quando reuníamos com elas na coordenação, também, fazíamos formação (...) eu achava muito importante a coordenação concelhia, aquele espaço era muito importante, não só para nós, era o nosso local de trabalho, onde fazíamos as nossas reuniões, mas, também, porque era importante para as pessoas. Era ali que elas nos iam procurar para saber informações sobre os cursos, para falar com a gente. Sabes, joca, eu falo isto por experiência própria. A gente passava ali o dia na coordenação e quando alguma saía, ficava sempre a outra, a porta só se fechava à noite e, às vezes, até de noite nós abríamos. Lá tínhamos um placard com todas as informações, horários dos cursos, ações, festas, exposições, tudo o que acontecia no concelho estava no placard (...) Nós éramos uma dinâmica local e a Câmara percebeu isso, por isso, é que se tornaram também um parceiro nosso. Davam-nos apoio, mas, também tiravam partido disso. A Câmara de Castro Marim serviu-se da educação de adultos, serviu-se politicamente. Quanto mais ações houvesse e quanto mais pessoas estivessem envolvidas, melhor para a Câmara. E não foram só as Câmaras que se serviram da educação de adultos, também houve pessoas que se serviram politicamente da educação de adultos (...) Já entrevistaste a Jovita?

[Não, porque o meu trabalho é sobre o nordeste algarvio e a Jovita esteve sempre em Vila Real que não pertencia ao PIDR]

Ah! Porque a Jovita fez um trabalho muito interessante como coordenadora concelhia aqui em Vila Real de Stº António e o que hoje existe, a Universidade de tempos Livres, deve-se à Jovita. Foi a Jovita que criou a UTL

[A Marília diz que foi ela...]

Não, não, desculpa lá, não foi não, foi a Jovita, foi a Jovita, Joca. Eu esqueci-me

dessa parte, eu, depois que volto para o 1º ciclo, sou convidada pela Jovita para dar formação nestes cursos da UTL aqui em Vila Real de Stº António. E venho dar formação geral, lembro-me, ao curso da D. Luciana e aos cursos de Bilros, onde sou, também, formanda. Aprendi a fazer rendas de bilros (risos) e tenho muitas coisinhas feitas por mim. Nesta altura era professora do 1º ciclo, dava formação geral e aprendia a fazer Bilros no curso da D. Rosário. Fui aluna da D. Maria do Rosário aqui em Vila Real na UTL. Dava formação geral como professora e depois, sentava-me, como aluna, aprendia a fazer bilros. Tinha os bilros (...) escuta estou-te a mentir. Ali foi um complemento, eu aprendi a fazer bilros na Telescola do Azinhal com uma auxiliar de educação nos intervalos, que a senhora levava os intervalos a fazer rendas de bilros. E, eu aprendi com ela, com bilros feitos pelos gaiatos, feitos com pauzinhos de esteva, trabalhadinhos, fizeram-me os bilros todos trabalhadinhos. Foi assim que eu comecei a fazer rendas de bilros, ali no Azinhal. Um cesteiro fez-me a cesta. Bons tempos, Joca, estive lá doze anos e gostei muito. Gostei da experiência na Telescola e adorei estar no Azinhal, eu adoro o campo (...) Eu estive nos Corujos dois anos, doze anos no Azinhal, um ano na Junqueira, um ano no Monte Francisco, quatro na educação de adultos, sete no 1º ciclo de Castro Marim e depois venho a reformar-me aqui em Vila Real, fora os anos que estive, no início da carreira, no Alentejo. Isto tem sido a minha vida Joca (...). Mas a nível de Castro Marim, eu digo, o que eu ganhava em menos distância, de fazer deslocações mais pequenas, eu ia perdendo na afeição dos gaiatos, na educação das crianças, mas, ia ganhando em inteligência, as crianças iam sendo mais inteligentes. Aqui em Vila Real, então, as crianças tinham outra abertura para o ensino, aprendiam com mais facilidade, em que se retirava mais qualidade do ensino. Mas, lembro-me com tristeza daquelas crianças do Azinhal, da Junqueira, crianças meigas, educadas, com respeito ao professor, Joca, em que nós éramos uma figura que eles tinham que respeitar porque os pais, em casa, diziam aos filhos que tinham de respeitar o professor. Aqui já não era assim, até tenho vergonha de dizer, aqui éramos “ela”, os pais diziam “ Se ela te gritar, se ela te fizer isto” Aqui em Vila Real não tínhamos a mesma importância, nem éramos merecedores do mesmo respeito que na serra. As crianças eram muito diferentes. Mas já estou a fugir do tema, o que é queres que eu fale mais (...)

[Olha podíamos voltar um pouco atrás e falares mais um pouco da coordenação concelhia]

Olha Joca, éramos três pessoas e podia ter corrido melhor. Ainda chorei, algumas

lágrimas, sozinha, mas, nunca houve grandes problemas entre nós, porque eu e a Rosa dávamo-nos muito bem as duas, desde o primeiro momento que trabalhámos juntas ficámos amigas. Fazíamos uma equipa maravilhosa, não éramos eu e ela, éramos nós. A equipa comigo e a Rosa, éramos nós, lembro-me quando fazíamos as exposições de final de ano, no final dos cursos, eu e a Rosa trabalhávamos que nem umas galegas, porque, tu sabes que a Marília, era aquele cata-vento, rodava, rodava, mas não conseguia fazer nada. Eu e a Rosa é que montávamos aquelas exposições todas, é que organizávamos os encerramentos dos cursos. Lembras-te que no final de cada curso, aquilo dava muito trabalho, porque havia exposição, havia festa na comunidade, comes e bebes, música, tínhamos sempre a presença de alguém da autarquia. Quem tratava de tudo? Éramos nós. E, depois, vinha a Coordenação de Faro, dava os parabéns à Marília e a Marília ficava no pedestal e nós, as duas, ficávamos esquecidas ali a um cantinho. Não é que nós quiséssemos esse pedestal, atenção! Mas, eu Rosa, se fosse a coordenadora (...) que nunca quis ser (...). Antes da Jovita vir para aqui, o convite foi feito pessoalmente na minha casa, através do presidente da Câmara, para eu ser coordenadora concelhia em Vila Real de Stº António e eu não quis aceitar, porque nunca fui pessoa de gabinete, Joca, eu sou uma pessoa do terreno. Aquilo, ser coordenadora não me dizia nada, eu gosto muito de trabalhar no terreno, dar aulas, estar com as pessoas, ensinar, ensinar e aprender com elas. Ser coordenadora, andar em reuniões, ir aqui, ir ali, não dizia comigo. Uns anos mais tarde, depois de ter saído da coordenação concelhia de Castro Marim, pensei voltar à educação de adultos, pretendi vir aqui para Vila Real de Stº António, foi no ano em que entrou a Célia Palma e a Albertina de Cacela, mas, nesse altura já tinha havido um compromisso com elas e eu não voltei. Mais tarde, Joca, quando a Marília fez aquela transição maluca para Vila Real de Stº António, eu dava aulas no 1º ciclo em Castro Marim e o presidente da Câmara de Castro Marim, que tinha uma grande consideração por mim e eu por ele e pelo José Luís, convidam-me para ser a coordenadora concelhia de Castro Marim. Eu não quis, Joca, não quis ficar na coordenação de Castro Marim (...) Aquela transição da Marília, ela sabe que a Jovita vai deixar a Coordenação de Vila Real, vai sair, ela foi para deputada, faz uma série de malabarismos, não diz nada a ninguém, não comunica nada à Câmara de Castro Marim e ainda por cima arranja uma pessoa amiga para ficar no lugar dela. O Zé Guilhermino quando sabe disso fica fulo e disse que não à outra pessoa. Depois, quem ficou como coordenadora concelhia foi uma professora que estava no 1º ciclo,

em Vila Real de Stº António, que era a Adelaide, foi uma moça que lhe morreu o marido, era uma jóia de pessoa. Foi o Zé Guilhermino que a convidou para ser coordenadora concelhia de Castro Marim. Depois, a Marília fez a vida negra à Adelaide. O Zé Guilhermino não gostou nada da atitude da Marília. A Marília depois de tantos anos em Castro Marim, treze anos, abala para Vila Real de Stº António sem dar “cavaco” a ninguém. Não se faz, ir embora sem dizer nada na Câmara, que sempre deram todo o apoio à Marília e à coordenação concelhia (...) isto parece feio da minha parte estar a falar nisto, até me sinto mal (...) [Hum...] Vocês lá na Coordenação Distrital desconheciam estas situações, para vocês a Marília era a “maior”. Isto foi mais um malabarismo da Marília, a Marília era muito malabarista, não parece, mas, é, Joca. Entretanto o Zé Guilhermino convida a Adelaide e a Adelaide aceita, mas, a Adelaide não sabia nada de educação de adultos, nuca tinha trabalhado em educação de adultos, estava completamente a zeros. Aí, surge, novamente, o Zé Guilhermino e convida-me, como eu não aceitei ser coordenadora, ele pergunta-me se eu aceitava uma bolsa da Câmara só para orientar a Adelaide. Durante um ano eu oriento a Adelaide, a Adelaide era a coordenadora, mas, por detrás estava eu, eu é que lhe dizia como é que devia fazer, que passos dar, como organizar todo o trabalho de educação de adultos no concelho. Portanto, a Câmara é que me pagava, eu vou-te a dizer a verdade toda, o presidente da Câmara pagava-me duas bolsas para orientar a Adelaide e eu, uma das bolsas dividi com a Adelaide, porque achava que era uma moça trabalhadora, que queria aprender, queria fazer bem as coisas. Olha, Joca, a nível pessoal ninguém sabia disto, que eu recebia duas bolsas, nem a Câmara soube, só o Zé Guilhermino, eu e a Adelaide. Naquele primeiro ano orientei a Adelaide, depois, ela ainda esteve lá mais dois anos e depois a coordenação concelhia de Castro Marim fechou. Acabou, praticamente, a educação de adultos no concelho. Eu orientei a Adelaide a nível de coordenação, dei-lhe as directrizes todas, cheguei a acompanhá-la nas vistas aos cursos, só não a acompanhava nas reuniões em Faro. Nem sei se Faro alguma vez soube disto (...) Soube a Marília que eu estava a orientar a Adelaide, porque eu lhe disse, eu considero-me uma pessoa honesta e achei que devia dizer à Marília. Peguei no telefone e liguei-lhe “ Olha, Marília, fui convidada pelo presidente da Câmara de Castro Marim para dar apoio à Adelaide que é a nova coordenadora concelhia”. A Marília ouviu, praticamente, não me respondeu e a partir daí cortou radicalmente comigo. Não gostou e começou a fazer a vida negra à Adelaide A Adelaide chorou

muita lágrima por causa da Marília, muita lágrima mesmo, mas a Adelaide conseguiu superar isso. Em Faro, na Distrital, ninguém se apercebeu de nada disto, a Marília sempre esteve num pedestal (...) A Marília quando veio para Vila Real, o Murta começou a dar-lhe dinheiro para a Universidade de Tempos Livres e o projeto começou a crescer (...) Mas, foi a Jovita, que depois, vai para deputada, quem iniciou de raiz a UTL, posso mostra-te fotografias, no início, lá na UTL da Jovita, comigo e com as monitoras. E, depois, tentou fazer a vida negra à Jovita com (...) isto já é um aparte. Quando a Jovita terminou o mandato de deputada e quer voltar a ocupar o lugar dela de coordenadora concelhia de Vila Real de Stº António, a Marília faz-lhe uma frente, o presidente da Câmara teve culpa nisso, com o apoio da Direção Regional, nessa altura estava lá o Pina e não deixam entrar a Jovita. E a Jovita se quisesse podia ter recorrido porque os deputados quando acabam os mandatos podem voltar ao lugar onde estavam. Elas até eram as duas do mesmo partido, mas, a Marília, nessa altura, era uma deusa aqui em Vila Real. O Murta deu-lhe tudo e mais alguma coisa, mas, depois, quando mudou a Câmara foi de patins, puseram-na na rua. Foi de um dia para o outro que ela caiu do pedestal (...)

[A Câmara era um aliado muito importante na educação de adultos]

Muito, muito mesmo. Não era possível fazer o que nós fizemos se não tivéssemos o apoio da Câmara e do seu presidente. Mas, eles também se serviram muito de nós, também estávamos a trabalhar para eles, a nível político. E, nisto, também jogava muito as cores políticas. Vamos lá ver, eu era socialista e sou socialista e isso foi muito importante naquela altura. O Zé Guilhermino era PS, eu era PS, a Marília era PS, isso contou muito. Contou e conta ainda, ainda é assim, hoje quem está à frente dos Cursos é uma professora que era do partido comunista e que depois virou, que é a Maria do Rosário que era a presidente do conselho directivo da Escola Secundária e que agora é que está à frente dos cursos. Tiraram um cata-vento e puseram um cata-vento mais pequenino (...). A política está sempre em tudo, quando estávamos em Castro Marim, no encerramento dos cursos, ia o Zé Guilhermino, o Zé Luís que era o vereador, iam aos almoços, iam aos jantares, às exposições, aquilo funcionava tudo como campanha política. Eles mostravam-se, falavam com as pessoas, davam um ar de populares e eram votos que ganhavam, era assim. Sabes que isto é verdade, é política. E era em Castro Marim o PS e era em Vila Real o PS, era o PSD noutro lado. Estávamos dependentes deles porque eles é que nos davam o dinheiro, o dinheiro para as bolsas, as fotocópias, o material para os cursos, vinha da Câmara,

então, eles tinham de tirar dividendos políticos do investimento que faziam. Por isso é que eles também gostavam de estar a par de tudo o que se fazia. De vez em quando havia reuniões na Câmara e havia um contacto muito próximo com o vereador, o Zé Luís. Falávamos muito com ele, pois, sempre que precisávamos de alguma coisa era com ele que tratávamos (...)

[Era a Câmara que contratava as bolseiras?]

Sabes, quando eu cheguei à Coordenação, já havia as bolseiras, a Marília já tinha tratado de tudo, mas, sei que havia concursos para as bolseiras, mas, na Câmara mexiam os cordelinhos e como era eles que pagavam, tinham a última palavra, percebes? Mexiam e hoje é igual, há concursos, mas eles metem quem querem, eles à partida já sabem para quem é aquele lugar, com as bolsas de educação de adultos era a mesma coisa. Lembro-me ainda das candidaturas que eram uns papéis assim grandes com muitas cruzinhas, eu recordo-me disso, que a gente já sabia quem é que ia parar aos cursos (...) Mas, pronto, o que conta no fim, é que com aquelas bolseiras e com o nosso trabalho, dinamizámos aquele concelho, as aldeias, os sítios, as pessoas mudaram, cresceram (...) Hoje, infelizmente, já não é como naquele tempo, quando vou à serra sinto tristeza, já não há cursos, mas, também, quase não há gente, as pessoas foram desaparecendo de lá, os mais idosos foram morrendo, os jovens, a maioria deles, foram embora, não resolvemos o problema da desertificação (...) Agora aqui em Castro Marim sei que há alguns cursos, também, em S. Bartolomeu, tudo iniciativa da Câmara, é uma Dr^a Iola que está à frente dos cursos. Mas, agora, há uma febre muito grande porque iniciaram ali em S. Bartolomeu um curso de Pintura em Vitral e o monitor quase não dá conta do recado, porque tem vinte e tal pessoas. Portanto, há ânsia de aprender, de as pessoas terem coisas para “fazer”, aqui, Joca, na UTL, os cursos estão cheios, eu ando na pintura a óleo e se abrissem mais cursos, mais pessoas havia. Os cursos estão cheios, as pessoas querem, estão ávidas de ter ocupações, de aprender coisas novas que no tempo delas não tiveram oportunidade de aprender (...) Não tenhas dúvidas que foi a educação de adultos que criou isto, que despertou as pessoas para estas coisas, antes da educação de adultos, aqui não havia nada. O bichinho foi lançado pela educação de adultos, tenho a certeza disso. Foi a educação de adultos, sem dúvida nenhuma, que despertou nas pessoas essas oportunidades de aprender, criou este gosto por frequentar cursos socioeducativos (...) Até me recordo que vinham ali, da Andaluzia, visitar os cursos da UTL, ver esta experiência e adoravam isto. Viram que era uma experiência giríssima e depois

começaram eles a ter. Recordo-me, aqui de Ayamonte de virem visitar, aqui, os cursos socioeducativos e de visitar a UTL e acharem a experiência muito interessante. Eles vinham ver como é que funcionava, os tipos de cursos, os programas e depois, no ano a seguir, começaram, também, eles a criar este tipo de cursos na educação de adultos (...) Aqui, estou certa que foi a educação de adultos que deu o primeiro passo, o arranque para este tipo de cursos, foram criando o bichinho e depois as Câmaras aproveitaram a ideia e a ânsia das pessoas, foi isso. Então, a origem da Universidade do Tempos Livres foi dos cursos de educação de adultos, isso toda a gente sabe. A Jovita ou quem lhe deu a ideia, quis concentrar naquele espaço todos os cursos de educação de adultos, foi assim que nasceu a UTL, não tenho a mais pequena dúvida (...) Já não sei que te diga (...)

[Quais foram os teus melhores momentos na educação de adultos]

Olha, eu gostei muito da experiência em educação de adultos, tive muitos momentos bons e outros menos bons, talvez os melhores momentos os tenha passado nos cursos com as pessoas, nas atividades que fazíamos, também, as exposições em Castro Marim foram momentos muito bons, não há um momento especial, houve vários momentos. Também, não houve momentos assim muito negativos, houve coisas que não gostei, mas, nunca houve discussões, nem problemas sérios de relacionamento. Também podia ter sido muito melhor se a Marília fosse outro tipo de pessoa, se a Marília conseguisse reconhecer que havia pessoas para além do ego dela, que eram válidas. Não quero dizer que ela não era válida, que o é, quando mete uma coisa na cabeça, não pára enquanto não consegue e é uma mulher responsável e muito dedicada ao trabalho que faz. Isso é verdade, ela tropeça, cai e pula, mas chega onde quer. Ela é uma pessoa que vence na vida, atropela, mas, vai no seu caminho, é válida, não lhe tiro os méritos, Joca. Mas, no trabalho em equipa temos de saber dar o valor às pessoas que trabalham connosco e temos de respeitar o que fazem. Ela fez um bom trabalho em Castro Marim, ela implementou muitos cursos, ela furava, conseguia esses cursos todos. Eu recordo-me, quando comecei a trabalhar com ela, ia a reuniões com ela à Câmara, era o Zé Luís que nos atendia sempre, ela batia o pé e falava e ele dava-lhe ouvidos. Quase sempre conseguia o que queria, batia-se pelas coisas, quer dizer, batia-se pela educação de adultos, era uma lutadora, isso é verdade. Este trabalho com a Câmara, ela fazia muito bem e também era capaz de conseguir apoios e colaboração de outras instituições, agora, acho que com as pessoas era mais difícil. Agora com as pessoas, a experiência que eu tenho é que não

gostavam muito dela. Quando iam à Coordenação preferiam falar comigo ou com a Rosa Forra, porque ela é esse tipo de cata-vento começa a falar com uma pessoa e depois mudava de conversa, ou deixava a conversa a meio e isso baralhava as pessoas. Eu via isso, porque também andava com ela nas visitas aos cursos. Ela, se sabia de alguma coisa que acontecia nos cursos e não gostava, chegava lá e em vez de ser direta e dizer “eu soube disto, ouvi falar assim”, não, ela utilizava a, b e c e se fosse preciso metia-me a mim que não tinha nada que ver com o assunto, para conseguir gerir aquilo de uma maneira à uso do campo, como as pessoas do campo gerem, sem frontalidade, andava à roda e isso não era bom, não agradava às pessoas, esperavam da Marília uma outra atitude em relação às coisas, ela é que tinha o estatuto de coordenadora concelhia. Ela era muito malabarista e as pessoas não eram parvas, ela nunca conseguia ser direta com as pessoas. Ela não resolvia os assuntos de uma forma frontal, as pessoas percebiam isso, depois, era tipo mandona, chefe. Mesmo com as monitoras ela tinha estas atitudes de chefe, ela era a chefe e queria que fizessem como ela dizia e tudo o mais, do género de fiscalização, de não confiar muito nelas, a nível de horários de começar cursos, de saber se estavam lá aquelas horas ou saíam mais cedo, se faltavam. Sabes, Joca, a bolsa era muito baixa, era uma miséria que ganhavam, eu não sei como é que as pessoas saíam de casa para receber aquela miséria (...) e se eu sabia se alguma bolseira faltava, eu não dizia, o que interessava era se a pessoa era válida e fazia um bom trabalho, não era por faltar um dia que ou outro que punha em causa o trabalho naquele curso. Ela, não, nisso era muito rígida, porque achava que se as pessoas ganhavam uma bolsa tinham que dar o “litro” e não podiam faltar. Ela tinha umas certas “peneiras” com as bolseiras, dizia “As minhas bolseiras são muito boas e nunca faltam, são um exemplo para as outras”. As pessoas sabiam que ela era assim, por isso, não era uma pessoa que se gostasse muito. Ela fazia aquela fiscalização, mas, não ia aos cursos fazer acompanhamento, dar indicações, ajudar, o acompanhamento era mais de controlo que outra coisa. Eu lembro-me que trabalhava aqui na escola em Vila Real (risos) e lembro-me de ouvir pessoas dizer que ela passava pelos cursos para ver se as luzes estavam acesas, estás a ver, estás a ver o esquema. Mas, à parte tudo isso, aprendi a lidar com a maneira de ser dela, também aprendi com ela e, apesar das pequenas coisinhas, acho, que fizemos um bom trabalho (...) Tudo isto faz parte da vida, vivi experiências que me fizeram crescer e que fizeram parte da minha vida, foram bons tempos, bons tempos, os convívios com as pessoas, as festas, do género, eu vou-te

dizer, de com sacrifício, Joca, algumas delas viviam com dificuldades e, mesmo assim, unirem-se entre elas e darem-me uma prendinha, coisas que, às vezes (...) mas que para mim tinha muito valor, era um valor sentimental, elas a demonstrarem-me ou atentarem demonstrar o que gostavam de mim e para mim isso foi muito importante. E, como te digo, a relação humana, continuam a ser as amizades que ganhei aquilo que mais dou importância, quando me vêm, dão-me um abraço “ Ai a minha professora”. Isso para mim foi o mais importante e ainda continua a ser, que já não estou na educação de adultos (...) Agora, a nível profissional, a experiência que eu mais gostei foi a Telescola no Azinhal, as crianças, as pessoas, o sítio, gostei mesmo muito. Adorei esta experiência. Mas na educação de adultos também guardo recordação de muitos bons momentos do trabalho no terreno, porque eu sou uma pessoa de terreno, sou de terreno. Olha, se eu quisesse, nesses entre tantos, convidaram-me para delegada escolar aqui de Vila Real e, eu, não quis, não aceitei. Eu estava ligada ao partido socialista e eles vinham ter comigo a convidar-me para cargos e eu nunca quis, Joca. Olha, nunca fui pessoa de protagonismos nem de estar num gabinete. Sou muito pessoa de estar atrás, a fazer o trabalho sem precisar de aparecer muito, não sou pessoa de me encher com protagonismos, não sou pessoa de vaidades, não sou, não. Quem me conhece sabe que eu sou assim. Sou vivaça, gosto de fazer coisas, sou desinibida com as pessoas, mas no fundo não sou o que possa parecer, não gosto de ir à frente da banda, se possível na “retranca”(...)

[Obrigado Rosa, muito obrigado]

Entrevista 8 – Rosa Forra

Dia 13/12/2010 – 16 h

Local: Sala de aula da Escola de Stº António - Hortas, Vila Real de Stº António

A Rosa nasceu em 1961. Acabou o Magistério em 1985

[Rosa, Fala sobre a tua experiência vivida na educação de adultos, a começar pelas razões dessa opção, conte as coisas que foram acontecendo, umas atrás das outras, episódios, momentos mais marcantes, até deixar a educação de adultos. Podes levar o tempo que quiser e fala de tudo o que achares importante]

Foram quatro anos na educação de adultos que para mim foi uma experiência ótima, porque é assim, eu era ainda muito jovem, tinha acabado o Magistério. Acabei o Magistério em 1985 e comecei logo a trabalhar. Naquele tempo até ofereciam as escolas e nós escolhíamos, eu escolhi ir para a serra. Podia ter ficado aqui um bocadinho mais perto, mas não, quis ir para Junqueira, surgiu esta oportunidade e então quis experimentar, quis conhecer, porque não sabia nada de educação de adultos. Foi assim, eu saí do Magistério, fui trabalhar para a serra, fui colocada em Furnazinhas e estive lá dois anos. No ano a seguir eu venho para o Monte Francisco, ali perto, de Castro Marim e aí, a Marília perguntou-me se eu queria ter uma bolsa. Eu sabia lá o que era isso” uma bolsa”, ela esteve-me a explicar o que é que eu tinha de fazer e aceitei. Comecei por trabalhar no supletivo nocturno, no 2º ciclo e fui da Francês e gostei, gostei da experiência, eram moços de aí dezassete, dezoito, vinte anos, e todo aquele trabalho que nós desenvolvemos. Era uma maneira de trabalhar totalmente diferente, havia orientação, claro, porque eu, era a primeira vez que fazia aquilo, o Francês que eu sabia era o Francês que eu trazia do 12º ano e comecei por ensinar como eu tinha aprendido. Depois, veio alguém lá da Coordenação Distrital de Faro orientar-me, dizer-me como é que eu deveria trabalhar. Era interessante este trabalho e muito mais fácil que no 1º ciclo. O trabalho era muito prático, aqueles jovens trabalhavam quase todos na Restauração ou em lojas e toda aquela informação que nós íamos estudando do francês, os textos, as frases, era tudo relacionado com a vida deles. Era um trabalho muito prático. Para além disso, além do francês nós tínhamos ainda no currículo daquela disciplina, semanalmente, as sessões de leitura, aí, não era em francês, era a partir dos livros que a Marília levava. Eu e a Rosa Cabrita escolhíamos os livros e preparávamos as sessões de leitura, seleccionávamos as frases, recortávamos, colávamos e fazíamos as sessões de

animação da leitura com eles. Ainda, há dois ou três dias, estive com essas fotografias de sessões de leitura nas mãos e pensava, ”oh pá! estas coisas tão engraçadas que nós fazíamos com aqueles moços de dezassete e dezoito anos” e que gostavam, os moços gostavam daquelas sessões. Eu lembro-me, depois, de ter passado esse ano, a Marília ter me convidado para a coordenação concelhia e, no ano seguinte, entrei para a equipa, ela era a coordenadora. Aí já tinha um CEBA, um cursos de educação de adultos, que dava à noite, mas, durante o dia, fazíamos outro tipo de trabalho, muito trabalho diferente na coordenação, de apoio aos cursos, preparar material, organizar atividades, reuniões, exposições, sei lá, tanta coisa. Eu, nesta altura trabalhava muito porque fazia das 9 h às 12 h e das 14 h às 17 h na coordenação e, depois, fazia alfabetização das 19 h até às 21 h, eu fartava-me de trabalhar, eu fazia horas a mais, era parva naquela altura (...) Não sei se a Rosa lhe falou nisso, nós tínhamos a biblioteca municipal que era, mesmo ao lado do gabinete da coordenação concelhia. Fazíamos atividades logo ali ao lado da coordenação. Quinzenalmente, tínhamos sempre atividades ali ao lado, comprámos uns panos brancos, era pano cru que eu cosia uns aos outros e forrávamos as vitrinas, que existiam a toda à volta na sala da biblioteca. Era por cima desses panos que nós colocávamos os trabalhos que as pessoas faziam, havia pessoas que faziam trabalhos de colagens, miniaturas em madeira, pessoas que faziam gravura, pintavam a óleo, ah! e, depois convidávamos o Jornal de Castro Marim, eles iam à exposição, faziam a notícia e, depois, publicavam. Uma vez, houve, uma senhora de Furnazinhas que tinha estado na Alemanha e em vários sítios, tinha aprendido a pintar a óleo e, então, ela tinha imensos quadros, eu tinha-a conhecido quando estive em Furnazinhas, e nós convidámos essa senhora para expor os seus quadros. O Jornal veio e, depois, colocou a notícia. Um dia apreço a senhora na Coordenação muito aborrecida com o comentário que vinha no Jornal à pintura dela, porque dizia que as cores “guerreavam”. Dizia ela muito indignada “ Mas quem é esse jornalista, o que é que ele sabe, para dizer que as cores guerreavam na tela, mas isso é o quê, quem é ele para comentar o meu trabalho”. A senhora ficou muito indignada, porque, na verdade, ainda me lembro, ela utilizava cores muito vivas e aquela pessoa do jornal que foi lá, ou sem ter conhecimento ou por achar aquilo feio escreveu que as “cores guerreavam” (risos) e ela ficou super chateada. Durante aquele tempo convidámos muitas pessoas que nós conhecíamos ali do concelho. Fazíamos exposições temáticas, sobre várias coisas, muitas vezes, era sobre o que aparecia. A nossa colega

Adelaide Rosa pintava a óleo, ela era de Vila Real, mas, foi lá, ela é de famílias ali de Furnazinhas, acabámos por convidá-la e ela fez uma exposição. Também convidámos um senhor que fazia miniaturas em madeira, para fazer lá a exposição, lembro-me, também, de um senhor que fazia aquele “falso vitral”, foi quando apareceu, aquilo era uma coisa tão vistosa, tão bonita e que ninguém conhecia. A pessoa foi e vendia. Muitas vezes, as pessoas que expunham os seus trabalhos, acabavam por vender. Se, havia compradores interessados elas vendiam (...) Depois, fazíamos os desdobráveis com a informação sobre os dados biográficos do artesão, da pessoa que expunha, o horário da exposição, essas coisas, andávamos a distribuir pela terra, mandávamos para os cursos pelas bolseiras, para toda gente do concelho saber. Ia muita gente visitar as exposições, muitos estrangeiros também. Outras vezes, as pessoas dos CEBA's quando vinham ao banco, quando vinha à Caixa, se sabiam, vinham visitar a exposição. Fazíamos estas exposições ali em Castro Marim porque fora, só fizemos uma que foi em Furnazinhas. Havia um professor que veio morar para Furnazinhas e nós perguntámos-lhe se ele queria dar um curso de alfabetização. Entretanto, ele trazia também a esposa e a esposa ficou lá a morar. Alguém lhe deu uma bicicleta a pedal velha e ele vinha na pedaleira, de Furnazinhas, que ainda são três ou quatro quilómetros, ao vale do Pereiro dar o curso. Ele era do norte, ali de uma terra pertinho do Porto. Entretanto, ele estava a fazer um curso qualquer relacionado com antropologia cultural ou qualquer coisa relacionado com essa área, e quando nós lhe falámos na exposição e em Furnazinhas, que era um sítio muito rico culturalmente e que havia naquela zona um local, um assentamento de casas que tinham desaparecido e que havia uma necrópole, lá não sei onde, ele interessou-se por aquilo. Interessou-se por aquilo e com as pessoas que andavam no curso à noite, iam ver esses sítios e fez um levantamento sobre isso. Portanto ele era professor nas Furnazinhas e tinha uma bolsa de alfabetização no Vale Pereiro e acho que fez um trabalho muito interessante com aquelas pessoas, não tenho muitos pormenores, só o visitei uma vez no vale Pereiro, mas, acredito que fez um trabalho completamente diferente. Ele tinha conhecimentos de antropologia ou dessa área, já não me lembro bem, já passaram tantos anos, fez esses levantamentos com as pessoas e recolheu muita coisa. Para além das recolhas ele pedia às pessoas que tinham as mós antigas, que tinham prensas antigas, que tinham aquelas coisas todas que usavam para a ceifa, as foices, aquelas coisas de cana que faziam para não cortar as mãos, ele arranjou aquilo tudo e fez uma exposição lá em Furnazinhas, nós

colaborámos com ele, que foi um sucesso. Foi o presidente da Câmara, foi um dos vereadores, vieram de Faro, vieram pessoas de vários sítios, encheu a sala. Aquilo foi uma coisa nunca vista em Furnazinhas, aquela gente toda, e, as pessoas de lá super contentes, todas orgulhosas. Quando viram muitas das coisas delas serem tão apreciadas, claro que elas não davam valor aquelas coisas, uma lata antiga em que guardavam o mel, que tinha herdado da avó ou da bisavó, que importância tinha para elas? Mas na exposição tinha outro valor, porque, as pessoas de fora achavam outra graça, aquilo. Muitas daquelas coisas eram uma preciosidade, mas elas não lhes davam valor. Os arados antigos, ele conseguiu recolher aquilo, fotografias que fez das tais necrópoles, pois, ele, quando saía da escola, lá ia pelos campos, falando com os pastores, a ver essas coisas, o assentamento das casas, a tirar fotografias. Foi muito interessante, fizemos desdobráveis, ainda há dias eu tive esse desdobrável nas mãos, que não sei onde o pus. Eu cheguei a ter os desdobráveis todos que reuni das exposições que fizemos, naqueles dois últimos anos, que estive na coordenação concelhia. As exposições serviam para mostrar a riqueza do concelho, de mostrar a arte das pessoas, mas, servia, também, para cativar as pessoas para os cursos de educação de adultos. Eu, acho que era uma estratégia que funcionava bem. Fazíamos um chá e convidávamos as pessoas para ir tomar um chazinho. Dizíamos às pessoas, “ Não se esqueça, hoje é dia do chazinho”. Fazíamos o dia do chazinho de quinze em quinze dias, alternado com a semana da exposição. Uma semana tínhamos a exposição, na outra, havia um dia que era “ o dia do chazinho”. Era uma forma de chamarmos as pessoas à coordenação concelhia, para falarmos com as pessoas, para criar maior relação com elas, muitas andavam nos nossos cursos e, algumas sempre levavam uma amiga com elas. As pessoas chegavam, bebiam o chá, conversavam, era mesmo só para falar. Depois, nós começávamos a conversar, e, encaminhávamos a conversa para falar sobre coisas antigas, tradições, gastronomia “Como eram os cozinhados que a sua avó fazia” “ Então, como é que era na Páscoa, no tempo da sua avó, como era cozinhado o jantar de Páscoa” “ E no natal, na noite de consoada. O que é que comiam”. Era por aí, e, depois, fazíamos os registos. Eu lembro-me, eu não sei se a Rosa ficou com isso, nós fizemos um levantamento, ao falar com as pessoas íamos fazendo os registos que iam ficando na gaveta, esse levantamento era sobre tradição oral, lendas, mezinhas, contos, provérbios, as rezas, mas, também, tinha sobre gastronomia, como era comemorado o natal aqui no nordeste. Porque, quando é que nós fazemos as filhoses, as empanadilhas, quando é? Agora, lá não é agora, é

no carnaval, porque o que é comemorado, aqui nesta zona da serra, não é o natal, é o carnaval, o Entrudo. É o Entrudo que é muito mais comemorado, é quando matam os galos, é quando fazem as filhoses. O Natal é pouco comemorado, o Natal é mais a matança do porco, juntar a família, fazer as chouriças. E o Entrudo é, então, quando elas faziam as filhoses e as empanadilhas. Eu estive lá dois anos em Furnazinhas e era assim, a quadra mais comemorada, há 20 anos, era, exatamente, o Entrudo. O Entrudo é que era mais valorizado, era quando as pessoas se “enfarrachonavam”, como elas diziam e iam pregar partidas às casas dos vizinhos, as senhoras mascaravam-se e iam de casa em casa a pregar partidas, vestiam-se com roupas velhas, com um pano na cara e iam pregar partidas umas às outras. Nesta altura, quando estava na educação de adultos, íamos para a serra tirar fotografias e fazer registos desta tradição. Estas tradições, estes registos, depois, iam para a exposição que organizávamos quinzenalmente (...) E, no dia da inauguração da exposição, havia sempre um beberetezinho para as pessoas que vinham. Quando não havia exposição as pessoas vinham perguntar, “ então quando é que há outra exposição?” “ Então, não voltam a fazer?” (risos). Foi muito interessante, tanto dessa parte das exposições como dos cursos que havia, alfabetização, socioeducativos como corte e costura, arraiolos, bordados, vários. Havia a animação das bibliotecas que nós, também, orientávamos as pessoas que estavam lá nessas bibliotecas. Aquilo seria feito, sei lá, quinzenalmente as tais reuniões com os bolseiros dessas bibliotecas de pequena comunidade que ficavam sedeadas nas escolas ou nos clubes. Havia em vários sítios, nós tínhamos uma biblioteca de pequena comunidade na Junqueira, acho que era lá no clube local, tínhamos uma aqui em Castro Marim, no clube Desportivo de Castro Marim, tínhamos em Odeleite, havia várias. E, depois, para além disto, ainda tínhamos as sessões de animação sociocultural que organizávamos para todo o concelho, principalmente, nos locais onde havia cursos de alfabetização ou cursos socioeducativos. Lembro-me de se ir à noite passar filmes a determinados montes, lá iam, havia, também, um grupinho de teatro, que era dinamizado pelo Pedro Lobato que agora é nosso colega, que formou um grupo de teatro em S. Bartolomeu e, depois, iam pelos montes representar, com aquele grupinho. Houve coisas muito interessantes, lembro-me dos finais de anos letivos que se fazia uma grande exposição e toda a gente colabora na exposição de todos os cursos, com os trabalhos feitos ao longo do ano. Depois de ter saído da educação de adultos, eu continuei na educação de adultos porque, depois, fiquei como monitora de cursos

socioeducativos, dei arraiolos, dei artes decorativas, fiz várias coisas (...)

[Onde?]

Na Junqueira, em S. Bartolomeu, no Azinhal, isso, no concelho de Castro Marim, continuei ainda dois ou três anos como monitora, ainda no tempo da Marília como coordenadora de Castro Marim. Depois, entrei aqui para a Delegação Escolar de Vila Real de Stº António e aí é que deixei de dar esses cursos, mas tive pena de deixar. Portanto, isto, ora, estive na educação de adultos em, a minha filha nasceu em 1986, estive desde 1987 a 1991, na educação de adultos. A princípio era tudo novidade, eu não sabia nada sobre o trabalho com adultos, no Magistério nunca tive qualquer informação sobre Paulo Freire, sobre alfabetização, animação sociocultural junto de comunidades, não fazia a mínima ideia da importância que, ações como aquelas, que nós desenvolvemos, teriam tanta importância para as pessoas. Depois, tivemos formação e havia muitas ações de formação que eram organizadas pela Distrital. Eu lembro-me de estarmos em Vale da Telha, de estarmos no Solar das Laranjeiras ali ao pé de Vilamoura, em Faro, também, fizemos algumas formações, naquele hotel na praia de Faro. Nós, até tínhamos bastante formação, a nível das bibliotecas, de animação da leitura, sobre Paulo Freire, sobre alfabetização, desenvolvimento regional, muita coisa. Aquelas formações, para mim, foram ótimas, eu aprendi imenso, era muito jovem na altura, teria uns vinte e poucos anos e queria aprender, aprender, depois, era tudo muito novo para mim, coisas que eu nunca estudara, nunca ouvira. Eu aprendi, pronto, outras pessoas, se calhar, tinham mais conhecimentos do que eu, tinham mais experiência, se calhar, não sei, mas, para mim foi muito enriquecedor, aprendi bastante. Aprendi a fazer as sessões de leitura e depois chegava a Castro Marim com aquelas ideias e com a Rosa, ali levávamos de volta dos textos. E chegámos a fazer, não só para as pessoas que estavam em alfabetização, mas, também, para aqueles dos cursos socioeducativos. Nós íamos, eu e a Rosa, aos cursos socioeducativos, levávamos as folhinhas, como tínhamos aprendido, púnhamos as pessoas a ler, fazíamos a exploração, o debate e, depois, fazíamos a parte de escrita criativa, era muito giro. Ainda hoje utilizo esta técnica com os meus alunos na primária. Olha, eu aprendi bastante, é das coisas que guardo boa imagem da educação de adultos, daquele tempo, é das formações. Não era só a novidade de serem coisas novas, também o ambiente era bom, as pessoas davam-se todas muito bem. E, depois, eu não tinha experiência de participar em ações de formação, fiz o Magistério e as aulas não eram nada assim. Vou fazer aquela formação em educação

de adultos e vejo que os formadores eram nossos colegas, que havia muita proximidade, que havia uma relação muito boa, e isso, era muito engraçado (...) Ainda me lembro de uma formação do Prof. Libertário sobre Jornalismo, sobre a melhor forma de trabalhar a informação, porque nós, houve uma altura em que tentámos editar um pequeno jornal local, mas, não resultou, saiu umas quantas vezes e acabou. Já não me lembro porquê, sei que aquilo implicava termos de compor o jornal, fazer os textos, tirar fotocópias, tínhamos que ir à Câmara, não tínhamos fotocopiadora, começaram a levantar problemas na Câmara e acabámos por deixar. O que fazíamos muito, era desdobráveis, com informação diversa, sobre a alimentação, sobre a hipertensão, sobre, “hhh”, chegámos a fazer muitas coisas assim, para passar informação às pessoas. Estes desdobráveis eram distribuídos em Castro Marim e também eram distribuídos pelos nossos cursos, os bolseiros, quando vinham à Coordenação, levavam e distribuíam lá. Ou quando havia uma sessão de animação sociocultural quando iam passar um filme, ou se ia lá o Pedro com o grupo de teatro, levavam informação para distribuir pelas pessoas [**Quem era o Pedro?**]

O Pedro era um bolseiro nosso que recebia uma bolsa para dinamizar um grupo de teatro, era uma bolsa que não sei quem pagava, se era a Câmara, se era a Coordenação Distrital, que eu quando trabalhei, quando tive o primeiro contacto com a educação de adultos, a bolsa vinha de Faro, aquilo, também, era aí uns dez contos. Era uma coisinha assim, mas, pronto. Mas era um trabalho que a gente fazia por gosto, a bolsa não era tão importante assim, fazia jeito, lá isso fazia, mas trabalhar em educação de adultos era compensador por causa das pessoas, da maneira como viam aqueles curso e como nos viam a nós. As pessoas gostavam de nós, tinham-nos respeito. Aquilo era um trabalho diferente, trabalhar naquele tempo, na educação de adultos era outra coisa. Sabes porque digo isto, porque eu, depois, voltei a trabalhar aqui, em Vila Real, na educação de adultos. Também, dei um curso socioeducativo, aqui em Vila Real, não me lembro, se foi Arraiolos, se foi artes decorativas, passados dois ou três anos de ter saído da coordenação de Castro Marim e, também, dei formação cívica e já não foi igual, já não foi a mesma coisa, porque, era diferente. Eu chegava ali e as pessoas não estavam com disposição de me ouvir, porque já vinham cansadas, depois, era sempre à última hora, quando acabavam os cursos, era à noite, as pessoas já estavam cansadas, também tinham mais formação, se calhar também tinha outras coisas mais apelativas que as pessoas na serra, não tinham. Na serra, nós chegávamos lá e as pessoas ficavam embevecidas a ouvir a gente ou a olhar para um

filme que, às vezes, não era nada de especial e aqui não, as pessoas não reagiam da mesma maneira, era diferente, muito diferente. Não sei como é que era com as pessoas que andavam na alfabetização, mas, nos cursos socioeducativos, aqui as pessoas, eram diferentes das pessoas da serra (...) [**Cursos socioeducativos ou alfabetização?**]

Eu preferia os cursos socioeducativos, porque sempre gostei muito dos trabalhos manuais e quando saí da coordenação concelhia, foi a maneira de continuar ligada à educação de adultos. Como gostava muito daquilo que sabia fazer e sobrava-me tempo, acabei por ficar como bolsista, ainda estive três anos a dar estes cursos. Ah! Uma coisa engraçada, eu não era só monitora, também, era educanda, naqueles cursos socioeducativos que eu não sabia, também, estive como educanda, eu dava os tais cursos de Arraiolos, de pintura, da escama de peixe, mas, depois, havia coisas que eu não sabia, dos bilros, de corte e costura, eu andei nestes cursos. Andei no curso de corte e costura, nunca aprendi grande coisa, mas, aprendi o suficiente para desenrascar para coser, para arranjar uma batinha, para certas coisas mais simples, eu sei fazer. Gosto de tudo o que seja trabalho de mãos. Este gosto por estas áreas é uma tendência natural, porque já antes de ir para o Magistério eu queria ter ido para Belas Artes em Lisboa que depois acabei por não ir (...) [**Hum...**] Nós éramos duas irmãs, a minha irmã, quando fez o 12º ano, foi para engenharia agrícola e eu, entretanto, queria entrar em Belas Artes e não entrei, não entrei e como não entrei tive de ficar mais um ano, mas, entretanto, para não ficar outro ano parada, concorri a mais coisas. Concorri a Enfermagem, concorri ao Magistério e acabo por entrar em Enfermagem e acabo por entrar no Magistério. Mas, a Enfermagem só começava em Janeiro e o Magistério começou logo em Outubro, pois, fui para o Magistério, fiquei e pronto, mas, o que eu gostava mesmo era de ter seguido Artes, era o meu sonho. Continuei no Magistério, fiz o curso e cá estou no 1º ciclo, com algumas experiências pelo meio. A minha vida podia ter sido diferente se tivesse tirado o curso que queria, mas, pronto, também, tenho gostado (...) E, também, gostei daquele tempo que passei na educação de adultos. Acho que tive alguma sorte, eu estive aqueles dois anos nas Furnazinhas e no outro ano fiquei em Monte Francisco, onde conheci a Rosa Cabrita. Fizemos um trabalho interessantíssimo em Monte Francisco e, provavelmente, foi daí, de ter conhecido a Rosa que determinou a minha ida para a educação de adultos no ano seguinte. Quando nós chegámos a Monte Francisco, a Rosa trazia já uma experiência muito grande, porque, ela tinha trabalhado vários

anos na Telescola e eu tinha, apenas, dois anos de serviço. Entretanto a marota ficou com o 1º e 2º ano que eram doze alunos e deu-me os 24 ou 25 restantes para mim, o que eram muitos (risos). Naquele tempo o ensino era por fases, ela ficou com a 1ª fase e eu fiquei com a 2ª fase, mas, eram mais, eu disse-lhe, “Olha, fizeste-me um favor, deste-me mais alunos, mas deste-me os de 3º e 4º ano, porque eu prefiro estes alunos aos do 1º ano” Ela ficou com a 1ª fase porque gostava mais de trabalhar com crianças mais pequenas e por achar que, por eu ter pouca experiência, seria mais fácil trabalhar com alunos mais velhos, estava certa. Em Monte Francisco fizemos um trabalho muito bom com a comunidade, nós juntávamos os pais, levávamos os pais à escola, fizemos doces e usámos o forno da comunidade. Eu ia com a batedeira para bater os bolos quando vejo a Rosa a meter as mãos no alguidar e amassar os bolos com as mãos, eu tinha aí vinte quatro ou vinte e cinco anos e a Rosa era mais velha mais experiente. Eu e a Rosa ainda fizemos muita coisa em que envolvemos a comunidade, as pessoas iam muito à escola, fazíamos as excursões, eram só duas turmas e os pais iam todos, íamos para Lisboa, ia o pessoal todo. Foi assim que começou aquela amizade, se calhar, foi por aí. Entretanto, nesse ano a Marília tinha-me convidado para dar francês, a Rosa já estava a dar, não sei se era português ou história e foi, talvez, por ter trabalhado com ela, por ter gostado de ter trabalhado com aqueles moços, por ver que se fazia um trabalho diferente, que, depois, quando ela me perguntou se eu queria ir para a coordenação concelhia, disse logo que sim (risos). E, não foi por ter ficado melhor, porque, em termos de colocação, eu nesse ano fiquei em Vila Real, já. Nesse ano, quando fui destacada para a educação de adultos já estava em Vila Real, nesta escola de Hortas, aqui, mesmo ao pé da minha casa, que eu moro aqui nas Hortas, mesmo, aqui ao lado da escola. Portanto, não fui para a coordenação concelhia para ficar mais perto de casa, até, fiquei mais longe, não, fui porque me agradou o desafio. Sim, porque é sempre um desafio uma pessoa ir para um serviço que quase não conhece. Eu, para além da experiência do ano anterior, nunca tinha trabalhado com adultos e não sabia nada de Paulo Freire, nem de animação da leitura, nada dessas coisas. Foi um desafio, foi uma nova experiência, eu era jovem com pouca experiência de ensino e ter ido para a educação de adultos foi bom, porque aprendi muita coisa nova e ganhei também maior confiança em mim. Aquilo foi como tirar um outro curso, onde se aprendeu a lidar melhor com as pessoas, a conhecer melhor a vida, como as pessoas vivem, a sua cultura e isso aprende-se na educação de adultos e não nos livros, gostei da

experiência e tive pena de sair (...) Depois daqueles quatro ano, saí, saí, não, porque ninguém nos pusesse na rua, saí porque, começou-se a dizer que a educação de adultos, parecia que ia acabar e não sei quê, já tinha acabado o PIDR, que já não ia haver dinheiro para as bolsas, que os cursos na serra iam acabar. Sentia-se que as coisas estavam a ficar diferentes. Notava-se que as coisas já não eram como antigamente, estava a haver mudanças, e ouvíamos falar de colegas que, também, já tinham deixado a educação de adultos. A Rosa Cabrita disse, "Olha, pois, eu vou sair, mesmo, porque eu vou ter uma turma do 1º ano e quero voltar ao 1º ciclo" a Rosa era efetiva e estava colocada aqui em Castro Marim". A Rosa era efetiva aqui em Castro Marim. "Vou sair", disse ela e eu disse "Olha, eu saio também". Saímos as duas e não é que nesse mesmo ano, as pessoas aqui, que estavam na coordenação concelhia de Vila Real, a Célia Palma e a Albertina, saíram, também. Passou a ficar uma pessoa só nas coordenações, ficou a coordenadora concelhia. Afinal era verdade que as coisas iam mudar, nós fomos embora, e foi assim. Se não fosse tudo isto teria continuado na educação de adultos porque eu gostava muito daquilo que se fazia. Saí da coordenação, mas, continuei, anda, ligada à educação de adultos, fiquei com duas bolsas dos cursos socioeducativos, mas, nunca mais dei alfabetização. Preferia dar os socioeducativos, tudo o que seja trabalho de mãos, isso é que eu gosto, mas, por eu gostar mais, não que dizer que, quando estive na coordenação concelhia, me dedicasse mais aos cursos socioeducativos que havia no concelho e a Rosa como gostava mais de alfabetização, se dedicasse mais a esses cursos. Não, fazíamos trabalho de equipa, fazíamos tudo em conjunto, nós éramos uma boa equipa, eu e a Rosa, trabalhávamos muito bem, porque a Marília andava, muitas vezes, fora em reuniões, em visitas, noutra tipo de trabalho de campo. As fichas que nós preparávamos, o método de Paulo Freire, aquelas palavras, vida, luta, povo, as imagens associadas às palavras, nós preparávamos as fichinhas todas para as pessoas dos cursos. E, preparávamos sempre em equipa, a preparação das exposições, até o ir falar com as pessoas, convidar para fazer a exposição, muitas vezes, íamos as duas, os desdobráveis, a preparação das sessões de leitura. Já não me lembro quantas bolseiras tínhamos, mas, quando reuníamos todos, ali naquela salinha da coordenação concelhia, lembraste o tamanho, ficava cheia. Tínhamos uma mesa hexagonal ao meio e nós juntávamos as bolseiras, quinzenalmente, para distribuir os materiais que elas haviam de aplicar, dar orientações. Ainda tínhamos para aí, sei lá, umas dez ou doze bolseiras de alfabetização, Cortelha, Odeleite, Furnazinhas, Castro

Marim, Lar de Castro Marim, Azinhal, sei lá, ainda eram umas dez ou doze pessoas. E, ainda tínhamos mais três bolseiras de bibliotecas de pequena comunidade, que só trabalhavam na biblioteca desenvolvendo ações de animação, as pessoas podiam requisitar livros, elas faziam sessões com as pessoas. Elas também faziam atividades com as pessoas dos cursos de alfabetização, porque, na maioria das vezes, as bibliotecas de pequena comunidade estavam em sítios onde, também, havia alfabetização, sedeadas nos clubes locais. Em Castro Marim estava no Desportivo Castro Marim, na Junqueira estava no clube da Junqueira e na Cortelha, já não me lembro, se estaria na própria escola. Eu penso que havia mais bibliotecas espalhadas pelo concelho, mas, com monitoras só havia nestas três comunidades, só me recordo destas três (...) Mas eram tudo gente muito ativa, os bolseiros podiam não ter formação, mas, fizeram um trabalho bom. Daquilo que eu tive oportunidade de ver, quando ia aos cursos e mesmo quando reuníamos com eles, achava que eram jovens que estavam a gostar daquilo que estavam a fazer e isso é muito importante. Nós preparávamos os materiais para eles, fazíamos o acompanhamento, quem fazia mais esse acompanhamento era a Marília, ela é que ia mais aos cursos, metia-se no carrinho dela, e, ia de cursos em curso, ver como as coisas estavam a funcionar. Eu cheguei a ir várias vezes e daquilo que vi não desgostei, porque, nós tínhamos a apresentação da palavra, depois, fazíamos o silabário e, partindo desse silabário, as pessoas descobriam novas palavras, faziam decomposição e recomposição de palavras. Depois, começavam a utilizar essas palavras para construir frases. Eu posso não ter visto todos, provavelmente, não fui a todos os cursos, mas, lembro-me de ter ido à Cortelha e ver que funcionava bem, ter ido a Furnazinhas e ver funcionar bem, e, visitei outros CEBAs, via-se que as pessoas estavam interessadas e as bolseiras utilizavam bem o material que preparáramos para elas. Por isso digo que os cursos funcionavam bem, mas, também, é verdade que, a maioria das bolseiras, eram professoras que tinham uma bolsa de alfabetização, tirando um ou outro caso. Nos quatro anos que eu estive na coordenação concelhia, a maioria dos bolseiros eram professores. A Clara Meneses era professora num CEBA desses, uma Catarina que estava, já não sei onde, também, era professora, as professoras que foram colocadas em Odeleite para a Telescola, ficavam a morar lá e acabavam por dar os CEBAs. Portanto, depois, havia, era, em montes mais isolados, como Cortelha, mais aqueles montinhos mais isolados, não é Zambujal, isso já não nos pertencia (...) havia aqui dois montes que ficavam perto um do outro, já não me lembro, mas, aí, as bolseiras

já não eram professoras, eram jovens da localidade ou dali perto, com menos formação, que era o caso da Fátima Lobato. Portanto, eu o que vi, não me pareceu mal, eu não ia sempre, mas, quando fui, achei que estavam a trabalhar bem, elas seguiam as orientações que nós tínhamos sugerido e utilizavam o material de uma forma correta. Nós reuníamos com eles quinzenalmente, distribuíamos materiais, discutíamos as planificações, explicávamos as fichas para esses quinze dias, explicávamos como é que aquelas fichas deveriam ser exploradas. Não quer dizer que as pessoas fizessem sempre aquilo que sugeríamos, nem que todas fizessem a mesma coisa, depois, cada bolseira adaptava os materiais ao seu grupo ou construía outro material, porque aquele material que nós dávamos, podia não ser suficiente para quinze dias. Nós dávamos o que podíamos, não é? E, eles, também, tinham que saber improvisar. Mas, aquilo que e vi, acho que fizeram um bom trabalho, podia haver um ou outro bolseiro que tivesse mais dificuldades, mas, no geral, acho que trabalhavam bem. Do feedback que tinha, acho que sim, depois, elas, também faziam registos, faziam levantamentos de tradições, sobre o dia dos namorados, como era o namoro no tempo daquelas pessoas mais idosas, faziam essas coisas e traziam. Para a bolsa que elas ganhavam, acho que faziam um trabalho com dedicação e com responsabilidade. Recebiam os tais dez contitos, que era o que pagavam na altura, mas, elas não tinham outra coisa para fazer, e, sempre fazia jeito, mais valia pouco que nada, não é? (...) Houve um sítio ali, como é que aquilo se chama, ali pertinho do Azinhal, há ali um monte em que, a pessoa que dava lá o CEBA tinha o 9º ano. Ela, depois foi apanhada por aquele projeto, era a RADIAL? Olha, não sei, esse projeto tinha um Jornal que era a TEIA, se calhar, não era a RADIAL, sei que, depois, arranjam uns dinheiritos, conseguiram ser subsidiadas e formaram uma cooperativa. E, neste momento ainda existe, têm uma fábrica de bolos, no Azinhal, que é a PROVA. Uma, dessas moças que, ainda lá está, deu dois anos alfabetização, não, eram duas, duas dessas moças. Essas, seriam as que tinham menos habilitação, provavelmente, teriam aí o 9º ano, uma é a Anabela e, olha, está me lembrando os nomes, uma é a Anabela e a outra é a Eduarda. Essas moças que estão na PROVA foram bolseiras de alfabetização. Estas moças, podiam não ser professoras, mas eram uma mais valia para a educação da adultos. Eu achava muita graça a estas jovens, elas tinham jeito e davam-se muito bem com as pessoas. Elas poderiam não ter os conhecimentos que uma professora tem, mas, conseguiam “agarrar” muito bem as pessoas. Acho que, parte do mérito do trabalho da educação de adultos, nos montes,

se deve, também, a estas moças. Olha, estas duas, depois, conseguiram organizar-se e a educação de adultos, também, ajudou, porque, se calhar, se não fossem bolseiras, não teriam sido “apanhadas” pela RADIAL, porque, é engraçado, eles na RADIAL, muitas vezes, era a nós que perguntavam por estas jovens (...)

[Lembra-se dos nomes de outros bolseiros?]

Já não me lembro, já passaram tantos anos. Lembro-me do Pedro que fazia a parte do teatro, o Pedro Lobato, acho que ele estava num conselho executivo, ele depois, tirou educação física, casou e saiu daqui. Ele era um moço muito activo que fez um trabalho muito interessante com o teatro. Ah! Havia, a Fatinha, que era cunhada dele, e que deu alfabetização, esta moça, a Fátima Lobato, que eu já falei, tinha o 12º ano, que nessa altura era o que se pedia. Havia a Florinda que deu curso de pintura a óleo ali em Castro Marim que tinha sempre muita gente, nos cursos tinham sempre para mais de vinte pessoas. Estes cursos socioeducativos tinham muita saída junto das pessoas, porque, donas de casa, pessoas que não trabalhavam, não andavam em mais lado nenhum, só tinha a vidinha de casa e tinham aquele tempo livre depois do almoço, gostavam de ir e de fazer, até porque, faziam aqueles quadrinhos que ficavam tão bonitos lá em casa (risos). Agora, vê-se que há cursos destes, organizados pelas Câmaras e os cursos estão cheios, mas, quem começou foi a educação de adultos. Aqui no concelho, fomos nós que fizemos esses cursos durante aqueles anos e as pessoas tomaram gosto. A educação de adultos acabou, aquela educação de adultos, que conhecemos, acabou, e as Câmaras aproveitaram a ideia e, também, o interesse das pessoas e vão organizando uns cursos aqui, uns cursos ali, o que acho muito bem. Então, aqui em Vila Real, apareceu a Universidade dos Tempos Livres, como? No tempo da Jovita, o espaço em que funcionavam os cursos socioeducativos era, além para a Soliva, num sítio muito desagradável. Entretanto, estava devoluto, ali aquele espaço dos antigos Serviços Municipalizados, e o que é que uma das monitoras se lembrou, de pedir aquele espaço e a Jovita, sim senhor, achou bem. Limparam aquilo tudo, ainda me lembro de ir lá quando elas andavam a limpar aquilo, era a Encarnação, era a monitora da costura, era uma que foi professora de desenho na escola secundária, não sei se ainda é, de limparem aquilo tudo, mas era educação de adultos. Funcionava lá a alfabetização, os cursos socioeducativos, funcionava lá a tal Formação Cívica que eu ia dar às pessoas dos cursos socioeducativos, que tinham a 4ª classe ou o 5º ano, não tinham mais. Só mais tarde é que, depois, a Câmara agarrou aquele projeto que, neste momento, é o que é.

Inicialmente foi a educação de adultos, que, em vez de estar naquele espaço horrível, e ter os cursos de alfabetização nas escolas a, b e c, concentrou todos os cursos num único espaço (...) Eu lembro-me que a Maria Próspero, chamavam-lhe assim, isto é o nome artístico dela, já não me recordo o verdadeiro nome dela, que era a monitora de pintura, ter sido ela e a Encarnação, a tal que era monitora de corte e confeção, de começarem a limpar aquele sítio. Por isso, suponho que esta ideia deve ter partido destas senhoras que não gostavam de estar lá naquele lugar isolado, desconfortável, onde se guardavam os carros do carnaval e aquelas coisas todas das obras e os carros do Lixo. Aquilo ficava na outra ponta da cidade, junto à Secundária, mas eram umas instalações amplas, mas geladas, nada acolhedora, e, como, os antigos Serviços Municipalizados estavam desativados, mudaram para lá (...)

[Vamos voltar à sua experiência em educação de adultos, o que significou para si?] O que significou para mim? Olha muita coisa, foi uma aprendizagem muito importante para a minha vida, fez-me amadurecer, eu acho que cresci muito como pessoa, ainda era muito jovem e sabia pouco da vida, da vida das pessoas, dos seus problemas, nunca tinha vivido de perto certos problemas, passei a conhecer melhor as dificuldades das pessoas mais idosas e também a conhecê-las melhor. Sabia muito pouco sobre a maneira de ser das pessoas mais velhas, nunca tinha estudado nada sobre isto, no Magistério, estudávamos, era as crianças. Então, trabalhar no Lar foi uma experiência riquíssima (...) Fez-me mudar a maneira de ver o ensino. Comecei a ver o ensino de outra maneira, para mim, o ensino era a escola, ensinar as crianças, nunca pensei que fosse tão importante, nem tão difícil ensinar pessoas adultas. A maneira de ensinar, aprender a ensinar de outra maneira que eu não tinha aprendido, ver como aqueles moços do curso supletivo aprendiam, aquele curso em que dei o Francês, ver como eles faziam as aquisições, não valorizar muito só o saber ler e escrever, mas, valorizar outras competências que eles tinham e que eram muito importantes, principalmente, isto, saber só ler, escrever e contar não, não é só isso, há muito mais coisas que são importantes. Acho que, depois, passei a ver o ensino de outra maneira, porque, passei a dar importância a outras coisas, a dar mais importância ao que as pessoas sabiam, à sua cultura, aquilo que sabem fazer, há habilidade que têm para os trabalhos manuais. Encontrei gente tão habilidosa, que mal sabia ler e escrever e, também analfabetos, mas pessoas com uma habilidade incrível e com uma sabedoria que fazia gosto ouvi-los falar. Pronto, não é falar mal de ninguém, mas há professores que não valorizam muito a expressão plástica, não

valorizam muito as tradições. Agora, por exemplo, com este grupo de 3º ano que tenho, ainda tenho as pen dos moços aqui dentro da algibeira, não vêm com computadores aqui para a sala, não quero “Magalhães” aqui, disse aos alunos” Vocês fazem o trabalho em casa, trazem o trabalhinho na pen e colocam ali no computador da sala”. E, agora, estamos a fazer um trabalho de recolha das tradições sobre o Natal, como se festeja o Natal, a gastronomia típica do Natal, as canções típicas de Natal, que os pais saibam, as festas, essas coisas todas, que eles vão fazendo. Isto, se calhar, este gosto por fazer este tipo de trabalhos com os alunos veio-me da educação de adultos (...) mas também aprendi que, trabalhar com crianças não tem a nada a ver com o trabalho com adultos. Eu trabalhava ali com um grupinho de Castro Marim e, nesse grupinho, as pessoas, como que eram diferentes das crianças, tinham ciúmes umas das outras “ Ah! porque está mais tempo aí com essa senhora, ai! porque a mim não me liga, ai! porque a mim não me explica como se faz”. Muitas vezes, nós temos que saber lidar com estas situações, não é? (...), é diferente, não tem nada a ver, trabalhar com crianças, temos que ter outra sensibilidade (...) Mas, gostei, gostei de fazer alfabetização (...) Eu, este ano, ainda estive tentada a voltar a fazer alfabetização, eu perguntei à Marília quantos cursos é que havia aqui de alfabetização, porque aqui esteve outra colega, uma colega contratada e eu perguntei à Marília quantos cursos ia haver, ela respondeu-me, “Há dois cursos de alfabetização” e eu, ainda, hesitei de ir lá falar com o Diretor para ficar com um desses cursos, mas, acontece que ele tirou horas à Marília que ela tinha noutras atividades e, então, teve que ficar com os dois cursos para completar horário. Eu, ainda pensei em voltar a fazer alfabetização porque gosto, apesar de saber que agora é tudo muito diferente que naquele tempo em que lá estive. Agora já não há bolsas, a alfabetização é feita por professores contratados, para completar horários, os professores quase que são obrigados a fazer alfabetização quando não têm nem formação, nem motivação para o fazer. Já conheci alguns casos de moços que foram colocados em cursos de alfabetização e eles quase entravam em pânico, aqui sim, aqui é que duvido muito da qualidade do trabalho que eles faziam, não por culpa própria, que eles não tinham culpa, mas, sem formação, sem qualquer apoio e sem ser uma escolha deles. Não tem nada que ver com o caso dos bolseiros de que falámos há pouco. Isto, eu acho mal, não devia ser assim, é uma falta de respeito, também, pelas pessoas que andam nos cursos (...)

[A Rosa parece ter saudade daquele tempo, se tivesse de fazer uma escolha,

educação de adultos ou 1º ciclo?]

Ai, escolhia a educação de adultos porque gostei muito da experiência e tive pena de sair. Se não fosse terem começado a dizer que a educação de adultos ia acabar e, depois, a Rosa, também saiu, as coisas começaram a mudar, se não fosse tudo isso, se isso não tivesse acontecido, eu teria continuado. Preferia esse trabalho, que se fazia naquele tempo, ao trabalho com as crianças, prefiro ensinar adultos a ensinar crianças. Tanto é que quando saí da educação de adultos, voltei para o 1º ciclo, estive só três anos e, depois, fui para a Delegação escolar, foi uma opção, fizeram-me esse convite, o delegado escolar aposentou-se e perguntou-me se podia propor o meu nome para o substituir. Isto foi para aí em 1993, 1994, eu estava a trabalhar aqui no 1º ciclo em Vila Real, o delegado escolar perguntou-me se podia propor o meu nome porque sabia que eu estava a fazer a Especialização em Administração Escolar. Eu disse “ Sim, sim, porque eu estou fazendo a Especialização e, também, gosto desta área”. Acontece que, entretanto, mete-se a política no meio, alguém do Partido que propõe alguém do Partido e essa pessoa do Partido ficou, era a Luísa Currito. Depois, a Luísa Currito veio convidar-me para eu ficar com ela, não fiquei como delegada mas como subdelegada. Estive lá quatro anos, depois, começámos lá movimentar as coisas com o “172”, por causa da nova gestão escolar e acabámos por lá ficar lá. Estive treze anos sem ter turma, estive, aqueles quatro na delegação escolar e mais nove na Gestão da Escola, estive um ano na comissão instaladora, depois, estive no conselho executivo e, depois, volto para a comissão executiva instaladora, com o agrupamento vertical (...)

[Explique melhor]

Portanto, estive quatro anos na Delegação escolar, que, depois, acabou, e fui para a Gestão do Agrupamento como vice-presidente, depois fui presidente, depois, volto para vice-presidente, quando foi do Agrupamento Vertical que tinha 1º, 2º e 3º ciclo. Depois, no ano passado, as coisas modificaram-se com a tal história do Diretor e eu voltei para o 1º ciclo (...) Também gostei daquela experiência na Gestão foram treze anos que não têm nada que ver com a experiência em educação de adultos, é engraçado que estive em três áreas que parece não terem nada a ver umas com as outras, mas, se calhar têm. Quando estive na Gestão Escolar, também, acabei por organizar outros eventos, as exposições escolares, o Natal, o Carnaval, mobilizar as pessoas para projetos, gerir conflitos, o treze de Maio de Vila Real de Stº António que não tem nada a ver com o Nordeste. Enquanto estive, eu e a Luísa, na Gestão da

Escola organizávamos os desfiles do 13 de Maio e do Carnaval. Eu é que confeccionava os trajes, no ano passado não, porque elas não quiseram, eu ofereci-me para o fazer, confeccionei sempre os trajes dos meninos das escolas para irem “vestidos” quer para o carnaval quer para o cortejo histórico do 13 de Maio. Para o 13 de Maio fiz as batinhas brancas, os calções, os lacinhos para as meninas, depois, houve, também, o trabalho de costureiras porque aquilo eram muitos, representaram um quadro da escola nos anos 60, no tal cortejo histórico. Eu estava no conselho executivo e não tinha problemas em fazer de costureira, em andar a ajudar a organizar cenários e outras coisas, nunca me importei de fazer essas coisas, até gostava, por isso, é que fazia, são coisas que não me custam fazer. Eu, no ano passado fiquei, aqui, super aborrecida com a coordenadora e ela comigo, porque, foram comprar os fatos dos moços aos “chineses”, eh pá! Isso não brilha, isso é uma tripa murcha que os moços levam vestido, ora, os moços brilham mais se formos ali a Ayamonte, comprarmos os tecidinhos e confecionarmos nós, e, as crianças faziam os adereços, assim sempre participavam mais na festa, do que chegarmos com o fato e dizer “Toma veste, vamos para o carnaval”. Quer dizer, os moços ali não fizeram nada e se nós confecionássemos os fatos eles estavam lá e podiam ajudar a cortar e cosiam, também, e experimentavam e viam, aquele trabalho era deles. Brilhavam muito mais do que com uma coisa comprada nos “chineses” (...)

[A Rosa foi presidente, subdelegada, vice presidente, isso significa que gosta de liderar?]

Está a perguntar se tenho características de líder (risos), não sei (risos), gosto de fazer e gosto que façam, gosto de ter projetos novos, de envolver as outras pessoas, isso é verdade. Na educação de adultos nunca fui líder, trabalhava muito bem com a Rosa e tinha uma coordenadora concelhia que já estava lá antes de eu chegar e que lá ficou depois de eu sair. Gostava de me envolver com as bolseiras, de discutir com elas o que faziam, mas, nunca num papel de líder, elas eram “colegas”. Quando fui para a Gestão da Escola, também foi um bocado assim, ser vice-presidente ou ser presidente não mudava nada em mim, gostava de ver as pessoas envolvidas nas coisas. Se isso é ser líder, não sei. Mas, esta vontade de fazer coisas não nasceu na educação de adultos, antes, quando estive nas Furnazinhas o que eu fiz lá. Como eu disse há pouco, lá, comemoram muito o carnaval e, já nessa altura, eu gostava de juntar as pessoas para fazermos, para organizarmos em conjunto as tais “enfarrachonadas” de porta em porta e ir cantar aquelas coisas e fazer aquelas

provocações. Depois, quando vinham os santos populares (...) ainda há pouco tempo, uma moça, minha prima, de lá, que agora é professora, foi minha aluna, fez lá o 4º ano comigo, fui professora dela e, o ano passado, eu coordenava os cursos de (...) como é que isto se chama, isto, são os 50 anos (risos), eu, o ano passado, tinha uma turma de percursos alternativos e coordenava esses cursos de percursos alternativos, havia duas turmas de percursos alternativos, havia o meu grupo com quatro alunos e havia uma turma com dez ou doze em Vila Real. Eu coordenava essas duas turmas, nós reuníamos quinzenalmente, com todos os professores, porque estas turmas tinham vários professores, tinham expressão plástica, tinha educação física. Quer dizer, no meu grupo, com 4 alunos havia aí uns seis professores envolvidos (risos), eram mais os professores que os alunos. Como eu dizia, esta professora que foi minha aluna, ela ficou na Saúde escolar ali em Vila Real e um dia, estávamos lá falando e, qualquer coisa que eu disse, ela “ Ai, continuas a mesma, ainda me lembro daquelas coisas todas que nós fazíamos na sal quando foste minha professora” E é verdade, a sala era como se não tivesse portas, chamávamos as pessoas da comunidade, os pais dos alunos, fazíamos festas, fazíamos lá uns doces, com os moços. Eles levavam tudo para a sala, levavam pão, levavam o queijo, leite, as coisas do dia a dia, um dia ia a mãe de um, noutra ia a avó, num dia fazíamos uns queijinhos, noutra fazíamos as costinhas que, depois, coziam lá no forno. Depois, nos santos populares, fazíamos o mastro, o mastro, havia lá um senhor, aí com uns sessenta anos, mas, solteiro, que não fazia nada, por isso, tinha tempo, colaborava connosco a fazer as charolas, charolas enormes, as pessoas iam todas lá para a escola a fazer aquelas charolas que depois punham no mastro que ficava lá no Largo. E, eu gostava dessas coisas. Essa charola, depois, ainda foi para a coordenação concelhia e esteve numa das exposições que fizemos e ainda fui buscar o mastro, porque a exposição era relacionada com os santos populares. Fui buscar o tal mastro só que era tão grande que não dava para pôr na sala, por isso, utilizámos só parte de cima, onde estava a charola. (...) Por isso, quando fui para a educação de adultos já fazia estas coisas, fazia porque gostava de fazer, não é que tivesse conhecimentos sobre a forma de envolver a comunidade ou utilizasse isso como estratégia, era porque achava interessante envolver os pais, a comunidade na vida da escola e sair da escola para comunidade. Aquela terra era tão pequena e as pessoas tão simpáticas e gostavam de colaborar, por isso, fizemos lá tanta coisa. Sempre gostei destas coisas, fiz aqui na escola, fiz na coordenação e continuo a fazer. No carnaval vou sempre

mascarada com os alunos, vou mascarada de professora com a batinha branca, os óculos, o ponteiro (risos), lá vou eu, no meio da criançada toda (...)

[Voltando à educação de adultos, o termo PIDR diz-lhe alguma coisa?]

Sim, quer dizer, sei que era um Projeto para o desenvolvimento do nordeste algarvio em que estávamos incluídos, mas, quem ia às reuniões a Faro era a Marília, ela é que era a coordenadora. Não sei muito sobre o Projeto em si, mas, o trabalho que fizemos foi muito importante para aquelas pessoas, isso, tenho a certeza, principalmente, com as pessoas da serra. Eu ia poucas vezes à serra, mas, as vezes que ia com a Marília, à noite, as pessoas faziam uma festa quando nos viam. Uma vez, fomos a Odeleite e as pessoas tinham uma lampreia para nos oferecer, um homem de lá dizia” Olha ontem fui à lampreia e apanhei umas quantas, tomem lá uma”. As pessoas recebiam-nos sempre muito bem, havia sempre umas amendoinhas, um docezinho, um bolinho, havia sempre qualquer coisa, havia sempre um miminho para nós. As pessoas reconheciam o trabalho que estávamos fazendo com elas, que estávamos ali para lhes dar alguma coisa, que lhes dávamos aquilo que elas não tinham e que elas precisavam. Porque, eu estive há 25 anos em Furnazinhas, eu tenho 25 anos de curso, foi aí que eu comecei a trabalhar, e, naquele monte, Furnazinhas, que é um dos maiores montes aqui do concelho de Castro Marim, havia uma ou duas televisões, não havia mais, as pessoas para ver televisão tinham que ir ao Café. Agora, quando íamos lá para passar um filme, quando levávamos um grupo de teatro, quando fazíamos uma sessão de animação de leitura, quando havia uma sessão de esclarecimento, muitas vezes, fazia-se isso, convidava-se a Dr^a Zezinha, do Centro de Saúde, que ia fazer uma sessão de esclarecimento ou sobre a Diabetes, ou sobre a Alimentação, ou sobre as regras de Higiene, a sala estava sempre cheia, aquilo para as pessoas era uma coisa diferente, era uma novidade “Olha! Lá vem a Prof^a Marília, lá vem a Dr^a Zezinha”, aquilo era assim, era quase um Deus que chegava lá, sempre que chegava alguém de fora, era sempre muito bem recebido (...)

[Acha que o PIDR provocou mudança na vida das pessoas?]

Eu dizer que provocou mudança, não posso dizer, eu não sei, porque nós sabemos que lá nos montes há condições muito adversas, se elas aprenderam determinadas coisas, se elas sabem melhor certos assuntos que fazem parte da sua vida, se elas aprenderam corte e costura, se aprenderam artes decorativas, se aprenderam a ler e escrever, foi um enriquecimento para elas, agora se isso mudou significativamente a vida das pessoas, não sei. Também, não foi por aprender Arraiolos, bilros ou corte e

costura que ela vai montar uma empresa ou que a vida lhe vai mudar, porque sabemos que não. No entanto, eu sei que várias pessoas ali de Furnazinhas, que nós organizávamos as festas de artesanato em Castro Marim, havia uma comissão concelhia, e, nós fazíamos parte dessa comissão que organizava essas festas, e, muitos artesãos passaram a viver disso. Porquê? Porque sabíamos onde as pessoas estavam, íamos aos montes e ouvíamos “ Olha fulano faz cestos, olha fulano faz fundos de cadeira, olha fulano faz não sei quê, o outro cose albardas”. Íamos à procura das pessoas e falávamos com elas. Tínhamos o registo de todos os artesãos. Quando havia uma exposição ou uma festa de artesanato convidávamos estas pessoas para irem vender os seus produtos. Ainda hoje, à festa de artesanato de Castro Marim, vêm, ainda, algumas destas pessoas que nós convidávamos, que nós descobrimos quem elas eram, o que é que elas sabiam fazer. Fomos nós que começamos, pertencíamos a uma comissão concelhia, que éramos nós, era um representante da Câmara, acho que era o Zé Luís, e não me lembro de mais ninguém, fomos nós que fizemos a 1ª Festa de artesanato de Castro Marim que, depois, nunca mais parou. Quando deixámos de fazer, foi a Câmara que deu continuidade. Há pessoas que não têm outro rendimento, para além da reforma, são pessoas velhotas, mas, o outro rendimento que tiram é, exatamente, de ir a esta festa de artesanato e de ir à outra e de ir à outra. É uma forma de ganharem mais um dinheirinho. E, fomos nós que as descobrimos e as começamos a convidar, elas diziam “ Ai! Mas eu não sei se vale a pena” “ Eu tenho um tear tão velho, aquilo está cheio de caruncho” E, algumas começaram a ir, ainda este ano, em Julho, acho que é Julho, que há a festa de artesanato, essa senhora estava lá com o dito tear, velhinho, com o linho, com as peças de bater o linho, essas coisas (...) o problema do nordeste era e é a desertificação, o envelhecimento das pessoas, a falta de emprego para os moços, para os jovens, acho que a educação de adultos não resolveu esse problema, acho que fez muito pouco, mas, para as pessoas, acho que sim, a educação de adultos foi bom para as pessoas, principalmente, as que estavam mais isoladas. Castro Marim está perto de Vila Real, aqui as pessoas podiam ter outras condições, no entanto, elas encheram os nossos cursos, mas, podiam sempre ter outra alternativa, agora as pessoas dos montes, se não fossemos nós, iriam continuar abandonadas naqueles ermos (...) Acho que foi benéfico para as pessoas, elas viram enriquecidos os seus saberes, tiveram um maior enriquecimento pessoal e, pelo menos, naquele tempo, foram mais felizes, isso eu acho. Para a sua vida do dia-a-dia, acho que foi muito importante,

então, aquelas pessoas lá do monte, aprenderam a coser, a trabalhar à máquina, a fazer uma saia, a fazer um vestido, uma bata, um bibe para o filho, sei lá, tanta coisa que podia ajudar à economia doméstica. Aprenderam, a parte dos arraiolos, a fazer um tapetezinho para pôr lá em casa, um quadrinho. Estas pessoas do artesanato, que antes já não faziam nada daquilo, por exemplo, um senhor que eu conheci, que fazia fundos de cadeira, e, eu soube que fazia fundos de cadeira, porque na conversa que eu tive com ele, acabou por dizer “ Ai! Antes ia à beira do rio e apanhava atabua e fazia os fundos de junça ” E, eu perguntei” Então como é que isso se faz”. E, ele, lá esteve a explicar-me como é que se fazia, claro que eu não aprendi nada, mas, mais ou menos lembro-me da nossa conversa e quando foi da Festa de artesanato eu disse à Marília “ Olha lá Marília eu conheço um senhor que diz que fazia fundos de cadeiras em junca, diz que está um pouco esquecido, seria melhor irmos lá falar com ele outra vez” Assim fizemos, e o homem lá começou, outra vez, a fazer aquilo e ainda continua a vir a Castro Marim, em Julho, à feira de artesanato com as cadeiras com os fundos em junça (...) Mas, este trabalho com os artesãos foi possível porque nós conhecíamos muito bem o concelho, corríamos o concelho todo por causa dos cursos e, depois, ainda tínhamos as bolseiras, elas também, faziam o levantamento nos montes onde estavam a dar o curso. Elas ou eram de lá ou estavam lá a morar, era normal que conhecessem, também, os artesãos que lá havia. Nós conhecíamos porque a Rosa esteve lá no Azinhal, na Telescola, conhecia os pais dos alunos que eram daqueles montes todos à volta e eu, também estive dois anos na serra, morando dia e noite, por isso era normal que conhecesse aquela gente dali. A Marília também é do concelho, também tem família no monte e corria aquele concelho todo por causa dos cursos, nós cobríamos o concelho todo. Quando foi para fazer a festa do artesanato, nós as três conhecíamos muitos artesãos e uns levavam aos outros, foi assim, fizemos uma lista com, praticamente, todos os artesãos do concelho. Depois, aqui a Associação Cultural de Vila Real de Stº António, quando se formou, pediu-nos o contacto desses artesãos que agora, não vão só às feiras de artesanato de Castro Marim, vêm às feiras de artesanato de Vila Real, que são todas as semanas, todas as 3ªs feiras, vão a Monte Gordo que são todas as 5ªs feiras. Quer dizer, estas pessoas acabam por viver também do artesanato, as mantas, as mantas de trapos, as meias de 5 agulhas, os crochês, os cestos, os quadros de escama de peixe, as pinturas, os casacos de malha (...) A educação de adultos acabou, mas, felizmente as feiras de artesanato não pararam e estão um pouco na moda, graças ao trabalho de associações

culturais que forma aparecendo e à Câmara. As Câmaras daqui, de Vila Real e de Castro Marim têm tido um papel importante (...) E, no tempo em que estive na coordenação concelhia também, teve um papel muito importante, colaboraram sempre connosco. O Zé Luís estava sempre disponível e, depois, havia lá um senhor na Câmara, que era marido da D. Alméria, o senhor não era vereador, mas, era lá um assessor, não tinha, assim, lá muita coisa para fazer e o Zé Luís pedia-lhe, sempre, para ele nos acompanhar, quando íamos fazer a ronda pelos cursos, assim, não precisávamos levar os nossos carros. Quando íamos falar com os artesãos era este senhor que nos levava no carro da Câmara, íamos ver os CEBAs, à noite, ele estava sempre disponível par nos levar. A Câmara era uma boa ajuda, também, com as fotocópias, nós íamos lá, entrávamos e tirávamos, pagava as bolsas, as despesas com os artesãos quando era a feira do artesanato, nós é que fazíamos as contas às despesas, às horas que eles lá estavam, e, depois, eles é que passavam o cheque. Nas feiras de artesanato, nós é que fazíamos o orçamento e a Câmara pagava, nas exposições, se precisávamos comprar alguma coisa, comprávamos em nome da autarquia, se era preciso a biblioteca, eles cediam, sempre, se era preciso enfeitar, comprávamos o que precisávamos. A Câmara dava todas as facilidades. E o Zé Luís estava sempre muito próximo, sempre, muito acessível e disponível para nos resolver problemas, mas, acho que ele, também, tinha uma certa sensibilidade para o trabalho que nós fazíamos. O presidente dessa altura, era o Zé Guilhermino, parecia uma pessoa pouco acessível, não sei, até podia não ser, nunca tive uma opinião como tive do Zé Luís, era uma pessoa com um ar mais afastado, mais distante (...) A Câmara era um bom parceiro, mas, não sejamos ingénuos, eles tinham muito interesse no nosso trabalho, porque, tiravam dividendos políticos, ai tiravam. Quando nós íamos, no carro da Câmara, muitas vezes, com o assessor do senhor presidente ou do senhor vereador, que eu não sei de quem era ele assessor, claro que éramos identificados com a Câmara. E quando nós convidávamos para as exposições que emitiam o chequezinho, quem pagava? Quando era o encerramento dos cursos que convidávamos alguém da Câmara e, eles iam sempre. Claro, claro, até parecia que estavam sempre em campanha. Era, o toma lá, dá cá (risos) (...)

[Acha que o facto da coordenadora concelhia ser da mesma cor política da Câmara, isso ajudava?]

Isso não sei, não posso garantir, mas, se calhar, sim (...) Eu nunca liguei muito a essas coisas da política partidária, essas questões mais políticas, eu não me envolvia,

porque a Marília é que era a coordenadora, ela é que ia às reuniões, eu gostava de fazer coisas, de organizar, de estar com as pessoas, de fazer os levantamentos. Fizemos um grande levantamento fotográfico de atividades que estavam a cair em desuso, fizemos um álbum com imensas fotografias, que estava muito giro, mas, eu não sei que caminho é que isso levou. Fizemos o ciclo do linho, o ciclo do pão, dos fornos antigos, dos teares antigos, nós tínhamos um registo muito grande disso. Nós tínhamos uma preocupação muito grande a este nível de recolher, de registar, mas, é claro, aquilo nunca serviu para nada, porque, nenhuma de nós se lembrou de publicar aquilo, nunca chegámos junto da Câmara “ Olhem lá, temos aqui este trabalho de levantamento aqui do concelho, não querem publicar?” A Câmara publicava muitas vezes, coisas sem interesse nenhuma, com pouquíssima qualidade, se calhar, aquela recolha que nós tínhamos e que era própria daquele concelho, era um levantamento de como as pessoas viviam, de como viveram há não sei quantos anos, registo de instrumentos que ainda existiam, se calhar, também tinham publicado. As minhas colegas nunca se lembraram disso e, eu, também, teria para aí 26 ou 27 anos e essas coisas, na altura, não me ocorria, quando fui para a educação de adultos, também, era, ainda, muito moça (risos), se calhar, também, não pensei nisso. Íamos juntando, estava ali o álbum e íamos acrescentando os registos que íamos fazendo, as fotografias, os textos, não sei quê e acabou tudo por se perder (...)

[A Rosa está com um ar cansado, para acabar a nossa entrevista diga-me o que foi mais significativo para si na educação de adultos]

Muita coisa, mas, olha, uma coisa que eu não falei, foi quando houve cursos diferentes, nós fomos trabalhar a recibo verde, quando foi dos cursos do Fundo Social Europeu e, depois, a seguir, eram cursos do Prodep, nos fizemos um curso de Puericultura, lá em Castro Marim, onde estiveram aquelas moças que foram nossas alunas no supletivo noturno e outras de alguns montes que também vieram para o curso, vieram de Monte Francisco, havia uma da Junqueira, havia outra do Rio Seco, portanto eram moças que tinham aí o 5º ou o 6º ano e não tinham feito mais nada. Havia vários professores, havia Drª Zézinha do Centro de saúde, havia uma educadora de infância, havia uma série de professores, havíamos nós, mas, o curso foi criado, mas não tinha um currículo e nós é que tivemos que o fazer. Por acaso foi interessante fazer esse currículo, porque, entre nós, eu dizia à Rosa “ Como é que fazemos isto eu não sei nada” “Vamos fazer isto, vamos pesquisar” Mas, nessa altura não havia net, hoje seria muito mais fácil, mas, naquele tempo, não, a gente ia

procurar em livros, fomos à biblioteca, eu sei lá o que corremos, lembrei-me “ Eu no Magistério fiz um trabalho sobre Puericultura” e lá fui ver o trabalho que tinha feito. Andámos e conseguimos construir um currículo para aquele curso para enviar para Lisboa, que aquilo tinha que ser aprovado. Eu não sei se conte o resto da história, se não (risos) (...) então, eu e a Rosa fizemos, fartámo-nos de trabalhar naquilo. A Marília é que assinou o trabalho e tinha que indicar quem é que tinha feito o currículo, indicou a Dr^a Zézinha, deve ter achado que ficava melhor dizer que tinha sido uma doutora do que as colegas. Ora, quem recebeu o pagamento daquele trabalho foi a Dr^a Zézinha, que com esse dinheiro foi comprar uma mala toda em pele. Nós, quando fizemos aquele trabalho nunca pensámos que seria pago, depois, a Rosa, disse “Vês, nós andámos aí trabalhando enfiadas nas bibliotecas e olha, fizemos figura de parvas, a Dr^a zezinha foi a Lisboa e comprou um malão de pele, com o dinheiro do nosso trabalho” (risos). Eu disse “ Deixa lá”, mas, a Rosa ficou muito aborrecida com aquilo. Eu era mais jovem, não ligava muitos a essas coisas, de a Dr^a Zezinha se ter aproveitado do nosso trabalho, ou mesmo, Marília, agora, a Rosa, que era mais velha não achava piada a certas coisas e ficava um bocado irritada. Mas, portanto, o que eu mais gostei na educação de adultos foi dos cursos que organizámos do Prodep, Puericultura e Alimentação e Restauração, em que trabalhávamos com jovens, já com alguma formação e dava para fazer coisas muito giras com eles. No curso de Alimentação e Restauração, o programa já vinha feito e eu dei Higiene e Segurança no Trabalho, gostei muito da experiência, gostei, porque, não eram crianças nem velhos, eram jovens entre os 16 e os 20 anos, alguns já trabalhavam, com experiências que depois utilizávamos nas aulas, eram jovens muito interessados, activos, queriam sair. Dei uma disciplina que era ligada ao Ambiente, fomos à Reserva, fizemos visitas ali no concelho, mesmo, eles pediam para sairmos da sala de aula, foi muito giro. Eu, nessa altura, tinha uma carrinha grande, uma Mitsubishi, de 9 lugares, eu metia lá a malta quase toda e lá íamos. Agora não iria, mas, naquela altura, ia, nem pensava nas consequências se corresse alguma coisa mal. Lá íamos para o meio do Sapal, ver e fotografar e fazer registos. Chegámos a fazer muito mais horas do que aquilo que o curso tinha. O curso funcionava numa sala, no quintal da Junta de Freguesia, e nós acabávamos por ficar lá, mesmo, depois da hora, a fazer trabalhos de grupo, a fazer cartazes com as fotografias, a escolher, a colar e coisas assim. Eu gostei muito, muito, mesmo muito destes dois cursos. Mas, gostei ainda mais do de Puericultura porque o de Alimentação e Restauração eram

peessoas que tinham saído dos CEBA's e, então, tinham menos capacidades e menos conhecimentos que as moças do curso de Puericultura, era mais difícil fazer os trabalhos e não dava para inovar tanto como com as outras mocinhas, eu acompanhava-os sim, mas muito trabalho era à base da oralidade, tinham muita dificuldade em escrever. A parte prática funcionava na Praia Verde, no antigo Restaurante, que agora já não existe, e eu, muitas vezes, cheguei a ir para lá com eles. Esta foi a minha melhor experiência, foi o que mais gostei. Mas, também, gostei de ter feito alfabetização e ver resultados de pessoas que completaram o 4º ano, muitas pessoas, muitas delas, trabalhavam na Câmara, pessoas aí na casa dos 40 anos. Isso, também, foi uma experiência compensadora. Eram pessoas que não tinham o 4º ano e como precisavam, elas esforçavam-se para conseguir e conseguiam. Estas pessoas já tinham andado à escola, já sabiam qualquer coisa, tinham feito iniciação, conheciam as letras, como já tinham conhecimentos anteriores e, depois, esforçavam-se e conseguiam aprender. Depois fazíamos aqueles exames, as coisas corriam muito bem, as pessoas conseguiam fazer o 4º ano, era uma festa, ficavam muito satisfeitas. Depois, havia, também aquelas pessoas com mais idade que tinham muita dificuldade, até apegar num lápis, havia um senhor da Câmara, este mais velho que, cada vez que, pegava no lápis, trás, partia logo a ponta, não conseguia escrever. Pronto, eram pessoas, faltava-lhes ali alguma sensibilidade, uma parte da motricidade que não estava desenvolvida, levavam não sei quanto tempo para desenhar uma letra, tinham muita dificuldade em aprender. Às vezes, aprendiam algumas frases, conseguiam memorizar, mas não liam textos, era mais fácil contar, aí não tinham muitas dificuldades, eu usava casos práticos, ainda não havia o LIDL, nem os Supermercados, mas, quando ia a Lisboa, ia ao Jumbo e trazia aqueles folhetos da publicidade, olha, isto aqui custa tanto, aquilo, custa não sei quê, eu tinha fotocópias das notas que tinha trazido do Monte Francisco e dizia “ Vejam lá, com esta nota, quantas coisas podemos comprar” Era assim, que fazíamos a matemática, fazíamos estes raciocínios e as pessoas gostavam, levando para coisas práticas. Agora, com a Língua Portuguesa era muito mais difícil (...) Uma vez tive um bêbado num curso que era sempre a primeira pessoa a chegar que me dizia “ Vim mais cedo para a senhora professora não ficar aqui sozinha”, porque a escola de Castro Marim ficava num descampado, não tinha ainda aquelas casas à volta que tem hoje e ele chegava e dizia “ Venho para lhe fazer companhia”, pronto, ia sempre bêbado, nunca aprendeu nada, tive a “Catarina maluca” de Castro Marim que ia e só fazia asneiras e as outras

peessoas diziam “ Ela está aqui porque você a deixa estar, não devia deixar que ela é maluca, agente quer aprender ela não deixa” Algumas não aprendiam quase nada, andavam lá, mas tinham muita dificuldade, a idade não perdoa, elas tinham muita dificuldade, não aprendiam, mas queriam fazer, estavam sempre a pedir fichas e mais fichas. Elas levavam ali ta, te, ti, to, vu, va, ve, vi,vo ,vu, mas, depois, eram incapazes de juntar as sílabas para formar palavras novas, chegávamos a andar ali o ano inteiro e não saía nada, não passavam dali. Outros grupos sim, não tiveram problemas e aprenderam, aprenderam, havia pessoas que gostavam de lá ir, faziam o 4º ano e, mesmo assim, continuavam a lá ir, gostavam de lá estar, “Ai gosto tanto de ouvir isso que a senhora está a falar” “Ah, explique lá melhor”, gostavam de participar e depois contavam histórias. Mas, aquele outro grupo, era muito complicado, tinha a tal Catarina, era a mais nova do grupo, ia sempre, mas, tinha um défice mental, dizia muitos palavrões, não fazia nada, metia-se com as outras, chamava nomes, só disparates, provocava as outras “ Mas porque é que você deixa estar esta moça aqui?” “Se fosse a si já a tinha posto fora”. Todos os dias a mesma conversa, até que um dia disse-lhe “ Olha lá Catarina as pessoas não gostam que tu cá venhas porque estás sempre a perturbar, tu, agora, deixas de vir, já não vens mais, que eu não quero”. A Catarina, murcha, foi-se embora, deixou de vir, passados três ou quatro dias “ Oh professora, a Catarina também é filha de deus, deixe vir a Catarina outra vez” “ Mas, vocês é que não querem, estão sempre a queixar-se da Catarina” “Ah, mas ela devia voltar a vir” Não é que, lavaram a Catarina, perfumaram, vestiram roupa lavada e levaram de volta para a escola (risos). E a Catarina lá foi, igual, a dizer palavrões, a chamar nomes às pessoas, mas, pronto, o que havíamos de fazer. As pessoas não aprendiam, mas, enquanto estavam ali, estavam felizes, não aprendiam a ler, mas, gostavam de ouvir falar de acontecimentos, de coisas da vida, muitas vezes, acabava por levar um livro e ler passagens do livro, havia uma que gostava muito da Bíblia, mas, eu não gostava muito (risos) (...) [**Obrigado Rosa, marcamos encontro para daqui a uns tempos**].

ANEXO 3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Análise das entrevistas narrativas – Entrevista 1

Categorias	Análise	Excertos
Sensibilização para criação dos cursos de alfabetização	Utilizavam-se várias estratégias, mas a mais eficiente era deslocar aos montes para falar com as pessoas e também com as professoras primárias para identificar quem eram os “pais analfabetos”	“Os professores sabiam quais eram as crianças que os pais não sabiam ler. Fizeram listas” “Dizer-lhes que havia cursos de alfabetização que estavam disponíveis para quem quisesse aprender a ler e escrever e que poderiam muito bem aproveitar no sentido de depois poderem apoiar os seus filhos nas tarefas escolares”
Estórias com História	Os relatos das estórias ajudam a compreender o contexto, mas também a criatividade espontaneidade de algumas coordenadoras concelhias.	“Lembro-me de duas gémeas, uma delas era tetraplégica que andava numa cadeira de rodas (...) a dada altura recebo um telefonema dessa senhora que disse que se chamava Fernanda. Eu não a conhecia e diz-me assim «Oh professora então só as pessoas que têm pernas é que têm direito aos cursos de alfabetização? Estou numa cadeira de rodas não posso deslocar ao curso mais próximo, então não me pode mandar aqui ninguém que me possa ajudar? » (...) Bem, passei a ser eu a dar-lhe as aulas de alfabetização nos primeiros três meses, porque não tinha conseguido juntar ainda um grupo naquele monte para abrir um curso, para abrir mais um curso de alfabetização. Depois, comecei a andar de casa em casa, a conversar com as pessoas, a perguntar se não queriam juntar-se à Fernanda num curso de alfabetização, que os outros montes já, quase todos, tinham. Até que depois já diziam, «Estamos à espera minha senhora, estamos à espera» (...) Foi assim que começou o curso do Corte das Donas (...) Eu dei aulas à Fernanda durante aqueles meses, até que se abriu o curso de alfabetização (...). Fez o 4º ano (...) e participava nas visitas de estudo”
Importância da Alfabetização na perspetiva do educador	A alfabetização foi um trabalho muito importante que motivou grande satisfação pessoal e profissional.	“Foi um tempo muito bom, gostei muito desta experiência e para mim, o mais importante, o melhor que eu fiz foi a alfabetização. A alfabetização estava em primeiro lugar” “Aquela experiência foi de aprendizagens recíprocas (...) eu dava e recebia também, dava e recebia com todo o respeito, com todo o carinho e com toda a garra, e senti, sobretudo, que valeu a pena”
Importância da Alfabetização na perspetiva do educando	Algumas dos participantes nos cursos de alfabetização fizeram a 4ª classe e tentaram	“ Pelo menos a Gloria, o marido (...) a Angelina, e, pelo menos cinco pessoas dessas não me esqueço, cinco senhoras dessas mais novas, do primeiro curso, fizeram a 4ª classe e

	<p>continuar os estudos.</p> <p>A alfabetização constituiu um processo de conscientização que influenciou a vida de pessoas e comunidade</p>	<p>ainda foram frequentar o quinto e sexto ano do ensino recorrente”.</p> <p>“A alfabetização mudou mesmo as pessoas, mudou as vivências, mudou as experiências, mudou a maneira de pensar, mudou a maneira como se viam na própria comunidade. A alfabetização mudou a mentalidade, a maneira de encarar a vida”</p>
Os bolsiros	<p>No nordeste algarvio os bolsiros, na sua maioria, eram jovens do meio ou dele muito próximo e que conheciam as pessoas, estavam identificadas com a cultura local e que manifestavam muita disponibilidade e vontade de dar o seu contributo para dinamizar os cursos de alfabetização</p> <p>O mais importante era dar-lhes formação e acompanhar o seu trabalho</p>	<p>“Era um produto da terra, eram uma mais-valia e não eram estranhos (...) era um filho do monte como eles diziam, a aceitação era maior porque não era uma pessoa estranha”.</p> <p>“Jovens do concelho, estudantes do ensino secundário. Saíam de casa de manhã para Vila Real de Stº António, depois regressavam a casa e depois das suas tarefas escolares não tinham mais nada para fazer”</p> <p>“Depois de ter realizado algumas reuniões com estas jovens e as ter sensibilizado para a problemática da alfabetização e (...) perceber que tinham entendido os meus objetivos, que estavam sensibilizados para a tarefa da alfabetização, então propus à coordenação distrital que elas passassem a ser bolsiros.</p> <p>“O processo seguinte foi proporcionar Formação (...) elas não iam cair assim do nada para um curso de alfabetização. Era preciso terem alguma formação, era preciso serem preparados primeiro”.</p>
Experiência marcante para os bolsiros	<p>Um dos fatores que contribuiu para fixação dos/as jovens foi o casamento entre bolsiros e bolsiras</p>	<p>“As reuniões (...) convívios (...) ações de formação onde se ficaram a conhecer (...) Entre os monitores, houve muitos casamentos. Eu lembro-me, pelo menos de cinco ou seis. Estão todos vivos, gozam de boa saúde, têm filhos e continuam a viver no concelho”.</p>
Adultos educandos	<p>Entre os/as participantes, a maioria eram mulheres porque era a maior, a percentagem de mulheres analfabetas no nordeste algarvio. Nos primeiros cursos muitas mulheres sentiram-se motivadas a aprender para poder ajudar os filhos nas tarefas escolares.</p> <p>Numa 2ª fase aos participantes já eram mais velhos. A alfabetização, permitiu, a alguns educandos, passar de um estágio a outro de consciência, o que terá influência na qualidade</p>	<p>“A maioria eram mulheres (...) o nível etário estava compreendido mais ou menos entre os 30 e 40 anos, portanto era uma população muito jovem (...) que estava no analfabetismo (...) Algumas das mulheres tinham os maridos emigrantes”</p> <p>“Encontrei gente jovem analfabeta em todo o concelho (...) havia muita gente ainda jovem espalhado pelo concelho que não sabia ler nem escrever. Alguns porque tinham emigrado e depois regressado à terra, mas conformados porque quando regressaram não havia nada para fazer, não havia uma sala de cinema, não havia divertimentos, nada (...), não havia trabalho para jovens, não havia um espaço para gente mais jovem. Não havia nada. Mas a primeira coisa que me incomodou foi que aquelas pessoas eram encarregadas de educação e não podiam ajudar as crianças”</p> <p>“No segundo curso já eram mais idosos (...)</p>

	da sua ação	<p>aquelas senhoras com 60 anos, (...) em Alcoutim, uma pessoa com essa idade já se considerava um velho, aprendiam a ler e escrever, aprendiam a ler e escrever, mas não iam fazer o exame”</p> <p>” Os primeiros a frequentar os cursos eram precisamente (...) as mães que tinham os filhos a frequentar as escolas primárias, portanto, aquilo era praticamente em todo o concelho” (E 1).</p>
Funcionamento dos CEBAs	<p>O clima afetivo relacional era fundamental para o bom funcionamento do Curso</p> <p>A função dos CEBAs, foi privilegiar a aprendizagem, enfatizar o potencial de desenvolvimento das pessoas analfabetas, resgatar o seu sentido de participação e de reforço da cidadania</p>	<p>“Os CEBAs tinham esta particularidade de promover a amizade, o bom relacionamento entre as pessoas, o prazer de partilhar e de aprender, a integração social, através da criação de um ambiente agradável que se tornava muitas vezes festivo”.</p> <p>” Era uma coisa impressionante ver populações inteiras, naquele concelho, entregues a si próprias, apagadas (...) não conheciam os seus próprios direitos”</p>
CEBA – espaço intergeracional	Os CEBAs cumpriam as funções que iam muito além de ser um espaço onde se aprendia a ler e escrever, era também local de encontro intergeracional	“ E depois, os velhotes começaram a acompanhar também os filhos”
Sessões temáticas	Havia “temas dobradiça” (Freire, 1999, p. 16) importantes para abordar no âmbito das sessões temáticas, depois de se perceber que havia muita falta de informação a nível da educação sexual e do planeamento familiar	<p>”Era muito mais fácil os médicos e os enfermeiros deslocarem-se aos montes, através de nós, ainda que tivessem que usar os nossos cursos para isso”</p> <p>“Havia temas que eu não podia trabalhar porque não estava preparada para tal e então convidava um médico, ou uma enfermeira”</p> <p>Era importante que se sensibilizasse as pessoas mais jovens (...) que se fizesse planeamento familiar com os mais jovens (...) sensibilizasse as famílias mais jovens para a sexualidade, para os contraceptivos, porque tudo isso era uma coisa desconhecida, proibida, proibida, elas mulheres parideiras (...) que não queriam saber de nada disso, nada disso e meter-lhes na cabeça a elas e aos respetivos maridos que tínhamos que discutir todos juntos (...) quando eu tentava falar com as mulheres sobre isto nos cursos, nas primeiras sessões, aquilo era um bicho-de-sete-cabeças, tudo muito cheio de vergonha, era um tabu, tocamos nessas coisas (...) No princípio não queriam ir, mas depois comecei eu própria a ir buscá-las a casa, começaram a</p>

		ir e, realmente, eles é que passaram a ver que era uma coisa útil
Turismo social	Estas excursões visavam proporcionar novas oportunidades de lazer e de enriquecimento cultural de pessoas que por questões de isolamento e por razões económicas não tinham possibilidade de desfrutar desta atividade.	“A maior parte da população não tinha saído sequer do concelho de Alcouthim, nascia, vivia e morria em Alcouthim (...) sensibilizei a autarquia para isso que dava um apoio bastante bom (...) uma vez por trimestre saíamos, com cinco, seis, sete oito autocarros, juntávamos pessoas dos montes todos, de todos os cursos (...),e lá íamos nós, pelo país fora (...) tudo para as pessoas se inteirarem de como era o resto do país, também tinham direitos, tal como as outras populações portuguesas, também tinham direitos de conhecer, de ver”
Animação comunitária	Os CEBA's foram o pretexto para se iniciar um processo de intervenção na comunidade. Com refere uma coordenadora concelhia, antes de se iniciar a implementação dos cursos de alfabetização, as pessoas não conseguiam identificar determinadas necessidades	“As pessoas depois começaram a encontrar falta disto e falta daquilo (...) todas aquelas coisas que já tinham posto de parte porque pensavam que não lhes fazia falta à vida, eram adultos, com a vida feita, com as ideias fixas” (E1).
Parcerias	A articulação com outras instituições, com outras pessoas era fundamental pelas aprendizagens que proporcionavam aos coordenadores concelhios	”Aquilo era, para mim, uma alegria enorme eu sentir que, ali naquele isolamento da serra, que chegava alguém de fora, que o Alberto de Melo chegava, que a Priscila chegava, que vinha a Manuela, que vinha a Siv, que vinham com ideias novas. Ali, naquele cantinho do mundo, tínhamos acesso a coisas novas, estávamos abertos a novas ideias, foi um trabalho de parceria que, se calhar, fez com que as coisas avançassem. E avançaram”
Preservação do artesanato nordestino	Foram desenvolvidas várias estratégias de preservação do artesanato. A primeira ação foi identificar os artesãos. Numa 2ª fase foi estimular os que haviam cessado essa função, uma reiniciar a atividade	(...). Conseguimos que esse casal, a D. Senhorinha e o marido voltassem a fazer todo o processo do linho” (E1) E nós fomos, progressivamente recolhendo imagens da fase da sementeira, do apanho, do linho nas diferentes fases, no malhar do linho” “(...) processo de fabrico da lã, do fiar, do cardar (...). Também recolhemos e também identificámos os artesãos que, nessa altura, faziam essa atividade da lã” Faziam as meias de 5 agulhas, quer em linha, quer em lã. As de linha era com produto adquirido, a lã não, a lã era produto da zona”
Recuperação do sentido festivo	Os adultos educandos e a própria comunidade foram estimulados a recuperar o lado festivo	“Era uma obrigação minha haver festas” “Havia aquele lado da festa, a recuperação do espírito de festa, as pessoas gostavam muito dos convívios, no final dos cursos, no final do

	<p>que existia e estava em estado latente</p> <p>Estes momentos eram muito importantes para as pessoas, no sentido de proporcionarem satisfação pessoal, bem-estar psicológico, alegria, prazer em conviver.</p> <p>Esta prática festiva era comum a todos os CEBAs e era uma forma de abrir o Curso à comunidade. Quando havia festa no Curso, as pessoas juntavam-se e confraternizavam</p>	<p>ano, no Natal, havia sempre uma festa.”</p> <p>“Quando havia festa no Curso, as pessoas juntavam-se e confraternizavam “Era uma sessão de convívio (...) ia toda a gente, os do curso, da família, vizinhos, era uma autêntica uma festa, as pessoas juntavam-se todas, cada uma levava a sua coisa, pareciam casamentos ou batizados, naquelas mesas havia de tudo um pouco”</p> <p>“Era uma sessão de convívio (...) ia toda a gente, os do curso, da família, vizinhos, era uma autêntica uma festa, as pessoas juntavam-se todas, cada uma levava a sua coisa, pareciam casamentos ou batizados, naquelas mesas havia de tudo um pouco”</p> <p>“Tudo era pretexto para a festa, para o convívio, para a poesia, para os cantares. Que aquela zona, embora seja uma zona que pertence ao Algarve, mas, de Algarve tem muito pouco, tem mais características de Alentejo que de Algarve. Os cantares daquela zona são, essencialmente, os cantares alentejanos”</p>
Cursos socioeducativos	<p>Estes cursos eram uma alternativa à alfabetização e pretendia recuperar algumas artes artesanais em vias de extinção para além de contribuir para economia doméstica e criar um espaço de convívio e interação na comunidade</p>	<p>“Em Balurcos havia o curso de alfabetização e os socioeducativos. Tivemos lá um ateliê, eram quatro atividades, tecelagem, cestaria, corte e confeção e olaria, mas depois deixámos de ter o curso de olaria porque o oleiro faleceu e ficamos só com a tecelagem, a cestaria o corte e a confeção”</p>
Animação sociocultural	<p>A animação sociocultural era uma atividade importante de animação comunitária e complementava o trabalho nos CEBAs. Eram atividades abertas á comunidade</p>	<p>Lembro-me (...) deixaste uma máquina de filmar na coordenação concelhia, com mais uns filmes e ensinaste a mexer com a máquina. Enquanto tivemos cá a máquina de projetar fazíamos as sessões todas as semanas, ora em Martinlongo ora em Alcoutim, e mesmo em Balurcos, Corte das Donas, Vaqueiros” (E1).</p>
Perceção sobre os Efeitos da ação de E.A.		<p>“As coisas hoje estão um bocadinho diferentes (...) o que vemos, o que foi criado, teve o embrião na educação de adultos (...). A essência de uma certa mudança esteve, um pouco, no nosso trabalho. As pessoas mudaram muito, as pessoas saíram de casa, habituaram-se a participar, a conhecer coisas novas (...) a viverem a vida de um modo um bocadinho mais feliz”</p>

Análise das entrevistas narrativas – Entrevista 2

Categorias	Análise	Excertos
O nordeste algarvio	Zona em vias de desertificação com elevados índices de analfabetismo	“ (...) pirâmide etária completamente invertida, população muito envelhecida. O nível de analfabetismo era um dos maiores do país, aquilo eram 580 Km2 que tinha 3 habitantes por Km2, portanto, naquela altura a desertificação já era um problema”
Sensibilização para a criação e CEBAs	Utilizavam-se diferentes estratégias. Uma delas era a campanha boca a boca	“Fiz uma campanha porta a porta e, aí, as pessoas já me conheciam, eu tinha casado com uma pessoa da terra (...) coloquei inscrições nos cafés, nos lugares para onde as pessoas passavam”
Coordenadoras concelhias	Era conhecida a dinâmica das coordenadoras concelhias no nordeste algarvio. Funcionavam como agentes de desenvolvimento.	“Aquela mulher tinha uma força que era uma coisa incrível. Ela chegava ao monte (...) e ela com uma buzina, um “corno”, chamava as pessoas (...). Ela chegava e aparecia toda a gente, ao chamamento (...). As pessoas aderiam, que era uma coisa giríssima”
Cursos de Alfabetização	Alcoutim foi o concelho que registou maior número de participantes e de cursos, no ano de 1989. Para tal, terá contribuído o trabalho da coordenação concelhia que insistiu na mobilização de participantes para os cursos de alfabetização em montes e lugares que ainda não haviam aderido este movimento.	“Até em Alcoutim houve, depois, curso de alfabetização. Afinal descobriu-se que havia analfabetos em Alcoutim”
Funcionamento dos CEBAs	A relação educativa era caracterizada pela adequação dos métodos e técnicas às características das pessoas	”Ensinar aquelas pessoas, aqueles idosos, com os dedos marcados pelo mato (...) os dedos eram tão grossos que nem conseguiam pegar no lápis (...) o trabalho deles era apanhar mato, estava, anos inteiros dobrados” “Porquê utilizar os lápis de carpinteiros, porque eram grandes, feitos de madeira seca e assim eles conseguiam segurar (...) Uma pessoa dar um lápis da “Minie “ou do “Pateta” a um idoso daquele (...) é como estar a ensinar um idoso o piu piu pia. Isto é ridículo, ridículo. Isto é imbecilizar a pessoa, a educação, tudo”).
Recolha de tradição popular	Um primeiro objetivo foi utilizar no próprio curso as recolhas que funcionaram como conteúdos de	“Todas as bolseiras fizeram nos seus CEBAs recolha de lengas lengas, provérbios, mezinhas, receitas, orações, aquilo foi uma coisa fantástica” (E2).

	<p>aprendizagem. Um segundo objetivo era valorizar os saberes das pessoas dignificando-as em vez de as confrontar com os não saberes. O terceiro objetivo era transcrever esses dados e organizá-los transformá-los em Documento para que pudesse ser preservado no futuro.</p>	
Recuperação do sentido festivo	<p>Os momentos festivos, tinham quase sempre música acompanhada de baile, muitas vezes, abrihantado pela presença de um artista local que vinha a título gratuito, ou com “cachet” que era suportado pela autarquia</p> <p>Os momentos festivos eram vividos por toda a gente</p>	<p>“Era ver as velhinhas a dançar que era um pagode, elas não precisavam de homem, dançavam umas com as outras, os homens ficavam a ver, de vez em quando havia um ou outro mais destemido que também dançava. Era uma verdadeira animação (...) aquelas pessoas perdidas lá no meio do monte, também tinham direito ao seu momento de festa”</p> <p>“Aquilo unia o monte todo e depois era assim, uma coisa muito interessante que era, depois da sessão havia sempre festa, havia um acordeão e uma festa rija de comes e bebes. Era sempre assim aquilo era um convívio”</p> <p>“Havia sempre alguém que tocava um acordeão, alguém que cantava, que dizia versos, alguém que tocava uma harmónica (...) também havia bailarico, era ver as velhinhas a dançar que era um pagode (...) quando a alma rejuvenesce, quando há aquela alegria, isso é muito importante. Tudo é importante na vida e aquelas pessoas perdidas lá no meio do monte, também tinham direito ao seu momento de festa”.</p>
Sessões temáticas	<p>Também as sessões temáticas eram, muitas vezes, pretexto para dar azo ao espírito de festa. A Festa permitia quebrar o isolamento de muitas pessoas que viviam em lugares onde antes nunca acontecia nada</p>	<p>”Muitas vezes, vinham pessoas de outros montes assistir às nossas sessões, geralmente as salas estavam sempre apinhadas de gente, vinham os idosos, vinham os filhos, vinham os netos” (E2)</p> <p>“Era dia de festa no monte onde não faltava a música de acordeão e o lanche comunitário, “ (...) levavam o que tinham de melhor, apareciam os melhores paios, as melhores chouriças, o presunto, o pão caseiro, o vinho novo, os doces, as filhoses” (E2).</p> <p>“(...) porque o isolamento geográfico era tão grande (...) a noção de interioridade era tão forte que as pessoas viam-se abandonadas que, naquele dia era festa”(E2).</p>
Bolseiros	<p>Os bolseiros tiveram um papel determinante no processo de</p>	<p>“Era o presidente da Junta que me sugeria nomes de pessoas e depois eu falava com elas (...). E à primeira ou à segunda vez ficava</p>

	alfabetização. Eram agentes locais motivados e capazes de improvisar. Tinham grande sentido de ajuda, amizade e grande predisposição para a ação	logo com aquela ideia (...) de perceber se aquela pessoa (...) tinha condições para ser monitora de alfabetização.” “Aquele grupo de bolsistas de Alcoutim era espetacular, quando as conheci achei que era um grupo fantástico, não sei como é que este grupo apareceu, parece que foram escolhidas a dedo” “Viviam para aquilo. Mas o que mais me impressionava nas reuniões era o interesse delas em aprender” “Eram todas muito boas, eram espetaculares e depois eram muito amigas, havia ali muita amizade e também muito boa disposição, muita juventude (...) aquelas raparigas, aqueles rapazes, o que eles se divertiam e divertiam as pessoas com as suas brincadeiras, com a sua alegria Foi com esta vontade de fazer coisas que surgiu o primeiro rancho folclórico de Martinlongo, constituído na maioria por bolsistas nossas que tiveram essa iniciativa. Aquelas moças todas, moças muito ativas que havia”
Reuniões de acompanhamento sistemático	As reuniões de acompanhamento eram os momentos privilegiados para apoiar as bolsistas, construir materiais e refletir sobre o trabalho realizado. Era o espaço privilegiado de Formação permitia desenvolver uma postura de questionamento face ao saber e aos contextos sociais da sua aquisição e transmissão, através da reconstrução de	“Nas nossas reuniões tudo isto era discutido (...) Reuníamos na coordenação concelhia (...) Aquele grupo de bolsistas era espetacular, quando as conheci achei que era um grupo fantástico, não sei como é que este grupo apareceu, parece que foram escolhidas a dedo” “A princípio as monitoras tinham muita dificuldade, mas depois aprendiam” Eu procurava acompanhá-las (...) colocavam questões sobre a forma como ensinar os adultos”
Experiência marcante na vida dos bolsistas	A experiência como bolsistas marcou a vida de muitos destes jovens e para alguns determinou o seu trajeto de vida O trabalho na área da educação de adultos, parece ter sido uma boa vitrina para potenciais empregadores. A visibilidade, o	“Aquilo passou a fazer parte da vida, do passado de cada uma daquelas bolsistas. Aquilo não foi algo que passou por elas assim sem mais nem menos, aquilo deixou muitas marcas. Mas, marcas boas. Tudo aquilo foi muito importante na vida do nordeste algarvio” “Organizaram cá a vida delas. A Câmara ainda deu emprego a uns quantos bolsistas e outros continuam cá, no Lar, nas associações (...) juntas de freguesia, associações de desenvolvimento local, nessas cooperativas

	dinamismo, o conhecimento sobre o meio, o respeito pelas pessoas, a facilidade de relacionamento, a consciência sobre os reais problemas das comunidades parecem ter constituído prova da capacidade de trabalho destes jovens.	que têm surgido (...) outras foram trabalhar nos projetos da In Loco” (E2).
Animação sociocultural	O programa de animação sociocultural consistia num conjunto diversificado de atividades que englobou a comemoração de festas tradicionais, exposições de artesanato, ciclos de cinema, teatro, convívios musicais, encontros de poetas populares, noites culturais. Depois era momento de festejar.	“Naquele dia era festa na terra (...) tinha sentido, porque o isolamento geográfico era tão grande. Era e é. A noção de interioridade era tão forte que as pessoas viam-se abandonadas que, naquele dia era festa. As pessoas levavam o que tinham de melhor, apareciam os melhores paios, as melhores chouriças, o presunto, o pão caseiro, o vinho novo, os doces, as filhoses”
Ação intergeracional	A E.A. proporcionava a interação entre diferentes gerações sobretudo nas sessões temáticas e nas atividades de animação sociocultural	“Muitas vezes, vinham pessoas de outros montes assistir às nossas sessões. Geralmente as salas estavam sempre “apinhadas” de gente, vinham os idosos, vinham os filhos, vinham os netos. Havia festa no monte, aquilo puxava a família toda”.
Animação sociocultural	O programa de animação sociocultural consistia num conjunto diversificado de atividades que englobou a comemoração de festas tradicionais, exposições de artesanato, ciclos de cinema, teatro, convívios musicais, encontros de poetas populares, noites culturais. Depois era momento de festejar.	“As sessões de cinema tornaram-se bastante úteis (...).Eram outras aulas de alfabetização, de abertura dos horizontes das populações (...) ficámos a sentir necessidade de ter uma vez por mês uma sessão de cinema. Juntávamos uns quantos montes mais próximos para uma sessão de cinema” (E 2) ”Quando havia saraus, convívios, sessões temáticas, geralmente convidavam-se outros montes e lá iam as pessoas e as bolseiras as acompanhar”(E2).
Parcerias	Na parcerias entre a E.A e a RADIAL ambas as instituições beneficiavam na construção dos projetos	“ O Alberto de Melo, teve muito valor no trabalho que fizeram, mas eu acho que isto tudo vem da educação de adultos, aliás era a RADIAL que estava a colaborar com a educação de adultos, no princípio”.

	junto das comunidades e dos benefícios que daí resultavam para as comunidades	A RADIAL desenvolveu aqueles projectos, como os bonecos de Juta em Martinlongo, porque tinha a educação de adultos como parceira. Como é que a RADIAL chegou junto das pessoas? (...) Eu sei isto porque estava lá no nordeste, sabia o que se passava”
Perceção sobre os efeitos da ação da E.A.	<p>As pessoas tornaram-se mais participativas e começaram a organizar-se e a reconhecer o valor do associativismo</p> <p>Também alguns artesãos continuaram a sua atividade devido à realização das feiras de artesanato iniciadas pela Educação de Adultos e continuadas pela Autarquia e pelas associações culturais que, entretanto, se constituíram no concelho de Alcoutim</p>	<p>“Essa senhora foi convidada pela Teresinha n vezes para dizer poesia e hoje já tem vários livros publicados (...) ela veio ainda no tempo da Teresinha (...). Essa senhora é uma pessoa culta, mas também ia às ações de educação de adultos que se organizavam em Balurcos (...) aquilo criou-se ali um dinamismo, criou-se ali uma força”</p> <p>“Tirámos as pessoas de casa, elas saíram do casulo, aprenderam coisas novas, fizemos tantas ações que as pessoas habituaram-se a ter coisas novas, a ter necessidade de novas formas de sociabilização, a conhecer novas valências, sentiram-se mais protegidas, a ter mais atenção, a ser mais críticas (...) Agora as pessoas estão mais acessíveis, aderem melhor às coisas e a saber que é melhor haver um centro de dia, haver uma associação do que não haver nada. As pessoas agora dão muito mais importância a estas coisas, a valorizar a cultura das pessoas. Agora valoriza-se muito mais a cultura”</p> <p>“E foi assim, durante as primeiras feiras de artesanato (...) Agora a feira de artesanato de Alcoutim, é uma coisa já grande, é dinamizada por uma Associação de Desenvolvimento Local, a Alcance e por um grupo de pessoas que formaram uma Associação que é a Moira”</p>

Análise das entrevistas narrativas – Entrevista 3

Categorias	Análise	Excertos
CEBAs	Os cursos funcionavam nos lugares mais dispersos da serra algarvia, onde as dificuldades de acesso eram significativas. Os espaços onde funcionavam tanto podiam ser numa escola primária ou na casa de um participante e com os recursos mais básicos possíveis.	“Eram uns 20 ou 30 Km de estrada má (...) era uma autêntica aventura. E quando chovia? Fazer aquele caminho era uma tortura” (E3).
Ação intergeracional	Nas atividades como sessões temáticas ou animação sociocultural reuniam-se três gerações	”Organizámos ciclos de cinema (...) Passávamos filmes não só em Cachopo mas também nos montes próximos (...) onde havia cursos de alfabetização. Eram abertos a toda população (...) a sala estava sempre cheia e aquilo ia a família toda, os adultos, crianças, os pais das crianças, ia o povo todo. As pessoas participavam em qualquer atividade que organizássemos” (E3).
Adultos educandos	As pessoas gostavam de frequentar os Cursos. Se estivessem motivadas e determinadas a aprender, aprendiam. Algumas mais velhas tinham mais dificuldades sobretudo na escrita	“Gostavam de ir ao Curso e era isso que de facto lhes dava incentivo, para não desistir e eles não desistiam (...) a força do monitor, a forma como o monitor se posicionava, como se relacionava com eles, como trabalhava (...) como orientava as sessões” “As pessoas aprendiam a ler algumas coisas, eram capazes de desenrascar-se, mas depois para escrever era muito mais difícil porque tinha de haver muito mais sistematização (...) maior prática, mais exercício e as pessoas não tinham vida para isso”
A educação de base	A Educação de base fazia-se através de várias atividades, não era só a aprendizagem da leitura e escrita. Contudo para os mais idosos aprender a escrever o nome era uma aprendizagem muito importante	CEBA era muito mais que isso. “Mas, para aquelas pessoas já era muito importante aprender a escrever o nome, era quase como tirar a 4ª classe. Para elas o problema estava quase resolvido porque o escrever o nome parecia ser a principal razão porque iam para o curso. Quando iam à Junta já não tinham que pôr a cruz em vez do nome”
Espírito crítico da comunidade	Nalguns montes as pessoas tinham um sentido crítico muito apurado. Nos CEBAs promovia-se o desenvolvimento desse sentido crítico	“No curso das Mealhas as pessoas eram muito incisivas, muito exigentes, muito imperativas. Levantavam muitas questões e gostavam que o presidente da Junta fosse visitá-los (...) Ele lá não podia falhar, estavam sempre com o olho sempre em cima dele (...) Sabiam os seus direitos. Enquanto nos outros montes as pessoas eram mais submissas, nas Mealhas eram mais críticas, mais reivindicativas (...) a

		relação entre eles e o presidente da Junta era quentinha, de vez em quando havia desaguisados. E, isso também acontecia porque no curso a monitora se percebia que havia algum problema no monte punha isso à discussão na sala de aula. Todos discutiam o assunto e, normalmente, chegavam a um consenso. Achavam ali a melhor forma de depois ir pôr a questão ao presidente da Junta e muitas vezes ele também ia lá ao curso e era «chamado à pedra» (...) havia uma assembleia no monte (...) para resolver o problema. As Mealhas era um caso particular, um monte muito exigente com pessoas muito exigentes. A monitora também influenciou isso” (E3)
Preservação do artesanato nordestino	Foi importante identificar os artesãos e sensibilizá-los para a produção. Daí decorreu a organização das primeiras exposições de artesanato Uma outra atividade de âmbito artesanal foi o apoio à criação e um curso socioeducativo sobre tecelagem que mais tarde se transformou numa micro empresa	“Nós descobríamos as pessoas através dos cursos de alfabetização (...). É claro que, tínhamos de ir lá falar com elas, duas, três, as vezes que fossem necessárias (...) Quando começaram a aparecer as exposições de artesanato com artesãos ao vivo, já nós tínhamos iniciado” (E3) “Uma Oficina em que as próprias mulheres que trabalhavam lá eram o motor quer como trabalhadoras, quer como empresárias. Para mim, ter vivido de perto tudo isto foi para mim uma experiência fabulosa que ainda hoje recordo com alguma saudade”
Parcerias	Com a parceria com a RADIAL foi possível concretizar o reavivar da arte da tecelagem. Estas parcerias eram muito importantes na perspectiva da construção de aprendizagens	“As parcerias com a RADIAL e com a autarquia local fizeram com que nós vivêssemos uma experiência do melhor que se possa imaginar que foi o renascimento da tecelagem que depois deu origem a uma oficina de tecedeiras onde se faziam mantas, panos, cortinados, os sacos de pão, os naperons ”
Exposições	A realização das exposições era uma boa estratégia de divulgação do artesanato e de estímulo dos artesãos	“Também nos preocupávamos em divulgar a arte local, os artesãos (...) Lembro de ter organizado a primeira exposição de artesanato em Cachopo com artesãos ao vivo, com artesãos que ninguém fazia a mínima ideia que existiam”
Animação sociocultural	O cinema foi uma das atividades realizadas durante este período do PIDR. Não o cinema dos grandes ecrãs mas aquele cinema “ambulante” que se levava de aldeia em aldeia, de monte em monte. As pessoas	. ”Organizámos ciclos de cinema (...). Passávamos filmes não só em Cachopo, mas, também nos montes próximos (...) eram abertos a toda população. Aliás, quando passávamos um filme a sala estava sempre cheia e aquilo ia a família toda, os adultos, crianças, os pais das crianças, ia o povo todo” (E3) “Quando organizámos uma sessão de teatro na casa do povo de Cachopo (...) eram nove horas

	apreciavam esta atividade assim como os ciclos de teatro	da noite e não havia ninguém na sala (...) A gente pensava que aquilo ia ser um fiasco (...) de repente, a sala encheu, não havia lugar nem para uma agulha (...) Era o teatro do Luís Aguilar, o Teatro Laboratório de Faro”
--	--	---

Análise das entrevistas narrativas – Entrevista 4

Categorias	Análise	Excertos
PIDR	O PIDR foi um projeto que permitiu realizar atividades que de outra forma seriam quase impraticáveis	“ Eu penso que o PIDR foi um projeto muito avançado para a época, que é o que nos falta hoje” (E4).
Parcerias	Esta entrevistada realça a uma boa relação pessoal e profissional com as pessoas da Radial e destaca as aprendizagens que construiu com base nesta parceria. Uma outra parceria fundamental foia Autarquia, instituição fundamental para o desenvolvimento das ações de educação de adultos	“Havia colegas que achavam que se estavam a aproveitar do nosso trabalho, que tinham certas manias. Mas eu acho que não, isso tudo depende da forma como encaramos a coisa” “ Nós já cá estávamos, no terreno, depois é que eles vieram (...). Eu aprendi muito com eles, vinham com outras ideias, tinham perspetivas diferentes” “Como precisávamos do apoio da Câmara, trabalhávamos muito em parceria (...) Eu tinha muito apoio da Câmara, não era possível fazermos o que fizemos sem a Câmara. A Câmara dava apoio logístico, pagava bolseiros (...) aquelas pequeninas festas que se organizavam, eles ajudavam sempre (...) Se era preciso pagar alguma coisa, lá íamos à Câmara, era preciso muito dinheiro, fotocópias, material para os cursos que precisávamos”
Bolseiros	Numa fase final do PIDR os bolseiros foram substituídos por professores que eram obrigados a lecionar os cursos e alfabetização	“Eu não tenho dúvidas que as bolseiras faziam melhor trabalho que muitos dos professores (...) eram colocados na alfabetização sem preparação nenhuma e pior do que isso, sem motivação, aquilo era uma obrigação”
Formação	O Seminário no início de cada ano para os novos agentes de educação de adultos era a primeira formação a que tinham acesso na área da E.A.	“Foi a primeira formação que tive sobre educação de adultos. Aquilo foi começar em grande, porque foi muito bonito (...) Abri-nos os horizontes (...) porque a filosofia de Paulo Freire não é só de educação, mas é muito sobre a vida.” “Havia de tudo, sessões de informação, debates, partilha de experiências (...) depois havia música e dança à noite, nós que éramos tão jovens, nunca mais me esqueci”
Acompanhamento Sistemático	O Acompanhamento sistemático era muito importante porque eram jovens sem qualquer formação pedagógica que precisavam de ser apoiados	“Eram jovens sem formação pedagógica, que estavam a ensinar pela primeira vez e quando precisavam, recorriam a mim (...) era a única professora” ”Eu ajudava-as, dava-lhes o material, esclarecia sempre que preciso, estava sempre disponível”
Experiência marcante	Esta experiência determinou o futuro trajeto de muitos bolseiros	“ Eu acho que a educação de adultos acabou por ser uma porta aberta para muitas jovens (...).Formaram-se na vida, como bolseiras (...) depois, foi o criar o gosto pela

		<p>formação, por lidar com as pessoas (...) E muitas jovens foram tirar cursos e conseguiram. Há muitas na área da informática, da enfermagem, da educação. No ensino há muita gente”</p> <p>No Nordeste há uma coisa que eu tenho grande orgulho. É a empresa dos bolos do Azinhal (...) Eu ajudei a criar aquela empresa (...) Criámos a PROVA que é a tal Associação de Mulheres que nasceu numa casinha velha e hoje já é uma grande fábrica de bolos, já são empresárias, com um grande nome no mercado”</p>
Cursos socioeducativos	Os Cursos socioeducativos de corte e costura tinham uma grande adesão entre as jovens mulheres pelo contributo que essa aprendizagem dava para economia doméstica.	<p>“Tive o primeiro curso socioeducativo de corte e costura em Castro Marim que, depois, fez uma passagem de modelos na Praia Verde (...) era um curso de mulheres ainda jovens que depois foram apresentar os seus vestidos. Teve jantar, teve prémios (...) Naqueles tempos fizeram-se coisas bonitas”</p>
Preservação do património cultural	Havia necessidade de se valorizar a identidade cultural tanto no ato de ensinar quanto no ato de aprender, no sentido de contribuir para uma prática educativa em que as pessoas se assumiam como sujeitos sociais e históricos. Este trabalho foi feito através de várias atividades no sentido de valorizar o artesanato e fazer reviver as tradições.	<p>“Tínhamos nas Furnazinhas um projeto de património histórico-cultural. Começámos a fazer levantamentos sobre artesanato, lendas, mezinhas, provérbios, sei lá, foi descobrir a cultura popular” (E4).</p> <p>“Fui eu que fiz a primeira feira de artesanato no castelo de Castro Marim, que depois a Câmara seguiu a ideia e todos os anos se faz. Já não sei em que edição vai, mas foi a educação de adultos que iniciou a feira de artesanato no concelho (...). Eu fiz os levantamentos dos artesãos dos concelhos, eu conhecia-os todos e convidava-os para a feira. No início era eu que levava muitos deles para a feira no meu carro (...) Toda a gente já conhecia o meu carro, quando chegava a qualquer monte vinham logo ter comigo. Não deve ter havido artesão nenhum do concelho que não tivesse andado comigo. Depois criou-se uma comissão, era a comissão concelhia de divulgação do artesanato, constituída pelo vereador do pelouro da educação da Câmara, por mim, por outras pessoas do concelho”.</p> <p>“Acho que há qualquer coisa de belo no reviver das tradições (...) Eu fui a primeira pessoa no concelho que fez a recuperação da Maia, fiz na Junqueira a primeira festa da Maia, depois de muitos anos que esteve esquecida esta tradição. As pessoas da Junqueira depois aderiram à ideia e passou a fazer-se esta festa”</p>
Efeitos da E.A. na comunidade	O trabalho em E. A. acabou por produzir	<p>“Depois de um curso socioeducativo (...) as pessoas começaram a reunir (...) chegaram à</p>

	mudanças nas atitudes e nas formas de organizar a própria vida em comunidade	conclusão de que tinham necessidade de ter um clube (...) Eu nunca na vida, passados estes anos todos, pensei que tivesse ficado uma semente e ficaram várias sementes no concelho de Castro Marim”)
Recuperação do sentido festivo	Toas as atividades tinham sempre um cheirinho a Festa. As pessoas gostavam e criou-se uma prática habitual.	“Aqueles encontros de acordeón (...) nós é que começámos a fazê-los em Castro Marim há 30 anos. De acordo com a época do ano, dias de festa, feriados, no encerramento de cursos, no final do ano, havia sempre uma festinha, música, encontros de poetas, baile, aqueles lanches que fazíamos (...) era uma festa no monte”
Animação sociocultural	Neste concelho a exemplo de outros a ASC incluiu ciclos de cinema e encontros de poetas populares. O ciclo de cinema decorria nos montes O Encontro era localizado cada ano numa localidade. Alguns poetas destacaram-se nestes Encontros, ao ponto de ver trabalhos seus publicados pela Autarquia	Eu andei de monte em monte a passar filmes com as máquinas de projetar e aquelas bobines, para sensibilizar as pessoas para os cursos (E4). As sessões de cinema também funcionavam como meio de complementar a dimensão educativa e cultural do trabalho realizado nos CEBAs Nós fizemos encontros de poetas populares, agora já toda a gente faz encontros de poetas populares (...) Havia aquele Encontro que se fazia anualmente (...). Mas eu também fazia no concelho. Em Castro Marim não havia só a Tia Rita, havia outros (...) Naquele tempo a Tia Rita é que chegou mais longe. A Câmara publicou alguns livros da Tia Rita, mas, depois, também, apareceram mais alguns” (E4).
Perceção sobre os efeitos da ação da E.A.	Esta coordenadora concelhia refere que a E.A. acabou por deixar a sua marca no terreno e influenciou as iniciativas que surgiram após o PIDR ter terminado	“O que fizemos teve consequências (...) acredito que muitas pessoas estão a voltar para o sítio onde nasceram e têm vontade de fazer ressurgir certas coisas que já existiram, que nós lançamos há vinte e tal anos e que depois foram desaparecendo (...) voltam para a terra e querem fazer aquilo que nós já fizemos. Isto é sinal de que deixámos a nossa marca” “ A Câmara de Castro Marim tem um curso de Arraiolos em Furnazinhas (...) passados tantos anos (...). E, têm feito outras coisas nos montes. (...) não sei se a iniciativa é do Gabinete de Cultura ou se são as pessoas que pedem”

Análise das entrevistas narrativas – Entrevista 5

categorias	Análise	Excertos
Estudo do Meio	A primeira coordenadora concelhia de Alcoutim integrada numa equipa multidisciplinar participou no Estudos preparatórios para lançamento do PIDR	. “Foi nesta altura em que entrei para a educação de adultos que foram feitos aqueles estudos, os levantamentos sobre analfabetismo, sobre artesanato, as tradições (...). Foi quando se começou com o PIDR”
Causas do analfabetismo	A deficiente rede viária e a falta de atratividade local, traduzida na falta de condições implicava que havia muitas escolas mas não havia professores que recusavam a trabalhar em lugares em lugares isolados.	“Havia mais escolas no concelho, havia bons edifícios, mas estavam fechadas porque não tinham professores (...) E, como eram lugares isolados os professores não queriam ir para lá, arranjavam todos os subterfúgios para escapar (...) Havia, inclusive, uma declaração (...) iam à Junta de Freguesia e diziam que não havia, naquele lugar, uma habitação condigna, a Junta passava a Declaração e os professores com base nisso, não ficavam lá (...) alojamentos naqueles montes, era difícil, o que havia era um casebre onde se podia ficar, nada mais”
Significado da Alfabetização para os adultos educandos	A motivação para a alfabetização era fundamental. As pessoas mais determinadas que queriam aprender a ler e escrever, o processo tornava-se mais fácil. Para muitas delas era o sonho de fazer a 4ª classe Para aquelas que nunca tinham frequentado a escola havia o receio de não conseguir transpor a barreira do analfabetismo. Nos montes não havia problemas de vergonha social sobre o “voltar à escola” ou ser analfabeto,	“Muita gente que se alfabetizou, eram pessoas que vinham voluntárias, não era preciso andar atrás dela (...) bastava fazer a divulgação e as pessoas iam” ”Foi a pessoa mais determinada que eu vi num homem que, aparentemente, parecia um homem tacanho (...) Na verdade enganei-me. Tinha uma sede tão grande de saber, de aprender, que fez a 4ª classe” Algumas destas pessoas apresentavam grande motivação para aprender,” (...) muitos tinham aquele sonho de ter a 4ª classe (...) Fazer a 4ª classe, aquilo era uma festa (...) foram muitos os que fizeram naqueles três anos, foi muita gente que se alfabetizou” (E5). “Esses que nunca tinham frequentado a escola (...) eram pessoas com uma autoestima mais baixa (...) não acreditavam muito neles (...) não acreditavam que pudessem voltar a aprender”. Naquela zona não havia o sentido de exclusão (...) e também não havia a vergonha social de se ser analfabeto, ninguém tinha vergonha de ir para o curso” Era mesmo uma primeira oportunidade, pessoas que tinham bastantes competências (...) aí dos seus quarenta anos, mais ou menos (...) que fizeram a 4ª classe (...) tinham adquirido algumas bases e muitos deles não deixaram a escola por falta de motivação, por problemas comportamentais, deixaram a escola porque tiveram de ir trabalhar (...)

		Nessas idades, praticamente todos fizeram o 4º ano em Alcoutim.”
Significado da Alfabetização para as educadoras de adultos	Este trabalho terá sido muito estimulante e gratificante. O contacto com as pessoas, o reconhecimento pelo seu trabalho, as aprendizagens realizadas. A possibilidade de conceder uma oportunidade às pessoas de elevarem os seus níveis educativos.	”Durante estes anos que fui coordenadora concelhia (...) a alfabetização (...) para mim teve um grande peso (...) foi uma alegria muito grande, um prazer que é indescritível, tu teres uma pessoa, com 50 anos que se fechou, que não conhecia nada e que, de repente, tem o prazer de ler” “ Não há dúvida que a alfabetização foi a maior riqueza (...) o poder ajudá-las (...) sentir que as pessoas gostavam de nós, que reconheciam o nosso trabalho, isso é a melhor retribuição que podemos ter, o reconhecimento das pessoas”
Recuperação do sentido de Festa	A festa estava sempre presente nas situações de fim de curso, sobretudo, para quem concluía o processo. Apesar de ser a concretização do sonho de um pessoa, toda a comunidade participava desse momento	“Quando era a entrega dos diplomas, era com pompa e circunstância. Aí éramos nós que organizávamos com o apoio da Câmara um pequeno beberete, com os pró-formas habituais, convidava-se o senhor presidente da Câmara, monitor, familiares (...). Mas, depois, a festa era no monte onde estava o curso, havia comes e bebes, música, toda a gente do monte aparecia para a festa” A entrega dos diplomas, era com pompa e circunstância (...) um pequeno beberete, com os pró-formas habituais (...) o senhor presidente da Câmara, monitor, familiares (...) Mas, depois, a festa era no monte, havia comes e bebes, música, toda a gente do monte aparecia para a festa”
Sentido de participação cívica	Nalguns montes as pessoas eram mais ativas, mais informadas e com maior consciência política. AS bolseiras estimulavam a discussão sobre as questões de cidadania	“Castelhanos é um monte da freguesia de Martinlongo em que havia uma grande carga política, um monte com grandes características de esquerda (...). Era gente mais velha, não era gente jovem, mas com muito sentido político
Bolseiras	Gente jovem que na sua maioria revelava grande determinação e motivação para trabalhar nos CEBA's	“Havia umas moças que eram excelentes, mas, havia diferenças entre umas e outras, porque, isto é assim, ou tu tens uma grande empatia, és uma pessoa que sabe estar, com facilidade de comunicação, o resto, depois, se fores um bocado inteligente, uma pessoa perspicaz” (E5).
Parcerias	As parcerias foram fundamentais para o desenvolvimento do Projeto. No caso dos cursos socioeducativos foi muito importante a apoio da RADIAL e da Fundação Sueca, a Van	“Houve, contactos com a Radial, com a autarquia, com a zona agrária, inclusive com fundações internacionais como a Van Lear (...) Deu-me uma outra forma de encarar as coisas” “Tivemos o curso de costura com a linha serrana, que foi criado na altura. Tivemos as rendas e bordados (...) A Siv ia muitas vezes

	<p>Lear nos cursos de rendas e bordados. Este Curso de Rendas e Bordados era apoiado financeiramente pela Educação de Adultos e por uma Fundação Sueca, a Van Lear que entrou neste programa através do Alberto de Melo.</p> <p>Estas parcerias também ajudaram as pessoas do Curso, as monitoras e a própria coordenadora a criar uma nova perspectiva sobre ao artesanato local.</p> <p>Relativamente ao apoio da autarquia, a sua colaboração em termos de recursos materiais e institucionais era fundamental</p>	<p>a Martinlongo. Reuni com ela várias vezes. A Siv foi uma grande impulsionadora (...). Na parte da comercialização, era a Siv que fazia as encomendas e levava lá para a Suécia”</p> <p>“Acho que foi o Alberto de Melo que levou a Siv ao nordeste. Parece que havia um protocolo entre a Radial e a Van Lear”</p> <p>“Nós os alcoutenejos não tínhamos consciência da riqueza que era o nosso artesanato e de como se poderia valorizar o trabalho daquela gente. A mim foi a Siv que me fez ver a importância do artesanato”</p> <p>“Eu vivi lá aqueles anos (...) nunca tinha olhado para o artesanato como uma arte, como uma riqueza cultural (...) Acabei por perceber que, se calhar, havia ali uma riqueza que, desde que, explorada e devidamente valorizada podia ser aproveitada de uma maneira diferente”</p> <p>Nós tínhamos um artesanato puro mas, talvez, mais tacanho, mais fechado e, para mim, o que me fascinou na Siv, porque ela tinha outra formação, outra sensibilidade, ela via o artesanato ligado ao belo”</p> <p>Elas sabiam fazer rendas de bilros, rendas de agulhas, era um artesanato local mas muito bonito, muito bem feito, era arte em si e era isso que encantava a Siv. Ela recriou com aquelas duas mulheres o sentido estético daqueles trabalhos”</p> <p>Lembro-me da Siv pensar nos xailes, nos xailes negros bordados à mão que a Siv encomendava. Era fascinada nos xailes bordados e a Ildinha e a Hermínia faziam um trabalho na perfeição”</p> <p>“Naquele tempo, o papel da autarquia não era dinamizar estas coisas, mas apoiar. Não faziam, mas apoiavam quem fizesse. Era aí o trabalho da autarquia, apoiar o nosso trabalho. Eram eles que transportavam os artesãos, eles é que transportavam os materiais, arranjaram o espaço”</p>
<p>Trabalho de preservação do artesanato do nordeste algarvio</p>	<p>Uma das estratégias para valorizar o artesanato era criar uma rota dos artesãos.</p> <p>As feiras de artesanato eram outra atividade considerada estratégica para divulgação e valorização do artesanato local. Deve-se à coordenação concelhia de Alcoutim a realização da primeira feira de</p>	<p>Convencemos alguns artesãos a retomarem, esta atividade, porque acreditávamos na rota dos artesãos” (E5).</p> <p>A questão da comercialização era um problema, porque aquela rota, não era propriamente uma rota que fosse conhecida das pessoas, apostámos naquela rota dos artesãos, mas não resultou muito” (E5).</p> <p>“Faço a primeira feira de artesanato e faço a segunda e faço a terceira (...) Fiz as três primeiras feiras de artesanato de Alcoutim. E, depois, quem veio a seguir a mim, foi a Teresinha, deu continuidade (...). A educação</p>

	artesanato no concelho	de adultos iniciou as feiras de artesanato no concelho, porque (...) éramos nós que mais dinamizávamos o concelho”
Perceção sobre os Efeitos da ação da E. A.-	A educação de adultos mudou a maneira de pensar das pessoas. Algumas das realizações como a feira de artesanato teve continuidade no tempo, é uma herança que ficou. Algumas pessoas fizeram a 4ª classe e tornaram-se mais autónomas, mais participativas. Criou-se o sentido de grupo, a vontade de participar, de se associarem. Sobretudo as mulheres tornaram-se mais ativas, mais empreendedoras	<p>“Fez a 4ª classe, e mudou o rumo da sua vida. Começou a ir às feiras de artesanato no concelho, “ (...) ainda hoje, vai às feiras de artesanato, faz miniaturas, já na altura ele tinha uma grande sensibilidade para essas coisas</p> <p>“Alcoutim festejou este ano os 25 anos da Feira de Artesanato em Alcoutim, onde eu estive como convidada da Câmara porque fui eu que realizei a 1ª feira de artesanato de Alcoutim (...) esta feira surgiu de uma necessidade de mostrarmos também o trabalho de recolha que já tínhamos feito, também era uma forma de mostrar o trabalho da educação de adultos (...) Mas, também, mostrar o nosso artesanato, os nossos artesãos, valorizar aquilo que era nosso e que as pessoas pareciam que tinham deixado de dar muita importância” (E</p> <p>“(...) o que ficou desse tempo, acho que foi aquele espírito comunitário. Acho que isso foi muito importante. Isso foi talvez a nossa melhor obra, ter levado as pessoas a sair de casa, a conviver, a participar nas ações, a conhecerem outras formas de viver a vida para além do trabalho</p> <p>“(...) agora vê-se que as pessoas vão continuando a encontrar-se nas associações recreativas (...) que neste momento existem. (...). A sementinha ficou lá”</p> <p>As mulheres eram, essencialmente, a força viva daquele concelho. Se elas não tivessem entendido que havia muito mais do que cozinhar, lavar e passar a ferro, limpar a casa, nunca seriam capazes de dar o salto, como deram”</p> <p>Esse salto é sinónimo de motivação para o associativismo, para “(...) se exporem a cantar, a criar um grupo de música, de participar nas festas, nos bailes, nos encontros de poetas, de ir ao Café, porque o Café não era para as mulheres (...). É com a educação de adultos que tudo isto muda, esta maneira de pensar”</p>
Cursos socioeducativos	Os cursos socioeducativos foi uma realização muito apreciada pelas pessoas e eram sempre inspirados em atividades culturais locais ou em atividades profissionais consideradas em via de	<p>. “No campo da cestaria, da tecelagem, que tinham sido, em tempos, atividades próprias daquela zona, tinham caído no esquecimento e nós é que recuperámos esta prática sobretudo, com os cursos socioeducativos” (E5).</p> <p>“A juta não era uma tradição do concelho de Alcoutim, portanto, a ideia dos bonecos foi da Siv. Só que, depois, com toda a recolha que se fez das figuras, das artes, criaram-se aqueles</p>

	<p>extinção. Em Martinlongo o Curso de Rendas e Bordados deu lugar a um curso de bonecos de uta, que mais tarde se tornaria numa microempresa</p>	<p>bonecos associados à vida do concelho, às artes locais, às figuras típicas da região” “No campo da cestaria, da tecelagem, que tinham sido, em tempos, atividades próprias daquela zona, tinham caído no esquecimento e nós é que recuperámos esta prática sobretudo, com os cursos socioeducativos” (E5)</p>
<p>Desilusão pelo desinvestimento na E.A.</p>	<p>O desenvolvimento regional do nordeste algarvio, parece ter ficado muito aquém das expectativas iniciais. O final do PIDR terá condicionado alguns dos objetivos do desenvolvimento regional, nomeadamente no que se refere ao problema da desertificação, do desenvolvimento económico, da fixação de jovens, desenvolvimento educativo</p>	<p>. ”Pensar aquele sonho que nós tínhamos de que as coisas iriam ser muito diferentes (...) Houve aquela explosão, fez-se muita coisa, parecia que estávamos bem encaminhados. E, depois (...) deixou de haver aqueles projetos que eram bons para o concelho e as coisas não evoluíram assim tanto” (E5). Eu não consigo explicar, não consigo. Também, atribuir uma culpa a alguém, não sou capaz. O que é que falhou, foi a política”</p>

Análise das entrevistas narrativas – Entrevista 6

Categorias	Análise	Excertos
Estudo do Meio	Em Cachopo foi realizado um estudo de diagnóstico onde foi identificado o nº de analfabetos e os artesãos da freguesia	“Durante os dois primeiros anos em que trabalhei com a Etelvina (...) vim fazer alguns levantamentos no terreno, ainda fizemos um levantamento de artesanato, ainda fizemos um levantamento de pessoas analfabetas”
Cursos de alfabetização	A partir de 1989 os cursos decresceram significativamente em Cachopo	“A minha experiência foi diferente da Etelvina, ela esteve no princípio, depois as coisas mudaram (...). Os cursos de alfabetização foram diminuindo (...) menos inscrições, menos participantes (...) Quando entrei ainda havia alfabetização na Mealha, que ainda durou um ano e depois acabou. Grainho já tinha acabado, Feiteira também já tinha acabado. Tivemos ainda em Cachopo, Azinhosa, Mercador que eram montes que não tinham tido alfabetização no tempo da Etelvina (...) Depois a alfabetização acabou em Cachopo, já não havia pessoas para alfabetizar, os que queriam ir ao curso já tinham ido, os outros os mais idosos analfabetos já não se inscreveram. Aquela experiência da alfabetização em Cachopo estava acabada”
Bolseiros	Eram jovens da freguesia que se candidatavam a uma bolsa	“Os monitores eram desses montes, jovens que eu escolhi depois de me aconselhar com as próprias pessoas dos montes” (E6).
Acompanhamento Sistemático	O acompanhamento sistemático era um processo de formação e apoio aos jovens bolseiros onde se procurava, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, da capacidade de relacionar conhecimentos teóricos com situações práticas, ser capaz de construir um estilo pessoal de fazer alfabetização. As visitas aos cursos, a construção de materiais eram formas de apoiar os bolseiros	“Fazíamos a planificação, distribuíamos os materiais, dávamos orientações pedagógicas, porque a maior parte deles não tinha qualquer formação, e eles punham dúvidas e havia esclarecimentos” ”Muitas vezes discutíamos situações que tinham acontecido nos cursos e todos davam a sua opinião e se essa situação já tivesse acontecido com alguma delas, dizia como tinha feito” “As visitas que fazíamos aos cursos era muito importantes, porque era um apoio que se dava aquelas bolseiras (...) elas, às vezes precisavam de mais orientação” Fazíamos a planificação, distribuíamos os materiais, dávamos orientações pedagógicas, porque a maior parte deles não tinha qualquer formação, e eles punham dúvidas e havia esclarecimentos”
Parcerias /Autarquia	A parceria com a Autarquia era fundamental para o desenvolvimento da rede pública de	“Eu acredito que a Educação de Adultos sem a articulação com as Câmaras não teria qualquer sentido, não se conseguiria fazer o que se fez junto das comunidades”(E6).

	educação de adultos. “	
Cursos socioeducativos	Foram criados vários cursos socioeducativos que permitiriam desenvolver e recriar novas formas de expressão artística e cultural que poderiam dar oportunidades de gerar novos meios económicos, nalguns casos, criação do próprio emprego	O nordeste era muito rico em artesanato e veio daí a criação dos cursos socioeducativos”

Análise das entrevistas narrativas – Entrevista 7

Categorias	Análise	Excertos
PIDR	Os professores destacados tinham uma ideia muito vaga do PIDR. Quem estava mais informado eram as coordenadoras concelhias porque participavam, de vez em quando, nas reuniões na Coordenação Distrital	“Eu tenho uma vaga ideia do PIDR. Lembro-me que tínhamos reuniões, integrado nisso com uma professora da ESE que agora canta (...) a Amélia Muge (...) do Projeto Radial (...) tivemos várias reuniões. Com o Alberto de Melo também tivemos reuniões por causa dos cursos socioeducativos”
Funcionamento dos Cursos	Em locais onde não havia escolas ou associações, o curso funcionava na casa de uma pessoa que se voluntariava para oferecer a sua casa	“O curso de Castelhanos funcionou na casa de um deles (...) normalmente o mobiliário era uma arca, uma mesa, cadeiras (...) arranjava-se um quadro, uma dúzia de carteiras”
Adultos educandos	Muitas das pessoas que aderiam ao curso de alfabetização eram analfabetas porque nunca tiveram oportunidade de estudar devido às suas condições de vida	As pessoas tinham vivências muito duras, recordo-me das pessoas dizerem que iam para a escola, muitas vezes, sem comer, iam descalças, tinham irmãos e que para irem calçadas tinha o irmão que ir descalço, dividiam os sapatos, são experiências dolorosas da vida”
Estórias com História	Este episódio ilustra como a alfabetização podia mudar a vida de algumas pessoas. Podia não resolver todos os problemas, mas poderia ser o meio para que algumas pessoas pudessem voltar a reescrever a sua própria história de vida.	“Lembro-me, de uma vez aparecer uma senhora aí com uns 70 anos (...) vinha inscrever o filho para a escola (...) Tinha 50 anos (...) era solteirão, era uma pessoa muito tímida (...) era totalmente analfabeto, (...) apareceu lá e disse que queria aprender, porque era testemunha de Jeová (...) a vontade dele era ler a Bíblia (...) tinha uma sede tão grande de saber, de aprender, que fez a 4ª classe. Esse homem, está ligado ao artesanato, ainda hoje, vai às feiras de artesanato. Ele faz miniaturas.”
Relação educativa no CEBA	O relacionamento intergruppal, as conversas, as aprendizagens, a socialização, eram formas de terapia para o bem-estar psíquico e também físico. As pessoas apreciavam os momentos de debate sobre temas propostos pelos bolseiros ou pelos próprios adultos educandos	”Apesar de fazerem o 4º ano, continuavam a ir ao curso. As pessoas gostavam de lá estar (...), discutíamos vários temas (...) fazíamos os tais convívios. As pessoas gostavam de estar ali, gostavam daquele bocadinho do dia” (E7). “Discutíamos vários temas, eu levava várias coisas para discutir, as pessoas gostavam daqueles debates (...) Mesmo as pessoas que não sabiam ler nem escrever gostavam dos debates, porque todas tinham as suas opiniões e gostavam de as dar.” (E7)
Sessões temáticas	Em complemento da alfabetização realizavam-se sessões abertas à	“Porque à educação de adultos estava subjacente toda uma filosofia que, depois, passava, também, pelo planeamento familiar,

	comunidade sobre diversos temas	educação para a saúde, educação ambiental, educação sexual, todas essas coisas que faziam parte do nosso programa”. “Discutíamos vários temas, eu levava várias coisas para discutir, as pessoas gostavam daqueles debates (...) Mesmo as pessoas que não sabiam ler nem escrever gostavam dos debates, porque todas tinham as suas opiniões e gostavam de as dar.” (E7).
A importância dos CEBAs	Os CEBAs constituíram um novo paradigma de educação de base que teve um papel importante no desenvolvimento humano das gentes nordestinas, sobretudo, as mais ávidas de construir novas aprendizagens, de melhorar a sua qualidade de vida através das relações grupais, do convívio, do acesso a novos conhecimentos. O objetivo dos CEBAs era reduzir os impactos prejudiciais do isolamento, da falta de oportunidades educativas, através de ações que promovessem o “empowerment	“Aqueles cursos eram uma gota de água para aquelas pessoas porque elas precisavam muito mais do que aquilo que nós lhes estávamos a dar. (...) a ânsia que elas tinham das coisas, por isso, apareceu tanta gente, com tanta afluência aos cursos, mas, se calhar, devíamos ter proporcionado ainda mais do que aquilo que proporcionámos (...) as pessoas queriam mudar, queriam sair de casa, voltar à escola, aprender fosse o que fosse. Elas estavam ávidas de aprender, de se dar com outras pessoas. Iam para os cursos e gostavam de estar, de conviver” (E7) “A educação de adultos abriu outras portas às pessoas, fez-lhes bem à cabeça, foi a base de tudo o que, depois, veio a acontecer, naquela zona, para a própria valorização pessoal”
Significado da alfabetização para o educador de adultos	Os educadores viviam de forma intensa os sucessos dos educandos, Criava-se uma relação de empatia, de amizade que reforçava o sentido de grupo	O avanço das pessoas, por muito pequeno que parecesse ser, para mim, era sempre um êxito muito grande. E quando eu via que as pessoas avançavam um bocadinho, nesse dia, eu ia para casa sempre muito mais satisfeita” (E7).
Formação	Face à ausência de formação inicial na área da E.A.. a Formação revelava-se muito importante para quem trabalhava nesta área	“Aquela formação foi muito útil, essa filosofia do Paulo Freire (...) eu consegui levar um bocado para o terreno”
Parcerias	As parcerias coma RADIAL foram decisivas no apoio à constituição de uma pequena empresa de bolos onde estavam duas jovens que haviam sido bolsieras de alfabetização. A principal dinamizadora do projeto foi uma senhora do local que já tinha experiência na área da doçaria e que	“Fizemos algumas reuniões lá no Azinhal, mas era a Amélia Muge que coordenava esse projeto (...). A Marília foi mais um elo de ligação. Ela já conhecia as pessoas da Associação que existia no Azinhal e fez a ligação entre elas e a Amélia Muge. Essa era a vantagem da educação de adultos, nós conhecíamos as pessoas e as associações” “Ela é que foi a dinamizadora daquele projeto, ela era doceira, fazia os casamentos todos ali da zona e foi ela que orientou a criação da empresa. Foi da Associação que partiu essa

	apoiou a constituição dessa microempresa que ainda existe n Azinhal	ideia de criar uma empresa de bolos” (E7).
--	---	--

Análise das entrevistas narrativas – Entrevista 8

Categorias	Análise	Excertos
Significado da Alfabetização para os adultos educandos	O exame da 4ª classe foi uma realização que teve efeitos práticos para muitas pessoas, sobretudo, para aquelas que precisavam de um certificado para resolver a sua situação profissional. Mas também era um acontecimento muito importante para aquelas pessoas, independentemente da sua importância para obtenção de um emprego. Ajudou muitas pessoas a elevarem a sua autoestima e a melhorarem a sua qualidade de vida.	<p>“Muitos deles eram empregados da autarquia que iam ao curso porque precisavam do certificado, esses tinham muita força de vontade”</p> <p>“O voltar à escola representou muito para aquelas pessoas” (E 5). “As motivações eram muito díspares, muitos tinham aquele sonho de ter a 4ª classe”</p> <p>“Em Castro Marim (...) as pessoas eram mais jovens (...) havia ainda muita gente jovem na alfabetização (...) “arranhavam” já, na leitura e na escrita (...) facilitava-se para que fizessem a 4ª classe. Eram pessoas que tinham falta para o seu trabalho”</p> <p>“O exame da 4ª classe era um acontecimento muito importante para aquelas pessoas, independentemente da sua importância para obtenção de um emprego”</p> <p>“Enquanto estavam ali, estavam felizes, não aprendiam a ler, mas, gostavam de ouvir falar de acontecimentos, de coisas da vida. Eu, muitas vezes, acabava por levar um livro e ler passagens do livro. Havia uma que gostava muito da Bíblia”</p>
Dificuldades na aprendizagem	Com as pessoas eram mais idosas havia uma grande dificuldade em manusearem o lápis	<p>“Havia, também aquelas pessoas com mais idade que tinham muita dificuldade, até a pegar num lápis, havia um senhor da Câmara, este mais velho que, cada vez que, pegava no lápis, trás, partia logo a ponta, não conseguia escrever” (E8).</p> <p>Eram pessoas que não haviam desenvolvido a motricidade fina, daí que levassem, “ (...) não sei quanto tempo para desenhar uma letra, tinham muita dificuldade em aprender”(E8).</p>
Bolseiros	Em Castro Marim havia dois tipos de bolseiros. Jovens do próprio meio sem qualquer formação pedagógica a exemplo do que acontecia na freguesia de Cachopo e no concelho de Alcoutim e professores primários em regime de bolsa. Face às características do território, só seria possível alargar a rede de CEBA's a todo o nordeste algarvio, com a participação destes e destas jovens que constituíram, no geral, um grupo bom, motivado e	<p>“Os cursos funcionavam bem, mas, também, é verdade que, a maioria das bolseiras, eram professoras que tinham uma bolsa de alfabetização (...). Depois, havia, era, em montes mais isolados (...) aí, as bolseiras já não eram professoras, eram jovens da localidade ou dali perto, com menos formação” (E8).</p> <p>“Os bolseiros podiam não ter formação, mas, fizeram um trabalho bom. Daquilo que eu tive oportunidade de ver, quando ia aos cursos. E mesmo quando reuníamos com eles, achava que eram jovens que estavam a gostar daquilo que estavam a fazer e isso é muito importante”</p> <p>“Estas moças, podiam não ser professoras, mas eram uma mais-valia para a educação de adultos (...) Elas poderiam não ter os conhecimentos que uma professora, mas,</p>

	<p>disposto a aprender. Face à idade, à inexperiência, à falta de formação para o desempenho da função de monitor/a de alfabetização, o seu papel era, de certa forma, marcado, muitas vezes, pela intuição e, até mesmo, pela improvisação em certas situações</p>	<p>conseguiram agarrar muito bem as pessoas. Acho que, parte do mérito do trabalho da educação de adultos, nos montes, se deve, também, a estas moças”</p> <p>“Não conseguiram fazer mais do que aquilo que faziam, mas não era o suficiente (...) dávamos as fichas para elas seguirem o método de Paulo Freire, mas, depois, reparávamos, quando íamos ao terreno, que elas ensinavam como tinham aprendido”</p> <p>“Eles, também, tinham que saber improvisar”</p> <p>“Os bolseiros podiam não ter formação, mas, fizeram um trabalho bom. Daquilo que eu tive oportunidade de ver, quando ia aos cursos. E mesmo quando reuníamos com eles, achava que eram jovens que estavam a gostar daquilo que estavam a fazer e isso é muito importante”</p>
A PROVA	<p>Empresa de bolos constituída no Azinhal com o apoio da E.A. e da In Loco. Entre as fundadoras da Empresa estão duas jovens que foram bolseiras de Alfabetização</p>	<p>“Essas moças que estão na PROVA foram bolseiras de alfabetização (...) estas duas, depois, conseguiram organizar-se e a educação de adultos, também, ajudou, porque, se calhar, se não fossem bolseiras, não teriam sido “apanhadas” pela In Loco, porque, é engraçado, eles na In Loco, muitas vezes, era a nós que perguntavam por estas jovens”.</p> <p>”Entre as jovens que constituíram a Empresa, duas delas haviam sido bolseiras de cursos de alfabetização. Uma, dessas moças que, ainda lá está, deu dois anos alfabetização (...) teriam aí o 9º ano. Uma é a Anabela e a outra é a Eduarda. Essas moças que estão na PROVA foram bolseiras de alfabetização”(E8</p>
Formação	<p>Importância da Formação para quem não tinha conhecimentos nem experiência em E.A. e que permitia construção de conhecimento e de partilha. Tinham possibilidade de refletir com outras colegas muitos dos problemas sentidos, tinham a possibilidade de construir referências para o trabalho educativo que desenvolviam</p>	<p>“Nunca tinha tido qualquer experiência em educação de adultos (...) Aquela formação ajudou muito. Para quem estava no terreno isso era muito importante”</p>
Preservação do património algarvio	<p>Foi feita a identificação de artesãos e respetivas artes, espalhados pelos vários montes e lugares do concelho de Castro Marim. Para isso muito contribuiu o trabalho dos bolseiros.</p> <p>O artesanato pode não ter</p>	<p>”Este trabalho com os artesãos foi possível porque nós conhecíamos muito bem o concelho, corríamos o concelho todo por causa dos cursos. E depois, ainda tínhamos as bolseiras, elas também, faziam o levantamento nos montes onde estavam a dar o curso (....) Era normal que conhecessem, também, os artesãos que lá havia”</p> <p>”Estas pessoas do artesanato que antes já não</p>

	<p>constituído uma atividade económica que permitisse a independência económica dos artesãos e artesãs, mas ajudou, nalguns casos para a melhoria da economia doméstica, sobretudo, para aqueles semanalmente frequentam as várias feiras que ocorrem em Castro Marim e concelhos vizinhos</p>	<p>faziam nada daquilo. Por exemplo, um senhor que eu conheci, que fazia fundos de cadeira (...) e o homem lá recomeçaram, outra vez a fazer aquilo. E ainda continua a vir a Castro Marim, em Julho, à feira de artesanato com as cadeiras com os fundos em juta”</p> <p>“Estas pessoas acabam por viver também do artesanato, as mantas, as mantas de trapos, as meias de 5 agulhas, os crochês, os cestos, os quadros de escama de peixe, as pinturas, os casacos de malha”</p>
As exposições de trabalhos	<p>A coordenação de Castro Marim realizava muitas exposições temáticas, privilegiando o trabalho dos adultos educandos: peças produzidas nos cursos socioeducativos, recolhas de literatura oral; histórias; mezinhas, gastronomia, poesia,</p>	<p>”As exposições serviam para mostrar a riqueza do concelho, de mostrar a arte das pessoas, mas, servia, também, para cativar as pessoas para os cursos de educação de adultos” .</p> <p>“ As exposições eram uma estratégia que funcionava muito bem (...) Era uma forma de chamarmos as pessoas à coordenação concelhia, para falarmos com as pessoas, para criar maior relação com elas, muitas andavam nos nossos cursos e, algumas sempre levavam uma amiga com elas”</p> <p>“As pessoas chegavam, bebiam o chá, conversavam (...) e depois, encaminhávamos a conversa para falar sobre coisas antigas, tradições, gastronomia (...) e, depois, fazíamos os registos”</p> <p>“Havia pessoas que faziam trabalhos de colagens, miniaturas em madeira, pessoas que faziam gravura, pintavam a óleo (...) depois convidávamos o Jornal de Castro Marim, eles iam à exposição, faziam a notícia e, depois, publicavam”</p>
Animação sociocultural	<p>Para além das sessões de cinema e de outras atividades, um bolseiro criou um grupo de teatro que divulgava a E.A.</p>	<p>Havia um grupinho de teatro, que era dinamizado pelo Pedro Lobato que era nosso monitor e que formou um grupo de teatro em S. Bartolomeu e, depois, iam pelos montes representar, com aquele grupinho”</p>
Fim dos CEBAs	<p>No final do PIDR, os bolseiros passaram a ser substituídos por professores do 2º ciclo, para preencher horário. A maioria, jovens que não sabiam nada de educação de adultos que iam obrigados e sem qualquer motivação para a Alfabetização. Nalguns locais da serra algarvia a experiência não resultou e os cursos acabaram por</p>	<p>“Esses professores quase que eram obrigados a fazer alfabetização quando não tinham nem formação, nem motivação para o fazer (...) conheci alguns casos (...) eles quase entravam em pânico (...) não devia ser assim, era uma falta de respeito, também, pelas pessoas que andavam nos cursos”</p>

	desistência por parte das pessoas	
Percepção sobre os efeitos da E.A	Apesar de terem encerrado as coordenações concelhias e ter praticamente acabado a E.A. houve atividades que se mantiveram	“A educação de adultos acabou, mas, felizmente as feiras de artesanato não pararam e estão um pouco na moda, graças ao trabalho de associações culturais que foram aparecendo e à Câmara”

ANEXO 4. ROTEIRO BIOGRÁFICO VISUAL

Este Estudo é sobre as oito Educadoras de Adultos que trabalharam na Rede Pública de Educação de Adultos, no âmbito do PIDR, Ne/Alg, na década de 80.

O método adotado é Relatos Biográficos.

Assim, gostaria de conhecer melhor cada uma das oito Educadoras sujeitas deste Estudo.

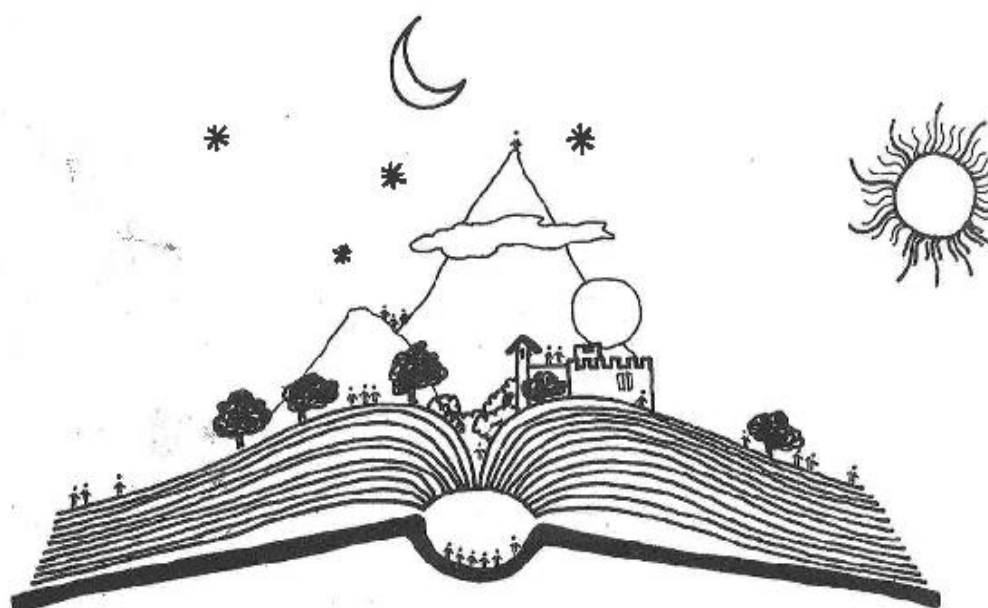
Para isso peço que a partir das imagens apresentadas contem a v/ história de vida do modo que acharem conveniente. Podem levar o tempo que quiserem. Podem começar e acabar o Relato Biográfico como desejarem. Não vou interrompê-las, quando acabarem a narrativa digam-me.

“Quem sou Eu”

*Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...*

Fernando Pessoa

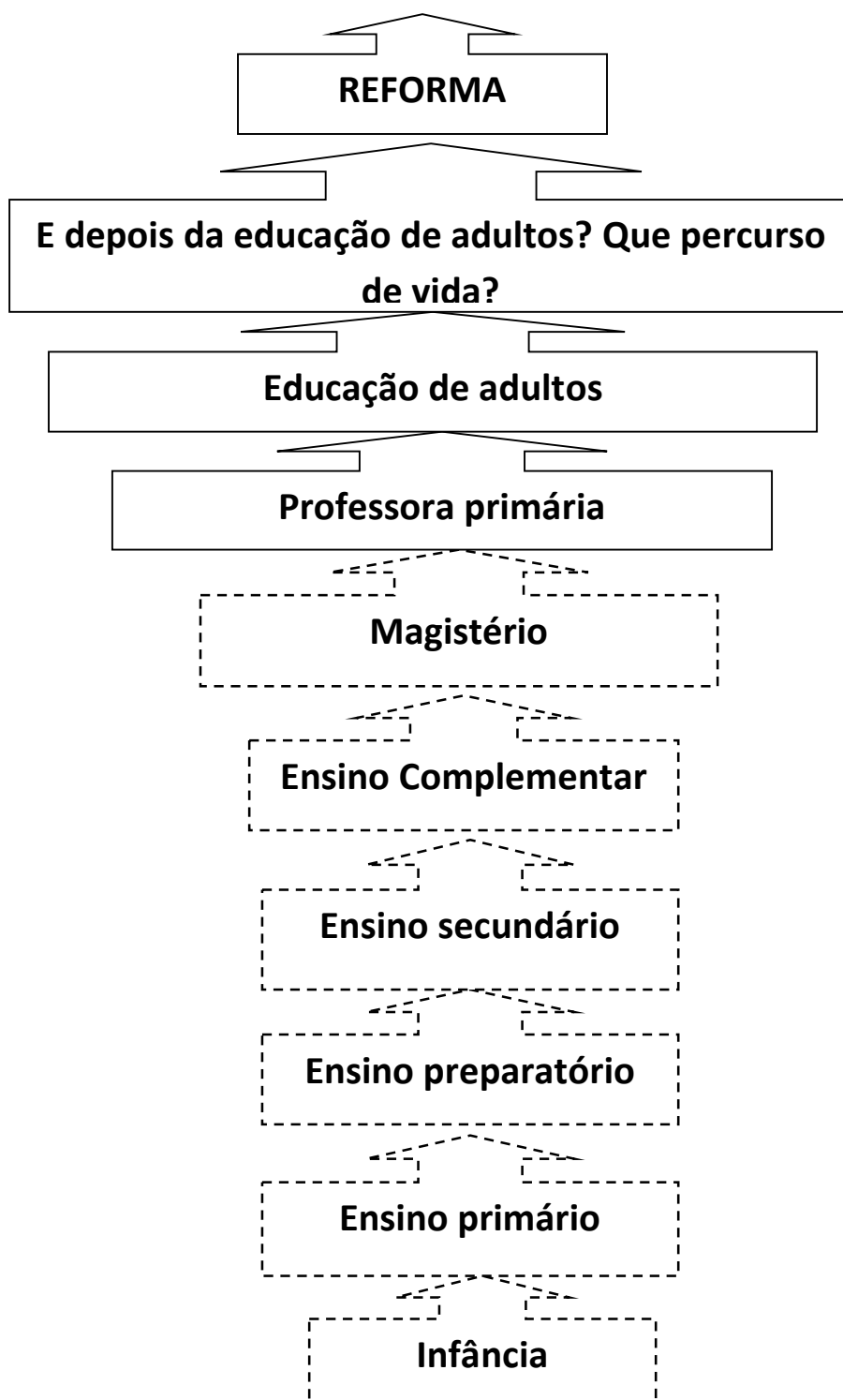
tudo está escrito no livro da natureza.



no qual também estamos escritos

(fingindo que não sabemos que
somos nós a escrevê-lo)

lr - O Mundo é a nossa casa





INFÂNCIA

1. Como descreves a tua infância?
2. Onde a passaste? Com quem? Como?
3. Recordas com saudade esses tempos?
4. Conheces alguns episódios da tua infância que te lembres ou que te tenham contado?
5. Quais as melhores recordações que guardas da tua infância?
6. Lembras-te dos teus amigos e amigas de infância?



ESCOLA PRIMÁRIA

- 1. Como foi a tua passagem pela escola primária?**
- 2. Gostaste da Escola?**
- 3. Gostaste da professora?**
- 4. Quais as melhores recordações?**
- 5. Quais as piores recordações?**
- 6. Lembras-te dos teus colegas?**
- 7. O que gostavas mais de fazer na escola?**
- 8. Quais as áreas preferidas?**
- 9. O que fazias depois da Escola?**
- 10. Como passavas os tempos livres? Com quem?**

Adolescente



É um bicho diferente.

1. Como foi a tua adolescência?
2. Quais as maiores diferenças entre a tua infância e a tua adolescência?
3. Recordas com saudade esses tempos?
4. Lembras-te de alguns episódios da tua adolescência?
5. Quais as melhores recordações que guardas desse tempo?
6. O que gostavas mais de fazer?
7. Como passavas os tempos livres?
8. Lembras-te dos teus amigos e amigas de adolescência?
9. Como foi o teu primeiro beijo?
10. Queres falar sobre o teu primeiro namoro?



ENSINO SECUNDÁRIO

1. Como foi tua vida no ensino secundário?
2. Quais as melhores recordações?
3. Quais as piores recordações?
4. Lembras-te dos teus colegas?
5. Quais as áreas preferidas?
6. Como passavas os tempos livres? Com quem?
7. Qual a maior aprendizagem que fizeste sobre ti, durante este tempo?
8. No ensino secundário qual ou quais os momentos mais “altos” da tua vida de estudante?
9. Lembras-te de alguns episódios significativos?

**existem
pais de
vários
tipos...**

ocart@tina.com

OS MEUS PAIS

- 1. Quais as principais características (que recordas) dos teus pais?**
- 2. Como descreverias a tua mãe (personalidade, qualidades, afectividade, ensinamentos...)?**
- 3. Como descreverias o teu pai?**
- 4. Podes identificar as melhores qualidades e defeitos de cada um deles?**
- 5. O que achas que “herdaste” deles?**
- 6. Que sentimentos emergem quando os recordas ou quando falas deles?**
- 7. Lembras-te de alguns episódios mais significativos passados com eles?**
- 8. Qual ou quais as maiores aprendizagens (lições) que tiveste com eles?**
- 9. O que não lhes disseste que gostarias de lhes ter dito?**



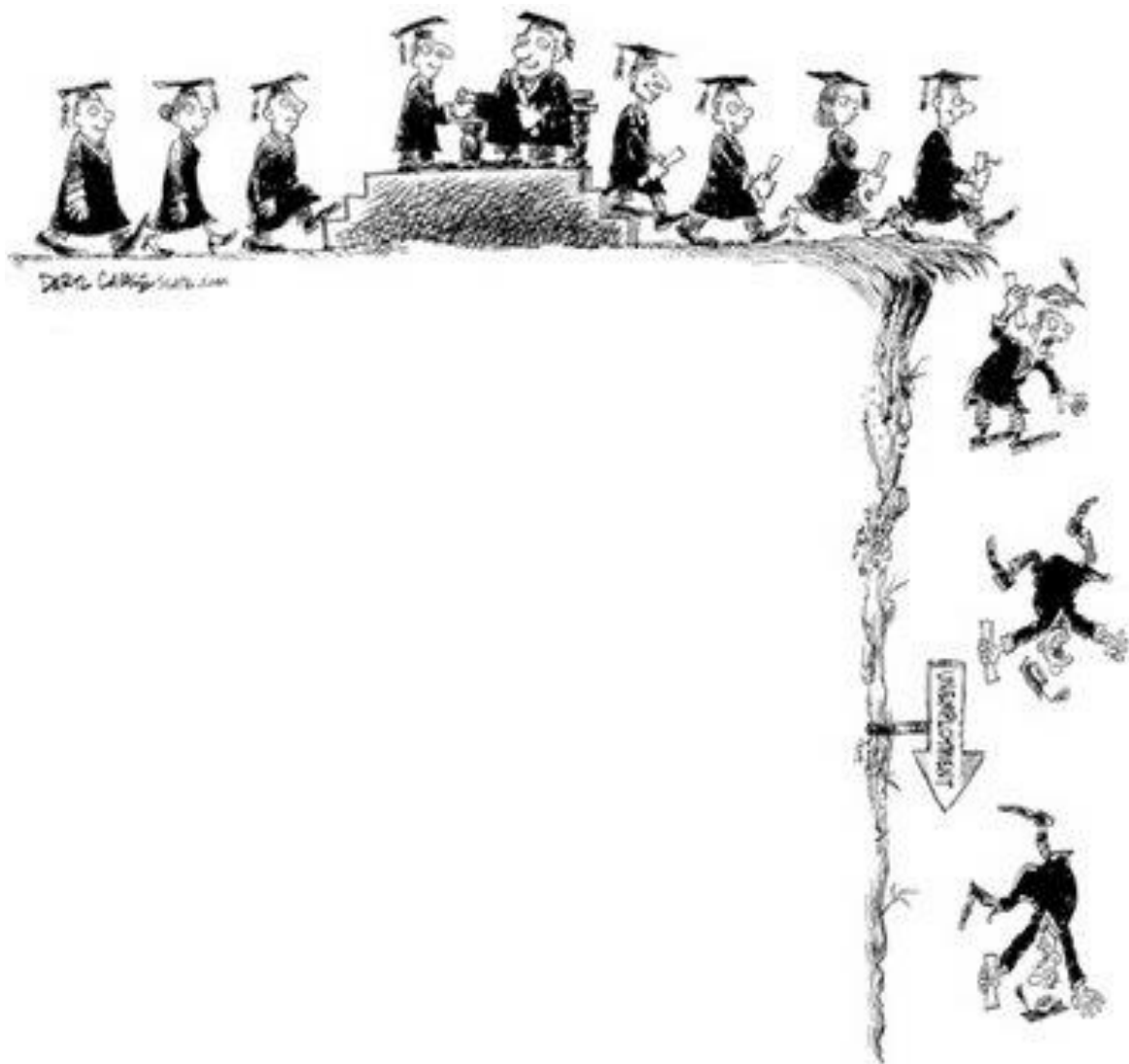
MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

- 1. Porquê o magistério Primário? Quais as principais influências?**
- 2. Qual o significado de ter frequentado o magistério?**
- 3. Gostaste do curso?**
- 4. Quais as melhores recordações?**
- 5. Quais os piores momentos?**
- 6. Qual ou quais os momentos mais altos?**
- 7. Houve algum professor ou professora favorito(a)?**
- 8. Como é que te influenciou?**
- 9. Qual a lição mais importante que aprendeste no Magistério?**
- 10. Durante o Magistério tinhas alguns sonhos ou ambições que quisesses realizar?**



ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE FARO

- 1- Guardas boa recordação desta Escola?**
- 2- Aproveitaste os espaços da escola?**
- 3- Passaste aqui bons momentos?**
- 4- Como descreves esta experiência de vida?**
- 5- Fizeste algumas boas amizades?**
- 6- Gostaste do estágio nas escolas anexas?**



SER PROFESSORA DO ENSINO PRIMÁRIO:
ENSINAR A APRENDER E APRENDER A ENSINAR

*Tudo tem o seu lado superficial
E o seu lado profundo
O visível e o invisível
A realidade imediata e a outra*

Virgílio Ferreira in Pensar



PROFESSORA PRIMÁRIA

1. Qual o significado de ser professora primária?
2. Quais as maiores dificuldades?
3. Quais os aspectos mais importantes do trabalho com as crianças?
4. Que memórias guarda dos primeiros tempos como professora primária?
5. Quais os melhores momentos da carreira antes de ingressar na educação de adultos?
6. O que gostava mais de fazer?
7. O que gostava menos?
8. Quais as actividades desenvolvidas com a comunidade que mais gostou?
9. Momentos mais altos enquanto professora na escola primária?
10. Porque deixou a escola primária para ingressar na educação de adultos?



CASAMENTO

1. Que recordação guardas do dia do teu casamento?
2. Como conhecestes o teu marido?
3. Porque te apaixonaste pelo teu marido?
4. Quais as melhores recordações da vida de casada?
5. Quais as piores recordações?
6. O que é ser casada?
7. No início do casamento tinhas muitos planos?
8. Concretizaram-se?
9. E sobre o(s) filho(s) ou filha(s). Que significado têm para ti?
10. Qual ou quais as maiores alegrias que o(s) filho(s) te deram?
11. Quais os piores momentos passados com o(s) filho(s)?
12. Como é relação mãe-filho(a)
13. Que importância atribuis a esse relacionamento?

SER PROFESSORA

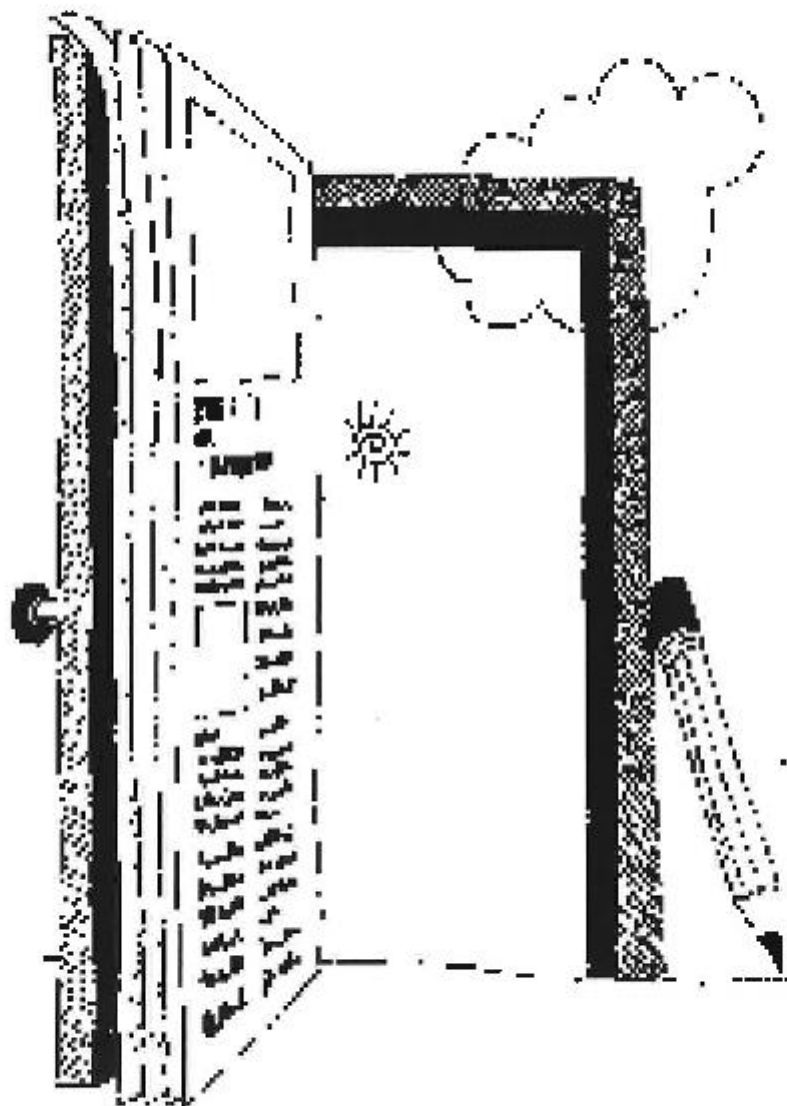
O TRABALHO ...E A FAMÍLIA







REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO ALGARVE



SER EDUCADOR DE ADULTOS



Deva Bhakta

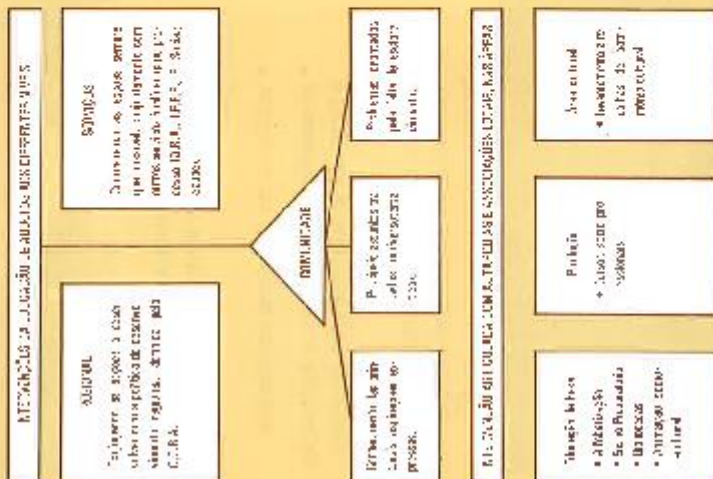
**“Ensinar exige
compreender que
a educação é uma forma
de intervenção no mundo”**

Paulo Freire

METODOLOGIA

de

ACTUAÇÃO



Nordeste Algarvia
Baixo Guadiana



COORDENAÇÕES CONCELHIAS

Alcoutim - Lar de Idosos - 8975

Castro Marim - Coordenação conc. - 8950

Vila Real de Santo António - Câmara Municipal - 8900

Tavira - Largo D. Ana, 1 - 8800

Loulé - Câmara Municipal - 8100



Direcção Regional de Educação do Sul
 Serviços de Apoio e Formação Educativa de Faro

RELAÇÃO EDUCADOR – EDUCANDO



**O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa**

Alberto Caeiro

“MÉTODO PAULO FREIRE”



ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL



CICLOS DE CINEMA



TEATRO







MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DE APOIO E EXTENSÃO EDUCATIVA

1º CURSO DE FORMAÇÃO
PROFISSIONAL DE AGENTES
DE DESENVOLVIMENTO

RELATÓRIO

DGAEE / FSE - 1987

DIRECÇÃO · G. DE APOIO E EXT. EDUCATIVA
C. D. de Faro

1º SEMINÁRIO DE
FORMAÇÃO DE AGENTES
EDUCATIVOS PARA O
DESENVOLVIMENTO

P.I.D.R./NE ALG

1987

BOLSEIRO... ALFABETIZADOR DE ADULTOS



ARTESANTO NO NORDESTE ALGARVIO



S. R.

1ª FEIRA DE ARTESANATO DE ALCOUTIM

 DIAS: 9 e 10 DE AGOSTO DE 1986 
NO CASTELO DA VILA

- AMOSTRAGEM de MATERIAL ARQUEOLÓGICO
- ARTESÃOS AO VIVO
- GRUPOS DE MÚSICA POPULAR
- GASTRONOMIA REGIONAL
- EXPOSIÇÃO ETNOGRÁFICA

REALIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE ALCOUTIM, COM O COLABÓRIO DO COMITÉ DE ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VILA DE ALCOUTIM, COM O APOIO DO INSTITUTO DE TOMAR, DO SERVIÇO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE, DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ALCOUTIM.







DESPEDIDA DA EDUCAÇÃO DE ADULTO



FINAL DE MAIS UMA ETAPA DO TRAJETO PROFISSIONAL

RETORNO À ESCOLA

De volta ao Ensino Básico 1º ciclo



COMO FOI O RETORNO À ESCOLA?

QUE TRANSIÇÕES BIOGRÁFICAS?

QUE IDENTIDADES DE APRENDIZAGEM FORAM CONSTRUÍDAS

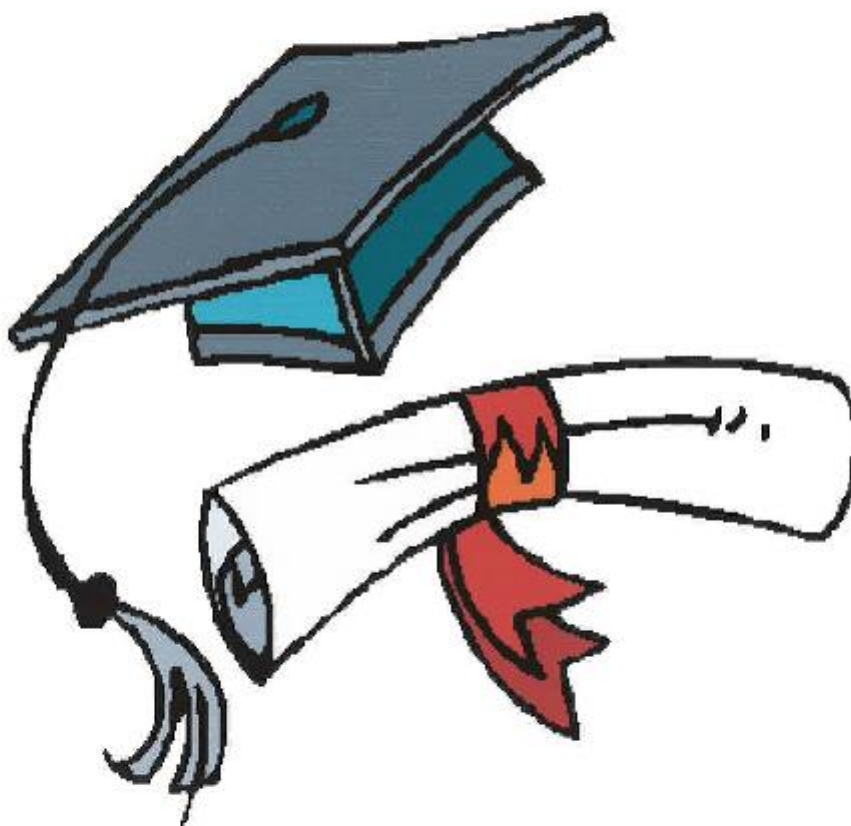
QUE PERSPETIVAS FUTURAS?



COMPLEMENTOS DE FORMAÇÃO

DIPLOMA DE ESTUDOS SUPERIORES ESPECIALIZADOS

[OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIADO]





**Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias**

**A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós próprios.**

Fernando Pessoa



ACTUALMENTE QUAL É O TRABALHO QUE DESENVOLVE?

QUE FUNÇÕES?

QUAL O SIGNIFICADO?

QUE SENTIMENTOS?

QUAIS AS PERSPECTIVAS FUTURAS?



PROFESSORA REFORMADA

Como lida com a reforma?

O melhor?

O pior?

Que sentimentos?

Que recordações?

O que sente que não fez e gostaria de ter feito?



**O meu passado é tudo quanto não consegui ser.
Nem as sensações de momentos idos me são saudosas: o que se sente exige o momento; passado este, há um virar de página e a história continua, mas não o texto.**

Fernando Pessoa

ANEXO 5. TRANSCRIÇÃO DAS 2^{AS} ENTREVISTAS DO ROTEIRO BIOGRAFICO-VISUAL

Entrevista sobre história de vida baseada em artefactos, compilados em portefólio

Entrevista 1 – Teresinha Romão ; Data: 21/2/2011; Hora: 15 h

Local:Casa da Teresinha na Quinta do Brejo – Olhão Duração da entrevista: 2 h 15 m

Contextualização da entrevista:

Marcámos a entrevista por telefone. A Teresinha está à minha espera. Ficamos na cozinha. Fazemos na entrevista na mesa da cozinha apesar de me ter convidado a entrar para a sala. A casa está praticamente fechada, todas as janelas estão fechadas. Entre por uma porta secundária que dava acesso à cozinha. A Teresinha está um pouco triste, consequência da solidão. Já há algum tempo que está sozinha. O marido foi para Angola. Os filhos estão fora, uma filha em Braga, um filho que é jogador de futebol, está em Vila das Aves e outro filho está em Évora. Está à espera do filho que vem de Évora para ser operado pela sexta vez a uma perna. Recebe de vez em quando as visitas de uma sobrinha, mas sente a solidão. Caiu na escola e está de baixa. Foi operada a um ombro. Tem dificuldade em levantar os braços. Espera ansiosamente pela reforma. Sinto que está um pouco triste. Alegra-se em me ver. A entrevista vai fazer-lhe bem...

Fizemos a entrevista. A Teresinha esteve muito animada, gostou de reviver os tempos idos, riu, entusiasmou-se a contar alguns episódios da sua vida. Quando chegou á parte final da entrevista ficou mais séria, sobretudo quando falou da sua situação actual, da vontade de reformar-se e de voltar a Angola ...prometi voltar em breve a sua casa com a minha mulher, para tomarmos um chá juntos e conversarmos. Vou ter de voltar falar com ela porque fiquei com algumas questões:

1. Pouco fiquei a saber da experiência em educação de adultos em Olhão. E a experiência no Acampamento Azul?
2. A Teresinha quase não falou da sua experiência no ensino primário
3. Teve estagiários? Foi professora cooperante? Que experiência teve?
4. Fez complementos de formação?
5. Como aconteceu o acidente que a levou à baixa médica
6. Como evoluiu o convite para ir trabalhar para Angola
7. Falou no Valdir, mas quase não falou nos outros filhos...
8. Não falou no trabalho do marido em Angola, quando foi...

J- Teresinha esta entrevista vem na continuidade das entrevistas que já realizámos. Agora pretendo saber um pouco mais de ti, da tua história de vida. Tenho aqui um portefólio com várias imagens e documentos que podem ajudar-te a revisar a tua memória. Pretendo que voltes à infância, adolescência e por aí adiante. Estás a ver esta imagem, da criança a brincar ao “manecas”, com as diferentes fases da vida? Está à vontade, podes falar à vontade...não irei interromper-te. Vai olhando para as

imagens, conta o que quiseres contar. O tempo é todo teu...”Quem és tu, Teresinha?”

T- Eu nasci em Angola, na zona leste do país, no distrito de Lunda Sul que agora com estes novos governos, com as mudanças políticas, o distrito da Lunda foi dividido ao meio, praticamente. A zona que mais produz diamantes, agora é a Lunda Norte e a zona onde eu nasci é a Lunda Sul que ainda tem muito minério por explorar. Eu nasci na cidade Henrique de Carvalho que foi o primeiro explorador português que lá chegou.

Nasci aí e tive uma infância felicíssima, eu sou a mais velha de nove irmãos, sou a mais velha. O meu pai era fiscal do comércio e a minha mãe era doméstica, mas, talvez, por ser africana, e o meu pai ter tido uma educação religiosa muito forte porque fez os estudos num Seminário, com padres holandeses que ainda hoje, alguns padres holandeses dessa congregação religiosa frequentam a minha casa. Vivem na Holanda, mas, ainda me visitam algumas vezes, no Verão. E, então, nós, de certa maneira, fomos criados dentro daquele ambiente de muita religiosidade. A minha mãe, inclusive, lavava a roupa dos sacerdotes e, depois, levava para a Missão Católica Feminina, onde as freiras se encarregavam de passar a ferro e depois entregavam aos sacerdotes. Tal era a intimidade, a confiança com eles e elas, as freiras e os frades, que muitas vezes, eu saía da escola, ainda no tempo do jardim-de-infância, que o jardim-de-infância que eu frequentei, também, era das Freiras. E a escola primária também pertencia às freiras. Como tinha uma grande intimidade com os sacerdotes, muitas vezes, mesmo, quando era pequenina, saía do jardim-de-infância, à espera que o meu pai ou a minha mãe me fossem buscar, na idade dos 4, 5 aninhos, estou bem lembrada disso, e aparecia o padre para dar a catequese lá na Missão católica Feminina. Levava-me com ele e, muitas vezes, lembro-me que dormi muitas vezes na caminha do padre, até xixi eu fiz na caminha dele (risos), até xixi eu fiz. O padre Henrique olhava para mim e dizia assim:” Olha a malandra da Teté fez xixi na cama”. E, eu muito envergonhada, muito envergonhada, mas, pronto. O padre Henrique era um 2º pai, aquilo lá, a Missão Católica era para mim uma segunda casa, tanto a casa das freiras como a casa dos sacerdotes. De maneira, que tive uma infância felicíssima. Quando digo a minha pessoa digo o mesmo dos meus irmãos (...) Eu fui para o infantário aí com dois três anos, a minha mãe não ficou comigo em casa porque, era doméstica, mas trabalhava muito. Ela cuidava da casa e da horta, que nós tínhamos uma horta. Ela tinha que ajudar o marido, tínhamos hortaliça, milho, cereais, animais, tínhamos um grande pomar, também. O meu pai tinha um

tractor e era fiscal do comércio mas, também, trabalhava muito no campo. Eu, aos fins-de-semana, ia sempre com eles, para ajudar. Portanto, a minha mãe era a principal trabalhadora daquele espaço. A horta era nos arredores da cidade onde eu morava, que ali havia muitas hortas. Era uma grande horta dos meus pais e nós, ao fim-de-semana, à medida que íamos crescendo, íamos ajudando. No fim-de-semana não tínhamos aulas, ao sábado, por exemplo, íamos todos para a horta. Fui sempre educada a ajudar os meus pais. Toda a gente ajudava. Éramos uma família muito unida e muito amiga. Tinha uma família muito boa. E, outra coisa que havia naquela casa, para a minha mãe, não havia rapazes nem raparigas, não fazia qualquer distinção, no que tocasse a trabalhos domésticos, toda a gente trabalhava, um grupo a lavar a roupa, outro na limpeza, outros a ajudar na cozinha, as tarefas eram executadas tanto pelos rapazes como pelas raparigas. E, depois, rodávamos, trocávamos de tarefas na semana seguinte, quem fazia as limpezas, na outra semana fazia outra coisa. Quem organizava aquilo tudo era o meu pai, ele é que formava os grupos e é que dizia o que cada um ia fazer naquela semana. Do que eu me lembro é que os mais velhinhos cuidavam dos mais novos, mas, à medida que íamos tendo idade, para entrar para o infantário, entrávamos logo. Eu é que cuidava dos meus irmãos, porque, eu era a mais velha. Mas, todos nos dávamos muito bem, o ambiente entre nós era muito bom, éramos e somos ainda, muito amigos. Éramos e somos 5 raparigas e quatro rapazes, ainda estamos todos vivos, graças a Deus. Os únicos que faleceram foram os meus pais. Dávamo-nos muito bem e ainda nos damos. Sempre fomos uma família muito, muito, muito unida. Independentemente de estarem na Rússia ou na Inglaterra, continuávamos, sempre, em contacto uns com os outros, e agora também. Os meus irmãos, os rapazes e duas raparigas estudaram fora, na ex-União Soviética, na Inglaterra, tive um na Jugoslávia, outro em Cuba. A princípio estudaram e ficaram por lá, mas estão a regressar. O que estava na União Soviética, quando houve a mudança política, regressou a Angola. Os outros também voltaram para dar o seu contributo ao país, só um é que continua lá fora, no estrangeiro, um que está na Inglaterra que é economista. Tenho outro irmão que também é economista e que voltou para Angola. Todos nós estudámos e tirámos um curso, felizmente. Tenho dois economistas, professoras, sou eu e uma irmã a seguir a mim, há uma que é técnica de análises clínicas, a Fátima, tenho uma irmã que é (...) Ai! Como é que se diz, é analista política, outra é tradutora, todos nos licenciámos. E, eu sou a mais velha e fui a mais prejudicada em termos de estudos, porque eu tive que

tirar um curso que dava rendimentos logo imediatos. Precisava de ajudar a casa, éramos muitos irmãos e para não passarmos necessidades eu tinha de começar a ajudar porque o ordenado do meu pai e o que tirávamos da horta podia não chegar, éramos muitos naquela casa. Para estudarmos todos tinha que haver ajudas, assim, eu era mais velha, tinha de começar a trabalhar. Fui tirar o curso de professora primária que era bem pago e dava emprego mais depressa. Mas, também, tirei o curso porque gostava do ensino. Eu tinha uma irmã que foi para hospedeira de bordo, mas, eu no início também queria porque achava aquela profissão muito gira, mas, infelizmente, também, sou a mais pequenina da família e não tinha altura para ser hospedeira de bordo e não fui aceite (...). Fui para professora, tirei o curso na Missão Católica. Andei sempre na Missão Católica e nunca nenhum dos meus irmãos estudou na escola pública. Todos nós, rapazes e raparigas, sempre estudámos na Missão, as raparigas na Missão Católica Feminina que era a Escola das Freiras e os rapazes na Missão Católica Masculina que era a escola dos Padres. Isto foi por causa do meu pai ter estudado no Seminário, foi influência dele, porque, ele achava, ele era um homem muito rígido, achava que a educação dada, ou, como hei-de dizer, o tipo de educação que era dado nos colégios católicos era mais sério e preparava melhor que o público. Ele achava que este colégio dava melhores qualificações e que nós, depois, ficávamos melhor preparados para continuar a estudar, com um nível de conhecimentos melhor. Também dizia que um aluno do colégio ficava melhor preparado para a vida, com outros hábitos, ficava mais regrado (...) hoje, acho que ele tinha razão. Depois de me tornar adulta e depois de começara ver os meus filhos a frequentar a escola, há um certo número de coisas, de ensinamentos que eu tive na escola que eles nunca tiveram. Eu gostei muito da escola, coisa que os meus filhos nunca gostaram muito. Aquilo que eu mais gostava mais, que eu me lembro melhor e que guardo boas recordações, era dos ensaios para as festas. Eu gostava muito de festas. Na escola primária eu era sempre escolhida para declamar os poemas, eu declamava muito bem poemas. Quando recebíamos visitas, por exemplo, quando o Governador-geral de Angola visitava os distritos, quando ele vinha ao nosso distrito calhava-me quase sempre a mim e a uma outra colega, que já faleceu, sermos as duas que íamos sempre declamar poemas. Isto na escola primária e também no ciclo preparatório. Eu gostava, adorava aquilo. Eu era escolhida porque também era muito viva. Eu nunca fui uma pessoa reservada, sempre fui muito bem-disposta, muito alegre, bastante aberta, sempre fui assim, sempre fui assim, encarava as coisas de

frente e gostava de desafios, gostava de coisas difíceis, mas fui sempre uma pessoa que respeitava os outros. Isso vem da minha educação. Os meus pais, mais o meu pai, não admitia que os filhos o tratassem por tu, dava-se ao respeito e era muito rígido. Tinha que se tratar o meu pai por você. Não dava confiança aos filhos. Já a minha mãe era diferente, era mais meiga, mais próxima de nós, não dava tanta importância á forma como a tratávamos. Mas, depois, que eu me vi gente, digamos assim, já não aceitava certas coisas e vi-me a discutir com ele algumas vezes. Mas era só eu que lhe fazia frente, também era a mais velha. Quando tinha aí uns doze, treze anos já não ouvia e calava, se fosse preciso, discordava do meu pai e ele não gostava nada disso. Lembro-me que um dia, já andava no 2º ano, depois passou a ser ciclo preparatório, cheguei a casa muito satisfeita porque tinha ganho no colégio um diploma de honra, cheguei a casa e disse “Olha, pai, olha o que é que eu trago aqui para ti, trago para tu veres”. Ele olhou-me com aquele ar que os pais olham para os filhos quando não gostam de alguma coisa, olhou para o diploma e repetiu “ Olhe o que trago aqui para si”. Eu, ouvi aquilo e repeti “ Trago aqui este diploma para o pai ler”. Acabei por fazer-lhe a vontade, mas não concordava com aquele tratamento, ele era meu pai, não era nenhuma pessoa estranha. Mas, depois, não lhe perdoei, porque logo a seguir, depois, daquela euforia do diploma disse “ Oh pai, eu daqui em diante não vou tratá-lo mais por você, isso não tem jeito nenhum, vou tratá-lo sempre por tu, tanto a ti como à mamã” “ Então porquê?” “Porque assim sinto-me mais ligada a ti, que estou mais próxima de ti”. Ele ainda fez uma cara feia mas depois disse assim: “ Tá (sic) bem, já conquistaste o prémio, mas, é só para ti, os teus irmãos não”. Depois, à medida que fomos crescendo, cada um lá arranjou maneira de o poder tratar por tu. A minha mãe não se importava que a tratássemos por tu, embora o marido lhe dissesse que não devia permitir que os filhos a tratassem por tu. Estava sempre a dar-lhe na tola para que não permitisse aquele tipo de tratamento. Os meus pais foram muito bons para todos nós, foram uns excelentes pais. Tenho muito boa recordação deles, da vida que levávamos em nossa casa. Acho que fui muito feliz naquele tempo em Angola. E, também, tinha uma vizinhança muito boa, dava-me com toda a gente, as portas estavam sempre abertas. Tive uns vizinhos que eram do norte de Portugal, eram de Braga e Porto, e já sabes, para eles a língua é muito solta, de vez em quando dizem aquelas asneiras muito grandes. No princípio ficávamos um bocado escandalizados e não sei que mais, mas o meu pai fazia questão de dizer “ O vizinho fulana, fulano ou a vizinha fulana, fulana tem a língua muito solta, de vez em

quando dizem aqueles palavrões, mas, vocês façam de conta que não ouviram nada, nunca repitam que é muito feio dizer palavrões”. E, pronto, era assim. Mas, era uma gente tão simpática e amiga, que isso não tinha importância nenhuma. Estávamos muito à vontade uns com os outros, não havia aquela coisa “ Tu és branco, nós somos pretos”. Não, não havia nada disso, a cor não interessava nada. Convivíamos bem, frequentávamos as mesmas casas, a mesma escola, as mesmas festas, não havia nada de racismos (...) Ainda fiquei com amigos desse tempo, há um médico, ali em Lisboa, o Dr. Sardinha que era meu amigo de infância. E, há um sacerdote que está em Alcochete que foi meu aluno, do primeiro grupo de alunos que tive em Angola, o Zé Maria. Foi engraçado, quando fui a Alcochete, a casa do meu filho, ele vivia lá e tem lá casa. Ele esteve na Academia do Sporting e depois, quando jogou no Sporting comprou lá casa. Estava lá, tinha ido passar uns dias, fui à missa umas quantas vezes, e notava que o padre estava sempre com o olhar em cima de mim. Pensava” Mas que raio, o padre não tira os olhos de mim”. Num domingo, aquilo foi uma coisa tão forte que eu, depois da missa, disse para o meu filho “ Espera aí um bocadinho, que eu vou falar com o sacerdote, quero saber porque é que ele está sempre a olhar para mim, como se me conhecesse”. Estava a dizer isto quando ele apareceu por detrás de mim, eu estava no adro da igreja e sinto alguém nas minhas costas, virei-me, era o raio do padre (risos). Olhou para mim e disse assim” Então já não me conhece?” Olhei, olhei e depois disse” Volta-te lá, és o Zé Maria” “ Sim, mas já tenho outra postura”. Ele disse isto porque quando cantávamos o hino nacional, eu dizia” Olha, a ponta dos pés afastadas, os braços ao longo do corpo, o tronco direito e cabeça erguida”. E, ele, fazia precisamente o contrário, metia o rabo para dentro e a barriga para fora. “Agora já canto bem o hino nacional”, disse ele a rir. Isto foi, aí há quatro anos. Entretanto o meu filho foi jogar para o norte e u nunca mais fui a Alcochete, mas ainda falo com ele por telefone, o Zé Maria António (...) Foi uma infância muito bonita. Depois fui para escola primária e adorei a escola. As professoras eram todas freiras, mas eram todas muito boazinhas e eu já as conhecia do jardim-de-infância. Eu já era da casa. Lembro-me dos intercâmbios escolares que havia, eu gostava muito, era uma festa conhecer crianças de outras escolas, havia festa, havia jogos. Eram crianças de escolas estatais que nos iam visitar, nós éramos da Missão Católica Feminina. Aqueles convívios eram riquíssimos. Nós preparávamo-nos para aqueles intercâmbios, decorávamos poemas, peças de teatro, parecia que nos estávamos a preparar para algum teste. Sempre, as melhores canções, os melhores

poemas, as peças de teatro muito bem ensaiadas. Quase sempre ganhávamos uma medalha. A nossa escola era sempre premiada. Foi também uma escola primária recheada de coisas boas, de boas memórias. A única coisa que eu achava esquisito, para a minha maneira de ser, era estarmos distanciados dos rapazes. O colégio era o mesmo, mas era rapazes para um lado e raparigas para outro. Não havia sequer possibilidades de haver encontros entre rapazes e raparigas. Nos intercâmbios também era assim, meninas com meninas. Tenho muito boas recordações, só tenho uma recordação muito má que foi a morte de uma menina, minha amiga que andava na minha sala. Foi uma coisa muito triste, ainda hoje me recordo daquele incidente que me marcou para toda a vida. Estávamos no intervalo e ela trepou uma mangueira, a Escola tinha muitas árvores, um grande pomar à volta e havia uma avenida que era chamada a avenida das Mangueiras, que saía do nosso colégio para o colégio dos rapazes que ficava aí a 1Km do nosso, no fim da avenida. Era uma avenida, uma recta, com mangueiras de um lado e do outro. De maneira que, essa minha colega, estávamos em Dezembro, que é quando a manga está madura, nós subíamos às árvores para apanhar mangas. Na hora do intervalo, o divertimento era subir às árvores e comer a manga mais madura. Pronto, numa destas brincadeiras a Regina caiu, nunca mais me esqueço da aflição (...) É a pior recordação que tenho daquele tempo. Eu estava na árvore ao lado e ouvi o galho partir-se e ela cair no chão. Desci o mais rápido que fui capaz porque senti que ela ia cair. Depois foi ver a Regina estatelada no chão e o sangue a correr da cabeça dela e dos ouvidos (...) Foi para o hospital. Ainda chamaram a carrinha do Centro de Saúde, mas já não havia nada a fazer (...)

E- Continuaram a subir às árvores?

T- Ai não. Aquilo serviu-nos de lição. Durante muito tempo ninguém subia às árvores. Preferíamos esperar que as mangas amadurecessem e caíssem, até rezávamos para que fizesse vento para que elas caíssem, agora subir não. Eu nunca mais subi a uma árvore na minha vida, depois disso. Tenho horror às alturas. Fiquei com horror às alturas por causa disso. Não sou capaz de andar de teleférico, daqueles divertimentos que há na feira, nem pensar, não sou capaz, nem olhar lá para cima eu consigo. O Polvo e esses divertimentos que a moçada (sic) gosta muito, nas feiras, vou andando, nem paro para ver. Até mesmo para andar em elevadores eu tive que fazer uma reflexão para ultrapassar aquele trauma. Foi a pior coisa que me aconteceu, nunca mais me esqueço. E, as outras colegas daquele tempo diziam o

mesmo. Quem assistiu aquela desgraça nunca mais esquece para o resto da vida (...)

J- Fala-me de como eras na Escola?

T- Era uma menina muito aplicada, era boa aluna. O que gostava mais era de Língua Portuguesa. Depois havia também uma disciplina que era sobre Comunicação, já não me lembro qual era o nome que tinha, mas, era do tipo de comunicação social, para aprender a comunicar, a falar para as outras pessoas, saber manter uma conversa, puxar a conversa com os colegas que eram mais reservados. No fim desses exercícios que fazíamos nas aulas, tínhamos de escrever uma reflexão sobre o que tinha acontecido. O que tínhamos achado da pessoa com quem tínhamos comunicado. Qual era o aspeto que tinha de ser trabalhado em relação à outra pessoa. Era muito engraçado. Em vez de serem as professoras a explorar o aspeto psicológico de cada um, de conhecer as suas características, éramos, nós, os colegas. Hoje percebo o porquê. Como eram nossas colegas era mais fácil abrirem-se connosco do que com as freiras. Ainda hoje utilizo esta estratégia com os meus alunos. Há muita coisa que uso na minha sala de aula que aprendi daqueles tempos. Eu tive uma escolaridade muito rica. Aprendi coisas que me têm servido de muito (...) E, aprendi a lidar com os adultos, sobretudo os adultos, explorar a mente de uma criança, o aspeto psicológico de uma criança sempre é mais fácil que entrarmos na mente de um adulto. O adulto é muito desconfiado e eu, depois, tive prova disso, porque, enquanto fui professora de terreno, nos cursos de alfabetização que foi uma experiência bastante rica, eu sempre notei que cada vez que havia necessidade de mudar de monitor de alfabetização, aquilo era uma quebra, praticamente. As pessoas deixavam de dar resposta porque o adulto já tem a personalidade formada, já tem a vida mais ou menos organizada, já tem uma perceção do ambiente que o rodeia, da vida social e cívica. Agora quem somos nós para penetrar naquela pessoa e dizer, tentar contrariar, tem de ser de uma maneira muito especial e muito específica. Temos de descer até aquela pessoa, conhecer muito bem o terreno que estamos a pisar, os seus hábitos, as suas maneiras de ser (...)

J- O que é que isso tem a ver com o tempo de escola primária?

T- Porque os convívios, apesar de sermos todas alunas da mesma escola e de termos crescido naquele ambiente, os confrontos pessoais ou a pares que havia, para depois transpor para o grupo, foram muito importantes para mim (...) E, depois também havia os meus irmãos e viver em famílias grandes também se aprende muito. Em casa, como era a mais velha, para além dos trabalhos domésticos eu cuidava dos

meus irmãos e ajudava-os na escola. A mim é que ninguém ajudava. Eu tenho uma história engraçada. Quando saía da escola, a primeira coisa que fazia, quando chegava a casa, era fazer os trabalhos da escola. Tinha a minha mãe sempre em cima a ver se eu fazia os trabalhos, mas eu nunca supus que a minha mãe era analfabeta, não sabia ler nem escrever. O meu pai era a única pessoa mais culta naquela casa. Eles eram primos, o meu pai estudou e a minha mãe não. Nunca percebi que a minha mãe não sabia ler até que houve uma altura, estava eu na 4ª classe, tinha oito, nove anos. Chegámos da escola e a minha mãe disse: “ Para lanchar há milho e batata-doce, quem quiser maçaroca de milho assada come milho quem quiser batata-doce assada na brasa, come batata-doce”. Eu não gostava muito de batata-doce. Até hoje, não gosto de batata-doce, quando como parece que fica uma coisa na garganta, fico com ranço na garganta. E, preciso de ter sempre um copo de água para engolir aquilo, fico embaçada (risos). Então, ia a correr para o milho, mas, daquela vez, quando lá cheguei já não estava lá nenhuma maçaroca de milho, os meus irmãos já tinham tomado as espigas todas. Eu disse à minha mãe “ Quero milho” e ela “Ai já não vou assar mais milho, se tens fome come batata-doce, se não comeres é porque não tens fome”. Naquele dia não comi nada, de maneira que fui fazer os trabalhos da escola muito contrariada porque não tinha lanchado, mas fiz os trabalhos da escola. Entretanto, o meu irmão estava ao lado, era um dos mais novos, o Neves, que hoje é engenheiro, agora está em Angola, veio da Bulgária há pouco tempo. Ele estava ao meu lado e a minha mãe veio, ela olhava para os trabalhos, supervisionava tudo, por isso é que nunca ninguém desconfiou que ela era analfabeta, ela passava por ali e dizia assim ao meu irmão “ Isso é letra de um menino que anda na escola? parece que andaram aí as galinhas a esgravatar, vá apaga lá isso e faz uma letra como deve ser”. Às vezes, ela mesmo pegava na borracha e apagava e dizia “ Vais fazer outra vez” Não sabia ler mas sabia ver se a letra estava bem-feita ou não. Naquele dia eu tinha dificuldades, não sei se era um problema e ela fazia muito bem as contas, como é que ela fazia não sei. Se eu lesse o problema ela, muitas vezes, dizia logo a solução. Eu disse-lhe assim “ Ai mãe ajuda-me lá aqui a fazer este problema”. Problema? Então lê lá. Eu li o problema e diz ela assim “ Parece que vais ter que juntar” E eu respondi “ Mas eu já juntei, agora isto não dá é certo”. Ela em lugar de ajudar, disse “ Ai agora tenho muito que fazer, logo perguntas mais logo ao teu pai”. Aquilo fez-me uma espécie e, fiquei desconfiada. Depois, comecei eu, feita macaca, a tentar apanhá-la, mas nunca consegui. Até que ela viu que eu andava a insistir a ver se a apanhava.

Um dia chamou-me e disse “ Olha tu és a mais velha dos teus irmãos, tu já percebeste que eu não vos deixo ir brincar sem fazer os trabalhos da escola, mas, sempre, que forem estes problemas, que é preciso ler, tem que ser com o teu pai. Não digas nada aos teus irmãos, mas eu não sei ler nem escrever”. Olha Joca, caiu-me a roupa toda, fiquei sem fala e pensei “ Ah! esta macaca enganou-me este tempo todo”, mas não disse nada e fiquei muito bem caladinha. Quando à noite chegou o meu pai fui, então, confidenciar com ele e ela, mesmo, disse “ Olha a tua filha está com dificuldades, vê lá se a ajudas”. Eu, depois, disse “ Oh pai, eu não sabia que a mãe não sabia ler nem escrever” E o meu pai “ Olha não digas nada aos teus irmãos que ela não gosta” E eu disse assim” Ela disse-me para não dizer nada aos manos”. E assim foi, eu não disse nada. Agora, que somos todos adultos, homens e mulheres, toda gente foi descobrindo aos poucos, uns primeiro, outros depois (risos). Mas, apesar disso ela fazia o trabalhinho dela muito bem. Ela dizia assim” Olha vai ali à loja e compra um quilo de açúcar ou meio quilo”. E dizia, “Leva x e traz tanto de troco”. Lá nisso, sabia tudo, dava conta dos preços, das coisas todas. Era esperta, não era fácil enganá-la com trocos. Ela não foi aprender a ler e escrever porque dizia que tinha vergonha que se soubesse que ela era analfabeta. Depois, fui eu que me decidi, dois anos depois de ser professora e como estava a trabalhar ali junto deles, na minha terra e estava em casa, decidi lhe havia de ensinara ler e a escrever. Disse-lhe “ Agora vais aprender a ler e a escrever comigo”. E ensinei-lhe, ensinei-lhe o básico, porque ela dizia não tinha tempo para mais, que tinha vergonha e não sei quê, mas, aprendeu a escrever direitinho o nome dela, já assinava os vales dela e lia coisas assim mais simples. Se ela tivesse tempo e vontade podia aprender melhor, porque livros não faltavam lá em casa. Ela é que dizia que não tinha tempo para perder com isso. A minha mãe foi a minha primeira aluna de alfabetização. Uma coisa que ela fez questão foi aprender a escrever os nomes dos filhos todos (...) Dos tempos da infância lembro-me, também, do trabalho da horta, dos animais que nós tínhamos. Aos fins-de-semana e nas férias éramos nós que tratávamos deles, porcos, ovelhas, bois, patos, galinhas, coelhos. Os rapazes é que tratavam das ovelhas e dos bois, as raparigas tratavam dos outros animais. Os porcos deixavam-me sempre morta de tanto rir porque os meus pais diziam que nunca se pode dar comida quente aos porcos e nós não sabíamos porquê, mas o que é que acontece? É claro que ele não explicava, dizia “ Faz mal, faz mal”. Então, a comida era feita ali na periferia da casa, na parte de trás, naqueles bidões grandes que se cortavam ao meio. Aquilo era

mandioca, era batata-doce, uma série de coisas ali metidas, aquilo fervia e depois, nós tirávamos porções da comida e íamos deitar na pia dos porcos. Mas, tínhamos de deixar arrefecer a comida deles. Mas, por malandrice, não deixávamos arrefecer e o porco nunca diz que não, come mesmo quente. Metia o focinho e ficava aflito a fungar, voltava logo para trás, e nós mortinhas de rir. Uma vez o meu pai apercebeu-se disso “ O que é que se passa com os animais?” “ Não sei”. Mas ele aproximou-se e viu que a comida estava a fumejar. Ai! Meu Deus, levei uma sova tão grande dele que nunca mais me lembrei de dar comida quente aos porcos. O meu pai não era muito de bater, mas quando batia, batia fazia doer. Eu era fresca, às vezes, provocava mesmo (risos). E não batia com as mãos, vou-te mostrar que guardei como recordação (...) Era uma coisa destas que se chama colher de pau que serve para fazer o funcho, o pirão. Eu trouxe isto de lá, era uma colher de pau. Era com isto que ele me batia, “Estende a mão” Toma. “Estende a outra” Toma. Quando estava muito zangado batia nas mãos, no cu, onde calhava. O meu pai zangava-se muito era quando estávamos na brincadeira e não vínhamos para a mesa, ao jantar, mas aí não nos batia.

J- Também utilizavas essa colher de pau para bater nos teus filhos?

T- Não, nunca. Isto só serve para mexer o pirão e como recordação. Eu raramente bati nos meus filhos, nunca gostei de bater, nem nos meus nem nos outros, na escola nunca levantei a mão para qualquer aluno, não, bater não. Zangar, sim, chamar-lhes a atenção, fazê-los compreender as coisas, agora, bater não (...)

J- Quais as brincadeira preferidas em criança?

T- Olha, saltar à corda, macaquinho do chinês, lencinho da botica, sei lá, fazer corridas. Fazia corridas com os meus irmãos. Mas a maior parte das brincadeiras eram no colégio, porque eu passava lá o dia quase todo (...) Eu não era muito bem comportada lá no colégio, o meu pai era chamado lá, muitas vezes, por causa disso. Era mais mal comportada da família, os meus irmãos portavam-se sempre muito bem na escola. Eu, é que, às vezes, me portava mal. Era muito refilona e as freiras não gostavam disso. Quando eu via que não eram justas, que não concordava com aquilo que diziam, refilava logo. O ideal era ouvir e calar e, eu, não era capaz, nunca me calava. Eu ripostava sempre e elas levavam aquilo a mal e chamavam o meu pai. Muitas vezes apanhei por causa disso (risos). Mas, adorava a escola. Gostei muito de estudar naquela escola. Estive lá até aos 14 anos. Fiz lá o que hoje se chama o Preparatório. Depois, na transição para o Secundário, surgiu um convite feito ao meu

pai por parte das freiras. “Ela é muito boa aluna, capaz de ir mais longe, então deve ir estudar para um colégio maior”. Havia um colégio maior, em S. Salvador do Congo que, também, era da Missão Católica, onde podia dar continuidade aos estudos e que ficava numa outra cidade. E quem tivesse vocação para professora podia fazer lá o Magistério. Porque havia uma escola do Magistério da Missão Católica. E, pronto, assim foi. Os meus pais trataram de reunir o meu enxoval e eu, muito satisfeita, porque ia ver-me livre dos porcos e dessas coisas todas. E fui para esse colégio interno em S. Salvador que ficava aí a umas 3 horas de avião, com escala em Luanda. Da minha terra, Henrique de Carvalho, a leste do país, para norte, era longe, Angola é muito grande. Mas, o meu pai não tinha dinheiro para comprar um bilhete na DTA, que era a companhia de Transportes aérea de Angola, então, o capitão do exército era muito amigo do meu pai, arranjou maneira de eu viajar no avião deles, da Força Aérea. Na altura, aqueles aviões que os militares usavam para as missões, chamávamos barriga de Jimguba. Não sei como se chama aqui, é o avião que faz o transporte de militares, que leva e vai buscar os militares que vão naquelas missões (...) Ia de boleia naquele avião. Naqueles seis anos que eu estive em S. Salvador, também, só vim a casa duas vezes. Por isso, não foram assim muitas viagens. Naqueles seis anos acabei o antigo 5º ano na Missão e fiz logo a inscrição para o Magistério Primário que era logo ao lado e pertencia, também, à Missão Católica. Fiz lá o curso do Magistério Primário. Em Angola, os religiosos, a igreja, era uma grande potência educativa, os melhores colégios eram religiosos, de frades e freiras. Olha, o aluno que tinha sorte de ingressar nesses colégios tinha uma formação muito boa, melhor que nas escolas públicas, nem se comparava. Eram colégios que preparavam melhor para vida, para o futuro (...) Eu passei, praticamente, a minha adolescência toda no colégio. Fui para S. Salvador aos 13 anos e saí de lá aos dezoito. Mas adorei aquele tempo, a amizade com as colegas, aquele espírito de grupo, as partidas que fazíamos às freiras, no dormitório, os momentos, depois do jantar em que tínhamos um pequeno convívio, aprender a trabalhar com os audiovisuais, aprender a bordar, ouvir música, dançávamos entre nós. Depois às 22 h era o recolher. Íamos para os quartos, eram camaratas com camas de um lado e doutro, era por anos de escolaridade. Cada camarata tinha aí umas dezasseis a vinte camas. O ambiente entre nós era muito bom. O que havia era aquelas meninas beatas, as açorianas eram do pior, eram muito beatas, que horror, graxistas de primeira apanha, sempre coladas às batinas das freiras e dos padres. Aquilo metia raiva. Às vezes pregávamos-lhes

partidas. Às vezes, por volta da 1 h da manhã, não era sempre, gritávamos “ Homem no dormitório”. Combinávamos entre algumas de nós e gritávamos” Homem, homem no dormitório”. Era tudo a saltar nas camas, era uma gritaria pegada. Apareciam logo as freiras, eu não sabia o que era aquilo, mas ao mínimo alvoroço, apareciam logo as freiras, elas estavam noutra edificação ao lado do nosso, mas, parecia que estavam a dormir por detrás das portas da nossa camarata, tal era a rapidez com que apareciam. As freiras vinham logo ter comigo. Nunca tive bom comportamento. Eu fazia muitas partidas, mas quando não era eu, ficava sempre associada ao que acontecia. A primeira a ser interrogada era sempre eu. Fui castigada tantas vezes, proibida de ir aos convívios, de ir dançar, às vezes, obrigavam-me a ir bordar ou ir costurar, como castigo, porque sabiam que eu não gostava disso. Mas, de vez em quando lá ia parar ao ateliê de costura ou de trabalhos manuais que era uma coisa que não gostava, não tinha muito jeito. No Magistério éramos obrigadas a bordar, mas eu não gostava muito. Mas olha, guardei como recordação algumas que bordei, uma delas está aqui na despensa, queres ver, tão velhinha, até já tem um buraco, agora serve para tapar aqui na estante, as batatas e as cebolas (risos). Tás (sic) a ver? Foi bordada a ponto cruz. Também fiz um enxoval que era obrigatório e, depois, também aprendíamos a cozinhar. Uns dias antes davam-nos um menu e nós tínhamos que o fazer, tínhamos que pôr a mesa, com a toalha, pratos, talheres, o vinho, copos e servir as pessoas à mesa. Eram colegas que nós servíamos, eram exercícios para nós aprendermos, saber fazer o governo da casa, tudo. Nesse aspeto o Magistério preparava-nos para a vida. Toda esta formação foi importantíssima para mim, para a pessoa que sou hoje, em todos os aspetos. Aprendi a conhecer-me, a conhecer os outros, a saber relacionar-me. O que eu sou deve-se muito ao meu passado, tive uma educação muito forte, muito bem orientada. Hoje posso dizer que sou uma pessoa que sirvo, não para me servir, mas para servir os outros. Olha, sabes qual era um dos serviços que fazíamos para os outros, era com os militares que sofriam emboscadas e que morriam, nós que fazíamos as coroas que acompanhavam os corpos para vir para Portugal. Também éramos nós que fazíamos as missas de corpo presente. Mas também tínhamos programas de apoio à comunidade, e dentro do colégio havia as tutorias, nós ajudávamos as alunas que tinham mais dificuldades. Foi um tempo muito bom. Foi assim a minha adolescência. Aquela vida de adolescente que muitos jovens levam, as festas, os passeios, os namoros, eu não tive nada disso. Quando estava no Magistério, algumas colegas que namoravam, as cartas eram censuradas. Os namorados

escreviam-lhes, as freiras liam as cartas primeiro e depois é que lhes entregavam, quando fosse da distribuição do correio. Quando as cartas eram picantes, era o termo que elas usavam, não distribuíam. Diziam “ Olha, recebeste uma carta picante, não te entregamos. Da próxima vez, diz ao teu namorado para não escrever cartas dessas”.

J- Se era internato como é que as tuas colegas arranjavam namorado?

T- Nas férias, só as férias, porque durante as aulas não podíamos sair. S. Salvador é uma cidade e nós só saíamos ao fim de semana, todas juntas, quando íamos à missa. Ninguém saia sozinha. Ou então quando fossemos ao teatro, tudo em grupo. As colegas que namoravam, só podiam namorar ao fim de semana, na hora da visita, ali no colégio, na presença das freiras. Era como eu dizia, um namoro de cadeira afastada. Só era permitido namorar a partir dos 18 anos. A maior parte das vezes o que é que acontecia, eu tive colegas lá no Magistério, mais velhas que eu, que iam de férias, estavam com os namorados e depois quando voltavam já estavam grávidas. Daí a dois ou três meses voltavam para casa porque eram expulsas, as freiras não admitiam alunas grávidas. Recebiam imediatamente ordem de expulsão. O Colégio era misto, mas só nas aulas, porque depois das aulas não podíamos falar com eles. A residência dos rapazes distava aí uns 2 km da nossa. Tínhamos aulas na mesma sala mas era rapazes para um lado e raparigas para outro. Olha, sabes como é que eram os nossos fatos de ginástica, o calção era até por baixo do joelho com elástico e uma saia branca por cima. A blusinha era de golinha redonda, manga curta. Tínhamos aulas de ginástica todos juntos por isso é que as meninas tinham aquele fato, todas bem tapadinhas. Os soutiens, sabes o que é que as freiras faziam? Chegávamos das férias, “Soutiens novos”. Tínhamos de mostrar. Os soutiens, naquele tempo, não eram como são hoje, tinham aquele bico, que faziam as maminhas em bico (risos), então as freiras cortavam a ponta do bico do soutien, para não fazer aquele biquinho por baixo da blusa e remendavam o soutien (risos). Aquilo era um pagode. Mas foi tudo muito bom, gostei muito daquele tempo. Já tínhamos, de certa maneira, sido preparadas para aquilo. Eu enquanto lá andei nunca tive namoro, era muito arriscado. Nós podíamos falar com os rapazes em circunstâncias das aulas, mas, quando acabavam as aulas, já não podíamos falar, cada um ia para o seu lado. Nos intervalos, havia pátio dos rapazes e pátio das raparigas. Os únicos contactos que tínhamos, eram nas aulas e nas aulas de educação física. É claro que havia sempre umas que eram mais atrevidas que, às vezes, iam até perto da residência dos rapazes, mas, se fossem apanhadas, a ordem era de expulsão. Era tudo muito controlado e se não

queríamos ser expulsas tínhamos que seguir aquilo à regra. É claro que no que tocava ao meu pai, se eu fosse expulsa, eu nem queria pensar o que é que aconteceria. Ele nunca me iria perdoar. O primeiro beijinho que dei num rapaz foi nas férias grandes, já depois, de acabar o curso, tinha 19 anos. Foi o meu primeiro namoro, a princípio namorávamos a olhar um para o outro, que o meu pai não me deixava sair. Era um militar que era do Porto que estava lá fazer o serviço militar e ele, nas férias, em vez de vir a casa ficou lá na minha terra. Eu saía em grupo com as minhas amigas, íamos ao cinema, fazíamos pic-nics. Eu nunca saía sozinha ou saía em grupo ou saía acompanhada do meu irmão mais novo. Foi numa saída em grupo que conheci o meu primeiro namorado. O meu pai não se opôs, eu quando vi que, mais dia, menos dia, aquilo era uma terra pequena onde todos se conheciam, podiam as pessoas badalar, o meu pai sendo fiscal de comércio era muito conhecido e as pessoas “ Olha, a tua filha namora um militar” e como senhora professora, naquele tempo, tinha que ser um exemplo. Eu tinha sido formada numa escola do Magistério da Missão Católica, éramos mais consideradas por isso. Havia muitos Magistérios em Angola, mas os da Missão Católica tinham outro prestígio e era mais fácil a colocação para nós. Se concorresse uma colega que tivesse sido habilitada numa escola pública e concorresse uma que tivesse andado na Missão Católica, a da Missão Católica era colocada primeiro. Nós éramos consideradas um exemplo, até na maneira de vestir, nada de calças, a bainha da saia era vista assim “ Nós inclinávamo-nos um bocadinho para a frente e a saia tinha que ficar por baixo do joelho” As blusas não podiam ter decote. Era tudo muito rigoroso, mesmo que não estivéssemos já na Missão Católica. Usávamos vestidos, saias e a bata branca e tínhamos de frequentar a igreja e tinham de casar na igreja. Os casamentos das professoras eram publicados em edital, a senhora professora tal vai casar com fulano de tal, era mesmo assim (...) Ah! Mas sobre o meu namoro, eu disse ao meu pai “ Pai, no próximo fim-de-semana queria apresentar-lhe uma pessoa”, “ Mas quem é essa pessoa?” Eu disse-lhe “ Eu acho que vai ser o meu namorado, mas ele como é um rapaz com princípios disse que não queria começar a namorar sem vir falar com o pai”, mas, isso, foi conversa minha, isso de “querer vir ter com o pai”. O meu pai respondeu “ Ele que venha, no sábado” “ Ah, mas eu gostava que ele almoçasse aqui em casa” Tudo bem já sabes que pode vir, não há problema nenhum”. E eu disse assim “ E na cor? O pai põe alguma dificuldade na cor?” “ Na cor?”. Ele olhou muito sério para mim e repetiu” Na cor? as pessoas podem ser pretas, brancas, azuis, o que é que isso interessa? o que importa

é a pessoa ser honesta, trabalhadora e tu gostares dele, a cor não tem nada a ver”. Fiquei maravilhada com a resposta do meu pai, porque o meu namorado era branco. Depois, dei dois passos, que me ia embora, ele chamou-me e disse assim “ Oh Teresinha, fiquei a pensar na pergunta que me fizeste, então tu tens na família, tantos brancos, tantos mulatos, já me ajudaste, uma vez, a fazer a nossa árvore genealógica, andámos aqui à procura dos teus primos e vens fazer-me essa pergunta”. É que eu tenho quatro primos, filhos de dois pretos, um deles é irmão do meu pai, os moços saíram clarinhos, ruivos com aquelas sardas na cara, olho azul, azul, acentuado. Já tínhamos andado a ver, com a árvore genealógica, donde é que eles vinham, aquela cor, sobretudo, o olho azul que se dizia que o africano não tinha. Tinha que haver uma descendência europeia, fomos ver, fomos, fomos, e chegámos aos holandeses. Quando os holandeses vieram para Angola estiveram radicados naquela zona onde os meus pais nasceram, teve que haver ali uma coisa qualquer. Por isso, é que na minha família, uns são mais claros e outros são mais escuros, eu sou a mais preta de todos. Eu, depois, disse ao meu pai” Não pai, eu não fiz essa pergunta porque duvidasse que o pai não fosse racista ou qualquer coisa assim, foi só para saber qual era a sua opinião” “Mas, nunca me devias ter feito uma pergunta dessas”. E, pronto, até contei ao meu namorado esta conversa com o meu pai (...) Aquele namoro, a princípio, ainda resultou, ele pôs os quês dele, o namoro tinha de ser lá em casa, se saíssemos, tinha de ser acompanhados, o meu irmão é que ia sempre, que a intenção do rapaz tinha de ser séria, essas coisas assim. O rapaz disse que a intenção dele era séria, que gostava de mim. Começamos a namorar e eu também gostava dele, era bom rapaz, muito respeitador e bem educado com a minha família. Só que, algum tempo depois de namorarmos, um ano, mais ou menos, ele veio a Portugal com uma licença graciosa. Veio e como era dos Comandos já não o deixaram regressar a Angola porque começou a dar formação aqui em Portugal, em Tancos. Continuámos a nos escrever e ele, depois, escreveu a dizer que queria casar comigo, mas que teria de ser por procuração. Casávamos e depois logo se via, se ele tentava voltar para Angola ou se era eu que vinha para Portugal. Naquela altura usava-se muito este tipo de casamento. O meu pai disse “ O quê? Por procuração, isso nunca, quero ver a cara dele aqui no casamento, casar com papéis e depois se tu vais para lá, não sei onde vais para, não, isso não”. Foi assim, ainda namorámos mais algum tempo, cartas, às vezes, por telefone, aerogramas que era o que se usava na altura, muitos aerogramas mandei para cá. Depois, a coisa arrefeceu. Entretanto, como era professora fui

colocada, deixei a minha terra, também, para mudar, porque tinha aquele desgosto, já estava compenetrada que ia casar, gostava daquele rapaz, e foi um desgosto. Sabes, naquela idade, o namoro, o amor, os sonhos que temos de casar. Foi tudo por água abaixo. Quis mudar de vida, quis esquecer, mudar de ambiente e pedi transferência para Benguela. Comecei a trabalhar e um ano depois de lá estar, conheci o Toni que é o meu marido. Namorámos aí dois anos e a coisa ainda andou tremida, mas resolvemos casar. Casámos em 1976, no dia 9 de Setembro de 76, tinha 24 anos. Mas, quando começamos a namorar ele foi falar com o meu pai para pedir autorização para namorarmos. Ele é que foi, eu não fui com ele, também, para o testar. Telefonei ao meu pai a dizer que ia lá a casa uma pessoa que queria falar com ele. Ele disse-me “ Já sei, já conheço essa história, ele que venha”. O Toni foi de comboio e lá se entenderam. Eu não quis ir porque o queria pôr à prova e achava, a princípio, que ele não estava com boas intenções. Dei-lhe a morada e disse-lhe “ Vai lá, quem tem boca vai a Roma”. Ele foi e voltou satisfeito, disse que tinha gostado do meu pai. O meu pai, escreveu-me, disse que achava que o Toni parecia ser bom rapaz, que parecia ter boas intenções, essas coisas. Foi assim. Depois, casámos em Benguela, os meus pais e irmãos vieram todos a Benguela ao meu casamento, mas, os meus pais vieram muito contrariados, porque a tradição era o casamento ser na terra da noiva. Mas, eu estava a trabalhar em Benguela, tinha lá casa, o Toni era de Benguela e eu, também, gostava de cortar com as tradições. Eu não te disse que quando era nova, era muito rebelde e gostava de fazer as coisas à minha maneira. É como aquela coisa do véu e não sei quê, eu não casei com véu, eu usei um chapéu, sempre gostei muito de chapéus (risos). E a minha mãe muito desgostosa porque tinha lá um grande véu que dizia que eu tinha de o usar, por ser a mais velha e porque fui a primeira a casar. Aquele véu já vinha de família, já tinha sido usado em vários casamentos pelas mulheres da família. Não quis saber disso, usar aquela coisa meio amarelada, já carcomida, parecia que tinha saído, não sei donde, nem pensar. Também nunca gostei de véus. E assim foi, casei com o Toni e já estamos casados há 34 anos, uma vida (...)

J- E, depois, como foi essa vida de casada?

T- Vivi em Benguela até 1982, seis anos, muito bons, ganhava bem, gostava muito do trabalho que fazia, gostava da cidade, os problemas vieram depois. O Toni tinha, também, um bom emprego, eu dava aulas de Língua Portuguesa ao 5º e 6º ano. Depois, houve necessidade de dar aulas, também, à noite. Como fui nomeada, por

ordem do Ministério, não podia dizer que não. A escola era pertinho de casa. Dava aulas de dia no preparatório, como se diz hoje e dava aos adultos à noite. Esta foi a minha segunda experiência em educação de adultos, porque a primeira intervenção com adultos, foi com militares, lá na minha terra, isso foi no quartel, mesmo. Isso foi no início de ser professora, foi logo no primeiro ano de trabalho, dava aulas na primária. Fui voluntária, fui dar alfabetização aos soldados. Aí é que o capitão achava que eu devia ir de calças. “ Para proteger as pernas, eles são homens, são jovens” parece que estou a ouvi-lo falar. Este convite surgiu a partir da igreja, numa conversa entre o padre e o capitão. O capitão era amigo do meu pai e conhecia-me muito bem. O padre também me conhecia, muito bem, desde criança e eu continuava a ir muito à missa. Da conversa surgiu o convite e eu aceitei. E foi uma coisa que eu nunca pensei, eu fiquei de boca aberta, nunca pensei que houvesse brancos, portugueses, que não soubessem ler nem escrever. Ainda, por cima, jovens, vindos da metrópole, eu não queria acreditar. Parecia que havia ramos lá no exército, uns eram cozinheiros, outros andavam nas missões, outros queriam tirar as cartas de condução e não podiam, porque não sabiam ler nem escrever. Então comecei a dar alfabetização aos militares. Foi a minha primeira experiência. Em Benguela, foi diferente, fui por ordem do Ministério e já foi na Escola, mesmo. O meu horário era distribuído de manhã com as crianças e à noite com os adultos. Eram só duas horas à noite, fiz isto durante quatro anos, até que me vim embora. Mas aqui não era alfabetização, aqui eram adultos que andavam no 5º e 6º ano. Alfabetização foi só com os militares. Aí já utilizava Paulo Freire, que eu aprendi no Magistério. Lá, não era só estudar para ficarmos preparados para trabalhar com crianças, também, nos preparavam para trabalhar com adultos. Não te esqueças que a taxa de analfabetismo em Angola era muito elevada, não eram muitas as crianças que andavam à escola, sobretudo, no mato. Qualquer professora formada no Magistério da Missão Católica estava preparada para dar aulas a adultos. Este método das 28 palavras que nós usamos agora aqui, era o que se usava lá em Angola, para ensinar as crianças a ler e a escrever. Com os adultos, associávamos Paulo Freire a este método que também dá para ensinar adultos. Acho que foi nas aulas de Didática A ou de Pedagogia, já não tenho a certeza, estudávamos Paulo Freire (...). Tivemos uma boa preparação. Não senti dificuldades quando fui trabalhar. Gostei muito daquele tempo. Lá não tínhamos essa dificuldade que os professores tinham aqui, de serem colocados. Nós tínhamos logo escola. E, também, não tínhamos de nos preocupar com a carteira,

éramos muito bem pagos, quando me casei, já tinha carro, casa toda mobilada. Tinha uma boa vida. Agora eu digo que não sabia que quando estava em Angola, eu era rica. Nós morávamos na avenida marginal, junto à praia. Tínhamos bom peixinho, íamos esperar que as xatas, como se chamavam aquelas pequenas embarcações, viessem do mar e comprávamos logo ali, o peixe fresco. Não nos faltava nada. Nós ganhávamos melhor que os professores aqui na metrópole, quando iam lá, professores daqui, passar férias, ficavam admirados, nós ganhávamos o dobro do que vocês ganhavam aqui. Naquela altura, em 1972, 1973, antes do 25 de Abril, já ganhávamos perto de cinco mil escudos, aqui, um professor primário ganhava cerca de mil e quinhentos escudos. Lá dava grandes passeios, andava só de avião, quando cheguei aqui, senti a diferença. Vinha de lá com aquele hábito e, a princípio ainda ia daqui para Lisboa de avião, mas, depois, vi que não dava, que era muito caro. As colegas diziam” Vais de avião? Quero ver até quando continuas a ir de avião” Tinham razão, deixei de ir (...) A guerra, a guerra, se não fosse a guerra, pois, a minha vida teria sido muito diferente, muito diferente, mesmo. Veio a guerra em Angola, começaram as perseguições, a instabilidade, o medo de sair à rua, é terrível ter aquela sensação de medo. Eu nunca tinha passado por uma experiência destas, sempre me tinha sentido segura em Angola, vivi a minha adolescência, no tempo da guerra colonial, mas nunca senti medo, habituei-me a ver os militares, mas nunca senti aquele ambiente de guerra. Depois, houve o 25 de Abril, já era professora, estava lá na minha terra, não houve confusão nenhuma. Mas, aquela guerra civil em Angola, foi diferente. Tudo mudou. Andávamos preocupados, não sabíamos qual iria ser o nosso futuro. Entretanto, já tinha a minha filha, e o meu filho, não queríamos que eles crescessem naquele ambiente de guerra, de medo, estávamos preocupados com o futuro dos nossos dois filhos. Começamos a ter medo das perseguições que não eram feitas de uma maneira muito descarada, mas, havia perseguições. Nós tínhamos medo porque o meu marido era filho de pai branco, português, mestiço, delegado sindical, andava metido nas políticas, era do MPLA. Eu não, mas, era professora, era considerada preta culta. Sabes que o MPLA era um partido mais aberto, mais flexível, era um partido das pessoas mais cultas, mais conscientes. Os outros partidos não, eram partidos mais racistas, mais extremistas. Eu naquela altura não me manifestava politicamente, tinha medo. Recebi alguns convites para ocupar cargos na educação, cargos que, também, eram políticos. Eu nunca quis aceitar. Mas, com medo de dizer não, achámos que o melhor era virmos embora. Eu fiz uma carta

a pedir a demissão, deixei com um colega em quem confiava muito. Quando cheguei a Portugal telefonei-lhe para ele ir entregar a carta onde pedia a minha exoneração. Se o fizesse lá, o mais certo era não me deixarem vir para Portugal. Eu naquela viagem de oito horas de avião vinha rezando, porque se eles soubessem que eu estava a abandonar o país, eram capazes de fazer voltar o avião para trás. Isso aconteceu várias vezes (...) Joca, viemos para Portugal, em 1984, sem nada, só com a roupinha que tínhamos no corpo (...)

J- Teresinha contava-se que tu tinhas vindo de Angola sem nada, mas trazias um diamante escondido nas partes genitais

T- (Risos) Alguma vez. Não sei quem inventou isso. Não és a primeira pessoa que me pergunta isso, porque correu esse boato na educação de adultos de que eu tinha trazido um diamante escondido no corpo e que foi com a venda do diamante que me organizei em Portugal. Mentira, joca, mentira, então, como é que eu conseguia passar um diamante no aeroporto, eles tinham lá as máquinas que detetavam logo, faziam as radiografias e viam no intestino, noutra parte qualquer do corpo, descobriam logo. Faziam uma espécie de radiografia para ver se as pessoas traziam o diamante no corpo. Quem conseguia trazer, era porque tinha alguém, algum amigo, que fosse piloto de avião, ou hospedeira ou coisa assim, não era possível. Isso era uma grande aventura, houve pessoas que tentavam trazer dentro das pastas dentífricas, dentro de sabonetes, faziam um buraco no sabonete e dissimulavam muito bem. A princípio, dizem, que alguns conseguiram assim. Mas, quando começaram a descobrir, a polícia de fronteira estava a par dessas artimanhas e apanhava os espertinhos que acabavam na cadeia. Não, isso era um grande rico, eu não era capaz de fazer isso. Eu quis vir para Portugal para ter a minha paz de espírito, nada de confusões. Eu queria vir para Portugal e ser professora, o meu marido queria ter a sua profissão e podermos viver em paz. Isso era tudo o que nós queríamos e foi por isso que deixámos o nosso país, a nossa família, a nossa casa, o nosso carro, as nossas coisas. Foi muito complicado, joca, sabes que chegar a um país diferente, só com a roupa do corpo e com dois filhos pequeninos, que o terceiro, já nasceu cá, sem família, sem conhecer ninguém, ter de começar tudo do zero. Foi muito complicado, porque uma coisa é uma pessoa nunca ter tido nada, e ir construindo a vida aos poucos, outra coisa é uma pessoa ter uma vida estabilizada, com planos para o futuro, não ter problemas de dinheiro e, de repente, mudar tudo, começar outra vez de princípio, sem bases nenhuma e com a preocupação de ter dois filhos pequeninos que têm necessidades e não sabermos o

que iria ser a nossa vida no futuro. Esse é que foi o maior problema. A família teve que nos ajudar, a família que veio para cá, não, porque, também, tinham vindo de lá, e estavam com a vida toda atrapalhada. Tivemos de recorrer aos meus pais e aos meus sogros que estavam lá e nos mandavam, de vez em quando, uma encomenda e escondido vinha um saquinho de plástico com dólares (...). Foi muito difícil (...). Foi muito difícil (...). Mas, entretanto, a vida foi-se compondo, graças a deus, acabámos por endireitar a nossa vida. Mas, quando viemos e fui colocada em Alcoutim, aí, também, foi muito complicado a princípio. Viemos para Olhão e não havia vagas aqui próximo. Concorrei para onde me disseram que tinha possibilidades de colocação, concelho de Alcoutim e fui parar a Balurcos. O que eu queria era ser colocada, eu precisava trabalhar, ganhar dinheiro para aguentar a família. O meu marido ainda não tinha conseguido colocação. Depois, à medida que me fui integrando na vida daquela gente de Balurcos, as coisas foram melhorando, acabei por me integrar com muita facilidade. Toda a gente gostava de mim. Tive algumas dificuldades porque fiquei a viver na Escola, numa das salas da escola, lá com o meu filho. Depois fiquei grávida e em vez de um, eram dois, a minha filha ficava em Olhão com o pai. Aquela sala de aula era a minha casa, a escola tinha duas salas, numa dava aulas, na outra era a minha residência. Deves lembra-te disso, porque ajudaste-me a levar um fogão de Olhão lá para Balurcos, lembras-te? (...). Aquela vida, a princípio, não foi nada fácil. Mas, com o tempo habituamo-nos a tudo, estava longe do meu marido e da minha filha, não tinha muitas condições. Era um pouco como aquela gente de lá que também vivia com o indispensável, sem luxos nenhuns. Eu nem uma televisão tinha, não tinha água quente para dar banho às crianças, não tinha frigorífico, não tinha um tanque para lavar a roupa, tinha de ser dentro de um alguidar. Era só o indispensável e tinha que improvisar. Depois, foi a passagem para a educação de adultos. Adorei aquele trabalho, sentia-me muito bem. Dava-me muito bem com as pessoas do nordeste algarvio, todas me respeitavam. Sinto que fiz um bom trabalho com aquelas pessoas, e elas reconheceram isso. Quando me embrenhei com a educação de adultos deixei de me preocupar com certas coisas, fui muito feliz em Balurcos. Depois o meu marido veio trabalhar para Alcoutim e aí a família estava quase toda junta, só faltava a minha filha. A minha Eneida já andava na escola e, por isso, ficou em Olhão. Estava cá uma irmã minha, ela ficava com a tia. Eu sentia-me bem em Balurcos, andava feliz, e mais feliz fiquei, quando comecei a ver as pessoas andarem mais satisfeitas por verem que tinham alguém que lhes estava a dar a mão

para as ajudar. Eu ajudava-as e elas ajudavam-me a passar o tempo. Eu nem dava pelo tempo passar (...) Um momento importante foi, quando estava em Balurcos a dar aulas às crianças e tinha o curso de alfabetização, à noite, com os pais dessas crianças, e me apareceu lá a Célia que era a coordenadora concelhia de educação de adultos, a oferecer-me uma bolsa. Eu nem sabia que existia uma coordenação de educação de adultos. Fiquei encantada, porque passei a fazer o mesmo que já fazia, só que agora não era voluntária, mas recebia uma bolsa. Eram nove mil escudos, acho eu, que me faziam muito jeito. Mesmo que não me pagassem, eu fazia aquele trabalho que era muito importante porque aqueles pais, eram pessoas jovens, analfabetas, sem perspectivas de vida. Faziam lembrar-me a minha mãe que não sabia ler nem escrever, mas ajudava os filhos (...). Aquele curso de alfabetização, o exame da 4ª classe, foi muito importante para alguns deles, ajudou a mudarem de vida. Alguns deles foram trabalhar para a Câmara. E, as mulheres já podiam ajudar os filhos nos trabalhos da escola. Com a 4ª classe, poderiam ter outras oportunidades (...) Quando estava em Balurcos nasceu o meu terceiro filho, o Valdir que esteve sempre comigo. Quando eu vim de Balurcos, o Valdir já tinha 6 anos. Quando viemos para Olhão, o Valdir veio logo para a escola, tinha andado no infantário de Balurcos (risos), criado lá à solta. Quando era coordenadora concelhia que tinha que visitar os cursos, ir a Alcoutim, correr a serra, o meu Valdir, era pequenino, ficava em Balurcos a brincar na rua, na casa das vizinhas. Este é que gozou de liberdade enquanto foi pequenino. Aos fins-de-semana, quando queria vir a Olhão era uma carga de trabalhos para o trazer. Não queria vir, fugia sempre. Tínhamos de andar atrás dele (risos). Algumas vezes era o motorista do autocarro que corria atrás dele, porque quando íamos entrar no autocarro ele fugia. Dizia assim “ Traz a nossa casa para aqui, mãe, traz a nossa casa para aqui, eu não vou, eu não vou”. E, fugia. Eu tinha que o amarrar a mim, meia hora antes de ir para o autocarro, porque, senão, era uma carga de trabalhos. Se eu o soltasse, ele escondia-se naqueles montes, ou na casa da Vitorina ou na casa da Maria, ou não sei onde. O motorista do autocarro dizia que o Valdir era o cheiro (risos) porque um dia, o moço tinha 5 anos, fomos apanhar o autocarro em Vila Real e havia um senhor que estava sentado à frente que cheirava muito mal, era uma coisa insuportável, e ao entrar no autocarro reparámos que os lugares da frente não tinham ninguém, mas depois dos primeiros lugares, estava cheio, as pessoas estavam todas lá mais para trás. Eu não sabia e sentei-me à frente ao pé do único homem que lá estava sentado. Depois é que eu percebi o que era,

comecei a sentir cá um cheiro, mas fiquei caladinha, de repente o Valdir levanta-se e diz “ Mãe, este senhor cheira muito mal”. O homem levanta-se e tenta agarrar o Valdir e grita “ Preto dum cabrão” (risos). Eu peguei no Valdir e fui logo sentar-me lá atrás. Olha, aquela gente começa toda a rir. Fiquei tão envergonhada. O motorista nunca mais se esqueceu do Valdir. Esse motorista agora é aqui meu vizinho, já está reformado e quando me vê diz “Então e o cheiro, como é que vai o cheiro” (...). Depois, quando o meu marido foi para Alcoutim já foi diferente. O meu marido levava o carro e já não precisávamos apanhar o autocarro para vir de fim-de-semana. Como sabes, o Valdir é jogador de futebol, agora está no Rio Ave, mas vem cá muitas vezes visitar-me e, às vezes, falamos disso. Ele nunca se esqueceu daqueles tempos de Alcoutim, de Balurcos. Foi um tempo marcante para ele (...). Esses tempos foram bons e ainda ficaram melhores quando tive a companhia do Toni. Consegui convencê-lo a concorrer para Alcoutim e como, a princípio, tinha boas relações com o presidente Cavaco, o Toni foi lá colocado, esteve lá 3 anos. Mas, depois, as coisas complicaram-se e o senhor presidente não lhe renovou o contrato. Foi uma pena, porque, por causa disso, viemos todos embora para Olhão e pedi a cessação do meu destacamento na coordenação concelhia de Alcoutim. Ele não renovou o contrato porque queria que o Toni se filiasse no PS, queria que todos os funcionários da Câmara se filiassem no PS e o Toni não quis. Mas, nessa altura ele também andava fulo comigo por causa dos convites que fazia ao Dr. Amaral que era um forte candidato à presidência da Câmara. Ora, se ele era o médico que estava sempre disponível para participar nas nossas sessões temáticas sobre saúde, por que é que não havia de convidar. Queria lá saber de que partido era ele. O que eu sabia é que ele ia sempre e que as pessoas gostavam dele, as sessões em que ele ia estavam sempre cheias e não eram só as pessoas dos cursos, eram as pessoas do monte em peso. Uma vez, confrontei-o e disse-lhe “Perceba uma coisa, senhor presidente, eu sou professora, de medicina não percebo nada, temos aqui um médico que se oferece para ajudar a educar as pessoas na saúde, há aqui mulheres que ficam grávidas mais do que a conta porque não sabem se proteger. Só o médico é que pode ensinar. Eu peço os contraceptivos, ele traz, mas, só nessas sessões e que se distribui e ele explica, não vou ser eu a fazer isso. E, também, sabe que as pessoas não utilizam isto se não for o médico a dizer. Sabe que aquelas mentes têm que ser trabalhadas. Por isso é que se convida o marido e a mulher a estarem presentes”. É, que, aquelas sessões serviam para isso, para dar uma abertura, no assunto que era tabu para aquelas

gentes. Aquelas mulheres jovens, em idade fértil, só começaram a utilizar anticoncepcionais depois que nós começamos a fazer aquele tipo de trabalho, para evitarem andar sempre grávidas, para não serem surpreendidas com filhos, mesmo quando não quisessem (...) E, com o Eng. João Dias era a mesma coisa, era o técnico da Agricultura, também, estava sempre disponível, mas como era da CDU e era candidato à Câmara, o presidente Cavaco não gostava que o convidássemos para as nossas sessões. Ora, num concelho em que havia tão poucos técnicos com formação que estivessem disponíveis para colaborar connosco, eu ia fazer o quê? Por causa das manias do presidente Cavaco não ia prejudicar o trabalho de educação de adultos. Que me importava a mim que eles não se gramassem? Mas, no fim, acabei por ter problemas por causa disso, por causa disso e por outras coisas, tudo por causa da maldita política. O presidente Cavaco andava com medo de perder a presidência da Câmara e via inimigos em toda a parte. Depois queria arranjar apoios e nós éramos um bom apoio, a coordenação concelhia era um grande aliado que ele tinha. Ele não perdia uma atividade que nós fizéssemos, onde estivesse muita gente. Encerramentos de final de ano dos cursos, encontros de poetas, visitas de estudo, festas, ele ia sempre. É verdade que nós o convidávamos sempre. Quando começou a meter na cabeça que estávamos a apoiar a candidatura do Dr. Amaral, só porque o convidávamos para as nossas sessões, aí é que tudo se complicou. Começou a dificultar-nos a vida, deixámos de ter os apoios da Câmara e tu sabes que é muito difícil fazer este trabalho sem o apoio da autarquia. O concelho de Alcoutim é muito grande, os cursos estavam muito dispersos, precisávamos de transporte, mas, também, precisávamos de fotocópias para os cursos de alfabetização. Esse apoio acabou. As relações com a Câmara ficaram azedas. Depois ele não quis renovar o contrato do Toni, que ficou desempregado. Ele também me tirou o apoio depois daquele convite, não te lembras disso? Quando ele queria que eu me filiasse no partido socialista. Houve uma reunião em Faro ali na CCRA, no tempo do Vairinhos, ele pediu-me para vir com ele, logo não percebi porquê, porque ele vinha a essas reuniões sozinho, nunca me tinha pedido para vir com ele. Depois da reunião, fomos a outra reunião que eu não sabia que raio de reunião era aquela, foi na sede do Partido Socialista. Ele apresentou-me a umas pessoas. Ele já tinha cozinhado aquilo tudo porque queria que eu fosse para vereadora da cultura da Câmara de Alcoutim. Era o mesmo que tinha a Jovita em Vila Real. Tu não te lembras disso? Eu na altura, contei-te. Estava tudo preparado, tudo feito por eles e não me tinham dito nada. Mas

isso não é assim. Depois, houve uma reunião de Câmara em que eu fui convocada que era para eu aceitar esse cargo. Eu não achei bem aquilo. Logo, disse que ia pensar e não assinei nada. Depois, telefonei para Direção Regional e perguntei “Mas eu sou professora destacada e posso ser nomeada para cargos destes? Então quando fui nomeada coordenadora concelhia veio no Diário da República e agora para um cargo destes de tanta responsabilidade, eu não professo nenhuma cor política. Estou aqui a fazer o meu trabalho em termos educativos, o que é que eu percebo disso?” Eu estava a contar isto ao Diretor Regional que na altura era o Palaré e disse “ Fui convidada para uma reunião, estava tudo alinhavado para eu ser vereadora da cultura da Câmara. Queriam que eu assinasse e eu não assinei, agora, aqui na reunião de Câmara, a mesma coisa, o que é que acha que eu devo fazer? Eu não quero, eu quero continuar aqui, mas a trabalhar naquilo que eu estou a fazer que é trabalhar na educação de adultos. Agora para o pelouro da cultura, não, eu não percebo nada disso, eu não sou política”. E o Palaré disse-me que isso era uma decisão minha, mas que se aceitasse, não ia continuar como coordenadora concelhia, ou uma coisa ou outra. Ora eu não queria ir para a Câmara e então não aceitei. A guerra, depois, comigo e o presidente Cavaco foi a partir daí, ele ficou fulo comigo. Eu acho que aquilo foi sacanice dele, ele tinha falta de apoios para ser eleito e como eu era conhecida no concelho, ia a todos os lugares, toda agente me conhecia, queria aproveitar-se de mim, se calhar para eu influenciar as pessoas. Ou senão, pensou “ Ai andas a convidar pessoas que são doutros partidos, para irem às sessões de educação de adultos, para me fazerem frente, agora ponho-te no partido e como candidata na minha lista, para ver se continuas a convidá-los”. Pode ter pensado assim. Não sei. Como o Toni não quis assinar o papel para se filiar no partido, também, pode ter pensado que aquela era a maneira de me apanhar. Mas, lixou-se que eu não aceite. Lixou-se e lixou-me a mim, estragou-me a vida que eu levava. Como vingança não renovou o contrato do Toni. Ele já tinha feito pressão para o Toni se filiar, mas o meu marido manteve-se firme e não quis. Olha, foi assim. Com esta guerra que ele me fez, o Toni veio embora. Quis vir para a Câmara de Olhão, mas como não lhe tinham renovado o contrato em Alcoutim, não pôde pedir transferência. Ficou desempregado. A sorte foi que um amigo em Faro lhe arranjou trabalho num Atelier de arquitetos. O meu marido veio embora e eu ia voltar a ficar sozinha em Alcoutim, com os dois filhos em idade escolar e com a Eneida, aqui em Olhão com a tia? Não. Pensei, pensei e decidi deixar a coordenação concelhia e vim para Olhão. Continuei

destacada na educação de adultos, só que mudei de coordenação, vim para professora do terreno, em Olhão, era a Berta a coordenadora. Essa foi a principal razão porque deixei a coordenação concelhia de Alcoutim, senão teria continuado lá. Depois que vim para Olhão, a educação de adultos já não era a mesma coisa. O trabalho em Olhão não tinha nada que ver com aquilo que fazia no concelho de Alcoutim, as pessoas eram diferentes, o tipo de trabalho era diferente, era tudo muito diferente. Em Olhão as necessidades eram outras, as dinâmicas eram muito diferentes e as estratégias que tínhamos que utilizar nos cursos também era diferente. Experiências que não tinham nada que ver uma com a outra. Era, sobretudo, alfabetização, mais nada. Em Alcoutim as pessoas queriam, estavam ávidas de tudo o que fizéssemos, queriam mais e mais, aqui, em Olhão, não. As pessoas quase não participavam, iam por ir, não eram nada exigentes. Se organizava uma sessão temática, não aparecia quase ninguém, em Alcoutim tinha sempre a sala cheia. Aqui, também, havia gente mais jovem, porque o problema aqui era mais por causa das drogas. Também havia pessoas idosas e pessoas para fazer a 4ª classe. Também levei muitas a exame, mas, o que me chamou mais atenção foi o número de jovens com problemas de toxicod dependência. Lá, em Alcoutim, tínhamos um papel diferente de intervenção social, de desenvolvimento, tínhamos relações com a Câmara, com as outras Instituições, os Bombeiros, o Centro de Saúde, a Agricultura. Aqui em Olhão, com os jovens, quando houve aqueles dinheiros do Fundo Social Europeu, fizemos aqueles cursos, de formação, eletricidade, padaria, jardinagem, canalizador, e muitos empregaram-se. A Câmara e outras instituições davam emprego a esses moços. Os que não tinham a 4ª classe, andavam no curso de alfabetização, depois, faziam a 4ª classe, e a seguir eram matriculados logo no 5º e 6º ano. E, ao mesmo tempo, faziam esses cursos do PRODEP, para terem uma formação para o emprego. As moças tiravam costura, tiravam cozinha. Acho que isto funcionou, muitos deles arranjam emprego naquela altura. Algumas cozinheiras que trabalham nas cantinas das Escolas, são desse grupo. Jardineiros da Câmara, eletricitas, canalizadores, até calceteiros, fizemos um curso de calceteiros e esses moços, os que quiseram, arranjam emprego. Alguns, desistiram porque diziam que era muito duro andar de cócoras o tempo todo a pôr calçada nas ruas (...). Em Alcoutim, também houve cursos destes, então, as mulheres que trabalham no Lar andaram nestes cursos do Fundo Social Europeu. E, os jovens, também, o concelho era envelhecido, mas em Alcoutim, Martinlongo, havia muitos jovens, que aproveitaram estes cursos de

eletricidade, padaria, jardinagem e foram empregar-se na Câmara.

J- Qual a melhor recordação daquele tempo?

T- As pessoas, o trabalho que fiz com elas, as amizades que fiz, sem sombra de dúvida. Quando morava na 125, havia pessoas que, quando vinham a Faro, paravam à minha porta para me oferecer pão caseiro, chouriças, para saber como é que eu ia. Agora já não, depois que mudei para aqui, nem elas sabem onde moro agora. Também já passaram 20 anos que saí de lá. Durante muito tempo, ia lá ao fim de semana, para rever aquelas pessoas. Mas, sabes, depois o tempo passa, algumas daquelas pessoas com quem me dava mais, que eram mais velhas, foram morrendo e eu acabei por deixar de ir a Balurcos. Já há muito tempo que lá não vou (...). Mas lembro-me bem daqueles cursos de alfabetização, a quantidade de cursos que nós tínhamos no concelho. Eu corria o concelho todo, para dar apoio aos bolseiros, para lhes dar material, para lhes dar orientações. Lembro-me do livro da Mariana, tirava fotocópias e distribuía pelos cursos, tivemos aquele material do Aprender com Sucesso que era para testarmos nos cursos, mas não era nenhuma inovação assim tão grande, pois já utilizávamos o método de Paulo Freire e esse material parecia que era inspirado em Paulo Freire. Utilizávamos esse material, utilizávamos o livro da Mariana, utilizávamos os textos do Jornal Viva Voz, escolhíamos alguns textos e depois fazíamos fotocópias. Era o único jornal que utilizávamos porque não dava para pedir às pessoas que trouxessem jornais de casa. Quando fui para Olhão, aí pedíamos às pessoas para trazer jornais para os cursos e elas levavam, mas em Alcoutim, não. Também utilizávamos textos do Almanaque, tinha textos engraçados e fazíamos fotocópias. Eu gostava muito do Almanaque. Os materiais eram uma coisa muito importante, tínhamos muito cuidado na elaboração dos materiais porque as bolseiras não tinham condições nem possibilidades de construir materiais, era eu que fazia e depois distribuía. Uma coisa que nunca funcionou bem, foram aquelas cassetes do programa de rádio da educação de adultos. A princípio ainda me entregavam essas cassetes para eu distribuir pelos bolseiros, mas depois deixaram de dar. Aquilo também não servia para nada, porque nem todos os bolseiros tinham gravadores de cassetes e os poucos que tinham diziam que as cassetes se ouviam muito mal e que as pessoas não gostavam daquilo, não percebiam nada. Aquilo nunca foi grande coisa, mais porque os gravadores que tínhamos não prestavam para nada (...). A animação da leitura, era uma atividade que eu fazia quando estava em Balurcos, no curso de alfabetização, aproveitava aqueles que já sabiam ler melhor

para fazer estas sessões. As pessoas gostavam, gostavam do debate, mas difícil, depois, era levá-las a escrever. Onde isto resultava bem era com alunos da 4ª classe. Quando vim para a escola primária, utilizava esta técnica muitas vezes, quando tinha 3º e 4º ano, principalmente com alunos do 4º ano. Na educação de adultos, acho que nas bibliotecas de pequena comunidade é que se faziam estas sessões, naquelas bibliotecas onde tínhamos bolseiro, aí, faziam muitas sessões de leitura com as pessoas. Acho que era a Josélia que fez um trabalho muito bom como bolseira na biblioteca de Alcoutim. As sessões que eram feitas nestas bibliotecas, muitas vezes, eram preparadas em conjunto, mas era a bolseira que orientava essas sessões. Elas tinham uma pequena formação para fazer isso, mas eu estava quase sempre presente (...) Ah, agora lembrei-me que frequentei aqui há 2 anos um curso de ensino de português, aí como aquilo se chama (...) olha, agora não me lembro, também tinha muita coisa dessa, esse programa tinha muitos exercícios para desenvolver a leitura (...).

J- Lembras-te disto? O flyer do PIDR, estás aqui.

T- Ah, esta fotografia foi tirada no curso de Balurcos, isto foste tu que tiraste. Se me lembro, tenho muito boas recordações deste tempo. Este grupo, este grupo era bom, era o grupo dos pais e mães dos meus alunos. Havia tanta gente jovem, quantas cabeças com cabelos brancos, vês aí? Quase nenhuma. A maioria fez a 4ª classe. Aqui esta fotografia, também, é de Balurcos, era do Atelier que tínhamos aqui ao pé da escola, lembras-te? Alugámos um armazém e tínhamos lá artesãos a trabalhar ao vivo, eu lembro-me bem disso. Depois as crianças da escola iam lá fazer visitas, aquilo era quase um centro de convívio porque juntava muita gente que ia até lá e ficava à conversa. Se não me engano tinha uma tecedeira, tinha um cesteiro, tinha uma artesã que fazia meias de cinco agulhas, tinha bordados (...) às vezes iam, **para, lá mulheres da aldeia também fazer malha e fazer bordados. Mas muitos iam para lá, para conversar. Também passei algum tempo nesse Atelier. Os cursos socioeducativos não foram menos importantes que os cursos de alfabetização, também, mexeram com** muita gente e algumas pessoas que andaram nos socioeducativos foram depois para os cursos de alfabetização. Houve das duas coisas, pessoas que da alfabetização, depois foram para os cursos socioeducativos e o contrário também aconteceu. Aquele nordeste algarvio deu-nos, como hei-de dizer, deu-nos material para tudo, para o nosso projeto, nós ali sentimo-nos totalmente completos. Foi um trabalho muito bom que fizemos com aquelas pessoas e elas

também responderam muito bem. Nunca mais encontrei pessoas assim. Aquele projeto do PIDR foi uma coisa fantástica. Tudo o que fizemos, era para ajudar as pessoas, para melhorar a vida delas. Depois de passarmos por lá, o concelho já não foi a mesma coisa, nós ajudámos a mudar a vida das pessoas. E, depois, também souberam aproveitar aquilo que aprenderam com a educação de adultos. E não foram só as pessoas, a Câmara também aprendeu muito com a gente. Por aquilo que sei que se passa lá, posso não ir lá, mas sei o que passa, ainda tenho contacto com algumas pessoas, sei que a Câmara faz umas coisas, não é como a educação de adultos, não vai aos lugares mais isolados do concelho, não faz as atividades que fazíamos, mas ainda faz algumas coisas. Apareceram, também, algumas associações, lembra-te do Simão? que foi nosso bolseiro, fui eu que o convidei, ele era o motorista da Câmara, soube aqui há tempos que ele era uma pessoa muito conhecida, que era presidente de uma Associação assim como a In Loco, uma associação de Alcoutim. (...)

J- E esta imagem?

T- Ah, esta gente toda junta podia ser muita coisa, podia ser uma sessão temática, podia ser uma sessão de cinema, o cinema, as pessoas gostavam muito de cinema. Ai, uma vez, fui projectar um filme, o filme saiu de patas para o ar (risos). As pessoas a rir e eu muito aflita, ai que dor de cabeça. Lá tive de parar a sessão e mudar aquilo. Tu entregaste-me uma máquina, lembras-te? Ensinaste-me a trabalhar com a máquina, a pôr os filmes a consertar as fitas quando se partiam, lembro-me bem disso. Deixaste cá uns quantos filmes e eu fazia ciclos de cinema, corria os montes todos. Muito gostavam as pessoas de cinema. Os filmes não eram nada de especial, mas as pessoas gostavam. Não me esqueço que passava primeiro um filme de animação, o caldo de pedra, as pessoas fartavam-se de rir com o padre gordo que ia pedir as couvinhas e a chouriça para juntar ao caldo de pedra. Que é feito desses filmes?

J- Não faço ideia.

T- Havia alguns filmes interessantes, eu, uma vez por mês, corria os montes todos, para mostrar os filmes. Foi um tempo bom, pois é (...), cinema e festa era o que as pessoas mais gostavam. Quando havia cinema, fazia-se sempre um lanchinho que era organizado pela bolseira do curso de alfabetização e as pessoas levavam sempre qualquer coisa, para comer e beber. Muito gostava a aquela gente de festas. E quando havia bailarico, quando levávamos alguém para tocar e logo havia gente a dançar, quase sempre eram mulheres com mulheres, que os homens que lá iam eram poucos

e velhos, coitados, já não tinham perna para a dança. Agora, as mulheres, essas não perdoavam (...) e os encontros de poetas, as pessoas também gostavam muito. Acho que continuam a fazer encontros de poetas, não sei quem organiza. As pessoas ficaram com o gostinho, também, havia muitos poetas naquela altura, se calhar, a maioria já morreu, mas ainda há muita gente mais nova que gosta de dizer poesia. Quando vim para Olhão, depois, também fizemos alguns encontros de poetas, mas estes poetas eram diferentes, alguns já tinham escrito livros, como a Maria José Fraqueza. Aqui em Olhão, nos encontros de poetas, não eram pessoas dos cursos de alfabetização, não, aqui era gente mais sabida (...). Tive pena de sair de Alcoutim, mas é a vida. Era um trabalho que eu gostava de fazer. Gostava mais do trabalho de coordenadora concelhia, porque o trabalho no nordeste algarvio não tinha nada que ver com o que fazia em Olhão como já te disse. Não deve ter havido muitas experiências como o PIDR. Eu, nesse aspeto, tive sorte de poder ter vivido como vivi tudo aquilo, só foi pena ter vindo embora. Depois, em Olhão foi diferente, mas, também gostava (...) Aqui em Olhão ainda estive 8 anos como professora do terreno, só a fazer alfabetização, praticamente. Estive no acampamento dos ciganos, trabalhei 3 ou 4 anos no Acampamento Azul com os ciganos, isso foi um trabalho completamente diferente daquilo que estava habituada a fazer. Eles iam aos cursos só por ir, que era para garantir o rendimento mínimo. Aí criei, também, uma boa relação com os ciganos, cheguei a ser convidada para as festas ciganas, eram boa gente, mas não aprendiam nada. Não levei nenhum a exame. Eles não tinham interesse nenhum. Depois, deixei o destacamento e voltei à escola primária. Mas aí, dava aulas na escola e à noite tinha um curso de alfabetização, estava em acumulação. Isso, foi aí em 2007 que deixei a educação de adultos por completo, acabou o regime de acumulação. Tenho saudades desse tempo da educação de adultos, do trabalho que fiz em Alcoutim e sinto pena de ter vindo porque ainda havia muito trabalho por fazer lá. Depois da experiência em educação de adultos, sinto-me mais vocacionada para trabalhar com adultos do que trabalhar com crianças, sem sombra de dúvida (...) Quando voltei para a escola primária, senti muito a diferença, já não estava habituada. Aqui em Olhão, também, era diferente de quando fui colocada em Balurcos. Aqui estava em casa, numa escola com muitos colegas, mas, as crianças e os pais das crianças, são muito diferentes. Aqui, os pais não são analfabetos como eram os de lá, mas, são piores, não ligam tanto aos filhos como lá. Em Balurcos, há tantos anos, marcava uma reunião de pais e apareciam as mães todas e muitas

levavam os maridos. Aqui em Olhão, na reunião de pais aparecem meia dúzia deles, parece que não querem nem saber. E, as crianças, eram muito diferentes, lá não tinha problemas nenhuns, aqui, é só chatices, são indisciplinados, fazem barulho, às vezes já nem os posso ouvir. Agora estou de baixa, não sei quando vou voltar. Enquanto não me sentir melhor, não volto. Eu ainda não consigo levantar os braços. Aqui do lado esquerdo, dói-me mais. Não tenho pressa nenhuma de voltar, o que eu queria era reformar-me, já estou farta (...) sabes, recebi, há poucos dias, um convite para ir para Angola dar Pedagogia, recebi um convite, por email, lá da Missão Católica de Lunda Sul, para fazer formação de professores lá. Eu continuei a manter contactos com a Missão Católica. E tenho lá dois irmãos. Tenho um que é engenheiro civil e é o responsável pelas construções lá no Município. Fazem a reparação dos edifícios e a manutenção do Colégio. Também foi daqui um aluno que fez o curso na ESE, que foi meu estagiário, foi trabalhar para Benguela. E, num seminário de professores que houve em Luanda, falaram que deviam abrir um curso de formação de professores em Lunda Sul, mas, que não havia professores para dar formação, e não sei quê, e já tinha havido uma conversa antes, que ele disse que me conhecia, que tinha sido meu estagiário e ele sugeriu que se convidassem eu era capaz de aceitar. Ele já me tinha telefonado a falar nisso e a perguntar-me se eu estaria interessada. Depois, telefonaram-me outra vez, era um Diretor do Colégio da Missão católica que me disse. “Estou a falar coma prof^a Teresinha? tenho aqui uma pessoa amiga que me falou mito bem de si, que me disse que está quase a ir para reforma. Era para saber se estaria interessada em nos vir dar aqui uma ajudinha”. Eu perguntei “ Mas, estou a falar com quem?” Ele lá se identificou e daí tem telefonado algumas vezes para falar comigo. Disse-lhe que estava de baixa que tinha caído na escola e ele tem telefonado a perguntar como é que eu estou, se estou disponível para ir. Eu só poso ir quando estiver reformada. Eu, já tentei ali pelo Ministério de Educação, ali naquela parte, como é que se chama, programa de Intercâmbios, entre Portugal e Angola, a ver se me deixavam ir agora e isso contava no meu tempo de serviço, mas, parece que não pode ser. Agora, como não há dinheiro, ninguém se compromete. Mas, quando eu me reformar, quero ir para Angola, não vou definitivamente para lá, não vou deixar aqui a minha casa. O que eu queria era fazer temporadas, um tempo lá, outro tempo aqui. Aqui tenho que dar apoio aos filhos e aos netos. A minha filha Eneida, agora está grávida, é mais um netinho ou netinha que aí vem. Assim, podia estar com o meu marido e ver os meus irmãos que estão lá e dava apoio aos filhos aqui e sempre

ganhava mais qualquer coisa, o que é uma ajuda. Também não gostava de reformar-me e ficar aqui, sem fazer nada. Deixar de trabalhar é morrer, ainda não sou velha, tenho 57 anos e ainda tenho alguma coisa para dar. Acho que a experiência que tenho em educação de adultos e como professora do 1º ciclo pode servir para dar o meu contributo lá no meu país, e era uma experiência que eu gostava de ter era trabalhar na formação de professores do 1º ciclo, porque, lá ser professor, apanha tudo, os programas de formação não são só para trabalhar com crianças, é, também, para trabalhar com adultos. Não te esqueças que lá ainda há muita gente analfabeta. Curiosamente, aquelas campanhas de alfabetização que se fizeram no nordeste algarvio, estão a fazer agora em Angola. Lá, o Diretor quando viu o meu currículo, que eu já enviei o meu currículo, ele disse “Olha é mesmo de uma professora destas que nós precisamos” Eles estão a fazer em Angola, aquilo que fizemos há vinte e cinco anos atrás e querem apostar nos professores primários. Eu tenho formação, tenho aquele curso de agentes de desenvolvimento que foi muito bom, gostei imenso e aprendemos muito. Foi uma mais valia para a minha vida, nunca mais me esqueço. Gastaram tanto dinheiro, fizeram aquele investimento em nós e depois, mudaram tudo, acabaram os PIDRs, acabaram as coordenações concelhias, agora são as novas oportunidades, os cursos EFAs, não tem nada a ver com o que se fazia, acabaram, praticamente com a educação de adultos, é uma pena (...) Olha vou continuar o meu trabalho de educação de adultos em Angola. Se eu puder levar para Angola a minha experiência do PIDR em Alcoutim, olha, seria uma maravilha. Foram 20 anos a trabalhar em educação de adultos, tirei imensos cursos nestes 20 anos. Depois, tenho experiência de professora primária. Acho que posso ser um elemento útil na formação dos novos professores em Angola. Acho que vou gostar da experiência, voltar à minha terra, rever os meus familiares, isso é o tudo o que eu quero e só penso nisso. Voltar a estar com o meu marido porque aqui ele não tem trabalho, com 57 anos onde é que encontra trabalho. Lá, mal ou bem lá se vai arrançando. Ele telefona-me e diz “ Ai estou farto de estar aqui sozinho, abandonado” E eu digo-lhe “ Oh homem arranja aí uma mulher para te fazer companhia” (risos). Pois é, estou desejando que o tempo passe, que me deem a reforma e me deixem voltar a Angola. Estou a viver um momento muito triste da minha vida, porque, estou sozinha e estou parada num lado e noutro (...).

Entrevista biográfica à Rosário

Local: Gabinete 101 da ESEC

Dia: 19 de Abril de 2011

Hora: 15,00 h

Duração da Entrevista: 2 h

Contextualização da entrevista:

Finalmente consegui marcar entrevista com a Rosário. É a pessoa que está mais acessível em termos físicos. A sua escola é em Faro e próximo da ESEC. Contudo, foi difícil acordarmos uma data. Eu sabia que ela estaria disponível quando precisasse. Depois de fazer a entrevista percebi a sua relutância em marcar a data da entrevista. Durante a entrevista referiu várias situações que me pediu para omitir. Alguns momentos em que recordou tempos da juventude, foram um pouco emotivos. Disse-me que estava a recordar episódios que muito lhe custava falar sobre eles. Alguns passos da sua vida são desconhecidos dos próprios filhos, alguns tempos mais difíceis. Referiu-me que só me falava do seu passado e só fazia este tipo de entrevista porque era eu, porque não dizia estas coisas a mais ninguém. A Rosário foi minha aluna por duas vezes e minha colega na educação de adultos. Temos uma relação de amizade muito forte, daí eu ter conseguido abordar certos temas que são do seu foro mais íntimo. Foi uma boa entrevista.

J- Rosário vais falar da tua vida. Quero saber um pouco do antes e depois da educação de adultos. Tenho aqui um conjunto de artefactos que podem ajudar a reviver essa memória.

R- Só que é que me fazias vir aqui à ESEC falar da minha vida, não tem muito para dizer (...) Ai mãe!

J- Certamente te que tens muita coisa interessante para contar sobre a tua vida.

R- Ok, então, nasci em 1965 na Fuzeta, com 6 meses vim para Faro. O meu pai era guarda-fiscal, veio aqui para o posto de Faro e nós viemos morar para Faro. Depois vivi sempre aqui, só fui para Alcoutim quando acabei o curso. Nós conhecemo-nos em Faro, foste meu professor no Magistério, na formação inicial, fiz o estágio contigo na Escola do Bom João. Depois quando terminei o curso em 1986 fui para Alcoutim (...) mas queres saber mais sobre a minha infância não é?

J- Sim, recua no tempo se fazes favor

R- Bem, passei a minha infância aqui na Penha, no bairro da Penha. Tenho dois irmãos mais velhos, eu sou a mais nova da família, a minha mãe já me teve, assim, tardiamente. Passei a infância com a minha mãe, ela estava em casa, era doméstica, o

meu pai é que trabalhava. Entretanto, o meu pai saiu da guarda-fiscal, teve problemas com o antigo regime e foi posto fora pelas chefias aqui da Guarda-fiscal. Foi aconselhado a sair, não sei bem como é que foi o processo, mas foi aconselhado a sair e saiu da Guarda-fiscal. Quando se deu o 25 de Abril ele foi reintegrado, foi naqueles governos constitucionais que houve logo a seguir ao 25 de Abril. Ele foi um daqueles que foi reintegrado ao serviço, foram ver os processos dos guardas que tinham sido postos de lado. Ele aceitou, portanto, voltou para guarda-fiscal (...) Quando ele não estava em casa eu ia para rua brincar. As minhas memórias de infância estão ligadas à minha rua, onde passava a maior parte do tempo. Não gostava muito de estar em casa, preferia estar na rua a brincar. Enquanto a minha mãe não me chamasse eu não ia para casa, isto quando o meu pai não estava em casa, ele não me queria ver na rua. Acho que tive uma infância boa, fui feliz, sempre na rua, sempre, muita brincadeira. Tínhamos o nosso grupo, naquele tempo havia muito as rivalidades de grupos, dos que moravam nos outros bairros. Havia a malta da Penha, do Escuro, do Alto-Rodes, da Carreira de Tiro, lembras-te disso? (...) E também havia rivalidades de ruas. Às vezes os rapazes tinham guerras de rua, eu não me metia, mas, cheguei a assistir, por causa dos meus irmãos. Isto era aqui, onde está a ESE, o campus da Penha, era uma mata, havia uns pinheiros e nós vínhamos para aqui brincar. Havia uns baloiços que alguém tinha posto e era aqui que eu passava a maior parte do dia. Isto aqui era completamente diferente, era uma grande mata que havia aqui, não havia arruamentos, as casinhas eram baixinhas, daquelas casas antigas, ainda há algumas aqui na Penha (...) Foi aqui que passei a minha infância, tinha muitos amigos (...)

J- Ainda manténs alguns desses amigos e amigas?

R- Ainda os mantenho, alguns deles ainda vivem aqui na Penha, ainda os vejo algumas vezes. Brincávamos todos juntos, havia muita moça e muito moço, depois na Escola é que não, aí havia separação, meninas para um lado, meninos para outro (...) mas, quando fui para a escola primária, houve ali um pequeno afastamento porque eles foram para a escola da Penha e eu fui para Olhão. Não me deixaram entrar aqui na Escola da Penha porque ainda tinha só 5 anos, quando foi essa matrícula. Portanto, o meu pai queria que eu fosse para a Escola e conseguiu inscrever-me em Olhão, na Escola do Largo da Feira, porque tinha ali família da parte da minha mãe, tinha ali família que morava frente à Escola. Aquilo agora está, também, completamente diferente. Fui lá para essa Escola e fiquei lá a viver, em

Olhão, com a minha prima, durante uns meses. O meu pai, depois, conseguiu a minha transferência e eu depois de ter a certeza que tinha a transferência, transferi-me e aí tiveram já tiveram que me aceitar. Vim para a Escola da Penha para a sala das minhas amigas, da malta da minha idade que entrava comigo para a Escola. Eram só raparigas porque não havia classes mistas. Só quando andava na terceira classe, com o 25 de Abril, é que a Escola, portanto, deixou de haver aquela barreira e mexeram nas turmas. As raparigas separaram-se aí, vieram rapazes para a turma (...) Tenho excelentes recordações da Escola primária, ainda mantenho contacto com a minha professora, tive uma única professora na Primária, a professora Celeste que ainda é viva. Ainda mantenho uma excelente relação com ela, eu continuei a ser uma daquelas meninas que, uma vez por semana, ia sempre visitar a professora, depois, começou a espaçar mais, confesso. Mas, gostava muito de ir à Escola visitar a minha professora e ela perguntava-me como iam os estudos. Ainda durou alguns anos as minhas visitas à professora Celeste. Depois quando ela soube que eu fui para o Magistério, foi um grande orgulho para ela (...)

J- O facto de teres tão boa recordação da Escola e da professora. Essa representação positiva da professora terá influenciado a tua decisão de ires para o Magistério?

R- Nunca vi isso assim, nunca pensei nisso assim, nunca (...)

J- Portanto, a tua infância foi passada na Escola, casa e na rua...

R- (Risos) Muito na rua, sim. Não gostava de estar em casa, quando saía da Escola, comia e rua. Era na rua que estava a malta, a brincadeira, naquele tempo, não havia telemóveis, nem televisão, nem jogos de computador, nada disso. Na minha casa não havia televisão. O meu pai era muito conservador, era uma pessoa muito conservadora, então, não tínhamos nem televisão, nem esquentador, nem frigorífico, não tínhamos nada, precisamente, porque o meu pai não queria. Achava que eram coisas do progresso e que não precisávamos nada disso para viver e que isso fazia a mulher ficar mais preguiçosa e as mulheres assim ficavam com mais tempo livre e a minha mãe podia ficar com outro tipo de vícios. Ele não queria nada disso, foi uma infância muito dura, em termos familiares, foi uma infância muito dura e com pouco dinheiro lá em casa. O meu pai era muito rígido, em termos de educação, foi uma infância muito rígida. A minha sorte foi ter sempre a minha mãe do meu lado, que era a pessoa dos afetos e que compreendia as minhas necessidades como criança, que eu também tinha as minhas necessidades. Também gostava de comer um gelado e não podia comer (...) o meu pai era muito rígido, muito diretivo e muito controlador,

era muito machista. A ideia dele era que as mulheres eram para estar em casa, a única profissão que era permitida à mulher era professora, a mulher podia ser doméstica ou professora nada mais. Então, para a minha irmã que era mais velha que eu, onze anos, ele pagou-lhe o exame do Magistério. Antigamente havia explicadores para preparar para o exame do Magistério e ele pagou-lhe isso tudo, mas, ela disse que sim, mas faltou às explicações não foi fazer o exame. Mentiu-lhe. Era uma forma de revolta, como ela era mais velha e estava farta do pai, achou que não tinha de lhe fazer a vontade, porque ela não queria ser professora e não quis para o Magistério só porque o pai queria que ela fosse professora. Como ela não quis ser, foi para a parte comercial, foi trabalhar numa empresa que era a Solasistem, não sei se conheces, acabou o antigo 5º ano, foi trabalhar e saiu de casa. O meu pai ficou furioso com ela. A minha irmã era muito gira, muito gira, muito gira a minha irmã, saía de casa de cara lavada, com a bata, quando saía de casa levava a bata, depois, ela começou já usar umas mini saiazinhas, sem ele saber. Quando ia no caminho tirava a bata e depois pintava-se, quando chegava perto de casa vestia a bata e depois, em casa, toca de lavar a cara. Era tudo assim. A minha irmã teve necessidade de começar logo nova a trabalhar para poder sair de casa porque ela também começou a namorar, ele não gostou do namorado dela, com quem ainda está casada hoje, ele não gostou dele, é mais velho que a minha irmã, não queria o namoro, não queria, não queria. Ela um dia disse “Mãe, vou sair de casa e já não volto mais” (...) O meu irmão, o meu irmão que tem mais 4 anos do que eu, só chegou ao 4º ano, não tinha capacidades, não tinha nenhuma motivação para estudar. Os interesses que ele tinha eram completamente divergentes daqueles académicos. Ele, depois, anos mais tarde começou a estudar de noite e aí evoluiu e evoluiu muito (...) Quando chegou a minha vez de estudar, eu acabei a Primária e ele não queria que continuasse a estudar. Ele não me matriculou no Ciclo. Passou o mês de Setembro, começaram as aulas em Outubro e eu não estava matrícula. Aí a minha mãe começou-se a mexer, as vizinhas no falatório que a Rosarinho não ia às aulas, que passava o dia na rua, a Rosarinho não vai porquê? A Rosarinho não vai à Escola, mas o que é isso vizinha? Mas o que é isso vizinha? Essas coisas de bairro. A minha mãe e a minha irmã Fernanda, essa mais velha, foram à Guarda-fiscal, frente à EVA, foram à Guarda-fiscal fazer queixa dele, foram ao Posto falar com o Comandante aqui de Faro. Ele foi chamado, apanhou uma repreensão e foi obrigado a meter-me a estudar, porque era obrigatório o 6º ano. Quando chegou a casa, furioso, dizia que matava toda a gente, que matava toda a

gente, mostrava a arma, como sabes, todos os guardas-fiscais usavam arma, ele fazia fiscalização, por isso andava sempre armado. Dizia que matava toda a gente e que se descobrisse quem tinha sido a pessoa que o tinha denunciado que dava cabo dela. Ele nunca chegou a saber que foi a minha mãe e a minha irmã que foram ao Posto. Eu, entretanto, fui para o Ciclo, a Escola Afonso III que era o que havia, o Ciclo tinha aberto poucos anos antes, fui para a Afonso III e comecei a passar todos os anos. Era uma boa aluna, tinha boas notas, estudava muito. Era muito, muito, aplicada, no género de marrão. Eu queria mesmo ter boas médias. Na Primária acho que era uma aluna normal, mas depois daquilo que aconteceu, quis provar ao meu pai que ele estava errado ao não querer que eu continuasse a estudar. Foi aí que me enchi de brio e me apliquei para ter boas notas. Estudava muito para ter boas médias, conseguia resistir à tentação de ir brincar para a rua com a malta. Acho que isto tinha muito que ver com o meu pai, eu levei toda a minha vida a tentar mostrar ao meu pai que queria estudar, que era capaz de ter bons resultados e que merecia que ele me apoiasse. Não serviu de nada, nunca serviu de nada (...) Eu nem gostava de estar agora a falar disto na entrevista (...)

J- Tudo bem Rosário, passamos à frente, fala só do que quiseres falar, não te sintas obrigada a nada...

R- Prefiro falar da minha mãe que era uma pessoa de afetos, muito preocupada com os três filhos, uma lutadora. Com o pouco dinheiro que o meu pai lhe dava, ele dava-lhe o dinheiro para a casa, diariamente, só para a comida. Tudo o que não fosse para comida ele não lhe dava, era tudo muito controlado e muito à justa. Naquela casa ele é que impunha as regras, tinha de se fazer tudo como ele mandava. A minha mãe tinha uma vida muito difícil, não tinha voz ativa naquela casa. Tudo, tudo, saía dele, era ele quem mandava. Tudo o que eu fiz e com a conivência dela foi sempre às escondidas dele. A minha infância e adolescência foi um jogo de escondidas, tudo, tudo, o que queria fazer que sabia que ele não aprovava, brincar na rua, ir sair com as amigas, comprar uma coisa ou outra que gostasse mais, era, tudo, feito às escondidas dele (...)

J- Quando andavas na Escola quem te ajudava nos trabalhos de casa?

R- Ninguém, nunca, nunca, pedi ajuda a ninguém. A minha mãe também não me podia ajudar muito, sabia ler mal, tinha a 3ª classe. Mas eu nunca pedia ajuda, eu sempre me safei sozinha. Nunca precisei de pedir ajuda, a minha casa era uma casa sem nada, não havia livros, não havia nada. Mas, eu era uma leitora compulsiva, com

os livros que requisitava na biblioteca, lia de noite com um ‘foxe’ na cama, sem o meu pai saber, porque ele não queria que se gastasse dinheiro em coisíssima nenhuma, nem nas pilhas de um ‘foxe’ (...) Houve coisas muito desagradáveis na minha vida, mas, a pior, era quando ele ameaçava toda a gente com a arma, aí houve coisas muito desagradáveis que prefiro nem falar (...) Quem me conhece sabe pelo que passei, na Penha toda a gente sabia, ele era muito conhecido, era uma pessoa muito desagradável (...) A minha mãe era uma pessoa muito forte para aguentar tudo, fazia trabalhos à mão para vender e ter umas economias que ajudassem (...)

J- A tua vida era Escola e casa...

R- Quando saía da Escola, fazia os trabalhos, estudava e depois ia para a rua brincar. Tenho muito boas recordações dessas brincadeiras, dos polícias e ladrões, o apanha, as brincadeiras com os papagaios que se faziam com as canas e com o papel dos embrulhos, os carrinhos de rolamentos que fazíamos, as trotinetas e depois fazíamos corridas. Foi espetacular (...) Eu andava sempre atrás do meu irmão Vítor que tinha mais 4 anos que eu. Eu na rua brincava com as meninas, mas, fazia, também, muitas brincadeiras de moço porque ia atrás do meu irmão. Aí juntava-me aquela ‘maltezeria’, mas, não era só eu, havia muitas meninas que também iam, porque tinham irmãos mais velhos, aquilo, naquele tempo, as famílias eram mais numerosas que hoje. Eu ia, mas tinha sempre o cuidado de voltar para casa, antes de o meu pai chegar, sempre. Tinha medo dele e fazia tudo às escondidas, mas quando ele chegava eu já estava em casa. Ele a mim nunca me bateu, nunca me bateu, mas ao meu irmão batia-lhe muito, atava-o com um cordel à perna da mesa da cozinha, porque ele levava horas na rua, não aparecia. A mim, nunca me bateu, mas a minha mãe, que era minha amiga batia-me, dava-me umas chineladas (risos) (...)

J- Amigos do tempo de Escola, ficaram muitos?

R- Quase todos, dos da 4ª classe lembro-me deles todos. Tenho boas recordações da Escola da Penha, agora voltei passados estes anos todos como professora, mas já encontrei uma Escola mais descaracterizada do que era antigamente. Mas, mesmo assim, logo quando iniciei ali funções sentia uma grande proximidade com as realidades dos alunos, das famílias, porque ainda há ali famílias básicas da Penha. Apesar de agora já haver na Penha muitas pessoas de aluguer, muita gente que veio para ali morar, ainda há gente do meu tempo. E, eu já fui professora dos filhos dos meus amigos desse tempo que continuaram sempre a viver ali na Penha. A minha mãe viveu ali, na Penha, quase setenta anos (...) É engraçado porque entre as pessoas

mais antigas da Penha ainda há aquele sentido bairrista, eu noto muito isso, apercebi-me disso quando voltei para a Escola da Penha como professora. Vais ali ao Café Cajica, que é aquele ali na estrada da Penha e vêes isso, pelas pessoas que lá estão, pela maneira como vivem o bairro, as mercearias que ainda existem (...) Eu acho que a minha maneira de ser, foi muito influenciada por este bairrismo, pela forma como me identifico com essas pessoas mais velhas que sempre viveram aqui. Antigamente, em Faro havia muito este sentido de bairro e eu cresci com esse sentimento, de vizinhança e de bairro, e de comer nas casas dos outros. Por exemplo, nós morávamos numas casas térreas, todas com quintal, e os quintais davam uns para os outros, as casas antigas na Penha eram assim, portanto, quando era a hora do lanche que se comia o pão com manteiga com açúcar por cima, nesse tempo não havia queijo, nem fiambre, nem se comiam iogurtes, pão com banha e açúcar, pão com azeite, era isso que se comia. Eu gostava disso tudo. Quando a mãe de um de nós partia um pão para dar uma fatia à filha, dava a todas. Era mesmo, literalmente, para todas. Toda a gente comia. E, antigamente, havia mesmo o hábito de chegar à casa da vizinha e dizer assim "Ainda não comi nada, tou (sic) cheia de fome" (...)

J- Quando eras pequena, eras muito traquina?

R- Era, era muito traquina. Era uma autêntica moça de rua, sempre atrás do meu irmão e dos moços da Penha. As brincadeiras que eu mais gostava eram brincadeiras de moços, polícias e ladrões, jogar à apanhada, os quatro-cantinhos, saltar à macaca. Os moços tinham um medo de mim que se pelavam (risos). Só fazia asneiras. Era mesmo turbulenta. Mas era mais assim, na rua. Quando andava na Escola tinha bom comportamento dentro da sala de aula. No recreio era diferente, já era conhecida por fazer disparates, nunca fui moça de passar despercebida (risos). Eu tento, mas não consigo. Fiz na 2ª feira 46 anos (risos) e dou por mim a pensar "Mas eu tenho mesmo 46 anos?" Eu ainda tento, e já foste meu professor duas vezes, a última aqui na universidade, eu ainda tento estar concentrada, séria, levar as coisas muito a sério como os outros, só ter conversas inteligentes, muito intelectuais, mas há li um 'click'(risos) que de repente parto para a parvoeira, as conversas começam a ser muito académicas, muita estatística nos discursos, aquilo faz-me muita confusão (risos) (...)

J- Falavas da tua passagem pela Afonso III. E depois?

R- Depois de fazer o 5º e 6º ano na Afonso III, passei para a Escola Tomás Cabreira. Fiz o ciclo preparatório com aquela motivação exterior que já te falei atrás. Queria

ter boas notas e consegui ter. Gostei muito de andar na Afonso III. Aí conheci uma pessoa, como amiga, que foi muito importante no meu desenvolvimento. Era uma aluna, minha colega na Escola, ela também foi aluna do Magistério, mas do Curso de Educadoras, era a Paula Vargas. Foi muito importante porque ficámos na mesma turma, 5º e 6º ano, o pai dela pertencia ao Partido Comunista Português, tinham uma casa forrada a livros e a Paula lia muito e influenciou-me imenso. Eu ia muito a casa dela e os pais dela eram pessoas muito preocupadas com as questões sociais e isso marcou-me. Ajudaram-me imenso, sentia-me motivada para aprender mais. A mãe dela trabalhava nos correios, era uma senhora que sempre trabalhou, tinha outra experiência de vida. Conheceram o meu pai e a minha mãe. Perceberam o que é que se passava e ajudaram-me imenso, muito, muito, muito. A Paula foi uma boa influência, ela veio comigo para a Tomás Cabreira, depois fomos juntas para o Liceu fazer o 3º ciclo e depois fomos juntas para o magistério. Foi a minha melhor amiga dos tempos de Escola e aquilo que sou também lhe devo a ela, pelo bem que ela me fez (...) Foi na Afonso III que comecei a descobrir a poesia, a conhecer autores portugueses, com as professoras que tive a Português. Uma delas foi a Dr^a Aurora que agora está na Direção Regional. Motivou-me imenso para a leitura. Naquele tempo não havia plano nacional de leitura (risos). Acho que a minha base foi mesmo o Ciclo Preparatório. Foi aí que comecei a querer escrever poesia. Todos os professores diziam que eu devia investir na poesia, que tinha muito jeito, essas coisas que se diz para estimular os alunos. Diziam para escrever, para nunca parar, que eu tinha capacidades naquela área da escrita criativa (...)

J- Escrevias para quem?

R- Escrevia para mim (...)

J- O que fizeste a essas poemas que escreveste?

R- Queimei (...)

J- Queimaste?

R- Sim, queimei, queimei tudo (...) tinha 21 anos quando queimei tudo o que tinha escrito, por razões que não quero dizer, nem quero falar nisso (...)

J- Portanto, foste influenciada para a poesia pelas tuas professoras...

R- Sim, sim, e as minhas colegas eram as minhas maiores fãs, eu fazia poesias para elas e fazia para toda a gente. Até me pediam por encomenda, ainda hoje me pedem. Tenho amigas e tenho pessoas na família, que ainda me pedem (...) Olha, não devia dizer isto, mas, a Escola de S. Luís costumam fazer no S. João um arraial para os pais

e, depois, vendem os manjericos, para fazer dinheiro para a Escola. Fiz imensos versos que me pediram. De vez em quando, a Anabela Vaz que estava na biblioteca ligava-me e pedia-me “ Oh pá, arranja lá aí uns versos inéditos para o Stº António e para o S. João, para os manjericos que elas estão fartas sempre dos mesmos versos, já não querem os tradicionais” (risos). E eu pimba (...)

J- Disseste que tinhas queimado tudo o que tinhas feito até aos 21 anos. E, depois disso, começaste a guardar?

R- Não, só guardei os versos que fiz nos Complementos de Formação. Desde os 21 anos nunca mais tinha escrito nada, só recomecei quando estava nos Complementos de Formação (...) Nos Complementos de Formação, por brincadeira comecei a fazer as Atas das aulas em verso de um colega teu, que dava a sociolinguística, um professor muito simpático que vocês têm aqui, não haja dúvidas, uma bela “merda”, haã, comecei a fazer a síntese das aulas em poesia e fiz uma partida dessas, também, com o Figueira, esse era simpático, era boa pessoa, a malta gozava com ele, mas não era por mal, era um simpático, ele falava, falava, e eu, pimba, fazia as Atas da aula em verso. Tirando essas que fiz, que tenho em casa, não guardo nada, o que faço dou ou jogo fora, não guardo nada. Ainda há dias fiz um poema para o namorado da minha Tatiana que estuda em Olhão e voltou a estudar, está agora no 10º ano. Aquilo não dava certo, não gostava da Escola e desistiu de estudar, mas, agora motivado pela minha filha, voltou a estudar e diz que quer acabar o 12º ano, pelo menos. Vamos lá ver. O moço teve que fazer uma coletânea de textos e tinha que apresentar um texto de alguém de família e então a minha Tatiana disse-lhe “Pede à minha mãe que ela faz” E, então, eu fiz para o miúdo, fiz dois e disse-lhe “ Vá escolhe lá um” e ele disse “ Ah, vou utilizar os dois, são tão bonitos, vou pôr o seu nome” “ Não, põe aí Maria Caganita, não ponhas o meu nome” (risos) (...)

J- Falavas do teu percurso escolar, estavas na Escola Tomás Cabreira...

R- Eh pá, eu adorei a Escola, eu devo ser um caso perdido, devo ser uma pessoa atípica, falava com as minhas colegas ninguém gostava da Escola, eu gostava, gostava de tudo, mas, gostava mais das Línguas, das Humanísticas, da poesia, mas, gostava, também, de psicologia, sociologia, essas áreas tinham muito a ver comigo. Tinha mais dificuldades na Matemática e na Físico-química, mas, mesmo assim, eu conseguia ter um nível 5 até ao 9º ano. Era mesmo muita marrona (...). Também, tenho excelentes recordações da Escola Tomás Cabreira, era conhecida na Escola toda, tínhamos um grupo que era conhecido por RTP, Rosário, Tucha e Paula, só

fazíamos asneiras (risos). Os gajos da Associação de Estudantes achavam-nos o máximo, usavam-se aqueles sapatos que a gente diz que é das meninas desfavorecidas que têm assim uns buraquitos, metíamos um espelho nos pés e púnhamos debaixo das saias das moças da nossa sala, para os moços lhes verem as cuecas (risos). Eram só asneiras. Uma vez fui apanhada a fumar na sala (risos) (...)

J- A fumar? Com que idade?

R- Comecei a fumar com 7 anos, quando andava na 2ª classe (...)

J- Não acredito...

R- Acredita que é verdade. Roubava o tabaco ao meu pai e fumava, apanhava beatas e fumava (...)

J- Fazias isso por oposição ao teu pai?

R- Tudo. Tudo o que fazia era por oposição a ele. Fazia tudo o que ele não queria que eu fizesse. Quando conseguia, roubava-lhe um cigarro. Nunca me apanhou, acho que chegou a desconfiar, mas nunca me disse nada, porque nunca teve provas. Desde esse tempo, nunca mais parei de fumar, só parei de fumar quando a minha Tatiana nasceu. Já não fumo há 18 anos (...) Fiz muita asneira na minha vida (...)

J- Quando é que deixaste as brincadeiras de rua?

R- Quando fui para a Escola Tomás Cabreira, já era mais crescida, passava mais tempo em casa a estudar. Nos tempos livres, passava as tardes na casa das minhas amigas. Mas, nunca deixei a rua, continuei até já uma certa idade a passar muito tempo na rua, à noite, passávamos o tempo na rua conversando, quando o meu pai não estava em casa. A minha mãe dizia “Olha que o teu pai sai às 11,30 h”, então, antes disso, ia para casa. Ainda fiz algumas asneiras de saltar pela janela para ir para os bailes que se faziam, os mastros da Penha, na altura dos Santos Populares. Os mastros da Penha, eram muito famosos. Fiz essas asneiras todas, eu era a única que não estava lá, eu tinha que ir. Vivia no rés-do-chão, punha um bocado de papel a prender a janela de madeira, encostava-a e lá ia eu (...) Também ia para o Clube da Penha, havia ali um núcleo desportivo que era o Grupo Desportivo da Penha. E, então, eu praticava atletismo, fui campeã regional de atletismo. Quando saía da Escola ia treinar, treinávamos todos os dias, o treinador, deves conhecer, era um moço que era o Nica, ele treinava os escalões todos, infantis, juvenis, juniores e seniores, moços e moças, aquilo era uma festa (...). E, ganhei imensos prémios, mas, o meu pai não queria, sempre o problema do pai, não queria e eu tive de desistir porque ainda participei nalgumas provas, mas, quando ele estava de serviço.

Portanto, se aprova que eu tinha de participar, se ele estava em casa, eu já não podia ir (...) Ainda andei no atletismo aí uns três anos, mas, sempre com excelentes resultados. Tenho fotografias em que estou a receber prémios (...) Ele chegou a saber que eu corria, uma vez chegou a casa e a minha mãe teve de dizer que eu não estava, que tinha ido fazer uma corrida. Ele foi ver. Depois, nas corridas, ia de “maiô”, a mostrar as pernas, ele não queria. Dessa vez, ele disfarçou na frente das pessoas, mas quando chegou a casa disse logo à minha mãe que não queria ver-me naqueles trajes, se me apanhasse outra vez a correr apanhava eu, apanhava ela (...) Foi a última vez que corri, depois, também não tinha sapatilhas, corria com umas sapatilhas velhas, a minha mãe dizia que não me podia comprar umas novas, não tinha equipamento, corria sempre com o mesmo que já estava velho e o Grupo da Penha também não tinha dinheiro para comprar equipamentos para os atletas, era um clube de bairro (...) Desta vez o meu pai levou a avante dele, eu deixei mesmo de fazer atletismo (...) O meu pai era assim, mas, também, tinha coisas muito boas. Eu, ainda, fui buscar alguns dos valores que ele defendia, ele era uma pessoa muito recta, era um homem honesto. Era muito cioso do seu trabalho, muito cumpridor. Acho que ele assistiu no Livramento, ao pé da Fuzeta, a situações de contrabando em que uns podiam e outros não podiam. E ele opôs-se a isso e pôs em relatório. O comandante dele chamou-o para ele mudar o relatório e ele não mudou. Por isso teve aqueles problemas. Ele era uma pessoa muito reta. Era assim no trabalho e em casa, só que algumas ações dele, na família não correspondiam a essa retidão, a esse sentido de justiça. Ele, por exemplo, fez coisas muito graves, nós, em casa, não podíamos comer uma série de coisas e ele pegava no dinheiro, que ele é que tinha o dinheiro, pegava no dinheiro dele e comprava cestos de fruta e ia oferecer a pessoas amigas. Em casa coma família era uma coisa, era agarrado, não podíamos ter, mas, depois, para agradar, ia oferecer a outras pessoas, que ele lá entendia. Comprava muito ouro e oferecia a pessoas amigas dele (...) E, eu nem soube de metade das coisas que se passaram, só agora é que vim saber de certas coisas que a minha mãe, antes de morrer, me contou (...). Acho que foram coisas gravíssimas (...) Mas, já lá vai muito tempo, ele faleceu, tinha eu 21 ou 22 anos (...).

J- Fazes o Curso Geral do Comércio na Escola Tomás Cabreira e vais para o liceu?

R- Sim, fiz o 9º ano, dispensei aos exames todos e fui para o Liceu por causa das Humanísticas que não havia na Escola Tomás Cabreira. Eu na Escola Tomás Cabreira tinha 5 a quase tudo, tinha muito poucos 4. Participava no desporto escolar,

participava no folclore, mas, tudo às escondidas, o meu pai não sabia nada do que eu fazia (...)

J- Ficava orgulhoso das notas da filha?

R- Nunca me disse nada, nunca manifestou coisa nenhuma, mas sabia que eu tinha boas notas porque era ele que recebia os prémios da Guarda-fiscal por causa das minhas notas. A Guarda-fiscal oferecia prémios, para além de haver um subsídio para os alunos que tinham melhores notas, davam prémios. Ele obrigava-me todos os anos a ir à Secretaria buscar uma declaração das minhas notas e recebia esse dinheiro. Mas nunca deu a entender que sentia orgulho ou o que quer que fosse (...)

J- Vieste para o Liceu...

R- Vim para o Liceu, vim para o liceu e aí as coisas descambaram um bocadinho. Aí deixei de ser a excelente aluna que era (...) O ambiente no liceu era muito diferente, acusei a mudança, não estava à espera. Aí é que senti a verdadeira diferença social, social e económica. Aí é que foi um grande choque. Aquilo que diziam de que o Liceu era elitista, que era para meninos e meninas ricas, era verdade, eu senti isso na pele. Era verdade, era muito verdade. Muito elitista, as marcas, os grupinhos, as famílias, os filhos das famílias tradicionais de Faro estavam lá todos. E, aí foi um bocado duro e eu sem 5 escudos no bolso, nunca. Eu nunca tive 5 escudos no bolso para fazer nada, aí agudizaram-se algumas das minhas ações, em termos disciplinares com alguns professores, eu era irreverente, era muito crítica, era satírica, não tinha limites, eu não tinha limites, eu fazia mesmo para chatear, era a minha forma de revolta. Eu tinha consciência de que agia de propósito para aborrecer os outros, para as melindrar e as pôr em causa, fazia com que as pessoas fossem até ao limite e que rebentassem. Eu era uma provocadora, provocava imenso e queria ver os outros descontrolados, irritados, era assim que eu mostrava o meu sentido de revolta por tudo, como se aquelas pessoas fossem as culpadas dos problemas que eu tinha (...) Tive boas médias a algumas disciplinas, a Inglês, Francês, Português, era uma barra, era aluna de 18, 19, e baixei um bocado nas outras. Andei sempre com a Filosofia sempre a reboque, foi uma chatice, piorei às outras, deixei de estudar. Perdi a motivação toda, não me apetecia pegar nos livros, estudava de vez em quando e portava-me mal nalgumas aulas (...) As coisas em casa, não corria lá muito bem, fui sempre muito controlada, já era uma moça com 16 anos e era como se tivesse dez (...) Enquanto estive em casa, fui sempre muito controlada pelo meu pai (...) Então, ele pôs-me fora de casa, durante um ano (...) Já estava no Magistério (...) Sobrevivi

graças à Ana Isabel (...) e à minha mãe que fazia rendas e vendia, que me ajudou (...)

J- Enfrentaste-o?

R- Sim, eu e o meu irmão, o meu irmão para me ajudar, o meu irmão para me ajudar. Pusemo-nos contra ele e ele pôs-me na rua. E, eu aceitei. Voltei para casa muito doente, voltei no final do 3º ano do Magistério, foi um ano terrível para mim, tanto que baixei muito a média, vinha com boas notas do 1º e 2º ano e no 3º baixei muito (...) Adoeci e tive que voltar para casa (...) Ele aceitou-me, falou com a minha mãe e aceitou-me (...) Comigo não falou (...) Eu e ele nunca falámos sobre isso (...)

J- Se não quiseres falar sobre isso, passamos à frente...

R- Não gostei do Liceu, mas, todas as pessoas que eu conheci ainda hoje são minhas amigas (...) Hoje, com esta idade, quando penso naquilo que fiz no Liceu, nas minhas atitudes, acho que me deixei levar pela minha vitimização. Não tinha dinheiro, não tinha material, tinha muitas dificuldades, estava em desvantagem e não tinha que estar a mostrar que conseguia acompanhar, quando não conseguia (...) mas fiz o 10º, 11º e 12º ano, reprovei a Filosofia, fui a exame e passei. Não chumbei ano nenhum, fiz o 3º ciclo em três anos, só que baixei muito a média (...). Foi um tempo complicado, mais porque eu entrei ali numa espiral de asneirada (...)

J- Concordas com a afirmação de que a adolescência é um bicho diferente?

R- Concordo, concordo mesmo. A adolescência é a fase da descoberta, mas também é a fase da revolta e com a revolta vem a parvoeira, vem o disparate, não temos limites. Não é fácil passar a fase da adolescência, vivemos sentimentos muito contraditórios. A minha adolescência foi muito complicada pelas razões que já falámos, uma adolescência muito passada na rua, com muitos amigos, muita revolta (...) Acho que deixei poucas asneiras por fazer, era o que me vinha à cabeça (...) também foi a fase dos namoricos, “gosto dele” e depois aquilo passa e depois “gosto dele”, e foram vários namoricos de passagem. Tive muitos assim, muito, muitos, desde a escola primária. Era uma moça muito namoradeira., andava sempre de namorico em namorico “ gosto dele, ele é giro”, e alguns também gostavam muito de mim, e a gente namorava. Também tive os meus desencantos, mas houve sempre muito namorico, sempre, sem o pai saber. A minha mãe sabia, às vezes, eu contava-lhe, era minha confidente. O meu irmão também era meu confidente, a minha irmã é que não, a diferença de idade era muito grande (...) Muitos namoricos, o meu pai nunca soube de nada, mas, eram tudo namoricos muito suaves, uns bilhetes que se

passavam debaixo da carteira, uma cartinha ou outra, umas mãos dadas, uns beijinhos, já se davam uns beijinhos, na Alameda, no caramanchão para onde iam os namoradinhos. Íamos todas, com os namoradinhos, quando não havia aulas, lá íamos para a Alameda namorar. Muitos beijos, muitos abraços, ai mãe do céu (risos), mas, nada mais, não era como agora, nada que se pareça (...). Mas gostava muito deles, aquilo era muito forte, mas, nunca entrei em desespero, nunca tive aquelas crises que as moças, às vezes, têm, não querem comer, choram, nada disso, nunca (...). A maior fase do namoro foi quando andava Tomás Cabreira, depois, quando fui para o Liceu ainda tive namoricos, mas, menos. Aí faltávamos às aulas para namorar, ainda tive momentos muito engraçados, mas, a medida que ficava mais velha isso foi reduzindo, porque havia outras preocupações (...)

J- Nesse tempo de menina mais velha, quando andavas no Liceu, o que gostavas mais de fazer?

R- Adorava dançar. Ia aos bailes todos que se faziam na Penha. Por esta altura apareceu em Faro uma discoteca nova que era o Olimpus, que fazia matines. Eu ia com as minhas amigas. E também ia à Sherazade e à Kontiki que era por baixo do Hotel Faro. Eu corria isso tudo, dançar era comigo. Eu era menina de “boîte”, tínhamos um grupo, íamos todas juntas, sempre ao fim de semana. Era uma chatice, elas iam sempre, eu tinha que jogar com os horários do meu pai. Foi a minha sina, jogar, sempre, com os horários do meu pai, para poder sair (...)

J- Como é que aconteceu o Magistério na tua vida?

R- Eu estava a fazer o 12º ano de noite e tinha o dia livre. Para ganhar algum dinheiro, comecei a dar explicações ali aos vizinhos, eu tinha de ganhar um dinheirinho porque não me davam um tostão que fosse (...) para ganhar algum dinheiro comecei a dar explicações e comecei a gostar de ensinar. Comecei também a perceber que se quisesse continuar a estudar nunca iria para Lisboa ou para Coimbra, nem para lado nenhum, porque ninguém me ia ajudar. Tive a noção de que isso não era possível, eu gostava de tirar um curso de Línguas, mas, sabia que não tinha qualquer hipótese de isso acontecer. E, depois, a Paula Vargas falou-me no Magistério, disse-me que ia concorrer (...) Mais uma vez a Paula aparece na minha vida a ajudar-me, uma excelente amiga (...) agora, já a vejo pouco porque ela vive em Lisboa. Ela tirou o curso de Educadora, começou a trabalhar, desencantou-se com o sistema de ensino, pediu aos pais e foi tirar um curso de Comunicação Social, foi aluna do Pinto Balsemão que a convidou para trabalhar numa empresa dele, na SIC,

ela escrevia muitíssimo bem, mas ela não aceitou, montou uma empresa dela e vive muito bem, em Lisboa (...) Como ia dizendo, ela falou-me no Magistério, fiquei a pensar nisso e depois fui falar com a minha mãe, só que o exame do magistério eram 5 contos (...) sempre o cabrão do dinheiro a chatear, toda vida tem sido isto (...) e eu não tinha 5 contos para fazer o exame. A minha mãe pediu-lhe e ele disse logo que não pagava, que eu nunca iria tirar um curso com o dinheiro dele (...) que não pagava (...) eu acho que ele ficou-me com uma “porra” (sic) desde a repreensão que apanhou do comandante, por não me ter matriculado no ciclo, desde aí, nunca me perdoou, eu era a culpada de ele ter sido confrontado e não ter levado a vontade dele avante (...) Depois, não tinha os 5 contos, a minha mãe vendeu uma colcha de renda, que tina andado anos a fazer, daquelas que ela fazia com aqueles borbotos, ela fazia essas colchas, eram muito bonitas, fazia isso às escondidas dele, porque tirava o dinheiro da comida para comprar as meadas para fazer as colchas. Ele não podia saber. Ela fazia essas colchas, fazia rendas, para ter mais algum dinheiro. Ela, depois, conseguiu fazer os 5 contos e deu-me (...) Naquela altura, quase todas as minhas amigas fizeram exame para o Magistério. Deram 10 contos para os exames de Educadora e Professora, ou entravam num ou entravam noutra. Eu só fiz um, tinha 5 contos, fiz o exame para professora primária. Consegui ter a 3ª melhor nota (...) Eu tinha de fazer exame de Filosofia, então, o pai da Paula Vargas falou com o Ribeirinho que tinha sido meu professor de Filosofia no 12º ano. Eu tinha dificuldades, eu não consegui concluir o 12º ano por causa de Filosofia. Ele foi lá a casa, durante várias noites e deu-me explicações, na minha casa, de porta aberta que era para o meu pai me controlar na sala (...)

J- O teu pai não se opôs?

R- Não se opôs, mas achava mal. Chagava a cabeça da minha mãe, torturava-a com disparates, “ Que jeito vir dar explicações aqui a casa” “Isso serve para quê”. Mas, aquelas explicações ajudaram-me muito. A Paula Vargas também ia lá para casa, o Ribeirinho fazia a explicação a mim e a ela, que ela não precisava, ia só para me dar apoio por causa do meu pai. E, eu passei no exame do Magistério com a 3ª melhor nota, viste? (...) Fui para o Magistério, mas, confesso que não foi por vocação nem nada disso, fui porque queria tirar um curso e esta era a única possibilidade que tinha. Não havia aqui vocação de freira, tenho agora mais consciência de que era isto que eu queria para a minha vida do que naquela altura. Naquela altura não tinha consciência social, não dava valor ao que é ser professora primária, hoje, sim, hoje é

que defendo um conjunto de valores que na altura bem pensava neles (...) Hoje não arrependo, adorei o Magistério, só não gostei do Magistério, daquela questão da nota, por causa da média nacional do 13,6, isso dava muita confusão, muita competição, muita sacanice, não, não gostei dessa parte, foi horrível (...) De resto, foi espetacular, tenho boas recordações dos professores, do ambiente, o ambiente era excelente, excelente. Gostei muito do Magistério, só não gostei daquela parte porque fez alunos chumbarem, podiam ter, simplesmente passado, nem que fosse com um 10, mas, tiveram mesmo que chumbar. Sempre houve pessoas muito capacitadas e pessoas menos capacitadas. Depois, as menos capacitadas tinham a dificuldade em arranjar um lugar e aí as pessoas já seriam penalizadas, certo? E ali criaram-se outro tipo de situações, eu não estou aborrecida com a média que eu tive, eu tive um 3º ano muito difícil, baixei do 15 para o 13, eu era aluna de A e B, era aluna de 15, no 3º ano estive a viver fora de casa, foi quando o meu pai me pôs na rua, estive a viver na rua uns tempos, vivi na rua, vivi na casa da minha irmã, depois vivi na rua (...) não quero falar nisso, só meu marido é que sabe pelo que eu passei, o meu marido não casou enganado (...) Quando o meu pai me pôs fora de casa, o meu irmão disse “Se ela sai, eu saio também”. Ele partiu a mesa da cozinha, uma mesa em cimento que ele tinha feito, partiu a louça toda lá em casa. Nesse dia fugimos os dois de casa, só ficou a minha mãe. Liguei à minha irmã de uma cabine e ela disse “Vem cá para casa”. Depois, no outro dia o meu irmão voltou a casa, ele aceitou-o, não disse nada. Mas, eu levei aquilo muito a peito, estupidamente, estupidamente, levei aquilo muito a peito (...) Tudo por uma coisa de nada, eu apresentei-lhe o meu primeiro namorado, que não vingou em nada, em aspeto nenhum, mas, eu apresentei-lhe o meu primeiro namorado e ele não aceitou. Pôs-me fora de casa. Eu conheci o rapaz, emigrante, da zona de Livramento, estava em França, famílias de Livramento, Fuzeta. Eu fazia as férias na Fuzeta com a minha madrinha que é da Fuzeta. Eu fui durante alguns anos passar uma semana, duas semanas, de férias para a Fuzeta. Adorava estar na praia, casa na praia, adorava, era espetacular. Fui aí uns 4 ou 5 anos, depois, o meu pai não me deixou ir mais. Por vontade da minha madrinha eu estava lá sempre, mas, ele não me deixava. Pois, conheci esse rapaz nas férias, ele e a família, era tudo gente emigrante, e começamos a corresponder-nos. Ele foi-se embora em Agosto e disse que vinha cá, de férias, em Dezembro. Vinha cá passar o Natal, tinha os avós no Livramento. Chegou ao aeroporto, apanhou um táxi, eu disse ao meu pai que ele vinha, chegou de táxi, à porta de casa, eu fui abrir a porta para ele

entrar. Vem o meu pai e diz “Esse preto daqui para fora” Ele era assim moreno, tinha tez morena, ele diz “ Esse preto fora da minha casa” Ele era branco, mas de tez morena. A minha mãe jogou as mãos à cabeça, houve ali uma cena de choro, chovia, era 23 de Dezembro, e ele diz “ Rua, rua” (...)

J- As Práticas no Magistério, gostaste?

R- Gostei, gostei do contacto com as crianças, a experiência de assumir a sala. Às vezes havia gente demais na sala, algumas colegas ficavam afectadas com isso. Eu não, a parte de comunicação, era a minha parte forte. Fica mal eu estar a dizer isto, não fica? Eu acho que é a minha parte mais positiva é esta facilidade de comunicar, acho que tenho capacidade de comunicar, de chegar às pessoas e tentar promover um bom ambiente, acho eu, se calhar estou a ser pouco humilde, mas, é o que eu acho, sou uma pessoa alegre, bem-disposta, é uma forma de esconder os meus problemas, uso uma espécie de carapaça, problemas todos temos, mas são nossos (...)

J- Magistério?

R- Gostei, gostei dos professores, tirando aquelas birraças (sic) internas de Luís Aguilar e Helena Marques, de não sei quê, que nós nos apercebemos, que havia rivalidades entre alguns professores, uns da linha mais antiga outros da linha mais jovem. Nós no fundo não queríamos saber disso, não tirávamos partido nem por uns, nem por outros, não nos metíamos nisso, mas, falávamos isso, refletíamos sobre o que se passava, em grupo falávamos. Mas, como prática, como atuação, eu não queria saber nada disso, gostei muito do Magistério, adorei os trabalhos de grupo, os debates, as apresentações. Era um tipo de ensino completamente diferente, havia os trabalhos de projeto, de identificação de problemas (...) Tivemos as atividades de contacto no 1º ano, adorei. Fiz aqui em Faro, no bairro da Horta da Areia e no B. João. Estudámos todo o meio envolvente da Escola do B. João, fizemos entrevistas, conversas, aquilo deu-nos uma bagagem. Esse trabalho foi parecido com aquilo que vim afazer mais tarde na educação de adultos. Os objectivos eram outros mas o método de trabalho foi um bocado parecido (...)

J- Acabas o curso...eu nem falei no 25 de Abril, tinhas 9 anitos...

R- O que me lembro do 25 de Abril foi o meu pai dar uns murros em cima da mesa, de alegria, ele ficou muito satisfeito, tinha sido no antigo regime que tinha sido convidado a sair da Guarda-fiscal, ele era um revoltado. Ele chorou de alegria, saiu para a rua, mas, não deixou que ninguém saísse de casa. Ele é que foi ver o que se passava. Depois ouviu aquelas notícias todas na rádio, as músicas. Mas, essa alegria

durou pouco tempo, passados uns meses já estava completamente desencantado, já dizia que a revolução tinha sido uma fraude para os portugueses (...)

J- Foi o 25 de Abril que o fez recuperar o seu lugar na Guarda-Fiscal...

R- Foi. Ele voltou, deixou de ser relojoeiro. Enquanto esteve fora da Guarda-fiscal, auto didata, montou uma relojoaria em casa. Arranjava relógios para gente de toda a cidade de Faro, para os Cafés, aqueles relógios de bilhar, também, sabia arranjar. Depois ensinou ao meu irmão, quando ele morreu as coisas, as máquinas para lavar as peças dos relógios, aquelas ferramentas todas ficaram para o meu irmão. Ele era um artista, ele fazia peças para arranjar os relógios. Ele foi convidado para ir trabalhar para uma fábrica na Suíça, ele chegou a fazer peças para a Tissot aqui em Portugal (...) Era um homem muito complexo, era habilidoso, mas, ao mesmo tempo, muito rígido (...) Provavelmente terá tido uma infância complicada, ele não falava nisso, tinha sido filho de mãe solteira, a mãe dele foi enganada, ele não falava nisso (...) Eu é que não tinha culpa disso e não sabíamos (...) Agora, antes de morrer, é que a minha mãe me contou algumas coisas que poderão justificar alguma coisa (...) Mas, de qualquer maneira, eu continuo sem me identificar com ele, tenho falado isso com os meus irmãos, os meus irmãos estão num pedestal mais alto que eu, estão numa de perdão, eu não, não consigo perdoar o que ele me fez, não consigo compreender. Eu sofri muito, não consigo (...)

J- Do 25 de Abril não te lembras de mais nada?

R- Lembro-me, lembro-me de chegar à Escola e da professora tirar a fotografia do Marcelo Caetano e do Américo Tomás lá da parede. Acho que nesse dia até saiu a bandeira da República, é para tirar, é para tirar (risos). E lembro-me de misturarem as turmas, deixou de haver turmas só de rapazes e só de raparigas, passaram a ser mistas, o que era mais giro. Fizemos uma festa na cantina, fartámo-nos de cantar, cantámos a canção da gaivota (...) Foi assim, é a recordação que tenho do 25 de Abril (...)

J- Acabaste o Curso, foste colocada...

R- Fui colocada em Alcoutim, na Telescola. Queria trabalhar e começaram-me a dizer que eu nunca iria arranjar colocação logo em Setembro por causa da média. E que não seria por um ano, podia era andar a tapar buracos. Explicara-me como é que iria ser a minha vida futura. Entretanto estava uma amiga da minha irmã, na antiga Direção Escolar, estava lá a trabalhar, a Deonilde, é lá da Penha, é irmã do Gualdino Viegas, que tu conheces, que era do atletismo, a Deonilde foi á minha casa e diz-me

assim “ Oh filha porque é que tu não concorres para a Telescola”. Foi mesmo assim “ As vagas foram abertas agora e há uma data de postos de Telescola” Eu nem sabia o que era isso da Telescola, nem sabia que isso existia no país. “Vai, concorre que ficar é uma forma de ficares colocada e ganhares o teu dinheirinho e afastas-te aqui das coisas que se passam aqui em casa, vê lá”. Fui com ela à Direção Escolar e vi que havia o Posto de Odeleite, o Posto de Martinlongo, o Posto de Alcoutim e não me lembro se havia mais algum posto de telescola que tivesse vagas. Estes eram para o ano inteiro. Depois ela dizia-me assim “Alcoutim tem mais transportes que Martinlongo, como é sede de concelho, Odeleite é mais perto, era bom para ti e Martinlongo, acho que é bom, as pessoas gostam de estar lá, porque o meio é pacato, é um meio bom, mas ficas mais isolada, porque não tens carro. Portanto vê lá bem”. Eu vim para casa, trouxe o formulário de inscrição para preencher. Vim para casa e a minha mãe disse-lhe a ele os sítios e aí ele disse à minha mãe “Então, ela vai para Odeleite”. Quando ela disse à minha mãe que eu ia para Odeleite, eu pus Alcoutim (...). Porque é que ele queria que eu fosse para Odeleite? Porque o presidente da Junta de freguesia de Odeleite era um guarda-fiscal reformado que tinha sido colega dele. Assim, eu ia estar debaixo do controle do amigo e mais, ele tinha dois filhos solteirões, estava ali o esquema todo montado. Ele levou-me lá conhecer as pessoas e tudo. Aquilo estava tudo arranjadinho. Assim que ele disse à minha mãe “Ela vai para Odeleite”, eu não lhe disse nada, fui à Direção Escolar e meti Alcoutim. E fiquei colocada em Alcoutim e fui para lá viver. Ele não aceitou, ficou ofendido comigo, foi a Alcoutim dizer aos guardas-fiscais quem eu era e para me vigiarem, para me controlarem. Foi pedir aos colegas dele lá, para me controlarem. Um deles, depois, foi vice-presidente da Câmara de Alcoutim, o Manuel Carvalho, o Senhor Carvalho que tu conheceste. Foi um dos guardas a quem o meu pai pediu que me vigiasse. Mas, também, foi pedir para eu poder ir abastecer-me à cantina da Guarda-fiscal, porque as coisas lá eram muito mais baratas. E, quando precisava de ir à Espanha, também, evitava estar a pedir autorização, como era filha de um guarda-fiscal. Eles, a mim, deixavam ir, sem autorização. Fui para Alcoutim com uma colega aqui de Faro, a Luísa Correia, ficámos juntas, alugámos um quatinho as duas, com serventia de cozinha e com quarto de banho. E ela tinha carro, pagávamos tudo a medias e lá fomos para a Telescola de Alcoutim. Ela já estava no 2º ano de trabalho, já tinha mais experiência do que eu (...) Vínhamos a casa aos fins-de-semana, quase todos. Só quando começámos, as duas, a namorar lá é que deixámos de vir tantas vezes (...)

Quando vinha, a relação com o meu pai era mais pacífica. No 1º mês foi a minha mãe que me arranjou a comidinha para eu levar para lá, lá havia dificuldade de arranjar produtos frescos. A minha mãe com muito esforço preparava-me a comidinha. Depois, quando comecei a ganhar já era eu que dava dinheiro à minha mãe. Comprei-lhe uma aliança de casada, em ouro, ela tinha-se desfeito da dela para me pagar os estudos e quis recompensá-la. Comecei a dar-lhe parte do meu ordenado, só para ela, sem o meu pai saber (...) Depois, logo no 1º ano, conheci o Alfredo. Talvez por estar sozinha, apressou mais aquele namoro, casámos passados sete meses. Eu sentia-me sozinha, sentia falta de um amigo, de estar com alguém que me apoiasse. E, quando acabasse o ano eu vinha para Faro e houve essa conversa entre nós. Começamos a ver que se calhar as coisas já não iam ser a mesma coisa, eu não tinha carta, ele não tinha carta. Falámos nisso e aí surgiu a ideia do casamento (...). E foi assim (...). Casei e fiquei a morar lá, na casa dos pais dele (...). O meu pai não foi ao casamento porque estava muito doente, nessa altura estava no Hospital da Palhavã (...) Depois quando veio para casa, já estávamos casados, é que conheceu o Alfredo. Mas não o aceitou bem, por ele ser um pedreiro, por não ter formação (...) Ele não contribuiu em nada para a minha formação, mas, depois, o outro não tinha formação académica, era servente de pedreiro, andava num curso socioprofissional, daqueles que havia na altura (...) E, ele não aceitou bem (...) Quando foi do meu casamento, a minha mãe estava com uma manobra de dinheiro diferente, como ele estava internado, ela teve que ter acesso às contas. E, então aí ela pôde-me ajudar (...). Mas, eu não levei ninguém ao casamento, só levei a minha mãe, os meus irmãos e as minhas amigas de infância, as minhas amigas da Penha, quem pagou o meu casamento foi o Xico Amaral, que foi meu padrinho (...) O meu casamento foi uma forma de libertação, mas, havia muita paixão, uma relação muito forte entre nós. A simplicidade dele foi muito positivo, porque ele era tão boa pessoa, tão simples, não havia margem para maldade. Nunca houve esse conceito do enganar, eu sabia que pessoa era o Alfredo (...) Fiz um casamento feliz (...) Depois, houve desencantamento porque foi mais do mesmo em termos de miséria e de dificuldades (...) Houve, houve um certo desencantamento, as dificuldades, depois, continuaram a ser muitas e a pessoa, depois, não tem estrutura familiar que apoie, nem de um lado nem de outro. O outro lado ainda boicotava, considero que ainda boicotava (...) Os meus sogros nunca me ajudaram em nada. Em Alcoutim só podia contar comigo e com o Alfredo, passei por muitas dificuldades já com o meu filho bebé (...).

J- Rosário, está a ser difícil fazer esta entrevista?

R- Eu andava a adiar porque estava receosa desta entrevista, tinhas-me dito que era para falar sobre a minha vida. Eu estou com dificuldade em falar sobre a minha vida. Eu compreendo que isto é uma entrevista biográfica, é importante para o teu trabalho, mas eu não te posso contar tudo da minha vida. Há coisas que não posso falar. Não é por ti, é porque eu tenho dois filhos e esta imagem que dou de otimismo e de grande força, vamos lá para a frente é a que eu tento continuar a mostrar, mas, só eu sei o que tem sido a minha vida (...).

J- Ok, queres continuar?

R- Força (...)

J- Foste colocada na Telescola...

R- Estive lá um ano. Nesse mesmo ano de Telescola fui logo convidada para dar aulas num CEBA de Alcoutim. No 2ºano, já não havia posto de telescola para duas professoras, os alunos diminuíram, saí eu que era a mais nova, ficou a Luísa que era quem tinha mais tempo de serviço. Depois fui para Martinlongo, para Telescola de Martinlongo que funcionava na casa do professor Moreira, que ficava ao pé da Caixa Agrícola, não sei se te lembras. Fui para lá, já era casada. Ora ao ir para lá já casada, tive que alugar lá um quarto. Em Alcoutim, estava a viver na casa dos meus sogros, no quarto do Alfredo, fui alugar um quarto, adorei estar lá. É pá, se calhar sou muito atípica e gosto de tudo porque adorei estar lá e vivi na casa de umas pessoas que me alugaram um quarto, eu paguei o aluguer, com serventia de cozinha independente e quarto de banho independente. Depois, no final, estávamos lá os dois, eu estava grávida, foi uma gravidez inesperada, foi inconsciente, não foi de propósito, não pensávamos nisso ainda, foi inconsciente. Eu, também, tinha a mania que sabia tudo e que a mim não havia de me acontecer. Então, acabei aquele ano a viver com aquelas pessoas, a comer com elas à mesa, a fazer as matanças de porco, a ajudar a fazer as chouriças, era da família. Foi aí que o meu pai conheceu o meu marido, na casa dessas pessoas. Apareceu-me em Martinlongo de surpresa, muito doente, com o drene, o meu irmão é que foi a conduzir o carro, que ele tinha que ver como é que eu estava a viver (...) Não ficou tranquilo, não ficou descansado porque eu não tinha enxoval, não tinha louças, não tinha uma casa minha onde estivesse a viver que lhe pudesse dar um quarto para ele ficar se quisesse, não tinha nada. Tinha uns míseros três ou quatro pratos que a minha mãe me tinha dado quando fui viver para Alcoutim e duas ou três mantinhas (...) Ele viu que as coisas não estavam bem (...) Ele

apareceu, lá de surpresa, estávamos numa matança do porco com aquela família com quem ainda mantenho laços de amizade muito fortes. Eu comecei como inquilina, professora inquilina e acabei como família, comendo á mesa com eles. Isto foi um ano em que estive em Martinlongo. Acabou por não ser o ano completo porque eu fiz o parto em Abril, tive de me vir embora, vim para Faro ter o bebé. Depois voltei para Alcoutim, no ano seguinte fui para a educação de adultos, já a tempo inteiro, estive na educação de adultos e quando saí fui para o ensino primário, para o Pereiro, depois estive na Escola Básica Integrada, na Direção Executiva (...) Mas, quando voltei de Martinlongo, fiquei na casa dos meus sogros uns meses, o Alfredo pequenino, já tinha um ano, fomos viver para o bairro junto à Escola. Aí as coisas mudaram significativamente, sim, aí as coisas mudaram para melhor. Estava mais distanciada dos problemas, daquilo que a pessoa não gosta, mas, como é um meio muito pequeno, as relações tornam-se difíceis, apesar de eu considerar que a família do Alfredo também é um bocadinho atípica relativamente às pessoas lá da vila de Alcoutim. As famílias lá são muito acolhedoras, muito amigas de ajudar e ali naquela família não, são conhecidos por serem pessoas pouco simpáticas, nem sequer os irmãos do Alfredo são diferentes, o Alfredo tem dois irmãos (...) São pessoas pouco cultas, o meu sogro fez a 4ª classe comigo, num CEBA. É uma pessoa um bocado rude, sempre serviu na casa de pessoas ricas, mas tem ali uma mágoa em relação aos outros (...) Nunca percebi porque era assim comigo, porque quando casei ele ficou muito orgulhoso, andava na Vila a dizer que o filho tinha feito um bom casamento, tinha casado com uma professora, que era um investimento (...)

J- O que é que mudou?

R- Não mudou nada, eu é que mudei, eu é que mudei. Eu, agora, já não valorizo nada aquilo que eles dizem (...) As minhas porras (sic) com o Alfredo têm sido quase sempre por causa da família dele (...) O Alfredo está à vontade neste sentido, se quer sair, sai (...) Porque eu não tolero mais situações daquelas (...) Eu não digo isto a ninguém, eu vou a Alcoutim, a gente passa lá férias, eles não são capazes de me dar um prato de sopa (...) A gente vai para lá, a gente tem que levar a sopa, a salsicha, a carne, eles não ajudam em nada (...) Mudam um bocadinho quando os netos vão para lá, mas, os netos gostam de ir para lá sozinhos. Há diferença de tratamentos entre o Alfredo e a Tatiana e até agora o Alfredo, o meu filho, já me dá razão a mim e deixou de ir para lá, já não tolera a maneira como o tratam a ele e tratam a irmã (...) A vida tem sido tão difícil (...)

J- Vamos deixar isso... gostaste da experiência na Telescola?

R- Gostei, gostei. Eu gosto mais do 1º ciclo, mas gostei daquela experiência, a Telescola dá-nos umas bases de organização muito boas, é tudo muito planificado, tudo muito organizado, muito certinho, os horários, o cumprimento de objectivos, as matrizes, os critérios de aferir muito bem a avaliação. É um bocado estranho, a pessoa ver muitas coisas positivas, mas é verdade, eu gostei da Telescola, acho que era um ensino bem organizado. Acho que foi uma boa preparação, a Telescola logo a seguir ao magistério foi uma coisa boa para entrar na profissão (...) A princípio foi um bocadinho estranho, foi uma experiência nova, eu não sabia o que ia encontrar e no Magistério tínhamos feito as Práticas no 1º ciclo. Nunca me passou pela cabeça que pudesse ir dar aulas do 2º ciclo, com uma televisão pelo meio. Mas foi bom e aprendi imenso com aquelas emissões. Estava a gostar, fiquei com pena de não ter continuado, mais um tempo (...)

J- A seguir, educação de adultos, gostaste?

R- Espetáculo, espetáculo, foi o melhor tempo da profissão. Adorei. Gostei, gostei de tudo, mas, o melhor, o que gostei mais foi poder participar, poder ser interveniente, no desenvolvimento daquelas pessoas. Eu, enquanto educadora, que tentava interagir com as pessoas, também sentia uma realização pessoal, uma satisfação por aquilo que estávamos a fazer. Por exemplo, na criação de um curso de adultos, todo aquele processo e depois, do curso estar implementado, a pessoa ia lá já não como organizadora, ia também como participante porque aquela gente tinha uma dinâmica tão grande, uma dinâmica própria, aqueles montes, cada um à sua maneira, que a pessoa acaba por estar lá, não só como a pessoa que lançou o curso, mas como mais um interveniente, mais um participante (...) Aquilo que me deu mais prazer foi ter sido um elemento aivo que ajudou as pessoas, poder ver que aquilo que estava a fazer tornava as pessoas mais felizes, que as pessoas gostavam daquilo que estávamos a fazer, davam-nos importância, reconheciam o nosso trabalho. Isso, para mim, foi muito importante (...) Para além disto, gostava de tudo, do ambiente entre os colegas, da relação com as pessoas de outras instituições. Uma coisa que foi muito importante para mim, foi a formação. Gostava muito de ir fazer formação, o ambiente era espectacular, ao nível dos formadores, éramos como se fossemos uma família. Dávamo-nos todos muito bem, os colegas da Coordenação reconheciam o nosso trabalho, estavam sempre prontos a ajudar. Foi muito bom. Já viste bem, os anos ricos em formação que nós tivemos? A formação que a gente teve naqueles

anos! Eu acho que poucos profissionais noutras áreas têm a experiência que a gente teve a nível de formação. Formação contínua, aquilo é que era formação contínua. Não ganhávamos um chavo, mas, também, não pagávamos nada, aquilo era tudo financiado. Não ganhávamos um chavo, deslocávamo-nos quilómetros. A gente fez formação em todo o lado, a gente foi para Évora, para Lisboa, Tróia, aqui no Algarve, nas Açoteias, em Vale da Telha, Tavira, sei lá, os sítios onde fizemos formação. Fizemos formação de animação de leitura, animação de bibliotecas, de alfabetização, de desenvolvimento local, de associativismo, animação sociocultural, sei lá, tanta formação que fizemos (...)

J- Achas que foi importante para a tua formação?

R- Importantíssimo. Foi importante enquanto estava na educação de adultos porque nos ajudou muito a perceber o que é que queriam de nós, o que é que queriam que fosse o nosso trabalho, ajudou muito a que levássemos por diante o nosso projeto de educação de adultos, mas, não foi só isso, porque depois, saí da educação de adultos e continuei a utilizar na escola muito daquilo que aprendi. Nisso fui uma privilegiada, em certas coisas estava muito melhor preparada que as minhas colegas de escola que nunca tiveram possibilidade de fazer aquelas formações nem viver as experiências que nós vivemos. A educação de adultos era como se tivéssemos feito um curso, a seguir ao Magistério e foi, a educação de adultos valeu tanto como outro curso (...) Hoje ouvimos falar do PNL, plano nacional de leitura, incentivar os meninos a ler, até parece que nunca se fez isso. Nós fizemos isso na educação de adultos para incentivar a pessoas à leitura, e aprendemos técnicas próprias para isso, não se chamava este nome, até parece que o desígnio de um professor não é incentivar à leitura. Agora dão uns nomes assim muito bonitos, muito bonitos, a gente pega numa das nossas técnicas de leitura que utilizávamos com os adultos e aplica lá com as crianças e vê lá se resulta ou não resulta. Claro que resulta porque já apliquei várias vezes e resulta sempre. Se resulta com adultos, ainda melhor resulta com crianças (...) O que aprendi na educação de adultos tem servido de muito, completamente (...)

J- Achas que o professor primário tem o perfil para ser um bom educador de adultos?

R- Não (...), não e a maioria das pessoas está convencidíssima que lá no alto do seu ego, e ainda bem que têm o ego para cima, que é a mesma coisa, mas, não é. A gente tem ali na Escola da Penha, cursos de alfabetização e depois nas reuniões de Departamento de Ciclo, ouvimos essas professoras falar em p e t, e o la, le, li. Quer

dizer elas não sabem do que é que estão a falar. São professoras do 1º ciclo que estão a dar aulas a adultos, aos cursos da noite. Oiço-as falar aquilo é só disparates, pensam que estão a fazer um grande trabalho, mas, aquilo não é nada, elas não têm a noção do que é fazer educação de adultos, a verdade é essa, elas estão alia empatar as pessoas (...)

J- Mas tu és professora primária e foste educadora de adultos...

R- Mas eu tive formação, eu sei o que educação de adultos. Eu tive a prática, mas também tive a teoria, eu sabia o que andava a fazer. Havia um projeto, tinha linhas orientadoras, tinha objectivos e nós sabíamos o que estávamos a fazer e para quê. Mas, para isso, tivemos formação. Eu tive muita formação. Eu, assim, que iniciei um percurso na educação de adultos, a mim foi-me sempre facultada formação em várias áreas e isso é muito importante. Havia os Serviços Centrais que organizavam Formação em vários locais, quase sempre na zona sul e nós íamos. Depois, a Coordenação Distrital, aqui em Faro que tinha um programa de formação ao longo do ano, fomentava a formação cá e lá, nas coordenações concelhias. Depois lá era entre pares, era a coordenadora concelhia e as professoras de terreno (...) As nossas reuniões também eram momentos de formação, quando produzíamos os nossos materiais, formulávamos aquelas planificações, as planificações não era com objectivos a cumprir, aquilo era uma planificação referencial que tinha que ir ao encontro das necessidades de cada local. Se a pessoa for para o método analítico-sintético, começa no p, t, l, q e depois aparecem nas aulas como pipi, a papa. Isto é tornar as coisas muito imbecis (...) O professor primário pode dar um bom educador de adultos desde que tenha um perfil adequado e tenha formação. O perfil é muito importante, mas, sem formação é inviável. Acho que a formação ajuda a ter um perfil mais adequado, a ter uma outra atitude para lidar com os adultos, para ser capaz de os compreender. A atitude eu acredito que haja pessoas que *a priori* sem conhecimentos outros tenham atitude correcta para fazer parte da vida dos adultos, mas, também, acredito, mais hoje, do que quando era mais jovem, de que é muito importante a formação. Aquelas técnicas de leitura, o conhecimento do pensamento de Paulo Freire, as técnicas pedagógicas a utilizar na interacção com os adultos, o domínio dos conceitos do que é ser adulto, a psicologia, eu acho que é muito importante a formação, joca. Pode haver boa vontade no aforismo que se faz, nas nossas ações, ok, pode-se acertar muitas vezes nas ações práticas, mas, a formação é essencial (...) No nosso caso tivemos uma formação especializada, direccionada para

aquilo que se fazia no terreno. Formação em todos os sentidos, não era só as ações de formação, era, também o acompanhamento que se fazia no terreno, que se chamava o acompanhamento sistemático. No Magistério não tivemos uma formação que se dissesse que nos preparava para fazer educação de adultos, mas, vendo bem, tivemos disciplinas que nos vieram servir mais tarde. Ainda há bocado falei das atividades de contacto, isso foi importante na nossa formação. Havia algumas disciplinas que nos ajudavam a intervir na comunidade. Eu quando fiz o trabalho com a comunidade da Horta da Areia fiquei desperta para um conjunto de realidades que sendo diferente do que encontrei na serra algarvia, também, tinha algumas coisas que eram parecidas, havia algumas realidades que eram comuns aos dois sítios, apesar de serem tão diferentes. Esta formação na educação de adultos foi o continuar da formação inicial (...). Mas, também é importante valorizar a experiência de vida, tirar proveito disso, porque há pessoas que viveram experiências, passaram por várias coisas e parece que não aprenderam nada. Eu valorizo as experiências de vida, vejo-me agora, apesar de me sentir uma jovem, com 46 anos, continuo a sentir-me jovem, muito positiva e muito lutadora, considero que agora estou muito mais bem preparada, como professora e como mulher, acho que a minha experiência de vida me fez tornar uma adulta muito mais consciente para as realidades sociais, mais humana, do que quando iniciei convosco na educação de adultos. Eu valorizava, aprendia, bebia, eu era uma sôfrega, continuo a ser, continuo a querer aprender mais, a valorizar o conhecimento, eu era uma leitora compulsiva e não perdi esse vício, eu acho que sou uma aprendiz compulsiva. Eu desgasto-me a ler, desgasto-me, pronto, não consigo explicar, aquilo é um vício, é um bichinho. Eu não vou a um cinema como muitas pessoas, não vou a um teatro, vou de vez em quando ao teatro, tenho um grupo de amigos que fazem teatro, estão ligados a um grupo de teatro, mas, eu ler, é uma coisa que, eu adoro ler, seja um livro científico, seja um romance. Quando o meu filho estava na Universidade, em Arqueologia eu devorei aqueles livros todos, tudo me interessa, é como te digo, sou uma pessoa atípica. Eu pensei assim “ Eu conseguia tirar este curso, eu adoro isto”. (...) Mas, eu acho que a experiência de vida é muitíssimo importante. Como acho que vivi uma experiência de vida, tive várias experiências e aprendi com elas todas, considero que agora estou muito mais apta que sou uma pessoa diferente porque aprendi com essas experiências. Fizeram-me pensar nas coisas e ver algumas situações de forma diferente, uma coisa é falar-se sobre um assunto e outra é viver-se a situação. Não é só ter a experiência, porque pode passar-

se por certas coisas e não se aprender nada, o que é importante é ser capaz de aprender com o que se passou connosco na nossa vida, ser capaz de refletir sobre isso e de mudar as nossas atitudes, o nosso pensamento, se for preciso, porque senão não serve de nada viver as experiências. Como é que, se somos todos seres humanos, como é que há pessoas que continuam a ter que passar por uma situação pessoal de cancro para perceber o drama de uma pessoa que tem um cancro (...) Se todos fazemos aprendizagens ao longo da vida, onde é que está essa aprendizagem? Então eu preciso passar fome para ver que aquela família é carenciada e não está em condições de dar ao filho aquilo que ele precisa, e eu, professora, devo exigir aquilo que as pessoas não podem dar? (...) A pessoa tem que mediar o seu grau de atuação quer como professora primária quer como educadora de adultos. A professora primária, nalgumas situações, também é uma educadora de adultos. Educar adultos não se faz só com cursos, é também na relação que se tem com os pais dos nossos alunos (...) Há pessoas que vivendo uma vida inteira, não aprenderam nada, são uns bacalhaus secos, pá! Não prestam para nada. Não dão porque não têm, se não têm é porque não desenvolveram. Eu acho isso tristíssimo (...)

J- Se te sentires cansada diz, que nós paramos...

R- Continua...

J- Na outra entrevista já falamos bastante sobre a tua passagem pela educação de adultos que terminou em 1992, certo?

R- Sim, eu estive na educação de adultos até 1992. Quando a Tatiana nasceu, comecei logo a ver que ia ter dificuldades em amamentar a minha filha, como sabes os cursos de educação de adultos funcionavam à noite. Porque apesar de serem pessoas mais idosas, haver reformados, as pessoas durante o dia têm os seus afazeres, têm que cuidar dos animais, têm as suas hortinhas para tratar, é muito diferente da vida de reformado na cidade, que não fazem nada. Lá os idosos continuam com uma vida ativa. Nasceu a Tatiana e eu, como mãe, deixei de ter a possibilidade de andar de noite à vontade e ainda tinha os outros dois Alfredos, o pai e o filho. Tinha uma família para cuidar, o pai nessa altura não se sabia desenrascar sozinho, hoje, já está mais colaborante. E, então, não conseguia conciliar a educação de adultos coma vida familiar e tive que optar, saí da educação de adultos e fui para o 1º ciclo. Estive um ano no Pereiro, na Escola Primária. Gostei, estava lá o dia todo. Os horários lá eram completamente diferentes (risos). Ia com elas para o Centro Social e depois vinha para a escola, abria a porta (...) As crianças tinham lá os apetrechos todos, os

copinhos, as escovas de dentes, lavavam lá os dentes, mas, também eram 6 miúdos. Eram 6 moços das quatro classes, tinha dois do 1º ano (...) mas, gostei, gostei muito dos miúdos e das famílias também. Foi por ter estado na Educação de Adultos, toda a gente me conhecia, eu era conhecida no concelho todo e conhecia já as famílias dos meus alunos. O concelho tinha 101 montes, eu conhecia as pessoas dos 101 montes. Agora já não tem, há montes que estão desabitados, completamente abandonados. Eu, nessa altura fiz os censos e eram 101 montes habitados, hoje deve estar reduzido a pouco mais de metade, os montes habitados. Fui a coordenadora concelhia dos censos, mais uma experiência que tive na minha vida. Fui convidada e aceitei, sempre ganhei mais algum com este trabalho em part-time. O Instituto Nacional de Estatísticas contactou a Câmara, a Câmara informou que ia abrir concurso para coordenadores dos censos. Ainda estava na educação de adultos e eu pedi autorização à Coordenadora Distrital que me deixou ir a Tavira fazer o Curso. Houve um curso para coordenadores dos censos, eu fiz esse curso, fiquei em 1º lugar, houve mais candidatos do concelho. Fiquei como coordenadora e depois fiz os censos no concelho. Quem é que fazia os censos nos montes, os meus bolseiros (risos). Fui duas vezes coordenadora deles (risos) era na educação de adultos e agora nos censos. Muitos dos meus bolseiros candidataram-se para fazer os censos e ficaram (risos), para ganhar mais esse dinheirito, foi assim, fizemos o recenseamento da população do concelho de Alcoutim, naquela altura. Nem todos foram, mas, muitos foram (...)

J- Queres falar um bocadinho sobre o trabalho dos bolseiros?

R- Os bolseiros não tiveram uma vida fácil, porque apesar da formação que tiveram, que foi muito curta, do muito apoio que lhes dávamos, de as ajudarmos com o material, elas tinham algumas dificuldades em fazer alfabetização, porque lhes faltava conhecimentos. Elas fizeram o melhor que puderam, algumas fizeram um bom trabalho, aquelas que aprenderam mais depressa. Algumas moças eram mais espertas e depressa aprenderam. Com os materiais que lhes dávamos e, depois, as nossas reuniões também ajudavam, elas conseguiam fazer um bom trabalho. As pessoas gostavam. Agora, para ser sincera, o trabalho feito por elas não era o mesmo que ser feito por um professor. Elas acabavam por adaptar o método ao método com quem tinham aprendido. Elas não eram capazes de utilizar o método de Paulo Freire, não sabiam, a única coisa que havia de Paulo Freire eram os materiais que eram feitos por nós com base nas palavras geradoras, de resto, elas tentavam fazer como tinham aprendido. Umás vezes resultava melhor, outras vezes, pior, mas não se podia

exigir mais. Depois, também, havia pessoas completamente analfabetas e outras que já tinham andado à escola e que já sabiam qualquer coisa. Assim, ainda é mais complicado porque quando se alfabetiza um grupo que está mais igual à partida, que não sabe nada, é mais fácil, agora, quando há uns que são analfabetos puros e outros que já sabem qualquer coisa, isso, não é para qualquer um. As bolsieras, aí, não davam conta do recado. Faziam uma grande confusão com o método Paulo Freire e os métodos fónicos, que era como elas tinham aprendido, elas e as pessoas que chegaram a andar à escola (...) Eu, por exemplo, utilizei o método das 28 palavras. Quando fiquei colocada em Olhão verifiquei algumas analogias entre o método das 28 palavras e o método de Paulo Freire e com o método das 28 palavras aprendi a sistematizar muito, muito bem, ali com os colegas de Olhão, trabalhávamos muito bem em núcleo, toda a gente utilizava o mesmo método, facilitou imenso, aprendi a sistematizar muito bem o método. Quando tornei a dar aulas nos adultos em Montenegro, já tendo consciência do valor deste método das 28 palavras, consegui tornar a otimizar o método de Paulo Freire. A partir das palavras deles e no método das 28 palavras parte-se do menino, menina, sapato, bota, o método Paulo Freire pretende que se parta das palavras geradoras que surgem da vida das pessoas. Em Montenegro utilizava as palavras que vinham do meio deles com a mesma técnica do método das 28 palavras. Era uma coisa eclética, é claro que também tinha adultos que tinham andado até à 3ª classe, já conheciam letras e sons. Aqui é mais difícil ensinar a ler e escrever porque confundem o método (...) Mas, a experiência de alfabetização em Alcoutim ajudou, lá também havia analfabetos puros e pessoas que já tinham andado à escola. Como coordenadora tinha perfeita consciência de que nem todas as miúdas bolsieras iam utilizar na prática o método Paulo Freire, como já te disse, não utilizavam. Reproduziam o seu modelo de escola primária, como tinham aprendido era como elas ensinavam. E, elas depois diziam assim “ Ai este não dá, este não dá”. Mas, eu, também, não tinha na altura bagagem suficiente para refutar, também tenho que aceitar o meu limite de conhecimento que tinha na altura. Não tinha conhecimentos para refutar aquilo que elas diziam e explicar melhor como deviam fazer, faltava-me experiência e conhecimento e ser capaz de lhes explicar porque é que o método não resultava. Não é fácil aplicar o método de Paulo Freire porque tem a ver com o conhecimento da pessoa é como (...) pensa no método natural global, tu já estás há muito tempo afastado do 1º ciclo, mas, pensa no método natural global, se tu tentares introduzir o método natural global numa turma de 1º ano

e os pais em casa estiverem á procura do a,e,i,o,u, e do p e do t, não dá. Olha aquilo baralha tanto os miúdos que nem o trabalho avança, nem os miúdos aprendem. A única possibilidade é fazer um curso de pais, é isso que fazem as colegas que utilizam o método natural e que depois são obrigadas a fazer reuniões com os pais para irem dizendo “Sigam só as palavras globais” (...)

J- Como é que chegaste ao método das 28 palavras?

R- Eu fui colocada em Olhão, fiquei efectiva. Eu estava efectiva lá para Lisboa, isto foi há 6 anos, 2005, estive dois anos em Olhão, antes de vir aqui para a Penha. A primeira que fiquei efectiva foi em Lisboa, há 13, 14, anos que vim de Alcoutim e depois concorri a efectiva (...)

J- Esclarece-me lá melhor o teu percurso...

R- Então quando vim de Alcoutim fiquei um ano na Penha, depois um ano em Mata-Lobos, três anos na Penha, dois anos no Carmo, um ano na Penha, dois anos em Olhão e agora nos últimos 4 anos na Penha. A primeira que fiquei efectiva foi em Lisboa, mas consegui safar-me e depois fui para Olhão onde estive dois anos. Naquela escola da Paula Nogueira todas as colegas trabalham com o método das 28 palavras. Gostei muito de trabalhar com este método e é o que eu usaria se voltasse a ter 1º ano. Quando vim de Olhão fiquei com um 2º ano, uma turma que não tinha professor, depois, peguei numa turma de 4º ano e agora peguei noutra turma de 4º ano (...) Eu acho que, atualmente, pouca gente utiliza métodos puros, as pessoas dizem assim “ A minha raiz é o natural”. Já é um método eclético, eu acredito que seja, eu acredito mesmo que seja, mas, agora, como tive esta experiência e achei-a tão positiva, depois, como já tinha outro conhecimento, o que eu não queria era imbecilizar o ensino. Porque quando se começa no p e a pa, p e pe, p e i, pi, depois, formar palavrinhas vai-se ao papá, à papa, ao pipi, eh pá! e isto com as pessoas, com adultos, alguns deles acham muita graça e levam aquilo no gozo “ Ai, ai, agora, com esta idade voltei ao pipi e ao papá, ao popó” Mas, uma pessoa tem de ter muito cuidado para não cair no ridículo, porque estamos em exposição, somos nós e eles ali a ouvir e a ver-nos. Eu não quero ser ridícula perante os outros, não quero. Posso ser ridícula mas noutras situações (risos), não é na alfabetização com adultos. Então comecei a fazer aquela adaptação, aquela mistura de métodos, e a sistematização é muito importante. Eu aprendi com a elas a sistematizar, que elas faziam isso muito bem. O método das 28 palavras tem aquilo, ali, tudo muito bem sistematizado (...) Porque vamos lá ver uma coisa, isto também tem muito a ver com as motivações que

levaram o Paulo Freire a criar aquele método, de luta intensa, social e política, que a mensagem dele é muito política, de libertação das pessoas, dos oprimidos, da favela, do tijolo, as pessoas não tinham habitação. Era um contexto diferente, foi isso que motivou a criação daquele método. A nossa realidade é muito diferente, mas podemos pegar muito bem naquilo que foi feito e adaptar à realidade de cada curso. Foi o que eu fiz (...)

J- O discurso de Paulo Freire era político. E tu, tens sido uma mulher com intervenção política?

R- Eu tenho sido uma mulher política, políticos somos todos, mas eu já fiz muita política. Eu era PS, militante, ajudei a fundar a JS em Alcoutim. Foi lá o Apolinário uma vez, reunir-se com a gente, com outros das secções algarvias para ajudarem a nos organizarmos, para lançar a JS em Alcoutim. Fiz parte das listas para a Câmara, fui eleita para a Assembleia Municipal, mas, desisti logo porque vi que aquilo não prestava para nada. Fiquei logo desencantada, assim que fui à primeira reunião, que vi que tínhamos que combinar o voto, a disciplina de voto que eu não sabia que existia, “fodi-me logo com aquela merda toda”. Deu-me um ataque de choro e tudo, foi cá uma cena que nem queiras saber. Tinha que recusar lá uns caminhos rurais porque não queriam lá que aquelas pessoas beneficiassem, não, não, não podia pactuar com aquilo. Deu-me um ataque de choro (...) Nesse mesmo dia fiz a resignação do cargo, continuei como militante, mas resciznei ao cargo, nunca mais fui a mais nenhuma Assembleia Municipal

J- Isso foi quando?

R- Foi quando estava na educação de adultos, tinha e tenho muita aceitação junto da população do concelho, todos me conhecem. Tu pudeste comprovar isso quando saímos juntos para ir aos cursos (...) Isto foi na lista do (...) Ora, quando eu cá cheguei o presidente era o Cavaco, parvalhão, fez-me a vida negra, mas, não foi nas listas dele que eu fui candidata, ele estava inibido de se candidatar, não foi na lista do Amaral que ele é PSD, foi na lista do filho do Sr. Carvalho, eu fui apoiante dele, daquele homem que esteve aqui no Governo Civil, o marido da Clotilde, o Horácio Carvalho que era aqui da estrutura do PS no Algarve, que era filho do Sr. Manuel Carvalho. Eu fui das listas dele, eu fiz parte da campanha, quem fez o programa dessa campanha fui eu e o Henrique, um colega nosso. Perdeu as eleições com o Chico Amaral. O PSD e a CDU aliaram-se e venceram o PS, por causa daquilo que aconteceu com o PS durante aqueles anos todo, em que o Cavaco desviou dinheiro e

essas coisas todas que o levaram à barra do tribunal (...) E eu desentendi-me com o Chico aí nessa altura, quando apareci nas listas do PS. Ele não aceitou que eu fosse apoiar o adversário dele, ele era meu amigo, foi meu padrinho de casamento e eu concorri contra ele. Eu devia, era ter apoiado ele, hoje, arrependo-me de não o ter feito. Ele é que era uma pessoa boa, uma pessoa que o concelho precisava e precisa. Felizmente ele ganhou. Fui pela cor política e não fui pela pessoa. Fui fiel às minhas ideias políticas, eles vieram falar comigo e fizeram vir ao de cima a minha filiação política. Eu, sim senhor, aceitei. Aliás, eu gostei muito das propostas do Horácio. Ele tinha um problema, ele não vivia lá, vivia aqui em Faro. Ficou como vereador da Câmara, mas, nem me lembro, se ele aguentou o mandato todo, até ao fim. Gostei das ideias dele, mas, para ser sincera, nem sequer conheci o programa do Chico, era por ser PSD, nem queria saber. Agora já não sou assim, voto sempre nele, eu continuo recenseada em Alcoutim. Continuo a ter lá o voto é a única coisa que eu tenho em Alcoutim, eu e o Alfredo, votamos sempre nele, não, ao Alfredo não vota sempre nele, eu voto. Ultrapassei as questões ideológicas, fizemos as pazes, como pessoas fizemos as pazes, como amigos, ele é um dos meus melhores amigos (...) Também deixei a política, deixei de ser militante do PS, deixei de pagar as quotas há 12 ou 13 anos, mas, continuo a acreditar na filosofia socialista, nos ideias socialistas. Atualmente, já há uns seis anos que tenho completa descrença no atual partido socialista (...) vê lá que, às vezes, até me sinto Paulo Portas (risos), vê lá como eu estou. Gosto de Paulo Portas enquanto oposição, quando ele esteve no governo foi uma desgraça, não gostei dos submarinos que ele comprou. É um populista, mas, enquanto oposição, diz coisas acertadas. Acho eu, sei lá, mas, não voto nele (...).

J- Há pouco enfatizaste que a Formação na educação de adultos foi muito importante. Quando saíste da educação de adultos e voltaste ao 1º ciclo, continuaste a fazer Formação?

R- Sim, sim, sempre senti necessidade de fazer formação. Educação de adultos é uma coisa, 1º ciclo é outra, são realidades diferentes e eu precisava de me sentir mais atualizada. Eu fiz sempre muita formação. Enquanto estive em Alcoutim, depois de sair da educação de adultos, ajudei a criar o Centro de Formação de Professores em Alcoutim. Eu estava colocada na Escola Básica Integrada. Foi a partir daqui que surgiu a ideia de criar o Centro de Formação. Mudaram os critérios de avaliação e de progressão na carreira. Foi quando surgiu a questão das ações acreditadas. Fiz formação lá no Centro de Formação e vinha fazer formação a Vila Real de Stº

António, ia a Tavira, vinha a Faro, ia onde havia ações que me interessavam (...) Mas, depois, quando começou a haver as ações creditadas, que era preciso créditos, isso irritou-me, comecei a fazer só aquelas que eram creditadas e que eram para mudar de escalão, mais nada. Enquanto não houve isso dos créditos eu ia a todas as ações que me interessassem. Das ações que eram creditadas algumas não valiam nada, eram uma autêntica cagada (sic). Antigamente, antes disso, fazia todas. Eu cheguei a ir fazer formação ao Porto, sem ser creditado. Eu fui receber formação ao Porto, ia de Alcoutim ao Porto para receber formação, porque me interessava, era no âmbito da Escola Básica Integrada. Eu estava na Escola Básica Integrada e queria perceber aquilo onde estava a trabalhar, queria estar actualizada, ter conhecimentos para estar o mais envolvida possível (...) E fui formadora. Para implementar o Centro de Formação tínhamos de ter não sei quantas ações acreditadas e o colega eleito para presidente do Centro de Formação convidou-me a mim e a outros colegas que quiséssemos apresentar propostas de ações de formação. Eu fiz um programa de formação em que era formadora com a Suzel Gaspar, para dar formação a outras colegas do 1º ciclo, na área das bibliotecas. Fui rentabilizar as minhas aprendizagens da formação inicial, da educação de adultos e da minha experiência como professora. Portanto, era a Língua Portuguesa, a Expressão Dramática e as Bibliotecas, eram Linguagens Integradas o título do módulo de formação. Então integrava Língua Portuguesa, dinamização de bibliotecas, o tal gosto pela leitura e pela animação da leitura e a Expressão Dramática onde eu entrava como parte da dramatização, como sabes, foi uma área que eu sempre gostei (...) Houve um tempo em que fiz teatro, estive ligada ao Teatro Laboratório do Luís Aguilar. Quando estava no Magistério ele convidou-me para fazer parte do Grupo de Teatro Laboratório de Faro, colaborava nos adereços, na montagem, na publicidade, nunca cheguei a ser actriz. Depois, ele foi embora do Magistério e o TLF acabou (...)

J- Essa vontade de fazer formação veio da educação de adultos ou és tu que gostas de estar sempre actualizada?

R- Isto tem vindo num crescendo tem sido um crescendo, esta consciencialização de fazer formação, de sentir necessidade de saber mais, acho que foi consequência da educação de adultos, a consciência da importância da formação. Porque a pessoa tem que perceber as coisas, tem de fazer bem o seu trabalho e ninguém faz um bom trabalho se não domina os conhecimentos que precisa para fazer isso. E, depois, não podemos continuar a lançar conteúdos dos quais não temos conhecimento. Não

podemos dizer “Eu acho que é assim, no meu tempo era assim”. Tudo muda, nós temos de acompanhar essa mudança, mudando o nosso conhecimento e a nossa maneira de pensar. O “ Eu acho” no ensino não pode ser, o “ Eu acho”, é muito importante, conhecer a opinião das outras pessoas é importante, mas o saber sobre os conteúdos também é importante, o ensino não vai só com as opiniões das pessoas. Quando se está a formar outras pessoas temos de ser cada vez mais rigorosos na linguagem e nos conhecimentos que transmitimos. Eu sinto essa necessidade, não podia estar a trabalhar numa Escola Básica Integrada sem conhecer o quê e o porquê da Escola. Lançaram o PEPT 2000, programa de educação para todos, foi a Dr^a Márcia Trigo que fazia parte do Ministério da Educação, quem implementou esse projeto, aquilo era uma série de programas de intervenção nas escolas. Quando estava na Escola Básica Integrada, no Conselho Executivo, concorremos ao PEPT 2000 e ganhámos. Foi quando conseguimos comprar a carrinha da Ludoteca da educação itinerante. A Direção Regional já tinha lá um projeto de educação de infância itinerante, mas não havia verbas que sustentassem aquilo. O 1º ciclo e a Pré acabaram por ficar, por ser os parentes pobres, sem verbas próprias, dependíamos da autarquia. Então lançamos aquele projeto, o Executivo, aliás aquilo foi lançado, outra vez, no 2º ano e ganhámos novamente (...)

J- Saíste do Executivo porquê?

R- Saí (...), saí por razões de não concordar com a gestão directa de recursos humanos, aquela questão de atribuição de horas a pessoas com o 12º ano, dar-se a uns, não dar-se a outros, os amigos e os pedidos, não, compadrios, comigo não (...)

Depois, voltei para o 1º ciclo da Escola Básica, fui dar aulas, mas, com represálias. Enquanto estava no Executivo estava obrigada a não dizer nada sobre o que se passava na Escola, mas, depois, como professora já tinha mais liberdade de opinião e quando não concordava com alguma coisa expressava logo a minha discórdia e isso não caiu bem entre os meus antigos colegas de Executivo (...). Faziam represálias, faziam (...) Queixas que fizemos ao Sindicato do Executivo. Mas não era só eu, havia vários professores que estavam descontentes com o que se passava. Eles ameaçavam, tínhamos o contrato de Escola, eles podiam-nos despedir. Fiquei nesse ano com uma turma, estava farta, vim embora para Faro (...)

J- Como é que foi essa diferença de Alcoutim para Faro?

R- Foi bom voltar a Faro, à minha escola da Penha, já estava saturada de Alcoutim, tantos problemas, tantas sacanices, estava cansada e estava descontente porque já

sentia muito a falta da minha família, da minha mãe e dos meus irmãos. Estive lá dez anos, fui em 1986 e voltei em 1996 (...) E tinha saudades da Penha e dos amigos de infância, eu voltei para a Penha. Estava cansada de Alcoutim porque aquilo é um meio muito pequeno e as relações sociais baseiam-se muito na política. É muito difícil viver lá e lidar com certas situações e com certas pessoas, ou és do meu partido e és dos meus ou és contra mim. Vivi muito isto. As pessoas não conseguiram mudar, foi assim depois do 25 de Abril e ainda continua a ser, não conseguem ver a coisa de outra maneira. As zangas existentes entre as pessoas e entre as famílias, continua a ser por causa da política (...) Eu tive problemas com o meu sogro e ele é do PS. Ele também tem problemas com muita gente de lá, por causa da política (...)

J- E a mudança de Escola?

R- Senti um bocadinho a diferença, mas depressa me ambientei. O primeiro foi o mais difícil, mas, gostei de todas as escolas por onde passei. Senti-me renovada, estava numa outra fase da minha vida. A maioria das pessoas onde eu passei, fiz grandes amizades, a maioria, porque não consigo fazer amizade com toda a gente. Há pessoas com quem não consigo encaixar. Actualmente já vou conseguindo não mostrar que não simpatizo, consigo disfarçar, a vida já me ensinou que não se pode ser autêntico nem espontâneo, em todas as situações. Precisei aprender a estar com toda a gente, mesmo que me apeteça não estar. Na escola não escolhemos os colegas com quem trabalhamos nem os pais dos nossos alunos. De há uns 4 a 5 anos a esta parte já consigo esconder o que sinto. Antigamente não conseguia esconder e afrontava directamente, fazia questão em demonstrar que não gostava das pessoas, provocava situações de conflito. Hoje, até penso assim, podia ter evitado algumas situações, mas, pronto (...).

J- Vieste para Faro e continuaste a fazer Formação?

R- Continuei. Olha, fiz as TIC e não estou certificada ao nível das TIC. Fiz TIC mas não tenho creditação. Já te disse que depois que se criaram as ações acreditadas, organizadas pelos Centros, não valorizo nenhuma, as pessoas vão às formações só por causa dos créditos, qualquer formação serve desde que dê créditos e eu não concordo com isso, com esse tipo de formação. Dessas formações que fiz, a que gostei mais, foi há 2 ou 3 anos, de Matemática. Foi muito interessante, aprendi imensas coisas com aplicação na sala de aula. Assim, está bem, fazer formação que tenha aplicação prática e que seja bem organizada. Foi com o Luciano Veia aqui da

ESE, muito interessante, faziam o acompanhamento na Escola. Adorei essa formação em Matemática. Depois de frequentar essa acção com ele, lançaram umas ações de formação de Ciências, também, acompanhadas pela ESE, era o Prof. José Manuel do Carmo, não prestaram para nada. Pode ser impressão minha, mas estas ações de Ciências não prestam para nada. (...). Da formação que tive, o que mais gostei foi dos Complementos de Formação, foi uma lufada de ar fresco, senti-me muito bem. A ideia que eu tenho da 1ª semana, mesmo com o Viegas Fernandes, lá com o feitio dele, do que me lembro é eu ter pensado “Eu sou uma analfabeta, eu não percebo nada disto, eu estou parada no tempo”. Vygostsky, código restrito, código elaborado, escola de Chicago, eh pá, mas o que é isto, eu pensei “Meu Deus, eu parei no tempo”. Eu nunca tinha ouvido falar naquelas coisas. Essa formação foi muito importante em termos do meu crescimento como professora e como pessoa, as coisas que eu aprendi, foi bestial. A pessoa estava aqui e estava sempre regateando com vocês, “Outro trabalho, só nos dão trabalho, pensam que a gente não tem mais nada que fazer, estão a encher o cu com estes cursos nocturnos” Dissemos a maior parte das barbaridades que nos vieram à cabeça” Porque aquilo era quase como uma obrigação, era como receber o mérito, mas, por obrigação. Eh pá, mas, foi espetacular. Sistematizei aquilo que já tinha feito na Prática, dei nomes a pensamentos que tinha, eu não sabia porque é que pensava assim, mas, com a teoria que aprendi ficou tudo muito mais claro. Estas aprendizagens, eram tudo o que eu precisava para compreender certas coisas que fiz, muitas vezes, por intuição. A diferença entre a acção e a prática reflexiva, todos aqueles conceitos que a gente aprendeu, gostei muito. Que tristeza não é, algumas colegas preferiam que eu dissesse que não gostei, que aquilo foi uma porcaria, mas, não é verdade, eu gostei (...) Eu quando fui para os Complementos, nunca pensei que fosse assim, eu não fui com grandes expectativas, fui porque tinha de fazer os Complementos para mudar de escalão. Fui eu e foi a maioria, o que a gente queria era ter a equiparação à licenciatura, para poder mudar de escalão, queríamos era ganhar mais. Aliás, subi dois escalões e isso foi muito bom, passei a ganhar mais. A princípio, esta foi a única motivação, mas, depois, à medida que íamos tendo disciplinas diferentes, íamos fazendo trabalhos, fazendo pesquisas, aprendendo coisas novas, fiquei entusiasmada. Hoje estou grata por ter podido fazer os Complementos. Acho que fiquei a ser melhor professora, apesar da formação ter sido na área da educação de adultos (...) Eu não era capaz de fazer um Mestrado, não era, não tenho capacidade, eu vi como

os Complementos foram exigentes, eu achei difícil, todos passámos, mas, tivemos de trabalhar muito (...)

J- Tens capacidade tens...

R- Não tenho, não. Não tenho capacidades a muitos níveis. Então o meu filho teve de deixar de estudar, já te contei, não tenho capacidade financeira para ter dois filhos na universidade e para ficar um e não haver possibilidade da Tatiana entrar, não estuda nenhum, foram trabalhar. Não temos dinheiro (...) E, se isto continua assim, mais dia, menos dia, perdemos a casa. Quando ouvimos falar de famílias endividadas, o meu coração pum! Dispara logo, fico logo descontrolada (...) Foi um erro esta casa (...) Por causa da minha mãe, cá está (...) Mas pronto (...).

J- Sentes saudades da educação de adultos?

R- Gostei da experiência que tive em Alcoutim, marcou-me muito, mas isso já pertence ao passado. Quando vim para Faro, estava na escola primária, foi para aí em 2000, fui convidada par ser coordenadora concelhia de Faro, quando o Florival ficou doente, ele indicou o meu nome na Direção Regional. Ainda fui contactada e tinha que fazer uma parte lectiva na cadeia, dar um curso de alfabetização, para além da coordenação concelhia. Eu aí ponderei e não aceitei, fazia uma parte do trabalho na Direção Regional e a outra no Estabelecimento Prisional de Faro também por causa do meu feitio de dizer muitos disparates, de ser muito extrovertida e brincalhona e ter receio que a experiência na cadeia corresse mal. Eu nunca trabalhei com reclusos, não sei nada sobre essa realidade, não estive disposta a um desafio desses sem me sentir minimamente preparada, não é a mesma coisa alfabetizar idosos ou crianças e alfabetizar reclusos, depois, não sabia se ia conseguir alguns resultados e eu gosto de ver resultados naquilo que faço (...) Preferi continuar no 1º ciclo, desde que vim de Alcoutim tenho leccionado sempre no 1º ciclo e tenho acumulado cargos pedagógicos, mais nada (...)

J- És uma jovem, tens 46 anos, ainda te sentes bem na profissão?

R- Começo a ficar cansada. O estar com as crianças na sala de aula é fantástico, a questão dos pais é que é mais complicado. Não sei se tem a ver com a minha formação, consigo dar a volta, tenho conseguido lidar com os pais. Se calhar aquela experiência em educação de adultos ajudou. Eu nunca impliquei com ninguém por ser pobre ou não mandar o lanche para o filho e estar no café. Eu apetece-me dizer, mas como nunca confronto logo diretamente, se há pessoas à volta, consigo contornar os problemas. Mas, atenção, quando estou com elas pessoalmente, eu

xingo (sic) tudo, digo o que acho que tenho de dizer, as coisas têm que ficar ali certinhas entre a gente, para elas não pensarem que me tomam por parvinha .”Ai não pude mandar o lanche, ai não pude dar-lhe o algodão para o menino fazer as barbas do pai natal, mas eu não tinha dinheiro para comprar o algodão”. Eu em reunião de pais nunca ponho ninguém em cheque, mas, depois, pessoalmente digo “Então você não tinha uma bocadinho de algodão para mandar para o seu filho fazer as barbinhas do pai natal? Mas você estava ali no Maxim’s”. Com eles, digo tudo, sou moça da Penha, depois, meto a mão na cintura à uso da Fuzeta, vou a direito (risos). Eh pá! E até agora tenho tido a sorte de nunca ter tido problemas com os pais, com este meu estilo um bocado louco de falar com eles (...) Agora ao nível dos papéis, das burocracias, daquilo que nos pedem, estou a ficar cansada, farta, e esta avaliação estúpida, esta avaliação a que nós estamos sujeitas, eu não pedi para ser avaliada com observação na sala d aula, eu caguei (sic) para isso, isso é contra a minha natura, ser avaliada por colegas que sabem menos do que eu, que têm menos tempo de serviço do que eu que estão como avaliadores, pessoas a quem não reconheço conhecimentos para me avaliar? Eu vou me candidatar a quotas? Quotas para subir de escalão? Não brinquem comigo. Tu foste educado em que moldes? Desde quando é que tu brincas com a tua profissão? Até as brincadeiras têm regras, não é esta avaliação que nos querem fazer. Desde quando é que tu mudas as regras a meio do jogo? Entrámos todos num jogo e, agora, a meio do jogo, mudam as regras (...) A ideia era, fazer formação ao longo da vida, que os professores deviam fazer formação para estarem sempre melhor preparados. E, eu fiz formação, até fiz formação em patinagem, que eu não sabia patinar, eu fiz tanta formação desde que sou professora. Fiz na educação de adultos, foi no PEPT, foi na Escola Básica Integrada, fui para o Porto, durante semanas, com o Eurico Mendes Pires, um dos fundadores da lei de bases do sistema educativo, que eu adorei conhecer aquele homem (...) Uma pessoa faz tudo, assim, não faço porque não quero, mesmo que seja penalizada (...)

J- E o futuro, como vai ser?

R- Pois não sei, para a reforma ainda me faltam aí uns 20 anos, vou continuar a ensinar que é o que eu sei fazer, que remédio tenho eu. Não vejo outras saídas, não vejo nem me apetece. Não há outras saídas e também não me apetece, eu gosto das crianças, do trabalho de sala de aula. O trabalho com as crianças não me chateia nada, só me chateia os papéis (...)Por enquanto estou bem, no futuro logo se vê. Cargos, nem pensar, para além da coordenação em educação de adultos, só tive

cargos pedagógicos, que fui eleita, outros cargos, não quero. Como isto está (...) Metam o Belmiro de Azevedo a gerir as Escolas que isto vai tudo ao lugar (...) Metam o Belmiro de Azevedo no Ministério da Educação deixa de haver défice (...) A minha oposição aos cargos é por discordar das políticas, da forma como as pessoas se mexem na escola, com esta história dos cargos, vão, mas, é dar aulas (...) Faz-se trabalho de faz de conta (...)

J- Estás cansada?

R- Estou...

J- Vamos acabar. Na tua vida a houve alguma coisa que tivesses feito de que te arrependes?

R- Na minha vida profissional não me arrependo de nada. Gostei dos sítios por onde passei, tive boas experiências, momentos muito bons, fiz coisas boas, criei muitas amizades, fiz coisas mal, mas aprendi com isso, não me arrependo de nada do que fiz, profissionalmente.

J- Quais os melhores momentos da tua vida profissional?

R- Os momentos passados na sala de aula e os momentos passados com aqueles colegas com quem se faz grandes amizades e se criam bons ambientes. Eu sou uma privilegiada, trabalhamos muito, só me dou com pessoas trabalhadoras, que levam a profissão a sério, nunca trabalhei, nunca tive o desprivilégio (sic) de trabalhar com uma pessoa balda. Essas pessoas irritam-me. Eu que não sou o protótipo da pessoa organizada com os papéis, não sou, mas, pessoas baldas, comigo, não. Todo o meu leque de amizades são pessoas sérias, cumpridoras, mas, rimos muito, joca. Eu valorizo muito estes momentos de alegria em grupo, adora esses momentos, fazem-me feliz, estar com pessoas que gosto, num ambiente de alegria e boa camaradagem é o que mais gosto. Na escola da Penha o ambiente entre colegas é muito bom e eu primo muito pelo bom ambiente, é fundamental para trabalharmos bem (...)

J- Tens tido sempre bons ambientes por onde tens passado?

R- Não, não. Na educação de adultos o ambiente era excelente, éramos quase uma família. A equipa distrital, as equipas concelhias, olha que era o Algarve todo e dávamo-nos todos muito bem, de Monchique a Alcoutim, mas, éramos, mesmo, uma família. Esse era o espírito que era criado em todos nós, quando fazíamos aqueles encontros a nível regional, havia os momentos de formação, mas havia também muito convívio, muita dança, muita música, muita alegria. Isso não acontecia por acaso, era assim mesmo, a ideia era criar um grupo unido, que sempre fomos,

trocávamos ideias, fazíamos vistas às outras coordenações, tratávamo-nos todos por igual. Mesmo a Vitória com a sua pose de laca, aquela mulher era muito humana, sabia os nossos problemas, ouvia-nos, ajudava, se fosse preciso (...) Na escola primária houve situações chatas, no caso da Escola Básica Integrada (...) Mas isso já ficou para trás, agora sinto-me muito bem aqui na Penha, aqui fiz novos amigos (...)

J- Onde estão os teus melhores amigos?

R- Na Escola, foi na profissão que fiz os melhores amigos, agora nos últimos anos. Ao longo da minha vida fiz muitos amigos, tenho os amigos de infância, tenho as colegas do Magistério, da educação de adultos, de escolas por onde passei, mas, os melhores amigos são aqueles com quem tenho convivido mais, ultimamente, com quem criei amizades muito fortes (...)

J- Para além do trabalho na sala de aula, tens outras funções na Escola?

R- Faço parte da Assembleia Geral de Agrupamento e estou a dinamizar o Projeto do Folclore em horário pós-lectivo. Quando acabam as aulas vem um senhor de um rancho, que é acordeonista e outro que é o ensaiador. Eu ajudo a organizar as danças, nos ensaios. Passo o dia na escola. Quando há dias de festa organizo a marcha da escola, ensaio os moços. Pedi a um acordeonista para me gravar uma série de músicas e eu depois com aquelas músicas ensaio uma data de letras. Gosto muito disto, sinto-me feliz com o trabalho que faço (...). Se fosse outro não me dava ao trabalho de vir aqui fazer esta entrevista. É como aqueles inquéritos que vão ali para a Escola para os Mestrados e doutoramentos, não preencho, não preencho (...) nem mesmo aqueles que vão com o aval do Pedagógico, já não estou para isso, estou farta de responder a tanto inquérito. Sobre a minha vida não falo, ninguém precisa de saber (...) Tenho tido uma vida de luta, sempre a lutar, a lutar. Falei de mim, só porque és tu (...)

J- Obrigado Rosário...

Entrevista biográfica à Etelevina com base em artefactos (2ª Entrevista)

Dia 1 de Março

Local: Escola Primária de S. Brás de Alportel

Hora: 15,30 h

Duração da Entrevista: 2 h 10 m

Contextualização da entrevista: Marquei a entrevista por correio eletrónico. A data foi sugerida pela Etelevina. Tem andado muito atarefada com o trabalho. Combinámos às 15 h. Cheguei 10 minutos antes. Esperei no pátio. Eram 15 h e 10 m quando ela chegou, tinha estado a trabalhar em apoio com um grupo de crianças. Estava bem-disposta. Convidou-me para tomarmos um café, ali perto da Escola. Conversámos sobre o meu trabalho e um pouco sobre o trabalho dela e sobre o seu estado de saúde, uma vez que tinha andado com problemas de estômago e fez um exame ao estômago. Está tudo bem. Regressámos à Escola e realizámos a entrevista no seu gabinete.

A entrevista decorreu a bom ritmo, com poucos momentos de silêncio e de uma forma agradável. A Etelevina entusiasmou-se, vi que gostou de falar de si, de recordar o pai, de falar da sua vida. É uma mulher muito activa, muito empenhada, que continua cheia de projetos para o futuro. Quando é para falar da sua vida, falou, falou, nem precisava quase que colocasse questões. Fazia uma ou outra pausa e falou, falou. Depois o portfolio também a ajudou que de vez em quando recorria ao portfolio para perceber o que eu queria. Contudo, houve passagens da entrevista em que a Etelevina avançava no tempo e depois ao olhar o portfolio voltava atrás. Não há um discurso linear no tempo, por vezes, entusiasma-se e fala na sua situação actual e depois volta atrás e fala do que aconteceu há 20 anos atrás. Há uns saltos no discurso. O portfolio, também, leva a isso.

No fim da entrevista, depois de lhe agradecer, disse estar disponível para colaborar no que fosse preciso. Tinha curiosidade em saber os resultados do Estudo. Prometi que havia de a pôr ao corrente do Estudo. Despedimo-nos com um até logo.

J- Etelevina, como te disse por correio eletrónico, esta entrevista tem por objetivo, eu saber “Quem és tu”. Depois da entrevista sobre as tuas memórias da educação de adultos, quero conhecer o teu percurso de vida, desde a tua infância até aos dias de hoje. Tenho aqui um portfolio que podes ir seguindo para te ajudar, nas tuas recordações. Podes contar-me tudo... o que te apeteça contar.

E- Nasci na Fuzeta e vivi na Fuzeta até aos 5 anos, depois, o meu pai que era pescador, eu tenho uma origem muito humilde, o meu pai era pescador e a minha mãe era doméstica, quando eu tinha 4 anos, o meu pai quis ir procurar uma vida melhor, foi para Angola e nós fomos depois, eu e a minha mãe. Primeiro foi ele e depois fomos nós. Fiquei em Angola até aos 15 anos. Primeiro andei num colégio

particular, depois na 3ª classe já fui para o ensino oficial. A seguir fui para o Liceu e nesse tempo, antes do 25 de Abril, ainda era, rapazes para um lado, raparigas para outro, nunca a gente (>). Uma das coisas que me marcou na altura, enquanto ainda estava no liceu, porque andei lá até ao 6º ano complementar, foram colegas que eu conhecia que, de repente, desapareciam. Como era nova, eu andava nas turmas A, B, C aquela malta negra, como, tinham mais dificuldades, havia gente com reprovações, tinham outras condições de vida, ocupavam as turmas J,L,M. Mas, na minha turma, andava uma miúda, quando eu estava no 5º ano, que era a Catarina, ainda me lembro do nome dela, negra, também, novinha, como eu, era o nº1, que ela era Ana Catarina, e que sempre me acompanhou no 3º, 4º e 5º ano, mas, das coisas que me fez mais confusão naquela rapariga foi que de repente, no início do 5º ano ela desapareceu. Nunca mais soubemos dela. Vim saber mais tarde, quando estava no 6ºano do Complementar que ela tinha ido para um movimento de Libertação. Ela era da minha idade, por isso, nessa altura devia ter aí uns 15 anos, era muito novinha (>). Eh pá, quando andava no Liceu, aqui há uma coisa, é que eu era péssima na secção de Ciências, não percebia nada, nem de Ciências, nem de Física, sempre gostei mais de Línguas. A minha área sempre foi Letras e quando se dá o 25 de Abril eu tinha quatro negativas na parte das Ciências, tinha negativa a Geografia, tinha negativa a Física, tinha negativa a Ciências e tinha negativa a outra, a Matemática não, que sempre fui boa aluna a Matemática. E, então, se não fosse o 25 de Abril, tinha de repetir o 5º ano, assim, não foi preciso porque houve passagem administrativa. Quando comecei o 6º ano, o equivalente ao 10º ano, atual, foi quando eu vim para cá. Eu comecei lá o 6º ano, depois, em Abril, vim para cá com o 6º ano, praticamente feito. Depois, pedi um certificado de habilitações e foi aqui que fiz o 7ºano, o 2º Complementar. Portanto, no 5º ano tinha dispensado, fiz a mata cavalos porque tinha 4 negativas, fiz o 6º ano e vim cá, fazer o 7º ano, hoje 11º, tinha média de 14, só que não tinha nota a Política, por causa da instabilidade política do país, não me deram certificado de habilitações com nota a política. Tive de fazer exame a Política. Foi o único exame que eu fiz no 2º ano Complementar. Quando acabei o 5º ano entrei na área de Letras. Tinha inglês, tinha Alemão, tinha Francês, tinha Português, tinha Filosofia, adorava Filosofia, e, qual era a outra, eram seis, era Política, OPAN, Organização Política e Administrativa da Nação, que era como se chamava. Dispensei aos exames todos, exceto Francês e Filosofia, como não tive professor no Liceu de Faro, durante o ano, não fiz estas disciplinas. Quando eu terminei parte do

2º ano Complementar, pensei cá para comigo “Bom, vou tentar entrar no Magistério”. Eu, sempre, quis ser professora, esta é uma parte, desde pequena que eu dizia que queria ser professora. Desde pequenina, só dizia “Eu quero ser professora”. Queria ser professora de Inglês, ou Francês, uma coisa dessas. Só que o meu pai não confiava em mim, dizia que eu era uma safada, e, então, nunca me deixou ir para Lisboa estudar. Como sabes, naquele tempo, para se ser professora do Liceu ou da Escola Secundária, tínhamos de ir tirar uma Licenciatura em Lisboa, que aqui não havia nada. O meu pai dizia que não me deixava ir para Lisboa, a única alternativa era o Magistério. Oh pá! Professora é professora, não podia ser professora de Inglês, ia para professora primária. Fui fazer o exame ao Magistério e pensei, vou tentar, porque aquilo era muito complicado, os exames eram difíceis, era muita gente que se candidatava ao Magistério, para aqueles cursos, logo a seguir ao 25 de Abril. Pensei, se passar no exame vou para o Magistério, se não passar vou acabar o 7º ano e, depois, logo se vê. Pronto, entrei no Magistério, que foi quando te conheci, não é, andavas tu, no 2º ano, quando eu entrei para o 1º. Fiz os três anos de Magistério. Depois, quando acabei, não foi no 1º ano de trabalho, que aí, andei a tapar buracos, estive em Tavira, depois, fui para a Maragota, depois, estive em Moncarapacho na Telescola. Foi no 2º ano, quando fiquei colocada em Olhão que fui acabar as duas disciplinas que me faltavam (...) Já passei a Infância e não disse nada (risos).

J- Não disseste, mas podes dizer, basta recuares no tempo.

E- Oh pá. Como te disse, nasci na Fuzeta e vivi lá até aos 5 anos. Tenho poucas recordações desse tempo, estava em casa com a minha mãe, não fui para nenhum jardim-de-infância, não havia dessas coisas na Fuzeta naquele tempo, a maior parte das crianças ficavam com as mães, enquanto os pais iam para a pesca. Lembra-te que a Fuzeta é terra de pescadores e, há 50 anos atrás, toda a gente, na Fuzeta, vivia da pesca. Lembro-me que quando era pequena, ficava de manhã em casa e depois do almoço, descia a ladeira, que a minha casa ficava na subida de uma rua, descia a ladeira e ia para casa da minha avó, lá eu sentia-me (...). A minha melhor recordação de infância é a presença dos meus avós. O meu avô morreu quando eu tinha 5 anos e a minha pior recordação desse tempo foi, uns meses antes de ir para Angola, andei numa daquelas escolinhas pagas de vão de escada e lembro-me de me obrigarem a ver o caixão do meu avô a passar na rua, a caminho do cemitério. Essa é uma das piores memórias desse tempo, porque nunca mais me esqueci daquela imagem (...) Das boas recordações, o que me recordo era descer a ladeira e ir para casa dos meus

avós. A minha avó é que me dava o jantar. Jantava com os meus avós. Eu era a netinha preferida do meu avô, que era pescador e que me dava a sopinha à boca, descascava castanhas para eu comer, dava-me alpista para eu pôr na gaiola de uns passarinhos que tinha lá em casa, lembro-me do meu avô com um pacote de língas de gato para me dar. São recordações muito apagadas porque eu era muito pequenina. A minha avó tinha uma venda de fruta, mas, era daquelas lojinhas que vendia tudo, desde o pão às azeitonas, ao açúcar, ao azeite. Ela vendia tudo. Lembro-me ainda de uma cena, tinha eu para aí uns 4 anos, com a minha avó, às vezes brincava com o meu filho sobre isso, lembro-me de quando iam vender os melões à minha avó, ela batia com a parte de baixo, aquilo que agente chama o cu do melão, ela batia no chão, para quê? Uma vez perguntei-lhe “ Oh avó, porque é que estás a fazer isso?” “As pessoas têm a mania de apalpar o cu do melão para ver se está maduro, assim pronto, já está mole, já está maduro” (risos). Eu costumava dizer isto ao meu filho “ Eu contigo não posso usar o método do melão, de te bater com a cabeça no chão, a ver se amadureces, a ver se crias juízo” (risos). Lembro-me disso, com a minha avó (>). A minha mãe era um bocado agressiva, foi sempre uma pessoa muito rígida, pouco flexível, irritada sempre com tudo e a minha avó é que me defendia. De vez em quando, apanhava e não apanhei mais, porque a minha avó é que intercedia por mim. Quando era gaiata a minha avó é que não deixava a minha mãe bater-me, metia-se na frente. A minha mãe era muito agressiva e ainda hoje, já velha, está diferente, mas, ainda é muito teimosa, muito rígida. Já tive imensas conversas com ela, mas, há coisas que não se conseguem mudar. A minha mãe teve uma infância muito complicada e hoje compreendo-a, mas, quando era mais jovem, era muito difícil, para mim, entendê-la. Os meus pais eram da Fuzeta, mas, o meu pai era um espetáculo de pessoa, mais compreensivo, mais humano, mais meu amigo. Quando a minha mãe me castigava, não me deixava sair de casa, era o meu pai que dizia “ Deixa lá a moça sair, deixa i-la (sic), não sejas chata”. Mesmo, quando estava na adolescência, queria sair com as amigas, ela estava sempre a proibir-me, o meu pai é que dava a volta à coisa, para ela me deixar sair. O meu pai era mais compreensivo e era muito meigo para mim. Ele, sempre, foi uma referência, para mim. Muito daquilo que sou hoje, a honestidade, este apego ao trabalho, a frontalidade, a coragem de aceitar desafios novos, a aversão ao poder e às pessoas que mandam, tudo isso recebi do meu pai. A minha linha orientadora de vida, em termos sociais, vem do meu pai, a luta contra as injustiças, contra a incoerência, contra a exploração, vem do meu pai.

Apesar de ser uma pessoa com pouca educação era uma pessoa esperta, sensata, com uma grande visão crítica da vida (...) A vida também lhe ensinou muito. Antes de ele ir para Angola, andou na pesca do bacalhau andou 11 anos, e tu podes imaginar como aquela vida era dura, muito dura e muito perigosa. Quantos não morreram na pesca do bacalhau. Acho que foi aí que ele apanhou aquele sentido crítico da vida, porque, segundo me lembro de coisas que ele dizia, havia muitas coisas injustas, havia muita exploração, eram tratados mal, com muita prepotência, pescavam sem condições de segurança nenhuma, passavam muito frio, fome, era uma vida terrível (...)

J- Era uma vida tão terrível que nos finais da década de 60, a pesca do bacalhau era uma alternativa que era dada aos jovens para não irem para a guerra colonial. Ou guerra ou pesca do bacalhau.

E- Acredito que sim, pelas coisas que o meu pai contava. Aquilo devia ser um inferno, pescar naqueles mares, debaixo de frio, durante meses. O meu pai dizia que era uma vida muito dura e onde havia muitas injustiças. Mas isso foi antes de eu nascer, porque quando era pequenina, o meu pai andava na pesca artesanal ali ao largo da Fuzeta e também andou na apanha da pescada. Havia muita gente ali na Fuzeta que, depois, se dedicou à pescada, iam para Marrocos. O meu pai andou na pesca e depois foi para Angola, também para andar à pesca, que era o que ele sabia fazer. Ele foi e nós fomos um ano e meio depois. Até ir para Angola, tenho recordação de uma infância feliz, os avós, a pequena mercearia onde gostava muito de estar, o meu avô sempre a mimar-me, a ladeira da minha rua, posso dizer que tenho boas memórias desse tempo. Agora da infância passada em Angola não, aí, não me senti muito feliz. Como te digo, a minha mãe marcou muito a minha vida, fomos para Luanda e nunca saí de lá durante aquelas dez anos que lá estive. A única vez que saí, foi para ir ao Cachito, que ficava aí, a uns 40 km de Luanda, de resto nunca saí da cidade. Quando chegámos a Luanda, não tive dificuldade em me adaptar, porque, na zona para onde fomos viver havia muita gente da Fuzeta, famílias de pescadores que tinham vindo, tal como nós, à procura de uma vida melhor. As minhas melhores amigas de infância são desse tempo, passámos aquele tempo juntas e a maioria delas também regressaram a Portugal. Há uma amiga, minha, que está na Fuzeta, na Escola João Lúcio, o marido é o Diretor lá da Escola, eu comecei a brincar com ela, tinha eu 3 anos, porque ela morava ao lado da minha avó. Depois eu fui para Angola já ela lá estava. Lá, continuámos a relacionarmo-nos, ficámos amigas,

conheci os namorados, todos, que ela teve, ela conheceu os meus. Ainda, hoje, continuamos em contacto, ainda nos telefonamos. Ela é professora como eu, seguimos, mais ou menos, o mesmo percurso. É a amiga mais antiga que eu tenho, é a Graça Manita. Quando nos vimos, abraçamo-nos e choramos as duas (risos). Mas, como te dizia, a vida em Angola foi mais complicada, porque o meu pai andava à pesca. Andava, sozinho, num barco pequeno, de 12 metros, com uma série de negros no barco. Eu acho que, nesse aspeto, o meu pai foi muito corajoso, sobretudo, depois da independência de Angola. Nessa fase, andar sozinho com os negros, ele era o patrão e de vez em quando havia problemas, felizmente que nunca aconteceu nada de grave. Mas era uma vida stressante porque, quando o meu pai demorava demais, ficávamos logo preocupadas com o que poderia ter acontecido. Depois, o ambiente em casa não era muito bom, porque o meu pai e a minha mãe andavam sempre a discutir e eu, às vezes, por tabela, também, apanhava. E a minha mãe era muito, muito repressiva, por exemplo, eu partia um bibelô qualquer, o meu pai estava uma semana no mar, a minha mãe ameaçava-me logo “ Quando o teu pai chegar vou dizer-lhe o que fizeste”. E eu, ficava em pânico aqueles dias todos até que ele chegasse, com medo que ele me fosse bater ou fosse zangar-se comigo, porque tinha um grande respeito pelo meu pai. O meu pai, passava muito tempo fora de casa e eu tinha de ficar, sozinha, com a minha mãe e isso não era bom. A minha infância em Angola não foi muito boa (...) Quando cheguei lá, só faço anos em Junho, a minha mãe meteu-me no colégio, porque não tinha idade para entrar na escola. Andei no colégio até à 3ª classe, depois passei para o Público. Já fiz a 4ª classe no Público. O que me lembro desse tempo de escola é que no colégio, como era privado, só tinha brancos, depois, no 4ª ano, é que havia colegas negros. Eu, quando saí do Privado e fui para o Público, senti, um pouco, a diferença, não era por causa de haver crianças negras, mas, porque não conhecia ninguém. Mas, isso foi só a princípio, porque, quando saía da escola, encontrava-me com as minhas amigas do Privado, entre as quais a Graça, que eu acabei de falar há pouco, o colégio era logo um pouco abaixo da minha escola. Eu nunca fui uma pessoa difícil de me adaptar, a coisa fluiu e, depois, foi só um ano. No 1º e 2º ano do Liceu, já estávamos todas juntas no Público, as minhas amigas fizeram a 4ª classe no colégio e foram para o liceu. Deste tempo da Primária, não tenho muitas memórias daquele tempo. Lembro-me das brincadeiras e pouco mais. Depois fui para o Liceu, gostei mais de uns professores que de outros, naquele tempo, os professores eram muito repressivos. Eram todos brancos, só no 4º

ano é que eu tive uma professora de História que era mulata, de resto era tudo branco. Normalmente, as professoras eram as mulheres dos capitães, dos tropas que iam para Angola, os maridos iam fazer comissões e elas iam com eles. Era uma forma de promoção social e ainda ganhavam algum dinheiro. Eram tudo professores, era tudo gente da Metrópole, a maioria delas sem qualquer formação pedagógica. As pessoas negras em Angola não tinham condições, quer dizer, havia um ou outro, mas a maioria era gente mais pobre e não havia professoras negras no Liceu ou nas escolas, isso era muito raro, naquele tempo. Havia alguma gente negra que vivia no nosso bairro, ao lado das nossas casas, mas, eram muito poucos, a maioria vivia nos arredores de Luanda, não viviam no centro da cidade. Aí, percebe-se o racismo, claro que, também, se encontrava, coisa engraçada, em Luanda, engraxadores brancos, encontrava-se engraxadores negros, encontrava-se ardinhas brancas, encontrava-se ardinhas negros, embora, o racismo em Angola não fosse tão evidente como em Moçambique, aí tinha influência da África do Sul, é uma questão mais cultural, mas, não é que eu tivesse observado, porque nunca estive em Moçambique, mas por aquilo que ouvia dizer. Mas, em Angola, havia racismo, claramente, uma pessoa atenta (...). Depois de vir para cá, começo a aperceber-me de uma série de sinais que tinha na cabeça, começo a ligar o puzzle e começo a ver que, realmente, havia uma série de situações de injustiça, que nós, eh pá, aquela cena de que não fomos tão colonos como os holandeses ou como os ingleses fizeram na Índia, mas, também fizemos muita coisa mal. Mas, era a época, temos de perceber isso, era a época. Também houve um tempo em que fazíamos escravos. Naquela altura, a gente percebia claramente a diferença entre ser branco e ser negro e estávamos na terra deles (...). No Liceu, dois anos antes do 25 de Abril, começou a ter rapazes. Aquilo, havia 1º, 2º, 3º, 4º e 5º e depois 6º e 7º e, depois, havia várias turmas para cada ano. Aquilo era uma coisa bruta, aquilo era um Liceu enorme, aqui em Portugal não há Liceus daquele tamanho. Antes do 25 de Abril entraram 5 rapazes naquele Liceu, que era um Liceu feminino. Também havia um Liceu masculino que era o Salvador Correia e o Liceu Feminino era D. Guiomar de Lencastre, ainda me lembro bem dos nomes. E, dois anos antes do 25 de Abril o Liceu onde eu andava, que era feminino, passa a ser misto. Entram 5 rapazes para o Liceu, coitados, no meio daquele mulherio todo. Eu, nesta altura, devia ter uns 13, 14 anos, andava aí no 4º ano. Nunca fui muito boa aluna, andava à rasquinha, como já te disse, por causa da área das Ciências (...). Uma coisa engraçada, eu devo ter sido das únicas alunas que, no 5º ano, gostei

dos Lusíadas, acreditas? Incrível, eu hoje, quando oiço os moços a falar dos Lusíadas, eu penso para mim, “Eu adorei aquilo, pá”. Adorei analisar aquelas décimas, era décimas, não era? Aquilo começava no 1º verso e acabava no 9º ou no 10º. Para mim, aquilo era matemática, como sempre adorei Matemática e Língua Portuguesa, era o casamento perfeito. Adorei os Lusíadas e tinha uma professora que não prestava para nada, era monocórdica como tudo, não tinha jeito nenhum para aquilo. Oh pá, Letras era comigo (...)

J- E quando não estavas no Liceu, ainda te lembras, o que fazias?

E- Lembro, então não me lembra, esta já foi uma fase melhor da minha vida. Com esta idade, já a minha mãe não me controlava tanto. Saía do Liceu e parava na casa das minhas amigas que ficavam no caminho. Eram aquelas conversas de moças, às vezes, estudávamos juntas. Depois, vinha para casa. De vez em quando saíamos todas juntas, porque não tinha autorização para sair sozinha. Uma coisa engraçada, nunca tive qualquer limitação para me dar com rapazes ou raparigas negras. Sempre tive uma grande abrangência de amigos, a cor não interessava. Aliás, a nossa loucura na adolescência era mesmo jogar basquete num clube que havia lá, em que havia negros e brancos que se misturavam. De vez em quando, desaparecia um e a gente suspeitava que ia para o Partido, às vezes, acontecia isso, moços e moças com 14, 15 anos, acontecia isso, nunca mais os víamos. Quase não falávamos nisso, era uma espécie de tabu, mas, todos sabíamos que iam para os Movimentos de Libertação (...) Deste tempo em que andei no Liceu, tenho ótimas recordações. Neste tempo, eu sentia-me bem em Angola, tinha bons amigos, eh pá, amigos de todas as cores, tínhamos conversas muito interessantes, jogávamos basquete, juntávamo-nos para ir apoiar a equipa dos rapazes lá do Clube, íamos ao Cinema, divertíamo-nos. Tinha lá, bons amigos, tive muita pena de me vir embora, acho que se tivesse ficado lá, teria uma vida diferente. Não é fácil deixar os teus amigos e pensar que, se calhar, nunca mais os vais ver. Eu lembro-me que o meu avião era para sair à 1h da tarde, eu vinha sozinha, o avião não saiu à 1 h da tarde, mas às 7 h da tarde, porque o voo estava atrasado. Qual não é o meu espanto quando eu vejo uma série de malta minha amiga, de quem eu não me tinha despedido nem dito que me vinha embora, oh pá, entre eles, dois irmãos negros o Naná e o Quimquim, que eu nunca mais esqueço deles, ficaram lá aquela tarde toda, esperaram pelo avião para se despedirem de mim. Eh pá, isto é das tais coisas, tive amigos que nunca mais os vi, eram, mesmo, meus amigos, tas (sic) a perceber. Eh pá, e mais, mais malta que foram ao aeroporto se despedir, eram

para aí uns dez ou doze, porque entretanto, acho que deu no rádio ou eles telefonaram para o aeroporto e souberam que o voo estava atrasado. Aquilo foi assim, eu lembro-me de entrar no avião, com as lágrimas nos olhos porque sabia que, aqueles amigos, nunca mais, ia ver (...) Tive, mesmo, muita pena de me vir embora. Já tenho pensado nisso, se eu fosse mais velha, se tivesse uns 18 ou 19 anos teria optado por ficar lá, mas era ainda criança, seria, praticamente, impossível lá ficar, porque os meus pais nunca iriam permitir. Agora, se fosse mais velha, talvez tivesse ficado. Sabes, é difícil esquecer o país onde tu passas a tua adolescência, a África fica-nos no sangue, aquilo tem outro cheiro, outras paisagens, quando cheguei aqui, tudo me parecia pequenino, as estradas eram pequeninas, as casas eram pequeninas, nem sequer tinham casa de banho, essa foi a sensação que tive quando cá cheguei, no dia 18 de Junho de 1975, cheguei à casa da minha avó, fui à casa de banho era minúscula, nunca mais de esqueço da sensação que tive (...). Eu, lá, tinha outras condições de vida, tínhamos uma casa grande, vivíamos bem, o meu ganhava bom dinheiro. Antes de vir para cá, lembro-me que nunca andava com menos de 500 escudos no bolso, que o meu pai me dava, bastava pedir. Os brancos viviam bem. Basta dizer que aqueles que iam para lá, para a tropa, encontravam as portas abertas, porque tínhamos um bom poder económico e podíamos abrir as portas aos jovens que lá chegavam e que precisassem de apoio. Aqui não, as coisas aqui não eram bem assim. Lá, eu tinha uma vida boa, como já te disse, às vezes, sinto saudades daquele tempo, não tinha preocupações, tinha um bom grupo de amigos, divertíamos-nos imenso. Havia o clube de Basquete que já te falei, passávamos lá muito tempo, eu joguei durante um tempo e depois deixei, aquele clube tinha todos os escalões, dos infantis aos seniores, masculinos e femininos. Eh pá, foi lá que eu tive o meu primeiro namorado que jogava na equipa de Juniores (risos). Quando jogava a equipa de Juniores ou a equipa sénior, o pessoal ia todo apoiar a equipa, no outro dia não tínhamos voz (risos). Aquilo era uma claque que não era brincadeira. Era, mesmo, um clube de bairro. E, era com eles que a gente fazia as nossas festas, era com eles que a gente namoriscava, era com eles que agente saía, íamos para a farra, íamos ao cinema. Eh pá, os cinemas eram enormes e, se fossemos juntos ao cinema, nós chegávamos a ocupar uma fila inteira, chegávamos a ser, aí, uns, trinta e cinco, tudo malta nova, percebes. Mas, o que eu mais gostava era das parties (sic), às vezes, íamos para o meio do musseque (sic), onde viviam os negros, mesmo, para aquelas farras muito típicas.

J- Não era perigoso?

E- Não, a minha mãe só me deixava sair com gente grande e no grupo havia negros, eu tinha amigos negros, dávamo-nos muito bem. Ninguém se metia connosco, nunca tive qualquer problema. No grupo havia gente mais jovem e gente um pouco mais velha. E, depois, naquelas festas, também, havia pessoas mais velhas, por vezes, encontrávamos amigos dos nossos pais. Mas não era só farra, como havia malta mais velha, às vezes, tínhamos umas conversas um pouco mais sérias. Aí, um ano, antes do 25 de Abril, já começávamos a despertar, já tínhamos alguma consciência de que as coisas não estavam bem. Já falávamos entre nós sobre a guerra que não víamos, mas ouvíamos falar, sobre a existência dos movimentos de libertação, mas, tudo, muito em segredo. Em casa, nem me atrevia a falar nisso (...) Uma coisa engraçada, nós não tínhamos calças de ganga em Angola, porque seria? Nós não tínhamos calças de ganga, porque é que em Angola nós tínhamos Coca-Cola e chegávamos a Portugal e não tínhamos? Eu vim cá, passar férias em 72, foi uma das coisas que eu me apercebi. Levei, obviamente, calças de ganga daqui, porque lá não havia, e aqui não encontrei Coca-Cola, aqui só havia Sumol, aquilo fazia-me confusão (risos). Essas coisas, já eram um pouco a tomada de consciência do que se estava a passar num país cinzento, quem vinha cá passar férias apercebia-se das diferenças. Depois, tive essa consciência, por causa do relacionamento que o meu pai tinha com os negros que trabalhavam para ele, isso foi das coisas que mais me abriu os olhos. Tinha muitas discussões, sobre isso, com o meu pai. Estes assuntos não diziam nada à minha mãe, as conversas eram entre nós. O meu pai tinha consciência de que havia exploração, que os negros viviam subjugados pelos brancos. Tinha esse sentido crítico, mas, cometia, também, ele, muitas incoerências. Olha, dou-te um exemplo, que, uma vez, cheguei a casa, vinha do Liceu, andava para aí no 5º ano, chego a casa, o elevador está avariado, e eu tenho que subir pelas escadas, morávamos no 3º andar, e encontro gotas de sangue na escada, e as gotas de sangue iam ter à minha casa. Quando chego a casa, perguntei “ Que gotas de sangue são aquelas? Mas o que é que se passa, alguém se feriu aqui em casa?” Diz a minha mãe assim “ Oh, foi o preto que veio pedir dinheiro adiantado ao teu pai e o teu pai não lhe quis dar, o preto estava bêbado, começou com o teu pai e ele deu-lhe um murro”. Eu aí, tive uma discussão séria com o meu pai, à hora do almoço. E, aí, apercebi-me, nessa discussão, apercebi-me, que alguns brancos, entre eles, o meu pai, estavam convencidos que os negros não eram tão inteligentes como os brancos, que tinham mais limitações a nível

intelectual. O meu pai disse-me “ Eles não são bem homens, são mais parecidos com animais”. Isso revoltou-me e fiquei a pensar naquilo. Perguntei ao meu pai “ Como é que não são homens, se a única diferença que eles têm da gente é na cor da pele?”. O meu pai não gostou que o afrontasse, já não me lembro o que é que ele me respondeu, se é que respondeu, e a conversa ficou por ali. Acho que ficou um bocado irritado comigo. Provavelmente, muitos daqueles amigos do meu pai, pescadores da Fuzeta, que tinham negros a trabalho, pensariam da mesma maneira que ele. Esses amigos eram a referência dele, era com eles que falava, conversas de mar, de trabalho. Acho que ele pensava assim, porque lhe convinha, ele era patrão. Ele e os outros tinham ido para Angola para ganhar dinheiro. Neste aspeto, sou muito pragmática, acho que era mesmo isso. Depois, o meu pai não era uma pessoa muito culta. Ele não lia, não era de ler, o meu pai só tirou a 4ª classe depois de adulto. Tinha a 3ª classe. Quando eu andava na Primária, o meu pai é que me ensinou as contas de dividir e, depois, para ele fazer a 4ª classe, fui eu que o ajudei a fazer interpretações de leitura. E a minha mãe também, fizeram a 4ª classe, os dois, tinha eu, aí, os meus 14 anos. Havia cursos de adultos lá em Luanda. Isso foi uma das coisas que sempre me fez confusão, o meu pai não saber ler. Ele tinha muita dificuldade na leitura e, muitas vezes, era eu que o ajudava. Ele tinha uma leitura muito hesitante e sempre me fez confusão porque é que a maior parte das pessoas deste país, portuguesas, que iam para Angola, tinham tão pouca formação académica. No tempo dos meus pais, nem todos faziam a 4ª classe, muitos chegavam à 3ª classe e saíam da escola. Olha, os meus avós nunca andaram á escola, eram analfabetos, a minha tia, mal sabia ler. Os meus pais, na Fuzeta fizeram a 3ª classe, os dois, e depois, fui eu que os ajudei, um bocado, para poderem fazer a 4ª classe. Eu já andava no Liceu já podia ajudar, principalmente o meu pai, na leitura, porque era muito difícil para ele ler e escrever. A minha mãe tinha mais facilidade e sabia ler. Em casa, a minha mãe lia, lia revistas, lia o jornal, era capaz de ler um livro (...) Quando vem para Portugal, o meu pai mudou, mudou muito, parecia outra pessoa na forma de pensar. Houve uma metamorfose enorme naquele homem. O homem que vai à luta, que é patrão e vai para o mar com doze negros e não tem medo, que arregaça as mangas, o homem agressivo que agride um negro, se for preciso, inclusive, que bate na mulher ou na filha, quando chega cá a Portugal, fica a pessoa mais calma que se possa imaginar. Nunca pensei que fosse possível, uma pessoa mudar tanto. Eu, às vezes, penso nisto e só há uma explicação, é ele ter passado de patrão para

empregado. Ele, quando veio de Angola, deixou lá o barco que estava a acabar de pagar, faltavam duas prestações, quando se deu o 25 de Abril. O barco chamava-se Vinita, que é o meu diminutivo, como tu sabes. Era o segundo barco, o primeiro, que se chamava Triunfante, vendeu para comprar este que era maior. Dá-se o 25 de Abril, ele, depois, vem embora e deixou lá um barco novo, que, depois, soubemos, ficou a servir de rebocador. O primeiro a deixar Angola sou eu, venho em Junho, a minha mãe em Agosto e ele em Outubro (...)

J- Como é que viveste o 25 de Abril?

E- Eh pá, esse dia passou-me ao lado, completamente, perfeitamente ao lado. Nesse dia houve aulas, nós soubemos no dia seguinte que tinha acontecido o 2 de Abril. Mas o que é isso? Mas o que é que é isso, uma revolução, não fazia a mínima ideia. Em casa, eu apercebi-me do meu pai ter conversas com amigos e com a minha mãe de que o sistema ia mudar, mas, não sabia o que é que era o sistema nem o que era o fascismo, nem o que era a democracia, nem o que eram os 3 Ds. Depois, só tomei consciência disso, a posteriori, quando vim para Portugal. Ainda, hoje, sou alucinada por tudo o que tem a ver com colonialismo, porque me ficaram uma série de interrogações, eu gosto de ler sobre a guerra colonial. Gosto de perceber os contextos das coisas. E, só depois, é que eu percebi, é assim, lá, dá-se o 25 de Abril, depois, começam aqueles movimentos todos para a independência de Angola, Moçambique e Guiné, não é? Sei que Angola teve a independência em Novembro de 1975, eu vim em Junho e nessa altura já havia luta entre os três movimentos, MPLA, UNITA e FNLA. Havia guerrilha de cidade entre os três movimentos era normal, eu vim em Junho, era normal, aí a partir de Janeiro, Fevereiro, tu veres isso. Até aí a luta era no mato entre os movimentos de libertação e as tropas portuguesas, depois, do 25 de Abril começou a ser entre os movimentos e na cidade. E, no tempo da guerra colonial, pouco sabia, o que soube foi através de uns primos meus daqui que foram mobilizados para Angola e estiveram na minha casa. Dos movimentos de guerrilha, só conheci aqueles meus amigos negros, lá do clube de Basquete, nós sabíamos que eles pertenciam aos Partidos do MPLA ou da UNITA, mas não falavam sobre isso, escondiam, mas, depois, de vez em quando desaparecia um e nunca mais voltava. Iam, mesmo, para o mato. Esses amigos negros, podiam ser contra o regime colonial português, podiam pertencer aos movimentos de libertação, que com agente, nunca manifestavam um sinal de raiva, do quer que fosse, esses sinais só os vi, depois do 25 de Abril. Essa raiva que está lá dentro só sai depois do 25 de Abril. Antes, nós não

sentíamos os efeitos da guerra, o meu pai nunca falava em nada, com os amigos, também, não. O que se passava, passava lá longe, no mato. Até ao 25 de Abril, sempre me senti em segurança, em Luanda. Depois, já não, repara que eu vim, um ano, depois. Começam os tumultos, guerras entre os Partidos, e havia sedes de cada um dos Partidos, dentro da cidade. E, por acaso, a minha casa ficava no meio. Na frente da minha casa, havia um hotel que era o Hotel dos Sargentos, se não me engano, era lá a messe dos Sargentos e às tantas aquilo é tomado por um dos Partidos, um dos movimentos de libertação, e, atrás, era a sede do MPLA. Acho que foi a FNLA que tomou a messe dos Sargentos e, eh pá, eu não sei como é que o pessoal não apanhou balas perdidas, aquilo era tiros a toda a hora. Eu ia para a Escola debaixo de tiros, eu voltava da Escola debaixo de tiros, de noite eram os “very lights” a passar de um lado para o outro. O meu pai punha-se agachado na varanda e dizia que era a festa de S. João, aquilo era em cadeia, aquilo era um perigo, mas, se queres que te diga, medo, medo, acho que nunca senti porque não tinha consciência do que estava a acontecer. A gente tentava fazer a nossa vida normal (...)

J- E, no Liceu, a vida decorria com normalidade?

E- Não, não, aquele final de ano de 1974 não houve grandes mudanças. Mas, depois, em Fevereiro de 75, quando começam as aulas, com aquela instabilidade política toda, estas guerrilhas dentro da cidade, a troca de tiros entre os movimentos de libertação e ao mesmo tempo a oposição aos reitores, os estudantes aproveitaram a situação. Foi o efeito de dominó, não é? O que estava a acontecer em Portugal, também, aconteceu em Luanda, os estudantes mais velhos que não concordavam como os liceus estavam a ser geridos e sentiram ali uma abertura e começaram as manifestações. No meu Liceu não houve muito, mas no Salvador Correia, sim, era um Liceu mais masculino. Depois, o Liceu fechou porque deixou de haver condições para o pessoal continuar com aulas, com a guerra, com a troca de tiros, aí, mais ou menos em Abril, Maio de 75 o Liceu fechou, deixou de haver aulas. Mas o pessoal continuava a encontrar-se, não fiquei em casa com medo da guerra, continuei a sair com os meus amigos, precisávamos de um salvo-conduto para andamos em Luanda, mas, havia sempre alguém que conseguia esse salvo-conduto e levava agente de carro para o cinema, para as festas. Éramos jovens, sabes que quando se é novo gostamos é do perigo e não cumprir com aquilo que está proibido, estávamos na idade, 14, 15 anos, de fazer aquilo que não nos permitem, eh pá, a gente não sentia medo, estávamos ali no centro da cidade e o perigo era mais de noite, e a malta não

saía de noite. Agora com o meu pai, era diferente, eu preocupava-me mais com o meu pai do que comigo, também, era da idade, eu nem queria pensar que pudesse acontecer alguma coisa ao meu pai, ele ia todos os dias para o porto de pesca que era muito longe, era nos arredores da cidade. E, aí era complicado, porque era nos arredores, perto do porto, que morava a maioria dos negros e depois do 25 de Abril, a relação com eles mudou, completamente. Começaram os insultos “Vai-te embora para a tua terra” “ Tu, branco do diabo”, mais não sei quê. Foi isso que influenciou na decisão do meu pai vir embora, o meu pai nunca quis vir embora, a minha mãe é que insistiu, insistiu, porque estávamos em perigo. Por isso é que eu vim primeiro e depois a minha mãe, o meu pai ao ver agente vir embora, não ia ficar lá sozinho. Mas, foi difícil convencê-lo, até eu me vir embora, aí, já não, ele não ia querer ficar longe de mim e da minha mãe. Quando a minha mãe veio, deixou logo um bilhete de avião para o meu pai vir, já com passagem marcada e tudo. Pronto foi assim, voltámos, retornados (...) Na Fuzeta, eu vou para o Liceu e o meu pai vai para mestre, de um armador da Fuzeta. Passa de patrão a empregado. Era um barco que andava na apanha da pescada em Marrocos. Aí, ele passa a ser empregado. O meu pai nunca teve feitiço para ser mandado. Se calhar saio a ele (risos). Ele nunca teve feitiço para ser mandado e sempre lhe fez muita confusão as injustiças sociais, aqui, em Portugal. Porque em Angola não, até porque não lhe convinha. Era patrão, tinha ido para Angola para ganhar dinheiro, o ambiente em que vivia era assim mesmo, branco é patrão, negro é empregado, era uma situação natural para ele e para os outros, como ele. Depois, vem para Portugal, aqui a situação já era diferente, as coisas já não se passavam assim. Eh pá, eu acredito que as pessoas se travestem conforme as posições que ocupam e o ambiente que as rodeia. Eu, hoje, estou convencida disso. Analisando o que se passou com o meu, acho que foi isso. Aqui, sempre, foi muito contestatário. Nunca soube qual era a opção política dele, se era de esquerda não sei. Sinceramente, não sei, sei que, aqui, assume uma postura de esquerda. A admiração pelo meu pai vem a seguir ao 25 de Abril depois de virmos para Portugal, aqui ele revela-se uma outra pessoa. Passa a ser uma referência para mim. É engraçado, eu em Angola falava menos com o meu pai. Também, era mais pequena, mas, em Angola, o meu pai passava mais tempo em casa, do que aqui, porque lá era pesca artesanal, era patrão, raramente se ausentava mais que uma semana. Aqui, era mestre de traineira e passava temporadas de 20 dias em Marrocos, mas, acabávamos por conversar mais. Quando ele vinha, eu gostava de ficar com ele,

saber como tinha sido a temporada, ouvir as estórias que tinha para contar. Mas, em Angola, eu, também, era mais opositora dele, entrava mais em conflito. Aqui, não, aqui, ele era, mais, um parceiro. Aqui estávamos no mesmo plano, enquanto lá, ele tomava atitudes que me chocavam, às vezes, em relação à postura social que ele tinha, o que provocava discussão, entre nós, já te contei uma, mas, podia contar-te n delas. Agora, aqui não, aqui íamos de braço dado, beber café, conversar (...). Naquele ano que cheguei a Portugal, o meu pai era o meu parceiro, tive alguma dificuldade em voltar a fazer amigos na Fuzeta. Eu, nunca tive dificuldade em me adaptar, o problema foi que, os outros, é que tiveram dificuldade em se adaptar a mim. Eu vinha com uma mente completamente diferente, daquela malta da Fuzeta, acho que eles, é que tiveram dificuldade em me aceitar. Achei a sociedade muito fechada ainda. Uma das coisas que me lembra que me chocou, foi dizerem-me “ Não fales com essa pessoa que essa pessoa não é igual a ti”, coisa que em Angola nunca tinha visto. Em Angola dava-me com brancos, com pretos, com toda a gente. Na Fuzeta havia que preservar o estatuto social, dentro dos pescadores havia gente com mais e com menos nível, o meu pai proibiu-me de me dar com determinadas raparigas, porque não eram do meu nível. Tive um namorado e foi um bicho-de-sete-cabeças, porque era pescador, também, não pude continuar o namoro, que o meu pai não deixou. Hoje, acho que ele fez muito bem (risos), isto tem a ver com maturidade, não é? Mas, na altura, lidei muito mal com isso, proibir-me de namorar com quem eu queria, foi uma chatice das grandes, lá em casa (risos). Cheguei a bater a porta ao meu pai e ir-me embora. Eu, sempre, fui muito rebelde nesse aspeto. Não deixei que fosse o meu pai a escolher os amigos e tinha amigos que ele não gostava. Olha, naquela idade quem é que não fumava um charro, eu nunca fumei charro nenhum, mas eles fumavam. É incrível, às vezes penso, aqui há qualquer coisa que não bate bem, uma fulana que vem de Angola, havia lá, erva aos montes, que chega aqui, que passa a adolescência sem nunca ter fumado um charro, achas normal? Olha, experimentei um charro quando tinha 45 anos (risos) e, porque o meu filho me disse que fumava, eu disse “ Ah é? pois agora vou experimentar” E experimentei (risos), olha, não achei nada de especial, deu-me sono, não achei piada nenhuma, deu-me cá uma pancada de sono que tiveram de me acordar (risos). Nunca mais repeti. E, era engraçado, que nesse grupo, na adolescência, havia aquele grupo de amigos que fumava, normalmente, um charro, passavam o charro de uns para os outros, mas, quando chegava a mim eu passava logo ao outro que estava ao meu lado. Uma vez,

apanhei uma surra da minha mãe porque guardei uma caixinha daquelas de mortalhas, eles tinha estado a fumar charros e deram-me para eu guardar. Guardei aquilo na mala, ela encontrou-me aquilo, tinha aí uns 16 anos, deu-me uma surra (...)

J- Vieste de Angola e foste para o Liceu de Faro...

E- Sim, nesse ano de 75, fui para o Liceu. Andei lá só um ano, mas foi bom, gostei, boas recordações e fiz amigos, que ainda hoje me dou com alguns. Neste Liceu tive uma professora extraordinária que me marcou para vida toda, era professora de Português, era a Prof^a Silvina, mulher impecável, ainda me fez gostar mais de português. E lembro-me do Alfafa, quando ia para as aulas dele nunca sabia se era Inglês se era Alemão, ele era professor das duas disciplinas (risos). E a Euridice, também gostei muito dela, foi minha professora de Filosofia. Sempre gostei muito de Filosofia, mais de filosofia que de Psicologia, por incrível que pareça. Eh pá, do que mais me lembra, naquele ano do Liceu foram as RGAs, apanhei as RGAs, aquela coisa toda, o efeito do 25 de Abril nos alunos, manifestações e não sei que mais, aquilo para mim, era tudo uma novidade, mas, eu, também, nunca gostei de ficar de lado das coisas, se elas acontecem eu quero estar lá. No ano seguinte, fui para a UDP, alistei-me na UDP (risos), ainda há pouco tempo eu tive o cartão nas mãos, quando estava a fazer umas arrumações nas minhas coisas. Oh pá, e a sede da UDP, sabes onde é que era, ali ao pé da Igreja de S. Pedro. Lembro-me de ir lá, muitas vezes, fui para a UDP por influência dos colegas do Magistério, naquele ano, tínhamos um grupo que era da UDP, era o grupo do Rui D`Espiney. Aprendi imenso com o Rui, ele teve muita influência em mim, durante aquele tempo do Magistério, em mim e noutros colegas que se davam mais com ele. Era um tipo mais velho, muito esperto, muito sabedor, já com muita experiência de vida, era um tipo do “outro” mundo, comparado com a malta mais jovem que andava no Magistério (...)

J- Qual o significado do Magistério para ti? Melhores piores momentos?

E- Eh pá, piores momentos, foram os estágios. Aquela pressão toda, construir materiais, dar as aulas com uma professora na sala e com um orientador do Magistério o tempo todo ali a olhar para gente e a escrever, a tomar nota de tudo o que fazíamos, eh pá, para mim, foi horrível. As piores recordações que tenho do Magistério, são essas. Detestava, como a gente dizia, “Esta semana sou eu que vou actuar”, não era? O verbo era actuar, era horrível, tu não achaste? Dar aulas com um ou mais, às vezes eram dois ou três, a ver tudo o que fazíamos, o que dizíamos, se ficávamos na secretária, se andávamos pela sala, de falávamos alto ou falávamos

baixo, era uma chatice. Mesmo, hoje é difícil trabalhar quando nos entra uma pessoa pela sala adentro, quanto mais em estágio, que não temos experiência nenhuma e estamos a ser avaliados (...) Quer dizer, isto não foram os piores momentos, mas, os momentos mais angustiantes, porque, foram desafios. Eu lembro-me de uma situação em que estava a dar aulas e o meu orientador de Práticas, o Bandeira, supervisor, não é? Estava a dar a dezena aos miúdos, acho eu, e ele, às tantas, chama-me, “ Não professor, agora não que eu estou a explicar isto aos alunos”. Acho que foi uma atitude que o gajo valorizou. Eu fiquei aflita sem saber se tinha tomado a decisão adequada ou não, mas achei que não ia interromper a aula para ir ao pé dele ouvir o que tinha para me dizer, isso não era assim, o que tivesse para me dizer, dizia no fim da aula, o que é que achas? Também não sei se ele me estava a testar, nunca pensei nisso, mas, disse-lhe logo “Não”, mas, também, fiquei a pensar que o gajo me ia baixar a nota, mas, não. Oh pá, os bons momentos era quando chegava à 6ª feira e já tinha acabado o estágio (risos), isto quando andávamos no 3º ano. Bons momentos, foram aqueles tempos, que andávamos ali pelo Bufete, que passeávamos quando não tínhamos aulas, que nos divertíamos, aquelas cantigas alentejanas que cantávamos quando estávamos todas juntas. O ambiente entre nós era ótimo, ainda hoje me lembro de quase toda a gente que andou comigo no Magistério. E lembro-me da maioria dos professores. Eu lembro-me que quando acabei o curso, encontrei uma professora na Rua de Stº António, em Outubro, ainda não tinha sido colocada e ela perguntou-me se eu queria ir trabalhar para a Casa dos Rapazes. Fiquei de lhe dar uma resposta e passada uma semana, ela volta a telefonar-me para me perguntar, outra vez, se queria ir para a Casa dos Rapazes, mas, entretanto, eu tinha sido colocada. Aquilo ficou-me na cabeça, a pensar se seria capaz de dar aulas na Casa dos Rapazes, mas, foi um privilégio ser convidada por uma professora. Eh pá, o ano que gostei mais foi o 1º, lembro-me das atividades de contacto, que foi um gozo, foi aí que apanhei a minha primeira bebedeira. Primeira e única (risos) tiveram de me levar ao colo para a cama. Bons tempos que já não voltam. Como eu já te disse, fui para o Magistério porque eu queria mesmo era ser professora. Entrei para o Magistério e gostei muito daqueles três anos, acho que foram anos, eh pá, tirar um curso como o do Magistério ou tirar um curso de Licenciatura, é como tirar a carta de condução, ou seja, a gente só aprende a conduzir depois da carta na mão. Assim, foi, para mim, o Magistério, eu só aprendi a dar aulas, aprendi a ser professora, depois de já ter o diploma na mão e ser colocada numa escola. Os primeiros tempos como

professora senti-me completamente perdida, o que eu acho que o Magistério me deu de novo foi, porque, foi naquela altura, uma consciência política, uma possibilidade aprender coisas novas, de trocar ideias com gente que estava na mesma área de formação que eu. Oh pá, muitas questões, muita discussão para cimentar as opções políticas, porque sabes que o nosso Magistério foi cheio de estórias, muita política, gente de várias simpatias políticas, reuniões de alunos, às vezes, com muita confusão, muita discussão, ideias muito contrárias, professores que eram contra nós, professores a quem fazíamos oposição, foi um curso muito contestatário, aquelas coisas todas. Fizemos montes de asneiras, mas é fazendo asneiras que a gente aprende, é a errar que a gente aprende (...) E, ser professora do ensino primário era a possibilidade de contribuir para aquilo em que acreditávamos, também, era uma opção política ser professor e ajudar a mudar o mundo. Eh pá, quando tu chegas a um país e percebes que há tanta gente analfabeta e que há ali imensas coisas que tu podes fazer. Se tiveres um curso de professor tens mais possibilidades de fazer isso. Era, assim, que pensávamos naquele tempo. E tínhamos a possibilidade de trabalhar com crianças, os futuros adultos da sociedade. Foi um tempo bonito, de muita ilusão, de muita esperança, muito sonho, achávamos que íamos ter um papel importante, se calhar, até tivemos. Muita da malta que fez o nosso curso, anda por aí, uns estão na política, em Câmaras, nas Escolas, nas Universidades, em Direcções Regionais. Acho que sim, que aquele Magistério deu gente boa, que anda por aí, muitos deles, encontrámo-nos na educação de adultos (...) É como te digo, quando acabei o Magistério, andei dois anos a trabalhar no Oficial. Aí, nesses anos, o que mais me marcou foram as crianças com mais dificuldades, que tinham menos condições que as outras. Sempre fui sensível a isso, a crianças que nunca forma benquistas, nem pela sociedade nem pela família. Essas crianças despertam, em mim, aquele sentimento de querer ajudar, de poder ser útil, por alguma razão hoje estou nos apoios educativos e gosto tanto. Aquelas crianças que nós sentimos que são um bocado infelizes, que começamos a imaginar que quando forem maiores vão ser marginalizadas, têm um nível cultural muito baixo, têm um acompanhamento familiar muito pobre, eh pá, se calhar, nasceram por acaso. Logo que comecei a trabalhar comecei a ficar mais sensibilizada por estes meninos mais desfavorecidos, talvez por ter passado por escolas onde havia muitas crianças destas (...) O ter vindo para o Ensino Especial, passados estes anos foi porque senti que já tinha feito um percurso profissional, muito diversificado e que me faltaria experimentar este tipo de

trabalho, percebes, trabalhar com crianças com problemas. E, por outro lado, por ter já a maturidade suficiente e a paciência que é muita, a que é preciso ter, para trabalhar com estes miúdos, e por sentir esta parte que te disse antes, ou seja, alguma apetência para me relacionar com miúdos com problemas. O que, normalmente, acontece com os alunos do ensino especial têm deficits cognitivos ou deficits sensoriais ou motores, ou problemas de visão, mas têm, também, muitas vezes, problemas culturais e económicos. As coisas não são, às vezes, por acaso, muitas vezes, isto é coincidente. E, o que eu sinto hoje, é muito isso, aliás é muito da relação que eu tenho com eles, que eu consigo que aprendam alguma coisa., que façam alguns progressos. Eh pá, acho que isto é o culminar de uma postura de vida, percebes, se eu analisar bem o meu percurso profissional, eu sempre estive muito ao lado daquilo que era um bocado marginal. É um bocado estar ao lado dos mais desfavorecidos da vida. É essa a minha postura, não é só dizer que isto é injusto, é participar um pouco, fazer um pouco daquilo que eu posso para ajudar um bocadinho os outros (...) Eu acho que sou assim, também, porque venho desse meio, os meus pais eram semi-analfabetos, eu era uma criança pobre antes de ir para Angola, na Fuzeta havia e continua haver gente pobre, com muitas dificuldades, eu fiz parte desse meio e isso marcou-me para a vida toda. Eu vim daí e orgulho-me muito disso, das minhas origens, mas, também, me orgulho muito do percurso que fiz. Aliás até te digo, sou a primeira da minha família que tenho um curso superior, isso para mim, é uma coisa de que me orgulho muito, percebes. Mas, não nego que os meus pais sempre fizeram, economicamente, tudo por mim. Eu sempre tive tudo, eu lembro-me da minha mãe deixar de comprar botas e sapatos para eu poder ter. Botas e sapatos, tás (sic) a perceber. Isto não era fácil (...) A nível afectivo, da parte da minha mãe, nem tanto, do meu pai, sim, eu era a menina do papá. E eu acho que saí mais ao meu pai, sou uma pessoa muito afectiva, muito emocional, com facilidade tenho uma lagrimazinha ao canto do olho. Quando era mais nova, às vezes era um pouco agressiva, agora já não, mas gosto da frontalidade, gosto que as pessoas digam o que pensam. Como professora sempre gostei de me sentir muito próxima dos alunos, mas, tendo a noção de que há um momento para dizer que não é assim e há outro momento para passar a mãozinha pela cabeça. Isto para mim sempre foi muito claro, que é aquela lição que os nossos pais nos deram “Quem dá o pão dá a educação”. Nós não damos pão aos nossos alunos mas ensinamos e temos que manter as regras e as regras são importantes em qualquer situação de professor e aluno, quer seja no

superior, no secundário no primário, no ensino especial ou no jardim-de-infância. As regras têm de ser muito claras e isso sempre esteve muito presente na minha cabeça. Mas, ao mesmo tempo, também, muito compreensiva e muito sensível aos problemas dos miúdos, tás (sic) a perceber. Eu acho que tenho essa consciência, lembro-me de uma situação que me chocou imenso, quando fui professora em Olhão, antes de ir para educação de adultos. Eu tinha dois miúdos, nunca mais me esqueci disso, aquilo era uma confusão, eram filhos e netos do mesmo homem, havia uma situação de incesto. Portanto, aquele indivíduo estava a viver com a filha, mas, de uma forma permissiva, toda agente sabia. Os miúdos eram filhos e netos do mesmo homem, mas, eram crianças perfeitamente normais. Isto parece mentira mas era verdade, eram miúdos com um desenvolvimento cognitivo normal, mas, como é claro, a nível emocional, claramente desequilibrados, que aquilo de ser avô e pai devia ser um coisa muito estranha que não cabia na cabeça daquelas crianças (...) Outra situação que eu nunca me esqueço é ter trabalhado com miúdos que tinham sido violados, miúdas que tinham sido violadas pelo pai. Tive um miúdo na Conceição e uma em Bias, e isso fez-me imensa confusão. Uma vez chamei a mãe desse miúdo que tinha sido violado, não pelo pai, mas, pelo tio, tinha a criança 6 anos. Chamei-a à Escola porque o miúdo ia passar para a Neves Júnior e eu queria perceber até que ponto, eu sabia que não podia escrever no Relatório, mas queria transmitir aos meus colegas professores que eles tinham que ter cuidado com aquela situação. E, estava preparada para ter uma conversa com a senhora, mas, tentando que ela se abrisse, para perceber o que é que se estava a passar com o miúdo. E, então, qual não é o meu espanto quando a senhora me conta tudo na cara, sem problema nenhum, quando as pessoas geralmente escondem. Uma coisa que me fez confusão, foi a mãe dizer que o miúdo estava ser acompanhado por um psicólogo e que a situação já tinha sido ultrapassada, que não valia a pena falar mais no assunto. Como se isto fosse coisa que passasse assim, dos 6 até aos 9 anos. Portanto, estas coisas sempre me fizeram muita confusão e eu continuo a dizer isto, acho que o meu percurso tem sido muito ao lado dos mais marginalizados, dos não afortunados da vida, dos mais desfavorecidos, acho que a minha vida profissional tem sido muito isto (...)

J- Voltando um pouco atrás. Acabaste o Curso do Magistério e foste colocada em Olhão...

E- Eu acabei o Curso em Junho de 79 e, depois, fiz a maior asneira da minha vida, porque, em 29 de Março do ano seguinte casei. Já namorava o Carlos desde os

tempos do Magistério, comecei a namorá-lo, exactamente, no final do 1º ano. Namorei durante dois anos. Conheci o meu marido na Fuzeta, no grupo de teatro da Fuzeta. Quando vim de Angola entrei num grupo de teatro, era o GAF, Grupo de Amadores Fuzetense, gostava muito de teatro, sempre gostei de fazer teatro. Fiz teatro nessa altura e fiz quando estava a divorciar-me. Fiz uma peça com o Carlos, num grupo de teatro aqui de S. Brás que é Os Amigos do Museu. A peça chamava-se A Noite, e era, exactamente, sobre um casal desavindo. E nós estávamos em fase de divórcio. Fui fazer esta peça porque ele me convidou a contracenar com ele, aí, um ano antes da gente se divorciar. Mas, nessa altura a nossa relação já não estava bem, quando vim para o grupo de teatro, eh pá, não foi um ano, foi para aí seis meses, eu divorciei-me a 27 de Setembro de 2007. Ele convidou-me para fazer a peça, ele já pertencia ao grupo de teatro. Ele era para fazer a peça com outra pessoa, mas, mostrou-me a peça e disse-me “Eh pá, não me apetece fazer esta peça com outra pessoa e esta peça tem muito que ver com a nossa vida”. Eu disse-lhe logo “ Então vamos a isso, eu faço a peça contigo”. E, fizemos a peça. É uma peça giríssima, é uma peça divertida, mas, com muita coisa por detrás. É uma peça curta, é sobre um casal já velhote a recordar, numa de rabugice, os tempos passados. Eh pá, é quilo que gente já faz hoje, viver, também, de recordações (risos). A diferença é que na peça os velhotes ficam juntos, a gente divorciou-se mesmo. A encenadora quando soube que a gente se estava a divorciar, nem queria acreditar, já tínhamos feito a peça duas vezes. Depois não fiz mais, por falta de tempo. Não tinha tempo para ensaiar, os ensaios eram duas vezes por semana e eu não tinha hipóteses. Se tivesse tempo continuava fazer teatro e não tinha problemas nenhuns em continuar a contracenar com o Carlos. Estamos divorciados mas continuamos amigos (...)

J- A tua história de vida...

E- É, a vida tem destas coisas. Este caso até é engraçado, às vezes, falamos nisso, casámos a fazer teatro e divorciámo-nos a fazer teatro. Mas, tudo por acaso. Eu vou para o grupo de teatro da Fuzeta fazer de “criadinha” (sic), uma menina muito ingénua que usava uma sai muito curtinha e o Carlos fazia de padre. Só que eu era filha de pescadores e ele era filho de pessoas de bem, lá da terra. Lá na Fuzeta sempre houve muito esta distinção social, os pescadores eram pescadores, uma classe social muito baixa e as pessoas de bem da terra, o meu sogro andou na Escola Tomás Cabreira, tirou o antigo 7º ano. Depois foi para Moçambique, era administrativo em Moçambique. Eles também eram retornados, vieram em 78. O Carlos quando veio

para a Fuzeta chegou num dia, no dia seguinte começou logo a trabalhar aqui, na Câmara de S. Brás, por causa dos conhecimentos do meu sogro. Isto não era para todos. Lá em Moçambique o Carlos era professor de Biologia, mas tinha só o 7º ano do Liceu. Naquele tempo era assim, havia falta de professores e a malta com o 7º ano ia dar aulas. Quando chegou aqui, não quis estudar, o pai arranjou-lhe logo um emprego. Ficou a trabalhar aqui na Câmara de S. Brás e entrou no grupo de teatro da Fuzeta (...) A nossa “rinha” (sic) era muito social porque o grupo de amigos ele aqui na Fuzeta era de meninos de bem, filhos de gente que tinha sido saneada depois do 25 de Abril, gente da terra, mas, a fina flor, e, eu era a filha do pescador. Isto sempre foi muito marcante na Fuzeta, sempre foi muito marcante, claro, que depois do 25 de Abril as coisas mudaram, mas, antes, isso era muito marcado. Um filho da terra não casava com uma filha do mar e vice-versa, tás (sic) a perceber. De forma que, eh pá, conhecemo-nos no teatro, ele fazia de padre e eu, uma vez, perguntei-lhe se aquilo era tudo braguilha (risos). Oh pá, a gente ia a pé representar à casa do povo de Moncarapacho e depois vínhamos a pé, quer dizer, começamo-nos a conhecer e a falar. Falávamos de tudo, até da situação social, porque é que havia esta divisão entre as pessoas, porque é que as pessoas pensavam assim, e partir daí, fomo-nos dando bem um com o outro e a gostar de conversarmos. Depois, também, me identificava com as ideias dele, era de esquerda. Aliás, daquela família era o único, o resto da família era tudo PSD, CDS (risos). Acabo o curso e decidimos casar, ele já trabalhava e eu tinha esperança de também começar a ganhar dinheiro. Ficamos a viver na Fuzeta, ele ia e vinha todos os dias de S. Brás. Quando casámos, a única coisa que sabíamos era que não queríamos ter, logo, filhos. Estive 5 anos sem ter filhos, a nossa situação económica não era muito fácil. Ele ganhava muito menos do que eu, tinha mais despesas, tinha que se deslocar todos dias e almoçar em S. Brás e isso não é fácil para se constituir uma família. E forma que, eu sempre fui uma pessoa muito organizada nestas coisas, gosto das coisas bem planificadas, não arrisco nesses aspetos, pode não parecer, mas sempre fui assim. Sempre fui muito organizada. Até em termos de futuro, eu é que planeava sempre as coisas e ele vinha atrás de mim, concordava sempre comigo. Tás (sic) aperceber, eu dizia “ Vamos fazer assim” e ele “ Força, tu decides, para mim está bem”. E, eu sou pessoa de arregaçar as mangas e ir em frente. Mas, a nossa relação era muito marcada, em termos de profissão não, ele não quis estudar, mas eu quis continuara estudar e ele sempre me apoiou para eu seguir em frente, mas, o que marcou a nossa relação foi

essa diferença social. Mesmo, depois de casar e, apesar, de ter mais habilitações que o Carlos, porque os meus sogros nunca me aceitaram. Acharam sempre que eu não estava ao nível social dele. Mesmo sendo professora e tendo um curso nunca olharam para mim de forma igual (...) O meu sogro morreu em 2002 e a minha sogra morreu em 2006. Enquanto foram vivos eu ia lá a casa, tratavam-me bem, mas, eu sentia que não era bem aceite, não era a mesma coisa, quando o Carlos ia à minha casa. Os meus pais gostavam muito do Carlos, ainda hoje, para a minha mãe, o Carlos é filho dela. O Carlos é impecável. Em termos de maneira de ser é uma pessoa impecável, mas, a nossa relação sempre foi marcada por isso, depois, o Carlos foge às discussões como o diabo foge da cruz e eu, sou o contrário, eu enfrento. Tás (sic) aperceber, é a nossa grande diferença e houve muitas situações em que eu entrava em rota de colisão com os meus sogros, principalmente, com a minha sogra e eu acabava por sair lá de casa irritada e ele ficava lá. E, isto, eu nunca lhe perdoei, porque isto marca a vida de um casal, marca em termos íntimos, marca em termos de confiança, marca em termos afectivos, marca em todos os aspetos (...)

J- Mas, tu discutias com os teus sogros?

E- Então, não havia de discutir, então começavam a falar do Salazar na minha frente, que o Salazar assim que o Salazar, não sei quê, achas que eu aguentava isso? (risos). As nossas divergências eram de ordem ideológica, de ordem social, de valores, muito de valores. Vou-te dar um exemplo, o ter que estar lá e ter de pedir licença para ir à casa de banho fazia-me confusão. Estás a ver o que é estares na casa de uma pessoa, dos teus sogros ter de pedir licença para ir à casa de banho (...) Nunca me senti lá à vontade, nunca, No entanto, fui uma pessoa que nas festas de Natal era eu que lavava a loiça, era eu que fazia (>), mas, nunca me senti à vontade, nunca me senti como pertencendo, como fazendo parte da família. Quando o João nasce, quando o meu filho nasce, eu e o meu sogro começamos a dar-nos impecavelmente os dois, mas, a minha sogra picava-o contra mim, tás (sic) a perceber, e o meu sogro impecável. Mas, depois do nascimento do João parecia que me tinha tirado um tesouro da barriga, aquilo foi (...), eh pá, mudou completamente o relacionamento com o meu sogro (...) O Carlos tem mais dois irmãos mas é o mais velho, porque o meu sogro, lembro-me tão bem, um dia, na varanda, dizer-me assim “ A maior alegria que tu me podias dar, era teres um rapaz, era eu ter um neto do meu filho mais velho”. Por acaso tive um rapaz, tás (sic) a perceber, e o meu sogro reformou-se aqui da Câmara de S. Brás e durante três anos é ele que me ajuda a criar o João, enquanto eu ia

trabalhar. Os meus sobrinhos estavam em Lisboa e o meu sogro, pronto, é ele que ajuda a criar o meu filho, ensinou o moço a jogar xadrez quando ele tinha 4 anos, o que ajudou imenso em termos cognitivos, tenho essa consciência. E, por outro lado, também, o respeito que ele tinha por reconhecer que eu era uma pessoa de luta, que não cruzava os braços, tas (sic) a perceber, e que discutia com ele taco-a-taco, coisa que os filhos, muitas vezes, não tinham coragem. Nós acabámos por ter conversas muito giras os dois, muito interessantes, mesmo (...) Ele era uma pessoa muito inteligente, era muito conservador, mas era uma pessoa muito inteligente, enquanto a minha sogra era snob, snob e burra, um bocado isso. Às vezes, ainda recordo coisas do meu sogro, alguns dias antes dele morrer, cheguei a sentar-me quase ao colo dele, no dia em que fez anos, 2 de Setembro, sentei-me de um lado e a minha cunhada do outro, não me esqueço, tenho fotografias desse dia (...). Às vezes, estávamos juntos a ver um jogo de futebol na televisão e há aquela parte em que há livres e os jogadores protegem as partes, tás (sic) a ver, e ele perguntava-me “Vinita o que é que eles estão a fazer” E eu dizia “ A proteger o abono de família”. Ele fartava-se de rir, nos últimos anos de vida dele, tínhamos uma relação muito boa (...) Oh pá, mas isto, voltando atrás, marca o relacionamento entre as pessoas, e isto de 27 anos de casada era muito tempo, acho que é falta de criatividade (risos) (...)

J- Depois do João nascer...?

E- Eh pá, o João nasceu numa fase muito complicada da minha vida, porque, foi quando o meu pai adoece com cancro de pulmão. Eu estava grávida de 4 meses ou 5, quando o meu pai adoece. Tive de estar todo o mês de Agosto, como tu sabes, sou filha única, o meu pai foi operado a 31 de Agosto, eu estive o mês de Agosto todo em Lisboa, de barriga, com a minha mãe e a dar apoio ao meu pai. Ia todos os dias ao hospital e o Carlos também estava comigo. E o João nasce em Novembro, nessa altura, o meu pai recupera um bocadinho, mas, passados dois anos, morre. Este tempo, o aparecimento da doença, não estava nada à espera, aquele mês em Lisboa, a operação, depois, a morte do meu pai foram dos piores momentos da minha vida. Foi muito (>), o meu pai disse-me algumas coisas antes de falecer, o meu pai tinha consciência do que lhe estava a acontecer, ele, uma vez, disse-me uma coisa que me marcou para toda a vida “ O maior desgosto que eu tenho, é não ver o meu neto crescer”. Percebes, isto são coisas que nos marcam e o meu pai não era lamechas. O meu pai quando disse isto tinha consciência do que estava a acontecer. Não é fácil, ainda por cima, o meu pai era e, ainda, hoje, é, a pessoa que eu mais admiro.

Percebes, porque era uma pessoa muito sensível, eu lembro-me do meu pai chorar quando eu vim de fazer a prova oral do Magistério, ele percebeu que eu tinha entrado para o curso do magistério, que ia ser professora. O meu pai quando cheguei a casa, vira-se para mim e diz “Então” e eu “ Passei”, as lágrimas caíam-lhe, porque ele queria ter uma filha que tivesse um curso, tás (sic) a perceber. Ele projetou em mim aquilo que nunca teve possibilidade de ser. Apesar de ser um homem do mar, oh pá, rude, tinha uma sensibilidade que, sempre, me tocou muito, tás (sic) a perceber (...)

J- E tu, apanhaste essa sensibilidade do teu pai...?

E- Acho que sim, acho que sou uma pessoa sensível, mas também puxei um bocado à minha mãe porque, às vezes, também, sou um bocado rígida. Mas, aquilo que sou como professora é aquilo que sou como mãe. Eu costumo dizer que a gente só consegue ser melhor professora depois de saber o que é ser mãe, eu acho que estou a ser um bocado reaccionária, estou a ir contra os direitos da mulher (riso), mas, eu costumo dizer que a gente só consegue ser professora com racionalidade e com sensibilidade, depois de sermos mães, eu senti essa diferença (...) Há professoras tias, que, também, são boas professoras, também, são sensíveis. Sabes porque é que eu digo isto, porque eu acho que, hoje em dia, privilegia-se muito a relação entre os professores e os pais, não é? E, tu só consegues perceber como é que o pai sente a forma como o professor lida com o filho, tás (sic) a perceber, depois de seres mãe ou pai, tás (sic) a perceber, o que é que eu estou a dizer. Só aí é que tu tomas consciência do que é que um pai gostaria ou não gostaria mesmo nada de ouvir dizer sobre o seu filho. Vou-te dar um exemplo muito simples, uma das coisas que me fez muita confusão, foi quando o meu filho foi para a E.B. 2,3 e que, os professores faziam reuniões de pais e, muitas vezes, falavam do João ou do Manel (sic) ou do Francisco, em frente dos pais todos. Isto fazia-me imensa confusão. Houve um dia que o meu filho sempre foi bom aluno até ao 10º e depois é que variou, mas, isso é outra história, eu lembro-me de ter dito “ Olhe, desculpe, mas, no próximo dia de atendimento se quiser falar sobre o João Armando, eu venho cá falar consigo e falamos só os dois”. Isto numa reunião de pais, porque não gostei nada da forma como ela estava a falar do meu filho em frente aos outros pais, todos. Se era sobre o meu filho, ela tinha de falar comigo e não com o conhecimento das outras pessoas todas, tás (sic) a perceber. E é, um pouco neste aspeto, que eu acho que nós só conseguimos, de facto, interagir e perceber como é que a posição dos pais quando somos pais e mães. Porque é aquele ditado “ Não faças aos outros aquilo que não

gostas que te façam a ti”. Tás (sic) a perceber. E, isto, tem muito a ver com a forma sensata de tu te relacionares com os miúdos e até com os pais dos miúdos. Estás a perceber aquilo que eu estou a tentar dizer.

J- Humm....

E- Ser mãe, ser pai, faz a pessoa ter mais sensibilidade, não quer dizer que uma professora sem filhos não possa ser uma excelente professora, mas, acho que a sensibilidade é capaz de ser um pouco diferente. Às vezes, digo assim “ Os pais falam mal dos professores e não sei quê” Eh pá, claro que aqui também há uma questão de formação académica. Com o meu filho, às vezes estava roída, roída, e dizia assim “ Oh João, é muito simples, o professor tema faca e o queijo na mão. Podes dizer tudo aquilo que pensas desde que seja com modos, mas, depois, tens que obedecer, mesmo que não concordes, tens de obedecer que o professor é que manda”. Quantas vezes roída por dentro por saber que o moço estava a ser injustiçado, mas, nunca, lhe dei razão de caras, tás (sic) a perceber. Isto depois de ele ser já adolescente (...) Eh pá, estas questões com o meu filho era eu que as discutia com ele, mais eu, menos o pai, o Carlos fugia a discutir certos assuntos. Mesmo, nos momentos mais complicados, era eu. Ainda hoje, já estamos divorciados há quase quatro anos, os problemas do João, eu é que vou tentar resolver. (...). Naqueles momentos mais delicados da adolescência do meu filho (>), eu soube da primeira relação dele, soube da fase da masturbação porque via no lençol (riso), achava isso perfeitamente normal, nem falava no assunto, nem falava com o Carlos sobre isso. O Carlos sempre foi muito marcado pela educação que teve, de pessoas muito reservadas, muito conservadoras que achavam que isso era assunto tabu. Isso não devia ser falado, nunca foi falado, e eu achava que não, achava que devíamos falar no assunto. No entanto, atenção, o João com 14 anos foi passar um fim-de-semana ao parque de campismo, em Tavira, e eu disse ao Carlos “Vai mas é comprar uma caixa de preservativos para a gente dar ao moço”. Ele foi e deu ao filho. Eu, estas questões da sexualidade, falava, normalmente, na frente do pai e do filho, normalmente estes assuntos eram puxados por mim. Eu era mais aberta e o facto de ser professora, se calhar, ajuda um pouco nestas coisas, não é? Pronto, e estava sempre a perguntar “ João tens o preservativo? está dentro do prazo?” Que aquilo tem prazo (riso). Parece que não, mas, tem (riso). Eh pá, sempre foi um pouco (>) (...) O meu filho não era de fazer confidências, sempre foi muito reservado. Quando era mais novinho, sim, perguntava à mãe “ Mãe o que é que achas que eu devo fazer?” Hoje, já não. A partir

dos 17, 18 anos tornou-se mais reservado. Às vezes, começamos a puxar a ver se eles se abrem e eles nada, é uma dor de cabeça. Normalmente o João é um bocado como eu nesse aspeto, quando tenho um problema, primeiro resolvo-o na minha cabeça e, depois, é que falo. O João é muito assim, primeiro resolve depois é que se abre (...)

J- Vamos voltar à educação de adultos....

E- Como já te disse, estava a dar aulas em Tavira e convidaram-me para trabalhar na Educação de Adultos. Oh pá, aí, eu abracei essa oportunidade como pude. Fui trabalhar para a educação de adultos, estive lá de 83 a 89. Mas, não fui para educação de adultos com espírito de missão, como se dizia naquele tempo, que aquilo era uma missão. Também, nunca achei que ser professora era uma missão, achava e acho que temos de dar muito de nós, temos de aprender com a profissão, fazer o melhor, mas nunca ser tia, nem missionária, nem nada disso (...). A educação de adultos foi uma fase importantíssima na minha vida, importantíssima e de muito desafio. Acho que já falámos sobre isso. Custou-me um bocado a forma como comecei, não sabia bem como é que havia de fazer, ali um bocado perdida, mas, depois foi muito bom, muito bom (...) Eh pá, nunca mais fui a Cachopo, há tanto tempo (...)

J- Porquê?

E- Uuff, a vida não permite, olha, mas, o homenzinho que me vende lenha é de Cachopo, vai muitas vezes a Cachopo, estou-lhe sempre a perguntar pelo senhor Zé do Seixo, que foi o presidente da junta de freguesia, no meu tempo. Sei que teve um AVC, há tempos. Acho que agora está mais arribado. Houve um tempo que encontrava a D. Otilia nas feiras da serra, mas, já há bastante tempo que não vou. Já não tenho pachorra para isso e tenho uma feira aqui mesmo à porta de casa. Eh pá, mudam os tempos, mudam as vontades (...) Cachopo, lembro-me das braseiras que metiam debaixo das mesas, quando íamos ao restaurante a Charrua, para a gente aquecer os pés. Aquela terra era fria, valha-me deus, tenho boas recordações de Cachopo, as coisas que a gente fez naquela terra (...)

J- Professor primário, educador de adultos...

E- Eu acho que o professor primário é que dá um bom educador de adultos. É verdade que, as críticas que há sobre isso, é porque somos preparados para ensinar crianças, mas, também, acho que isso se ultrapassa perfeitamente. Quando a gente consegue, como professores do ensino primário perceber que as crianças percebem as coisas de uma maneira e os adultos de outra, já têm uma experiência de vida que deve ser aproveitada para a aprendizagem da leitura e escrita, que é o que as pessoas

querem. Agora, a experiência que eu tenho é que, os colegas que eu tive em educação de adultos que eram professores de outros níveis de ensino não conseguiam levar o barco a bom porto como nós conseguíamos levar. Penso eu. Como é que um professor que não é professor do ensino primário consegue produzir materiais de alfabetização, para ensinar os adultos ou para ensinar os monitores a ensinar aos adultos. Eu penso que nós estamos muito melhor preparados, sabemos como é que isso é feito, temos experiência de trabalhar com os métodos de leitura. E, depois, somos muito mais flexíveis, não só sabemos trabalhar com crianças como sabemos lidar com adultos, porque aprendemos a lidar com os pais das nossas crianças, que são pessoas adultas. Então, e na nossa formação, não aprendemos a trabalhar na comunidade, não fizemos trabalhos sobre a relação escola-comunidade, não é? Inclusive a formação que nos era dada na Educação de Adultos,

o que aprendíamos sobre Paulo Freire deixava-nos preparados para trabalhar aquelas questões todas do universo temático e isso tudo. Eu lembro-me, que na segunda semana os adultos já conseguem formar palavras, isso é muito importante, porque não saem dali frustrados, não é, já saem dali com qualquer coisa palpável. Eu acho que nós somos os professores ideias para isso. Não é por vocação, que nós temos nenhuma vocação especial, nem mais nem menos que os outros, é, sim, porque temos formação para isso. Tivemos as didáticas, as metodologias, aprendemos os vários métodos de ensino/aprendizagem, no nosso tempo, no Magistério aprendíamos isso tudo, o método global, o analítico-sintético, tás (sic) a perceber. Aprendemos uma série de coisas, foram ferramentas que podemos usar, depois, há que saber transpor de uma criança para um adulto. Mas, isso não é difícil, não é, não é difícil (...) Depois, na educação de adultos é mais fácil ensinar a um adulto que a uma criança, não são precisos tantos recursos e os adultos vão lá porque querem aprender. Para a alfabetização, trabalhavam-se as palavras que eles conheciam, dividiam em sílabas, formavam novas palavras, utilizavam-se as fichas que eram feitas na coordenação, também, se utilizavam outros recursos que vinham da Distrital, o jornal Viva Voz, o almanaque. Utilizava bastante estes materiais, ajudavam imenso. Incentivava, também, os meus monitores para que pedissem às pessoas que levassem jornais para sala de aula e, depois, nós aproveitávamos. Naquelas notícias que lá estavam podíamos trabalhá-las (...)

J- Trabalhar em educação de adultos, lidar com as teorias de Paulo Freire...Paulo Freire influenciou-te para a tua vida profissional?

E- Eh pá, eu conheço Paulo Freire da educação de adultos, antes nunca tinha estudado, posso dizer que me sinto um bocadinho “freireana” (sic), por causa desta simpatia por gostar mais de trabalhar com pessoas mais desafortunadas da vida, como falámos há pouco, mas a maior influência que tive foi de Vygotsky. Mas, eu, também me sinto uma mistura de muita coisa, tás (sic) a perceber (...). Identifico-me mais com Vygotsky porque estudei mais este autor, tanto na licenciatura como na especialização (...) Eh pá, mas a minha licenciatura não foi na mesma área da especialização, eu fiz a licenciatura em Expressões, música, expressão dramática, pouco, expressão plástica, nada, mas, muita expressão musical, foi muito musical. Eu sempre tive sensibilidade para as artes, mas, sensibilidade musical, essa sensibilidade aprendi durante os meus 27 anos de casada. O Carlos era maluco por música, clássica e jazz e não sei quê e pronto, e isso ajudou a desenvolver um pouco o meu ouvido musical. Mas, em termos de artes, teatro e não sei quê, muita leitura, adoro ler, gosto muito de ler e cinema e não sei quê (...) A minha licenciatura também foi um desafio porque eu tive um professor, que era o professor Jorge Santos, era “terrível” (sic) como tudo, terrível como tudo, como professor, jeitinho, não tinha nenhum como professor, mas (...) depois de ter dois dezanoves, fiquei toda orgulhosa (risos). Oh pá, para que é que isto serviu, para além do diploma, tenho pena de não ter podido, vamos lá, seguir um pouco daquilo que aprendi na licenciatura em termos da estimulação das artes, da parte musical. Tenho pena de neste país não haver condições para isso. Porque, de facto, sentia-me um pouco preparada para pôr os miúdos a (>). Eh pá, um pouco naquela linha da, da, daquela fulana que fez lá para cima, como é que ela se chama, a Maria João, lá para cima para Vinhais, onde ela tinha uma escola, não é? Muito naquela de aprender música, não pelas pautas, mas, sim, pelo sentido auditivo. E, foi isso que eu aprendi um pouco na licenciatura. Acho que isso é possível fazer e tenho pena que neste país não haja condições para isso, tás (sic) a perceber (...) Esta licenciatura acabou para não ter um grande significado na minha vida porque não mudou nada, não deu para continuar, quer dizer, mudou em termos remuneratórios e gostei muito daquilo que aprendi. Mas, depois, fiz uma especialização em educação especial, mais tarde. Fiz uma pós-graduação em ensino especial, essa sim, eu já estava a trabalhar no Ensino Especial e senti necessidade de fazer essa formação, porque queria continuar em Educação Especial, queria continuar a trabalhar com miúdos com problemas. E, senti necessidade disso porque senão tinha (>), queria optar pelo quadro de educação especial. Por isso, senti

necessidade disso, fiquei melhor apetrechada para poder, oh pá, perceber algumas coisas que acontecem na cabeça daqueles miúdos quer na deficiência cognitiva, quer na paralisia cerebral, quer na síndrome de survivor, trissomia 21, uma série de coisas que, se eu não tivesse tocado, aquilo é muito pelos toques, não é, mas, se calhar, são toques, que bastam aqueles toques para a gente tentar descobrir mais. È como eu dizia há bocado, é, mais uma vez, como uma carta de condução, que só aprendes a conduzir bem, depois, não é? É um pouco isso, só na prática com os miúdos, no dia-a-dia, é que eu vou vasculhando como é que ele aprende, como é que ele não aprende, como é que ele consegue, se a perceção visual dá para perceber as letras, se não dá. Quer dizer, há uma série de coisas aqui, que, de facto, depois é que tu tens de te interessar, não é? Mas, gostei muito da especialização que fiz, embora tenha tirado na Moderna que é uma Universidade assim mal vista, mas, oh pá, eu gostei muito do curso que fiz, gostei muito e aprendi bastante, tive lá bons professores (...)

J- E agora, a tua vida, no momento presente...

E- Já te tinha dito que sou coordenadora do ensino especial, para chegar aqui, passei por várias fases, professora primária, educação de adultos, coordenação de projetos e ensino especial. Depois de sair da educação de adultos vim para esta escola. Mais tarde estive ligada ao ICE, Instituto de Comunidades Educativas que era coordenado pelo Rui D'Epinay (...)

J- Explica lá isso

E- Foi assim, a gente aqui em S. Brás, tínhamos um projeto que era o projeto Eco, começou com o projeto Eco, Escola-Comunidade. E, depois, o Rui achou que em S. Brás havia potencialidades para a gente fazer a continuidade do projeto Eco e lançou a ideia. Até foi aqui, nesta escola onde eu já trabalhava como professora, que nós lançámos as raízes do projeto Inesco, inter-escolas-comunidade. Foi na altura em que apareceu (>) que o pessoal tinha que ter créditos para mudar de escalão e tudo o que nós fazíamos em termos do Inesco, depois, era valorizado, as horas eram contabilizadas para créditos de formação. Eu fazia, fui convidada depois para (>). Primeiro estive sozinha, foi tal e qual como na educação de adultos, em que comecei por estar primeiramente sozinha, no primeiro ano, com a Lena Quintas, ela em Faro e eu aqui. Fazia a formação deste projeto Inesco, aqui em S. Brás, das escolas isoladas de Martim Longo, foi aí que eu voltei a passar por aquela zona, Martim Longo e Alcoutim, íamos às escolas de Balurcos, montes de escolas primárias isoladas. E, um outro projeto em Silves, “Aprender modos de fazer”, acho que era isso, e outro da

ilha da Culatra. Eram 4 projetos que nós fazíamos a coordenação (...) Eu entrei para este Projeto porque fui eu, juntamente com o Rui, mais umas quantas pessoas daqui que, a partir do ECO fizemos o projeto Inesco. E o Rui achava que eu tinha perfil para coordenar as coisas e convidou-me para aceitar o destacamento. Claramente que a minha experiência em educação de adultos me ajudou muito nisto. Depois da educação de adultos não foi difícil coordenar este projeto, mas foi outra experiência, foi muito diferente. Aqui, foi mais, trabalhar com colegas. Eh pá, trabalhar com colegas, a par e passo. Era diferente da educação de adultos, aí eram monitores, aí tinha de dar orientações, aqui, eram colegas com quem tinha de trocar ideias. E. de facto, daqui é que vem a tal vantagem do trabalho em equipa, três cabeças pensam melhor que uma, não é, claramente. Eh pá, e depois, no ano a seguir fui buscar uma colega minha que é a Elisabete que trabalha aqui nesta escola, com quem ainda hoje me dou muito bem, uma pessoa impecável. E, pronto, fizemos, durante três, quatro anos, esse trabalho de coordenação destes projetos, um pouco na linha do, orientados pelo ICE, instituto das comunidades educativas, onde está o Rui D'Épinay, à frente do Instituto (...) Também gostei muito desta experiência, gostei muito dos “dias diferentes”, eh pá, os miúdos (>) Por exemplo, as “Escolas isoladas” era um projeto muito giro, que nós gostávamos muito de fazer, mas isso sentia-se um pouco mais na zona de Alcoutim, porque as escolas eram muito afastadas, ficavam a uns 20, 30 Kms umas das outras. E aquilo era um dia em que a escola que ficava a 20, 30 Km, ia visitar aquela e era um dia diferente para os miúdos da escola. Recebiam a outra escola, faziam atividades conjuntas, animavam a comunidade inteira. Era, no fundo, um dia de animação sociocultural que animava a escola e a comunidade à volta da escola, as crianças participavam e os pais e os avós e até outras pessoas da comunidade. Era mesmo um dia diferente para todos, para quem recebia e para quem visitava, muitas vezes, quem se deslocava, também, levava os pais. Era um pouco parecido com a educação de adultos, só que, aqui, a iniciativa partia da escola. Este projeto foi giro, ajudou a quebrar a o isolamento de muitas escolas, de muitas crianças, mas, infelizmente, não evitou que, depois, muitas escolas fechassem. Deu animação a muitas escolas que tinham meia dúzia de miúdos e naquele dia, em vez de ter 5 ou 6 tinha onze ou doze ou mais. Diziam as pessoas, muitas vezes, parecia que tinham voltado atrás, ao tempo em que a escola tinha mais alunos e em que havia mais vida no monte. Eh pá, em certas coisas, tinha muito a ver com aquilo que fazíamos na educação de adultos, nós, também, partíamos da escola, do curso de

alfabetização para animar a comunidade e aqui, era a mesma coisa, a diferença é que este projeto era a partir das crianças (...).

J- Quando tempo estiveste neste projeto?

E- Eh pá, estive 4 anos e, depois, saí, porque, às tantas trabalhar com professores não é fácil, porque as pessoas começam (>) eh pá, eu não sei, ainda hoje estou para tirar algumas conclusões disto tudo (...) Ter saído não ter nada que ver com a minha vida familiar, eu acabei por sair do projeto do ICE por sentir já que não havia abertura, a forma de ligar as pessoas, nós fizemos coisas giríssimas aqui em S. Brás, eh pá, a ligação entre o 1º ciclo e o 2º, agora estou a falar de outra coisa, mas, já volto lá. Fomos nós que dinamizámos aqui em S. Brás, ou seja, fazia-nos muita confusão aquele momento em que os miúdos saíam do 4º ano e iam para o ciclo. Chegavam lá, principalmente os miúdos do campo, viam uma escola tão grande e perdiam-se. Eu, um ano antes de vir para este projeto, estava no Alportel e tinha 3º e 4º ano. NO ano a seguir quando eu venho para o projeto começo a ver um dos meus melhores alunos do ano anterior a chorar nos corredores da E.B. 2,3. Passei por ele, “Mas o que é que se passa?” “ Ai professora...” assim, a chorar, o miúdo não sabia onde tinha a pasta, não sabia onde é que era a sala onde tinha aula era um miúdo inteligentíssimo, tás (sic) a perceber. O miúdo estava completamente desintegrado e aquilo fez-me alguma confusão. Pensei “porque é que na área deste projeto não podemos fazer uma ligação entre a primária e o ciclo”. Então o que é que nós inventámos, propor uma atividade nos últimos dias de aula do 4º ano, os miúdos iam à E.B. 2, 3, com um horário, iam a umas aulas, comiam na cantina, conheciam a escola. Iam vivenciar o que seria vida deles no ano seguinte. Isto foi uma das ligações que agente fez entre o 1º ciclo e o 2º. Depois, começamos a trocar ideias, a ver os hiatos que havia entre os programas do 4º e do 5º, discutíamos o que se podia fazer para os miúdos aprenderem melhor. Eh pá, foi excelente, tás (sic) a perceber. Foi uma forma de interligação entre os dois ciclos (...) E, isto acabou porquê, comecei a perceber que as colegas aqui da escola de S. Brás estavam fartas já, estavam cansadas, porque este projeto exigia muito delas em termos de carolice, que isto era tudo na base da carolice. Quando havia tempo, nessa altura havia tempo, para nós nos juntarmos, fazíamos serões, trouxemos cá uns professores de Moçambique, que vieram cá, contar as suas experiências, começamos a ter visitas ao projeto, vieram umas escolas de Moçambique. Eh pá, fizemos coisas muito giras, mas, as professoras começaram a ficar cansadas, este projeto exigia muito, reuníamos duas vezes por semana, fazíamos

serões até às tantas, às vezes, reuníamos à noite, mas, também chegávamos a planificar no café (...) As professoras tinham que planificar juntas os tais “dias diferentes” em que as escolas do concelho se visitavam umas às outras. E depois, havia convites às pessoas da terra para participar, era o convite ao homenzinho que fazia piões ou ao que fazia fisgas, ou brinquedos de madeira, para ensinar às crianças, iam visitar o moinho. Era, mesmo, animar as pequenas comunidades. E, às tantas as professora começaram a ficar cansadas, aquilo era uma sobrecarga de trabalho (...) hoje têm saudades, hoje têm saudades, daquele tempo, mas, hoje não seria possível, cada vez se exige mais aos professore e elas não teriam tempo para fazer isto outra vez. Hoje já não há condições para desenvolver este projeto. Depois, o projeto morreu, eu saí, a Elisabete saiu. Hoje, em dia, era impossível este projeto com a carga de horas, com a sobrecarga que nós temos na escola, era impossível (...)

J- E depois, desses 4 anos?

E- Olha, eu saí desse projeto e fui logo para o Apoio Educativo, que não era ainda Ensino Especial. E sabes porquê? Eu nunca fui mulher de estar muito tempo dentro de uma sala de aula, nem consigo estar muito tempo no mesmo sítio, para mim as experiências têm que acontecer umas a seguir às outras. Já te disse que gosto de desafios, de aprender coisas novas e só se aprende estando nelas (...) Quando te disse que saí da educação de adultos porque aquilo era chão que já não dava uvas, era isso mesmo, quando sinto que já não vale a pena investir numa experiência mudo. Eu disse-te que quando saí da educação de adultos e vim morar para S. Brás, me ofereceram o cargo de coordenadora concelhia e eu não aceitei. Quando saio de uma experiência, já não volto, quero sempre outra coisa mais (...) Mas, quando saí da educação de adultos, foi porque senti necessidade de voltar ao primário, ao ensino, a trabalhar com crianças, já tinha saudades (...) O Apoio Educativo, porque é que quis experimentar o apoio educativo, porque era uma área que me interessava conhecer melhor como já te disse. Nunca tinha trabalhado e queria ter a perceção de como é que era, tás (sic) a perceber. Era mais um desafio (riso). Meti na cabeça e lá fui, não sabia se tina jeito ou não, mas, nós, como professoras do primário, temos quase sempre, crianças com necessidades educativas especiais nas nossas salas de aula. Por isso, eu sabia o que ia encontrar, não sabia, era, se ia aguentar a pressão de só ter de trabalhar com estas crianças. Concorri, mas não consegui ficar em S. Brás, fiquei em Faro, andei a dar apoio em Estoi, Bordeira, Gorjões, Alcaria Cova, Sambada, estava sempre a mudar. No ano seguinte vim para S. Brás. Já estou nisto há mais de 10

anos, comecei em 1998/99 (...)

J- E agora? Está na altura de voltares a mudar?

E- Não sei, não sei (risos). Nunca se sabe, mas gosto muito do que estou a fazer, sinto-me bem. Isto continua a ser um grande desafio. Depois, isto tem sempre coisas novas, o Ministério todos os dias faz reformas (risos), a gente todos os dias tem que fazer coisas diferentes, não me vejo a deixar o ensino especial, pelo menos para já, só se me aparecesse uma boa proposta, outro desafio, mas, para já não (...) Sabes, nestes últimos 11 anos, aquilo que me dá mais gozo, é ver que aquela criança deu um pequenino passo, eu comecei a valorizar as pequeninas coisas, tás (sic) a perceber, os pequenos passos que as crianças dão. E, isto só consegues perceber em educação especial, não quando olhas para o dia anterior, não quando olhas para o mês anterior, mas, se calhar, quando olhas para um ano atrás (...) Até quando vou aos registos dos meus alunos ver o que é que eles faziam no dia 3 ou 4 de Março e vou comparar com os registos de há um ano atrás e aí é que eu percebo, coisa que a gente no dia-a-dia não se apercebe. Daí o valorizar os pequenos passos que eles dão, tás (sic) a perceber. É tão importante, só pode ser assim (...) O pior, o pior não, os piores momentos, é ver que uma criança, pouco ou nada vai avançar, é ver a falta de capacidades para ela poder evoluir, para ser autónoma. Olha, vou-te dar um exemplo muito simples. Eu costumo defender que todas as crianças conseguem ser independentes desde que mexam um dedo, mas, eu tive uma criança, aí há dois anos com doença de antiton, ou seja, é uma doença degenerativa. Aquela criança por mais que tu te esforces, por mais que tu trabalhes, por mais que tu queiras, nunca vai evoluir, vai, é regredir. Neste momento já está numa cadeira de rodas, praticamente já não se percebe o que é que essa criança diz. Isso, aí é que eu tenho alguma dificuldade em perceber, o que é que eu estou aqui a fazer? Nessa altura eu lembrava-me “porque é que eu estou aqui a insistir com ela, se a criança, isto é uma violência”, pensava cá para comigo “isto é uma violência”, percebes? Mas nunca desistia, nunca desisti, isto é um lema que eu tenho desde que entrei na Educação Especial, nunca desisti deles, nunca, insisti sempre, insisti sempre. Às vezes dá resultados e bons (...) mas às vezes, há situações muito frustrantes. Às vezes estamos a olhar para uma criança e pensamos “Mais valia que Deus já a leve”, o sofrimento é tão grande, o sofrimento é demais, tás (sic) a perceber. Isto é que é muito complicado (...)

J- Olhando para o teu percurso o que ficou por fazer?

E- Olha, gostava de retomar o curso de supervisão que eu não acabei, por motivos de saúde, excesso de trabalho, tive de desistir. Eu ainda estive lá dois semestres, ainda consegui perceber muitas das coisas que agora me são muito úteis. Lamento não ter acabado esse curso, não era a minha praia, como se costuma dizer, mas, não gosto de começar uma coisa e deixar por fazer. Naquela altura tinha muito trabalho e não aguentei, quando entro nas coisas, trabalho a 200 por cento, entrego-me à bruta e naquela altura foi demais, não aguentei (...) Hoje, em dia, se pudesse ainda ia fazer o mestrado, se pudesse juntar o útil ao agradável, tás (sic) a perceber, ainda fazia o mestrado. Gostava de fazer formação de professores, por acaso, era uma coisa que eu gostava de fazer, gostava de experimentar (...) No futuro, ainda não sei, talvez avance para um mestrado ou para um doutoramento, com a pós graduação que eu tenho, em Espanha dava para ir para doutoramento. Mas, não sei se, em termos profissionais isso dá muito resultado, se compensa, mas, compensação ou não, gostava, era, fazer formação de professores ou trabalhar em orientação pedagógica que é uma coisa que eu também faço, de certa forma, no Ensino Especial, ao dar orientação aos professores do ensino especial, como coordenadora e pessoa mais velha que sou (...) **[Obrigado Etelvina]**

Entrevista biográfica à Marília Rufino (2ª Entrevista)

Dia 21 de Março

Local: Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Stº António

Hora: 10,00 h

Duração da Entrevista: 2 h

Contextualização da entrevista:

Enviei 2 mensagens por correio eletrónico a marcar entrevista, não respondeu. Telefonei-lhe três vezes, só à 3ª vez me atendeu. Expliquei-lhe que precisávamos fazer um a 2ª entrevista. Pedi-lhe que não fosse realizada no seu Gabinete na Escola onde trabalha. Esse gabinete é partilhado por outras colegas que perturbaram o ritmo da entrevista anterior. Não interferiram diretamente, mas o facto de entrar e sair, sempre perturba.

Marcámos reunião para a Santa Casa da Misericórdia onde a Marília é vice-provedora.

É muito difícil entrevistar esta mulher. Começa a assinar cheques enquanto falava da sua vida. Depois, atendeu uma chamada ao telemóvel. Tive de lhe pedir alguma exclusividade de atenção.

A entrevista biográfica faz apelo às recordações, às lembranças. A Marília parece ter alguma dificuldade em situar-se no passado. As lembranças não vivem no passado, precisam ser interpretadas no tempo presente. Mas a Marília parece ter alguma dificuldade de fugir do presente. Começa a falar da infância e de repente passa para a educação de adultos. Não consegue ter um discurso “linear”, sequencial no tempo. Parece evitar falar de alguns assuntos do tempo passado, há episódios que ela procura não referir. Está sempre à pressa. Refere algumas vezes a sua frustração em relação política, mas, depois, não aprofunda ...

Nesta entrevista, sinto que ainda ficou muita coisa por saber. Será que terei nova oportunidade de a entrevistar? Se o fizer será através de uma entrevista semi-directiva, com algumas questões mais concretas. Não posso deixá-la divagar porque fala quase sempre as mesmas coisas mas ao de leve, sem aprofundar. É a minha entrevistada mais difícil e por sinal aquela que há mais anos trabalha em educação de adultos e aquela que, mais anos, trabalhou na rede pública de educação de adultos. Aquela que à partida poderia ser a minha melhor fonte, tornou-se a situação mais complicada. Acho que é uma fonte muito difícil, foi complicado marcar entrevista com ela. Já na 1ª entrevista estava desejando de se despachar, nesta 2ª, a mesma coisa, “Ainda falta muito?” Nas duas entrevistas referiu que o seu projeto de futuro é escrever um livro com as suas memórias. Acho muito difícil. Há momentos da entrevista que mereciam ser aprofundados, mas a Marília evita. Vejo que não quer dar a informação completa. Estou certo que acedeu a dar as entrevistas porque não teve coragem de me dizer não. Já nos conhecemos há muito tempo...O seu relato poderia e deveria ser analisado à luz da psicologia. Deixa muitas frases incompletas, por vezes não se entende o quer dizer, mistura uma ideias com outras. Quando já tínhamos um 1 h de entrevista percebi que estava muito cansada, as ideias não faziam sentido, por isso, deixei-a falar e abreviei a entrevista colocando uma última questão...

J- Obrigado Marília. Na nossa 1ª entrevista fizeste um relato sobre a tua experiência na coordenação concelhia de educação de adultos. Agora gostava de poder aprofundar um pouco mais o conhecimento sobre a tua história de vida. Este portfolio pode ajudar-te a fazer nesta trajectória de vida desde a infância até ao momento actual...Ok? O ponto de partida desta entrevista é “Quem sou eu?”

M- Como é que soubeste que a minha tese de mestrado começa com “Quem sou eu?”

J- Não sabia, não fazia a mínima ideia.

M- Ai que giro, Fernando Pessoa, ai tão giro...

J- Eu fiz este portfolio para servir de apoio às entrevistas biográficas. Tenho utilizado com todas as entrevistadas, não estou a utilizar só contigo.

M- Ai que giro, até estou arrepiada. Ai tão giro, pois, eu comecei a minha tese precisamente com Fernando Pessoa. Eh, pá! Isto está tão giro (...) Oh pá! Está bem já percebi (...)

J- Quem é a Marília?

M- Pronto, eu nasci em Castro Marim, a 28 de Dezembro de 1957, filha de pais muito humildes. O meu pai era guarda-fiscal e o meu destino quando nasci estava quase talhado. Inicialmente, pensei em ir para Enfermagem, mas, as enfermeiras eram um bocadinho mal vistas, socialmente, aqui em Vila Real, na década de 70. E, então, estava talhado, Magistério. Fui uma criança feliz, filha única, tive sempre um grande desgosto de não ter irmãos. Poder-se-á dizer que fui sempre uma boa aluna. Era uma menina trabalhadora e no Magistério, apanhei a fase do 25 de Abril e, digamos, muitas ilusões, também algumas desilusões. Mas, efectivamente o Magistério não era aquilo que eu queria. Nunca me identifiquei com o ensino de crianças. Pronto, aconteceu na vida, naquela situação em que a família manda e nós temos de obedecer. O meu pai queria ter uma filha professora, a minha mãe não se manifestava, eu queria ser enfermeira, mas o meu pai não deixou. Eu era uma jovem submissa, nunca tive coragem de me opor ao meu pai, tinha-lhe muito respeito e só queria fazer-lhe a vontade, não o queria desiludir (...) Depois disso, a minha primeira aventura foi ir para a Madeira. Fui colocada numa escola grande em substituição da Diretor que só ficou com o cargo sem a componente lectiva, Escola da Câmara de Lobos. Essa Escola tinha uma parceria com as Anexas do Funchal. Fiz o meu ano normal integrei-me perfeitamente tentei criar dinâmicas, era no tempo em que aos sábados tínhamos reuniões. Entretanto chegou da escola do Magistério um convite para orientar estágio de Pré Escola, de alunos do Magistério. Foi o 1º curso de

educadoras de infância, na Madeira, isto em 1979. A pré escola começou a ser oficial, primeiro na Madeira que aqui no Continente. Convidavam professoras que desejassem orientar estágio. Nessa altura o curso ainda era ministrado em parceria com a Escola João de Deus em Lisboa. Isto implicava reuniões em Lisboa e o pessoal mais velho não estava interessado. As colegas incentivaram-me a aceitar o cargo e à partida em Julho já sabia que tinha emprego a partir de 15 de Setembro. Só abriram a título experimental 4 lugares eu fiquei no Estreito de Câmara de Lobos, por um lado era o emprego garantido por outro tive oportunidade de ter muita formação, tanto no magistério, como em Lisboa. E do nada, e do nada poder-se-á dizer, porque não tinha experiência nenhuma, nem de professora, quanto mais de orientadora, fui orientar estágios para as Anexas do Magistério na Madeira. Foi uma experiência muito enriquecedora, orientar estágios e, efectivamente, gostei, gostei muito. Eu era uma jovem cheia de ilusões e na Madeira ninguém queria ficar como orientadora de estágios porque achavam que, vir a Lisboa, periodicamente, era uma chatice, um aborrecimento. Para mim era um fascínio, primeiro porque estava a aprender, por outro lado era uma forma de vir ao Continente. Gostei (...) Depois, a seguir, estive um ano na Primária, com uma turma muito difícil, crianças de 14 anos que já andavam ao mar. Mas, foi interessante. Integrei-me bem naquele ambiente, naquela sociedade, comecei a perceber que a sociedade da Madeira, não é aquilo que nós aqui ouvimos falar. Havia muita pobreza em Câmara de Lobos, muita, mesmo. Foi uma experiência enriquecedora, o contacto com aquele meio, com aquelas crianças com problemas de exclusão social. Eu, aí, acho que começou a desenhar-se que eu não queria estar no b, a, ba e noutras coisas do ensino primário. Depois, por questões económicas, regresssei ao Continente, porque ser professor na Madeira, naquela altura, em finais de 70 era complicado, não compensava economicamente. Regresssei e fui colocada numa aldeia do concelho de Castro Marim, Azinhal. Eh pá, se calhar, a minha vida mudou, porque uma pessoa que já faleceu, o presidente da Câmara de Castro Marim, o ter falado, portanto, numa reunião da CCRA, no meu nome para coordenadora concelhia de castro Marim. Foi quando começou a educação de adultos no Algarve, ainda estávamos ligados a Beja. Portanto, fomos 4 ou 5 pessoas que iniciaram a educação de adultos no Algarve. Eu era das pessoas mais velhas na educação de adultos, aqui no Algarve (...) Foi assim, um dia, eu estava na escola e pensava que ia ter uma visita do inspector. Apareceu-me uma pessoa que eu gostei muito de conhecer, o Francisco Zambujal. E aí, ele fala-me da educação de adultos,

se eu queria ser destacada. Educação de adultos, o que se podia fazer, o que é se queria que cada professor destacado fizesse, que estava tudo no princípio, que ainda não se sabia como é que iria ser, mas que eram precisas pessoas para trabalhar em educação de adultos. E, como, para mim, o desconhecido fascina-me, aceitei logo, sem saber nada de educação de adultos, sem saber o que ia fazer, sem saber como funcionava, o que era. Foi mesmo, uma aventura. Gostei imenso de fazer educação de adultos, adorei a experiência, olhando aos olhos de hoje, naquele tempo não havia computadores, não havia fotocopiadoras, não havia máquina digital, não havia data show, as estradas eram horríveis e nós andávamos de monte em monte em estradas de terra batida, cheias de buracos. A educação de adultos hoje não tem nada, nada, rigorosamente nada a ver com o que era a educação de adultos naquele tempo. Eu penso que a educação de adultos foi a grande escola de muitos políticos, nossos, que hoje andam aí, nas Câmaras, no parlamento, nas Instituições públicas. Ou temos hoje ou então já estiveram na política, porque aprenderam no contacto com o povo, no contacto com as pessoas. Nisso a educação de adultos foi uma grande escola, aprender a lidar com as pessoas, com grupos de gente dos lugares, das aldeias (...) Quer dizer, tinham passados aqueles dez anos depois do 25 de Abril, de se rasgar estradas, de (...), mas, depois, havia necessidade de se dar mais qualquer coisa às pessoas. Já havia estradas, já haviam fontanários, mas, não tinham mais nada. De cada 10 em 10 Kms havia uma escola, hoje, olhando, há três escolas no concelho de Castro Marim. E, pronto, foi sem dúvida um trabalho muito interessante que nós fizemos, pois nessa escolas, havia crianças de dia e adultos à noite. Tínhamos vários cursos espalhados pelo concelho, hoje não há nada. Na serra não há crianças e os adultos, os idosos, que há, estão entregues à sua sorte, isolados e abandonados. Nós tínhamos os cursos, nós passávamos filmes nas aldeias, nos lugares onde as pessoas não tinham televisão, começamos a fazer excursões, vistas de estudo que, hoje, as Câmaras aproveitaram essa ideia, toda gente faz visitas. Mas, nós não fazíamos as coisas com intuito político como hoje se faz, a nossa única preocupação era o bem-estar das pessoas. Naquele tempo, não tínhamos condições que há hoje, havia cursos que funcionavam à luz do petróleo e as pessoas iam e não faltavam. O andar à escola, a avaliação, quando as pessoas faziam o exame, aquilo era dia de festa. Não havia curso em que não houvesse dias de festa em que não faltava o pão caseiro, o chouriço, o vinho novo, o presunto. Fui, também, a 1ª pessoa do Algarve a ter um curso socioeducativo, de corte e costura, depois houve uma passagem de modelos

num aldeamento turístico. Para mim, isto é que foi educação de adultos. Eu fui crescendo na educação de adultos. Fui percebendo que queria saber mais e continuo dizendo que sei muito pouco de educação de adultos. Aqueles que acham que sabem muito, eh pá! Eu penso que é uma área muito vasta que ninguém sabe tudo. Vamos todos os dias construindo o nosso conhecimento, vamos todos os dias no contacto com as pessoas, aprendendo o que é educação de adultos. Conhecendo as histórias de vida de cada, vamos aprendendo sempre coisas novas. Hoje, nos RVCCs fala-se muito em histórias de vida, mas, as verdadeiras histórias de vida era daquelas pessoas que viviam nas aldeias e que sabiam que não queriam que os filhos ficassem ali. Ajudámos muita gente a partir dali, a deixar o monte, a ir procurar uma vida melhor. Jovens que foram para educadoras, que foram para várias profissões. E é isso que eu acho que é o papel da educação de adultos. Depois, por circunstâncias de política educacional, as coisas foram mudando, chegámos a ser uma Direção geral mas nunca conseguimos, efectivamente, ter um quadro próprio. Isso foi um golpe duro na educação de adultos. Acredito que a criação de um quadro próprio teria tido consequências muito benéficas para educação de adultos e as coisas hoje seriam muito diferentes para melhor. Eu e muitos dos meus colegas que trabalhavam na educação de adultos teriam optado por esse quadro e não teriam voltado à escola. Se, aquelas pessoas que trabalhavam na educação de adultos naquele tempo, tivessem optado por ficar na educação de adultos, acredito que hoje os resultados estariam à vista. Assim, temos andado de mudança em mudança, sempre para pior. Chegou a ANEFA, com grandes intenções, com um pilar muito estável a princípio, mas, depois, também, vacilou, não conseguiu atingir o apogeu que se previa, que deveria ter atingido. Apareceram os RVCCs, depois, nasceram os CNOs, começou-se a banalizar a educação de adultos. Nem toda a gente tem condições para dar educação de adultos, muitos destes técnicos que andam a fazer educação de adultos não estão preparados para isso. Podemos transformar o aluno que foi rebelde, que não conseguiu fazer a escolaridade, porque tem 18 anos, vai estudar à noite, é um adulto, as coisas têm que ser tratadas com muita proximidade e eu acho que hoje voltámos a banalizar a educação de adultos. Sempre senti necessidade de saber mais sobre educação de adultos e naquela altura, em Portugal, só havia um mestrado de educação de adultos na universidade do Minho, eu não tinha condições económicas. Depois, houve uma oportunidade e fui fazer o mestrado de Educação de Adultos da Universidade de Sevilha, aprendi muito e conservo muito do que aprendi. Fiquei

mais desperta para esta área, vou actualizando as minhas leituras. Hoje como é que me sinto, sinto-me frustrada, frustrada mas sempre com muita vontade, porque tenho estado ligada à Associação, uma organização não governamental, uma IPPS (>) (...) Oh pá o que queres que te diga mais?

J- Volta atrás e fala-me da tua infância...

M- Nasci em Castro Marim, na Junqueira, para ser mais exacta. Vivi lá um ano e, depois, vim para Vila Real de Stº António. Da Junqueira não tenho muito dizer, tenho lá uma casa de campo, os meus pais têm lá uma casa, os meus avós são de lá. Só lá vou, assim, de férias ou ao fim de semana, mais nada, mas, é aí que eu tenho as minhas raízes. Tenho um carinho muito especial pela Junqueira, mas nunca vivi lá. Depois conheci na Junqueira uma senhora que nunca tinha andado à escola, a Tia Rita Engrácia, era chamada poeta popular, fazia as suas quadras sem métrica, mas, dizia-as com uma grande vivacidade, dizia-as com muita autenticidade. Sou do tempo em que fazíamos os Encontros de Poetas Populares que reunia poetas do Algarve inteiro e tínhamos autênticas multidões de gente a assistir e hoje já começamos a banalizar os Encontros de Poetas. Há Encontros em excesso, juntam-se meia dúzia de poetas e diz-se que é um Encontro de Poetas. Volto a dizer, a educação de adultos que nós fizemos foi a grande semente para autarquias, para gabinetes de cultura, para associações culturais. Quando estava na educação de adultos eu e mais colegas organizávamos tantas atividades, com poucos recursos e, hoje, vê-se que as pessoas só fazem grandes projetos com muito dinheiro. Nós fazíamos grandes projetos com pouco dinheiro. Aprendemos a fazer coisas sem recursos, sem dinheiro, mas com a boa vontade das pessoas. Hoje, só se fala em derrapagens, pois, para se fazer qualquer coisa no terreno, fazem-se grandes projetos, gasta-se dinheiro à parva e, depois, dizem que estamos em crise. E, estas coisas, muitas vezes, falham porque não se conhece a realidade. Eu guardo uma história muito engraçada uma noite foi a um monte, chamado Tenência, passar um filme e um senhor que lá estava disse-me assim “ Eu venho ver o filme, não é pelo filme, mas uma vez não fui à Junta e era para o recenseamento de burros e eu pensei assim, mas que coisa mais estranha, vou lá à Junta, só para dizer que tenho um burro. Pois é, os que foram receberam um subsídio porque os burros estavam em extinção. Foi por isso que eu vim ver o filme, podia ser que a senhora nos desse qualquer coisa” (risos). Quer dizer, isto são coisas que nós guardamos e hoje, pois hoje, sentimos que a educação de adultos é outra coisa, não é nada daquilo que nós defendíamos. Hoje é números, é estatística e

pronto (...) No outro dia vi um anúncio que dizia, se precisa de fazer o RVCC damos explicações, isto é uma mentira, porque para o RVCC não há explicações, é a partir das vivências das pessoas que compete ao formador validar as competências das pessoas. Pois é um bocadinho triste ver este oportunismo de certa gente a querer ganhar dinheiro à conta das pessoas que querem tirar o RVCC, é triste. É o país que temos, é o país que somos e o que construimos. Agora, uma coisa é certa, guardo grandes amizades do tempo da educação de adultos, continuo a manter contacto com pessoas desse tempo que sentem as mesmas frustrações que eu sinto, porque, afinal, hoje, todos achamos que somos educadores de intervenção, todos achamos que sabemos muito de educação de adultos, mas, estamos a escolarizar a educação de adultos (...)

J- Não queres voltar ao tempo da tua infância?

M- Eu começo a falar e, de repente, estou logo a falar da educação de adultos, ok, eu nasci na Junqueira, fui viver para Vila Real. O meu pai era guarda-fiscal. Quando era pequenina ficava em casa com a minha mãe, nunca andei em jardins-de-infância, acho que naquele tempo não havia em Vila Real. Andei na escola paga, aprendi a ler pelo método de João de Deus, pela cartilha João de Deus, nessa escola paga. Depois fui para a escola primária. Não tenho assim muitas recordações desse tempo. Tive uma infância normal, brincava na rua com outras crianças, brincava à macaca, à china, essas coisas, a roda, pular à corda. Naquele tempo passávamos muito tempo na rua, não havia perigos nenhuns, podíamos brincar à vontade. Havia muitas crianças lá no bairro. Ainda tenho amigos desse tempo, da infância que encontro às vezes. Independentemente do seu estatuto social, ainda continuo a manter contactos com esses amigos do tempo da escola primária (...)

J- O que queres dizer com estatuto social, tu foste a única que estudou?

M- Não, não, antes pelo contrário, se calhar, eu era mais pobre que as outras. Nós vivíamos com o ordenado do meu pai, éramos uma família humilde. A maioria das crianças lá da rua tinham melhores condições económicas do que nós. Havia meninos de bem. Alguns deles tiraram cursos superiores e estão muito bem de vida, mas eu mantenho ainda essas amizades (...) Gostei muito da escola primária. É assim, a minha primeira professora primária foi a professora do meu pai. Era uma senhora já mais velha, baixinha, mas era muito meiga. Então, quando fui para a escola, o meu pai é que foi entregar-me á professora e disse “Está aqui a minha filha, D. Antónia, e eu gostava que lhe ensinasse como me ensinou e se precisar de lhe bater, bata”. Eu,

na escola não tinha jeito nenhum para desenho, só gostava era de contas e de coisas dessas e, entretanto, a D. Antónia passou a dar aulas à 5ª e à 6ª classe e eu fui para a sala da D. Donaciana. Era uma jovem, hoje somos amigas, era uma jovem que tinha acabado o Magistério, solteira, portanto, fiz a escolaridade com ela, com a D. Antónia só estive na 1ª classe. Com a Donaciana fiz a 2ª, 3ª e 4ª classe. Foi giro, foi giro, eu gostei. Depois, ao longo da minha vida, continuo a ter uma grande amizade e respeito por ela, não a consigo tratar por “tu”. Quando nos encontramos, digo “Olha a minha professora”, e ela diz “Não sou tua professora, sou tua colega, estás a chamar-me velha”. Gostei muito dela e gostei da escola, mas eu era muito traquinas, uma vez eu e uma amiga minha que é médica no Hospital de Faro, todos os dias a professora mandava palavras para casa e mandava sempre dez palavras para o ditado, par não darmos erros. Nós achávamos muito e passámos a nove, passaram uns diazinhos e continuámos a achar que eram muitas palavras e, depois, passámos a oito (...) De resto, foi interessante e eu penso que a escola, digamos que era masculino de um lado e feminino do outro (...) A escola era perto da minha casa, eu ia a pé, hoje é a Escola Hoteleira. E, pronto, ainda havia o exame da admissão, ainda havia essas coisas todas, a batinha (sic) branca. Depois fiz exame de admissão à Escola Técnica, Vila Real tinha a Escola e tinha o Colégio Particular. Os meus amigos ricos foram para o Colégio, eu fui para a Escola. A minha grande preocupação foi que, depois, do ciclo preparatório, tinha que se ir para o curso de formação feminina e eu não era nada dotada às artes, não tinha jeito nenhum para trabalhos manuais, aquilo ia ser uma grande frustração. Mas, felizmente, lá veio o Curso Geral do Comércio e eu lá fui, lá fugi, por causa da minha falta de dotes de mãos. Depois do curso Geral do Comércio, fiz o Complementar e fui para o Magistério (...)

J Antes de falares do Magistério, fala-me mais da tua infância

M- Ah, quando era pequena, tinha o meu avô paterno em casa, tinha tido um AVC, estava entrevado, tinha o lado esquerdo todo apanhado, eu é que tratava do meu avô, por isso habituei-me logo muito cedo a servir o próximo. Quando a minha mãe tinha que ir para o campo trabalhar era eu que ficava com o meu avô. A minha mãe ia para a Junqueira, ia de camioneta, tinha lá os seus bocadinhos de terra para ajuda da economia doméstica. Outras vezes ia com o meu pai de motoreta (sic), semeavam batata, tomate, o feijão, essas coisas. Hoje, ainda têm essa horta, ainda continuam a semear, já semeiam menos, mas ainda semeiam. O meu pai foi operado há dois anos ao coração já não pode fazer muitos esforços mas ainda gosta de ir à horta. Hoje, o

meu filho, é engenheiro civil, ele é que vai lavrar, ficou com esse amor à terra. O meu filho vê no avô e na avó os segundos pais. Quando vem de férias gosta de ir à Junqueira e faz esses serviços para o avô, o avô pede-lhe, ele vai. Eu não gosto muito de ir, vou à Junqueira, mas nunca gostei do trabalho de campo, sou mais menina de livros (risos). O Rufino gosta, mas esse tem da herança dele, tem uma herdade grande que está um bocado abandonada. O meu marido era de famílias mais ricas, lá na herdade tinha caseiro, tinha vacas. Os meus pais eram mais pobres. Mas, hoje, é para a horta dos avós que o meu filho gosta mais de ir, temos lá uma vinha, faz vinho para o avô, essas coisas. Ele gosta dessa qualidade de vida, de ir para o campo fazer esses trabalhos (...)

J- Voltando à Escola ?

M- Pois, andei na Escola, no Curso Geral do Comércio. Reprovei no 1º ano, que hoje é o 7º, não gostei, foi a transição do preparatório para o curso geral. Eu era muito boa aluna e aquilo do comércio era muito complicado, era para gente mais madura, e eu era muito miúda, muito novinha, tinha 12 anos, aquilo não me dizia nada. Reprovava-se com 3 negativas, quer dizer, aquilo foi, pronto, e se calhar, eu hoje percebo que naquela altura eu não percebia aquilo, não tinha maturidade para entender aqueles conteúdos. Quer dizer, era muito boa aluna numa série de disciplinas, mas, como tinha três negativas, pronto, não havia planos de recuperação, eh pá, são daquelas coisas, fruto da época. E, pronto, os pais hoje são muito mais abertos, os próprios professores falam com os pais. Os meus pais não me davam nenhum apoio nisto, não eram pessoas de ir falar com os professores ou de me tentarem ajudar nos trabalhos de casa. Havia quem tivesse explicações, eu não tinha, os meus pais não podiam. O meu pai tinha a 4ª classe, agora a minha mãe tinha o 9º ano, o 5º ano antigo, a minha mãe estudou em Faro, era filha de um polícia que se reformou e veio viver para a Junqueira. Foi aí que conheceu o meu pai, Mas, o que é que acontece, hoje, eu interpreto aquilo como uma crise de crescimento. Aquela transição, ver-me com tantas disciplinas, não aguentei. Era boa ao que era boa, mas havia disciplinas que não conseguia perceber. Com três disciplinas reprovei. Quer dizer, era inconcebível que não se fizesse naquele tempo um equilíbrio, um acompanhamento de um aluno, por três disciplinas, tive de repetir. Pronto, mas, são fases que passam (...) Mas gostei desse tempo, hoje, sou grande amiga de um professor desse tempo que, portanto, digamos, naquela altura foi meu professor e hoje mantemos uma amizade, ele é vereador da Câmara. Temos uma relação muito

próxima. Pronto, no fundo ele também era um jovem que tinha saído da Universidade. Quer dizer, toda a gente foi professora após o 25 de Abril. Se calhar, eu também não percebia as coisas, digamos, e, se calhar, os professores, o leque de professores novos que também tive não perceberam que eu não percebia. Foi assim, olha, aconteceu (...)

J- Eras uma jovem adolescente, ser adolescente é ser um “bicho” diferente?

M- É, é, porque nós, pelo facto de ter um militar em casa, era muito duro. O meu pai não me deixava sair, não me deixava fazer nada, a adolescência é uma fase de experiências novas, de fazer disparates, de namoricos. Eu não tenho memória daquele namoradinho, é saudável ter aqueles namoradinhos, eu nunca tive nada disso. Era muito complicado, era só estudar, ir à escola, não tinha aquele grupo de amigas que se juntam e vão aqui e ali, era casa e escola e pouco mais. Quando crescemos deixamos de vir brincar para a rua, se não houver um grupo de amigas, não temos com quem sair. E o meu pai não me deixava sair. Depois a escola era raparigas de um lado, rapazes de outro. Era muito difícil ter um namorico e isso faz bem, uma jovem com 18 anos que não chega a ter um namoro (...) Quer dizer, isso são coisas que, de certo modo, ajudam-nos a reflectir mais tarde. E, se calhar, aí, houve muitas jovens que devem ter sofrido muito. Eu acho que sim, a adolescência é uma faz muito difícil da nossa vida. Eu lembro-me, naquela altura, de uma rapariga que foi apanhada num jardim a namorar e teve que pagar uma multa à polícia. Quer dizer, isto marca uma geração. Por isso é que muitos consultórios psiquiátricos estão cheios de pessoas dessa geração, que hoje estão na casa dos 50, pessoas com crises que não foram resolvidas. Nós temos que passar pelas coisas. Eu não tenho memória dessas coisas, de ter tido um namorado, de ter passado essa fase. Mas, acho que é saudável, as raparigas terem o seu primeiro namorado, terem aquelas paixões que são normais naquelas idades, sair juntos, isso faz bem ao crescimento da pessoa. Naquele tempo era muito complicado e ser rapariga era mais difícil que ser rapaz, porque os pais não davam nenhuma liberdade, tinham sempre medo que acontecesse alguma coisa, ou não queria que se falasse que a filha já namorava e quem era o rapaz, se tinha boas intenções, essas coisas todas (...) Eu não guardo nenhuma memória assim, nada de especial, desse tempo. Nas férias ia para a Junqueira com os meus pais, daí não tenho nenhuma memória desse tempo, sei que não gostava muito de lá ir. Lembro-me das idas à praia, eram aos domingos, a ideia que tenho é que se ia muito cedo e se vinha muito cedo, nada como é hoje, e sempre acompanhada, com

horas marcadas. Na escola também era assim, o que me lembro é que, quando saía da escola, tinha hora marcada para chegar a casa e o meu pai não era para brincadeiras. Se eu chegasse mais tarde e a minha mãe dissesse ao meu pai estava tudo estragado, apanhava logo um castigo em cima. Quando ia a um baile, ia com a minha mãe, mas era raro ir, o baile da Páscoa ou dos Santos Populares, mais nada. Quer dizer, aquilo, depois, ela conseguia integrar-se e ficava com os casacos das raparigas e essas coisas (...) E eu, de certo modo, comecei a gostar de gente mais velha, aliás, eu era jovem adolescente, nos bailes de finalistas, eu dava-me mais com os professores do que com os colegas, sempre naquela perspectiva de protecção, é a ideia que eu tenho. É giro que, passados trinta e tal anos, vim a ser amiga de algumas dessas colegas, desse tempo. Porque eu acho que as pessoas, eh pá, fizeram-se à força mulheres, mas faltou-lhes fazer aquelas asneiras próprias da adolescência. Eu não fiz essas asneiras, o meu pai era muito rígido, muito rigoroso nos horários, mas, hoje, agradeço, porque sou uma pessoa muito rigorosa nos horários (...) Depois aconteceu o 25 de Abril, tinha 17 anos, aí comecei a pensar que tinha de me emancipar, de ser mais livre. O 25 de Abril foi muito importante para mim. A primeira ideia que tenho é que vim da escola, e os meus pais estavam assustadíssimos, ele disse que estava de serviço e ouviu que havia uma revolução, que vinha o comunismo. Eh pá, depois foi aquele movimento, as notícias, o MFA, as atividades associativas aqui em Vila Real, antes não acontecia quase anda, começou a haver imensa coisa. Recordo que comecei a sair mais de casa, o 25 de Abril também serviu para mudar um bocadinho a maneira de pensar do meu pai. Tive as minhas primeiras férias fora de casa, lembro-me das férias que passava com uma prima que era professora. Ela estava a trabalhar na serra. Eu ia com o meu tio que ia visitá-la e ia levar comida, depois ficava lá com ela uns dias. Nesse tempo, as professoras ainda trabalhavam ao sábado, iam em Setembro, quando eram colocadas nas escolas e só vinham nas férias. Então, a ideia que eu tenho é que ia passar férias com a minha prima, quando ela estava em Giões, Pessegueiro, Farelos. Ia com ela aos bailes, outras vezes, fazia lá uns bailaricos com as amigas e os amigos, lembro-me que levava as pilhas para pôr no gira-discos. Aí foi outra fase, já estava não Magistério, aí comecei a sentir o contacto com outras pessoas diferentes. Depois, enquanto estava no Magistério fui animadora do FAOJ e ia fazer colónias de férias. Aí é que comecei a despertar, a sair, a ter outros contactos com outras pessoas. Gostei mais desta fase da minha vida. O Magistério marcou um ponto de viragem na minha vida, de começar a viver mais a vida, de sair mais, ter

mais autonomia. Também, já era mais um pouco mais velha, já não era criança, os meus pais já não me controlavam (...)

J- Fala-me do Magistério, que significado teve para ti?

M- O Magistério foi a possibilidade que tive de tirar um curso. Naquela altura ir para Lisboa estava fora de hipótese, os meus pais não tinham dinheiro para isso. E o Magistério, quer dizer, eu fui para o Magistério porque me disseram que já não era como antigamente, que já não se tinha de fazer Lavoros porque, senão, não tinha ido. Eh pá, o Magistério foi assim um bocadinho accidental, o que é que uma rapariga da classe média baixa poderia ser, ou empregada do correio, ou ir para a Câmara, ou ser professora. Acho que a maior parte das moças de Vila Real, que eram filhas de guardas-fiscais, foram para o Magistério. Eu, vamos lá ver, porque eu, antes de vir para o Magistério de Faro fui para o Magistério de Beja. Eu quando acabei o Complementar concorri a Beja e entrei lá. Tive pena de não ter feito lá o curso, porque gostei muito do ambiente de Beja, mas vim para Faro no final do 1º semestre, já em 1976. Porque é que concorri para Beja? Por ser mais longe, achei que era a minha emancipação. Foi a minha primeira manifestação de rebeldia. Até aí, quase não tinha vivido a vida, era muito controlada pelo meu pai e achei que se fosse para Beja, era mais livre, ficava por minha conta. É como te disse, era a minha emancipação. Tive essa ideia e fui, mas, tornou-se insuportável economicamente, o meu pai, com o ordenado de guarda-fiscal não ganhava o suficiente para me aguentar fora de casa. Por isso tive de pedir transferência para o magistério de Faro. Foi um trauma quando cheguei a Faro, gostava muito mais de Beja, já estava integrada, já tinha lá algumas colegas com quem me dava e gostei muito do ambiente de Beja. Eu vivi o 25 de Novembro de 75 em Beja. Aquilo lá, sentia-se um ambiente de esquerda, sentir o espírito da reforma agrária, gostei muito. Depois, era um meio mais calmo, havia um maior ambiente de camaradagem entre os alunos e com os professores, as pessoas eram muito humildes, lá o agarrar a nota não era um fim, era uma necessidade, eu gostei. Penso que, o facto de ter vindo no final do 1º semestre me prejudicou muito, fui muito prejudicada, isso também dificultou a minha integração. Eu também vim para Faro muito contrariada, a escolha não foi minha, foi o meu pai que me obrigou. Em Beja eu vivia sozinha, era a tal emancipação e quando vim para Faro, voltei à casa dos meus pais, voltei a viver com eles, ia e vinha para Faro, todos os dias, perdia liberdade que tinha em Beja. Se tivesse possibilidades tinha continuado em Beja, mas as circunstâncias da vida não permitiram que continuasse

em Beja. Ainda disse ao meu pai que não havia vaga em Faro, que tinha de continuar em Beja, mas, ele próprio veio a Faro saber se havia possibilidade de transferência e quando lhe disseram que sim, tive mesmo de mudar (...) Pronto, eu acho que até o próprio Magistério foi a instituição que, depois do 25 Abril, levou um grande abanão, foram aqueles professores que estavam exilados no estrangeiro e quer dizer, e mais, acho que tivemos um grande ministro da educação que foi o passar o curso para três anos. Era a Dialéctica da História, era, quer dizer, eu guardo com muito carinho a lembrança do professor Calvário, de Educação Visual que eu disse-lhe “Eu vou desistir do Magistério, porque eu não sei fazer nada, não tenho jeito nenhum para fazer desenhos”. Quando ele pediu para fazermos o auto-retrato, eu disse “ Eu não sou capaz de fazer isso, eu vou desistir”. Pronto, depois, a imagem que eu tenho dele é de artista, um homem muito grande, sempre de preto, barbas e umas mãos muito finas. Mas era um homem com muita ternura, muito amigo que nos dizia palavras bonitas para nos encorajar, ele foi como um psicólogo, ele ouviu-me e disse “ Não, não vai desistir, vai fazer como sabe, mas há outros trabalhos de avaliação, não é só o auto retrato que conta, não se preocupe”. Pronto, foi assim que eu não desisti. Eu não sei fazer um traço direito, com o lápis na mão sou uma desgraça. Mas sei criticar, tenho sensibilidade para ver. Depois, no primeiro ano de Magistério tive outra particularidade, fui companheira de comboio do Jacinto Palma Dias. Foi o nosso professor de Português e de Literatura Infantil no 1º ano. Era muito doido, tinha aquele estilo esgrouviado. Eh pá, para mim, as notas que ele me deu, não foram como aluna, mas, como companheira de comboio. Foi muito giro, é engraçado porque acho que ele me avaliava pelas nossas conversas no comboio, nas aulas não, porque eu nas aulas, praticamente não falava. Eu não participava nas aulas. Era muito inibida. Mas, foi uma pessoa que me marcou muito. Lembro-me de uma frase que ele me dizia “ Nunca usei um colarinho com gravata porque fico com a sensação que me vai cortar o pescoço”. Foi engraçado, ele dizia-me assim “ Já viu a cor dos seus olhos? Têm cor de gato” Quer dizer, houve coisas que ele descobriu em mim e, pronto, foi uma pessoa que marcou-me positivamente (...) Eu acho que, perante, depois, era assim, a minha turma era malta mais velha, em relação a mim, havia alguns que já tinham feito a tropa, eu era um bocado miúda, tinha 17 anos, efectivamente, pronto, eram aqueles anos quentes depois do 25 de Abril, havia gente do MRPP, da UDP, AOC, PCP-ML, quer dizer, era uma altura em que as pessoas levavam tudo para a política. Eu, nessa altura era muito ingénua, muito inibida, tive

dificuldade de me integrar, de ser aceite por alguns grupos. Portanto, aí é que eu comecei a crescer, tive que crescer. Nisso o Magistério foi muito importante para mim. Mas, foi difícil para mim, porque eu, muitas vezes, era abafada, não às avaliações, sim aos debates, não aos testes, sim aos trabalhos de grupo (...) Lembro-me do professor de Movimento e Drama, Dr. Louro, eh pá, formidável, depois, mais tarde, já na minha vida profissional, quando estava na Coordenação de Vila Real, com a parceria da Câmara, convidei-o, convidámos, a ele e ao Carlos Brito de Alcoutim, para a comemoração dos trinta anos do 25 de Abril e foi excepcional. Foi uma comemoração à grande, com vários oradores, pessoas que passaram pela política, Odete Santos, por exemplo, que foi uma pessoa com quem eu tive a sorte de ter conhecido neste meu percurso e, efectivamente, gostei, pronto. A pessoa gradualmente vai conhecendo pessoas (...)

J- No Magistério, para além do contacto com esses professores, o que é que recordas melhor?

M- Eh pá, não gostei nada da competição das notas. Isso estragou muito o ambiente entre todos. Havia aquela média de curso, se uns tinham 14 outros tinham que ter 13, eh pá, isso foi muito mau. Os que tinham mais conversa, quem tinha mais lábias é que safava. Depois havia os grupos, aqueles que dominavam, eram duma cor política, se não fossemos dessa cor, estávamos mal, éramos marginalizados. Eu era muito jovem, não estava preparada para entra naquelas nessas lutas e fui prejudicada. Esses foram os momentos mais negativos. A competição das notas, pronto, aquilo, continuo a achar que era muito imatura, porque desconhecia muita coisa da vida, para mim havia uma espécie de muro de Berlim, de um lado gente mais velha mais sabida e do outro, aqueles, como eu, que eram mais jovens e menos preparados para aquelas conversas, parar aquelas discussões. Era tudo levado para a política e eu de política não sabia nada. Aquele Magistério foi muito politizado e eu não tinha defesas, digamos, para discutir taco a taco, tinha mais potencialidades, merecia sair com outra nota melhor do que aquela com que saí, mas, pronto, foi o que foi, é a vida e temos que aceitá-la (...) Do tempo do Magistério não tenho assim muitas recordações boas, porque não me dava com muita gente, nunca fui a almoços, nunca fiz muitos amigos. Convidaram-me para ir aos 25 anos do Curso, eu não fui, estava em Itália, num projeto comunitário. Não fiz assim grandes amizades, o facto de andar no comboio, de ir e vir, também me limitou muito. Eu saía da casa às 6 h da manhã para apanhar o comboio, ia para o Magistério, mal acabavam as aulas, voltava para

casa. Isso limitou, não ajudou a que tivesse uma melhor integração, não tive muito tempo para isso, para fazer amigos. Desse tempo, amigos, se calhar, tenho o joca (risos). Mas era assim, eu não alinhava nas saídas, não ia a lado nenhum, era magistério, comboio, casa. Tinha os grupos de trabalho e mais nada, aproveitávamos os intervalos das aulas para fazer os trabalhos, nem saíamos da Escola. Daquele tempo, não deu para fazer amigos. Uma pessoa daquele tempo que me marcou e depois por circunstâncias da vida, nos voltámos a encontrar foi a prof^a Margarida Fernandes que, infelizmente, já faleceu. É como te dizia atrás, tinha mais facilidade em criar mais laços com os professores do que com os colegas. A Prof. Margarida marcou-me, primeiro como professora no Magistério e depois foi a minha orientadora da Tese de Mestrado. Eu estava a meio da Tese quando ela morreu. Guardo esta recordação de uma forma muito especial, encontrei-a numa 4^a feira, tive uma reunião com ela na universidade, deu-me orientações e depois disse-me “Este fim-de-semana vou a Braga ver os meus netos” Não chegou a ver os netos morreu na viagem, isto afectou-me muito, ainda pensei em desistir de fazer a tese. Tinha muitos meses de trabalho com ela, dediquei-lhe a tese. Foi muito, muito complicado, mas depois, o Diretor do curso, o Prof. Emílio compreendeu a situação e considerou que deveria ser ele a continuar com a orientação. Ele achou que eu não devia ser prejudicada. Ele aceitou a orientação, depois houve uns desvios, a tese não foi, propriamente, o que estava previsto. Mas pronto, consegui acabar e discuti-lo. Este mestrado foi muito importante para mim, foi a minha realização pessoal, em termos de conhecimentos, em termos de descoberta. Acho que faltava-me isso. Uma coisa é fazer como autodidata, pelo dia-a-dia, pela experiência e mesmo o lugar que ocupo hoje como vice-provedora da Santa Casa da Misericórdia, isto deu-me um certo jogo de cintura (...)

J- Depois de concluíres o curso foste para a Madeira?

M- Sim, fui, não tive outra opção. Quando acabei o Magistério, no ano seguinte não trabalhei, quer dizer, trabalhei noutras coisas para ganhar algum dinheiro, fui vítima de ser muito nova, ponto número um, na colocação, fiquei atrás dos retornados, havia um quadro de retornados que passavam à frente de toda a gente, pronto, fiz outras coisas na sociedade civil, estive numa cooperativa de leite, estive (...). Pronto, naquele primeiro ano não fui colocada, no segundo ano, concorri para a Madeira porque realmente percebi que, pronto, as pessoas estavam à minha frente e, depois, ainda mais, senti revolta, o facto de nascer a 28 de Dezembro, quer dizer, houve

peças que foram colocadas, por causa da questão da idade. Portanto, peças do meu ano, com a mesma nota que eu, foram colocadas primeiro que eu, porque eu nasci em Dezembro e a lista parou nas que tinham nascido até Outubro. Quer dizer, estas coisas marcam uma pessoa, quando as pessoas não tinham tempo de serviço, eram escalonadas pela idade (...)

J- Com foi esta tua experiência de professora do ensino primário?

M- Eh pá, (risos) eu, no 1º ciclo, estive só três anos e não gostei. Vi que ser professora primária não era a minha vocação. Não tenho muito jeito para isso. Gosto mais de trabalhar com pessoas adultas. Se agora tivesse que voltar, eu voltava, não tinha outro remédio, mas, enquanto puder, vou continuar a fazer alfabetização e a fazer o que faço agora. Estou há muito tempo desligada do 1º ciclo. Mas, acho que tenho maturidade para encaixar (>), hoje, se tiver que voltar, vou encarar o 1º ciclo de outra maneira. Não faço disso um caso de vida ou de morte. Acho que o mestrado deu-me maturidade para desenvolver o método global com os miúdos, o método das 28 palavras, quer dizer, naquela altura só havia o analítico que não me dizia nada. Hoje penso que se tiver de voltar, pronto, nunca se sabe, estou numa situação, dentro do agrupamento, tenho outras funções, mas pertencço ao quadro do 1º ciclo. É que eu tenho este grave problema e, nomeadamente vou agora ser avaliada por uma professora do 1º ciclo, com menos formação e menos anos de serviço que eu. Tenho estado ligada a PIEFs, a EFAs, a alfabetização, quer dizer, no fundo, penso que, o órgão de gestão, houve um casamento feliz entre mim e o órgão de gestão, quando voltei à escola. Eles perceberam que se calhar iriam ter uma chatice comigo na Primária e eu, pois, (...) fizeram-me uma proposta, eu aceitei. SE calhar sou uma mais-valia para a Escola, estou ligada ao Gabinete da Família, qualquer assunto ligado com a comunidade cigana sou eu que trato a maior parte desses assuntos, é importante haver alguém com essas responsabilidades e para fazer isso aprende-se, volto a dizer, vou beber ao que aprendi na educação de adultos. Eu era quem tratava do RSI, rendimento social de inserção que era uma lei muito avançadíssima mas que depois na prática (...), não é fácil ensinar pessoas, que sempre comeram, sempre viveram ao ar livre, a estar numa sala. Há exceções, mas não é fácil, até para os nossos colegas, quer dizer, eu fui, muitas vezes, confrontada “Podes vir à minha sala o teu cigano vem cheirando mal”. Quer dizer, uma vez, fui confrontada com esta situação e cheguei, quer dizer o moço cheirava mal, pronto, o tal estigma ainda continua, e eu sentei-me ao pé do moço e disse “Estás tão bonito, tens uma letra tão

bonita”. Pronto, quis valorizar, voltamos ao princípio, é preciso dar formação aos nossos colegas, é preciso estarmos noutra, mas o próprio modelo de avaliação (...) Agora vou ser avaliada pela coordenadora de estabelecimento, entrego o meu portfolio e ela avalia-me, não fiz aulas assistidas nem nada. Entrego o portfolio e pronto, digamos que sou avaliada pelo trabalho que faço com as duas turmas de alfabetização. Tenho 2 turmas, tenho um curso EFA, que era mediadora, pronto (...)

J- Queres voltar ao 1º ciclo?

M- Eh pá, pois, eu acho que não fui tão negativa assim. Quando vim da Madeira, estive lá dois anos, fui colocada no Azinhal. Estive lá, também, dois anos. No Azinhal ensinei os moços a cortar as unhas, à 2ª feira via-se que tinham as unhas cortadas. Pronto, quer dizer, eu tenho consciência da minha actuação, não fui tão negativa como (...), pronto comprei uma bola para os moços jogarem à bola (há...), quer dizer, tentava fazer coisas diferentes. Eu guardo uma estória muito engraçada de cortara franjas aos moços na escola e um dia me apareceu uma senhora que ia a um casamento e pediu-me para cortar o cabelo aos filhos (risos), isto foi no Azinhal. Pronto, tinha a noção que queria abrir, queria rasgar caminhos na comunidade, ia ler histórias para debaixo de uma árvore, já sentia que não queria estar fechada numa sala de aulas, não queria. Mas, nunca tive nenhum problema nem coma inspecção nem com nada disso, mas, efectivamente, não me via dentro das quatro paredes, metia-me um bocado de confusão. Depois tive a felicidade de ir para a educação de adultos. Ter outros contactos, outros mundos (...)

J- Marília, entretanto, tu casaste?

-Eh pá, tu tens que me dar uma cópia disto, Está muito giro, este portfolio (...). Eh pá, é assim, o meu casamento, eu casei, já era uma menina com 28 anos. Nunca tinha tido um namorado. Namorei o Rufino e casei com ele (...) Foi assim, o meu casamento acabou por ser uma consequência da minha vida profissional (...). Eu conhecia o Rufino, mas, era uma pessoa que “não me dizia nada” e, provavelmente, eu, também, “não lhe dizia nada”, ele trabalhava em Castro Marim, cruzávamo-nos, mas era uma pessoa que nunca “me disse nada”. Entretanto, tenho essa recordação, a Escola do Azinhal tinha aquelas carteiras tradicionais e, então, comecei a chatear o presidente da Câmara, que era preciso mesas e cadeiras, quer dizer, a minha cabeça começou a criar que queria outra escola. Nessa altura eu pertencia ao Movimento da Escola Moderna, ao MEM, e, entretanto, como o senhor presidente da Câmara não dava resposta às cartas, um dia resolvi ir à Assembleia Municipal. Então, encontro o

senhor Rufino que era o presidente da Assembleia Municipal. Foi, assim, uma coisa que aconteceu. Não foi amor à primeira vista, nem nada dessas coisas, não houve aquela paixão, nada disso, eh pá, pronto, aconteceu. A partir daí começamos a falar, depois eu fui para coordenação concelhia que era ali mesmo ao pé das Finanças onde ele trabalhava. Foi assim. Eh pá, é uma pessoa a quem eu devo muito, porque me respeitou sempre, por aquilo que eu sou, como sou, nunca interferiu no meu trabalho, sempre me apoiou. Eu, também, sempre o respeitei, nunca me meti na vida dele, ele foi árbitro de futebol muito tempo, foi árbitro de 1ª divisão, não era uma pessoa muito presente, mas, pronto, sempre nos entendemos. Houve, sempre, de ambas as partes, uma ligação à comunidade, ele era Diretor do rancho folclórico de Castro Marim, naquela altura e eu na educação de adultos, de vez em quando, convidava o rancho para as nossas atividades. No fundo, o nosso ponto de encontro foi a minha atividade profissional, no trabalho com a comunidade, onde ele lá estava. Quer dizer, o namoro surgiu daí, não foi assim (...). Casei na igreja de Castro Marim, somos os dois do concelho, eu nasci na Junqueira e ele é do Rio Seco. Pronto, casei, já sou casada há 26 anos, tenho dois filhos, um rapaz com 24 anos e ela tem 20. Ele é engenheiro civil, já está a trabalhar, e ela está em Enfermagem em Coimbra (...)

J- Tinhas muitos planos, quando casaste?

M- Eh pá, planos, eu sou uma pessoa que sempre defini os meus objectivos, era coordenadora concelhia, ele estava nas finanças, tínhamos uma vida estável, fomos viver juntos, mas continuamos a fazer o que fazíamos. Eu tinha as saídas nocturnas, quando ia visitar os cursos, ele nunca me criou qualquer problema, ele, também, era árbitro de futebol, saía bastante, ia treinar quase todas noites. Cada um fazia a sua vida. Foi assim, depois, vieram os filhos, os filhos cresceram e nós fomos fazendo a nossa vida. Aqui a minha mãe teve um papel muito importante, porque foi ela que ajudou a criar os meus filhos. A minha mãe e o meu pai, os dois, foram eles que me ajudaram muito, tudo o que sou, devo a eles. Foram o pilar da minha vida, levar ao infantário, levar à escola, ir buscá-los, dar-lhes almoço, jantar. Tantas vezes, os meus filhos ficaram a dormir na casa dos avós. Quando eu ia a formações, quando tinha as saídas nocturnas, eram os meus pais que ficavam com eles. Uma história curiosa, a minha filha tem carta há pouco tempo e vai para todo o lado, na sexta-feira quis ir fazer comparas a Faro e convidou o avô, com 75 anos, para ir com ela. Então o avô, babado com a sua menina lá foi. Então, é assim, os meus filhos têm uma relação muito forte com os meus pais, dão-se muito bem, acho que sou mais feliz do que

mereço (...). Temos sido uns pais abertos, por exemplo, ficamos amigos dos amigos do meu filho, porque, um dia que os recebi em casa, o meu marido disse “ Cuidado com o álcool na semana académica e não se esqueçam do preservativo”. Quer dizer os amigos do José Rufino acharam aquilo o máximo, acharam que ele tinha uns pais, assim, muitos modernos, muito abertos (...)

J- Falando um pouco mais da tua vida profissional. Uma professora primária que vai para a educação de adultos. Achas que um professor primário dá um bom educador de adultos?

M- É assim, eu como nunca me identifiquei como professora primária, penso que não tinha vícios. Tirei o curso do magistério, mas, felizmente só estive 4 anos no 1º ciclo. Eu sou uma educadora de adultos. Em relação a ser professora primária e dar alfabetização, eu sempre fui muito crítica contra aqueles que utilizam os mesmos materiais com as crianças e com os adultos. Eu nunca estive nesta situação porque quando fui para a educação de adultos, fui destacada, deixei o ensino primário. Agora em relação aos materiais, sempre defendi que os materiais tinham de ser adequados. Enquanto coordenadora, tive algumas chatices com algumas colegas que levavam as fichas do dia para a noite, as pessoas são diferentes, completamente diferentes. Portanto, como eu não tinha vícios, só tive 3 anos de experiência no 1º ciclo, e como era um bocado crítica acabei por ser, eh pá, um bocadinho diferente dos outros professores (...) Eu depois, também, fiz outra formação, fiz uma licenciatura em administração escolar, ainda estava na educação de adultos. Porquê? Eh pá, comecei a perceber as mudanças estruturais no ensino, que as coisas estavam a mudar, como mudaram, acabou o projeto do nordeste algarvio, a coordenação distrital, as concelhias também iam acabar. Era aquela instabilidade, a educação de adultos acaba, não acaba, e eu tinha de pensar na minha vida, não me estava a ver voltar para o ensino primário. Depois, como era bacharel, achei que queria fazer qualquer coisa que me desse outra saída. Tirei um CESE, curso de estudos superiores especializados em Administração Escolar, foi para aí em 1995, no Instituto Superior de Educação e Trabalho, era em Loulé. Aprendi muito, aprendi políticas educativas, psicologia das organizações. Quer dizer, eu aí, começou-se a desenhar que eu tinha mais tendência para a gestão e organização. Mas eu já fazia isso como coordenadora concelhia. E, pronto, juntei o útil ao agradável, nomeadamente, tive oportunidade de criar um espaço de educação para adultos, cheguei a ter 50 professores a trabalhar comigo. É muita gente. Eh pá, pronto, mas, quer dizer, nunca resolvi o meu problema

peçoal (...) Continuo numa situação um bocado indefinida, em 2006, deixei a Câmara, vim para a Escola, tenho os cursos de alfabetização, estou no Gabinete. Eh pá, agora estou a ter uma experiência, estou a dar apoio a 5 meninos do 7º, 8º, 9º ano, eu não sei como é que chegaram a estas circunstâncias. Estou a dar-lhes apoio na área da alfabetização, ou seja, é um apoio na área da linguagem e comunicação, mas, quer dizer, é o básico para as pessoas perceberem a essência, porque há muitos que foram passando e coitados, ouvir isto e ouvir aquilo, que eles quase que não conhecem os sons, é complicado (...) Eu tive uma aluna, uma senhora que ficou viúva, eu acho que a educação de adultos também teve essa componente de terapia da morte, de fazer o luto, eu tive uma senhora há 2 anos que apareceu-me, quando ficou viúva, a senhora aprendeu a ler. Foi ontem o funeral. Eu fui ao funeral e fiz a leitura, quer dizer, senti a senhora muito próxima de mim e eu tive o cuidado de telefonar às outras alunas. Quer dizer, as pessoas, o confiar, quer dizer, elas têm mais para nos ensinar que nós temos para ensinar, porque é isso que as pessoas não percebem, nós devemos ter um tema de vida, mas agora não posso estar preocupada com isto, com aquilo ou com o outro, porque se a pessoa viveu uma situação hoje eu não posso querer impingir um produto que não tenha a ver com o interesse das pessoas. Porque a escola não está valorizada, um professor, ganha menos que certas pessoas, apesar da crise, que todos nós sabemos, há uma economia paralela. Agora eu acho que relação educador-educando é uma paixão e sem paixão não há amor e sem amor não há nada, pronto (...) Aqui na Escola acabei por ser bem aproveitada, se calhar somos os dois felizes. Eu gosto do que faço, não meço as horas, não é? E pronto (...)

J- Estás feliz com o trabalho que desenvolves?

M- Sim, quer dizer, é assim, tenho uma relação de negociação, por exemplo, para mim, eu acho, aliás tenho dito isto no RSI, não se pode mandar uma pessoa para a Escola só porque tem de ir para a Escola. Tem que se desenvolver competências, a pessoa tem de sentir necessidade de aprender, se a pessoa não sentir necessidade de aprender e ir à Escola é muito complicado. Eu na 6ª feira, por exemplo, tive um casal de ciganos, os miúdos estão a frequentar o infantário em Monte Gordo, um tem 5 anos e o outro 3, e eu convenci-os a tomarem banho, a arranjarem-se, para ir à festa do Dia do Pai. Portanto, para mim, eram mais importante irem à festa do Dia do Pai que irem à Escola. É essas coisas que nós temos de saber. Efectivamente, o Ministério não se compadece com estas coisas “ Não certificastes muita gente”, mas

nós temos que ter um bocadinho (...). Neste momento também, estou a viver uma grande paixão que é ser avaliadora externa (...) É uma paixão muito grande, gosto de tudo o que faço, vim encontrar alunos meus, do meu percurso de educação de adultos em Castro Marim, que, agora, fizeram o 9º ano nos RVCC. Pronto, tenho prazer no que faço e como faço. As histórias de vida, o portfolio são instrumentos importantes. Eu nunca faço uma apreciação a seco. As minhas apreciações são baseadas no que as pessoas dizem, quando uma pessoa escreve “até logo” eu tenho a certeza que a pessoa quer estudar. Encontrei histórias de vida muito interessantes, pessoas que sentiram necessidade de escrever. Eu acho que estamos a banalizar os Centros, precisamos de atingir metas e isso preocupa-me um bocadinho. E, depois, neste momento, saiu um decreto ou uma lei, não sei precisar, que todo o indivíduo que esteja inscrito nos centros de emprego, que não tenham a escolaridade, vão ter que ir para as Novas Oportunidades. E, neste momento o que é que está acontecer, pessoas que devido ao problema da majoração das horas, neste momento, a partir de 1 de Janeiro, os professores, só são consideradas horas nocturnas a partir das 22 h, e, então, seja de Inglês, seja de Matemática, há falta de horas, sobra horas, vai dar alfabetização. Aos professores foi lhes atribuído um horário nocturno em que era considerado a partir das 20 h, agora ar passou a ser a partir das 22 h, há 2 h de diferença que têm de completar. Foi preciso refazer horários e os professores completam os horários tiveram que ir fazer tarefas, coisas que estavam disponíveis na escola, é complicado, para uma pessoa que nunca fez alfabetização, que é de matemática, é uma coisa muito estranha. Continuamos um país, que já estivemos muito à frente em educação de adultos e agora é assim, achamos que toda a gente deve ir fazer o 12º ano, vamos perder qualidade por causa da quantidade (...) Eh pá, já falei muito, o que é que queres saber mais (...)

J- No teu percurso profissional, qual ou quais os momentos que mais valorizas?

M- Eh pá, isso é muito difícil de responder, mas lembro-me do desfile de moda na praia verde, do curso de corte e costura de Monte Francisco, ter criado a UTL de Vila Real, não era uma universidade para velhos, mas, um centro para toda a gente, que nós não sabemos tudo, foi mudar o paradigma do que era a alfabetização, porque criámos aqueles cursos todos de alfabetização, os encontros de poetas, as festas. Acho que as melhores recordações são do tempo em que estive na coordenação concelhia. Esse foi o melhor tempo (...)

J- Na educação de adultos tiveste uma larga experiência de trabalhar em parceria

com as Câmaras...

M- Pois tive, primeiro foi em Castro Marim, quando estive na coordenação concelhia, se não fosse a Câmara não teria sido possível fazer o que fizemos, colaboraram sempre connosco. E aqui em Vila Real, também, tive muito apoio da Câmara. Foi assim, as Câmaras apoiaram a educação de adultos e aproveitaram-se, em termos políticos. De certa maneira, servimos os interesses das câmaras e ajudámos a eleger presidentes. Sabes que estamos fortemente politizados, as câmaras, quer dizer, após o 25 de Abril havia umas metas e hoje é diferente (...) Como é que hei-de dizer, compra-se tudo, antes era tudo muito artesanal, as coisas eram feitas coma prata da casa e hoje são os grandes projetos, convida-se este e aquele, vem o não sei quantos e isto perdeu-se o genuíno. Pronto, isto é a perspectiva que eu tenho. As câmaras, quer dizer, foram importantes no trabalho com as pessoas, ajudaram a abrir horizontes, apoiaram as visitas de estudo, os cursos, essas coisas todas, e hoje, as câmaras banalizam as excursões, é assim, um bocadinho, pronto (>) é tudo muito político, eu também já fui política. Quer dizer, todos nós somos políticos nas nossas vidas, nas nossas actuações. Assumo que fui militante do partido socialista. Fiquei desiludida e há cerca de dez anos deixei de ser militante, por uma razão muito simples, ser militante obrigava-me a uma disciplina de voto e eu pertencia à Assembleia Municipal de Vila Real e havia coisas que eu achava positivas, mas havia outras que não concordava. Não me interessa se certas coisas vêm da esquerda ou da direita, o que interessa é o bem-estar. Isto é uma frustração e eu que achava que acreditava na justiça social, no partido socialista, hoje sou uma frustrada na vida em relação à política. Estou muito desiludida com tudo isto, com as pessoas, com os partidos. Depois de uma parte da minha vida dedicada à política, saí completamente. Não quero saber, mas, acredito nos independentes (...)

Hoje estou ligada a uma Misericórdia, política não quero mais porque senti no pêlo, senti (>) isto são meios muito pequenos, são meios muito politizados, ver o meu nome escrito em paredes, porque “Murta compra votos”, “Marília compra votos”. Nunca me vendi a ninguém, nunca me vendi por votos, nem por cargos políticos. Fui associada ao Murta nas eleições para a Câmara, nas coisas que se disseram dele. Depois, ele perdeu as eleições. Foi uma vergonha as coisas que se disseram. Foi um trauma para a minha vida, traumatizou-me e há uma coisa que é importante, traumatizou-me, não enquanto Marília, mas traumatizou-me enquanto filha do meu pai e mãe dos meus filhos. Ver o meu nome escrito nas paredes, com coisas horríveis

(...) Não basta ser mulher de César, temos que (...) pronto, isso marcou-me muito. Eu estava ligada à educação de adultos, trabalhava muito em parceria com a Câmara, era candidata à Assembleia Municipal, pronto, foram umas eleições muito renhidas. Houve uma campanha suja, porque, eu acho que temos maus políticos. Porque vai para a política qualquer um com interesses e eu, pronto, não me revejo nisso. Eu no trabalho que faço, na Misericórdia tenho contacto com o poder político, tenho necessidade disso, preciso da Câmara, agora, vida política nunca mais (...)

J- E o teu marido?

M- Ele também se afastou da política. Também era militante do PS, era da Assembleia Municipal de Castro Marim, foi presidente, também deixou a política. Ainda foi candidato a vereador à Câmara de Castro Marim. Depois, afastou-se completamente da política e deixou de ser filiado do PS. Fomos os dois, ficámos muito desencantados com o Partido e com a política. E, hoje, não acredito nos políticos, porque, continua-se a gastar mal o nosso dinheiro, é o dinheiro de todos nós (...)

J- És vice-provedora da Stª Casa da Misericórdia, quer falar dessa experiência?

M- Eu pertencia a uma Mesa, chama-se Mesa Administrativa, é um corpo directivo da Stª Casa. Quando estava na Câmara, na coordenação concelhia, convidaram-me para ser Vogal e eu aceitei. Depois passei para a Mesa e, pronto, agora, sou vice-provedora, estou ligada a um projeto com uma pessoa espetacular, uma pessoa reformada, com 77 anos, era coronel, com uma visão (...), também sobre o trabalho comunitário muito importante. Mas, sabes, o Provedor tem um grande carinho por mim (...) Mas é uma Casa muito difícil, tem mais de 250 funcionários, com muitas valências (...). Eu só estou ligada à parte infantil, estou ligada aos infantários, faço aquela parte da supervisão. No outro dia um senhor disse que queria falar comigo, perguntou se podia marcar com a minha secretária, eu disse, não pode marcar comigo, não tenho secretária. Há sempre assuntos em que vêm falar comigo, para fazer pedidos quando querem meter as crianças no infantário, mas, é complicado, estamos cheios e há sempre listas de espera (...) Também colaboro se for preciso noutros projetos, agora temos o projeto da EDP para poupar energia. Mas, é muito complicado. Na Mesa só há três pessoas que trabalhamos, de resto são pessoas reformadas. Gosto muito de aqui estar, eh pá, isto é como sentir o pulsar da educação de adultos, nalgumas coisas, é parecido com o que fazíamos na educação de adultos (...) É assim, é importante que as pessoas percebam que nós, na Mesa Administrativa,

corpos directivos, não ganhamos nada, temos uma responsabilidade muito grande em cima, qualquer projeto, qualquer compra, qualquer venda, o nosso registo criminal tem que ser apresentado. É muito (...), por isso eu, hoje, percebo a crise do associativismo. Porque as pessoas vão para as associações, vão para os clubes, não sei se é para se servir, mas é para se projectarem e é assim, é muito difícil uma Casa que tem valências da Infância, da 3ª Idade. Depois, os salários, somos nós que os pagamos de acordo com a tabela salarial, o que é muito complicado, dá muitas dores de cabeça. No outro dia tivemos uma reunião com uma holandesa, já no ano passado deu-nos dinheiro para o Lar, comprámos mesas-de-cabeceira e uns cadeirões. Agora, tenho uma casa que nos deu tecidos para fazer cortinados (...). Isto é assim, mas, é giro. Eu preciso disto, estar só a Escola não me realizava, preciso ter os dias todos ocupados e isto é um tempo livre que não é tempo livre. Isto é uma ocupação que faço fora do meu trabalho de professora e que gosto de fazer, do papel que tenho aqui. Eu não era capaz de estar só na Escola (...) As Escolas têm mau ambiente, qualquer dia vai tudo para o psiquiatra, os departamentos funcionam todos muito isolados, eu e a Luísa somos as mais velhas, mas aquilo (...).

J- Tiraste o curso do Magistério mas não te identificas com o ensino primário, se pudesses voltar atrás, terias feito as mesmas coisas?

M- Não, acho que não. Quando era nova queria ser Enfermeira. O meu pai disse logo que não, dizia que as enfermeiras tinham mau nome, que se deitavam com os médicos. Acho que era desculpa para eu não querer porque tinha que ir para Lisboa, cá ainda não havia esse curso e ele não tinha possibilidades. Olha agora a neta está a estudar enfermagem em Coimbra, agora já não diz isso. Pois, fui para o Magistério, não me identifico, nem me sinto professora primária, então, também, só dei três anos de aulas, depois, foi sempre educação de adultos, mas, não, não gosto do trabalho com crianças, com adultos, isso sim. Hoje se fosse jovem o que eu gostaria, era de tirar um curso de assistente social, de educador social, quer dizer, dentro da área do trabalho comunitário, da área social. Isso é que eu gostava, porque é o que eu gosto de fazer. Pronto, a vida não volta para trás e temos que nos valorizar (...) Não estou preocupada, não penso na reforma, é assim, face à conjuntura social, económica e estrutural, eh pá, não sei quando é que vem a minha reforma. Não gostava de ser ridícula, de me sentir ridícula, ficar esquecida das coisas, não fazer um trabalho capaz. Gostava de continuar na Escola até que eu tivesse alguma lucidez. Pois, enquanto, tiver filhos que precisem do meu apoio económico, não posso tomar uma

decisão premeditada (...) Se eu tiver sorte ainda vou para um projeto, o Mário Alpiarça, aquele do ciclismo, convidou-me, disse-me, no outro dia, que ia haver um curso CEF para jovens e eu disse” Eh pá, eu não perco anda, vocês já me conhecem, sabem o que é que eu sou, o que é que eu faço”. Porque eu acho que vai haver um professor sempre a acompanhá-lo para o ajudar nas tarefas. Eh pá, eu estou receptiva a tudo porque a alfabetização na Escola terminou, um decreto de Outubro que diz que agora vai tudo para as Novas Oportunidades. Isto, está bonito, agora, há um gajo em Olhão que faz portfolios, isto é um escândalo (...) Olha, eu cá não sei o que vai ser da minha vida, deixa lá ver o que é que isto vai dar, se me reformasse em 2013, como estava previsto, ia escrever um livro sobre as minhas memórias. Eu já tinha aí uma proposta, através da Gulbenkian, candidatei-me a uma bolsa para escrever um livro sobre a minha experiência de vida. É uma coisa que gostava muito de fazer. Tenho tanta coisa para contar, mas, se sair daqui a doze anos, olha, vou-me dedicar aos bordados (risos), nós temos que aceitar (...) Projetos para o futuro? Quero construir um lar, assusta-me um bocadinho a 3ª idade e combato muito o depósito dos filhos, quer dizer a história repete-se, tenho lido umas coisas, nomeadamente, do que fazem nalguns países sobre como é que se trata os idosos e, como é que hei-de dizer, é complicado, porque as pessoas, pronto, infelizmente o idoso (...). O país não se preparou para que, digamos, o aumento da esperança de vida, o envelhecimento tornou-se um fardo para a família e não há respostas, nós temos uma lista de espera de 137 pessoas. Depois, assusta-me um bocadinho o Alzheimer e o Parkinson, conhecemos as pessoas na sua vida activa e depois vemos as pessoas perderam as suas faculdades (...) É um bocadinho complicado. Pronto, os filhos, eu acho, que hoje, felizmente, está aparecer uma geração de netos a ir ver os avós aos lares e os filhos a descartarem-se um bocadinho, é um (...) o ser humano (...) Eh pá, não tenho mais nada para dizer (...).

J- Ok, acabamos aqui, obrigado.

Entrevista à Célia com base nos artefactos (2ª Entrevista)

Dia 24 de Fevereiro

Local: Biblioteca de Vila Real de Stº António

Hora: 10 h

Duração da Entrevista: 2 h 15 m

Contextualização da entrevista:

Marquei a entrevista por telefone e imediatamente a Célia se disponibilizou, para realizarmos a entrevista. Combinámos fazer a entrevista na nova Biblioteca de Vila Real de Stº António. A outra entrevista tinha sido feita numa associação local e tinha demasiado ruído. A Célia chegou à hora combinada e, antes da entrevista, tomámos um café. Está mais triste, era uma pessoa muito alegre, há 25 anos atrás quando nos conhecemos. Durante o café diz que não tem lidado bem com a reforma, ainda tem amigas mas sai pouco de casa. Diz gostar de me rever e falar da educação de adultos, reviver as memórias, diz que lhe faz bem.

Durante a entrevista fala baixo, com intervalos, parece pensar bem o que diz. De vez em quando mostra mais entusiasmo, quando fala de alguns períodos da sua vida. Também gostou de reviver os seus tempos de infância e adolescência. Recorda com saudade o Magistério e o início da profissão. Parece “fugir” à conversa quando se fala da vida familiar, da vida de casada. Senti que havia qualquer problema com o marido, mas não quis falar disso por respeito, mas senti que parte da sua “infelicidade” não se deve só ao estar reformada sem projeto de vida, há mais qualquer coisa. Foi significativo que no fim da entrevista, pegou na minha caneta e no caderno e desenhou uma linha e disse-me, estou no fim da linha. No fim da entrevista, despedimo-nos, ofereci-me para lhe dar boleia, disse que lhe fazia bem andar um pouco. Disse que estava disponível para me ajudar, se eu precisasse. Agradei. Quando cheguei a casa, enviei-lhe um email a agradecer. Ela respondeu de imediato dizendo que ela é que agradecia, porque a entrevista lhe tinha feito bem, tinha gostado e lhe tinha feito pensar...

J- Obrigado Célia. É um prazer voltar a falar contigo. Na outra entrevista falaste, sobretudo, do teu trabalho como coordenadora concelhia de educação de adultos, hoje, o desafio é fazeres um breve itinerário pela tua vida, desde a infância até aos dias de hoje. O nome desta rubrica é “Quem sou eu”. Temos aqui um portefólio com várias imagens e artefactos que te podem levar da infância até aos dias de hoje. Fala sobre o que quiseres e omite aquilo que não quiseres falar. Agora é contigo.

C- Joca, não tens que agradecer. É com gosto que colaboro no teu trabalho. Assim, também é um pretexto para sair de casa. As paredes da casa são deprimentes, se uma pessoa passa muito tempo sem ver ninguém, sem falar com outras pessoas. Eu, ultimamente, tenho saído pouco. Assim faz me bem falar um pouco, queres que fale sobre mim? Ora bem, eu nasci em Giões, uma aldeola do concelho de Alcoutim. Sou

a 4ª filha, e a mais nova, com uma diferença considerável da minha irmã mais velha. Temos 12 anos de diferença. Na infância fui uma criança extremamente feliz, muito mimada, muito protegida e que, remontando no tempo, tive a felicidade de ter, também, a presença dos meus pais. A minha mãe viveu sempre em Giões, o meu pai, na altura, era pedreiro e, mais tarde, esteve ligado á pequena construção, esteve em Beja. Então, para fazer companhia ao meu pai, eu e a minha mãe, passávamos uns tempos em Beja e outros tempos em Giões. Memórias dessa idade, pois, são as memórias de viver numa aldeia, de se viver livre, das brincadeiras de rua, toda a gente se conhece, estabelecem-se relações de muita proximidade, as portas das vizinhas estão sempre abertas. Fui sempre uma menina muito calma, muito tranquila. Depois, também, houve uma pessoa que me marcou muito que foi a minha madrinha que, também, era professora e que era uma referência. O meu nome foi ela que o escolheu. Penso que aquela madrinha, que era professora lá em Giões foi uma grande influência para mim. Não sei se sabes o que é viver numa aldeia, as casas são próximas, entrava-se na altura nas casas uns dos outros sem precisar pedir licença, a minha vida dividia-se muito entre a casa dos meus pais e a casa da minha madrinha. A minha madrinha era solteirona, nunca casou, nunca namorou, eu fui quase uma filha adoptiva. Adoptada sem nunca ter saído de minha casa, isso foi um privilégio. Tinha aquela madrinha que era uma referência em termos de cultura, em termos de educação, tudo quanto era maneiras, tudo o que era o interesse pelos livros, o interesse por saber (...) Ela nunca me levou com ela à escola, porque naquela altura não dava escola em Giões, dava nuns montes próximos. Era uma pessoa recta, muito exigente, talvez que me tivesse influenciado, mesmo sem eu saber, pela profissão que eu, mais tarde, viria a escolher. Quando não estava com ela, estava com a minha mãe ou com a minha irmã mais velha que eu, que teve comigo uma relação mais maternal que outra coisa. Mas, isso foi a princípio, porque depois, a minha irmã foi embora. Essa irmã, mais velha, também, é professora. A princípio começou como regente escolar. Quando eu entrei para a escola ela, com 18 anos, já era regente escolar num monte do concelho de Alcoutim. Depois, mais tarde, acabou por vir para Faro e fez o curso do Magistério Primário. Tinha mais dois irmãos que estavam com o meu pai em Beja. Um faleceu recentemente (...) Sabes, nessa altura, os irmãos mais velhos ajudavam imenso os pais. Por isso, nunca brinquei com os meus irmãos, brincava, era com aquelas amigas que tinha lá, que cresceram comigo. Amizades que ainda hoje se mantêm. Penso que, ainda hoje, os meus melhores amigos são esses do tempo

de infância, dos que conheci na aldeia e depois seguimos todos nós, os nossos percursos. Ainda hoje voltamos todas à aldeia. Nas férias ainda os encontramos lá, quase todas voltam lá nas férias. Estou aqui em Vila Real há mais de 20 anos, mas continuo alá voltar, ainda tenho aquele sentimento de pertença à aldeia. Vivi, também, algum tempo em Martinlongo, mas é a Giões que eu volto. Não sou só eu que tenho este sentimento, algumas daquelas amigas de infância, têm este sentimento, ainda mais do que eu. Tenho de assumir isto. Algumas delas voltaram lá, construíram casa, criaram laços, participam na vida da comunidade. Passam lá mais tempo do que eu. Vão e voltam. Penso que isso acontece porque Giões tem um espírito muito comunitário (...) Depois fiz a escola primária lá em Giões, adorei a minha professora, era de Martinlongo, mas, vivia em Faro. Era um mito, porque era nova, era bonita, muito meiga e estava muito próxima de mim, porque ficava lá em Giões na casa da madrinha. Ao fim de semana é que vinha a Faro. Era muito boa professora, ensinava muito bem, muito nossa amiga. Era a imagem da professora ideal. Estava hospedada na casa da minha madrinha e foi minha professora durante os 4 anos de escolaridade. A minha profissão estava desenhar-se ali, uma madrinha que eu adora, professora primária e a minha própria professora, era um fascínio. Tudo boas influências. Esta professora marcou-me, também, muito, tu sabes que, penso que já li algures que os professores tendem a imitar os modelos que tiveram e que os marcaram. Curiosamente, não pode ser uma coisa que eu possa generalizar, dizer que é mesmo assim, mas no fundo, no fundo, há sempre uma influência, uma referência que adoptamos, há sempre alguma coisa que reproduzimos. E quando falo em reproduzir, estou a querer falar dos afectos, da maneira carinhosa, amigável que desenvolvemos como professoras. Talvez tenha sido isso, uma das principais referências da minha professora. Isso acabou por me marcar, apesar de uma pessoa depois evoluir e construir a sua personalidade e a sua maneira de ser como professora. A pessoa é influenciada depois pelas pedagogias, pela experiência, ninguém fica parado no tempo. Mas foi isso que me marcou imenso, o lado humano dela, a bondade, a afectividade. Nunca a vi bater em nenhum aluno, eu não sei o que isso é, apanhar da professora, ou ouvir gritar com os alunos. Lembro-me dela, uma vez ou outra ter ficado aborrecida com algum aluno e manifestar isso, mas sem ralar muito. Era uma pessoa muito calma e muito compreensiva. Talvez, também, fosse por isso que eu adorava a escola. Tenho uma imagem muito boa desse tempo. Curiosamente, a minha madrinha, nessa altura, também dava aulas na escola de

Giões e nunca me quis como aluna dela. Porque ela era o oposto, ela era rígida, pouco flexível, ralhava muito com os alunos, era uma professora da velha guarda. Se fazias o “a” torto já estavas a apanhar, se as letras não estavam alinhadas, lá estava ela a ralhar. Mas era assim, na sala de aula, porque fora da sala comigo eram uma pessoa dócil. Eu digo que ela era assim na sala porque era o que os alunos falavam dela, eu, cá, não tenho imagem nenhuma dela como professora na sala de aula (...) A vida na minha aldeia mudou muito porque naquela altura havia dois lugares, era a minha professora que tinha dois anos de escolaridade e a minha madrinha que tinha outros dois anos. A escola tinha duas salas. Eram, aí, cerca de 30 alunos por sala. Hoje, já não há escola em Giões. Em todo o concelho de Alcoutim, agora só há escola em Martinlongo e Alcoutim o que é muito mau para o desenvolvimento do concelho. Durante aqueles anos do PIDR, o nosso trabalho era combater a desertificação e agora, ao acabarem com as escolas primárias, nas sedes de freguesia e nas aldeias, estão a contribuir fortemente para a desertificação (...) Desse tempo de infância só tenho recordações boas. Como sabes, naquele tempo éramos menos exigentes, eu brincava com as minhas amigas, ou brincava sozinha, eu adorava bonecas, tinha um fascínio por bonecas e gostava de fazer uma coisa que hoje as crianças não ligam, que era fazer roupinhas para as bonecas. Hoje, compram-se as bonecas e vem logo um Kit com várias roupas. Naquele tempo não, era uma sorte apanhar uma boneca e depois, inventávamos roupinhas para elas. Se calhar é por isso, que as mulheres da minha geração são capazes de pegar numa agulha e numa tesoura e fazer uma pequena costura, subir uma bainha, enquanto a maioria das jovens hoje, não sabem fazer nada disso, são incapazes de fazer a bainha de umas calças. Eu andava com uma pequena maleta com os vestidinhos que costurava para as minhas bonecas, bocadinhos de pano que nos davam, e era isso a nossa brincadeira. Éramos muito menos exigentes, os meus pais procuravam dar-me tudo o que podiam, mas o meu grau de exigência nessa altura não era muito grande, qualquer coisa me satisfazia. Era feliz daquela maneira, brincava com as minhas amigas na rua. Fazíamos aqueles jogos tradicionais, mas, era mais brincar com as bonecas. Tinha alguns brinquedos, o meu pai como estava em Beja trazia-me, de vez em quando, aquelas novidades, panelinhas, fogão em miniatura, essas coisas (...) Depois de fazer a 4ª classe em Giões, continuei por lá, porque houve um homem que marcou muito aquela zona, o padre Moreira, não sei se ouviste falar, que criou em Giões, na altura, um colégio, com 1º e 2ºano, que corresponde agora ao 2º ciclo. Esse

homem, depois, como, provavelmente, toda a gente, teve coisas boas e coisas más, mas, ele já morreu, falemos das coisas positivas porque é justo que façamos homenagem às coisas boas que ele fez para aquela zona. Tenho um episódio muito desagradável com ele, mas não quero recordar, teve que ver com questões de dinheiro que ele não foi mito honesto, mas, pronto (...) Portanto, o que é que ele fez, foi nessa altura que o meu pai voltou para Giões porque ele foi buscar o meu pai para se encarregar das obras do colégio e da construção da igreja. O colégio era uma casa onde ele dava aulas, os professores era ele e um padre que lá estava e alguns professores que vinham de Vila Real de Stº António que ele alojava na casa dele. O ensino era privado, cada aluno pagava um x. Aquilo era uma forma grosseira de colégio, mas chamava-se o colégio de Giões, que tinha um formato muito básico, mas, pronto, não havia mais nada. Depois, quando acabávamos o 2º ano, íamos fazer exame ao liceu. Eu vim fazer o exame a Faro e, se calhar, não vinha, assim, tão mal preparada porque passei. O padre era exigente e nós tínhamos de estudar. Ele levava aquilo muito a sério e tinha de ser assim. Passei eu e passou muita gente, houve muita gente da zona que fez lá o 2º ano. Se recuarmos no tempo, sabemos que, há 45 anos atrás, o 2º ano podia ser determinante para as pessoas conseguirem um emprego. Aquele colégio ainda se manteve em Giões durante uns quantos anos. Muita gente, quer de Giões quer das aldeias próximas, fizeram lá o 2º ano. Se não fosse este colégio não havia alternativa para continuara estudar, porque naquela altura ninguém continuava a estudar depois de fazer a 4ª classe. Para se continuara estudar, só em Vila Real e ninguém ia de Giões para Vila Real para estudar, porque não havia transportes nem havia recursos. As pessoas eram muito pobres, não tinham dinheiro para pôr os filhos a estudar. Depois de fechar o colégio, foi para aí um espaço de meia dúzia de anos, apareceu a telescola. Aí, já houve melhores condições para as crianças continuarem a estudar até ao 2º ano. Foi criada a telescola em Giões e em Martinlongo. Com a influência do padre Moreira, posteriormente, o chamado colégio, evoluiu para uma Telescola. Mas, aí, já com outras condições, com professores lá colocados, seguiam a programação pela televisão, tinham materiais de apoio. Era muito diferente do nosso tempo (...) Também tenho boa recordação desse tempo, continuava na minha aldeia, ia ao colégio, brincava com as minhas amigas que eram minhas colegas no colégio, era feliz, também não conhecia outras coisas, não ambicionava nada que não tivesse. E, depois, também, a questão das expectativas, eu não tinha quaisquer outras expectativas que não fosse o dia-a-dia.

Depois, no colégio, quando fiz o 2º ano, o padre ainda assegurou o 3º ano, aí já era um grupo muito pequeno, havia dificuldade de professores, o colégio não estava preparado para ir além do 2º ano. Depois, apareceram outros problemas, ele tinha de ir dar missa, ou resolver qualquer assunto da igreja e deixava-me a tomar conta dos alunos mais novos. Foram algumas situações pontuais, mas, que não eram muito agradáveis e não vale a pena desenvolver (...) Ainda fiz lá o 3ºano. Depois, houve uma altura, aí a minha irmã já teve um papel determinante, mais do que os meus pais, ela achou que aquele colégio era um bocado limitativo e que dali para frente, até ao 5º ano, não tinha condições para eu continuar, que eu não iria evoluir. Então, fui estudar para Mértola, para um colégio, que já tinha sido interno, mas, quando eu fui, já funcionava como Externato. Aí tive um choque, porque estava habituada ao que chamávamos de colégio que era uma casa e depois ver aquele colégio, imenso, com muitas salas de aula, com muitos espaços, fiquei muito impressionada. Ainda hoje tenho essa primeira imagem do colégio, foi choque, mas, também, de fascínio. Foram dois sentimentos, ao mesmo tempo. Ia ter que me adaptar a uma nova vida, um novo colégio, novas pessoas. Naquela altura, procurava-se uma casa de família e fiquei hospedada numa casa de família. Teria aí uns quinze anitos quando fui para Mértola. Na casa de família, era como se pertencesse à família. Faziam as refeições, tratavam-me da roupa, tinha um quarto só para mim. As coisas funcionavam assim, na altura. Era como hoje, como existem as famílias de acolhimento, que os jovens vão para o estrangeiro para casa de outras pessoas. Primeiro fui para uma casa mas era muito longe do colégio, não havia transportes, tinha de fazer o caminho a pé. Depois, mudei logo, para outra casa que ficava perto do colégio. Aqui, dei-me muito bem com aquela família, gostei muito de lá estar. Fiz lá o 5º ano. Estive lá 3 anos, porque, como não tinha ido muito bem preparada com o 3º ano que fiz em Giões, voltei a fazer o 3º ano e depois, o 4º e o 5º. Achou-se que devia repetir o 3º ano, porque naquela altura havia as disciplinas de Ciências e as disciplinas de Letras e uma das minhas grandes limitações era no Inglês. Há bocado dizia que na escola primária gostava de tudo, mas, agora, não. No colégio gostava mais de Matemática, de Ciências e gostava menos de Línguas. Talvez, porque tinha mais bases e era muito mais fácil estudar sozinha Ciências que Francês ou Inglês. Era uma aluna média, acho que podia ter sido boa aluna se tivesse tido outras bases. Lá em Giões, sabíamos que o padre Moreira tinha as suas limitações e só dava o que podia (...) Enquanto estive em Mértola, só vinha a casa nas férias, mas, sabia, que tinha de ser assim, não

havia facilidades de transportes, o eu pai estava fazer sacrifícios para eu poder estudar e eu sabia que também tinha de fazer sacrifícios, porque me estava a valorizar e estava a ter uma oportunidade que poucas crianças da minha aldeia poderiam ter. Naquele tempo, eu passava a vida entre o colégio e a casa, praticamente não saía, também não havia muito onde ir. Mas gostei de lá estudar, gostei dos professores, gostei do ambiente, não havia problemas de agressividade entre os colegas, os professores tratavam-nos com respeito (...) Lembro-me de ter tido um colega muito estudioso, era brilhante, mas, muito competitivo. Era uma referência para quase todos os alunos. Era um aluno que tinha objectivos muito altos. Não tenho recordação de momentos desagradáveis. O que podia ser menos agradável, mas, naquele tempo, achávamos normal, era o colégio ter um espaço para raparigas e outro para rapazes, rapazes para um lado e raparigas para outro. Nem sequer as salas de convívio eram mistas. Não havia hipóteses de convívio com o género oposto (...) Lá em casa, não estava só, havia mais raparigas lá hospedadas, e essas eram as minhas amigas. Às vezes, havia matinés de cinema aos fins-de-semana e íamos todas juntas. Conversávamos muito. Essa é a recordação que tenho desse tempo. Mas, a recordação mais marcante que eu tenho desse tempo, foi quando fiz o exame do 5ºano ao liceu e passei. Foi uma felicidade enorme, ainda mais, porque foi muito stressante, foi no ano em que roubaram os exames do Liceu e tivemos de repetir todos os exames, em vez de 9 exames, fizemos 18 (risos). Tu também és desse tempo?

J- Sou, também fiz exame do 5º ano, nesse ano.

C- Soubeste do roubo?

J- Soube

C-Tiveste acesso aos exames?

J- Tive, alguns passei à meia-noite, na mesa do Café Paris, um café que existia na Avenida do Liceu

C- Eu, também, consegui apanhar alguns enunciados de exames. Eu tinha ficado em Faro, fiquei hospedado em casa de uns senhores que eram de Giões, estavam a explorar o café do Naval, na doca de Faro. Através deles consegui ter acesso aos exames. Depois, foi tudo anulado, que desilusão. A nossa ingenuidade não nos dava para prever que iríamos de ter de repetir tudo, que aquilo não iria valer (...)

J- E, outras recordações marcantes da adolescência?

C- Estas viagens no tempo (...) às vezes, penso que (...) curiosamente eu, também, devo ter tido, ainda hoje tenho, uma grande capacidade de aceitar as coisas, portanto, não (...) não tenho grandes marcas deste tempo, mas, não tenho, assim, nenhuma imagem negativa deste tempo. Eu conseguia dar-me bem com toda agente, raramente, entrava em conflito, sempre tive bom feitio, como se costuma dizer. Tenho imagem de ter uma adolescência muito tranquila, sem problemas existenciais, nunca entrei em conflito com os meus pais, por causa de namorados, ou por fumar, ou qualquer coisa dessas. Já a minha irmã teve problemas com o meu pai, o meu pai era muito rígido, mas, a mim, nunca me lembro do meu pai me bater, nem o meu pai, nem ninguém. Não sei o que é isso de violência física. O meu pai, quando estava zangado dava um olhar que não sabíamos onde nos havíamos de pôr. O olhar dele era o que eu mais temia. A minha mãe era extremamente flexível, muito meiga, muito permissiva, nunca a vi zangar-se com um filho. Era muito condescendente, mesmo muito condescendente. O meu pai era só o olhar, mais nada. A minha mãe, em relação a mim, não tinha nada que omitir, mas, em relação aos meus irmãos, se fosse preciso omitir, omitia, para que o meu pai não soubesse alguma coisa mal que eles fizessem. Esse meu irmão, que faleceu, era mais endiabrado, era mais reguila, fazia mais asneiras, na altura saía de casa sem dizer nada, ia para a ribeira, vinha tarde, não sei quê e a minha mãe ficava preocupada, mas, depois, não dizia nada ao meu pai. Depois, essa gente da minha geração e essas amigas de que te falei, lá de Giões, tivemos a sorte de termos uma vivência, em termos de relacionamento, muito aberta, mas, ao mesmo tempo, muito contestatária, muito rebelde, porque começámos a conviver com rapazes e raparigas de outras localidades que iam ter connosco, que iam para Giões nas férias, onde nós abríamos as nossas portas, onde comiam em nossa casa e saímos todos juntos. Naquele tempo, havia as festas sazonais, ou pela Páscoa, ou Carnaval ou no Verão, que era a melhor época do ano para sairmos e nos divertirmos. Eu passava o Verão em Giões, mas, também, vinha aqui para Montegordo, para casa de uma prima. Aqui, em Montegordo, também, tinha um grupo de amigos. Mas, as minhas recordações da adolescência estão todas em Giões. Tínhamos um grupinho grande. Saíamos todos juntos, não havia aquele compromisso do namoro, eram mais, amores platónicos. Naquela altura, entre nós, vivia-se o relacionamento de uma forma mais leve. Havia alguns rapazes que já tinham carro, quando saíamos, íamos às festas e aquilo era como sardinha em lata, lá íamos todas, tínhamos de caber dentro dos carros, não ficava ninguém de fora.

Corríamos os bailes todos das redondezas. Naquela altura havia pouca coisa, quando saíamos, era mesmo para os bailaricos. E, aos poucos e poucos fomos mudando a cabeça dos nossos pais, mudando a maneira de pensar daquela gente (...) Mas, se calhar, o que mais me marcou, na minha adolescência, foi a leitura, eu gostava muito de ler, passei muitas horas e dias a ler. Havia uma biblioteca itinerante que corria todas aldeias do nordeste algarvio, e eu, desde miúda requisitava livros. Quando se dizia, que em casa, poderia não haver muito livro, havia as ditas bibliotecas itinerantes, que, quem quisesse tinha ali muito por onde escolher, portanto, só não lia quem não queria ou quem não podia por ser analfabeta. Era uma menina muito romântica, li os clássicos todos, na altura (...) Lembro-me que houve um ano em que li imenso. Quando saí do colégio em Mértola, quando fiz o 5º ano do Liceu, voltei para Giões. Foi um tempo de impasse, na minha vida. Houve ali uma altura, em que andei um pouco (...) a minha família, quando digo a minha família, digo a minha irmã, teve um papel muito importante na minha educação e na minha formação, a minha madrinha, e os meus pais concordariam, sempre pensaram que eu ia ser professora. Porque, sabes, quando não se é rico e quando se vive num meio daqueles, há profissões e certas coisas que não fazem parte do nosso imaginário. Quer dizer, há sonhos que não estão ao nosso alcance, ou, achamos que não vale a pena sonhar, porque, quando se sonha mesmo, pode-se tentar que façam parte do nosso projeto de vida (...) Eu, durante a infância, sempre sonhei que queria ser professora, quando fosse grande seria professora, houve, depois, um tempo em que pensei, ouvia as pessoas falar que se empregavam, que iam trabalhar para aqui para acolá e, ainda, pensei em empregar-me. Tinha aí uns dezoito anos. Pensei que era tempo de ser independente e seria bom vir para Faro, arranjar um emprego. Vila Real de Stº António era mais perto, mas, naquele tempo, não era um sítio onde houvesse muitas oportunidades de emprego. Em Alcoutim, nem valia pensar porque não havia nada e a única entidade empregadora seria a Câmara. Ainda pensei concorrer a um cargo administrativo na Direção Escolar, aí vem outra vez a influência da madrinha, do antigo Diretor escolar, o pai do Chico Amaral, que era amigo íntimo da minha madrinha. Ainda me candidatei, ainda fui prestar provas a Lisboa, que as provas eram em Lisboa. Mas, depois, quando eu vi o que aquilo era, o meu sonho morreu logo ali. O sonho morreu logo ali, eu lembro-me de ter feito exame numa máquina, era prova de dactilografia, e eu nunca tinha escrito à máquina, aquilo era uma galinha picar milho (...) Não passei nos testes (...) Depois, ainda fiquei por Giões aquele

ano, foi um ano muito desagradável, foi um ano de passagem e estava desejando que aquele ano passasse, para dar rumo à minha vida. No ano seguinte fui fazer exame ao Magistério. Aqui, mais, uma vez, houve a influência da minha irmã que já era professora. Ela, enquanto era regente, foi estudando e depois concorreu ao Magistério, entrou pelas vias normais e fez o curso. Nesta altura, ela era professora e influenciou-me a concorrer, no fundo, era aquilo que eu queria e sempre sonhara. Ela, na altura, estava em a morar em Faro e isso ajudou muito, quando vim de Giões estudar para faro, fui para a casa dela. Se calhar, o meu destino já estava traçado. Entrei para o Magistério e, de facto, não me arrependo nada, se voltasse atrás, voltava a fazer a mesma coisa, quer dizer, voltava a tirar o curso no Magistério. É por isso que eu te digo os sonhos, eu na altura, em criança e mais tarde, depois de fazer o 5º ano, não sonhava outra coisa, porque, o que eu tinha sido, as imagens que eu tinha das pessoas mais marcantes da minha vida, estavam muito ligadas à escola, ao ensino, à vida de professor. Mas, hoje, depois de tudo o que conheci, de ter conhecido outras coisas, eu seria novamente professora, fui professora muitos anos, hoje, estou reformada, mas, orgulho-me muito daquilo que fui como professora, do trabalho que desenvolvi. Sinto que cumpri, que fui feliz nesta profissão (...) Ainda há pouco falava nas referências da minha vida, a minha irmã, a minha madrinha, a minha professora, mas, não posso esquecer os meus pais. Principalmente, o meu pai, que era uma imagem de disciplina, de rigor, de trabalho, de dedicação, de família. O meu pai morreu na noite de natal (...) O meu pai vivia para a família, era um homem capaz de todos os sacrifícios pela família (...) Um homem muito íntegro, muito honesto, um homem muito inteligente, mas, se calhar, pouco ambicioso, percebes, o meu pai, em termos de profissão, era um homem com muita capacidade de trabalho. Não era muito afectivo, a minha mãe, sim, muito meiga, muito afectiva. A minha parte afectiva veio da minha mãe. A minha mãe era o contrário do meu pai, extremamente dócil, muito condescendente, morreu com 88 anos, era uma pessoa muito querida na aldeia. A casa da minha mãe, até aos últimos anos de vida, estava sempre aberta para receber as amigas, para beberem um chazinho e conversarem, para tudo isso. Ela, nos últimos tempos de vida, foi para o hospital, já não estava muito bem, pensava que estava em casa. Ela dizia-me quando ia visitar “ Olha filha, faz aí um cafezinho para os senhores” (...) A minha mãe, quando era mais jovem, sempre me protegeu muito, eu, em casa, ajudava, mas a minha mãe nunca me dava serviços para eu fazer, ajudava porque queria, coisas leves, nunca fiz trabalhos

mais duros. O meu pai também não queria que nos expuséssemos demasiado, não queria que eu trabalhasse, ele tinha uma horta, mas era ele que trabalhava na horta. Era uma horta de subsistência, como, a maioria das pessoas tinham. Era importante para a economia doméstica. E, tu sabes que aquele concelho é muito árido, muito seco, a água era tirada dos poços. Ter uma horta era muito trabalhoso. A minha mãe podia ir à horta, ajudar, mas os trabalhos duros, era ele que fazia. É essa imagem que tenho do meu pai. Ele era capaz de se levantar de madrugada e ir para a horta, antes de pegar o trabalho (...) O meu pai era extremamente habilidoso, com as mãos ele fazia tudo, desde móveis a instrumentos para o campo, ele era capaz de fazer tudo, e sabia ler muito bem. A minha mãe também sabia ler. Naquela família ninguém era analfabeto, já a minha avó sabia ler e escrever. O meu pai andou à escola, a minha mãe também. Provavelmente, estas questões do saber ler, de haver livros em casa, teve influência em mim. E, isto era importante, porque naquela zona, a maioria das pessoas adultas, eram analfabetas. Quando eu era criança, era a minha irmã que me ensinava, mas, a minha mãe, também era capaz de me ajudar nos trabalhos de casa. O meu pai, não tinha tempo para isso, mas, era das matemáticas, fazia muito bem cálculos, ele precisava, pois, era pedreiro. Ele fazia qualquer cálculo, fazia uma planta, tudo por causa da profissão, era um autodidata, também, fruto da experiência que tinha tido (...)

J- O Magistério?

C- Ah! O ter ido para o Magistério foi um dos momentos altos da minha vida. Vivi o Magistério com muita intensidade, o ambiente, as aprendizagens, as colegas, o professor. A sala de convívio onde passávamos grande parte do tempo. O próprio espaço do Magistério, era muito bonito. Depois, andava no Magistério quando aconteceu o 25 de Abril, estava no 1º ano. Aquele primeiro ano foi bom. Gostei do curso, tenho boas recordações desse tempo, estabeleci boas amizades. Eu tenho facilidade em me relacionar com as outras pessoas, comigo, as amizades perduram. Dava-me bem com todas as colegas, e criei com algumas relações muito próximas que, ainda hoje, se mantêm. Na altura, uma das pessoas que mais me marcou foi uma colega que mais tarde veio a ser minha cunhada e que foi minha colega de profissão. Trabalhámos juntas no Zambujal. Faleceu num acidente de viação, ela e os filhos (...) Quando estava no magistério nunca me senti arrependida, senti que, sim senhor, era isto que eu queria. Depois, apanhámos o 25 de Abril. Mexeu muito comigo, mexeu, porque, se calhar, foi um safanão, foi um acordar para uma realidade que era

desconhecida por muitos de nós, foi muita euforia. Também, estávamos numa idade propícia a coisas novas e a este sentimento revolucionário de mudar a sociedade. Foi, sobretudo, isso, era preciso mudar a sociedade, torná-la mais justa, mais equilibrada, e ali, estávamos nós, professores primários, os professores da mudança, que iam trabalhar com as crianças e o futuro da sociedade estava nas nossas mãos também, porque íamos educar os adultos de amanhã. Viver o Magistério naquele ano de revolução foi uma experiência incrível, difícil de contar o que sentíamos, o que pensávamos. Como futuros professores, sentíamos que éramos importantes, que tínhamos uma missão a cumprir, um trabalho educativo que era muito importante. Também foi um período de muita contestação, a idade ajudava, os tempos eram propícios a isso. Foi o despertar, em algumas de nós, aquele espírito mais rebelde, mais revoltado com a injustiça social. (...) Houve episódios que me lembra, de contestação ao Diretor do Magistério, de não irmos às aulas, de escrevermos a pedir a sua demissão. O Diretor do Magistério era o Rosa Martins, que era conhecido como o Xarabaneco, uma pessoa do tempo antigo, muito identificado com o antigo regime, com ideias muito ultrapassadas. Ele dava Pedagogia, mas, nós, já víamos as coisas doutra maneira, aquilo, não era Pedagogia não era nada, ele debitava ali meia dúzia de conceitos, mas, não tinha noção da realidade do ensino. Era uma pessoa detestável, que não tinha nada de interessante, apropriada disciplina, Pedagogia, que nós deveríamos gostar, não tinha nada de atractivo (...) Os outros professores, gostávamos mais de um ou outro, mas, sabes, eu gostei de ir para o Magistério, foi, como te disse, o realizar de um sonho, foi mudar de ambiente, trocar o nordeste algarvio por Faro. Foi muito bom, mas, para ser sincera, aquele primeiro ano, não foi nada de mais. Eu queria ser professora, mas, se me perguntasses, se eu via um grande fascínio naquilo que estávamos a aprender, não, não via, e se os professores naquele primeiro ano me marcaram, não, não marcaram. Gostei de alguns professores, da Licínia, da Joselda, à sua maneira era uma pessoa simpática, sabedora, alegre, também, era muito dinâmica (...). Agora o que me marcou foi o ano a seguir ao 25 de Abril, aí, tudo mudou, a nossa atitude, o tipo de aulas, o currículo. Alguns professores, também, mudaram por causa dos tempos que se viviam e, também, para assegurarem a sua permanência no Magistério. Por exemplo, o Diretor foi saneado, ele teve atitudes reaccionárias, que o 25 de Abril foi um erro, que as coisas iam piorar, sei lá, foi saneado e houve alguns professores, 2 ou 3, que o acompanharam, não me lembro se foram saneados, se saíram por vontade própria (...) Aquele, foi um

ano diferente. Foi um ano mais contestatário, em que nós já tínhamos uma vida muito mais activa, em que se questionava os próprios professores, as suas teorias, as aulas eram mais vivas, havia mais discussão. Questionavam-se ideias, pedagogias, aí, sim, foi uma altura, em que se calhar, já tive um papel mais interventivo, deixei de aceitar tudo com tanta naturalidade, comecei a ter um papel mais dinâmico na escola. A seguir ao 25 de Abril participei num grupo que se criou constituído por professores e alunos do Magistério para discutir o currículo do Magistério. Depois, fui uma das pessoas que passou a representar o Magistério de Faro nuns Encontros que se realizaram em Lisboa, para discutir o futuro dos Magistérios em termos de propostas de currículos, de identificar problemas que nós sentíamos, discutir questões da formação dos professores primários. Acho que esses Encontros foram o embrião do que veio a ser o Magistério a seguir ao 25 de Abril. Acho que aqueles Encontros podem ter contribuído para as reformas que se fizeram no Magistério (...) Tu, vieste a beneficiar com a reforma, o teu curso, já foi diferente do meu. Mesmo, o meu 2º ano, já não foi igual ao 1º ano em termos de estrutura curricular, foi muita coisa alterada depois do 25 de Abril. Tu não viveste isso, mas, no meu tempo havia as Didácticas, em que se construía aquele material de apoio às aulas, aqueles quadros pintados, recortados, que não serviam para nada. Depois, houve muita coisa dessa, de trabalho manual, que deixámos de fazer. Havia muitas reuniões entre nós. Os alunos tiveram um papel importante naqueles Encontros, que eram organizados a nível nacional. Houve disciplinas que foram extintas, outras foram criadas no ano seguinte. No ano do 25 Abril continuámos com o curso, mas, depois, em Outubro, quando começamos o 2º ano, as coisas já estavam estruturadas de outra maneira. Eu saí em 1975 que foi quando tu entraste, aí já apanhaste um curso muito diferente (...). Naquele ano do 25 de Abril, começaram as campanhas de alfabetização e aí, fui voluntária, estava no 2º ano do Magistério. Era a forma de nos mostrarmos solidárias com o ideal da revolução, de ajudar a construir uma sociedade mais democrática, mais igualitária, fazendo aquilo que podíamos fazer, ensinar adultos analfabetos. Foi o meu primeiro contacto com a educação de adultos, com alfabetização (...) Foi bom, gostei do Magistério, daqueles dois anos que passei em Faro. Acho que foi um marco importante na minha vida, no meu crescimento como pessoa, vivi outras experiências que nunca teria possibilidade de viver se tivesse continuado em Giões ou tivesse ido para Alcoutim (...) No Magistério, aquilo que eu mais gostei foi das Práticas, do meu primeiro contacto com as crianças. Fiz as Práticas nas Anexas e

gostei muito de trabalhar com crianças, aquelas semanas em que ficávamos responsáveis pela turma, isso foi o que mais gostei. Aí, o que gostava menos era ter de fazer aqueles planos de aula, as planificações, perdíamos imenso tempo com isso, eu não gostava, queria, era dar aulas. Havia trabalhos que nos pediam que eram muito artificiais, tudo muito programado ao milímetro como se na sala de aula fosse assim. Eu, nesta altura, já tinha a perceção, de que, dificilmente, quando fosse professora, iria fazer aquilo todos os dias. O que nos pediam, não era o esquema de aula, não era programação de atividades, era uma planificação esmiuçada ao pormenor que eu sabia que na prática, aquilo não funcionava assim. Mas, foi nas Práticas que eu tive, mesmo, a certeza daquilo que estava a fazer, queria ser professora. Não tinha a mínima dúvida, em relação a isso (...) Acabei o curso e fui colocada no Zambujal aí a gente constata que entre o que se aprende num curso e a realidade, há uma grande diferença. Vi isso logo no 1º ano de trabalho, quando fui colocada no Zambujal, concelho de Alcoutim, com essa colega que já te falei, a Benvinda, uma das maiores amigas que já tive na vida. Depois, a gente tem que se virar e tem de fazer o melhor que pode e sabe. Foi um ano em que senti as dificuldades normais de quem inicia a profissão, mas, foi um ano de fascínio, este primeiro ano de trabalho, marcou-me para sempre, por ser o 1º ano e por ser um ano de descoberta, eu estava a descobrir a profissão pela primeira vez. E, a maneira como as pessoas me aceitaram, como me integrei na comunidade, as pessoas já me conheciam, mas, não me conheciam como professora. As pessoas faziam-nos tudo, a mim e à Benvinda, alugámos uma casita, na altura, não havia luz nem nada disso, não havia água, o aquecimento eram as pessoas que nos levavam as braseiras, à noite, para nos aquecermos. Na alimentação, muitas vezes, não havia mercearias, não havia nada disso, recorriamos às coisas que as pessoas nos ofereciam. Tomava-se banho na escola, mas, com água que se aquecia num fogão que lá havia, com um chuveiro de balde, com havia antigamente. Foi um ano especial, foi a concretização de um sonho. Adorei estar no Zambujal, tinha uma turma de vinte e tal crianças, mas, adorei, até os problemas, eu os conseguia transformar em desafios. Eu penso que, nesse ano nada me metia medo, também, me sentia muito apoiada pela Benvinda. Nesse primeiro ano, também, tive muito apoio do Agostinho que tinha sido meu professor no Magistério. Lembras-te do Agostinho? Psicólogo que nos dava aulas de Psicologia. O Agostinho, a Margarida, que tinham sido meus professores, mas que, mesmo, eu estando lá na terriola, mantinham contacto comigo. Cheguei a levá-los lá

a festas, foram visitar a minha escola. Engraçado, porque o Agostinho, que foi aquele com quem mantive contacto mais tempo, foi um professor com quem eu, a princípio, antipatizei. Porque ele era militar e eu lembro-me de um dia numa aula ele ter-me dito qualquer coisa que não gostei e, eu, que nunca tinha sido muito irreverente, confrontei-o, com alguma dureza. Isto aconteceu, já depois do 25 de Abril, acho que foi qualquer coisa do género, “ O senhor está a falar comigo nesse tom, mas, olhe, que isto não é o quartel”. Ele, que era uma pessoa tímida, caiu nele, e na frente da turma, pediu-me desculpa, que estava habituado a lidar com outro tipo de pessoas, mais, não sei quê, e aquilo ficou por ali. Depois desse episódio, ele mudou e viu-se que devia estar interessado em aprender a lidar com a gente, porque se tornou muito acessível, muito disponível. Depois, viu-se que ele queria perceber como é que as coisas eram no terreno, como é que se estabelecia a nossa integração na comunidade (...).

J- E no segundo ano, continuaste no Zambujal?

C- Não, saí do Zambujal, porque, o isolamento era muito grande, eu naquele ano não fui professora, fui missionária. Eu não ia a casa aos fins de semana, que era no mesmo concelho. Nós não podíamos sair de lá, não havia transporte. Ainda não tinha carro, comprei no final desse ano, mas, as estradas eram de terra batida, muitos buracos, então quando chovia, não havia nenhum carro que ali passasse. Quando chovia ficávamos completamente isoladas. Por aqui se pode ver o grande isolamento em que aquela gente vivia. Nesse ano, eu que sempre gostei de andar com os meus sapatos de tacão alto, fui para lá com umas botas de saltos e no primeiro dia que quis vir a um mercado a Vaqueiros, como é que eu podia vir se não tinha sapatos. Diz-me um homem lá do monte, eu tenho umas botas, se quiser, menina Celinha, posso emprestar-lhe, ainda não as estriei. Eram umas botas assim, já não me lembro o nome, eram umas botas de sola de borracha que eles usavam lá na serra. Quando fui a Vaqueiros, levei as botas emprestadas (riso). Dessa vez, fui a pé porque as pessoas do monte também foram ao mercado a Vaqueiros e foram de burro. Às vezes, ia a Vaqueiros de burro, as pessoas emprestavam-nos os burros, para ir a Vaqueiros, que era a aldeia mais próxima, ficava a 7 Km. Depois, também havia um outro carro que passava por Vaqueiros, eu lembro-me de vendedores de livros que nos davam boleia até Giões ou até Martinlongo. Naquela altura era seguro pedir boleia e, até as pessoas, se sabiam que ia algum vendedor ao monte, diziam, se calhar, as professoras querem boleia. Burro e boleia eram os nossos transportes, quando não chovia (risos).

Mas, a maioria das vezes era de burro ou a pé. De burro, ia mais, quando queria ir a uma povoação mais próxima que era Malfrades e que tinha uma mercearia. Ficava aí a uns 3 km de Zambujal e aí é que eu usei mais o burro. Sabes que quando se vai com um burro e uma burra, o burro tem que ir à frente senão o burro corre atrás da burra, que tu nem imaginas. Uma vez, quiseram pregar-nos uma partida, uma mulher de Zambujal que era muito gozona, pôs a burra à frente, eu ia no burro e a Benvinda na burra, gritávamos que nem umas loucas, o burro corria a uma velocidade (risos), a gente apercebeu-se e eu consegui dominar o burro, o que é que pensas, eu andava de burro como, nós sabíamos andar de burro e, eu, sabia montar. Em Giões, eu andava de égua e cheguei a andar a cavalo lá com um vizinho, um amigo, que tinha cavalos. Esqueci-me de falar disso, da minha adolescência, muitas vezes, ia com esse meu amigo, ele montava no cavalo e eu montava na égua e, volta e meia, lá dávamos uns passeios pelo monte. Mas, também, cheguei a montar a cavalo. Gostava muito de montar. Eu, muitas vezes, caí da égua e achas que ia dizer ao meu pai ou à minha mãe, não, calava-me, porque gostava de montar, aquilo era um divertimento. Essa experiência, se calhar, até me deu jeito (...) Saí do Zambujal, porque era muito isolado e porque a Benvinda que estava comigo, também estava farta daquele isolamento, queria sair e saímos as duas. A Benvinda ainda ficou um ano em Alcaria Alta e eu fui para Giões, tinha lá a minha casa. Estive um ano em Giões. No ano seguinte casei e fui para Martinlongo. Fiquei a viver na casa dos meus sogros em Martinlongo e dava aulas lá na escola. Fiquei um ano na escola e, entretanto, veio o destacamento para a educação de adultos, que eu, entretanto ia acumulando cargos, de coordenadora pedagógica, de delegada sindical. Porque estás a ver, num concelho, enquanto tive disponibilidade, sobretudo, enquanto fui solteira, não havia muito a fazer naquela terra, então, acabava por viver a profissão de uma forma intensa. Sempre, sempre, me preocupei muito com o estruturar as coisas, gostava muito daquilo que fazia, aceitava os desafios e gostava de me empenhar neles, tinha dito à bocado que achava um disparate preparar uma aula ao pormenor com aquelas planificações muito pormenorizadas, mas, sabia que não se podia ir para um aula e sem as coisas bem programadas, bem organizadas, se saber o que ia fazer. Naquele tempo, o trabalho já era muito absorvente, porque tinha 4 classes e tinha de organizar tudo muito bem. Os recursos eram poucos, não havia fotocopiadoras, tinha de fazer as fichas no gelatinógrafo, era o que tínhamos, só o tempo que aquilo levava a secar para poder tirar novas fotocópias, mas, o trabalho era feito de outra maneira, que é

feito hoje (...) Adorei estes tempos, foram dos melhores da minha vida. Quando estava em Giões, para além da escola, passava o tempo a ler e a fazer malha. Depois, nesse ano comecei a namorar o Orlando, já o conhecia das festas, dos bailaricos, somos da mesma zona, mas só nesse ano é que comecei a namorar. Foram dois anos de namoro e casei em 1980, já estava colocada em Martinlongo. Aí, o Orlando trabalhava com o pai, tinha aquele negócio das rações, fazia a vida entre Martinlongo, Alcoutim, Vila Real de Stº António. O pai tinha aqueles negócios em Martinlongo, era um dos poderosos de lá e o Orlando era o braço direito dele. Mas, eu, passado um tempo, depois de casar queria ir embora de lá, queria ter a minha própria casa. Eu sentia-me bem, dava-me bem com todos, mas, queria sair, havia um bom ambiente, mas, sabia que era a casa dos meus sogros, não era a minha. Eles faziam tudo para que eu me sentisse bem lá em casa, mas, eu, também, fiz tudo para que eles se sentissem bem comigo. Para partilhar uma casa, para coexistirmos, tem de haver cedências de parte a parte (...) Era uma contradição, porque queria sair, mas, fiquei lá em Martinlongo, na casa dos meus sogros, durante 5 anos. Percebes, é um concelho, eu estava muito ligada, gostava muito de lá estar, mas, por outro lado, queria sair, sentia necessidade de mudar, de fazer coisas novas. Nasce o meu filho e eu quero mesmo sair de lá, o Orlando trabalhava, também, na zona de Vila Real, pensei que poderia ter casa aqui e ele continuar a fazer este trabalho entre Vila Real e Martinlongo. Os meus planos eram vir para Vila Real, embora, o Orlando nunca tivesse estabelecido planos, ele queria viver o dia a dia (...) este é um assunto que eu tenho alguma dificuldade em falar (...) poderei falar a um outro nível, a este não (...)

J- Ao fim de 5 anos de casa viste morar par Vila Real.

C- Sim, enquanto estive em Martinlongo estive na Primária, depois, fui coordenadora concelhia de educação de adultos e, quando venho para Vila Real, deixei a educação de adultos. Nesse ano, antes de vir embora, foi uma altura muito complicada da minha vida, quando perdi a Benvinda e perdi as minhas duas sobrinhas (...) Isso, também, foi (...) isso também influenciou a minha vinda de Martinlongo, foi um grande sofrimento (...) o meu irmão faleceu há dois anos, ainda refez a vida dele, ainda teve dois filhos mas, nunca se recompões daquela perda, mulher e filhas num acidente (...)

J- Antes de vires para Vila Real, eras coordenadora concelhia de educação de adultos...

C- Sim, foi uma experiência incrível. Sabes, eu sempre fui uma pessoa multifacetada,

gostava de fazer coisas diferentes e aquilo foi um grande desafio. Gostava de estar com as pessoas, de organizar, de ver as coisas crescerem (...) Sabes, joca, o que eu senti quando fui para a educação de adultos, foi, dentro do meu concelho, ver apoios que não pensava que pudessem existir. Eu nunca pensei que pudéssemos ter acesso a tantas instituições que se disponibilizavam para colaborar connosco. Bastava um telefonema, era tão simples como isto. Agora quando se pede a colaboração de qualquer instituição é uma complicação, é ofício atrás de ofício e se não se conhece ninguém, para meter uma cunha, não se consegue nada. Naquele tempo não, era tudo muito mais simples e não era preciso cunha, até porque, ao fim de pouco tempo, todos nos conhecíamos. Quando estive na educação de adultos senti o peso da responsabilidade do trabalho, mas tive acesso a formação, depois havia os convívios, as festas, os cursos, e isso no ensino regular não existe nada disso, no ensino regular limitamo-nos à escola e pouco mais (...) Houve um outro factor muito importante que teve peso na minha ida para a educação de adultos, ainda vivíamos o ambiente do 25 de Abril, a aposta no desenvolvimento das zonas mais desfavorecidas do país, a vontade política de se intervir no nordeste algarvio, uma zona que tinha sido sempre muito esquecida pelo poder político. Era o desafio do desenvolvimento regional no meu concelho. Eu estava lá, fui convidada para participar neste projeto, nunca poderia dizer que não. Ia trabalhar a favor das gentes do meu concelho. E, nesta altura, era uma jovem. Como já te disse, eu vivi muito o 25 de Abril. Neste tempo ainda estava cheia de sonhos, de ilusões e talvez se reflectisse isso, eu tinha mais expectativas em relação à educação de adultos e em relação aos adultos do que eles tinham. O que eu sentia neles era aquela vontade de aprender, de aprender a ler, de abrirem o livro e perceber o que lá dizia. Ao contrário do que depois se banalizou, era, muito importante para elas a alfabetização, elas iam com muita vontade de aprender. Depois vieram os cursos socioeducativos que também foram muito importantes e eu não sei diferenciar qual deles foi mais importante. Estou um pouco como a canção do Marco Paulo, a alfabetização e os cursos socioeducativos foram dois amores, qual deles o mais importante. Mas, estamos falar do nordeste algarvio, do PIDR, a educação de adultos era diferente do que se fazia no resto do Algarve. Ali havia uma rede de apoio, havia várias instituições, havia um projeto, havia uma política de desenvolvimento regional, havia o poder local, as autarquias. Lembro-me de ter tido formações, provavelmente, organizado pela CCRA, em que estava a educação de adultos, o poder local, as autarquias, as juntas de freguesia, em que

vinham pessoas do estrangeiro e de outras regiões do país falar sobre desenvolvimento regional. Isso foi uma grande abertura para todos nós. Eu aprendi imenso. Acho que depois daqueles dois anos na educação de adultos, já não era a mesma pessoa, já tinha uma outra perspectiva da vida (...) Aí é que está a grande contradição de que te falei há pouco, que era o querer sair, ir morar para Vila Real e perceber que a educação de adultos era um desafio que me valorizava muito. Era, o acreditar que podia fazer alguma coisa pelo meu concelho. Era o acreditar que as pessoas podiam ir mais além, que era necessário abrir horizontes, abrir janelas, que o isolamento era muito grande e acreditava que, através, da educação de adultos, as pessoas iam ganhar outra vontade de aprender. Esta era a minha contradição, querer ajudar aquela gente, acreditar em tudo isto e, ao mesmo tempo, querer vir embora, por causa do meu filho. Vir para Vila Real onde ele teria condições para crescer, para estudar, que não tinha em Martinlongo. Posso dizer que o que me fez sair, foi o meu filho, como já te disse, não havia ensino pré-escolar, não havia nada, porque, se não fosse isso, o mais certo era ter ficado lá. Eu gosto muito do meu concelho e o trabalho que fiz lá foi extremamente gratificante e mesmo, como pessoa, a educação de adultos fez-me crescer, fez-me evoluir bastante tanto a nível pessoal como a nível profissional. A educação de adultos foi uma escola. A educação de adultos era uma outra dimensão. Era um trabalho muito mais abrangente, mais humano e tinha, sobretudo, uma faceta muito política (...) Sabes que, às vezes, penso que se tivesse ficado na educação de adultos podia ter tido uma vida mais interventiva, mais política, teria tido oportunidades, que não tive quando vim para Vila Real. Poderia ter sido uma pessoa com um outro nível de intervenção política. Mas, se isso não aconteceu, a culpa é minha, porque eu limitei-me, eu limitei-me (...) Podia ter sido uma pessoa com uma vida política diferente. Eu gostava muito da intervenção e penso que era capaz de ter desenvolvido um trabalho diferente que poderia ter sido proveitoso para mim e para os outros, mas, há condicionantes da vida que nos traçam o destino. Depois, quando vim para Vila Real nunca mais trabalhei em educação de adultos (...).

J- Qual a tua opinião sobre o educador de adultos ser um professor primário?

C- Eu acho que sim. Naquela altura, eu acho que o professor primário era o profissional mais indicado para fazer educação de adultos, aquele que estaria mais preparado para esse tipo de trabalho. Repara que a essência da educação de adultos, a princípio, tinha a ver com a alfabetização em si, depois, mais tarde, talvez tenham

surgido outras necessidades e se começasse a ver a educação de adultos como educação permanente. As questões da alfabetização precisavam de um professor que dominasse as metodologias da leitura, as técnicas, que soubesse ensinar a ler e a escrever. E, aí, acho que quem estava melhor preparados eram os professores primários. Conheci muitos colegas, professores primários, a trabalhar em educação de adultos, a fazer alfabetização e acho que faziam muito bem. Não seria uma pessoa sem formação na área da Língua Portuguesa que faria melhor trabalho que um professor primário que estudou didáctica, estudou pedagogia, tinha experiência de ensino da leitura e escrita. Acho que naquela fase inicial, os professores primários foram fundamentais. Acredito que numa outra fase da educação de adultos, em que já se tenha ultrapassado a fase do analfabetismo, talvez aí, haja outras pessoas, com outras formações para trabalhar em educação de adultos, mas na fase inicial não. Ainda te vou dizer outra coisa, porque alfabetizar, ensinar a ler e escrever não é para toda a gente. E, no início deste PIDR as pessoas eram analfabetas no sentido literal do termo. Não se iam desenvolver competências de leitura e escrita, mas, dar as bases, dar os primeiros passos e isso, o professor primário, fazia melhor que ninguém. Por isso é que no início da educação de adultos, os professores destacados, eram professores primários. Naquela altura, no nordeste algarvio, a alfabetização era uma 2ª oportunidade, porque, naquela zona era muito frequente as pessoas não terem tido acesso à escola, não porque não quisessem, mas, porque não tinham podido, ou porque eram pobres e precisavam trabalhar para ajudar os pais ou porque a escola não existia na zona ou era muito longe de onde moravam e não tinham forma de lá chegar. Eu acho que os professores primários que estiveram destacados na educação de adultos fizeram um excelente trabalho, não só em Alcoutim como nos outros concelhos (...).

J- A seguir à educação de adultos, nova experiência de vida?

C- Sim, sem dúvida. Vim morar para Vila Real de Sº António e fui colocada em Monte Gordo que era o oposto de Alcoutim. Aqui em monte Gordo as crianças tinham grandes dificuldades de aprendizagem, muitos problemas afectivos, dificuldades de relacionamento nas interações que estabeleciam com os professores, eram conflituosos. E, eu, também, sentia que os professores, uma parte dos professores, via aquelas crianças, que na minha forma de ver, não era a melhor. Depois, aí comecei a sentir que ali tinha um campo onde podia fazer um bom trabalho, sem mexer com a estrutura familiar, como te disse, sem me limitar, ali

podia ajudar os outros. O meu filho estava na Escola e o Orlando fazia esta zona, entre Vila Real e Alcoutim, e as coisas, em termos familiares estavam mais ou menos equilibradas. O Orlando estava cá e estava lá, sempre ligado a Martinlongo, mas vivendo em Vila Real. Eu, também, aos fins-de-semana ia sempre a Martinlongo e a Giões (...) Depois de Monte Gordo, fui para o Ensino Especial. Foi um fascínio, foi uma nova paixão. No Ensino Especial, procurei especializar-me, tentei fazer todo o tipo de formações. Adorei aquela experiência porque, no fundo, a mim, atrai-me muito ajudar os outros, às vezes, quando paro para pensar, acho que a minha vocação é ajudar aqueles mais desfavorecidos, aqueles que têm mais dificuldades, os outros, os menos bafejados pela sorte. Depois, parece que tudo o que é mais difícil é o que me atrai mais (...) Tenho este espírito de missão, mas não é missão religiosa, sou católica, mas, não vou à igreja, é mais, missão humanista, de gostar de ajudar aqueles que têm menos atenção por parte dos outros. Acho que tenho alguma vocação para compreender os outros, para os tentar ajudar, tentar perceber o que está subjacente a uma certa maneira de ser, e, depois, o sentido de injustiça afecta-me muito (...) Não sei se é vocação, estou a falar nisto e estou, ao mesmo tempo, a questionar-me, nunca tinha pensado nisto assim, esta entrevista, falar na nossa vida faz pensar em coisas que normalmente não pensaríamos, estou, se calhar, a reflectir em voz alta, porque uma pessoa começa a tirar o fio à meada e depois fica a pensar no porquê (...) sabes, joca, o meu pai era um homem de esquerda, era um homem reservado mas dava a entender as suas ideias, também ele, era contra as injustiças, contra a exploração, eu percebia pelas amizades, pelas conversas, lembro-me, quando era miúda, dele ouvir a BBC. Era um homem de convicções que nunca tentou impor a ninguém, não era pessoa de tentar influenciar os outros. E, eu, sempre me identifiquei com a maneira como ele pensava em termos de justiça, de defesa dos mais fracos, e, se isso, ser de esquerda é ser humanista, é ser a favor dos mais desfavorecidos, é ser democrata, respeitar os outros, aceitá-los como eles são, ser solidária, então, também, sou de esquerda (...) O que sinto é que poderia ter ido noutra Direção, quando seguimos numa Direção é difícil mudar e eu nunca fiz nada para mudar, fui deixando passar, passar (...) Eu, se calhar, nunca fui capaz de me afirmar nalgumas coisas, podia ter seguido noutro caminho em termos políticos, gostava da intervenção política, mas, nunca fui capaz de me afirmar, quer em termos de convicções, quer em termos de política partidária. Eu tinha uma opção política que não era partilhada pela família do Orlando (...) Toda a minha vida, me limitei em favor da família (...) Há situações

que nos moldam ou é a gente que se deixa moldar, depois (...) o líquido vai-se moldando à medida da vasilha (...) vamo-nos moldando, aceitando as coisas e não conseguimos fazer nada para mudar (...)

J- Voltando à educação de adultos, queres falar sobre os materiais de apoio aos cursos de alfabetização.

C- Como já te disse, era eu que construía os materiais que, depois, distribuía pelas bolsinhas. Fazia as fichas com base no método de Paulo Freire que, sempre foi uma referência para mim. Havia fichas sobre alfabetização, material da DGEA, que nos tinha sido distribuído para utilizarmos nos cursos. Eu, com base nessas fichas, criava novas fichas adequadas à nossa realidade. Muito do material que eu utilizava era adaptado daquilo que nos enviavam para coordenação. Utilizávamos o jornal VIVA VOZ, tirava de lá textos que depois adaptava, utilizava o Almanaque que tinha as efemérides, tinha pequeninos textos que dava para serem discutidos nos cursos de alfabetização. Na altura, também, fizemos o nosso jornal, da coordenação concelhia, que era o Dar de Vaia, um jornal que publicámos com o apoio das monitoras. O Jornal tinha notícias sobre os cursos, sobre atividades que decorriam no âmbito dos cursos, notícias sobre o concelho. Aproveitávamos tudo isso, como material para os cursos (...) Por exemplo, em relação ao Paulo Freire, embora, eu achasse que era uma filosofia bonita, que devia ser implementada, e sentia isso em relação às monitoras, nem sempre, era possível. Nós

tínhamos reuniões quinzenais e as nossas conversas andavam sempre à volta disso. Nós tínhamos ali um papel muito mais abrangente do que ensinar as pessoas a ler e a escrever, essa competência era mais importante, mas, não era a única. Essa competência era determinante e isso era o que levava lá as pessoas, nós teríamos que agarrá-las. Só que não era fácil gerir essa situação porque havia, depois, as questões políticas e, mesmo, partidárias, porque se a pessoa que estava do lado de cá, a monitora de alfabetização, não fosse suficientemente hábil e flexível, poderia entrar num confronto. Na altura, uns educandos eram do PS outros do PSD outros da CDU, era preciso muito cuidado para evitar confusões, porque senão, eles desistiam do curso. E o papel das monitoras não era discutir questões partidárias (...)

J- E a Câmara?

C- Com a Câmara não havia problemas. O presidente Cavaco era PS e tive, sempre, todo o apoio que pedi. Foi o meu maior aliado e tinha uma relação muito boa com o Presidente. Não fiquei na Câmara porque não quis, ele convidou-me, várias vezes,

para encabeçar listas para Juntas de Freguesia e, eu, nunca aceitei, porque a vida privada nunca me permitiu, a vida familiar, por receio de dar esse passo e criar problemas na família. Eu, quando te disse que o meu pai era de esquerda, a família do Orlando era o oposto. Nunca fui capaz disso, não sei se isso iria criar um conflito com o meu marido, não sei. O Orlando sempre foi uma pessoa muito acomodada. Foi e é. E eu não sei se não quis ou se não fui capaz, tenho dúvidas (...) Eu acho que nunca fui capaz de me afirmar, nunca fui capaz de dar aquele passo e, se calhar, isso foi (...) Foi o que foi (...) Depois, há um momento em que a gente pensa nestas coisas, e isso faz-nos bem, é quase fazer psicanálise (...) Sabes, eu fui sempre uma das pessoas mais reflexivas, porque, eu sempre tive consciência que o meu eu pessoal ia influenciar o meu eu profissional, uma coisa não separa a outra, o que eu sou como pessoa, sou como professora, por mais que as pessoas digam que não, o eu pessoa e o eu professora, são a mesma coisa (...) Sabes, joca, eu acabei o Magistério, fui coordenadora pedagógica, fui dirigente sindical, fui coordenadora concelhia de educação de adultos, fui coordenadora de educação física, fui coordenadora pedagógica aqui em Vila Real de Stº António, fui coordenadora do Ensino Especial, tive quase todos os cargos que podia ter na profissão, cheguei aqui à Escola fui presidente do Pedagógico, fui Coordenadora de Escola (...) Penso que, talvez, tivesse, características para poder ter tido um outro percurso, um percurso diferente que acabei por não ter (...) Às vezes, penso nisso, e arrependo-me, às vezes, arrependo-me, joca, arrependo-me de não ter aproveitado certas oportunidades que tive, de ser capaz de pôr as coisas de outra maneira. Se eu tenho tido coragem de tomar outras decisões, que, hoje, acho que devia ter tomado, a minha vida seria diferente, se seria melhor ou pior não sei (...) Em termos de percurso profissional eu não me arrependo, gostei muito de ser professora, gostava muito do contacto com as crianças, gostei do trabalho em educação de adultos, é uma coisa que eu tenho muita facilidade é no relacionamento com os adultos, com as crianças e, mesmo, com os colegas, de estabelecer relações de amizade, de apaziguar confrontos. Se me perguntares se isso é o melhor, se calhar, não é. Mas, eu sou assim (...) Acho que por onde passei fiz o meu melhor e deixei muitos amigos, mas, o trabalho mais significativo, aquele que eu considero que foi, talvez, o que mais me marcou, foram aqueles anos como coordenadora concelhia, porque foi o desencadear de um processo que deu alguns frutos e que mexeu com muita gente. Ainda há pouco tempo, quando comemoraram os 25 anos da feira de artesanato, foi com muito

orgulho que eu lá estive a convite da Câmara, porque fui uma das pessoas que mais trabalharam para a 1ª feira de artesanato de Alcoutim. Eles sabiam disso, por isso me convidaram. Se me perguntares, se eu, na altura, poderia ter feito as coisas de maneira diferente, se eu poderia ter contribuído de uma forma mais interventiva naquele concelho, para bem daquele concelho e, se calhar, para meu bem, uma vez que eu sou de lá, e que teria lá coisas que poderia (...) por razões pessoais, como já te disse, devia ter sido capaz de continuar com o projeto de educação de adultos, de ter ajudado os outros e de me ter ajudado a mim própria, porque quando ajudas os outros ajudas-te a ti, porque aquela é uma terra que é minha (...) Não posso dizer que me arrependo de não ter continuado lá, mas, o que sinto é que podia ter investido mais, podia ter ido mais além, uma vez que acreditava naquela projeto de desenvolvimento e para se fazer alguma coisa tem que se acreditar (...) Depois, a minha vida continuou e acabei por centrar as minhas energias no Ensino Especial. Aqui, também, me senti muito realizada, mas não se pode comparar experiências. Eu, na educação de adultos, tinha um papel mais interventivo, via resultados a curto prazo, mexia com a vida das pessoas, aqui era o contrário, no Ensino Especial, as crianças é que mexiam comigo e não só (...) Para trabalhar nos Apoios Educativos é preciso ter uma grande capacidade de encaixe, eu apoiava outros professores, andava de sala em sala, eles é que eram os professores da sala, eu só ia lá dar apoio, as crianças, eram alunos deles, não meus. Tinha que me adaptar ao estilo de cada professor. É, nesse aspeto, que eu te digo, se esta minha capacidade de me adaptar aos outros, se é boa, se é má. Nunca tive problemas com nenhum colega, mas foi muito difícil, porque eu tenho esta maneira de ser, como te digo, se calhar, foi isso que pautou a minha vida. Porque, muitas vezes em lugar de reagir, contemporizas, contemporizas, reflectes, afinal isto acontece porque teve subjacente, isto ou aquilo, tentas compreender, conhecer os factos, o que está por detrás, depois, acabas por condescender (...) Começas a pensar, pensas muito bem, pensas vou por aqui ou vou por ali, e, hoje, penso que não sei se isso é bom. É uma forma de estar. Nos apoios educativos tinha que ter uma capacidade de adaptação, eu engoli sapos, sapos, não, eu engoli vacas, porque a sala é daquela professora, porque a responsabilidade do que lá se passa é dela, porque a pedagogia, o método de ensino na sala de aula é da sua responsabilidade, por exemplo, tu entras numa sala de aula e vês coisas com as quais não concordas, ou vês atitudes menos correctas (...) Eu, depois, tentava fazer as coisas à minha maneira, quando ia apoiar as crianças, tentava dar a volta à

situação. Nunca tive nenhuma colega que não me quisesse na sala, antes pelo contrário, gostavam de me pedir opinião, requeriam a minha presença. Também era coordenadora dos apoios e como já te disse, procurei fazer o maior número de formações possíveis, estive nos Apoios 15 anos. Antes de me reformar é que estive dois anos como professora de sala. Nos Apoios eu penso que gostavam da minha presença na sala porque também achavam que eu as podia ajudar. Tive momentos muito bons. Eu passei pelas salas de inclusão e pelas salas de apoio. As salas de apoio eram no fundo, um momento de grande prazer para aquelas crianças e isso era o que mais me motivava. Ao contrário do que se pensa, as crianças sentiam-se muito bem na sala de apoio. Há uma contradição porque a criança é retirada da sua sala de aula, mas, eu, também, sabia que durante aquele tempo na sala de apoio, aquele miúdo era gente, gente no sentido de ser o centro das atenções, de ser respeitado pela sua maneira de ser, pelas dificuldades que tinha, ali, havia alguém que lhe dava toda a atenção que ele merecia, o que não era possível quando estava no meio de um grupo de alunos diferentes, muito diferentes dele (...) Os Apoios Educativos eram muito importantes para as crianças com NEEs, mas, havia muita coisa que estava mal e continuam a estar mal, dadas as formas como o sistema está organizado, a falta de condições que muitos professores tinham para trabalhar com estas crianças (...) Mas, foi um trabalho que me satisfiz muito, que me realizou pessoalmente. Agora em termos do meu percurso, foi, talvez, aquele que menos possibilidades, me deu de me afirmar, porque tive de me adaptar, tive de moldar, tive de me submeter, fui muito pouco protagonista, ao contrário da educação de adultos, onde, eu era uma das principais protagonistas. Quando era professora com turma, aí, eu, também, era protagonista, era eu que decidia o caminho a seguir, era eu que organizava as aulas e determinava o percurso a seguir. Nos Apoios Educativos, não (...)

J- E agora, professora reformada?

C- Não é fácil lidar com esta situação. Tem dias. Estou reformada já há dois anos. A princípio foi muito difícil adaptar-me a esta nova situação (...) Foi muito difícil. Não me preparei para a reforma, como em muita coisa na vida, não me preparei para a reforma. Quando chegou a altura de aposentar-me, eu disse-te que acabei a minha vida profissional no ensino regular. Saí do Ensino Especial e estive os dois últimos anos no ensino regular, para poder ir para a aposentação. Sabes, é uma coisa curiosa, eu tinha, tanta, vontade de voltar ao ensino regular. O que, à pouco, referi de, no Ensino Especial ter que me anular, ter de deixar de ser protagonista, de ser senhora

do meu nariz, que eu tanto gostava de ser, de ser eu escolher o caminho e não estar sempre dependente dos outros, integrar-me naquilo que os outros faziam. Ter de deixar o Ensino Especial e voltar ao ensino regular, aquilo não foi um castigo, aquilo foi uma compensação (...) Adorei aqueles dois anos, eu adorei, eu chego ao Primário e apanho uma turma do 4º ano em que tenho oportunidade de aplicar os meus conhecimentos, a minha maturidade, tudo aquilo que os anos me foram dando, quer a nível do eu pessoal quer a nível do eu profissional. Depois de reflectir, de conhecer, depois, as coisas já fluem de forma natural (...) Foi, de facto, muito bom, foi mesmo muito bom. Esse 4º ano, foi especial, eu penso que, também, deixei marcas muito boas, naqueles alunos, como, eles me deixaram em mim. Depois, acabei esse 4º ano e no ano seguinte, fiquei com a coordenação de Escola, isto é uma contradição, porque, tinha a coordenação, tinha o Pedagógico, naquele ano, por causa dos professores titulares continuavam-nos atribuir cargos e tive um 1º ano. Mas eu sentia-me bem, não me sentia cansada, nem desgastada, nem psicologicamente nem fisicamente. Devia ter continuado, mas se não tivesse pedido a aposentação naquele ano tinha de continuar mais quatro anos. O que começou a acontecer foi isto, não conhecia ninguém a nível do 1º ciclo que tivesse pedido a aposentação e, depois, quisesse continuar a trabalhar. Quando em conversa sondava a opinião das colegas diziam “Estás louca? eu estou desejando, nem posso já ver crianças à minha frente, aquele barulho, nem pensar” Das pessoas que estavam à espera da aposentação, algumas, já estavam a gozar da redução da componente lectiva, ou estavam com atestados, ou esperando, pelos cabelos, que o ano já chegasse ao fim. Não era o meu caso, mas, eu comecei a interiorizar que era melhor ir embora, porque, depois, comecei a pensar que ao nível das relações com as pessoas, o que seria, eu, ao saber que havia falta de lugares e que eu poderia dar o lugar a outra pessoa, podia reformar-me e continuava a ocupar um lugar de alguém que precisava. Foram essas as razões porque decidi que o melhor era aposentar-me, havia gente jovem que precisaria de colocação (...) Eu lembro-me que as colegas, quando nos aposentámos, fizemos um jantar e eu lembro-me de dizer a alguém “ Vou com saudade, até dos papéis eu gosto”. Percebes, porque, normalmente, as pessoas diziam “ Ai, o que eu detesto é tanta papelada, é ter de preencher tanto papel”. Por isso, eu dizia que até dos papéis eu gostava, porque parti com muita saudade. Depois, foi muito difícil, porque eu tinha colocado os ovos todos naquele cesto e era, sobretudo, a profissão que me realizava. Fui muito feliz na profissão, fiz coisas de que me orgulho muito (...)

J- Arrependes-te de alguma coisa que fizeste?

C- Arrependo-me mais do que não fiz e podia ter feito. Podia ter feito muito mais, já te falei nisso em relação à educação de adultos e às decisões que tomei a nível pessoal. Do que fiz na profissão não me arrependo de nada, sinto que fiz o melhor que podia e sabia e, acho que fiz coisas boas. Sinto-me satisfeita com o percurso que realizei, aqueles que passaram por mim, deixaram-me marcas, mas, eu acho que, também, deixei. Com os colegas, deixei muitos amigos. Sabes, joca, os amigos, eu escolho fora da profissão, os colegas, sempre me relacionei bem com todos, tentando sempre compreender como é que eles são, mais polémicos, menos polémicos, mais contestatários, menos contestatários. Havia sempre uma coisa que eu impus, respeito. Nunca faltei ao respeito a ninguém, por isso fui uma professora respeitada. Nunca interfeiri na vida pessoal de ninguém, que é por essas e por outras que as pessoas a nível profissional se desentendem. Talvez tivesse alguma facilidade em dizer as coisas às pessoas a nível profissional e, em relação ao que faziam na sala de aula, em relação aos apoios, uma vez que eu tinha que saber lidar com as situações, tanto com as crianças como, com os professores, portanto, não me lembro de situações de conflito ou de qualquer problema com colegas. As minhas melhores amigas são colegas, tenho boas amigas do tempo de infância, mas, também, criei, bons amigos na profissão. Eu lembro-me de uma miúda uma vez dizer à mãe, uma das colegas com quem eu trabalhava em Apoio, “ Eu acho que a minha professora e a professora Célia, não são bem colegas, são, assim, como irmãs”. Percebes, estabeleci muito boas amizades, as melhores amizades são profissionais, as minhas amigas são professoras. Mesmo, hoje, tenho um grupo de amigas, professoras, com quem me encontro, às vezes. Mas, amigas, mesmo, percebes. Por isso e que eu digo, a profissão foi a minha vida, foi o melhor que eu tive, tirando a família, como é claro. Por isso é que olhando para trás, sinto que podia ter continuado mais um tempo (...) Devia ter continuado, mas, depois, a minha mãe, na altura, também, estava, já, a precisar muito de mim. A minha mãe adoeceu e passava uns tempos aqui comigo e outro tempo lá na aldeia. Eu dividia o meu tempo entre Vila Real e Giões. Esse primeiro ano de reforma foi para dar apoio à minha mãe, mas, sentia saudades da escola, por isso, é que, ainda, dei apoio a colegas, fui voluntária nos Apoios Educativos. Como eu tinha tido aquela experiência de trabalhar nos Apoios, foram 15 anos, depois, havia falta e havia colegas que não se conseguiam integrar, pediram-me e eu aceitei. Eu estava disponível e colaborei no apoio a alunos de língua

estrangeira. Eu estava habituada a trabalhar com algumas colegas e elas conheciam-me bem, de maneira que foi bom voltar à escola. Mas, não foi muito tempo, porque a minha mãe piorou, começou a precisar cada vez mais de mim, até que veio a falecer (...) Agora estou nesta fase em que terei de encontrar um sentido (...) O meu problema é que estou acomodada, inscrevi-me nuns cursos na UTL, vou fazendo algumas atividades (...) Mas, estou acomodada, o meu filho agora está em casa, também, vítima desta situação, está desempregado, acabou o contrato, está solteiro ainda e, embora, ele não diga, continua a precisar de mim. Só tenho este filho e eu não sou mãe galinha, sou mãe galinha choca e apesar de ele ser um homem, eu gosto de o ter em casa (...) Estou numa situação de impasse, mas, como te digo, tenho dias, ainda me sinto bem, ainda sinto que poderia fazer mais qualquer coisa, tenho de me encontrar. Tenho que me encontrar e não sei se esta conversa contigo não me irá ajudar a reflectir um pouco mais sobre o que quero da vida (...) Eu, hoje, depois da experiência que tenho, se pudesse voltar atrás, não me teria reformado. Vejo o que se passa comigo e o que se passa com muitas colegas, reformaram-se, são autênticas donas de casa, vivem o dia a dia, à espera que o tempo passe, são mães, avós. Eu não tenho netos (...) Sabes, as coisas, depois, a pessoa acomoda-se, vai deixando que o tempo passe (...) Tenho de me encontrar, isto, também, não é a vida que eu gostava de ter. Há dias que sinto vontade de voltar a fazer coisas, mas, depois, há dias, sabes, é muito fácil a gente acomodar-se a esta situação, ler, internet, estar em casa, de vez quando encontro-me com amigas, mas, poucas vezes. Devia sair mais (...).

J- Obrigado Célia.

Entrevista à Maria João com base nos artefactos (2ª Entrevista)

Dia 3 de Março/2011

Local: Agrupamento de Escolas D. Manuela I – Gabinete 64

Hora: 15,15 h

Duração da Entrevista: 1 h 15 m

Contextualização da entrevista:

Foi difícil conseguir esta entrevista. Esteve 2 vezes marcada e 2 vezes foi desmarcada pela Maria João, face aos seus afazeres profissionais. É coordenadora de Departamento do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas D. Manuel I. Anda sempre muito ocupada. Os contactos foram estabelecidos por correio eletrónico e confirmados por telemóvel. Finalmente marcámos a entrevista. A 1ª entrevista realizara-se na Escola, numa sala do Agrupamento. Desta vez a Maria João preferiu que fizéssemos a entrevista na Biblioteca Álvaro de Campos, um espaço novo em Tavira. Marcámos para as 15 h. Cheguei 15 minutos antes. Fui marcar um espaço, pedir um gabinete e fui informado que não havia. Houve sinais de antipatia da funcionária da biblioteca. Pedi para falar coma Diretora, a funcionária disse-me que não estava. A biblioteca tinha gabinetes mas estavam todos ocupados. Às 15 h chegou a Maria João. Não se importava de fazer a entrevista na biblioteca, no espaço público, onde havia mais gente. Disse-lhe que não...uma entrevista biográfica exigia alguma privacidade. Fomos para a Escola onde encontrámos um gabinete disponível. Perguntou-me quanto tempo era a entrevista, falei que podia ser entre 1 h e 1, 5 h, respondeu-me “Tanto tempo?”. Esta falta de tempo, esta “pressa” dos entrevistados condiciona...

A entrevista decorreu a um bom ritmo. Tínhamos cerca de 1,5 de entrevista quando acabámos. A entrevistada admirou-se porque não deu pelo tempo passar. Achei a entrevistada um pouco cansada, depois da 1h de entrevista exactamente como alguns dos outros entrevistados. Quando é mais de 1 hora parecem ficar um pouco extenuados com dificuldade de falar. A Maria João é uma entrevistada que mede as palavras, não fala muito, parece não ter muito para dizer. Mostrava-se já cansada, a olhar para o relógio, com insistência. Estava dar-me sinal de que queria acabar a entrevista. Essa a razão principal, porque eu não fui além da 1, 10 m de entrevista. Também achei que os pontos principais já tinham sido abordados...

J- Obrigado Maria João. A nossa 1ª entrevista foi sobre o teu trabalho na educação de adultos. Hoje pretendo que faças uma breve narrativa do teu percurso de vida. Temos aqui um portefólio com várias imagens e artefactos que te podem levar da infância até aos dias de hoje... agora é contigo...

M.J.- Sou filha única, nasci em 1961, no meio rural, nasci num lugar a 4 Km de Cachopo, na Fonte do Corcho, a minha infância foi passada lá. Naquela altura havia muitas crianças na serra, lá onde eu morava havia muita gente, casais jovens, com filhos ainda pequenos. Foi uma infância feliz, com muita brincadeira ao ar livre, no meio da serra, com muitos amigos, muito à vontade, com muitos animais. Tinha a

escola a 1Km de distância, fazia pé esse percurso todos os dias eu e mais algumas crianças lá do lugar onde vivia com os meus pais. Era uma escola improvisada, feita numa casa antiga. Éramos muitos, aí uns 18 alunos. Os montes eram muito povoados. Quase todos os lugares tinham escola, não era uma escola, com edifício do tipo plano centenários, a maioria era em casas particulares adaptadas a escolas que depois era colocado algum mobiliário escolar. Em Cachopo havia Escola com mais de uma sala, aí, era sede de freguesia e havia muita gente naquela altura, era muito povoado, havia muita gente nova, muita criança, muitos casais ainda novos, mulheres que tinham ficado com os filhos, enquanto os maridos estavam emigrados. Na minha escola, a professora era uma senhora, que naquela altura se chamava professora regente, era uma senhora do concelho que não tinha curso mas que dava aulas na primária, porque não havia mais ninguém. Mas era uma professora muito boa. Gostei imenso da professora que tive na Primária, ensinava muito bem, eu, também, aprendia logo à primeira, tinha muita facilidade. Quando chegava a casa quase nunca precisava de ajuda, se precisasse a minha mãe ajudava porque ela tinha feito a 4ª classe e sabia ensinar, eu é que não precisava. Tive aquela professora durante os 4 anos de primária. Passávamos os dias inteiros na escola, de manhã até à noite e aos sábados de manhã, também havia escola. Do que eu não gostava era dos domingos, porque era um dia mais triste, havia menos meninos para brincar. Na escola éramos muitos e havia sempre brincadeira. Gostava mais dos sábados porque era para fazer atividades livres, havia mais brincadeira. Em termos de ocupação de tempos livres era com os brinquedos que nós fazíamos, era correr e saltar, porque nesse tempo não havia televisão, nem electricidade havia. Para além das brincadeiras eu gostava imenso de ler, na altura, passava lá uma biblioteca itinerante. A biblioteca passava quinzenalmente e eu requisitava logo livros para aqueles dias todos. Depois na semana que a biblioteca vinha entregava os livros, requisitava outros. Ocupava muito tempo na leitura. Portanto o meu tempo era passado a ler, a brincar, estava com a minha mãe e o meu pai. Depois, quando eu tinha aí uns 4 ou 5 anos, o meu pai, que era pedreiro, emigrou. Muita gente da serra emigrou na década de 60, principalmente para França. O meu pai esteve quatro ou cinco em França, eu fiquei com a minha mãe e com os meus avós paternos (...) A minha mãe sempre foi muito minha amiga, era uma pessoa muito firme nas suas decisões e eu habituei-me logo de pequena a respeitar as suas decisões. A minha mãe não era autoritária, nem controladora, nem coisa nenhuma, mas fazia-me ver as coisas como eram. Acho que a minha mãe tinha

e tem uma personalidade que era um bocadinho diferente das pessoas daquela zona. Acho que era uma pessoa mais evoluída do que as outras. Ela influenciou-me muito, a minha maneira de ser, a minha personalidade. Tive muita sorte com os meus pais, sempre foram muito carinhosos comigo. São os meus melhores amigos, felizmente ainda estão vivos, vou regularmente a Cachopo visitá-los. A minha filha que está em Lisboa, quando cá vem, vai sempre ver os avós, também, tem muito o sentido de família. Agora os meus pais estão em Cachopo, arranámos lá uma casa, porque lá no monte, aquilo está a ficar desabitado. Quando vou a Cachopo com o meu marido costumamos juntar os meus pais com os pais dele, que já estão muito velhotes (...) Os meus pais têm uma reforma muito pequena, mas, também, eram poupados, têm as suas poupanças. O meu pai era pedreiro, depois de vir de França continuou a trabalhar, em Cachopo havia sempre trabalho porque não havia muitas pessoas com a profissão dele. Não têm muitas despesas vivem com pouco, têm uma horta onde semeiam parte dos produtos que comem. Ainda ontem lhes liguei, estavam na horta. O meu pai trata da vinha, gosta de fazer vinho para ele e para os amigos (...) Ainda em relação aos meus pais, eles são diferentes, o meu pai era menos expansivo, mais calado, a minha mãe é que tomava as decisões, é que me impunha as regras. E eu habituei-me a cumpri-las, nunca tivemos problemas, a minha mãe, quando eu era criança, nunca me bateu. Fui educada a cumprir horários, a não prevaricar e tenho sido sempre assim. Por isso é que nunca tive problemas por onde passei, pois, saí de casa muito cedo. A primeira vez que saí, quando fui para Tavira, o meu pai tinha voltado de França, foi quando eu ingressei no que se chama agora, 2º ciclo, na altura era o 1º ano do ciclo preparatório. Não havia esse nível de ensino no lugar onde morava nem em Cachopo. Quando acabei o ensino primário vim para Tavira, para casa de uns tios da minha mãe e foi aí que eu fiz o Preparatório, que era de dois anos e ainda fiz o 1º ano do Liceu. Naquele tempo, fazia-se o ciclo preparatório e depois ia-se para o Liceu ou para Escola Comercial. Eu fiz o 1º ano do Liceu em Tavira, nesse ano, deu-se o 25 de Abril, eu tinha 12 anos, e isso foi muito notado aqui em Tavira por causa dos quartéis que havia aqui, em Tavira havia sempre muitos tropas. Lembro-me do 25 de Abril, lembro-me das manifestações, de haver muitos tropas na rua, de haver atividades no Jardim, do MFA, lembro-me de ninguém querer ter aulas, dos pauzinhos nas fechaduras, não conseguiam abrir as portas das salas. Depois vim estudar para Faro e lembro-me que ainda havia muita agitação, havia alunos do MRPP que andavam de megafone em punho. Continuavam os pauzinhos de fósforos

nas fechaduras para não termos aulas (riso). Inventavam-se manifestações com alguma frequência. Foi, assim, uma fase atribulada que eu acho que se perdeu muito tempo, perdemos muita matéria com aquelas brincadeiras, aquilo eram mais brincadeiras que outra coisa, éramos tão novos, não tínhamos bem consciência do que fazíamos, na altura achávamos piada mas depois (...), a ideia que tenho do 25 de Abril é essa e de passarmos todos a ser stalinistas, de sermos todos muito radicais (risos). Aquilo era tudo novo para nós., eu tinha 13. Nesse ano que fui continuar os estudos em Faro, no Liceu, fiquei em casa de umas pessoas amigas. Fui para o antigo 4º ano, hoje seria o 8º ano. No Liceu fiz o 4º e o 5º ano e pôs-se a possibilidade de ir para o Magistério. Eu só tinha 15 anos (risos), naquela altura era permitido entrar com o 5º ano e eu achei que era uma boa oportunidade. Para além de gostar de ser professora, os meus pais também não tinham grandes possibilidades de eu continuar a estudar fora e podia começara ganhar dinheiro mais cedo, resolvi candidatar-me. Fui fazer os exames do Magistério mas não estava nada convencida que iria conseguir entrar no Magistério, era tão novinha, só tinha o 5º ano e a maioria das pessoas que concorreram para o Magistério naquele ano, já tinham o antigo 7º ano dos Liceus, eram muito poucos, aqueles que concorriam e entravam só com o 5º ano. Eu tive sorte porque consegui entrar, entre 400 candidatos eram apurados para aí uns 60, eu nunca pensei que conseguisse. Isto foi em 1976, eu estava, na mesma, matriculada no 6º ano, que agora é o 10º, para o caso de não conseguir entrar no Magistério, poder continuar a estudar. Como as aulas no Magistério começaram mais tarde, eu, naquele ano, ainda fiz o 1º período no liceu, no 6º ano. Ainda andei a experimentar entre uma coisa e outra. Fui para o Magistério por opção porque achei que me dizia mais. O Magistério era, assim, uma escola muito aberta, por influência do 25 de Abril, completamente aberta (risos) onde se falava muito de política, os alunos tinham uma relação muito próxima com os professores, a avaliação era discutida entre todos, havia a auto avaliação, a hétero avaliação, em que os colegas se pronunciavam sobre a nossa nota. Era um tipo de escola muito diferente. Era uma Escola muito virada para a Vida e eu, no meio daqueles colegas, tive de crescer muito depressa porque as outras pessoas eram todas muito mais velhas do que eu. Pronto, algumas vezes ainda me passou pela cabeça desistir, eu era muito nova, achava que não estava a ali a fazer grande coisa, que aquilo não era para mim, não me sentia ainda preparada para entrar em certas discussões que havia ou para tomar certas posições. Nas vezes em que a turma tomava certas atitudes contra alguns

professores eu não me sentia muito à vontade. Era muito nova para aquilo. Mas, o facto é que eu comecei a gostar e a integrar-me cada vez mais. Depois, quando começámos a ir à escola primária, logo no 1º ano, começámos a ir às salas, vi que gostava de lidar com as crianças. Fiz o Magistério, acabei em 1979. Depois, tive logo a minha primeira colocação em Lagos (...)

J- Vamos voltar um bocadinho atrás, ao tempo da infância, ainda mantém amizade com crianças do seu tempo?

M.J.- Ainda tenho alguns amigos desse tempo, mas, são poucos, porque há muitos que nunca mais os vi. Em Cachopo não ficou nenhum, saíram todos, fizeram percursos muito diferentes. Na serra não havia perspectivas nenhuma de emprego e toda a gente, tivesse ainda continuado os estudos ou não acabou por sair de lá. daquelas crianças que andaram comigo na escola primária, quase todos continuaram a estudar. É assim, a maioria quando acabou a primária, interromperam, porque não havia ciclo preparatório em Cachopo, teriam de sair de casa dos pais e ir para Tavira ou Faro. Era muito complicado porque as pessoas da serra eram pobres, não tinham posses para pôr os filhos a estudar fora. Depois, deu-se o 25 de Abril e começou a haver um autocarro que trazia os estudantes de manhã para Faro e ao fim do dia levava-os. Foi muito importante, porque aqueles que tinham interrompido, tiveram oportunidade de voltar a estudar. Eu, também, cheguei a ir, no meu 5º ano, mas era muito cansativo. Eu estava em Faro, na casa daquelas pessoas amiga, tinha feito o 4º ano do Liceu, quando começou a haver aquela carreira entre Cachopo e Faro só para estudantes, eu voltei para casa dos meus pais e comecei a vir ir todos os dias. Era muito cansativo, tive de desistir e voltar para Faro. Houve muitos jovens de Cachopo que assim puderam continuar a estudar, mas houve muito que desistiram. A maior parte não aguentou, muitos deles acabaram por não concluir. Que eu saiba, houve três de nós que tiraram cursos, que concluíram cursos de Bacharelato. Mas, a minha altura foi a pior porque não havia nada, para continuar a estudar tive de sair, fui para Tavira. Depois aconteceu o 25 de Abril e abriu a Telescola em Cachopo. Aqueles que tinham parado de estudar puderam recomeçar e fazer o ciclo preparatório. Para além da telescola começou a haver um autocarro só para estudantes que fazia o percurso Faro-Cachopo-Faro. Eu saí de Cachopo antes disso, tinha 10 anos quando fui para Tavira. Era muito novinha quando saí de casa. Senti muito a falta dos meus pais, da família. Foi duro, com 10 anos, mudei de ambiente e havia coisas a que não estava habituada. O primeiro ano, principalmente, custou muito, não conhecia ninguém, não

tinha amigas. Acabei por fazer algumas amigas na escola, adaptei-me. Teve que ser. Fiz algumas amigas nesse tempo que hoje ainda se mantêm, algumas, hoje, são minhas colegas aqui na Escola. Fiz o ciclo preparatório. Depois do Preparatório, uns iam para Escola Técnica que tinha o ensino comercial e o ensino industrial e outros iam para o liceu. Eu fui para o liceu, aí iniciava-se outro ciclo. Do tempo que estive em Tavira, gostei, não tenho assim grandes recordações, tive boas notas, nunca tive problemas. Eu sou pessoa de me adaptar bem, passo pelas coisas sem criar a problemas a ninguém. O pior era as saudades da família, só ia a casa nas férias, ao fim de semana não dava porque o autocarro chegava muito tarde para poder ir às aulas de 2ª feira. Depois de fazer o 1º ano do Liceu, volto a mudar e fui para Faro para casa de uns amigos dos meus pais, vivi uma nova adaptação. Faro era uma cidade maior, era muito diferente de Tavira. Fui para o liceu, voltei a adaptar-me (risos), adaptei-me bem, tive de voltar a fazer novas amizades, mas, também, não foi difícil. Gostei de andar no liceu de Faro, integrei-me bem. Tinha um bom ambiente, a sala de convívio era muito animada, o espaço exterior também era agradável, gostei. Em termos de áreas que me interessassem mais, dependia um bocado dos professores, não é, gostamos das disciplinas quando gostamos dos professores, dependia muito dos professores (risos), eu gostava muito da professora de Português, a Júlia Furtado, era a minha professora favorita. Foi, assim, a única professora que me marcou no liceu (...)

J- O que é que uma menina com 14 anos, vivendo longe dos pais, fazia quando não estava no liceu?

M.J. – Saía. Tinha um grupo de amigas, colegas de turma e já íamos muito às Pirâmides, havia matinés (sic) nos Bombeiros, íamos ao Aliança, basicamente isso, não me lembro de mais nada. Quando saíamos do liceu, vínhamos até à baixa de Faro. Era assim. Sentia-me livre, não tinha horários para cumprir, mas, também, não precisava porque era uma menina responsável. Era autónoma, tinha saído de casa dos meus pais muito cedo e ir viver para casa de outras pessoas e fazia tudo certinho, nunca tive problemas por onde passei. As pessoas onde estive também confiaram sempre em mim, talvez porque os meus pais sempre manifestaram confiança em mim. Como eu nunca prevaricava, não havia controlo sobre mim. Também não lhes dava motivos para preocupações, nunca chegava tarde, era boa aluna, no 5º ano, dispensei aos exames todos. Depois fui para o Magistério com 15 anos, era muito novinha, mas, por outro lado, era muito autónoma, nunca tinha vivido sob o

proteccionismo dos pais (...)

J- A adolescência?

M.J.- Eu acho que tive uma adolescência diferente de muitas raparigas porque passei de jovem adolescente a adolescente madura com muitas responsabilidades. De repente ao entrar no Magistério tive de crescer de repente porque o ambiente mudou muito, do ambiente de 5º ano do liceu, de conviver com jovens de 14 e 15 anos, para um ambiente de gente adulta, a maioria das pessoas que andavam no Magistério era gente adulta com mais de 20 anos. Isso obrigou-me a crescer, se calhar houve uma fase da minha adolescência que não chegou a ser vivida. Fui para o Magistério, mas, a princípio não foi por grande convicção, acho que não sabia bem o que queria, talvez por ser tão jovem. Eu fui fazer os exames do Magistério influenciada por um grupo de amigas. Fomos todas juntas fazer o exame. Éramos três, mas, depois, só eu é que passei. Por isso é que fiquei tão dividida. Ir para Magistério não era assim nenhum grande objectivo que eu tivesse, por isso é que andava no liceu e fui fazer os exames, estava matriculada nos dois sítios, andava ali a ver o que é que aquilo dava. Mas, depois, de lá andar, gostei e fiquei. Mas, não posso dizer que foi por vocação que quis ir para o Magistério, foi mais, por saber que se eu quisesse tirar um curso, não tinha possibilidade de ir para Lisboa, o único curso que eu podia tirar era o Bacharelato e era no Magistério. Portanto, ou continuava no liceu, fazia o 7º ano e ia para um Banco ou para as Finanças, ou entre isso e ser professora, preferia ser professora, mesmo que fosse do ensino primário. Achava que iria gostar mais de ser professora e para ser professora tinha de ser em Faro, porque não tinha possibilidades de ir para a Universidade (...). A minha adolescência teve, assim, uma mudança repentina, mas eu não tive essas crises da adolescência. A minha filha passou por essa crise, mas, eu não dei muito por ela. Essas coisas da adolescência, eu acho que não passei por elas, não, não devia ter tempo para isso. Nessa altura, eu estava no Magistério e havia sempre muitos trabalhos, trabalhos individuais, trabalhos de grupo, então, não devo ter tido tempo. Nós tínhamos o tempo muito preenchido, ou fazíamos os trabalhos na casa de uma de nós ou na biblioteca. Quando tínhamos tempos livres íamos ao Aliança. Toda a gente ia ao Aliança (...). Olhando para trás, tive uma adolescência tranquila, mas, eu sempre fui uma pessoa tranquila que saiu de casa dos pais muito cedo e tinha de levar as coisas com calma. Como não estava na casa dos meus pais não tinha tantas oportunidades de ter crises. Eu não sou pessoa para entrar em crise, para ficar deprimida, não, lido bem com as situações de stress,

faz parte da minha maneira de ser. (...) No Magistério eu era novinha, havia aquele ambiente político, mas, adaptei-me bem, nunca me senti inferiorizada por ser mais jovem, acho que ninguém ligava a isso, éramos todos alunos do Magistério, não interessava, se éramos mais novos ou mais velhos. Nessa altura, eu era um bocadinho ingénua, mas o facto é que eu gostava muito daquelas discussões, dos debates nas aulas e aprendi imenso, esse tempo foi importante para o meu crescimento. Com as minhas amigas, eu situava-me num nível diferente delas por causa da idade, mas acho que cresci muito depressa. Tínhamos lá muita gente (...) sei lá, estou-me a lembrar do Rui D'Espiney e de outros que já andavam na vida política, mas aprendi muito. Gostei do Magistério, apesar daquela competição que havia por causa da nota do 13,6, da média de ano, gostei. Gostei daquele tipo de ensino que era completamente diferente do Liceu. Os professores eram muito abertos, as aulas eram mais participadas, havia muitas intervenções dos alunos, podiam dar a sua opinião e os professores pareciam respeitar isso. Gostava dos trabalhos de grupo e das apresentações. Na maior parte das disciplinas nem havia testes o que era muito bom, era só trabalhos. Lembro-me das Atividade de contacto, não sei se no tempo do Joca havia, mas foi espetacular, logo no 1º ano. O que nós nos divertimos. Gostei imenso, fui para o Alentejo, fomos para um meio rural, diferente daquele a que estava habituada. Nós tínhamos no grupo uma colega que era do Alentejo, vivia num monte alentejano e nós fomos para a casa dela, num monte alentejano, nas proximidades de Almodôvar, havia ali umas escolinhas onde realizámos as atividades. Foi interessante porque, depois, também contactámos com jovens de lá. Nessas atividades de contacto ela arranjou um namorado que era nosso colega, que fazia parte do grupo e casou com ele (risos). As Atividades de contacto foram a porta de entrada do Curso, foi muito importante porque foi uma experiência diferente que nos motivou muito. Fizemos atividades, aplicámos questionários, fizemos relatórios, que depois apresentámos na aula com debate. Foi muito interessante, foi uma forma de nós aprendermos a trabalhar na comunidade, a conhecer a vida de um monte alentejano, a falar com as pessoas, a sua cultura (...) Também gostei muito das Práticas com as crianças da escola primária, principalmente, no 3º ano, em que tínhamos os 3 dias para ficar frente à turma, em que organizávamos as aulas e eram as responsáveis pela turma. Isso foi o que eu mais gostei porque deu a ideia se tínhamos algum jeito para dar aulas e para ficar com a certeza de que queria ser professora. Eu pensava “É isto que me interessa, estou aqui a fazer isto com gosto”. Nessa altura percebi que era

aquilo que queria, gostava do relacionamento com as crianças e do ambiente da nossa profissão. Nas Práticas o que mais me incomodava era ter tanta gente na turma, cheguei a ter nove pessoas a assistir. Eu lembro-me uma vez que foi o Prof. Bandeira que era professor de Técnicas, foi a Alexandra que era de Ciências, no mesmo dia foi a Carolina de Psicologia e era a orientadora de estágio, mais a professora da sala, mais as minhas colegas (risos), tinha 9 adultos a ver o meu trabalho. Mas, eu tinha o cuidado de preparar bem as aulas e o grupo funcionava bem, preparávamos as aulas em conjunto, construíamos os materiais e enquanto uma dava a aula, o resto grupo dava apoio na sala, o que ajudava muito. Eu senti que tinha alguma empatia com as crianças, só assim é que se aguenta uma coisa daquelas, uma turma grande, na Escola do Carmo, que até era de 1º ano, ainda por cima e com tanta gente a assistir. Lembro-me do trabalho que dava fazer as fichas, ainda não havia fotocopiadoras, fazíamos as fichas e depois tínhamos de as copiar no gelatinógrafo. Também havia o copiator a álcool, mas esse estava na Escola e era muito requisitado pelas professoras. Gostei do Curso. Porque se não tivesse gostado, também, podia ter desistido porque os meus pais nunca me pressionaram, nem disseram que queriam que eu fizesse isto ou aquilo, eles confiavam em mim e quem tomava as decisões sobre o que queria fazer era eu. No entanto, eu sei que eles ficaram contentes em eu tirar o curso, porque não tinham dinheiro para eu andar a gastar. E, fazendo o curso podia começar a trabalhar e era menos uma despesa para eles (...) Tenho boas recordações do Magistério, fiz boas amizades entre as colegas de turma. No meu ano funcionávamos por turmas, éramos três turmas, mas, não havia muita comunicação entre turmas, talvez por estarmos sempre muito ocupados. Por isso, com quem me dava mais era com colegas de turma com quem fazia grupo para os trabalhos, mas, não ficou assim nenhuma colega com quem tivesse feito uma grande amizade, não, não me lembro de ninguém. Das colegas desse tempo, cada uma foi para o seu lado e houve muitas que deixei de ver. O que é certo é que estamos mais ou menos perto, mas, passam imensos anos sem nos vermos. Amizades? Ficaram mais as do Ensino Primário e as do Liceu, que as do Magistério. Mas, quando nos encontramos é sempre uma festa, vê-se que passámos tempo junto, que há afinidades, mas, não houve ninguém com quem continuasse a me encontrar, a frequentar a casa um do outro, não. Também, não houve nenhuma colega com quem tivesse ficado zangada (...)

J- Professora primária...

M.J.- Acabei o curso com 18 anos e fui colocada em Lagos. Foi a minha primeira

colocação. Outra vez sozinha, apanhei o comboio e fui para Lagos. Fui à Delegação Escolar, na altura estava lá um colega que era o Crisântemo, uma figura lá muito popular e estavam outros colegas e então eu disse assim” Olhem estou aqui, não sou de cá, estou sozinha e preciso da vossa ajuda para arranjar um sítio onde ficar, para a amanhã começar a procurar casa”. Estava lá uma colega que disse assim” Olha, eu sou de S. Brás e moro aqui sozinha, se quiseres vir para a minha casa, vem” Era a Guida Carrusca. Fui com a Guida Carrusca e fiquei lá na casa dela. Ficámos amigas, ainda há pouco tempo nos encontrámos. Portanto, passei uns meses lá muito divertidos. Fui colocada em Novembro para fazer uma substituição e estive lá até à Páscoa, foram uns meses. Depois, sai de lá e fui colocada em Giões, no outro extremo do Algarve, mas mais perto da casa dos meus pais. DE qualquer modo, apesar do meu pai me emprestar o carro para eu ir para a Escola, porque não havia transportes públicos, eu ficava lá durante a semana, porque ficava muito dispendioso andar para cá e para lá, entre Giões e a Fonte do Corcho. Ficava na casa dos pais de uma aluna. Em Giões também fiquei alguns meses a fazer substituição de uma colega que estava doente. A segui, ainda fui fazer outra substituição, foi nas Hortas em Vila Real. Em 1981 é que tive a minha primeira colocação por um ano inteiro em Vila Real, na Escola Caldeira Romão, ali quando se vai para o Farol. Aqui foi o ano mais difícil, enquanto andei a fazer substituições, as turmas eram boas, não tive problemas. Quando fui colocada em Vila Real pelo ano inteiro, aí tive muitas dificuldades. Nós chegávamos e as turmas eram distribuídas. Toda a gente sabia como é que as turmas eram constituídas. Davam-se sempre as piores turmas a quem chegava depois. Então, apanhei uma turma que era assim o cúmulo, que era assim uma coisa (...). Nessa altura, foi a primeira vez que eu tive vontade de desistir. Colocada em Vila Real, numa Escola difícil, com uma turma enorme, com todos os níveis de ensino, os alunos com muitas dificuldades, muito indisciplinados, havia ali crianças com montes de problemas. Tinha um menino com sífilis que era muito complicado e muito problemático, um outro com perturbações mentais que de vez em quando ninguém o conseguia aguentar. Era a turma mais complicada da Escola. Eu tinha 19 anos e muito pouca experiência. Aquele ano estava a ser terrível, eu andava completamente desorientada porque não sabia o que fazer com aquela turma. Foi bastante complicado, alunos das 2 fases, naquele tempo havia as fases, alunos com diferentes níveis de aprendizagem e mais aqueles problemas todos, foi muito duro. Pensei em desistir porque aquilo era uma grande pressão, mas, depois, houve

uma colega que me ajudou, ela tinha mais experiência e, também, me dizia para eu não me assustar, que aquela turma era mesmo assim, e não havia nada a fazer, o que se tinha era de aguentar e ir fazendo o melhor que se podia. Mas, essa ajuda foi muito boa, porque sozinha não tinha conseguido. Foi um ano terrível, mas, depois, também percebi que o problema não era meu, era daquele sistema todo. Aquela turma era especial e na Escola todos sabiam disso, não havia Apoios, não havia nada disso. Antigamente os colegas faziam coisas destas, agora já não é tanto assim, já há mais critério na constituição das turmas. Apesar de ainda haver algumas preferências já não se formam turmas tão desequilibradas, juntando os meninos com problemas todos numa sala (...) Depois, passou aquele ano, a custo, mas passou. No ano seguinte fui para a serra, mesmo serra, fui para Ceroles, fica na freguesia de Cachopo, mas é o monte mais isolado. Estava perto da casa dos meus pais, mas estava longe porque não havia acessos. Tive de arranjar maneira de lá ficar porque não conseguia ir a casa dos meus pais. Era uma Escola com três alunos. Ficava lá por três alunos. Também foi uma experiência dura, porque uma pessoa sofre um grande desgaste psicológico. Eu acho que os professores primários sofriam muito naquele tempo quando eram colocados em escolas isoladas, em montes onde nada acontecia, com pouquíssimos alunos. Era preciso uma grande capacidade de resistência. Quando estive nos Ceroles ia de carro, mas, nem pensar em vir todos dias a casa, tinha de ficar lá, não havia estrada, havia um caminho que quando chovia, ficava quase inacessível. Nesse ano que estou em Ceroles, tinha 20 anos, casei-me (risos). Na minha vida aconteceu tudo cedo, sai cedo de casa com 10 anos, fui cedo para o Magistério, casei cedo, fui mãe cedo (risos). Tudo aconteceu cedo na minha vida (...).

J- Onde conheceu o marido?

M.J.- O meu marido é de Cachopo, é da freguesia, mas de outro lugar. Conheci-o em Cachopo. Conheci-o quando tinha aí uns 16 ou 17 anos, já estava no Magistério. Conhecemo-nos naquelas festarolas que se faziam em Cachopo. Eu gostava de ir ao baile e foi aí que o conheci. Depois encontrávamo-nos nessas festas que havia nas férias. O tempo de férias, eu ia sempre passá-las a casa dos meus pais. Começámos a namorar. Quando eu estava no Magistério ele estava trabalhar em Vilamoura e encontrávamo-nos em Faro. Quando comecei a trabalhar, fui para Lagos e, depois, Vila Real e era mais fácil continuarmos a nos encontrar, também, já tinha carro e víamo-nos aos fins-de-semana, quando dava. O pior foi quando fui colocada na serra.

Quando estava em Ceroles, é que era mais difícil. Quando casámos, comprámos casa em Tavira, fomos morar para Tavira e ele, entretanto, também veio trabalhar para Tavira. Quando estava em Ceroles vinha a casa a meio da semana, à 4ª feira. Ia à 2ª feira e vinha à 4ª. Ia de carro, a estrada até Cachopo era razoável, o pior era de Cachopo até Ceroles, que era péssima, de terra batida e esburacada. Em Ceroles, foi uma experiência muito pouco interessante, com 4 alunos e aquelas viagens para cá e para lá. Depois, no ano seguinte vim para Tavira, já era casada (...)

J- Casou, colocada em Tavira, casa a em Tavira, marido a trabalhar, a Maria João tinha muitos planos?

M.J. - Não sou pessoa de fazer grandes planos, as coisas foram acontecendo na minha vida. Quando casei não tinha planos, quis ser mãe e fui aos 22 anos. Casei aos 20 e fui mãe aos 22 anos. Veio uma menina que era o que eu queria, já queria antes, mas, estava sempre com medo de ser colocada longe. Depois, fui-me acomodando e não tive mais filhos. Ainda me arrependi algumas vezes mas foi já comodismo, a minha filha já estava crescida e eu não tinha os pais perto para ajudarem. Não era fácil, o meu marido era muito ocupado, tinha horários piores que os meus. Quando a minha filha era pequena eu tinha que recorrer a pessoas amigas ou a esses tios que viviam aqui em Tavira, apesar de serem velhotes, ainda me ajudaram algumas vezes. Algumas vezes, eram os pais das amigas da minha filha que ficavam com ela, eu não podia ir buscá-las ao infantário e ela ia com essas pessoas amigas para casa delas, depois, eu ia buscá-la. Outras vezes era ao contrário, quando podia, eu ia buscar a minha filha e levava as filhas dessas pessoas amigas, fazíamos, assim uns intercâmbios. Foi a melhor maneira que tive para criar a minha filha. Não foi nada fácil criar a minha filha, mas, pronto, já passou (...) Agora está em Lisboa, sempre foi boa aluna, tirou Arquitectura Paisagista e já está a trabalhar há 3 anos. Nunca reprovou ano nenhum, acabou o curso com 23 anos, nunca me deu problemas, saiu à mãe, também, foi sempre muito autónoma e muito responsável (...).

J- E a mãe sente saudades da filha?

M.J.- Eu não sou muito desse género de ter saudades, a vida tem que ser levada conforme as situações. Desde que saiba que as pessoas estão bem e que estão felizes, fico descansada. Eu muito nova aprendi a não dar valor às saudades, saí de casa aos 10 anos e só voltava nas férias. Vivi sozinha em Tavira, em Faro, andei pelas escolas da serra, casei e fiquei afastada do meu marido. Aprendi a viver assim. Com a minha filha, falo com ela por telefone e se sei que ela está bem, consigo conviver bem com

a distância. Fiz com a minha filha aquilo que os meus pais fizeram comigo. Às vezes, temos tendência para ser mães galinhas, mas eu não, sempre dei um empurrãozinho para que ela fosse autónoma, tivesse sentido de responsável e pudesse saber contar só com ela, porque, isso comigo funcionou muito bem, acho eu. Logo cedo eu dava-lhe uma pequena semanada e já não lhe dava mais nada, precisasse ou não, para ela aprender a gerir o seu próprio dinheiro. E quando foi para a Universidade, tirou o curso em Gambelas, era assim, dávamos-lhe uma quantia e ela geria esse dinheiro, ficou em Faro, a morar sozinha, podia ir e vir todos os dias, porque de Tavira a Faro não é tão longe, mas, achámos melhor dar-lhe espaço para ela crescer e viver a vida de estudante. Com uma ajudinha comprou um apartamento e ficou lá a viver, enquanto andava na Universidade. Mais tarde comprou carro e vinha a casa aos fins-de-semana. Quando acabou o curso começou à procura de emprego, enviou muitos currículos, veio resposta, foi para Lisboa, trabalhar. Eu e o meu marido, mas, mais, eu, decidiu-se vender o apartamento aqui em Faro e comprar um em Lisboa onde ela está a viver. A minha filha nunca me deu grandes preocupações, as coisas têm corrido bem e, agora, estou mais descansada porque ela já está acompanhada (...)

J- A Maria João veio para Tavira, como foi a sua vida como professora?

M.J- Vim para Tavira e fiquei por aqui. Dei aulas cinco anos, primeiro na Porta Nova, durante um ano e, nos outros anos, estive na Escola da Estação. Foi bom, gostei, apesar de ter sempre turmas grandes e difíceis. Não tanto como foi em Vila Real, não havia casos tão complicados, mas, aqui na Estação também tive turmas complicadas, de crianças vindas de ambientes difíceis. O problema era sempre o mesmo, como era a mais nova, apanhava as turmas mais difíceis. Mas, pronto, estava em casa e já tinha um pouco mais de experiência. Gostei do ambiente aqui da Escola da Estação, acabei por fazer algumas amigas que ainda se mantêm, porque, depois, as colocações estabilizaram e elas ainda continuam por aqui (...) As minhas amigas, agora, aquelas com quem me dou, com quem saio com quem vou ao cinema, são colegas que eu conheci aqui em Tavira, colegas de profissão. Uma das minhas melhores amigas é de Olhão, já foi aqui minha colega, mas agora está em Olhão. Continuamos muito amigas, continuamos a nos contactar e a nos encontrar. Tenho feito boas amizades na profissão, amizades que se mantêm. Eu, depois, de estar aqui em Tavira, o meu marido sempre foi uma pessoa muito ocupada e havia colegas que acontecia o mesmo, então, nós juntamo-nos e saímos. No Verão vamos juntas para a praia (...)

J- Depois dessa experiência de cerca de 6 anos no ensino primário, foi para a educação de adultos

M.J.- É verdade, depois fui para a educação de adultos, para a coordenação concelhia de Tavira, convidada pela Etelvina. Quando fui para a educação de adultos já a minha filha tinha 4 anos. Fui para a educação de adultos porque a Etelvina me convidou (risos) e porque era um desafio também. Mas, não foi só isso, porque em termos de horários, eu na coordenação concelhia tinha mais disponibilidade para ir levar e buscar a minha filha ao infantário. Na coordenação concelhia não tínhamos um horário tão rígido com se estivesse na escola. O destacamento na educação de adultos também me garantia maior estabilidade, assim não corria o risco de ser colocada numa escola fora de Tavira. Foi por isso que aceitei, havia várias vantagens para mim e eu aproveitei. Depois, também, foi a curiosidade por um nível de ensino completamente diferente. Entretanto, já tinha completado o curso complementar dos liceus e quando estava na educação de adultos fiz uma licenciatura em Português e História. Ainda pensei em mudar de nível de ensino, concorrer para o ensino preparatório, mas depois, desisti, achei que não devia mudar (...)

J- Fale-me um pouco mais dessa formação...

M.J.- Quando fiz o antigo 5º ano do Liceu, fui para o Magistério. Depois, comecei logo a trabalhar, a fazer substituições. Quando tive mais estabilidade e isso aconteceu quando vim morar para Tavira, pensei em fazer o antigo 3º ciclo do Liceu. Estava a dar aulas na Escola da Estação quando completei o curso complementar dos Liceus. Fiz em Tavira, na Escola Secundária. Depois, continuei a estudar. Quando fui para a educação de adultos estava a fazer a Licenciatura de Português/História na Universidade Aberta. O Curso era de cinco anos, mas, nas disciplinas opcionais tive algumas equivalências de disciplinas do Magistério. Mas, demorei cinco anos a fazer, sim, enquanto estava na educação de adultos, estava a estudar (...)

J- Porquê uma licenciatura em Português/ História?

M.J. – Foi por causa daquela questão das carreiras, de poder mudar de escalão. Com a licenciatura sabia que podia subir dois escalões e ficar a ganhar mais. E, depois, tinha acabado o 12º ano e queria continuar a estudar. O Português sempre foi uma área que me interessou, gostava de Português desde o tempo do Liceu, e o Português é muito importante para a nossa profissão. Eu sentia que devia continuar a estudar, a licenciatura era mais um complemento para progredir na carreira. Quando vieram os Complementos de Formação que dava para mudar de escalão, eu já tinha licenciatura

feita. Quando acabei o 12º ano já se falava nos Complementos, aqui em Tavira não havia, mas eu pensei “Complementos, não, o que eu devia fazer era um curso em que aprendesse mais e que servisse para a profissão”. É o caso da língua portuguesa e da história, aquilo que aprendi na minha licenciatura foi muito importante para mim, sobretudo, para quando voltei ao 1º ciclo, depois de ter saído da educação de adultos. Gostei do curso, a Universidade Aberta era uma boa oportunidade para se fazer uma licenciatura, tínhamos algumas aulas presenciais em Lisboa e, depois, os testes eram em Silves. Quando acabei a licenciatura, ainda pensei em mudar de ciclo, mas, depois, achei que não, achei que o 1º ciclo era mais interessante e aquele escalão etário interessava-me mais. No 1º ciclo faz-se um tipo de trabalho que me interessava mais. Achei que não devia concorrer para o 2º ciclo, porque, mais tarde, podia-me arrepender. Hoje não estou nada arrependida de ter tomado a decisão de continuar no 1º ciclo. O 1º ciclo permite ter uma outra intensidade de trabalho, dá para fazer mais coisas com os alunos, é um trabalho mais consistente e que dá para ver melhor os resultados (...)

J- A Maria João fez a licenciatura para ser mais igual, tendo em conta que há professores primários que sentem alguns complexos de inferioridade em relação aos colegas do 2º e 3º ciclo?

M.J.- Não, isso não teve nada a ver e eu, também, nunca senti isso, nunca senti que ser professor primário era um escalão abaixo dos professores do 2º e 3º ciclo, apesar de alguns professores desses níveis de ensino terem algumas atitudes de superioridade. Eu até sou uma pessoa que diz aos colegas do primário “Isso é tudo da vossa cabeça”, mas, é verdade que às vezes isso vem ao de cima. Eu entro no Agrupamento, na Escola D. Manuel e não sinto nenhuma diferença, nenhuma discriminação, mas, o facto é que acontece. No outro dia estávamos aqui numa reunião na Escola, era com a equipa de acompanhamento da Direção regional e estavam os coordenadores de Departamento e o Diretor da Escola que nos apresentou a todos. Uma colega que estava ao meu lado, quando foi apresentada, o Diretor disse o nome da colega, mas, enganou-se e disse “professora do 1º ciclo”. A colega voltou-se muito rapidamente para o Diretor e disse

“Não me despromovas” (risos). Depois, apercebeu-se e olhou para mim “Ai desculpa”. Eu disse-lhe “Estás à vontade, tudo bem, isso não me afecta, eu tenho uma licenciatura e estou no 1º ciclo por opção, não me sinto despromovida” (risos) “Sim, eu sei”. Mas, dei-lhe logo o recado porque acho que não tem sentido haver

essa diferenciação. Mas, é verdade, apesar de não ter sentido, existe, eu digo que não às colegas do 1º ciclo, mas, na verdade, existe. Acho que vai desaparecendo aos poucos, porque, quase todos os colegas no 1º ciclo são licenciados ou têm equivalência licenciatura. As professoras mais novinhas já tiraram a licenciatura em 1º ciclo e as outras fizeram Complementos de Formação, por isso, não se compreende essa distinção. Isso, também, se nota mais é nas professoras mais antigas que estão no ensino há mais tempo. Por acaso, aquela colega que reagiu assim, até era do 1º ciclo e depois fez licenciatura e mudou. A esta a licenciatura, se calhar, deu-lhe volta à cabeça. Para mim, isso não é nada importante, há coisas muito mais importantes e que têm a ver com competência, com sentido de responsabilidade (...)

J- A Maria João foi professora primária e depois foi para a educação de adultos. Acha que o professor primário tem o perfil adequado para ser educador de adultos?

M.J.- Eu não sei, os educadores de adultos que conheci, tirando os bolseiros, eram todos professores primários e acho que faziam um bom trabalho. Mas, dizer-se que o professor primário tem o perfil adequado, não sei, acho que depende muito da personalidade de cada um, da forma como encara os adultos e o ensino de adultos que são duas coisas diferentes mas que se complementam. Acho que o mais importante é a atitude, o conhecimento, a experiência, são aspetos importantes, mas, a atitude, a forma como assume esta função, para mim é o mais importante. Foi isso que eu aprendi ao longo dos 7 anos que estive na educação de adultos. Tem que se perceber que a educação de adultos, apesar de as pessoas estarem naquele nível de escolaridade, é diferente do 1º ciclo, as pessoas têm outra compreensão das coisas, as estratégias que utilizamos não podem ser as mesmas que utilizamos com as crianças. Porque, senão, não resulta e as pessoas vão-se embora (...)

J- E a formação do professor primário?

M.J.- Não, não, não tem. Na minha opinião, o professor primário não tem formação para trabalhar com adultos. Eu penso assim, porque, quando fui para a educação de adultos achei que não estava preparada para fazer alfabetização, nem mesmo para trabalhar numa coordenação concelhia, eu tinha muitas dúvidas se seria capaz de fazer bem as coisas. Mas, com as formações que nós tivemos e tivemos muitas, aí ficamos mais preparadas para isso. As formações foram muito importantes e havia muitas, em várias áreas. A Coordenação Distrital fazia muitas ações de formação e depois havia outras que eram organizadas por outras instituições e, quando éramos convidadas, íamos sempre. Eu aprendi imenso na educação de adultos, não foi só a

experiência de trabalhar, foi, muito, a formação que fizemos. Depois, o que acho que me ajudou muito, foi toda a experiência de vida que tinha do meio rural, isso ajudou-me muito. Depois, também, tudo o que aprendi no Magistério foi importante. A experiência de vida e as aprendizagens que fiz, foi muito importante e ajudou muito a perceber a forma de lidar com as pessoas adultas. Mas, pode haver quem não consiga fazer esta separação entre ensino primário e educação de adultos. A experiência de vida, a formação, a maneira de ser, tudo isso são aspetos muito importantes (...) Há ainda um aspeto que me parece importante que é quando se trabalha em equipa. Isso ajuda muito, porque nos sentimos apoiados e aprendemos muito uns com os outros. Acho que um dos pontos fortes da educação de adultos era o ambiente que havia entre todos, o espírito de grupo, o sentido de ajuda (...) Gostei muito desta experiência em educação de adultos, aprendi muito e o que aprendi serviu para a minha vida. Ainda hoje, algumas dessas aprendizagens são úteis na minha função de coordenadora de Departamento, o que aprendi na educação de adultos foi importante para abrir horizontes, fiquei com uma perspectiva de vida diferente (...)

J- Quando saiu da Educação de Adultos foi para...

M.J- Voltei outra vez para a Escola da Estação, fiquei lá até efectivá-me, naquele tempo ainda nos efectivávamos e isso era importante. A efectivação era importante porque passávamos a uma outra categoria e podíamos concorrer no quadro de efectivos, para arranjar colocação numa escola melhor e termos mais estabilidade. A primeira vez que me efectivei fiquei aqui numa escolinha três Kms de Tavira, mas, com um ambiente completamente diferente ao que estava habituada em Tavira, não era nem urbano, nem rural, era uma coisa assim esquisita. Depois fiquei efectiva aqui em Tavira. A seguir estive três anos no Executivo, entre 2000 e 2003. Voltei para o 1º ciclo, a leccionar com turma, estive com aulas. Depois, fui nomeada pelo Diretor, coordenadora de Departamento do 1º ciclo do Agrupamento Escolas D. Manuel I, não foi por minha vontade, foi mesmo por nomeação. Tenho a coordenação da E.B. nº1 de Tavira, EB D. Manuel I, Santa Luzia, Luz de Tavira, Stº Estevão e Santa Catarina. São muitas escolas agrupadas. Estou nesta função pelo 2º ano, é outra experiência de vida, mas, prefiro trabalhar com crianças (...) Já quando estava na educação de adultos saí, porque tinha vontade de voltar ao 1º ciclo, é aí que me sinto melhor. Agora estou na coordenação por nomeação, mas, a minha vontade é voltar a trabalhar com crianças. Essa é a minha vocação, quer dizer, eu não sei se é vocação, mas, pelo menos, gosto é. É um grande gosto, um prazer que eu tenho em ensinar

crianças (...)

J- A Maria João tem 50 anos, vê-se a ensinar crianças durante mais 15 anos?

M.J. Pois, isso é que é mais complicado. Neste momento sinto vontade de voltar, porque não me sinto cansada. O meu caso é diferente de muitas outras colegas porque tenho tido períodos em que estive com turma e outros períodos em que não estive. Se fizer contas, quase metade do meu tempo de serviço foi passado fora da sala de aula. Por isso, digo, se voltar a dar aulas, será muito complicado estar 15 anos a leccionar, isto é, se a reforma for aos 65, se não aumentarem ainda mais a idade da reforma. Mas, eu não me preocupo muito com o futuro, sou mais de viver um dia de cada vez. E, depois, logo se vê. Mas, acho que é muito complicado, uma pessoa com 60 anos no 1º ciclo. Estar numa turma com 25 crianças é preciso energia mental e energia física e uma pessoa com essa idade já não tem a mesma disposição, a mesma paciência, a mesma capacidade de aguentar um dia de aulas a um bom ritmo. Acho que é penoso para o professor e não é bom para as crianças, quando há tantas jovens aí no desemprego à espera de uma colocação. Acho que é muito mau para o ensino primário que não é a mesma coisa que dar uma disciplina no 2º ou 3º ciclo. No 1º ciclo as crianças têm muita energia e não é fácil estar á frente de uma turma se a professora não for capaz de aguentar o ritmo delas (...) É como digo, ainda me sinto jovem para pensar nisso, mas, acho que daqui a 10 anos já não vou dizer o mesmo e não sei se terei forças para isso, mas vou ter de me aguentar até que possa. Agora sou coordenadora, mas não há grandes perspetivas da pessoa poder fugir à sala de aula, mais cedo ou tarde, vou ter voltar e depois se verá. Temos de ir vivendo a vida dia a dia, deixando que as coisas aconteçam. Na minha vida tem sido assim, deixar que as coisas vão acontecendo (...) Hoje, ainda não se viu ninguém com mais de 60 anos no 1º ciclo, vamos ver no futuro, como é que será, se isso vai mesmo acontecer e como é que essas professoras vão lidar com a situação, teremos de ver como é que essas pessoas irão aguentar essa situação (...) Vou cá estar para ver como é, mas não estou para me deprimir com essa situação. Não sou muito pessimista, nunca entrei em depressão, não vai ser agora que isso vai acontecer, alguma coisa se resolverá (...) Há professores a pedir reforma antecipada porque já não aguentam, eu nem sequer quero pensar nisso, mas se sentir que não consigo aguentar, pois logo se vê, o que não quero é andar a arrastar-me, quando sair, saio com dignidade, é isso que eu quero. Se as circunstâncias se proporcionarem gostaria de acabar isto com dignidade, não me vejo com muletas ou cheia de dores a dar aulas (risos). No outro dia dizia ao

meu marido “ Ainda pensava que me reformava nova e que ainda ia fazer voluntariado”. Isto a propósito de uma reportagem que estava a dar na televisão, eu estava ver com o meu marido, e ele disse-me “Olha vais precisar que te façam voluntariado par te levar á escola quando tiveres 65 anos”(risos). Não irá ser fácil (...)

J- Para acabar a nossa entrevista, perguntava-lhe se houve alguma coisa que não fez que gostaria de ter feito?

M.J.- Assim, de repente não me lembro de nada. Ah, se pudesse voltar atrás talvez tivesse outro filho. Já me arrependi várias vezes de não ter engravidado mais uma vez. O meu marido queria outro filho, eu é que, por comodismo, fui adiando, fui adiando, depois ficou tarde. Isto em termos de família, porque na profissão, não, fiz sempre o melhor que sabia e que podia. Tenho 30 anos de carreira e gostei das experiências que tive, umas foram melhores que outras, mas, aprendi sempre. Até acho que foi benéfico para mim ter feito estas experiências todas, não ter ficado sempre no mesmo sítio. Contactei com muita gente, tive funções muito diferentes, acho que tive sorte de poder passar por tanta coisa (...) Aprende-se com aquilo que se faz e aprende-se com a formação. Dou muito valor à formação que tive, que também foi muito variada. Fiz um curso do Magistério, fiz uma licenciatura e Português /História, fiz muita formação na educação de adultos, fiz formação nos Centros de formação de professores porque era muito importante saber mais em certas áreas. Onde tive mais formação foi na educação de adultos, ao longo daqueles 7 anos, fui a imensas ações de formação. Mas, depois, quando fui para a escola, houve um tempo que havia muita formação, organizada pelos Centros de Formação, que era muito diferente do que acontece hoje, os Centros organizavam muitas ações, por nível de ensino e nós podíamos escolher aquelas que eram mais necessárias e que tinham que ver com as nossas necessidades. Hoje, os Centros fazem ações para todos os professores, não soa direccionadas para nenhum nível de ensino em especial. Eu ia às formações, podia escolher as que queria, e, não ia só por causa dos créditos, que eram importantes para a progressão na carreira, havia ações muito interessantes. Posso dizer que fiz a maior parte das formações que o Centro de Formação de Tavira organizou. Fiz na área da Informática, das TIC, porque, no início quando começou eu queria fazer, interessava-me, eu não era do género de dizer “Eu não vou utilizar porque isso não faz parte do currículo”. Fiz todas as ações que houve nesta área e comecei logo a utilizar na sala de aula. Depois, estes conhecimentos, na área da

informática, foram muito úteis quando estive no Executivo. A Formação era muito importante para não me sentir desfasada, nunca gostei de me sentir ultrapassada, sempre fiz o que podia para continuar actualizada e sabemos como a informática é, actualmente, tão importante para os professores, não só para poder ensinar aos alunos, mas, porque, é indispensável no nosso dia-a-dia (...)

J- Agora é que é mesmo a última pergunta, qual o momento ou os momentos que elege como melhor, ou, melhores da sua carreira?

M.J.- Podia eleger vários, mas, todos eles estão ligados ao trabalho com as crianças. Como já disse atrás, o que eu mais gosto é de estar na sala de aula com as crianças. Gosto muito de ensinar, foi para isso que tirei o meu curso e é isso que mais gosto de fazer. Gostei da experiência em educação de adultos, principalmente da alfabetização, gostei desta experiência, mas, não me via a fazer isto muito mais tempo. Prefiro as crianças aos adultos (...)

J- Obrigado Maria João

Entrevista biográfica à Rosa Cabrita com base em artefactos (2ª Entrevista)

Dia 8 de Abril

Local: Biblioteca de Vil Real de Stº António

Hora: 10,00 h

Duração da Entrevista: 2 h

Contextualização da entrevista:

Telefonei à Rosa para combinarmos a entrevista, acedeu de imediato. Foi a penúltima entrevista porque quis dar-lhe tempo de recuperação, uma vez que fora operada ao útero. A entrevista foi na altura certa, porque na semana seguinte iria ausentar-se, ia buscar o neto a casa da filha que vive perto de Lisboa. Foi uma boa entrevista. A Rosa é uma senhora bem-disposta, sempre muito disponível. Está reformada e tem muitas saudades da educação de adultos, diz gostar de recordar esses tempos. Também não manifestou qualquer inibição em fazer uma entrevista biográfica.

J- Rosa, obrigado pela oportunidade de falarmos da tua vida. Esta é uma entrevista biográfica. Quero saber mais sobre quem é a Rosa, a sua vida antes e depois da educação de adultos. Tenho aqui um conjunto de artefactos que podem ajudar a recordar momentos da tua vida...da infância até ao momento presente.

R- Nasci em Vila Real de Stº António, em 1952, nasci no Hospital aqui de Vila Real, olha, hoje moro num prédio que fica mesmo em frente do sítio onde nasci, onde era o Hospital de Vila Real. Eu sou a mais velha de 4 irmãos, tive uma infância agradável, mas, aí por volta dos meus 11, 12 anos, tive um dos piores desgostos, foi quando o meu pai emigrou. Eu tive até aí uma infância muito boa com o meu pai, foi muito pai até aí, sempre muito próximo, muito amigo e quando emigrou, acho que isso me marcou para a minha vida toda. E quando eu oiço dizer de pais que querem emigrar, eu digo, sempre, “Não façam isso”. Quando o meu pai emigrou, foi uma grande mágoa que eu tive na vida. Foi procurar ganhar a vida, foi para a Alemanha trabalhar numa fábrica enorme que trabalhava em alumínio (...) Nós, éramos quatro irmãos, pensou em levar-nos. Entretanto, eu começo a estudar na Escola Secundária, gostava de lá estar e não quis ir, disse que não queria ir, os meus irmãos queriam ir. Aí começou o drama dos meus pais, hoje, penso nisso com tristeza, porque impedi que os meus pais fossem felizes. Isso é a minha análise que faço agora, passados tantos anos. Passados uns anos, a minha mãe vai ter com o meu pai, nós ficamos com a minha avó materna, aí já era mais velha, já estava dando aulas, já tinha os meus 19 anos. O meu pai foi sozinho, vinha a Portugal duas vezes no ano, e, depois, acabou a

minha mãe por ir para lá. Entretanto eu caso, tenho a minha filha, a minha mãe adorava crianças, a minha mãe começa a pensar que aqui fazia melhor serviço do que lá, lá não estava a fazer nada, passava os dias inteiros em casa. Acabou por deixar o meu pai lá sozinho e veio para cá. E o meu pai continuou a fazer a mesma vida, duas vezes no ano, vinha cá, vinha pelo Natal e nas férias, no Verão (...) O meu pai esteve emigrado 19 anos, ao fim desses 19 anos, veio para cá, eu só tinha uma irmã solteira. Ao fim de dois anos, a minha mãe faz um cancro de ovário e em mês e meio despachou-se. Eu tinha 33 anos quando a minha mãe morreu. O meu pai morreu 9 anos depois (...) Era um homem ainda novo, viveu sempre com uma mágoa muito grande (...) Se eu te disser (...)

J- Se te custa falar disso, mudemos de assunto, não vás por aí...

R- Estou marcada, pronto. Isto marcou-me muito e a morte da minha mãe foi, para mim, até ao dia de hoje a maior marca que tive, o maior desgosto que já senti. Ando sempre com isto na cabeça, eu era muito ligada à minha mãe. A minha mãe era (...) Eu tive uns pais, muito pais, muito amigos, muito próximos, mesmo à distância, quando estavam na Alemanha, eu sentia-me muito ligada a eles, sempre prontos a nos ajudarem, eram uns bons pais (...) A minha mãe era muito meiga, o meu pai era muito amigo, mas, mais reservado. Ele, aqui, antes de ir para a Alemanha era empregado de mesa, ele adivinhava o que a gente queria e ia comprar par nos ver satisfeitos. Ele sabia que eu gostava muito de ler, andava sempre a comprar-me livros, eu era mocinha ainda, comprava-me as Selecções porque sabia que gostava de ler as Selecções. Sempre que pudesse, saía com a gente, levava os meus irmãos ao futebol (...) Tudo isso, são marcas na vida (...) Era um pai muito presente. A minha mãe era uma pessoa muito bondosa, mas, era ela que dava as ordens em casa. Mas, não era pessoa de dar castigos, de gritar connosco. Também não dávamos motivos para isso, não fazíamos assim asneiras de maior. Olha, a única travessura que me lembro (risos), eu tenho 12 anos de diferença da minha irmã, quando o meu pai foi para a Alemanha, a minha irmã tinha meses, a minha mãe queria governara a casa e em que é que havia de tomar conta da minha irmã? Eu. E eu estava brincar na rua, sabes que naquele tempo passávamos o tempo na rua. E a minha mãe põe-se “Rosinha anda cá, toma conta da tua irmã”. Eu lembro-me que ela estava num berço de embalar (risos) e eu começo a embalá-la muito depressa, a ver se a moça se deixava logo dormir porque estava com pressa de ir para a rua., e a minha mãe aí zangou-se mesmo (risos). São partes engraçadas, ainda hoje, conto isso à minha

irmã. Houve um dia que embalei a minha irmã, ele adormeceu e voltei para a rua brincar, depois, a minha irmã acordou e chorou que se fartou, aí a minha mãe zangou-se, outra vez, comigo. Aí quis bater-me, lembro-me de andar à volta da mesa para fugir dela que me queria bater (risos), andávamos às voltas, da mesa, lembras-te daquelas caixas de madeira onde levávamos os lápis, a minha mãe já estava tão cansada que me joga coma caixa de madeira que me acerta na cabeça. Tive de ir ao hospital fazer um penso, a descansada da minha mãe ficou tão aflita, coitada, ela não era nada de violências, mas, daquela vez perdeu a paciência, olha, ficou tão desesperada. A parti daí nunca mais me tocou, coitada ficou tão aborrecida, ela não era de bater nos filhos, foi mesmo um desvario dela. Ficou marcada. Eu não parava e ela atrás de mim, à volta, à volta. Mas, não me lembro disso com mágoa, lembro como um episódio de vida (...)

J- Voltando um pouco atrás, eras a mais velha dos irmãos e com a ida do teu pai para a Alemanha, tinas responsabilidades acrescidas em ajudar a tua mãe...

R- Com a minha irmã mais nova, sim. Quando o meu pai foi embora eu ajudava a minha mãe e, depois, quando ela foi ter com o meu pai, era irmã e fazia o papel de mãe com a minha irmã mais nova. Nessa altura em que minha mãe foi ter com o meu pai, eu andava no Magistério (...) Eu tinha um irmão com ano e meio de diferença de mim, depois tenho outro com seis anos e a minha irmã com doze. Eu é que era, mais, de ajudar a minha mãe, o meu irmão, não. Mas éramos todos amigos e somos, somos uma família, mais ou menos unida, isto, cada um tem a sua casa e a sua vida. Eu sou muito unida é com a minha irmã, porque minha irmã tinha 21 anos quando a minha mãe faleceu e fui quase como que uma mãe para ela. Fui mãe dela substituta e ainda hoje sou mãe dela substituta. Temos uma relação muito próxima, nunca guerreámos, nunca, nunca, nos desentendemos, é engraçado. Contamos as coisas uma à outra, confiamos muito uma na outra, mas há coisas que não falamos, não consigo. Há irmãs que confidenciam tudo, contam os segredos, eu não consigo, se calhar como sou mais velha, é uma relação mais de mãe que de irmã (...) Eu fui professora da minha irmã na Telescola do Azinhal. Em vez de ela ficar cá em Vila Real, foi comigo para o Azinhal quando lá estive colocada e foi minha aluna. Depois, eu fui trabalhar para o Alentejo. Lembro-me uma vez, a minha mãe nessa altura não estava cá e a minha irmã teve uma paralisia facial. A minha avó é que estava responsável por nós, mas, ela dava conta do recado e eu vim do Alentejo para ficar com ela para a levar ao médico. A minha avó estava responsável por nós, mas, eu, como irmã mais

velha, como era mais adulta é que dava conta de coisas que a minha avó não conseguia dar (...) A minha mãe esteve com o meu pai à volta de três anos e depois voltou, aí eu já era uma mulher, já era professora. Ela veio cá quando eu me casei, depois voltou para lá, esteve uns tempos e voltou de vez. Quando a minha filha nasceu ela não estava cá, mas, depois, quando voltou, foi ela que me ajudou a criar os meus filhos. A minha avó materna, estava na casa da minha mãe, era viúva e foi também uma grande ajuda, enquanto foi viva (...)

J- Volta lá um pouquinho à tua infância...

R- Tive uma boa infância, passei com a minha mãe. Passei entre a casa e a rua, a brincar. Eu morava nas Hortas, à entrada de Vila Real, estás a ver a antiga escola primária? Há uma rua de casas, eu morava numa dessas casas. Uma casa que agora está à venda, que era a casa dos meus pais. E a escola primária era ali, mesmo, ao lado da minha casa, aquela rua, foi a rua da minha infância. Foi uma infância feliz passada naquela rua, muita brincadeira de rua. Não tenho memória de nada em especial, tirando Aida do meu pai para Alemanha, olha, lembro-me da data em que a minha irmã nasceu, lembro-me que foi u domingo, às 5 h da tarde, ela nasceu em casa. Lembro-me, eu e os meus irmãos, aquela curiosidade toda. E lembro-me de eu e o meu irmão pegarmos nas bicicletas, eu andava muito de bicicleta a pedal, foi o meu pai que me ensinou. E aí fui eu e o meu irmão que fomos de bicicleta dar a notícia ao meu pai, que estava a trabalhar, do nascimento da minha irmã (...)

J- Gostaste da escola primária?

R- Muito, gostei muito. Lembro-me da D. Maria João que foi a minha primeira professora. Adorei esta professora. Depois tive uma D. Olga no 3º ano que também adorei. Andávamos sempre a mudar de professora, naquele tempo as professoras mudavam muito de escola. A D. Olga veio para as Hortas porque o marido foi para as Finanças em Vila Real. Depois o marido pediu transferência e ela foi embora. Mas, a que mais me marcou foi a professora no 4º ano, uma D. Manuela que era de Faro. A D. Manuela era uma professora ainda muito nova, devia estar nos primeiros anos de trabalho, nunca mais a vi. Esta professora foi excepcional para mim, porque tinha uma maneira de ensinar fora do vulgar. Eu na escola primária não me lembro de réguas, de bater nas alunas, eu não tenho essas marcas. Lembro-me que essa professora do 4º ano, para nós aprendermos as tabuadas, tinha um incentivo que era com umas cartas. Quando sabíamos as tabuadas dava-nos as cartas e quando juntávamos x cartas dava-nos um prémio. O prémio era uma coisa que podia ser

insignificante, mas, aquilo, para a agente tinha muito valor. Houve pequenas coisas que me marcaram, porque ela era uma professora, dentro da época, que era diferente, era uma pessoa já muito inovadora. Ela marcou-me, com a sua maneira de ensinar, marcou-me (...)

J- Terá influenciado a tua escolha profissional?

R- Eu acho que sim. Já tenho pensado nisso. Acho que ela me influenciou nesse campo, eu gostei tanto dela e gostei tanto da escola primária que isso pode ter tido influência na minha ida para o magistério. Eu acho que queria ser como ela. Tinha imagens muito positivas desta professora. Eu lembro-me de fazer trabalhos com essa professora, ainda tenho em casa, algumas dessas coisas que fiz na escola, tenho uma caixinha como recordação. Essa professora fez-me criar o gosto por esses trabalhos de mão. Eu lembro-me que era uma boa aluna, mas a turma era muito boazinha e eu acho que era com estas coisas, os trabalhos, os prémios, os incentivos que ela nos cativava para o ensino (...) Na escola nunca soube o que era levar uma reguada, não havia régua e como professora, ao longo de mais de trinta anos nunca bati num aluno, acreditas? Nunca toquei num aluno (...).

J- Amigos na Escola primária...

R- Fiz e ainda os mantenho. Mas, cada um fez a sua vida e há alguns que nunca mais vi, mas, há outros que ainda vejo e com quem ainda me dou. Ainda falo com eles e ainda recordamos o tempo de escola, as brincadeiras. Agora ali nas Hortas é cimento, mas, antigamente era terra, era ali que fazíamos as rodas, brincávamos ao manecas, às pedrinhas, à apanha. A infância foi mais passada na rua que em casa, ali ficávamos até à hora do jantar, era mesmo. Naquele tempo, era a rua toda cheia de gaiatos. Foi um bom tempo (...)

J- Brincavas com o teu irmão, esse que tinha só ano e meio menos que tu?

R- Brincava, andávamos muito de bicicleta. Mas, ele dava muitos problemas à minha mãe. Ele não queria saber da escola, só queria jogar à bola, ao berlinde, isso lembra-me bem. Ficava sempre até mais tarde na rua. Mas, dávamo-nos bem (...)

J- Depois da escola primária?

R- Fiz exame de admissão, ali onde hoje é a UTL e, depois, eu inaugurei a escola secundária, eu pertenci à primeira turma que inaugurou a escola secundária de Vila Real. No meu tempo não havia ensino preparatório como há hoje, fui logo, da Primária para a escola secundária, hoje, é escola secundária, mas, naquele tempo era escola comercial e industrial. Lá fiz o curso de formação feminina, que era o que

havia naquela altura. E depois fui fazer o curso geral do comércio. Eu estava na formação feminina em que num dia podia ter 6 horas de bordados, quatro horas de manhã e duas à tarde. Nessa altura não havia cursos de comércio, havia os cursos, para os moços, de serralheiro, de electricista, de não sei quê, mas, para nos, era a formação feminina. E, no meio desse percurso, aparece o curso do comércio e nós, algumas, umas quantas da turma começámos a tirar esse curso do comércio. Eu tirei a bem dizer tudo, mas não acabei o curso, faltou-me fazer um exame de contabilidade. Andava em dois cursos ao mesmo tempo, o curso do comércio era ao fim da tarde (...) O curso de formação feminina dava equivalência ao 5º ano, do outro não fiquei com diploma por causa da contabilidade, mas o resto fiz tudo, o direito comercial, a caligrafia, o francês, essas disciplinas todas, eu gostava de estudar, ainda hoje. Quando fiz aqui o Complemento de Formação, digo-te, gostei muito, gostava de ter continuado a estudar, fiquei com pena quando acabei o Complemento e não continuei a estudar (...)

J- Acabas o curso de Formação Feminina e...

R- Eu vou-te dizer uma coisa, eu fui para o Magistério, mas, acho que tinha sido, mesmo, mais feliz se tivesse ido para a área da saúde, enfermeira, médica, só que os meus pais não tinham hipótese nenhuma de me ajudar se eu fosse para Lisboa. A solução, como eu também gostava de professora, foi ir para o Magistério, em Faro, que me deslocava todos os dias. Os meus pais com quatro filhos não podiam estar a pagar um alojamento em Faro para eu poder tirar o curso. Fui para professora porque não havia mais nada, embora eu gostasse de professora, mas o que eu queria e, ainda hoje, sinto, gostava de estar ligada à saúde (...)

R- Não chegámos a falar na tua adolescência, como foi esta fase da tua vida?

R- Muito marcada pela ida do meu pai para a Alemanha. Lembro-me que chorava muito de noite, sempre a pensar no meu pai. Isso marcou muito a minha adolescência não só por o meu pai estar ausente, mas pela minha mãe e pela minha avó nos cortar muito as saídas. Sem o meu pai em casa tinham medo de nos deixar sair, o controle era maior. A minha mãe passou a ser mais controladora, eu lembro que a minha adolescência foi mais, lembras-te que naquela altura havia muito a moda dos bailaricos, eu lembro-me de só ter ido a uma matiné (sic) ou duas. Não me deixavam ir e, depois, fui eu, quando cresci que já não queria ir e, então, a minha vida era ler. Escola, casa, ler, estudar era a minha vida. Tinha a formação feminina de dia, o curso de comércio à noite, a minha adolescência foi passada entre casa e a escola e, depois,

gostava muito de ler. A maior parte do tempo, que eu me lembre, era ficar em casa a ler (...) A minha vida era ler. Eu era uma consumidora de livros, ia buscar à biblioteca. Eu acho que era uma leitora compulsiva, mesmo, com candeeiro a petróleo. Só chegou luz eléctrica às Hortas, tinha eu os meus dezoito anos, já estava no Magistério. Quando já era mais crescida lembro-me que ia, às vezes, com o meu irmão ao cinema. Era, praticamente, a única saída que fazia naquele tempo, ir ao cinema (...) Eu era um bocadinho introvertida. Também passava muito tempo com a minha irmã mais nova, gostava de tomar conta dela (...) O que me lembro mais foi daquelas tristezas que sentia (...)

J- Fizeste muitos amigos, durante a adolescência?

R- Sim, tinha muitas amigas, amigas de escola. Lembro-me de momentos muito bem passados com as colegas da Escola Industrial. Éramos uma turma muito unida (...) Era uma moça já mais crescida, como te disse há bocado, tínhamos, de manhã, 4 h de bordados, com uma D. Elsa que era de Faro e fazíamos um intervalo a meio da manhã, sabes a que é que nós brincávamos? Lembras-te que havia aquela separação entre o pátio das raparigas e o pátio dos rapazes, havia sempre um amor platónico lá daquele lado e passávamos o tempo do recreio a fazer adeus e a meter-nos com os moços que estavam lá do outro lado. E, uma vez, lembro-me que fomos a uma festa da espiga, fomos de comboio até ali à Aroeira e de dar a mãozinha ao rapaz do amor platónico, assim muito envergonhada. Ainda durou uns dias de namorico, aquela experienciuzinha, perdeu-se por aí (...) Ainda tive mais um ou outro namorico, coisas de pouca duração, mas, acho que isso ajudava-nos a crescer, naquela fase da vida era importante, acho que fazia falta. Ainda hoje acho que os namoros fazem falta, dentro dos limites fazem falta, é o desabrochar da vida. (...)

J- Quais as recordações que te marcaram na Escola Industrial?

R- Eu não tenho assim recordações que me marcaram, nem muito boas nem muito más. Gostei da Escola, gostei dos professores, acho que tive bons professores, tinha um bom grupo de amigas (...) Não, marcou-me mais o Magistério (...)

J- Porquê?

R- Eu não gostei do Magistério, não gostei dos professores, não gostei da maneira com aquilo funcionava, lembra-te que andei no Magistério em 1969, saí no ano de 1970, tinha 18 anos. Tinha 16 anos quando fui para o magistério, levantava-me às 6 h da manhã e, depois, ia para aquelas aulas, 52 pessoas metidas na sala, ali em molho, naquelas carteiras antigas, havia as preferências, as alunas queridas de algumas

professoras, muitos testes, tinha de estudar no comboio, muitos trabalhos (...) Não gostei. Houve um o ou outro professor que marcou, mas, não gostei, o Diretor era o Xarabaneco, um fascista. No geral, não gostei do Magistério. Era um grande sacrifício muito grande, ir e vir todos os dias e a nível monetário era, também, um grande sacrifício. Lembro-me de, eu e mais outra rapariga de termos o dinheiro para o almoço, que era 50 escudos, os antigos 50 escudos, hoje são 25 cêntimos, era o preço do almoço, almoçávamos na cantina do Magistério, era uma boa cantina. Lembro-me que tinha os 50 escudos para o almoço, mas havia sempre montes de coisas para comprar para fazer os trabalhos, então eu e mais duas colegas íamos a uma mercearia que estava ali no Largo da Sé, junto às portas do Mar, ali naquele túnel, comprávamos um papo-seco e uma fatia de fiambre, metíamos dentro e era esse o nosso almoço. Ficávamos com o resto do dinheiro para comprar o material que precisávamos, eram outros tempos de muita dificuldade. Eu tinha sempre pouco dinheiro, ainda pedi daquelas ajudas, preenchi impressos para me darem um subsídio, mas, como o meu pai estava na Alemanha, nunca me deram nada (...) São essas algumas das coisas de que me recordo. Eu levava uma sandes para o caminho e dias em que precisava de comprar material, de comprar aquelas traquitanas todas para as apresentações, precisava do dinheiro, não ia à cantina, privava-me do almoço e ficava com o dinheiro. Tirei o curso do Magistério com muito sacrifício. Muito sacrifício, mas, eu sabia que os meus pais não me podiam dar mais do que aquilo que me davam, havia mais irmãos e eu sentia que tinha que me sacrificar. E, não era só eu, havia mais colegas na mesma situação que eu, que tinham muitas dificuldades económicas para fazer o curso. Foram dois anos difíceis, eu lembro-me, olha, recordo-me de um grupo, todos com dificuldades monetárias, íamos todas a um Café que havia ali na rua de stº António, que eu já não me lembro do nome, comprido, logo no princípio da rua, do lado esquerdo (...)

J- Café Atlântico...

R- Exactamente, o Café Atlântico, víamos no grupo quem é que tinha dinheiro par o café e se fosse preciso só uma é que bebia o café para podermos estar todas sentadas á mesa do Café. Era um café para onde gostávamos de ir (...) Eu lembro-me destes pormenores. Quantas vezes fomos em grupo sentar no Café e só uma ou duas é que fazia despesa. Era assim (...) E no comboio era um grupo muito grande, algumas no 2º ano e outras no 1º ano, havia muita gente entre Faro e Vila Real que andava no Magistério, o comboio parava em todo o lado, Cacela, Tavira, Fuzeta, Olhão, o grupo

era enorme, quase que ocupávamos uma carruagem. Era engraçado. O Zé Alberto entrava em Tavira e a Rosa vinha de Vila Real, foi aí que se fez aquele namoro. Lembro-me que vinha também malta que andava no Liceu, os melhores momentos daqueles anos foram passados no comboio. No fundo toda a gente já se conhecia, um ano inteiro a andar juntos no comboio, brincávamos, partilhávamos lanches, fazíamos partidas uns aos outros (...) Tenho boas recordações desse tempo, era um bom grupo. Fiz amigos nesse tempo, colegas de Magistério e colegas de comboio, não nos damos, cada um seguiu a sua vida, mas, quando nos encontramos, dá-nos uma grande alegria. No Magistério não dava para fazer muitas amizades. As amigas eram as amigas do comboio. No Magistério tínhamos o tempo muito ocupado, as aulas, os trabalhos, bordando, aquelas coisas da D. Ilda, os tapetes de Arraiolos que quase todas fazíamos, fazer as camisas de dormir com aquelas rendinhas. Eu era uma das que sabia coser à máquina, ela obrigava-nos a coser à máquina e a gente fazia assim, enquanto ela ia atender uma colega ali, eu metia as coisas das outras na máquina e cosia à pressa, sem ela dar por isso (...) Era muito diferente o Magistério naquele tempo, havia Economia Doméstica, Lavoros, essas coisas todas, havia aquele machismo, embora as mulheres fossem ser professoras, tinham de saber fazer as coisas da casa, tinham de ser boas donas de casa, o objectivo era esse (...).

J- Depois, foste exercer a profissão. Achas que o que aprendeste te foi útil?

R- Não, não serviu para nada (...) Olha, concorro aqui a nível de Algarve e aqui havia muita dificuldade de colocação. Há umas moças, com um ano adiante de mim, que resolvem fazer transferência para o Alentejo e eu vou atrás, eu e mais umas quantas. Arranjei colocação em Outubro, fui para Góis, concelho de Mértola, encontrei das pessoas mais extraordinárias que conheci na minha vida, joca, e só te digo uma coisa, eu cheguei a chorar e saí de lá chorando, por deixar lá pessoas boas, com umas dificuldades imensas na vida, mas, tão boas pessoas. Em Góis estive lá um ano. Era uma escola de lugar único, com 4 classes e 41 moços. Fui para lá porque queria trabalhar. O autocarro ia cheio de professoras. Era a forma de arranjar logo colocação era concorrer para o Baixo Alentejo. Só tínhamos um autocarro, logo de manhã cedo e então nós íamos (...) Eu não posso contar isto (risos), íamos à 2ª feira, mas, dávamos as aulas na parte da tarde, claro, isto não era oficial, mas quem é que se ia meter naqueles buracos para ver o que é que a gente fazia? Vínhamos a casa de mês a mês e só podíamos fazer assim. Tínhamos aulas ao sábado de manhã, só podíamos vir a casa ao sábado à tarde e só podíamos regressar à 2ª feira de tarde

porque não havia transportes. Íamos do Algarve e ficávamos em Mértola, era onde o autocarro parava. Lá, estava um senhor que era o Sr. Manuel Eugénio, que tinha um táxi, que já sabia onde era a nossa escola, e fazia assim, metia 5 num carro e fazia a volta pelo lado de Mértola, Almodôvar. Depois havia outro grupo que ia para o lado da Corte António Martins, do Pulo do Lobo. E, havia outro grupo que ia para o lado da mina de S. Domingos. Então ele fazia assim e nós íamos vendo os sítios todos onde as colegas estavam colocadas (...) Eu digo-te porque é que as pessoas lá eram muito boas, eu levava arroz que dava par três ou quatro dias, a minha mãe fazia-me carne metida em banha, porque não havia frigoríficos, não havia nada, o alimento daquelas pessoas era açorda, nada mais. O Sr. Manuel, quando ia lá, mesmo sem a gente lhe pedir ia aos montes e levava carne, iogurtes, pão, porque sabia que a gente lhe pagava e ficávamos muito agradecidas. Lá não havia nada. Esse homem era uma pessoa extraordinária, deu-nos muito apoio, não sei se é vivo, se não (...)

J- Onde é que ficavas?

R- Ficava em Góis, numa casa na ponta da aldeia, para o lado da escola primária, pagava 90 escudos por mês. Era uma casa enorme, tinha uma cozinha muito grande com osgas na parede que pareciam umas mecharras (sic), e eu tinha um horror a osgas, aquilo era um drama, tinha um quarto e no meio tinha uma cama de ferro, com medo das osgas. Eu tinha pavor das osgas. Eu estava sozinha nessa casa, mas tinha uma mocinha que era minha aluna e os pais dispensavam a menina para dormir comigo, para eu não ficar sozinha (...) Aquilo eram pessoas muito bondosas, eu sensibilizo-me quando penso nisto. As pessoas acolheram-me em pleno. Tinha 41 alunos, era o meu primeiro ano de serviço com 41 alunos, senti muitas dificuldades. Eu passava o dia na escola e por mais que me esforçasse, eu naquele ano não podia ser boa professora. Eu não sabia nada, aquilo que aprendi no Magistério não me serviu de nada, eu não sabia nada, não sabia dar aulas. Eu sabia lá ensinar alunos de 4 anos diferentes, numa sala com 41 crianças, cada uma diferente da outra. Foi muito complicado chegar ao final do ano. Eu andava desesperada porque não sabia o que fazer. Aquilo não havia material, era tudo no quadro, era escrever nos cadernos (...) Por isso é que eu digo, era impossível ser boa professora, mas, digo-te, foi um ano em que aprendi muito. Se foi mau, por outro lado não podia ter melhor experiência, para quem sai do magistério e não fazia a ideia do que era trabalhar naquelas condições. O que lamento foi o que aqueles mocinhos sofreram nas minhas mãos, de certeza absoluta. No entanto, eu fiz o melhor que sabia e podia, acho que os

mocinhos gostaram de mim e levei moços a exame. Por acaso passaram, mas, eu não sei, joca, se calhar aquele trabalho foi meu se calhar foi da professora do ano anterior, porque eu sei que não fui boa professora, por mais que me esforçasse, eu passava os dias na escola com os moços (...) Eu era ainda muito novinha, tinha 19 anos, só vinha uma vez por mês a casa. Ao fim de semana sabes o que fazia? O meu monte não tinha telefone público e, então, havia uma colega que era a Ana, que estava a 5 Km de mim, eu ia ter com ela, era monte abaixo, monte acima. Ao sábado, acabava as aulas, no pico do sol, metia-me a caminho e ia ter com a Ana que estava num sítio que pertencia a uma freguesia que tinha telefone. Lá, havia um lavrador nessa freguesia, e tenho boas memórias desse tempo, íamos dormir para casa desse lavrador, que nos acolhia e nos convidava para comer, que naquela altura nós éramos pessoas importantes na zona (...) Eu para me deslocar a qualquer lado ia, sempre, a pé, mas, havia o pai de uma aluna que tinha uma motoreta e ao homem dava-lhe muita pena de eu ir a pé e dava-me boleia, mas, eu tinha medo de ir montada na motoreta, mas, ia. Ele levava-me, uma pessoa extraordinária. Depois, emprestavam-me uma bicicleta a pedal, mas, tinha aquele quadro, e aquilo era serro abaixo, serro acima e as estradas eram de terra, com muitos buracos, sei que um fim-de-semana cheguei ao pé da minha colega (risos) com as pernas todas esfoladas, tinha caído no cascalho (risos), parecia uma triste. Isto foi uma das vezes. Agora vou-te contar a outra que me aconteceu, aí há tempos, encontrámo-nos eu e a Ana e chorámos a rir quando lembrámos isto. Abalo no final do mês de Junho, que a gente tinha aulas até Junho, à 1 da tarde, andando, nesse dia fui andando e lá diziam que os lagartos subiam pelas pernas das mulheres, eu ia andando e vejo um lagarto enorme ali na berma da estrada, avanço não avanço, eu estava, mais ou menos, a meio do caminho, e começo a correr e olho e vejo o lagarto atrás de mim, o lagarto veio atrás de mim, não sei se foi susto o que foi, mas, eu vi o lagarto atrás de mim. Eu sei que corri tanto, tanto, tanto, tanto, joca, que eu cheguei à casa da minha colega e não conseguia falar, perdi a fala. É verdade, eu perdi a fala. Estás a ver o calor, o medo e o cansaço, eu não conseguia falar. Ela ficou assustada comigo (risos), mas depois é que ficou a saber que era do lagarto (...).

J- Quando tu ias ter com essa colega Ana, o que faziam durante o fim-de-semana?

R- Nada, não fazíamos nada, conversávamos, mais nada. Uma das casas tinha uma televisão a bateria, a gente via televisão e falava, não havia mais nada para fazer. Durante a semana, era escola e casa e ler. Sempre gostei muito de ler e foi a melhor

coisa para eu passar o tempo. Ler e fazer palavras cruzadas, era assim que passava a maior parte do tempo, lá em Góis (...)

J- Depois saís de Góis...

R- No outro ano saí de Góis e vou para a Mina de S. Domingos, continuo no Baixo Alentejo, queria continuar a trabalhar. Na Mina foi outra experiência. Aqui já havia pessoas mais evoluídas, porque de Góis, eram pessoas extraordinárias, mas muito pouco cultas, quase tudo, gente analfabeta, que passava fome, que tinha muitas dificuldades. Era gente que ia na altura da ceifa, ainda no outro dia contei isso ao meu marido, contei porque são coisas que a gente se lembra, às vezes, eles iam para ceifa, às 5, 6 da manhã, com um bocado de pão e azeitonas. Faziam a ceifa toda, chegavam à noite a casa e faziam uma açorda para toda a gente, era azeite e pão, também não levava ovo. E levavam a vida nisto. Mas, era um tipo de pessoas, eu não tinha água, da minha casa ao sítio onde havia água, era aí 1 Km, sabes que eles me iam buscar água. Havia lá um casal que tinha alguns oito filhos, estavam quase todos a servir em Lisboa, em casas ricas, mas tinha ficado lá um, que era meu aluno, diziam-lhe para me ir buscar água. Não me deixavam ir à água e como sabiam que estava sozinha, batiam-me à porta, diziam “ Professora saia dá para fora, venha falar com a gente”. Obrigavam-me a sair, sabiam que eu estava triste. Nunca mais encontrei pessoas assim (...).

J- Nessa altura, não tinhas namorado?

R- Não, não tinha. Tinha amigos, tinha um rapaz em Olhão que gostava muito de mim, mas, não houve aquele click (sic), gostava muito dele como amigo, mas não para namorar. Ele mandava-me cartas com muitas palavras cruzadas, porque sabia que eu gostava de fazer e ajudava a passar o tempo. Devia andar recolhendo as palavras cruzadas para me mandar. Ainda um dia destes eu o vi e tenho pena de não falarmos porque me ajudou, me deu ternura dentro de mim, naquela altura. Mas, a partir do dia que eu disse o não, acabou a amizade. E é triste, não é, porque eu sentia muita amizade por ele e estava-lhe agradecida, estás a ver, ele estar recolhendo, enviar envelopes cheios de palavras cruzadas, ainda hoje, é uma das coisas que eu gosto de fazer (...) Comecei a namorar quando fui para a Mina, antes, nas férias de Verão depois de ter saído de Góis. Nessas férias, conheci o meu marido, começamos a namorar e, depois, eram as cartas e os telefonemas. Conheci-o aqui em Vila Real, ele é de Albufeira mas trabalhava em Vila Real, foi namoro e casamento. O único homem da minha vida (riso).

J- Fala-me do ano na Mina...

R- Fui colocada numa escola da Mina de S. Domingos, fiquei lá numa casa com uma colega que era de Portel, também se chamava Ana, demo-nos muito bem. A Mina, na altura em que eu lá cheguei, sabes que a Mina, foi das terras do Baixo Alentejo, com mais progresso, cheguei a uma escola que já tinha tido 18 lugares e naquele momento tinha três. Tinha uns edifícios enormes, era uma escola grande, já só tinha 3 lugares de Primária e dois de Telescola. Eu tentei a Telescola, concorri, mas não consegui. Já tinham sido duas colegas lá colocadas. Esse ano foi muito diferente de Góis, estava acompanhada, fazíamos a comida entre as duas, falávamos muito de escola, da nossa vida. Tenho boas recordações desse ano. Aí acho que já fui melhor professora, tinha um terceiro e quarto ano, tinha menos alunos que em Góis, tinha trinta e pouco alunos, aí já fiz um trabalho melhor. Também juntei algum dinheiro para o casamento, ganhava dois mil e poucos escudos e na Mina não tinha muito onde gastar, era só na comidinha e na renda de casa. Aí pagava mais que em Góis, pagava cento e tal escudos, mas pronto. Só vinha casa de mês a mês, o autocarro era o mesmo que quando estava em Góis e trabalhava ao sábado, por isso não dava para vir aos fins-de-semana (...) O meu marido, na altura, namorado, ainda foi lá algumas vezes, mas não dava, porque, nessa altura ainda não tinha carro, ia de autocarro, mas, depois, não tinha onde ficar. Nós estávamos na casa de uma antiga professora primária, o quarto dela dava para o meu, ela era cá de uma rigidez, não podia haver ali nada, eram outros tempos (...)

J- Depois da Mina...

R- Depois, no outro ano vim para o Algarve, fui para os Corujos. Aí comecei sempre a ficar no concelho de Castro Marim, o meu concelho. Estive nos Corujos dois anos, no 2º ano em acumulação com a Telescola do Azinhal, dava a parte de Ciências. Nos Corujos ia de boleia com uma colega. Depois tive a hipótese de pedir um destacamento para a Telescola e estive 12 só anos na Telescola. Aí, ia de motoreta para o Azinhal, uma Push, o meu marido punha a motoreta a trabalhar ia até ao Azinhal. Depois, como já tinha moços grandes na Telescola, eram eles que punham aquilo, outra vez a trabalhar para vir para casa, isto, até eu não aprender a pôr aquilo a trabalhar (risos). Fazia esse trajecto de 12 Km numa Push. Mas, isto não chegou a um ano, porque eu já tinha carro, não tinha, era carta.

J- Quando foste para o Azinhal já eras casada...

R- Casei no final do primeiro ano que fui para os Corujos, casei em 1974, no ano da

revolução do 25 de Abril (...), fiquei a morar em Vila Real e ia para os Corujos com uma colega. Depois engravidei (...)

J- Como é que viveste o 25 de Abril?

R- Com muita intensidade. Eu estava nos Corujos e vinha à 4ª feira a casa porque tinha transporte, tinha autocarro que ia até Alta-Mora, os Corujos ficam aí a 4 Kms de Alta-Mora. Eu acabava as aulas e vinha a casa e, às vezes, voltava logo, para lá. Nesse dia, fiquei a dormir e apercebo-me pela rádio que está acontecer alguma coisa de diferente, vou para a escola, mas, só no outro dia, é que percebo que tinha acontecido uma revolução. Apanho o transporte e venho para Vila Real, queria saber o que se passava. Fico frente à televisão o dia todo a viver aquilo com toda a intensidade para perceber melhor o que tinha acontecido. Aquilo marcou-me muito, o 25 de Abril. Entendo porque é que o 25 de Abril não diz nada À juventude, marcou-nos a nós, à nossa geração, porque vivemos isso. Nós vivíamos num regime muito autoritário e aprendemos a viver em liberdade (...) Eu já tinha esse sentimento de repressão, porque o meu pai estava na Alemanha e transmitia muito isso. Ele emigrou e desenvolveu mais aquele pensar político, do regime em que vivíamos. Se continuasse em Portugal o mais certo era não ser como a maior parte de nós, não tínhamos bem consciência disso, mas, ele desenvolveu esse sentido crítico e quando vinha cá, falava nisso (...) Eu, quando aconteceu o 25 de Abril, tinha 22 e anos já tinha consciência do regime em que vivíamos. Eu recordo-me e, hoje vem-me à memória, as conversas com um tio meu, de quem eu tenho 12 anos de diferença, um irmão mais novo da minha mãe. Tinha uma relação muito próxima com ele, uma relação de irmão, ele foi de fuzileiro para Angola e a princípio tinha muitas discussões com ele porque achava que eles tinham por obrigação ir para lá e o meu tio achava que não e dizia-me porquê. Ele tinha vivido essa situação e era uma pessoa muito esclarecida sobre a guerra nas colónias. Ele tinha estado lá e era contra tudo isso (...) O meu tio abriu-me um pouco os olhos, eu a princípio dizia que não, mas, ele fez-me ver as coisas, como elas eram, mais tarde é que eu percebi porque é que ele tinha aquelas ideias. Esse meu tio foi para Angola, depois voltou e depois foi outra vez. Aquilo foi um drama, eu vivi isso na casa da minha avó. Ele estava naquela zona de Cabinda, fez lá pelo menos 3 anos. Eu senti muito isso, lembro-me da minha avó pôr as velinhas à Nª Sª, de rezar para que ele voltasse são e salvo. Já tinha morrido um familiar, um primo, na guerra colonial, por isso a minha avó tinha muito medo que o meu tio não voltasse de lá vivo. Ele, da 2ª vez, foi, mas foi muito

contrariado. Tivemos conversas muito interessantes, mas, eu, sempre guerreando com ele e mantendo a minha posição, na oposição. Ele bem tentava mostrar-me que eu é que estava errada. Percebi isso depois, dois ou três anos mais tarde, ainda antes do 25 de Abril. Por isso, eu tinha um pouco a consciência do que se passava em Portugal antes do 25 de Abril (...) Acho que foi por isso, pelas coisas que o meu pai me dizia quando vinha da Alemanha de férias, que eu vivi o 25 de Abril daquela maneira. Lembro-me de ir para as manifestações de rua, lembro-me de, aqui, Vila Real, em peso na rua. Lembro-me disso, vivi aquele acontecimento, marcou-me para toda a vida, por isso é que aderi logo a um partido político, também queria participar das coisas (...) Depois do 25 de Abril fui da UDP, senti uma chamada e comecei pela esquerda, fui levada pelo meu marido, ele é que era, mesmo, um militante activo (...)

J- Qual era a profissão do marido?

R- O meu marido era chefe do caminho-de-ferro e era todo da esquerda, era uma pessoa com mais consciência política, também, era e é, mais velho do que eu, quatro anos, naquela altura tinha mais maturidade (...) Na altura em que o conheci já trabalhava na CP, queres saber onde o conheci? Conheci-o na praia (risos), em Monte Gordo, ele estava com uma namorada e eu estava com um grupo de pessoas onde estavam uns moços que eram amigos dele e eram meus amigos. Depois, a seguir, fomos apresentados e em Outubro começamos a andar juntos (...) Há coisas que não conseguem explicar, eu tinha tido tantos pretendentes, ele tinha namorada e no fim, fomos ficar um com o outro. Eu tinha tido um namoro aos 16 anos que me marcou, por acaso já morreu esse moço, o Artur. Eu vou para o Magistério, o meu pai está na Alemanha e ele começa ir-me buscar à Estação, quando vinha de Faro. Levava-me a casa. Um dia, a descansada da minha mãe viu-me com esse moço e ela vem e dá-me uma descompostura na frente do moço, que eu não estava para namorar, mas para estudar, que devia ter juízo. Foi a última vez que estive com o moço, nunca o Artur se chegou ao pé de mim. Se calhar ficou assustado, eu cá não disse nada, o moço foi embora. Assim acabou aquele namoro. Eu fiquei com pena, eu cá acho que até gostava desse mocinho Depois, conheci o meu marido e pronto, foi assim (...)

J- O teu marido influenciou-te politicamente?

R- A princípio sim, fui para a UDP atrás dele. Mas, não foi por muito tempo, depois aderi ao PS (...) Até hoje. Gosto muito de política, ainda estou na política, sou militante há 24 anos. Tenho épocas que me afasto. Agora estou mais envolvida,

pertenço ao secretariado concelhio do PS, a nível distrital pertenci já à coordenação política, mas, não quero, tinha de me deslocar a Faro e isso não. Gosto da política, tenho tido sempre intervenção, umas vezes mais outras menos, mas, tenho estado quase sempre envolvida, embora, apolítica depois me magoe, como o que está acontecer agora a nível nacional, que me faz pensar muito. Faço muitas análises e neste momento tenho uma confusão muito grande na minha cabeça, joca, porque isto é muito difícil, porque a gente vê os erros cometidos pelas pessoas. Sabes o que me dá pena, joca? É que todos nós cometemos erros, mas, todos temos que assumir os erros que cometemos e é isso que não está a acontecer com o Sócrates e isso magoame muito. O que tenho a dizer, digo no secretariado aqui, o que tenho a dizer digo e digo, às vezes, de uma forma (riso), desculpa o que vou dizer, eu, antes, achava que o Sócrates era um homem com tomates, mas, hoje, tenho dúvidas. Neste momento, vejo um panorama político tão difícil, joca, que agente não sabe em que é que a gente vai votar. Eu sou socialista, moralmente acho que devo votar socialista, mas tem feito tanta asneira. E temos alternativa? Este tem feito asneiras, mas, está lá, sabe alguma coisa, alguma coisa já aprendeu e o outro, será que sabe alguma coisa? Depois faço estas análises e fico baralhada, ouvimos as notícias, vemos a televisão e não ficamos esclarecidos, o que é que fazemos, joca? (...)

J- O melhor é continuarmos com a entrevista e adiar a reflexão para depois. Ano 25 de Abril, tu casaste. Tinhas muitos planos?

R- Sabes, joca, eu não queria fazer casamento, mas fui pressionada. O meu pai veio da Alemanha, a minha mãe já tinha vindo, foi um dia feliz. Planos? Planos, eu tinha, mas as dificuldades eram muitas porque os nossos ordenados não eram por aí além, as coisas não eram fáceis. Tínhamos comprado um carrinho, vivíamos numa casa alugada, não era como agora, que os moços casam e compram logo casa, carro, querem logo a casa toda mobilada. Não, naquele tempo as coisas não eram assim tão fáceis. Entretanto, eu engravidei antes de casar, já com casamento marcado. Foi assim, eu era para casar em Setembro, o meu pai estava na Alemanha e não consegui vir em Setembro, eu alugo uma casa, despacho papéis, perco o prazo dos papéis e neste espaço de tempo (riso) aconteceu o que não devia acontecer, engravidado. Só venho a casar em Dezembro. Depois, nasce uma menina que é a Teresa (...)

J- Só tens essa filha?

R- Não, tenho também um rapaz, mais novo. Eu, depois de ter a Teresa queria ter

outro filho, mas não aconteceu quando eu queria. A minha filha tirou Serviço Social e está a morar em Vendas Novas, o meu filho vive comigo (...)

J- Depois da tua filha nascer, vais para o Azinhal e ficas lá 12 anos...

R- Nasce a Teresa, a minha mãe vem da Alemanha para cá e foi a minha grande ajuda. Se não fosse ela vir e ficar a tomar conta da menina, não sei como seria porque a bebé era muito pequenina e não podia andar com ela entre Azinhal e Vila Real de Stº António. Foi a minha mãe que criou a minha filha, a minha filha e o meu filho. Sem a ajuda dela eu não poderia ter a disponibilidade que tive para o ensino. Foi a minha grande ajuda, a minha muleta durante o tempo que viveu. Foi uma pessoa impecável, a minha mãe, deu muito apoio à minha casa (...) É, quando estou no Azinhal que, já tinha carta, ia de carro e levo a minha irmã comigo, ela está na altura de fazer o 2º ciclo, eu levo-a comigo e faz o 2º ciclo no Azinhal, comigo. A minha irmã não gostava da escola, ela fugia da escola primária, pensávamos que ela estava na escola e ela não ia. Detestava a escola. Ainda recuperei um bocadinho o gosto dela pela escola, mas ela, não gostava de estudar. Depois, saiu dali e ainda consegue fazer o secundário, mas, sempre, sempre pressionada por mim. Acompanhei sempre os estudos dela. Quando fez o secundário não quis estudar mais (...) Foi um período complicado quando estava no Azinhal, porque eu ia levar a minha filha de manhã à escola primária, das Hortas, onde eu andei, ia buscá-la á hora do almoço, dava-lhe o almoço, deixava-a à da minha mãe e ia para o Azinhal. A minha filha quando saía da Escola ficava à da minha mãe. Quando saía da Telescola ia buscá-la e levava-a para casa. Era só eu e a minha mãe, porque não podia contra com o meu marido, trabalhava por turnos, hoje é que ele é um homem de ajudar em casa, naquela altura não, era muito machista. Apoiava muito pouco a filha, mas, depois, mudou. Hoje é uma pessoa completamente diferente, foi da idade, acabou por aprender a viver em família (...) Estou 12 anos no Azinhal e, depois, volto para a Escola Primária. Tenho muito boas recordações do Azinhal, gostei muito, gostei das pessoas, ainda hoje fazem uma festa quando me vêem, ali é que eu cresci como professora e como mulher, também, tinha outras responsabilidades, era esposa, mãe, tia, professora. Eu acho que foi o sentido de responsabilidade. Eu fui, sempre, mais responsável que o meu marido, sempre, mais preocupada com as coisas. Eu era mais nova, mas, acho que fui sempre mais madura que o meu marido (...) Depois, vou para a Junqueira e no outro ano, vou para Monte Francisco onde conheço a Rosa Forra. Fizemos aquele trabalho junto. Depois, desse ano, a Marília convida-nos para a educação de adultos

(...)

J- Gostaste mais da Telescola ou do 1º ciclo?

R- Logo gostei muito da Telescola, comparado com a experiência no Alentejo, gostei muito mais de estar no Azinhal na Telescola, mas, depois, gostei mais do 1º ciclo. Depois de sair da educação de adultos, quando voltei para o 1º ciclo, aí gostei muito. Adorei dar primeiros anos, joca, ai, adorava, depois, comecei a trabalhar com o método das 28 palavras. Era um espetáculo, funcionava tão bem, as crianças aprendiam com uma facilidade. Adorava e adoro aquela idade dos 6 anos, crianças que não sabiam ler, sabiam tão pouco, e, depois, vê-las crescer ali à nossa frente. Gostei muito. E tenho pena de não poder ensinar o meu neto que vai entrar na escola este ano, se deus quiser. Adorava o 1º ano. Eu adorava o ensino, gostava dos mocinhos, gostava do que fazia, era maluca, inventava coisas com os moços, fazia atividades muito diferentes, tinha sempre aquelas ideias malucas para motivar os moços. Gostava de experimentar coisas novas (...) Gostei muito do que fiz, fui muito feliz como professora. Posso não ter gostado do Curso, mas, depois, gostei do que fiz e acho que fui uma boa professora, aprendi a ser uma boa professora, aprendi muito. Eu acho que acreditei que podia ser uma boa professora quando estive na Telescola, aí é que ganhei maior confiança em mim e comecei a gostar mais do que fazia. Senti-me mais realizada, porque a experiência de dois anos no Alentejo não me deixou muito animada, mas, aí, também, aprendi muito. Trabalhar naquelas condições, ajudou-me a ver que pior não podia ser. Olha nos Corujos, dormia na casa de umas pessoas, dormia com uma filha deles, não me levavam nada, as aulas eram numa sala velha, com um quadro que custava a escrever nele, na escola nem casa de banho havia. Depois na Telescola, com outras condições, foi tudo muito diferente, aí é que ganhei o gosto pelo ensino. Foi uma mudança muito boa, antes tinha sido tudo muito difícil, aí não fui boa professora (...)

J- Depois de Monte Francisco, tu vais para a educação de adultos...

R- Mais uma mudança na minha vida. Tudo mudou, a minha vida tem sido feita de mudanças. No Azinhal aprendi o gosto de ser professora, mas era um nível de ensino diferente, depois volto à escola primária e ganho o gosto por trabalhar com crianças mais novas, aqui aprendo a trabalhar com turmas iniciantes, nunca tinha iniciado uma turma de crianças a ler e escrever. Passados dois anos, entro na educação de adultos e aqui é tudo novo, tenho de voltar a aprender a ensinar, agora com gente adulta. Foi muito interessante, mas, foi muito difícil, a nossa sorte era a formação

que nós tínhamos que ajudou bastante. È muito diferente ensinar adultos de ensinar crianças. Tenho levado a vida a aprender, cada mudança é uma vida nova. Como já te disse, vim para educação de adultos porque a Marília me convidou e porque era uma perspectiva nova. A Marília falou comigo e coma Rosa Forra e pareceu interessante o desafio. Também ficava mais perto de casa, tinha mais flexibilidade de horários e isso era importante. Mas, foi um grande desafio. Gostei muito, foi uma boa fase da minha vida, mas, mais uma vez, tive o apoio da minha mãe. Eu passava os dias e, às vezes, as noites na educação de adultos, só podia porque tinha a minha mãe que ficava com os meus filhos, na altura em que fui para a coordenação concelhia a minha Teresa tinha aí uns 15 anos e o meu filho, oito. Ficava descansada porque sabia que os meus filhos estavam bem entregues, havia dias em que nem os via. Quando íamos aos cursos à noite, chegava a casa tardíssimo, já eles estavam a dormir. Mas valeu a pena, gostei, tive alguns pequenos problemas com a Marília, mas, pronto, tudo passou. Eu até me dei bem com ela, joca, apesar das parvoíces dela com as pessoas. Era do género de irmos aos cursos e de ela me pôr como testemunha da situação e eu não ter maneira de gerir a situação. Mas, tirando isso, o trabalho foi muito interessante. Nunca tinha trabalhado com adultos, mas aquela passagem pelo Alentejo, o contacto com aquelas pessoas deu para eu conhecer melhor esta gente, idosa, com baixa cultura, mas, que eram muito dados, muito prestáveis, gente boa. Foi isso que eu vim encontrar na educação de adultos, pessoas boas que queriam aprender, que queriam atenção. A diferença foi que no Alentejo eu não tinha de os ensinar e na educação de adultos era esse o meu trabalho, tive de aprender a trabalhar com eles, a compreendê-los e a ajudá-los. Esse era o nosso trabalho, ajudar aquela gente que queria ser ajudada (...)

J- Achas que o professor primário pode ser um bom educador de adultos?

R- O professor primário não tem formação para ser um educador de adultos. O professor primário tem formação de ensino de crianças. Eu quando fui para educação de adultos tinha só experiência de ensino, nada mais. O ensino das crianças não é o mesmo dos adultos e o adulto não é uma pessoa fácil, joca, como aluno, não é fácil, porque o adulto tem uma história de vida e, às vezes, com muitas mágoas, com muitos problemas e estas pessoas que, às vezes, apanhávamos, eram pessoas com histórias de vida difíceis, muito difíceis, joca. E, não era fácil, porque, principalmente, c quando eu me dediquei, mesmo, ao ensino de adultos, quando trabalhava de manhã e de tarde, eu criei relações de amizade com essas pessoas

porque, se calhar, eu não ia só lá, para ensinar a ler e escrever, a educação de adultos tinha mais que se lhe diga, joca. A gente, na alfabetização, não podia chegar lá e fazer como nos ensinaram na formação em Faro, aquele método, porque aquilo não dava, joca. Aquilo não dava, porque cada pessoa era uma pessoa, cada pessoa tinha já, trazia já uma herança, às vezes, não sabia ler nem escrever, mas, tinha qualquer coisa. A gente tinha que pegar nessa qualquer coisa para os incentivar e os levar, os progressos eram lentos ou quase nulos. Mas, se calhar eles cresceram como pessoas, tal como eu cresci, que aquilo era um dar e receber. Alguns deles adoravam ir ali porque tinham um convívio, um grupo de amigos, tinham pessoas a quem contavam as vidas deles que não eram vidas fáceis as vidas que algumas daquelas pessoas tinham (...)

J- O que achas mais importante para se ser um bom educador de adultos?

R- Saber ouvi-los, compreendê-los, saber respeitar a maneira de ser das pessoas. A atitude é muito importante. Depois é preciso ter algum conhecimento para se saber o que se está ali a fazer, mas, é importante o perfil do educador, a sua experiência. Eu acho que tinha facilidade de me aproximar deles, eu entendia-os, sabia o que é ter dificuldades na vida, eu também não tive uma vida fácil (...) Eu aproximava-me deles, muito, tanto que eles me consideravam como amiga. Eu sabia o que a vida custa e também a mim me custava, quando eu ia para o Azinhal, na altura de dar aulas de noite, eu custava-me a sair da minha casa, joca, vir para casa tarde, por aqueles caminhos à noite, a mim, também me custava, o que pensas. Eu tive dias que saí a chorar da minha casa, depois do jantar era quando podia estar um bocadinho com os meus filhos e eu saía para ir dar aulas à noite. Não era fácil para mim, eu não vou mentir e dizer que andava por gosto naquilo, andava também por dinheiro que ganhava, era pouco, mas era algum. Havia dias que pegava numa maça e num iogurte e ia comendo pelo caminho, porque não me dava tempo para mais (...)

J- Quando aconteceu isso?

R- Quando já tinha saído da educação de adultos, já tinha voltado para escola primária. Dava aulas de dias na primária e tinha um curso de alfabetização à noite. Eu trabalhava o dia todo, era de manhã à noite. Vinha da alfabetização, à noite, e no outro dia de manhã lá estava na escola com os meus meninos. Não era fácil (...)

J- Há pouco falaste da formação que tiveste em Faro. Foi importante?

R- Foi importante, foi muito importante, porque não sabia nada de educação de adultos, se não fosse a formação não conseguiríamos fazer o trabalho que fizemos.

Mas, a formação era muito intensa, havia muita formação. Lembro-me de formações que me marcaram, por exemplo, a animação da leitura, as sessões de leitura, houve essas sessões que me marcaram e que gostei muito, mas, no aspeto da alfabetização, do método de Paulo freire, era muito bonito, joca, mas, aí, mais me serviu o método de Paulo Freire para eu pegar no método das 28 palavras e adaptá-lo no trabalho com as crianças do que propriamente com os adultos. O método de Paulo Freire era muito bonitinho na teoria, mas em termos práticos, não resultava tanto. Em Faro quem nos dava o método tinha experiência de alfabetização? É que apresentar o método, tudo bem, podemos apresentar como é, as fases, tudo isso, mas, na prática, as coisas funcionam de outra maneira. Com as bolseiras, achas que elas utilizavam o método? A gente preparava-as, dava-lhes o material todo, tu achas, joca, que elas sabiam aplicar esse método? As bolseiras? (...)

J- Diz-me tu..

R- Eu acho que não, então, se eu, como professora, tinha aquelas dificuldades todas, se eu sentia dificuldades, eu que tinha experiência de ensino, tinha formação para ensinar a ler, com pessoas que já tinham na experiência de vida, histórias de primária, que já tinham iniciado com outros métodos, com métodos sintéticos, o método de Paulo Freire não entrava. Mudar de um método fónico para um método global, o que é que achas, a confusão que isso fazia na cabeça das pessoas. Ora se eu tinha dificuldades, quanto mais as bolseiras, coitadas, jovens, sem experiência nenhuma, como é que elas conseguiam gerir isto, joca, pergunta-lhes isto, vai falar com elas e pergunta-lhes isto. Eu nunca perguntei, a gente preparava as moças, falava com elas, dava-lhes o material, as fotocópias, agora, repara, aqueles montes de material que lhes dávamos, quando lá íamos, elas tinham as fichas feitas, o que faziam e como, não sei que nunca vi. Quando íamos aos cursos falávamos com as pessoas, falávamos com elas, mas, não ficávamos lá a ver como é que elas trabalhavam, as moças também iam ficar intimidadas e não queríamos isso. Não sei se faziam como tinham aprendido na escola primária, como tinham aprendido, não sei, não sei, joca, mas que tinham as fichas feitas, isso tinham. O problema não estava no universo vocabular, na escolha das palavras, o problema estava na lição, no ensinar (...) Tu repara, quando pegávamos num grupo, havia pessoas que já sabiam alguma coisa da escola primária. Tu sabes quando ensinamos uma pessoa a ler com o p, a, pa, era muito difícil encaixar as sílabas, porque elas, automaticamente, elas reagem, têm na memória a maneira como tinham sido ensinadas. Elas diziam p e a,

pa, e, eu dizia “diga isso em voz baixa, diga isso para si, diga só a sílaba”. Não era fácil, principalmente, com pessoas que já tinha andado à escola. Com os analfabetos puros era diferente, esses aprendiam com menos dificuldade e o método Paulo Freire podia resultar melhor. Esses conseguiam encaixar porque nunca tinham aprendido de maneira nenhuma, embora, embora, as que estavam ao lado que já sabiam alguma coisa, ensinavam como sabiam às colegas e isso não ajudava nada, ajudava à confusão. Eu tinha dificuldades com estes grupos em que havia gente que não sabia ler e outros que já sabiam qualquer coisa, não era fácil. E o mesmo problema tinha eu com as crianças a quem ensinava com o método das 28 palavras, porque eu tinha que fazer reuniões com os pais, se eles quisessem dar apoio aos filhos nunca poderiam ir pelo método que eles tinham aprendido na escola primária. Eu dizia-lhes isso porque era o melhor que faziam para me ajudarem a ensinar os filhos a ler. Eu tinha que fazer reuniões com os pais e dar uma pequena formação no início do ano a dizer como é que tinham que trabalhar com os filhos, com este método. Os pais perguntavam “Então não descemos à letra?” Eu dizia podem dizer que letra é, mas, nunca dizer que o p,a faz pa, percebes? Tinha que esclarecer isto com eles (...)

J- Quando é que começaste a trabalhar com o método das 28 palavras?

R- Foi na Junqueira. Até aí não. Estive na escola primária aqueles dois anos no Alentejo e aí utilizei os métodos sintéticos, tinha muitos alunos e de vários anos. Era o que estava nos livros, não tinha método, embora os moços tivessem ficado a ler. Depois, estive aqueles anos na Telescola. Quando fui para a Junqueira comecei a utilizar o método das 28 palavras, fui influenciada pelo movimento da escola moderna. Ia às Cabanas e a Faro, às reuniões do MEM. Na escola moderna utilizam o método natural, mas este método nunca me cativou muito e eu vou dizer-te porquê, porque o método natural dá para a gente se perder um pouco e eu precisava de ter as coisas mais estruturadas na minha cabeça. No método das 28 palavras há uma estrutura, há um grupo de palavras que a gente vai seguindo e, então, torna-se mais fácil. Então eu misturava os dois métodos, natural e das 28 palavras. Eu ia para as vivências deles, diárias, onde eles me contavam o que faziam e como viviam, essas coisas todas, principalmente às 2^{as} feiras eu escrevia os textozinhos, depois, escolhia aquele texto que fosse mais reduzido e que tivesse as palavras-chave para poder trabalhar. Eu misturava os dois métodos, adaptei ao meu estilo, aquilo que eu achava que devia fazer e que me sentia melhor. E, continuei a utilizar este método, de forma ainda mais aperfeiçoada, acho eu, quando voltei à escola primária, depois de ter

saído educação de adultos. Aí já tinha outra experiência de ensino, já tinha feito alfabetização, já tinha utilizado o método de Paulo Freire e como te disse, isso ajudou muito a que aperfeiçoasse o método das 28 palavras. Até nesse aspecto a educação de adultos foi importante para mim, para aquilo que aprendi como professora. Mas, não foi só na alfabetização, na educação de adultos aprendemos muita coisa que depois me serviu quando fui para a escola primária, como, por exemplo, as sessões de animação de leitura que fazia com os meus alunos. Gostavam muito. Muita coisa que aprendi na educação de adultos fez de mim, melhor professora, acho eu. Por isso é que eu digo que a princípio não podia ser boa professora, mas, passei por tantas experiências, fiz tantas formações que acho que aprendi muito o que fez de mim outra professora, uma professora mais próximo daquilo que deve ser (...) Sabes, também, do que é que me recordo, na educação de adultos, na Formação, do convívio entre todos, era muito interessante o convívio, o grupo, as nossas conversas, falávamos do nosso trabalho e aprendíamos uns com os outros, o ambiente que se proporcionava, aquilo parecia que nos conhecíamos de há muito tempo, havia um relacionamento muito bom entre nós todos. Havia um grande espírito de equipa e isso era muito bom, era muito diferente do que se passa nas escolas, na escola temos colegas, ali na educação de adultos éramos mais do que isso, éramos uma família (...)

J- Portanto, consideras que o ambiente era importante, mas a formação na educação de adultos também deu para aprender...

R- Foi muito, muito importante. **Eu tive mais ações de formação enquanto estive na educação de adultos que em toda a minha vida de professora, apesar de eu, depois de ter saído da educação de adultos ter continuado a fazer formação.**

Mas, olha, eu já te disse, as animações de leitura era o que eu mais gostava e os meus alunos adoravam. Muito gostavam eles da animação da leitura. Depois, quando vim para a escola, fiz várias formações, fiz de Matemática que foi importantíssima, eu gosto muito de matemática. Aprendíamos atividades que, depois, aplicávamos com os alunos e resultavam muito bem. Havia jogos, eu fazia aqueles jogos na turma e os moços adoravam (...) Tive outras formações que não me disseram tanto, havia umas com mais interesse, outras com pouco interesse, mas uma pessoa aprende sempre qualquer coisa. Depois havia aquela formação por obrigação, por causa dos créditos em que uma pessoa ia, mas, não é que tivesse grande interesse (...)

J- Da formação que fizeste, para além da que já referiste, houve alguma outra que

tenha sido muito significativa para ti?

R- Também gostei muito do Complemento de Formação, que deu a licenciatura e gostei mais, à medida que o curso ia avançando. Não me venham cá com histórias, a gente ia para os complementos para poder subir de escalão, a princípio era essa a principal motivação, poder ganhar mais algum dinheiro ao fim do mês. A princípio era assim, mas, depois, também, ganhei interesse. Era muito interessante, aprendi imenso. Abriu-me os horizontes, aprendi coisas que nunca sonhara, tive contacto com conteúdos que não conhecia, cresci como pessoa, como professora. Aqueles Complementos fizeram-me muito bem, eu gostava de estudar. Gostei de fazer os trabalhos, gostei da camaradagem que havia, gostei dos professores, foi como se tivesse rejuvenescido e voltasse ao tempo da juventude. Nós tínhamos uma camaradagem formidável naquela turma. No grupo de trabalho guerreávamos, parecíamos umas gaiatas, mas ficava sempre tudo bem entre a gente. Levávamos até à 1, 2 da manhã a fazer os trabalhos, era aos fins-de-semana, depois apresentar os trabalhos. Foi difícil, foi uma grande carga, porque no outro dia tínhamos de ir para a Escola, levantar cedo, dar as aulas. Mas valeu a pena o sacrifício. Senti pena quando aquilo tudo acabou, já tinha entrado na rotina, depois as noites já pareciam mais longas. Eu gostava de estudar, mas, fiquei por ali, não dava para continuar a estudar, fazer outro curso, já estava perto da reforma, achava que já não tinha sentido ir meter-me num mestrado, até porque não havia nada disso em Vila Real. Acho que me senti realizada em ter alcançado uma licenciatura, porque sempre tive vontade de estudar. Logo, quando fiz o Magistério tive de ir trabalhar porque precisava de ganhar dinheiro, de organizar a minha vida, como já te disse. Mas, depois, quando tinha os meus filhos pequeninos, voltei a estudar, fui fazer o 12º ano. As aulas eram em horário pós-laboral na Escola Secundária, eu vinha da Educação de Adultos, andava eu, a Marília e a Rosa, as três, vínhamos da coordenação concelhia e íamos para a Escola. Fiz o 11º e o 12º ano ali. Estou a mentir, joca, fiz o 10º e o 11º sozinha, andei numa explicação de Francês, andei numa explicação de Matemática e as outras disciplinas fi-las sozinha, sem ajuda. Ainda não estava na educação de adultos quando fiz o 10º e o 11º, estava na Junqueira e depois em Monte Francisco. Fui fazendo as disciplinas. Isto foi uma loucura minha, queria ter o 10º e o 11º ano. Depois inscrevo-me, faço o 12º ano junto com os alunos da turma. Foi engraçado porque os mocinhos aceitaram-nos muito bem, eles queriam a gente nos grupos de trabalho, queriam estudar com a gente (riso). Tínhamos Filosofia, Geografia, História

e nós tínhamos notas belíssimas. Estava na educação de adultos quando fiz o 12º ano, eu, a Rosa e a Marília. Andávamos ali no curso pós-laboral, tínhamos aulas na Secundária (...)

J- Em que ano?

R- Em 1986 morreu a minha mãe, isto foi para aí em 1990. Fomos as três fazer o 12º ano na Escola Secundária. Depois de acabar o 12º ano, inscrevi-me num Curso de Administração Escolar, de uma Universidade particular do Porto, as aulas eram em Loulé, aos fins-de-semana. Andava coma Rosa e a Marília. Ainda, andei dois anos, fiz uns quantos módulos, não sei se foram três se foram quatro módulos. Depois, vi que não aguentava o barco, estava a ser muito difícil, andar entre Vila Real e Loulé, era muito desgastante, todos os fins-de-semana. Desisti. A seguir, como queria estudar, inscrevi-me na Universidade Aberta, para aí no ano de 1998, era o ensino à distância, íamos fazer os exames a Silves. Só passei num exame, porque tinha os exames mas a gente vai deixando passar o tempo e depois só estuda na véspera. Acabei por não fazer. Entretanto abrem os Complementos de Formação aqui em Vila Real e fui para o Complemento de Formação. Aí, sim, gostei, era à porta de casa, era todas as noites, mas tinha o fim-de-semana para descansar, para ler, para fazer trabalhos, mas estava em casa (...).

J- Quando fizeste os Complementos estavas colocada em Vila Real? Situa-me lá, quando saíste da educação de adultos, qual foi o percurso.

R- Quando fiz os Complementos já estava aqui em Vila Real. Quando saí da educação de adultos fui para o 1º ciclo, fiquei em Castro Marim, levei uma turma do 1º ao 4º ano e ainda tive mais um 1º ano, estive em Castro Marim 5 anos, depois, vim ali para aquela escola em Vila Real, onde hoje é a Escola Hoteleira, que se chamava “Antiga Escola das Meninas”, era uma escola primária, depois mudámos para o antigo Ciclo, onde tu destes aulas, dos Complementos de Formação, era a Escola do Marquês de Pombal, estive ali uns 7 anos e, depois, vim para esta, onde me reformei, estive lá 3 anos e depois reformei-me (...) Reformei-me em Setembro de 2005. Eu tive pena de ir para a reforma, eu chorava todos dias depois de me ter reformado. Eu devo ser das pessoas que ficaram mais marcadas com a reforma, joca, eu tinha os papéis para a reforma e não queria ir, não queria meter os papéis. E, depois, meti porque as colegas me influenciaram, diziam “Isto vai mudar, é melhor aproveitares, se não, ainda vais perder dinheiro” Eu acabei por meter os papéis, e por ir para a reforma, mas, eu chorava. No dia que recebi carta da reforma eu chorei que me fartei,

joca, nessa altura eu já estava arrependida de ter metido o pedido. Vivi numa angústia durante meses e gostava de ter feito um voluntariado ali na Escola e não foi bem aceite pelas colegas, joca, pelo menos a nível da Biblioteca. Eu ainda fiz umas sessões de animação da leitura, mas, senti que o ambiente com as colegas não era o mesmo, elas não aceitaram bem, eu estar reformada e estar ali a fazer aquele trabalho. Eu percebi pelas caras, pelos mexericos que depois comecei a ouvir e afastei-me, custou-me muito deixar assim a escola de uma forma tão rápida. Foi um período difícil, também, nunca pensei que as colegas reagissem assim, se calhar, se continuasse a fazer aquele voluntariado, este processo da reforma não me custasse tanto, aos poucos ia-me afastando da Escola e acho que me custava menos. Parece que com a reforma fui expulsa, fui impedida de ir à Escola, isso custou-me muito. A colega que ficou com a minha turma era uma mocinha nova, prestei-me a ajudá-la, mas ela não quis, não aceitou a minha ajuda, havia uma criança com hiperatividade que se dava muito bem comigo e dava-me bem com os pais, quis ajudar, dispus-me a acompanhar a criança e a colega não aceitou. Parece que via em mim, não sei o quê (...) E, eu afastei-me, nunca mais fui à Escola, eu não ia para um sítio onde não fosse desejada, isso era contra a minha maneira de ser, nunca gostei de estar onde não era desejada, foi sempre assim ao longo da minha vida (...)

J- Estás cansada Rosa?

R- Não, estou em revivendo e isto, as lembranças, às vezes, deixam a gente um bocadinho emocionadas. Mas, estou a gostar (...)

J- Neste teu percurso de vida, trabalhavas e depois decidiste estudar, fizeste o 12 ano, andaste naquele curso de Gestão escola em Loulé, depois, Universidade Aberta, Complementos de formação. Tiveste sempre o apoio do teu marido?

R- Ele não era pessoa de se meter nisso. Sim, ele incentivava-me, mas, eu, também, não admitia que me colocasse problemas sobre o que devia ou não devia fazer. Se era para continuar a estudar, a decisão era minha e era que eu me sacrificava, não era ele (...)

J- Fizeste os Complementos de Formação e continuaste a ser professora, melhor professora?

R- Continuei na Escola, tinha um 4º ano, no 1º ano dos Complementos. No 2º ano da Formação, mudo de escola e tenho um 1º ano. Fico três anos nessa Escola até me reformar. Se fiquei melhor professora? Eu, nos Complementos cresci como pessoa e, se calhar, como professora. Nesses dois anos aprendi muito, isso é capaz de ter

influenciado o meu trabalho com as crianças, não sei. Mas, acho que cada ano que passava ficava um bocadinho melhor professora (...)

J- Quem são os teus melhores amigos, são colegas?

R- Na profissão fiz alguns amigos, colegas que são amigos. Os meus maiores amigos são da minha família, joca. Fora disso, foi na Escola Primária que fiz mais amigos. Ao longo da vida tenho feito amigos por onde tenho passado. Da educação de adultos, a Rosa é uma boa amiga, gosto muito da Rosa, sempre gostei de trabalhar com ela. Temos uma grande amizade, porque trabalhamos muito tempo juntas, ficou uma grande proximidade (...) Agora, relaciono-me mais com a família, passo muito tempo com a família, vou muitas vezes a Vendas Novas, à casa da minha filha. Quando estou em Vila Real, passo muito tempo com a minha irmã, que é como se fosse uma filha para mim, como já te disse (...)

J- Na tua vida o que é que não fizeste que gostavas de ter feito?

R- (...) Estou a pensar (...). Não sei, acho que fiz o que tinha que fazer. Na profissão passei por várias experiências, gostei de todas, gostei muito de ser professora. Gostaria de ter estado ligada à Saúde, não foi possível, mas fui feliz na profissão (...) Fora isso, podia ter tido alguns cargos na Política, fui, várias vezes, convidada para ter cargos e nunca quis. Eu fui sempre convidada para cargos, quando a Jovita foi convidada aqui para ser coordenadora concelhia de educação de adultos, eu já tinha sido convidada, não quis (...) Não me arrependo de nada do que fiz. Eu gostei muito de leccionar, eu não gostava de cargos, preferia trabalhar directamente com as pessoas, não gostava de papéis, nem de mandar, nem de ir reuniões, não tinha paciência (...) Não me arrependo de nada do que fiz, gostei da vida que levei (...) Olha, gostava de ter sido melhor filha, ainda (...) Ficaram-me algumas mágoas, às vezes, se calhar podia ter sido melhor filha, ainda, não sei (...) Mas, isto são maluqueiras minhas (...).

J- Houve alguma coisa de que te possas arrepender?

R- Na profissão, sim. Houve momentos, com crianças que, se calhar, não fiz da melhor maneira, aqueles momentos que a gente tem que decidir, se calhar, não tomei as decisões correctas, às vezes (...) hoje, pensando naquilo que fiz, se calhar podia ter sido melhor professora com aquelas crianças, no Alentejo (...) Sabes que o professor tem que tomar decisões na hora que, às vezes, podem não ser as mais adequadas, mas, na hora, são aquelas que agente acha que são as mais acertadas e têm que ser logo, não é? (...)

J- Os melhores momentos da tua vida, quais foram?

R- O nascimento dos meus filhos (...) e das minhas netas. Foi uma grande alegria ter sido avó e terem vindo duas moças ao mesmo tempo foi a maior alegria que podia ter tido. Para mim, foi o máximo dos máximos. Adoro ser avó. E sou, também, tia-avó, porque a filha da minha irmã, vê-me como uma avó. E há uma grande relação, é engraçado (...) Já com os filhos dos meus outros dois irmãos, já não é assim, sabes, depois, há 3^{as} pessoas, é mais complicado, é melhor não entrarmos por aí (...) Depois, na profissão, os melhores momentos, foram passados com as crianças na sala de aula (...) Tive bons momentos, também, com os adultos, mas, as melhores memórias são da sala de aula, com as crianças (...)

J- O que é ser uma professora reformada?

R- Professora já não sou, mas ser reformada é bom, o meu marido também está reformado, podemos passar mais tempo juntos, tenho liberdade para ir para onde me apetece. Não tenho tanta liberdade quando o meu filho está com as crises, não tenho total liberdade. Não gosto de viajar, há pessoas que só pensam em fazer viagens, eu não, adoro estar no meu cantinho, na minha casa, ir a casa da minha filha. Isso é o que eu mais gosto, tranquilidade e calma, é o que preciso. Ando na hidroginástica, leio muito, bordo, pinto, saio com o meu marido. Também temos tido o problema da minha sogra que tivemos de a pôr num lar, estes meses não têm sido muito fáceis. Isto, marca, olha, ter que pôr a minha sogra num lar, marcou-me mais que ao meu marido. Porque acham que a meti num lar porque ela não é minha mãe, esse tipo de avaliações à minha pessoa, não me deixaram muito bem. Depois fico com problemas que ela não se adapte e que apresse o seu fim. Penso nisso, o meu marido não se preocupa tanto, liberta-se mais desses pensamentos, mas eu não. Eu, magoa-me esta situação, joca, cada vez que vou vê-la dá-me vontade de chorar (...)

J- Lidas bem com a reforma?

R- Ai, joca, quando vejo os mocinhos mete-me uma saudade. Foi tão difícil a princípio. Agora já estou mentalizada, sinto-me bem, a mas, a princípio foi terrível. Eu gostava tanto de leccionar, joca, foi um grande impacto. Sabes o que é estar no princípio do ano a preparar o ano, já teres turma, estares em reunião com as colegas e vir o chefe da secretaria e dizer-te “ Professora pode ir embora para casa, já chegou a sua reforma”. Eu ainda disse “Mas vou-me embora para casa?” “ Sim, pode-se ir embora”. Chego a casa e não quero acreditar, só me deu para chorar. Eu ainda hoje sou criticada pelas minhas colegas quando digo isto, não aceitam o facto de eu dizer

que a reforma me custou muito, que ainda queria continuar a trabalhar. Eu fui com pena para reforma, joca, muita pena, tive muita dificuldade em aceitar essa nova situação (...) O que vale é que a minha filha entretanto engravidou e eu comecei a dar-lhe quase toda a atenção, depois, teve as minhas netas, eu comecei a ir, lá para cima, para a ajudar. Passei a dar-lhe muito apoio e foi diferente, já. Depois, o meu marido, também, se reformou, passado um ano. Organizei a minha vida de outra maneira (...)

J- Planos para o futuro?

R- Planos? (...) Eu não sou uma pessoa muito ambiciosa com a vida, joca, eu sempre deixei que a vida fosse passando, sem grandes projetos. Eu não sou ambiciosa, acho que é um defeito que eu tenho na vida, a maior ambição que eu tenho é ter saúde. O maior sonho que eu tenha na vida, joca, é ver, um dia o meu filho estabilizado, que isso dá-me uma tristeza muito grande (choro) (...)

J- Desculpa, desculpa...

R- Eu sou uma pessoa forte, joca, eu lido melhor com esta situação que o meu marido, sabes o que é, o meu filho ser um excelente aluno e quando chega à Universidade acontece isto (...) é uma dor (...) Tirando isto, sinto-me bem com a reforma, quero viver o dia-a-dia, com saúde, é isso que eu quero (...)

J- Obrigado, Rosa.

Entrevista biográfica à Rosa Forra com base em artefactos (2ª Entrevista)

Dia 15 de Março

Local: Agrupamento de Escolas D. José I em Vila Real de Stº António

Hora: 16,00 h

Duração da Entrevista: 2 h

Contextualização da entrevista:

Estabeleci contacto com a Rosa através de correio eletrónico. O único dia que lhe interessava era à 3ª feira, depois das aulas. A entrevista não correu muito bem porque teve algumas interrupções. A Rosa quis fazer a entrevista na sua sala de aula. Tivemos de esperar que as crianças saíssem. A meio da entrevista a funcionária da escola veio dizer que a sala teria de ser limpa porque no dia seguinte vinha a inspeção à sala. A Profª Rosa disse que estávamos quase a acabar o que não era verdade. Depois veio a coordenadora de escola, mas quando me viu, pediu com bons modos que a Rosa deixasse limpar a sala e foi embora, nunca mais a vimos. Passado um tempo, veio, novamente a funcionária, interromper a entrevista para pedir autorização para que limpassem a sala.

Acabámos por realizar a parte final da entrevista com 2 funcionárias limpando o quadro e as mesas. A Profª Rosa não se importou.

Talvez por ser final do dia, final das aulas, senti a entrevistada um pouco cansada. Queria colaborar. Em momento nenhum deu a entender que queria apressar a entrevista, mas achei-a cansada e um pouco frustrada com o rendimento dos seus alunos. Desta vez estava particularmente preocupada com os seus alunos. Não conseguia esconder esta preocupação sobre falta de atitude dos alunos.

Em relação à entrevista, eu tinha muitas expectativas, porque a primeira que fiz, utilizando os relatos biográficos, a Rosa deu uma boa entrevista, com muitos aspetos de interesse.

Desta vez, deu a entender que não teve uma vida com momentos muito significativos, sem altos nem baixos, muito pautada pelo trabalho, por uma vida sem grandes aspetos a referir. Da sua vida pessoal pouco quis falar, a sua vida é passada entre o trabalho e casa. Tem tido uma vida muito “normal”, referiu não ter amigas na escola, nem fazer vida social. Não tem projetos de futuro...mas sente que tem de encontrar saídas porque não aguenta mais 15 anos a dar aulas a crianças...mas, se tiver de ser...

J- Rosa, obrigado por me dar oportunidade de fazer esta entrevista. A 1ª entrevista foi sobre a educação de adultos, pedi à Rosa que através de relatos biográficos me falasse sobre a sua experiência em educação de adultos. Agora quero conhecer a educadora,

“Quem é a Rosa Forra? Conheço a Rosa da educação de adultos, mas não sei nada sobre o antes e o depois... Tenho aqui um portfolio que pode ir seguindo para ajudar nas suas recordações...da infância até ao momento actual.

R- Eu nasci em Vila Real, na Maternidade que havia. Os meus pais moravam e

moram nas Hortas. Somos duas irmãs. Não posso dizer que tenha tido uma infância que tenha deixado assim grandes recordações, que tivesse sido marcada por alguns acontecimentos fora do normal, acho que tive uma infância normal como muitas crianças. Os meus pais são agricultores, tivemos períodos bons e períodos menos bons. Quando a coisa corria bem havia dinheiro com fartura, quando corria mal não havia. Tínhamos uma horta, mesmo aqui nas Hortas, que tinha pessoas a trabalho, era uma horta bastante grande, tinha 3 hectares. Passámos por períodos bons e maus porque aquilo ali é uma zona alagadiça e, então, na altura em que se faziam as sementeiras, se calhasse a vir um ano de chuva, perdia-se tudo, não é? Perdia-se tudo, não havia colheita, não havia dinheiro, passava-se mal. Naquela altura os trabalhadores ganhavam consoante o trabalho que faziam, quando não havia trabalho, pois, não se pagava, não é? Não havia dinheiro, iam para casa. Quando era preciso voltar a semear, que havia dinheiro, pois, vinham e trabalhavam. Se se colhia havia dinheiro com fartura se não se colhia não havia, era assim. Toda a minha família sempre esteve ligada à agricultura, já o meu bisavô era agricultor, vivia muito bem, tinha duas hortas, uma que calhou ao meu avô e depois ao meu pai e tinha outro filho a quem calhou a outra horta. Naquela altura o meu bisavô vivia bem, porque vendia bem os produtos que colhia das hortas que tinha. Tinha vendedores em Lisboa, ele mandava pelo comboio e vendiam-lhe lá os produtos. O meu pai, tal como o meu avô, continuaram com a agricultura. Depois, eu teria para aí, 4, 5 anos, deixaram de ter esse tipo de horta, de produção de tomate, feijão, batata, hortaliças, e, o meu pai passou para pomar, pomar de laranjeira e limoeiro. Também, houve uma altura muito boa, em que se vendia a laranja a bom preço, a laranja e o limão, faziam grandes cargas de fruta para Lisboa, iam os camiões carregar, as vendas corriam bem. Depois, a coisa já começou a piorar e isto, eu já teria aí uns (>). Na altura em que eu estava na educação de adultos, lembro-me de ir eu levar a fruta a uns armazéns que, suponho, ainda existem entre Faro e Olhão. Nesta altura a coisa já estava a piorar. Começou a piorar porquê? Porque foi naquela altura em que começa a vir de Espanha a fruta encerada e calibrada e não queriam a nossa fruta, que não tinha tão boa apresentação, apesar de ser melhor que a fruta espanhola. Nessa altura, nós, como muita gente ali das Hortas, não tínhamos máquinas de encerar e calibrar a fruta, essas máquinas eram muito caras. A laranja que vinha de Espanha até brilhava, muito encerada, as laranjas todas do mesmo tamanho, as caixas muito bem apresentadas. Ali nas Hortas cada um trabalhava para si, não havia uma cooperativa,

não havia nada disso, não se conseguia concorrer com a laranja espanhola. Depois, havia outra coisa, nós descarregávamos no armazém as laranjas, mas para receber o dinheiro era uma carga de trabalhos. Resultado, a agricultura acabou, depois, outra coisa que fez com que o meu pai terminasse com a agricultura foi o facto de, as pessoas que trabalhavam na horta, ter de se lhes pagar a segurança social, 13º mês (...) Aquilo da agricultura, umas vezes dava outras vezes não dava. O meu pai já não conseguia ter rentabilidade na horta, as despesas passaram a ser muito grandes. Chegou a um ponto que teve de acabar com aquilo. Hoje não temos nada, está tudo abandonado, está lá a terra e pouco mais. Claro que ele tem lá umas couves, faz umas sementeiras para os nossos gastos, para casa, mas, já deixou de fazer agricultura aí, há uns onze, doze anos. O meu pai acabou com agricultura e nunca mais fez nada, nunca mais teve qualquer outra atividade. O meu pai também já tem 82 anos, agora precisa, é paz e descanso (...) A minha mãe é mais nova, tem 75 anos. Têm a reforma e a renda de umas casas que têm alugado, vai dando para os gastos, felizmente (...)

J- E a infância?...

R- Pois, a minha infância foi passada em casa, ali nas Hortas. Eu e a minha irmã, que é dois anos mais nova que eu, ficávamos com a minha mãe, nunca fomos para o Jardim de Infância, porque nessa altura nem havia. A minha mãe estava em casa e tomava conta de nós, de mim e da minha irmã que é dois anos mais nova que eu. Tenho 49 anos, nessa altura não havia infantário, nem jardim-de-infância aqui nas Hortas. Eu brincava com a minha irmã, a minha mãe não me deixava sair dali porque a minha casa era na horta. Aquilo era um lugar, que ficava afastado do monte, das pessoas que moravam aí. À volta da horta não havia nenhuma casa assim muito próxima. A minha mãe era uma pessoa que não nos deixava ir a lado nenhum, tínhamos de ficar ali, à vista dela. E, assim, estava lá em casa ou à volta de casa, brincando com o que calhava, já nem me lembro. Depois, mais tarde, vinha da escola, brincava com a minha irmã, fazia os trabalhos de casa, sempre a mesma coisa, não havia muitas mudanças. De vez em quando conseguíamos escapar, lá íamos brincar com os moços, lá do monte, oh, não demorava muito, lá aparecia a minha mãe a ir-nos buscar. Lá vinha ralhando o tempo todo “Vá para casa”. E lembro-me que havia uma altura, ali as pessoas eram pobres e não havia assim brinquedos, não havia nada dessas coisas, brincava-se com aquilo que se tinha, brincar à chita, à macaca, saltar à corda, pegar num pau de vassoura e fazer de

cavalo. Depois, havia uma altura que era da caça, a reserva ainda não estava constituída, e, naquela altura em que havia a caça, os moços o que é que faziam, iam apanhar os gansos e as galinholas e os patos que os caçadores matavam. E, eu fazia um berreiro porque também queria ir apanhar as aves que eram abatidas (risos) e a minha mãe não me deixava, mas, às vezes eu ia. Era assim, a minha mãe dava-me valentes tarefas (...). A minha infância foi passada a brincar na horta, ao ar livre, com poucos amigos, a não ser a minha irmã que era a minha companhia e o meu primo. Às vezes íamos para o sapal quando conseguíamos fugir à minha mãe. Eu teria para aí, uns 5, 6 anos, a minha mãe ficou com mais uma criança que, depois, esteve connosco aí uns 10 anos, quando veio para a nossa casa tinha aí uns 4 anos. Era filho de uma prima da minha mãe que teve um percurso de vida um bocado atribulado e, então, ficou com connosco, a mãe foi-se embora foi para a Alemanha e quando regressou quis o filho de volta. Pronto, o menino voltou para a mãe mas pagou caro, pagou caro porque ele estava a estudar tal como nós, claro que não havia farturas, a minha mãe era muito organizada com o dinheiro, o dinheiro ia ali todo muito contadinho (sic). Então, era assim, nós íamos para a escola e a minha mãe dava 5 escudos para mim, 5 escudos para minha irmã, 5 escudos para o meu primo, e nem mais um tostão. Era para comer na escola um bolinho ou uma sandezinha (sic) e não havia dinheiro para mais. Todos os dias ela dava o mesmo. Entretanto, o meu primo, quando a mãe veio, foi viver com ela, quando saiu estaria no 8º ano. Ora, a partir daí começa repetir, esteve três anos seguidos no 8º ano, e deixou de ir à escola. O moço começou a andar na boa vida, a mãe que vivia em Monte Gordo, para o cativar dava-lhe dinheiro com fartura. Ele deixa de estudar e vai para trabalhar para um hotel, o Alcazar, e ganhava bastante dinheiro. Meteu-se na droga, foi o fim dele, foi um descalabro. Passou por uma situação muito difícil, esteve preso (...). Mais tarde a minha mãe, quando ele saiu da cadeia, tinha muita pena dele e gosta muito dele, pediu a um senhor aqui das Hortas, aqui do bairro do Matadouro, que levava pessoas para trabalhar na Alemanha, acabou por levá-lo, também, para ir trabalhar para a Alemanha. Depois, casou com uma alemã, trabalha, tem a vida mais organizadinha. Mas, penso que isso foi porque conseguiu sair do meio onde estava (...).

J- A mãe era mais rígida em casa que o pai?...

R- Sim a minha mãe é que dava as ordens, é que impunha as regras lá em casa. E, ela é que, de vez em quando, nos dava umas tarefas, ela é que era de nos cascar. E tínhamos que limpar o pó e fazer a cama. A minha mãe era muito rígida, era e é.

Ainda hoje, se eu não me levanto, ainda vai bater à porta “ O que é que fazes ainda na cama? Sabes que horas são? Tu não tens nada para fazer?”. O meu pai não, era mais meigo, nunca se zangava com a gente. O meu pai quando chegava a casa à noite, eu digo, eu aprendi a ler pelo método natural, porque o meu pai punha-se lá com os livros, e o meu pai não tinha paciência, punha-se a ler os livros, lia, lia, lia, ele não sabia explicar as histórias, só lia. Ele gostava muito de nos ler histórias e nós adorávamos. E levávamos naquilo quase todas as noites. Eu, quando fui para a escola sabia aquelas coisas todas de cor, eu não sabia ler, mas sabia o que estava escrito naqueles livros de histórias, eu sabia tudo. O meu pai gostava muito de ler para a gente ouvir e ainda hoje lê muito. Ele andou à escola ali na Chave de Ouro que era a única escola que havia aqui nas Hortas, depois, em 61 é que foi construída a escola das Hortas que hoje está abatida à rede. A minha mãe também sabia ler, mas lia pouco, só tinha 3ª classe, era da serra e lá não havia mais, chegavam só até à 3ª classe. O meu pai é que gosta muito de ler, ainda há pouco tempo comprou aquele livro o Anjo Branco e não usa óculos, hoje com 82 anos lê muito, gosta muito de ler. O meu pai não estudou porque precisou ajudar o pai na horta, logo cedo começou a trabalhar com o meu avô. O meu avô, também, era agricultor e o problema era o mesmo, porque, quando chovia tinha de mandar os homens embora e lá ia empenhar os cordões de ouro e mais não sei quê e lá andava, sempre, a caminho do banco. Então o meu pai ainda fez a admissão mas acabou por não ir, porque o meu avô precisava dele (...) As minhas recordações de infância são estas da horta, dos tempos de angústia do meu pai quando as coisas não corriam bem, nada de especial, uma infância muito normal, talvez, o que tenho melhor recordação sejam aqueles momentos de que te falei, do meu pai a ler para a gente os livros de histórias que havia em casa. O meu pai era e é uma pessoa meiga, a minha mãe é que foi sempre mais ríspida, mas, tudo bem, nada de especial que tivesse deixado marcas. Andei na escola de Hortas a tal que foi agora abatida à rede, a escola para mim foi assim um bocadinho traumatizante porque, primeiro que mais nada, fui para escola já com oito anos, a minha mãe dizia “Coitadinha da mocinha para onde é que ela vai tão pequenina, logo vai” E, então, fui para a escola já com 8 anos. Depois apanhei uma professora que (risos) batia assim muito, eu dava erros, dava sempre 10, 12 erros, por cada erro, uma reguada. Depois, quando trovejava começava rezar a Stª Bárbara, enquanto trovejava era toda a gente a rezar sempre a Stª Bárbara e ai de quem não rezasse. Ela tinha lá aquela semana do sagrado coração de Jesus, punha lá aquela

imagem e era a semana toda a rezar. Ela era do norte e era muito, muito, muito religiosa. Passei aquele primeiro ano de escola a rezar e a levar reguadas. Nós rezávamos de manhã logo quando chegávamos à sala, rezávamos quando trovejava, rezávamos à N^a S^a de Fátima, do 13 de Maio e mais não sei quê, era a senhora de Fátima, depois o sagrado coração, era sempre a rezar. Eu que era, assim, um bocado mais parvalhona, às tantas, distraía-me, não olhava para a santa, quando dava por mim, “toma”, estava sempre a apanhar. Era, no meio da reza “toma”. Nós tínhamos a sala no piso de cima, ela ficava cá em baixo a conversar, quando chegava à sala, se não estávamos sentados, se estávamos a conversar, o que é que havíamos de estar a fazer, ela começava numa ponta e acabava na outra, aquela mulher era o diabo (...) Aquele 1^o ano deixou-me traumas, eu apanhava porrada, por tudo e por nada. Olha, ela pegava na régua, foi muito traumatizante. Tive esta professora dois anos, foi um pesadelo, foi na 2^a e na 3^a classe. Era uma professora muito ríspida, não era nada afectiva, era uma mulher assustadora (...) Na primeira classe tive uma professora normal, nem me recordo quem foi a professora, não tenho nenhuma memória do 1^o ano de escola, sei que a professora era de Castro Marim e não me lembro de mais anda. Agora desta, nunca mais me esqueço. Chamava-se Edviges, andei com ela três anos, andei no 2^o, no 3^o e no 4^o e chumbei no 4^o. Fiz o 4^o ano com outra professora, a Manuela e aí já foi diferente. Essa professora foi a única que nos levou a passear. Nós andávamos na escola de Hortas e o único passeio que fizemos foi atravessar a EN 125 e ir passear à mata. Pronto, mas foi o único (...) Mas, também associo a prof^a Manuela ao 25 de Abril, porque eu andava na 4^a classe quando foi o 25 de Abril. Lembro-me de não haver aulas, puseram agente toda na rua, foi uma festa naquele dia, as professoras coma telefonia ligada a ouvir o que é que se passava e os professore cochichavam, cochichavam e agente a brincar encantados da vida. Depois, lembro-me da professora nos explicar na sala o que se tinha passado, de fazermos aqueles desenhos, de ouvir falar no MFA, do movimento das forças armadas e dos soldados e chegámos a ir para a praça fazer desenhos e fazer jogos e essas coisas que aconteceram naquele tempo. Acho que foi no dia 13 de Maio, dia da cidade que depois fomos fazer desenhos e fazer outras atividades na praça em Vila Real. São as recordações que tenho do 25 de Abril, de resto não tenho memória de mais nada, era pequena. Lembro-me que antes do 25 de Abril o meu avô recebia uma carta para ir votar. O meu pai nunca recebeu essa carta, mas o meu avô, sim, recebia uma carta para ir votar, não sei o que é que ele votava, mas que ia votar, isso eu sei. Isso é a

única coisa que me recordo de antes do 25 de Abril, em casa nunca se falava de política. E mesmo com o 25 de Abril, o meu pai também não falava nisso, em casa nunca se falou muito de política (...) Ainda bem que estávamos com a professora Manuela quando aconteceu o 25 de Abri. Gostei dela professora, era uma pessoa diferente, brincava connosco, era alegre, meiga, lembro-me de fazermos a roda, de fazermos jogos tradicionais. Portanto, dessa professora tenho recordações agradáveis, são boas recordações, enquanto, que da professora Edviges me recorda a porrada e as orações (...)

J- Essa professora Edviges também a marcou em termos católicos?

R- Não, não, eu não ligo a isso, não quero saber, porque é assim, o meu pai é religioso, bastante religioso, é católico, mas, a minha mãe é testemunha de Jeová. E, então, lá em casa é assim, o meu pai gostava lá da N^a S^a de Fátima e do Sagrado coração e mais não sei quê e, então, o meu pai punha as imagens ao alto, vinha a minha mãe deitava as imagens, vinha o meu pai punha ao alto e a minha mãe (...), toda vida foi assim. Mas eles nunca discutiam, um punha para cima, vinha o outro e punha para baixo e tem sido assim, mas, entendem-se muito bem. Isso para mim passou a ser indiferente, não sou nem uma coisa nem outra, tanto recebo lá as pessoas que vão conversar com a minha mãe que são também testemunhas de Jeová, como vou lá à igreja se for preciso, a minha filha até foi baptizada e crismada e eu não tomo partido, para mim está tudo bem. Eu não vou à igreja. Fui baptizada mas nunca fui de ir à igreja, um puxava para um lado, o outro puxava para outro e eu nunca quis saber disso. E, a minha irmã é como eu, é igual, não quer saber de religião. No entanto a minha irmã casou por igreja, eu não. Disse logo que não casava por igreja. Eu não tendo nem para um lado nem para outro, mas, se formos ver bem, as duas religiões não são, assim, tão diferentes, não são, não são. É claro que há ali a questão do sangue, há ali outro tipo de questões, mas, no fundo (...)

J- Não devia fazer esta pergunta, a Rosa alguma vez bateu nos seus alunos?

R- (Riso). É verdade, não bati muito, mas, cheguei a (...). Lembro-me que quando comecei a trabalhar, em Furnazinhas, eu, por vezes, dava uns safanões nos moços. Uma vez bati assim na mão de um, não me lembro porquê, e o moço foi dizer à mãe. A mãe veio à escola e disse-me “Sabe, a minha criança podia ter tido uma embolia pulmonar” Eu fiquei a pensar “ Uma embolia pulmonar? Bati na mão do menino, nada mais” Mas, depois, pensei, sim, na mão passam as veias, só se fizesse um coágulo, mas, um coágulo de bater na mão?” Das porradas que eu apanhei com a

régua, quando andei na escola, quantas embolias pulmonares não teria tido? Mas não, bater não e hoje não faz qualquer sentido, para além de que, com a força que os pais têm hoje, bater num aluno pode ser um problema grande. Zango-me com eles, ralho, escrevo nos cadernos para os pais, às vezes, dou um castigo de não ir ao intervalo, mas, mais nada, bater, isso não (...)

J- Da escola primária a Rosa vai para o Ensino Preparatório...

R- Eu fiz a 4ª classe e fui para o Ciclo em Vila Real, na Escola D. José. Tudo bem, correu tudo bem. Nessa altura, havia no 2º ano exames, umas provas que não fiz nenhuma, dispensei a todas. Passei para o 3º ano, depois fui sempre passando. Tenho boas recordações da escola, desse tempo. Mantenho ainda amizade com alguns desses colegas desse tempo. Do tempo do ensino primário não posso dizer, olha ali ficou alguém, mas da escola D. José, sim, aí ficaram alguns amigos com quem ainda me dou. Eu fui integrada numa turma em que eram os moços do 1º 9ª. E aquilo, a nona turma do 1º ano, era tudo moços mais velhos de 14,15, 16 anos, tudo idades muito diferentes, eram moços que já tinham reprovado mais que uma vez. Naquela altura não havia currículos alternativos, mas, eram tudo moços mais velhos do que eu, era uma turma mista. É engraçado que havia turmas de rapazes e turmas de raparigas, mas, eu, não sei porquê, tive sempre turmas mistas, até mesmo na primária, a minha sala era mista. A Escola D. José estava dividida, mas, havia uma turma mista, que era a minha, eu fui integrada nessa turma mista, não sei. O que é certo é que andei sempre numa turma mista. Ali eram moços muito mais velhos do que eu e lembro-me de me ter integrado muito bem naquele grupo e mantenho amizade ainda com algumas dessas pessoas. Eu posso dizer que desse grupo de alunos do 2º ciclo, era uma turma com muitos, com 27, 28, que a maioria não fez o 12º ano. Foi um grupo que foi ficando pelo caminho. Foi um grupo que tinha muito mau aproveitamento. Apenas uma desses colegas tirou o curso de professora, a Manuela, portanto, era uma boa aluna, apesar de ser mais velha que eu, tinha vindo de França, muito boa aluna, andou comigo até ao 12º ano, depois, andou na Universidade. Acontece que, ela começou por dar aulas à noite, mas, depois, a cabeça dela não deu, porque, ela tinha umas certas paranóias e acabou por ser expulsa do ensino. Teve um processo disciplinar e acabou por ser expulsa. Vive muito mal, este momento, muito mal, mesmo, faz limpezas, apesar de ser uma pessoa muito inteligente, aprendia muito bem, tirou o curso, mas, o percurso de vida dela complicou-se. Muito triste o que lhe aconteceu. Esta foi a que continuou, as outras

colegas foram todas ficando pelo caminho, há uma que é auxiliar ali na Escola D. José, fez o 9º ano, o resto ficou pelo caminho logo muito cedo, muito cedo (...) Portanto, fiz o ciclo na Escola D. José e depois passei para a Secundária de Vila Real onde fiz o 12º ano. Só chumbei na 4ª classe, depois, até ao 12º ano, nunca mais chumbei. No 5º ano, no actual 9º ano, também, havia exames obrigatórios, passei a todos e, depois, no 11º ano dispensava-se se tivéssemos média de 13, acabei por só ir a exame a Francês e a Matemática. Passei a Francês, chumbei a Matemática. No ano seguinte, inscrevo-me no 12º ano com a Matemática pendurada. Resultado, nem fiz o 12º nem acabei o 11º ano (risos). Depois, acabei por fazer a Matemática do 11º ano, e fui para o Magistério (...).

J- Antes de falar do Magistério, conte-me como foi a sua adolescência. Aqui no portfólio diz “A adolescência é um bicho diferente”...

R- A minha adolescência não teve nada de diferente, não foi nada crítica. Eu sei que a adolescência é um período conturbado, às vezes difícil de se ultrapassar certas fases, como por exemplo, o meu primo que teve todos aqueles problemas que começaram logo a partir dos 13, 14 anos. Eu não, eu passei esse tempo de uma forma muito tranquila, onde não aconteceu nada de extraordinário que me possa recordar. Tanto a minha adolescência como a da minha irmã foi muito passada entre a Escola e casa, nunca tivemos muitos amigos nem pertencíamos, assim, a grupos de jovens que saem para ir a bailes e a festas, a minha mãe nem nos deixava sair. Tive um grupinho com quem ia à praia e com quem às vezes saía, eu e a minha irmã. Mas, não saía muito porque a minha mãe era muito rígida. Nunca andámos por caminhos esquisitos, nunca tivemos problemas, não, tudo muito bem. Eu começo a trabalhar, por opção minha, com os meus 17 anos, nas férias grandes, numa loja em Monte Gordo. Eu, com essa idade resolvi trabalhar, o meu pai ainda se opôs, “ Que jeito a moça ir trabalhar, ainda é muito novinha, não há necessidade disso, porque o dinheiro há-de vir e se não houver não há, a gente há-de conseguir viver como até aqui”. Acontece que, eu e a minha irmã, fomos trabalhar, era um bocadinho puxado porque pagavam-nos uma bagatela e passávamos lá o dia todo. Mas, era o facto de sairmos de casa, era o facto de ter outros conhecimentos, olha, fez-me bem, aprendi muita coisa. Às vezes, à noite, saíamos à meia-noite da loja, em vez de irmos para casa, íamos para a discoteca, mas, eu chegava lá e o barulho, eu ficava com ressonâncias aqui, eu nunca fui muito de discotecas, não, não. A minha irmã, que era dois anos mais nova que eu, gostava, ficava lá mais tempo e eu vinha cá para fora,

ficava farta e desejosa de me vir embora, de ir para casa, a minha irmã, não. Era sempre uns trabalhos para a arrastar de lá (...)

J- Como é que vinham para casa?

R- Era o dono da loja que era amigo dos meus pais, que nos trazia para casa. Era ele que nos ia buscar a casa e nos trazia. Quando íamos à discoteca, se fosse preciso esperar por a gente até às 3 h da manhã, ele esperava, dizia que não se importava. Ia a qualquer lado, combinávamos uma hora e ele aparecia sempre. Estas eram as poucas saídas que fazíamos, tive uma adolescência muito controlada, muito controlada e o facto de trabalhar era como que um escape para poder sair de casa (...). Trabalhei aí uns três anos, até aos 19 anos, até que fui para o Magistério. No Verão trabalhava, ficava com o meu dinheirinho, comprava os meus sapatos, a minha roupa e geria ali o meu dinheirinho conforme (...) é que fez-me bem, tinha dinheiro para as minhas despesas e aprendi a controlar o dinheiro e a dar-lhe valor. Já sabia o que custava ganhar um dinheirinho. O que à minha filha, já não lhe aconteceu, a minha filha, nunca foi trabalhar nas férias, não porque eu não quisesse, mas, porque o meu marido não quis. Olha, tinha-lhe feito bem, porque, ela a toda hora diz “preciso disto, preciso daquilo”. Os tempos, agora são diferentes, eles não precisam de se esforçar para ter as coisas, antigamente, não era assim (...) Tenho uma boa recordação da minha adolescência, foi, como tem sido a minha vida, sem altos nem baixos, tudo, assim, muito normal (...) Foi quando trabalhava na loja em Monte Gordo que conheci o meu marido, antes nunca tinha tido qualquer namoro, só coisas passageiras, era tudo muito platónico. O meu primeiro namorado a sério foi o meu marido. Por volta dos 18 anos, conheci o meu marido, ele veio de África, retornado, ele vivia com os tios, que tinham comprado lá um restaurante, naquele edifício o Guadiana, que tem lojas de comércio por baixo. Conheci o meu marido aí, começamos a namorar. Ao fim de 4,5 anos de namoro, casámos. Casei em 1986, tinha acabado o curso em 1985, quando casei já estava a trabalhar. Foi um casamento normal e corrente, não quis festa, não fiz festa nenhuma, nada disso. Casámos, pegámos no carrinho e fomos correr o país, 15 dias, voltámos e continuámos a fazer a nossa vida. Tudo muito tranquilo. A minha mãe tinha lá uma casinha pequenina, fomos para essa casinha pequenina e depois, demolimos essa casinha pequenina e fizemos uma maior e pronto, ficámos a viver perto dos meus pais. Nada de grandes planos, o meu marido não trabalhava, depois começou a trabalhar de vendedor que é a profissão que ainda tem hoje. Ficamos a morar perto dos meus pais, foi muito

bom, porque a minha mãe ajudou-me muito. Principalmente no princípio quando andei por fora. Eu estava a trabalhar em Furnazinhas quando a minha filha nasce. Depois, no ano a seguir, eu volto para Furnazinhas e ela é que ficou com a miúda. Eu não vinha a casa, que eu não estava para andar para baixo e para cima. A minha mãe é que ficava sempre com a menina. Eu era muito comodista e, então, ficava lá e só vinha ao fim de semana. Aí a minha mãe ajudou-me muito. Ela educou muito bem a minha filha durante aqueles anos em que estive no concelho de Castro Marim, primeiro na escola primária e depois na educação de adultos (...) O meu marido, também, sempre confiou muito na minha mãe. Esse, nunca se preocupou muito de eu estar ou não estar em casa, de estar longe ou estar perto. O feitio dele é de não se importar se eu saía ou não saía, se chegava cedo ou chegava tarde, não, isso nunca foi problema, o meu marido é uma pessoa que (>), eu também não me meto na vida dele. Se ele pegar na mota e for não sei para onde, eu não sei para onde ele vai e nem lhe pergunto. Aí, nós não interferimos na vida um do outro.

(...)

J- Voltando um pouco atrás, e o Magistério? Como é que tudo aconteceu?

R- Bem, eu e a minha irmã, nós fizemos o 12º ano ao mesmo tempo e quisemos concorrer à universidade, eu, entretanto, não tinha a matemática do 12º ano feita. A minha irmã concorreu e entrou para a universidade, tirou engenharia agrícola. Eu como não tinha o 12º ano completo não pude concorrer para universidade, concorro para o Magistério e entro. Também, tinha concorrido para enfermagem e passei, mas, não fiquei em enfermagem porque, o Magistério começava antes, o curso de Enfermagem começava só em Janeiro. Entretanto o Magistério já tinha começado em Outubro e eu já não mudei, continuei no Magistério. Não sei se foi melhor se foi pior. Não fui para o magistério por vocação ou porque fosse um desejo ser professora, as pessoas dizem “ Ai, eu fui para professora por vocação” “ Ai, eu se não fosse professora, não queria ser mais nada”. Não senhor, comigo não foi nada disso, eu fui para o Magistério porque foi a única oportunidade que eu vi de tirar um curso. Não tinha o 12º ano, entro, portanto, também, em Enfermagem, eh, para mim, tanto ir para Enfermagem como ir para o Magistério, era indiferente. E, então fiquei no Magistério, fiquei no Magistério, não digo que foi por vocação ou que a vocação aparecesse depois, nem sei se há vocação, eu faço o meu trabalho o melhor que sei e posso. Procuo fazê-lo bem feito e não tenho medo de pôr o meu trabalho ao lado de uma professora que diga que tem vocação. Agora vocação, eu faço porque tenho que

fazer e quero fazer bem, fazer o melhor que posso e sei. Gosto daquilo que faço, agora, ai vocação, nem sei o que é isso. Já sou professora há mais de 20 anos, não vim por vocação, mas, também, nunca me arrependi de ter ido para o Magistério (...) Tenho boas recordações desse tempo do Magistério, mantenho ainda relação com muitas pessoas desse tempo, pessoas que ainda me vêm visitar e que eu vou visitar. Praticamente, foi um grupo muito unido. Eu agora é que não tenho ido, mas, todos os anos, no final do ano fazem um almoço, juntamo-nos todos, e uma alegria. Eu, ultimamente não tenho ido, mas elas telefonam, dizem, olha, é no dia tal, não te esqueças (...) As amizades que fiz, é aquilo que guardo de melhor recordação desse tempo do Magistério. Também me lembro do irmos no comboio e daquela relação de amizade com as pessoas que iam de Tavira, de Cacela, de Olhão, íamos todas juntas. Durante aqueles três anos a fazermos aquela viagem todos os dias para cá, para lá, fez criar uma grande amizade entre todas. Essa é a parte que melhor recordo, as nossas conversas, as partidas que fazíamos umas às outras (...) Do Magistério não tenho assim grandes lembranças, era sair do comboio, ir para o Magistério, sair do Magistério, vir para o comboio. No Magistério o meu grupo era o grupo de amigas do comboio, era com essas pessoas que eu, praticamente, me dava (...) Lembro-me que não gostava nada de Movimento e Drama, quando tinha essa disciplina era sempre um castigo, não gostava das atividades que a professora fazia, uma tal Isabel. Era contar histórias e fazer mímica e fazer improvisações e fazer dramatizações e, eu, às tantas, dizia, eu não tenho jeito nenhum para fazer isto. Do que eu gostei mais foi do estágio. Foi dar aulas, ainda me lembro bem de prepararmos as aulas e depois dar as aulas. Isso gostei, porque nós trabalhávamos em grupo, um ia dar a aula os outros ajudavam, estavam na sala e ficavam também junto dos miúdos, para ajudar. Levávamos sempre tudo muito organizadinho, as planificações, os materiais, umas vezes, as coisas corriam melhor, outras vezes, pior, é como tudo (...)

J- Depois, acabou o curso e é colocada...

R- Acabei o curso e fui colocada em Furnazinhas. Depois fui para Monte Francisco. Ser professora primária foi uma aventura, gostei muito desta experiência, foram dois anos muito bons, guardo boas recordações. Gostei das pessoas, do trabalho que fiz, os alunos eram dedicados, os pais muito interessados. Assim até dava gosto, não é como hoje, que as coisas estão tão diferentes. Aquelas crianças eram muito mais interessadas, iam para a escola para aprender, eram crianças mais humildes, havia outro ambiente. Os pais também ajudavam muito, nós acabávamos por fazer um

trabalho comunitário em que envolvíamos a escola com a comunidade. Assim, dava gosto trabalhar (...) Claro que, também, tinha os seus contras, era muito jovem, ali estava um pouco isolada do mundo, estava fora de casa, só ia ao fim de semana, as condições não eram as melhores, alguma falta de comodidade, mas, pronto, esta era a nossa profissão, tinha de ser. Também já sabíamos que quando acabamos o curso e temos pouco tempo de serviço, temos de estar preparados para ser assim e, ainda, eu tive sorte porque havia colegas que ainda ficavam mais isoladas. Mas, pronto, ser professor primário era assim. Como alguns colegas diziam, ser professor é como uma missão. Eu também acho que temos de encarar esta profissão como uma missão, não podemos encarar isto como um posto de trabalho, não podemos só ver a parte económica e, acho que, muitas de nós, não damos tudo aquilo que poderíamos dar. Eu acho que apesar de não ter a dita vocação, não sei se tenho se não, mas, ou nunca a ter sentido, acho que nós temos que encarar a nossa profissão como uma missão e não só como um emprego. Se nós só olharmos para parte económica (>) eu acho que nós temos que encarar como uma missão (...) Eu acho que ser professora primária é uma profissão bonita, muito nobre, porque nós estarmos aqui a trabalhar com crianças, a tentar educá-los, porque não é só transmitir conhecimentos, é levá-los a construir o próprio conhecimento, trabalhar com eles, fazê-los ver determinados aspetos, quer na parte social quer na parte dos valores. É isso que eu procuro fazer com os meus alunos, da melhor maneira que sei (...)

J- Quais as maiores dificuldades que encontra neste trabalho?

R- Agora o maior problema que eu tenho é na relação com os pais. Os pais, eu acho que os pais são um grande problema neste momento, não só aqui comigo, mas em geral. Pelo que oiço das outras colegas, isto é um problema geral, porque, os pais vêm os filhos deles como se fosse ali (...) uma coisa intocável. São os filhos deles, hoje, por exemplo, uma mãe, que me manda recado dizendo “ O meu menino hoje não fez os trabalhos porque ontem fomos sair e quando chegámos estava muito cansado”, outra diz “ Ai porque falou muito alto e o meu menino ficou com os tímpanos, não sei quê, porque, a professora falou alto” “Ai porque o meu menino fica traumatizado quando a professora se zanga com ele”. Eu acho que os pais neste momento (>), estas crianças acabam por estar ali nas mãozinhas dos pais, os pais têm medo que os meninos caiam, é como se fossem bibelôs. E, depois, estas crianças não se interessam por nada, vêm para a escola por vir. Tenho estado a apresentar o aparelho urinário. Fiz o esquema do aparelho urinário, falámos sobre a importância

dos rins, fizemos os filtros para exemplificar o funcionamento dos rins, eles não ligam nenhuma, isto é frustrante, os moços não são nada curiosos, não perguntam, parece que nada lhes interessa. No outro dia fizemos os pulmões com os balões, vimos como enchia, como vazava, com as garrafas, apertávamos e víamos aquilo a funcionar, ninguém faz perguntas, ninguém tem nada a dizer. Isto é muito desmotivante, estar a fazer um trabalho e chegar aqui e não ver interesse nenhum dos alunos. Eles têm o caderninho (sic) de casa de textos livres, os textos livres nunca vem nenhum feito, eles não escrevem. Agora dou temas para eles escreverem, nem mesmo assim. No outro dia fizemos uma visita à Marinha Grande, pedi que escrevessem sobre o que viram, o que aprenderam, como foi a viagem. Para os que não foram, pedi para pesquisarem ou para dizerem porque é que não tinham ido, queria era que escrevessem, a mãe de um escreve no caderno “ Como já lhe tinha dito o André não tem Net, não pode fazer os trabalhos”. Eu disse ao aluno “ Oh André, o que é isto aqui no teu caderno, não foi isso que eu disse. Quem não tem Internet fazia um texto a dizer porque é que não foste”. Ele tem o Magalhães, também podia pesquisar no computador, mas, a mim o que me interessava era que ele escrevesse, mas, não. Os moços não têm vontade nenhuma de fazer nada e, neste caso, a mãe ainda dá esta ajuda. Parece que têm medo que os meninos se cansem, que trabalhem demais, eles não querem fazer nada (...) Por isso é que digo que os tempos mudaram muito e os pais também, em relação aos filhos. Eu também não sei se isto é um problema do meio urbano, se isto também se passa, por exemplo, no interior, na serra, nos tempos de hoje, ou, se ainda é, como era há 20 anos atrás. O que se passava em Furnazinhas e Monte Francisco não tinha nada que ver com a experiência que estou a viver aqui nesta escola. Lá os pais confiavam no trabalho da professora e não estavam a toda a hora na escola como aqui. Agora com o portão fechado não entram, mas toda a gente vem à escola ver o que se passa, toda a gente fala, toda a gente põe em causa o trabalho dos professores. Não é que os pais não devam vir à escola, eles devem vir à escola, às reuniões, devem falar com os professores, agora eu acho que não têm que interferir naquilo que o professor está a fazer. Isto é, se o professor se zangou com o menino, vêm logo à escola saber porque é que se zangou com o menino, parece que não confiam no nosso trabalho. Claro que se eu desse uma tarefa no moço e chegasse a casa todo marcado, pois, é natural que os pais quisessem saber porque razão é que agredi a criança, era porque não estava boa da cabeça, agora só porque ralhou com o menino, ou porque o menino não quer

fazer os trabalhos, ou porque o menino se deita no chão e não sei quê, eu acho que é demais. Em Furnazinhas ou Monte Francisco isto não acontecia, primeiro que mais nada, aquelas crianças, iam para a escola e quando saíam da escola iam atrás do rebanho de cabras, guardar as cabras. E trabalhavam, trabalhavam, não era só ir à escola e os trabalhos de casa, no outro dia estavam feitos. Os pais incentivavam as crianças, aqui os pais não incentivam a coisa nenhuma. Os meninos levam o trabalho para casa não fazem, mãe de um manda-me recados “Ai ele anda muito cansado não pôde fazer os trabalhos”. E, depois, não quer fazer não faz, mas, depois, marco-lhe um vermelho na folha das tarefas para ver que não fez. Os trabalhos não são obrigatórios mas devem ser feitos porque ao serem feitos o menino está aprender, mas se não quer fazer. E, os pais não querem ver que ao apoiar os meninos a não fazerem os trabalhos de casa ou ao estarem a interferir no nosso trabalho, não estão a ajudar os filhos, antes pelo contrário. Às vezes é um bocado desmotivante, é. Como hoje, estivemos aprender a divisão, fizemos repartir, dividir os materiais em dois, em três, dividir em quatro, ver quantos em que ficavam em cada grupo. Mande para casa uns exercícios, amanhã não vêm feitos (...) A nossa profissão complicou-se muito, complicou-se porque, eu não sei se é o facto de não confiarem no professor, se calhar nem é esse o caso, é que os pais querem tanto aos filhos que de tanto que querem acabam por estragá-los. Eu acho que se passou do 8 para o 80. Antes os pais não tinham problemas em dar um par de açoites nos filhos, até diziam aos professores, se ele merecer, zangue-se com ele, bata-lhe. Agora, não se pode bater, acho bem, mas os pais, hoje, parece que têm medo de dar um par de puxões d orelhas nos filhos, mesmo quando eles fazem disparates. Não há violência, acho muito bem, agora medo de tocar nos filhos quando eles mereciam um bom par de estalos, não sei qual seria o problema. Mas, é assim, o que havemos de fazer. Aqui, eu noto, nesta sala com estas crianças, se eu ralhar com os meninos, os pais entram pela sala adentro e não posso dizer que é por serem meninos de bem, porque aqui tenho crianças que vivem muito bem e crianças que vivem muito mal. O grupo, em termos de aprendizagem, tanto os que vivem mal como os que vivem bem, uns têm mais recursos, outros têm menos, em termos de aprendizagens, é um grupinho razoável, não têm muita dificuldade em aprender, tirando aqui 3 ou 4 excepções, o resto aprende muito bem. Até tenho uma menina cigana que acompanha o grupo, sem qualquer problema, mas, tenho outras duas que não acompanham. Não, o problema não está na aprendizagem, está na atitude dos pais, mais, os pais daqueles meninos

que têm mais dificuldades. Esses é que colocam mais problemas, esses são mais quezilentos. Aqui na minha sala esses pais, também, são aqueles com menos formação académica, com menos recursos. Esses é que nos fazem a vida mais difícil (...)

J- A Rosa é professora primária, já foi educadora de adultos. Acha que o professor primário pode ser um bom educador de adultos?

R- Eu acho que sim, pela experiência que tenho, acho que sim. O professor do 1º ciclo pode dar um bom educador, agora os professores dos outros ciclos, não. Os casos que conheci de professores do 2º ciclo a trabalhar na educação de adultos, eram um autêntico desastre. Via-se que não tinham jeitinho nenhum, nem gostavam. A maioria que conheci estava ali porque eram obrigados. Mas, falando por mim, eu gostei imenso daqueles 4 anos em que estive na educação de adultos. E o gostar é muito importante, há coisas que não sabemos, mas, aprendemos, se gostarmos daquilo que fazemos. Tanto gostei que depois continuei. Quando estava em Monte Francisco começo logo a trabalhar em educação de adultos, no 2º ciclo, no supletivo nocturno, dando Francês, à noite, claro. No ano seguinte, entro, então, para a coordenação concelhia de Castro Marim, trabalhar com a Rosa e a Marília. Depois, quando saí da coordenação, continuei, em “part-time” a dar cursos socioeducativos. Não posso dizer que ser educador de adultos é uma vocação dos professores primários, alguns tinham muito jeito para os adultos, não sei se era por serem professores primários ou não. Talvez tivesse a ver com a maneira de ser da pessoa, da sua atitude perante a educação, o seu perfil, agora, também, acho que nós, na nossa formação aprendemos coisas que ajudam muito. Os professores do 1º ciclo é que têm formação para iniciar a leitura, a escrita, a matemática, não é? Se é o professor o técnico que está mais credenciado para ensinar a ler, para alfabetizar, eu penso que o professor primário é que se identificará mais com a educação de adultos. Eu estou a falar da educação de adultos que tem que ver com a alfabetização porque há educação de adultos que não tem anda a ver com alfabetização. Mas, no nosso caso, quando trabalhamos em educação de adultos, um dos principais objectivos era a alfabetização. É verdade que, muitos dos que davam alfabetização, não eram professores primários, havia muitos bolseiros, gente jovem, sem formação, alguns tinham o 9º ano, o 11º, sei lá, havia, até, pessoas com o 12º, mas, nessa altura, tinha por detrás uma equipa. No nosso caso de Castro Marim nós dávamos todo o apoio. Esses jovens tinham a vantagem de conhecer muito bem o meio, conheciam as

peessoas e isso facilitava-lhes muito o trabalho. Mas, eles levavam o material, que nós preparávamos, levavam uma planificação, tinham tudo preparado por nós, com a ficha tal para o dia tal, com a ficha tal para o dia tal, para ensinar a palavra tal, para explorar o tema não sei quê, pronto, aquelas fichas iam já destinadas para os dias. Para fazer as fichas utilizávamos livros, mas, também, materiais da Direção Geral, o Jornal Viva Voz, o Almanaque, olha, eu tinha os todos, utilizava muitos os Almanaques, as pessoas gostavam muito porque tinha receitas, as pessoas gostavam muito de copiar, não havia fotocopiadora ainda, o que fotocopiávamos era na Câmara, tínhamos de pedir. E, então, as pessoas passavam e, às vezes, experimentavam aquela receita, em casa, e depois levavam um pratinho para os outros provarem. Num ano, combinei com as pessoas, marcar, de vez em quando, um dia em que cada um trazia uma coisa. Copiavam as receitas do Almanaque e depois traziam, lembro-me da D. Claudina trazer uns bolinhos, levar uns bolinhos para nós provarmos, uma receita que vinha no Almanaque. Também utilizávamos muito O Viva Voz, porque costumava ter as diferenças que eles gostavam de fazer, descobrir as diferenças. Isto era material que utilizávamos muito que construíamos para dar aos monitores. Eles, só tinham que aplicar na prática aquilo que nós tínhamos preparado para eles e algumas vezes, com eles. No entanto, havia muitos que, depois, devido ao grupo que tinham ou porque gastavam os materiais que lhes tínhamos dado, tinham de construir outros materiais. Alguns, ou faziam por seguir tudo aquilo que nós lhes dávamos ou, por vezes, usavam a imaginação e davam um toque pessoal às suas aulas. É claro que eu não sei se eles acabavam por explorar bem aqueles materiais que lhes dávamos, porque não era só ler e o escrever, havia temas do Meio que tinham de explorar e havia a Matemática. Eu não sei se estes temas seriam bem aprofundados, às vezes íamos aos cursos mas não ficávamos lá, o tempo todo para ver o que a monitora fazia, até porque elas ficavam muito nervosas coma nossa presença. Os adultos não, até gostavam que lá fôssemos, agora as monitoras não gostavam de se expor na nossa frente, o que também era natural que assim fosse. Mas, acho que, tirando um ou outro a maioria, sim, fez um bom trabalho. Claro que não tinham formação nem a preparação de um professor. È diferente uma pessoa ter formação para ensinar a ler e escrever, para ser capaz de dinamizar um debate, de organizar uma aula, do que uma pessoa sem formação. Sabemos que havia professores que não faziam bem este papel talvez por preguiça em preparar materiais ou porque, talvez, não gostassem, mas, acho que o principal é a atitude. Eu tinha

pouca experiência de ensino quando comecei com o Francês e tive muitas dificuldades, mas, depressa aprendi, porque eu gostava muito de trabalhar com aquelas pessoas, com aquela faixa etária. Era diferente, havia percursos de vida que podiam ser trabalhados, as pessoas chegavam e falavam, as aulas eram muito animadas, gostavam de falar daquilo que tinham aprendido na vida, gostavam de aprender coisas novas, queriam saber para que é que servia aquilo, que estavam a aprender ali, se tinha alguma utilidade. E, eu aprendia com aquelas pessoas, aprendi muito, aprendi muita coisa (...) Mas, acho que isso aconteceu, também, porque tive sempre uma relação muito positiva com os adultos, sempre me entendi bem com eles, sempre os respeitei, sempre tive o sentido de ajuda, é preciso muita paciência, muita compreensão. Muitas vezes, aquelas pessoas querem ter alguém que as oiça. Claro que trabalhar com adultos não é o mesmo que trabalhar com crianças, não vamos dizer “Cala-te lá aí” ou “Espera, que já aí vou”, não, com adultos não pode ser assim, temos de ter muita paciência, temos de ter outra subtileza. Mas, comigo, correu sempre tudo bem. Nunca tive problemas com os grupos que tive, nunca houve conflitos, os adultos, também, sabiam o que iam fazer e estavam lá para aprender e eu estava lá para os ajudar (...) Utilizávamos o método de Paulo Freire que aprendemos na formação, na educação de adultos. No Magistério a única coisa que aprendemos foi o analítico-sintético e, depois, quando fiz o estágio com a Odete Xarepe, aprendi o método natural de leitura, o método global. Por isso, não foi difícil perceber o método Paulo Freire, a base já eu conhecia que era o método global. E o método Paulo Freire está entre o método global e o analítico-sintético. Aqui está o que há pouco dizia, um professor que conheça o analítico-sintético, que conheça o método global, percebe imediatamente o método de Paulo Freire, é quase a mesma coisa. Os princípios de aprendizagem da leitura e escrita estão lá todos (...) Utilizávamos o método, ensinávamos, mas, não era fácil para as pessoas ficarem a saber ler, porque, só liam lá, iam para casa e não treinavam a leitura e, assim, é muito difícil. Para aprender a ler não basta ir ao curso, o problema é que só liam lá, as pessoas não tinham tempo, nem livros para ler, muitas vezes, o problema era falta de motivação e a falta de livros (...)

J- Qual a sua opinião sobre as bibliotecas de pequena comunidade?

R- Nós tínhamos várias bibliotecas de pequena comunidade que funcionavam, umas melhor que outras, dependia um bocado da dinâmica das bolseiras que lá estavam e também do tipo de comunidade onde estavam inseridas. Sei que as monitoras

organizavam várias atividades, faziam sessões de animação da leitura que nós ajudávamos organizar, nós, faziam sessões de leitura, liam histórias. Nalgumas bibliotecas de pequena comunidade também faziam atividades com as crianças da escola primária. Mas é como digo, as atividades dependiam do local onde estavam. Lembro que em Castro Marim, a biblioteca de pequena comunidade estava na sede do Castro Marinense, o clube de Castro Marim, que tinha uma pequena biblioteca e a nossa estava junto dessa onde tinha lá uma bolseira que era funcionária do Castro Marinense e que dinamizava as duas bibliotecas. Tínhamos uma outra biblioteca que funcionava numa associação, uma associação qualquer, em Junqueira e havia outra na Altura (...) E era capaz de haver mais uma ou duas, mas, estas eram as que me recordo bem, porque, realizavam várias atividades junto das pessoas de lá. Nós só ajudávamos na organização das animações de leitura, as outras atividades, eram elas que organizavam, davam os livros, faziam as requisições e mais não sei quê. Nós preparávamos as sessões de animação da leitura e íamos fazer, fazíamos como tínhamos aprendido, o movimento e drama, levávamos o texto cortadinho (sic) em partes, dividíamos o texto pelas pessoas, debatíamos o assunto a seguir e depois a escrita. Fazíamos estas sessões aí umas 3 vezes por ano em cada biblioteca de pequena comunidade. As pessoas gostavam muito desta atividade, as bolseiras preparavam a sala, convidavam as pessoas, arranjavam um lanchinho (sic) para o final da atividade. As pessoas gostavam destas coisas, das sessões temáticas, levávamos aqui a Dr^a Zezinha do centro de saúde, enfermeiros, o Dr. Carlos Sousa que está na ARS em Faro, havia várias pessoas que participavam nas nossas sessões, que iam falar sobre vários assuntos. As bolseiras das bibliotecas, também, ajudavam na divulgação destas sessões (...) Fazíamos muita coisa, música, poesia, cinema, teatro, olha, tivemos um grupo de teatro ali, em S. Bartolomeu, que, depois, ia, aí pela serra, fazer representações (...) Também havia as feiras de artesanato, éramos nós que as organizávamos. Fazíamos parte da comissão de festas e organizávamos as feiras de artesanato, isto dava muito trabalho. A princípio deu muito trabalho, correr aí os lugares a fazer o levantamento dos artesãos, depois a tentar convencê-los a participar nas feiras, muitos habituaram-se a participar. Depois, alguns, começaram a ir a outras feiras, fora do concelho. Estas feiras de artesanato começaram a crescer, já tínhamos muitos artesãos que vinham e também havia muita gente que ia ver. Começaram a vir pessoas, da serra, visitar a feira e vinham, também, dos cursos. Nisso, a Câmara dava uma boa ajuda com os transportes (...) Foram uns bons

tempos. Com estas atividades nós aprendíamos muita coisa, havia tanta coisa que eu não sabia e que nunca teria aprendido se não estivesse na educação de adultos. Com as pessoas aprende-se muito e como andávamos muito envolvidas com aquelas atividades todas, acabávamos por estar sempre a aprender coisas novas. E a formação, as ações de formação que organizavam lá em Faro eram muito interessantes, havia muita formação. E não era só a Distrital que organizava, havia seminários organizados por outras instituições e nós íamos, tudo o que era formação, nós aproveitávamos. Infelizmente, quando deixei a educação de adultos, praticamente, deixei de fazer formação, uma ou outra acção, mas nada que se parecesse com a educação de adultos (...)

J- A Rosa fez Complementos de Formação?

R- Fiz, fiz complemento de formação há mais ou menos 12 anos, fiz no ISET, ali em Loulé, Instituto Superior de Educação e Trabalho, então, fiz nesse Instituto a equivalência à licenciatura que foi sobre Administração e Gestão Escolar. Fiz especialização também, fiz especialização antes da licenciatura, foi assim, eu entrei para este Instituto e fiz o mesmo que a Marília, fizemos primeiro a Especialização, aquilo, andámos lá uns 4 ou 5 anos, os primeiros anos deu a Especialização e, depois, seguimos mais dois e, com mais esses dois é que ficámos com a licenciatura. Gostei muito, correu tudo muito bem e para mim foi óptimo, porque eu, nessa altura, já não estava a dar aulas, estava na delegação escolar como subdelegada e aquilo vinha ao encontro daquilo que me interessava. Quer dizer eu estava naquela parte da administração, nessa altura, era mesmo administração, não era mais nada que isso e foi ouro sobre azul. Aprendi imenso, coisas que depois acabei por utilizar, mais tarde, já tinha o curso acabado e vou então para Gestão escolar. Primeiro fiquei como vice-presidente e, depois, como presidente do Agrupamento de Escolas (...) Este Complemento foi muito importante para mim, acho que foi mais um passo na minha formação. Uma pessoa quer sempre mais e ter uma licenciatura é bom, ajuda-nos a sentir melhor. E não foi pelo dinheiro porque em termos remuneratórios, a transição não se notou muito, o escalão em que eu estava, quando passo para licenciada, que subi, aquilo eram dois escalões que se subia, mas, em termos do dinheiro que eu, realmente, via, não era nada por aí além. Se calhar, eram aí uns 40 contos, era dinheiro, mas não dava para ficar rica. Naquela altura eu estaria aí no 4º ou no 5º escalão, avancei dois escalões, mas a diferença não era grande. Mas foi bom, primeiro que mais nada, foi ter a licenciatura que não a tinha e, hoje, já não tinha

outra oportunidade para a ter se não fosse o Complemento. E, depois, se já estava na Gestão Escolar, na parte da administração, que era na Delegação escolar, pronto, vinha ao encontro daquilo que eu estava a fazer. Acabei por vir a ter mais conhecimentos (...)

J- Rosa, só para me situar, quando saiu da coordenação concelhia de Castro Marim em 1991, não foi logo para a Delegação escolar?

R- Não, quando saí de Castro Marim vim para o ensino regular, estive 4 anos com uma turma, apesar de fazer o “part-time” com os cursos socioeducativos. Depois de 4 anos com turma, fui para Delegação Escolar e é quando estou aí que vou tirar a Licenciatura. Depois de estar mais 4 anos na Delegação Escolar, quando se formam os Agrupamentos de Escola, passo para o Agrupamento Horizontal. Aqui, foram experiências muito diferentes da educação de adultos. Gostei mais da educação de adultos, não se compara. Agora, depois, estive na escola e, depois, fui para Gestão se foi melhor, se foi pior, não sei dizer, foi diferente, uma coisa é trabalhar com crianças, outra é trabalhar com papéis. Aprende-se sempre e se a pessoa trabalha e se empenha naquilo que faz, tanto se empenha quando está na gestão como quando está com crianças. O mais importante é a pessoa fazer o melhor que pode. Todos os trabalhos são importantes. A gestão é mais chata, porque é só papéis, mas, é preciso haver sempre alguém que faça esses trabalhos mais chatos. Eu não tenho problemas, faço o que tenho que fazer, o que eu quero é fazer bem. O meu empenho é sempre igual, agora estou aqui com os miúdos, tento fazer o melhor que posso e o melhor que sei (...) Agora a diferença está em que, trabalhar com crianças, tem que se ter mais sensibilidade, tem que se ser mais calmo, tem que se ter mais paciência. Ali, na Gestão tem que se ter mais cuidado com aquilo que se faz, porque é uma grande responsabilidade, quando se está a gerir, não se pode fazer as coisas de qualquer maneira, tem que ser responsável por aquilo que faz. É claro, com as crianças, também, tem que se ser responsável, mas é diferente, temos de ter outra disposição. Na frente das crianças, podemos vir aborrecidas de casa, mas não podemos demonstrar e temos que estar muito atentas a elas. Mas, é como digo, cada coisa tem a sua responsabilidade. Eu, tudo me absorve, quando estive na Gestão como quando estou com as crianças, eu tenho sempre coisas para fazer. Porque eu sou incapaz de vir e ter uma planificação por fazer, eu posso não cumprir aquela planificação, pode haver alterações, mas, parece que não me sinto segura se não a trouxer feita. Claro que eu não faço uma planificação exaustiva, como quando estava no magistério, com

os objectivos e as estratégias e os materiais, com muita coisa, não, eu faço uma planificação com os conteúdos que vou trabalhar, com as atividades para aqueles conteúdos, as áreas, os materiais, avaliação e mais nada, não ponho mais do que isso. Faço uma grelha onde ponho isso tudo e, depois, na avaliação ponho o que foi cumprido e o que não foi cumprido. Mas, todos os dias eu trago aquilo feito. Quando estava na Gestão, eu também tinha as coisas sempre organizadas, tinha um caderninho em que todos os dias tomava notas daquilo que tinha que fazer, o que estava feito eu ia riscando que estava feito, para não me esquecer de nada porque a minha cabeça, às vezes, também se esquece das coisas, mas, sempre tudo muito organizado. Sempre fui assim, sempre gostei das coisas bem arrumadinhas, bem certinhas para que as coisas não falhem (...) Isto tem sido a minha vida, muito absorvida pelo trabalho, sem tempo para fazer outras coisas. Nunca fui pessoa de fazer vida social, a minha vida tem sido o trabalho. Também não tenho muitos amigos. Na profissão não tenho, assim, amigos, dou-me bem com muita gente, mas dizer-se, aquela amizade, não. Eu acho que as pessoas, às vezes, acabam por ser mazinhas umas para as outras, tenho conhecidos, pessoas que conheço e com quem convivo, mas, que seja aquela amizade, isso não. Entre professores, é muito difícil ter-se uma amizade, assim, verdadeira (...) Como disse atrás, as pessoas com quem mantenho boa amizade foram aqueles que conheci quando andei na escola, desde o 2º ciclo. E, depois, outros amigos já são posteriores a esse tempo, são poucos, e até tenho uns amigos que conheci de uma maneira muito casual, pessoas que visito e que me visitam, foi um conhecimento assim, uma coisa muito casual (...) O meu marido gosta muito, gosta muito, é daquelas coisas assolapadas, quando faz uma coisa, só faz aquilo, mas, depois, depressa arquiva e passa para outra e vai passando de umas coisas para as outras. Houve uma altura em que, o interesse dele era o aeromodelismo e então viemos a Espanha comprar um avião telecomandado. Montava o avião e ia pô-lo no ar, caía, partia-se, ia comprar outro. E, numa destas idas a comprar peças, conhecemos um casal que também estava a comprar, o senhor tinha gostado daquilo e queria aprender, queria comprar. E, então começou a conversar connosco. Fez perguntas ao meu marido, o meu marido lá esteve a explicar como é que se fazia, ofereceu-se para o ensinar. Eles estavam cá de férias, eram de Oliveira de Azeméis e neste momento, isto já há uns 14 ou 15 anos, mantemos uma boa relação, eles visitam-nos e nós visitamo-los. Falamos de vez em quando ou pela internet ou por telefone, uma coisa casual, conhecemo-nos assim e mantemos uma

boa amizade. Eles, às vezes, vêm à nossa casa os nossos passeios são á casa destas pessoas (...) Passear, conheço o país todo, mas, ao estrangeiro nunca fui, as férias, eu não tenho férias, porque é assim, as minhas férias não coincidem com as do meu marido. O meu marido trabalha por conta própria, é vendedor e acaba por não ter férias, nunca tem férias, as férias dele são os fins-de-semana. Claro que ao fim de semana poderíamos ir a vários sítios, mas eu não gosto de andar de mota. Sair, às vezes, na Páscoa, às vezes, no Carnaval, mas, nunca um período longo, olha tirei um tempo de férias, uma semana, 15 dias, não, não é porque não possa, porque economicamente eu vivo muito bem, não vou dizer que vivo mal porque não vivo mal, mas, passear muito, não, não passeio. Faço, muito, vida de trabalho e de casa, gosto de estar em casa (...) Mas, procuro não levar trabalho da escola para casa, eu organizo-me sempre para que os trabalhos fiquem corrigidos dentro da sala, até porque os miúdos fazem os trabalhos e depois, fazemos auto-correcção. Outras vezes, fazem os trabalhos, eu faço a correcção no quadro e eles fazem a correcção nos caderninhos. Este ano, não sei, porque a turma é mais agitada ou é mais barulhenta, ou tenho um grupo diferente a nível de 2º ano, eu não consigo corrigir os trabalhos todos, eu acabo por levar sempre caderninhos para casa para ver. E, isto muitas vezes, chego a levar 24 cadernos e levo ali no sofá, toca e toca a ver trabalhos e a corrigir e acaba por não sobrar tempo. Quando eu tive turma antes desta eu nunca levei trabalhos para casa, porque, os miúdos estavam todos ao mesmo nível, nós conseguíamos fazer os trabalhos e corrigir. Eles iam fazendo e eu ia logo de mesa em mesa corrigindo. Também, eram menos alunos, aquilo era um projeto, era como se fosse uma explicação. O ano passado, a coisa levou-se muito bem, este ano é que (...) São 24 miúdos faladores e depois não consigo corrigir os trabalhos como eu corrigia dantes. Agora não, enquanto uns estão trabalhando eu tenho de estar com outro grupo, nunca estou a fazer a mesma coisa com a turma toda. Agora, o trabalho absorve-me mais (...) Eu, quando estava na Gestão, tinha um bocadinho de mais tempo, se quisesse sair, podia sair, agora não, agora sinto-me mais ocupada. Eu este ano, o ano passado só tinha 4 alunos, a coisa foi diferente, mas, este ano sinto-me muito mais absorvida, acabo por passar mais tempo em casa para poder dar resposta a tudo aquilo que tenho para fazer (...)

J- A filha ainda lhe ocupa alguma parte do tempo?

R- Não, a minha filha já trabalha, tem 24 anos e é enfermeira no Hospital de Faro. Temos uma casa em Faro e ela vive lá. Agora já é independente. Mas, antes, quando

era pequena, dava-me muito trabalho. Ela tinha os mesmos livros que eu tinha com os miúdos. Ela não podia ser minha aluna, estava ali com uma professora nas Hortas, eu chegava a casa, era outra vez a moça, os mesmos livros, as mesmas fichas, sempre a mesma coisa. A moça espojada no chão a não querer fazer os trabalhos de casa, eu zangava-me com a moça, a minha mãe zangava-se comigo. Era uma confusão. A moça não queria aprender, estava habituada a estar ali coma avó, a andar ali na horta a brincar, a ver televisão, não queria depois estudar. E eu, sem paciência, depois de um dia de trabalho, levava ali de volta da moça, a puxar, a puxar por ela. Mas, naquela altura eu não sei como é que eu conseguia, eu tinha muito mais tempo. Eu ia trabalhar, tinha turma, conseguia dar os cursos socioeducativos, ia para Junqueira, para o Monte Francisco, além, para S. Bartolomeu, podia estar a fazer a formação, e ainda tinha a moça. E consegui fazer isto tudo, hoje não tenho tempo para nada, se calhar por ser mais velha. Aquele sofá, lá em casa, deve ter uma coisa que me atrai, eu chego ali e ali fico. Eu saio da escola e sinto-me estafada. Também é a pressão que há sobre nós, agora. Porque os miúdos, antes de ter ido para a Delegação Escolar e para Gestão, os miúdos permaneciam sentados no lugar, eram mais calados, mais disciplinados, estas crianças que eu tenho aqui, eles estão a toda a hora com o rabinho no ar, toda a hora a falar, não sabem pôr um dedo no ar para falar e mesmo que tenham um dedo no ar, estão a falar, não são capazes de esperar. Eu saio daqui cansada todos os dias, começo a ficar cansada (...)

J- A Rosa ainda é uma jovem, já pensa na reforma?

R- Se nós estivéssemos com o antigo estatuto, eu daqui a três ou quatro ano estaria aposentada. Assim, será até aos 65 anos, ainda me falta muito tempo, tenho 49 anos, falta muito, ainda, não vale a pena pensar nisso (...) Ainda há dias eu dizia à Fernanda “Eu não estou cansada, porque, eu a trabalhar com miúdos de 1º ciclo, eu tenho sete ou oito anos, só, de serviço”. Porque eu estive aqueles anos na educação de adultos, estive na Gestão Escolar. Não, eu, neste momento, não posso dizer que esteja muito estafada, há colegas que passam o tempo a queixar-se, que estão fartas, que já não podem ver os moços, eu cá não. Claro que eu saio daqui cansada, porque, os miúdos cansam, porque são muito inquietos, mas cansada, aquele cansaço que algumas colegas falam, cansaço para meter atestado médico, para ficar em casa, não, isso não, nada disso. Nunca meti um atestado médico na minha vida, faltar, faltas, conta-se pelos dedos as faltas que eu dei ao serviço ao longo destes anos todos. Nunca falto. E, quando faltei foi para ir a formação ou porque estive doente, de resto

nunca faltei, terei meia dúzia de faltas ao longo destes vinte e cinco anos (...)

J- Tem alguns projetos para o futuro?

R- Mestrado, gostava de fazer um mestrado. Eu já podia ter feito quando a Marília fez. Eu sempre quis fazer. A Marília quando soube deste mestrado que ela fez em educação de adultos, convidou-me, mas, eu, nessa altura, tive um problema muito grave porque tenho um tumor no rim e isto dá-me assim uns desequilíbrios, altera-me a tensão arterial. Fico com a tensão muito alta, depois, tomo medicamentos e fico com a tensão muito baixa. É uma coisa benigna mas que me afecta, às vezes. Terei que ser operada, tenho vindo sempre a adiar a operação, mas um dia terá de ser. Uma operação é sempre um risco e então vamos esperando. Eu não estava muito bem e quando a Marília me disse a minha mãe “ Eh, para que é que tu precisas de estudar, deixa-te disso, para que é que isso te serve agora”. Por vontade da minha mãe eu não tinha feito nem a 4ª classe (risos). É verdade, “ Eh, para que é que tu precisas de dar cabo da cabeça”, então, acabei por não ir. Se tivesse ido já estava feito, não é? Eu gostava de ter feito, mas (...) Se tiver que fazer mais qualquer coisa, faço, se não, deixo que a vida vá passando (...) Que eu gostava de fazer, ai gostava. Ainda há bocado eu falei com uma colega que é a coordenadora de Departamento e, agora, abriu aí no Ministério da Educação, não sei se foi ao nível da Direção Regional, se foi no Ministério, que apareceu aí uns formulários para se fazer a inscrição, para se fazer uma formação especializada para quem quiser ser relator na avaliação de professores. Acho que há formação para depois, os professores darem formação aos outros. E, eu disse à colega “ Se isso aparecer, nós vamos fazer” “ e ela “Ah, não sei, deve ser difícil entrar, aqui, do Algarve só entraram dois, se quisermos fazer, tem de ser em Faro e eu não tenho transporte”. Eu disse-lhe “ Oh pá! Pois vamos para Faro não há problema, vamos fazer” Eu não me importo de fazer formação, eu até gosto. Eu quando fiz a formação, nos Complementos, os meus trabalhos nunca andaram atrasados. Era primeira a entregar, porque eu consigo organizar-me de tal maneira que as coisas para mim nunca são para amanhã, são sempre para ontem (...) O que eu gostava agora de fazer, era esta formação para avaliadora, que neste caso será relatora, porquê? Não é, porque sinto uma grande vontade de fazer isso, mas eu tenho de pensar que, neste momento, eu estou a ficar velha para enfrentar os miúdos todos os dias. Chega uma altura que uma pessoa já não tem aquela genica para trabalhar com os miúdos. E se o estatuto prevê que as pessoas colocadas nos últimos escalões, no 9º e no 10º possam beneficiar, de uma redução da dispensa da componente lectiva

para fazer esse tipo de trabalho, se eu puder, irei optar, por isso, para além de ter a especialização em gestão, se, agora, tiver a hipótese de fazer a especialização em avaliação, eu faço. O estatuto prevê que um professor, nos últimos escalões, possa ficar dispensado da componente lectiva, para poder optar pelo tal exercício funcional, uma coisa assim (...) Tenho 49 anos e não me vejo a trabalhar mais 16 anos numa sala de aula com crianças, no 1º ciclo. Se tiver que o fazer, pois, farei e farei o melhor que posso, mas, penso que há jovens que saem agora das universidades com muito mais energia, se calhar com ideias novas. Por isso se puder, se conseguir, tenho de encontrar outras saídas. Também não sou pessoa de estar sempre a fazer a mesma coisa. Nestes 25 anos, já passei por várias coisas, educação de adultos, administração, gestão, ensino, mas, não vou querer continuar, por muitos anos, a fazer a mesma coisa que seja estar numa sala de aulas com crianças. Isto de estar numa sala de aulas é extremamente desgastante e eu este ano, é o ano em que eu noto mais. Eu esforço-me por fazer as coisas o melhor que posso, tento fazê-las bem porque eu sou incapaz de vir para aqui e pôr um moço a fazer uma cópia e depois copiar o alfabeto e depois copiar a tabuada ou fazer a numeração romana, só para ocupar o tempo, não, eu não faço nada disso. Eu trabalho com os alunos, com eles sempre a mexerem, a fazerem, a concretizarem, fazer aulas activas e isto obriga a um grande trabalho por trás. Não é chegar aqui e pronto. Não, as atividades vêm todas planificadas e são organizadas de acordo com as necessidades dos meus alunos. Eu tenho que trazer trabalho feito para que eles depois possam aprender. E isto, parecendo que não é muito desgastante, não é só o trabalho que é feito aqui mas todo o trabalho que está por trás. E, depois, a planificação, eu sou incapaz de vir sem a planificação feita. Se não trouxer a planificação parece-me que me falta qualquer coisa, sinto que estou em falta, isto também deve ser paranóia minha. Esta turma é que me dá mais trabalho, porque, este ano não sou coordenadora de coisa nenhuma, no Agrupamento não tenho outras responsabilidades. O ano passado era coordenadora dos percursos alternativos que também me dava algum trabalhinho, porque as reuniões eram quinzenais e eu tinha de as preparar, de levar os assuntos preparados para serem discutidos nas reuniões, fazer as convocatórias, ter o dossier organizado, essas coisas todas. Este ano não tenho qualquer coordenação, mas, de todos os modos, tenho sempre muito trabalho. E, depois, há muitas reuniões, eu não percebo porque é que se faz tanta reunião. Há reuniões para tudo e muitas vezes não se avança nada, é só um perder tempo, mais nada. Ontem tivemos uma reunião por

causa dos novos programas da Língua Portuguesa (...). Agora, o que eu gostava mesmo de fazer, se tivesse tempo, que não tenho, era dedicar-me aquilo que eu mais gosto de fazer que é pintar, eu pinto razoavelmente. Se, eu me aposentasse uma coisa que eu gostava muito de fazer era, realmente, dedicar-me à pintura. Eu, na minha casa não tenho nada porque sou assim um bocado deixa correr, não me preocupo muito com decoração, mas, na casa da minha irmã, ela tem muitos quadros meus, nas paredes tem quadros que foram pintados por mim. Ela, quando há um casamento, quando há, assim, uma amiga daquelas mais chegadas que faz anos, quando a sogra vai aos casamentos, aos baptizados, não sei quê, ela pede-me para fazer os quadros e são as prendas que ela dá, são quadros pintados por mim, que ela me pede para fazer. Acabo por pintar muito assim a este nível familiar. Para minha irmã, para a sogra da minha irmã, para as amigas, para as colegas da minha irmã e em casa quase não tenho quadros. Por isso, se eu tivesse tempo, que agora não tenho, era isto que eu gostava de fazer, dedicar-me, mesmo, à pintura (...)

J- Esse seu gosto pela pintura reflecte-se no trabalho com as crianças?

R- Muitas vezes, muitas vezes, eles acabam por ser influenciados por este meu gosto, porque nós fazemos na sala de aula muita coisa de expressão plástica. Eu gosto muito do trabalho de mãos e fazer coisas com material diferente, acho que é bom para a criatividade e desenvolve nos moços esse gosto, essa habilidade de saber utilizar as mãos. E isto, eu não sei, mas, quando era gaiata, quando era pequena, pois a minha mãe não me deixava sair dali quando vinha da escola, para não andar lá a brincar com os moços lá no monte, e ela aparecer com a vassoura a ir-me buscar, eu andava na “escola paga”. Saía da escola, comia e ia para a “escola paga” que era perto da minha casa, ali a uns cem metros, se calhar. Eu gostava de lá andar. E quem dava a escola era uma rapariga que gostava muito de pintar, ela andava na escola industrial, nessa altura, e estava lá na “escola paga” para ganhar algum dinheirinho, com certeza. Eu lembro-me que ela pintava muito bem e ela fazia aqueles desenhos e eu, depois, de fazer os trabalhinhos da escola ficava lá ao lado dela até à noite. Muitas vezes, a minha mãe aparecia com a vassoura, já tarde, à minha procura, porque eu não aparecia lá em casa. Eu punha-me a fazer os trabalhos iguais aos que ela fazia é claro que eu não fazia com a perfeição que ela fazia, mas, via ela desenhar no espelho, aquelas caras que eu também queria desenhar igual. Acho que esta rapariga teve alguma coisa a ver com o facto de eu gostar tanto de pintar, deve ter-me influenciado logo naquela altura e, depois, continuei sempre a gostar de pintar. Eu

ficava ao pé dela e fazia como ela fazia, era pôr os guachezinhos (sic) e era utilizar os lápis de carvão e mais não sei quê e acabava por tentar fazer aquilo que ela fazia. Copiava as coisas que ela fazia. Dali para frente, comecei a gostar de pintar até hoje. Tanto é que eu, depois, na Escola Secundária tive um professor de desenho que um dia chamou a minha mãe à escola, andaria eu, sei lá, no 9º ano, aconselhou a minha mãe a que, quando eu fizesse o 12º ano, encaminhar-me para Belas Artes. A minha mãe quando chegou a casa não vinha muito satisfeita da conversa que teve com o professor “ Ah, agora fazer desenhos, para que é que isso serve, tem mas é juízo, vai, mas, é tirar outro cursozinho (sic)” (risos). E, eu fui e aqui estou (...) Há 25 anos que sou professora, uma vida (...). Há pessoas que tiveram percursos de vida atribulados, passaram dificuldades, eu não, sinto-me uma pessoa feliz, realizada. Sinto que sempre fui uma pessoa com muita sorte, não sou uma pessoa atormentada, nem com o passado nem preocupada com o futuro, nem com o que há-de vir. Neste momento, não tenho problemas. Acho que está tudo muito bem comigo. Vou vivendo a vida com aquilo que ela me tem dado. Acho que tenho tido muita sorte em tudo e não posso queixar-me do meu passado, não há nada que me envergonhe, nem há nada que me atormente ou que me tenha traumatizado muito, muito, não. A única coisa, a pior coisa que me aconteceu foi aquela professora que me desancava por tudo e por nada, que batia a torto e a direito ou a minha mãe que me ia buscar com a vassoura quando eu ia brincar (risos). De resto, não há mais nada de especial (...)

J- Obrigado Rosa

ANEXO 6. BIOGRAMAS

BIOGRAMA - Célia Anselmo

Cronologia/ Idade Vital	Marcos de Vida	Aspetos e acontecimentos marcantes	Justificação
1954 a 1959	1ª e 2ª Infância	Giões	Nasceu em Giões, concelho de Alcoutim uma aldeia com espírito comunitário. Muitas amigas. Conhecia toda a gente. Brincava na rua livremente
		Família dividida	O pai foi trabalhar para Beja. Levou os irmãos. Ficou com a mãe e a irmã em Giões.
		Irmã	Doze anos mais velha, teve uma grande importância na sua educação
		Madrinha	Professora solteira, amiga da família, foi uma referência importante na sua educação. Tinha com ela uma relação maternal.
		Brincadeiras favoritas	Fascínio por bonecas. Jogos de rua com as amigas. Brincar com panelinhas, fogão, pratos em miniatura que o pai trazia de Beja.
		Vida feliz	Este período da infância foi muito feliz
1959 a 1962 (entre os 6 e os 9 anos)	Ensino Primário	A professora	A professora foi uma referência. Era muito próxima. Estava hospedada na casa da madrinha. Era a imagem da professora ideal. Nunca gritava nem nunca bateu num aluno. Foi a sua única professor.
		A escola	Foi feliz na Escola. Era boa aluna. Tinha muitas amigas. Gostava de ir à Escola
1963 a 1964 (entre os 10 e os 11 anos)	Antigo 1º ciclo	Colégio de Giões	Matriculou-se no colégio privado em Giões. Gostou muito de estudar no colégio, estava na sua terra, em casa e tinha as suas amigas. Concluiu o 1º ciclo.
		Padre	Figura marcante em Giões. Era o diretor do colégio
		Faro	Veio pela primeira vez a Faro, ao Liceu fazer o exame do 2º ano. Ficou muito feliz. Teve uma nota alta no exame
1965 (12 anos)	3º ano/ 2º ciclo	Colégio de Giões	Fez o 3º ano no Colégio. Ano complicado. Não gostou. O padre ia dar missa e deixava-a a tomar conta dos alunos do 1º ano. Por influência da irmã saiu do colégio.
1966	2º ciclo	Mértola	Matriculou-se no colégio em Mértola. Acusou a mudança. Ficou hospedada numa casa de

a 1969 (13 e os 16 anos)			família. Gostou muito da família de acolhimento.
		Colégio	Gostou muito do colégio, do ambiente, dos professores. Não gostou que não houvesse salas mistas. Não era possível o contacto com rapazes.
		Repetência	Vinha mal preparada de Giões. Tinha dificuldades com as línguas estrangeiras. Repetiu o 3º ano.
	Exame 5º ano	Liceu de Faro	Retornou pela 2ª vez a Faro para fazer exame do 5ºano. É a recordação mais marcante que tem desse tempo. Foi uma felicidade enorme ter passado em todos os exames. Mas foi muito stressante porque foi ano em que roubaram os exames e teve de os fazer duas vezes.
Adolescência		Temperamento	Era uma jovem muito tranquila, dava-se bem com toda a gente, tinha muitas amigas e amigos. Teve uma adolescência tranquila, sem problemas existenciais
		Melhores recordações	Saídas com amigos e amigas dos montes próximos. Iam aos bailes. Saíam juntos.
		Leitura	O que mais a marcou nesta fase foi a leitura. Gostava muito de ler. Era uma romântica. Leu quase todos os clássicos da literatura que requisitava na biblioteca ambulante.
		Pai	Era uma pessoa muito rígida. O que mais temia nele era o olhar. Nunca lhe bateu. Era raro zangar-se com ela. Zangava-se com os irmãos. Era uma imagem de disciplina, de rigor, de trabalho, de dedicação à família. Um homem muito íntegro, honesto, inteligente, pouco ambicioso. Era pedreiro.
		Mãe	Pessoa muito meiga, permissiva. Nunca se zangava com os filhos. Muito considerada na aldeia era uma pessoa com bom relacionamento social. Tinha a escolaridade obrigatória. Depositava muita confiança na filha mais velha para cuidar da Célia.
Profissão de sonho			Ser professora. Pensou que esse sonho não estaria ao seu alcance face à situação económica dos pais. A irmã foi decisiva para cumprir o sonho “ser professora primária”.
1973/74 (19 anos)	Magistério	Concretização do sonho	Fez exame de admissão ao Magistério. Ficou aprovada. Ficou muito feliz. Era a possibilidade de concretizar o sonho.
	Transição biográfica	Faro	Adorou vir para Faro. Mudar de ambiente. Vir morar para uma cidade. Conhecer outras

			<p>peças. Vir para o Magistério foi um momento alto da sua vida.</p>
	<p>Curso do Magistério Primário de Faro</p>	<p>Felicidade</p>	<p>Viveu com grande intensidade o Magistério. Gostava do espaço da escola, fez boas amizades entre as colegas.</p>
		<p>Melhor amiga</p>	<p>Conheceu aquela que seria sua melhor amiga e sua cunhada. Foi muito marcada por ela. Esta amizade iria influenciar o seu futuro.</p>
		<p>25 de Abril de 1974</p>	<p>Foi vivido com muita euforia. Foi acordar para uma realidade que era desconhecida. Viver o Magistério naquele ano de revolução foi uma experiência incrível. Foi o início de um período de contestação, de debate, de reflexão, de ação.</p>
<p>1974/75 (20 anos)</p>		<p>2º ano do Curso</p>	<p>Por força do 25 de Abril tudo mudou. Forçam a demissão de professores “reacionários”. As aulas passam a ser mais ativas, mais participadas, com mais trabalhos de grupo. Professores mudam de atitude. Mudam os currículos.</p>
		<p>Reuniões em Lisboa para reforma dos currículos</p>	<p>Fez parte dos grupos de trabalho que, em representação das escolas do magistério primário, discutiram a reforma dos currículos dos cursos do magistério primário. Gostou da experiência</p>
		<p>Alfabetização</p>	<p>Teve a 1ª experiência em educação de adultos. Foi voluntária, com a Benvinda, nas campanhas de alfabetização. Foi a melhor forma que encontrou para se mostrar solidária com o ideal da revolução.</p>
		<p>O que mais gostou no Curso</p>	<p>As Práticas Pedagógicas. Primeira experiência de ensino com crianças. Foi a comprovação de que estava no curso certo</p>
<p>1976 (22 anos)</p>	<p>Professora do Ensino Primário</p>	<p>Zambujal 1ª Experiência</p>	<p>- Colocada no Zambujal com a colega Benvinda, sua melhor amiga. Teve uma experiência inesquecível. Com apoio da comunidade recuperaram a escola. Ano de fascínio, de muitas dificuldades e de muitas aprendizagens. O pior foi o isolamento. Não havia transportes. Só ia a casa nas férias</p>
<p>1977 (23 anos)</p>		<p>Giões</p>	<p>Colocada na Escola de Giões. Estava em casa. Dava aulas, lia e fazia malha. Começou a namorar.</p>
<p>1978 (24 anos)</p>		<p>Barrada</p>	<p>Colocada na escola primária da Barrada. Ano tranquilo. Sentia-se feliz na profissão</p>
<p>1979-1982 (25 anos aos 28 anos)</p>		<p>Professora em Martinlongo</p>	<p>Colocada em Martinlongo, tem as 4 classes. Vive a profissão de forma intensa. É professora e acumula os cargos de coordenadora pedagógica e delegada sindical</p>

1980 (26 anos)		Casamento	-Casa e fica a morar na casa dos sogros em Martinlongo. É acarinhada, mas não se sente independente
1983 (29 anos)		Coordenadora de E.F.	Destacada como coordenadora de educação física no concelho. Não gosta da experiência
1984 a de 1986 de adultos (30 aos 32 anos)	Rede pública de educação de adultos	Coordenadora concelhia de Alcoutim	É convidada para ingressar na educação de adultos como coordenadora concelhia. Aceita o desafio. Acredita no desenvolvimento do Ne algarvio, uma zona que tinha sido sempre muito esquecida pelo poder político. Era uma jovem. Neste tempo ainda estava cheia de sonhos, de ilusões. Tinha muitas expectativas em relação à educação de adultos
		Experiência marcante	Experiência incrível. Trabalho mais compensador e de maior significado. Aprendeu imenso. Amadureceu, criou outra perspetiva da vida.
		Dilema	Viveu um grande dilema. Por um lado achava que estava a fazer um bom trabalho. Sentia-se muito realizada e muito recompensada. Por outro lado, com o nascimento do filho e a falta de estruturas educativas queria ir para Vila Real onde existiam outras condições
		Grande desgosto	Morte da cunhada e das duas sobrinhas num acidente de viação ocorrido em 1985, marcou-a muito.
		Abandono	Em Martinlongo tudo lhe fazia recordar esses entes queridos. Pensou que a mudança iria ajudar a esquecer o infortúnio. Por outro lado o filho estava a crescer. Sentia necessidade de mudar. Decidiu pedir a cessação de funções e abandonar o nordeste algarvio.
		Arrependida	Devia ter continuado, havia muito a fazer., Acreditava no seu trabalho. Se continuasse teria tido outro percurso de vida. Arrepende-se de não ter aproveitado certas oportunidades que teve na vida política.
1986/87 (33 anos)	Retorno à Escola 1º C.E.B.	Escola de Montegordo	Colocada na escola primária percebe que os alunos são muito difíceis e com muitas dificuldades de aprendizagem. É professora do ensino regular durante três anos.
1989/90 a 2004 (36 aos 51 anos)	Educação Especial	Uma nova paixão profissional	Colocada na equipa dos Apoios educativos, sente-se muito feliz com esta nova experiência. Sente que tem vocação para ajudar aqueles que têm mais dificuldades, que são mais esquecidos. Esteve 15 anos nos Apoios Educativos
		Formação	Fez todas as formações possíveis.
		Coordenadora	Desempenhou o cargo com muita paixão

		Piores momentos	Houve momentos menos bons em que “ não engoli sapos, engoli vacas”.
		Abandono	Para poder meter a reforma.
2004/2005 e 2005/2006 (52 aos 53 anos)	Retorno à Escola Do 1º Ciclo do Ensino Básico	Escola de V. Real de Stº António	Volta à escola primária como professora de turma. Tem um grupo do 4º ano. Foi um regresso muito feliz. Sentiu-se muito compensada com o trabalho realizado. No ano seguinte tem uma turma do 1º ano. Acumula os cargos de coordenadora de escola e presidente do conselho pedagógico. Viveu o final de carreira com muita intensidade
2006/07 (54 anos)	Professora Reformada	Arrependida	Em 2007 reforma-se mas sente que não o devia ter feito. Não sente cansaço, nem desmotivação. É uma situação muito difícil de lidar porque não se preparou psicologicamente para a reforma. Se pudesse voltar atrás não se teria reformado.
		Orgulho no percurso	Tem muito orgulho no seu percurso profissional. É difícil deixar uma profissão que foi a melhor coisa que a vida lhe deu, depois da família, onde fez grandes amizades entre as colegas.
2007		Voluntariado	Faz voluntariado nos apoios educativos.
2008		Doença e morte da mãe	Em 2008 a sua mãe adoece e passa a dar apoio à mãe. Divide o seu tempo entre Vila Real e Giões. Infelizmente a mãe falece.
Atualmente			Tem dias em que se sente que devia fazer mais coisas. Está acomodada. -Inscreveu-se na Universidade de Tempos Livres e realiza algumas atividades. Às vezes encontra-se com as amigas, professoras aposentadas.- Sente que tem de se “encontrar”. Não é a vida que gostava de ter. Há dias que sente vontade de voltar a fazer coisas. Acha que devia sair mais de casa.

BIOGRAMA – Etelvina Soares

Cronologia/ Idade Vital	Marcos de Vida	Aspetos e acontecimentos marcantes	Justificação
1959 a 1963	1ª e 2ª Infância	Nascimento	Nasceu na Fuzeta onde viveu até aos 4 anos.
		Melhores recordações	Tardes passadas em casa dos avós. As histórias que o avô contava. As brincadeiras de rua. Andou numa “escolinha paga”. Fazia muitos desenhos. Gostava de lá estar
		Pior recordação	O pai era pescador e foi emigrante para Angola.
		Angola	Viaja com a mãe, vão ter com o pai
		Amiga	Reencontra uma amiga com quem brincava quando estava na Fuzeta
1964 (5 anos)		Mãe	Era muito repressiva, não a deixava sair de casa
1965 - 1968 (6 anos aos 8 anos)	Ensino Primário	Colégio em Luanda	Ingressou num colégio privado Fez até à 3ª classe.
1968/69 9 anos		Escola Pública	Muda de escola. Não gostou. Não conhece ninguém. Faz a 4ª classe.
1969/70; 1970/71 (entre os 10 e os 11 anos)	Ciclo Preparatório.	Liceu	Ingressa no 1º ano do Liceu. Reencontra colegas de colégio. Mantém relação estreita com amiga de infância. Completa o antigo 1º ciclo dos liceus com boas notas.
1971/72; 1973/74 (12 aos 14 anos)	3º Ciclo dos Liceu em Luanda	Transição	Inicia o antigo 3º ano dos liceus. Acusa a transição. Revela dificuldades na área das Ciências
		Passagem administrativa	No 5º ano, não tem aproveitamento escolar Transita por via da passagem administrativa como reflexo da revolução de 25 de Abril em Portugal
1974/75 (15 anos)	Liceu de Luanda	Ano confuso	Frequenta com aproveitamento o antigo 6º ano dos liceus. Tem turma mista. Não há aulas maior parte do tempo.

		Guerra civil	Eu ia para a Escola debaixo de tiros, eu voltava da Escola debaixo de tiros, de noite eram os “very lights” a passar de um lado para o outro”.
		Encerramento do liceu	Em 1975a instabilidade política, as guerrilhas dentro da cidade, a troca de tiros entre os movimentos de libertação e ao mesmo tempo a oposição aos reitores, o Liceu fechou porque deixou de haver condições para se continuar com aulas.
1975	Retornada	Choque	Em Junho de 1975 regressa a Portugal ... sentiu um choque porque “tudo lhe parecia pequenino, as estradas eram pequeninas, as casas eram pequeninas (...) essa foi a sensação que tive”
		Amigos	No ano do regresso à Fuzeta teve alguma dificuldade em voltar a fazer amigos
1975/76 (16 anos)	Liceu de Faro	Antigo 7º ano dos liceus	Tem aproveitamento em três disciplinas, reprova em duas.
		Recordações	Tem boas recordações desse ano. Lembra as RGAs e a atitude participativa dos alunos como as maiores novidades
Adolescência		Foi feliz em Luanda. Criou muitas amizades. Começa a perceber que tem amigos que desaparecem. Vão para o mato ingressar nas fileiras dos movimentos de libertação. É assunto tabu. Em casa o ambiente familiar por vezes azeda. Os pais discutem. Começa a ter as primeiras discussões com o pai por discordar das suas ideias sobre os seus “empregados” angolanos. Em 1975 o ambiente social torna-se hostil e perigoso. Começa a guerrilha urbana entre partidos políticos. Os pais decidem pelo regresso. É com pesar que regressa, se tivesse opção ficaria em Luanda. Em Portugal tem dificuldade de adaptação. Encontra mentes muito fechadas, muito preconceito social.	
Pais		<p>Pai – Pescador- Tem uma vida de muito trabalho, de muito sacrifico. Antes de ir para Angola andou 11 anos na pesca do bacalhau.. Vai para Angola para ser patrão. Torna-se agressivo, pouco tolerante preconceituoso em relação aos angolanos, enquanto está em Angola. Fez a 4ª classe num curso de adultos. Sofre uma transformação radical depois de vir para Portugal. Melhor amigo da Etelvina, seu confidente, seu parceiro de conversas, pessoa crítica, fica muito sensível face às injustiças sociais.</p> <p>Mãe - Era doméstica, pouco flexível, repressiva, sempre controlou, enquanto conseguiu, a vida de sua filha. A sua preocupação é a gestão da casa. Não toma posição em relação a assuntos polémicos nem a debate de ideias. Faz a 4ª classe num curso de adultos</p>	
Profissão de sonho		Ser professora. Sempre sonhou ser professora mas de Inglês ou	

		Francês. Não tem possibilidade de frequentar a Universidade. Escolhe a única opção possível é o curso do Magistério Primário em Faro	
1976 (17 anos)	Magistério Primário de Faro	Exame de admissãõ	Com o 7ºano do Liceu incompleto decide concorrer ao magistério. É aprovada
1976/ 77 A		Ambiente do Curso	Gostou muito do Magistério. Das aulas, dos professores, do ambiente. Foi feliz.
1978/79 (entre os 17 e os 19 anos)		O melhor	O melhor do Magistério foi o ambiente, a camaradagem entre colegas, a relação com alguns professores Foi uma grande experiência de vida. Cresceu muito
		Clima político	O ambiente era muito politizado. Alista-se na UDP.
		O pior do curso	Os piores momentos do curso são as práticas, os estágios com aulas observadas.
		Conclusão do curso	Ficou muito feliz. Iria poder ganhar o seu primeiro ordenado. O seu pai ficou muito orgulhoso.
1979/80 E 1980/81 (entre os 20 eos 21 anos)	Ensino Primário	Tapa buracos	Início da profissão muito atribulado. Andou de escola em escola substituindo colegas que entravam de licença. Esteve em várias escolas dos concelhos de Olhão e Tavira
		Maior problema	A dependência dos horários dos transportes, comboios e autocarros.
		Choque com a realidade	Sentiu muitas dificuldades ao nível do processo ensino/aprendizagem. Achou que o curso do Magistério não a preparou para realidade da sala de aula.
		Realidade educativa	O que mais a impressionou nas escolas foi o problema das crianças mais desfavorecidas, com problemas de aprendizagem.
1981/82 (22 anos)		Escola da da Conceição de Tavira	No terceiro ano de trabalho foi colocada durante um ano letivo. Gostou muito da experiência. Voltou a ter contacto com situações de crianças com problemas a nível emocional
1982/83	Rede pública de E.A.	Uma nova transição	Convidada para ser a 1ª coordenadora concelhia de Tavira. Queria alguma estabilidade profissional. Aceita o cargo
		Formação	Não sabia nada de educação de adultos. A formação foi fundamental. Gstou muito

A 1989/90 (entre os 23 e os 30 anos)		Investimento pessoal e profissional	Trabalho intenso que exigiu muita dedicação, muito investimento. Foi uma fase importantíssima na sua vida, de muito desafio e muita aprendizagem
		Cachopo	Sente muito orgulho no trabalho realizado em Cachopo, no âmbito do PIDR.
		Momentos difíceis	Numa fase de grande dinâmica da educação de adultos, passa por momentos muito complicados. Estava grávida de 4 meses quando o seu pai adoece com cancro de pulmão.
		Mudanças políticas	Sente-se desconfortável com o fim do PIDR e a descaracterização da E.A.
		Sentido do dever	Fez o melhor que pôde. Dedicou muito da sua vida à E.A.
		Significado	Sente que passou anos muito bons na E.A.. Foi, uma experiência riquíssima, um dos melhores períodos da sua vida profissional..
		Motivo do abandono	Tinha a noção de que já tinha feito tudo o que tinha a fazer em educação de adultos. Com as mudanças políticas já não havia nada mais a fazer
1990/91^a 1992/93 31 e os 34 anos)	Retorno à Escola do Ensino Primário	Colocação em S. Brás de Alportel	Regressa ao ensino regular. Durante três anos é professora de turma. Encontra prazer na profissão. Sente-se feliz
		Projeto ECO	No seu terceiro ano como titular de turma adere ao projecto Eco, Escola – Comunidade.
E 1993/94 1997/98 (entre os 35 e os 39 anos)	Projeto ECO	Nova transição	É destacada para o Projeto ECO.É convidada para coordenar o projeto Inesco, do I.C.E.
		Trabalho em escolas isoladas	Desenvolve a sua ação em escolas isoladas do concelho de S. Brás de Alportel e de Alcoutim. Algumas atividades têm grande sucesso.
		Final de Projeto	No final de quatro anos, sente que é tempo de virar nova página. O projeto acusa uma quebra pela saturação de colegas que não conseguem dar resposta ao projeto e às exigências impostas pela Escola.
1998/1999 (40 anos)	Educação Especial	Nova transição	<p>Quis ensaiar uma experiência numa outra área que a atraía, o ensino especial.</p> <p>Concorreu a um novo destacamento para os Apoios Educativos. Ficou colocada no concelho de Faro.</p>

1999/2000 ? Desde os 41 anos...??		Nova colocação nos Apoios Educativos	Colocada em S. Brás onde ainda se mantém. Sente-se muito feliz com o trabalho que realiza, a ajudar crianças mais desfavorecidas”
---	--	---	---

BIOGRAMA – Teresinha Romão

Cronologia/ Idade Vital	Marcos de Vida	Aspetos e acontecimentos marcantes	Justificação
1954	1ª e 2ª Infância	Nascimento	Nasceu na cidade Henrique Carvalho, distrito de Lunda Sul .É a mais velha de nove irmãos
1956 A 1960		Jardim de Infância	Foi com dois anos para o jardim de infância da Missão Católica até à idade de frequentar o ensino primário.
		Ambiente familiar	Teve uma infância felicíssima. Em casa vivia-se num ambiente muito religioso. Aos fins-de-semana ou nas férias iam todos para a Horta ajudar os pais
1960/61 A 1963/64 (entre os 6 e os 10 anos)	Na Missão Católica/ Ensino Primário	Jardim de Infância	Passou praticamente a infância na Missão Católica
		As aulas	Era uma boa aluna. Gostava das aulas. Criou boas amizades. Dava-se bem com as freiras
		O que mais gostava	As festas. Nos intercâmbios escolares era sempre escolhida para declamar versos e representar.
		Melhores recordações	Brincadeiras no pátio com as colegas, subir às mangueiras apanhar e apanhar fruta
		Pior recordação	Queda de uma colega caiu de cima de uma árvore quando tentava apanhar uma manga. Faleceu. Esta imagem marcou-a para a vida.
1964/65 E 1965/1966 (entre os 10 e os 12 anos)	Na Missão Católica/ Antigo 1º ciclo	Aulas	Guarda boas recordações do preparatório. Era boa aluna.
		Comportament o	Tornou-se refilona. De vez em quando não respeitava as ordens das freiras. O pai foi chamado algumas vezes por causa do seu mau comportamento.
		Festas	Continuava a ser escolhida para declamar nas festas.
1966/67; 1968/69 (entre os 12 e os 15	Antigo 2º ciclo (3º,4º e 5º ano) Em S.	Transferência para outro colégio interno	Mudou de colégio e de cidade. Foi para S. Salvador do Congo onde concluiu o antigo 2º ciclo. Este colégio também pertença à Missão Católica
		Mudança boa	Ficou muito feliz com a mudança. Gostou de sair da sua cidade. Ao fim de semana já não tinha de

anos)	Salvador		participar nas tarefas domésticas.
		Relação com as colegas	Dava-se muito bem com todas. Gostou muito do ambiente do colégio, das amigadas, das brincadeiras.
		Comportamento	Continuava refilona e rebelde. De vez em quando ficava de castigo
		Internato	Viviam em camaratas. Não podiam sair do colégio. Só podiam sair nas férias e em grupo.
		Atividades preferidas	Bordar, ouvir música, dançar
Adolescência		Passou praticamente toda a sua adolescência no colégio. Aos treze anos foi para o Colégio Interno de S. Salvador do Congo. Durante os cinco anos que esteve em S. Salvador do Congo só foi a sua casa, nas férias, duas únicas vezes.	
Família		<p>Pai era fiscal do comércio. Era uma pessoa considerada na cidade. Tinha boas relações com os religiosos locais. Aos fins de semana trabalhava na Horta, operava o tractor. Era um homem muito rígido, pouco flexível, mas muito amigo dos filhos e da mulher.</p> <p>A mãe era doméstica, tratava da casa e da horta. Não sabia ler. Os irmãos eram muito unidos. Todos estudaram em colégios religiosos. Todos prosseguiram estudos e tiraram cursos superiores, exceptuando a Teresinha que tirou um curso médio</p>	
Profissão de sonho		A Teresinha sonhava ser hospedeira de bordo. Foi para professora porque era a profissão que dava emprego imediato e precisava ganhar dinheiro ajudar os pais na educação dos irmãos mais novos. Quando andou no Colégio interno, ensinava os mais novos. Achou que ser professora era uma profissão bonita.	
1969/70	Curso do Magistério Primário	Ingresso	Transitou para o Magistério que pertencia à Missão Católica.
E		Privilegio	As professoras formadas em Escolas da Missão Católica tinham preferência de colocação
1970/71		Regras	As jovens futuras professoras, frequentavam a igreja, não podiam namorar enquanto estivessem na missão Católica. Deviam ser muito discretas na maneira de vestir, usavam vestidos ou saias com a bainha abaixo do joelho, blusa sem decote, bata branca
(entre os 16 e 17 anos)		Atividades	Para além das aulas, tinham de participar em programas de apoio à comunidade, organizar grupos de estudo com as alunas mais jovens da Missão que tinham dificuldades de aprendizagem. Também participava na missa de corpo presente e faziam as coroas de flores que acompanhavam os

			corpos dos militares portugueses falecidos em combate. Tinham de saber bordar, fazer um enxoval, aprender a cozinhar.
		Currículo	Destaca as aulas de Didática, de Pedagogia, as aulas práticas. Foi preparada para ensinar crianças e adultos. Estudou Paulo Freire. Aprendeu a utilizar o método das 28 palavras para o ensino da leitura e escrita.
		Curso	Gostou muito do Magistério. Foi uma boa preparação para a vida. A pessoa que é, deve-se muito à educação religiosa que teve, uma educação muito bem orientada em que aprendeu a servir os outros.
		Regresso a casa	Quando acabou o Curso do Magistério voltou para a sua terra natal, para a cidade Henrique Carvalho. Voltou feliz. Tinha muitas saudades
1971/72	Início da profissão professora primária	1ª colocação	Foi colocada numa escola primária na sua terra natal. Esteve lá dois anos.
a		1ª Experiência ensino regular	Não sentiu muitas dificuldades. Tem boas recordações desse tempo
1973/74		1ª experiência de alfabetização	Foi convidada a dar um curso de alfabetização em regime de voluntariado a militares portugueses analfabetos. Gostou muito da experiência.
(entre os 18 e os 20 anos)		1º namoro	Durante este período tem o seu primeiro namorado, um jovem comando militar, natural do Porto. O namoro dura pouco mais de um ano
		25 de Abril	Dá-se a revolução de Abril em Portugal. Na sua terra não aconteceu nada, não tem memória de ter havido quaisquer manifestações ou comemorações.
1974/75		Transição	, Com o desgosto de ter acabado o namoro e ter visto os seus sonhos se desvanecerem, quis mudar de vida, de ambiente e pediu transferência para a cidade de Benguela
e		Escola Primária de Benguela	Deu aulas na Escola Primária durante dois anos. Refere que gostou muito da experiência, foram dois anos muito tranquilos na sua vida.
1975/76			
(entre os 21 e os 22 anos)			
1976/77	Professora do Ensino Preparatór.	Convite	No ano lectivo seguinte, 1976/77 foi convidada pelo Ministério para dar aulas de Língua Portuguesa ao 5º e 6º ano.
A			

1983/84 (entre os 23 e os 30 anos)		Namoro	Nesse ano conheceu um jovem com quem viria a casar dois anos depois
		Casamento	Casou no dia 9 de Setembro de 78, tinha 24 anos. O casamento foi em Benguela. A sua família veio assistir ao casamento
		2ª experiência em educação de adultos	Passou a acumular as aulas do 1º ciclo Preparatório de dia com aulas de Português para adultos do 5º e 6º do Curso da noite
		Vida feliz	Durante os oito anos que viveu em Benguela teve uma vida muito feliz. Tudo corria bem.. Tinha dois filhos, um bom ordenado, uma boa casa, nada lhe faltava
		Guerra civil	Veio a guerra civil em Angola. Começaram as perseguições, a instabilidade, o medo de sair à rua. Tudo mudou”. Estavam preocupados com o futuro dos filhos. O marido era filho de pai branco, português, mestiço, delegado sindical, ativista político, pertencia ao MPLA. Começou a ser ameaçado.
1984		Fuga	Pede exoneração do cargo de professora. Viaja com marido e dois filhos para Portugal
		Olhão	Vem morar para Olhão. Não tem recursos. Para sobreviver recorre à ajuda dos pais e sogros que estavam em Angola.
1984/85 (31 anos)	Retorno ao ensino Primário	Balurcos	Concorre ao quadro de escolas do ensino primário. É colocada em Balurcos, concelho de Alcoutim
		Escola é asua casa	Vai viver para Balurcos. Fica alojada na própria Escola. Leva o filho. Vivía só com o indispensável e tinha de improvisar.
		Família	A filha fica com o marido em Olhão. O marido está desempregado.
		Acolhimento	A comunidade aceitou-a muito bem. Torna-se muito popular
		1º ciclo	Lecciona uma turma com alunos dos 4 anos de escolaridade. Gostou muito da experiência.
		Alfabetização	Nas reuniões de pais apercebe-se que a maioria é ainda gente jovem analfabeta. Organiza um curso de alfabetização em Balurcos De dia ensinava as crianças, de noite ensinava os pais. Gostou muito da experiência. Sentiu-se muito feliz por perceber que as pessoas adultas gostavam e aproveitaram a oportunidade para

			aprenderem a ler.
		Visita	Passados alguns meses após ter iniciado o curso de alfabetização foi visitada pela coordenadora concelhia de E.A
		Bolsa	O “seu” Curso é integrado na rede de cursos de alfabetização do concelho. A exemplo das outras bolsistas passa a auferir nove mil escudos mensais.
		Gravidez imprevista	Nesse mesmo ano engravidou sem planejar. Ficou preocupada com a nova situação
1985/86 A 1988/89 Entre os 31 e os 40 anos)	Rede pública de educação de adultos	Coordenadora concelhia	Convidada para coordenadora concelhia de Alcoutim. É destacada. Continua a viver em Balurcos.
		Nascimento do 3º filho	Continua a viver numa sala da E.P. de Balurcos onde tem o filho.
		Famílias	O marido consegue emprego na C.M. Alcoutim. Vivem juntos na E.P com os dois filhos. A comunidade ajuda a criar os filhos
		Trabalho de coordenadora	Sentiu-se muito gratificada com o trabalho desenvolvido. Implementa cursos de alfabetização em quase todos os montes do concelho. Associa à alfabetização um programa de desenvolvimento sociocultural. Recupera tradições e artes artesanais. Cria cursos socioeducativos. Viveu os melhores momentos da sua vida em Portugal
		Problemas	Começaram a surgir problemas com o presidente da Câmara. Questões políticas deterioraram a relação entre a coordenadora e o presidente. A autarquia deixa de apoiar as ações de educação de adultos. O marido não viu o seu contrato renovado depois de trabalhar três anos na autarquia. Ficou desempregado, regressa a Olhão
		Demissão	Apesar dos problemas com a Autarquia, o principal motivo da sua demissão foi o marido ter ficado desempregado e ter regressado a Olhão. Não queria voltar a ficar sozinha com os dois filhos em idade escolar e com a filha Eneida em Olhão. Foi um momento triste.
1989/90 A		Nova transição	Continua destacada, Vem para Olhão para professora de terreno na coordenação
		Trabalho diferente	Transição difícil porque o trabalho era muito diferente, as pessoas, o tipo de relação com os adultos. Trabalho muito centrado na

1996/97 (entre os 40 eos 48 anos)			alfabetização.
		Melhor	Família reunida. Tinha estabilidade económica e familiar. A vida tinha melhorado muito. Tinha a sua casa.
		Eperiência num Acampamento cigano	Esteve quatro anos no Acampamento Azul. Fez alfabetização a uma comunidade cigana. Foi um trabalho completamente diferente daquilo que estava habituada a fazer”.
		Maior frustração	Em quatro anos não levou uma única pessoa a exame da 4ª classe.
		O melhor	O que aprendeu com as pessoas ciganas
1997		Cessaçã do destacamento	Estava cansada e desmotivada. Anunciava-se o fim as coordenações concelhias. Depois d 4 anos em Alcoutim e oito em Olhão, dava por terminado este ciclo.
Desde 1997/98 (Desde os 49 anos)	Retorno ao 1º ciclo do ensino básico	Colocada na Escola nº 4 de Olhão.	Ficou muito feliz por poder ensinar numa Escola perto de casa onde tinha uma equipa de colegas com quem interagir
		Desafio	Nesta nova fase sentiu muitas dificuldades de adaptação. As crianças eram muito indisciplinadas. Os encarregados de educação pouco interessados. Muitos alunos com dificuldades de aprendizagem.
		Alfabetização	Lecionava no 1º ciclo de dia ee à noite, fazia alfabetização num curso de adultos, em regime de acumulação. Recebia uma remuneração suplementar.
		Regime de acumulação	Viveu esta situação até ao ano de 2007, data em que acabou, por lei, este regime de acumulação para professores primários.
		Vida feliz em família	Durante estes anos teve uma vida muito feliz em termos familiares e financeiros.
2009 (desde os 55 anos)		Tempos difíceis	A vida complicou-se. Começou aviver os tempos mais mais duros da sua vida. Os filhos organizaram a sua vida e saíram de casa. O marido perdeu o emprego e regressou a Angola.
		Dificuldade de adaptação ao 1º cclo	Nunca se conseguiu adaptar completamente ao 1º ciclo, preferia trabalhar na educação de adultos, a sua vocação.Cada ano que passava sentia-se mais desmotivada e mais cansada no ensino primário
2011	Baixa	Doente e só á espera da	Em Maio de 2011 deu uma queda na Escola.Ficou limitada nos movimentos. Está a viver sozinha e

	médica	reforma	diz sentir-se muito só. Está à espera da reforma. Já fez o pedido. Está a aguardar
	Maior Desejo	<p>Reformar-se e voltar a Angola para reencontrar os seus irmãos que lá estão. Recebeu um convite do director da Missão Católica de Lunda Sul para colaborar na formação de professores. Tem conhecimentos que podem fazer dela um elemento útil na formação dos novos educadores de adultos.</p> <p>“Estou desejando que o tempo passe, que me dêem a reforma e me deixem voltar a Angola. Estou a viver um momento muito triste da minha vida, porque, estou sozinha e estou parada num lado e noutro”</p>	

BIOGRAMA – Maria João Horta

Cronologia/ Idade Vital	Marcos de Vida	Aspetos e acontecimentos marcantes	Justificação
1961	1ª e 2ª Infância	Nascimento	A Maria João nasceu em 1961, na Fonte do Corcho, um monte que dista 4 Km de Cachopo
		Liberdade	Foi uma infância feliz, com muita brincadeira ao ar livre, no meio da serra, com muitos amigos, muita liberdade, em contacto com a natureza.
1966 (5 anos)		Desgosto	Pai era pedreiro. Emigrou para França.
		Pior recordação	Não gostava dos domingos. Era um dia triste, havia menos meninos para brincar.
		Passatempo preferido	Não havia eletricidade, não havia televisão, o passatempo preferido era a leitura.
		Momento mais aguardado	A visita da biblioteca itinerante que passava quinzenalmente por Cachopo.
1967/68 A 1970/71 (entre os 6 e os 10 anos)	Ensino Primário	Escola primária em Cachopo	A escola ficava a 1Km de distância. Fazia a pé esse percurso todos os dias. Gostava muito da escola onde passava os dias inteiros, de manhã até à noite.
		Melhor aluna	A professora dizia que era a melhor aluna da sala. Tinha facilidade em aprender. Gostava muito da escola
Professora		Era regente escolar. Gostava muito da professora. Era boa pessoa e ensinava bem.	
1970		Felicidade	O pai emigrante regressa de vez a casa
1970/71 (10 anos)			4ª classe
1971/72; 1972/1973 Entre os 11 e os 12 anos)	Ensino Preparatório.	Transição	Foi viver para Tavira, para casa de uns tios de sua mãe. Primeira vez que sai de casa.
		Fase difícil	Vai estudar para Tavira. Deixa família e amigos. Só vai a casa nas férias. Não conhecia ninguém em Tavira, uma terra muito grande e diferente do que conhecia.
		Adaptação	Longe de casa, com muitas saudades da família., tem dificuldades em fazer novos amigos

		Escola	Gostou da Escola. Era boa aluna. Gostava de estudar. Concluiu o ciclo preparatório em dois anos
		Admissão	Fez exame de admissão ao Liceu. Foi admitida.
1973/74 (13 anos)	2º ciclo (antigo 3º,4º e 5º ano dos liceus)	Liceu de Tavira	Fez o 3º ano com aproveitamento. Faz o 3º ano. Gostou do Liceu de Tavira. Fez amigos
		Saudades	Continuava com saudades da família. Só ia a casa dos pais nas férias
		25 de Abril	Recorda a revolução de Abril. Vivía em Tavira onde havia muitos militares nos quartéis..
1974/75 (14 anos)		Nova transição	Pede a transferência para o Liceu de Faro. Inicia o antigo 4º ano dos Liceus. Vai viver para casa de uns amigos de seus pais.
		Adaptação	Faro é uma cidade grande para ela. Procura adaptar-se. Faz novos amigos.
		Estudante	Tem boas notas mas vive situações estranhas face à situação pos revolução
		Período do conturbado	Os alunos não queriam ter aulas. Há muitos Comícios de alunos do MRPP no pátio do Liceu, reuniões gerais de alunos (RGAs), muita contestação aos professores.
1975/76 (15 anos)		Volta a morar com os pais	A autarquia de Tavira cria uma carreira Cachopo-Faro-Cachopo para os jovens da freguesia poderem prosseguir estudos. A Maria João está no 5º ano. Regressa a casa dos pais. Começa a fazer este percurso todos os dias
		Cachopo-Faro-cachopo	Este percurso diário torna-se muito cansativo. Desiste por cansaço.
		Faro	Volta a morar em Faro na casa dos amigos dos pais
		5º ano	Conclui o 5º ano Liceu. Dispensou a todos os exames. Era boa aluna
		Admissão ao Magistério	Concorre ao Magistério Primário de Faro. É admitida.
1976/77 (16 anos)	Ensino Secundário	Liceu de Faro	Matricula-se no 6º ano. Frequenta o 1º período. Desiste. Opta pela frequência do curso do Magistério Primário de Faro.

	Curso do Magistério Primário de Faro	Opção	Opta pela frequência do curso do Magistério Primário de Faro.
		Novidade	Fica maravilhada com o tipo de ensino, as relações entre as pessoas e a forma como era feita a avaliação. Tudo era novidade para ela. Escola virada para a vida
		Aprendizagem política	Na Escola falava-se muito de política. Foi uma aprendizagem nova
		Momento chave	Quando começou a ter contacto a realidade da sala de aula. Com as Práticas percebeu que estava na profissão certa.
		Melhores recordações	As Atividades de contacto logo no 1º ano, os trabalhos em grupo, os debates, as Práticas. Gostou muito das Práticas.
		Piores recordações	Disputa pelas notas entre colegas por causa da média de 13,6.
		Significado do Curso	Foi a sua grande oportunidade de crescimento. Era uma jovem muito ingénua. Foi influenciada por alguns colegas mais velhos e com muita experiência de vida que a marcaram.
1978/79 (18 anos)		Diploma	Concluiu o Curso com boa nota. Ficou muito feliz. Os pais ficaram muito orgulhosos
Adolescência		<p>Teve uma adolescência diferente de muitas raparigas. Saiu de casa dos pais muito cedo. Viveu a sua ausência com muitas saudades. Teve que adaptar-se a varias transições na sua vida.</p> <p>O ingresso no Magistério Primário com 15 anos foi muito difícil para ela, uma criança ingénua. O magistério tornou-a livre, autónoma, responsável. Foi obrigada a crescer “ (...) se calhar houve uma fase da minha adolescência que não chegou a ser vivida”.</p>	
Pais		<p>Mãe- Uma grande amiga. Pessoa muito carinhosa, mas muito firme nas suas decisões. Educou-a a cumprir horários e ser disciplinada nos seus afazeres. Exerceu uma grande influência na filha, na maneira de ser, na sua personalidade.</p> <p>Pai-Pouco expansivo, calado, sempre deixou as decisões familiares para a sua mãe. Pessoa muito trabalhadora e dedicada à família.</p>	
Percurso pessoal e profissional			
1979/80 (19 anos)	Professora Ensino Primário Rede	1ª colocação	A sua primeira colocação foi em Lagos. Foi fazer uma substituição. Não sentiu dificuldades. Esteve cinco meses nesta Escola. Gostou. Foi uma boa experiência.

	pública de Educação de adultos	2ª colocação	Saiu de Lagos e foi logo colocada, em Giões, concelho de Alcoutim. Nesta Escola ficou cerca de dois meses.
		3ª colocação	Foi concluir o ano letivo na Escola Primária das Hortas em Vila Real.
1980/81 (20 anos)		Retorno ao Ensino Primário	Colocação para o ano inteiro
	Experiência muito dura		Foi-lhe atribuída a pior turma da Escola. Tinha os quatros níveis de aprendizagem e alunos com vários tipos de problemas.
	A um passo de desistir		Não sabia como gerir o processo E/A com uma turma tão heterogénea e indisciplinada. Não tinha ajuda. Andava desorientada sem saber o que fazer com a turma” Pensou várias vezes em desistir”
1981/82 (21 anos)	Regresso às origens		Foi colocada em Ceroles, freguesia de Cachopo. Era um monte isolado..
		Escola	Uma casa antiga a fazer de Escola e uma turma constituída por três alunos
		Frustração	Ano muito pouco motivador, muito monótono.
		Casamento	Casa e fixa residência em Tavira. Vai a casa duas vezes por semana.
1982/83 (22 anos)		Estabilidade	É colocada em Tavira, na Escola da Porta Nova. Está em casa. Esta feliz
		Experiência boa	Tem uma turma difícil mas consegue bons resultados.Sente-se muito confortável pessoal e profissionalmente.
1983/84 (23 anos)		Muda de Escola	Mantém-se em Tavira. Muda para a Escola da Estação.
		Experiência mais duradora	Esteve quatro anos nesta Escola. Criou um vínculo mais forte com a Escola. Teve turmas problemáticas. Gostou da experiência
		Nascimento da filha	Neste período nasce a sua filha única. Fica muito feliz
1984/85 e a85/86 (24 a 25		Ensino Secundário	Frequenta o ensino secundário na Escola Secundária de Tavira. Conclui o antigo curso complementar.

anos)			
1986/87 (26 anos)		Ensino Superior	Inicia frequência da Licenciatura de Português/História - na Universidade Aberta.
		Curso de Licenciatura	Uma boa oportunidade. Estudava em casa, tinha algumas aulas presenciais em Lisboa
1987/88 (27 anos)		C. Concelhia de Tavira	É destacada como professora de terreno. Foi convidada. Vai integrar a equipa concelhia.
		Motivos	Aceitou o convite porque gostava de experiências novas e porque iria ter maior estabilidade profissional e um horário mais flexível. Podia dar melhor acompanhamento à sua filha
		Funções	Apoia a coordenadora concelhia. Faz alfabetização num curso de adultos.
		Pontos fortes da educação de adultos	A Formação. Havia muitas acções de formação. O outro aspecto era o ambiente, a colaboração entre colegas, a amizade e respeito, o sentido de grupo, o sentimento de solidariedade.
1990/91 (30 anos)		Coordenadora concelhia	Após dois anos como professora de terreno, passou a coordenadora concelhia.
		Cargo	Só tinha que dar continuidade ao trabalho já iniciado
		PIDR/Cachopo	Acabou o projeto integrado. Os cursos de alfabetização foram diminuindo, as atividades foram decrescendo.
		Novas políticas	A realidade da educação de adultos alterou-se. Começaram a sair muitos colegas.
1992/93 (32 anos)		Cessaçao do destacamento	Achou que tinha terminado o seu ciclo de vida na educação de adultos.
1993/94 A 1996/97		Professora primária	Foi colocada na Escola da Estação. Esteve quatro anos nesta Escola.
(33 aos 36 anos)		Experiência	Conhecia a Escola. Gostou de voltar. Foram 4 anos muito bons
1997/98 (37 anos)		Efectivação	Precisava efectivar-se, ganhar estabilidade. Concorreu ao quadro de professores efectivos. Foi colocada numa Escola de um só lugar a 3Km de Tavira.

		Experiência	O ano coreu bem, mas preferia trabalhar numa Escola maior
1998/99 e 1999/2000 (38 aos 39 anos)		Nova colocação	Voltou a concorrer no concurso de professores efetivos. Mudou de Escola. Ficou na Escola E.B. nº1 de Tavira.
		Boa recordação	Foi um período bom. Tinha estabilidade pessoa e profissional. Gostou da experiência
2000/ 2001 (40 anos)		Novas funções	Foi convidada a integrar o Conselho Executivo da Escola. Desempenhou funções de gestão escolar durante três anos lectivos.
2001/2002 (41 anos)		Licenciatura	Conclui a Licenciatura em Português/ História. Fica muito feliz porque tem mais uma alternativa em termos de profissão
2002/2003 (42 anos)		Cessação de funções de gestão	Termina o mandato do Conselho Executivo. Propõe-se voltar á sala de aula
		Bons momentos	Gostou. Foi um novo desafio. Foi bom ter um pequeno interregno no trabalho com os alunos
2003/04 a 2008/09 (43 a 48 anos)		Retorno à sala de aula	Voltou à sala de aula, como professora de turma. Esta nova passagem pelo 1º ciclo durou seis anos.
		Segurança	Sente-se uma professora mais segura. Gosta muito de ensinar crianças. Foi um período bom
2009/2010 (49 anos)		Retorno às funções de gestão	Foi nomeada coordenadora de Departamento do 1º ciclo. Desde então desempenha essas funções. Tem a coordenação da E.B. nº1 de Tavira, EB D. Manuel I, Santa Luzia, Luz de Tavira, Stº Estêvão e Santa Catarina.
2010/2011		Expetativas	Prefere a sala de aula. O seu desejo é voltar a trabalhar com as crianças. Tem 50 anos e diz sentir-se em boa forma para continuar à frente de uma turma. Não está muito preocupada com o futuro, ” (...) sou mais de viver um dia de cada vez”.

BIOGRAMA – Rosa Forra

Cronologia/ Idade Vital	Marcos de Vida	Aspetos e acontecimentos marcantes	Justificação
1962	1ª e 2ª Infância	Nascimento	A Rosa nasceu na casa de seus pais, nas Hortas.
		Vivência	Viveu a infância na casa da horta (3ha) que era a fonte de subsistência da família.
		Brincadeiras	Ao ar livre, junto a casa, brincando com a irmã, mais nova dois anos.
		Melhores recordações	Momentos passados junto ao seu pai enquanto ele lia livros de histórias.
		Piores recordações	O isolamento em que vivia. A monotonia do dia-a-dia. A repressão da mãe que não a deixava ir brincar com as crianças do monte próximo.
		Momentos mais divertidos	Quando era mais crescida e conseguia escapar à mãe para acompanhar os rapazes do monte próximo, que na altura da caça, iam apanhar os gansos, galinholas, patos que os caçadores matavam.
1969/70 (8 anos)	Ensino Primário	Imposição da mãe	Começou a frequentar a escola primária aos oito anos de idade, por imposição de sua mãe.
		1º ano	Já identificava algumas palavras. Gostou da Escola. Gostou da professora Foi um ano normal.
1970/71 (9ª anos)		Pesadelo	No 2º ano tem outra professora. Pessoa muito dura, inflexível, religiosa que exagerava na frequência com que obrigava os alunos a rezar. Ficou traumatizada com a violência da professora. Transitou de ano
1971/72 (10 anos)		3º ano	A exemplo do ano anterior continua a viver o pesadelo. Levou muitas reguadas. Era obrigada a rezar
1972/73 (11 anos)		4º ano	Reprovou no 4º ano. Detestava a escola e a professora. Estava farta de apanhar sova.
1973/4 (12 anos)		Alívio	Repetiu a 4ª classe com aproveitamento, mas com outra professora, pessoa meiga, que sabia ensinar, amiga dos alunos. Não batia
		25 de Abril	Associa a sua professora ao 25 de Abril. Tal como o país, também ela recuperou a liberdade de poder

			dar erros, de poder falar na sala sem levar “porrada. Recorda-se de a professora ter explicado na sala de aula o que era o MFA e no que tinha consistido a revolução de Abril.
		Escolinha paga	Durante o período em que frequentou o ensino primário frequentou uma escola paga. Era para estar ocupada no período do dia que não tinha escola
		Influência para as artes	Na escolinha paga fazia muitos desenhos. A “professora” era uma jovem com muito jeito para as artes. Na escolinha criou o gosto pelo desenho e pintura. Desde então, o seu maior prazer para os tempos livres tem sido sempre desenhar e pintar.
1974/75 (13 anos)	Ensino Preparatór.	1º ano	Matriculou-se na Escola D. José I, em Vila Real.
		Turma	Devido à sua idade foi integrada numa turma mista constituída por jovens entre os 14,15, 16 anos, que já tinham reprovado mais que uma vez.
1975/76 (14 anos)		2º ano	Concluiu o Ciclo Preparatório dispensando a todos os exames do 2º ano
		Estudante	Era boa aluna. Gostava de estudar e tinha um bom relacionamento com os colegas
1976/77 A 1978/9 (entre os 15 e os 17 anos)	Antigo 2º ciclo (3º, 4º e 5º ano)	Melhores recordações	Da turma. Era mista. Fez boas amizades.
		Estudante	Teve sempre boas notas. Foi uma aluna aplicada. Gostava de ir às aulas.
		Disciplina preferida	O Desenho era sua disciplina favorita
		Artes	No último ano (9º ano) há um professor que aconselha a sua mãe a encaminhar a Rosa para Belas Artes. A mãe recusa a ideia.
1979/80 A 1981/82 (18 e os 20 anos)	Ensino Secundário	Escola de V.Real	Gostou da Escola, dos colegas. Foi um tempo bom.
		Estudante	Teve boas notas. Era boa aluna menos a Matemática. No 11º ano reprovou a Matemática
		12º ano	Matriculou no 12º ano, com a Matemática em atraso. Reprova a Matemática e não conclui o 12º ano.
Adolescência		Adolescência passada entre a Escola e casa. Nunca teve grupo de amigos para ir a bailes e a festas. A mãe não a deixava sair de casa. Aos	

		<p>16 anos começou a trabalhar nas férias grandes, numa loja em Monte Gordo. A irmã é colega de trabalho. O vencimento era muito pouco, passavam o dia inteiro na loja, mas, estavam em Monte Gordo, estavam fora de casa, podiam conhecer outras pessoas. Foi algumas vezes à discoteca mas não gostava do barulho. Trabalhou nesta loja até aos 19 anos. Teve o seu primeiro e único namoro aos 18 anos.</p>	
	Pais	<p>Mãe era doméstica. Sabia ler. Nasceu na serra. Tinha a 3ª classe Pessoa muito rígida. Era quem impunha as regras em casa. Impôs uma educação severa às filhas. Pessoa muito controladora, mas muito prestativa e preocupada com as filhas. Testemunha de Jeová nunca tentou influenciar as filhas na opção religiosa.</p> <p>O pai era agricultor. Tinha a 4ª classe. Não prosseguiu estudos para ajudar o avô da Rosa que também era agricultor. Pessoa muito meiga e amiga. Gostava muito de ler histórias para as filhas. Pessoa muito religiosa, católica. Professa uma religião diferente de sua mulher, mas nunca discutem.</p>	
<p>1982/83 A 1984/85 (entre os 21 e os 23 anos)</p>	<p>Curso do Magistério Primário</p>	Admissão	Indecisa entre o curso do magistério primário ou o curso de enfermagem, Opta pelo Magistério.
		Por recordação do curso	Fazer diariamente o percurso Vila Real – Faro - Vila Real.
		Melhores recordações	Do ambiente de amizade e camaradagem. Dos colegas de grupo com quem trabalhou
		O que mais gostou	Das Práticas. O estágio correu muito bem. Foi a confirmação da sua vocação.
		Diploma	Foi muito festejado em família. Os pais ficaram muito orgulhosos da sua filha
<p>1985/86 (23 anos)</p>	<p>Professora Ensino Primário</p>	1ª colocação	Concorre no quadro de professores agregados e fica colocada em Furnazinhas.
		Choque com a realidade	Inicialmente, foi muito difícil. O que aprendeu no Magistério revelou-se insuficiente para enfrentar a realidade da sala de aula.
		Isolamento	Estava colocada numa escola de um monte serrano, um pouco isolada do mundo, longe de casa, com poucas comodidades.
		Melhor recordação	Da turma. Teve muita sorte. Os alunos ajudaram bastante. Gostou muito da experiência, um grupo de alunos muito dedicados, muito humildes e disciplinados e cujos pais se colaboravam com a Escola.
		Casamento	Nesse primeiro ano em Furnazinhas, a Rosa casa com o seu primeiro e único namorado.

		Nascimento da filha	No final do ano letivo nasce asua única filha
1986/87 (24 anos)		Recondução	Pede recondução na escola primária em Furnazinhas. Vem a casa ao fim de semana. Gostou muito da experiência.
		Mãe	É o seu grande apoio. Fica com a bebé
1987/88 (25 anos)		Nova colocação	Foi colocada na Escola Primária de Monte Francisco.. Estava mais perto de casa
		Alunos	Os alunos vão à escola com vontade de aprender, muito motivados. Depois da escola alguns são guardadores de cabras.
		Experiência	Gostou muito da Escola, dos alunos, do trabalho realizado
		Rosa Cabrita	Em Monte Francisco conhece uma colega mais experiente com estabelece excelentes relações pessoas e profissionais.Ficam amigas para a Vida
		Educação Comunitária	As duas colegas desenvolvem um trabalho a partir da escola primária que envolve toda a comunidade. Desenvolvem várias atividades com pais e pessoas da comunidade.
		Bolsa de educação de adultos em acumulação	É convidada para leccionar a disciplina de francês do 2º ciclo do curso supletivo nocturno. Tem a sua primeira experiência em educação de adultos. Gostou. Foi uma experiência de ensino totalmente diferente.
		Convite	No final do ano lectivo é convidada, juntamente com a sua colega Rosa Cabrita, a integrar a coordenação concelhia de Castro Marim da rede pública de educação de adultos.
1988/89 A 1991/92 (entre os 26 e os 29 anos)	Rede pública de E. Adultos	C. C. de Castro Marim	É destacada como professora do terreno.
		Funções	Responsável por um CEBA (curso de alfabetização de pessoas adultas), que funcionava ao fim do dia. Durante o dia, realizava várias tarefas na coordenação concelhia
		O mais importante	A formação que teve na E.A.. Aprendeu bastante. A formação foi fundamental para o desempenho das suas funções
		Mãe	Foi o seu grande apoio para a educação da filha Enquanto esteve na educação de adultos, foi a sua mãe que ficou com a netinha e a educou.

		Formação complementar	Enquanto esteve na educação de adultos aproveitou para concluir o 12º ano em 1989. Em 1990 inscreveu-se no ISET Instituto Superior de Educação e Trabalho em Loulé
		Melhor recordação	Do contacto com as pessoas, Das atividades realizadas. Muitas delas na biblioteca municipal. A amizade que fez com algumas pessoas adultas. A alfabetização.
		Experiência	Muito gratificante. Experiência para a Vida. Um tipo de trabalho compensador.
		Frustração	Encerrarem cursos de alfabetização por não haver dinheiro para pagar as bolsas
		Maior desilusão	Assistir ao final do PIDR . Ver a E.A. a perder prestígio. Ver a maioria dos colegas a abandonar a educação de adultos.
1992		Abandono	Não aguenta. Pede cessação do destacamento
1992/93 (30 anos)	Retorno à Escola Primária	Professora primária	É colocada como professora efectiva da Escola Primária das Hortas na sua terra natal Ficou quatro anos nesta Escola.
		Estabilidade	Foi um período muito bom. Tinha saudades das crianças. Estava feliz com o seu trabalho. Praticamente estava em casa, junto da família
1993/94 (31 anos)		Monitora de cursos socioeducativos	É convidada para monitora de cursos socioeducativos. Arraiolos no Azinhal. Artes decorativas na Junqueira, em S. Bartolomeu e no Azinhal. Desenvolveu esta experiência durante três anos
		Formação complementar	Em 1994 conclui no ISET o curso de Especialização em Administração e Gestão Escolar.
1995/96 (33 anos)			Em 1996 conclui no ISET o Curso que lhe conferiu um Diploma em Estudos Superiores Especializados (DESE)
1996/97 e 1999/200 (entre os 34 e os 37 anos)	Entre a Escola e a Gestão e Administr. Escolar	Nova transição biográfica	Vai cumprir mais destacamento. Desta vez na Delegação Escolar de Vila Real de Stº António
		Experiência	Foi uma experiência nova. Gostou. Exerceu estas funções administrativas durante quatro anos.
2000/01 (38 anos)		Comissão Instaladora do Agrupamento	Cessa o destacamento na Delegação Escolar. Volta à sua escola de origem. É convidada para integrar a comissão instaladora do Agrupamento

			Horizontal de Escolas do 1º ciclo, D. José I, em Vila Real de Stº António.
		Experiência na Comissão	Tem um trabalho de grande responsabilidade que exige muita dedicação.
2001/2002 (39 anos)		Vice-Presidente	Integra o novo Conselho executivo do Agrupamento. É eleita vice-presidente. Está no cargo durante dois anos. Gostou muito da experiência
2003/2004 (41 anos)		Presidente	Concorre como cabeça de lista e é eleita presidente do conselho executivo do Agrupamento Horizontal de Escolas do 1º ciclo, D. José I, em Vila Real de Stº António
2005/06 (43 anos)		Comissão Instaladora do Agrupamento Vertical	São extintos os Agrupamentos Horizontais. É convidada a integrar a comissão instaladora do novo Agrupamento Vertical de Escolas D. José I. Novo desafio, mais complicado.
2006/07 (44 anos)		Vice-presidente	Integra o Conselho Executivo do Agrupamento Vertical de Escolas, ocupando o cargo de Vice-presidente.
2008/09		Cessa funções	Termina este mandato de três anos. Está um pouco cansada deste trabalho de gestão. Considera que foi uma boa experiência. Tem saudades do trabalho em sala de aula
2009/10 (47 anos)	Retorno à sala de aula	Treze anos depois	Treze anos depois da última experiência de sala de aula no ensino primário, volta ao trabalho com as crianças. Sentiu algumas dificuldades de adaptação. Estava destreinada
		Experiência diferente	Trabalha com um grupo de quatro alunos do programa “currículos alternativos”. Foi um trabalho diferente. Teve que fazer novas aprendizagens. Gostou da experiência
		Coordenadora dos programas alternativos	Foi eleita coordenadora do programa dos currículos alternativos dos alunos do 1º ciclo, no seu Agrupamento. Trabalho muito exigente e muito desgastante. Não gostou muito.
2010/2011 (51 anos)		Ensino regular	Foi-lhe atribuída uma turma constituída por 24 alunos, rapazes e raparigas. Há diferentes níveis de aprendizagem.
		Desilusão	Os alunos revelavam pouca motivação comparados com as turmas que teve no concelho de Castro Marim.

		Ano desgastante	Tem trabalhado imenso com a turma. Farta-se de inventar novas estratégias para os motivar . Tem de levar trabalho para casa. Não tem tempo disponível para fazer outras atividades. A Escola ocupa demasiado tempo, há reuniões em excesso
		Maior problema	O seu maior problema é a relação com os pais e afalta de participação da maioria deles nas reuniões de pais
Expetativas para o futuro			Sente-se em boa forma paar continuar a lecionar. Mas vai procurar encontrar outras saídas porque não se imagina a trabalhar numa sala de aula, até à idade da reforma. O que gostava mesmo de fazer, se pudesse era dedicar-se ao desenho e à pintura

BIOGRAMA – Rosa Cabrita

Cronologia/ Idade Vital	Marcos de Vida	Aspetos e acontecimentos marcantes	Justificação
1952	1ª e 2ª Infância	Nascimento	Nasceu no Hospital em Vila Real de Stº António.
		Família	Era uma família feliz. Viveu nas Hortas toda a sua infância
		Melhores recordações	As brincadeiras de rua. A rua onde morava era o seu mundo, num tempo em que havia muitas crianças para brincar.
1959/60 a 1962/63 (7 aos 10 anos)	Ensino Primário	Escola	Entrou para Escola primária que ficava mesmo ao lado da sua casa
		Estudante	Gostava muito de ir à Escola. Era considerada boa aluna
		Professores	Durante os quatro anos de escolaridade teve três professoras diferentes. Gostou de todas. No 4º ano teve uma professora excepcional que a marcou
		Exame de admissão	Fez exame de admissão à Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Stº António
1963/64 (11 anos)	antigo 1º ciclo	Inauguração	Pertenceu à turma que inaugurou a Escola.
		Escola	Gostou do novo ciclo de estudos. Teve boas notas
		Momento Feliz	Neste ano letivo assiste ao nascimento da sua irmã mais nova. Fica muito feliz
1964/65 (12 anos)	antigo 1º ciclo	2º ano	Concluiu o ciclo preparatório
		Pior momento da sua vida	Neste ano letivo assiste à ida do seu pai para a Alemanha na condição de emigrante
1965/66 (13 anos)	Antigo 2º ciclo	Matrícula	Matricula-se em dois cursos: Curso de Formação Feminina e Curso Geral do Comércio. Frequentou-os em simultâneo.
1968/69 (17 anos)		Curso Geral do Comércio.	Não completou o Curso. Ao fim de três anos fez todas as disciplinas à exceção de Contabilidade
		Curso de Formação Feminina	Concluiu o Curso com boa média. Fez boas amizades. Construiu conhecimentos importantes para o seu futuro.

Adolescência		A sua adolescência foi muito marcada pela ida do pai para a Alemanha. Foi uma fase dolorosa. Sentia muitas saudades do pai. A Mãe, na ausência do pai, tornou-se muita controladora. Não deixava a filha sair. Tornou-se uma jovem introvertida., passava muito tempo em casa, era uma leitora compulsiva. A sua adolescência também foi marcada pela mobilização do seu tio para guerra colonial em Angola. Ficou afectada coma sua partida porque era um parente muito chegado.	
Pais		<p>Mãe era uma pessoa muito bondosa, muito meiga, muito amiga da família. Ela é que impunha as regras em casa. Era doméstica. Muito preocupada com a educação dos filhos. Com a ida do marido para a Alemanha tornou-se mais controladora. Foi a melhor amiga da Rosa. Foi o seu grande apoio no início da profissão</p> <p>O pai era uma pessoa muito meiga, mas reservada. Era empregado de Café antes de emigrar. Era um pai muito presente. Muito amigo de dar pequeninas prendas. Mesmo quando estava na Alemanha mantinha um contacto permanente com a família. Esteve emigrado 19 anos.</p>	
1969/70 (18 anos)	Curso do Magistério Primário de Faro	Curso possível	Concorre ao magistério primário porque é a única possibilidade de tirar um curso. Preferia um curso na área da saúde
		Melhores recordações	As amizades que construiu
		O currículo	Não gostou da maioria das disciplinas. Não lhe despertavam interesse. Era um frete ir às aulas.
		Professores	Não gostou dos professores, nem dos seus métodos.
		Piores recordações	O percurso diário de comboio. A falta de dinheiro para fazer face às despesas de alimentação e de custos do curso
1970/71 (19 anos)		Pior momento	A ida de sua mãe para a Alemanha para se juntar ao pai emigrante.
		Vida familiar mais difícil	Ficou com a avó materna e os três irmãos, mais novos
		Diploma	Concluiu o Curso com grande sacrifício
1971/72 (20 anos)	Professora do Ensino Primário	Concurso	Concorre ao Baixo Alentejo. No Algarve é muito difícil conseguir colocação. Em Novembro é colocada na Escola Primária de Góis, concelho de Mértola.
		Escola	Foi um choque. Uma Escola de lugar único, uma turma de 41 alunos.
		Choque com a realidade	Não sabia o que fazer. Sentimento de impotência e infelicidade. Sentiu que o que aprendera no

			Magistério não estava a servir para nada.
		Melhor recordação	As pessoas da aldeia de Góis. Gente pobre e analfabeta mas as pessoas mais extraordinárias que conheceu na sua vida.
		O melhor	As aprendizagens que realizou naquele ano. O trabalho com a turma
		O Pior	O isolamento. O afastamento da família. A fracas condições de vida
		Namoro	Nas férias conhece o seu futuro marido
1972/73 (21 anos)		Nova colocação	Ficou colocada na Escola Primária da Mina de S. Domingos.
		Escola	Nesta Escola, havia três lugares na Primária e dois na Telescola., num total aproximado de cento e vinte alunos.
		O melhor	A relação com as colegas. As aprendizagens construídas. Gostou da Escola.
		O pior	A distância. As saudades da família
1973/74 (22 anos)		Nova colocação	Vem para o Algarve. Ficou colocada nos Corujos, concelho de Castro Marim. Está mais próxima de casa
		Escola	Uma escola primária adaptada de uma casa antiga. Esteve dois anos nesta Escola
		Experiência	Gostou da experiência, gostou da turma
		O pior	A falta de condições da Escola
		25 de Abril	Viveu esta data com grande intensidade
		Ação política	Filiou-se num partido político
		Casamento	Casa em Novembro de 1974
1974/75 (23 anos)		Acumulação	No seu 2º ano em Corujos, acumula as funções de professora primária com o cargo de monitora da Telescola no Azinhal.
		Nascimento da filha	Em 1975 nasce a sua filha. Momento de grande felicidade
1975/76 (24 anos)		Destacamento Telescola	Concorreu a um destacamento para a Telescola do Azinhal. Fica 12 anos na Telescola. Gostou muito desta nova experiência. Estava mais perto de casa. Foi um período bom. Tinha estabilidade profissional e emocional

		O melhor	Adaptou-se bem a este novo tipo de ensino. Gostou de trabalhar com crianças mais velhas. Identificou-se bem com a comunidade
1982 (30 anos)		Nascimento do filho	Momento de grande felicidade para toda a família.
		Duplamente Feliz	O pai emigrante na Alemanha regressa definitivamente a casa.
1985 (33 anos)		Mãe	Faleceu a sua melhor amiga. Teve o seu maior desgosto na vida.
		Apoio aos filhos	Sem o apoio da mãe, precisa de mais tempo para dedicar aos seus filhos. Concorreu ao quadro de Escolas do Ensino Primário para uma escola mais próxima de casa
1986/87 (34 anos)		Colocação	Foi colocada na Escola primária da Junqueira.
		Retorno à sala de aula	Doze anos depois, já tinha saudades. Volta a ensinar crianças do ensino primário
		MEM	Precisa atualizar conhecimentos, Inscreve-se no Movimento da Escola Moderna. Começa a participar em reuniões de núcleo
	Ensino Secundário	Retorno à Escola	Matricula-se no 10º ano. Na Escola Secundária de Vila Real de Stº António.
1987/88 (35 anos)		Escola Monte Francisco	Concorre para uma escola mais próxima de casa. Fica colocada na Escola Monte Francisco. Uma escola de 2 lugares
	Ensino Secundário	11º ano	Conclui o ensino secundário. Fica muito feliz. Mais uma etapa na sua formação académica.
		Colega	Na Escola de Monte conhece uma colega com quem se identificará em termos pessoais e profissionais. Ambas fazem uma boa equipa de trabalho, entendem-se na perfeição. Ficam amigas para a Vida.
		Trabalho	Fazem um trabalho notável de intervenção comunitária. Beneficiam do financiamento de uma empresa local
		1ª experiência em educação de adultos	Acumula as funções de professora do 1º ciclo com as funções de bolsreira do Curso supletivo noturno, 2º ciclo, para jovens entre os 16 e os 20 anos, em Castro Marim.
		Convite para a	No final do ano letivo foi convidada a integrar a

		E.A.	coordenação concelhia de Castro Marim.
1988/89 (36 anos)	Rede pública de educação de adultos	Destacamento	Aceitou o destacamento porque era um desafio, era um ensino diferente. Estava mais perto de casa. Tinha maior flexibilidade de horários. Esteve três anos na coordenação concelhia
		Professora de terreno	Fez alfabetização no Lar de Castro Marim. Realizava em equipa as tarefas de coordenação e apoio às atividades de educação de adultos.
		Formação	A formação foi indispensável para a qualidade do trabalho realizado. Gostava de participar nas ações de formação
		O melhor	A amizade das pessoas. As aprendizagens realizadas. Foi um tempo muito bem passado
		Melhores recordações	Associadas às atividades realizadas no âmbito da alfabetização
		De educadora a educanda	Frequentou um curso de corte e costura em Castro Marim, em que algumas das suas colegas eram suas educandas do curso de alfabetização.
1989/90 (37 anos)		Formação complementar	Neste ano frequenta com aproveitamento em regime pós-laboral o 12º ano. Sentiu uma sensação muito agradável
1991/1992 (38 anos)		Mudança de políticas na E.A.	O trabalho estava a esvaziar-se. O PIDR acabou. Não havia financiamento para bolsas. Havia pouco trabalho
		Fim de ciclo.	Pede a cessação do destacamento
1992/93 (39 anos)	De volta ao ensino primário	Professora efectiva	É colocada como professora efetiva em Castro Marim. Tem um grupo de 1º ano. Ficou 5 anos nesta Escola
		Trabalho	Já tinha saudades de ensinar crianças. Está muito feliz com o regresso. Utiliza todos os conhecimentos que aprendeu ao longo da vida
		Bolseira de alfabetização	Voltou para o 1º ciclo mas não se desligou completamente da educação de adultos. Passou a ser bolseira em vários cursos de alfabetização, durante 7 anos. Misturava prazer com o dinheiro que recebia.
1996 (43 anos)		Grande desgosto	O pai faleceu. Acusa a perda. É estranha a sensação de ficar sem pais. Tem um grande desgosto
1997/98		Efetiva-se em	Muda de Escola. Finalmente consegue efetivar-se numa escola da sua cidade. Esta mudança é boa

(45 anos)		Vila Real	para a sua estabilidade profissional
		Escola	É colocada na Antiga Escola das Meninas. Não gosta muito da Escola
1998/99		Nova mudança	Concorreu para a Escola Marquês de Pombal
(46 anos)		Escola	Gostou da Escola, dos colegas. Esteve quatro anos nesta Escola
1999/2000		D.E.S.E.	Matriculou-se nos Complementos de Formação para professores do 1º ciclo. Inicialmente a motivação era subir de escalão.
(47 anos)			
2000/01		CESE	Cresceu como pessoa e como professora. Sentiu-se realizada em obter uma licenciatura.
(48 anos)			
2002/03		Nova mudança	A sua última Escola foi no Agrupamento Horizontal de Escolas D. José I, onde esteve os últimos três anos da sua carreira.
(50 anos)			
2005/06	Reforma	Arrependeu-se	Neste ano reformou-se. Acha que se precipitou. A princípio lidou muito mal com a situação de reforma. Os dias eram muito compridos. Sentia saudades do contacto com as crianças.
(53 anos)			
		Reorganizou a vida	Reorganizou-se, lê, passeia, dedica-se à família. Prefere as leituras e a ranquilidade da casa às viagens. Frequenta vários cursos na da Universidade dos Tempos Livres.
		Atividade política	Continua a ser uma militante ativa na política partidária

BIOGRAMA – Rosário Horta

Cronologia/ Idade Vital	Marcos de Vida	Aspetos e acontecimentos marcantes	Justificação
1965	1ª e 2ª Infância	Nascimento	Nasceu na Fuzeta.
		Transferência do pai	O pai, guarda fiscal foi transferido para o posto de Faro
		bairro da Penha	Veio com seis meses para Faro viver para o bairro da Penha
		Melhores recordações	As brincadeiras de rua, os amigos, a vida no bairro.
		Piores recordações	As proibições de vir para a rua brincar, a repressão do pai, as dificuldades económicas
		Transgressão	Tinha apetência para o disparate, gostava de brincadeiras proibitivas, fugir de casa, contrariar o pai. Começou a fumar aos sete anos.
1971/72 (6 anos)	Ensino Primário	Escola da Penha	Fez os quatro anos do ensino primário na Escola do seu bairro. A sua escola.
		Aluna	Era boa aluna. Fazia amigos com muita facilidade. Na escola era bem comportada.
		Professora	Gostou muito da professora. Foi uma referência. Teve a mesma professora durante os quatro anos. Ficaram amigas.
1973/74		25 de Abril	Andava na 3ª classe. Recordo este dia. Houve festa na escola. Bolos e canções. Em contrapartida o pai estava muito apreensivo e irritado
1974/75 (9anos)			Fez a 4ª classe. Gostava muito da escola. Teve pena de sair, queria continuar
1975/76 (10 anos)	Ensino preparatório (2º ciclo ensino básico)	Matrícula forçada	O pai não a queria matricular na Escola. O comandante obrigou-o a matricular a filha.
		Escola Afonos III	Gostou muito da Escola, do ambiente, dos colegas, dos professores
		Aluna	Era se boa aluna, uma das melhores da turma
		Preferência	As suas preferências eram as disciplinas de Línguas. Criou o gosto pela poesia. Começou a

			escrever textos em poesia.
		O melhor	Conheceu uma colega que se tornou a sua melhor amiga. Foi uma influência muito boa
1976/77 (11 anos)		2º ano	Concluiu o ensino preparatório com boas notas
1977/78 (12 anos)	3º Ciclo do Ensino preparatório	Escola Tomás Cabreira	Gostou muito da Escola, do ambiente de camaradagem entre colegas, dos professores. Fez o 7º, 8º e 9º ano nesta Escola sempre com boas notas
		Aluna	Nas aulas era bem comportada e disciplinada. Fora das aulas era muito brincalhona e muito atrevida. Era uma aluna muito popular. Toda a gente a conhecia
		Melhores recordações	Os namoricos. As brincadeiras na Alameda
1979/80 (14 anos)		9ºano	Dispensou a todos os exames.
1980/81 (15 anos)	Ensino Secundário	Choque	Matriculou-se no Liceu nacional de Faro. Sentiu um choque quando mudou par ao Liceu. Ambiente elitista e discriminatório. Alunos e professores muito diferentes dos que conhecera antes.
		Piores recordações	O sentimento de discriminação. Não podia acompanhar as colegas. Nunca tinha dinheiro. Não usava roupas de marca.
		Aluna	Tornou-se irreverente, provocadora, irritante Teve fracos resultados na área das Ciências. Reprovou a Filosofia. Só tinha boas médias a Línguas.
1982/83 (17 anos)		Alívio	.Foi um sentimento de alívio que concluiu o 12º ano. Detestou o tempo do Liceu.
		Admissão	Candidatou-se ao exame do magistério Primário de Faro. Foi admitida
Adolescência		Teve uma adolescência difícil em termos de relacionamento com o seu pai e em termos económicos. Nunca tinha dinheiro para as despesas mais básicas. Tornou-se uma jovem bairrista, gostava muito de estar com os amigos na rua, quando o pai não estava em casa. Era uma jovem muito traquina. Fugia de casa pela janela, fumava, ia aos bailes sempre às escondidas do pai. Aos catorze anos foi proibida de continuar a praticar atletismo pelo clube local, onde já tinha obtido vários prémios. Aos onze anos começou a escrever poesia. Despertou	

			para a leitura. À medida que ia crescendo ia-se tornando mais irreverente e revoltada. Era uma jovem muito controlada pelo pai que não a deixava sair com as amigas que não compreendia que tinha necessidade de viver. Aos 16 anos começou a ir a discotecas sempre com o desconhecimento do pai, teve namoricos às escondidas, fez disparates. Aos dezassete anos de idade começou a dar explicações para ganhar dinheiro para si. Entrou numa fase de maior acalmia. Durante a sua adolescência teve sempre o apoio da sua mãe.
	Pais		<p>Pai era guarda-fiscal de profissão, pessoa muito conservadora, muito rígida, intolerante, muito diretivo, controlador, machista. Impunha as regras em casa e exigia ser obedecido. Muito “forreta” só dava à esposa o dinheiro indispensável para a comida. Tudo muito controlado ao tostão. Por vezes, tornava-se uma pessoa violenta e ameaçadora. Mas, também, era uma pessoa muito honesta, muito cumpridora, muito ciosa do seu trabalho o que lhe valeu ser suspenso da Guarda Fiscal antes do 25 de Abril. Foi relojoeiro antes de ser readmitido na GF, depois do 25 de Abril. Criou uma situação insustentável com a filha quando expulsou de casa o seu 1º namorado</p> <p>Mãe era uma pessoa muito amiga dos filhos, era uma mulher de afetos, muito carinhosa, sempre muito preocupada com os três filhos. Era uma lutadora. Teve uma vida muito difícil, não tinha voz activa naquela casa. Às escondidas do marido, fazia trabalhos à mão para vender. Esse dinheiro era uma ajuda na economia doméstica. E serviu para ajudar a Rosário nalgumas situações.</p>
	Profissão de sonho		Ser professora de Inglês. Não foi possível concretizar o sonho porque nunca teve a mínima possibilidade de ir estudar para uma Universidade
1983/84 (18 anos)	Curso do Magistério Primário de Faro	Única opção	Gostava de ser professora. Magistério era a única opção.
		Influência	A sua grande amiga é que a influenciou para tirar o curso.
		O curso	Gostou do Curso, do ambiente entre colegas, da maioria dos professores, do currículo.
		O melhor	As Atividades de Contacto e as Práticas.
		O pior	A competição entre colegas pela nota. A imposição da média nacional de 13,6.
		Crise	Passou por uma fase muito complicada no 3º ano. Um problema relacional com o seu pai ditou o seu afastamento de casa durante uns tempos. Esteve doente. Piorou os resultados académicos. Baixou a média de 15 para 13 valores.
1985/86 (20 anos)		Diploma	Concluiu o Curso. Ficou ansiosa por começar a trabalhar. Precisava ganhar a sua independência

1986/87 (21 anos)	Professora do ensino primário	Concurso	Concorreu à Telescola, ao concelho de Alcoutim por ter maiores oportunidades de colocação
		1ª colocação	Foi colocada na Telescola de Alcoutim. Ficou super feliz
		Telescola	Gostou muito da experiência. Não sentiu dificuldades nenhuma. Gostou muito da turma. Viveu bons momentos
		Namoro v.s casamento	Conheceu um jovem de Alcoutim. Começou a namorar e 7 meses depois casou. Sentiu-se livre do domínio do pai
1987/88 (22 anos)		2º colocação	Foi colocada na Telescola de Martinlongo. Esteve 7 meses em funções. Gostou muito desta 2ª experiência.
		Vida de casada	Vivia em Martinlongo com o marido. Engravidou. Foi muito feliz em Martinlongo
		Parto	Em Abril veio para Faro fazer o parto. Ficou muito feliz com o nascimento do filho
		Falecimento do pai	Fica muito perturbada. Queima todos os cadernos de poesia feitos desde os 11 anos. Abandona esta arte criativa
1988/89 (23 anos)	Rede publica de educação de adultos	Transição biográfica	É convidada para trabalhar na na coordenação concelhia de Alcoutim como professora de terreno.
		O mais importante	As aprendizagens. Os momentos de Formação
		Melhor recordação	Quando foi morar com o marido e filho para uma casa alugada. Pela primeira vez vivia numa casa independente
		Funções	Faz alfabetização e apoia a coordenadora concelhia. Foi uma experiência incrível- Adorou o trabalho e o contacto com as pessoas
1989/90 (24 anos)		Coordenadora concelhia	Assume as funções de coordenadora. Assume o cargo com grande sentido de responsabilidade
		Experiência	.Dá continuidade ao trabalho da colega anterior. Sente-se muito realizada com o trabalho desenvolvido. Fica feliz pelo reconhecimento do seu trabalho.
		política da discórdia	Concorre nas listas do PS às eleições autárquicas. É adversária política do padrinho e amigo o que

			gera um mau estar entre ambos.
		Frustração política	Depois de eleita para a Assembleia municipal sente-se traída quando a obrigam à disciplina de voto. Demite-se.
1991/92 (26 anos)		Nascimento da filha	Fica muito feliz mas mais ocupada. Precisa dar mais atenção aos filhos. Não pode continuar a sair a visitar cursos à noite. Considera que é tempo de encerrar este ciclo
		Cessaçã do destacamento	Abandona a coordenação concelhia como sentimento de satisfação pessoal e profissional de ter feito um bom trabalho.
1992/93 (27 anos)	1º Ciclo do Ensino Básico	1ª colocação no ensino primário	Foi colocada no Pereiro. Teve seis alunos. Gostou da experiência. Foi muito fácil. Criou um a relação muito boa com as crianças
		Acumulação	Deu curso de alfabetização em regime de acumulação. Teve bons resultados.
		Vida pessoal e profissional	Foi um ano tranquilo com estabilidade emocional e algum desafio económico
		Alcoutim	Por razões familiares decide viver em Alcoutim
		Concurso	Concorre para Alcoutim é colocada na E. Básica Integrada
1993/94 (28 anos)		Conselho Executivo	Foi convidada para integrar o Conselho Executivo. Esteve no cargo durante dois anos
		Experiência	Foi a sua 1ª experiência de gestão. Fez novas aprendizagens. Criou uma outra perspectiva do ensino básico
		Melhor recordação	A criação do Centro de Formação de professores. Envolveu-se muito mas ficou feliz com os resultados
		Alfabetização	Fez alfabetização em regime de acumulação. Continua muito envolvida com este tipo de atividade educativa. Faz-lhe muito jeito o valor da acumulação
1994/95 (29 anos)		Discórdia	Discorda da política de gestão da Escola. Entra em conflito. Demite-se da Direção
1995/96 (30 anos)		Retorno à sala de aula	Ficou na Escola de Alcoutim mas como titular de uma turma do 1º ciclo
		Boa experiência	Pela primeira vez sente-se professora. Tem uma turma onde ensaia várias estratégias de E/A. Teve

		profissional	bons resultados
		Pessoalmente	Em termos sociais e familiares sente-se cansada de conflitos. Está cansada de Alcúim.
		Saudades	Tem saudades do seu bairro, da sua cidade. Decide regressar.
1996/97 (31 anos)		Concurso	Concorre no quadro de agregados. É colocada na sua Escola da Penha. Fica feliz
		Vida pessoal e profissional	Foi um bom ano. Volta à sua Escola. Vive no bairro com a sua família. Revive velhas amizades.
1997/98 (32 anos)		Mata Lobos	Não consegue recondução. É colocada numa escola de lugar único. Fica no concelho de Faro
		Ano tranquilo	Está perto de casa. A turma é tranquila. Sente-se bem profissionalmente
		Alfabetização	Em regime de acumulação dá um curso de alfabetização no Monte Negro. Esta experiência dura três anos
1998/99 (33 anos)		Escola da Penha	Consegue colocação na sua Escola. Reencontra colegas. Está no seu bairro. É professora de filhos de alguns dos seus amigos de infância. Está feliz. Fica nesta Escola durante 3 anos letivos
2000/2001		Complementos de Formação	Matriculou-se nos Complementos de Formação de Professores na área da Educação de Adultos e Desenvolvimento Comunitário. Terá sido a melhor formação que teve ao longo da sua carreira de professora. Foi uma formação que lhe permitiu sistematizar muitos conhecimentos construídos na sua prática profissional
2000/2001		Poesia	Depois de 12 anos de interrupção reiniciou a escrita da poesia
2001/2002 (36 anos)		Escola do Carmo	Não conseguiu recondução na Penha. É colocada no Carmo. Mudou o ambiente de Escola, novas colegas. Está em Faro tem uma vida estável. Permanece nesta Escola durante dois anos
		DESE	.Concluiu os Complementos de formação.”Hoje estou grata por ter podido fazer os Complementos. Acho que fiquei a ser melhor professora”.

2003/04 (38 anos)		De novo de regresso à sua Escola da Penha	Regressa à Penha como professora agregada. Mais uma vez, sente-se no seu ambiente. É aqui que se sente feliz. Quer estabilidade profissional e decide concorrer a professora efetiva.
2004/05 (39 anos)		Permuta	Fica colocada em Lisboa na sua 1º colocação como professora efetiva. Consegue uma troca, vai para Olhão, para a Escola Paula Nogueira.
		Escola Paula Nogueira	Vive uma experiência marcante. A dinâmica da Escola e as colegas, exercem uma boa influência na sua prática profissional. Sistematiza um método de ensino da leitura que não mais abandonará. Fica dois anos nesta Escola.
2006/07 (41 anos)		Efetiva na Escola da Penha	Volta a concorrer. Regressa à Escola da Penha como professora do quadro de Escola. Sente-se muito feliz.
		Cargos	Pertence à Assembleia Geral de Agrupamento e coordena o Projeto do Folclore na sua Escola. Criou um grupo de amizades na Escola. Vive tempos de insatisfação face aos constantes problemas que os professores primários vivem.
2010/11 (45 anos)		Expetativas futuras	Vai continuar nesta Escola. Criou um grupo de amizades muito forte. Está muito identificada coam esta Escola. Não pensa ensaiar nova experiência. Não tem grandes expectativas em relação ao futuro. Vai continuar a ensinar no 1º ciclo, não vislumbra outras saídas. Quer viver o dia a dia, sendo que a Escola lhe ocupa a maior parte do dia.
		Insatisfação	Vive tempos de insatisfação face aos constantes problemas que os professores primários se confrontam
		Poesia	De vez em quando vai escrevendo poesia, sobretudo, quando lhe pedem.

BIOGRAMA – Marília Rufino

Cronologia/ Idade Vital	Marcos de Vida	Aspetos e acontecimentos marcantes	Justificação
1957	Infância	Nascimento	Nasceu na Junqueira, concelho de Castro Marim
1958		Mudou para Vila Real	Acompanhou a família. Considera V. Real a sua terra de adoção
		Infância feliz	Teve uma infância feliz passada entre a sua casa e a rua. Havia sempre muitas crianças com quem brincar.
		Amigos	Fez muitos amigos que ainda conserva.
		Vida humilde	Era uma criança humilde, a maioria das crianças da rua tinham melhores condições económicas e sociais
		Piores momentos	As atitudes de rigidez do pai. Ficar em casa a cuidar do avô paterno que tivera um AVC, quando a mãe se deslocava à Junqueira.
		Piores recordações	As férias e fins de semana passadas com os pais na Junqueira. Tinham lá uma horta que ajudava ao sustento. Não gostava de lá ir.
		Melhores recordações	As brincadeiras de rua.
1962 (5 anos)		Aprender a ler	Foi para uma escolinha paga que havia próximo de sua casa. Aí aprendeu a ler pelo método de João de Deus. Gostava de ir à escolinha.
		Maior desgosto	O seu maior desgosto de infância era não ter irmãos.
1962/1963 (6 anos)	Ensino Primário	1ª classe	Ingressou na escola primária. Gostou muito porque teve uma vida fácil, já sabia ler
		Professora	Era um pouco velha. Já fora professora de seu pai. Gostou muito dela. Era bondosa
1963/1964 (7 anos)		Mudou de professora	Na 2ª classe teve uma professora nova. Esteve com ela até ao fim da escolaridade básica. Gostou muito desta professora. Ficaram amigas
		Escola	Gostava de ir à Escola. Era considerada boa aluna
1966/1967		4ª classe	Conclui a 4ª classe e faz exame de admissão à Escola Técnica.

(10 anos)		Frustração	Gostava de ter feito exame de admissão ao Colégio, mas era só para alunos ricos.
1967/68 11 anos	antigo 1º ciclo	Escola	Gostou da Escola e dos professores. Fez amigos
		Aluna	Teve boas notas.
1968/69 12 anos		2º ano	Concluiu o ensino preparatório em 1969.
1969/70 (13 anos)	Antigo 2º Ciclo	Matrícula	Foi frequentar o Curso Geral do Comércio.
		Mudança	Acusou a mudança. Teve dificuldade de adaptação. Ensino muito técnico.
		Reprovação	Reprovou no 1º ano do Curso Geral do Comércio. Não teve aproveitamento a 3 disciplinas.
1970/71 (14 anos)		Repetência	Repetiu o 1º ano do Curso. Foi a única vez que foi repetente em toda a sua vida acadêmica.
1972/73 (16 anos)		Antigo 5º ano	Concluiu o Curso G. Comércio com boas notas.
		Melhores memórias	Não tem recordações marcantes. A vida era passada entre casa e Escola.
		Vida monótona	Não tinha grupo de amigos, teve uma vivência monótona, não houve episódios dignos de registo
1973/74 (17 anos)	Curso Complementar	1º ano	Continuou na Escola Técnica de V. Real. Teve boas notas. Foi um ano bom
		Mais liberdade	Começa a ter mais amigos e ater permissão para sair. Pela primeira vez começou a sair à noite.
		25 de Abril	Recorda esta data. Foi muito festejada em Vila Real. Neste dia não houve aulas. Foram todos para a rua
		Pai	O pai que era guarda fiscal mudou com o 25 de Abril, tornou-se mais flexível e mais compreensivo
1974/75 (18 anos)		2º ano	Concluiu o Curso Complementar com boas notas. Era considerada uma boa aluna
		Férias	Pela 1ª vez na sua vida passou férias fora de casa.
Adolescência		Teve uma adolescência pobre em experiências de vida. Foi muito marcada pela rigidez do pai e muitas limitações. Não tinha autorização para sair nem sozinha nem com as amigas. Não tinha grupo de amigos, não se divertia como a maioria das jovens da sua idade. Lamenta nunca ter tido um namorico esta idade. As férias limitavam-se à Junqueira ou nas idas à praia, aos domingos, sempre acompanhada de um adulto. Era um jovem inibida. Raramente foi a bailes, quando ia estava sempre acompanhada de sua mãe. Viveu uma adolescência com poucas	

		<p>recordações. O mais marcante deste tempo foi o 25 de Abril que a ajudou a mudar a mentalidade e a tornar-se mais autónoma e mais desinibida.</p>	
	Pais	<p>A mãe era doméstica e trabalhava na horta nos fins de semana e férias. Nunca ajudou a filha nos estudos. Pessoa calma, amiga da filha, carinhosa e muito trabalhadora. Nunca contrariava o marido. Foi o grande apoio da Marília na educação dos filhos que ficavam na casa da avó sempre que a Marília andava mais ocupada, nos tempos da educação de adultos.</p> <p>Pai, Nascido na Junqueira, guarda fiscal de profissão, amigo da família, mas muito directivo e muito rígido. Impôs uma educação com muitas regras. Era uma pessoa preconceituosa e pouco flexível. Mudou com a idade. Hoje os netos adoram-no.</p>	
	Profissão de sonho	<p>O seu maior sonho era ser enfermeira. Quando acabou o Curso Complementar queria estudar Enfermagem. O pai opôs-se, entendia que a profissão professora era a mais digna para uma jovem. A Marília não queria ser professora primária, não tinha jeito para trabalhos nem para trabalhos manuais. Não quis contrariar o pai. Não realizou o sonho de infância. Foi para o Magistério.</p>	
1975/76	Curso do Magistério Primário	Exame de admissão contrariada	Concorreu ao exame de admissão ao Curso do Magistério Primário, em Beja.
		Independência	Foi para Beja estudar. Queria viver sozinha, longe da dependência dos pais. Queria ser autónoma, emancipar-se
		1ºs tempos	Integrou-se rapidamente. Fez amigos. Estava feliz.
		1ª grande desilusão	Por dificuldades financeiras não pôde continuar em Beja. O pai não conseguiu suportar a sua estadia
		Mudança para Faro	Pediu transferência para o Magistério de Faro, por imposição do pai e, mais uma vez, contra sua vontade.
		Retorno a casa	Perdeu a independência, voltou para casa dos pais.
		Piores momentos	O percurso de comboio entre Vila Real - Faro - Vila Real.
			Integração
		Ambiente difícil	Vivia-se um ambiente muito politizado. Era jovem, ingénua e pouco participativa. Não

			gostava de política
		Desistência	Sentiu problemas nalgumas disciplinas. Pensou em desistir no 1º ano. Teve muitas dificuldades nalgumas disciplinas
		Professores	O apoio e encorajamento de alguns professores foram determinantes para continuar no curso
1976/77 (19 anos)		2º Ano	Adaptou-se ao ambiente do Curso. No 2º ano já estava mais integrada. Foi obrigada a crescer. Já gostou mais do curso
1977/78 (20 anos)		3º ano	Ano muito trabalhoso. O 3º ano foi um ano de muito trabalho, de muita competição entre os alunos. Nas práticas confirmou que não tinha vocação para o ensino primário. O Magistério foi um ponto de viragem na sua vida. Evoluiu. Tornou-se mais autónoma, mais desperta para a vida.
		O pior	O modelo de avaliação, a competição pela nota.
		Injustiça	Sentiu-se injustiçada na nota. Merecia mais. Foi prejudicada na hetero avaliação
		Melhores recordações	Relação que estabeleceu com alguns professores que a marcaram para a vida. Mantém o contacto com alguns deles.
		Amizade	Não fez amigos, só colegas. A sua vida era passada entre as aulas, os trabalhos de grupo e o comboio.
		O que menos gostou	Das Práticas. Ensinar crianças.
		Vocação	Nas práticas confirmou que não tinha vocação para ser professora primária.
		Diploma	Concluiu o curso com nota baixa. Contudo o Magistério foi um ponto de viragem na sua vida. Evoluiu. Tornou-se mais autónoma, mais desperta para a vida
1978/79 (21 anos)	Professora primária	Desemprego	Concorreu, não ficou colocada. Os professores regressados das ex-colónias passaram-lhe à frente.
1979/80 (22 anos)		Concurso	Precisava trabalhar. Concorreu a nível nacional, foi colocada na Ilha da Madeira, na Escola Câmara dos Lobos.
		Convite para	A sua 1ª experiência foi como supervisora das práticas das alunas de educação de infância. Foi

		fazer supervisão	convidada.
		O mais importante	A formação. Durante esse ano fez muita formação no Funchal e em Lisboa
		Melhores recordações	As viagens a Lisboa
		O mais significativo	A experiência. As aprendizagens que construiu. Foi um ano bom.
1980/81 (23 anos)		Ensino primário	No 2º ano na Madeira ficou na mesma escola. Foi-lhe atribuída uma turma com alunos com fraco sucesso escolar.
		Experiência	Muito difícil. Era a sua 1ª experiência como professora primária. Não gostou. Sentia-se infeliz. Numa terra estranha e não gostava do que fazia
		Confirmação	Com esta experiência confirmou a sua falta de apetência e de vocação para o ensino primário.
		Abandono	No final do ano lectivo regressou ao continente. A permanência na Madeira não estava a ser uma boa experiência.
1981/82 e 1982/83 (entre os 24 e 25 anos)		Concurso	Concorreu para o Algarve, ficou colocada na Escola Primária do Azinhal, concelho de Castro Marim. Esteve dois anos nesta Escola.
		Experiência	Tentou fazer o melhor. Faltava-lhe experiência de ensino primário.
		MEM	Inscreeveu-se no Movimento da Escola Moderna. Sentia necessidade de melhorar os seus conhecimentos.
		O melhor	Estava perto de casa. Os alunos aceitaram-na bem. Não lhe criavam dificuldades. Gostou da turma
		O pior	O processo ensino/aprendizagem. Teve muitas dificuldades
		Mais uma confirmação	O trabalho na sala de aula não lhe fez mudar de ideia, não gostava do 1º ciclo
		Presidente da Câmara de C. Marim	Conheceu o Presidente. Realizou algumas reuniões por causa dos equipamentos escolares do Azinhal.

		Namoro	Numa reunião da Assembleia Municipal em representação da sua Escola conheceu o presidente da Assembleia Municipal que viria a ser o 1º e único namorado.
		Convite para a educação de adultos	No final do ano letivo é convidada pelo presidente da Câmara para ser a 1ª coordenadora concelhia de E.A. em Castro Marim.
		Alívio	Foi com alívio que aceitou o convite e deixar o ensino primário
		Política	Aderiu ao PS
1983/84 (26 anos)	Rede pública de educação de adultos	Coordenadora concelhia	Não sabia nada de educação de adultos. A sua formação nesta área era nula. Sentiu-se fascinada pelo desconhecido.
		Formação	A formação foi fundamental. Teve acesso a muitas formações diversificadas que forma determinantes para o seu desempenho
		PIDR, Ne/Alg	Castro Marim estava integrado no projeto integrado de desenvolvimento regional do nordeste algarvio.
		Experiência	Foi um trabalho árduo e de muita dedicação na implementação das ações educativas
		O pior	O sentimento de alguma solidão. Trabalhou sozinha durante cinco anos.
		O melhor	O resultado do seu trabalho. As aprendizagens que construiu, as pessoas que conheceu
		Casamento	Casou com o presidente da Assembleia Municipal de C.M. em 1985, tinha 28 anos.
		Marido	Deu-lhe sempre muito apoio enquanto esteve na educação de adultos
		Equipa concelhia	Em 1988 a coordenação concelhia passou a integrar mais duas professoras de terreno. A equipa agora era constituída por três professoras destacadas.
1989/1990 (32 anos)		Valorização académica	Receando pelo seu futuro decidiu continuar a estudar. Foi fazer o 12º ano.
1990/91 (33 anos)		CESE	Matriculou-se no Instituto Superior de Educação e do Trabalho, no Curso de Estudos Superiores Especializados em Gestão e Administração

			Escolar
1991/92 (34anos)		Mudança de políticas	As novas políticas educativas desvalorizaram o papel da E.A. O PIDR, Ne/Alg já terminara. Houve um desinvestimento na E.A.
		Equipa concelhia	A equipa da coordenação desfez-se. As professoras de terreno cessaram o seu destacamento. A coordenação ficou reduzida à coordenadora.
		O PIDR foi uma experiência fascinante	Foi uma experiência pessoal e profissional muito bem conseguida. Foi uma fase de aventuras e descobertas. A sua melhor experiência profissional. Sentiu-se muito feliz nesta fase da sua vida.
		Pos PIDR	Foi um período de menor atividade. Deu continuidade a algumas ações coordenadas a partir da direção regional de educação
1995/96 (38 anos)		DESE	Concluiu os Complementos de Formação em Estudos Superiores Especializados (CESE) em Administração e Gestão Escolar. Abria-se uma nova janela de oportunidades, se tivesse de retornar à Escola
		Abandono de funções de coordenadora concelhia	Treze anos depois de ter iniciado funções como coordenadora concelhia de Castro Marim, concorreu à coordenação concelhia de Vila Real de Stº António em substituição da anterior coordenadora eleita deputada para a A.R.
1996/97 (39 anos)		Coordenadora concelhia V. Real de Stº António	Assume as funções de coordenadora concelhia de E.A. funcionando em articulação com o Departamento de Educação e Cultura da Câmara. Esteve neste cargo durante dez anos.
		Novas funções	O desempenho das novas funções obrigava a um trabalho de proximidade e identificação com as políticas sociais e educativas da autarquia.
		Confiança do presidente	Tinha a total confiança do presidente da Câmara Municipal. Eram camaradas de partido.
		Experiência gratificante	Foi um tempo profissional muito bom. Envolveu-se em vários projectos. Sente que fez um bom trabalho

		Melhores recordações	O seu envolvimento na dinamização do Centro Cultural António Aleixo e na criação da Universidade dos Tempos Livres.
		O pior	A baixa política. As mudanças de orientação. Em dez anos esteve sob as orientações de presidentes de três partidos diferentes, CDU, PS e PSD.
1999/2000 (42 anos)		Convite honroso	Foi convidada para Vogal da Direção da Stª Casa da Misericórdia. Sentiu-se muito honrada pelo prestígio de pertencer à direção da Stª Casa.
2001/2002 (44 anos)		Valorização profissional	Inscreveu-se no Mestrado de Educação de Adultos da Universidade de Sevilha.
		Motivação	Previa-se a extinção das coordenações concelhias e a Marília queria continuar na área.
2003 (46 anos)		Desgosto	Faleceu a sua orientadora de Dissertação de Mestrado. Ficou muito abalada porque era uma professora que muito admirava desde os tempos do Magistério.
		Apoio do diretor do Curso	Sentiu-se perdida. Pensou desistir do Mestrado. Teve o apoio do diretor do curso que tomou o lugar de orientador
2005 (48 anos)		Defesa da Dissertação	Concluiu o Mestrado. Ficou muito feliz. Tinha maiores oportunidades de “fugir” à sala de aula do ensino primário.
		Candidata	Foi candidata pelo PS à Assembleia Municipal, nas eleições autárquicas. Apoiou o Eng. Murta. Foi um processo muito turbulento que a deixou muito magoada. Ficou muito traumatizada.
2005/06 49 anos		Abandono da rede pública de educação de adultos	Vinte e três anos depois deixou a rede pública de educação de adultos por força de políticas educativas que conduziram ao encerramento das coordenações concelhias.
2006/07 (50 anos)	Retorno ao 1º Ciclo do Ensino Básico	Escola Primária de V. Real	Foi obrigada a cessar o destacamento. Voltou à Escola Primária de Vila Real, integrada no Agrupamento de Escolas de Vila Real de Stº António.
		Receio	Ficou receosa de ter de voltar a ser professora de turma do 1º ciclo
		Funções	A Direcção Executiva do Agrupamento atribuiu-lhe várias funções: coordenadora técnica dos

			<p> cursos EFAs; elemento de ligação da Escola à Comunidade através do Gabinete de Apoio à Família; responsável pelos cursos de alfabetização.</p>
		Experiência	<p>Viveu esta experiência com muito prazer. Foi um período de grande satisfação pessoal.</p>
		O melhor	<p>O trabalho no Gabinete é uma continuidade da educação de adultos.</p>
2007 (51 anos)		Stª Casa da Misericórdia	<p>É eleita vice-provedora da Stª Casa da Misericórdia de Vila Real de Stº António. Faz a supervisão dos infantários.</p>
		Realização pessoal e profissional	<p>Vive um período muito bom da sua vida. São-lhe reconhecidas as suas capacidades. Faz o que gosta</p>
		Desilusão política	<p>Abandonou por completo a actividade política. Durante mais de vinte anos como militante socialista, sofreu desilusões que a fizeram abdicar por completo de qualquer tipo de participação política. Desvinculou-se do partido.</p>
2010/2011 (54 anos)		Satisfação Profissional	<p>Está muito satisfeita com as atuais funções que desempenha desde 2007</p>
		Receio do futuro	<p>Não sabe até quando conseguirá manter-se nestas funções. Não gostava de voltar à sala de aula, tem 3 anos de experiência e não gosta.</p>
Expetativas		<p>Depois de uma vida ligada à educação de adultos não gostaria de acabar a carreira numa sala de aula. Volta se for obrigada a isso. Não pensa na reforma. O projeto de futuro é escrever um livro sobre as suas memórias.</p>	

**ANEXO 7. GUIÃO DE ENTREVISTA: DUAS PROFESSORAS DESTACADAS NA
COORDENAÇÃO DISTRITAL DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS**

Entrevista 16 e 17 – Técnicas da Coordenação Distrital

Objetivo Geral: Conhecer a sua perspetiva sobre a acção da educação de adultos no âmbito do PIDR, Ne/Alg.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DAS PERGUNTAS
Reconhecimento	Legitimar a entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Objetivos do Estudo • Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados; • Solicitar autorização para gravação digital; Agradecimento.
Ingresso na Educação de Adultos	Perceber como foi o ingresso na educação de adultos	Como é que surgiu o convite? Sentiu-se preparado para esse desafio?
Criação da coordenação distrital	Conhecer o processo de criação da coordenação distrital	Como é que se deu o processo de criação da coordenação distrital?
Criação das coordenações concelhias	Conhecer o processo de criação das coordenações concelhias	Como é que se deu o processo de criação das coordenações concelhias?
Experiência de Alfabetização	Perceber experiência em educação de adulto	Que experiência tinha em educação de adultos? Já tinha participado nalguma experiência como alfabetizadora?
Funções	Conhecer as funções na coordenação	Que funções desempenhava na coordenação?
Formação para alfabetizar	Identificar as competências para ser formadora	Que preparação tinha para ser formadora? Onde adquiriu a formação?
Ser formadora	Conhecer o significado de ser formadora	Como se sentia como formadora Que significado tinha? Sentia dificuldades para a função?
Alfabetização	Conhecer o significado da alfabetização na vida das pessoas	Qual a importância da alfabetização para as populações? Como reagem as pessoas? Qual o nível de satisfação?
Conteúdos	Conhecer os principais conteúdos transmitidos	Quais os principais conteúdos que davam na formação?
Método de Paulo Freire	Perceber como era abordado o “método”	Como era abordado o “método”. Que conhecimentos tinham sobre o “método” Como era ensinado a marcha de lição?
Melhores momentos	Identificar os melhores momentos da ação	Quais são as melhores memórias? Quais os melhores momentos?

A Formação contínua	Identificar a importância das ações pontuais e Formação	A que formações teve acesso? Qual a sua importância?
Extinção das coordenações	Conhecer a opinião sobre a fragmentação a E.A.	O que pensa sobre o fim das coordenações distritais e concelhias?
Percurso profissional	Conhecer o percurso após a saída da Coordenação distrital	Quando saiu da coordenação distrital que funções foi desempenhar e onde?

ANEXO 8. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS 17 E 18

Entrevista semidiretiva realizada a 2 de Abril de 2013- Olhão 15 h Café Doce

joca- Obrigado Juvenália. Vamos falar um pouco da tua vida dedicada à educação de adultos?

R- É verdade, foram vinte anos na educação de adultos, já tinha trabalhado dez anos como professora do ensino primário. Só trabalhei dez anos na primária, o resto foi passado na educação de adultos, passei por tudo, desde a alfabetização, depois estive na coordenação e quando deixei estava no IEFP, na equipa de coordenação dos cursos EFA e com o rvcc (...), depois reformei-me. Foi uma vida boa, foram mais os anos sem dar aulas que já mal me lembro dos tempos da escola primária (...)

joca- Quando é que concluíste o curso do Magistério?

J- Fui para o Magistério, em Faro no ano letivo de 1961/62, acabei o curso em 1962/63. Estive dez anos no Alentejo, mas estive uns anos sem trabalhar. Trabalhei dez anos no Alentejo e no ano de 1980/81 fui colocada na Ilha da Culatra. Mas não queria ir para a Culatra, surgiu esta oportunidade ficar em Olhão a fazer Alfabetização (...)

joca- Então como é que se dá o ingresso na educação de adultos?

J- Eu estava destinada a ir para Ilha da Culatra, fui lá colocada mas não queria ir, sabes que a malta da ilha da Culatra é terrível e eu no Alentejo tive algumas experiências não muito boas (...) O prof. Raposo do Alentejo, era coordenador distrital de Beja da Educação de adultos, veio ao Algarve e não sei como, já não me lembro, nem sei como é que me conhecia, veio falar comigo. Ele sabia que havia cá professores que queriam trabalhar noutra área, ele já era coordenador em Beja (...). Na altura não havia educação de adultos no Algarve e ele começou por ser coordenador do Alentejo e Algarve. Em Beja, acho que já tinham começado em 1979 com a educação de adultos e, depois, ele veio cá para tentar implementar no Algarve alguns cursos de alfabetização (...) Isto foi em 1980 (...) Não sei como é que ele veio ter comigo, só se foi por eu ter estado no Alentejo, não sei se terá ouvido falar de mim, já não me lembro, só sei que ele chegou até mim (...) Então foi o prof. Raposo que me disse como é que eu poderia entrar na educação de adultos. Para fazer alguma coisa na alfabetização, teria de dirigir-me à Câmara, porque na altura as Câmaras tinham muita gente, muitos funcionários que não tinham 4ª classe, muita

gente analfabeta (...) No primeiro ano que dei alfabetização tinha um grupo de 32 homens, era muita gente, não é fácil trabalhar assim, havia alguns completamente analfabetos, outros que sabiam mais qualquer coisa, foi difícil porque foia minha primeira experiência de alfabetização de adultos. Já tinha ensinado a ler a crianças e não eram tantos, adultos é muito mais complicado (...) Isto foi em Olhão, eu trabalhei em alfabetização sempre em Olhão, foram dois anos (...)

Joca- Trocaste a Culatra pela alfabetização de adultos

J- Pois, foi assim, quando o Raposo falou comigo e me aconselhou a ir à Câmara, foi isso que fiz. Dirigi-me à Câmara e fui falar com o presidente, que era o João Bonança, tinha sido eleito naquele ano de 1980. O presidente gostou da ideia, também era do interesse dele, vivíamos novos tempos, ele era um presidente aberto a novas ideias, uma pessoa muito interessada e queria fazer um bom trabalho. E fez, estive na Câmara até 1993. Era um presidente socialista, as pessoas gostavam muito dele (...) Foi assim, naqueles dois anos fiquei ligada à Câmara. Durante a noite dava o curso de alfabetização e durante o dia construía materiais (...) Isto num espaço da Câmara, deram-me um gabinete e era lá que eu estava de dia, a preparar as aulas e, às vezes, também recebia pessoas que vinham falar comigo por causa da alfabetização (...) Eu não comecei com trinta e duas pessoas, comecei com muito menos, comecei com dez/onze e depois foram aparecendo mais. Foram aparecendo mais porque ele, ele presidente da Câmara foi divulgando, foi falando com os funcionários da Câmara para virem aprender comigo, para virem para a alfabetização. Foi nessa altura, eu não só fazia alfabetização como fazia acompanhada pelo Pontes, que foi o primeiro bolseiro no Algarve (...)

Joca - Foste tu que o recrutaste?

J- Sim, fui eu (...)

Joca - Também era professor primário?

J- Não (risos) eu conhecia-o porque ele era funcionário da Forpescas, eu conhecia-o porque o meu marido era o diretor da Forpescas e ele era um homem muito dedicado a causas sociais, da igreja, tinha muito jeito para lidar com as pessoas (...)

Joca - Foi como voluntário?

J- Não, ele foi ganhar uma bolsa de 3 mil escudos (...) mas, não foi por causa da bolsa, ele gostava destas coisas, causas sociais, ajudar as pessoas a ler e escrever. Era um trabalho muito importante e via-se que el gostava muito do que estava a fazer (...) Era uma boa ajuda para mim, porque eu sozinha não conseguia dar conta de

tanta gente (...) Ele trabalho comigo durante aqueles dois anos (...) Entretanto foi o prof. Raposo que fez esforços no sentido de ser criada em Faro uma coordenação distrital de educação de adultos (...) Ele estava em Beja e inicialmente era o responsável pela educação de adultos no Alentejo e Algarve. Quando foi criada a coordenação distrital de faro, ele ficou só com Beja (...) Foi ele que fez esforços no sentido de haver educação e adultos no algarve (...) Também não sei como aparece o prof. Farias, que foi o primeiro coordenador distrital de faro, não sei de onde é que se conheciam, como é que o Raposo veio ter com o Farias, que na altura era professor primário em S. Luís, tal como o Zambujal (...) A princípio não havia coordenação. Quando eu comecei, foi o prof. Raposo que me deu formação. Quando entrei para a Câmara para fazer alfabetização, logo nesse ano, fui fazer formação a Beja (...) A coordenação de Faro deve ter sido criada por volta de 1983, já não me lembro bem (...) Antes de ser criada a coordenação distrital, eu estava em Olhão e o prof. Raposo convidou-me para ser coordenadora distrital, eu é que não aceitei, não quis. Depois, aparece o prof. Farias como coordenador e então ele foi convidar-me para equipa da distrital. Deixei a câmara de Olhão e deixei de fazer alfabetização, (...) Era coordenadora concelhia de Olhão ligada a Beja (...) Nesse ano da criação a distrital de faro, fui para Faro e indiquei uma colega para ser coordenadora concelhia de olhão agora já ligada a faro. Essa colega continuou o trabalho de alfabetização em Olhão, em ligação com a Câmara. Ficou naquele espaço que me tinham dado, era a coordenação concelhia de Olhão. O Pontes também continuou como bolseiro, ainda ficou alguns anos (...)

Joca- Começaste a fazer alfabetização, mas não tinhas formação nenhuma em educação de adultos?

J- Não, não tinha, era professora, fazia com os adultos mais ou menos como fazia com as crianças, mudava um bocadinho, também por intuição, mas isso foi pouco tempo, porque logo naquele primeiro ano que estava ligada a Beja o prof. Raposo chamou-me para fazer formação. A princípio ia fazer formação a Beja, foi lá que aprendi o método de Paulo Freire (...) Depois também passei o método ao Pontes. Foi em Beja que tive o primeiro contacto com Paulo Freire, nunca tinha ouvido falar de Paulo Freire (...)

Joca - Nesse tempo tinhas o apoio de Beja

J- Exactamente, naqueles dois anos tinha o curso de alfabetização em Olhão, ia ter formação em Beja e de vez em quando recebia a visita do prof. Raposo que vinha

visitar o curso. Entretanto, foram-se criando outros cursos em Olhão. No segundo ano já tínhamos mais um curso (...) depois foram criados mais cursos, em Olhão, mas isso já foi no tempo do prof. Farias na coordenação distrital e também a colega que me substitui na concelhia de Olhão, para além de fazer alfabetização também tinha por missão criar mais cursos e foi o que aconteceu em Olhão e também no resto do Algarve (...) A partir de 1982, depois de criada a Distrital criaram-se por todo o Algarve as coordenações concelhias, umas logo, outras depois (...) Mas a primeira coordenação concelhia de educação de adultos foi Olhão, com o apoio do João Bonança, o presidente da Câmara que bastante me ajudou (...) Era um homem muito sensibilizado para estas temáticas

Joca- Portanto, a Coordenação Distrital foi criada em 1982 e só existia a coordenação concelhia de Olhão

J- Sim, só depois é que surgiram as outras concelhias (...) Eu lembro-me que ainda fui algumas vezes a Lisboa com o prof. Raposo ainda antes de haver a coordenação distrital (...) Depois é que se formou a equipa distrital. Eu fui a primeira, no tempo do prof. Farias e já lá estava também o prof. Zambujal. Depois entraram a Manuela, o Rui, a Vitória. (...)

Joca- E o Florival entrou nesse ano como coordenador concelhio de Faro?

J- Ah! Agora por falares no Florival, já não me lembrava. O Florival já fazia alfabetização antes de existir a coordenação distrital. Ele começou quando eu comecei, acho que mais ou menos ao mesmo tempo. Quando eu estava em Olhão, o Florival estava em Faro. Ele já estava no terreno, ainda não havia coordenação concelhia de Faro, mas ele estava já a dar alfabetização, não tinha sede, era só ele (...) já não me lembro bem, mas acho que depois, o Florival ficou um tanto ou quanto chocado por não ter sido convidado para a equipa da distrital, ele que já fazia alfabetização no terreno. O Florival também foi daqueles que mais tempo trabalhou na educação de adultos, começou quando eu comecei e saiu também mais ou menos na mesma altura que eu saí, para se reformar, sempre como coordenador concelhio de Faro (...)

Joca- Da equipa que entrou para a Distrital, só tu tinhas alguma formação em educação de adultos e experiência de alfabetização com adultos

J- Pois é. Mais ninguém tinha, a Vitória vinha da escola primária do B. João, nunca trabalhou com adultos. Depois foi coordenadora distrital durante muitos anos, mas nunca deu alfabetização (...) Eu não sei bem como é que a Vitória aparece na

coordenação distrital, não sei se foi por ela pertencer aquele movimento da escola moderna, se foi por alguma razão política., ela era nessa altura já militante do PS, não sei (...)

Joca- É engraçado porque no Algarve, tu estiveste no início e na fase final do que foi a educação de adultos

J- É verdade, parte da minha vida foi vivida na educação de adultos e não me arrependo nada, gostei muito do que fiz e do que aprendi (...) Daquela equipa que começou com a educação de adultos no Algarve, estive no princípio, fui a primeira a começar e a última a acabar. Depois acabou a coordenação distrital, acabaram as concelhias, a maioria dos colegas foram saindo e eu fui ficando. Na parte final fui para a ANEFA, onde fiz parte da equipa de coordenação dos cursos EFA e do RVCC (...)

Joca- Quando estava à procura do teu contacto, dei com uma notícia em que tu foste agraciada pela Márcia Trigo, certo?

J- (Risos) É verdade. Isso foi no ano de 2002. Saiu no diário da república. Foi toda a equipa do Algarve homenageada. Eu era a coordenadora de equipa e também fazia parte a Ofélia de Portimão, o Mesquita de Lagos e mais três ou quatro professores que tinham sido coordenadores concelhios no tempo da distrital e depois passaram a chamar-se Organizadores Locais de educação e formação de adultos. Esta homenagem foi prestada pela Márcia Trigo que era presidente da comissão instaladora da ANEFA e quando terminou funções, pois a ANEFA passou a ser Direção Geral de Formação Vocacional entendeu prestar homenagem pública à equipa do Algarve. Foi um dos momentos mais gratificantes da minha vida profissional

Joca- Estavas a viver um bom momento em termos profissionais, com o reconhecimento do teu trabalho, porque saíste?

J- Para me reformar, já tinha 33 anos de serviço e tinha 62 anos de idade, porque eu não trabalhei sempre, quando acabei o curso, depois estive uns anos em casa. Quando os meus filhos nasceram eu pedi licença sem vencimento e fiquei uns anos em casa (...)

Joca- Desculpa perguntar, mas só para acertar as minhas contas, em que ano nasceste?

J- Nasci em 1941, acabei o curso em 1963, comecei a fazer educação de adultos em 1980, dois anos depois fui para a coordenação distrital. Reformei-me em 2003.

Joca- Queres falar um pouco mais sobre a tua experiência em educação de adultos?

J- Eu passei praticamente por quase tudo. Comecei por dar alfabetização, depois estive na coordenação como formadora na área da alfabetização, fazia o acompanhamento sistemático aos cursos, sub- coordenadora distrital, pois era eu que substituía a Vitória na coordenação distrital quando ela não estava, ainda fiz os trabalhos preparatórios para lançamento do projeto integrado da ria formosa, ia ser a coordenadora, mas depois o projeto não avançou, os financiamentos não vieram, apolítica mudou e pronto, Não cheguei a desenvolver essa experiência. Mais tarde estive na ANEFA, trabalhei com o Alberto de Melo no Instituto de Emprego e Formação Profissional (...)

Joca- Uma grande diferença entre o início da educação de adultos no Algarve e essa fase final?

J- Claro, não tinha quase nada a haver uma realidade e outra. As políticas eram muito diferentes, os objetivos e as práticas eram muito diferentes. Foram realidades que não têm comparação (...) Para ser sincera gostei mais do princípio, da alfabetização, de fazer formação aos colegas que estavam no terreno. Mas também gostei muito de fazer alfabetização naqueles primeiros anos em que estive em Olhão, por causa das pessoas que eram muito interessadas, que se via que queriam aprender. A princípio era assim, depois mais tarde vi, mesmo aqui em Olhão, que algumas pessoas iam porque tinham que ir, ou porque as obrigavam ou por causa do rendimento mínimo (...). Uma vez, aqui em Olhão, quando era a Berta a coordenadora concelhia, havia uma certa pressão para aqueles que estavam desempregados para irem para a alfabetização, mais não sei quê, já havia um certo desinteresse, havia sempre baldas, alguns indivíduos que faltavam muito, que não tinham muito interesse (...) Enquanto, aqueles indivíduos com quem eu trabalhei naquela altura, era tudo gente muito interessada, pessoas que tinham mesmo necessidade de aprender a ler e ter um 4ºano de escolaridade. Aí gostei muito, trabalhar assim dá muito mais motivação. Esse foi o meu primeiro grande desafio na educação de adultos (...)

Joca- Mas também tiveste um papel importante na coordenação, eras tu que fazias formação a todos os colegas que entravam de novo na educação de adultos e também fazias a formação dos professores do terreno

J- Essa era uma das minhas principais funções na coordenação. Eu e a Vitória éramos as responsáveis pela formação na área da alfabetização. Todos os anos, nós organizávamos aqueles seminários de fim-de-semana, umas vezes era em Aljezur,

outras vezes nas Açoteias, sobre alfabetização e educação de adultos. Era aí que explicávamos o método de Paulo freire. Eu gostava muito de fazer isso, tinha aprendido em Beja com o prof. Raposo e depois também tinha que estudar, preparar melhor para falar de Paulo freire e de todos os outros conhecimentos inerentes a ele, né?. Também havia uma outra filosofia de educação de adultos que era muito importante, não era só método (...) Acho que essa experiência como formadora também foi muito importante. E, depois, mais tarde, sem ser propriamente a alfabetização tinha outras áreas, como a Manuela falou, havia a animação da leitura (...) Eu também participava na formação da animação da leitura. Naqueles seminários que fazíamos a animação da leitura fazia parte daquele processo todo da alfabetização. Por isso é que a equipa formadora era constituída por mim pela Vitória e pela Manuela (...)

Joca- Para serem formadoras, recebiam formação regularmente?

J- Sim, íamos muitas vezes a Lisboa. Sempre houve muita formação principalmente naqueles primeiros tempos da educação de adultos. Houve muita formação organizada pelos serviços centrais. Não era só alfabetização mas também todas as áreas adjacentes como a animação da leitura, bibliotecas (...). Era tudo organizado por Lisboa. (...). Nos seminários a Manuela dava a animação da leitura e eu dava a revista da imprensa. Havia muitas técnicas ligadas à animação da leitura que a Manuela dava, que já não me recordo e eu sei que dava a revista da imprensa. A primeira vez que dei essa área foi quando houve aquele acidente de Chernobyl. Lembro-me que naquela altura as pessoas estavam muito interessadas em perceber bem o que se tinha passado, com aquela técnica, a gente fazia uma recolha das notícias dos vários jornais e depois fazíamos a interpretação e uma reflexão com elas (...) Essa parte era muito gira também (...) Esta formação era muito importante porque as coordenadoras concelhias e as professoras de terreno recebiam formação para depois poderem desmultiplicar junto das bolseiras. As nossas colegas quando entravam na educação de adultos não sabiam nada (...)

Joca- Como fazias acompanhamento sistemático, ias aos cursos. Achas que as bolseiras, na prática, utilizavam o método Paulo freire?

J- Isto é como tudo, havia bolseiras muito boas e outras nem tanto. Havia uma parte que aplicava o método, mas, se calhar uma grande parte não adotava, se calhar não (...) Estas idas aos cursos, o acompanhamento sistemático que fazíamos era muito importante, era porque conversávamos com as pessoas, percebíamos os problemas

delas, as dificuldades, víamos os cadernos, os materiais. Por isso, eu digo que algumas delas utilizavam, outras não (...)

Joca- Tu e a Vitória eram formadoras para a alfabetização, faziam acompanhamento sistemático, porque receberam formação em Lisboa, mas só tu é que tinhas experiência prática do que é fazer alfabetização de adultos

J- Pois, a Vitória e a Manuela nunca tinham feito alfabetização com adultos, só eu sabia as dificuldades que havia em ensinar adultos a ler (...) tu sabes que eu, numa certa altura, participei numa formação em Lisboa sobre Construção de Materiais que tinha como objetivo ser um Livro, uma referência para formadores e formandos. E eu participei naquela Construção de materiais (...) Acho que era uma coisa que podia resultar porque quando íamos a qualquer curso, os bolsiros queixavam-se da falta de materiais, de um Livro, estavam habituadas a estudar por um Livro e sempre lhes fez muita confusão não haver um livro para ajudar na alfabetização. Nós bem lhes explicávamos por quê e por isso é que as coordenadoras concelhias preparavam os materiais para lhes entregar, mas elas queriam era ter um Livro. Aprendi imensas coisas nessa formação sobre Construção de Materiais e se o objetivo era criar um Livro para ser utilizado nos cursos, não sei, porque, os serviços centrais acabaram por não editar livro nenhum (...) Sabes, quando eu fiz os Complementos de Formação em Supervisão na Escola Superior de Educação, um dos trabalhos que eu desenvolvi foi sobre esses Manuais em que tinha trabalhado, essa disciplina que era lecionada pelo Zé Alberto e sabes porquê? Porque eu fui, eu, nessa altura, participei na Construção e também os apliquei (...) Eu trouxe essa experiência e passei a alguns colegas que os aplicaram, esses materiais constavam de uma espécie de Manual (...) Nesse trabalho para o Zé Alberto eu fiz a descrição do modo como foram construídos e depois como forma aplicados esses materiais. Fui recuperar para um trabalho escrito o que tinha feito quando estava na coordenação distrital (...) (risos) De maneira que o Zé Alberto deu-me 19 valores (...) Eu trouxe esses Materiais de Lisboa e passei-os a alguns coordenadores concelhios que depois os fizeram aplicar nalguns cursos e fiz a supervisão desses cursos para ver se aquela estratégia funcionava (...) Já foi há muito tempo, já não me lembro os efeitos que produziu, mas tenho ideia de que as pessoas gostaram (...) Sabes que esse Curso de Complementos de Formação em Supervisão foi importante para mim e também me ajudou muito quando estava na ANEFA a fazer a coordenação dos cursos EFA (...)

Joca- Gostaste dessa experiência?

J- Gostei, gostei, mas gostei menos do que quando estava na coordenação distrital. Aí gostei mais, era diferente, os cursos de alfabetização, as reuniões com os nossos colegas do terreno, as formações a que nós íamos, era tudo muito diferente, era outra educação de adultos (...) Esta era uma educação de adultos com outra orientação política, mais voltada para outros públicos, mais preocupada com as qualificações profissionais (...) Senti muito a diferença, senti (...)

Joca- Há pouco falávamos na Formação, achas que era importante?

J- Era muito importante, porque éramos quase todos professores primários e a educação de adultos é outra coisa., toca em muitas áreas. Era importante ter formação, ter conhecimentos para podermos desenvolver o nosso trabalho. Por isso é que a coordenação distrital também era importante, porque organizávamos muitos encontros, muitas reuniões, seminários. Não era só os Serviços Centrais, nós também fazíamos muita coisa. Lembro-me que naqueles primeiros anos havia muita formação, mas também porque havia dinheiro (risos), havia muito dinheiro. Não era só projeto do nordeste algarvio que tinha dinheiro, quando se queria organizar alguma atividade, bastava fazer o orçamento para Lisboa que o dinheiro aparecia, também é verdade que havia muitos cursos (...) Eles sabiam que nós no Algarve trabalhávamos bem (...) E as autarquias também ajudavam muito (...)

Joca - Há pouco falaste na importância dos Complementos de Formação, queres falar um pouco sobre isso?

J- Gostei muito, ainda pensei bastante se valeria a pena (...) Valeu, foi uma fase com muito significado para mim (...) Achei que tinha sido ótimo, aprendi muito, gostei muito dos formadores, especialmente, o Zé Alberto, foi espetacular, e achei que ajudou-me bastante para entender muitas coisas. Mesmo sendo sobre supervisão aprendi muita coisa, mesmo ligado à educação de adultos e serviu para o resto do tempo em que trabalhei no IEFP (...) E não fiz Mestrado porque achei que já era velha (risos)

Joca- Isso não aceito, eu tenho 58 anos e estou a fazer este doutoramento

J- Essa idade tinha eu quando fiz os Complementos de Formação (...)

Joca- Fazendo uma retrospectiva da tua vida profissional, o que mudavas?

J- Se calhar não mudava nada, fazia o que fiz, gostei muito do meu percurso profissional, acho que voltava outra vez à educação de adultos, mas agora é um sistema que está posto de lado (...) E mesmo na ANEFA havia coisas importantes. Também gostei de fazer o acompanhamento dos cursos RVCC que também era da

nossa responsabilidade, parece que agora acabaram ou estão numa fase de reformulação, não sei (...) Agora também já não acompanho isso (...) Mas nessa altura. Isso para mim foi muito importante, quando eu fui para a ANEFA, eu fui trabalhar para o Instituto de Emprego. A minha sede era no Instituto de Emprego, fui destacada da direcção regional para o IEFP, ainda estive lá cinco anos, antes de me reformar. Saí da direcção regional e fui para o IEFP para coordenar os cursos EFA e os Cursos RVCC. Foi nesta altura que eu fui agraciada pela Márcia Trigo (risos) (...) Nessa altura trabalhava bastante, tínhamos as reuniões na sede, no IEFP. Frente ao Mercado, fazia acompanhamento dos cursos do IEFP e dos outros cursos no concelho, não só os EFAs, os cursos S@ber +, os RVCCs (...) Naquela altura aqueles cursos eram só para dar equivalência ao 9º ano, depois mais tarde, eu já não estava, é que passaram a haver cursos que davam equivalência ao 12º ano. Eu a nível de 12º ano já não assisti (...). O que eu acho mal é que era qualificação, qualificação, perdeu-se avocação da educação de adultos que também era alfabetização e as atividades mais viradas para as populações mais pobres. Mas, também é verdade que as taxas de analfabetismo foram diminuindo e por isso é que os cursos de alfabetização começaram a ter menor procura. A procura passou a ser mais ao nível do 6º ano e do 9º ano (...)

Joca- Mas ainda há públicos para fazer alfabetização...

J- Sim, há... as minorias imigrantes, muitos querem aprender a ler e escrever. Mas é uma questão política (...) Eu, propriamente não trabalhei no terreno, mas a Berta, coordenadora concelhia de Olhão, tinha alguns cursos de português para estrangeiros, eram romenos, ucranianos, jugoslavos, e esse trabalho também era muito importante que fosse feito.

Joca- O que pensas sobre terem acabado as coordenações concelhias?

J- Eu acho mal, era muito importante o trabalho de proximidade que se fazia junto das pessoas, na organização de cursos. Já não há ninguém a fazer esse trabalho, era a alfabetização, a animação sociocultural, acabou tudo (...) As nossas colegas voltaram todas para as escolas. Mesmo na direcção regional parece que já não há nenhum acompanhamento nessas áreas (...)

Joca- Ao longo da tua vida profissional tiveste também uma vida político partidária

J- Não só eu, há mais colegas que tiveram, eu, a Jovita, a Marília, a Rosa, a Rosário, a Célia e todas ligadas ao PS, militantes. Eu acho que foi também por causa do apoio das autarquias à educação de adultos. Havia uma ligação muito forte das

coordenadoras concelhias e professoras do terreno às autarquias, os presidentes de Câmara apoiavam muito os cursos de adultos e compreende-se porquê. Naquela altura, a maioria das Câmaras eram PS, agora é que não. E no princípio quem mexia os cordelinhos para o funcionamento dos cursos eram as Câmaras. Eles eram fundamentais e era nessa relação com os presidentes que a pessoa depois se sentia envolvida. E tu recordas-te que no tempo da Etelvina, quando era coordenadora de Tavira, andava sempre com o vereador da cultura atrás. Muitas das atividades que ela organizava, convidava sempre o vereador da cultura que lhe deu muito apoio. E a maioria das nossas colegas também, ligavam-se muito ao setor da cultura, ficavam muito ligadas às Câmaras. Eles cediam um espaço para a sede da coordenação, davam material, faziam o apoio logístico, apoiavam financeiramente muitas atividades, pagavam algumas bolsas, por exemplo, o Ministério pagava umas bolsas e eles pagavam outras. Daí sempre a ligação. Muitas eleições foram ganhas à conta da educação de adultos, toda a gente que andava no meio, sabia disso. (...) Talvez tenho sido por isso que eu também entrei na política, logo quando comecei a fazer alfabetização no tempo do João Bonança. Também eu fui presidente da Assembleia Municipal, e fui secretária, pertenci à Mesa da Assembleia durante largos anos. E também pertenci ao Movimento das Mulheres Socialistas do Algarve (...)

Joca- Eras uma educadora de adultos política ou uma política que fazia educação de adultos?

J- (Risos) As duas coisas. Está tudo ligado, as questões da alfabetização do desenvolvimento tem que ver com a educação de adultos e também com um certo espírito socialista de contribuir para melhoria da qualidade de vida das pessoas. Até, muitas vezes os próprios presidentes e os vereadores da cultura gostavam de visitar cursos, acompanhavam os coordenadores concelhios, era uma forma de fazer política e ganhar votos.

Joca- Ainda voltando ao teu papel de formadora em alfabetização. Quando iniciavas as pessoas no Método de Paulo Freire, como é que as pessoas reagiam?

J- Acho que não, eram professores e tinham facilidade em apreender as fases do método. Depois havia o método das 28 palavras e alguns professores já conheciam esse método. É um método global que é muito semelhante ao método de paulo freire. Acho que sim, a maioria entendia bem o método, a minha ideia era que quando passava a mensagem eles teriam entendido. Fazíamos essa formação logo nas primeiras semanas do ano letivo porque havia sempre gente nova a entrar e tinham

de perceber as diferentes fases, também era só isso que fazíamos, uma espécie de marcha de lição. Não fomos além disso (...) O importante era saber alfabetizar utilizando o método (...)

Joca- Há professoras com quem falei que disseram que depois de passarem pela educação de adultos ficaram melhores professoras...

J- Dizem quase todas, a educação de adultos foi uma escola onde se aprendeu muito, quase todos dizem que ficaram melhores profissionais (...) É verdade (...) Colegas com quem falava diziam que aplicavam na escola primária muitos dos conhecimentos que tinham aprendido na educação de adultos (...)

Joca- Ficaste com saudades do 1º ciclo

J- Huumm!! De certa forma sim, sabes que a minha experiência no alentejo foi muito dura, já estava farta e isso, às vezes, deixa marcas (...) Mas eu também dizia isso que todas as colegas dizem, se eu voltar para o ensino primário, e houve um tempo em que pensava mesmo que ia voltar porque falavam que iam acabar os destacamentos e toda a gente tinha de voltar, eu dizia se voltar para o ensino primário, vou ser melhor professora do que fui (...) Eu também dizia isso, foram muitas experiências, muitos conhecimentos que aprendi ao longo daqueles anos (...)

Joca- Há pouco falavas no acompanhamento sistemático aos cursos de alfabetização. Visitavas muitos cursos. Qual a tua perceção sobre o funcionamento da educação de adultos no Algarve?

J- De um modo geral funcionava bem, mas como é claro havia uns que tinham mais cursos e funcionavam melhor. Lembro-me de Portimão, a Ofélia que ficou durante muitos anos como coordenadora concelhia e que fazia um bom trabalho, mas houve outros coordenadores e professores do terreno (...) Já não há ninguém, voltaram todos para a Escola (...)

Joca- Tu. A Ofélia, a Marília, o Pacheco, mantiveram-se fiéis à educação de adultos, ficaram até ao fim, mas a maioria foi embora, qual a tua opinião?

J- Houve muita gente que foi embora porque a educação de adultos mudou muito, mas tu sabes que, nos tempos da coordenação distrital quem coordenava era a Vitória, depois do prof. Farias sair quem começou a coordenar foi a Vitória e houve vários casos, como a Margarida de Albufeira que era das mais fracas do Distrito, que não se renovava os destacamentos. Havia muitas professoras, mais eram do terreno, que no fim de algum tempo a Vitória deixava de contar com elas e não renovava o destacamento, olha que foram muitas. Não havia confiança na concelhia não se

renovava (...). Houve gente que saiu forçada, pelo trabalho que faziam não havia condições para continuarem. Mas também houve muita gente que saiu voluntariamente, as condições de trabalho eram diferentes, e a educação de adultos mudou, mudou muito (...) Depois, alguns colegas também não quiseram continuar quando acabou a distrital e passaram a despende da direção regional (...).

Joca- Gostava de voltar mais uma vez à alfabetização e a Paulo Freire. O que sabias de Paulo Freire, antes da educação de adultos?

J- Nada, não sabia nada, nunca tinha ouvido falar, a primeira vez que ouvi falar de Paulo Freire foi em Beja. Mas o que trabalhávamos mais era o método (...) Na coordenação havia um livro ou dois de paulo freire (...)

Joca- Provavelmente um deles seria a Pedagogia do Oprimido. Chegaste a ler algum livro de Paulo Freire?

J- Não, nunca

Joca- Nas formações que faziam, liam partes ou excertos de livros, falavam das suas teorias?

J- Não, como te disse o que nós fazíamos era ensinar o método. Falávamos nas fases, no universo vocabular, palavras geradoras. Fazíamos exercícios com palavras geradoras, organizávamos grupos que depois escolhiam palavras geradoras e exemplificavam como era uma sessão de alfabetização. Era mais isso (...)

Joca- Estás com um ar cansado, vamos acabar. Uma última questão: A reforma, foi difícil a transição?

J- Não, não custou nada, até foi um alívio, já me sentia muito cansada, foram 33 anos de serviço (...) Não me custou nada, as pessoas diziam que ficavam com grandes stresses de deixar o ensino, com grandes problemas, já estava cansada (...) Depois aquelas mudanças todas, da ANEFA, havia pessoas que iam sair, novas mudanças e não sabia o que vinha aí. Já não tinha idade nem paciência para mais mudanças (...) As coisas estavam a tornar-se cada vez mais confusas (...) (risos) Quase que senti um alívio com a reforma (...) SE calhar não é assim muito comum, mas foi um alívio e não senti saudades...) Foi bom ter me reformado, tenho muita coisa para fazer. Faço voluntariado, pertença aos corpos sociais a ACASO. Todos os dias de manhã saio de casa, tenho sempre coisas para fazer. Converso com as minhas amigas, à tarde vou para a ACASO (risos). Deixei cair algumas coisas, deixei a política, já não pertença ao movimento das mulheres socialistas (...)

Joca- Quando é que iniciaste a tua vida política?

J- Foi quando entrei para educação de adultos, foi da minha relação com a Câmara, com o presidente João Bonança, foi esse envolvimento que me fez entrar para política, para militante da concelhia de Olhão do PS (...) O meu marido já era militante do partido socialista, já me tinha tentado convencer n vezes para eu me filiar (...) A oportunidade surgiu com a educação e adultos (...)

J-Obrigado Juvenália, ficamos por aqui.

Transcrição da entrevista semidiretiva realizada com a Manuela Chaves. Dia 22/3/2013, Café Broa de Mel, 16 h.

Combinamos encontro para combinar a data e local da entrevista a realizar sobre a vivência da Manuela nos trabalhos preparatórios do PIDR. A Manuela este 15 anos na Educação de Adultos, tendo ingressado na Coordenação Distrital no ano letivo de 1984, um ano após a criação da Coordenação Distrital de Faro. Teve um papel importante antes do lançamento do PIDR, Ne/Alg. Neste primeiro encontro o objetivo era dizer-lhe o que pretendia com a entrevista. Quando lhe disse que nessa entrevista gostaria ela falasse da sua experiência na E.A., das tarEFAs que realizou no âmbito do PIDR, do seu ingresso na Coordenação, a Manuela começou a relatar como foi o seu ingresso na E.A. Pedi-lhe um compasso de espera e liguei o gravador...

M- Foi muito engraçado, como fui parar à educação de adultos. A Coordenação tinha sido criada naquele ano. Quem lá estava era o Farias, O Zambujal, a Vitória, a Juvenália e o Rui. Os meus sogros conheciam bem o Zambujal, eram vizinhos, ele morava lá na rua e um dia em conversa, falaram que eu estava de atestado médico e ele disse, “ Eh pá! Então ela podia ir lá para a ordenação. O Zambujal disse “Eu vou falar com o Farias” que era o coordenador. O Farias que era todo vaidoso quis-me conhecer, mandou-me chamar. Fui à casa do Farias, o gajo era muito pequenino, eu era maior que ele, chegava-me ao pescoço, diz-me ele, “ Então o que é que a menina quer?” Oh professor Farias eu queria ir para Coordenação” E Ele pergunta-me “ E então, o que é que sabe fazer?” “Eu o que me mandarem fazer, eu faço”. “Então tá bem! Há ali uma área em que faz falta alguém, as Bibliotecas de pequena comunidade, não sei quê, não sei que mais, se calhar fica com as Bibliotecas”. Eu pensei, seja o que for, eu quero é ficar aqui, estava de atestado médico, tinha sido colocada nas Furnazinhas e não queria ir para a serra. E, entretanto, digo eu assim.” Oh professor, qualquer coisa serve”. E depois ele começou com aquelas merdices,” Eu conheço a sua irmã”, assim com um ar muito importante “ Fica com as Bibliotecas”. Foi assim, pediram o meu destacamento, aquilo foi rápido e fui-me apresentar na Coordenação. Entrei no início do ano letivo em 1984. Eu estive lá desde o início daquilo, só que fui a última a entrar. Nesse ano já não fui para a serra. No primeiro dia que cheguei lá, o parvalhão do Rui diz-me assim: “Tu pergunta-me

tudo, tudo o que tu não souberes, eu respondo”, Eu disse: Eh pá! Eu não percebo nada disto (...)

J- Isso foi em que ano?

M- No ano de 1984, a Coordenação tinha sido criada no ano anterior, em 1983. O Zambujal é que era para ser o coordenador, mas não quis e foi o Farias que ficou como Coordenador. Na altura ele era do PS. Portanto estavam lá também a Juvenália, a Vitória e o Rui, depois entrei eu (...)

J- O Farias era quem liderava equipa?

M- O Farias não fazia nada. Tinha a secretária com o telefone fechado a cadeado para gente não telefonar e o jornal na gaveta, mais nada (risos) e então estava lá a Vitória e a Juvenália que eram mais velhas, eram 16 ou 17 anos mais velhas que eu, e elas é que tinham o cargo mais importante que era a alfabetização. A alfabetização foi a primeira atividade a ser desenvolvida, quando começaram com a coordenação já havia cursos de alfabetização (...) Eu era a mais nova, chego lá fresquinha que nem uma alface e o Rui vem logo ter comigo “Tu faz-me as perguntas todas”. Eu disse-lhe “ Olha eu não percebo nada disto, primeiro já ouvi aqui falar de bolseiros e de CEBAs (...) Ah! E a Vica, a Everilde, a Everilde também estava na Coordenação, não estava no primeiro dia que eu entrei, devia ter ido a algum sítio, nesse dia não foi. Ela era do Instituto de Emprego e foi destacada para lá naquele ano (...) Depois, quando o Farias me incumbiu de ficar com as Bibliotecas, eu pensei “ Eu não gosto desta merda” Eh pá! Eu tinha vinte e oito anos e estava cheia de vontade de trabalhar, eu não quero fazer só isto, quero fazer outras coisas. Então fui para minha secretária que ficava lá ao fundo e pus-me a escrevinhar. Eu achava que podia fazer outras coisas, o Farias tinha-me dito “Tudo o que quiser fazer a mais é bem-vindo” E, então pus-me a escrevinhar “ recolha de artesanato, tradição popular” (...)

J- Porquê artesanato, tradição popular, o que te levou para esse campo?

M- Porque gostava muito dessas coisas e como podia fazer outras coisas, podíamos sair para a serra para além de tratar das questões sobre Bibliotecas e como me disseram que tinha de fazer trabalho na serra pensei “ Eh pá!, na serra há imenso artesanato, era giro fazer recolhas de artesanato, de poesia, de mezinhas, tradição oral” E deixei estas ideias assim escrevinhadas em cima da minha secretária, a lápis. Entretanto, a Everilde chegou depois de eu sair, eu não a conhecia ainda, mas ela já sabia que havia uma pessoa que ia entrar para a Coordenação, a secretária dela era ao lado da minha, olhou para a minha secretária e leu o que eu tinha escrevinhado. Viu

lá artesanato (...) e pensou “ Ah! Esta gaja está-se a propor ao mesmo que eu. É capaz de fazer uma boa equipa comigo”. No outro dia quando cheguei à Coordenação ela já lá estava e disse-me assim” Desculpa lá mas estive a ler as tuas notas, esse rascunho e achei graça porque é o mesmo que eu estou a fazer”. Porque a Everilde foi para lá para fazer recolhas de artesanato, dessas coisas, percebes, mais na serra (...)

J- Esse ano foi quando se começaram a criar as coordenações concelhias?

M- Sim, foi nesse ano, mas já se falava nisso. Eu já ouvia, na Coordenação, falarem em arranjar os coordenadores concelhios, os bolseiros, e eu dizia assim “ Eh pá! Mas o que é um bolseiro? Eu não sabia nada disso, quando entrei para a Coordenação não percebia nada de educação de adultos (...) Depois lá me disseram que os bolseiros eram aqueles fulanos que davam aulas de alfabetização, eles já sabiam alguma coisa, eu é que não sabia nada daquilo (...) Ah! E entretanto que é que se exigia, exigia-se que os coordenadores concelhios, Ah! Uma semana depois de eu estar lá, fomos para Castelo de Vide, fomos todos, era um encontro de coordenações distritais para cada um dizer o que estava a fazer e lembro-me que o Farias não estava par de nada, não sabia de nada e lembro-me que quando chegou à vez do Algarve, porque as outras coordenações já existiam antes, já tinham trabalho feito, a gente ainda estava no principio (...), nós devíamos ter sido os últimos e quando foi a história do Algarve, o Farias empurrou para mim, “Mas eu não sei nada o que é que eu vou dizer” “ Diz qualquer coisa, diz qualquer coisa...” Então eu lá me desenrasquei, disse” Estou aqui há uma semana, vou ficar ligada às Bibliotecas, ainda não sei concretamente o que é que vou fazer, mas também já me propus fazer outras coisas, a nível do artesanato, de recolhas no Algarve e outras coisas mais como a tradição popular algarvia” E pronto, e passou, o que é que ia dizer mais? E mais ninguém falou, nem a Juvenália nem ninguém mais e passou, só eu é que falei. As pernas tremiam-me porque estar a falar para aquela gente toda, mas pronto! Passou (...) E depois, a Everilde foi destacada para ali para fazer esse tipo de recolhas de artesanato, para integrar essa equipa multicultural que era, o instituto de emprego, que era a segurança social, estás a ver, para se construírem os lares, para se criarem outros projetos, a alfabetização, a Escola Secundária de Alcoutim, tinha que entrar esta gente toda. O Lar de Alcoutim surgiu depois das nossas entrevistas. Portanto, éramos nós, era o Instituto de Emprego, era a CCR, a Segurança Social, a Agricultura, e era a Educação. Levávamos inquéritos que eram folhas e folhas, e íamos porta a porta das pessoas

nos montes, corremos o nordeste algarvio todo, ah! E ia também aquela que estava na direção regional, que depois foi diretora de serviços, ai! que agora não me lembro o nome dela, a Aurora, a Aurora, essa também ia e lá íamos todos (...)

J- E quem é que elaborou esses questionários?

M- Fomos nós, fomos nós, reunimos várias vezes a equipa toda, era o Vairinhos, que já morreu, a representar a CCRA, reunimos várias vezes, depois com os questionários íamos porta a porta, dividíamos em grupos e corremos tudo, começamos por Alcoutim e cada uma levava as suas folhas de inquérito. E depois fizemos o cruzamento de dados e não sei quê, para fazer os relatórios (...) isto tudo de graça, era serviço, mas íamos sem nos pagarem mais um tostão, não havia dinheiro para gasolina, nem para almoços, fazíamos pic-nics na serra, eramos uma equipa, era mesmo vontade de ir, umas vezes íamos no carro da agricultura, outras vezes íamos no carro da CCRA, outras vezes levávamos os nossos carros, era uma equipa multidisciplinar, e aí eu aprendi bastante. O nordeste algarvio foi onde nós batemos mais, depois também se fizeram alguns trabalhos destes no resto do Algarve, mas no nordeste foi onde fizemos o trabalho maior, esta equipa multidisciplinar trabalhou foi no nordeste algarvio (...) E nós íamos para lá fazer os inquéritos e depois os cruzamentos de dados fazíamos cá nos Serviços e depois dos dados tratados chegou-se à conclusão do que fazia falta, a construção do Lar, a alfabetização, havia problemas com a saúde, a agricultura, fazia falta muita coisa, a escola, os moços não tinham 2º e 3º ciclo, etc... (...) isto vinha a propósito de quê???

J- Estavas a falar da equipa multidisciplinar

M- Ah! E começou assim, o PIDR começou assim com esta equipa, se não fosse este trabalho de diagnóstico que foi feito, não tinha aparecido o PIDR (...) Depois foi assim, na Coordenação, eu fiquei com a Everilde a trabalhar no nordeste algarvio, a Juvenália e a Vitória ficaram com a parte da educação de adultos, com a parte da alfabetização e eu e a Everilde estávamos ligadas à parte do nordeste, com o levantamento de dados e tudo o mais que a gente quisesse fazer. E, assim aproveitámos para fazer as nossas recolhas de artesanato. Entretanto surge-nos o Alberto de Melo (...)

J- Foi em representação do RADIAL?

M- Não, não, ele veio da Suíça, e ele já conhecia a Everilde, não sei donde, nem a que propósito, ele não estava em serviço, nada, nada ele foi Diretor Geral de Educação de Adultos, depois foi para a Suíça e lá enviuvou. Veio para Portugal e

aparece aqui em Faro, acho que se lembrava da Everilde, veio ter com ela e a Everilde em conversa disse-lhe o que é que estávamos a fazer na serra e não sei quê e um dia perguntou se podia ir com a gente. Tudo bem lá foi ele com a gente muito sossegadinho, ta, ta, ta, com a sua boininha, não dizia nada, só via, um dia ficou com a gente em Martinlongo. Ficamos na casa da Tia Anica e ele ficou numa casa ao lado, também estava Anabela da Agricultura e a Catarina, que dormiram no quarto ao lado, eu dormi com a Everilde e o Alberto ficou na casa ao lado (...) belos petiscos que a Tia Anica, depois o tio Francisco fazia aquelas linguiças assadas ao serão, que belos tempos e as mulheres iam fazer o convívio à noite com o padre da aldeia. A Tia Anica também ia e a gente ficava lá, lavávamos a loiça, para ela poder ir fazer o convívio com o padre.

J- Essa equipa multidisciplinar planificava as saídas? Uma vez por semana, várias vezes por semana?

M- Não, nós saíamos quando queríamos, combinávamos, éramos nós que decidíamos, contactávamos uns com os outros e depois íamos (...) já não me lembro bem, mas éramos mais nós e a agricultura que saíamos mais vezes juntos, era por conhecimentos, como nos conhecíamos melhor fazíamos equipa, combinávamos e saíamos (...) E depois fizemos essa recolha de dados que já te disse (...) Ah! O Alberto de Melo foi com a gente e ouvia o que nós estávamos a falar, nós pensávamos em muita coisa, fazer recolha de artesanato, tirar fotografias, falar com as pessoas, nós pensávamos nas platibandas das casas e em fazer os tecidos bordando os desenhos das platibandas, a gente falava nisso tudo, falava em ir tecer os tecidos, nessa altura não havia Lançadeira (...) numa dessas alturas em Vaqueiros, vimo saquinhos de linho e não sei quê, as pessoas faziam e depois vendiam, Ah! Também havia uma senhora em Penteadeiros que nos falou que se lembrava do tempo em que se cultivava o linho, e a gente falou que ela devia voltar a cultivar o linho mas ela dizia que não, que isso dava muito trabalho, mas a gente tanto chateou, tanto chateou que ela fez o cultivo do linho e a gente (...) Era a D. Senhorinha, e o marido era muito porreiro que se pôs a contar a história do linho, aquilo era um processo difícil como o caraças (...). Depois, um dia, fomos ter com o pároco e dissemos, “Oh! Sr. Padre, conseguimos que a D. Senhorinha e o marido fizessem todo o processo do linho e gostávamos que o senhor padre fosse acompanhando o processo”. Bom, o que é certo, é que acompanhou, tirou as fotografias de tudo o que o casal fez, desde o cultivo até ao final e quem é que acabou por ficar com as fotografias? Foi o Alberto

de Melo, como ele fez não sei, o que disse ao padre (...) também já não me lembro como foi a coisa, mas o certo é que ele é que se abotoou com as fotografias. Não sei se tu te lembras, mas quando a gente fez uma grande exposição no Clube Fareense, na rua de Stº António sobre artesanato, o Alberto de Melo emprestou as fotografias e tivemos que escrever por baixo das fotografias “ cedidas por...” e também quando foi a tosquia da ovelha também ficou com as fotografias (...) nós pensámos na tecelagem, nessas coisas todas, contactámos as pessoas, fizemos esse trabalho todo de identificação dos artesãos, a gente sabia onde eles estavam todos (...)

J- Isso foi antes da Célia Anselmo entrar para coordenadora concelhia de Alcoutim?

M- Foi antes, depois é que a Célia entrou, foi das primeiras coordenadoras concelhias a entrar, a gente quando andava pela serra também passamos a conhecer as pessoas e uma das condições que se exigia para que se fosse coordenador concelhio é que fosse do meio, que fosse de lá porque facilitava o trabalho. O mesmo era com as bolseiras, tinham que ser pessoas de lá (...) na educação de adultos não há livros, uma pessoa que seja do local sabe melhor as características do local e sabe melhor os temas e vai ao encontro das necessidades das gentes de lá (...) também foi por causa da alfabetização que fizemos aquele trabalho de recolha de tradição popular, porque quando fizemos aquela primeira coletânea, aquela que eu fiz sobre tradição popular algarvia, isso era o livro deles, era daí que as professoras e as bolseiras tiravam os textos para explorar nos cursos (...) Eu quando fiz essa coisa, essa coletânea transcrevi tal e qual como as pessoas me contaram, gastei muitos dias e muitas horas naquela serra para recolher aquela tradição popular, aquelas mezinhas, provérbios, lendas, receitas, sei lá o quê mais, benzeduras, contos, tudo o que tu podes imaginar da tradição, e as pessoas (...) depois eu transcrevi tal e qual como as pessoas disseram, por quê?, para que servisse de base à análise textual e depois à, à, correção dos próprios textos, portanto, as pessoas tinham os textos e depois iam pôr aquilo em texto correto, tás a perceber? Eu não transcrevia com vírgulas, nem com pontos de final, (...) depois a partir daí partia-se para os regionalismos e arcaísmos, eh pá! Isto é um mundo (...) a educação de adultos é um mundo e para mim, foram 15 anos, 15 anos que adorei, mais, nos primeiros anos. No início foi muito giro, depois foi perdendo a piada. Os primeiros dez anos foram uma maravilha, gostei muito. Foram dez anos em que trabalhamos por gosto, porque gostávamos do que fazíamos, tínhamos orgulho no nosso trabalho. No momento em que as viagens começaram a ser pagas, começou a haver os boletins itinerários, almoços pagos, não sei quê, não

sei quê, eh pá! aí era quem mais queria ganhar dinheiro e faziam-se viagens só para preencher boletins itinerários, percebes! Ir para Alcoutim, ir para aqui e ir para ali, começou a ser diferente e então tudo mudou (...)

J- Queres falar um pouco mais do v/ trabalho inicial, teu e da Everilde?

M- Ah! Em relação á tecelagem, ao cultivo do linho, o marido da D. Senhorinha fez o processo todo, ainda me lembro como aquilo se fazia, cultivava-se o linho, dá flor, as sementes, depois dá aquilo, parecem espigas, lavam, depois, é a parte de dentro que é o fio, que as pessoas cardavam, e elas diziam muito, “Ah! Professora a gente já não tem dentes” (...) Eu dizia “Então não há umas cantigas”, a Everilde adorava esta parte, era o que ela mais gostava, ela ajudou muito neste trabalho, aliás ela era como que o pivot deste trabalho todo, ela já fazia isto no Instituto de Emprego (...) e então nós (...) Ah! E agora como é que se faz a tecelagem, como é que reativamos esta coisa, que era o que queríamos. Havia uma grande dificuldade que a gente tinha que era comprar os teares, ou arranjar quem nos cedesse, lá por baixo de Cachopo há uma terra lá no fundo (...)

J- Grainho

M- Grainho exato, diziam que havia lá pessoas que tinham teares e a gente queria ver se havia alguém, estávamos com problemas em arranjar teares (...) é aí que entra o Alberto de Melo, a gente já tinha contactado a Salomé, a gente já tinha mandado seis moças aprender a tecnologia da cor para Castro Verde, porque era assim, nós (...) tosquiam-se as ovelhas (...) queríamos que a lã fosse tingida, porque antes do Alberto de Melo, apareceu-nos uma holandesa lá e em que a filha levava uma blusa, que a mocinha levava uma blusa muito gira que era assim um tom romã e eu perguntei à fulana “ Como é que a blusa tinha uma cor tão gira”. E ela disse que tinha tingido com a casca da romã. Daí veio a história da tecnologia da cor. E mandámos seis miúdas financiadas pelo Instituto de Emprego, para Castro Verde, para aprenderem a tecnologia da cor (...)

J- Eram jovens de Cachopo?

M- Eram jovens de Cachopo, também juntámos um grupo de 12 moças do Azinhal a aprender rendas de bilros, depois perdeu-se tudo (...). Entretanto, o que aconteceu, tínhamos contactado a Salomé, porque as nossas ideias eram muitas. O que pensámos foi, cultivava-se o linho, tecia-se em Cachopo e depois fazia-se a costura, mandava-se fazer os vestidos e as bordaduras em Martinlongo, que era uma D. Otília que fazia (...)

J- A D. Otília foi monitora do curso de bordados em Martinlongo

M- Exato, só que as pessoas são muitas perras e quando toca a dinheiro as pessoas de Cachopo são muito complicadas, pronto, mas tudo bem. Conseguimos a Salomé, arranjámos um grupo de mulheres, tudo bem, só que, quando foi para arranjar um espaço, não havia dinheiro para compara aqueles teares mais industriais, é a í que entra o Alberto de Melo com o projeto da In Loco

J- Projeto Radial

M- Sim, com o projeto Radial, sim, depois lá aparece também a Amélia Muge toda feita maluca (...) e a Priscila e o irmão da Priscila, mas este veio mais tarde (...) O Alberto esteve um bocado afastado e apareceu precisamente quando a gente tinha falta de dinheiro, ele aparece, não sei como, enquanto andamos a fazer o trabalhinho todo não apareceu, mas de repente, aparece e diz que está ligado a uma associação alemã ou não sei quê?

J- Era uma associação sueca, a Van Lear

M- Isso, e depois vinha cá de vez em quando uma alemã que era uma senhora já de certa idade

J- Era sueca, era a Siv

M- A Siv, a Siv, sim, depois é que ele arranjou o dinheiro para a Lançadeira de Cachopo e, depois ainda arranjou mais uma casa e não sei quê. E, isto também aconteceu com os bonecos de juta (...) a maioria das pessoas pensa, e elas próprias lá estavam convencidas que foi o Alberto de Melo e a Radial, mas não, a ideia não foi deles, a pesquisa não foi deles, porque ele não tinha conhecimento do que se passava na serra e nem se lembrava disso, nós é que tivemos estas ideias todas, é que falamos com as pessoas e depois para organizar, faltava-nos o dinheiro, percebes (...) e o gajo aí, que percebia mais disso que nós consegue arranjar dinheiros de outras associações e consegue (...) Mas o trabalho inicial, o diagnóstico, fizemos nós, a Everilde também já tinha trabalhado nesta área, é o que eu deduzo, depois achou que as duas fazíamos uma boa equipa, ela foi destacada para ali, não sei bem porque motivo, o que eu acho, o que penso é que houve para lá problemas no instituto de emprego entre ela e (...), mas eu não tenho a certeza, o que é certo é que ela foi para a coordenação e eu sempre achei muito estranho (...)

J- Mas esteve pouco tempo, talvez dois anos, porque eu quase não trabalhei com ela

M- Acho que ela esteve aí uns dois anos, fizemos aquele trabalho preparatório, utilizámos os inquéritos, a ti é que fazia jeito teres esses inquéritos, eu já não sei

onde andam esses inqueritos, o instituto de emprego deve ter esses inqueritos, ou a CCRA (...) agora a equipa multidisciplinar foi mais com o objetivo da criação de lares (...) eu, depois continuei sempre a fazer recolha, depois do nordeste passei a fazer noutros sítios, fiz uma recolha a nível regional (...) Fiz uma coletânea de poesia popular algarvia, uma de tradição popular algarvia e uma de cozinha algarvia e quis publicar aquilo em livro, mas não tínhamos dinheiro. E, então o que é que a CCR fez, aproveitou-se do meu trabalho da cozinha algarvia e publicou em livro como se tivessem sido eles a fazer (...)

J- E as reuniões na CCRA, costumavas ir?

M- Sim, eram sempre sobre o mesmo assunto, sobre o nordeste e sobre o que a equipa multidisciplinar estava lá a fazer, era o Vairinhos o coordenador (...) nós não estávamos muito com o Vairinhos, ele só ia às reuniões de vez em quando

J- Nas reuniões a que eu ia, estavam todas as instituições do projeto integrado e o Alberto estava lá

M- Sim, sim, o Alberto assim que se meteu, entrou devagarinho e depois dominou aquilo tudo no nordeste (...) começou com a radial, depois com a in loco e mais não sei quantos, dominou aquilo tudo e nós fomos ficando para trás, mais baseados nas educações de adultos, alfabetização e nas outras atividades socioculturais (...)

J- Estiveste 15 anos na educação de adultos e saíste, porquê?

M- Saí em 1999, quando a educação de adultos começou a ser muito político, a ser aproveitada pelos políticos, quer dizer, eu pensei em sair antes quando começou a ser político e nós tínhamos que fazer aquilo que eles queriam, percebes (...) quando saí já a direção regional existia, a educação de adultos já não tinha nada que ver com os outros tempos, já estava muito descaracterizada e eu pouco fazia, o que fazia era dar formação para créditos, na parte da animação da leitura, percebes (...)

J- Do tempo em que estiveste na educação de adultos qual foi o período mais significativo, que mais gostaste?

M- Foram os primeiros tempos, sem dúvida, do tempo em que ia para a serra fazer o trabalho de diagnóstico, depois o tempo do pidr, porque foi a parte em que estávamos a iniciar tudo, depois porque eu gosto muito de artesanato, depois porque estávamos a tentar construir uma coisa que era necessária, que era questão dos lares (...) oh pá! e depois trabalhávamos com as entidades todas, oh pá! estávamos, estávamos a (...) desbravar um terreno, foi essa a melhor parte que eu gostei mais, foi desbravar esse terreno, percebes! Oh pá! E o contacto com as pessoas, ir aos montes, ninguém nos

conhecia, chegávamos ao monte, eh pá! eu sempre fui de usar este tipo de roupas largas e as mulheres diziam-me assim, eu uma vez levava uma saia larga e diz uma “ Olha aquilo que a gente usava em saíotes, usam elas agora como saias de cima” (...) Lembro-me de ter mandado fazer naquela terra, ao pé de Cachopo, no Grainho, um tecido em lã de ovelha crameado e depois elas fizeram-me um fato “Ai menina se alguma vez a minha filha usava isso”. Achavam assim tudo muito estranho, tás a ver, os nossos gostos em relação aos delas, mas, realmente foi a parte do tempo em que estive na educação de adultos que mais gostei, aquilo foi o desbravar uma coisa que estava em bruto e sensibilizar as pessoas (...) e depois sensibilizar as pessoas para se implementar, para se valorizar o artesanato que as pessoas faziam, elas não davam valor nenhum, percebes! não faziam, já não ligavam a isso. O artesanato na serra estava a perder-se (...) Por isso, quando fizemos aquela exposição de artesanato, era para mostrar às pessoas, para as convencer que aquilo que elas faziam valia a pena, mas, depois morreu tudo, muito daquilo que as pessoas faziam, perdeu-se, porquê?, as pessoas fazem, mas depois quando entra a perspectiva de mercado já não são capazes de fazer e nós só podíamos chegar ali, podíamos entusiasamá-los, sensibilizá-los, ajudá-los, dar-lhes os alicerces, mas depois tinham de ser elas a avançar e elas não conseguiam, se a ideia era os artesãos se organizarem para produzir, depois a coisa morria por ali. Das experiências que houve, a Lançadeira continuou, os bonecos de juta continuaram, houve ali muito investimento, muito trabalho junto daquelas mulheres, mas surgiram muitos problemas, não deu (...) O Alberto de Melo e o poder dele começou-se a meter lá (...) eles conseguiram arranjar dinheiro e depois como já não precisavam de nós, deixaram de nos dar o devido valor a quem desbravou tudo aquilo, quem começou fomos nós, eles aproveitaram-se de nós, dos nossos contactos, eles não conheciam ninguém, foi através de nós que chegaram junto das entidades, da câmara, da junta de freguesia, das pessoas que nós conhecíamos e mais tarde das próprias bolseiras, sim, porque algumas daquelas raparigas acabaram por ir trabalhar para a in loco, ainda bem para elas, mas se não fosse a educação de adultos o Alberto nunca tinha conseguido entrar no nordeste algarvio como entrou (...) Oh pá! e depois a gente virou-se para outras áreas, para alfabetização que era a nossa vocação, para a animação, para os cursos socioeducativos (...)

J- Quando se iniciou o pidr, como é que foram escolhidas as coordenadoras concelhias?

M- Eu não entrava nesse processo, eram mais a Juvenália e a Vitória (...) eu era a gaiata (...) elas é que dominavam, é que faziam essas tarEFAs, mas eram sempre pessoas ligadas ao meio, isso aí era sagrado (...) As primeiras coordenadoras no nordeste foram a Célia e a Marília, depois mais tarde é que entrou a Etelvina para Cachopo e a Teresinha que estava em Balurcos (...) Ah! E depois quem se lembrou daqueles cursos socioeducativos fui eu, porque nós começamos aperceber que as pessoas não iam à alfabetização, não iam, não queriam ir, não se sentiam motivados (...) E, eu estava a pensar nisso e sozinha é que me lembrei que para a serra, para puxar as pessoas para os cursos de alfabetização, pensei que devíamos fazer outras coisas (...) Nessa altura a Everilde já não estava na coordenação, e eu sozinha, lembrei-me, disse numa reunião que para mim, achava que nós só conseguíamos chamar a pessoas para a alfabetização com um isco, ou seja, dando uma coisa que eles gostassem, mas para isso, dávamos o doce mas para terem o doce tinham que ir para a alfabetização. E foi assim que conseguimos alfabetizar muita gente. Claro, o que é que nós queríamos, queríamos cursos socioeducativos ligados às tradições locais, ligados às artes locais, por exemplo, no azinhal queríamos rendas de bilros, em Cachopo a tecelagem, etc... só que as pessoas batiam sempre nos mesmos cursos e nós tínhamos que ir ao encontro do que as pessoas queriam, para depois irem para a alfabetização, porque o nosso interesse maior era alfabetizar as pessoas (...) Não te esqueças que tínhamos a Direção Geral a quem tínhamos de prestar contas, o número de cursos, a taxa de analfabetismo era enorme (...) Eu, o que me dá a sensação, eu não tenho bem a certeza, a Juvenália era capaz de te dizer melhor, mas, eu estou aqui a falar contigo e tenho a sensação que quando abriu a coordenação distrital, eu entrei para coordenação distrital, quando abriu, mas, um ano antes de abrir, já se faziam coisas, a Vitória e a Juvenália, não sei se havia cursos de alfabetização, mas havia qualquer coisa, mas cada uma delas no seu sítio, não havia era coordenação, não havia ainda o espaço físico. Tinha entrado, mas não havia sede, eu dá-me a impressão que foi isso. Quando entrei e o Rui dizia “Quando tiveres dúvidas pergunta”, era porque já tinham alguma experiência, já faziam alguma coisa. Penso que a Juvenália e o Rui, não sei a que propósito, vieram os dois, conhecimentos, talvez. Estou aqui a recordar-me que a Juvenália dizia-me que já tinha feito alfabetização (...) E o Florival que depois ficou como coordenador concelhio de Faro. Isto antes da coordenação distrital, quando abriu o espaço eu entrei, mas dá-me a impressão que o Florival, a Juvenália e o Rui estiveram antes de abrir aquilo (...)

Mas eles não entraram nisto do Pidr, eles era só mais alfabetização, nem a própria Juvenália. Primeiro fui eu e a Everilde que fizemos o trabalho de base, e depois entraste tu, entraram outras coordenadoras concelhias (...)

J- Que importância atribuis ao PIDR?

M- Eh pá! Eu acho que o Pidr foi importantíssimo para aquelas pessoas do nordeste algarvio, então, escuta, o envelhecimento das pessoas, as pessoas envelheciam ali, sozinhas, não tinham nada, com o Pidr foi-lhes dado alguma coisa, foi o lançamento dos lares, foi o incentivo da saúde, foi a abertura par que as pessoas tivessem maior acesso à saúde, foi o despertar de uma nova vida, de uma coisa que estava morta, o Pidr fez despertar as pessoas para a vida, para a melhoria da qualidade de vida, hã, hã, hã, situações que as pessoas nem imaginavam, percebes, nem imaginavam, especialmente a parte da saúde e dos lares. Acho que isso foi muito, muito importante. (...)

J- No Pidr, eras a responsável pela animação da leitura...

M- Era só eu, fazia formação aos professores destacados para eles depois fazerem nos cursos. A animação da leitura era uma técnica para incentivar as pessoas para a leitura, nós alfabetizávamos e depois tínhamos que fazer com que as pessoas lessem, era uma forma de motivar as pessoas para ler e aí entrava eu na parte da animação. Aí fui muito, muito preparada em Lisboa, eu ia receber formação em Lisboa com o João Camacho e depois vinha dar aos professores e depois os professores faziam animação da leitura nos cursos de alfabetização e nas bibliotecas de pequena comunidade. Eu própria ainda fiz muitas vezes, em Castro Marim, nos Bombeiros em Alcoutim, ia a vários sítios fazer animação da leitura. O que é certo é que em Castro Marim, as bibliotecas forma lidas e relidas e voltadas a ler. E fazia a transferência das bibliotecas, as bibliotecas das escolas, nas escolas nós tínhamos no Algarve, cerca de 144 bibliotecas de pequena comunidade que se chamavam bibliotecas populares e eu fiz a transferência destas bibliotecas para os sítios onde as pessoas tinham mais possibilidades de ir, porque as pessoas não iam à escola primária buscar os livros. Portanto, eu fiz inquéritos às pessoas para perceber onde é que elas gostariam que fosse colocada a biblioteca e transferia para onde elas preferiam. Fazia os formulários e as fichas para Lisboa e depois vinha o aval positivo e eu fazia essa transferência. Eu transferia as bibliotecas todas que estavam em escolas primárias, para clubes, associações, juntas de freguesia, sei lá. Às vezes concentrava três e quatro bibliotecas num sítio dependente dos livros que tinha. Em

Alcoutim pus no Lar, pus no Centro de Saúde, também, que era quando as pessoas estavam à espera de consulta poderem ler, em Martinlongo pus na paróquia, eu cheguei a transferir dez para o mesmo sítio (...) A animação da leitura era uma área que muito me encantava, recebi muita formação em Lisboa, muita, muita. E, depois, quando eu vinha fazer com os professores, eles estavam constantemente a telefonar-me de Lisboa para saber como é que estava a correr, A animação da leitura era uma área muito importante na educação de adultos, porque ensinar os adultos ler e não os incentivar à leitura não servia para nada, eles depois esqueciam, se não liam, se não praticavam, acabava por se perder o trabalho todo da alfabetização (...) Para mim, dentro da educação de adultos, depois do trabalho com aquela equipa multidisciplinar que deu origem aos trabalhos preparatórios do PIDR e que motivamos muitas pessoas para muita coisa que elas desconheciam, a seguir a isso e ao artesanato, em termos de educação de adultos o que mais gostei foi o trabalho que fiz na área da animação da leitura, investi muito, trabalhei muito (...) eu juntava as várias áreas, as várias técnicas de forma a dar mais (...) eu jogava com o livro vivo, com o treino mental e ensinava estas várias técnicas aos professores quando dava formação para créditos, aquela formação que os professores tinham que ter para subir de escalão. Não era só professores da educação de adultos, eram todos os professores, precisavam de créditos e inscreviam-se nestas ações de formação em animação da leitura (...) Eram ações de formação organizadas pela direção regional, eu inscrevi-me como formadora e era paga pelo fundo social europeu. Eu ainda não estava na direção regional, a educação de adultos ainda estava no CAE, tinha sempre imensos professores que se inscreviam, tínhamos que recusar candidatos. Sabes, gostei de fazer essa formação, todos os anos dava 3 a 4 ações de formação de animação da leitura. Depois, quando saí, nunca mais houve formação na área da animação da leitura porque ninguém mais sabia fazer. Só fazia para créditos porque na educação de adultos já não se fazia nada, não havia quase cursos de alfabetização, as coordenações concelhias já tinham acabado (...) Sabes, depois começaram a entrar para os cursos de alfabetização professores do 2º ciclo, para preencher horário, a maioria jovens que não sabiam nada de educação de adultos, nem tinham nenhum interesse por aquilo, iam porque tinham de ir, aí foi o descalabro completo, acabou-se aquela educação de adultos que a gente conheceu (...) Acho que a educação de adultos que a gente fazia, os cursos de alfabetização eram muito importantes, eu nunca pensei que houvesse tanta gente que não soubesse ler (...) sabes, depois também tive

curiosidade, a gente fazia formação mas, tinha curiosidade em saber como é que se punha aquela gente a ler e pedi. Tu já não estavas lá, pedi para um ano me deixarem dar aulas de alfabetização. Eu estava aqui na coordenação e depois ia dar aulas, ia porque queria ir (...). Fui para St^a Bárbara e foi muito giro, as pessoas mais velhas, por exemplo, quando eu chegava, ficavam muito nervosas, porque eu dizia “Amanhã vai uma ao quadro”. Uma vez chego a St^a Bárbara e quando um senhor que andava no curso, quando me viu chegar começou a vomitar, com nervos de ir ao quadro. Aquelas pessoas parecem umas crianças autênticas (...) Depois ainda dei outra vez, já tinha saído da educação de adultos, já estava no 1º ciclo, estava colocada no Areal Gordo, foi para aí em 2003, 2004 e da direção regional foram à procura de professores que quisessem dar alfabetização e ninguém quis. Eu queria, quando chegaram à minha turma eu disse que queria e fiquei na Escola Primária da Penha, tinha 32 adultos, a maioria, eram ciganos (...)

J- Se gostavas, porque não continuaste?

M- Depois começaram a dar estes cursos a malta que tinha horário zero ou que tinham horário incompleto. Estava destacada na Penha só para fazer alfabetização e também dei na Misericórdia, foi ótimo, foi ótimo. Naquele ano não dei primária, foi só alfabetização, dava na Penha à noite e dava na Misericórdia de manhã, para completar o horário (...) Olha gostei imenso de dar na Misericórdia. Na Misericórdia eram pessoas que estavam no Lar e achei muita graça, olha havia lá uma muito dondoca, já muito velhota, morreu enquanto eu lá estive, o filho entra-me um dia lá à porta (...) Diz “Mamã..” Depois diz, professora dá licença?” E lá foi ter com a Mamã. E depois diz ao filho “ Ai filho! Há aqui coisas que a professora pede que eu já estou um bocadinho esquecida” (risos). Tinha 94 anos, estava um bocadinho esquecida. Era muito giro trabalhar com estas pessoas, depois os amores dos velhotes, sim, que ali com aquelas pessoas a gente fala de tudo e o amor dos velhotes é como o amor dos jovens (...) é igual como quando somos jovens, percebes, roídos de ciúmes, de se zangarem e ficarem aborrecidos uns com os outros. Quando chegava hora da saída que eu não os deixava sair logo, aparecia um que estava apaixonado por uma, dava empurrão na porta e dizia “Professora está na hora de sair”. Oh pá! Foi muito giro, houve dois velhotes, um com 83 e outro com 87 casaram (...) Acho que tive uma experiência de vida muito gira, muito cansativa, mas muito gira. Gostei muito da educação de adultos, foi uma parte da minha vida, mas gostei muito (...)

J- Desse tempo, para além do que já falaste, o que é que recordas com saudade?

M- Eh pá! Das ações de formação que a gente tinha. Belos tempos (risos)

J- Quando se iniciaram os trabalhos preparatórios do Pidr, tiveste muita formação?

M- Não, não, no princípio não havia nada, quando tu entraste foi quando começou a haver mais formação. Quando começamos a trabalhar no terreno, íamos por intuição, não tínhamos formação nenhuma, andávamos a desbravar aquilo, era tudo novo, para gente e para as pessoas. Depois é que começou a haver mais formação, quando o Projeto estava a avançar mais, quando as coisas estavam já mais organizadas (...) Oh pá! Eu gostei de tudo, gostei de tudo, só deixei porque perdeu o sentido, começou a haver direção regional (...) cumprir horários, marcar ponto, sabes que sou capaz de ficar a trabalhar até á meia-noite, mas ter de cumprir horário, entrar às 9 da manhã, tudo muito burocrático, muito formal, chefe para aqui, chefe para ali (...) Mas, eu gostei de tudo, não me arrependo nada, foia parte que eu mais gostei da minha vida (...)

J- Uma dúvida, quando cheguei à Coordenação já havia uma rota dos artesãos, foste tu que fizeste?

M- Não, fu eu e a Everilde. Corremos montes e vales, sabíamos onde estavam todos os artesãos do nordeste algarvio. Tenho tudo, tenho todos, tudo, tudo, tenho sítios inimagináveis, sítios que nem sabia que existiam (...) ainda tenho isso, onde estava cada um deles (...) Muitos dos trabalhos desses artesãos foram postos na Exposição que fizemos em Faro, tínhamos lá o sítio de onde eles eram que era para as pessoas saberes e poderem contactar com eles, pusemos trabalhos deles à venda e vendeu-se tudo (...) Nessa exposição estavam as fotografias do Alberto de Melo, ele a princípio ia com a gente tipo rato, não dizia nada, mas depois começou a tirar fotografias a tudo o que via, quando íamos visitar os artesãos, aos trabalhos, ele tirava fotografias, fotografava tudo, ele quando ia connosco nunca falou com ninguém, ouvia e tirava fotografias. Só quando ele começou coma Radial e na In Loco, é que começou a fazer por conta própria (...)

J- Também acompanhaste os cursos de alfabetização?

M- Eu também fiz acompanhamento, também participei no recrutamento das bolsieras e depois íamos aos cursos ver se as mocinhas precisavam de alguma coisa. Elas tinham lá as coordenadoras concelhias, mas nós também íamos aos cursos, às vezes, mais de duas vezes por mês (...), mas gostava mais da parte do artesanato (...) Quando estive com a Everilde no artesanato, a ideia era criar emprego, mas não

conseguíamos, as pessoas quando pedíamos para fazer, eles faziam, agora quando foi para eles criarem uma cooperativa, para se organizarem, dávamos ideias, para eles criarem uma cooperativa, mas eles não conseguiam (...) e não era por serem velhos porque havia alguns novos, alguns de quarentas e tais, relativamente novos, fizemos aqui a exposição para eles se aperceberem que quanto valia o artesanato que eles faziam, mas assim que nós desaparecemos acabou-se, eles não conseguiam fazer sozinhos. Não estavam preparados, por isso é que eu digo, quando os bonecos de juta começaram, aquilo depois e mesmo a Lançadeira, aquilo depois criou-se logo, entre Cachopo e Martinlongo uma rivalidade, porque umas ganhavam mais, umas trabalhavam mais e ganhavam menos. Aquilo que a gente queria era que elas fizessem pequenas cooperativas para valorizar o artesanato (...) Depois não sei se a Radial entrou nisso, ficamos um bocado magoados porque depois nunca nos chamavam para nada, percebes e nós é que desbravámos tudo. Eu digo-te uma coisa, nós fizemos tudo de graça, nós demos-lhes a papa de graça, fizemos o trabalho inicial e depois eles apanharam aquilo de mão beijada (...) Ficamos muito magoados (...)

J- Obrigado Manuela.

ANEXO 9. ANÁLISE DA ENTREVISTA À JUVENÁLIA

Categorias	Análise	Excertos
Vida dedicada à educação de adultos	Trabalhou vinte anos na educação de adultos. Esteve na Coordenação Distrital de Faro desde o início até à sua extinção. Depois continuou a trabalhar na ANEFA até se reformar. A educação de adultos foi uma escola	<p>“Foram vinte anos na educação de adultos, já tinha trabalhado dez anos como professora do ensino primário. Só trabalhei dez anos na primária, o resto foi passado na educação de adultos, passei por tudo, desde a alfabetização, depois estive na coordenação e quando deixei estava no IEFP, na equipa de coordenação dos cursos efa e com o rvcc (...), depois reformei-me. Foi uma vida boa, foram mais os anos sem dar aulas que já mal me lembro dos tempos da escola primária (...)</p> <p>“Parte da minha vida foi vivida na educação de adultos e não me arrependo nada, gostei muito do que fiz e do que aprendi (...) Daquela equipa que começou com a educação de adultos no Algarve, estive no princípio, fui a primeira a começar e a última a acabar. Depois acabou a coordenação distrital, acabaram as concelhias, a maioria dos colegas foram saindo e eu fui ficando. Na parte final fui para a ANEFA, onde fiz parte da equipa de coordenação dos cursos EFA e do RVCC.</p> <p>“ A educação de adultos foi uma escola onde se aprendeu muito, quase todos dizem que ficaram melhores profissionais (...) É verdade (...) Colegas com quem falava diziam que aplicavam na escola primária muitos dos conhecimentos que tinham aprendido na educação de adultos”</p>
Professora primária	Acabou o curso do Magistério Primário em 1963, trabalhou 10 anos no Alentejo. Em 1981 foi colocada na Ilha da Culatra, mas não quis ir...a experiência no ensino primário não tinha sido boa	- Fui para o Magistério, em Faro no ano letivo de 1961/62, acabei o curso em 1962/63. Estive dez anos no Alentejo (...)no ano de 1980/81 fui colocada na Ilha da Culatra. Mas não queria ir para a Culatra, surgiu esta oportunidade ficar em Olhão a fazer Alfabetização (...)
Em casa	Durante oito anos ficou em casa sem trabalhar	“ Estive uns anos sem trabalhar” Quando os meus filhos nasceram eu pedi licença sem vencimento e fiquei uns anos em casa (...)
Ingresso na Educação de Adultos	O coordenador da E.A. de Alentejo e Algarve queria implementar a alfabetização no Algarve e contactou a Juvenália.	“Eu estava destinada a ir para Ilha da Culatra, fui lá colocada mas não queria ir, sabes que a malta da ilha da Culatra é terrível e eu no Alentejo tive algumas experiências não muito boas (...) O prof.

	<p>No Alentejo foi criada a coordenação distrital de Beja em 1979. No Algarve a Juvenália começou por fazer alfabetização em Olhão</p>	<p>Raposo do Alentejo, era coordenador distrital de Beja da Educação de adultos, veio ao Algarve e não sei como, já não me lembro, nem sei como é que me conhecia, veio falar comigo. Ele sabia que havia cá professores que queriam trabalhar noutra área, ele já era coordenador em Beja (...). Na altura não havia educação de adultos no Algarve e ele começou por ser coordenador do Alentejo e Algarve. Em Beja, acho que já tinham começado em 1979 com a educação de adultos e, depois, ele veio cá para tentar implementar no Algarve alguns cursos de alfabetização (...) Isto foi em 1980 (...) Não sei como é que ele veio ter comigo, só se foi por eu ter estado no Alentejo, não sei se terá ouvido falar de mim, já não me lembro, só sei que ele chegou até mim (...) Então foi o prof. Raposo que me disse como é que eu poderia entrar na educação de adultos. Para fazer alguma coisa na alfabetização, teria de dirigir-me à Câmara, porque na altura as Câmaras tinham muita gente, muitos funcionários que não tinham 4ª classe, muita gente analfabeta (...)</p>
<p>1ª Experiência de Alfabetização</p>	<p>A Juvenália através do presidente da Câmara de Olhão ficou colocada num gabinete na Câmara com a responsabilidade de dinamizar cursos de Alfabetização no concelho</p>	<p>Dirigi-me à Câmara e fui falar com o presidente, que era o João Bonança, tinha sido eleito naquele ano de 1980. O presidente gostou da ideia, também era do interesse dele, vivíamos novos tempos, ele era um presidente aberto a novas ideias, uma pessoa muito interessada e queria fazer um bom trabalho. E fez, estive na Câmara até 1993. Era um presidente socialista, as pessoas gostavam muito dele (...) Foi assim, naqueles dois anos fiquei ligada à Câmara. Durante a noite dava o curso de alfabetização e durante o dia construía materiais (...) Isto num espaço da Câmara, deram-me um gabinete e era lá que eu estava de dia, a preparar as aulas e, às vezes, também recebia pessoas que vinham falar comigo por causa da alfabetização (...) Eu não comecei com trinta e duas pessoas, comecei com muito menos, comecei com dez/onze e depois foram aparecendo mais. Foram aparecendo mais porque ele, ele presidente da Câmara foi divulgando, foi falando com os funcionários da Câmara para virem aprender comigo, para virem para a alfabetização. “ Era muita gente, não é fácil trabalhar assim, havia alguns completamente</p>

		analfabetos, outros que sabiam mais qualquer coisa, foi difícil porque foi a minha primeira experiência de alfabetização de adultos. Já tinha ensinado a ler a crianças e não eram tantos, adultos é muito mais complicado (...) Isto foi em Olhão, eu trabalhei em alfabetização sempre em Olhão, foram dois anos” (...)
1º bolsheiro no Algarve	A Juvenália contratou um bolsheiro para a ajudar na alfabetização. Dava-lhe apoio e construía os materiais. O 1º bolsheiro era um homem muito dedicado a causas sociais.	“ O Pontes, que foi o primeiro bolsheiro no Algarve (...) eu conhecia-o porque ele era funcionário da Forpescas (...) o meu marido era o diretor da Forpescas e ele era um homem muito dedicado a causas sociais, da igreja, tinha muito jeito para lidar com as pessoas (...) foi ganhar uma bolsa de 3 mil escudos (...) mas, não foi por causa da bolsa, ele gostava destas coisas, causas sociais, ajudar as pessoas a ler e escrever (...) via-se que ele gostava muito do que estava a fazer (...) Era uma boa ajuda para mim, porque eu sozinha não conseguia dar conta de tanta gente (...) Ele trabalho comigo durante aqueles dois anos (...)
Formação para alfabetizar	A Juvenália não tinha qualquer formação em educação de adultos. Foi em Beja que recebeu alguma formação sobre alfabetização e sobre Paulo Freire que desconhecia por completo. Tinha o apoio da Coordenação Distrital de Beja. Quando veio para Faro indicou outra professora para o seu lugar	“Quando eu comecei, foi o prof. Raposo que me deu formação. Quando entrei para a Câmara para fazer alfabetização, logo nesse ano, fui fazer formação a Beja” “Não sabia nada, nunca tinha ouvido falar, a primeira vez que ouvi falar de Paulo Freire foi em Beja. Mas o que trabalhávamos mais era o método” “ Quando comecei no curso de alfabetização fazia com os adultos mais ou menos como fazia com as crianças, mudava um bocadinho, também por intuição, mas isso foi pouco tempo. Porque logo naquele primeiro ano que estava ligada a Beja, o prof. Raposo chamou-me para fazer formação. A princípio ia fazer formação a Beja, foi lá que aprendi o método de Paulo Freire (...) Depois também passei o método ao Pontes. Foi em Beja que tive o primeiro contacto com Paulo Freire, nunca tinha ouvido falar de Paulo Freire (...) naqueles dois anos tinha o curso de alfabetização em Olhão, ia ter formação em Beja. E de vez em quando recebia a visita do prof. Raposo que vinha visitar o curso. Era coordenadora concelhia de Olhão ligada a Beja” “Nesse ano da criação a distrital de faro, fui para Faro e indiquei uma colega para

		ser coordenadora concelhia de Olhão agora já ligada a faro. Essa colega continuou o trabalho de alfabetização em Olhão, em ligação com a Câmara. Ficou naquele espaço que me tinham dado, era a coordenação concelhia de Olhão. O Pontes também continuou como bolseiro, ainda ficou alguns anos”(…)
Criação da coordenação distrital de Faro	Foi o prof. Raposo que fez esforços no sentido de ser criada em Faro uma coordenação distrital de educação de adultos. Estava em Beja e inicialmente era o responsável pela educação de adultos no Alentejo e Algarve.	“Foi ele que fez esforços no sentido de haver educação e adultos no Algarve (...) Também não sei como apareceu o prof. Farias, que foi o primeiro coordenador distrital de faro, não sei de onde é que se conheciam, como é que o Raposo veio ter com o Farias, que na altura era professor primário em S. Luís, tal como o Zambujal (...) A princípio não havia coordenação. A coordenação de Faro deve ter sido criada por volta de 1982 (...) O primeiro coordenador da CD de Faro foi o Prof. Farias”
Convite	A Juvenália foi convidada para ser a 1ª Coordenadora Distrital mas recusou. Mas foi convidada para integrar a equipa distrital	Antes de ser criada a coordenação distrital, eu estava em Olhão e o prof. Raposo convidou-me para ser coordenadora distrital, eu é que não aceitei, não quis. Depois, aparece o prof. Farias como coordenador e então ele foi convidar-me para equipa da distrital. Deixei a câmara de Olhão e deixei de fazer alfabetização (...)
Início de atividade da Coordenação Distrital de Faro	Foi constituída a equipa distrital e criada uma rede de coordenações concelhias no Algarve	“A partir de 1982, depois de criada a Distrital criaram-se por todo o Algarve as coordenações concelhias, umas logo, outras depois (...) Mas a primeira coordenação concelhia de educação de adultos foi Olhão, com o apoio do João Bonança, o presidente da Câmara que bastante me ajudou (...) Era um homem muito sensibilizado para estas temáticas (...) Depois é que se formou a equipa distrital. Eu fui a primeira, no tempo do prof. Farias e já lá estava também o prof. Zambujal. Depois entraram a Manuela, o Rui, a Vitória” “ Só depois é que surgiram as outras concelhias”
1º e único coordenador concelhio de Faro	Ainda antes de haver coordenação distrital, o Florival já tinha iniciado um curso de alfabetização em Faro. O Florival era professor primário. Manteve-se na coordenação concelhia	O Florival já fazia alfabetização antes de existir a coordenação distrital (...) O Florival estava em Faro (...) já estava no terreno, ainda não havia coordenação concelhia de Faro, mas ele estava já a dar alfabetização, não tinha sede, era só ele (...) O Florival ficou um tanto ou quanto chocado por não ter sido convidado para a

	de Faro até à sua extinção.	equipa da distrital, ele que já fazia alfabetização no terreno . O Florival também foi daqueles que mais tempo trabalhou na educação de adultos, começou quando eu comecei e saiu também mais ou menos na mesma altura que eu saí, para se reformar, sempre como coordenador concelhio de Faro”(…)
A equipa da Coordenação Distrital	Excetuando a JUvenália, nenhum dos elementos que passaram a integrar a equipa distrital tinha qualquer formação em educação de adultos	“Mais ninguém tinha qualquer ideia sobre educação de adultos. A Vitória vinha da escola primária do B. João, nunca trabalhou com adultos. Depois foi coordenadora distrital durante muitos anos, mas nunca deu alfabetização (...) Eu não sei bem como é que a Vitória aparece na coordenação distrital, não sei se foi por ela pertencer aquele movimento da escola moderna, se foi por alguma razão política., ela era nessa altura já militante do PS, não sei “
Experiência na E.A.	Na Coordenação Distrital tinha funções na área da Formação. Era formadora nos Seminários de Formação Inicial e fazia Acompanhamento Sistemático aos Cursos. Preferiu esse tempo. Gostou mais dessa experiência Na ANEFA era a coordenadora da equipa. Experiência completamente diferente com outra orientação política, mais voltada para outros públicos, mais preocupada com as qualificações profissionais.	“Eu passei praticamente por quase tudo. Comecei por dar alfabetização, depois estive na coordenação como formadora na área da alfabetização, fazia o acompanhamento sistemático aos cursos. Era a sub- coordenadora distrital, pois era eu que substituía a Vitória na coordenação distrital quando ela não estava. Mais tarde estive na Anefa, trabalhei com o Alberto de Melo no Instituto de Emprego e Formação Profissional (...) Entre essas duas experiências quase não tinha nada a haver uma realidade e outra. As políticas eram muito diferentes, os objetivos e as práticas eram muito diferentes. Foram realidades que não têm comparação (...) “Gostei, gostei, mas gostei menos do que quando estava na coordenação distrital. Aí gostei mais, era diferente, os cursos de alfabetização, as reuniões com os nossos colegas do terreno, as formações a que nós íamos, era tudo muito diferente, era outra educação de adultos (...) Esta era uma educação de adultos com outra orientação política, mais voltada para outros públicos, mais preocupada com as qualificações profissionais (...) Senti muito a diferença, senti”
A melhor fase	O tempo da Coordenação Distrital deixou grandes saudades. Gostou muito mais desse tempo em que a alfabetização era uma	“Para ser sincera gostei mais do princípio, da alfabetização, de fazer formação aos colegas que estavam no terreno. Mas também gostei muito de fazer alfabetização naqueles primeiros anos em

	<p>prioridade da E.A. Também gostava de fazer a Formação e não esquece a sua experiência como alfabetizadora, o seu primeiro desafio na educação de adultos</p>	<p>que estive em Olhão, por causa das pessoas que eram muito interessadas, que se via que queriam aprender. A princípio era assim, depois mais tarde vi, mesmo aqui em Olhão, que algumas pessoas iam porque tinham que ir, ou porque as obrigavam ou por causa do rendimento mínimo (...). Uma vez, aqui em Olhão, quando era a Berta a coordenadora concelhia, havia uma certa pressão para aqueles que estavam desempregados para irem para a alfabetização, mais não sei quê, já havia um certo desinteresse, havia sempre baldas, alguns indivíduos que faltavam muito, que não tinham muito interesse (...) Enquanto, aqueles indivíduos com quem eu trabalhei naquela altura, era tudo gente muito interessada, pessoas que tinham mesmo necessidade de aprender a ler e ter um 4ºano de escolaridade. Aí gostei muito, trabalhar assim dá muito mais motivação. Esse foi o meu primeiro grande desafio na educação de adultos”</p>
<p>ANEFA</p>	<p>Foi coordenar os cursos EFA e os Cursos RVCC. Trabalhava bastante. Fazia acompanhamento dos cursos do IEFP e dos outros cursos no concelho, não só os Efas, os cursos S@ber +, os RVCCs (</p>	<p>Saí da direcção regional e fui para o IEFP para coordenar os cursos Efa e os Cursos RVCC. Foi nesta altura que eu fui agraciada pela Márcia Trigo (risos) (...) Nessa altura trabalhava bastante, tínhamos as reuniões na sede, no IEFP. Frente ao Mercado, fazia acompanhamento dos cursos do IEFP e dos outros cursos no concelho, não só os Efas, os cursos S@ber +, os RVCCs (...) Naquela altura aqueles cursos eram só para dar equivalência ao 9º ano, depois mais tarde, eu já não estava, é que passaram a haver cursos que davam equivalência ao 12º ano. Eu a nível de 12º ano já não assisti (...). O que eu acho mal é que era qualificação, qualificação, perdeu-se avocação da educação de adultos que também era alfabetização e as atividades mais viradas para as populações mais pobres. Mas, também é verdade que as taxas de analfabetismo foram diminuindo e por isso é que os cursos de alfabetização começaram a ter menor procura. A procura passou a ser mais ao nível do 6º ano e do 9º ano (...) A minha sede era no Instituto de Emprego, fui destacada da direcção regional para o</p>

		IEFP, ainda estive lá cinco anos, antes de me reformar.
Formadora	<p>Era uma das responsáveis pela formação na área da alfabetização. Todos os anos ocorria uma seminário de Formação, em regime de internato, para os novos agentes de educação de adultos, professores destacados e bolseiros que, quando entravam na educação de adultos não sabiam nada. A Juvenália também participava na formação sobre animação da leitura.</p> <p>A equipa de formadores era constituída pela Juvenália, Vitória e Manuela Chaves.</p> <p>Esta formação era muito importante porque as coordenadoras concelhias e as professoras de terreno recebiam formação para depois poderem desmultiplicar junto das bolseiras. Os professores primários tinham facilidade em aprender o “método”. Nas formações que faziam, não falavam na obra de Paulo Freire, não liam partes ou excertos de livros, não falavam das suas teorias.</p>	<p>“Essa era uma das minhas principais funções na coordenação. Eu e a Vitória éramos as responsáveis pela formação na área da alfabetização. Todos os anos, nós organizávamos aqueles seminários de fim-de-semana, umas vezes era em Aljezur, outras vezes nas Açoteias, sobre alfabetização e educação de adultos. Era aí que explicávamos o método de Paulo freire. Eu gostava muito de fazer isso, tinha aprendido em Beja com o prof. Raposo e depois também tinha que estudar, preparar melhor para falar de Paulo freire e de todos os outros conhecimentos inerentes a ele, né?. Também havia uma outra filosofia de educação de adultos que era muito importante, não era só método (...) Acho que essa experiência como formadora também foi muito importante. (...) Eu também participava na formação da animação da leitura. Naqueles seminários que fazíamos a animação da leitura fazia parte daquele processo todo da alfabetização. Por isso é que a equipa formadora era constituída por mim pela Vitória e pela Manuela (...)</p> <p>“Nos seminários a Manuela dava a animação da leitura e eu dava a revista da imprensa. Havia muitas técnicas ligadas à animação da leitura que a Manuela dava, que já não me recordo e eu sei que dava a revista da imprensa. A primeira vez que dei essa área foi quando houve aquele acidente de Chernobyl. Lembro-me que naquela altura as pessoas estavam muito interessadas em perceber bem o que se tinha passado, com aquela técnica, a gente fazia uma recolha das notícias dos vários jornais e depois fazíamos a interpretação e uma reflexão com elas (...) Essa parte era muito gira também (...) Esta formação era muito importante porque as coordenadoras concelhias e as professoras de terreno recebiam formação para depois poderem desmultiplicar junto das bolseiras. As nossas colegas quando entravam na educação de adultos não sabiam nada” (...)</p> <p>“Eram professores e tinham facilidade em apreender as fases do método. Depois havia o método das 28 palavras e alguns</p>

		<p>professores já conheciam esse método. É um método global que é muito semelhante ao método de paulo freire. Acho que sim, a maioria entendia bem o método, a minha ideia era que quando passava a mensagem eles teriam entendido. Fazíamos essa formação logo nas primeiras semanas do ano letivo porque havia sempre gente nova a entrar e tinham de perceber as diferentes fases, também era só isso que fazíamos, uma espécie de marcha de lição. Não íamos além disso (...) O importante era saber alfabetizar utilizando o método (...)</p> <p>“ Não, como te disse o que nós fazíamos era ensinar o método. Falávamos nas fases, no universo vocabular, palavras geradoras. Fazíamos exercícios com palavras geradoras, organizávamos grupos que depois escolhiam palavras geradoras e exemplificavam como era uma sessão de alfabetização. Era mais isso”</p>
Biblioteca da Coordeação	<p>Na biblioteca havia vários livros de Paulo freire que nunca eram requisitados. Os próprios formadores nunca leram um livro de Paulo freire. E os professores destacados e coordenadores concelhios ao longo de vários anos na E.A nunca requisitaram um livro de Paulo freire</p>	<p>“Não, nunca”</p>
Acompanhamento Sistemático	<p>Fazia equipa coma Vitória que era a coordenadora distrital mas que nunca fizera alfabetização. Nesse acompanhamento Sistemático também observavam e orientavam a construção de materiais realizada nas coordenações concelhias. Fez Formação em Lisboa sobre a Construção de</p>	<p>A Vitória e a Manuela nunca tinham feito alfabetização com adultos, só eu sabia as dificuldades que havia em ensinar adultos a ler (...) tu sabes que eu, numa certa altura, participei numa formação em Lisboa sobre Construção de Materiais que tinha como objetivo ser um Livro, uma referência para formadores e formandos.</p> <p>E eu participei naquela Construção de materiais (...) Acho que era uma coisa que podia resultar porque quando íamos a qualquer curso, os bolseiros queixavam-se da falta de materiais, de um Livro, estavam habituadas a estudar por um</p>

	Materiais	Livro e sempre lhes fez muita confusão não haver um livro para ajudar na alfabetização. Nós bem lhes explicávamos por quê e por isso é que as coordenadoras concelhias preparavam os materiais para lhes entregar, mas elas queriam era ter um Livro. Aprendi imensas coisas nessa formação sobre Construção de Materiais e se o objetivo era criar um Livro para ser utilizado nos cursos, não sei, porque, os serviços centrais acabaram por não editar livro nenhum” (...)
Formação contínua	Para além desta formação inicial havia muita formação organizada pelos Serviços Centrais. Esta Formação era muito importante porque os professores destacados na E.A não tinham qualquer formação na área da E.A. Toda a Formação era importante	“Sempre houve muita formação principalmente naqueles primeiros tempos da educação de adultos. Houve muita formação organizada pelos serviços centrais. Não era só alfabetização mas também todas as áreas adjacentes como a animação da leitura, bibliotecas (...). Era tudo organizado por Lisboa. “Era muito importante, porque éramos quase todos professores primários e a educação de adultos é outra coisa., toca em muitas áreas. Era importante ter formação, ter conhecimentos para podermos desenvolver o nosso trabalho. Por isso é que a coordenação distrital também era importante, porque organizávamos muitos encontros, muitas reuniões, seminários. Não era só os Serviços Centrais, nós também fazíamos muita coisa. Lembro-me que naqueles primeiros anos havia muita formação, mas também porque havia dinheiro, havia muito dinheiro. Não era só projeto do nordeste algarvio que tinha dinheiro. Quando se queria organizar alguma atividade, bastava fazer o orçamento para Lisboa que o dinheiro aparecia, também é verdade que havia muitos cursos (...) Eles sabiam que nós no Algarve trabalhávamos bem (...) E as autarquias também ajudavam muito (...)
O “método” de Paulo Freire	As bolsseiras raramente utilizavam o denominado “ método” de Paulo Freire	“Havia bolsseiras muito boas e outras nem tanto. Havia uma parte que aplicava o método, mas, se calhar uma grande parte não adotava, se calhar não (...) Estas idas aos cursos, o acompanhamento sistemático que fazíamos era muito importante, era porque conversávamos com as pessoas, percebíamos os problemas delas, as dificuldades, víamos os cadernos, os materiais. Por isso, eu digo que algumas delas utilizavam, outras não”
Complementos de	Fez um CESE em	Sabes, quando eu fiz os Complementos de

Formação	Supervisão na Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve. Numa unidade curricular aproveitou os conhecimentos e experiência em E.A. para obter uma nota de 19 numa unidade curricular. O CESE foi importante para o seu trabalho na ANEFA	Formação em Supervisão na Escola Superior de Educação, um dos trabalhos que eu desenvolvi foi sobre esses Manuais em que tinha trabalhado, essa disciplina que era lecionada pelo Zé Alberto e sabes porquê? Porque eu fui, eu, nessa altura, participei na Construção e também os apliquei (...) Eu trouxe essa experiência e passei a alguns colegas que os aplicaram, esses materiais constavam de uma espécie de Manual (...) Nesse trabalho para o Zé Alberto eu fiz a descrição do modo como foram construídos e depois como forma aplicados esses materiais. Fui recuperar para um trabalho escrito o que tinha feito quando estava na coordenação distrital (...) De maneira que o Zé Alberto deu-me 19 valores (...) Sabes que esse Curso de Complementos de Formação em Supervisão foi importante para mim e também me ajudou muito quando estava na ANEFA a fazer a coordenação dos cursos EFA” “Gostei muito, ainda pensei bastante se valeria a pena (...) Valeu, foi uma fase com muito significado para mim (...) Achei que tinha sido ótimo, aprendi muito, gostei muito dos formadores, especialmente, o Zé Alberto, foi espetacular, e achei que ajudou-me bastante para entender muitas coisas. Mesmo sendo sobre supervisão aprendi muita coisa, mesmo ligado à educação de adultos e serviu para o resto do tempo em que trabalhei no IEFP (...) E não fiz Mestrado porque achei que já era velha”.
O percurso profissional	Considera que não mudava nada. Gostou do seu percurso, das experiências realizadas porqu em todas elas aprendeu bastante	J- Se calhar não mudava nada, fazia o que fiz, gostei muito do meu percurso profissional, acho que voltava outra vez à educação de adultos, mas agora é um sistema que está posto de lado (...) E mesmo na Anefa havia coisas importantes. Também gostei de fazer o acompanhamento dos cursos RVCC que também era da nossa responsabilidade, parece que agora acabaram ou estão numa fase de reformulação, não sei (...) Agora também já não acompanho isso (...) Mas nessa altura. Isso para mim foi muito importante, quando eu fui para a Anefa, eu fui trabalhar para o Instituto de Emprego.
Extinção das coordenações	Estas estruturas de proximidade e de	“Houve muita gente que foi embora porque a educação de adultos mudou

	<p>organização anível local de ações de E.A. eram muito importantes para o desenvolvimento deste subsistema educativo até porque ainda há muito para se fazer nesta área. A maioria das pessoas com experiência em E.A. voltaram para a Escola</p>	<p>muito, mas tu sabes que, nos tempos da coordenação distrital quem coordenava era a Vitória, depois do prof. Farias sair quem começou a coordenar foi a Vitória e houve vários casos, como a Margarida de Albufeira que era das mais fracas do Distrito, que não se renovava os destacamentos. Havia muitas professoras, mais eram do terreno, que no fim de algum tempo a Vitória deixava de contar com elas e não renovava o destacamento, olha que foram muitas. Não havia confiança na concelhia não se renovava (...). Houve gente que saiu forçada, pelo trabalho que faziam não havia condições para continuarem. Mas também houve muita gente que saiu voluntariamente, as condições de trabalho eram diferentes, e a educação de adultos mudou, mudou muito (...) Depois, alguns colegas também não quiseram continuar quando acabou a distrital e passaram a despender da direção regional”</p> <p>“Eu acho mal, era muito importante o trabalho de proximidade que se fazia junto das pessoas, na organização de cursos. Já não há ninguém a fazer esse trabalho, era a alfabetização, a animação sociocultural, acabou tudo (...) As nossas colegas voltaram todas para as escolas. Mesmo na direção regional parece que já não há nenhum acompanhamento nessas áreas (...)</p> <p>“As minorias imigrantes, muitos querem aprender a ler e escrever. Mas é uma questão política (...) Eu, propriamente não trabalhei no terreno, mas a Berta, coordenadora concelhia de Olhão, tinha alguns cursos de português para estrangeiros, eram romenos, ucranianos, jugoslavos, e esse trabalho também era muito importante que continuasse a ser feito”.</p>
<p>Vida política</p>	<p>Ao longo do seu percurso profissional teve uma vida político partidária tal como muitas colegas destacadas na rede pública de educação de adultos no Algarve. Considera que há uma relação entre a política e a educação de adultos. Iniciou a vida política</p>	<p>“Não só eu, há mais colegas que tiveram, eu, a Jovita, a Marília, a Rosa, a Rosário, a Célia e todas ligadas ao PS, militantes. Eu acho que foi também por causa do apoio das autarquias à educação de adultos. Havia uma ligação muito forte das coordenadoras concelhias e professoras do terreno às autarquias, os presidentes de Câmara apoiavam muito os cursos de adultos e compreende-se porquê. Naquela altura, a maioria das Câmaras eram PS, agora é que não. E no princípio quem</p>

	<p>quando começou a fazer alfabetização na Câmara de Olhão cujo presidente era PS</p>	<p>mexia os cordelinhos para o funcionamento dos cursos eram as Câmaras. Eles eram fundamentais e era nessa relação com os presidentes que a pessoa depois se sentia envolvida. E tu recordas-te que no tempo da Etelvina, quando era coordenadora de Tavira, andava sempre com o vereador da cultura atrás. Muitas das atividades que ela organizava, convidava sempre o vereador da cultura que lhe deu muito apoio. E a maioria das nossas colegas também, ligavam-se muito ao setor da cultura, ficavam muito ligadas às Câmaras. Eles cediam um espaço para a sede da coordenação, davam material, faziam o apoio logístico, apoiavam financeiramente muitas atividades, pagavam algumas bolsas, por exemplo, o Ministério pagava umas bolsas e eles pagavam outras. Daí sempre a ligação. Muitas eleições foram ganhas à conta da educação de adultos, toda a gente que andava no meio, sabia disso. (...) Talvez tenho sido por isso que eu também entrei na política, logo quando comecei a fazer alfabetização no tempo do João Bonança. Também eu fui presidente da Assembleia Municipal, e fui secretária, pertenci à Mesa da Assembleia durante largos anos. E também pertenci ao Movimento das Mulheres Socialistas do Algarve”</p> <p>“Está tudo ligado, as questões da alfabetização do desenvolvimento tem que ver com a educação de adultos e também com um certo espírito socialista de contribuir para melhoria da qualidade de vida das pessoas. Até, muitas vezes os próprios presidentes e os vereadores da cultura gostavam de visitar cursos, acompanhavam os coordenadores concelhios, era uma forma de fazer política e ganhar votos.”</p> <p>“Foi quando entrei para educação de adultos, foi da minha relação com a Câmara, com o presidente João Bonança, foi esse envolvimento que me fez entrar para política, para militante da concelhia de Olhão do PS (...) O meu marido já era militante do partido socialista, já me tinha tentado convencer n vezes para eu me filiar (...) A oportunidade surgiu com a educação e adultos”</p>
<p>Homenagem</p>	<p>Em 2002 foi homenageada pela Dr^a</p>	<p>“Saiu no diário da república. Foi toda a equipa do Algarve homenageada. Eu era a</p>

	<p>Marcia Trigo, presidente da comissão instaladora da Anefa, pelo seu trabalho como coordenadora da equipa do Algarve. Foi uma honra que jamais esquecerá</p>	<p>coordenadora de equipa e também fazia parte a Ofélia de Portimão, o Mesquita de Lagos e mais três ou quatro professores que tinham sido coordenadores concelhios no tempo da distrital e depois passaram a chamar-se Organizadores Locais de educação e formação de adultos. Esta homenagem foi prestada pela Márcia Trigo que era presidente da comissão instaladora da Anefa e quando terminou funções, pois a Anefa passou a ser Direção Geral de Formação Vocacional entendeu prestar homenagem pública à equipa do Algarve. Foi um dos momentos mais gratificantes da minha vida profissional.</p>
<p>Reforma</p>	<p>Em 2003 reformou-se com 62 anos de idade . Não foi uma transição difícil</p>	<p>“Para me reformar, já tinha 33 anos de serviço e tinha 62 anos de idade, porque eu não trabalhei sempre, quando acabei o curso”.</p> <p>“ Não, não custou nada, até foi um alívio, já me sentia muito cansada, foram 33 anos de serviço (...) Não me custou nada, as pessoas diziam que ficavam com grandes stresses de deixar o ensino, com grandes problemas, já estava cansada (...) Depois aquelas mudanças todas, da Anefa, havia pessoas que iam sair, novas mudanças e não sabia o que vinha aí. Já não tinha idade nem paciência para mais mudanças (...) As coisas estavam a tornar-se cada vez mais confusas (...) (risos) Quase que senti um alívio com a reforma (...) Se calhar não é assim muito comum, mas foi um alívio e não senti saudades...) Foi bom ter me reformado, tenho muita coisa para fazer. Faço voluntariado, pertenço aos corpos sociais a ACASO. Todos os dias de manhã saio de casa, tenho sempre coisas para fazer. Converso com as minhas amigas, à tarde vou para a ACASO (risos). Deixei cair algumas coisas, deixei a política, já não pertenço ao movimento das mulheres socialistas (...)</p>

ANEXO 10. ANÁLISE DA ENTREVISTA À MANUELA CHAVES

Categorias	Análise	Excertos
Ingresso na rede pública de educação de adultos	<p>Entrou no seguinte à criação da Coordenação Distrital, no ano de 1983/84. Não queria ir para a Escola Primária. Tinha sido colocada no nordeste algarvio, Estava de atestado médico. Serviu-se do conhecimento entre os sogros e um elemento da coordenação Distrital para “meter uma cunha”. Foi assim que ingressou. Não sabia nada de educação de adultos. Ficou com a responsabilidade pela dinamização das bibliotecas populares</p>	<p>“Quem lá estava era o Farias, O Zambujal, a Vitória, a Juvenália e o Rui. Os meus sogros conheciam bem o Zambujal, eram vizinhos, ele morava lá na rua e um dia em conversa, falaram que eu estava de atestado médico e ele disse, “ Eh pá! Então ela podia ir lá para a ordenação. O Zambujal disse “Eu vou falar com o Farias” que era o coordenador. O Farias que era todo vaidoso quis-me conhecer, mandou-me chamar. Fui à casa do Farias, o gajo era muito pequenino, eu era maior que ele, chegava-me ao pescoço, diz-me ele, “ Então o que é que a menina quer?” Oh professor Farias eu queria ir para Coordenação” E Ele pergunta-me “ E então, o que é que sabe fazer?” “Eu faço o que me mandarem fazer, eu faço”. “Então está bem! Há ali uma área em que faz falta alguém, as Bibliotecas de pequena comunidade, não sei quê, não sei que mais, se calhar fica com as Bibliotecas”. Eu pensei, seja o que for, eu quero é ficar aqui, estava de atestado médico, tinha sido colocada nas Furnazinhas e não queria ir para a serra (...) E, entretanto, digo eu assim.” Oh professor, qualquer coisa serve”. E depois ele (...) “ Fica com as Bibliotecas”. Foi assim, pediram o meu destacamento, aquilo foi rápido e fui-me apresentar na Coordenação (...)No primeiro dia que cheguei lá, o Rui diz-me assim: «Tu pergunta-me tudo, tudo o que tu não souberes, eu respondo», Eu disse: «Eh pá! Eu não percebo nada disto »”</p>
O coordenador Distrital	<p>O prof. Farias foi o escolhido porque era militante do PS. O prof. Farias não manifestava interesse nenhum em desenvolver a E.A., pouco ou nada fazia. A Vitória e a Juvenália é que implementaram a alfabetização</p>	<p>“ A Coordenação tinha sido criada no ano anterior, em 1983. O Zambujal é que era para ser o coordenador, mas quem ficou como Coordenador foi o Farias. Na altura ele era do PS. Portanto, estavam lá também a Juvenália, a Vitória e o Rui, depois entrei eu (...)“ O prof. Farias não fazia nada. Tinha a secretária com o telefone fechado a cadeado para gente não telefonar e o jornal na gaveta, mais nada (...) E então estava lá a Vitória e a Juvenália que eram mais velhas, eram 16 ou 17 anos mais velhas que eu, e elas é que tinham o cargo mais importante que era a alfabetização” “Lembro-me de que o Farias não estava</p>

		par de nada, não sabia de nada”
A Alfabetização	A prioridade da Coordenação Distrital era implementar os cursos de alfabetização	<p>“ A alfabetização foi a primeira atividade a ser desenvolvida, quando começaram com a coordenação, já havia cursos de alfabetização”</p> <p>“Eu era a mais nova, chego lá fresquinha que nem uma alface e o Rui vem logo ter comigo “Tu faz-me as perguntas todas”. Eu disse-lhe “ Olha eu não percebo nada disto, primeiro já ouvi aqui falar de bolseiros e de CEBAs (...) Mas o que é um bolseiro? Eu não sabia nada disso, quando entrei para a Coordenação não percebia nada de educação de adultos (...) Depois lá me disseram que os bolseiros eram aqueles fulanos que davam aulas de alfabetização, eles já sabiam alguma coisa, eu é que não sabia nada daquilo”</p> <p>“Depois, quando o Farias me incumbiu de ficar com as Bibliotecas, eu pensei “ Eu não gosto desta merda” Eh pá! Eu tinha vinte e oito anos e estava cheia de vontade de trabalhar, eu não quero fazer só isto, quero fazer outras coisas. Então fui para minha secretária que ficava lá ao fundo e pus-me a escrever. Eu achava que podia fazer outras coisas, o Farias tinha-me dito “Tudo o que quiser fazer a mais é bem-vindo” E, então pus-me a escrever “ recolha de artesanato, tradição popular”</p>
Aprendizagem totalmente nova	Numa transição biográfica a Manuela não sabia nada sobre estas novas funções. Não gostou do trabalho que lhe foi atribuído para dinamizar as bibliotecas. Através do contacto com uma colega do IEFP que estava a fazer Estudo do Meio no nordeste algarvio descobriu o que queria fazer: Fazer recolha de património oral e artesanato	<p>“Eu era a mais nova, chego lá fresquinha que nem uma alface e o Rui vem logo ter comigo “Tu faz-me as perguntas todas”. Eu disse-lhe “ Olha eu não percebo nada disto, primeiro já ouvi aqui falar de bolseiros e de CEBAs (...) Depois, quando o Farias me incumbiu de ficar com as Bibliotecas, eu pensei “ Eu não gosto desta merda” Eh pá! Eu tinha vinte e oito anos e estava cheia de vontade de trabalhar, eu não quero fazer só isto, quero fazer outras coisas. Então fui para minha secretária que ficava lá ao fundo e pus-me a escrever. Eu achava que podia fazer outras coisas, o Farias tinha-me dito “Tudo o que quiser fazer a mais é bem-vindo” E, então pus-me a escrever “ recolha de artesanato, tradição popular”</p> <p>“ Gostava muito dessas coisas e como podia fazer outras coisas, podíamos sair para a serra para além de tratar das questões sobre Bibliotecas e como me disseram que tinha de fazer trabalho na serra pensei «, na serra há imenso artesanato, era giro fazer recolhas de</p>

		artesanato, de poesia, de mezinhas, tradição oral»”
Formação	Quando se iniciaram os trabalhos preparatórios do PIDR não havia praticamente ações de Formação. Só começou a haver muita formação a partir de 1985. Foi várias vezes a Lisboa receber formação na área da Animação da Leitura	<p>“No princípio não havia nada, quando tu entraste foi quando começou a haver mais formação. Quando começamos a trabalhar no terreno, íamos por intuição, não tínhamos formação nenhuma, andávamos a desbravar aquilo, era tudo novo, para gente e para as pessoas. Depois é que começou a haver mais formação, quando o Projeto estava a avançar mais, quando as coisas estavam já mais organizadas (...)</p> <p>“Aí fui muito, muito preparada em Lisboa, eu ia receber formação em Lisboa com o João Camacho e depois vinha dar aos professores e depois os professores faziam animação da leitura nos cursos de alfabetização e nas bibliotecas de pequena comunidade”</p>
Equipa multidisciplinar para fazer o Estudo do Meio no nordeste algarvio	Constituiu-se uma equipa multidisciplinar em representação de várias Instituições com atividade na serra algarvia. Sob a coordenação da CCRA elaboraram inquéritos para realizar um diagnóstico sobre as necessidades das pessoas e para identificar recursos. Estes Estudos preparatórios visavam o lançamento do PIDR, Ne/Alg	<p>“A Everilde foi destacada para ali para fazer esse tipo de recolhas de artesanato, para integrar essa equipa multicultural que era, o instituto de emprego, que era a segurança social (...), para se construírem os lares, para se criarem outros projetos, a alfabetização, a Escola Secundária de Alcoutim (...) Portanto, éramos nós, era o Instituto de Emprego, era a CCR, a Segurança Social, a Agricultura, e era a Educação. Levávamos inquéritos que eram folhas e folhas, e íamos porta a porta das pessoas nos montes, corremos o nordeste algarvio todo”</p> <p>“Reunimos várias vezes a equipa toda (...) depois com os questionários íamos porta a porta. Dividíamo-nos em grupos e corremos tudo, começamos por Alcoutim e cada uma levava as suas folhas de inquérito. E depois fizemos o cruzamento de dados (...) para fazer os relatórios (...) os cruzamentos de dados fazíamos cá nos Serviços”</p> <p>“E começou assim, o PIDR começou assim com esta equipa, se não fosse este trabalho de diagnóstico que foi feito, não tinha aparecido o PIDR (...)eu e a Everilde estávamos ligadas à parte do nordeste, com o levantamento de dados e tudo o mais que a gente quisesse fazer. E, assim aproveitámos para fazer as nossas recolhas de artesanato”</p>
Alberto de Melo	Foi através da Everilde que estava ao serviço da coordenação distrital de	“Ele veio da Suíça, e ele já conhecia a Everilde, não sei donde, nem a que propósito, ele não estava em serviço (...)

	<p>educação de adultos a fazer um trabalho de recolha sobre o artesanato algarvio que o Alberto de Melo estabeleceu os primeiros contactos com as pessoas do nordeste algarvio que foi fundamental para implementar o projeto RADIAL e mais tarde a In Loco</p>	<p>ele foi Diretor Geral de Educação de Adultos, depois foi para a Suíça e lá enviuvou. Veio para Portugal e apareceu aqui em Faro, acho que se lembrava da Everilde, veio ter com ela e a Everilde em conversa disse-lhe o que é que estávamos a fazer na serra e não sei quê e um dia perguntou se podia ir com a gente (...) não dizia nada, só via. Um dia ficou com a gente em Martinlongo. Ficamos na casa da Tia Anica (...)“O Alberto de Melo foi com a gente e ouvia o que nós estávamos a falar”</p> <p>“ O Alberto assim que se meteu, entrou devagarinho e depois dominou aquilo tudo no nordeste (...) começou com a radial, depois com a in loco e mais não sei quantos, dominou aquilo tudo e nós fomos ficando para trás, mais baseados nas educações de adultos, alfabetização e nas outras atividades socioculturais”</p> <p>O Alberto de Melo e a equipa dele começou-se a meter lá (...) eles é conseguiram arranjar dinheiro e depois como já não precisavam de nós, deixaram de nos dar o devido valor a quem desbravou tudo aquilo, quem começou fomos nós, eles aproveitaram-se de nós, dos nossos contactos. Eles não conheciam ninguém, foi através de nós que chegaram junto das entidades, da câmara, da junta de freguesia, das pessoas que nós conhecíamos e mais tarde das próprias bolseiras, sim, porque algumas daquelas raparigas acabaram por ir trabalhar para a IN Loco, ainda bem para elas. Mas se não fosse a educação de adultos o Alberto nunca tinha conseguido entrar no nordeste algarvio como entrou”</p>
<p>Diagnóstico sobre o artesanato nordestino</p>	<p>Foi feito um trabalho de identificação dos artesãos e de recolha de tradição oral com o objetivo de ser utilizado nos cursos de alfabetização</p>	<p>“Em Vaqueiros, vimos saquinhos de linho e não sei quê, as pessoas faziam e depois vendiam, Ah! também havia uma senhora em Penteadeiros que nos falou que se lembrava do tempo em que se cultivava o linho, e a gente falou que ela devia voltar a cultivar o linho mas ela dizia que não, que isso dava muito trabalho, mas a gente tanto chateou, tanto chateou que ela fez o cultivo do linho (...) Era a D. Senhorinha, e o marido. Era muito porreiro que se pôs a contar a história do linho, aquilo era um processo difícil (...). Depois, um dia, fomos ter com o pároco e dissemos, “Oh! Sr. Padre, conseguimos que a D. Senhorinha e o marido fizessem todo o</p>

		<p>processo do linho e gostávamos que o senhor padre fosse acompanhando o processo”. Bom, o que é certo, é que acompanhou, tirou as fotografias de tudo o que o casal fez, desde o cultivo até ao final e quem é que acabou por ficar com as fotografias? Foi o Alberto de Melo, como ele fez não sei, o que disse ao padre (...) também já não me lembro como foi a coisa, mas o certo é que ele é que se abotoou com as fotografias (...) e também quando foi a tosquia da ovelha também ficou com as fotografias (...) nós pensámos na tecelagem, nessas coisas todas, contactámos as pessoas, fizemos esse trabalho todo de identificação dos artesãos, a gente sabia onde eles estavam todos (...)</p> <p>(...) também foi por causa da alfabetização que fizemos aquele trabalho de recolha de tradição popular, porque quando fizemos aquela primeira coletânea, aquela que eu fiz sobre tradição popular algarvia, isso era o livro deles, era daí que as professoras e as bolseiras tiravam os textos para explorar nos cursos (...)</p>
Tecelagem	A D. Senhorinha e o marido era um casal muito conhecido pois reactivou todo o processo de produção do linho. Esse processo foi registado em fotografias que serviram para expor em várias exposições sobre o artesanato algarvio	Em relação à tecelagem, ao cultivo do linho, o marido da D. Senhorinha fez o processo todo, ainda me lembro como aquilo se fazia, cultivava-se o linho, dá flor, as sementes, depois dá aquilo, parecem espigas, lavam, depois, é a parte de dentro que é o fio, que as pessoas cardavam, e elas diziam muito, “Ah! Professora a gente já não tem dentes” (...) Eu dizia “Então não há umas cantigas”, (...) E agora como é que se faz a tecelagem, como é que reactivamos esta coisa, que era o que queríamos”
Artesanato algarvio	As pessoas não valorizavam a arte artesanal. As exposições tinham um carácter educativo e pretendiam preservar uma arte em desuso que acabou por perder-se, também por falta de rentabilidade económica	“ Eu sempre fui de usar este tipo de roupas largas e as mulheres diziam-me assim, eu uma vez levava uma saia larga e diz uma « Olha aquilo que a gente usava em saiotos, usam elas agora como saias de cima»” (...) Lembro-me de ter mandado fazer naquela terra, ao pé de Cachopo, no Grainho, um tecido em lã de ovelha crameado e depois elas fizeram-me um fato «Ai menina se alguma vez a minha filha usava isso» (...) Achavam assim tudo muito estranho (...) os nossos gostos em relação aos delas (...) e depois sensibilizar as pessoas para se implementar, para se valorizar o artesanato que as pessoas faziam, elas não davam valor nenhum, percebes! não faziam, já

		<p>não ligavam a isso. O artesanato na serra estava a perder-se (...) Por isso, quando fizemos aquela exposição de artesanato, era para mostrar às pessoas, para as convencer que aquilo que elas faziam valia a pena, mas, depois morreu tudo, muito daquilo que as pessoas faziam, perdeu-se, porquê?, as pessoas fazem, mas depois quando entra a perspectiva de mercado já não são capazes de fazer. E nós só podíamos chegar ali, podíamos entusiasma-los, sensibilizá-los, ajudá-los, dar-lhes os alicerces, mas depois tinham de ser elas a avançar e elas não conseguiam, se a ideia era os artesãos se organizarem para produzir, depois a coisa morria por ali. Das experiências que houve, a Lançadeira continuou, os bonecos de juta continuaram, houve ali muito investimento, muito trabalho junto daquelas mulheres, mas surgiram muitos problemas, não deu (...)</p>
<p>Rota dos artesãos</p>	<p>Foi desenhado um mapa com a identificação e localização de todos os artesãos do nordeste algarvio. Esta rota foi feita com a colaboração alargada de elementos da coordenação distrital e das concelhias, onde os bolseiros, agentes locais tiveram um papel muito importante</p>	<p>“Corremos montes e vales, sabíamos onde estavam todos os artesãos do nordeste algarvio (...) sítios inimagináveis, sítios que nem sabia que existiam (...) Muitos dos trabalhos desses artesãos foram postos na Exposição que fizemos em Faro, tínhamos lá o sítio de onde eles eram que era para as pessoas saberem e poderem contactar com eles, pusemos trabalhos deles à venda e vendeu-se tudo”</p> <p>“ A ideia era criar emprego, mas não conseguíamos, as pessoas quando pedíamos para fazer, eles faziam, agora quando foi para eles criarem uma cooperativa, para se organizarem, dávamos ideias, para eles criarem uma cooperativa mas eles não conseguiam (...) e não era por serem velhos porque havia alguns novos, alguns de quarentas e tais, relativamente novos, fizemos aqui a exposição para eles se aperceberem que quanto valia o artesanato que eles faziam, mas assim que nós desaparecemos acabou-se, eles não conseguiam fazer sozinhos. Não estavam preparados, por isso é que eu digo, quando os bonecos de juta começaram, aquilo depois e mesmo a Lançadeira, aquilo depois criou-se logo, entre Cachopo e Martinlongo uma rivalidade, porque umas ganhavam mais, umas trabalhavam mais e ganhavam menos. Aquilo que a gente queria era que elas fizessem pequenas cooperativas para</p>

		valorizar o artesanato
Colectânea sobre tradição popular	Foi produzida uma colectânea com mezinhas, gastronomia, provérbios, lendas, contos cujos textos eram explorados nos CEBAs	<p>“ Quando fiz essa colectânea transcrevi tal e qual como as pessoas me contaram, gastei muitos dias e muitas horas naquela serra para recolher aquela tradição popular, aquelas mezinhas, provérbios, lendas, receitas, sei lá o quê mais, benzeduras, contos, tudo o que tu podes imaginar da tradição, e as pessoas (...) depois eu transcrevi tal e qual como as pessoas disseram, por quê?, para que servisse de base à análise textual e depois à, correcção dos próprios textos, portanto, as pessoas tinham os textos e depois iam pôr aquilo em texto correcto” tás a perceber? Eu não transcrevia com vírgulas, nem com pontos de final, (...) depois a partir daí partia-se para os regionalismos e arcaísmos.</p> <p>“Fiz uma colectânea de poesia popular algarvia, uma de tradição popular algarvia e uma de cozinha algarvia”</p>
Cursos socioeducativos		<p>“Quem se lembrou daqueles cursos socioeducativos fui eu, porque nós começamos aperceber que as pessoas não iam à alfabetização, não iam, não queriam ir, não se sentiam motivados (...) E, eu estava a pensar nisso e sozinha é que me lembrei que para a serra, para puxar as pessoas para os cursos de alfabetização, pensei que devíamos fazer outras coisas (...) lembrei-me, disse numa reunião que para mim, achava que nós só conseguíamos chamar a pessoas para a alfabetização com um isco, ou seja, dando uma coisa que eles gostassem, mas para isso, dávamos o doce mas para terem o doce tinham que ir para a alfabetização. E foi assim que conseguimos alfabetizar muita gente. Claro, o que é que nós queríamos (...) queríamos cursos socioeducativos ligados às tradições locais, ligados às artes locais. Por exemplo, no azinhal queríamos rendas de bilros, em Cachopo a tecelagem, etc... só que as pessoas batiam sempre nos mesmos cursos e nós tínhamos que ir ao encontro do que as pessoas queriam, para depois irem para a alfabetização, porque o nosso interesse maior era alfabetizar as pessoas (...) Não te esqueças que tínhamos a Direção Geral a quem tínhamos de prestar contas, o número de cursos, a taxa de analfabetismo era enorme</p>
O PIDR, Ne /Alg	O PIDR quebrou o isolamento das pessoas,	“Eu acho que o Pidr foi importantíssimo para aquelas pessoas do nordeste algarvio

	sensibilizou-as para a participação, para aprendizagem, para a melhoria da qualidade de vida	(...) o envelhecimento das pessoas, as pessoas envelheciam ali, sozinhas, não tinham nada, com o Pidr foi-lhes dado alguma coisa, foi o lançamento dos lares, foi o incentivo da saúde, foi a abertura par que as pessoas tivessem maior acesso à saúde, foi o despertar de uma nova vida, de uma coisa que estava morta. O PIDR fez despertar as pessoas para a vida, para a melhoria da qualidade de vida (...) situações que as pessoas nem imaginavam, percebes, nem imaginavam, especialmente na parte da saúde e dos lares. Acho que isso foi muito, muito importante. (...)
Animação da leitura no contexto da Coordenação Distrital de E.A.	A Manuela era responsável pela animação da leitura nos Seminários de Formação de educadores de adultos que se realizavam no início de cada ano letivo. Fez transferência de bibliotecas, deu formação no local às coordenadoras concelhias, fez estudos sobre as necessidades de leitura, articulou ações com as coordenações concelhias	“Fazia formação aos professores destacados para eles depois fazerem nos cursos. A animação da leitura era uma técnica para incentivar as pessoas para a leitura, nós alfabetizávamos e depois tínhamos que fazer com que as pessoas lessem, era uma forma de motivar as pessoas para ler e aí entrava eu na parte da animação (...) “Eu própria ainda fiz muitas vezes, em Castro Marim, nos Bombeiros em Alcoutim, ia a vários sítios fazer animação da leitura (...).é certo é que em Castro Marim, as bibliotecas forma lidas e relidas e voltadas a ler. E fazia a transferência das bibliotecas, as bibliotecas das escolas, nas escolas nós tínhamos no Algarve, cerca de 144 bibliotecas de pequena comunidade que se chamavam bibliotecas populares e eu fiz a transferência destas bibliotecas para os sítios onde as pessoas tinham mais possibilidades de ir, porque as pessoas não iam à escola primária buscar os livros. Portanto, eu fiz inquéritos às pessoas para perceber onde é que elas gostariam que fosse colocada a biblioteca e transferia para onde elas preferiam. Fazia os formulários e as fichas para Lisboa e depois vinha o aval positivo e eu fazia essa transferência. Eu transferia as bibliotecas todas que estavam em escolas primárias, para clubes, associações, juntas de freguesia, sei lá. Às vezes concentrava três e quatro bibliotecas num sítio dependente dos livros que tinha. Em Alcoutim pus no Lar, pus no Centro de Saúde, também, que era quando as pessoas estavam à espera de consulta poderem ler, em Martinlongo pus na paróquia, eu cheguei a transferir dez para o mesmo sítio (...) A animação da leitura era uma área que muito me

		<p>encantava, recebi muita formação em Lisboa, muita, muita. E, depois, quando eu vinha fazer com os professores, eles estavam constantemente a telefonar-me de Lisboa para saber como é que estava a correr, A animação da leitura era uma área muito importante na educação de adultos, porque ensinar os adultos ler e não os incentivar à leitura não servia para nada, eles depois esqueciam, se não liam, se não praticavam, acabava por se perder o trabalho todo da alfabetização (...) Para mim, dentro da educação de adultos, depois do trabalho com aquela equipa multidisciplinar que deu origem aos trabalhos preparatórios do PIDR e que motivamos muitas pessoas para muita coisa que elas desconheciam, a seguir a isso e ao artesanato, em termos de educação de adultos o que mais gostei foi o trabalho que fiz na área da animação da leitura, investi muito, trabalhei muito (...) eu juntava as várias áreas, as várias técnicas de forma a dar mais”</p>
Fim de uma experiência	<p>Com a extinção da Coordenação Distrital a E.A. perdeu o sentido que tinha, houve desinvestimento, acabou o PIDR, muitos colegas saíram. AS políticas educativas mudaram o funcionamento da E.A.</p>	<p>Saí em 1999, quando a educação de adultos começou a ser muito político, a ser aproveitada pelos políticos, quer dizer, eu pensei em sair antes quando começou a ser político e nós tínhamos que fazer aquilo que eles queriam, percebes (...) quando saí já a Direção Regional existia, a educação de adultos já não tinha nada que ver com os outros tempos. Já estava muito descaracterizada e eu pouco fazia, o que fazia era dar formação para créditos, na parte da animação da leitura, percebes (...) A E.A. perdeu o sentido, começou a haver direção regional (...) cumprir horários, marcar ponto, sabes que sou capaz de ficar a trabalhar até á meia-noite, mas ter de cumprir horário, entrar às 9 da manhã, tudo muito burocrático, muito formal, chefe para aqui, chefe para ali (...) “Depois começaram a dar estes cursos a malta que tinha horário zero ou que tinham horário incompleto”</p>
Destacada na Direção Regional	<p>Em 1999 já havia sido extinta a coordenação distrital de Faro da E.A. e algumas pessoas, entre as quais, a Manuela, foram destacadas para a Direção Regional de Educação. Tinha de</p>	<p>(...) eu jogava com o livro vivo, com o treino mental e ensinava estas várias técnicas aos professores quando dava formação para créditos, aquela formação que os professores tinham que ter para subir de escalão</p>

	<p>cumprir horários muito rígidos, era tudo muito hierarquizado, muito formal. Muito diferente daquilo que estivera habituada durante dez anos.</p> <p>Já não era o mesmo tipo de trabalho, limitava-se a fazer ações de formação. A alfabetização tb passou a ter um cariz diferente</p>	
Experiência biográfica	<p>A Manuela viveu com muito entusiasmo a sua passagem pela coordenação distrital de E.A., sobretudo na década de 80, os melhores tempos. Teve uma experiência de vida na E.A. muito cansativa, mas que gostou muito,</p>	<p>“Foram 15 anos, 15 anos que eu adorei, mais, nos primeiros anos. No início foi muito giro, depois foi perdendo a piada. Os primeiros dez anos foram uma maravilha, gostei muito. Foram dez anos em que trabalhamos por gosto, porque gostávamos do que fazíamos, tínhamos orgulho no nosso trabalho”</p> <p>“ Ia para a serra fazer o trabalho de diagnóstico, no tempo do PIDR, porque foi a parte em que estávamos a iniciar tudo. Depois porque eu gosto muito de artesanato (...) e depois trabalhávamos com as entidades todas, estávamos, estávamos a (...) desbravar um terreno. Foi essa a melhor parte que eu gostei mais, foi desbravar esse terreno”</p> <p>Acho que tive uma experiência de vida muito gira, muito cansativa, mas muito gira. Gostei muito da educação de adultos, foi uma parte da minha vida, mas gostei muito (...)</p> <p>Mas, eu gostei de tudo, não me arrependo nada, foi a parte que eu mais gostei da minha vida”</p>
Destacada na Direção Regional	<p>Na Direção Regional dava formação na área da animação da leitura em ações que eram creditadas. Os professores precisavam de créditos para subir de escalão. Nesta fase os cursos de alfabetização começaram a ficar desacreditados porque eram lecionados por professores que para completara horário iam lecionar a adultos. Iam contrariados e desmotivados o que</p>	<p>Não era só professores da educação de adultos, eram todos os professores, precisavam de créditos e inscreviam-se nestas ações de formação em animação da leitura (...) Eram ações de formação organizadas pela direção regional, eu inscrevi-me como formadora e era paga pelo fundo social europeu. (...) tinha sempre imensos professores que se inscreviam, tínhamos que recusar candidatos. (...) aquela formação que os professores tinham que ter para subir de escalão”</p> <p>“Sabes, gostei de fazer essa formação, todos os anos dava 3 a 4 ações de formação de animação da leitura. Depois, quando saí, nunca mais houve formação na</p>

	<p>conduziu ao descrédito destes cursos e as pessoas acabaram por deixar de se inscrever</p>	<p>área da animação da leitura porque ninguém mais sabia fazer. Só fazia para créditos porque na educação de adultos já não se fazia nada, não havia quase cursos de alfabetização, as coordenações concelhias já tinham acabado (...) Sabes, depois começaram a entrar para os cursos de alfabetização professores do 2º ciclo, para preencher horário, a maioria jovens que não sabiam nada de educação de adultos, nem tinham nenhum interesse por aquilo, iam porque tinham de ir, aí foi o descalabro completo, acabou-se aquela educação de adultos que a gente conheceu (...) Acho que a educação de adultos que a gente fazia, os cursos de alfabetização eram muito importantes, eu nunca pensei que houvesse tanta gente que não soubesse ler”</p>
<p>Experiência como alfabetizadora</p>	<p>Depois de ter saído da rede pública de educação de adultos voltou à Escola Primária. Realizou algumas experiências como alfabetizadora e gostou muito</p> <p>Enquanto estive na rede pública nunca dera um curso de alfabetização, mas depois ensaiou a experiência e gostou. Foi mais uma experiência de vida</p>	<p>Estava destacada na Penha só para fazer alfabetização e também dei na Misericórdia, foi ótimo, foi ótimo. Naquele ano não dei primária, foi só alfabetização, dava na Penha à noite e dava na Misericórdia de manhã, para completar o horário (...) Olha gostei imenso de dar na Misericórdia. Na Misericórdia eram pessoas que estavam no Lar e achei muita graça,”</p> <p>“Fui para Stª Bárbara e foi muito giro, as pessoas mais velhas, por exemplo, quando eu chegava, ficavam muito nervosas, porque eu dizia “Amanhã vai uma ao quadro”. Uma vez chego a Stª Bárbara e quando um senhor que andava no curso, quando me viu chegar começou a vomitar, com nervos de ir ao quadro. Aquelas pessoas parecem umas crianças autênticas (...) Depois ainda dei outra vez, já tinha saído da educação de adultos, já estava no 1º ciclo, estava colocada no Areal Gordo, foi para aí em 2003, 2004 e da direção regional foram à procura de professores que quisessem dar alfabetização e ninguém quis. Eu queria, quando chegaram à minha turma eu disse que queria e fiquei na Escola Primária da Penha, tinha 32 adultos, a maioria, eram ciganos (...)</p>

ANEXO 11. GUIÃO DE ENTREVISTA (E19) – ALBERTO MELO

Objetivo Geral: Conhecer a sua perspetiva sobre a ação da educação de adultos no âmbito do PIDR, Ne/Alg.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DAS PERGUNTAS
Reconhecimento e certificação	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> • Objetivos do Estudo • Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados; • Solicitar autorização para gravação digital; <p>Agradecimento.</p>
1-PNAEBA	<p>-Conhecer a opinião sobre o papel das coordenações distritais no âmbito da educação de adultos</p> <p>- Associar o desenvolvimento da E.A ao PNAEBA</p> <p>-Reconhecer a importância das estruturas de proximidade a nível local.</p> <p>- Conhecer a opinião sobre a importância de uma Coordenação Distrital de Educação de Adulto a nível do Algarve</p>	<p>Com a criação do PNAEBA em 1979 que propunha a erradicação do analfabetismo, foi implementado uma rede distrital e concelhia de educação de adultos. Qual a sua opinião sobre a criação desta rede de proximidade regional e local, sabendo que a partir da criação da coordenação distrital e coordenações concelhias passou a haver cerca de 50 pessoas só trabalhar na rede pública de educação e adultos no Algarve?</p>
2- Função da coordenação distrital da rede pública de E.A.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a avaliação que faz do papel desempenhado pela coordenação distrital de Faro na década de 80? 	<p>Do contato que o Alberto teve com a coordenação distrital de Faro da educação de adultos, que avaliação é que faz da sua ação, do seu papel, naquele período da década de 80?</p>
3- Função das coordenações concelhias	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber a importância atribuída às coordenações concelhias • Conhecer a opinião sobre o papel a coordenadora concelhia 	<p>Até pela questão de proximidade das coordenações concelhias com as pessoas das comunidades em que a coordenadora concelhia, era na maioria das vezes, uma pessoa do meio, qual sua opinião sobre o seu papel?</p>
4- Parceria com a Coordenação Distrital de E.A.	<ul style="list-style-type: none"> • Saber qual a importância atribuída à parceria estabelecida entre a RADIAL e a 	<p>Acha que funcionou a parceria que se estabeleceu entre a coordenação distrital e a radial?</p>

	Coordenação Distrital de Faro	
4- O PIDR, Ne/Alg	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber a importância atribuída ao PIDR, Ne/Alg. • Conhecer a sua perceção sobre a forma como era administrada • Relacionar o PIDR, Ne/Alg com o PNAEBA 	Gostava de saber a opinião do Alberto sobre a importância deste instrumento político – educativo que surgiu na decorrência do PNAEBA, a criação dos PRIs?
6- Alfabetização	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a opinião sobre o processo de alfabetização desenvolvido no nordeste algarvio pela E.A. • Reconhecer a importância da educação de base 	Em muitos montes a alfabetização era um pretexto para realizar também um conjunto de outras atividades de formação e informação. O Alberto concorda com a ideia?
7-Ação da rede pública de educação de adultos no nordeste algarvio, no âmbito do PIDR	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a opinião sobre a ação da E.A. no nordeste algarvio 	E como é que o Alberto avalia a presença da rede pública de educação de adultos no nordeste algarvio, neste período do PIDR, Ne/Alg.?
8- Professor primário um educador de adultos no contexto do PIDR	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a sua perspectiva sobre os agentes de educação de adultos serem profs primários • Saber a opinião sobre o trabalho realizado por esses agentes 	O Alberto em 1985 defendia que um agente de educação de adultos deveria ser um gestor de recursos a nível local. Esses gestores que operavam na rede pública de educação de adultos eram todos professores primários. Qual a opinião do Alberto sobre esses agentes de educação de adultos/profs primários com quem contactou no âmbito do PIDR?
A Formação	<ul style="list-style-type: none"> • Qual importância da formação para agentes locais? • Que papel pode desempenhar a formação no desenvolvimento dos conhecimentos e competências do educador de adultos 	Houve uma ação de formação para agentes de desenvolvimento local em que parte dos formadores era da RADIAL. Qual a importância da Formação?
Os bolsseiros	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se mantinha a mesma opinião sobre o papel dos bolsseiros na E.A. 	Em 1975, o Alberto era diretor do DGEP defendia a figura dos bolsseiros. No nordeste algarvio, durante o PIDR a esmagadora maioria dos cursos de alfabetização eram

	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o perfil dos bolsseiros do nordeste algarvio • Perceber porque contratou alguns bolsseiros para trabalhar na In Loco? 	orientados por bolsseiros.. Qual a sua opinião sobre o seu perfil e qualidade do trabalho realizado?
O final do PIDR, Ne/Alg	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o valor atribuído ao PIDR, NE/Alg. • Saber a sua opinião sobre o final deste instrumento político educativo 	Com o final do PIDR voltou o isolamento ao monte. Qual sua opinião?
8- Perceção sobre os efeitos da E.A.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a sua avaliação sobre o trabalho realizado pelas coordenações concelhias no nordeste algarvio. • Saber sobre a sua perceção a propósito dos efeitos de mudança operados pela ação d a educação de adultos junto das pessoas e comunidades 	<p>Acha que este trabalho terá deixado marcas? Terá produzido efeitos positivos nas pessoas e nas instituições, tendo em conta que em Alcoutim, a Câmara deu continuidade a algumas das atividades que se faziam no tempo do Pidr?</p> <p>Este trabalho terá servido para aumentar os níveis de participação e de desenvolvimento daquelas gentes?</p>

ANEXO 12. TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 19

Transcrição da entrevista semi diretiva aplicada ao Alberto de Melo em 16/4/2013

J- Com a criação do PNAEBA em 1979 que propunha a erradicação do analfabetismo, foi implementado uma rede distrital e concelhia de educação de adultos. Qual a sua opinião sobre a criação desta rede de proximidade regional e local, sabendo que a partir da criação da coordenação distrital e coordenações concelhias passou a haver cerca de 50 pessoas só a trabalhar na rede pública de educação e adultos no Algarve?

A.M. – Pois era uma metodologia que já tinha sido ensaiada em 75/76 no âmbito da educação popular na DGEP, não é? Daí constituir desde logo pequenas equipas regionais de intervenção. Nessa altura não havia ainda condições para se estruturar uma rede por todo o país, funcionou-se mais na base de pequenas equipas, norte, centro, sul, áreas de lisboa e porto que tivessem uma intervenção tão junto de projetos e pequenas organizações que já estavam a funcionar no terreno. Portanto, eram equipas que faziam muito a ponte entre a DGEP e as atividades de terreno. Mas, desde logo se viu que onde não havia uma grande dinamização social ao nível local, as equipas não iam lá, as equipas só iam onde se estava a desenvolver ações (...) Portanto, quando realmente, com o PNAEBA e já no tempo da Direção Geral da Educação de Adultos, se começou a estruturar uma rede por todo o país, foi fundamental para educação de adultos em Portugal. Realmente, aí o edifício começou a construir-se já com outra solidez e o trabalho com este outro tipo de pessoas, acho que foi muito importante (...)

J- Até pela questão de proximidade das coordenações concelhias com as pessoas das comunidades em que a coordenadora concelhia, era na maioria das vezes, uma pessoa do meio

A.M. Exato, e não há dúvidas de que a educação de adultos em Portugal tem sido um certo vai e vem, um certo carrossel, ora está debaixo da terra ora vem à superfície, mas o que é facto é que quando vem alguma coisa à superfície, nota-se uma mobilização local e vai-se ver, encontram-se pessoas que foram coordenadores concelhios. Encontrei essas pessoas agora, quando estive nesta fase da pré ANEFA, a divulgar as medidas novas que iam surgir e et..., encontrei pessoas que viera falar

comigo e que tinham sido durante dois ou três anos coordenadores concelhios. Agora já estavam na escola há vinte e tantos anos, mas a experiência que os marcou foi aquela (...)

J- Também para mim foi, é um trabalho com uma dimensão relacional muito forte, sobretudo, esta no terreno com as pessoas

A.M. –É, porque se está a construir coisas, está tudo por construir. Tanto que, quando foi aquele documento estratégico de finais de 97, feito pela Ana Benavente, uma das primeiras medidas, de certo modo, era reorganizar toda uma rede, que na altura dávamos outro nome, não sei se era agentes locais de educação de adultos se era animadores (...) não, era organizadores, organizadores de educação de adultos, nesta ideia que o papel fundamental deles era a organização, mais que propriamente fazerem eles a formação. Era organizarem os territórios para a educação de adultos.

J- Do contato que o Alberto teve com a coordenação distrital de fardo da educação de adultos, que avaliação é que faz da sua ação, do seu papel, naquele período da década de 80?

A.M. – Hum...!!! Pois a coordenação distrital (...) nós vínhamos com perspetivas diferentes (...) eu vinha coma ideia na cabeça de lançar um projeto de desenvolvimento comunitário com uma abrangência multidimensional, onde entraria a educação. Mas haveria muitas outras atividades, principalmente no campo do económico, pois havia uma zona que estava a desertificar-se, a perder pessoas, por falta de emprego, por falta de atividades, era fundamental aí, que quanto a mim, se deveria apostar nessa vertente. Por outro lado, numa perspetiva de desenvolvimento comunitário porque considerávamos que o trabalho com as crianças também era muito importante, todo aquele lançamento dos centros de animação infantil, etc..., mas, a educação de adultos, para nós, era fundamental. Mas aí houve, digamos, um primeiro choque, não com a coordenação distrital em si, mas, com a chamada administração pública, não é? Nós tínhamos a ideia de fazer uma educação de adultos que se ia definindo à medida que as necessidades fossem surgindo para dar resposta a determinado tipo de problemas e necessidades que fossem surgindo, certamente até diferentes de freguesia para freguesia ou mesmo dentro da freguesia de aldeia para aldeia, ou de monte para monte ou até de pessoas para pessoas. Mas, claro, o sistema de administração pública há respostas formatadas e não se pode culpar, não é? É um bocado o papel, e, depois tentar encontrar pontos de encontro, não é? E aí, de certo modo, pudemos encontrar alguns pontos de encontro (...) Até

porque não havia concorrência entre o projeto que estávamos a lançar através do projeto radial, não era um trabalho que tinha a ver com alfabetização, nem diretamente com a educação básica de adultos, mas que certamente era possível um determinado tipo de apoio. Tanto mais que conseguimos até que, quase diria, atividades conjuntas, ou pelo menos de convergência que eram aquelas ações de animação socioeducativas (...) que foram o embrião de futuros cursos de formação profissional, como em Martinlongo e Cachopo. Nós não tínhamos condições para criar esse tipo de cursos, mas graças à coordenação distrital foi possível encontrar maneiras de pôr grupos a trabalhar em conjunto (...) e aí o projeto radial tentou depois dar-lhes uma valência profissionalizante que levasse mais tarde às candidaturas que se fizeram ao Fundo Social Europeu para lançar aqueles cursos nas malhas, na tecelagem, com corte e costura em Martinlongo e outros assim que tiveram no embrião cursos apoiados pela coordenação distrital.

J- Foi nesse contexto que eu entrei naquela parceria que se estabeleceu entre a coordenação distrital e a radial. Foi assim que eu conheci o Alberto, a Priscila, a Amélia

A.M. Exato...

J- Aliás, a primeira vez que eu conheci o Alberto pessoalmente foi numa reunião do PIDR na CCRA, em que o Alberto estava em representação da Radial e eu estava em representação da coordenação distrital. Gostava de saber a opinião do Alberto sobre a importância deste instrumento político – educativo que surgiu na decorrência do PNAEBA, a criação dos PRIs

A.M. – Pois, foi criado em Braga, no Moncorvo, no Alentejo, no Algarve (...) Pois, de certo modo, esta perspectiva de projetos piloto interdisciplinares, acho que surgiu antes, não é? e também, volta e meia, ressuscitados, pois no tempo do governo do Guterres, em que estava o Paulo Pedroso, ele lançou, por exemplo, no Alentejo, um programa importante o PIREA, muito nessa perspectiva. A própria comissão europeia lançou projetos a que chamou os Pactos Territoriais para o Emprego, também numa perspectiva de intervenção interdisciplinar territorial. O próprio programa Leader também tem, tinha, uma abordagem muito deste tipo. Portanto, o PIDR, para mim, foi algo que surgiu na continuidade, não é? Participei no primeiro encontro que tivemos, não sei se nessa altura já havia Radial ou se foi a representar a ESE pois estava na Comissão Instaladora e fui convidado para essa reunião (...)

J- Acho que estava em representação da Radial porque eu entrei parava coordenação

distrital em 1985

A.M. Pois, a Radial arranca em Outubro de 85, é o Radial arranca em Outubro de 85. Portanto em 1985, já havia Radial. Provavelmente nesse Encontro eu representava a ESE e o próprio projeto Radial que estava integrado na ESE enquanto não se formalizou a Associação In Loco, em 1988, era a Radial. O PIDR deu-nos essa possibilidade para já, e para mim, pessoalmente. E, até antes de começar a Radial eu já tinha contactos no nordeste graças ao PIDR. Integrei-me naquela equipa que estava no terreno, naquela abordagem que o PIDR tinha adotado que era os contactos com os chamados interlocutores privilegiados. E os interlocutores privilegiados, por exemplo, na zona onde eu trabalhei mais, foram em Martinlongo, com o presidente da Junta, que na altura era o carteiro, o sr. Manuel do Rosário, era o padre também, e havia depois algumas pessoas destacadas da comunidade que tanto o padre como o presidente da Junta nos iam apontando para conversarmos, para fazermos um diagnóstico da região (...). Isso foi importante porque depois quando arrancámos coma Radial eu já era pessoa conhecida, já tinha portas abertas e isso foi importante para a continuidade do trabalho (...). A abordagem (...), tenho alguns pontos de crítica, de certo modo. Havia uma equipa de sociólogos que não eram de cá, mas tinham vindo para dar assistência técnica, como o Caixinhas, a Elisa Sarmiento (...).
J- Conheci o Raul Caixinhas e a Everilde que vinha destacada do IEFP, para trabalhar na coordenação distrital, para apoiar na realização do diagnóstico do nordeste algarvio...

A.M. Exatamente, exatamente (...) e a perspectiva de trabalho desse grupo era diferente da perspectiva que eu tinha. Era uma perspectiva, para mim, bastante académica, de passar um tempo imenso a fazer diagnóstico, a entrevistar pessoas, a caracterizar a zona, para depois aplicar soluções. E, eu não acredito nessa perspectiva. E, no Radial tentei fazer um bocado o inverso, fomos para o terreno, fomos fazer coisas com as pessoas e, ao mesmo tempo, procurar estudar, analisar, avaliar os resultados para a pouco e pouco termos uma ideia mais, mais concisa e sucinta da situação. Não vamos primeiro definir a situação e depois trabalhar, não, vamos trabalhar em simultâneo e articuladamente (...)

J- Um trabalho de investigação-ação...

A.M. Exatamente, foi, foi essa a perspectiva. Portanto, o PIDR foi, de certa forma, uma referência sobre aquilo que não queria fazer, mas, ao mesmo tempo, também me ajudou muito em criar bases e abrir portas, ter contactos (...) Por outro lado, como eu

também não sou do Algarve, acabava de cair de pára-quedas, aqueles encontros permitiram conhecer rapidamente instituições, pessoas, inclusive, quando depois se veio a constituir a In Loco, em 88, fui convidar pessoas que tinha conhecido nas várias áreas, e isso foi importante (...).

J- E como é que o Alberto avalia a presença da rede pública de educação de adultos no nordeste algarvio, neste período do PIDR?

A.M.- Pois, eu acho que foi um ponto bastante positivo porque o fundamental, quanto a mim, para mobilizar pessoas e projetos, tanto individuais como coletivos, é preciso as pessoas estarem a mexer, estar em movimento, e esse movimento pode-se criar nem que seja com ações de alfabetização. E há pessoas de fora que vêm encontrar-se com essas pessoas. As pessoas encontram-se, não é no Café, não é a lavar a roupa (...) vamos aprender coisas, vamos saber um pouco mais, vamos ser mais conscientes, mais bem informados, vamos começar a poder ler e escrever coisas. Essa abertura, acho que foi muito importante, para depois aderirem a outro tipo de coisas que foram surgindo (...)

J- Em muitos montes a alfabetização era um pretexto para realizar um conjunto de outras atividades de formação e informação. O Alberto concorda com a ideia que se fez mais educação de base do que propriamente alfabetização?

A.M.- (...) Sim (...)

J- Acha que este trabalho terá deixado marcas? Terá produzido efeitos positivos nas pessoas e nas instituições, tendo em conta que em Alcoutim, a Câmara deu continuidade a algumas das atividades que se faziam no tempo do PIDR?

A.M.- O PIDR na sua estrutura, na sua essência, era um programa muito assente no fundo regional europeu de infraestruturas (...) vamos aqui fazer coisas para as pessoas, para a população. O facto de já haver no terreno pessoas que não estavam a trabalhar, só para as pessoas, estavam a trabalhar com as pessoas, acho que permitiu introduzir uma perspetiva mais participativa, mais de responsabilização das próprias pessoas. E, de facto, quando nós no Radial tivemos algumas verbas para iniciar centros de animação infantil, como o de Martinlongo, a perspetiva PIDR seria, Vamos meter isto no orçamento, quanto custa a casa, vamos construir a casa, vamos pôr a casa à disposição das pessoas para esse centro de animação infantil. E nós conseguimos reunir setenta e tal pessoas em Martinlongo, famílias com crianças pequenas que ficaram com a incumbência de encontrar um espaço, um espaço já existente, que se pudesse depois preparar, arranjar, para que depois as atividades

pudessem despertar rapidamente. Foi nesta perspetiva que não íamos oferecer nada às pessoas, criámos uma comissão de famílias para trabalharem. E, eu creio que o trabalho, este tipo de trabalho foi facilitado, também, pela existência de uma coordenadora concelhia que na altura trabalhava muito perto, connosco, a Célia, que adotou este tipo de abordagem e que transformou um pouco a metodologia central do PIDR, que era mais um programa de cima para baixo, que vinha da Administração, que vinha da Europa, para convencer as pessoas que o que vem da Europa é que é bom, não vai haver troika no futuro (risos), e que só há coisas boas que vêm da Europa (...). E a nossa perspetiva de trabalho era bastante diferente. Aliás, depois, muitos dos choques que eu tive com o Vairinhos (administrador do PIDR), foi muito neste sentido. Nos tínhamos perspetivas muito diferentes, ele queria fazer um bocado panache, queria fazer a sua vida política, queria, queria toda uma perspetiva que as pessoas ficassem agradecidas e gratas com as coisas que iam sendo oferecidas (...) não dava com a perspetiva participativa que nós estávamos a lançar (...)

J- Mas o projeto integrado facilitava a relação, a comunicação entre as instituições...

A.M. Sim, mesmo que as reuniões fossem um bocado formais, as pessoas tomavam um café juntas, conversavam, acho que havia um capital de confiança que se foi construindo (...)

J. Tinha sentido, a continuidade do projeto integrado ou de um projeto integrado para o Algarve, nas zonas mais desfavorecidas?

A.M. Claro que tinha (...) Depois ainda se fizeram umas coisas com o instituto de emprego, fez uns pactos regionais para o emprego, ali na zona do Guadiana. O próprio Leader criou uma parceria, e umas comissões de gestão onde se vão encontrar pessoas de vários sectores. O que não faz sentido são intervenções puramente sectoriais, sobretudo num território deste tipo. Se for em territórios com uma grande concentração demográfica, pode-se dizer, Ah! É quase impossível ter quase todos os sectores a planear em conjunto. Até pode ter mais sentido haver uma intervenção social no emprego, no urbanismo, no que seja, mas, relativamente a territórios de baixa demografia, não há massa crítica em cada um dos sectores para justificar uma intervenção isolada, mas, o que faz sentido são intervenções de tipo intersectorial ou interdisciplinar, até pondo os dinheirinhos que são poucos, todos juntos e lançar projetos integrados, esses próprios projetos que possam ter impacto em determinados quadrantes das vidas das pessoas e dos territórios (...)

J- Voltando ao papel da rede pública no nordeste, havia cursos de alfabetização

espalhados pelos vários montes. Nesses cursos a maioria eram pessoas idosas que não iam aprender a ler, servindo os cursos para quebrar o isolamento dessas pessoas e proporcionar momentos de informação/formação. Recordo o exemplo do Francisco Amaral quando era médico do Centro de Saúde ia a um curso falar sobre Pneumonia e acabava dando consultas individuais aos idosos. Qual a opinião do Alberto sobre este tipo de atividade?

A.M- Pois, aí, quanto a mim era mais uma falha da intervenção sectorial, como havia uma coordenação de educação de adultos tinha que fazer alfabetização Mas, se tivéssemos uma arquitetura mais baseada em intervenções de tipo territorial e intersectorial, possivelmente não se começaria com alfabetização, começaria por se reunir as pessoas, ver com as pessoas o tipo de problemas existentes, se há um problema relativamente a saúde, temos que garantir que regularmente venha um enfermeiro, etc..., que haja uma carrinha móvel de apoio sanitário. O problema em certos casos, é a questão das crianças, antes de ir à escola têm algum apoio? Não têm apoio? Vamos fazer equipas itinerantes com educadoras de infância, a correr os montes, vamos ver problemas de habitação, haverá necessidade de restaurar casas que estão completamente sem condições para se morar, vamos, portanto, tentar algum apoio no domínio do restauro das casas. A questão cultural, haverá festas e eventos que queiram reanimar, procurando chamar alguns turistas aqui durante esse tipo de evento, mas, se o turista vem temos de lhe dar de comer, vamos prepara então um local onde se possa fazer refeições tradicionais. Haverá ainda artesãos que saibam fazer coisas e que na altura possam pôr ali a vender quando os turistas vierem. E, finalmente, despertando nas pessoas esta vontade e esta curiosidade, se houver alguém que tem dificuldades de leitura e gostasse agora de aprender ou que nunca sequer soube, vamos saber quem é que se interessa por se inscrever voluntariamente. Portanto, antes de lançar logo a alfabetização, eu lançaria todo um trabalho comunitário que viesse a motivar as pessoas para a alfabetização. Porque, nunca achei que se deveria começar por alfabetização. Porque começar por alfabetização é dar prioridade às carências, é dizer Quem é que não sabe? E agora vamos dar resposta. Não, quando se começa a trabalhar comunitariamente, numa perspectiva coletiva toda a gente sabe, toda a gente sabe e apoia e tem um papel ativo e é protagonista nos projetos em curso. E, portanto, isso despertará motivações e poderá haver pessoas que escolham um determinado tipo de formações, outros escolherão outras. Eu tive isso muito patente quando, mais tarde, num Programa

também apoiado por fundos europeus, que era o Programa NOW, New Oportunities for Women, já havia Novas Oportunidades antes do Sócrates (risos). Não foi ele que inventou, por exemplo, um curso que se fez com 13 mulheres em vários pontos da serra, desde S. Barnabé a Alte, na zona de Alcoutim, 13 mulheres tinham projetos, projetos de tipo económico, auto emprego e portanto, houve ano e meio, talvez, de formações. Foi um processo muito giro porque as formações tinham lugar nuns determinados locais de vida e de residência das diferentes mulheres. Uma delas, na Cabeça Gorda, era a D. Rosa, uma casa de Pasto. Ela queria, era assim, era uma barraca, mas ela queria fazer daquilo um lugar com alguma qualidade para receber as pessoas, aquilo era uma zona bastante bonita, na serra de Tavira, e a D. Rosa inscreveu-se. E o Instituto de Emprego esteve a ver os candidatos e disse, Essa senhora não! porque não sabia escrever. E, nós fomos ter com o Instituto de Emprego na altura, talvez agora não fosse possível, mas conseguimos que abrissem uma exceção para D. Rosa, para ela entrar no Curso, porque o problema não era dela, o problema era nosso. Se ela não sabia ler nem escrever a gente resolvia-lhe o problema. Púnhamos uma pessoa ao lado dela durante as formações. Quando, no fim da sessão, pedem que escrevam um ou dois parágrafos sobre a avaliação dessa sessão. Então a senhora ditava e tínhamos uma estagiária a copiar o que a senhora dizia. Quando havia material escrito para a formação, aquilo nem sequer era muito, aquilo era mais com base na cozinha, como é que se poem os pratos, como é que se fazem as coisas com mais qualidade, mas, quando havia coisas escritas essa mesma pessoa ia pedir à D. Rosa, Olhe D. Rosa isto é assim, assim. Portanto, não lhe fez falta não saber ler nem escrever para passar o curso. E ela foi das que tiveram sucesso e foi até ao fim. Mais, depois, quando ela arrancou com a atividade ficou interessada e inscreveu-se na Alfabetização mais tarde (...)

J- Gostava de voltar a um tema, que já falámos atrás. Nos montes, com pessoas idosas, oferecíamos a alfabetização como forma de quebrar o isolamento das pessoas, recorrendo a jovens bolseiras do meio. O Alberto acha que valia a pena investir neste tipo de atividade em que se sabia que a maioria não iria aprender a ler e escrever?

A.M.- Eu acho que as pessoas idosas têm vontade e necessidade de se encontrarem, de saírem de casa, de romper o isolamento e isso justifica também o sucesso que têm tido as universidades seniores que existem atualmente e que se têm espalhado um pouco por todo o país. Embora toquem, quanto a mim, tocam um estrato da população que não é o mais desfavorecido. Normalmente as pessoas que frequentam

as universidades seniores já têm um certo nível cultural, pelo menos 9º ano, 12º, o que não é o caso dos montes. Mas, é só para dizer que as pessoas de idade sentem essa necessidade, porque as universidades seniores não fazem só as aulas, têm o coro, o teatro, fazem as excursões, baseado numa auto-organização. Claro que nos montes, duas pessoas ou três não se auto-organizam, e têm necessidade que haja algum apoio que venha de fora, provavelmente através da Câmara ou de uma entidade qualquer, de uma Misericórdia (...)

J- O certo é que com o fim do PIDR tudo isto acabou, voltou o isolamento ao monte...

A.M- É, é, eu conheci pessoas, não sei se aqui houve, mas houve alguns casos na zona de Setúbal, Almada, de adultos que iam aqueles cursos socioprofissionais, socioculturais, mas depois, tentavam não acabar, desistiam, para poderem inscrever-se no ano seguinte, porque quem já fazia um curso não podia repetir, mas eles gostavam tanto que abandonavam para poder reinscrever-se (...) Acho que sim, nesses cursos há uma abertura grande a quem vem de fora, não é só impor o b, a, ba, mas proporcionar atividades diferentes, passear com eles nos campos para que eles sejam os próprios formadores, que digam os nomes das plantas, para que servem essas plantas. E que, aos poucos, a pessoa vá começando a falar da história local (...)

J- Nos cursos havia essa preocupação de fazer esse tipo de recolhas sobre património oral...

A.M. Exato, exato, isso é muito importante.

J- Alberto, agora gostava de entrar num assunto um pouco mais polémico. As equipas concelhias eram constituídas por professores primários. O Alberto em 1985 defendia que um agente de educação de adultos deveria ser um gestor de recursos a nível local...

A.M. Sim, achava que devia ser um mediador, um gestor dos recursos da comunidade, capaz de identificar recursos...

J Ora, esses gestores que operavam na rede pública de educação de adultos eram todos professores primários. Qual a opinião do Alberto sobre esses agentes de educação de adultos com quem contactou no âmbito do PIDR?

A.M. – De uma maneira geral fiquei bastante sensibilizado positivamente pela dedicação e pela capacidade que essas pessoas demonstraram de sair da escola ate do ponto de vista mental, não só do ponto de vista físico, até porque, quando lançamos todo aquele programa de educação popular, foi muito baseado no trabalho das

associações em Portugal e dos agentes das associações. Eram, portanto, pessoas que trabalhavam diretamente com as pessoas, que normalmente as sabiam ouvir e as conheciam. Trabalhavam com elas, e depois esse projeto foi bastante sabotado pelo ministério da educação e pelos sindicatos, dizendo Essas pessoas não são qualificadas, não são profissionais, todo esse trabalho, muito bem, mas passem-no para os professores primários, na altura. E eu fiquei lixado, achei uma forma de travar o processo, porque vindo assim uma massa de professores primários, era outra vez, a escola a impor-se com a sua burocracia e eu vi caso de adultos sentadinhos em bancos pequenininhos a colorir livros e coisas desse género. Portanto, isso pôs-me muito de pé atrás, mas isso não se pode generalizar (...)

J. -Num estudo realizado em 1979 no âmbito dos trabalhos preparatórios do PNAEBA, Ana Benavente, Lucília Salgado, Mariano Gago, Kain Wall, caracterizaram os educadores de adultos em três categorias: animadores locais, animadores exteriores ao meio e animadores ligados às instituições. Este último grupo era constituído pelos professores primários destacados na rede pública de E.A., diferenciando 2 grupos, os formados antes do 25 de Abril e os que entraram em 1975 com o 7º ano dos liceus e que seguiram os programas da reforma do curso do Magistério Primário. Por outro lado, um aspeto muito valorizado por todos os profs primários/educadores de adultos foi a Formação a que foram sujeitos. De facto fizemos muita formação em várias áreas. O Alberto, acha que a Formação, a motivação, a experiência, podem fazer de um professor primário um bom agente de educação de adultos?

A.M.- Parcialmente, não acredito no papel determinante e decisivo da formação, seja qual for se não houver em seguida um contexto favorável para que essa transformação se faça. Portanto se o professor tem essa formação toda, mas depois continua a trabalhar dentro das quatro paredes, e a trabalhar com pessoas adultas ou jovens, e continua a utilizar aqueles materiais e aqueles manuais e aqueles programas das disciplinas, o professor não se transforma. Mas, se entrar num processo. E o PIDR foi um pouco esse contexto, se entrar num processo como o Radial, se entrar num processo, tal como mais tarde se fizeram ações intersectoriais (...)

J- Recordo de termos participado num ação de formação para agentes de desenvolvimento local em que parte dos formadores era da Radial...

A.M.- Exato. Se essas pessoas tiverem essa possibilidade, já com uma formação anterior que já é positiva mas que ainda tem mais esse tipo de contexto onde se pode

expressar e realizar, acho que aí temos as duas componentes essenciais. Que é a existência de um contexto propício de intervenção e é essa formação alargada e enriquecida (...).

J- Em 1975, o Alberto era diretor do DGE e defendia a figura dos bolsistas...

A.M- Os bolsistas não eram profissionais, eram pessoas que faziam qualquer coisa, não faziam muita coisa, mas também faziam animação local em meio comunitário (...)

J- No nordeste algarvio, durante o PIDR a esmagadora maioria dos cursos de alfabetização eram orientados por bolsistas. O Alberto conheceu alguns. Qual a sua opinião sobre o seu perfil e sobre a qualidade do seu trabalho em E.A.?

A.M. Foi para mim uma surpresa reencontrar os bolsistas, coisa que eu até pensei que já não existia mas que foi conservada pelo ministério da educação. Foi uma portaria que foi lançada, creio que no início de 76, a portaria das bolsas. E, portanto, a ideia era, para aquelas pessoas que faziam muito trabalho voluntário e, muitas vezes, tinham que se deslocar e, deslocar no próprio automóvel, terem um pequeno apoio financeiro para os reconhecer, como medida de reconhecimento e, também, de apoio por parte da administração pública, Sim senhor, está a fazer um bom trabalho, tem uma bolsa. Chamou-se sempre bolsa porque se partiu, sempre do princípio, que não era um substituto de emprego, a bolsa era calculada em cerca de 25% do que seria um rendimento, uma remuneração mensal normal (...) Depois serviu para muitas outras atividades, inclusive para a alfabetização. Acho que foi um esquema bastante interessante. Houve alguém bastante inteligente que soube adaptar essa medida que existia e que nunca foi revogada, ainda estava em vigor e foi utilizada de uma maneira positiva (...)

J- Alguns desses bolsistas acabaram por ser recrutados pela In Loco...

A.M.- Sim, alguns desses bolsistas foram animadores dos Centros de Animação Infantil e mais tarde, alguns vieram para animadores territoriais. Depois no Programa Leader voltaram a aparecer. Foram pessoas que ficaram com a experiência e uma prática muito interessante (...)

J- O Alberto concorda com a ideia de que o trabalho no nordeste constituiu um capital de conhecimento e cultura que contribuiu para o desenvolvimento pessoal e profissional daqueles agentes educativos?

A.M.- Sim, todos eles, os da rede pública mas também os da Radial, da In Loco, aprendemos uma imensidão de coisas e suponho que as pessoas que também

participaram efetivamente no local, também aprenderam bastante e desenvolveram-se bastante. É a isso que eu chamo criar ou construir situações educativas, são situações que não têm um programa definido, mas são situações que pelo simples facto de uma pessoa estar metida ativamente nas situações, faz grandes aprendizagens. Muitas vezes, nem sequer tem grande consciência delas e, muitas vezes, vieram a ter consciência delas até quando fizeram o rvcc, porque houve muita gente que depois passou por aí, quando a In Loco foi um dos Centros, vieram pessoas de Cachopo, vieram pessoas de vários pontos, dos locais de intervenção e conseguiram o 9º ano. E, aí redescobriram muitas das aprendizagens que tinham feito.

J- Última questão. O Alberto acha que todo aquele trabalho que foi feito no âmbito do PIDR terá servido para aumentar os níveis de participação e de desenvolvimento daquelas gentes?

A.M.- É difícil definir os resultados, o que é que pertence ao PIDR e o que é que pertence a outras coisas, acho que houve uma ação conjunta que conseguiu culturalmente, mentalmente, destruir alguns muros que isolavam aquela população naquele território particularmente isolado. Haverem pessoas vindas dos vários quadrantes que regularmente estavam com elas, com quem conversavam. Acho que isso lhes abriu os horizontes aos mais velhos e até especialmente às gerações mais jovens que tiveram muito a consciência que todo o mundo que existia à sua volta. E creio que lhes abriu a mente para novos horizontes, para novas perspetivas. E, esse tipo de aprendizagens, acho que foi fundamental e esse trabalho que fizemos ninguém nos tira. Esse trabalho devia ter sido continuado, realmente não se resolver o problema do nordeste algarvio, mas muitas pessoas tiram benefício das muitas ações que se desenvolveram (...) Pessoas como o Simão que acabou por escrever um livro e ganhou essa confiança do contacto que teve com as pessoas, com a experiência, com as autoaprendizagens que foi fazendo (...) Tenho agora outra entrevista com um grupo de alunos, posso chamá-los ?

J- Com certeza. Obrigado Alberto!

ANEXO 13. ANÁLISE ENTREVISTA DO ALBERTO DE MELO

Categorias	Análise	Excertos
PNAEBA	O PNAEBA em 1979 propunha a erradicação do analfabetismo, foi implementado uma rede distrital e concelhia de educação de adultos.	“Pois era uma metodologia que já tinha sido ensaiada em 75/76 no âmbito da educação popular na DGEP, não é? Daí constituir desde logo pequenas equipas regionais de intervenção. Nessa altura não havia ainda condições para se estruturar uma rede por todo o país, funcionou-se mais na base de pequenas equipas, norte, centro, sul, áreas de lisboa e porto que tivessem uma intervenção tão junto de projetos e pequenas organizações que já estavam a funcionar no terreno. Portanto, eram equipas que faziam muito a ponte entre a DGEP e as atividades de terreno. Mas, desde logo se viu que onde não havia uma grande dinamização social ao nível local, as equipas não iam lá, as equipas só iam onde se estava a desenvolver ações “(...)
Rede pública de E.A. no Algarve	Na década de 80 no Algarve foi criada a coordenação distrital e as coordenações concelhias que envolviam cerca de 50 pessoas só trabalhar na rede pública.	“Com o PNAEBA e já no tempo da Direção Geral da Educação de Adultos, se começou a estruturar uma rede por todo o país, foi fundamental para educação de adultos em Portugal. Realmente, aí o edifício começou a construir-se já com outra solidez e o trabalho com este outro tipo de pessoas, acho que foi muito importante”
E.A. em Portugal	As mudanças nas políticas de educação de adultos determinam a ação no terreno	“Não há dúvidas de que a educação de adultos em Portugal tem sido um certo vai e vem, um certo carrossel, ora está debaixo da terra ora vem à superfície
Professores ex-educadores de adultos	A passagem pela Educação de adultos marcou muitos professores que viveram essa experiência	“Pessoas que foram coordenadores concelhios. Encontrei essas pessoas agora, quando estive nesta fase da pré ANEFA, a divulgar as medidas novas que iam surgir e (...) encontrei pessoas que viera falar comigo e que tinham sido durante dois ou três anos coordenadores concelhios. Agora já estavam na escola há vinte e tantos anos, mas a experiência que os marcou foi aquela
Documento Estratégico	O documento estratégico de finais de 97 propunha a reorganizar da rede de E.A. em Portugal	“O documento estratégico de finais de 97, feito pela Ana Benavente, uma das primeiras medidas, de certo modo, era reorganizar toda uma rede, que na altura dávamos outro nome, não sei se era agentes locais de educação de adultos se era animadores (...) Não, era organizadores, organizadores de educação

		de adultos, nesta ideia que o papel fundamental deles era a organização, mais que propriamente fazerem eles a formação. Era organizarem os territórios para a educação de adultos.
RADIAL	A intenção era lançar um projeto de desenvolvimento comunitário que envolvesse várias instituições e várias áreas desde a infância aos adultos passando pelas várias vertentes económica, social, cultural.	“Nós vínhamos com perspetivas diferentes (...) haveria muitas outras atividades, principalmente no campo do económico, pois havia uma zona que estava a desertificar-se, a perder pessoas, por falta de emprego, por falta de atividades, era fundamental aí, que quanto a mim, se deveria apostar nessa vertente. Por outro lado, numa perspetiva de desenvolvimento comunitário porque considerávamos que o trabalho com as crianças também era muito importante, todo aquele lançamento dos centros de animação infantil”.
Choque de perspetivas	A coordenação Distrital através das coordenações concelhias do nordeste algarvio apostava na Alfabetização e Educação de Base e a RADIAL pretendia fazer uma E.A. que se iria ia definindo à medida que as necessidades fossem surgindo para dar resposta a determinado tipo de problemas e necessidades.	A educação de adultos, para nós, era fundamental. Mas aí houve, digamos, um primeiro choque (...) Nós tínhamos a ideia de fazer uma educação de adultos que se ia definindo à medida que as necessidades fossem surgindo para dar resposta a determinado tipo de problemas e necessidades que fossem surgindo, certamente até diferentes de freguesia para freguesia ou mesmo dentro da freguesia de aldeia para aldeia, ou de monte para monte ou até de pessoas para pessoas.
Parceria com a Coordenação Distrital de E.A.	Foram encontrados pontos de encontro, porque não havia concorrência entre o projeto radial que não era um trabalho que tinha a ver com alfabetização, nem diretamente com a educação básica de adultos,	Tanto mais que conseguimos até que, quase diria, atividades conjuntas, ou pelo menos de convergência que eram aquelas ações de animação socioeducativas (...) que foram o embrião de futuros cursos de formação profissional, como em Martinlongo e Cachopo. Nós não tínhamos condições para criar esse tipo de cursos, mas graças à coordenação distrital foi possível encontrar maneiras de pôr grupos a trabalhar em conjunto (...) e aí o projeto radial tentou depois dar-lhes uma valência profissionalizante que levasse mais tarde às candidaturas que se fizeram ao Fundo Social Europeu para lançar aqueles cursos nas malhas, na tecelagem, com corte e costura em Martinlongo e outros assim que tiveram no embrião cursos apoiados pela coordenação distrital
Os PIDRs	O projeto no Algarve surgiu na continuidade	“foi criado em Braga, no Moncorvo, no Alentejo, no Algarve (...) esta perspetiva

	<p>de outros projetos que já haviam sido implementados no país, numa perspectiva de intervenção interdisciplinar territorial.</p> <p>Contudo as perspectivas do Alberto e da RADIAL eram muito diferentes das orientações da CCRA, financiadora do Projeto. Contudo, o projeto integrado facilitava a relação, a comunicação entre as instituições e as pessoas. Era muito fácil contra com a colaboração de outros</p>	<p>de projetos piloto interdisciplinares, acho que surgiu antes, não é? e também, volta e meia, ressuscitados, pois no tempo do governo do Guterres, em que estava o Paulo Pedrosa, ele lançou, por exemplo, no Alentejo, um programa importante o PEARA, muito nessa perspectiva. A própria comissão europeia lançou projetos a que chamou os Pactos Territoriais para o Emprego (...) O próprio programa Leader também tem, tinha, uma abordagem muito deste tipo”</p> <p>“ O PIDRr na sua estrutura, na sua essência, era um programa muito assente no fundo regional europeu de infraestruturas”</p> <p>O PIDR, Ne/Alg era mais um programa de cima para baixo, que vinha da Administração, que vinha da Europa, para convencer as pessoas que o que vem da Europa é que é bom (...) e que só há coisas boas que vêm da Europa (...). E a nossa perspectiva de trabalho era bastante diferente. Aliás, depois, muitos dos choques que eu tive com o Vairinhos (administrador do PIDR), foi muito neste sentido. Nos tínhamos perspectivas muito diferentes, ele queria fazer um bocado panache, queria fazer a sua vida política, queria, queria toda uma perspectiva que as pessoas ficassem agradecidas e gratas com as coisas que iam sendo oferecidas (...) não dava com a perspectiva participativa que nós estávamos a lançar (...)</p> <p>“Mesmo que as reuniões fossem um bocado formais, as pessoas tomavam um café juntas, conversavam, acho que havia um capital de confiança que se foi construindo”</p>
<p>A RADIAL no âmbito do PIDR, Ne/Alg.</p>	<p>Foi o PIDR que deu a possibilidade ao Alberto de Melo de estabelecer contactos que seriam determinantes para o projeto RADIAL e mais tarde para constituição a In Loco.</p> <p>A RADIAL com as verbas do PIDR iniciou a criação dos CAIs (Centros de Animação Infantil) em que envolveu as pessoas da comunidade na sua organização. Algumas</p>	<p>Pois, a Radial arranca em Outubro de 85 (...) o próprio projeto Radial que estava integrado na ESE enquanto não se formalizou a Associação In Loco, em 1988, era a Radial(...). Integrei-me naquela equipa que estava no terreno, naquela abordagem que o PIDR tinha adotado que era os contactos com os chamados interlocutores privilegiados. E os interlocutores privilegiados. Por exemplo, na zona onde eu trabalhei mais, foram em Martinlongo, com o presidente da Junta, que na altura era o carteiro, o sr. Manuel do Rosário. E o padre também, e havia depois algumas pessoas destacadas da comunidade que tanto o padre como o</p>

	<p>das funcionárias dos CAIs eram ex-bolseiras dos cursos de alfabetização</p>	<p>presidente da Junta nos iam apontando para conversarmos, para fazermos um diagnóstico da região (...). Isso foi importante porque depois quando arrancámos coma Radial eu já era pessoa conhecida, já tinha portas abertas e isso foi importante para a continuidade do trabalho (...). A abordagem (...), tenho alguns pontos de crítica, de certo modo. Havia uma equipa de sociólogos que não eram de cá, mas tinham vindo para dar assistência técnica, como o Caixinhas, a Elisa Sarmento (...).</p> <p>“Vamos aqui fazer coisas para as pessoas, para a a população. O facto de já haver no terreno pessoas que não estavam a trabalhar, só para as pessoas, estavam a trabalhar com as pessoas, acho que permitiu introduzir uma perspetiva mais participativa, mais de responsabilização das próprias pessoas. E, de facto, quando nós no Radial tivemos algumas verbas para iniciar centros de animação infantil, como o de Martinlongo. A perspetiva Pidr seria, vamos meter isto no orçamento, quanto custa a casa, vamos construir a casa, vamos pôr a casa à disposição das pessoas para esse centro de animação infantil. E nós conseguimos reunir setenta e tal pessoas em Martinlongo, famílias com crianças pequenas que ficaram com a incumbência de encontrar um espaço, um espaço já existente, que se pudesse depois preparar, arranjar, para que depois as atividades pudessem despertar rapidamente. Foi nesta perspetiva que não íamos oferecer nada às pessoas, criámos uma comissão de famílias para trabalharem”</p>
CAIs	<p>Era importante dar apoio também às crianças face à ausência de estruturas de apoio à infância</p>	<p>O problema em certos casos, é a questão das crianças, antes de ir à escola têm algum apoio? Não têm apoio? Vamos fazer equipas itinerantes com educadoras de infância, a correr os montes,</p>
Estudo do Meio	<p>Houve uma equipa de sociólogos que não eram de cá, mas tinham vindo para dar assistência técnica, no Diagnóstico do Nordeste Algarvio, integrando um equipa multidisciplinar que incluía elementos da Coordenação Distrital e das coordenações</p>	<p>Conheci o Raul Caixinhas e a Everilde que vinha destacada do IEFP, para trabalhar na coordenação distrital, para apoiar na realização do diagnóstico do nordeste algarvio(...) (...) e a perspetiva de trabalho desse grupo era diferente da perspetiva que eu tinha. Era uma perspetiva, para mim, bastante académica, de passar um tempo imenso a fazer diagnóstico, a entrevistar pessoas, a caracterizar a zona, para depois</p>

	concelhias do nordeste algarvio	aplicar soluções.
Estudo do Meio na perspectiva da Investigação-Ação	Alberto implementou uma estratégia diferente na RADIAL que ignorava o trabalho quantitativo dos inquéritos, preferindo a investigação-ação.	“Eu não acredito nessa perspectiva. E, no Radial tentei fazer um bocado o inverso, fomos para o terreno, fomos fazer coisas com as pessoas e, ao mesmo tempo, procurar estudar, analisar, avaliar os resultados para a pouco e pouco termos uma ideia mais, mais concisa e sucinta da situação. Não vamos primeiro definir a situação e depois trabalhar, não, vamos trabalhar em simultâneo e articuladamente “
Alfabetização não seria uma prioridade	Antes de se fazer alfabetização seria mais importante trabalhar outras questões. Os aspetos culturais, a divulgação do artesanato, o acolhimento de turistas. As pessoas poderiam escolher outros tipos de formação e não necessariamente começar pela alfabetização	Vamos ver problemas de habitação, haverá necessidade de restaurar casas que estão completamente sem condições para se morar, vamos, portanto, tentar algum apoio no domínio do restauro das casas. A questão cultural, haverá festas e eventos que queiram reanimar, procurando chamar alguns turistas aqui durante esse tipo de evento, mas, se o turista vem temos de lhe dar de comer, vamos prepara então um local onde se possa fazer refeições tradicionais. Haverá ainda artesãos que saibam fazer coisas e que na altura possam pôr ali a vender quando os turistas vierem. E, finalmente, despertando nas pessoas esta vontade e esta curiosidade, se houver alguém que tem dificuldades de leitura e gostasse agora de aprender ou que nunca sequer soube, vamos saber quem é que se interessa por se inscrever voluntariamente. Portanto, antes de lançar logo a alfabetização, eu lançaria todo um trabalho comunitário que viesse a motivar as pessoas para a alfabetização. Porque, nunca achei que se deveria começar por alfabetização. Porque começar por alfabetização é dar prioridade às carências, é dizer Quem é que não sabe? E agora vamos dar resposta. Não, quando se começa a trabalhar comunitariamente, numa perspectiva coletiva toda a gente sabe, toda a gente sabe e apoia e tem um papel ativo e é protagonista nos projetos em curso. E, portanto, isso despertará motivações e poderá haver pessoas que escolham um determinado tipo de formações, outros escolherão outras
Programa NOW, New Opportunities for Women	Um projeto apoiado por fundos europeus, apoiado pelo IEFP que consistia num programa de formação de tipo	“O Programa NOW, New Opportunities for Women, já havia Novas Oportunidades (...) com 13 mulheres em vários pontos da serra, desde S. Barnabé a Alte, na zona de

	<p>económico para criação de auto emprego de mulheres em que ser alfabetizado não era um requisito obrigatório. Mais tarde quem sentisse necessidade de alfabetização então recorria ao curso</p>	<p>Alcoutim, 13 mulheres tinham projetos, projetos de tipo económico, auto emprego e portanto, houve ano e meio, talvez, de formações. Foi um processo muito giro porque as formações tinham lugar nuns determinados locais de vida e de residência das diferentes mulheres. Uma delas, na Cabeça Gorda, era a D. Rosa, uma casa de Pasto. Ela queria, era assim, era uma barraca, mas ela queria fazer daquilo um lugar com alguma qualidade para receber as pessoas, aquilo era uma zona bastante bonita, na serra de Tavira, e a D. Rosa inscreveu-se. E o Instituto de Emprego esteve a ver os candidatos e disse, Essa senhora não! porque não sabia escrever. E, nós fomos ter com o Instituto de Emprego na altura, talvez agora não fosse possível, mas conseguimos que abrissem uma exceção para D. Rosa, para ela entrar no Curso, porque o problema não era dela, o problema era nosso. Se ela não sabia ler nem escrever a gente resolvia-lhe o problema. Púnhamos uma pessoa ao lado dela durante as formações. Quando, no fim da sessão, pedem que escrevam um ou dois parágrafos sobre a avaliação dessa sessão. Então a senhora ditava e tínhamos uma estagiária a copiar o que a senhora dizia. Quando havia material escrito para a formação, aquilo nem sequer era muito, aquilo era mais com base na cozinha, como é que se poem os pratos, como é que se fazem as coisas com mais qualidade, mas, quando havia coisas escritas essa mesma pessoa ia pedir à D. Rosa, Olhe D. Rosa isto é assim, assim. Portanto, não lhe fez falta não saber ler nem escrever para passar o curso. E ela foi das que tiveram sucesso e foi até ao fim. Mais, depois, quando ela arrancou com a atividade ficou interessada e inscreveu-se na Alfabetização mais tarde (...)</p>
<p>Equipas multidisciplinares</p>	<p>A RADIAL utilizou uma estratégia diferente de Estudo do Meio, mas aproveitou as reuniões da equipa multidisciplinar para estabelecer contactos e conhecer melhor o Meio. Esses contactos foram importantes para a constituição da In Loco</p>	<p>Portanto, o PIDR foi, de certa forma, uma referência sobre aquilo que não queria fazer, mas, ao mesmo tempo, também me ajudou muito em criar bases e abrir portas, ter contactos (...) Por outro lado, como eu também não sou do Algarve, acabava de cair de para-queadas, aqueles encontros permitiram conhecer rapidamente instituições, pessoas. Inclusive, quando depois se veio a constituir a In Loco, em 88, fui convidar pessoas que tinha</p>

		conhecido nas várias áreas, e isso foi importante (...).
Ação da rede pública de educação de adultos no nordeste algarvio, no âmbito do PIDR	A alfabetização foi um processo muito importante que permitiu a sensibilização para aderirem a outro tipo de coisas que foram surgindo. A E.A. foi fundamental, para mobilizar pessoas e projetos, tanto individuais como coletivos	“Acho que foi um ponto bastante positivo porque o fundamental, quanto a mim, para mobilizar pessoas e projetos, tanto individuais como coletivos, é preciso as pessoas estarem a mexer, estar em movimento, e esse movimento pode-se criar nem que seja com ações de alfabetização. E há pessoas de fora que vêm encontrar-se com essas pessoas. As pessoas encontram-se, não é no Café, não é a lavar a roupa (...) vamos aprender coisas, vamos saber um pouco mais, vamos ser mais conscientes, mais bem informados, vamos começar a poder ler e escrever coisas. Essa abertura, acho que foi muito importante, para depois aderirem a outro tipo de coisas que foram surgindo”.
Parceria com a E. A.	A RADIAL utilizou como estratégia o conhecimento que as coordenadoras concelhias tinham do terreno. Muitas das ações tiveram o apoio de coordenações concelhias e sobretudo das bolseiras	“Eu creio que o trabalho, este tipo de trabalho foi facilitado, também, pela existência de uma coordenadora concelhia que na altura trabalhava muito perto, connosco, a Célia, que adotou este tipo de abordagem e que transformou um pouco a metodologia central do PIDR, Ne/Alg
Continuidade de um projeto integrado para o Algarve, nas zonas mais desfavorecidas	Tinha todo o sentido, a continuidade do projeto integrado nas zonas mais desfavorecidas do Algarve por estimular as parcerias e promover intervenções integradas e articuladas que tenham impacto na vida das pessoas e das comunidades	“O que não faz sentido são intervenções puramente sectoriais, sobretudo num território deste tipo. Se for em territórios com uma grande concentração demográfica, pode-se dizer, Ah! É quase impossível ter quase todos os sectores a planear em conjunto. Até pode ter mais sentido haver uma intervenção social no emprego, no urbanismo, no que seja, mas, relativamente a territórios de baixa demografia, não há massa crítica em cada um dos sectores para justificar uma intervenção isolada, mas, o que faz sentido são intervenções de tipo intersectorial ou interdisciplinar, até pondo os dinheirinhos que são poucos, todos juntos e lançar projetos integrados, esses próprios projetos que possam ter impacto em determinados quadrantes das vidas das pessoas e dos territórios”
Lançamento dos cursos de Alfabetização	A alfabetização justifica-se pela existência de uma coordenação distrital de E. A., mas há outras estratégias para	.M- Pois, aí, quanto a mim era mais uma falha da intervenção sectorial, como havia uma coordenação de educação de adultos tinha que fazer alfabetização Mas, se tivéssemos uma arquitetura mais baseada

	alfabetizar que podem começar por outro tipo de ações que motivem as pessoas para participação	em intervenções de tipo territorial e intersectorial, possivelmente não se começaria com alfabetização, começaria por se reunir as pessoas, ver com as pessoas o tipo de problemas existentes, se há um problema relativamente a saúde, temos que garantir que regularmente venha um enfermeiro, etc..., que haja uma carrinha móvel de apoio sanitário.
Alfabetização de pessoas idosas	Nos montes, com pessoas idosas a alfabetização era uma forma de quebrar o isolamento das pessoas. Decorrente da alfabetização organizavam-se outras ações que iam ao encontro da vontade das pessoas	“Eu acho que as pessoas idosas têm vontade e necessidade de se encontrarem, de saírem de casa, de romper o isolamento e isso justifica também o sucesso que têm tido as universidades seniores (...) as pessoas de idade sentem essa necessidade (...) Claro que nos montes, duas pessoas ou três não se auto-organizam, e têm necessidade que haja algum apoio que venha de fora” “ Acho que sim, nesses cursos há uma abertura grande a quem vem de fora, não é só impor o b, a, ba, mas proporcionar atividades diferentes, passear com eles nos campos para que eles sejam os próprios formadores, que digam os nomes das plantas, para que servem essas plantas. E que, aos poucos, a pessoa vá começando a falar da história local
Professor primário um educador de adultos no contexto do PIDR	Um agente de educação de adultos deve ser um gestor de recursos a nível local e os professores das concelhias desempenhavam bem esta função. O seu desempenho foi caracterizado pelo empenho, pela dedicação e motivação para trabalhar com pessoas adultas...	“De uma maneira geral fiquei bastante sensibilizado positivamente pela dedicação e pela capacidade que essas pessoas demonstraram de sair da escola ate do ponto de vista mental, não só do ponto de vista físico (...) Eram, portanto, pessoas que trabalhavam diretamente com as pessoas, que normalmente as sabiam ouvir e as conheciam. “Eu, a princípio, fiquei lixado, achei uma forma de travar o processo, porque vindo assim uma massa de professores primários, era outra vez, a escola a impor-se com a sua burocracia e eu vi casos de adultos sentadinhos em bancos pequenininhos a colorir livros e coisas desse género. Portanto, isso pôs-me muito de pé atrás, mas isso não se pode generalizar (...)
A Formação, a motivação, a experiência, podem fazer de um professor primário um bom agente de educação de	A formação dos profs primários destacados na E.A. teve um caracter muito prático direcionado para o trabalho no terreno e com o respeito pelas pessoas adultas. O PIDR	“Parcialmente, não acredito no papel determinante e decisivo da formação, seja qual for se não houver em seguida um contexto favorável para que essa transformação se faça. Portanto se o professor tem essa formação toda, mas depois continua a trabalhar dentro das quatro paredes, e a trabalhar com pessoas

adultos	foi um contexto em que a relação educativa era adequada aos interesses e necessidades das pessoas e ao respeito e valorização dos seus conhecimentos e experiências.	adultas ou jovens, e continua a utilizar aqueles materiais e aqueles manuais e aqueles programas das disciplinas, o professor não se transforma. Mas, se entrar num processo (...) E o PIDR foi um pouco esse contexto, entrar num processo como o Radial, entrar num processo, tal como mais tarde se fizeram ações intersectoriais (...) “ No curso de formação para agentes de desenvolvimento local em que parte dos formadores era da Radial (...) essas pessoas tiveram essa possibilidade, já com uma formação anterior que já é positiva mas que ainda tem mais esse tipo de contexto onde se pode exprimir e realizar, acho que aí temos as duas componentes essenciais. Que é a existência de um contexto propício de intervenção e é essa formação alargada e enriquecida” (...).
Os bolsseiros	Os bolsseiros não eram profissionais, eram pessoas que faziam alfabetização mas também faziam animação local em meio comunitário.No nordeste algarvio, durante o PIDR a esmagadora maioria dos cursos de alfabetização eram orientados por bolsseiros. Uma parte significativa destes bolsseiros eram jovens muito dinâmicos, motivados para aprender, conhecedores do local, o que levou a In Loco a recrutá-los quando acabaram os cursos de alfabetização	“ Foi para mim uma surpresa reencontrar os bolsseiros, coisa que eu até pensei que já não existia mas que foi conservada pelo ministério da educação. Foi uma portaria que foi lançada, creio que no início de 76, a portaria das bolsas. E, portanto, a ideia era, para aquelas pessoas que faziam muito trabalho voluntário e, muitas vezes, tinham que se deslocar e, deslocar no próprio automóvel, terem um pequeno apoio financeiro para os reconhecer, como medida de reconhecimento e, também, de apoio por parte da administração pública, Sim senhor, está a fazer um bom trabalho, tem uma bolsa. Chamou-se sempre bolsa porque se partiu, sempre do princípio, que não era um substituto de emprego, a bolsa era calculada em cerca de 25% do que seria um rendimento, uma remuneração mensal normal (...) Depois serviu para muitas outras atividades, inclusive para a alfabetização. Acho que foi um esquema bastante interessante. Houve alguém bastante inteligente que soube adaptar essa medida que existia e que nunca foi revogada, ainda estava em vigor e foi utilizada de uma maneira positiva (...) “ Alguns desses bolsseiros do nordeste algarvio foram animadores dos Centros de Animação Infantil e mais tarde, alguns vieram para animadores territoriais. Depois no Programa Leader voltaram a aparecer. Foram pessoas que ficaram com a experiência e uma prática muito interessante (...)

<p>A educação de adultos proporcionou um grande capital de conhecimento para todos os envolvidos no PIDR</p>	<p>A experiência realizada no nordeste algarvio foi, não só muito importante para pessoas e comunidades, como constituiu uma aprendizagem muito significativa para todos os agentes educativos envolvidos no processo.</p>	<p>Todos eles, os da rede pública mas também os da Radial, da In Loco, aprendemos uma imensidão de coisas e suponho que as pessoas que também participaram efetivamente no local, também aprenderam bastante e desenvolveram-se bastante. É a isso que eu chamo criar ou construir situações educativas. São situações que não têm um programa definido, mas são situações que pelo simples facto de uma pessoa estar metida ativamente nas situações, faz grandes aprendizagens.</p>
<p>Perceção sobre os efeitos da E.A.</p>	<p>Houve um processo educativo que serviu para consciencializar as pessoas das suas capacidades, que serviu para as sensibilizar para a participação em ações futuras. O contacto com diferentes pessoas em representação de diferentes instituições abriu a mente para novos horizontes, para novas perspetivas.</p>	<p>É difícil definir os resultados, o que é que pertence ao PIDR e o que é que pertence a outras coisas, acho que houve uma ação conjunta que conseguiu culturalmente, mentalmente, destruir alguns muros que isolavam aquela população naquele território particularmente isolado. Houve pessoas vindas dos vários quadrantes que regularmente estavam com elas, com quem conversavam. Acho que isso lhes abriu os horizontes aos mais velhos e até especialmente às gerações mais jovens que tiveram muito a consciência que todo o mundo que existia à sua volta. E creio que lhes abriu a mente para novos horizontes, para novas perspetivas. E, esse tipo de aprendizagens, acho que foi fundamental e esse trabalho que fizemos ninguém nos tira. Esse trabalho devia ter sido continuado, realmente não se resolver o problema do nordeste algarvio, mas muitas pessoas tiram benefício das muitas ações que se desenvolveram (...) Pessoas como o Simão que acabou por escrever um livro e ganhou essa confiança do contacto que teve com as pessoas, com a experiência, com as autoaprendizagens que foi fazendo (...)</p>

ANEXO 14. ANÁLISE ENTREVISTA DO ALBERTO DE MELO

Objetivo Geral: Conhecer a sua perspetiva sobre a ação da educação de adultos no âmbito do PIDR, Ne/Alg.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DAS PERGUNTAS
Reconhecimento e certificação	Legitimar a entrevista	Objetivos do Estudo Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados; Solicitar autorização para gravação digital; Agradecimento.
Apaixonado por Alcoutim	Perceber as razões que o levaram fixar-se no nordeste algarvio	O Francisco quando acabou o seu Curso escolheu Alcoutim para desenvolver a sua prática profissional de médico. Porquê?
Viver em Alcoutim	Caracterizar o concelho na perspetiva do presidente da autarquia.	Como é viver em Alcoutim?
Relação com a Educação de Adultos	- Conhecer a sua relação com a Educação de Adultos; - Perceber o seu papel como agente de educação de adultos Identificar os contornos da sua experiência	Foi nesta situação de médico que participou em várias ações promovidas pela coordenação concelhia de educação de adultos em Alcoutim. Quer falar um pouco sobre essa experiência? Qual a importância das sessões temáticas sobre saúde?
A alfabetização	- Conhecer a sua perceção sobre o trabalho realizado a nível da alfabetização.	Nessa altura qual o valor que atribuía ao processo de alfabetização em quase todos os montes?
PIDR, Ne/Alg, instrumento político	Conhecer a sua sensibilidade sobre a importância do PIDR como instrumento de desenvolvimento regional.	Qual a sua opinião sobre o PIDR, Ne/Alg ?
Relação entre a E.A. e a Autarquia	Identificar as diferentes formas de apoio concedidas à coordenação concelhia de E.A.	Seria possível a coordenação concelhia desenvolver o seu trabalho sem a colaboração da Autarquia?
Papel desempenhado pela coordenação	Conhecer a perceção do presidente da autarquia sobre o trabalho realizado no	Qual a sua avaliação sobre o papel desempenhado pela coordenação concelhia de Alcoutim na diversidade de respostas às necessidades educativas das populações?

concelhia	âmbito da educação de adultos pela equipa concelhia. Saber a importância atribuída a outras atividades como a animação sociocultural e animação socioeducativa	A animação sociocultural, os cursos socioeducativos constituíram polos dinamizadores dos cursos de alfabetização e aumento da credibilidade da Educação de Adultos?
PRI. Que papel podem desempenhar no desenvolvimento local	Conhecer a sua opinião sobre o final do PIDR, Ne/Alg -Saber se acharia importante haver um novo PRI extensivo a todo o Algarve	Que pensa sobre a oportunidade ou não de um programa integrado de desenvolvimento regional do nordeste algarvio, nos tempos atuais? Ou de um PRI para todo o Algarve?
Educação de adultos motivou mudança social	Conhecer a sua opinião sobre eventuais mudanças operadas no concelho pela ação da E.A.	Acha que o trabalho da rede pública produziu algum tipo de mudança nas gentes do nordeste algarvio?
A autarquia continuadora da ação da E.A.	Conhecer em que medida a coordenação concelhia foi importante também para autarquia. Perceber se há relação entre o trabalho realizado pela coordenação concelhia e as ações desenvolvidas depois pela autarquia	A ação da rede pública de educação de adultos terá sido importante para as pessoas. Também foi importante para autarquia? Qual tem sido o papel do município enquanto agente educativo catalisador das dinâmicas educativas do concelho de Alcoutim, durante o seu mandato?

ANEXO 15. ENTREVISTA INFORMAL AO FRANCISCO AMARAL – 22/4/13 13 H

RESTAURANTE FAZ GOSTOS EM FARO

J- Para começar esta entrevista, gostava de saber porque é que o Francisco é um apaixonado pelo nordeste algarvio, mais concretamente pelo concelho de Alcoutim.

F.A.- Tu sabes que eu nasci lá e as raízes contam muito, sabes que o sonho da minha vida, eh pá!, uma coisa muito gira, quando estava em Lisboa, estava em Lisboa e até mesmo quando estava aqui em Faro, sonhava como qualquer pessoa sonha e tem pesadelos e tem sonhos alegres e outros tristes, mas eu sonhava com as pessoas que lidavam diariamente comigo, mas o cenário era sempre Alcoutim. O cenário dos meus sonhos era sempre Alcoutim, sonhava com os meus colegas da Faculdade de Lisboa, mas o cenário era sempre Alcoutim (...) Até te vou contra mais, naquela altura os alunos já se digladiavam por altas notas nos exames e nos testes, que o objetivo era ter altas notas por causa das especialidades, nomeadamente em Lisboa. Eu, como queria ser médico de família em Alcoutim, não precisava de ter notas altas nenhuma. Chegou a acontecer isto, várias vezes, estar a fazer o teste, via que já tinha média para passar nem acabava o teste, isto aconteceu algumas vezes (...) Sabes, duas referências muito grandes na minha vida que foi o meu pai que era professor primário e foi presidente da Câmara Municipal de Alcoutim e o Dr. João Dias, médico e cirurgião que era muito conhecido em Alcoutim, um médico benemérito que ficou nas memórias de toda a gente (...) e havia ainda uma ligação familiar (...)

J- Foi nesta condição de médico em Alcoutim que o Francisco tem os primeiros contactos com a educação de adultos e participa em várias ações promovidas pela coordenação concelhia. Quer falar um pouco sobre essa experiência?

F.A. Foi, foi, sabes que ainda hoje eu faço questão de participar. Aliás, Alcoutim deve ser o Município que mais palestras, promove, nomeadamente, ligadas à saúde. Tal como no tempo da educação de adultos em que me convidavam a ir aos cursos fazer palestras, eu ainda hoje, vou às escolas falar sobre o tabagismo e o álcool, a prevenção de doenças e aquilo ainda é muito bem aceite (...) ainda hoje eu vou às escolas, há aqueles programas contra o tabagismo e o alcoolismo e as drogas, convidam-me e eu vou (...)

J- Recordo que o Francisco era muito requisitado pelas coordenadoras concelhias de Alcoutim para ir aos cursos nos montes mais isolados...

F.A. Exato, exato, e eu fui, de algumas ainda me lembro perfeitamente. Na altura o presidente da Câmara já não estava a gostar nada, como eu era da oposição, achava que andava a fazer campanha política, mas não tinha nada que ver com isso, eu ia como médico e não falava de política, eu ia falar era de saúde que era o que mais interessava às pessoas (...) ia numa de boa vontade, não mais do que isso. Aliás, eu nessa altura já era vereador na oposição. Recordo perfeitamente, aí tive uma grande ajuda da educação de adultos, nos tempos da Célia, eu meti na cabeça organizar a primeira feira de artesanato de Alcoutim. Apresentei a proposta numa reunião de Câmara e nunca mais me esqueço, as expressões de um vereador do PS e o presidente da Câmara “ Mas isso é para quê? Isso é muito dinheiro que se gasta, isso não vale a pena”. Mas, eu fiz finca-pé e contra tudo e contra todos na Câmara falei coma Célia, que era a coordenadora concelhia da educação de adultos e com a ajuda ela, eu é que organizei a primeira feira de artesanato do nordeste algarvio, e depois, a 2ª e 3ª e quarta (...) nunca mais paramos, até hoje. Nunca mais me esqueço que foi com o meu carro e a minha gasolina e as minhas férias percorri os montes todos do concelho de Alcoutim. A Célia deu-me umas pistas na altura porque ela é que conhecia bem os montes e as pessoas, esses artesãos já tinham sido identificados pela educação de adultos. Depois, para mim, foi aliciante (...)

J- Um médico a organizar uma feira de artesanato...

F.A.- Nem imaginas o gozo que me deu, saiu-me do pelo, mas deu-me um gozo (...), juntar artesãos do mais genuíno e do mais puro que havia. Por isso é que, cada ano que se organiza a feira de artesanato de Alcoutim, olho com orgulho e penso “Fui eu que comecei com isto” (...) Olha, estou a lembrar-me do monte do Fernandilho, lá havia uma palhinha, só havia naquele barranco, e havia lá um senhor, um artesão, que fazia cestos com aquela palhinha. Olha vou contar-te uma história “ Nessa altura as feiras de artesanato de Alcoutim tiveram algum eco e fui convidado pelo casino de Monte Gordo para organizar uma mini exposição de artesanato do concelho. E, eu organizei a exposição com meia dúzia de artesãos do mais genuíno que havia no concelho. E, fui buscar o Sr. António Marta que vivia numa rocha, numa gruta em Fernandilho, que é um monte muito isolado que pertence à freguesia de Vaqueiros A gente para entrar na habitação dele tinha de se curvar todo. Ele era o tal artesão que fazia os tais cestos em palhinha, uma palhinha muito fina que só existia naquele barranco. Então, eu levei para exposição no Casino de Monte Gordo, aqueles artesãos que eram do mais genuíno que havia no concelho de Alcoutim. A exposição

estava logo à entrada do Casino, nunca mis me esqueço de ver aquelas espanholas completamente viciadas no Jogo, passavam pelo átrio do Casino nem sequer olhavam para Exposição nem para o que se estava ali a passar, só vima a entrada da sala de jogo (risos). Mas, a coisa gira, quer dizer, pode não ter muita piada, No final dessa exposição, às tantas, o diretor do Casino convidou-me para jantar e assistir a um espetáculo. Eu aceitei, mas, fiz questão de ir buscar os artesãos e sentá-los na minha mesa. E, o Sr. Marta também foi, sentou-se à mesa, também comeu qualquer coisa e tal, e também assistiu ao espetáculo. E o espetáculo o que era, Era uma dança com duas meninas com as maminhas ao léu (...) Oh, pá! Eu estou convencidíssimo, que nós de repente irmos à lua ou ir à China, a sensação era a mesma que teve o Sr. António Marta que vivia numa gruta perdida num barranco no meio da serra. O Sr. António Marta vir lá de Fernandilho, sentar-se numa mesa com aqueles acepipes todos, ver um espetáculo daqueles com duas meninas com as maminhas ao léu a dançar daquela maneira. Eh pá! A sensação de irmos à Lua, ou estarmos no meio de Pequim, devia ser mesma que o Sr. António Marta sentiu (...) O mau disto tudo é que passada uma semana o Sr. António Marta morreu (...) Ainda hoje eu estou para saber se houve alguma relação, se aquele espetáculo teve alguma relação ou não (...) Ainda hoje tenho este complexo de culpa, tu nem imaginas o olhar do homem extasiado (...)

J- Essa ida dos artesãos ao Casino remete-me para outra questão que tem a ver com a saída, as visitas fora do concelho. O chamado turismo social que começou a ser realizado no tempo da educação de adultos em que juntavam pessoas de vários montes e iam por esse país fora e que a Câmara sempre apoiou...

F.A.-É verdade, na Câmara tem um programa de animação social que consta de visitas culturais, é um programa gratuito, dirigido a idosos. É uma forma de promover o convívio entre as pessoas e combater o isolamento. Mas, estes programas não são só dirigidos às pessoas mais idosas, mas também com crianças e jovens. Eu faço questão de dar luz verde para tudo o que é visitas de estudo, excursões. Aliás, tenho quase a certeza que os jovens de Alcoutim conhecem melhor Lisboa que os próprios alunos de lá. Daqui fazem imensas visitas de estudo a Lisboa, mas viver em Alcoutim é melhor que viver em Lisboa (...) Ainda te queria dizer uma coisa muito gira, Eu, em minha casa, cozinho muito melhor que a minha mulher, e além de cozinhar melhor faço questão de comer tudo biológico, eu semeio as minhas coisinhas e não falha nada quer para sopas quer para saladas, não falha nada (...)

aliás, para a minha higiene mental eu semeio, eu vou à horta, vou à pesca, tenho as minhas canas mesmo junto ao rio. Eu, aqui tenho muito melhor qualidade de vida do que teria em Faro ou noutra sítio qualquer. Eu não sei se já te contei, Nos últimos anos, antes de levava minha mãe para o Lar, ela está lá no Lar em Alcoutim, eu vinha a reuniões a Faro e queria ir dar-lhe um beijinho, naquela rua que a gente jogava à bola, eu não conseguia estacionar, andava às voltas e acabava por voltar para Alcoutim sem dar um beijinho à minha mãe (...) Eh pá! Eu recordo com saudade Faro dos anos 60 (...)

J- Voltando a Alcoutim, nos anos 80, um dos principais objetivos da educação de adultos era quebrar o isolamento daquelas populações. Já falámos nisso, tu ias muitas vezes aos cursos fazer uma palestra e acabavas dando uma consulta, lembra-te disso?

F.A. -Oh Joca! Eu sabia bem das dificuldades que as pessoas dos montes tinham. Eu, ia lá, receitava um medicamento, mas e quando é que a pessoa ia aviar o medicamento? Sabes que, normalmente, era quando alguém do monte ia à vila e então é que aviava a receita, às vezes passavam quatro, cinco dias. Quantas pessoas não terão morrido, pessoas com pneumonia, medicadas por mim, que não conseguiram tomar os medicamentos porque não aviaram a receita. Quando eu cheguei à Câmara uma das primeiras coisas que fiz foi arranjar uma carrinha para transportar os doentes da consulta para a farmácia (...) Por conhecer as dificuldades das pessoas, daí ter criado a primeira unidade móvel de saúde do país, aliás, hoje, não há Câmara nenhuma que não tenha, mas de facto, fui eu que idealizei e criei a primeira para medir o colesterol, a glicémia, atenção arterial. Ninguém imagina as dificuldades que aquelas pessoas tinham para medir uma simples tensão arterial. Além de entupirem o Centro de Saúde, a deslocação era complicadíssima para aquelas pessoas. Repara, não se sabes, mas no ano passado, foi o primeiríssimo ano em que o Governo fez uma campanha de vacinação em massa contra a gripe. Eh pá! há dezoito anos que se faz a campanha de vacinação em Alcoutim, há dezoito anos que não há um surto de gripe em Alcoutim, há dezoito anos que só apanha gripe em Alcoutim os jovens que não são abrangidos pela campanha. Só agora é que o governo se começou a preocupar com isso (...) A Câmara de Alcoutim preocupa-se com a saúde das pessoas idosas, fazemos rastreio da pressão arterial e do colesterol, temos ações de sensibilização sobre doenças cardiovasculares e de como é possível evitá-las. Agora temos um Parque Geriátrico e disponibilizamos técnicos da

autarquia para acompanhar os exercícios dos idosos (...)

J- Antes de seres presidente, quando eras médico e vereador na oposição, o facto de seres convidado pela Célia, pela Teresinha e mais tarde a Rosário, as idas aos montes fazer as palestras, também te ajudou como futuro presidente, porque ficaste a conhecer melhor as pessoas, os seus problemas...

F.A. Foi, isso ajudou, fiquei a conhecer muito melhor o concelho, mas sabes, eu sou de lá, era médico, as pessoas iam à consulta, e os médicos apercebem-se de tudo, das realidades, de tudo, porque há muita gente que vai à consulta para desabafar e para falar. Era raro haver qualquer coisa que eu não estivesse por dentro. Olha, recordei, perfeitamente, na altura, tive um museu em minha casa, as pessoas aperceberam-se que eu gostava de coisas antigas e começaram a oferecer-me coisas. Davam-me peças, objetos antigos, deram-me tanta coisa que acabei por fazer um museu lá em casa (...)

J- Como médico, como vereador, como alcoutenejo, como viste o papel da coordenação concelhia de educação de adultos em Alcoutim?

F.A.- A educação de adultos mexia com a população, mexia, fizeram um bom trabalho. Havia quem fosse aos montes, às aldeias, organizar coisas, juntar as pessoas, tirá-las de casa, isso era muito importante. Repara, ainda hoje, se não houver ninguém a coordenar, se não houver ninguém a impulsionar, ninguém a criar, não acontece nada porque a dinâmica local é muito pobre. De maneira que tem que haver alguém, muitas vezes tem que ser alguém de fora a tentar dinamizar a coisa, a organizar e de facto, a educação de adultos foi muito útil e criou alguma dinâmica no concelho. Sabes que hoje é giro porque há uma série de associações e grupos e centros que de algum modo nasceram dessa dinâmica (...) Eu, pessoalmente, tenho-os picado para criar, quer dizer, quem cria são as pessoas, mas eu tenho de os picar, e há um caso exemplar que eu te vou contar, A aldeia e freguesia de Pereiro e a de Giões são muito parecidas, em termos populacionais, em termos de área (...) Olha, uma vizinha nossa ali de Faro, a D. Suzete nasceu no Pereiro, ela era professora primária em Faro, mas, quando se reformou voltou às origens, está no Pereiro. Ela e o Sr. António Francisco (...) O Sr. António Francisco era emigrante na Alemanha e lá liderava uma associação de emigrantes. O regresso dessas duas pessoas introduziu uma dinâmica tal à aldeia e à freguesia que não há mês nenhuma que não haja atividades, estão sempre a organizar coisas. Eles os dois, repara que são pessoas à volta dos setenta anos (...) Inclusive criaram no Pereiro as marchas populares de S.

João, criaram um grupo de cantares, um grupo etnográfico que valoriza imenso a freguesia e o concelho (...) Aquelas cabecinhas não param, a aldeia tem uma vida social e cultural fora de série. Agora vou-te contar sobre Giões, Giões é uma aldeia muito parecida ao Pereiro (...) Eu notava que havia quatro ou cinco senhoras, dos seus 50, 60 anos, uma a morar em Lagos, outra em Albufeira, outra em V. Real, duas a morar em Giões, eu notava que havia ali qualquer coisa que elas queriam fazer porque elas vinham ter comigo e tal e falavam, via-se que queriam arrancar, mas não sabiam como. Eu dia disse-lhes, Vocês são umas (...) vocês ponham os olhos na freguesia do Pereiro que tem uma dinâmica social e cultural fora de série, vocês não fazem nada, consomem-se a falar mal umas das outras, não fazem nada, vocês são uma (...). Eh pá! Provoquei-as o mais que pude, disse isto uma vez, disse isto, duas, três, quatro vezes, cinco vezes, sei lá. Eh pá! As mulheres reagiram, sentiram-se picadas, criaram uma Associação chamada Grito de Alegria. Hoje, Giões está como o Pereiro, também tem uma dinâmica social e cultural fora de série, fora de série. Ainda tenho outro exemplo, o Hugo Barradas que tu conheces bem, foi teu aluno na ESE, agora é vereador da Câmara. Eh pá! Havia um clube em Vaqueiros que não fazia nada, portas fechadas, um clube que tinha sido criado há vinte anos e que passado algum tempo fechou as portas, Vaqueiros é uma aldeia morta. E eu disse ao meu vereador, que estava ligado à Associação Inter Vivos que tinha uma vida, em Martinlongo, muito grande, eu disse, Hugo devias agarrar no clube de Vaqueiros e dinamizar aquilo. Eh pá! Disse-lhe uma vez, disse duas vezes, três vezes, quinze vezes, vinte vezes, tantas vezes que, só para não me ouvir mais, ele agarrou. Repara, só para não me ouvir agarrou o clube e hoje Vaqueiros tem uma dinâmica do (...), até dá gosto ver. Tu vais lá e vês as paredes do clube cheias de fotografias das atividades. Eles fazem questão de tirar uma fotografia das atividades mais significativas e afixam na parede. Voltou a vida a Vaqueiros a partir do Clube, é uma coisa única, o número de atividades desportivas que organizam (...)

J- E Balurcos?

F.A. – Balurcos, Balurcos o que acontece lá só se deve a uma pessoa a uma pessoa, uma mulher de lá, a Maria Ribeiros Vicente que tem feito um trabalho extraordinário em Balurcos. A Maria Ribeiros foi em jovem para Lisboa e por lá ficou. Quando se reformou, voltou, já está em Balurcos, há uma boa dezena de anos. A mulher tem uma dinâmica fora de série (...) Vou contar-te uma coisa muito gira que faço questão de frisar, falei nisto lá numa Assembleia Geral da Associação Humanitária de

Balurcos que a Maria Ribeiros dinamiza, mas, ela também esteve por detrás da criação do Lar e do próprio Grupo de Cantares. É uma mulher extraordinária. Mas quem está por detrás disto tudo, como podes imaginar é a Câmara, tenho dado todo o apoio a estas iniciativas, e tem que ser assim. Eu faço questão de apoiar, mas a iniciativa é que tem de ser sempre deles, tem que haver iniciativa local. Aquilo é uma dinâmica espetacular e é tudo jovens dos setenta, oitenta anos (...) Ah, mas como te ia a dizer, disse isto há uns tempos, lá na Associação Humanitária, Para se fazer um Lar tem que ultrapassar muitos obstáculos, tem que se acreditar, tem que se passar por cima de muita coisa, a Maria Ribeiros teve uma luta (...) foi n vezes a Lisboa, n vezes a Faro, à Câmara foi lá centenas de vezes chatear-me a cabeça. Aquela mulher é uma lutadora, é uma lutadora, claro que não fez tudo sozinha, os outros iam, mas iam a acompanhá-la, ela é que andava à frente de tudo. Isto vinha a propósito de Balurcos (...) Eu, há quatro anos convidei-a para ela fazer parte das listas do PSD, porque ela já tinha feito parte das listas do PSD para a Junta de freguesia e diz-me ela assim, Não quero, não aceito porque tenho as atenções viradas para a Associação e para o Lar e tal, desculpa lá, mas neste momento isso é o que mais me interessa fazer. Depois desta conversa, passados uns dias ela veio ter comigo, já depois das eleições terem decorrido, e diz-me assim, Olhe venho fazer-lhe um convite, mas espero que não me dê a mim a resposta que eu lhe dei a si, vinha convidá-lo para presidente da Assembleia Geral da Associação Humanitária de Balurcos, pois é a pessoa indicada. Eu disse logo que sim, que o que interessa é os valores e a Associação. Eu estive a contar esta história, na última Assembleia Geral da Associação Humanitária e fiz questão de apresentar uma proposta para que o Lar de Balurcos se chame Maria Ribeiros Vicente, em homenagem ao trabalho que esta mulher desenvolveu para pôr de pé estes projetos que são importantíssimos para Balurcos e para o próprio concelho. Eh pá! Lares St António, Stª Maria, S. Francisco, há muitos, há que reconhecer as pessoas em vida, não é depois de ela morrer que a vamos homenagear. Não! A pessoa é uma lutadora, trabalhou, fez muito pelos outros, merece ser um exemplo, merece ser reconhecida por todos (...)

J- Também há o caso do José Simão que foi meu aluno e que pertence ou pertenceu a várias associações, não só em Balurcos como também em Alcoutim e que fez um percurso associativo interessante. Quando era meu aluno, era o presidente da Associação Alcance...

F.A. É, o Zé Simão é guarda noturno lá na Escola E.B. 2, 3 mas não tem tanta

dinâmica como a Maria Ribeiros e depois dispersa-se muito, não, não tem tanta atividade, vai mais por arrastamento (...)

J- O Francisco há pouco referia que a Câmara esteve por detrás destas iniciativas em Balurcos...

F.A.- O papel da autarquia é apoiar todo o tipo de ações, mas, eu acho que as iniciativas têm muito mais valor se partirem da sociedade civil. Eu vou dar-te este exemplo, A Câmara (...) Não havia nenhum sítio para dormir em Alcoutim, a Câmara construiu uma estalagem e concessionou-a com a obrigatoriedade de estar aberta todo o ano. Não havia um restaurante com dignidade que servisse jantares e comida típica, a Câmara fez um restaurante e concessionou-o (...) Eh pá! Inclusive para comprar um jornal em Alcoutim, teve a Câmara que criar um Quiosque e concessioná-lo para venda de jornais. Eu acho que a Câmara não deve ter essa vocação mas porque não há nada, às vezes cria-se um círculo vicioso, Não vale a pena e ninguém investe ou Ninguém investe porque não vale a pena. Portanto tem que haver alguém a quebrar este ciclo e, no caso de Alcoutim, teve de ser a autarquia a quebrar este ciclo. No entanto, eu acho que as coisas têm muito mais valor quando é a sociedade civil a fazê-las e a Câmara deve ter um papel de suporte, de colaborar de ajudar para o interesse comum, mas não deve tomar a iniciativa. Há uma coisa muito gira, que as pessoas do concelho muito apreciam, os bailes de acordeão. A autarquia apoia a organização dos bailes de acordeão, desde que os montes do concelho solicitem. É uma forma de quebrar o isolamento das povoações mais isoladas, onde praticamente não acontece nada. (...) Eu já disse, Quando quiserem os bailes de acordeão digam, mas a iniciativa é vossa, mas digam, querem apoio digam, mas a Câmara não vai impingir os bailes, têm que ser as pessoas, as associações a pedir, a organizar, sabes que depois, no meio aquilo tudo, fazem o baile, com bolos e isso tudo, sentem que aquilo é deles (...) Eu dou sempre a primazia às pessoas, às iniciativas locais.

J- Nos anos 80, a coordenação concelhia para além da alfabetização, desenvolveu várias iniciativas, festas, bailes, sempre com o apoio da Câmara...

F.A.- Sabes que nós temos vários cursos noturnos que vêm na sequência do trabalho da coordenação concelhia de educação de adultos. Temos vários cursos (...) Houve necessidade de dar continuidade a algumas dessas ações. Durante uma fase houve cursos noturnos que era a Escola a organizá-los, a fazê-los, mas não resultou, houve muitos problemas e a Escola parece que não estava preparada ou não queria trabalhar

com a formação dos adultos. Depois houve uma parceria Escola/Câmara, mas, à tantas a Câmara é que fazia tudo e pagava tudo, a Câmara acabou por jogar a mão e organizar essas ações para adultos. Esta também não é a vocação da Câmara andar a fazer cursos de formação de adultos. Neste caso, dava jeito continuar a haver uma coordenação concelhia que trabalhasse nisto, que organizasse os cursos, que escolhesse os formadores, que lhes desse formação, tal como havia antigamente (...)

Há cursos que funcionam todas as noites e a Câmara é que financia tudo, os formadores, os materiais. Mas só há cursos nalgumas freguesias, que a Câmara não tem capacidade para estender os cursos a todo o concelho (...) Sabes que eu nunca consegui inculcar, e todos os anos digo a mesma coisa, esses cursos de formação e de socializar as pessoas, de educar as pessoas, também devia ter uma vertente económica. Repara, eu, às vezes, vou aos centros comerciais e vejo aquelas lojinhas de artesanato com coisas giras, e eu sempre imaginei que muitas daquelas pessoas do concelho que sabem fazer coisas de artesanato pudessem complementar a sua reforma com a venda desse tipo de peças artesanais. Se queres que te diga, tenho tido muita dificuldade em tentar meter isto na cabeça daquela gente, principalmente dos formadores, que estão muito voltados para os bordados e não sei quê, para as rendas, para as pinturas. Eh pá! Eu penso que isto podia ser explorado numa vertente económica, de alguma forma tem de ser possível e já têm existido casos, mas ainda muito incipientes, pouco significativos. A feira de artesanato ajuda a que se promovam estes produtos, mas a venda fica por aqui. Ninguém vai produzir artesanato só para vender uma vez no ano, na feira de artesanato de Alcoutim. A feira ajuda mas não é isso que eu quero, devia ser muito mais, aliás, nós vamos ali à ribeira e há aquelas pedras muito bonitas que se podiam pintar e fazer coisas tão lindas (...)

J- O Francisco quando se dirige aos alcoutenejos costuma dizer que apesar das dificuldades da serra, o futuro está na serra, nos recursos e nas pessoas...

F.A.- Joca, antes dos anos 60 os algarvios do litoral iam à serra, porque a serra era rica, havia agricultura, caça, depois deu-se o boom do turismo, deu-se a desertificação, mas o que é facto é que tens cada vez mais qualidade de vida na serra do que no litoral. Na serra já vai havendo por quase todo o lado, água canalizada, esgotos, electricidade, melhores estradas. Eh pá! Eu acho que daqui a uns anos quem quiser ter boa qualidade de vida tem de ir para a serra, daí eu achar que tem futuro. A serra tem futuro, é preciso é criar condições para as pessoas quererem lá viver. Claro

que a desertificação das zonas do interior é um fenómeno nacional e até mundial, que existe na Alemanha e na França. De facto, em Portugal, o interior do país todo está a ser desertificado. Repara, eu não sei se já te apercebeste disto, o concelho de Alcoutim, o nordeste algarvio apanha em cheio com duas desertificações, uma para o litoral e outra para o estrangeiro, é um caso único no país. Os jovens que não foram para França, Alemanha, vieram para o litoral trabalhar na construção, na restauração (...) Este fenómeno da desertificação é problema muito complicado (...)

J- Na década de 80, a maioria dos jovens deixaram a serra e ficaram lá as jovens. Muitas dessas jovens foram as “nossas” bolsieras dos cursos de alfabetização

F.A.- É, é, eu conhecia a maioria dessas jovens que davam alfabetização, algumas delas acabaram por ficar no concelho, conseguiram trabalho. Na Câmara está uma dessas jovens, que foi minha secretária, depois de ser bolsiera continuou os estudos e empregou-se lá na Câmara. Outras casaram e ficaram por cá, mas a maioria foi embora (...)

J- Tínhamos bolsieiros espalhados por vários montes porque havia dinheiro para pagar essas bolsas. Estávamos no tempo do PIDR. Qual a opinião do Francisco sobre o PIDR, Ne/Alg.?

F.A. – Tu sabes, ainda hoje existe o espírito de capelinha, a educação, a saúde, as autarquias, cada um por seu lado, isto é cultural. O Pidr, eu lembro-me de uma ação muito gira em estavam técnicos de várias instituições, no tempo do Vairinhos, que foi deputado do PSD e já faleceu. Ele ainda estava na CCRA, era o coordenador do PIDR, fez uma reunião no sentido de sensibilizar as pessoas e os técnicos que estavam no terreno, para tentar de algum modo que falassem dos seus projetos, das suas ações. Foi uma maneira das pessoas das instituições se conhecerem e saberem o que os outros andavam a fazer (...). O PIDR tinha essa vantagem, reunia diferentes instituições e tinha dinheiro. Havia dinheiro para fazer coisas numa zona onde, nessa altura, não havia quase nada. Mas, sabes, o PIDR aproximou as pessoas, nessa altura não havia tanto as questões políticas, mas era contra natura. O PIDR era contra natura, embora tivesse toda a lógica, mas era contra natura e quando isso acontece, depois, às tantas as coisas morrem. Acabou o PIDR, voltámos às capelinhas, cada um a trabalhar por si, as autarquias por um lado, as outras instituições por outro, é uma estupidez, mas é assim. Isto é cultural, o português é mesmo assim (...) Ainda hoje se sente esse espírito na sociedade, as instituições estão de costas voltadas, umas para as outras (...)

J- Mas no concelho de Alcoutim, as instituições não colaboram com a Autarquia, não há o sentido de parceria?

F.A.- Há parcerias, fazem-se protocolos, mas as coisas muitas vezes não funcionam e é a Câmara que tem de fazer as coisas. Claro que eu estou sempre a ultrapassar este espírito individualista, mas sinto sempre as capelinhas. A minha ex-mulher, que ainda hoje é diretora do Centro de Saúde, de vez em quando, reage mal, acha que eu estou a meter-me na área dela, e não são questões políticas, é cultural. Repara, ainda hoje, na Escola, é o prof. Rui, eh pá!, eu noto que ele resiste quando vou lá e tal, não há abertura (...)

J- O PIDR promovia reuniões regulares com as várias instituições, exatamente para combater esse espírito de resistência e promover a articulação entre as instituições. Apesar de ahares contra natura, seria vantajoso haver um novo PRI para o nordeste algarvio?

F.A. – Joca, Joca, escuta uma coisa. Como tu imaginas, depois do PIDR apareceram outros programas. E sinceramente, esses programas que tinham muito dinheiro. Eh pá! Aquilo está tudo errado, tudo errado. Repara, em vez de se aprender com os erros, não! Acho que ainda se fazem mais erros. Aliás eu tenho muitas saudades do Quadro Comunitário de Apoio I e II. Sabes porquê, porque os municípios tinham projetos, queriam avançar com obras e Faro tinha poder para decidir. Repara, hoje, para determinados projetos nem Lisboa tem poder para decidir, agora quem decide é Madrid e é Bruxelas. Não se aprende nada com os erros. Repara, depois do PIDR, os programas que se lhe seguiram, as ideias cada vez vêm mais formatadas, em lugar de dar liberdade aos locais, de agir e decidir, isto é descentralizar. Cada vez mais, os programas vêm formatados de Lisboa, cada vez se adaptam, menos à realidade. Isto não faz sentido nenhum. Repara o Leader que agora tem outro nome, as pessoas gostam muito de mudar os nomes, mas a (...) é a mesma. Vou só contar-te isto que se passou, Depois da Câmara ter criado o restaurante, a Alcateia, começaram a surgir mais e então pronto, a Câmara sai do processo e vendeu o restaurante (...) Eh pá! Sinceramente, de tudo o que faz falta em Alcoutim é tudo menos tantos restaurantes, já há 4 ou 5 às moscas. Se calhar fazia mais falta um minimercado. Não é que eu fiz essa proposta no âmbito de este novo programa que se seguiu ao Leader e a resposta foi, Ai não que Lisboa não aprova, Lisboa diz que o que tem que se fazer é assim e assim (...) Todos os políticos e todos os governos se dizem descentralistas, nomeadamente na campanha eleitoral, todos são descentralistas e regionalistas, mas

depois, querem concentrar em Lisboa os poderes todos (...)

J- Há um Decreto-Lei de 1984 que previa cooperação técnica e financeira entre o Estado e as autarquias no domínio do desenvolvimento regional e local. Tem sentido esse apoio como presidente de Câmara?

F.A.- Há uns anos, lembro-me de ter assinado um protocolo com a Segurança Social, a propósito do CLAS (Conselho Local de Ação Social), o que deu para fazer algumas obrazinhas em casas de pessoas mais necessitadas. Eh pá! De vez em quando surgem esses programas e a gente aproveita ao máximo para ajudar os mais necessitados (...)
Mas, da parte do poder central o que tem havido são meros planos de intenções, meros discursos sobre a desertificação do interior, enquanto os investimentos públicos são localizados no litoral e para o interior ficam as migalhas.

J- Olhando para o passado, o Francisco acha que o trabalho desenvolvido pela educação de adultos foi importante, ajudou a mudar mentalidades?

F.A.- Vejamos, tudo o que se faça pela educação das pessoas é útil, é sempre bom. A educação de adultos tinha a vantagem de estar muito próxima das pessoas, as pessoas todas se conheciam, conheciam a coordenadora, conheciam as bolseiras. Houve um trabalho importante, as pessoas, aos poucos começaram a tornar-se mais participativas (...) Só que estamos num terreno difícil, num país difícil. Aliás, eu, como presidente de Câmara sinto-me, muitas vezes, isolado, a lutar contra a maré, e o trabalho que é feito por outras instituições, como foi o caso da educação de adultos ajuda muito, ajuda muito o trabalho da Câmara. Porque, repara, os obstáculos são tantos, em termos de ordenamento do território, como se deve fazer, quer em matéria de dinâmica social, económica (...) Todas as ajudas são importantes, remarmos todos no mesmo sentido contra as dificuldades. Repara eu sinto-me, muitas vezes, a lutar sozinho num território envelhecido e em que ainda regista uma taxa de analfabetismo elevada (...)

J- Daí eu ter colocado já a questão sobre a importância de um novo PRI que ajudasse a uma maior articulação e investimento das instituições no nordeste algarvio

F.A.- Joca, mas, acima de tudo, o que interessava era programas que não viessem formatados de Lisboa que saiam do Local, de outra maneira, não! Programas formatados não funcionam, não têm aplicabilidade local. É como diz o povo, Quem sabe da tenda é o tendeiro. Têm que ser as pessoas e as instituições locais que têm que identificar as suas necessidades e procurar resolvê-los com programas locais, em vez de programas muito formatados que vêm de Lisboa e não têm aplicabilidade (...)

J- As ações implementadas pela educação de adultos no âmbito do PIDR não se limitaram unicamente, aos cursos de alfabetização, houve outras atividades como a animação sociocultural, animação socioeducativa. Este trabalho parece ter mudado o entendimento sobre a forma de intervir em educação de adultos? Concorda com esta ideia?

F. A. Ainda hoje, na sequência desses cursos de adultos que antes existiam, continua a haver (...) A Amélia, a minha secretária que tem uma licenciatura qualquer em Beja, ligada a educação social, é ela a responsável pela coordenação dessas ações de formação que, têm uma função importante na qualificação das pessoas. A autarquia tem continuado a financiar cursos de alfabetização que se realizam em vários montes e de cursos socioeducativos que integram pessoas de várias idades (...)

ANEXO 16. ANÁLISE DA ENTREVISTA AO FRANCISCO AMARAL

Categorias	Análise	Excertos
Apaixonado por Alcoutim	Viver em Alcoutim foi sempre o seu sonho. Quando estudava medicina ansiava pela conclusão do curso para ir viver para Alcoutim	“Tu sabes que eu nasci lá e as raízes contam muito, sabes que o sonho da minha vida, eh pá!, uma coisa muito gira, quando estava em Lisboa, estava em Lisboa e até mesmo quando estava aqui em Faro, sonhava como qualquer pessoa sonha e tem pesadelos e tem sonhos alegres e outros tristes, mas eu sonhava com as pessoas que lidavam diariamente comigo, mas o cenário era sempre Alcoutim. O cenário dos meus sonhos era sempre Alcoutim,
A desertificação	O concelho de Alcoutim foi afetado por dois movimentos migratórios. Uns foram emigrados para França, outros vieram para o litoral	Claro que a desertificação das zonas do interior é um fenómeno nacional e até mundial, que existe na Alemanha e na França. De facto, em Portugal, o interior do país todo está a ser desertificado. Repara, eu não sei se já te apercebeste disto, o concelho de Alcoutim, o nordeste algarvio apanha em cheio com duas desertificações, uma para o litoral e outra para o estrangeiro, é um caso único no país. Os jovens que não foram para França, Alemanha, vieram para o litoral trabalhar na construção, na restauração (...) Este fenómeno da desertificação é problema muito complicado
Alcoutim sinónimo de qualidade de vida	Viver em Alcoutim dá saúde porque a pessoapraticam atividades que proporcionam qualidade de vida.	“Antes dos anos 60 os algarvios do litoral iam à serra, porque a serra era rica, havia agricultura, caça. Depois deu-se o boom do turismo, deu-se a desertificação, mas o que é facto é que tens cada vez mais qualidade de vida na serra do que no litoral. Na serra já vai havendo por quase todo o lado, água canalizada, esgotos, electricidade, melhores estradas. Eh pá! Eu acho que daqui a uns anos quem quiser ter boa qualidade de vida tem de ir para a serra, daí eu achar que tem futuro. A serra tem futuro, é preciso é criar condições para as pessoas quererem lá viver.” “Eu, em minha casa, cozinho muito melhor que a minha mulher, e além de cozinhar melhor faço questão de comer tudo biológico, eu semeio as minhas coisinhas e não falha nada quer para sopas quer para saladas, não falha nada (...) aliás, para a minha higiene mental eu semeio, eu vou à horta, vou à pesca, tenho as minhas canas mesmo junto ao rio. Eu, aqui tenho muito melhor qualidade de vida do que teria em Faro ou noutra sítio qualquer”
Duas referências de	O pai e o Dr. João Dias, médico e cirurgião	“Há duas referências muito grandes na minha vida que foi o meu pai que era professor

vida		primário e foi presidente da Câmara Municipal de Alcoutim e o Dr. João Dias, médico e cirurgião que era muito conhecido em Alcoutim, um médico benemérito que ficou nas memórias de toda a gente (...) e havia ainda uma ligação familiar (...)"
Relação com a Educação de Adultos	O Francisco Amaral como médico do Centro de Saúde de Alcoutim era convidado pela coordenação concelhia para realizar palestras sobre saúde em várias localidades do concelho e aos cursos nos montes mais isolados	Alcoutim deve ser o Município que mais palestras teve, nomeadamente, ligadas à saúde. Tal como no tempo da educação de adultos em que me convidavam a ir aos cursos fazer palestras, eu ainda hoje, vou às escolas falar sobre o tabagismo e o álcool, a prevenção de doenças e aquilo ainda é muito bem aceite.
As sessões sobre saúde ocasionaram mal entendidos políticos	O presidente da Câmara achava que o Francisco, como era da oposição, aproveitava as idas aos montes para fazer campanha política a favor da sua candidatura futuro presidente da Câmara	"Eu fui, de algumas ainda me lembro perfeitamente. Na altura o presidente da Câmara já não estava a gostar nada. Como eu era da oposição, achava que andava a fazer campanha política, mas não tinha nada que ver com isso, eu ia como médico e não falava de política, eu ia falar era de saúde que era o que mais interessava às pessoas (...) ia numa de boa vontade, não mais do que isso. Aliás, eu nessa altura já era vereador na oposição.
Importância das sessões temáticas sobre saúde	Estas deslocações do Dr. Francisco Amaral para além das palestras sobre saúde, acabavam, muitas vezes, em consultas individuais, porque as pessoas aproveitavam a presença do médico para, no final da sessão, apresentar as queixas. O maior problema era o avio das receitas porque as pessoas viviam isoladas e tinham muitas dificuldades em se deslocar à sede de concelho para aviar a receita na farmácia	"Eu sabia bem das dificuldades que as pessoas dos montes tinham. Eu, ia lá, receitava um medicamento, mas e quando é que a pessoa ia aviar o medicamento? Sabes que, normalmente, era quando alguém do monte ia à vila e então é que aviava a receita, às vezes passavam quatro, cinco dias. Quantas pessoas não terão morrido, pessoas com pneumonia, medicadas por mim, que não conseguiram tomar os medicamentos porque não aviaram a receita (..). Ninguém imagina as dificuldades que aquelas pessoas tinham para medir uma simples tensão arterial. Além de entupirem o Centro de Saúde, a deslocação era complicadíssima para aquelas pessoas. (...)
Medidas da Câmara Municipal de Alcoutim para melhorar a saúde dos idosos	A Câmara de Alcoutim preocupa-se com a saúde das pessoas idosas tendo tomado medidas que ajudem no rastreio de doenças e na deslocação dos idosos ao Centro de Saúde	A Câmara de Alcoutim preocupa-se com a saúde das pessoas idosas, fazemos rastreio da pressão arterial e do colesterol, temos ações de sensibilização sobre doenças cardiovasculares e de como é possível evitá-las. Agora temos um Parque Geriátrico e disponibilizamos técnicos da autarquia para acompanhar os exercícios dos idosos (...) Quando eu cheguei à Câmara uma das

		<p>primeiras coisas que fiz foi arranjar uma carrinha para transportar os doentes da consulta para a farmácia (...) Por conhecer as dificuldades das pessoas, daí ter criado a primeira unidade móvel de saúde do país, aliás, hoje, não há Câmara nenhuma que não tenha, mas de facto, fui eu que idealizei e criei a primeira para medir o colesterol, a glicémia, atenção arterial</p>
<p>Organização da 1ª feira de artesanato</p>	<p>Com a colaboração da coordenadora concelhia de Alcoutim que já tinha identificado os artesãos do concelho, propôs-se se a organizara 1ª feira de artesanato do concelho</p>	<p>“Tive uma grande ajuda da educação de adultos, nos tempos da Célia, eu meti na cabeça organizar a primeira feira de artesanato de Alcoutim. Apresentei a proposta numa reunião de Câmara e nunca mais me esqueço, as expressões de um vereador do PS e o presidente da Câmara “ Mas isso é para quê? Isso é muito dinheiro que se gasta, isso não vale a pena”. Mas, eu fiz finca-pé e contra tudo e contra todos na Câmara, falei com a Célia, que era a coordenadora concelhia da educação de adultos e com a ajuda ela, eu é que organizei a primeira feira de artesanato do nordeste algarvio, e depois, a 2ª e 3ª e quarta (...) nunca mais paramos, até hoje. Nunca mais me esqueço que foi com o meu carro e a minha gasolina e as minhas férias percorri os montes todos do concelho de Alcoutim. A Célia deu-me umas pistas na altura porque ela é que conhecia bem os montes e as pessoas, esses artesãos já tinham sido identificados pela educação de adultos. Depois, para mim, foi aliciante”</p> <p>“Nem imaginas o gozo que me deu, saiu-me do pelo, mas deu-me um gozo (...), juntar artesãos do mais genuíno e do mais puro que havia. Por isso é que, cada ano que se organiza a feira de artesanato de Alcoutim, olho com orgulho e penso “Fui eu que comecei com isto”.</p>
<p>Estória com História</p>	<p>No monte do Fernandilho, num barranco, único sítio onde havia palhinha, vivia um artesão, que fazia cestos com palhinha. Foi convidado para ir ao casino de Montegordo, um espaço completamente estranho cujo espetáculo a que assistiu pode ter produzido consequências trágicas</p>	<p>“ Nessa altura as feiras de artesanato de Alcoutim tiveram algum eco e fui convidado pelo casino de Monte Gordo para organizar uma mini exposição de artesanato do concelho. E, eu organizei a exposição com meia dúzia de artesãos do mais genuíno que havia no concelho. E, fui buscar o Sr. António Marta que vivia numa rocha, numa gruta em Fernandilho, que é um monte muito isolado que pertence à freguesia de Vaqueiros A gente para entrar na habitação dele tinha de se curvar todo. Ele era o tal artesão que fazia os tais cestos em palhinha, uma palhinha muito</p>

		<p> fina que só existia naquele barranco. Então, eu levei para exposição no Casino de Monte Gordo, aqueles artesãos que eram do mais genuíno que havia no concelho de Alcoutim. A exposição estava logo à entrada do Casino, nunca mis me esqueço de ver aquelas espanholas completamente viciadas no Jogo, passavam pelo átrio do Casino nem sequer olhavam para Exposição nem para o que se estava ali a passar, só vima a entrada da sala de jogo (risos). Mas, a coisa gira, quer dizer, pode não ter muita piada, No final dessa exposição, às tantas, o diretor do Casino convidou-me para jantar e assistir a um espetáculo. Eu aceitei, mas, fiz questão de ir buscar os artesãos e sentá-los na minha mesa. E, o Sr. Marta também foi, sentou-se à mesa, também comeu qualquer coisa e tal, e também assistiu ao espetáculo. E o espetáculo o que era, Era uma dança com duas meninas com as maminhas ao léu (...) Oh, pá! Eu estou convencidíssimo, que nós de repente irmos à lua ou ir à China, a sensação era a mesma que teve o Sr. António Marta que vivia numa gruta perdida num barranco no meio da serra. O Sr. António Marta vir lá de Fernandilho, sentar-se numa mesa com aqueles acepipes todos, ver um espetáculo daqueles com duas meninas com as maminhas ao léu a dançar daquela maneira. Eh pá! A sensação de irmos à Lua, ou estarmos no meio de Pequim, devia ser mesma que o Sr. António Marta sentiu (...) O mau disto tudo é que passada uma semana o Sr. António Marta morreu (...) Ainda hoje eu estou para saber se houve alguma relação, se aquele espetáculo teve alguma relação ou não (...) Ainda hoje tenho este complexo de culpa, tu nem imaginas o olhar do homem extasiado (...) </p>
<p>Turismo Social</p>	<p> O turismo social começou a ser realizado no tempo da educação de adultos em que juntavam pessoas de vários montes e iam por esse país fora. Estas saídas tinham o apoio da Câmara que disponibilizava o autocarro. Esta atividade era muito apreciada pelos adultos idosos uma vez que era a única possibilidade de saírem do monte e conhecerem um pouco o </p>	<p> “ É uma forma de promover o convívio entre as pessoas e combater o isolamento. Mas, estes programas não são só dirigidos às pessoas mais idosas, mas também com crianças e jovens. Eu faço questão de dar luz verde para tudo o que é visitas de estudo, excursões. Aliás, tenho quase a certeza que os jovens de Alcoutim conhecem melhor Lisboa que os próprios alunos de lá. Daqui fazem imensas visitas de estudo a Lisboa, mas viver em Alcoutim é melhor que viver em Lisboa (...) </p>

	seu país	
Candidatura a presidente da CMA	Quando eras médico e vereador na oposição, o facto de ser convidado a realizar as palestras pelos montes ajudou a ser mais conhecido, a conhecer melhor as pessoas, os seus problemas. Isso facilitou a sua eleição para presidente	“Ajudou, fiquei a conhecer muito melhor o concelho, mas sabes, eu sou de lá, era médico, as pessoas iam à consulta, e os médicos apercebem-se de tudo, das realidades, de tudo, porque há muita gente que vai à consulta para desabafar e para falar. Era raro haver qualquer coisa que eu não estivesse por dentro.
Museu em casa	As pessoas perceberam que o Dr. Amaral gostava de peças antigas e começaram a oferecer-lhe vários objetos	Olha, recordo, perfeitamente, na altura, tive um museu em minha casa, as pessoas aperceberam-se que eu gostava de coisas antigas e começaram a oferecer-me coisas. Davam-me peças, objetos antigos, deram-me tanta coisa que acabei por fazer um museu lá em casa (...)
Ação da coordenação concelhia de educação de adultos em Alcoutim.	Foi muito importante o trabalho da coordenação concelhia que dinamizou todo o concelho, nos montes mais isolados, ajudou a mudar mentalidades, elevou os níveis educativos das pessoas., motivou para a participação. Esse trabalho deixou raízes porque surgiram depois associações e grupos que se organizaram a partir dessa dinâmica que foi criada no concelho	“ Tudo o que se faça pela educação das pessoas é útil, é sempre bom. A educação de adultos tinha a vantagem de estar muito próxima das pessoas, as pessoas todas se conheciam, conheciam a coordenadora, conheciam as bolseiras. Houve um trabalho importante, as pessoas, aos poucos começaram a tornar-se mais participativas (...) Só que estamos num terreno difícil, num país difícil. Aliás, eu, como presidente de Câmara sinto-me, muitas vezes, isolado, a lutar contra a maré, e o trabalho que é feito por outras instituições, como foi o caso da educação de adultos ajuda muito, ajuda muito o trabalho da Câmara. Porque, repara, os obstáculos são tantos, em termos de ordenamento do território, como se deve fazer, quer em matéria de dinâmica social, económica (...) Todas as ajudas são importantes, remarmos todos no mesmo sentido contra as dificuldades. Repara eu sinto-me, muitas vezes, a lutar sozinho num território envelhecido e em que ainda regista uma taxa de analfabetismo elevada” “A educação de adultos mexia com a população, mexia, fizeram um bom trabalho. Havia quem fosse aos montes, às aldeias, organizar coisas, juntar as pessoas, tirá-las de casa, isso era muito importante. Repara, ainda hoje, se não houver ninguém a coordenar, se não houver ninguém a impulsionar, ninguém a criar, não acontece nada porque a dinâmica local é muito pobre. De maneira que tem que haver alguém, muitas vezes tem que ser alguém de fora a tentar dinamizar a coisa, a organizar e de facto, a educação de adultos foi muito útil e criou alguma dinâmica no concelho. Sabes que hoje é giro porque há

		<p>uma série de associações e grupos e centros que de algum modo nasceram dessa dinâmica (...), até dá gosto ver. Tu vais lá e vês as paredes do clube cheias de fotografias das atividades. Eles fazem questão de tirar uma fotografia das atividades mais significativas e afixam na parede. Voltou a vida a Vaqueiros a partir do Clube, é uma coisa única, o número de atividades desportivas que organizam”</p> <p>“Ainda hoje, na sequência desses cursos de adultos que antes existiam, continua a haver (...) A Amélia, a minha secretaria que tem uma licenciatura qualquer em Beja, ligada a educação social, é ela a responsável pela coordenação dessas ações de formação que, têm uma função importante na qualificação das pessoas. A autarquia tem continuado a financiar cursos de alfabetização que se realizam em vários montes e de cursos socioeducativos que integram pessoas de várias idades”</p>
<p>As novas dinâmicas associativas no concelho</p>	<p>As pessoas sentiram-se mais motivadas para participar, mas faltava-lhes alguém que tomasse a iniciativa. A Câmara este sempre disponível para apoiar qualquer iniciativa local. As dinâmicas locais começaram a partir de pessoas que regressaram à terra depois de se reformar e que tinham vontade de fazer coisas. A comunidade nestes casos respondia favoravelmente porque também queria participar, só precisavam de um líder. O papel do autarca era tentar motivar as pessoas para se organizarem</p>	<p>“Eu, pessoalmente, tenho-os picado para criar, quer dizer, quem cria são as pessoas, mas eu tenho de os picar, e há um caso exemplar que eu te vou contar, A aldeia e freguesia de Pereiro e a de Giões são muito parecidas, em termos populacionais, em termos de área (...) Olha, uma vizinha nossa ali de Faro, a D. Suzete nasceu no Pereiro, ela era professora primária em Faro, mas, quando se reformou voltou às origens, está no Pereiro. Ela e o Sr. António Francisco (...) O Sr. António Francisco era emigrante na, Alemanha e lá liderava uma associação de emigrantes. O regresso dessas duas pessoas introduziu uma dinâmica tal à aldeia e à freguesia que não há mês nenhuma que não haja atividades, estão sempre a organizar coisas. Eles os dois, repara que são pessoas à volta dos setenta anos (...) Inclusive criaram no Pereiro as marchas populares de S. João, criaram um grupo de cantares, um grupo etnográfico que valoriza imenso a freguesia e o concelho (...) Aquelas cabecinhas não param, a aldeia tem uma vida social e cultural fora de série. Agora vou-te contar sobre Giões. Giões é uma aldeia muito parecida ao Pereiro (...) Eu notava que havia quatro ou cinco senhoras, dos seus 50, 60 anos, uma a morar em Lagos, outra em Albufeira, outra em V. Real, duas a morar em Giões, eu notava que havia ali qualquer coisa que elas queriam fazer porque elas vinham ter comigo e tal e falavam, via-se que queriam arrancar, mas não sabiam como. Eu dia disse-</p>

		<p>lhes (...) vocês ponham os olhos na freguesia do Pereiro que tem uma dinâmica social e cultural fora de série, vocês não fazem nada, consomem-se a falar mal umas das outras(...). Eh pá! Provoquei-as o mais que pude, disse isto uma vez, disse isto, duas, três, quatro vezes, cinco vezes, sei lá. Eh pá! As mulheres reagiram, sentiram-se picadas, criaram uma Associação chamada Grito de Alegria. Hoje, Giões está como o Pereiro, também tem uma dinâmica social e cultural fora de série, fora de série. Ainda tenho outro exemplo, o Hugo Barradas que tu conheces bem, foi teu aluno na ESE, agora é vereador da Câmara. Eh pá! Havia um clube em Vaqueiros que não fazia nada, portas fechadas, um clube que tinha sido criado há vinte anos e que passado algum tempo fechou as portas, Vaqueiros é uma aldeia morta. E eu disse ao meu vereador, que estava ligado à Associação Inter Vivos que tinha uma vida, em Martinlongo, muito grande, eu disse, Hugo devias agarrar no clube de Vaqueiros e dinamizar aquilo. Eh pá! Disse-lhe uma vez, disse duas vezes, três vezes, quinze vezes, vinte vezes, tantas vezes que, só para não me ouvir mais, ele agarrou. Repara, só para não me ouvir agarrou o clube e hoje Vaqueiros tem uma dinâmica bestial”</p>
<p>O Caso de Balurcos</p>	<p>Balurcos tem uma dinâmica extraordinária devido ao papel de uma mulher que fez a sua vida profissional em Lisboa e depois de reformada voltou para Balurcos ainda ano tempo da E.A. Esta mulher participou em várias atividades organizadas pela coordenação concelhia de Alcoutim e quando a E.A. acabou no concelho, assumiu a liderança dos processos e criou um Lar organização e desenvolveu um conjunto de atividades sociais e culturais. Todas estas iniciativas têm contado com o apoio da Câmara</p>	<p>“Balurcos o que acontece lá só se deve a uma pessoa a uma pessoa, uma mulher de lá, a Maria Ribeiros Vicente que tem feito um trabalho extraordinário em Balurcos. A Maria Ribeiros foi em jovem para Lisboa e por lá ficou. Quando se reformou, voltou, já está em Balurcos, há uma boa dezena de anos. A mulher tem uma dinâmica fora de série (...) Vou contar-te uma coisa muito gira que faço questão de frisar, falei nisto lá numa Assembleia Geral da Associação Humanitária de Balurcos que a Maria Ribeiros dinamiza, mas, ela também esteve por detrás da criação do Lar e do proprio Grupo de Cantares. È uma mulher extraordinária. Mas quem está por detrás disto tudo, como podes imaginar é a Câmara, tenho dado todo o apoio a estas iniciativas, e tem que ser assim. Eu faço questão de apoiar, mas a iniciativa é que tem de ser sempre deles, tem que haver iniciativa local. Aquilo é uma dinâmica espetacular e é tudo jovens dos setenta, oitenta anos (...) Ah, mas como te ia a dizer, disse isto há uns tempos, lá na Associação Humanitária, Para se fazer um Lar tem que ultrapassar muitos obstáculos, tem que se acreditar, tem que se</p>

		<p>passar por cima de muita coisa, a Maria Ribeiros teve uma luta (...) foi n vezes a Lisboa, n vezes a Faro, à Câmara foi lá centenas de vezes chatear-me a cabeça. Aquela mulher é uma lutadora, é uma lutadora, claro que não fez tudo sozinha, os outros iam, mas iam a acompanhá-la, ela é que andava à frente de tudo. Isto vinha a propósito de Balurcos (...) Eu, há quatro anos convidei-a para ela fazer parte das listas do PSD, porque ela já tinha feito parte das listas do PSD para a Junta de freguesia e diz-me ela assim, Não quero, não aceito porque tenho as atenções viradas para a Associação e para o Lar e tal, desculpa lá, mas neste momento isso é o que mais me interessa fazer. Depois desta conversa, passados uns dias ela veio ter comigo, já depois das eleições terem decorrido, e diz-me assim, Olhe venho fazer-lhe um convite, mas espero que não me dê a mim a resposta que eu lhe dei a si, vinha convidá-lo para presidente da Assembleia Geral da Associação Humanitária de Balurcos, pois é a pessoa indicada. Eu disse logo que sim, que o que interessa é os valores e a Associação. Eu estive a contar esta história, na última Assembleia Geral da Associação Humanitária e fiz questão de apresentar uma proposta para que o Lar de Balurcos se chame Maria Ribeiros Vicente, em homenagem ao trabalho que esta mulher desenvolveu para pôr de pé estes projetos que são importantíssimos para Balurcos e para o próprio concelho. Eh pá! Lares St António, Stª Maria, S. Francisco, há muitos, há que reconhecer as pessoas em vida, não é depois de ela morrer que a vamos homenagear. Não! A pessoa é uma lutadora, trabalhou, fez muito pelos outros, merece ser um exemplo, merece ser reconhecida por todos (...)</p>
<p>O caso do Zé Simão</p>	<p>O Zé Simão foi boleiro, depois contratado pela In loco. Como agente de desenvolvimento. Foi fundador de várias Associações no Concelho. Decidiu voltar a estudar, tirou a licenciatura em Educação Social e estava fazer o Mestrado em Sociologia. Mas o seu emprego atual é como guarda noturno.</p>	<p>“ O Zé Simão é guarda noturno lá na Escola E.B. 2, 3 mas não tem tanta dinâmica como a Maria Ribeiros e depois dispersa-se muito, não, não tem tanta atividade, vai mais por arrastamento (...)</p>

<p>A herança da E.A.</p>	<p>Depois de ter terminado o PIDR e terem finalizado as dinâmicas educativas, houve locais onde as pessoas pediram à Autarquia para que continuasse a haver ações educativas. Ainda houve uma parceria entre a Autarquia e a Escola mas não resultou. Passou a ser a Autarquia a dinamizar os cursos</p>	<p>“ Nós temos vários cursos noturnos que vêm na sequência do trabalho da coordenação concelhia de educação de adultos. Temos vários cursos (...) Houve necessidade de dar continuidade a algumas dessas ações. Durante uma fase houve cursos noturnos, que era a Escola a organizá-los, a fazê-los, mas não resultou, houve muitos problemas e a Escola parece que não estava preparada ou não queria trabalhar com a formação dos adultos. Depois houve uma parceria Escola/Câmara, mas, às tantas a Câmara é que fazia tudo e pagava tudo, a Câmara acabou por jogar a mão e organizar essas ações para adultos. Esta também não é a vocação da Câmara andar a fazer cursos de formação de adultos. Neste caso, dava jeito continuar a haver uma coordenação concelhia que trabalhasse nisto, que organizasse os cursos, que escolhesse os formadores, que lhes desse formação, tal como havia antigamente (...) Há cursos que funcionam todas as noites e a Câmara é que financia tudo, os formadores, os materiais. Mas só há cursos nalgumas freguesias, que a Câmara não tem capacidade para estender os cursos a todo o concelho (...) Sabes que eu nunca consegui incutir, e todos os anos digo a mesma coisa, esses cursos de formação e de socializar as pessoas, de educar as pessoas, também devia ter uma vertente económica.</p>
<p>Papel da Autarquia</p>	<p>Todas as ações que se realizam no concelho têm o apoio da Autarquia que é o motor do desenvolvimento do concelho. Mas as iniciativas têm de partir da sociedade civil</p>	<p>“O papel da autarquia é apoiar todo o tipo de ações, mas, eu acho que as iniciativas têm muito mais valor se partirem da sociedade civil. Eu vou dar-te este exemplo, A Câmara (...) Não havia nenhum sítio para dormir em Alcoutim, a Câmara construiu uma estalagem e concessionou-a com a obrigatoriedade de estar aberta todo o ano. Não havia um restaurante com dignidade que servisse jantares e comida típica, a Câmara fez um restaurante e concessionou-o (...)Inclusive para comprar um jornal em Alcoutim, teve a Câmara que criar um Quiosque e concessioná-lo para venda de jornais. Eu acho que a Câmara não deve ter essa vocação mas porque não há nada, às vezes cria-se um círculo vicioso, Não vale a pena e ninguém investe ou ninguém investe porque não vale a pena. Portanto tem que haver alguém a quebrar este ciclo e, no caso de Alcoutim, teve de ser a autarquia a quebrar este ciclo. No entanto, eu acho que as coisas têm muito mais valor quando é a sociedade civil a fazê-las e a Câmara deve ter um papel de suporte, de</p>

		colaborar de ajudar para o interesse comum, mas não deve tomar a iniciativa”.
Animação sociocultural no concelho	A coordenação concelhia realizava muitas ações de animação sociocultural que juntava muita gente vinda de vários locais. Essa tradição manteve-se através da realização de bailes de acordeão que já acontecia no tempo da E.A., sempre como apoio da Autarquia	“As pessoas do concelho muito apreciam, os bailes de acordeão. A autarquia apoia a organização dos bailes de acordeão, desde que os montes do concelho solicitem. É uma forma de quebrar o isolamento das povoações mais isoladas, onde praticamente não acontece nada. (...) Eu já disse, Quando quiserem os bailes de acordeão digam, mas a iniciativa é vossa, mas digam, querem apoio digam, mas a Câmara não vai impingir os bailes, têm que ser as pessoas, as associações a pedir, a organizar. Sabes que depois, no meio aquilo tudo, fazem o baile, com bolos e isso tudo, sentem que aquilo é deles (...) Eu dou sempre a primazia às pessoas, às iniciativas locais
Valorização do artesanato	O artesanato poderia ser valorizado numa perspetiva económica, mas falta organização, faltam meios, falta apoio. A autarquia não tem essa vertente As feiras de artesanato permitem divulgar os artesãos mas isso não basta para rentabilizar economicamente a riqueza artesanal do concelho	Repara, eu, às vezes, vou aos centros comerciais e vejo aquelas lojinhas de artesanato com coisas giras, e eu sempre imaginei que muitas daquelas pessoas do concelho que sabem fazer coisas de artesanato pudessem complementar a sua reforma com a venda desse tipo de peças artesanais (...)Tenho tido muita dificuldade em tentar meter isto na cabeça daquela gente (...) estão muito voltados para os bordados e não sei quê, para as rendas, para as pinturas. Eh pá! Eu penso que isto podia ser explorado numa vertente económica, de alguma forma tem de ser possível e já têm existido casos, mas ainda muito incipientes, pouco significativos. A feira de artesanato ajuda a que se promovam estes produtos, mas a venda fica por aqui. Ninguém vai produzir artesanato só para vender uma vez no ano, na feira de artesanato de Alcoutim. A feira ajuda mas não é isso que eu quero, devia ser muito mais, aliás, nós vamos ali à ribeira e há aquelas pedras muito bonitas que se podiam pintar e fazer coisas tão lindas (...)
Bolseiras	Na década de 80, a maioria dos jovens deixaram a serra e ficaram lá as jovens. Muitas dessas jovens foram as “nossas” bolseiras dos cursos de alfabetização que depois, muitas delas acabaram por ficar no concelho.	“Eu conhecia a maioria dessas jovens que davam alfabetização, algumas delas acabaram por ficar no concelho, conseguiram trabalho. Na Câmara está uma dessas jovens, que foi minha secretária, depois de ser bolseira continuou os estudos e empregou-se lá na Câmara. Outras casaram e ficaram por cá, mas a maioria foi embora (...)
PIDR, Ne/Alg	O PIDR como projeto integrado permitiu que pessoas e instituições se	“Ainda hoje existe o espírito de capelinha, a educação, a saúde, as autarquias, cada um por seu lado, isto é cultural. O PIDR, eu lembro-

	<p>conhecessem e trabalhassem de forma articulada. Uma outra vantagem é que dispunha de financiamentos para se investir numa zona desfavorecida. Terminou o PIDR, que promovia reuniões regulares com as várias instituições, exatamente para combater esse espírito de resistência e promover a articulação entre as instituições. Contudo, as instituições voltaram a virar-se para si próprias e parece nada terem aprendido com o PIDR. AS questões políticas também provocaram esse afastamento institucional espírito na sociedade, as instituições estão de costas voltadas</p>	<p>me de uma ação muito gira em estavam técnicos de várias instituições, no tempo do Vairinhos, que foi deputado do PSD e já faleceu. Ele ainda estava na CCRA, era o coordenador do PIDR, fez uma reunião no sentido de sensibilizar as pessoas e os técnicos que estavam no terreno, para tentar de algum modo que falassem dos seus projetos, das suas ações. Foi uma maneira das pessoas das instituições se conhecerem e saberem o que os outros andavam a fazer (...). O PIDR tinha essa vantagem, reunia diferentes instituições e tinha dinheiro. Havia dinheiro para fazer coisas numa zona onde, nessa altura, não havia quase nada. Mas, sabes, o PIDR aproximou as pessoas, nessa altura não havia tanto as questões políticas, mas era contra natura. O PIDR era contra natura, embora tivesse toda a lógica, mas era contra natura e quando isso acontece, depois, às tantas as coisas morrem. Acabou o PIDR, voltámos às capelinhas, cada um a trabalhar por si, as autarquias por um lado, as outras instituições por outro, é uma estupidez, mas é assim. Isto é cultural, o português é mesmo assim (...) Ainda hoje se sente esse espírito na sociedade, as instituições estão de costas voltadas, umas para as outras”</p>
<p>E depois do PIDR, surgiram novos programas</p>	<p>Surgiam novos programas com muito dinheiro mas faltou autonomia às Autarquias para poderem avançar com os projetos. Havia muita burocracia que dificultava o desenvolvimento das ações. Era um problema d a Administração Central que decidia ignorar o poder local continuando com uma política de centralização</p>	<p>“Depois do PIDR apareceram outros programas. E sinceramente, esses programas que tinham muito dinheiro. Eh pá! Aquilo está tudo errado, tudo errado. Repara, em vez de se aprender com os erros, não! Acho que ainda se fazem mais erros. Aliás eu tenho muitas saudades do Quadro Comunitário de Apoio I e II. Sabes porquê, porque os municípios tinham projetos, queriam avançar com obras e Faro tinha poder para decidir. Repara, hoje, para determinados projetos nem Lisboa tem poder para decidir, agora quem decide é Madrid e é Bruxelas. Não se aprende nada com os erros. Repara, depois do PIDR, os programas que se lhe seguiram, as ideias cada vez vêm mais formatadas, em lugar de dar liberdade aos locais, de agir e decidir, isto é descentralizar. Cada vez mais, os programas vêm formatados de Lisboa, cada vez se adaptam, menos à realidade. Isto não faz sentido nenhum. Repara o Leader que agora tem outro nome, as pessoas gostam muito de mudar os nomes, mas a (...) é a mesma. Vou só contar-te isto que se passou, Depois da Câmara ter criado o restaurante, a Alcateia, começaram a surgir mais e então pronto, a Câmara sai do processo</p>

		e vendeu o restaurante (...) Eh pá! Sinceramente, de tudo o que faz falta em Alcoutim é tudo menos tantos restaurantes, já há 4 ou 5 às moscas. Se calhar fazia mais falta um minimercado. Não é que eu fiz essa proposta no âmbito de este novo programa que se seguiu ao Leader e a resposta foi, «Ai não que Lisboa não aprova, Lisboa diz que o que tem que se fazer é assim e assim » (...) Todos os políticos e todos os governos se dizem descentralistas, nomeadamente na campanha eleitoral, todos são descentralistas e regionalistas, mas depois, querem concentrar em Lisboa os poderes todos (...)
Justificava-se um novo PRI	Era importante haver um Program que ajudasse a uma maior articulação e investimento das instituições no nordeste algarvio e que continuasse a levar os níveis educativos das pessoas, mas não podiam ser um programa formatado. Teria de ser de baixo para cima, a partir das necessidades sentidas pelas comunidades e não um programa imposto a partir da administração central	“Acima de tudo, o que interessava era programas que não viessem formatados de Lisboa que saiam do Local, de outra maneira, não! Programas formatados não funcionam, não têm aplicabilidade local. É como diz o povo, Quem sabe da tenda é o tendeiro. Têm que ser as pessoas e as instituições locais que têm que identificar as suas necessidades e procurar resolvê-los com programas locais, em vez de programas muito formatados que vêm de Lisboa e não têm aplicabilidade (...)
Os protocolos	No concelho de Alcoutim fazem-se protocolos mas não há o sentido de parceria, voltou o espírito individualista às instituições. Por outro lado falham protocolos que favoreçam o investimento público no concelho que é sempre preterido em em desfavor do litoral	“ Fazem-se protocolos, mas as coisas muitas vezes não funcionam e é a Câmara que tem de fazer as coisas. Claro que eu estou sempre a ultrapassar este espírito individualista, mas sinto sempre as capelinhas. A minha ex-mulher, que ainda hoje é diretora do Centro de Saúde, de vez em quando, reage mal, acha que eu estou a meter-me na área dela, e não são questões políticas, é cultural. Repara, ainda hoje, na Escola, é o prof. Rui, eh pá!, eu noto que ele resiste quando vou lá e tal, não há abertura” “Há uns anos, lembro-me de ter assinado um protocolo com a Segurança Social, a propósito do CLAS (Conselho Local de Ação Social), o que deu para fazer algumas obrazinhas em casas de pessoas mais necessitadas. Eh pá! De vez em quando surgem esses programas e a gente aproveita ao máximo para ajudar os mais necessitados (...) Mas, da parte do poder central o que tem havido são meros planos de intenções, meros discursos sobre a desertificação do interior, enquanto os investimentos públicos são localizados no

		litoral e para o interior ficam as migalhas”
--	--	--

ANEXO 17. GUIÃO DA ENTREVISTA (21, 22, 23, 24,25) – BOLSEIROS

Objetivo Geral: Conhecer a sua perspetiva sobre a ação da educação de adultos no âmbito do PIDR, Ne/Alg.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DAS PERGUNTAS
Reconhecimento	Legitimar a entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Objetivos do Estudo • Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados; • Solicitar autorização para gravação digital; Agradecimento.
Convite	Perceber como foi o ingresso na educação de adultos	Como é que surgiu o convite? Sentiu-se preparado para esse desafio?
Ser bolsheiro	Conhecer as expetativas. Perceber o significado da experiência e importância em termos biográficos	Sentiu-se preparado para esse desafio? Qual o significado da experiência como bolsheira de alfabetização? Que importância teve no seu percurso de vida?
A bolsa	Avaliar a importância da bolsa enquanto 1º ordenado	Dez contos era o valor da vossa bolsa. Importante?
O CEBA – espaço físico	Conhecer os espaços onde funcionavam os cursos	Onde funcionava o curso? Que condições físicas existiam para funcionamento do curso?
O grupo de adultos educandos	Caracterizar o grupo de adultos educandos	Como era constituído o grupo de adultos educandos? Quantos grupos teve? Qual a dimensão do grupo?
Melhores momentos	Identificar os melhores momentos da ação como bolsheiro	Quais são as melhores memórias? Quais os melhores momentos?
O funcionamento do CEBA	Perceber a organização pedagógica do CEBA. Identificar as dificuldades na ação educativa	Quantas sessões havia por semana? Então como é que no dia-a-dia surgiam os temas? Quais as maiores dificuldades nos CEBAs?
Alfabetização	Conhecer o significado da alfabetização na	Qual a importância da alfabetização para as populações? Como reagiam as pessoas?

	vida das pessoas	Qual o nível de satisfação?
Certificação	Identificara importância da certificação dos adultos educandos	Certificação era um objetivo? Quantas pessoas certificou? Como reagiam as pessoas à certificação?
Métodos	Conhecer que métodos utilizava Perceber se utilizavam o “método de Paulo Freire”	Aplicava o “ método” de Paulo Freire” como lhe tinham ensinado? Como fazia a marcha de lição?
O processo Ensino/Aprendizagem	Perceber como é que os bolsiros organizavam as sessões de alfabetização	Como organizava o processo? Quais os principais momentos?
Reuniões de Acompanhamento	Reconhecera importância da formação contínua dos bolsiros	Que importância atribuía às reuniões quinzenais Qual era o tipo de apoio? Que material utilizavam?
A Formação	Identificar a importância das ações pontuais e Formação	Havia um programa de formação para os bolsiros. Lembra-se desses momentos de formação? Que importância lhe atribuiu? Foi importante o Seminário Inicial? Lembra-se do Seminário de Agentes de Desenvolvimento em 1987 no Eurotel em Tavira?
Sessões temáticas	Identificar os objetivos das sessões temáticas Relacionar a alfabetização com as sessões temáticas	Muitas vezes, a alfabetização era um pretexto para dinamizar outras ações na comunidade. Isso também acontecia no seu curso? Qual a importância das sessões temáticas?
Grupo de bolsiros	Perceber a importância da educação de adultos na biografia dos bolsiros. Identificar os bolsiros que se fixaram na serra após a experiência em E.A.	Como era relação com os outros bolsiros? Qual o destino dos outros bolsiros após o PIDR?
Fim da experiência	Conhecer as razões porque deixaram de ser bolsiros	Quando e porque deixou a alfabetização?

Encerramento dos cursos	Conhecer a opinião sobre o final do PIDR, Ne/Alg	Qual sua opinião sobre o encerramento dos cursos?
Mudanças operadas no nordeste a partir da ação da E.A.	Conhecer a percepção sobre os resultados da ação de educação de adultos na serra algarvia	Qual sua perspectiva sobre a ação da educação e adultos no nordeste algarvio? Acha que promoveu mudanças no sentido da melhoria da qualidade de vida das pessoas?

ANEXO 18. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS BOLSEIROS

Entrevista a Zé Simão

Dia 20 de Abril de 2010.

Local: Gabinete 101 da ESEC

J- O Zé foi bolseiro num curso de alfabetização no Torneiro. Quer falar sobre isso?

Z-S. Foi em Setembro de 1987, por mera casualidade. Fui convidado pela professora Teresinha Cardoso que era a coordenadora concelhia de Alcoutim. Tinha regressado há cerca de um ano ao concelho de Alcoutim depois de onze anos de ausência (...)
Eu nasci ali numa povoação perto de Balurcos, aí uns 10 kms, Palmeira. Saí de casa dos meus pais aos 16 anos e só voltei aos 26 anos, estive 10 anos fora, estive em Lisboa, estive aqui em Faro, estive em França, andei um pouco por todo o lado, estive em Abrantes, andei...um pouco a circular, foi quando fiz 26 anos regressei. Foi exatamente nessa altura quando regressei, conheci a Teresinha. Eu trabalhava na altura, quando regressei fui trabalhar para a Câmara, era mecânico, nas oficinas da Câmara e na altura fazia muitas vezes o transporte, era mecânico mas tinha carta de condução, fazia o transporte escolar e foi aí que a Teresinha me conheceu (...)

J- Quais as eram as tuas habilitações académicas na altura?

Z.S. - Tinha o 9º ano incompleto, porque andei por fora. Trabalhei aqui em Faro, numa oficina aqui na Penha e andei na Escola Tomás Cabreira à noite depois quando andava já no 9º ano, chamaram-me para a tropa (...). E aí não terminei, por isso é que fiquei com o 9º ano incompleto. Estávamos aí em Junho estava quase a concluir mas fui chamado, ainda fui pedir ao RM em Faro um pequeno adiamento mas não deu (...)

J- Mas voltaste a estudar...

Z.S. Pois voltei, foi o melhor que fiz, voltei, comecei a estudar no ensino recorrente, voltei ao 6º ano, voltei o princípio e fiz o 9º ano. Podia ter pedido as equivalências, mas tinha feito isso há tantos anos, tinha o 9º ano praticamente terminado. Voltei e fiz por unidades o 9º ano. Depois de terminar o 9º ano, continuei e fiz o 12º ano por unidades, deixei apenas uma que não fiz porque era, salvo erro, francês (...) Porque me disseram, Se tiveres o 12º ano não podes concorrer aos mais de 23 anos e eu entendi que era melhor fazer o exame de maiores de 23. E agora estou aqui na

licenciatura em Educação Social e quando acabar logo se vê (...)

J- Então fala lá agora do convite para ser bolseiro...

Z.S.- Exatamente, a Teresinha conheceu-me e disse-me, Tu tens que dar um curso de alfabetização, e eu disse-lhe, Eu nem sequer tenho o antigo 5º ano completo. Ela disse, Não faz mal, eu sei que tu sabes, tu sabes muita coisa, podes dar um curso e és a pessoa indicada para dar este curso no Torneiro. Ela fez questão de eu ir e eu aceitei. Isto foi uma das experiências mais rica que tive (...) ou se calhar a experiência mais rica que tive. E não tenho a menor dúvida que esta experiência marcou a minha vida profissional e se calhar até todo o meu percurso de vida. Nessa altura, eu estive a dar formação durante dois anos e só deixei porque comecei a trabalhar à noite. Saí da Câmara e fui trabalhar para a Escola de Alcoutim à noite, como guarda noturno, e como as aulas de alfabetização eram à noite não tive mesmo hipótese. Tive de deixar (...) A minha mulher ainda continuou mais 5 ou 6 anos, ainda estive no tempo da Rosário, alguns anos ainda e era na minha casa (...) Era o local do curso, mas depois acabou, não a deixaram continuar, quem ficou foi uma professora que foi lá colocada (...) Eh! no ano seguinte o curso fechou (...) Mas como ia dizendo, portanto, depois daí, a minha vida começou a ser tipo bola de neve, na altura, portanto, formámos lá uma cooperativa, na altura em que começou a haver rádios locais, criámos uma rádio amadora, uma cooperativa da qual eu fui sócio fundador. Formámos a “Rádio Os amigos da Serra”. Era eu, o Rui, o Faustino (...) Éramos uns quantos, éramos aí uns 10 ou 11. A Rádio “ Os Amigos da Serra” foi formada como uma empresa, ainda existe, continuo a fazer parte, sou sócio dessa empresa, mas pouco colaboro (...) Depois estava já trabalhar na escola e foi formada a Associação Alcance, um dos fundadores que foi o professor Henrique Gregório, era um sociólogo que era de lá, de Balurcos e mais outras pessoas. Convidaram-me para eu também fazer parte da Associação Alcance, convidaram pessoas que de alguma forma tinham alguma atividade, em termos de trabalho com pessoas. Essa era uma condição para convidar as pessoas para a Associação Alcance (...) Algum tempo depois a Associação In Loco começou a trabalhar na serra com o Leader 1, estávamos aí em 1991, salvo erro, e foi buscar os animadores locais às Associações e como eu estava na Alcance foram convidar-me para trabalhar (...) e eu até tinha tempo livre, como estava trabalhar à noite e tinha tempo livre de dia passei, portanto, a trabalhar com a In Loco. Trabalhei 8 anos com o Alberto de Melo, com toda aquela

gente (...) Com tudo isso, marcou completamente todo o meu percurso. A partir daí, estive envolvido em várias associações, sou sócio fundador de 5 ou 6 associações na região, sou, e das quais ainda faço parte. Neste momento sou presidente da direção da Associação Alcance, vice presidente da direção da Associação Terras do Baixo Guadiana, uma associação de desenvolvimento local, uma associação que trabalha com o Prodep na região, com o antigo Leader, sou o presidente do conselho fiscal da Associação de pais da Escola de Alcoutim E presidente da mesa da Assembleia Geral da Associação A Moira, fui um dos principais responsáveis pela criação (...) E fui, até acerca de 3 ou 4 meses, vice presidente da direção de outra associação de Balurcos que é o Centro Recreativo de Balurcos, que é uma outra associação que há em Balurcos (...)

J- Quando é que foi fundada essa Associação?

Z.S. - É uma Associação mais antiga, que surgiu aí em 1978. Tinha muito pouca atividade, era uma associação que ficava mesmo ao lado da minha casa. Funcionava só com pessoas de Balurcos, era um dos critérios que tinha nos estatutos é que tinham que ser moradores de Balurcos para poderem fazer parte da Associação. É uma Associação que agora faz um trabalho interessante. Criaram-se condições para fazer mais atividades. Antigamente a sede era uma casinha pequena, hoje temos uma sede enorme que tem condições para fazer várias atividades. Portanto quando saí fui eleito sócio honorário (risos), foi feito algum reconhecimento do meu trabalho. Neste momento esta Associação tem muitos sócios, não são só pessoas de Balurcos, mas também pessoas das povoações vizinhas, tem trezentos e muitos sócios (...) É uma associação que tem alguma atividade agora, organiza jogos tradicionais, com as cartas, com (...) com o jogo da malha. Tem um bar a funcionar, que é o único sítio em Balurcos de Cima que tem um bar aberto diariamente. Organiza passeios, excursões, há cerca de 15 dias foi a última, foram à Barragem do Alqueva.

J- Parece que foi a Teresinha que iniciou essa atividade do turismo social no nordeste algarvio?

Z.S. – Exatamente, depois da Teresinha sair continuaram a haver passeios. Primeiro foi a Câmara que continuou a organizar e, depois a Associação Recreativa de Balurcos, nesta Associação tive (sic) 15 anos e agora saí. Saí de propósito, tenho muitas coisas, não tenho tempo. E, por outro lado, porque também entendo que não se deve ter o monopólio das associações. Deve-se tentar meter ao barulho pessoas

novas, porque quando as direções se prolongam no tempo, as pessoas acomodam-se e começa a ser difícil (...) Tem de haver mais dinâmica, tem que aparecer gente nova. Portanto, eu, neste momento, já estava ser difícil envolver os outros membros dos órgãos sociais e aí eu disse, Não, eu vou sair. E saíram todos (...) Vamos, portanto, apostar numa nova direção. E apareceu um grupo que neste momento está a trabalhar bastante bem (...)

J- Zé fala-me na tua experiência como bolseiro

Z.S- Pois, como já disse, eu conduzia a carinha da Câmara que transportava a Teresinha aos cursos. Como ela não tinha carro e tinha que visitar os montes, requisitava um carro e era eu que ia a maior parte das vezes. Foi assim que a gente se conheceu. Tínhamos longas conversas e uma vez a Teresinha lembrou-se de me convidar para ser bolseiro (...) A princípio disse que não, que não me achava com capacidades para isso, mas ela tanto insistiu que eu aceitei (...) Também, como tinha algum tempo disponível, ah!, também fui um pouco contagiado pela minha mulher que já era monitora num outro curso que funcionava na minha própria casa. Acabei por aceitar o desafio. Tinha uma formação académica reduzida, mas, que era compensada pelo hábito de ler (...) Lembro-me que só comecei com o curso depois ter ido a uma formação em Vale da Tela. Nunca mais me esqueço (...) Ficamos num hotel, um fim-de-semana, em Vale da Telha, no concelho de Aljezur. Quilo foi muito interessante, era tudo novo para mim. Estava muita gente, professores, bolsieiros do nordeste algarvio. Havia gente de todas as idades, entre os vinte e os sessenta anos (...) Ainda não há muito tempo, por causa das aulas do professor quando falou do PIDR, estive com uma pasta com documentos desse tempo que ainda guardo em casa (...) Daqui de Alcoutim fomos uns quantos, numa carrinha da Câmara. Chegámos a Vale da Telha ao fim da tarde de sexta-feira e a formação começou a seguir ao jantar. Depois, continuámos no dia seguinte, sempre em pequenos grupos fazendo trabalhos, e depois apresentávamos as conclusões em grande grupo (...) Foi a primeira vez que ouvi falar em Paulo Freire. Deram-nos o método de Paulo Freire, para que viéssemos a pô-lo em prática no curso de alfabetização. Além do método, a formação incluiu outras atividades de animação de grupos, atividades diversas. Ah! Também me recorde da animação da leitura, o professor fez aqui numa aula, mas eu já tinha feito, dessa vez em Vale da Telha (...) Nesse seminário falaram no livro do Paulo Freire “Educação Como Prática da Liberdade”. Logo que tive oportunidade, adquiri o livro.

Confesso que na altura não o consegui ler, achei difícil, tentei ler os capítulos que se referiam à aplicação do método de Paulo Freire. Só agora, com as aulas de educação de adultos é que o consegui ler (...)

J- Mas, fala lá do teu curso de alfabetização.

Z.S- Eram aí doze pessoas, todos de Torneiro. Eu conhecia toda a gente, era um grupo onde apenas duas ou três pessoas estavam na casa dos cinquenta anos, todos os outros tinham entre sessenta e oitenta anos. As expectativas em relação à aprendizagem não eram muito altas. Mesmo assim, um dos adultos consegui fazer o exame” do 4.º ano, os outros, aí umas três pessoas ficaram a ler razoavelmente, das outras, conseguiam ler e rabiscar algumas palavrinhas (...). Não há, assim, muito para dizer, a princípio a Teresinha deu-me um bom apoio, ia visitar-me ao curso, levava fichas e tirava-me algumas dúvidas. Recordo-me que todos os meses havia uma reunião com todos os bolsiros dos outros cursos, e isso também ajudava porque também aprendíamos com as dificuldades dos outros. O ambiente era muito bom, aquelas reuniões corriam sempre bem (...)

J- A Teresinha dava orientações para seguirem no curso?

Z.S.- A Teresinha reunia connosco, ela ia regularmente ter connosco. Dava os materiais, falava com a gente, às vezes explicava algumas coisas. E, sempre que tínhamos algumas dúvidas íamos ter com ela, Aparecia muitas vezes por causa dos materiais e para fazermos o ponto da situação. Era um trabalho em que nos sentíamos muito apoiados. Quando entregava os materiais, explicava-os, dizia como é que nós devíamos fazer. Mas eu acho que cada um fazia à sua maneira, improvisava um bocado conforme o grupo e a sua maneira de ser. Eu, cá, achava que resultava melhor falarmos da vida do monte, das coisas que eles faziam. Passávamos sempre um bom bocado a conversar, isso era muito importante, as pessoas poderem falar das coisas que sabiam. Depois o aprender a ler era mais difícil, para não falar no escrever, havia alguns que já não conseguiam (...) As fichas tinham imagens, falávamos e depois eu escrevia palavra no quadro, dividia por partes e depois íamos e juntávamos. Era mais ou menos como tinham ensinado na formação. Eu fazia assim e as pessoas gostavam, algumas conseguiam ler as partes da palavra e depois, com ajuda, conseguiam juntar e ler a palavra. Ah! No outro dia, a maior parte delas já não se lembravam do que tinham feito no dia anterior. Lá começávamos de novo. Mas, aos poucos lá iam aprendendo (...)

J- O Zé utilizava o “método” de Paulo Freire?

Z.S. – Mais ou menos, acho que sim (...) Fazia ali umas adaptações, mas os princípios estavam lá. Também acho que os materiais que a Teresinha nos dava, ajudava, a forma como o material estava organizado, as sugestões que eram dadas apontavam para o método de Paulo Freire. Também nos era sugerido que construíssemos o nosso próprio material (...) No meu grupo não se gostava muito de fichas, preferiam falar, discutir temas. Utilizava imagens, do material de apoio que utilizava havia reproduções fotográficas, imagens do meio rural (...) Uma das atividades que a coordenação concelhia nos pedia para fazer com os grupos era a recolha de histórias, cantigas, contos, anedotas, receitas antigas. Eu utilizava essas palavras, como palavras geradoras, para introduzir os temas que pretendia trabalhar. Recordo que propunha palavras como “serão”, quando procurava recolher contos, ou “monda”, “ceifa”, “lavoura”, “Entrudo”, “janeiras”, etc., quando queria que falassem das suas vivências, das dificuldades da vida, das cantigas que cantavam nos seus tempos de juventude. (...) Muitas das nossas sessões eram passadas ouvindo relatos, mas às vezes não dava para continuar, havia sempre alguém que acabava por dizer, Isso são coisas que já passaram, vamos lá mas é ao que interessa. Queriam fazer fichas e exercícios de leitura, mas o mais importante para mim, era a a partilha de experiências, o convívio, o desfiar de recordações, boas e más. Recordo, ainda bem, a maneira como encaravam a “ida à escola”. As sessões eram para ser de duas horas, das 20:00 às 22:00. O tempo passava num instante, muitas vezes ficávamos mais de 3 horas na sala (...) Se, por qualquer motivo, chegava cinco minutos atrasado, era o último a entrar na sala, à hora estavam lá todos. Levavam aquilo muito a sério, e dentro da sala tratavam-se por “senhor professor”(...). A princípio pensava que era brincadeira, todos me conheciam e tratavam-me por tu. Mas, depois, percebi-me que não, era mesmo a sério. Uma vez disse-lhes que era disparate tratem-me assim, que não era professor coisa nenhuma. Uma senhora aí de uns setenta anos, deixou-me desarmado, disse, É professor sim senhor, quem ensina são os professores, e nós nunca tivemos um professor quando éramos pequenos. Você agora é o nosso professor!”

J- Quais as melhores recordações?

Z.S.- O grupo, a relação com as pessoas. As pessoas não faltavam, aquilo era uma grupo de amigos (...) Confesso que aprendi mais do que ensinei. Foi, talvez, uma das

experiências mais gratificantes da minha vida. Sempre disse isso com convicção, mas talvez nunca tenha percebido o que significou verdadeiramente para mim. Hoje estou convencido de que ela foi a principal responsável pelo percurso profissional que trilhei na sequência dessa mesma experiência (...)

J – Na tua opinião qual a importância da ação da educação de adultos no nordeste algarvio?

Z.S- As coisas hoje são muito diferentes. Quando a Teresinha chegou a maioria das pessoas era analfabeta, hoje é diferente. Mas é diferente em muita coisa porque hoje a população não está tão envelhecida como naquela altura, havia mais pessoas é verdade, mas havia mais pessoas idosas. Hoje há pessoas mais jovens, as pessoas mais jovens são pessoas que estavam fora e que regressaram, são pessoas que não estavam lá quando lá estava a Teresinha. São pessoas que estavam emigradas no estrangeiro, mas muitas outras estavam imigradas em várias zonas do país, Alentejo, Beja, Lisboa, no norte, em várias zonas do país e que quando se reformaram, quando atingiram os 50, cinquenta e poucos anos, regressaram. Nalguns sítios como Balurcos, foram essas pessoas que pegaram um bocado, portanto, no trabalho que a Teresinha fez quando lá esteve. Portanto a Teresinha desencadeou aquele processo todo da alfabetização e dos cursos e do não sei quê (...) Criou ali uma dinâmica que essas pessoas que disse, que regressaram (...) pegaram, por falta de conhecimento, por falta de iniciativa das pessoas que lá estavam. Era preciso líderes, portanto, algumas dessas pessoas que vieram de fora tornaram-se líderes. Quer dizer, hoje há uma Associação em Balurcos que está a fazer um trabalho extremamente interessante, é a Associação de Solidariedade Social, Desporto, Cultura e Arte de Balurcos que nasceu, portanto, há cerca de 12 anos, 15 anos, se calhar não há tantos. E a presidente dessa Associação, a direção, não a presidente de direção, não, os corpos sociais, a maioria são todos, praticamente todos, dessas pessoas que voltaram. Essa Associação tem um trabalho extremamente interessante, digamos que revitalizou uma série de atividades que se faziam na região, sei lá, têm a Festa da Maia (...) a Festa da Maia era uma festa tradicional, como o professor sabe, era uma festa feita naquela altura, era uma festa que se festejava todos os anos, que se festejava antigamente, era uma festa tradicional. Também organizam encontros de poesia, criaram um grupo de cantares tradicionais (...) o que é que tem mais, organiza, eventos, bailes, tem ginástica para as pessoas idosas e neste momento viu aprovado um Projecto para um

Lar e Centro de Dia em Balurcos. No concelho de Alcoutim há apenas um Lar, em Alcoutim e há mais uns Centros de Dia, em Pereiro, em Giões, nas sedes de freguesia, mas nos montes não há nenhum. Aqui vai ser o primeiro Lar, é trabalho da Associação que muito tem lutado e agora conseguiu. Portanto, um Lar e um Centro de Dia nos Balurcos (...)

J- Portanto encontras relação entre essa dinâmica e o trabalho realizado pela Educação de Adultos?

Z.S.- A relação com o trabalho da Educação de Adultos, com o trabalho da Teresinha é se calhar, na minha opinião, é se calhar o “bichinho” que ficou. A Teresinha saiu, mas a Educação de Adultos ainda continuou uns anitos, salvo erro com a Rosário, que era coordenadora concelhia, continuaram lá as atividades. Mas depois quando a Rosário veio para Faro continuou lá uma outra coordenadora concelhia que é a Manuela Mota, não sei se o professor conhece, que é mulher do professor Amorim que é o director da Escola de Alcoutim. Ela esteve ligada à Direção Regional de Educação (...) portanto, aquela dinâmica que se criou, aquele hábito das pessoas irem aos cursos, essas pessoas depois continuaram a ir aos cursos, às ações que se realizavam. A autarquia também teve (sic) um papel interessante, não com os objectivos da educação de adultos, mas não deixou “morrer” algumas dessas iniciativas e continuou a financiar algumas actividades. Portanto, há pessoas que se juntam para fazer um curso de bordados, há um grupo que se junta para fazer um grupo de cantares, que é dinamizado pelas Associações, como acontece em Balurcos, mas é financiado pela Câmara Municipal. Portanto, há algum trabalho, não é como o que fazia a coordenação que havia antigamente no tempo da educação de adultos (...) A ação da Associação de Solidariedade em Balurcos tem que ver com o trabalho que foi feito pela educação de adultos. A Associação aproveitou o trabalho que lá foi feito, portanto há relação, quase de certeza. As pessoas começaram a participar nas atividades da associação e aí é que acho que foi a maior vitória da educação de adultos que foi habituar as pessoas a participar. Sabe-se como é difícil a participação e a educação de adultos, neste caso a Teresinha habituou as pessoas a isso (...)

J- Porque deixaste de ser bolseiro?

Z.S. – Tive de deixar, arranjei emprego como guarda noturno na Escola Básica Integrada, passei a ter as noites ocupadas, mas também, mesmo que quisesse continuar não seria por muito tempo porque acontecia-me o mesmo que à minha

mulher. Depois da Teresinha, com a Rosário, as coisas mudaram um bocado. No tempo da Rosário as coisas já tinham mudado e começaram apostar mais num outro tipo de formação. A alfabetização deixou de ser tão importante, acabaram os cursos nos montes. Apostaram nos cursos de cozinha, cursos profissionais e noutros. Na alfabetização deixaram de contar com os monitores, passaram a dar preferência aos professores para dar cursos, para dar alfabetização, professores que estavam colocados na escola. E aí começaram a dar cursos e desvirtuou aquilo que era a educação de adultos. O facto de inicialmente se ter apostado em monitores, pessoas que conheciam muito bem a realidade, que conheciam as pessoas, que conheciam as suas necessidades, que conheciam as palavras geradoras, que sabiam o que realmente se estava a passar. Uma pessoa vinda de fora não sabia lá certas coisas. E por outro lado, penso que as pessoas eram capazes de se sentir mais à vontade connosco, conheciam os monitores, os jovens que lá estavam, conheciam os pais deles, conheciam a família. Portanto havia um outro à vontade que seria diferente se fosse um professor (...) embora na aula fizessem questão de nos tratar por professor (...)

J- A educação de adultos mudou...

Z.S-Mudou, mudou muito. Passaram a organizar cursos só para jovens que eram apoiados pelo Fundo Social Europeu. Em Balurcos, Martinlongo, Alcoutim, a Câmara substituiu-se à Educação de Adultos, organizava e financiava cursos aqui em Balurcos. (...) A minha mulher deixou de dar alfabetização e ainda deu cursos de cozinha. Eram cursos para qualquer pessoa que quisesse (...) Depois a Câmara meteu as Associações ao barulho, como se costuma dizer. As associações organizavam e a Câmara pagava, era para as pessoas se organizarem através das associações e a Câmara financiava, pagava aos monitores. Uma outra situação foi encaixarem esses tais cursos educativos num programa que há, que é o Contrato Local Social, portanto, é um programa financiado pela Segurança Social. Nós entrámos nisso também, não deu já para mexer em grandes coisas. Pronto, porque vinha do anterior e a Câmara tinha organizado e já tinham os formadores, já tinham os cursos. já tinham tudo delineado. Mas, portanto, no próximo ano eu estou a tentar que a gente, que a Associação desça um pouco da marca e que a gente possa organizar alguns cursos (...)

J- Qual é área de intervenção da Alcance?

Z.S. Todo o concelho de Alcoutim e temos também alguma intervenção na formação

profissional nos concelhos de Castro Marim, nas freguesias de Odeleite e Azinhal, portanto temos feito formação em vários locais. A formação, fazemos, depende do interesse das pessoas. Temos que dançar ao som da música.

J-Obrigado Zé, foi esclarecedor

Z.S. De nada...professor...aquilo que quiser

Entrevista ao Rui Cruz – Tavira, 15 h dia 9/5/13

Nascido em Corte das Donas em 1963

J- Qual o significado da sua experiência como bolsheiro de alfabetização

R- Eu acho que foi o princípio de tudo. Eu já tinha saído da Escola, vivia isolado lá no monte no meio daquelas pessoas todas e foi, realmente, o princípio, não tenho dúvidas nenhuma. Foi a minha primeira experiência que me envolveu com as pessoas, com os idosos, foi o primeiro passo. Olhe! Se calhar devo a essa questão, e estou a ser muito honesto, a essa questão de ser bolsheiro, foi o meu pontapé de saída porque levei depois toda a minha vida envolvida com pessoas. Nunca tinha pensado nisto. Mas esta experiência, foi de facto, o primeiro passo para aquilo que eu viria a fazer ao longo da vida, relacionar-me com as pessoas. Foi essa experiência que me fez perceber que era isso que eu gostava de fazer que era trabalhar com as pessoas (...)

J- E como é que o Rui surge como bolsheiro?

R- Foi um convite da parte da Teresinha. Portanto, eu já conhecia a Teresinha, e ela um dia perguntou-me o que é que eu andava fazendo, Estou lá no monte, foi o que eu lhe disse, no Corte das Donas, eu sou do Corte das Donas, ela é que estava nos Balurcos (...) Foi através destes contactos, da alfabetização que eu me casei, que eu comecei a namorar com a minha mulher que também era monitora de alfabetização, também era bolsheira, era a Lurdes (...) e a Teresinha foia minha madrinha dessa coisa, ela apoiou muito esse namoro e não só o meu. Naquela houve uns quantos casamentos entre bolsheiros e a Teresinha era a casamenteira lá do grupo. Isso tudo foi também na altura em que aparecemos com a Rádio, Os Amigos da Rádio de Balurcos, andei envolvido com a elaboração dos Estatutos e fizemos os primeiros programas. Foi, realmente, uma época de ouro lá em Alcoutim (...)

J- A Teresinha conheceu o Rui através desse projeto da Rádio de Balurcos?

R- Exatamente. Foi a partir daí e depois desenvolveu-se uma amizade. Apareceu o convite, eu percebi que lá no monte era um trabalho interessante que eu podia fazer. Nessa altura nem era muito numa perspectiva de ir trabalhar para os outros, foi mais na perspectiva de me ocupar a mim próprio, porque eu não tinha nada para fazer. E viver no monte, os meus pais nunca me obrigaram a andar lá apanhando as amêndoas e as alfarrobas e não sei quê. E eu, o que é que eu fazia? Lia uns livrinhos e não tinha

mais nada para fazer. Portanto, ser bolsheiro foi mais numa perspectiva de ocupar o tempo. Passados três meses eu percebi que aquilo que estava a fazer era uma coisa interessantíssima e nunca mais larguei, estive uma série de anos (...) Aí uns quatro ou cinco anos, já não me lembro bem. Mas sei que ainda estive muito tempo, perdi um pouco a memória do tempo (...) E, depois, o trabalho que nós fazíamos era muito interessante (...) Não, o meu trabalho, isto é mérito, mas é verdade isto, eu fazia um trabalho muito importante e aquilo era muito engraçado. E, depois aquilo terminou de uma maneira abrupta que foi, apareceram lá uns professores que já eram professores mesmo e não sei quê (...) professores, pessoas já formadas que foram fazer o nosso trabalho e nós fomos todos dispensados (...) Eu tinha lá o curso, tinha lá as mulherzinhas e os homens todos lá do monte. Aquilo era muito engraçado, nós não tínhamos, praticamente, materiais nenhuns. A Teresinha levava as fichas e depois era por nossa conta (...) Eu lembro-me que o meu quadro, era feito de sacas de papelão da farinha dos porcos, que era um coisa impressionante. Nós tirávamos a farinha, a saca cortávamo-la e depois a saca era o quadro, era tudo improvisado (...) E o curso funcionava numa casa (...) Essa casa até era do antigo presidente da Câmara de Alcoutim, era do Manuel Cavaco, foi esse senhor que emprestou a casa para poderem ser dadas lá as aulas, era na cozinha. E, depois, arranjámos umas carteiras velhas, até às vezes, as pessoas não cabiam lá nas carteiras. Mas ensinei-os a todos a ler. A minha mãe, depois daquilo terminar, a minha mãe conseguia ler um jornal (...) E, outras pessoas de lá, os mais velhos é que tinham muita dificuldade em aprender e, entretanto, aquilo também era nos eram dados métodos para ensinar os adultos, mas eu, muitas vezes, não ligava a esse método (...) Eu sabia, eu é que sabia, a maneira como é que podia levar as pessoas (...) Porque os métodos, do ponto de vista científico (...) Quem sou eu para duvidar deles, não é? não é por aí, nem eu tenho competência para isso. Sei é que do ponto de vista prático, como eu lhes ensinava é que eles iam lá, eu é que sabia. Quando lhes falava nas galinhas e nos porcos (...) é que os levava a ir por aí adiante a aprender sons que depois juntavam e depois faziam palavras e por aí adiante. E, na minha pequenina sala de aula, quando cheguei ao fim, toda a gente sabia ler (...) Isto, passados dois ou três anos (...)

J- O Rui teve sempre o mesmo grupo de alfabetização ou teve mais grupos

R- Tive particamente sempre o mesmo grupo, mesmo que tenham entrado mais três ou quatro pessoas que juntaram ao primeiro grupo, tive sempre, mais ou menos os

mesmos, porque aqueles que começaram, depois continuaram, sempre. Lá, ninguém desistia (...) Eu ainda ensaiei fazer aquela experiência, ao mesmo tempo no Montinho, mas depois desisti porque não tinha transporte, tinha que andar três ou quatro quilômetros a pé e então desisti disso (...) Mas aquela experiência foi muito interessante. Depois, houve pessoas, quando eu terminei aquilo, pessoas que choraram, choraram, queriam que aquilo continuasse, Ah! Mas tu vens mesmo sem ser através disso, a gente quer é que tu sejas o nosso professor, tens de continuar com a gente (...) Mas eu, naquela altura, também já estava em vias de ir trabalhar para Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, já não dava, também quem ia dar os cursos eram os professores diplomados, mesmo que eu quisesse continuar não me deixavam. A partir daí a coisa, morreu por aí (...)

J- E o curso continuou em Corte das Donas?

R- O curso continuou ainda mais um ano, mas já não era a mesma coisa (...) as pessoas já não quiseram (...) Vamos lá ver, as pessoas a mim conheciam-me desde que eu nasci, não tinham problema absolutamente nenhum. Se fosse preciso em mandar uma má resposta, mandavam (...) ali era como se toda a gente fosse família, falávamos de tudo, não havia vergonha (...) O professor que foi para lá, era uma pessoa desconhecida e isso provocava a inibição das pessoas, as pessoas regrediram, regrediram com essa história. Porque comigo, regateavam, diziam, Olha lá e não sei quê, não sou capaz de fazer isso. Com o professor calavam-se e bloqueavam (...) Não obstante, e com todo o respeito de ser dado por professores, como eu fazia resultava mais. Porque como eu fazia, aquilo, aquilo era, era a riqueza das pessoas que estava ali, o que falávamos não diferia muito da vida delas, daquilo que as pessoas faziam durante o dia (...) De tal forma que no outro dia, estávamos lá no monte e eu perguntava se já tinham feito a cópia, se já tinham feito o não sei quantos (...) E, às vezes, eu ia, durante o dia até lá a casa deles, falávamos, se fosse preciso, a meio da tarde, ajudava-os para, logo à noite, eles brilharem (...) Aquilo, aquilo era, era um espetáculo (...)

J- O grupo era constituído por quantas pessoas?

R- Eram dez, onze pessoas (...) Ia a minha mãe, ia a minha prima, ia a minha tia e depois, iam as vizinhas todas de lá, e havia três homens, mas eram os mais burros (risos), as mulheres é que aprendiam mais depressa, agora os homens (...) é aquele conceito do homem, o homem é que manda, o homem é que sabe e quando eles

percebiam que elas percebiam mais do que eles ficavam um bocado, um bocado (...), mas não desistiram, não desistiram, porque a desistência, muitas vezes, é fruto do momento de desânimo. Quando eu percebia que a pessoa estava assim, que dava mostras que ia desistir, eu ia lá a casa buscá-lo. Como éramos do monte, eu tinha toda a à vontade, Oh! Tio não sei quantos faz favor de vir, Ah! Não me apetece, Venha lá se faz favor, senão fico chateado consigo. Mesmo que não tivesse muita vontade, como eu insistia, no outro dia já estava mais bem-disposto e já ia, normalmente. Ninguém desistia lá no curso. Isto era quase uma pedagogia de comportamento. Porque o desanimar é uma coisa de momento, não é?, Se não tiver ninguém que a puxe, a pessoa nunca mais lá aparece (...) Eu quando via que uma pessoa não estava lá, ia lá a casa buscá-la, Ah! Agora não posso ir, Faz favor de vir, está lá toda a gente à sua espera. Toda a gente ia, eles nunca falhavam, sabe quem é que falhava, às vezes? Era eu. Eh pá! porque é assim, era um puto novo, havia um baile, havia alguma coisa que quisesse mesmo ir e eu não queria estar sempre lá, a semana toda (...) E foi assim que a coisa foi (...)

J- Quantas sessões havia por semana?

R- Todos os dias, eu trabalhava com eles todos os dias da semana, de segunda a sexta (...) aquilo eram encontros, não eram aulas, eu não ia para lá armado em professor, aquilo eram encontros onde se falava de tudo e eu aproveitava isso para os ensinar a ler (...) Esse tal método que nos ensinaram, eu nunca o utilizei muito, porque era através das conversas que as pessoas faziam e que eu fazia com eles que os impelia a aprender. È muito mais interessante, a pessoa aprende muito mais depressa com a figuração da palavra galinha do que com a palavra elefante, tá (sic) a ver onde é que eu quero chegar (...) Era da experiência da pessoa que eu chegava lá, a pessoa é que me perguntava como é que era, não era eu. Eu só lhes impingia as letras, aí, é que teve que ser, não é? E juntar as letras. Logo a partir daí, pronto (...) Aquilo já era, já ia decorrer, pronto, como é que hei-de dizer, basicamente, eram as pessoas que estavam a usar-se a elas próprias, eu só estava lá mais ou menos para as encaminhar e para as ajudar, mas elas é que me diziam o que queriam aprender. Eu nunca os forcei. E aquilo dava um resultadão (sic), dava um resultadão (sic) (...)

J- Então como é que no dia-a-dia surgiam os temas?

R- Da conversa, os temas surgiam naturalmente da conversa, havia sempre um assunto nas conversas e depois eu aproveitava (...) As pessoas precisavam

desenvolver a capacidade de pensar, o que me preocupava era ajudar as pessoas a pensar, às vezes, não sabem pensar, porque como viveram toda a vida naquele círculo muito isolado (...)

J- Não comunicavam entre si?

R- Comunicar, comunicavam, mas a comunicação era só sobre quatro ou cinco temas do dia-a-dia. Tinham uma visão muito curta da vida (...) Repare que naquela altura não havia televisão, na altura não havia eletricidade, as minhas aulas eram dadas à luz do candeeiro. Portanto, as pessoas (...) não passavam muito daquelas conversas do dia-a-dia, e eu tentei sempre a levá-las falar sobre outras coisas. Uma coisa que me ficou gravada, foi uma vez que nós falámos sobre droga. Já não me lembro como, mas o tema surgiu e eu perguntei a cada um, O que é que achavam das pessoas que forneciam a droga, das pessoas que plantavam as drogas e tal, e houve uma senhora que foi espetacular (...) Nunca mais me esqueci disto. Olhe! Sabe o que é que eu acho? O que eu acho é que os que têm menos culpa são as pessoas que plantam a droga, porque esses plantam porque precisam comer senão os filhos morrem à fome, o grande problema é de quem, depois, a vende. Eh pá! Nunca mais me esqueci disto. Como é que esta pessoa consegue, estou a falar de uma pessoa que tinha aí uns setenta anos, como é que esta pessoa conseguia elaborar este tipo de pensamento complexo, não é? (...) Aquilo já resulta de uma certa reflexão. Foi, aquela experiência foi espetacular. Ainda hoje, as pessoas me falam nisso quando vou lá ao Monte (...)

J- Portanto Rui tinha feito o 12º ano em Vila Real e resolveu ficar no nordeste...

R- É verdade, a maioria dos que acabaram a escola foram embora da serra, vieram para o litoral, para Tavira, Faro, Vila Real. Eu não, eu sempre quis viver na serra, porque viver lá para mim só me incomodou um bocado enquanto não tive carro porque estava limitado, a partir daí (...) Sempre foi uma opção para mim viver no concelho de Alcoutim. E hoje eu vivo em Tavira, a minha morada é em Tavira, mas eu estou mais tempo lá do que estou aqui. E sempre foi assim, eu gosto, eu gosto muito de Alcoutim, de lá estar (...)

J- Voltando um pouco atrás. O Rui já disse que foi convidado para ser monitor de alfabetização. Quando aceitou, achava que estava preparado para este desafio?

R- Achei que sim, porque eu era ignorante a esse nível, mas eu pensei assim, Tenho uma boa relação com aquela gente, no meu monte toda a gente gosta de mim, eu não

tenho pessoas com quem não me dou, toda gente gosta de mim e já nessa altura era assim. A pergunta que me fez, Se eu estava preparado para isso? Eu nunca pus essa questão nesses termos, eu pensei assim, Sei ler e escrever, então, também consigo ensinar. Pronto, o meu pensamento foi esse (...) E hoje vejo que as coisas connosco resultavam mais, não tenho dúvidas disso, resultava por isto, As pessoas como me conhecem tão bem, eu nasci e cresci ao pé daquelas pessoas. Todos eles são como se fossem da minha família, ninguém tinha problemas nenhum em mandar-me (...) Em dizerem que não sabiam ou que não percebiam porque havia uma boa relação entre nós, nada ficava mal, não se sentiam inferiorizados, nem complexos, nada (...)

J- De qualquer modo, havia um programa de formação para os bolsiros. O Rui lembra-se desses momentos de formação? Que importância lhe atribui?

R- Lembro, lembro, foi numa dessas ações de formação que comecei a namorar com a Lurdes (risos). Sim, a formação teve importância na medida da formação para mim, porque eu nunca a apliquei muito, como lhe disse, no terreno. Mas, para mim foi interessante, dava para ver as coisas de outra forma e ver como os outros faziam, trocar experiências. Acho que isso foi o mais importante, a troca de experiências porque os montes não são todos iguais e as pessoas também não, a formação é sempre importante (...) Havia muitas ações. Até chegámos a vir aqui para Tavira, ficamos um fim-de-semana no Hotel. Mas lá, todos os meses havia reuniões com todos os bolsiros e íamos para Balurcos e para Alcoutim (...)

J- A Teresinha era um elemento importante neste processo?

R- A Teresinha era espetacular. A Teresinha era mais uma pessoa da família, foi muitas vezes lá ao monte, mas da primeira vez que lá foi a minha mãe disse, Oh filho! A Teresinha, mas que boa pessoa, só tenho pena de uma coisa, ela é muito simpática, gosto muito dela, só tenho pena de uma coisa, é ela ser preta (riso). E eu, oh mãe! Mas por amor de Deus (risos). A minha mãe e as outras pessoas do monte, nunca tinham visto uma mulher preta (...) Isto, dá para ver o grau de isolamento em que as pessoas viviam, elas nunca tinham visto um preto. Isto dá uma ideia do atraso em se vivia lá (...) A Teresinha foi o coração daquilo tudo, ela incentivava a criação de cursos, ela apoiava, falava com as pessoas, era ela que quando era preciso consegui o apoio da Câmara para arranjar autocarro quando se faziam saídas. A Teresinha fazia ligação daquilo tudo. Eu estou convencido que todos aqueles programas que a educação de adultos desenvolveu no concelho se devem a ela. Se

não fosse ela, era difícil fazer aquele trabalho (...)

J- Então, o Rui deixou o curso de alfabetização quando foi para Martinlongo...

R- Fui para Caixa de Crédito Agrícola Mútuo em Martinlongo, depois vim para Caixa Geral de Depósitos em Alcoutim (...) Estive dez anos na Caixa Geral de Depósitos, depois candidatei-me, ganhei as eleições e fiquei na Câmara durante treze anos como vice-presidente (...)

J-Muitas vezes, a alfabetização era um pretexto para dinamizar outras ações na comunidade. Isso também acontecia em Corte das Donas?

R- Não muito (...) Já não tenho memória. Se bem me lembro, havia um jantar no fim de cada ano, uma ou outra vez a Teresinha levava lá uma pessoa ao curso para falar sobre um tema, mas não acontecia muitas vezes. Foi talvez uma falha a falta de ligação com outros montes, mas ali no curso estávamos um bocado isolados (...)

J- Voltando à alfabetização, quais foram as maiores dificuldades que o Rui teve?

R- Eu não tive dificuldades, é verdade, por acaso nunca senti dificuldades. A sério, eu acho que não tive dificuldades, aquilo era uma família, as coisas corriam bem entre nós, nunca tive quaisquer problemas com as pessoas (...) Aliás, eu era considerado um dos melhores monitores, à pouco quando dizia que iam poucas pessoas ao monte convidadas para falar, isso pouco acontecia porque eu mexia em tudo, eu falava de tudo e a Teresinha confiava muito em mim (...) Se eu tive alguma dificuldade, tive a capacidade de a partilhar com as pessoas e aí deixou de ser dificuldade. Também estava muito em contacto com a Teresinha e falávamos muito, se surgisse algum problema, ultrapassávamos isso. Eu gostava muito da Teresinha e ela foi o coração daquilo, não tenho dúvidas absolutamente nenhuma (...)

J- O Rui quando era bolseiro mantinha a sua atividade nos amigos da Rádio. Isso ajudava a fazer melhor alfabetização?

R- Não, não, uma coisa não tinha nada que ver com outra. Até porque eu nunca trabalhei muito na Rádio, trabalhei no princípio, fui eu que fiz os estatutos da Rádio, ajudei à criação da Rádio. E depois, não se esqueça que a Rádio era nos Balurcos e eu vivia no Corte das Donas, são alguns doze quilómetros. Nessa altura eu ainda não tinha carro não podia ir para Rádio todos os dias (...) Eu deslocava-me de bicicleta a pedal e aquilo ainda era um bocadinho longe (...)

J- O Rui no início da entrevista refere que foi a alfabetização que mudou a sua vida. Isso também porque foi aí que conheceu a sua futura esposa?

R- A minha esposa é Tacões, concelho de Alcoutim. Como é que eu conheci a Lurdes? Eu conhecia a Lurdes desde os meus quatro ou cinco anos, porque a terá da Lurdes era a terra dos tecelões. Era onde se faziam as mantas e então, todos os anos, as mulheres e os homens pegavam na lã que tinha sido recolhida e iam aquele monte para fazer as mantas. E, eu ia com a minha mãe. Ora a Lurdes era lá do monte e foi aí que eu a conheci. Depois, mais tarde, na Escola, andamos à Escola juntos, antes disso (...) Quando eu era adolescente queria ser padre e então andei a estudar no Seminário em Beja e depois, houve uma altura da minha vida que eu percebi, pronto, não era bem aquilo que eu queria (...) não era bem a minha vocação e tal, então, desisti do Seminário e vim aqui para Escola em Vila Real. Com aquela estrutura mental que criei lá no Seminário, aquela rigidez, eu era o melhor aluno da minha turma em Vila Real. Por outro lado, a Lurdes era uma balda (...). Resultado, eu não gostava da Lurdes, mas eu detestava a Lurdes, eu, a Lurdes estava nesta mesa eu sentava-me naquela. Eu andava no grupo dos betinhos, dos meninos bem comportados, dos marrões, então nós não falávamos com o grupo dela, era para nós ostracizado, não havia hipóteses. Depois, encontrei mais tarde a Lurdes nos cursos de alfabetização. Aí, pronto, aí já começamos a falar e comecei a namorar com a Lurdes numa formação de alfabetização, aqui no Eurotel em Tavira, quando lá ficamos um fim-de-semana. Foi aí, que eu comecei a namorar com a Lurdes. Portanto, veja bem, desde a saída do seminário, ser bom aluno, ela ser (...), namorámos aí uns dois anos e depois casei com ela (...) Ela, depois, também deixou a alfabetização, no mesmo ano do que eu, e aí também foi substituída por um professor. Depois, ela foi fazer outras coisas, eu fui para Martinlongo, ela foi trabalhar para a Câmara, como bolseira, nuns programas que havia na altura (...) já não sei a fazer o quê, não sei se era na Contabilidade, na Secretaria, numa coisa assim (...)

J- O Rui acha que ela ter trabalhado em alfabetização pode ter aberto essa oportunidade para trabalhar na Câmara?

R- Não, não teve qualquer relação. Nem a minha vida profissional se relacionou com esta questão da educação de adultos. Isto a mim serviu-me, o facto de ter sido formador serviu-me para eu me formar a mim, em termos pessoais (...) Foi um altura de um certo enriquecimento pessoal, de aprendizagem. Eu aprendi mais que as pessoas, porque aprendi a relacionar-me com as pessoas a um outro nível. Não, já como o rapazito lá do monte, mas como homenzinho, já tinha alguma

responsabilidade, uma grande responsabilidade pois era monitor de alfabetização. Por acaso, foi um complemento muito interessante para a minha personalidade e, até depois, depois para a minha postura no futuro e ainda hoje, ainda hoje eu sou marcado por isso, não é? (...) Ser candidato a um lugar público exige saber relacionar com as pessoas. Isto foi um momento marcante- Gostava de sublinhar isto, eu aprendi mais do que aquilo que ensinei (...) Foi um tempo muito importante na minha vida (...)

J- Quais são as melhores memórias?

R- Olhe Sr. Professor. Eu guardo só as boas porque acho que me esqueci das más, se é que as tive. Pode ter havido uma ou outra situação mais desagradável, toda a gente tem, não é? Mas as que guardo são todas boas. Esqueci-me das más, as boas é uma mistura de coisas (...) Eu, passados estes vinte e cinco anos já não consigo identificar, mas, mas sei que no computo geral é mais do que positivo, não lhe consigo responder de outra forma (...) O melhor sentimento que guardo é de ter ajudado aquelas pessoas todas a aprender a ler, não aprenderam a ler como nós. Mas aprenderam a ler pequenos textos (...) Repare, aprenderam a assinar o nome deles, aprenderam a mudar o bilhete de identidade já com a sua assinatura que era um motivo de orgulho para aquelas pessoas (...) Foram momentos de grande alegria e satisfação para aquelas pessoas (...)

J- O Rui levou alguma daquelas pessoas a exame do 4º ano?

R- Levei uma, fez uma boa figura, passou com distinção no exame (...) Eh pá! Aquilo foi uma festa, essa era mais novinha, vive em França, agora. Pouco tempo depois de tirar a 4ª classe emigrou para França e lá está. Era uma mulher ainda jovem. Os mais jovens têm muito mais facilidade. Essa mulher não era de corte das Donas. Ela ia lá ao monte ao curso de alfabetização, já não tenho memória de onde é que ela era (...)

J- O Rui teve pena de deixar de ser monitor de alfabetização?

R- Pois tive, mesmo quando fui para Martinlongo para a Caixa de Crédito, eu queria continuar (...) Não dei porque não me deixaram, olhe! Isso foi uma coisa que me chateou muito, essa é uma má memória. Não continuei a dar alfabetização não foi porque eu não quisesse, foi porque me expulsaram, expulsaram (...) Disseram, Estão aqui professores, agora vocês já não podem continuar (...) Isso é a minha pior memória, fiquei muito lixado com isso (...) Gostava de ter continuado porque eu

deixei o trabalho em meio, porque o trabalho na educação de adultos é um trabalho muito demorado, nós não temos resultados passados seis meses, passados seis meses quase estamos ainda no ponto zero e quando aquilo começou a ter embalagem, quando as pessoas já liam e aquilo estava correr bem, interromperam. Colocaram lá os professores e aquele curso nunca mais foi o mesmo (...) Eu deixei o trabalho em meio e as pessoas não gostaram. As pessoas ficaram também chateadas, depois aquilo acabou, passado pouco tempo a coisa acabou. As pessoas diziam, Isto não é a mesma coisa, isto não é a mesma coisa, esta gente está, a gente não as conhece (...) Depois, veja bem, a simplicidade das pessoas, Nós somos burros, não conseguimos aprender, depois o professor diz, Isto é uma vergonha, não queremos ir mais, desistimos. Enquanto que, comigo nunca se consideraram burros, quando era uma pessoa desconhecida já tinham essa coisa de inferioridade (...). Portanto, eu acho que o programa da educação de adultos perdeu um bocado com a nossa saída, um bocado não, perdeu muito porque aquilo, saíram os monitores, acabou quase tudo (...) Porque nós, nós, basicamente éramos mais um, éramos mais um, e quando apareceram os professores já não era mais um, éramos nós e aquela pessoa que a gente não conhece de lado nenhum (...)

J- Dez contos era o valor da vossa bolsa...

R- Dez contos, dez contos naquela altura dava para muita coisa. Para mim, foi o meu primeiro ordenado, foi o primeiro dinheiro que eu ganhei. Dava muito jeito. Ora, vivia na serra, não tinha onde gastar. Repare uma coisa, Eu deixei de andar à Escola porque um dia o meu pai disse-me, Olha filho amanhã não há dinheiro para ires à Escola. E, eu tive de desistir de estudar, fiz o 12º ano e acabou-se, não havia dinheiro para mais. Está a perceber? Esses dez contos, para mim, era um orgulho pessoal, aquilo não contava tanto pela importância do dinheiro, que era importante, muito importante, mas, sobretudo, era um orgulho, enchia-me o peito, porque fui eu que o ganhei, ganhei-o trabalhando, fazendo coisas, ensinando os outros. Aquilo era muito importante para mim, (...) Vou-me repetir, era mais importante o orgulho que me dava que propriamente o valor do dinheiro, aquilo ajudou a construir a minha personalidade, a minha maneira de estar. E, eu sabia que o merecia, eu sabia que fazia um bom trabalho e isso ainda me deixava mais orgulhoso. Olhava para aquele dinheiro e dizia, Fui eu que o ganhei. E eu era obrigado apenas a ir ao Curso três dias e eu ia todos os dias. Ia todos os dias de 2ª a 6ª feira (...)

J- E o único material que tinha eram as fichas?

R- A Teresinha dava-nos as fichas e o resto era por nossa conta (...) Não utilizava as fichas com aquele calendário que ela dizia, porque dependia do andamento das sessões, eu utilizava a ficha quando achava que devia utilizar. Ela dizia, Ah! Essas fichas têm de vir preenchidas. Aí, eu fazia batota, queres preenchidas, vão preenchidas, mas dizia-lhe isto foi assim, assim, só porque tem que ir para o teu processo. As pessoas não faziam as fichas só porque tinham de fazer, faziam quando eu achava que elas estavam em condições de fazer a ficha. Eu é que sabia, eu é que trabalhava com as pessoas, não era a Teresinha (...). E quando as pessoas faziam as fichas, ficavam todas orgulhosas. Quando as pessoas conseguem escrever uma palavra ou conseguem ler, aquilo é uma coisa, não se consegue explicar, aquilo é uma alegria que se vê nos olhos. As pessoas não manifestam a alegria pelas palavras, é mais pela linguagem corporal, elas até quase que cresciam 1 cm (...) Depois, a alegria delas era a minha, porque no momento em que eles conseguiam, eu até via aquilo numa perspetiva mais egoísta. Era assim, Eles conseguiram Aprender porque eu lhes Ensinei. Está a ver, não é que eles conseguissem, conseguiam porque eu é que as ensinei. Via aquilo numa perspetiva egoísta (...) Mas, aquilo também era uma comunhão de esforços e quando um conseguia, toda a gente ficava satisfeita. E, depois, quando havia uma ou outra pessoa que tinha mais dificuldade, os outros quem podia também ensinava (...) Era uma coisa, era uma coisa, era uma luta comum, e o resultado era comum, porque eu sempre tive o cuidado, eu nunca deixava ninguém para trás. Por exemplo, a Ti Maria aprendia primeiro que a Ti Teresa, eu dizia, Olha lá! Faz favor de esperar porque ela ainda não sabe, quando ela aprender a gente já vamos todos (...) Eles sabiam que eu não ia deixar ninguém para trás, daí que, ali não havia nem mais espertos nem menos espertos. As pessoas sentiam-se bem, estavam ali à vontade (...).

J- Essas pessoas ainda são vivas?

R- A maior parte sim, uma grande parte, continuam lá no monte.

J- E a sua mãe continua a ler?

R- Agora já não. Está quase cega, mas antes, ela conseguia ler um jornal. Aprendeu a ler comigo e depois lia, assim pequenas notícias, jornais, revistas, isso, ela lia. Só que não lia como nós lemos, não é? Às vezes, ela lia uma frase e depois dizia-me, Ai filho! Já não me lembro o que é que dizia no princípio da frase. Mas pronto, lia, com

dificuldade mas lia. Se daquela frase ela conseguisse reter a ideia, eu já ficava satisfeito (...)

J- Para aprender a ler também é preciso exercício, se só liam nas sessões e depois não praticavam, era mais difícil.

R- É assim, já muito faziam eles, tinham a vida do campo para resolver, não tinham, não tinham e nem sequer havia muita facilidade para eles poderem ler, lá não chegava o jornal diário, não havia biblioteca, por isso não era fácil, mesmo que quisessem (...) O saber ler era importante para aquelas pessoas, mas não era o mais importante, o mais importante era as pessoas falarem umas com as outras, conversarem. Era o mais importante, as pessoas saírem de casa, saírem da casca, as pessoas perceberem o que eu lhes dizia. Eu ainda me lembro, das primeiras coisas que eu lhes dizia, eu dizia assim, O Mundo não acaba além da Portela da Missa. A Portela da Missa é um sítio lá na serra a partir do qual a gente deixa de ver a (...) Eu dizia, O Mundo é muito maior que isto e a gente está aqui para ver o mundo, e eu estou aqui para vos dizer que há mais mundo. E esta foi a primeira base, fazê-los entender que a Vida é muito mais que aquela Vidinha que havia lá no monte (...) E as pessoas queriam, queriam saber mais, tinham curiosidade, quando lhes falava de outras coisas que desconheciam, as pessoas queriam, queriam que falasse, queriam saber mais, havia vontade no grupo. Era muito giro (...)

J- Esses cursos, nos vários montes, funcionaram no âmbito do PIDR. Esse programa acabou. Qual a opinião do Rui sobre a não existência destes cursos na atualidade?

R- Acho que esses cursos terem encerrado foi uma falha enorme, foi uma falha enorme, sabe porquê? Porque essas pequenas comunidades vivem desse tipo de coisas, precisam de mais alguma coisa para além do trabalho do campo, precisam de criar dinâmicas e, muitas vezes, isso só acontece com a ajuda de alguém que tenha outro tipo de experiências (...) Vamos lá ver, eu penso que se podem identificar dois tipos de comunidades isoladas. Uma comunidade onde haja gente jovem e aquela comunidade onde só haja velhotes. Esta comunidade dos mais velhos tende a reduzir-se a ela própria, há ali um factor redutor muito grave. Esta questão (...) No caso do meu monte, eu era como se fosse um padre para aquela gente, aquelas pessoas quando tinham alguma dificuldade vinham me perguntar, quando queriam desabafar vinham falar, quando queriam alguma coisa vinham (...) E, isso de acabar com aqueles cursos foi coarctar muito do que aquilo que aquela gente poderia ter feito,

podiam ter feito muita coisa, está a perceber? Mais não fosse, podiam ter investido mais neles, isso foi uma violência, até dizia mais, à portuguesa, foi uma estupidez. Foi uma estupidez, foi uma falta de sensibilidade (...)

J- Acha que fazia falta um outro Pidr para o nordeste algarvio?

R- Mas é claro que fazia, fazia, aquilo foi negar às pessoas a possibilidade de aprenderem (...) Era um factor de crescimento, uma pessoa com setenta anos pode crescer e pode dar, e isso foi tudo coarctado. E, as pessoas voltaram para as galinhas, para os porcos e para os burros (...)

J- Quando o PIDR acabou, continuou a haver no concelho atividades apoiadas pela Câmara...

R- Sim, sim, ainda hoje continuam a haver alguns cursos e a Câmara continuou a subsidiar (...) Mas não julgo que estes cursos tenham resultado de alguma aprendizagem dessa experiência do tempo do PIDR, acho que isso resultou da sensibilidade do Presidente da Câmara (...) Ele era sensível a esses cursos e achava que devia apoiar por ser importante, como a mim me parece importante (...)

J- Mas o presidente viveu a experiência do PIDR, certo?

R- Sim, viveu mas a um outro nível, nesse tempo não era presidente da Câmara, ele era médico, ia às ações como convidado estava lá meia hora e ia-se embora. Era uma postura completamente diferente da pessoa que está do princípio ao fim (...) Não é comparável. Agora que ele teve uma sensibilidade interessante para continuara a apoiar e a pagar esses cursos, não há dúvida absolutamente nenhuma. E, todos os anos faz-se lá em Alcoutim uma exposição dos trabalhos que são feitos nesses cursos. Só que o cariz desses cursos mudou completamente, enquanto, naquele tempo a maioria dos cursos era para ajudar as pessoas a aprendera ler e escrever, neste momento são mais para ocupação dos tempos livres, é mais para fazer os quadros e os bordados e mais não sei quê (...) Também é importante, também é importante, mas já é com uma perspetiva diferente. Acho que a filosofia dos cursos foi mudando aos poucos, se calhar devido às orientações da direção geral de educação, não sei, não faço ideia de onde vieram essas orientações, mas as orientações começaram a ser diferentes. Enquanto, que antes o objetivo era alfabetizar as pessoas, valorizar os seus saberes, neste momento é mais para ocupar algumas pessoas, principalmente nalgumas sedes de freguesia (...)

J- No tempo do PIDR o objetivo principal era a alfabetização porque as taxas de

analfabetismo eram muito altas, eram cerca de 38%

R- Isso devia ser a média porque no meu monte era mais de 90%, lá só quem sabia ler eram algumas pessoas mais novas

J- O Rui conhece bem o concelho, foi treze anos vice-presidente da Câmara. Acha que a educação de adultos deixou algumas marcas na população?

R- Do ponto de vista global acho que sim, acho que sim. Foi importante, foi um contributo para atenuar o isolamento daquelas pessoas e para criar mais dinâmicas, sem dúvidas. A partir daí apareceram outras coisas, apareceram mais associações, mais vontade de fazer coisas (...) As pessoas aprenderam alguma coisa, passaram a aderir mais, aquelas pessoas já não eram as mesmas. Deixaram de ser sujeitos meramente passivos, para passarem sujeitos ativos. Sem dúvida! Mas, sabe, quando nós falamos de pessoas aí com mais de 50 anos, eu não sou psicólogo (...) a ideia que eu tenho resume-se naquilo que se falou à boca do lobo, isto requer prática. Aquelas pessoas ficaram diferentes durante aqueles anos, mas depois, naqueles montes onde não acontecia nada, onde deixou de haver qualquer atividade, voltaram à mesma, acabaram por regredir. De tal forma que, havia pessoas que já liam e faziam o nome e acabaram por perder isso. Houve uma regressão, houve um prejuízo, houve um prejuízo. Passado um ano, ano e meio, a comunidade já era o mesmo que era antes. Houve uma regressão para aquelas pessoas (...)

J- Os efeitos só se viram em freguesias mais dinâmicas, onde havia gente mais jovem?

R- Sim, principalmente em aldeias maiores, como Balurcos, Giões, Pereiro, Vaqueiros, Martinlongo, Alcoutim. Mas houve outro fator que foi o regresso de pessoas que estavam fora do concelho e que regressaram, reformaram-se e voltaram. Por isso é que surgiram mais associações no concelho e passou a haver mais atividades, mais festas (...) Aliás, isso até teve influência ao nível da autarquia, a autarquia aprendeu, aprendeu e viu-se na necessidade de, de alguma forma participar. Não! A educação de adultos mexeu com o concelho todo, mexeu, mexeu, não se pode negar. Agora o que foi pena ter havido ali um corte. Podia-se ter feito muito mais coisas (...) Aquela gente mais resiliente e tal, ainda conseguiram fazer coisas, outros como foi o caso do meu monte, voltou tudo à mesma (...) Eh pá! Acabaram com os bolseiros, os bolseiros faziam parte da comunidade, eram parte integrante da comunidade, não havia ali diferenças, éramos todos a mesma coisa e

trabalhávamos todos no mesmo sentido (..)

J- O Rui conhecia os bolseiros?

R- Conhecia-os todos

J- Qual a sua opinião sobre o trabalho deles?

R- Eh pá! Acho que também faziam um bom trabalho (...) Todos tinham o apoio da Teresinha, seguiam as orientações dela. Eu era o mais rebelde (risos), isto dizia ela. Mas que era, era. Eu cheguei a falar nisso em Seminários onde, eu, de alguma maneira, defendia o meu método. Eles diziam, Ah! Mas isso não deve ser assim e tal, Pois pode não ser, mas eu acho que como eu faço resulta mais. E, realmente resultava (...)

J- E o Rui chegou a ensaiar o método que lhe foi ensinado?

R- (riso)Eu tentei fazer aquilo três ou quatro vezes (...) tentei três ou quatro vezes levar aquilo à letra e aquilo aborrecia as pessoas. Eu via que as aborrecia, ora uma pessoa que ainda está num processo de abertura para poder aprender, se começa a ficar aborrecida com aquilo, então não aprende. Eu é que presenciava como é que eles queriam aprender e tinha a ver com isso. Eu lembro que aquilo tinha muito a ver com os sons e as pessoas não queriam aquilo. Aborrecia-os aquela maneira de aprender (...)

J- O Rui lembra-se como fazia?

R- Lembro, lembro. Começavam por juntar as letras, depois formavam as sílabas e depois com as outras letras que, às vezes, se juntam à sílaba, os m e os r, e depois, obrigava, obrigava não, sugeria que repetissem aquilo. Era muito por repetição, muito por repetição (...) utilizava muito o quadro, mas para as pessoas era mais fácil aprender a ler que a escrever, sem dúvida. Tinham muita dificuldade em desenhar a letra (..) Todos eles aprenderam a fazer o nome, todos. Eu senti-me vitorioso com isso (...) E o que me deixou mais satisfeito foi as pessoas dizerem que tinham pena que aquilo acabasse. Então, quer dizer que o trabalho estava bem, não é? (...) Se aquilo tivesse acabado e as pessoas não me tivessem dito nada, mas não, eles ficaram com pena de eu ter acabado com aquilo (...)

J- Que aconteceu aos bolseiros?

R- A maior parte saiu, perdi o contacto com a maior parte deles. Foram procurar trabalho para outros lados, ali havia poucos empregos. E eu só fiquei lá porque arranjei trabalho senão teria que sair para ir procurar outra coisa qualquer (...)

J- O Rui quer falar um pouco sobre a sua experiência como vereador na Câmara?

R- A experiência como bolsheiro ajudou-me muito a relacionar-me com as pessoas. Quando fui vereador na Câmara, resultante desse tipo de aprendizagem, eu sempre tentei e consegui ser mais um habitante de Alcoutim, eu nunca fui mais um vereador da (...) eu era o vice-presidente e também cheguei a andar a recolher lixo. Portanto, está a ver (...) Eu fiz de tudo, nunca tive preconceitos e curiosamente já saí da Câmara há seis ou sete anos e as pessoas na rua ainda me tratam por vereador. Veja bem (...) Isto da política, há quem goste e há quem não goste, mas de uma forma geral, acho que o trabalho que eu fiz na Câmara resultou também dessa minha aprendizagem. E, uma coisa que me deixou satisfeito foi, no momento em que eu saí da Câmara, a oposição, os vereadores da oposição resolveram deixar escrito em Ata que consideraram o melhor Vereador que a Câmara já teve. A própria oposição disse isso, significa que houve alguma coisa. E, eu atribuo muito desta minha prestação à aprendizagem que fiz nessa altura da lidação com as pessoas e do aprender a fazer coisas com as pessoas e saber que resulta, e que dá ânimo e vale a pena (...)

J- Eu confirmo que tanto a Teresinha como o Zé Simão nas entrevistas que me deram, falam muito no Rui, o que é sinal que deixou lá a sua marca...

R- Sim, foi uma experiência muito interessante. Como já lhe disse, o que foi pena foi ter acabado e acabado daquela maneira abrupta (...)

J- O Rui é um defensor da educação de adultos...

R-Sou, claro, claro, eu sou também defensor de uma educação de adultos de pessoas que já estão formados. Há pessoas que têm formação e não têm nenhuma educação (...) porque a educação para cidadania é uma coisa muito importante e que é transversal a todas as áreas da vida (...) Eu, agora, a uma escala menor, não faço formação de adultos, mas continuo a lidar com adultos, eu sou Provedor da Misericórdia em Alcoutim. E, então, aqueles velhotes da Misericórdia, eu continuo a ter a mesma postura com eles. E, ainda pego neles, pego em 40 ou 50 e levo-os para Fátima e depois, fazemos uma excursão acolá e depois fazemos um bailarico, depois juntamo-nos (...) Os idosos da Misericórdia quando me encontram na rua chamam-me de Irmão, está a ver? Oh irmão! Venha cá. E isso resulta não só, como é evidente, de toda uma experiência de vida, mas que é também resultado de (...) comecei como educador de adultos e toda a vida tenho tido esta postura, sempre! (...) Às vezes também lido com eles à bruta, sim, mas eles não levam a mal. Tento, tal como estou

a ser consigo, Natural. Digo aquilo que penso, no momento em que penso. E, é essa a minha postura lá em relação aos adultos (...)

R- Rui, obrigadíssimo por esta entrevista, interessava-me saber também qua a sua perspetiva sobre a forma como “ensinavam” os adultos, e tenho dados que me dizem que a maioria dos bolseiros não utilizava o “método” de Paulo Freire.

R- Eu admito que não utilizava, eu adaptava ao meu estilo o que tinha aprendido com o que eu achava que devia fazer, agora os outros não sei (...) Passados vinte anos podia dizer que sim, que utilizava, mas isso, era estar a lubridiar (sic) a coisa (...) Até porque, independentemente desta pseudo rebeldia em relação ao que era formalmente proposto, aquilo resultou e o importante era que resultasse, não é? E resultou (...)

J- O Rui conversava coma sua esposa sobre alfabetização, trocavam experiências?

R- Não, nós éramos novos queríamos era falar de outras coisas, nunca tive a perceção de como é que ela trabalhava (...) sei que ela gostava, aliás, todos nós gostávamos. Depois éramos amigos, está a ver, formávamos um grupo de amigos e isso era muito bom, era muito interessante, mas não discutíamos entre nós o resultado do nosso trabalho, não, eh pá! Éramos amigos, éramos jovens e gostávamos de falar de outras coisas. se havia essas conversas já não me lembro (...)Essas conversas fazíamos coma Teresinha, nas reuniões, nas ações de formação, aí, sim falávamos. A Teresinha, a Teresinha era uma moira de trabalho, aquela mulher era uma coisa espantosa, coitada, pronto era um espetáculo. Ela juntava-nos e ia lá, fazia vistas à gente, estava sempre pronta a ajudar. Era um espetáculo, aquela mulher.Toda a gente na serra gostava dela (...) Acho que para aquele momento não podia haver melhor grupo (...) A Teresinha, aquele grupo de bolseiros, as pessoas, houve um conjunto de fatores (...) Aliás, estou convencido que não teria feito o mesmo trabalho se eu tivesse ido fazer aquilo para outra terra qualquer, não fazia, não fazia, porque ser agente da comunidade é fundamental (...) porque isso desarma as pessoas, elas não precisam de ter defesas, está a ver? Se o Joca for lá, não o conhecem, as pessoas arranjam logo defesas, com uma pessoa da comunidade, as defesas desaparecem. Se há uma pessoa que começa a fugir, a gente já sabe porque é que está fugir, porque toda a vida o conheceu (...)

J- Se o Rui fosse eleito presidente da Câmara iria dar atenção à educação de adultos?

R- Eu fui vereador da educação durante todos os anos que lá estive, portanto, a minha

prática não mudaria. Sempre apostei, porque é essa a minha convicção, de que toda agente precisa de educação. Não são só os analfabetos, porque há, das pessoas mais sábias que eu tenho conhecido são todas analfabetas. Portanto, não é por aí (...) Temos é que, e aí os técnicos são importantes, para ajudar a montar uma estratégia e a Câmara ter um papel, servir como suporte desse tipo de estratégia, desde que concorde com ela, como é evidente (...) Mas é o papel da Câmara ser o suporte. E eu, todos aqueles anos em que lá estive, tenho muita experiência disso, porque de alguma forma sempre estive envolvido com essa questão (...) Enquanto eu lá estive, todos os cursos que eram propostos eram aceites e a Câmara pagava (...) Todas as propostas que eram apresentadas à Câmara ao nível, essas propostas eram feitas pela mulher do Amorim, sabe quem é o Amorim? É o diretor da Escola em Alcoutim. A mulher dele é que era a coordenadora dessa área, foi substituir a Rosário (...) Agora já perdi o fi à meada, mas acho que já não há ninguém a coordenar essa área da educação e adultos (...) Bem, mas o que importa frisar é que, Nunca deixaram de haver curso por falta de financiamento, Todos os cursos que foram propostos, foram aceites e pagos integralmente (...)

J- Percebi. Isso é um aspeto importante que vou querer enfatizar. Quer dizer, não há mais ações para adultos, exatamente, porque não há uma pessoa ligada à estrutura educativa que possa dinamizar atividades educativas junto das comunidades, ou seja, que faça a ponte entre as pessoas e a Câmara...

R- Exatamente, exatamente, porque não cabe à Câmara fazer propostas, cabe à Câmara acolher a proposta e, de alguma forma, dar-lhe o suporte material necessário para que ela se desenvolva, nem pode ser de outra forma.

J- Quer dizer que esta diminuição de atividades aconteceu porque, de repente, deixou de haver alguém que fizesse este trabalho de coordenação

R- É claro, a direção regional de educação é que fazia este trabalho, tinha cá uma professora para fazer isso, agora não há ninguém (...) Ainda hoje, os cursos que lá há ainda vêm desse tempo, as pessoas querem continuar, falam com o monitor, este fala com a Câmara e a Câmara paga. É assim que a coisa tem acontecido (...) Há pessoas que vão de outros montes, há pessoas do Corte das Donas que ainda vão a esses cursos. Mas, só as pessoas mais novas e que têm carro. O transporte continua a ser um problema. Para quê? Para fazer uns quadros, uns bordados, mas ainda existem (...) E é a Vera que está no Lar que é monitora de alguns cursos. Portanto, a coisa

ainda não parou. Agora que podia e devia ter uma dinâmica maior, aí isso devia (...) Teria de haver uma pessoa que fizesse a coordenação, desse formação, organizasse as coisas. Isso requer conhecimentos técnicos, um professor é que sabe como é que deve planificar as ações. Agora, esse professor deve ter uns horizontes suficientemente abertos para perceber que, às vezes, não é o que está proposto, quase do ponto de vista canónico, que é o que conta, deve ter abertura (...) Isso não é vocação da Câmara, nem é o vereador da cultura que vai fazer isso. Eu via, quando estava lá não tinha tempo para isso, aliás, não tinha tempo nem tinha conhecimentos para isso, nem tinha que ter. A Câmara tem de ser um elemento congregador de vontades e dar suporte material para que as coisas se desenvolvam, mas têm que ser os agentes da comunidade é que têm de fazer as coisas ou então cai-se numa coisa que em Alcoutim acontece que é uma perspectiva de subsidiarismo, nada se faz sem haver um subsídio e isso leva as pessoas a ficar completamente dependentes, não só do ponto de vista económico porque não rentabilizam os projetos que fazem como também do ponto de vista pessoal e intelectual. É assim, Oh Joca! Se você me desse subsídios para tudo eu ficava totalmente dependente de si, Aquele gajo (sic) é que me dá tudo, vou agora dizer que não. Está ver? È mau de duas maneiras e nestas comunidades mais isoladas temo, um bocado, a que isso aconteça, porque os investimentos que se fazem, não estou a definir investimentos a nível de obra, falo a nível pessoal, aí não têm retorno. Não há hipóteses, o que é que resulta dali? O que interessa é que as pessoas consigam organizar-se a nível dos clubes, das associações e tudo mais, mas o clube tem que ter uma certa capacidade de se autofinanciar, porque se está completamente dependente dos subsídios, não vai longe, não tem hipóteses, acaba por perder tudo.

R- Mias uma vez obrigadíssimo...

Transcrição da entrevista à Maria José – 21/5 -15 h Casa da M^a José

J- Já passaram 25 anos. Qual o significado daquela experiência que teve como monitora de alfabetização?

M.J.- Há 25 anos foi, era uma época bastante conturbada das pessoas ao viver aquele período do pós-25 de Abril, aquele tempo da revolução como uma grande Esperança. A alfabetização era uma forma de ajudar as pessoas, elas precisavam aprender mais, ser mais esclarecidas para poder participar mais. E, esse período quer, dizer, foi enriquecido e enriquecedor em termos de formação também. E, depois, era aquele entusiasmo e o contacto com as pessoas sempre me agradou e por tudo isso foi uma época muito agradável (...)

J- Ficou com boas recordações?

M.J. Sim sim. Gostei muito, aprendi muito, foi uma experiência importante para a minha vida (...)

J- Onde era o seu curso

M.J.- Era aqui em Cachopo. Foi o primeiro curso aqui na sede. Depois continuei sempre em Cachopo, aqui na sede, já não me lembro quantos anos, mas ainda foram uns quantos (...)

J- Uns quantos? Quatro ou cinco?

M.J- Ou mais, uns seis ou sete anos, já não me lembro (...)Acho que foi em 1983/84 que comecei como bolseira (...)

J- Foi monitora no tempo em que a Etelvina foi coordenadora ou ainda apanhou a Maria João?

M.J. Foi com a Etelvina. Com a Maria João, foi a fase de transição em que deixei a alfabetização e já estava a trabalhar no centro de Animação Infantil. Isto foi aí em 1989 (...) Portanto, já não estava a dar aulas de alfabetização. E, depois, foi-me feita ainda uma proposta para animadora de biblioteca, aí, depois, já não aceitei, tinha que ser em horário pós-laboral (...) Portanto estive a maior parte do tempo com a Etelvina, com a Maria João já foi no fim, foram só uns breves contactos, mas já não foia assim grande (...)

J- A M.J. teve sempre o mesmo grupo de alfabetização?

M.J.- Não, foram sempre surgindo novas pessoas. Houve, por exemplo, pessoas que não sabiam ler, essas foram as que se mantiveram durante mais tempo, havia pessoas

que o objetivo era fazer a 4ª classe ou fazer, assim, uma pequena reciclagem. E entravam e saíam (...) Era um grupo aberto, entravam e depois saíam. Entravam uns, saíam outros (...)

J- Lembra-se como surge esta oportunidade de ser bolseira?

M.J. Não me lembro bem (...)

J- Que idade tinha quando começou com o curso de alfabetização?

M.J. Tinha aí (...) Uns 26 anitos, espere aí, deixe me lá fazer as contas, tenho 58, nasci em 1955(...) Não espere, tinha 29 que eu com e poucos, trinta e quatro, trinta e cinco passei para o Centro de Animação Infantil (...)

J- Explique lá melhor essa passagem...

M.J. Então, eu era bolseira da educação de adultos, depois surgiu o projeto Radial e depois fui convidada para ser animadora, também, do projeto, isto foi quando foi implementada a oficina de Tecelagem e esses cursos socioprofissionais (...) Portanto, isso ficou durante algum tempo a cargo da educação de adultos e da Radial (...) Depois, foi na quele momento de transição, surgiu aquele projeto do Centro de Animação Infantil e eu candidatei-me, tinha deixado a alfabetização (...) Mas, nessa altura também já não havia alfabetização aqui em Cachopo, já não havia adultos para o curso, já tinha esgotado (...) As pessoas já não se inscreviam, (...) já não havia mais pessoas interessadas. Já não havia interesse na alfabetização. Umhas já tinham feito a 4ª classe, outras já tinham aprendido a ler. As que se motivaram foram, não é? Foram logo, as outras que não foram durante esse tempo, não era agora que iriam (...)

J- O grupo tinha pessoas muito idosas?

M.J. Tinha, tinha umas e outras. Era um grupo muito heterogéneo, havia pessoas mais novas e pessoas mais velhas (...)

J- Houve muitas a fazer a 4ª classe?

M.J- Já não tenho muito bem presente, mas houve umas quantas, umas nove ou dez, sim, fizeram a 4ª classe (...). Eu quando comecei coma alfabetização, ainda não estava cá a Etelvina. ela apareceu no outro ano como coordenadora (...) Eu comecei antes, comecei logo quando começou a educação de adultos no Algarve, eu comecei logo aqui em Cachopo. E, depois, é que se tornou mais abrangente e é que se criaram mais cursos pela freguesia (...) Comecei sozinha, era só eu que tinha alfabetização em Cachopo (...)

J- Volto a perguntar se já recorda como é que apareceu como bolsreira. Teria sido por indicação do sr-José do seixo que era seu tio e presidente da Junta?

M.J.- Ah! Lembro-me que houve inscrições na Junta (...) Foi por aí, houve inscrições abertas na Junta, as pessoas candidataram-se, eu também inscrevi e fui selecionada (...)

J- Quais eram as suas habilitações na altura?

M.J. Quando fui monitora tinha o 2º ano depois é que fui fazendo o curso geral dos liceus e por aí (...) Quis continuar a estudar, ia à explicação durante dois dias por semana e depois candidatava-me aos exames ao Liceu (...) Fiz uns quantos exames em Faro e uns quantos em Tavira (risos), o último foi em Faro porque eu fiz durante dois anos. Fiz um ano em Tavira, a parte de Ciências e no outro ano a parte de Letras. Em Tavira deixei de ter acesso a esse exame de Letras e depois fui para Faro onde tinha feito o exame de admissão quando fiz a 4ª classe (risos).

J- O facto de ser bolsreira de alfabetização teve alguma influência nessa vontade de continuar a estudar?

M.J.- Quer dizer, influência se calhar teve, mas também é a minha maneira de estar na vida. Sempre gostei de aprender. Por exemplo (...) Imagina, antes do 25 de Abril, num meio como este, em Cachopo, era quase impossível uma pessoa estudar. E, o meu irmão foi, dava-se sempre a primazia aos filhos porque as raparigas eram para ficar em casa e portanto, foi sempre assim, um bichinho que sempre tive. Então, na medida em que tive possibilidades, eu ia tentando (...)

J- Muito bem, muito bem, a Maria José com 29 anos ficou em Cachopo enquanto a maioria das jovens saíram....

M. J. Tinha casado, eu casei jovem aqui em Cachopo, o meu marido também é daqui. Organizamos a nossa vida em Cachopo, tinha constituído família o meu marido tinha aqui a vida dele. Depois tive logo os meus filhos (...) Depois apareceu a possibilidade de ser monitora de alfabetização. A partir daí, nunca mais deixei de trabalhar, tenho trabalhado sempre (...)

J- O curso foi uma boa oportunidade?

M.J. Pois foi, passei a ter uma ocupação, a ter mais autonomia financeira, essas coisas. E, não havia grandes probabilidades de trabalhar aqui em Cachopo, não havia emprego e muito menos para as mulheres (...) Mas, eu não gostava de estar parada, ainda fiz várias coisas, sempre havia uma possibilidade eu agarrava, não era de ficar

em casa, eu fiz os censos, fiz inquéritos da Agricultura, eu fiz tudo o que foi possível (risos)

J- Fazia esses trabalhos pela necessidade económica ou para se sentir ocupada?

M.J. Era mais por aí, mas, pronto, necessidade, isso há sempre, ganhar uns dinheiros faz sempre muito jeito (...) Mas, imagina, eu com esse dinheiro ia investindo na minha formação. Era mais por aí, com o dinheiro da bolsa pagava as minhas aulas, os meus explicadores, pagava as minhas viagens até Tavira onde tinha explicação, esses dinheiros eram mais para investir na minha formação (...)

J- Mesmo sendo só dez contos, quer dizer que fazia jeito o dinheiro da bolsa?

M.J. Muito jeito, era um extra e dava para eu gastar nessas coisas. Assim, não ia cravar o marido e pronto (...) O meu pai foi, quer dizer, eu não fui estudar na altura porque não havia a possibilidade e a cultura também era diferente, mas o meu pai era uma pessoa muito prá (sic) frente do tempo. O meu irmão foi estudar eu só não fui porque havia pouca diferença de idades, mas o meu pai sempre me disse, sempre me incentivou. E, depois, infelizmente, o meu pai faleceu (...) E, ele, sempre, disse que me ajudava e tudo isso, depois o meu pai faleceu e eu, pronto. Sempre tive essa necessidade de aprender mais (...) Como é que hei de dizer, Olha! Continuar a estudar foi também uma necessidade interior, uma necessidade de homenagear o meu pai, uma necessidade de aprender mais, de me valorizar (...)

J- Então, quando acabou o curso de alfabetização, já tinha o curso geral dos liceus?

M.J. Já, já (...) E, depois de terminar com o curso de alfabetização, fui para o Centro de Animação Infantil e, continuei a ter formação ao nível da In Loco. Tive uma formação durante quatro anos na área da educação de infância que infelizmente não foi reconhecida. Essa formação, não houve possibilidade de a reconhecer também, pronto, não foi reconhecida, mas não deixa de ter sido muito importante, de me ter valorizado para a vida e de fazer sentir profissional, que acho que fui. Modéstia à parte, mas, pronto, não se leva uma profissão durante vinte anos à frente de uma instituição se não tiver capacidade e conhecimentos (...)

J- Esteve vinte anos à frente do CAI?

M.J. Sim, sim, vinte anos e, pronto, com a responsabilidade inerente ao funcionamento do CAI. Embora havendo uma associação, mas sabemos como é, as pessoas estão ali mas é mais um pró-forma, porque as pessoas que lá estavam, conhecimento básico para o funcionamento da instituição, é claro que não tinham.

Não tinham e não tinham que ter, por isso é que nós fizemos essa formação (...)

Depois o Centro fechou, já não há crianças em Cachopo (...)

J- O CAI fechou em que ano?

M.J. Em 2006. Depois fui para o Centro Paroquial, já lá estou há sete anos (...)

Quando acabou o CAI passei logo para o Centro Paroquial, fui convidada pelo diácono, Sr. Albino, que me conhecia bem e conhecia o meu percurso aqui em Cachopo (...)

J- Muito bem, vamos voltar atrás para lhe perguntar se quando se inscreveu para ser monitora de alfabetização não receou esse desafio? Sentia-se preparada para isso?

M.J.- Quer dizer, não me sentia preparada, mas, ao mesmo tempo, comecei logo a ter formação e era muito interessante. Quer dizer, ao mesmo tempo que ensinávamos, aprendíamos. Portanto, para mim, também foi um processo enriquecedor (...)

J- Quando se inscreveu, pensou, Se sei ler e escrever, também sou capaz de ensinar”. Foi isso?

M.J. Não foi bem isso, não foi por aí, a pessoa também tem que sentir que tem um perfil para o contacto com as pessoas (...) E, eu achava que tinha esse perfil e que era capaz de ajudar as pessoas (...)

J- Lembra-se por quantas pessoas era constituído o seu primeiro grupo de alfabetização?

M.J. Ah! Eram aí umas doze, entre doze e quinze, porque nem sempre vinham todas, porque havia uns que eram intermitentes, mas eram poucos, a maioria vinha sempre (...) Ainda era um grupinho grande (...) Durante aqueles quatro ou cinco anos, o grupo nunca variava muito, até acabar (...)

J- E houve pessoas que foram fazendo a 4ª classe?

M.J. Sim, sim (...) Aquilo depois era uma festa. Sempre que algum fazia a 4ª classe, era um acontecimento no curso (...)

J- Qual o significado que tinha para as pessoas fazer a 4ª classe?

M.J. Quer dizer, e depois, como é que hei-de dizer, em termos de socialização, quer dizer, o curso acabava por ser um processo de socialização, em que falávamos de tudo, aquela altura também era um momento propício aos sonhos, ao viver (...) Pronto, a viver um pouco a liberdade de reunião (...) Pronto era uma altura propícia à socialização (...)

J- Entre essas pessoas que fizeram a 4ª classe, que aconteceu, ficaram por Cachopo ou

foram embora?

M.J. Houve rapazes que saíram, que foram trabalhar lá para baixo e outros que ficaram por aí

J- Qual era faixa etária dessas pessoas que fizeram a 4ª classe?

M.J. Era gente mais jovem entre os vinte e os quarenta anos, havia para aí 2 ou 3 jovens de vinte anos e havia pessoas com trinta e quarenta anos (...) Esses aprendiam com mais facilidade, frequentavam aí durante um ano, faziam uma espécie de reciclagem e ficavam prontos para fazer exame. (...) As pessoas mais idosas é que andavam mais tempo, tinha pessoas que andaram sempre lá no Curso, gostavam de ir, iam aprendendo. Tenho pessoas que aprenderam a ler, pessoas idosas que não sabiam nada. A maioria ficou a saber ler (...) Há uma pessoa que é um caso, pronto, ela tinha a filha em Lisboa e ela tinha uma influência tão grande que ainda hoje ela pega em qualquer coisa e lê, conseguiu aprender a ler e a comunicar coma filha, a ler as cartas da filha. Essa era grande motivação dela, aprender a ler para ser capaz de ler as cartas da filha, andou aqueles anos todos sempre motivada (...) Esta senhora está viva, mas a maioria daquelas pessoas que andaram no curso, já faleceu (...) Uma pessoa que fez a 4ª classe, que era uma pessoa muito interessada, essa faleceu também, mas essa era nova, nova, quer dizer, tinha aí uns cinquenta anos (...)

J- Lembra-se quantas sessões de alfabetização havia por semana?

M.J. – Eram umas duas horas por dia, todos os dias da semana, menos ao sábado e ao domingo (...)

J- Onde funcionava o Curso?

M.J. Era na Casa do Povo, era aqui mais central, mesmo no meio da aldeia e tinha boas condições (...)

J- A Maria José gostava de ser monitora?

M.J. Gostava, gostava (...)

J- Como é que surgiam os temas, lembra-se?

M.J. Normalmente havia uns temas propostos, uma planificação e tudo aquilo. Mas, se surgia um interesse por parte das pessoas, alguma coisa que acontecia, alguma notícia que as pessoas traziam e que havia interesse, agarrávamos naquilo e descodificávamos e íamos por aí, íamos por aí (...)

J- Maria José, durante esses anos como monitora de alfabetização, o que foi mais importante para si?

M.J.- O convívio com as pessoas, a relação que tinha com elas, poder ajudá-las, porque gostava muito de ensinar. E, também, a formação, nós tínhamos seminários intensivos que foram, sem dúvida, importantes. E, até, o contactar com outros colegas que estavam a fazer a mesma coisa. Nesses encontros, aprendíamos uns com os outros e tudo isso era muito interessante (...) Eu sempre dei muito valor ao aprender, como já disse, sempre gostei de aprender, por isso é que acho que a formação que tivemos foi, talvez, aquilo que eu considero mais importante (...)

J- A formação era fundamental para o vosso trabalho?

M.J. Sim, sem dúvida, porque, embora a pessoa se sentisse motivada e isso tudo, a pessoa também precisava ter uma diretriz, tinha que haver umas diretrizes para pessoa poder orientar-se, porque não tinha experiência (...)

J-É capaz de destacar alguma formação das que fez na educação e adultos?

M.J.-Aqueles seminários intensivos, não sei se de uma semana, na Aldeia das Açoteias. Acho que fui várias vezes (...) Eu lembro-me que havia todos os anos, antes de iniciar o ano letivo. Eram seminários muito interessantes para o desenvolvimento pessoal e social. Depois havia aquele convívio todo, entre professores e bolseiros (...) Valorizo muito este tipo de formação. Depois, era, sempre, uma semana bem passada, ainda mais para mim que estava em Cachopo e das poucas viagens que fazia eram a Tavira (...)

J- Para além dos Seminários, havia outros momentos de formação...

M.J.- Sim com a Etelvina. Esses momentos aconteciam regularmente, acho que eram quinzenais para falar da planificação, dos temas que íamos tratar e para recebermos as fichas (...) A princípio eu reunia com a Etelvina porque só havia aqui o meu curso, mas, depois, surgiu na Mealha, no Grainho e no Vale Odre. (...) Aqui em Cachopo, no último ano, já havia pouca gente para o curso e foi criado um curso na Mealha. E eu fui convidada para ir para esse curso. Mas, depois, surgiu uma rapariga, a Alina que estava aqui, não tinha emprego e ela mostrou- interessa em ir para Mealha e eu abdiquei (...) Eu acumularia a bolsa da Mealha com uma outra bolsa que já tinha que era a de alfabetização e de animadora no curso de tecelagem. Então ela foi para Mealha e eu fiquei com a outra bolsa. Fiquei com uma (...)

J- Explique lá melhor, M^a José

M.J.-Portanto, a Alina foi para a Mealha e eu fiquei só com uma bolsa que era para trabalhar no curso de alfabetização e para fazer o trabalho de animadora junto do

grupo da Lançadeira, que era um curso socioeducativo. Esse curso era apoiado pela educação de adultos e pela Radial (...) Eu dava apoio ao grupo de alfabetização e ao Radial (...)

J- Ao curso de tecelagem...

M.J. Sim (...) E, depois, não era bem aquilo que eu pensava, com o grupo da tecelagem as coisas não correram bem, não era aquilo que (...) Na altura, a Vitória não ficou muito contente, porque, depois, quando (...) A Priscila e o Dr. Alberto puseram a hipótese de abrir o Centro Infantil e eu, como estava trabalhar com eles, fui eu que fiz o panfleto para abrir inscrições para o Centro Infantil. Depois inscrevi-me para trabalhar lá, que era isso que eu gostava (...) E lembro-me que o Dr. Alberto de Melo e a Priscila quando viu o meu nome ficou incrédula, Então é isto que tu gostavas e não nos disseste nada? E eu, disse, Obviamente que não, se havia inscrições, eu inscrevo-me como outra pessoa qualquer e se acharem que tenho perfil, muito bem, se acharem que não tenho, não tenho. E, foi assim (...)

J- O facto da Maria José já ter trabalhado em alfabetização não terá sido uma vantagem?

M.J. – Foi, foi sim! Ser monitora de alfabetização, ter aquela experiência com as pessoas, a formação, isso ajudou muito. Também se não fosse bolseira (...) Foi através da educação de adultos que eu conheci a Radial, o Alberto e a Priscila, apesar da Vitória não ter gostado que eu tivesse passado, mas, quer dizer, eu não passei, a alfabetização estava a acabar, eu tinha que pensar na minha vida e eu era livre (risos). E, ela não gostou muito (...)

J- Voltando um pouco atrás, no último ano em que deu alfabetização foi-lhe pedido que desse apoio ao curso de tecelagem?

M.J. Sim (...) Portanto, a educação de adultos através da alfabetização, estava no terreno, o Joca sabe isso melhor que, e o Radial estava a tentar entrar no terreno e para isso houve projetos em comum com a educação de adultos (...) Depois houve ali um bocadinho, em relação ao curso de tecelagem cada um puxar um bocadinho a brasa à sua sardinha (...) Pronto, foi nesse meio que eu fui cair, por um lado estava na educação de adultos, mas queria colaborar com a Radial e por outro, lá na coordenação distrital não gostaram muito disso (...) Houve esses problemas e eu fui apanhada no meio disso. E, depois, também porque em termos da tecelagem, o grupo, em si, era complicado e um dia apercebi-me que elas cachavam que eu estava

servir-me delas para ganhar o meu dinheiro e eu não sou assim e então disse que não dava mais apoio. Foi aí que a Vitória ficou aborrecida comigo (...) Eu apercebi-me que elas queriam que, se eu estava lá eu tinha que trabalhar como elas e tinha que aprendera tecer e tinha que trabalhar com elas e não era isso que eu queria (...). O que eu ia fazer era dar apoio na formação, discutir temas, dar um outro enquadramento educativo e elas não entendiam isso muito bem(...) Assim, manifestei a minha indisponibilidade de trabalhar com aquele grupo, não era isso que tinha ficado combinado, nem era isso que eu queria ter que aprender a tecelagem. Achei que não era a minha missão ali (...) Elas achavam que eu tinha que ser do grupo e tinha que trabalhar ao mesmo tempo que elas, senão eu estava a ganhar e elas é que me estavam a dar oportunidade (risos) e, então, deixei (...).

J- Lembra-se qual a pior memória do tempo de monitora?

M.J.- Acho que foi essa fase (riso). Foi essa fase em que tive de fazer esse trabalho de animação no curso de tecelagem. Não consegui fazer o que queria e só tive aborrecimentos. Depois também fui apanhada no meio do conflito entre a Vitória e o Alberto de Melo. Lá, era um grupo um bocado complicado (...) Eu gosto de trabalhar com as pessoas, gosto, sinceramente. Depois da alfabetização, eu achei que a minha vocação era trabalhar com crianças e agora estou a trabalhar com idosos e sinto que consigo com os idosos a mesma empatia que conseguia com as crianças, felizmente (...) E que sentia no curso de alfabetização, também. Mas, esse projeto da tecelagem, não senti, não senti que era aceite (...) Não senti que era aceite, lá está, porque estava receber uma bolsa e aquilo que (riso) me propuseram para eu fazer não era aquilo que elas achavam que eu devia fazer. Inclusivamente (...) Houve um dia que eu fui lá e que alguém me disse, Olha, elas ficaram não sei quê, porque, você (...) Acho que o grupo tinha tarefas distribuídas e era uma coisa tão mesquinha, havia um dia que eu tinha também que varrer e limpar a sala. (riso). Pronto, eu pensei, Não é isto que eu quero. Não é por varrer ou limpar a sala, é a falta de sinceridade delas não chegarem ao pé de mim e dizerem, Olha, fazes parte do grupo vá lá, faz também isto. Pronto, e achei que por aí (...) Era um grupo um bocadinho complicado e aquilo acabou por acabar e só funcionou enquanto tiveram apoio e que estavam lá seguras (...) Porque a socialização ali nunca existiu, nunca se entenderam muito bem, quando acabaram os apoios dividiram-se e pronto. Ainda hoje têm processo litigioso e não era isso que se pretendia e não é isso que eu quero na vida,

não é isso que eu quero da vida, eu sou conciliadora, não sou, não gosto de confusão (...)

J- É melhor voltar à alfabetização. Lembra-se que método é que utilizava?

M.J. – Usava o método de Paulo Freire como aprendi na formação (...) Eu não usava tal qual, de vez em quando fazia adaptações. Até porque para as pessoas, era difícil implantar o método (...) o processo de aprendizagem que as pessoas tinham era diferente, e então era difícil utilizar o método na sua globalidade, tentava-se adaptar um pouco. Porque a alfabetização também era muito ir ao interesse, ou ao encontro da motivação ou do interesse das pessoas, porque senão também não se chegava lá. Se a pessoa chegasse com um método, E é assim e assim, se não houvesse uma flexibilidade, uma harmonia com aquilo que as pessoas também estavam à espera, também, era difícil, depois, em termos de grupo (...) Lá, também havia pessoas que já sabiam qualquer coisa, se calhar já tinham andado à escola e outros não sabiam nada. Havia uns e outros, tinha que haver ali uma adaptação (...) E, depois, em termos de grupo, como o grupo era heterogêneo, também, uns influenciavam um pouco os outros (...)

J- Como a Maria José fazia, acha que resultava?

M.J. –Acho que sim, sim, acho que sim, até em termos de, quer dizer, muitas vezes, as aulas eram também um processo de aprendizagem, porque as pessoas também sabem muito. E, era muito interessante, também, nos basearmos também e sermos humildes, assimilar também aquilo que as pessoas têm para nos ensinar (...)

J- Isso quer dizer que a parte da sessão que mais gostava era a primeira em que se discutiam os temas?

M.J. Sim, sim, as pessoas gostavam muito de falar (...) Escrever é que era mais difícil e depois a motivação era maior para ler que escrever (...)

J- O material que usava?

M.J.- O material era fornecido pela Etelvina, eram as fichas (...) Embora eu também produzisse o meu material. Por exemplo, por aquelas situações que surgiam, que vinham do grupo, eu tinha que produzir material inerente, para dar resposta aquela motivação. Não podíamos estar a falar de uma coisa qualquer, que eu sentia que eles estavam embevecidos naquele tema e depois apresentar uma ficha que não tivesse nada que ver com esse tema (...) Eu preparava o meu material também, e era agradável, eu gostava (...)

J- E, como é que o marido via esse trabalho?

M.J.- Sempre me incentivou e valorizou, porque, senão, eu também não conseguia. Num meio aqui, como Cachopo (...) Por exemplo, o facto de me deslocar para ir às formações, às reuniões, se não fosse a compreensão dele e a nossa harmonia, também, era difícil, não é? Tanto mais na altura em que era, ainda no fim-de-semana estava a falar com os filhos e com as noras, Parece que a vida foi sempre assim, Livre, e não foi, a situação das mulheres há trinta anos, era uma coisa (riso), uma coisa muito fechada, ainda mais nos meios rurais, como Cachopo, que era um meio fechado. Eu nunca tive esses problemas, sempre fui uma mulher emancipada (...) O meu marido também é uma pessoa com a mente aberta e mesmo ir às explicações, quer dizer, eu ia de manhã, durante três dias por semana, ia à explicação para Tavira, ia e vinha e pronto. Ele nunca me pôs nenhum entrave. Essa explicação era para eu ir fazer os exames ao Liceu (...) Mas, ele, antes de casar comigo, já sabia que eu era assim, que era uma pessoa que queria aprender (risos)

J- Ainda sobre o método. A Maria José não teve muitas dificuldades no seu uso, porque as pessoas reagiam bem...

M.J. Sim, não, não era propriamente (...) Havia uma homogeneidade no grupo que proporcionava que as coisas fluíssem com naturalidade (...) Durante todo o tempo não tive grandes desistências, não tive pessoas que dissessem, Olha isto não me interessa para nada e eu vou deixar de cá vir. Não, isso nunca aconteceu (...)

J- Nunca teve dúvidas, ou dificuldades?

M.J.- Ah, sim, de vez em quando essas dúvidas surgiam (...)

J- O que fazia?

M.J.-Esperava pelas reuniões quinzenais e falava nisso com a Etelvina. Mas, outras vezes, também lhe telefonava ou ela me telefonava. Também, ela vinha cá a Cachopo, todas as semanas, vinha muitas vezes (...)

J- Considerava o trabalho da Etelvina importante?

M.J.- Sim, sem dúvida. A pessoa se estiver sozinha, para trocar ideias precisa de alguém., precisa de orientações Sim era importante a ajuda que ela dava e sentirmos acompanhados (...)

J- Qual é a importância que atribui ao trabalho de alfabetização que foi feito aqui em Cachopo?

M.J. Foi importante, foi muito importante em termos de aprendizagem e de

socialização, Quer dizer, advinha daí, depois, reuniões, momentos de convívio, de animação (...) tudo isso, era muito importante para a comunidade. A alfabetização servia para haver outras ações na comunidade, lembro que houve teatro, música, cinema que se fazia na junta de freguesia para as pessoas do curso mas que eram abertas a toda a população. Isso era bom, porque em Cachopo nunca acontecia nada, ninguém organizava coisa nenhuma e a partir daí passaram a haver uma atividade ou outra, de vez em quando (...) Eu lembro-me que as pessoas, vinha por exemplo uma animação de fora e as pessoas mobilizavam-se, punham o lanche e havia uma interação. Lembro-me que isso acontecia (...). E, na altura, também, a Junta de freguesia era um grupo aberto e dinamizador, com uma mente, não diria progressista, mas sim, para a época era, sim, com vontade (...) Isso ajudou muito à alfabetização e a outros aspetos, se nós formos ver, mesmo na implantação de projetos. Nós tivemos aqui em Cachopo o primeiro Centro Infantil a nível das freguesias do concelho, o primeiro Centro de Idosos, também, parece-me que foi dos primeiros a abrir nas freguesias do concelho e havia uma abertura para novas iniciativas e havia quem puxasse estas coisas para a terra (...) O papel da Junta de freguesia foi muito importante aqui para Cachopo (...)

J- A alfabetização terá ajudado a abrir as mentes das pessoas?

M.J. – Sim, acho que sim, uma coisa leva à outra. Num sítio onde não acontece nada ou que as pessoas se fecham em si próprias, portanto, aquilo era para a época, muito importante para as pessoas saírem da casca (...) foi importante como processo de socialização (...).

J.- Há pouco falava na razão porque deixou de ser monitora de alfabetização...

M.J.- Deixei porque deixou de haver alfabetização em Cachopo. Quando surgiu depois o projeto de animação infantil, foi quando já não estava a alfabetizar (...) Nessa fase, ainda tinha a bolsa, mas para dar apoio à implantação do curso de tecelagem (...)

J- Teve pena de deixar a alfabetização?

M.J. – Como hei de dizer, as pessoas que estavam motivadas aderiram, depois, quer dizer, pena (...) acho que o projeto se esgotou (...)

J. Mas ficou com saudades desse tempo?

M.J.- Quer dizer, tudo o que eu fiz na vida eu me entreguei e sim, gostei (...) mas, não deu para ficar com grandes saudades porque parti para outro projeto e gostava

muito de trabalhar com crianças (...) Tive um processo progressivo e que, pronto, não me ficou um vazio. Talvez se não tivesse seguido esse trajeto, hoje não estaria aqui (...) Depois, na altura, eram os filhos que iam estudar e eu, possivelmente, teria organizado a vida por outro lado, de outra maneira (...)

J- No curso, a M^a José tinha uma boa relação com as pessoas?

M.J.-Eu acho que sim, não sei se estou a ser pretensiosa, mas acho que, se as pessoas iam e se nós tínhamos essa interação e se nos dávamo-nos tão em e se havia essa abertura entre todos, eu penso que era porque eu agradava às pessoas porque, senão, não teria conseguido fazer o que fiz (...) Eu era uma pessoa da comunidade que estava com elas (...)

J- Ser uma pessoa da comunidade era importante?

M.J.- Sinceramente não sei (...) acho que pelo percurso que tive, acho que sim acho que as pessoas me aceitaram bem. Agora sendo uma outra pessoa de fora que viesse, não sei (...), não sei, poderiam até ter valorizado mais, não sei. Eu lembro-me que ainda, por exemplo, depois entraram as outras bolseiras, a Guida, ainda fui ajudar à Guida ao Grainho (...) Ainda fui com ela dar aulas, nesse ano que ela começou eu fui ajudá-la (...)

J- A Maria José funcionava como um apoio à coordenadora concelhia, ajudando as bolseiras novas?

M.J. (riso) Sim, como tinha mais experiência e elas eram mais jovens. Ajudei-as muitas vezes, sim. E, em termos de preparação de material e tudo isso (...)

J- Encontravam-se aqui em Cachopo?

M.J. Sim, ela é daqui e nós dávamo-nos (...)

J- E dava-se com a outra bolseira que foi para a Mealha?

M.J. Dava-me. Com a Alina também me dava, não lhe estou a dizer que houve (...) que a Alina ficou, eu já tinha aceiteado as duas bolsas, aqui e para dar apoio na Mealha, ar aulas à Mealha e ficar aqui. E, ela ficou um bocado constrangida porque a sogra é que foi pedir então sei quê, foi um processo assim, e depois ela veio pedir-me desculpa, Mas não tens que me pedir desculpa, fica para ti, fica para ti, eu tenho esta e chega (...) Continuamos amigas (...) Ela tirou o curso de professores em Faro (...)

J- Sim, foi minha aluna no 2º ano do curso de professores do 1º e 2º ciclo do ensino básico (...) Vamos continuar. A M^a José acha que teria sentido continuar a haver alfabetização aqui em Cachopo?

M.J. Pois, se se esgotaram as pessoas, aqui há uma população já muito idosa e já naquela altura, já não havia pessoas motivadas para tal, pronto. O que havia a fazer, foi feito. Acho que sim, acho que se esgotou mesmo (...) O que continuou foi o curso da tecelagem, das malhas, pronto, esse tipo de cursos ainda continuou algum tempo e depois acabou (...)

J- O Centro Paroquial desenvolve algum tipo de atividades com as pessoas ou é só a assistência aos idosos?

M.J.- Como é que hei de dizer, é só assistência aos idosos, dão catequese às crianças, fazem formação interna, mais nada (...)

J- No seu percurso de vida, há alguma coisa que mudaria se pudesse?

M.J. Não, não, quer dizer, teria investido mais na minha formação pessoal, antes de começar a trabalhar (...)

J- Mas, já que não teve oportunidade em jovem, a alfabetização deu-lhe essa oportunidade, certo?

M.J. Sim, sim, essa bolsa ajudou, ajudou, porque realizei o sonho de ter pelo menos o curso geral dos liceus e depois foi uma porta aberta para o que fiz a seguir (...)

J- Estamos no fim desta entrevista. A Maria José lembra-se de alguma estória interessante que se tivesse passado no curso de alfabetização?

M.J. Devem ter havido montes de estórias (...) Lembro-me que fizemos o levantamento das tradições, da gastronomia, das mezinhas, dessas coisas todas, que alguém deve ter. E, eu tenho pena de ter entregue e não ter ficado com nenhum cópia. Tenho muito pouca coisa e acho que isso foram momentos ricos de recolha de património. Na altura, a pessoa não pensa bem, eu recolhi e passei, dei à coordenadora (...)

J- Uma das atividades que se realizavam no âmbito da alfabetização era o turismo social. Lembra-se?

M.J. Sim, nós saíamos, fizemos várias visitas. Olhe, lembro-me, ainda tenho uma fotografia, que há pouco tempo o meu filho (...) no castelo de Beja (riso). Sim saíamos todos os anos, as pessoas gostavam muito, era também uma forma de quebrar o isolamento das pessoas que nunca saíam daqui para fora. Há vinte e cinco anos atrás, as pessoas estavam aqui um bocado isoladas, não havia grandes possibilidades. A educação de adultos era uma maneira de proporcionar, de organizar saídas (...)

J- Acabou a alfabetização, esgotou, não há história de continuidade, a nossa entrevista também chegou ao fim

M.J. – Quer dizer, depois já tem havido, como por exemplo, houve oportunidade, fizeram o 2º ano, aqui, de adultos. Ainda tem havido, agora, estou me a lembrar, até em termos de cursos de informática, sim, que foi, cursos de informática que foram implantados, também, através do Centro Paroquial, si, estou me a lembrar, Aqui há uns dez anos que houve essa interligação. Esse curso foi nas Escola (...) Também fizeram, aí o 9ºano, em termos de adultos (...)

J- Promovido por quem?

M.J.- Promovido pela Direção Geral de Educação. Este de informática foi em parceria com o Centro Paroquial e Instituto de Emprego.

J- O Centro Paroquial é o polo dinamizador de Cachopo?

M.J. Não, foi esporádico, foi esporádico. Sim, acho que o 9º ano e tudo isso (...) Seria em parceria com o Centro de Emprego e a Direção Regional de Educação? Já não me lembro. Estou falar de há dez, doze anos, de pessoas que fizeram o 9º ano (...) Havia aulas noturnas aqui na Escola. Era organizado pela Direção Regional, acho eu. E, o curso de informática, sim, foi uma parceria como Centro Paroquial, instituto de Emprego e Direção Regional de Educação.

J- Acabou por aí?

M.J. Pois, deixou de haver jovens e crianças, não há escola não há nada, só idosos e pouco mais, é uma comunidade que está a envelhecer a olhos vistos (...) Jovens, só os da minha geração, na casa dos cinquenta, sessenta (riso), somos os mais jovens. Quantos casais há aí mais novos que eu? Muito poucos (...)

J- E aqui há emprego?

M.J. No Centro Paroquial e pouco mais, não há nada. Olha, por exemplo, o marido da Guida trabalhou lá em baixo, numa Empresa que fazia parte do Grupo Hubel, depois, deixou de fazer, ficou desempregado. Ia e vinha todos os dias, agora trabalha aqui em Cachopo, trabalha no comércio. Sim, mas, é muito pouco (...)

J- Obrigadíssimo Maria José

Transcrição da Entrevista da Margarida

J-Vamos recuar no tempo. A Margarida foi bolsreira de Alfabetização no tempo do PIDR. Como foi essa experiência? Que significado lhe atribui?

M- Aquilo foi um tempo muito enriquecedor, foi uma experiência muito engraçada, mais quando eu estive no Grainho. Portanto, eu estive no Grainho e Vale de Odres. Só que no Grainho foi uma experiência diferente, gostei muito. Eu tinha um grupinho de pessoas assim, eram aí umas quinze pessoas, dezasseis pessoas. E havia lá, por volta de umas cinco, seis pessoas que tinham muita cultura, eram pessoas muito sábias que eram muito ricas em contar histórias, as coisas da vida deles. Eram homens que já tinham andado à escola, sabiam ler e escrever, não sabiam muito, mas sabiam. Não tinham a 4ª classe, mas sabiam qualquer coisa. E eu costumava dizer que eles é que me ensinavam a mim. Eu aprendia mais com eles do que eles comigo. Eram pessoas que tinham muita necessidade de falar, de contar coisas e o mais engraçado é que as outras pessoas também gostavam muito de as ouvir, tinham muito respeito por elas (...) Todos, todos se respeitavam muito naquele lugar. Era engraçado que aquela gente era muito bem educada, podiam não saber ler e escrever, mas eram todos muito bem educados, nunca havia uma palavra desagradável, um palavrão, nada (...) Quando tínhamos de fazer textos, um texto de português, não é?, eu combinava com essas pessoas, para eles trazerem um texto deles para a gente depois poder trabalhar em grupo. Penso que foi uma experiência muito rica, foi bom para as pessoas e também foi muito bom para mim, tenho saudades desse tempo. Adorei, gostei muito (...) Acho que, como é que hei de dizer, as pessoas também gostaram, também adoraram trabalhar comigo. Ainda hoje sou amiga delas. Fiz boas amizades com aquelas pessoas, sempre que me vêm eu sinto que gostaram de mim. Era gente muito boa. Inclusivamente, hoje estou um pouco triste porque faleceu um senhor que tinha sido meu aluno nessa altura (...) Fique amiguíssima deles e ainda atenho um senhor que é o Sr. Iria que sempre que vem a Cachopo vem à minha procura ao Lar para me falar, para falar comigo, que se lembra dos tempos do Curso e gosta de falar nisso e depois recorda-se de coisas que aconteceram, é uma pessoa muito engraçada e muito bem-disposta (...) Foi uma experiência muito rica (...)

J- Quantos anos esteve a Guida no Grainho?

M- No Grainho estive aí uns dois anos e um ano no Vale de Ode, foi depois no Vale

de Oudre (...) Gostei mais do Grainho, sem comparação. As pessoas eram muito diferentes, o grupo era mais rico, mais participativo e depois também estive lá mais tempo (...) Fiz um trabalho muito melhor, foi pena não ter continuado, porque houve pessoas que melhoraram muito (...)

J- Chegou a levar alguma pessoa a exame?

M- Sim, fomos a Tavira, sim, foi uma festa, as pessoas nunca mis se esqueceram (...) Foi um dia especial para elas e também para mim. Ainda me recordo desse dia (...)

J- Quantas pessoas levou a exame?

M- Levei cinco pessoas, passaram todas (...) Fizeram muito boa figura que eu fiquei toda vaidosa (...)

J- Cinco pessoas, foi muito bom.

M- Sim, inclusive levei a exame uma pessoa que andava no curso e era do Monte da Ribeira. Ele queria entrar para a Câmara mas não conseguia porque não tinha a 4ª classe e foi para o curso. Era muito aplicado (...) Levei-o a Tavira e fez o exame. O homem não cabia de contente (...)

J- E conseguiu entrar para a Câmara?

M- Conseguiu, conseguiu (riso). Guardo muito boas recordações desse tempo. (...) Fiquei assim um pouco nervosa porque aí a Etelvina mandou-me fazer uma parte do exame (...) E eu fiquei em choque, mas correu tudo bem (...)

J- A Guida nessa altura era muito jovem

M- Tinha aí uns vinte anos (...)

J- Era muito jovem (...)

M- Pois (...)

J- Lembra-se como é que surgiu como bolseira de alfabetização?

M- Sim, lembro-me bem, houve inscrições na Junta de Freguesia de Cachopo e depois nós fomos inscrever. Depois, foi a partir daí que fui escolhida (...)

J- Foi o Sr. José do Seixo que era o presidente que fez a escolha ou a Etelvina também participou?

M- Não, a Etelvina não, foi o presidente da Junta que fez a escolha (...)

J- A Guida aceitou ir para o Grainho sem ter qualquer experiência. Conte lá como foi essa experiência.

M- O Grainho era muito longe, fica num vale mas o caminho era muito mau. Para lá é sempre a descer que até assusta. Agora a estrada está melhor, mas naquele tempo

era terra batida e com buracos. Não era fácil lá chegar, só uma pessoa que conhecesse bem o caminho (...) No primeiro ano ia de táxi (riso). Aquilo de Cachopo ao Grainho são aí uns oito, dez quilómetros, é longe (...) Então no primeiro ano ia de táxi, o Sr. Vicente ia levar-me e depois ia buscar-me. Tinha vezes que ele esquecia-se de mim lá (riso). E eu lá ficava à espera, à espera, à espera, não havia telemóveis (...) Mas, depois, lá vinha ele, nunca me deixou lá. Às vezes demorava muito mas ia sempre buscar-me. E quando ele se demorava, eu ficava com as pessoas no curso, ficávamos conversando ou ficávamos trabalhando mais um pouquinho (...) Ficava sempre acompanhada, porque a maior parte das pessoas não saíam enquanto eu não me fosse embora, ficavam lá comigo. Via-se que elas gostavam muito daquilo (...) No segundo ano, já não ia de táxi, ia na carrinha da Câmara. Eles iam levar os miúdos da Escola, lá não havia Escola a carrinha da Câmara de manhã ia buscá-los e ao fim d atarde ia levá-los a casa. Era aí que eu ia, chegava sempre mais cedo do que a hora do Curso e ficava a falar com as pessoas (...) Eles saíam às 6 h da Escola e depois eu ia logo com o senhor da Câmara que os iam levar, com o motorista. Eu chegava lá aí uma meia hora antes do Curso e eles diziam “ Hoje vem para minha casa”, eu ficava na casa deles, umas vezes numa outras vezes noutras à espera da hora do Curso. Era durante esse tempo que a gente conversava e sabia da vida daquelas pessoas todas, falavam muito comigo, confiavam muito em mim (...) Foi por isso que eu convivi mais com essas pessoas (... Até muitas das vezes ia dar com elas às hortas. Chegava, ainda era cedo, ia ter com elas. Por isso é que eu digo que foi mais (...) que eu tive uma grande proximidade com aquela gente do Grainho (...)

J- Eu fui uma vez coma Etelvina visitar o Curso, era na casa de uma pessoa?

M- Era, era na casa da senhora D. Maria Antónia porque lá não havia Escola e esta senhora quando fizemos o levantamento do analfabetismo e abrimos inscrições para o curso, esta senhora ofereceu logo a casa (...) No Vale de Odre também era na casa de uma pessoa. Acho que a maior parte dos cursos na serra eram na casa das pessoas. Quando não havia Escola era na casa das pessoas. Havia sempre alguém que oferecia a casa (...)

J E como era no Grainho? As pessoas levavam a cadeirinha de casa?

M- Na casa da D. Maria Antónia havia umas mesas que tinha lá em casa, agora as cadeiras acho que eram as pessoas que levavam da sua casa (...) Mas tínhamos umas mesinhas (...) Toda a gente se acomodava (...) As pessoas gostavam muito de ir ao

curso, iam sempre, sempre. Era muito raro alguma faltar, só se estava muito doente, mas senão, iam sempre. Aquilo era muito importante para elas, sair de casa, conviver. Quando se habituaram não queriam outra coisa. Depois, também acho que gostavam de mim e isso ajudava muito (...) Havia pessoas lá do lugar que não estavam inscritas no Curso e também iam. Algumas, umas vezes iam outras, agora as que estavam inscritas iam sempre (...)

J- A Guida lembra-se como é que dinamizava as sessões de alfabetização? Utilizava os que tinha aprendido na formação ou como é que era?

M- Eu tinha que ensinar, bem, nós aprendemos na Formação, mas, muitas das vezes fugíamos aquilo que nos tinham dito porque tínhamos que ensinar conforme as pessoas sabiam (...) Tínhamos que fazer como elas tinham aprendido. A gente começava a conhecê-las, começávamos a ver o que é que elas sabiam, como é que tinham aprendido, as dificuldades que tinham em fazer isto ou fazer aquilo. Tinha de ser eu própria a adaptar-me à maneira como elas sabiam e depois tentar motivá-las. Aquelas pessoas eram todas diferentes, umas sabiam mais outras sabiam menos e havia algumas que não sabiam quase nada, não eram capazes de ler uma palavra. Com essas, era ainda mais difícil motivá-las, com as outras não. Elas queriam aprender e aprendiam (...)

J- Havia gente que tinha andado à Escola e havia iniciantes, era isso?

M- Era, havia umas quantas que sabiam qualquer coisa, outras já sabiam mais um bocadinho, mas havia muitas que estavam a começar do zero. Essas nunca tinham andado à Escola, com essas pessoas era mais difícil (...) Eu tinha (...) Com aquelas pessoas que depois fizeram a 4ª classe, eram pessoas que já tinham 2ª classe, tinham andado à Escola e depois desistiram, tiveram que ir trabalhar com os pais porque havia muita miséria na serra e a maioria das pessoas não tinha andado à Escola. (...) Tinham para aí a 2ª classe, mais não, 3ª não, que elas tinham muita dificuldade em ler e escrever- Agora estas pessoas tinham também era mais facilidade em falar. Elas gostavam muito de falar e isso era bom para mim, porque facilitava muito (...) Quando discutíamos algum tema, elas estavam sempre prontas a dar opinião e isso ajudava também as outras a dizer alguma coisa. É engraçado porque ali ninguém tinha vergonha, como toda gente se dava muito bem, ninguém tinha medo de falar ou de dizer o que pensava (...)

J E com os iniciantes a Guida tentava fazer como aprendeu na Formação?

M- Sim, com esses, eu fazia como tinha aprendido na Formação que era a única maneira que eu sabia. Eu também tinha aquelas reuniões com a Etelvina e ela ensinava como tínhamos aprendido na Formação. A Etelvina entregava as fichas e explicava como é que devíamos fazer com os iniciantes e eu tentava. Era um bocado difícil (...) Às vezes não fazia como a Etelvina dizia, tentava adaptar aquilo que era mais fácil para mim e para as pessoas (...) Eu, também, durante o dia, não tinha que fazer, muitas das vezes, (...) Então preparava eu as minhas fichinhas, coisas assim para eles (...) Também reunia muitas vezes coma Etelvina para preparar material, mas para além desse material que fazíamos em conjunto, eu, a Maria José, a Alina, eu também preparava o meu material (...)

J- E as pessoas gostavam da forma como organizava as sessões?

M- Gostavam, gostavam (...) Certas pessoas que foram de início, pronto, eram pessoas de idade, tinham mais dificuldades em aprender a ler, mas todas aprenderam a fazer o nome (...) Queriam muito aprender a fazer o nome e eu levava horas e horas a ensinar apegar na caneta e a desenhar as letras. Quando conseguiam, ficavam todas felizes. Tinham muita dificuldade em pegar no lápis ou na caneta (...) Isso para elas já era muito. Tenho uma senhora que está agora ali no Lar que está sempre a dizer "Sei fazer o nome por causa tua, tu é que me ensinaste e nunca mais me esqueci". As pessoas ficavam muito satisfeitas quando conseguiam qualquer avanço, quando conseguiam escrever o nome ou mesmo quando conseguiam ler uma palavrinha simples (...) Elas aprendam, o problema é que depois esqueciam-se outra vez. A gente repetia, repetia, mas coitadas, depois acabavam por esquecer. Algumas ainda aprendiam qualquer coisa, outra era mais difícil (...) Mas o mais importante de tudo não era o aprender a ler ou a escrever o nome, o mais importante eram aqueles momentos de convívio, as conversas, as histórias que contavam (...) Para algumas daquelas pessoas aquele era o melhor bocadinho do dia. Falavam de tudo (...) E eu também ajudava porque essa era uma forma de aprender. Não eram só os temas que eu levava que eram importantes, as conversas delas sobre as coisas da vida delas também era importante falar (...) Inclusive havia lá um senhor que (...) Para além da alfabetização também fizemos recolhas de tradições, mezinhas, provérbios, contos, coisas dessas assim (...) Esse senhor adorava ler o jornal. Eu comprava (...) Eu pedia ao meu marido, como trabalhava em Faro, para me trazer jornais revistas. Eu, depois, levava para o curso. Esse senhor pedia-me sempre e eu levava para ele ler. Quando

fizemos as recolhas, esse senhor pedia-me os contos e as mezinhas e levava para casa para copiar para um caderno que ele lá tinha. Ainda gostava de estar com o senhor Iria porque depois perdi isso, eu não fiquei com nada disso e gostava de ter (...) Ainda há tempos falei com a minha colega Maria José sobre isso e ela também não ficou com nada. Ainda hei-de pedir ao Sr. Iria se ele ainda tem esse livrinho com essas recolhas (...) Às vezes, encontro nos meus papéis textos, fichas e papéis de coisas que eles faziam (...)

J- Sentia dificuldades em organizar e dinamizar as sessões?

M- Logo ao princípio sim, não sabia o que me esperava, era muito jovem e não tinha experiência nenhuma. Depois, no Vale Odre não, lá no Grainho as pessoas é que me ajudavam, como eu já disse havia lá pessoas com muita cultura. Certos temas, eles sabiam mais do que eu e eles próprios é que davam andamento à conversa e falavam sobre os temas. Eu, muitas vezes, dizia-lhes, “Falem à vontade porque vocês sabem disso mais do que eu, viveram essas experiências, expliquem lá”, então era assim uma forma em que todos entravam na conversa, todos a darem o seu testemunho. Sobre isso eles sabiam mais do que eu (...)

J- A Guida era uma jovem, sem indiscrição, em que ano nasceu

M- Em 1962

J- E quando foi para Vale do Odre, ainda foi no tempo da Etelvina?

M- Não, isso já foi no tempo da Maria João, a Etelvina já tinha deixado de ser coordenadora concelhia (...) Só estive lá meio ano, porque depois tive o meu filho e deixei o curso. Depois também já não voltei à alfabetização, porque, entretanto, os cursos foram acabando (...)

J- Então conte lá como foi?

M- Quando estava no Grainho, no final do segundo ano engravidei e como o caminho era muito mau, com muitas curvas, no outro ano já não fui para o Grainho, puseram-me em Vale de Odre que era mais perto e também havia gente para um curso de alfabetização. Quando saí do Grainho ainda colocaram lá uma outra bolseira, mas as pessoas não gostaram, parece que aquilo não correu bem e o curso acabou (...) No Vale de Odre ainda estive lá meio ano, mas comecei a passar mal e acabei por desistir e esse curso também acabou, acho que não havia ninguém para ir para lá (...)

J- Guida, já fiz esta pergunta à Maria José, Que importância teve para si ser bolseira

de alfabetização?

M- Olhe, nessa altura teve muita importância, foi o primeiro trabalho que eu fiz, ainda nunca tinha trabalhado na vida, nunca tinha tido uma experiência assim e então, para mim, foi importantíssimo (...) como é que hei de dizer, sentia-me útil, sentia-me realizada, sentia-me bem por poder ajudar outras pessoas a aprender (...)

J- E a bolsa de dez contos ?

M- Eh, é sempre importante não é, era o meu primeiro ordenado, sempre era um ajuda, mas, era muito mais importante fazer alguma coisa de útil e conviver com aquelas pessoas (...) Isso era o mais importante para mim, estrar ali com aquelas, aprender também outras coisas, ser respeitada (...)estar ocupada, passar as tardes a preparar aquelas coisinhas para levar para o curso (...) Pronto foi um sonho assim (...) Nós temos sempre aqueles sonhos quando somos mais jovens, eu queria ser professora primária (riso) (...) Tinha esse sonho e isso veio completar um bocadinho aquela tristeza de não poder tira esse curso, aquilo veio completar essa curiosidade de ser professora, esse desejo (...)

J E porque é que não fez como a sua amiga Alina que era bolseira e foi para Faro tirar o Curso?

M- Eu, por acaso, também me fui inscrever com a Alina, para o 12º ano. Fomos as duas a Tavira, porque eu fiz até ao 11º ano, depois já não fiz o 12º. E ela também não tinha feito o 12º. Ela foi fazer o 12º ano e depois foi para a Universidade. E, eu ia fazer com ela, só que ela ficava na casa da mãe em Tavira e para mim era mais complicado (...) casada, já com uma criança, o meu marido trabalhava em Faro ia e vinha (...) os meus pais não tinham condições económicas para me ajudar (...) Eu ainda me fui matricular, ainda andei um tempo com ela, mas depois, era muito cansativo andar de autocarro de cá para lá (...) Não dava (...) Depois, quando acabasse o 12º ano, vir para Faro, teria ficar lá, com um filho pequeno, o meu marido tinha um ordenado pequeno (...) Foi um sonho que não consegui realizar e acabei por ficar em Cachopo (...) Mas, depois foi compensado porque fui trabalhar para o Centro Infantil, estive lá vinte anos (...)

J Guida ainda antes de irmos ao Centro Infantil, queria voltar um bocadinho atrás e perguntar Quantas sessões de alfabetização havia por semana?

M- Pois, eram todos os dias de segunda a sexta. Era a semana inteira menos o fim-de-semana. (...) Foi como se tivesse tirado um curso lá, aprendi tanta coisa (...)

J- A princípio foi mais complicado como já disse, mas a Guida teve Formação?

M- Sim, a primeira foi na Aldeia das Açoteias e depois em Tavira (...) Isso era muito importante porque nós juntávamo-nos e aí, eu falava das minhas experiências, os outros bolsеiros falavam das experiências deles, “e eu faço assim”, “e eu faço assim” e, pronto, trocávamos ideias que ajudavam muito no nosso trabalho porque dava para a gente pensar naquilo que fazia e como é que podia fazer de outra maneira (...) Aqueles encontros eram muito interessantes, e eu gostava, gostava muito, era um fim-de-semana diferente em que se conhecia outros bolsеiros, se conhecia gente nova e depois o ambiente era bom (...) Era um tipo de formação que eu não conhecia, mas gostei muito (...)

J- E o papel da Etelvina, a coordenadora?

M- Era muito importante, nós tínhamos uma relação muito boa com ela e era uma ajuda muito grande. Ela dava-nos material, dava fichas e depois explicava como é que devíamos tratar aqueles temas (...) reuníamos muitas vezes com ela, falávamos do nosso trabalho, das dificuldades que tínhamos e ela estava sempre pronta a ajudar-nos (...) Ela tinha um papel muito importante e quando ia aos cursos as pessoas todas a conheciam (...) Eu gostava muito da Etelvina, nunca mais a vi (...)

J- Naquele processo o que foi mais importante para si? O que guarda melhor memória?

M- As melhores memórias (...) Pronto, tudo foi importante, mas o mais importante foi ver aquelas pessoas que não sabiam pegar num lápis e depois já consegui fazer o nome. Pronto, era importante levar as pessoas a exame, a fazer a 4ª classe, a atingir aquele objetivo que tinham quando foram para o curso, mas penso que o mais enriquecedor foi ver a alegria daquelas mulheres que começaram de início e depois aprenderam a escrever o nome, a ler umas palavrinhas (...) As pessoas ficavam tão felizes quando conseguiam ver que tinham conseguido mais qualquer coisa (...) Porque esses avanços eram o resultado do meu trabalho e eu quando os via felizes também ficava feliz, era sinal que tinha valido a pena (...) Aqueles que quando foram para o curso já sabiam alguma coisa foram aprofundando aquilo que sabiam, aqueles que ainda não sabiam nada, eu penso (...) Pronto, a alegria que eles tinham quando iam assinar o nome, davam muito valor a isso. Quando chegavam à noite ao curso diziam “ Olha, hoje fui assinar o meu nome e já fiz sozinha, não foi preciso copiar” (...) Isso, a pessoa depois sente-se realizada. Eu ficava toda orgulhosa

quando as pessoas diziam isso, porque às vezes, também diziam “ Se não fosse a menina Guida não tínhamos aprendido a fazer o nome” (...)

J Para si, não devia ser fácil trabalhar com iniciante e com pessoas que já conheciam algumas letras?

M- A princípio achava muito complicado, mas a Etelvina também me ajudava muito. Ela ensinou-me a trabalhar com os dois grupos ao mesmo tempo. Enquanto uns faziam um trabalho eu estava com os outros (...) Lembro-me que, quando começava era com todos. A gente discutia um tema e quase toda a gente participava. Depois, aqueles que já sabiam qualquer coisa davam menos trabalho, dava-lhes uma ficha ou um texto pequenino e eles ajudavam-se uns aos outros. O grupo era muito unido. Com aqueles que tinham começado de princípio eu passava mais tempo com eles (...) Era com esses que eu utilizava as tais fichinhas que fazia em casa. Levavam muito tempo para fazer as coisas, mas estavam sempre a pedir ajuda (...) Aquilo só foi difícil princípio, depois não (...) Com os outros eu conseguia trabalhar mais facilmente, com estes, não, eles precisavam de muita atenção, muita atenção, enquanto os outros já seguiam o meu trabalho. Estes estavam sempre “ Guida anda cá e Guida venha cá e Guida assim e Guida assado” (...) As pessoas queriam muito a minha presença, queriam muita atenção (...)

J- Esse é o ponto importante. Essas pessoas idosas requerem sempre muita atenção, não?

M- Sim, como é que hei-de dizer, muitas delas, muitas vezes, ainda hoje (...) Está ali no Lar um senhor que é o Sr. Virgílio que é do Vale de Odre que dizia “ Ah! Ela anda sempre atrás das escolhidas” Não eram as escolhidas, eram as pessoas que precisavam que tinham mais dificuldades e que estavam sempre a chamar por mim, elas queriam mais apoio. Por exemplo, para ir mais além e porque viam os outros que já sabiam mais qualquer coisa, elas diziam “ A gente também aprende, mas precisa de mais ajuda” E assim tinham mais motivação (...) Haver no grupo pessoas que sabem mais também ajuda porque entusiasmo as outras que sabem menos e querem avançar mais, querem saber também , como as outras (..) Era engraçado, ver as pessoas todas entusiasmadas (...)

J Isso é muito interessante porque os que sabiam mais acabavam por desafiar os que sabiam menos!

M- Era engraçado porque quando a gente íamos para o Curso, pareciam umas

criancinhas que iam para escola. Lá iam elas com um saquinho de plástico, com o lápis, a caneta, as coisinhas delas e as fichinhas que eu lhes dava para fazer em casa (...)

J- Trabalho de casa?

M- Sim. As fichinhas que lhes dava para levar para casa, eram elas que queriam, que pediam para lhes dar (..) Eram essas tais fichinhas que eu fazia para essas iniciantes, os outros não. O grupo que já sabia mais não levava trabalho para casa, os outros que iniciavam queriam. E, então era engraçado que lá vinham com o seu saquinho (risos).

J- A Guida sentiu pena de deixar o curso do Grainho?

M- Ai sim, tive muita pena porque já tinha muita amizade com aquelas pessoas (...)
Foi um desgosto. Ainda hoje sinto muita amizade por algumas daquelas pessoas que ainda são vivas (...)
Criei boas amizades e eles também, ficaram meus amigos e as próprias pessoas ficaram mais amigas. Aqueles dois anos, ali juntas fez com que ficassem mais unidas, mais amigas. De certeza que a vida no Grainho ficou diferente depois do Curso (...) Isto não quer dizer que no vale de Odre também não tivesse criado amizades, mas, como digo, no Grainho foi muito diferente (...) Aquilo foi uma experiência única que foi muito importante para mim e que gostei muito (...) aquilo era como uma família para mim, eu chegava lá mais cedo e as pessoas diziam venha jantar comigo, venha lá a casa. Era assim, a gente juntávamo-nos (...) É engraçado, que às vezes juntavam-se, faziam um bolinho, levavam comida e, depois no final, combinávamos, uma vez por semana, fazíamos um lanchinho entre todas. Cada dia era uma que fazia o bolo. Já no Vale de Odre não era assim, não havia aquele sentido de grupo, já era diferente (...)

J- Qual a opinião do marido da Guida sobre este trabalho de alfabetização?

M- Ele apoiava, às vezes até era ele que me ia buscar ao Grainho . Logo no 1º ano ele ia buscar-me ao Grainho e eu dizia ao Sr. Vicente, “Olhe, hoje não precisa vir buscar-me que o meu marido vem”. Ele ia buscar-me que era para eu chegar mais cedo a casa porque o Sr. Vicente às vezes atrasava-se com o táxi” (...)

J- Lembra-se que é que pagava o táxi?

M- Era a educação de adultos que pagava, era a Etelvina que todos os meses, quando nos dava o cheque à gente, também dava ao Sr. Vicente (...)

J- A Guida acha que a alfabetização ajudou a melhorar a vida daquelas pessoas?

M- Sim acho que sim. Houve aquele senhor que depois de fazer o exame da 4ª classe

foi trabalhar para a Câmara, mas, mesmo as outras, acho que foi muito bom para elas. Não foi só para aquelas que fizeram a 4ª classe, toda a gente aprendeu coisas novas e também foi um tempo em que via-se que viviam mais felizes. O curso fazia muito bem aquelas pessoas, aqueles momentos na sala de aula, o convívio, o lanchinho à sexta-feira, isso foi muito importante. Eu sei que aquelas pessoas tiveram muita pena do curso acabar, muitas delas, pediram-me para voltar, mas já não podia ser, já não havia dinheiro para os bolseiros e aqueles cursos acabaram todos. Tenho a certeza que se eu voltasse, aquela gente voltava ao curso (...)

J- Acha que o curso foi igualmente importante para os tais dois grupos?

M- Sim, isso foi. Uns fizeram a 4ª classe, aprenderam muito mais coisas, mas para os outros foi uma experiência igualmente rica (...) Como hei-de dizer, era o esperar, acho que o que as pessoas gostavam mais era aquele fim de tarde, era passar ali aquele tempo (...) Elas esperavam pelo Curso, sabiam que ao fim do dia iam ter o curso, iam poder estar todas juntas e poder conversar (...)

J O que acha de terem acabado estes cursos na serra?

M- Foi uma pena. Isto era muito importante para a vida das pessoas. Ajudava-as a passar o tempo, a não se sentirem tão sozinhas porque algumas delas viviam sozinhas, algumas mulheres eram viúvas e aquilo fazia-lhes muito bem (...). O curso, o convívio, era a amizade, era para falar sobre as experiências que elas tiveram quando eram novas, inclusivamente elas gostavam de falar (...) contar histórias, “Quando eu estava grávida era assim e assim”. As pessoas ali eram muito abertas, não tinha vergonha de falar das suas vidas, mesmo na frente dos homens” (...) Se houvesse um centro de convívio as pessoas podiam conviver, podiam partilhar as suas ideias, mas, naquele tempo não havia nada, o curso era onde as pessoas podiam estar umas com as outras (...) O que era a vida delas, elas viviam para a horta, viviam para a sua comidinha, mais nada, não iam falar de certos assuntos com a vizinha, viviam numa grande ignorância, por isso é que gostavam de ir ao curso (...).

J- A Guida lembra-se como é que surgiam os temas que eram discutidos na sala?

M- Muitas das vezes os temas eram propostos pelos próprios textos que nós levávamos preparados e outras vezes, este senhor Iria, muitas das vezes, era o elemento dinâmico. Eu, muitas vezes, dizia-lhe “ Senhor Iria, amanhã traga uma história bonita para gente poder conversar aqui”. E, ele aí, trazia sempre alguma coisa para contar (...)

J- Então, a estratégia que a Guida encontrou...

M- Foi envolvê-los a todos, começando pelo senhor Iria que era o mais participativo (...) E, ele gostava muito e mesmo que falasse de mais, nunca era criticado pelos outros, porque eles sentiam que o Sr. Iria era uma pessoa mais culta (...)

J- O Senhor Iria também concorreu para Câmara?

M- Não, não, o senhor Iria fez a 4ª classe por fazer, acho que lhe deu prazer, mas não precisava disso para sua vida (...) Foi mais por valorização pessoal (...)

J- Ainda continua a encontrar algumas destas pessoas do Grainho?

M- Sim, sim, algumas ainda continuam vivas (...) Hoje faleceu uma delas (...) Este senhor Iria ia com a esposa, iam os dois. Primeiro só ia ele, ela não queria porque achava (...) Ela tinha assim muitas dificuldades e então não queria ir, pensava que não conseguia aprender. Eu desafiava-a e ela dizia “ Ai não estou inscrita, ai não posso”. Eu, depois comecei a ir buscá-la a casa “ Ai venha lá, ande lá, vai ver que vai gostar”. E ela dizia, “Ai não sei pegar num lápis”. Ela sentia-se assim (...) Porque via que o marido sabia mais e que era todo (...) Mas, depois, influenciou-se, “Oh! Lá estava ela”. E então os jantares, jantavam muito cedo que era, logo para ir. E, muitas das vezes, diziam “ Zanguei-me com o marido, disse-lhe que aparecesse mais cedo para jantar, sabia que eu tinha que vir para aqui” (...) Pronto, para eles era uma ocupação, eles adoravam e penso que em todos os cursos era assim (...)

J- Portanto, para si foi importante, foi o 1º emprego, sentir-se realizada

M- Aquilo não era bem o que sonhava, não era com meninos, mas era com adultos e era ensinar que era o que eu gostava de fazer (...) pronto, lá estava a fazer certas coisinhas como se fosse para os miúdos. Mas tínhamos que fazer mesmo assim que era para eles entenderem, para eles irem (...)

J- Gostou de trabalhar com os adultos idosos?

M- Gostei, gostei (...) E, mais tarde acabei por voltar a trabalhar com pessoas idosas aqui no Centro (...)

J- Depois da alfabetização foi para o C.A.I. Acha que o fato de ter sido bolsista ajudou a que tivesse sido contratada?

M- Eu acho que já ter aquela experiência ajudou um bocadinho (...) O Alberto de Melo já me conhecia da educação de adultos (...) Eu penso que, como é que hei-de dizer, influenciou um bocadinho, penso eu, não é? A gente já tinha experiência de trabalhar (...) Quando eu fui para o Centro Infantil, escolhi logo o ATL (...)

J- SE a Guida não tivesse aquela experiência de alfabetização e depois não tivesse transitado para o CAI, o que acha que estaria fazer?

M- Acho que estaria morar em Faro, se não tivesse arranjado trabalho tinha vindo embora como fizeram muitos (...) Influenciou, porque, até inclusivamente, o meu marido foi trabalhar para Conceição de Faro e ia e vinha todos os dias por causa minha porque eu estava no Centro (...)

J-A alfabetização e o CAI ajudaram a fixar mais uma família em Cachopo?

M- Pois foi, pelo menos eu e a Maria José foi assim, aqui em Cachopo. (...) A nos o que nos fixou ali foi o Centro Infantil (...) A maior parte dos casais foram embora daqui, por isso é que já não há escola nem crianças por aqui (...)

J – Durante vinte anos, certo?

M- Foi, vinte anos (...) Gostei muito (...)

J- Aquilo que aprendeu na educação de adultos ajudou alguma coisa?

M- Ajudou, ajudou bastante (...) Olhe, como é que hei-de dizer, passei a ter muito mais à vontade, sentia-me mais capaz de trabalhar com os mocinhos, tinha aprendido muita coisa sobre Cachopo, sobre as pessoas e podia ensinar isso às crianças, sentia-me muito mais à vontade com os trabalhos de casa, eles faziam lá os trabalhinhos de casa (...) Pronto, ajudou em tudo, eu era uma pessoa mais culta, sabia muito mais coisas (...) Olhe, até contavam que Cachopo ficou com este nome porque havia um casal muito rico, e então teve um filho, isto contavam eles, um filho que gostava muito de andar a cavalo. Um dia, o pai disse-lhe assim “ Olha, vai percorrer aí esses montes todos, cachopo, isso é tudo nosso”. Então, quando ele ia a qualquer lado, as pessoas diziam “Aí vem o cachopo”. E, depois, todos esses montes em volta, por onde o jovem andava, passaram a chamar-se Cachopo. Por isso é que dizem que freguesia de Cachopo é tão grande (...). Eles diziam isto e eu aprendi e depois também contava às crianças (...)

J- Então, trabalhar dois anos na alfabetização foi como tirar um curso?

M- Sim, aprende-se muito, as pessoas ensinam-nos muita coisa (...) as pessoas são muito ricas, sabem muito (...) Às vezes, costumo dizer, “A gente vai ensinar, mas acabamos por aprender ainda mais do que ensinamos”.

J-Por falar em ensinar e aprender, uma questão. A Guida aprendeu na Formação o método de Paulo Freire. Lembra-se se utilizava esse método?

J- Eu lembro-me da Formação, de se falar nisso (...) Eram umas fichas com as

palavras e os desenhos (...)

J- As palavras geradoras

M- Sim, era isso, tinha dificuldade (...) foi aquilo que eu disse de princípio, a gente tinha as fichas que a Etelvina dava, mas eu fazia como achava que as pessoas aprendiam melhor, fazia ao meu jeito (...) Eu tinha que ir ao encontro daquilo que as pessoas, porque se nós não fossemos ao encontro do que as pessoas sabiam, das dificuldades delas, calhando estavam lá uma semana ou duas e desistiam. Elas diziam: “ Eu não tenho falta disto, o que é que eu estou aqui fazendo, eu não tenho falta disto”

J- A Guida utilizava o que sabia à sua maneira. O método de Paulo Freire é o indicado para os iniciantes?

M- Já não me lembro (...)

J- O método utilizava as tais palavras geradoras que eram trabalhadas, explorado o seu significado e depois eram divididas em sílabas (...)

M- Sim, sim, já me lembro, tínhamos as palavras e depois tínhamos de trabalhar essa palavra, sim, já me lembro (...) Acho que fazia mais ou menos isso (...) Sim, aprendemos na Formação e depois a Etelvina também nos ensinou (...) Eu e os meus colegas tentava utilizar esse método consoante o que a gente sabia e as dificuldades que eles tinham, era isso (...) Havia ali uma adaptação (...)

J- Depois de 20 anos no CAI?

M- Fui para o Centro Paroquial de Cachopo

J- No Centro Paroquial foi útil a experiência que já tinha?

M- Encaixou tudo (...) O que aprendi foi muito útil para mim (...)

J- Sente-se feliz em Cachopo?

M- Hum, às vezes fico a pensar que se tivesse ido para Faro (...) talvez tivesse mais filhos, uma outra vida, quem sabe!

J- A Guida tem um filho com que idade?

M- Tem 25 anos (..) ele andou a estudar em Tavira, ia de autocarro e vinha todos os dias Era um grande sacrifício que ele fazia, é muito cansativo. Eu também andei dois anos em Tavira, é muito pesado. Ele (...) depois teve dificuldade em Matemática no 12º ano, reprovou, foi novamente mais um ano para Tavira e não conseguiu (...) Depois estive num curso profissional em Faro, no Areal Gordo. Aí tirou técnico de informática e depois foi trabalhar para a VisualForma, foi lá estagiar. Teve três

contatos e depois mandaram-no embora (...) E agora, pensou em ir para a Universidade, pensou em ir para Universidade e aí já perdeu muito tempo, uns três anos da vida dele. Agora está na Universidade mas tem sido muito difícil (...) Agora, nas férias arranhou um emprego, a mim também me custa o moço estar aqui em Cachopo no Verão (...) Arranhou num bar, num bar-restaurante em Tavira (...) Agora pediu transferência para a noite para poder estudar (...) mas não conseguiu. Agora, calhando tem que deixar aquele emprego. Agora não estou interessada em que ele deixe de estudar Já andou dois anos a perder tempo (...)

J- Guida, voltando à educação de adultos. Acha que as pessoas em Cachopo ainda se lembram da educação de adultos ou isso já caiu no esquecimento?

M- Eu ali no Lar tenho pessoas, tenho ali duas pessoas que andaram na educação de adultos, na alfabetização comigo. Uma pessoas, pelo menos fala muito “ Lembras-te Guida” (...)” Essa pessoa fala, as outras pessoas, mais propriamente as do Grainho, quando me vêm, às vezes, se eu puxar, elas começam a contar, a dizer, “Quando a gente foi aqui, quando a gente assim”. “E quando eu fui logo que eu não sabia nada” (...)

J- Está a falar também nas visitas de estudo?

M- Sim, eram muito importantes. Elas adoravam. Isso também as marcou muito. Elas estavam aqui isoladas, elas não conheciam nada, não saíam daqui. Isso para eles era muito, muito importante, era o melhor que lhes podia acontecer (...)

J- NO Curso havia sessões temáticas com pessoas convidadas?

M- No Grainho não, aquilo, o acesso era tão difícil que tínhamos poucas visitas (...) mas eu lembro-me que se juntavam era em Cachopo. Em Cachopo havia essas sessões e depois juntavam-se os vários cursos (...) Assim, os vários cursos juntavam-se em Cachopo quando havia certas atividades. Era sempre em Cachopo, na Junta (...)

J Sente saudades desse tempo?

M- Sim, foi um tempo engraçado. Às vezes até penso que, se voltasse atrás, se houvesse cursos, eu concorria novamente, inscrevia-me para (...)

J- Se o tempo voltasse atrás, voltava a ser bolseira?

M- Voltava, voltava, porque eu gostei daquele tempo (...) Na minha vida foi uma das coisas que mais gostei, apesar de gostar muito de trabalhar com crianças, gostei muito de trabalhar no CAI (Centro de Animação Infantil) (...) Mas gostei muito

daquele tempo da alfabetização, não sei se foi por ser a minha primeira experiência de trabalho, se foi por ser uma coisa diferente (...) Comos mocinho também, foi uma experiência nova que gostei muito, era isso que eu gostava para a minha vida, ensinar crianças (...) Agora estou com os idosos, aqui neste Centro (...)

J- Encontra algumas semelhanças entre o que faz aqui e o que fazia na alfabetização?

M- Sim, sim, aqui também fazemos recolhas de provérbios, mezinhas, contos, essas coisas que a gente também fazia lá (no curso de alfabetização). Aqui também falamos de muitas coisas, de certos temas, as pessoas dão a sua opinião (...) Não se ensina a escrever nem a ler, mas, no fundo, no fundo, é muito parecido que é a gente discutir certos temas e as pessoas aqui participarem (...) Apesar de ser um sítio diferente, aqui as pessoas também vêm aqui ao Centro para não ficarem sozinhas em casa, para evitar a solidão, poderem conversar, conviver umas com as outras e também aprendem alguma coisa (...) aqui faz-se mais atividades recreativas (...)

J Aqui neste Centro tem um grupo fixo?

M- Sim, temos aqui um grupinho que aparece sempre, todas as tardes estamos aqui no Centro de Convívio da Feiteira (...) Sinto a alegria deles virem para aqui, a mesma alegria dos outros que iam para alfabetização. Aqui as pessoas também gostam muito de vir para aqui e eu também aprendo muito com elas (...)

J- Há algumas semelhanças, aqui o Centro ajuda a melhorar a vida das pessoas e a alfabetização em Cachopo também tinha essa função, também ajudou as pessoas e ter uma vida melhor?

M- Acho que sim, sim, ajudou, as pessoas que andavam na alfabetização também gostavam muito e aquilo serviu, para algumas serviu mais que para outras, mas foi importante

J- Guida estamos a chegar ao fim da entrevista, mas ainda gostava de perguntar se na sua experiência de alfabetização houve alguns momentos que não gostou?

M- A princípio, a fase de adaptação foi complicado, foi o mais difícil, porque a pessoa apesar de ter aquela formação, de ter apoio, mas agente não sabe o que vai acontecer, o que é que nos espera porque não temos experiência nenhuma (...)

J- Mas durante esse tempo nunca ocorreu nenhum acontecimento mais desagradável?

M- Não, olhe, uma coisa engraçada, havia um senhor que era da Azinhosa mas vinha ao Curso do Grainho (...) Agora não me lembro do nome, ele tinha um apelido e eu chamava-o por esse apelido. Um dia, cheguei ao pé do senhor e chamei-o por esse

apelido, que agora não me lembro. E, ele olhou-me assim. Os outros ficaram a olhar ara mim e não percebi. Depois é que me disseram que el não gostava que o tratassem assim, mas ele não foi mal educado nem nada, só olhou para mim daquele jeito que eu nunca mais me esqueci (...) Inclusive até tínhamos um senhor lá que também era da Azinhosa, esse senhor tinha assim um passado, esteve preso porque matou a irmã. E quando o senhor se inscreveu, toda gente dizia “ Tem cuidado porque ele é assim”. Impecável, esse senhor foi sempre muito bem educado, nunca, nunca, se meteu com ninguém, nunca lhe ouvi uma palavra desagradável. Ainda hoje, quando o encontro, é muito raro, mas quando falta alguma colega e eu vou fazer a volta, do apoio domiciliário, quando vou ao Grainho o vejo e digo “ Olá Sr. Alberto” E ele sempre impecável, “ Olá senhora Guida” (...)

J- Era assim qua tratavam?

M- Sim , eu era a senhora Guida (...) sempre com respeito, eu era uma jovem mas as pessoas sempre me trataram com muito respeito (...) Por isso é que eu me sentia sempre muito à vontade com eles

J- Nunca teve nenhuma situação desagradável

M- Nunca, nunca (...). A única coisa que era desagradável era ter de ir para lá, porque o caminho era muito mau e o Grainho ficava lá em baixo, era longe. Muitas das vezes havia aquelas noites de chuva e as pessoas até diziam “ O que é que vieste para cá fazer, com uma noite destas”. Então, o que é eu queria que eu fizesse, não queria que eu viesse?” (...) Eles mesmo com chuva apareciam sempre, vinham todos. È por isso que eu ia sempre, eu nunca faltava. SE não fosse, depois sentia-me mal eu não (...)

J- Essa pessoa que oferecia a casa para o curso funcionar era a pessoa mais rica do Grainho, a que tinha melhor casa?

M- Não, não. Essa pessoa que oferecia casa foi ela que fez aquela casa, que construiu aquela casa e tinha um quarto onde a filha dormia. E a casa era grande, estava vazia. Tinha mais um quarto e uma cozinha, depois tinha uma grande sala. Foi aí que fizemos a nossa primeira reunião e quando fizemos a reunião lá “ Vocês não têm uma casa, onde que se faz e não sei quê”. E a senhora emprestou a casa (...)

J- Lembra-se dessa primeira reunião?

M- Lembro-me, fui eu e a Etelvina, fomos as duas e a Etelvina é que fez a reunião (...) Aquilo, as pessoas foram contactadas, isso foi pela Etelvina que já tinha ido ao

Grainho antes, falar com as pessoas (...) Mas, nessa primeira reunião, lembro-me de ir(...) A maior parte das pessoas não me conhecia, conheciam era a minha sogra (...) Eu, na altura morava em Cachopo, mas as pessoas conheciam-me por ser a nora da Maria João. Isso ajudou-me muito, inclusivamente, a minha sogra era muito conhecida porque tinha uma loja de tecidos em Cachopo que era onde as mulheres aqui da freguesia vinham. As pessoas iam lá muito. E quando a minha sogra soube que eu ia para o Grainho, fazia o favor de dizer a toda a gente e ainda mais às que eram do Grainho (...) Ela ficava toda radiante de a nora ser a professora de adultos do Grainho (...) Isso ajudou muito porque depois as pessoas já conheciam, já sabiam quem é que ia para lá “ Sabes quem é que vem para cá? È a fulana tal” “ Então gente vai, para a conhecer”. Pronto, foi assim (...) Seria muito mais complicado se fosse uma pessoa de fora que eles não conheciam (...) Mas, pronto, a princípio é mais complicado, mas depois de conhecerem (...) As pessoas do campo dão-se muito, depois de conhecer são muito amigas da gente, têm necessidade de falar, de contar a sua vida (...) E a gente, muitas vezes, fazíamos o registo dessas coisas que elas contavam e que às vezes iam para o Jornal (...)

J- Exatamente, era para o jornal VIVA VOZ que era assim que se chamava o jornal da Educação de Adultos. Apresentavam esses registos nas reuniões?

M- Sim, quando íamos a Tavira

J- Faziam as reuniões aqui e em Tavira?

M- Não, as reuniões eram quase sempre em Tavira com os outros cursos. Não eram só os cursos da freguesia de Cachopo, nós reuníamos com os cursos todos de Tavira, lá na coordenação (...) Mas, também reuníamos aqui só os cursos daqui da freguesia (...) A Tavira íamos, uma vez de quinze em quinze dias. Essas reuniões eram muito importantes por que aí aprendíamos sempre alguma coisa, eu apoiava-me muito na Etelvina e também aprendíamos com os colegas de outros cursos. Ouvíamos “ Olha aconteceu-me isto e isto, como é que eu vou ultrapassar, como é que eu faço” “ Este senhor tem esta dificuldade que não consigo de maneira nenhuma” Pronto, era muito importante porque aprendíamos uns com os outros (...)

J- Mais uma vez, obrigado Guida, ficamos por aqui.

Entrevista à Anabela realizada em 11/11/13

J- Antes de começar a nossa entrevista precisava saber alguns dados biográficos. Qual foi o teu ano de nascimento?

A- Nasci a 7/1/ 66

J- És uma jovem

A- É, 47 anos

J- Entraste na educação de adultos com que idade?

A- Eh pá, já lá vão tantos anos, tinha aí uns dezassete, dezoito anitos. Eu andava na Escola em Vila Real (...) Quando é que começou a educação de adultos? Eu comecei, quando começou a educação de adultos, comecei com a Célia, quando é começou?

J- Em 1984

A- Em 84 tinha dezoito anos, é isso.

J- Estiveste oito anos na educação de adultos?

A- Sim, e depois vim para Faro. É assim, depois a alfabetização acabou (...) Não, mas espera, acabou. Depois eu só estive em Martinlongo mais um ano, sem nada (...) Depois casei aos 26 anos e vim embora para Faro

J- Casaste em Martinlongo?

A- Não, casei na Bairrada. No dia que casei, vim para Faro (...) Casei lá, mas vim para a minha casa aqui.

J- Lembraste-te como é que surgiu esta oportunidade de seres bolsreira?

A- A ideia surgiu quando houve aquele projeto de educação de adultos. Em Martinlongo já havia a oficina de Costura e a Flor da Agulha que era de rendas e bordados e depois surgiram os bonecos de Juta (...) Paralelamente com essas duas atividades, começou a haver alfabetização à noite na freguesia. Foi depois que a Célia me convidou. Ela era a coordenadora. Coordenava os dois cursos que já falei, as Rendas e Bordados e a Oficina de Costura e coordenava também a alfabetização (...)

J- Oficina de Costura?

A- Sim, que era na mesma rua do curso de rendas e bordados. Era uma oficina que tinha lá uma monitora. Elas depois formaram uma empresa que ainda durou uns cinco anos. Elas costuravam para lojas e costuravam por

encomenda. Eu ia lá, mandava fazer umas calças e elas faziam por medida, umas calças, um fato, um vestido, faziam tudo (...) Já não me lembro do nome, pode ser que ainda me recorde. E era a Flor da Agulha. Entretanto a Célia nesse ano convidou-me. Eramos quatro bolseiras. Começamos com quatro. Portanto a Célia estava em Martinlongo com um curso de alfabetização, eu estava nos Castelhanos e estava a Lena em Vaqueiros e alguém ali para zona de Balurcos, que era a Teresinha (...) Começamos as quatro, depois no outro ano é que se alargou o número de cursos (...) Depois a Teresinha passou para coordenadora (...)

J-Anabela qual foi significado que teve para ti esta experiência como bolseira?

A- Eh pá! Eu recordo com grande significado, pronto foi muito bom porque foi naquela fase em que a gente está a aprender muita coisa, aprendemos e aquilo que eu ia aprendendo cá fora na escola, conseguia depois transmitir às pessoas, aos adultos que não sabiam nem o a nem o b (...) E era a troca de experiências, eles com as experiências deles de vida, não era de escola era de vida e nós coma experiência de escola (...)

J-Nessa altura andavas a estudar?

A- Então, eu ia às 7 da manhã para Vila Real para a Escola, regressava depois às 19,30 h. Jantava e depois às 20 h já estava no curso. Era o tempo de sair do autocarro, ir a casa e jantar. Depois ia para o curso (...) Andei assim até ao 12º ano, foram mais dois anos (...) Depois construíram o Centro de Dia em Martinlongo e o padre Manuel convidou-me para eu ir orientar a abertura daquilo. Fazer a escrita e organizar as coisas. Então. Como eu estava só no 12º ano, ia só dois dias à Escola, estava os outros dias no Centro e à noite continuava com o curso de educação de adultos (...) Foram oito anos, estive um ano nos Castelhanos, cinco anos em Martinlongo e dois anos na Barrada.

J-Qual foi curso que te marcou mais?

A- O primeiro ano nos Castelhanos porque era a novidade. Era novidade, era a minha primeira experiência, era tudo de novo, depois os outros anos, pronto a gente (...) era a continuidade do trabalho que já tinha feito, era mais ou menos a mesma coisa (...) mas, apesar de ser sempre na mesma freguesia, eram sempre pessoas diferentes (...) Os Castelhanos era a tal história, eram todos comunistas, muito reivindicativos. Era aterrada minha mãe, ainda por

cima, a minha mãe nasceu lá, os meus avós maternos já eram de lá. Mas havia aquela (...) o grupo tratava-me como uma filha, mas havia lá duas ou três que diziam «Ela anda aqui só para roubar o Estado». Mas estavam lá comigo todas as noites (risos). Estás a ver? Inclusive a minha mãe ia comigo. Pronto, também para estar entretida e também não sabia ler bem nem escrever e sempre aprendia qualquer coisa (...) Então ela ia comigo (...) Não, estou a enganar-te ela começou a ir no 2º ano coma moça que foi substituir-me. Começou a ir com ela e o meu cunhado que era e ainda é funcionário da Câmara, o coitado é que tinha o trabalho de me ir levar, todos os dias, e ir buscar-me, porque eu ia no carro da Câmara (...)

J-Castelhanos era um monte muito político?

A- Era, aquilo era um monte muito pequenino, agora ainda está mais reduzido em termos de pessoas, mas eram terríveis. Pronto, era aquele tipo de pessoas muito amigas porque eram todas da mesma terra, mas, depois, ao mesmo tempo, conflituosos, porque a política dava para aquele comportamento, parecia que eram todos desconfiados (...) Mas eu fui sempre muito bem tratada, nunca tive qualquer problema

J- E como é que lidavas com esse lado político no curso?

A- Eu não me metia, deixava-os falar (...) Explicava qual era nossa tarefa ali e qual era o nosso trabalho, independentemente de cada um ser isto ou aquilo

J-E os temas, não motivavam discussão política?

A- Por vezes, sim. Mas a discussão só ia até um certo ponto, porque quando a coisa começava a descambar eu parava, para acalmar os ânimos (...)

J- Eras uma jovem, sempre te respeitaram?

A- Sempre, sempre, fui sempre conhecida, morava em Martinlongo mas toda a gente me conhecia. Pai conhecidos, avós conhecidos, aliás aquela que dizia que eu só andava ali para roubar o Estado e depois no outro ano foi a filha dela que foi para o meu lugar (risos), que era a Manuela.

J Porque é que só ficaste um ano em Castelhanos

A- Foi assim, porque no primeiro ano a Célia ficou com um curso em Martinlongo e eu vim para os Castelhanos, só que depois a Célia no 2º ano ficou sem curso porque era a coordenadora concelhia e deixou o curso. Então eu vim para Martinlongo, para o curso que era dela e foia Manuela para os

Castelhanos porque a Manuela era de lá e vivia mesmo nos Castelhanos (...)
Eu assim, não precisava de me deslocar.

J-E a Barrada?

A- A Barrada eu vou quatro anos depois. Quando aquelas pessoas fizeram a quarta classe, o curso acabou em Martinlongo. Eram pessoas mais jovens foram certificadas e deixaram de ir. Depois não houve gente suficiente para formar um novo curso (...) Eu levei aquela gente toda até ao fim.

J-Quantas pessoas foram certificadas?

A- Eram umas dez pessoas, passaram quase todas. Ficou um ou dois pelo caminho. Havia um, o Arlindo que era deficiente, esse nunca conseguiu aprender a ler, mas ele andou sempre comigo, nunca faltava, sempre, sempre, aliás, ele já tinha andado comigo na escola primária

J-E na Barrada?

A- Na Barrada fui lá dois anos e ainda certifiquei uns quantos porque eram pessoas que já tinham a 3ª classe. Os de Martinlongo não tinham nada. Começaram do zero e ao fim de quatro ou cinco anos consegui que fizessem a 4ª classe. Foi muito bom, só tinha o tal Arlindo que tinha a 1ª classe mas era o mesmo que não ler e tinha uma senhora que era a D. Laurentina que acho que também tinha 1ª ou a 2ª classe, o resto, eles não sabiam nada, não sabiam fazer o nome, sequer (...) E depois, acabou, acabaram os cursos de alfabetização e as pessoas ficaram sem nada. Foi muito triste, as pessoas queriam continuar, gostavam de lá estar e de uma ano para o outro acabou, nem deu para eu acabar o meu trabalho porque havia pessoas que com mais um ano ou dois, conseguiam fazer a 4ª classe.

J- Os teus grupos eram constituídos por quantas pessoas?

A- Dez, doze pessoas.

J-Quantas sessões por semana?

A- Eu ia todos dias, menos ao sábado e ao domingo

J- Gostavas?

A- Eu adorava, até me mascarava quando era o carnaval, eu ia mascarada para me meter com eles, gostavam também da brincadeira (...) Sabes como é que eu ia para Barrada? Ia de táxi (...) mas muitas vezes não me iam buscar, esqueciam-se de mim. Muitas vezes tive de dormir lá.

J-E ficavas onde?

A- Na casa das pessoas. Sabes, ali como é que era, há vinte e tal anos atrás, trinta anos, era complicado. Tinha lá dois sítios onde ficava que era na casa de dois alunos e que me ofereciam casa. Ofereceram-me sempre, diziam que se acontecesse alguma coisa para eu não me preocupar que eles ofereciam. Mas, tu sabes o que é de Inverno, eu ficava naquela escola desterrada. Acabava o curso e as pessoas iam embora. E eu ficava à espera do táxi, mas havia sempre duas pessoas que ficavam lá comigo até me ir embora, nunca me largavam até que o táxi chegasse. Se o táxi não chegava, eu lá tinha que ir com eles para o monte. E depois, agora a gente pega no telemóvel e telefona, naquele tempo não. Lá tinha eu que ir bater à porta de uma senhora que tinha telefone fixo para telefonar para a minha mãe para ela não ficar preocupada que eu ia dormir no monte porque não tinha táxi.

J- Quando estiveste nos Castelhanos quem eram os teus educandos?

A- Eram homens e mulheres, tudo misturado, mais ou menos 50/50.

J- Aí também certificaste gente?

A- Sim, sim. Por onde fui passando fui certificando gente. Aí não certifiquei todos, mas no 1º ano certifiquei logo três ou quatro que eram pessoas que já tinham a 3ª classe. (...) Mas continuaram, muitas destas pessoas que eram certificadas, continuavam a ir ao curso, continuavam (...) E daquilo que me lembro, já mesmo depois de eu estar aqueles 4 anos em Martinlongo, o curso fechou porque não havia inscritos. E, essas pessoas que já tinham sido certificadas, algumas delas começaram a ir à Barrada. Iam ter comigo (..) Havia um senhor que era o sr Joaquim que fazia pecinhas de artesanato, foices, cestas, coisas assim, esse continuou sempre comigo, dizia que era a forma que tinha de se entreter, dizia que se chateava de ficar em casa a ver televisão e dizia que não gostava muito de ir ao café (...) Aqueles cursos eram um entretenimento para muitas pessoas.

J- Anabela, lembras-te no teu primeiro ano, sentiste que estavas apta, que eras capaz de ensinar as pessoas a ler e escrever?

A- É assim, eu fui com algum receio, mas depois como estava amparada pela Célia (...) senti que tinha proteção, estava protegida e suportada por uma pessoa que tinha muitos conhecimentos e então não me atrapalhei muito (...)

Eu, também, quando havia assim uma situação mais complicada eu conseguia dar a volta (...) se não era naquele dia, era no outro.

J- Aplicavas o “método” de Paulo Freire?

A- Sim, sim, nunca mais me esqueço desse nome, posso esquecer-me do resto (risos), Paulo Freire vai morrer comigo (risos) fazia tal e qual como me tinham ensinado na formação, aqueles passos todos

J- E resultava?

A- Acho que sim, resultava (...) acho que para aquelas idades e para aquele tipo de ensinar, acho que não há melhor, mas também não conheço mais nenhum método. Conheço aquele que me ensinaram e foi o que eu aplicava (...) Eu acho que o “método” que me ensinaram era o ideal, não conheço mais nenhum, mas nunca tive problemas.

J- Como é que aprendeste?

A- Foi naquela formação nas Açoteias, nunca mais me esqueço aquele pagode lá o que nos divertimos e também o que aprendemos

J- Que importância é que teve essa formação?

A- Foi importante, foi importante, a gente não sabia nada de alfabetização, apesar da pessoa dizer às vezes que gostava de brincar aos professores (...) Não tem nada a ver. Eu tive essa formação onde aprendi muita coisa (...) Mas, eu também andava muito com a Célia, com ela é que eu aprendi mais. Quando não sabia pedia-lhe ajuda. Éramos muito amigas, falávamos muito e isso dava-me confiança .

J- Portanto, no curso fazias como tinhas aprendido na formação?

A- Sim, mas, é claro que depois também fui aperfeiçoando e ia tentando aprender mais e ver outros conceitos. E, depois, a pessoa com a prática a pessoa vai melhorando. Aquele “método” também tem muito a ver com a prática (...) a estrutura é simples, depois com a prática é que a pessoa vai usando melhor o “método” e depois consegue-se

J- E as reuniões de acompanhamento? As reuniões de equipa quinzenais?

A- Sim, essas reuniões eram importantes. Às vezes era preciso reunir mais vezes, no princípio, no tempo da Célia, reuníamos quase todas as semanas. Agora eu estava quase sempre com ela. Eu vinha à noite dos Castelhanos e ia lá para a casa dela (...) Ela tinha, ela viveu uns tempos em casa dos sogros e eles

tinham uns armazéns (...) ela depois fez um salão, lá à maneira delas e nós íamos para lá conversar e fazer coisas, íamos fazer serão e ficávamos a conversar (...) Foi naquele tempo em que começou a quele projeto em que iam fazer o Cadastro do concelho de Alcoutim em que as pessoas forma obrigadas a por os marcos nas terras, a limitar os terrenos e então era tudo malta de for. E, já sabes, depois nas aldeias quando vem malta de fora a gente tenta ser agradável e a receber bem. Então juntávamo-nos lá, algumas de nós, no salão da Célia com os topógrafos, os engenheiros, os técnicos da agricultura, essa malta toda. Ainda está lá um que é o Candeias que entretanto ficou lá na Extensão agrária (...) E fazíamos lá os serões (...) Uns andavam a estudar, outros a trabalhar (...) Era assim, apesar de haver sempre reuniões periódicas e (...) mas depois eu tinha alia Célia que me ensinava muito porque eu tinha benesse de estar perto dela. Pronto, e qualquer coisa, fichas ou quando tinha alguma dificuldade, fazia as fichas e se tinha alguma dificuldade mostrava a ela «Vê lá se posso fazer»

J- Muito bem, e lembras-te como é que os temas surgiam nas sessões?

A- Eu com eles? A gente tentava sempre (...) No início da noite começávamos sempre com uma conversa sobre qualquer coisa. Depois a partir daí, das ideias, das palavras que surgiam da nossa conversa, fazíamos o resto, fazíamos como tínhamos aprendido.

J- Não aconteciam situações imprevistas?

A- Há sempre aquelas perguntas que nos fazem. Olha, em relação a coisas que eu aprendi na escola mas que depois no dia a dia, a malta vai esquecendo (...) Mas eu não tinha problemas, não tinha assim muitas dificuldades, nada de especial.

J- Tinhas iniciantes e pessoas já com a 2ª e 3 classe. Como fazias?

A- Eu fazia assim. Na noite, quando iniciava, conversávamos todos, era com toda a gente. Depois fazia a distribuição das fichas para todos (...) Depois, explicava ao grupo mais avançado, os que já sabiam mais, claro que eu tinha sempre os dois grupos. Eu explicava e eles faziam, depois ia para o pé dos outros (...) Eu tinha esse tal deficiente e também tinha que me sentar ao lado dele e tinha pessoas que aprenderam a fazer o nome comigo. Quando começaram nem o nome sabiam fazer.

J-Era mais difícil para ti trabalhar com os iniciantes?

A- Era assim, dependia. A dificuldade, se calhar, era a mesma, porque os de 3º e 4º ano também eram mais exigentes que os outros. Aqui não podemos comparar porque eram grupos diferentes, eu só podia comparar dentro do mesmo grupo (...) Os que sabiam mais, davam mais trabalho porque já sabiam mais coisas, os outros não sabiam nada e com qualquer coisa se entretinham e levavam muito tempo (...) É diferente, havia gente que nunca tinha andado à escola (...) Eu tinha um senhor que ia de bicicleta numa V5 que fazia, ele ia de Martinlongo à Barrada, ainda passava pela Ribeira. Ele devia fazer à volta de uns 10 Kms, de V5. Quando eu passei de Martinlongo para a Barrada, ele foi comigo, andou sempre atrás de mim. E um funcionário da Câmara que andou comigo em Martinlongo, também foi comigo para a Barrada. Também ia de bicicleta. Esse não tinha feito a 4ª classe ainda, fez depois. E, ainda é funcionário da Câmara. Esse andava lá porque precisava mesmo.

J-Nos teus cursos havia mais gente jovem ou mais idosos?

A- Havia de uns e de outros. Nos primeiros tempos era gente um bocado mais nova e havia aqueles que precisavam mesmo de fazer a 4ª classe. Este senhor que está na Câmara deve estar à beira da reforma, deve estar nos 60, portanto teria aí uns 35 anos. No Curso de Martinlongo havia um grupo de pessoas dessa idade, sim (...) Eles também faziam muito sacrifício porque naquelas noites frias, chovia, e eles iam quase sempre. E, depois, também ficávamos ali na conversa, ninguém ia para casa. Gostavam de lá estar, é engraçado.

J-Tu gostavas?

A- Eu gostava. E nunca me fui embora, mesmo que chegassem tarde ou faltassem. Naquelas noites de inverno, frio. Ia sempre, ficava sempre lá, à espera deles e era sempre a última a sair. Se queriam ficar mais tempo, ficávamos ali na conversa.

J- Lembras-te de um Seminário que fizemos no Eurotel em Tavira, para os bolseiros do nordeste algarvio?

A- Lembro, lembro. Mas, nessa altura, essa formação já foi um bocadinho diferente da outra Formação Inicial, porquê. Porque na outra eramos todas bolseiras, malta sem formação e eram vocês os formadores. Ali no outro

seminário, já não, já estavam também as tais professoras do ensino básico que também eram bolsistas de educação de adultos. Então já foi diferente, havia os bolsistas como nós e havia as bolsistas que eram professoras primárias, eram professores de dia e monitores de alfabetização à noite (...) Já foi um bocadinho diferente. Na outra, eram bolsistas do mesmo nível, tirando os formadores, porque éramos todas bolsistas. Ali já se notou que era outro grupo, mas não se notou diferenças. O tratamento era igual, mas a formação já foi muito diferente. A gente também já sabia mais qualquer coisa sobre alfabetização, já tínhamos feito a outra formação, já tínhamos alguma experiência. Na outra Formação, não, a gente não sabia nada (...) Lá também era mais para Iniciar. Nesta Formação o programa também era diferente, aqui já não se falou do “método” de Paulo Freire, lembro-me que se falou doutras coisas e que foi mais uma partilha de conhecimentos e que apresentamos o trabalho que estávamos a fazer. Foi mais ou menos isso (...) Mas eu gostei, só tenho pena de não ter havido mais seminários destes.

J- Lembras-te do programa. Os conteúdos eram diferentes

A- Sim, sim. Lembro-me dos nossos trabalhos de grupo e depois das apresentações que era uma coisa nova, a gente apresentar para o resto do grupo (...) Este 2º Seminário foi mais para partilhar e para refletir sobre aquilo que estávamos a fazer.

J- Voltando um pouco atrás à alfabetização. Já falaste que organizavas as sessões como te tinham ensinado. Costumavas improvisar?

A- Às vezes Dependia muito, porque planificávamos uma coisa, mas depois chegávamos à sala e essa planificação pode ir um bocadinho por água abaixo (...) Depende, podes ter 10 pessoas ou doze, mas pode haver uma noite em que se planifica para esses doze e só ter lá seis, então temos que improvisar, que adaptar a planificação porque já não vamos fazer bem aquilo que tínhamos pensado (...) às vezes era preciso improvisar.

J- Essas planificações eram quinzenais e feitas com a coordenadora concelhia?

A- Sim, sim. A gente tinha uma planificação global, geral. E, depois dentro dessa planificação eu planificava à minha maneira (...) Havia uma planificação, mas eu podia não poder trabalhar por aquela planificação porque as minhas pessoas eram diferentes das que estavam em Alcoutim, por exemplo. E os

temas também eram diferentes. A gente também tentava que o tema fosse de acordo com as características dos nossos adultos (...) Por exemplo, na zona de Alcoutim, havia bolseiras que tinham gente muito nova, apanharam pessoas que não tinham feito a 4ª classe, era malta nova. Eram pessoas que trabalhavam e precisavam do certificado. Enquanto que eu, por exemplo, tive de tudo (...) Mais jovens e tive pessoas que já eram reformadas e que nunca tinham ido à escola. Estavam ali por curiosidade e porque sempre tiveram aquele desgosto. Que era o que as pessoas diziam o desgosto de nem, pelo menos, saber fazer o nome. Muitas das pessoas foram para lá naquela de «De vez em quando preciso assinar o nome e não sei». Porque as pessoas tinham filhos no estrangeiro, porque as pessoas precisavam assinar um cheque. Então, foram por essa curiosidade e depois acabaram por ficar e acabaram por conseguir pegar numa folha de papel e ler que era o mais importante para elas. O mais importante era saber ler, não era saber escrever (...) Aprender a escrever também era mais difícil que aprender a ler (...) Escreviam o nome delas, escreviam algumas palavras, mesa, casa e eu gosto disto, assim frases simples, mas não conseguiam fazer um texto completo. Mas o importante para elas era saber pegar num livro e ler (...) E eu pensava assim, se o mais importante para eles era saber o nome, saber fazer as contas de mais, de menos, de multiplicar. Se um dizia, eu só me interessa saber multiplicar por um algarismo, era onde eu batia era aí. Se queres por um algarismo fazes por um algarismo (...) «E o que é que você quer mais?» «Ai eu quero é aprender a ler» «Então vamos para leitura» Era assim, eu ensinava de tudo um bocadito, mas depois insistia mais naquilo que eles queriam. Pronto, que era o objetivo deles.

J Mas o curso de alfabetização era mais abrangente, não era só alfabetização. Havia as sessões temáticas.

A- Sim, sim. Vinha o médico. Nós ainda ativemos várias sessões com o médico, com enfermeiros. Tivemos cinema, o Rui ainda foi passar filmes. Ainda não há muito tempo vi uma fotografia lá no salão do Zé Artur, numa sessão de cinema, a gente todas (...) porque quando havia uma sessão de cinema juntávamos uns quantos montes e lá íamos todas com os nossos grupos. Aquilo era uma festa (..) Tenho pena daquilo ter acabado, era muito bom para

as pessoas. Se calhar hoje já não e justificava, não sei, mas era importante para as pessoas de lá (...) Eu digo que, se calhar não tinha razão de ser o aprendera ler e escrever porque os interessados foram, mas, sei lá, outras coisas, atividades que ocupassem a vida daquela gente, que elas gostavam muito e mereciam que houvesse alguma coisa naqueles montes já meio abandonados (...) Em Martinlongo a Flor da Agulha ainda existe, agora só tem lá é duas ou três pessoas. As outras reformaram-se e aquilo não deu continuidade a pessoas mais novas.

J- Para além dos Seminários que já falámos também havia as reuniões de Orientação com a coordenadora concelhia. Que importância atribuías a esses momentos?

A- Essas reuniões eram muito importantes porque discutíamos a planificação, falávamos como íamos fazer, tirávamos dúvidas, tirávamos ideias de umas e de outras e aí aprendíamos todas. Aprendíamos umas com as outras. Depois também fazíamos as fichas, e falávamos sobre isso com a coordenadora que nos ensinava sempre qualquer coisa. Aprendíamos sempre alguma coisa

J- Com quem aprendeste mais?

A- Eu aprendi muito com a Célia, não posso negar. Foi ela o meu suporte. Éramos amigas e foi com ela que eu comecei, mas, depois, aprendi com todas. Mas o básico foi com a Célia, o mais importante foi com ela. Depois com as outras, a gente desenvolve, foi mais desenvolvimento.(...) Também gostei muito da Teresinha (...) A Teresinha também, como coordenadora também era muito boa, dei-me muito bem com ela (...) E também trabalhei com a Rosário. Foram oito anos, apanhei-as todas (...) Se calhar, fui a que fiquei mais tempo na educação de adultos, não sei (...)

J-Eram importantes os momentos de formação?

A- Claro, a gente não pode fazer trabalho nenhum de jeito se não tiver formação (...) eu acho que nós merecíamos ter mais formação, bastante falta nos fazia porque havia muita coisa que nós não sabíamos. Fazíamos aquilo que tínhamos aprendido e pouco mais, fora quando improvisávamos (...) Acho que se justificava darem-nos mais formação, haver mais Seminários, mais Encontros. Mas as coisas há quase trinta anos não eram como são hoje, havia problemas de comunicação, as estradas eram más, não era fácil juntar toda a gente. Era tudo muito diferente (...) Os Encontros, a gente gostava mais

porque era tudo malta jovem e a gente gostava de se divertir e também aprendíamos, trocávamos ideias. Os Encontros eram mais práticos, aprendíamos mais e dava outro ânimo

J-Para além dos Seminários havia Encontros com todos os bolseiros?

A- Com todos não, havia as reuniões quinzenais, chegou a haver alguns Encontros só com bolseiros de Alcoutim (...) Depois havia aquelas atividades em que iam vários cursos, festas, as visitas de Estudo, todos os anos fazíamos, aquilo era um espetáculo

J- A coordenação concelhia organizava também as sessões temáticas. Tu também tiveste essas sessões no teu curso?

A- Sim, sim, as sessões sobre saúde, sobre cinema. E houve os debates, as sessões de esclarecimento, em que a gente juntava aquela malta toda, juntávamos os cursos todos da freguesia, vinham dos vários sítios (...) Organizávamos esses Encontros nalgumas épocas, no Carnaval, na Páscoa (...) Fazíamos convívios entre os vários cursos, quando era o cinema também nos juntávamos

J-Anabela que importância teve essa experiência de ser bolseira para a tua vida?

A- Olha, se calhar foi dos trabalhos que mais importância teve para mim (...) Era a idade, quando comecei tinha dezoito anos, aquela idade em que a pessoa não sabe bem o que é quer fazer. E, se calhar, senti-me como professora, olha não continuei, mas durante oito anos senti-me como professora e marcou-me muito porque nós aprendemos muito com as pessoas de mais idade. Porque, mesmo, eu vivendo lá, o relacionamento do viver, o relacionamento com eles, com o ensinar, com o curso, as pessoas queixavam-se, as pessoas falavam da sua vida. SE não fosse isso, eu passava na rua e dizia «bom dia, está boa» e mais nada, e ia andando. Assim não, eu fiquei amiga daquelas pessoas, eu ajudei-as várias vezes «Ai eu preciso de fazer isto, ajude-me lá» «Ai o meu filho escreveu-me, mas, agora como é que eu respondo» Até para isso o curso de alfabetização era importante porque eles precisavam de escrever cartas para a família mesmo no curso. Porque eu dava sempre um espaçozinho no curso para eles fazerem aquilo que queriam fazer. Às vezes, alguns queria escrever uma carta e muitos pediam ajuda para eu lhes ajudara escrever cartas (...) Outros pediam ajuda para preencher papéis,

impressos «Ai recebi isto do centro de Saúde e agora como é que eu faço» Pronto, havia sempre alguém que pedia ajuda e eu depois ensinava (...) Aquilo era uma espécie de Centro de Apoio Se calhar isto estava fora do âmbito do Curso, mas eu fazia. Eu estava ali para ajudar as pessoas, para ensinar o que elas precisavam, não era só a fazer as fichas, era tudo o que tinha que ver com a vida delas. Isso era o mais importante para eles (...) Eu, depois, também andava à escola em Vila Real e eles diziam «Ai, então não me pode fazer isto, não me pode comprar este medicamento» E eu fazia, o que é que me custava comprar isto ou aquilo ou fazer o que me pediam (...) Tinha tempo, quando saía da Escola ia fazer isso. E as pessoas ficavam-me agradecidas

J-O Rui dizia que ser bolseiro foi como tirar um curso

A- Pois é, é, e é assim, olha, o que eu sou hoje deve-se muito a essa experiência, há muita coisa que não tinha aprendido se não tivesse sido bolseira oito anos (...) Aprende-se muito, aprende-se, aquilo é um curso de vida, sim.

J-Qual foi a aprendizagem mais importante dessa experiência?

A- Para mim, o mais importante foi saber que ao fim daqueles quatro anos as pessoas sabiam ler e escrever e que tinham ouvido coisas e se calhar tinham aprendido coisas que nunca lhes teria passado pela cabeça (...) E falaram de coisas que eles, se calhar, nunca na vida pensaram que era possível reunirem-se na casa de alguém e falar daquilo.

J-Onde funcionaram os teus cursos?

A- Nos Castelhanos era na casa de uma tia minha, mas ela não habitava a casa. Era uma sala, era uma casa que ela tinha. Olha era numa casa de jantar, a gente pôs os móveis todos à volta, a mesa passei-a para um quarto e depois tínhamos as secretárias da escola primária. Fomos à escola buscar aquelas secretárias (...) Em Martinlongo foi numa sala da Casa do Povo que já foi Centro de Saúde e agora já não é Centro de Saúde. Depois passou para os nossos Serviços da Segurança Social (...) Na Barrada foi mesmo na Escola

J-Há pouco dizias que o que gostavas mais eras ver as pessoas fazer a 4ª classe. E em termos de desenvolvimento, o que foi importante na alfabetização?

A- Eu sinto que tudo aquilo que a gente dá de bom e ajuda os outros, eu acho que só nos faz é crescer (...) Depois eu também gostava, era uma coisa que

eu gostava de fazer, não era um frete, eu gostava daquilo. Como é que te hei de dizer, aquilo dava-nos uma certa postura. Nós estávamos a ensinar, as pessoas reconheciam isso, dava um estatuto. Sabes que até éramos vistas de outra maneira, agora já não é assim (...) Davam-nos importância e nós éramos umas meninas. Apesar das pessoas nos conhecerem desde que nascemos (..) Então eu com dezoito anos, andava a estudar, até em relação aos meus colegas eu era (...) Eu não mostrava. Mas sentia, eu fui sempre uma pessoa de não me mostrar, não gosto muito de me mostrar, gosto mais de fazer depois os outros que avaliem (...) Eu agora sou chefe de equipa daquela sala, tenho catorze pessoas, mas eu não (...) Já estou aqui à dezassete anos

J-O que tu aprendeste na educação e adultos tem servido para as funções que desempenhas?

A- Sim, serve sempre, aquilo foia minha primeira experiência, mas tudo quanto a gente faz(...) tudo é importante para o resto da vida (...) aquilo foi a minha primeira caminhada e depois na altura, nós, também em paralelo nós tínhamos um grupo de jovens em Martinlongo, fazíamos teatro. Era um grupo de teatro mas estava ligado à igreja que era o padre Manuel (...) Eramos um grupo de jovens, mas depois tornou-se mais abrangente. Mas, nós todas, bolseiras, fazíamos parte desse grupo de teatro. Porque até a Lena de Vaqueiros fazia parte do nosso grupo de teatro porque a gente reuniu o máximo de pessoas do concelho que quisessem fazer parte. De Alcoutim houve alguns que depois saíram porque era muito longe, mas a maior parte das bolseiras fazia parte desse grupo de teatro (...) E, depois, muitas de nós, independentemente de ser crente, de ser católica ou não, se calhar, muitas de nós nem ligavam nada a isso, a gente fazíamos parte daquele grupo. Era um grupo de teatro mas estava ligado à igreja. E a formação, sabes aquela convivência que nós tínhamos, independentemente da crença, até podia ser um grupo do Jeová, isso não interessava, o que estava em causa era a convivência (...) E, era uma convivência saudável, éramos um grupo transparente, éramos amigos. E, então aquilo também nos ajudou muito. Eu acho que a alfabetização, o ter feito parte daquele grupo de teatro, fez de mim a pessoa que sou hoje (...) Foi muito importante, porque depois comecei a ver as coisas de maneira diferente (...)Porque eu não tive um início de vida

nada fácil, tive a minha irmão com esclerose múltipla, depois a minha mãe também era doente. Fiquei lá em Martinlongo para lhe dar apoio. Foi uma opção minha, as minhas irmãs tinham a vida delas e eu fiquei com a minha mãe. Foi uma opção de que não me arrependo (...) Depois, ela faleceu quando eu tinha 26 anos. Olha a minha mãe faleceu em Março e eu casei em Junho (...) Eu cresci muito.

J- Quando eras jovem, fizeste essa opção de ficar lá. Mas, a maioria saiu de lá.

A- Da minha geração houve muita gente que saiu, mas nem todos, houve muita gente que ficou, muitas das bolsas ficaram. Também saíram alguns para Universidade (...) Na altura optei por ficar lá porque tinha a minha mãe e juntei o facto de ter a minha mãe e depois ainda tinha a alfabetização e o Centro de Dia (...) Eu depois de deixar a Escola, até casar trabalhei 5 anos no Centro de Dia, era animadora.

J- A experiência como bolsa ajudou a desempenharem a função?

A- Claro, o curso foi uma boa experiência e é como eu já te disse, era uma ocupação, a malta não tinha nada que fazer, só havia os bailes lá no salão do Zé Artur, não havia mais nada para fazer

J- Tens saudades desse tempo?

A- Tenho, tenho (...) Se não tem acabado eu tinha continuado porque eu gostava daquilo (...) Hoje, não sei porque a idade é diferente, mas naquele tempo tinha, tinha. Aliás eu quando vim para Faro ainda houve uma oportunidade de dar o curso, mas depois não se concretizou (...) Eu nesse ano, quando casei (...) Eu nesses anos que estive lá em Martinlongo, como comecei também a trabalhar no Centro de dia deixei uma disciplina do 12º ano, pois o cansaço já era muito. Eu pensei, para já não preciso, um dia quando precisar logo vou acabar. Tanto que eu depois, quando me casei e vim para Faro fui logo matricular no Liceu. Nesse ano, ainda alguém que eu encontrei (...) Disse havia a possibilidade de eu fazer ainda qualquer coisa na alfabetização. Não sei se era ali na Penha (...) Já não me recordo bem. Acho que era na Escola da Penha que havia ali cursos de alfabetização. Foi a Rosário, porque a Rosário veio para Faro, que ela casou em Alcoutim. Esteve lá uns anos, depois veio para Faro. Quando ela veio coincidiu mais ou menos quando eu casei e vim. Foi a Rosário que me convidou e depois não me lembro o que

aconteceu (...).

J- Anabela, a tua bolsa era dez contos. Fi o teu primeiro ordenado?

A- Dez contos era a última bolsa, eu comecei com menos. Eu comecei com seis contos. E pagavam, às vezes, pagavam tarde, quando vocês lhes apetecia (risos). Ficávamos à espera que o Joca mandasse o dinheiro (risos). Eh pá! Mas, seis contos na altura, ajudava, era dinheiro. Eu com seis contos não pedia dinheiro à minha mãe (...) Olha, eu com os seis contos era assim (...) Como o meu pai tinha falecido, quando eu tinha nove anos, eu tinha sempre direito a um escalão. Ficava sempre ali no escalão intermédio. E, então, a minha mãe dava-me vinte escudos, todos os dias. Era dinheiro, a minha mãe era reformada do meu pai, era pensão de sobrevivência. A minha mãe não trabalhava, vivíamos dos rendimentos, da reforma, das amêndoas e tinha três contos e tal de reforma. A minha parte era quinhentos e tal escudos e a minha mãe era três contos e tal. A minha mãe foi das primeiras pessoas viúvas a ter pensão de sobrevivência. (...) Foi a seguir ao 25 de Abril que tinha saído a lei. E, então, sabes que nunca me faltou nada, mas tínhamos que saber gerir. Então, eu com os seis contos comprava a roupa, seis contos era dinheiro (...) para os meus gastos, dava perfeitamente, não precisava pedir.

J- Achas que desse trabalho da educação de adultos na serra, ficou alguma coisa? Teve algum efeito na comunidade

A- Fica, fica sempre. Ainda hoje encontro o Sr Joaquim «Ai que belos tempos» E eu ainda lhe digo «Oh Sr. Joaquim e já lá vão trinta anos e ainda você se lembra disso» «Lembro-me sim senhor» Porque foi com a alfabetização que ele começou a fazer as peças de artesanato. E ainda hoje faz. É uma pessoa que está no Centro de Dia. Ainda agora no fim-de-semana, no dia dos Finados fui ao cemitério e encontrei a D. Laurentina, que foi minha e ela fala comigo como se eu tivesse sido a professora dela (..) E, ela conheceu-me desde pequenina. As pessoas não esquecem. Encontro uma senhora que tem quase 90 anos que também andou comigo. Essa ia com a minha mãe, porque a minha mãe depois também ia. Quando eu estava em Martinlongo, também ia. E elas iam as duas. Vivíamos perto, iam as duas e vinham as duas (...) Ainda hoje, ela olha para mim, se calhar não olha para mim quando me conheceu, olha para mim da altura da alfabetização, porque foi o tempo que

agente conviveu mais (...) Este senhor da Câmara, a mesma coisa. Ele que diz, «Eh pá! Eu que pensei que nunca ia conseguir fazer a 4ª classe» E, fez.

J- E em relação à comunidade. O que existe hoje, também em termos associativos, tem que ver com o trabalho da educação de adultos?

A- Acho que sim, acho que houve algum desenvolvimento e ajudou. Ajudou porque todas essas atividades que mais tarde foram criadas, decorreram da educação de adultos. As associações, as atividades socioculturais (...) Deu, deu, porque na ideia deles, o mais importante não era ir à Escola. O ir à Escola para eles era um pretexto, mas eles gostavam de lá estar porque ninguém os obrigava, ninguém os chateava, ninguém discutia (...) Era um convívio e as pessoas estavam desejando que chegasse aquela hora (...) E quando chegava às 10 horas, muitos deles não lhes apetecia nada ir para casa. Eu é que tinha que me levantar às 6,30 h. Quando chegava às 10 h eles começavam «Bem, temos que ir embora que você tem que se levantar cedo». Mas, nunca saíamos às 10 h, quantias vezes eu cheguei a ficar lá, até às 11 h da noite e por aí fora. Eu nunca disse «Dê cá ficha que já é tarde, logo faz amanhã» Não, as pessoas estavam sempre descontraídas. Às vezes eles diziam «Hoje tenho que sair um bocadinho mais cedo», «OH homem, saia». Era ainda aquela coisa do aluno-professora. Tinham idade de ser meus avós, mas era aquele respeito.

J- O Zé Simão que foi bolseiro como tu. Há dois anos foi meu aluno aqui na ESECE agora está a fazer o mestrado em Sociologia E ele dizia que ser bolseiro deu-lhe vontade de continuar a aprender. Qual a tua opinião?

A- È verdade, vem, vem. Há duas moças que foram bolsieras que hoje são educadoras (...) É a São Ginja 4 a Tilinha, a Maria Otília (...) Foram bolsieras a seguir a mim (...) E, depois vieram para a Universidade. São as duas educadoras, a São Ginja que era filha daquela senhora da Flor da Agulha, da D.Hermínia (...) Era a D. Hermínia e a D. Ilda (...) E a São é filha da Hermínia. A São é educadora, está na Escola de S. Brás (...) A Tilinha, a Olga Ludovico que é doutorada está também em S. Brás (...) E esta moça a Tilinha vive em Martinlongo. Tem estado na Misericórdia.

J- Portanto houve bolsieras que continuaram os estudos

A- Sim, alguns continuaram outros ficaram lá (...) Ficaram também porque têm

trabalho (...) Os que ficaram foi porque praticamente todos arranjam lá trabalho

J- Achas que o facto de terem sido bolseiros facilitou que conseguissem emprego no concelho?

A- Aí já não digo que sim nem que não porque houve um grande intervalo entre o período em que foram bolseiros e o período em que começaram a trabalhar (...) Houve um grande intervalo (...) Mas, pronto, mas vou-te dizer. Se calhar até sim porque alguns, não digo todos. Por exemplo a Lena, que era uma bolseira de Vaqueiros começou logo a trabalhar no Centro de Desenvolvimento da Criança que foi decorrente da alfabetização. Que eu também fiz parte da primeira direção, depois é que saí.

J-Estás a falar do Centro de Animação Infantil iniciado pela RADIAL?

A- Sim. A RADIAL contratou alguns bolseiros. A Lena é uma delas. Trabalha lá desde sempre. Desde o início da Casa da Criança que é o Centro de Desenvolvimento Cultural de Martinlongo. E ela foi bolseira. E, se calhar ela foi para lá ainda bolseira e esteve nos dois sítios

J-Muito obrigado Anabela

ANEXO 19. ANÁLISE DA ENTREVISTA AO JOSÉ SIMÃO

Categorias	Análise	Excertos
Convite	<p>O Zé Simão era condutor da carrinha escolar. A coordenadora concelhia depois de o conhecer convidou-o para ser bolseiro. Tinha uma boa experiência de vida já estivera em vários lugares. Era do nordeste algarvio conhecia bem o Meio. Tinha o 9º ano incompleto, mas era um bom leitor e com muita vontade de aprender</p> <p>Aceitou o convite também por influência da esposa que era bolseira</p>	<p>“Foi em Setembro de 1987, por mera casualidade. Fui convidado pela professora Teresinha Cardoso que era a coordenadora concelhia de Alcoutim. Tinha regressado há cerca de um ano ao concelho de Alcoutim depois de onze anos de ausência (...) Eu nasci ali numa povoação perto de Balurcos, aí uns 10 kms, Palmeira. Saí de casa dos meus pais aos 16 anos e só voltei aos 26 anos, estive 10 anos fora, estive em Lisboa, estive aqui em Faro, estive em França, andei um pouco por todo o lado, estive em Abrantes, andei...um pouco a circular, foi quando fiz 26 anos regressei. Foi exatamente nessa altura quando regressei, conheci a Teresinha (...).fui trabalhar para a Câmara, era mecânico, nas oficinas da Câmara e na altura fazia muitas vezes o transporte, era mecânico mas tinha carta de condução, fazia o transporte escolar e foi aí que a Teresinha me conheceu (...) “Tinha o 9º ano incompleto, porque andei por fora” “A Teresinha conheceu-me e disse-me, Tu tens que dar um curso de alfabetização, e eu disse-lhe, Eu nem sequer tenho o antigo 5º ano completo. Ela disse, Não faz mal, eu sei que tu sabes, tu sabes muita coisa, podes dar um curso e és a pessoa indicada para dar este curso no Torneiro. Ela fez questão de eu ir e eu aceitei. (...)Tínhamos longas conversas e uma vez a Teresinha lembrou-se de me convidar para ser bolseiro (...) A princípio disse que não, que não me achava com capacidades para isso, mas ela tanto insistiu que eu aceitei (...) Também, como tinha algum tempo disponível,</p> <p>“Também fui um pouco contagiado pela minha mulher que já era monitora num outro curso que funcionava na minha própria casa. Acabei por aceitar o desafio. Tinha uma formação académica reduzida, mas, que era compensada pelo hábito de ler (...) Lembro-me que só comecei com o curso depois ter ido a uma formação em Vale da Telha.</p>

Ser bolsheiro	A experiência marcou o seu percurso de vida. Foi uma das experiências mais ricas que teve.	Isto foi uma das experiências mais ricas que tive (...) ou se calhar a experiência mais rica que tive. E não tenho a menor dúvida que esta experiência marcou a minha vida profissional e se calhar até todo o meu percurso de vida
Esposa bolsheira	A esposa foi bolsheira durante vários anos num curso que funcionava na sua própria casa. Não a deixaram continuar porque substituíram os bolsheiros por professores o que precipitou o encerramento dos CEBAs	A minha mulher ainda continuou mais 5 ou 6 anos, ainda estive no tempo da Rosário, alguns anos ainda e era na minha casa (...) Era o local do curso, mas depois acabou, não a deixaram continuar, quem ficou foi uma professora que foi lá colocada (...) no ano seguinte o curso fechou
Abandono	Mudou de emprego. Saiu de mecânico da Câmara para guarda noturno e os horários eram incompatíveis	Saí da Câmara e fui trabalhar para a Escola de Alcoutim à noite, como guarda noturno, e como as aulas de alfabetização eram à noite não tive mesmo hipótese. Tive de deixar (...)
Percurso de vida após a alfabetização	Após ter sido bolsheiro começou a envolver-se em várias atividades no nordeste algarvio, no âmbito do associativismo. Conheceu Alberto Melo e trabalhou 8 anos na In Loco. Mantém grande atividade associativa na serra algarvia	“Depois daí, a minha vida começou a ser tipo bola de neve, na altura, portanto, formámos lá uma cooperativa, na altura em que começou a haver rádios locais, criámos uma rádio amadora, uma cooperativa da qual eu fui sócio fundador. Formámos a “Rádio Os amigos da Serra”. Era eu, o Rui, o Faustino (...) Éramos uns quantos, éramos aí uns 10 ou 11. A Rádio “ Os Amigos da Serra” foi formada como uma empresa, ainda existe, continuo a fazer parte, sou sócio dessa empresa, mas pouco colaboro (...) Depois estava já trabalhar na escola e foi formada a Associação Alcance, um dos fundadores que foi o professor Henrique Gregório, era um sociólogo que era de lá, de Balurcos e mais outras pessoas. Convidaram-me para eu também fazer parte da Associação Alcance, convidaram pessoas que de alguma forma tinham alguma atividade, em termos de trabalho com pessoas. Essa era uma condição para convidar as pessoas para a Associação Alcance (...) Algum tempo depois a Associação In Loco começou a trabalhar na serra com o Leader 1, estávamos aí em

		<p>1991, salvo erro, e foi buscar os animadores locais às Associações e como eu estava na Alcance foram convidar-me para trabalhar (...) e eu até tinha tempo livre, como estava trabalhar à noite e tinha tempo livre de dia passei, portanto, a trabalhar com a In Loco. Trabalhei 8 anos com o Alberto de Melo, com toda aquela gente (...) Com tudo isso, marcou completamente todo o meu percurso. A partir daí, estive envolvido em várias associações, sou sócio fundador de 5 ou 6 associações na região, sou, e das quais ainda faço parte. Neste momento sou presidente da direção da Associação Alcance, vice presidente da direção da Associação Terras do Baixo Guadiana, uma associação de desenvolvimento local, uma associação que trabalha com o Prodep na região, com o antigo Leader, sou o presidente do conselho fiscal da Associação de pais da Escola de Alcoutim E presidente da mesa da Assembleia Geral da Associação A Moira, fui um dos principais responsáveis pela criação (...) E fui, até acerca de 3 ou 4 meses, vice presidente da direção de outra associação de Balurcos que é o Centro Recreativo de Balurcos, que é uma outra associação que há em Balurcos (...)</p>
<p>Formação</p>	<p>Quando iniciou as funções de bolseiro recorreu á formação que tinha feito no Seminário de integração. Gostou muito da experiência e sentiu-se desafiado para ensaiar o método de Paulo Freire. Foi a 1ª vez que ouviu falar neste pedagogo. Tentou ler um livro de Paulo freire mas sentiu muita dificuldade.</p> <p>Para além do Seminário havia as reuniões periódicas com a coordenadora concelhia e outros bolseiros onde partilhavam dificuldades e tiravam dúvidas. Eram momentos importantes</p>	<p>. Z.S- Pois, como já disse, eu conduzia a carinha da Câmara que transportava a a. Nunca mais me esqueço (...) Ficamos num hotel, um fim-de-semana, em Vale da Telha, no concelho de Aljezur. Aquilo foi muito interessante, era tudo novo para mim. Estava muita gente, professores, bolseiros do nordeste algarvio. Havia gente de todas as idades, entre os vinte e os sessenta anos (...) Ainda não há muito tempo, por causa das aulas do professor quando falou do PIDR, estive com uma pasta com documentos desse tempo que ainda guardo em casa (...) Daqui de Alcoutim fomos uns quantos, numa carrinha da Câmara. Chegámos a Vale da Telha ao fim da tarde de sexta-feira e a formação começou a seguir ao jantar. Depois, continuámos no dia seguinte, sempre em pequenos grupos fazendo trabalhos, e depois apresentávamos as conclusões em grande grupo (...) Foi a primeira vez que ouvi falar em Paulo Freire.</p>

	de formação	<p>Deram-nos o método de Paulo Freire, para que viéssemos a pô-lo em prática no curso de alfabetização. Além do método, a formação incluiu outras atividades de animação de grupos, atividades diversas. Ah! Também me recordo da animação da leitura, o professor fez aqui numa aula, mas eu já tinha feito, dessa vez em Vale da Telha (...) Nesse seminário falaram no livro do Paulo Freire “Educação Como Prática da Liberdade”. Logo que tive oportunidade, adquiri o livro. Confesso que na altura não o consegui ler, achei difícil, tentei ler os capítulos que se referiam à aplicação do método de Paulo Freire. Só agora, com as aulas de educação de adultos é que o consegui ler.</p> <p>“A Teresinha deu-me um bom apoio, ia visitar-me ao curso, levava fichas e tirava algumas dúvidas. Recordo-me que todos os meses havia uma reunião com todos os bolseiros dos outros cursos, e isso também ajudava porque também aprendíamos com as dificuldades dos outros. O ambiente era muito bom, aquelas reuniões corriam sempre bem “</p>
A coordenadora concelhia	A coordenadora concelhia dava muito apoio aos bolseiros. Fazia muitas visitas aos cursos para apoiar e ajudar	A Teresinha reunia connosco, ela ia regularmente ter connosco. Dava os materiais, falava com a gente, às vezes explicava algumas coisas. E, sempre que tínhamos algumas dúvidas íamos ter com ela, Aparecia muitas vezes por causa dos materiais e para fazermos o ponto da situação. Era um trabalho em que nos sentíamos muito apoiados.
O CEBA – espaço físico		
O grupo de adultos educandos	No curso do Torneiro tinha um grupo de doze pessoas. Conhecia toda a gente o que facilitava a sua interação. Em dois anos teve um adulto certificado e alguns aprenderam a ler e escrever. As expectativas também não eram muito altas porque era uma	Eram aí doze pessoas, todos de Torneiro. Eu conhecia toda a gente, era um grupo onde apenas duas ou três pessoas estavam na casa dos cinquenta anos, todos os outros tinham entre sessenta e oitenta anos. As expectativas em relação à aprendizagem não eram muito altas. Mesmo assim, um dos adultos consegui fazer o exame” do 4.º ano, os outros, aí umas três pessoas ficaram a ler razoavelmente, das outras, conseguiam ler e rabisar algumas palavrinhas (...).

	população mais idosa	
Método	<p>Apesar das orientações da coordenadora o Simão acha que cada bolsheiro adaptava à sua maneira. O mais importante era aparte da conversação no início da sessão. Ler e escrever era o mais difícil. Tentava fazer como tinha aprendido na Formação mas tentava adequar os materiais ao conhecimento e às dificuldades das pessoas.</p> <p>Os materiais produzidos pela coordenação concelhia eram uma boa ajuda, apesar das pessoas não gostarem muito de fichas, preferiam conversar com base na recolha de património oral que havia sido feito pelos bolsheiros em cada CEBA</p>	<p>“Quando entregava os materiais, explicava-os, dizia como é que nós devíamos fazer. Mas eu acho que cada um fazia à sua maneira, improvisava um bocado conforme o grupo e a sua maneira de ser. Eu, cá, achava que resultava melhor falarmos da vida do monte, das coisas que eles faziam. Passávamos sempre um bom bocado a conversar, isso era muito importante, as pessoas poderem falar das coisas que sabiam. Depois o aprender a ler era mais difícil, para não falar no escrever, havia alguns que já não conseguiam (...) As fichas tinham imagens, falávamos e depois eu escrevia palavra no quadro, dividia por partes e depois íamos e juntávamos. Era mais ou menos como tinham ensinado na formação. Eu fazia assim e as pessoas gostavam, algumas conseguiam ler as partes da palavra e depois, com ajuda, conseguiam juntar e ler a palavra. Ah! No outro dia, a maior parte delas já não se lembravam do que tinham feito no dia anterior. Lá começávamos de novo. Mas, aos poucos lá iam aprendendo (...)</p> <p>Fazia ali umas adaptações, mas os princípios estavam lá. Também acho que os materiais que a Teresinha nos dava, ajudava, a forma como o material estava organizado, as sugestões que eram dadas apontavam para o método de Paulo Freire. Também nos era sugerido que construíssemos o nosso próprio material (...) No meu grupo não se gostava muito de fichas, preferiam falar, discutir temas. Utilizava imagens, do material de apoio que utilizava havia reproduções fotográficas, imagens do meio rural (...) Uma das atividades que a coordenação concelhia nos pedia para fazer com os grupos era a recolha de histórias, cantigas, contos, anedotas, receitas antigas. Eu utilizava essas palavras, como palavras geradoras, para introduzir os temas que pretendia trabalhar. Recordo que propunha palavras como “serão”, quando procurava recolher contos, ou “monda”, “ceifa”, “lavoura”, “Entrudo”, “janeiras”, etc., quando queria que falassem das suas</p>

		vivências, das dificuldades da vida, das cantigas que cantavam nos seus tempos de juventude. (...) Muitas das nossas sessões eram passadas ouvindo relatos”
O mais importante	O mais importante era a partilha de experiências, as discussões num bom ambiente de amizade. Ver como as pessoas gostavam de lá estará fazer relatos de hv, a recordar tempos antigos.	“Mas o mais importante para mim, era a partilha de experiências, o convívio, o desfiar de recordações, boas e más. Recordo, ainda bem, a maneira como encaravam a “ida à escola”. As sessões eram para ser de duas horas, das 20:00 às 22:00. O tempo passava num instante, muitas vezes ficávamos mais de 3 horas na sala (...) Se, por qualquer motivo, chegava cinco minutos atrasado, era o último a entrar na sala, à hora estavam lá todos. Levavam aquilo muito a sério.
Significado da experiência	Determinou o seu percurso de vida	Foi, talvez, uma das experiências mais gratificantes da minha vida. Sempre disse isso com convicção, mas talvez nunca tenha percebido o que significou verdadeiramente para mim. Hoje estou convencido de que ela foi a principal responsável pelo percurso profissional que trilhei na sequência dessa mesma experiência (...)
O Mundo não acaba além da Portela da Missa.	Depois da experiência em alfabetização. Fez o 12 ano, depois entrou para universidade onde concluiu a licenciatura em Educação Social. Estava inscrito no mestrado em Sociologia da Universidade do Algarve	Comecei a estudar no ensino recorrente, voltei ao 6º ano, voltei o princípio e fiz o 9º ano. Podia ter pedido as equivalências, mas tinha feito isso há tantos anos, tinha o 9º ano praticamente terminado. Voltei e fiz por unidades o 9º ano. Depois de terminar o 9º ano, continuei e fiz o 12º ano por unidades, deixei apenas uma que não fiz porque era, salvo erro, francês (...) Porque me disseram, Se tiveres o 12º ano não podes concorrer aos mais de 23 anos e eu entendi que era melhor fazer o exame de maiores de 23. Já acabei a licenciatura em Educação Social e depois logo se vê (...)
Melhores memórias	As melhores memórias são da amizade entre todos, das estórias que se contavam. Das aprendizagens que construiu	“O grupo, a relação com as pessoas. As pessoas não faltavam, aquilo era uma grupo de amigos (...) Confesso que aprendi mais do que ensinei.
Fim da experiencia como	Foi obrigado a deixar por ter mudado de emprego,	Tive de deixar, arranjei emprego como guarda noturno na Escola Básica Integrada,

bolseiro	<p>mas se quisesse voltar não seria possível porque acabaram com a figura do bolseiro. Mudara as políticas educativas e mudou a educação de adultos. Desvirtuaram a educação de adultos quando substituíram os bolseiros por professores que eram desconhecidos do Meio e não tinham motivação para a alfabetização</p>	<p>passei a ter as noites ocupadas, mas também, mesmo que quisesse continuar não seria por muito tempo porque acontecia-me o mesmo que à minha mulher. Depois da Teresinha, com a Rosário, as coisas mudaram um bocado. No tempo da Rosário as coisas já tinham mudado e começaram a apostar mais num outro tipo de formação. A alfabetização deixou de ser tão importante, acabaram os cursos nos montes. Apostaram nos cursos de cozinha, cursos profissionais e noutros. Na alfabetização deixaram de contar com os monitores, passaram a dar preferência aos professores para dar cursos, para dar alfabetização, professores que estavam colocados na escola. E aí começaram a dar cursos e desvirtuou aquilo que era a educação de adultos. O facto de inicialmente se ter apostado em monitores, pessoas que conheciam muito bem a realidade, que conheciam as pessoas, que conheciam as suas necessidades, que conheciam as palavras geradoras, que sabiam o que realmente se estava a passar. Uma pessoa vinda de fora não sabia lá certas coisas. E por outro lado, penso que as pessoas eram capazes de se sentir mais à vontade connosco, conheciam os monitores, os jovens que lá estavam, conheciam os pais deles, conheciam a família. Portanto havia um outro à vontade que seria diferente se fosse um professor (...) embora na aula fizessem questão de nos tratar por professor (...)</p>
<p>Importância da ação da educação de adultos no nordeste algarvio?</p>	<p>A educação de adultos provocou mudanças no concelho. Há uma relação entre as novas dinâmicas associativas e o trabalho realizado pela Educação de Adultos.</p> <p>O trabalho desenvolvido pela coordenação concelhia criou hábitos de participação e quando pessoas do concelho que estavam fora, regressaram tornaram-se líderes e contara com o</p>	<p>“As coisas hoje são muito diferentes. Quando a Teresinha chegou a maioria das pessoas era analfabeta, hoje é diferente (...) Hoje há pessoas mais jovens, as pessoas mais jovens são pessoas que estavam fora e que regressaram (...) foram essas pessoas que pegaram um bocado, portanto, no trabalho que a Teresinha fez quando lá esteve. Portanto a Teresinha desencadeou aquele processo todo da alfabetização e dos cursos e do não sei quê (...) Criou ali uma dinâmica que essas pessoas que disse, que regressaram (...) pegaram, por falta de conhecimento, por falta de iniciativa das pessoas que lá estavam. Era preciso líderes, portanto, algumas dessas pessoas que</p>

	<p>apoio das pessoas para voltar a dinamizar um conjunto de atividades. As pessoas e as associações substituíram a coordenação concelhia e contaram com o apoio da autarquia. Hoje há nalgumas zonas como Balurcos uma larga atividade associativa.</p>	<p>vieram de fora tornaram-se líderes. Quer dizer, hoje há uma Associação em Balurcos que está a fazer um trabalho extremamente interessante, é a Associação de Solidariedade Social, Desporto, Cultura e Arte de Balurcos que nasceu, portanto, há cerca de 12 anos, 15 anos, se calhar não há tantos. E a presidente dessa Associação, a direção, não a presidente de direção, não, os corpos sociais, a maioria são todos, praticamente todos, dessas pessoas que voltaram. Essa Associação tem um trabalho extremamente interessante, digamos que revitalizou uma série de atividade que se faziam na região, sei lá, têm a Festa da Maia (...) a Festa da Maia era uma festa tradicional, como o professor sabe, era uma festa feita naquela altura, era uma festa que se festejava todos os anos, que se festejava antigamente, era uma festa tradicional. Também organizam encontros de poesia, criaram um grupo de cantares tradicionais (...) o que é que tem mais, organiza, eventos, bailes, tem ginástica para as pessoas idosas e neste momento viu aprovado um Projecto para um Lar e Centro de Dia em Balurcos. No concelho de Alcoutim há apenas um Lar, em Alcoutim e há mais uns Centros de Dia, em Pereiro, em Giões, nas sedes de freguesia, mas nos montes não há nenhum. Aqui vai ser o primeiro Lar, é trabalho da Associação que muito tem lutado e agora conseguiu. Portanto, um Lar e um Centro de Dia nos Balurcos (...)</p> <p>“A relação com o trabalho da Educação de Adultos, com o trabalho da Teresinha é se calhar, na minha opinião, é se calhar o “bichinho” que ficou (...) portanto, aquela dinâmica que se criou, aquele hábito das pessoas irem aos cursos, essas pessoas depois continuaram a ir aos cursos, às ações que se realizavam. A autarquia também teve (sic) um papel interessante, não com os objetivos da educação de adultos, mas não deixou “morrer” algumas dessas iniciativas e continuou a financiar algumas atividades. Portanto, há pessoas que se juntam para fazer um curso de bordados, há um grupo que se junta para fazer um grupo de</p>
--	---	--

		<p>cantares, que é dinamizado pelas Associações, como acontece em Balurcos, mas é financiado pela Câmara Municipal. Portanto, há algum trabalho, não é como o que fazia a coordenação que havia antigamente no tempo da educação de adultos (...) A ação da Associação de Solidariedade em Balurcos tem que ver com o trabalho que foi feito pela educação de adultos. A Associação aproveitou o trabalho que lá foi feito, portanto há relação, quase de certeza. As pessoas começaram a participar nas atividades da associação e aí é que acho que foi a maior vitória da educação de adultos que foi habituar as pessoas a participar. Sabe-se como é difícil a participação e a educação de adultos, neste caso a Teresinha habituou as pessoas a isso”</p>
<p>A educação de adultos mudou...</p>	<p>Depois do PIDR a educação e adultos mudou muito no concelho. A autarquia começou a sensibilizar e a financiar as associações para dinamizarem atividades. Começaram a surgir programas apoiados pela União Europeia. Por vezes, as associações não têm autonomia. Dependem da autarquia e dos financiamentos</p>	<p>“Mudou, mudou muito. Passaram a organizar cursos só para jovens que eram apoiados pelo Fundo Social Europeu. Em Balurcos, Martinlongo, Alcoutim, a Câmara substituiu-se à Educação de Adultos, organizava e financiava cursos aqui em Balurcos. (...) A minha mulher deixou de dar alfabetização e ainda deu cursos de cozinha. Eram cursos para qualquer pessoa que quisesse (...) Depois a Câmara meteu as Associações ao barulho, como se costuma dizer. As associações organizavam e a Câmara pagava, era para as pessoas se organizarem através das associações e a Câmara financiava, pagava aos monitores. Uma outra situação foi encaixarem esses tais cursos educativos num programa que há, que é o Contrato Local Social, portanto, é um programa financiado pela Segurança Social. Nós entrámos nisso também, não deu já para mexer em grandes coisas. Pronto, porque vinha do anterior e a Câmara tinha organizado e já tinham os formadores, já tinham os cursos. já tinham tudo delineado. Mas, portanto, no próximo ano eu estou a tentar que a gente, que a Associação desça um pouco da marca e que a gente possa organizar alguns cursos”</p>

ANEXO 20. ANÁLISE DA ENTREVISTA AO RUI CRUZ

Categorias	Análise	Excertos
Experiência como bolseiro	Vivia isolado no monte foi a oportunidade de começar a trabalhar e a conhecer pessoas. Foi a sua primeira experiência profissional. Foi determinante para o seu futuro pessoal e profissional	“Eu acho que foi o princípio de tudo. Eu já tinha saído da Escola, vivia isolado lá no monte no meio daquelas pessoas todas e foi, realmente, o princípio, não tenho dúvidas nenhuma. Foi a minha primeira experiência que me envolveu com as pessoas, com os idosos, foi o primeiro passo. Olhe! Se calhar devo a essa questão, e estou a ser muito honesto, a essa questão de ser bolseiro, foi o meu pontapé de saída porque levei depois toda a minha vida envolvida com pessoas. Nunca tinha pensado nisto. Mas esta experiência, foi de facto, o primeiro passo para aquilo que eu viria afazer ao longo da vida, relacionar-me com as pessoas. Foi essa experiência que me fez perceber que era isso que eu gostava de fazer que era trabalhar com as pessoas”
Convite	O Rui surge como bolseiro por convite da coordenadora concelhia que o conheceu porque pertencia aos Amigos da Rádio. A partir daí criou-se uma amizade entre ambos. Vivia isolado no monte foi a oportunidade de começar a trabalhar e a conhecer pessoas	“Foi um convite da parte da Teresinha. Portanto, eu já conhecia a Teresinha, e ela um dia perguntou-me o que é que eu andava fazendo, Estou lá no monte (...) eu sou do Corte das Donas (...) na altura em que aparecemos com a Rádio, Os Amigos da Rádio de Balurcos, andei envolvido com a elaboração dos Estatutos e fizemos os primeiros programas. Foi, realmente, uma época de ouro lá em Alcoutim (...)” “Foi a partir daí e depois desenvolveu-se uma amizade. Apareceu o convite, eu percebi que lá no monte era um trabalho interessante que eu podia fazer” “Nessa altura nem era muito numa perspectiva de ir trabalhar para os outros, foi mais na perspectiva de me ocupar a mim próprio, porque eu não tinha nada para fazer. E viver no monte, os meus pais nunca me obrigaram a andar lá apanhando as amêndoas e as alfarrobas e não sei quê”
Fixação no nordeste	O Rui quando acabou o 12.º ano em Vila Real e resolveu ficar no nordeste	“ A maioria dos que acabaram a escola foi embora da serra, vieram para o litoral, para Tavira, Faro, Vila Real. Eu não, eu sempre quis viver na serra, porque viver lá para mim só me incomodou um bocado enquanto não

		tive carro porque estava limitado, a partir daí (...) Sempre foi uma opção para mim viver no concelho de Alcoutim.
Ser bolseiro	Gostou muito do convite, ocupava o seu tempo de uma forma mais útil e ajudava as pessoas do seu monte a elevar os níveis educativos. Foi bolseiro durante quatro ano	“E eu, o que é que eu fazia? Lia uns livrinhos e não tinha mais nada para fazer. Portanto, ser bolseiro foi mais numa perspetiva de ocupar o tempo. Passados três meses eu percebi que aquilo que estava a fazer era uma coisa interessantíssima e nunca mais larguei, estive uma série de anos (...) Aí uns quatro anos, já não me lembro bem. Mas sei que ainda estive muito tempo, perdi um pouco a memória do tempo (...) E, depois, o trabalho que nós fazíamos era muito interessante (...) O meu trabalho, isto é mérito, mas é verdade isto, eu fazia um trabalho muito importante e aquilo era muito engraçado
A bolsa	Dez contos era o valor da bolsa, foi o seu primeiro ordenado o que o deixou muito orgulhoso. Dava muito jeito porque em casa havia algumas dificuldades económicas, daí ter desistido de continuar os estudos. Sentia que merecia esse ordenado pela dedicação ao Curso	Dez contos, dez contos naquela altura dava para muita coisa. Para mim, foi o meu primeiro ordenado, foi o primeiro dinheiro que eu ganhei. Dava muito jeito. Ora, vivia na serra, não tinha onde gastar. Repare uma coisa, Eu deixei de andar à Escola porque um dia o meu pai disse-me, Olha filho amanhã não há dinheiro para ires à Escola. E, eu tive de desistir de estudar, fiz o 12º ano e acabou-se, não havia dinheiro para mais (...) Esses dez contos, para mim, era um orgulho pessoal, aquilo não contava tanto pela importância do dinheiro, que era importante, muito importante, mas, sobretudo, era um orgulho, enchia-me o peito, porque fui eu que o ganhei, ganhei-o trabalhando, fazendo coisas, ensinando os outros. Aquilo era muito importante para mim, (...)E, eu sabia que o merecia, eu sabia que fazia um bom trabalho e isso ainda me deixava mais orgulhoso. Olhava para aquele dinheiro e dizia, Fui eu que o ganhei. E eu era obrigado apenas a ir ao Curso três dias e eu ia todos os dias. Ia todos os dias de 2ª a 6ª feira (...)
Desafio	Achava que estava preparado para este desafio porque tinha uma boa relação com as pessoas, todas ao conheciam e depois entendia que os seus conhecimentos era capaz de	“ Eu era ignorante a esse nível, mas eu pensei assim, Tenho uma boa relação com aquela gente, no meu monte toda a gente gosta de mim, eu não tenho pessoas com quem não me dou, toda gente gosta de mim e já nessa altura era assim. A pergunta que me fez, Se eu

	ensinar a ler. Considera que a relação entre bolsheiro e adultos educandos é fundamental para se construírem as aprendizagens	estava preparado para isso? Eu nunca pus essa questão nesses termos, eu pensei assim, Sei ler e escrever, então, também consigo ensinar. Pronto, o meu pensamento foi esse (...) E hoje vejo que as coisas connosco resultavam mais, não tenho dúvidas disso, resultava por isto, As pessoas como me conhecem tão bem, eu nasci e cresci ao pé daquelas pessoas. Todos eles são como se fossem da minha família, ninguém tinha problemas nenhum em mandar-me (...) Em dizerem que não sabiam ou que não percebiam porque havia uma boa relação entre nós, nada ficava mal, não se sentiam inferiorizados, nem complexos, nada (...)
O CEBA – espaço físico	Quase todas as pessoas do monte frequentavam o Curso que funcionava numa casa particular que pertencia ao presidente da Câmara na altura. O mobiliário eram carteiras velhas e o quadro era improvisado de sacas velhas	(...) Eu tinha lá o curso, tinha lá as mulherzinhas e os homens todos lá do monte. Aquilo era muito engraçado, nós não tínhamos, praticamente, materiais nenhuns. A Teresinha levava as fichas e depois era por nossa conta (...) Eu lembro-me que o meu quadro, era feito de sacas de papelão da farinha dos porcos, que era uma coisa impressionante. Nós tirávamos a farinha, a saca cortávamo-la e depois a saca era o quadro, era tudo improvisado (...) E o curso funcionava numa casa (...) Essa casa até era do antigo presidente da Câmara de Alcoutim, era do Manuel Cavaco, foi esse senhor que emprestou a casa para poderem ser dadas lá as aulas, era na cozinha. E, depois, arranjámos umas carteiras velhas, até às vezes, as pessoas não cabiam lá nas carteiras.
O grupo de adultos educandos	Era cerca de onze pessoas incluindo a família do bolsheiro. Ninguém desistiu no curso: Mesmo que as pessoas desanimassem o Rui incentivava-as e se fosse preciso ia buscar as pessoas a casa	“Eram dez, onze pessoas (...) Ia a minha mãe, ia a minha prima, ia a minha tia e depois, iam as vizinhas todas de lá, e havia três homens, mas eram os mais burros (risos), as mulheres é que aprendiam mais depressa, agora os homens (...) é aquele conceito do homem, o homem é que manda, o homem é que sabe e quando eles percebiam que elas percebiam mais do que eles ficavam um bocado, um bocado (...), mas não desistiram, não desistiram, porque a desistência, muitas vezes, é fruto do momento de desânimo. Quando eu percebia que a pessoa estava assim, que dava mostras que ia desistir,

		<p>eu ia lá a casa buscá-lo. Como éramos do monte, eu tinha toda a à vontade, Oh! Tio não sei quantos faz favor de vir, Ah! Não me apetece, Venha lá se faz favor, senão fico chateado consigo. Mesmo que não tivesse muita vontade, como eu insistia, no outro dia já estava mais bem-disposto e já ia, normalmente. Ninguém desistia lá no curso. Isto era quase uma pedagogia de comportamento. Porque o desanimar é uma coisa de momento, não é?, Se não tiver ninguém que a puxe, a pessoa nunca mais lá aparece (...) Eu quando via que uma pessoa não estava lá, ia lá a casa buscá-la, Ah! Agora não posso ir, Faz favor de vir, está lá toda a gente à sua espera.”</p> <p>“Tive particamente sempre o mesmo grupo, mesmo que tenham entrado mais três ou quatro pessoas que juntaram ao primeiro grupo, tive sempre, mais ou menos os mesmos, porque aqueles que começaram, depois continuaram, sempre. Lá, ninguém desistia”</p>
Alfabetização	Toda agente aprendeu a ler naquele curso ao fim de três anos. Tinha uma grande proximidade com as pessoas e muitas vezes ia durante o dia a casa das pessoas ajudar a sistematizar o trabalho da noite anterior	<p>Mas ensinei-os a todos a ler. A minha mãe, depois daquilo terminar, a minha mãe conseguia ler um jornal (...) E, outras pessoas de lá, os mais velhos é que tinham muita dificuldade em aprender (...)E, na minha pequenina sala de aula, quando cheguei ao fim, toda a gente sabia ler (...) Isto, passados dois ou três anos”</p> <p>“Porque como eu fazia, aquilo, aquilo era, era a riqueza das pessoas que estava ali, o que falávamos não diferia muito da vida delas, daquilo que as pessoas faziam durante o dia (...) De tal forma que no outro dia, estávamos lá no monte e eu perguntava se já tinham feito a cópia, se já tinham feito o não sei quantos (...) E, às vezes, eu ia, durante o dia até lá a casa deles, falávamos, se fosse preciso, a meio da tarde, ajudava-os para, logo à noite, eles brilharem (...) Aquilo, aquilo era, era um espetáculo (...)</p>
Exame da 4ª classe	Só levou uma pessoa mais jovem mas que fez muito boa figura. Depois de fazer o exame essa jovem emigrou para França.	<p>“Levei uma, fez uma boa figura, passou com distinção no exame (...) Eh pá! Aquilo foi uma festa, essa era mais novinha, vive em França, agora. Pouco tempo depois de tirar a 4ª classe emigrou para França e lá está. Era uma</p>

		mulher ainda jovem. Os mais jovens têm muito mais facilidade. Essa mulher não era de corte das Donas. Ela ia lá ao monte ao curso de alfabetização, já não tenho memória de onde é que ela era”
Funcionamento do CEBA	Funcionava de 2ª a 6ª feira. Não havia aulas, era mais do tipo círculo de Estudos onde se falava de tudo e se aprendia a ler. Valorizava os conhecimentos e experiências das pessoas e privilegiava as conversas em grupo. Funcionava num paradigma construtivista.	Quantas sessões havia por semana? R- Todos os dias, eu trabalhava com eles todos os dias da semana, de segunda a sexta (...) aquilo eram encontros, não eram aulas, eu não ia para lá armado em professor, aquilo eram encontros onde se falava de tudo e eu aproveitava isso para os ensinar a ler (...) Esse tal método que nos ensinaram, eu nunca o utilizei muito, porque era através das conversas que as pessoas faziam e que eu fazia com eles que os impelia a aprender. É muito mais interessante, a pessoa aprende muito mais depressa com a figuração da palavra galinha do que com a palavra elefante, tá (sic) a ver onde é que eu quero chegar (...) Era da experiência da pessoa que eu chegava lá, a pessoa é que me perguntava como é que era, não era eu. Eu só lhes impingia as letras, aí, é que teve que ser, não é? E juntar as letras. Logo a partir daí, pronto (...) Aquilo já era, já ia decorrer, pronto, como é que hei de dizer, basicamente, eram as pessoas que estavam a usar-se a elas próprias, eu só estava lá mais ou menos para as encaminhar e para as ajudar, mas elas é que me diziam o que queriam aprender. Eu nunca os forcei. E aquilo dava um resultado (sic), dava um resultado (sic) (...)
Métodos	O Rui não adotou o método que lhe foi ensinado na formação. Funcionava por intuição e como entendia que era a melhor maneira de os ensinar	“Entretanto, aquilo também era nos eram dados métodos para ensinar os adultos, mas eu, muitas vezes, não ligava a esse método (...) Eu sabia, eu é que sabia, a maneira como é que podia levar as pessoas (...) Porque os métodos, do ponto de vista científico (...) Quem sou eu para duvidar deles, não é? não é por aí, nem eu tenho competência para isso. Sei é que do ponto de vista prático, como eu lhes ensinava é que eles iam lá, eu é que sabia. Quando lhes falava nas galinhas e nos porcos (...) é que os levava a ir por aí adiante a aprender sons que depois juntavam e depois faziam palavras e por aí adiante.

<p>O processo Ensino/Aprendizagem</p>	<p>Fazia trabalho em grupo e trabalho individualizado. Procurava acompanhar todas as pessoas</p>	<p>O Aprender porque eu lhes Ensinei. Está a ver, não é que eles conseguissem, conseguiam porque eu é que as ensinei. Via aquilo numa perspectiva egoísta (...) Mas, aquilo também era uma comunhão de esforços e quando um conseguia, toda a gente ficava satisfeita. E, depois, quando havia uma ou outra pessoa que tinha mais dificuldade, os outros quem podia também ensinava (...) Era uma coisa, era uma coisa, era uma luta comum, e o resultado era comum, porque eu sempre tive o cuidado, eu nunca deixava ninguém para trás. Por exemplo, a Ti Maria aprendia primeiro que a Ti Teresa, eu dizia, Olha lá! Faz favor de esperar porque ela ainda não sabe, quando ela aprender a gente já vamos todos (...) Eles sabiam que eu não ia deixar ninguém para trás, daí que, ali não havia nem mais espertos nem menos espertos. As pessoas sentiam-se bem, estavam ali à vontade (...).</p>
<p>Temas</p>	<p>Os temas surgiam naturalmente da conversa em grupo e depois o Rui Aproveitava para desenvolver a comunicação, o sentido crítico, a reflexão. Por sessão discutiam quatro a cinco temas. As pessoas revelavam grande sentido crítico. Gostavam deste momento da discussão temática</p>	<p>- Da conversa, os temas surgiam naturalmente da conversa, havia sempre um assunto nas conversas e depois eu aproveitava (...) As pessoas precisavam desenvolver a capacidade de pensar, o que me preocupava era ajudar as pessoas a pensar, às vezes, não sabem pensar, porque como viveram toda a vida naquele círculo muito isolado (...) “A comunicação era só sobre quatro ou cinco temas do dia-a-dia. Tinham uma visão muito curta da vida (...) Repare que naquela altura não havia televisão, na altura não havia eletricidade, as minhas aulas eram dadas à luz do candeeiro. Portanto, as pessoas (...) não passavam muito daquelas conversas do dia-a-dia, e eu tentei sempre a levá-las falar sobre outras coisas. Uma coisa que me ficou gravada, foi uma vez que nós falámos sobre droga. Já não me lembro como, mas o tema surgiu e eu perguntei a cada um, O que é que achavam das pessoas que forneciam a droga, das pessoas que plantavam as drogas e tal, e houve uma senhora que foi espetacular (...) Nunca mais me esqueci disto. Olhe! Sabe o que é que eu acho? O que eu acho é que os que têm menos culpa são as pessoas que plantam a droga, porque esses plantam porque precisam</p>

		<p>comer senão os filhos morrem à fome, o grande problema é de quem, depois, a vende. Eh pá! Nunca mais me esqueci disto. Como é que esta pessoa consegue, estou a falar de uma pessoa que tinha aí uns setenta anos, como é que esta pessoa conseguia elaborar este tipo de pensamento complexo, não é? (...) Aquilo já resulta de uma certa reflexão. Foi, aquela experiência foi espetacular. Ainda hoje, as pessoas me falam nisso quando vou lá ao Monte”</p>
<p> Materiais didáticos</p>	<p>Utilizava os materiais fornecidos pela coordenadora concelhia. Mas não seguia a planificação da coordenadora concelhia. Utilizava as fichas só quando entendia que era o momento certo. Ele é que conhecia o grupo. Vivia os sucessos das pessoas”</p>	<p>A Teresinha dava-nos as fichas e o resto era por nossa conta (...) Não utilizava as fichas com aquele calendário que ela dizia, porque dependia do andamento das sessões, eu utilizava a ficha quando achava que devia utilizar. Ela dizia, Ah! Essas fichas têm de vir preenchidas. Aí, eu fazia batota, queres preenchidas, vão preenchidas, mas dizia-lhe isto foi assim, assim, só porque tem que ir para o teu processo. As pessoas não faziam as fichas só porque tinham de fazer, faziam quando eu achava que elas estavam em condições de fazer a ficha. Eu é que sabia, eu é que trabalhava com as pessoas, não era a Teresinha (...). E quando as pessoas faziam as fichas, ficavam todas orgulhosas. Quando as pessoas conseguem escrever uma palavra ou conseguem ler, aquilo é uma coisa, não se consegue explicar, aquilo é uma alegria que se vê nos olhos. As pessoas não manifestam a alegria pelas palavras, é mais pela linguagem corporal, elas até quase que cresciam 1 cm (...) Depois, a alegria delas era a minha, porque no momento em que eles conseguiam, eu até via aquilo numa perspectiva mais egoísta. Era assim, Eles conseguiram</p>
<p>Maiores dificuldades</p>	<p>Nãos sentiu dificuldades porque falava muito com a coordenadora concelhia e se tivesse alguma dúvida esclarecia. Segundo refere era considerado o melhor monitor de alfabetização do concelho. Atribui ao seu desempenho á sua capacidade de abordar qualquer tema</p>	<p>“Eu não tive dificuldades, é verdade, por acaso nunca senti dificuldades. A sério, eu acho que não tive dificuldades, aquilo era uma família, as coisas corriam bem entre nós, nunca tive quaisquer problemas com as pessoas (...) Aliás, eu era considerado um dos melhores monitores. Há pouco quando dizia que iam poucas pessoas ao monte convidadas para falar, isso pouco acontecia porque eu mexia em tudo, eu falava de tudo e a Teresinha confiava</p>

		<p>muito em mim (...) Se eu tive alguma dificuldade, tive a capacidade de a partilhar com as pessoas e aí deixou de ser dificuldade. Também estava muito em contacto com a Teresinha e falávamos muito, se surgisse algum problema, ultrapassávamos isso. Eu gostava muito da Teresinha e ela foi o coração daquilo, não tenho dúvidas absolutamente nenhuma (...)</p>
A Formação	<p>Havia um programa de formação para os bolseiros. Para além de ter servido para começar a namorar o Rui atribui importância às ações de formação sobretudo por proporcionar troca de conhecimentos, partilha sobre formas diferentes de fazer.</p>	<p>“Foi numa dessas ações de formação que comecei a namorar com a Lurdes (...) Sim, a formação teve importância na medida da formação para mim, porque eu nunca a apliquei muito, como lhe disse, no terreno. Mas, para mim foi interessante, dava para ver as coisas de outra forma e ver como os outros faziam, trocar experiências. Acho que isso foi o mais importante, a troca de experiências porque os montes não são todos iguais e as pessoas também não, a formação é sempre importante (...) Havia muitas ações. Até chegámos a vir aqui para Tavira, ficamos um fim-de-semana no Hotel. Mas lá, todos os meses havia reuniões com todos os bolseiros e íamos para Balurcos e para Alcoutim (...)</p>
Casamentos	<p>As reuniões em grupo e as ações de formação permitiram que os jovens bolseiros e bolseiras se conhecessem. Daí resultaram alguns casamentos, o que levou a que esses casais continuassem a viver no concelho</p>	<p>“Foi através destes contactos, da alfabetização que eu me casei, que eu comecei a namorar com a minha mulher que também era monitora de alfabetização, também era bolseira, era a Lurdes (...) e a Teresinha foi a minha madrinha dessa coisa, ela apoiou muito esse namoro e não só o meu. Naquela houve uns quantos casamentos entre bolseiros e a Teresinha era a casamenteira lá do grupo”.</p>
A Coordenadora concelhia	<p>A Teresinha era um elemento fundamental neste processo. O programa que a educação de adultos desenvolveu no concelho deve-se em grande parte a ela.</p>	<p>“A Teresinha era espetacular. A Teresinha era mais uma pessoa da família, foi muitas vezes lá ao monte, mas da primeira vez que lá foi a minha mãe disse, Oh filho! A Teresinha, mas que boa pessoa, só tenho pena de uma coisa, ela é muito simpática, gosto muito dela, só tenho pena de uma coisa, é ela ser preta (...) E eu, oh mãe! Mas por amor de Deus (...). A minha mãe e as outras pessoas do monte, nunca tinham visto uma mulher preta (...) Isto, dá para ver o grau de isolamento em que as pessoas viviam, elas nunca tinham</p>

		visto um preto. Isto dá uma ideia do atraso em se vivia lá (...) A Teresinha foi o coração daquilo tudo, ela incentivava a criação de cursos, ela apoiava, falava com as pessoas, era ela que quando era preciso consegui o apoio da Câmara para arranjar autocarro quando se faziam saídas. A Teresinha fazia ligação daquilo tudo. Eu estou convencido que todos aqueles programas que a educação de adultos desenvolveu no concelho se devem a ela. Se não fosse ela, era difícil fazer aquele trabalho (...)
O Mundo não acaba além da Portela da Missa.	Para aprender a ler é preciso exercício. As pessoas só liam nas sessões e depois não praticavam, era mais difícil. O mais importante era quebrar o isolamento das pessoas e dar-lhes outras perspetivas sobre a Vida. Havia que despertar a curiosidade	R- É assim, já muito faziam eles, tinham a vida do campo para resolver, não tinham, não tinham e nem sequer havia muita facilidade para eles poderem ler, lá não chegava o jornal diário, não havia biblioteca, por isso não era fácil, mesmo que quisessem (...) O saber ler era importante para aquelas pessoas, mas não era o mais importante, o mais importante era as pessoas falarem umas com as outras, conversarem. Era o mais importante, as pessoas saírem de casa, saírem da casca, as pessoas perceberem o que eu lhes dizia. Eu ainda me lembro, das primeiras coisas que eu lhes dizia, eu dizia assim, O Mundo não acaba além da Portela da Missa. A Portela da Missa é um sítio lá na serra a partir do qual a gente deixa de ver a (...) Eu dizia, O Mundo é muito maior que isto e a gente está aqui para ver o mundo, e eu estou aqui para vos dizer que há mais mundo. E esta foi a primeira base, fazê-los entender que a Vida é muito mais que aquela Vidinha que havia lá no monte (...) E as pessoas queriam, queriam saber mais, tinham curiosidade, quando lhes falava de outras coisas que desconheciam, as pessoas queriam, queriam que falasse, queriam saber mais, havia vontade no grupo. Era muito giro (...)
Método de ensino da leitura	Ensaiei o que aprendeu na formação, mas não resultou. Não se entendeu como” método de Paulo Freire. Utilizava uma fórmula própria baseada no	Eu tentei fazer aquilo três ou quatro vezes (...) tentei três ou quatro vezes levar aquilo à letra e aquilo aborrecia as pessoas. Eu via que as aborrecia, ora uma pessoa que ainda está num processo de abertura para poder

	conhecimento que tinha das pessoas e do que elas sabiam: Funcionava por intuição.”	<p>aprender, se começa a ficar aborrecida com aquilo, então não aprende. Eu é que presenciava como é que eles queriam aprender e tinha a ver com isso. Eu lembro que aquilo tinha muito a ver com os sons e as pessoas não queriam aquilo. Aborrecia-os aquela maneira de aprender (...)</p> <p>“Começavam por juntar as letras, depois formavam as sílabas e depois com as outras letras que, às vezes, se juntam à sílaba, os m e os r, e depois, obrigava, obrigava não, sugeria que repetissem aquilo. Era muito por repetição, muito por repetição (...) utilizava muito o quadro, mas para as pessoas era mais fácil aprender a ler que a escrever, sem dúvida. Tinham muita dificuldade em desenhar a letra (..) Todos eles aprenderam a fazer o nome, todos. Eu senti-me vitorioso com isso (...) E o que me deixou mais satisfeito foi as pessoas dizerem que tinham pena que aquilo acabasse. Então, quer dizer que o trabalho estava bem, não é? (...) Se aquilo tivesse acabado e as pessoas não me tivessem dito nada, mas não, eles ficaram com pena de eu ter acabado com aquilo (...)</p>
Melhores memórias	O melhor sentimento que guarda é de ter ajudado aquelas pessoas todas a aprender a ler. Só guarda boas recordações.	<p>“Eu guardo só as boas porque acho que me esqueci das más, se é que as tive. Pode ter havido uma ou outra situação mais desagradável, toda a gente tem, não é? Mas as que guardo são todas boas. Esqueci-me das más, as boas é uma mistura de coisas (...) Eu, passados estes vinte e cinco anos já não consigo identificar, mas, mas sei que no compute geral é mais do que positivo, não lhe consigo responder de outra forma (...) O melhor sentimento que guardo é de ter ajudado aquelas pessoas todas a aprender a ler, não aprenderam a ler como nós. Mas aprenderam a ler pequenos textos (...) Repare, aprenderam a assinar o nome deles, aprenderam a mudar o bilhete de identidade já com a sua assinatura que era um motivo de orgulho para aquelas pessoas (...) Foram momentos de grande alegria e satisfação para aquelas pessoas (...)</p>
Nova transição biográfica	Substituídos por professores, o Rui e a	Ela, depois, também deixou a alfabetização, no mesmo ano do que eu,

	<p>esposa conseguiram emprego no concelho. A esposa foi para Alcoutim trabalhar na Câmara e o Rui foi primeiro para Martinlongo e depois veio para Alcoutim. Ingressou na vida político partidária, candidatou-se à Câmara Municipal de Alcoutim e foi eleito vice-presidente, cargo que desempenhou durante treze anos</p>	<p>e aí também foi substituída por um professor. Depois, ela foi fazer outras coisas. Eu fui para Martinlongo, ela foi trabalhar para a Câmara, como bolseira, nuns programas que havia na altura (...) já não sei a fazer o quê, não sei se era na Contabilidade, na Secretaria, numa coisa assim (...) Eu fui para Caixa de Crédito Agrícola Mútuo em Martinlongo, depois vim para Caixa Geral de Depósitos em Alcoutim (...) Estive dez anos na Caixa Geral de Depósitos, depois candidatei-me, ganhei as eleições e fiquei na Câmara durante treze anos como vice-presidente”</p>
<p>Fim da experiência como bolseiro</p>	<p>O fim da sua experiência ditou o fim do curso um ano depois porque as pessoas não se adaptaram ao novo alfabetizador, professor diplomado que lá fora colocado para preencher horário. Era uma pessoa desconhecida. As pessoas reagiram mal à mudança porque conheciam o Rui e sentiam-se mais à vontade com ele. O grupo era como uma família</p>	<p>“E, depois aquilo terminou de uma maneira abrupta que foi, apareceram lá uns professores que já eram professores mesmo e não sei quê (...) professores, pessoas já formadas que foram fazer o nosso trabalho e nós fomos todos dispensados” “Mas aquela experiência foi muito interessante. Depois, houve pessoas, quando eu terminei aquilo, pessoas que choraram, choraram, queriam que aquilo continuasse, Ah! Mas tu vens mesmo sem ser através disso, a gente quer é que tu sejas o nosso professor, tens de continuar com a gente (...) já não dava, quem ia dar os cursos eram os professores diplomados, mesmo que eu quisesse continuar não me deixavam. A partir daí a coisa, morreu por aí (...) “O curso continuou ainda mais um ano, mas já não era a mesma coisa (...) as pessoas já não quiseram (...) Vamos lá ver, as pessoas a mim conheciam-me desde que eu nasci, não tinham problema absolutamente nenhum. Se fosse preciso em mandar uma má resposta, mandavam (...) ali era como se toda a gente fosse família, falávamos de tudo, não havia vergonha (...) O professor que foi para lá, era uma pessoa desconhecida e isso provocava a inibição das pessoas, as pessoas regrediram, regrediram com essa história. Porque comigo, regateavam, diziam, Olha lá e não sei quê, não sou capaz de fazer isso. Com o professor calavam-se e bloqueavam (...) Não obstante, e com todo o respeito de ser dado por professores, como eu fazia</p>

		<p>resultava mais”</p> <p>“Acabaram com os bolseiros, os bolseiros faziam parte da comunidade, eram parte integrante da comunidade, não havia ali diferenças, éramos todos a mesma coisa e trabalhávamos todos no mesmo sentido”</p>
Desilusão	<p>Foi com muito desgosto que o Rui deixou a alfabetização. Sentiu que foi expulso. Gostava de ter continuado e sabia que fazia um bom trabalho. Em seu entendimento a educação de adultos perdeu muito com a saída dos monitores</p>	<p>“Pois tive, mesmo quando fui para Martinlongo para a Caixa de Crédito, eu queria continuar (...) Não dei porque não me deixaram, olhe! Isso foi uma coisa que me chateou muito, essa é uma má memória. Não continuei a dar alfabetização não foi porque eu não quisesse, foi porque me expulsaram, expulsaram (...) Disseram, Estão aqui professores, agora vocês já não podem continuar (...) Isso é a minha pior memória, fiquei muito lixado com isso (...) Gostava de ter continuado porque eu deixei o trabalho em meio, porque o trabalho na educação de adultos é um trabalho muito demorado, nós não temos resultados passados seis meses, passados seis meses quase estamos ainda no ponto zero e quando aquilo começou a ter embalagem, quando as pessoas já liam e aquilo estava correr bem, interromperam. Colocaram lá os professores e aquele curso nunca mais foi o mesmo (...) Eu deixei o trabalho em meio e as pessoas não gostaram. As pessoas ficaram também chateadas, depois aquilo acabou, passado pouco tempo a coisa acabou. As pessoas diziam, Isto não é a mesma coisa, isto não é a mesma coisa, esta gente está, a gente não as conhece (...) Depois, veja bem, a simplicidade das pessoas, Nós somos burros, não conseguimos aprender, depois o professor diz, Isto é uma vergonha, não queremos ir mais, desistimos. Enquanto que, comigo nunca se consideraram burros, quando era uma pessoa desconhecida já tinham essa coisa de inferioridade (...). Portanto, eu acho que o programa da educação de adultos perdeu um bocado com a nossa saída, um bocado não, perdeu muito porque aquilo, saíram os monitores, acabou quase tudo (...) Porque nós, nós, basicamente éramos</p>

		mais um, éramos mais um, e quando apareceram os professores já não era mais um, éramos nós e aquela pessoa que a gente não conhece de lado nenhum (...)
Fecho dos cursos	Esses cursos, nos vários montes, funcionaram no âmbito do PIDR. Esse programa acabou. As pessoas voltaram a ser votadas ao isolamento e ao esquecimento	Acho que esses cursos terem encerrado foi uma falha enorme, foi uma falha enorme, sabe porquê? Porque essas pequenas comunidades vivem desse tipo de coisas, precisam de mais alguma coisa para além do trabalho do campo, precisam de criar dinâmicas e, muitas vezes, isso só acontece com a ajuda de alguém que tenha outro tipo de experiências (...) Vamos lá ver, eu penso que se podem identificar dois tipos de comunidades isoladas. Uma comunidade onde haja gente jovem e aquela comunidade onde só haja velhotes. Esta comunidade dos mais velhos tende a reduzir-se a ela própria, há ali um factor redutor muito grave. Esta questão (...) No caso do meu monte, eu era como se fosse um padre para aquela gente, aquelas pessoas quando tinham alguma dificuldade vinham me perguntar, quando queriam desabafar vinham falar, quando queriam alguma coisa vinham (...) E, isso de acabar com aqueles cursos foi co arctar muito do que aquilo que aquela gente poderia ter feito, podiam ter feito muita coisa, está a perceber? Mais não fosse, podiam ter investido mais neles, isso foi uma violência, até dizia mais, à portuguesa, foi uma estupidez. Foi uma estupidez, foi uma falta de sensibilidade (...)
O PIDR	No tempo do PIDR o objetivo principal era a alfabetização porque as taxas de analfabetismo eram muito altas, eram cerca de 38%. No monte era mais de 90%.. Quem sabia ler eram algumas pessoas mais novas	Acho que fazia falta um outro Pidr para o nordeste algarvio (...) Era um factor de crescimento, uma pessoa com setenta anos pode crescer e pode dar, e isso foi tudo co arctado. E, as pessoas voltaram para as galinhas, para os porcos e para os burros (...)
Depois do PIDR	Quando o PIDR acabou, continuou a haver no concelho, atividades apoiadas pela Câmara que se deviam a alguma aprendizagem da	“Ainda hoje continuam a haver alguns cursos e a Câmara continuou a subsidiar (...) Mas não julgo que estes cursos tenham resultado de alguma aprendizagem dessa experiência do tempo do PIDR, acho que isso resultou

	<p>experiência do tempo do PIDR e da sensibilidade do Presidente da Câmara. Mas os cursos têm umas características completamente diferentes do tempo do PIDR. Agora é mais para ocupar as pessoas, não há a preocupação de alcançar resultados.</p>	<p>da sensibilidade do Presidente da Câmara (...) Ele era sensível a esses cursos e achava que devia apoiar por ser importante, como a mim me parece importante (...)</p> <p>“Ele era médico, ia às ações como convidado estava lá meia hora e ia-se embora. Era uma postura completamente diferente da pessoa que está do princípio ao fim (...) Não é comparável. Agora que ele teve uma sensibilidade interessante para continuara a apoiar e a pagar esses cursos, não há dúvida absolutamente nenhuma. E, todos os anos faz-se lá em Alcoutim uma exposição dos trabalhos que são feitos nesses cursos. Só que o cariz desses cursos mudou completamente, enquanto, naquele tempo a maioria dos cursos era para ajudar as pessoas a aprender a ler e escrever, neste momento são mais para ocupação dos tempos livres, é mais para fazer os quadros e os bordados e mais não sei quê (...) Também é importante, também é importante, mas já é com uma perspetiva diferente. Acho que a filosofia dos cursos foi mudando aos poucos, se calhar devido às orientações da direção geral de educação, não sei, não faço ideia de onde vieram essas orientações, mas as orientações começaram a ser diferentes. Enquanto, que antes o objetivo era alfabetizar as pessoas, valorizar os seus saberes, neste momento é mais para ocupar algumas pessoas, principalmente nalgumas sedes de freguesia (...)</p>
<p>A educação de adultos provocou mudanças no concelho</p>	<p>Do ponto de vista global foi importante, foi um contributo para atenuar o isolamento daquelas pessoas e para criar mais dinâmicas. A partir daí apareceram outras iniciativas.</p> <p>As pessoas aprenderam alguma coisa, passaram a aderir mais participativos. Deixaram de ser sujeitos meramente passivos, para passar a sujeitos ativos. Estes efeitos ocorreram nos</p>	<p>“ Do ponto de vista global acho que sim, acho que sim. Foi importante, foi um contributo para atenuar o isolamento daquelas pessoas e para criar mais dinâmicas, sem dúvidas. A partir daí apareceram outras coisas, apareceram mais associações, mais vontade de fazer coisas (...) As pessoas aprenderam alguma coisa, passaram a aderir mais, aquelas pessoas já não eram as mesmas. Deixaram de ser sujeitos meramente passivos, para passara sujeitos ativos. Sem dúvida! Mas, sabe, quando nós falamos de pessoas aí com mais de 50 anos, eu não sou psicólogo (...) a ideia</p>

	<p>montes e freguesias onde havia mais gente. Os efeitos só se viram em freguesias mais dinâmicas, onde havia gente mais jovem</p>	<p>que eu tenho resume-se naquilo que se falou à bocado, Isto requer prática. Sim, principalmente em aldeias maiores, como Balurcos, Giões, Pereiro, Vaqueiros, Martinlongo, Alcoutim. Mas houve outro fator que foi o regresso de pessoas que estavam fora do concelho e que regressaram, reformaram-se e voltaram. Por isso é que surgiram mais associações no concelho e passou a haver mais atividades, mais festas (...) Aliás, isso até teve influência ao nível da autarquia, a autarquia aprendeu, aprendeu e viu-se na necessidade de, de alguma forma participar. Não! A educação de adultos mexeu com o concelho todo, mexeu, mexeu, não se pode negar. Agora o que foi pena ter havido ali um corte. Podia-se ter feito muito mais coisas (...) Aquela gente mais resiliente e tal, ainda conseguiram fazer coisas, outros como foi o caso do meu monte, voltou tudo à mesma (...)</p>
Os bolseiros de pois da educação de adultos	A maioria abandonou o concelho. Ficaram os que contraíram matrimónio	“A maior parte saiu, perdi o contacto coma maior parte deles. Foram procurar trabalho para outros lados, ali havia poucos empregos. E eu só fiquei lá porque arranjei trabalho senão teria que sair para ir procurar outra coisa qualquer”
Vereador	A experiência como bolseiro ajudou-o a relacionar-se melhor com as pessoas. Construiu muitas aprendizagens que lhe foram úteis quando foi vereador da Câmara. Melhor vereador que a Autarquia teve	“A experiência como bolseiro ajudou-me muito a relacionar-me com as pessoas. Quando fui vereador na Câmara, resultante desse tipo de aprendizagem, eu sempre tentei e consegui ser mais um habitante de Alcoutim, eu nunca fui mais um vereador da (...) eu era o vice-presidente e também cheguei a andar a recolher lixo. Portanto, está a ver (...) Eu fiz de tudo, nunca tive preconceitos e curiosamente já saí da Câmara há seis ou sete anos e as pessoas na rua ainda me tratam por vereador. Veja bem (...) Isto da política, há quem goste e há quem não goste, mas de uma forma geral, acho que o trabalho que eu fiz na Câmara resultou também dessa minha aprendizagem. E, uma coisa que me deixou satisfeito foi, no momento em que eu saí da Câmara, a oposição, os vereadores da oposição resolveram deixar escrito em Ata que consideraram

		o melhor Vereador que a Câmara já teve. A própria oposição disse isso, significa que houve alguma coisa. E, eu atribuo muito desta minha prestação à aprendizagem que fiz nessa altura da lidação com as pessoas e do aprender a fazer coisas com as pessoas e saber que resulta, e que dá ânimo e vale a pena (...)
Opinião sobre a Educação de Adultos	É um defensor do papel da E.A junto das comunidades. Não só ao nível dos montes isolados mas também junto das pessoas das sedes de freguesia e junto das Misericórdias	“Sou, claro, claro, eu sou também defensor de uma educação de adultos de pessoas que já estão formados. Há pessoas que têm formação e não têm nenhuma educação (...) porque a educação para cidadania é uma coisa muito importante e que é transversal a todas as áreas da vida (...) Eu, agora, a uma escala menor, não faço formação de adultos, mas continuo a lidar com adultos, eu sou Provedor da Misericórdia em Alcoutim. E, então, aqueles velhotes da Misericórdia, eu continuo a ter a mesma postura com eles. E, ainda pego neles, pego em 40 ou 50 e levo-os para Fátima e depois, fazemos uma excursão acolá e depois fazemos um bailarico, depois juntamo-nos (...) Os idosos da Misericórdia quando me encontram na rua chamam-me de Irmão, está a ver? Oh irmão! Venha cá. E isso resulta não só, como é evidente, de toda uma experiência de vida, mas que é também resultado de (...) comecei como educador de adultos e toda a vida tenho tido esta postura, sempre! (...) Às vezes também lido com eles à bruta, sim, mas eles não levam a mal. Tento, tal como estou a ser consigo, Natural. Digo aquilo que penso, no momento em que penso. E, é essa a minha postura lá em relação aos adultos (...)
SE fosse presidente da Câmara	Foi vereador da educação e não mudaria o seu estilo. A Câmara é o grande suporte da E.A.	R- Eu fui vereador da educação durante todos os anos que lá estive, portanto, a minha prática não mudaria. Sempre apostei, porque é essa a minha convicção, de que toda agente precisa de educação. Não são só os analfabetos, porque há, das pessoas mais sábias que eu tenho conhecido são todas analfabetas. Portanto, não é por aí (...) Temos é que, e aí os técnicos são importantes, para ajudar a montar uma

		<p>estratégia e a Câmara ter um papel, servir como suporte desse tipo de estratégia, desde que concorde com ela, como é evidente (...) Mas é o papel da Câmara ser o suporte. E eu, todos aqueles anos em que lá estive, tenho muita experiência disso, porque de alguma forma sempre estive envolvido com essa questão (...) Enquanto eu lá estive, todos os cursos que eram propostos eram aceites e a Câmara pagava”</p> <p>...</p> <p>“Não cabe à Câmara fazer propostas, cabe à Câmara acolher a proposta e, de alguma forma, dar-lhe o suporte material necessário para que ela se desenvolva, nem pode ser de outra forma.,</p>
--	--	--

ANEXO 21. ANÁLISE DA ENTREVISTA À MARIA JOSÉ

Categorias	Análise	Excertos
Convite	<p>Em Cachopo não houve convites. A Junta abriu inscrições e a Maria José foi uma das candidatas. Era sobrinha do presidente da Junta. Quando foi selecionada para bolsreira tinha como habilitações o 2º ano, Depois retomou os estudos. Era bolsreira à noite e ia às explicações em Tavira para se candidatar ao curso geral dos liceus. Quando foi selecionada não se sentia preparada, mas como teve formação e como sentia que tinha perfil de formadora achava que com o trabalho iria aprender.</p>	<p>“Houve inscrições na Junta (...) Foi por aí, houve inscrições abertas na Junta, as pessoas candidataram-se, eu também inscrevi e fui selecionada (...)”</p> <p>“Quando fui monitora tinha o 2º ano depois é que fui fazendo o curso geral dos liceus e por aí (...) Quis continuar a estudar, ia à explicação durante dois dias por semana e depois candidatava-me aos exames ao Liceu”</p> <p>“Não me sentia preparada, mas, ao mesmo tempo, comecei logo a ter formação e era muito interessante. Quer dizer, ao mesmo tempo que ensinávamos, aprendíamos. Portanto, para mim, também foi um processo enriquecedor (...)”</p> <p>“ A pessoa também tem que sentir que tem um perfil para o contacto com as pessoas (...) E, eu achava que tinha esse perfil e que era capaz de ajudar as pessoas (...)”</p>
Ser bolsreira	<p>Foi bolsreira sempre em Cachopo durante seis anos. Tinha 29 anos quando começou. Foi a primeira bolsreira da freguesia de cachopo Terminou esta função quando acabaram os cursos de alfabetização em Cachopo por não haver mais inscritos.</p> <p>Tinha uma boa relação com as pessoas. Era da comunidade, todas as pessoas a conheciam</p>	<p>“Comecei logo quando começou a educação de adultos no Algarve, eu comecei logo aqui em Cachopo. E, depois, é que se tornou mais abrangente e é que se criaram mais cursos pela freguesia (...) Comecei sozinha, era só eu que tinha alfabetização em Cachopo (...)”</p> <p>“Acho que foi em 1983/84 que comecei como bolsreira (...)Fui monitora com a Etelvina, com a Maria João, foi a fase de transição em que deixei a alfabetização e já estava a trabalhar no centro de Animação Infantil. Isto foi aí em 1989 (...)”</p> <p>“Não sei se estou a ser pretensiosa, mas acho que, se as pessoas iam e se nós tínhamos essa interação e se nos dávamos-nos tão em e se havia essa abertura entre todos, eu penso que era porque eu agradava às pessoas porque, senão, não teria conseguido fazer o que fiz (...) Era uma pessoa da comunidade que estava com elas “</p> <p>“Pelo percurso que tive, acho que sim acho que as pessoas me aceitaram bem. Agora sendo uma outra pessoa de fora que viesse, não sei (...), não sei,</p>

		poderiam até ter valorizado mais, não sei.
Significado da experiência	Passaram 25 anos, foi um período difícil, conturbado politicamente, mas havia muita esperança e as pessoas queriam aprender. Foi uma experiência muito enriquecedora. Ser bolsista mudou a sua vida. Quis continuar a estudar e a alfabetização despertou essa vontade	M.J.- Há 25 anos foi, era uma época bastante conturbada das pessoas ao viver aquele período do pós-25 de Abril, aquele tempo da revolução como uma grande Esperança. A alfabetização era uma forma de ajudar as pessoas, elas precisavam aprender mais, ser mais esclarecidas para poder participar mais. E, esse período quer, dizer, foi enriquecido e enriquecedor em termos de formação também. E, depois, era aquele entusiasmo e o contacto com as pessoas sempre me agradou e por tudo isso foi uma época muito agradável” .”Sempre gostei de aprender. Por exemplo (...) Imagina, antes do 25 de Abril, num meio como este, em Cachopo, era quase impossível uma pessoa estudar. E, o meu irmão foi, dava-se sempre a primazia aos filhos porque as raparigas eram para ficar em casa e portanto, foi sempre assim, um bichinho que sempre tive. Então, na medida em que tive possibilidades, eu ia tentando (...)
A bolsa	A bolsa foia a oportunidade de ter maior autonomia financeira. Não era muito mas era uma grande ajudar. E permitiu investir na sua formação. A bolsa ajudou a realizar o sonho de completar o curso geral dos liceus. E com essa habilitação teve mais facilidade em conseguir empego em Cachopo. Primeiro no Centro de Animação Infantil e depois no Centro Paroquial	“Passei a ter uma ocupação, a ter mais autonomia financeira, essas coisas. E, não havia grandes probabilidades de trabalhar aqui em Cachopo, não havia emprego e muito menos para as mulheres (...) “Eu com esse dinheiro ia investindo na minha formação. Era mais por aí, com o dinheiro da bolsa pagava as minhas aulas, os meus explicadores, pagava as minhas viagens até Tavira onde tinha explicação, esses dinheiros eram mais para investir na minha formação (...) “Era um extra e dava para eu gastar nessas coisas. Assim, não ia cravar o marido e pronto (...) O meu pai foi, quer dizer, eu não fui estudar na altura porque não havia a possibilidade e a cultura também era diferente, mas o meu pai era uma pessoa muito prá (sic) frente do tempo. O meu irmão foi estudar eu só não fui porque havia pouca diferença de idades, mas o meu pai sempre me disse, sempre me incentivou. E, depois, infelizmente, o meu pai faleceu (...) E, ele, sempre,

		<p>disse que me ajudava e tudo isso, depois o meu pai faleceu e eu, pronto. Sempre tive essa necessidade de aprender mais (...) Como é que hei-de dizer, Olha! Continuar a estudar foi também uma necessidade interior, uma necessidade de homenagear o meu pai, uma necessidade de aprender mais, de me valorizar (...)</p> <p>“Essa bolsa ajudou, ajudou, porque realizei o sonho de ter pelo menos o curso geral dos liceus e depois foi uma porta aberta para o que fiz a seguir (...)</p>
O funcionamento do CEBA em termos pedagógicos	Adotava a planificação proposta pela coordenadora, mas alterava-a em função das situações que ocorria no curso	<p>“Normalmente havia uns temas propostos, uma planificação e tudo aquilo. Mas, se surgia um interesse por parte das pessoas, alguma coisa que acontecia, alguma notícia que as pessoas traziam e que havia interesse, agarrávamos naquilo e descodificávamos e íamos por aí, íamos por aí (...)</p>
Os grupos de adultos educandos	<p>Durante os seis anos como bolseira teve vários grupos. As que eram analfabetos puros foram os que se mantinham mais tempo no curso. Os grupos eram heterogéneos. Havia pessoas que já tinham frequentado a escola e com esses era mais fácil ajudá-los a fazer a 4ª classe</p> <p>Os grupos eram constituídos por uma média de 13 pessoas</p>	<p>“Foram sempre surgindo novas pessoas. Houve, por exemplo, pessoas que não sabiam ler, essas foram as que se mantiveram durante mais tempo, havia pessoas que o objetivo era fazer a 4ª classe ou fazer, assim, uma pequena reciclagem. E entravam e saíam (...) Era um grupo aberto, entravam e depois saíam. Entravam uns, saíam outros (...)</p> <p>“Era um grupo muito heterogéneo, havia pessoas mais novas e pessoas mais</p> <p>“Eram aí umas doze, entre doze e quinze, porque nem sempre vinham todas, porque havia uns que eram intermitentes, mas eram poucos, a maioria vinha sempre (...) Ainda era um grupinho grande (...) Durante aqueles quatro ou cinco anos, o grupo nunca variava muito, até acabar”</p>
Boas memórias	<p>As melhores memórias estão associadas aos momentos de convívio com as pessoas, os momentos de formação com outros colegas. Também gostou muito do trabalho que fez com a coordenadora sobre património oral.</p> <p>Outra atividade que recorda era o turismo social, uma atividade muito apreciada pelas pessoas</p>	<p>M.J.- O convívio com as pessoas, a relação que tinha com elas, poder ajudá-las, porque gostava muito de ensinar. E, também, a formação, nós tínhamos seminários intensivos que foram, sem dúvida, importantes. E, até, o contactar com outros colegas que estavam a fazer a mesma coisa. Nesses encontros, aprendíamos uns com os outros e tudo isso era muito interessante (...) Eu sempre dei muito</p>

		<p>valor ao aprender, como já disse, sempre gostei de aprender, por isso é que acho que a formação que tivemos foi, talvez, aquilo que eu considero mais importante (...)</p> <p>Lembro-me que fizemos o levantamento das tradições, da gastronomia, das mezinhas, dessas coisas todas, que alguém deve ter. E, eu tenho pena de ter entregue e não ter ficado com nenhuma cópia. Tenho muito pouca coisa e acho que isso foram momentos ricos de recolha de património. Na altura, a pessoa não pensa bem, eu recolhi e passei, dei à coordenadora (...)</p> <p>“Fizemos várias visitas. Olhe, lembro-me, ainda tenho uma fotografia, que há pouco tempo o meu filho (...) no castelo de Beja (riso). Sim saíamos todos os anos, as pessoas gostavam muito, era também uma forma de quebrar o isolamento das pessoas que nunca saíam daqui para fora. Há vinte e cinco anos atrás, as pessoas estavam aqui um bocadinho isoladas, não havia grandes possibilidades. A educação de adultos era uma maneira de proporcionar, de organizar saídas (...)</p> <p>“Gostei muito, aprendi muito, foi uma experiência importante para a minha vida”</p>
Certificação	Várias pessoas fizeram a 4ª classe. Conseguir este objetivo era motivo de festa. Fazer o exame era um acontecimento local. As pessoas mais jovens depois da certificação foram embora à procura de emprego	<p>“Houve umas quantas, nos primeiros cursos, umas nove ou dez, sim, fizeram a 4ª classe(...)Aquilo depois era uma festa. Sempre que algum fazia a 4ª classe, era um acontecimento no curso (...) Houve rapazes que saíram, que foram trabalhar lá para baixo (...) Era gente mais jovem entre os vinte e os quarenta anos, havia para aí 2 ou 3 jovens de vinte anos e havia pessoas com trinta e quarenta anos (...) Esses aprendiam com mais facilidade, frequentavam aí durante um ano, faziam uma espécie de reciclagem e ficavam prontos para fazer exame. (...)</p>
Os CEBA's	Funcionava na Casa do Povo, todos os dias, menos ao fim de semana, duas horas por dia	<p>“Eram umas duas horas por dia, todos os dias da semana, menos ao sábado e ao domingo (...) Era na Casa do Povo, era aqui mais central, mesmo no meio da aldeia e tinha boas condições”</p>
Método	Utilizava o “método de Paulo Freire” como havia aprendido na	<p>“Usava o método de Paulo Freire como aprendi na formação (...) Eu não</p>

	<p>formação, mas com adaptações. Era mais difícil quando as pessoas já tinham frequentado a escola e já tinham aprendido com outros métodos.</p> <p>Havia que fazer adaptações e ter em conta os conhecimentos das pessoas</p> <p>A parte da sessão que mais gostava era a primeira em que se discutiam os temas. As pessoas gostavam muito de falar. Escrever é era mais difícil.</p> <p>Por vezes sentia dificuldades que resolvia nas reuniões de acompanhamento sistemático, nas reuniões de planificação com a coordenadora e demais colegas ou então quando se encontrava com a coordenadora</p>	<p>usava tal qual, de vez em quando fazia adaptações. Até porque para as pessoas, era difícil implantar o método (...) o processo de aprendizagem que as pessoas tinham era diferente, e então era difícil utilizar o método na sua globalidade, tentava-se adaptar um pouco. Porque a alfabetização também era muito ir ao interesse, ou ao encontro da motivação ou do interesse das pessoas, porque senão também não se chegava lá. Se a pessoa chegasse com um método, E é assim e assim, se não houvesse uma flexibilidade, uma harmonia com aquilo que as pessoas também estavam à espera, também, era difícil, depois, em termos de grupo (...) Lá, também havia pessoas que já sabiam qualquer coisa, se calhar já tinham andado à escola e outros não sabiam nada. Havia uns e outros, tinha que haver ali uma adaptação (...) E, depois, em termos de grupo, como o grupo era heterogéneo, também, uns influenciavam um pouco os outros (...) “As aulas eram também um processo de aprendizagem, porque as pessoas também sabem muito. E, era muito interessante, também, nos basearmos também e sermos humildes, assimilar também aquilo que as pessoas têm para nos ensinar (...)”</p> <p>“As pessoas gostavam muito de falar (...) Escrever é que era mais difícil e depois a motivação era maior para ler que escrever (...)”</p> <p>“De vez em quando essas dúvidas surgiam (...) Esperava pelas reuniões quinzenais e falava nisso com a Etelvina. Mas, outras vezes, também lhe telefonava ou ela me telefonava. Também, ela vinha cá a Cachopo, todas as semanas, vinha muitas vezes”</p>
Curso de tecelagem	<p>Já não havia inscritos no curso de alfabetização e para manter abolsa ficou como animadora do curso de tecelagem. Não gostou da experiência porque não percebia bem qual o seu papel e as tecedeiras da Lançadeira também não a aceitaram muito bem. Por outro lado havia algum conflito entre a RADIAL e a coordenadora distrital que não viu com bons</p>	<p>e eu fiquei só com uma bolsa que era para trabalhar no curso de alfabetização e para fazer o trabalho de animadora junto do grupo da Lançadeira, que era um curso socioeducativo. Esse curso era apoiado pela educação de adultos e pela Radial (...) Eu dava apoio ao grupo de alfabetização e ao Radial (...)</p> <p>“Não era bem aquilo que eu pensava, com o grupo da tecelagem as coisas</p>

	<p>olhos esta ideia. O objetivo era a Maria José dar apoio administrativo e organizar sessões de formação mas as tecedeiras não quiseram, preferiam que a M. José desse ajuda em questões mais relacionadas coma tecelagem</p>	<p>não correram bem, não era aquilo que (...) Na altura, a Vitória não ficou muito contente, porque, depois, quando (...) “Portanto, a educação de adultos através da alfabetização, estava no terreno (...) e o Radial estava a tentar entrar no terreno e para isso houve projetos em comum com a educação de adultos (...) Depois houve ali um bocadinho, em relação ao curso de tecelagem cada um puxar um bocadinho a brasa à sua sardinha (...) Pronto, foi nesse meio que eu fui cair, por um lado estava na educação de adultos, mas queria colaborar com a Radial e por outro, lá na coordenação distrital não gostaram muito disso (...) Houve esses problemas e eu fui apanhada no meio disso. E, depois, também porque em termos da tecelagem, o grupo, em si, era complicado e um dia apercebi-me que elas achavam que eu estava servir-me delas para ganhar o meu dinheiro e eu não sou assim e então disse que não dava mais apoio. Foi aí que a Vitória ficou aborrecida comigo (...) Eu apercebi-me que elas queriam que, se eu estava lá eu tinha que trabalhar como elas e tinha que aprendera tecer e tinha que trabalhar com elas e não era isso que eu queria (...). O que eu ia fazer era dar apoio na formação, discutir temas, dar um outro enquadramento educativo e elas não entendiam isso muito bem(...) Assim, manifestei a minha indisponibilidade de trabalhar com aquele grupo, não era isso que tinha ficado combinado, nem era isso que eu queria ter que aprender a tecelagem. Achei que não era a minha missão ali (...) Elas achavam que eu tinha que ser do grupo e tinha que trabalhar ao mesmo tempo que elas, senão eu estava a ganhar e elas é que me estavam a dar oportunidade (risos) e, então, deixei”</p>
<p>Piores recordações</p>	<p>As piores recordações estão associadas ao tempo que passou na Lançadeira. Os conflitos que havia deixavam-na muito desconfortável. O grupo era muito complicado e</p>	<p>“Foi essa fase em que tive de fazer esse trabalho de animação no curso de tecelagem. Não consegui fazer o que queria e só tive aborrecimentos. Depois também fui apanhada no meio do conflito entre a Vitória e o Alberto</p>

	<p>havia sempre problemas entre elas o que levou ao fim da Lançadeira</p>	<p>de Melo. Lá, era um grupo um bocado complicado (...) Eu gosto de trabalhar com as pessoas, gosto, sinceramente (...) Nesse projeto da tecelagem, não senti, não senti que era aceite (...) aquilo que (riso) me propuseram para eu fazer não era aquilo que elas achavam que eu devia fazer. Inclusivamente (...) Houve um dia que eu fui lá e que alguém me disse, Olha, elas ficaram não sei quê, porque, você (...) Acho que o grupo tinha tarefas distribuídas e era uma coisa tão mesquinha, havia um dia que eu tinha também que varrer e limpar a sala. (riso). Pronto, eu pensei, Não é isto que eu quero. Não é por varrer ou limpar a sala, é a falta de sinceridade delas não chegarem ao pé de mim e dizerem, Olha, fazes parte do grupo vá lá, faz também isto. Pronto, e achei que por aí (...) Era um grupo um bocadinho complicado e aquilo acabou por acabar e só funcionou enquanto tiveram apoio e que estavam lá seguras (...) Porque a socialização ali nunca existiu, nunca se entenderam muito bem, quando acabaram os apoios dividiram-se e pronto. Ainda hoje têm processo litigioso e não era isso que se pretendia e não é isso que eu quero na vida, não é isso que eu quero da vida, eu sou conciliadora, não sou, não gosto de confusão (...)</p>
<p>A Formação</p>	<p>A formação foi fundamental. Era uma forma de orientação, de apoio. Gostava muito dos seminários de integração que eram seminários intensivos em regime de internato. Havia aprendizagem, convívio, partilha de experiências. Os outros momentos de formação coma coordenadora concelhia também eram importantes</p>	<p>“Embora a pessoa se sentisse motivada e isso tudo, a pessoa também precisava ter uma diretriz, tinha que haver umas diretrizes para pessoa poder orientar-se, porque não tinha experiência (...) J- M.J.-Aqueles seminários intensivos, não sei se de uma semana, na Aldeia das Açoteias. Acho que fui várias vezes (...) Eu lembro-me que havia todos os anos, antes de iniciar o ano letivo. Eram seminários muito interessantes para o desenvolvimento pessoal e social. Depois havia aquele convívio todo, entre professores e bolseiros (...) Valorizo muito este tipo de formação. Depois, era, sempre, uma semana bem passada, ainda mais para mim que estava em Cachopo e das poucas viagens que fazia eram a Tavira (...)</p>

		“Esses momentos aconteciam regularmente, acho que eram quinzenais para falar da planificação, dos temas que íamos tratar e para recebermos as fichas”
Casamento	A alfabetização ajudou a manter a sua residência em Cachopo. Como tinha trabalho não chegou a considerar a possibilidade de sair.	“Eu casei jovem aqui em Cachopo, o meu marido também é daqui. Organizamos a nossa vida em Cachopo, tinha constituído família o meu marido tinha aqui a vida dele. Depois tive logo os meus filhos (...) Depois apareceu a possibilidade de ser monitora de alfabetização. A partir daí, nunca mais deixei de trabalhar, tenho trabalhado sempre”
Papel da coordenadora concelhia	A coordenadora tinha um papel importante também no apoio às bolseiras	“ A pessoa se estiver sozinha, para trocar ideias precisa de alguém., precisa de orientações Sim era importante a ajuda que ela dava e sentirmos acompanhados”
Materiais	Os materiais eram produzidos pela coordenação concelhia com as bolseiras na reunião de planificação, que depois era distribuído pelos bolseiros. A Maria José muitas vezes construía o material que utilizava para adaptar às situações do seu curso	“O material era fornecido pela Etelvina, eram as fichas (...) Embora eu também produzisse o meu material. Por exemplo, por aquelas situações que surgiam, que vinham do grupo, eu tinha que produzir material inerente, para dar resposta aquela motivação. Não podíamos estar a falar de uma coisa qualquer, que eu sentia que eles estavam embevecidos naquele tema e depois apresentar uma ficha que não tivesse nada que ver com esse tema (...) Eu preparava o meu material também, e era agradável, eu gostava”
Apoio familiar	O marido sempre a apoiou. Foi uma grande ajuda pois tinha filhos pequenos que tinha de os deixar com o marido quando se ausentava para as formações. Em Cachopo as mentalidades eram muito fechadas, não era bem visto uma mulher deixar os filhos e ausentar-se	“Sempre me incentivou e valorizou, porque, senão, eu também não conseguia. Num meio aqui, como Cachopo (...) Por exemplo, o facto de me deslocar para ir às formações, às reuniões, se não fosse a compreensão dele e a nossa harmonia, também, era difícil, não é? Tanto mais na altura em que era, ainda no fim-de-semana estava a falar com os filhos e com as noras, Parece que a vida foi sempre assim, Livre, e não foi, a situação das mulheres há trinta anos, era uma coisa (riso), uma coisa muito fechada, ainda mais nos meios rurais, como Cachopo, que era um meio fechado. Eu nunca tive esses problemas, sempre fui uma mulher emancipada (...) O meu marido também é uma pessoa com a mente aberta e mesmo ir às

		<p>explicações, quer dizer, eu ia de manhã, durante três dias por semana, ia à explicação para Tavira, ia e vinha e pronto. Ele nunca me pôs nenhum entrave. Essa explicação era para eu ir fazer os exames ao Liceu (...) Mas, ele, antes de casar comigo, já sabia que eu era assim, que era uma pessoa que queria aprender (risos)</p>
<p>Transição</p>	<p>Depois de acabar o curso geral do Liceu e do encerramento dos cursos de alfabetização em Cachopo foi convidada pela RADIAL para trabalhar no Centro de Animação Infantil. Começou a ter formação para poder trabalhar com crianças. Fez uma formação e 4 anos que não foi reconhecida. Reconhece que a experiência de alfabetização a ajudou muito pelas aprendizagens que construiu e também fia forma de ser conhecida.</p> <p>Esteve vinte anos no CAI. Saiu porque deixou de haver crianças em Cachopo.</p> <p>Em 2006. foi para o Centro Paroquial de Cachopo trabalhar, onde ainda se mantém.</p> <p>Cachopo é uma freguesia que está a envelhecer rapidamente a exemplo do que acontece na serra</p>	<p>“Era bolsreira da educação de adultos, depois surgiu o projeto Radial e depois fui convidada para ser animadora, também, do projeto, isto foi quando foi implementada a oficina de Tecelagem e esses cursos socioprofissionais (...) Portanto, isso ficou durante algum tempo a cargo da educação de adultos e da Radial (...) Depois, foi na quele momento de transição, surgiu aquele projeto do Centro de Animação Infantil e eu candidatei-me, tinha deixado a alfabetização (...) Mas, nessa altura também já não havia alfabetização aqui em Cachopo, já não havia adultos para o curso, já tinha esgotado (...) As pessoas já não se inscreviam, (...) já não havia mais pessoas interessadas. Já não havia interesse na alfabetização. Umas já tinham feito a 4ª classe, outras já tinham aprendido a ler. As que se motivaram foram, não é? Foram logo, as outras que não foram durante esse tempo, não era agora que iriam (...)</p> <p>“Fui para o Centro de Animação Infantil e, continuei a ter formação ao nível da In Loco. Tive uma formação durante quatro anos na área da educação de infância que infelizmente não foi reconhecida. Essa formação, não houve possibilidade de a reconhecer também, pronto, não foi reconhecida, mas não deixa de ter sido muito importante, d em ter valorizado para a vida e de fazer sentir profissional, que acho que fui. Modéstia à parte, mas, pronto, não se leva uma profissão durante vinte anos à frente de uma instituição se não tiver capacidade e conhecimentos (...)</p> <p>“Ser monitora de alfabetização, ter aquela experiência com as pessoas, a formação, isso ajudou muito. Também se não fosse bolsreira (...) Foi através</p>

		<p>da educação de adultos que eu conheci a Radial, o Aberto e a Priscila, apesar da Vitória não ter gostado que eu tivesse passado, mas, quer dizer, eu não passei, a alfabetização estava a acabar, eu tinha que pensar na minha vida e eu era livre (risos). E, ela não gostou muito (...)</p> <p>“Vinte anos com a responsabilidade inerente ao funcionamento do CAI. Embora havendo uma associação, mas sabemos como é, as pessoas estão ali mas é mais um pró-forma, porque as pessoas que lá estavam, conhecimento básico para o funcionamento da instituição, é claro que não tinham. Não tinham e não tinham que ter, por isso é que nós fizemos essa formação (...) Depois o Centro fechou, já não há crianças em Cachopo (...)</p> <p>“Em 2006. Depois fui para o Centro Paroquial, já lá estou há sete anos (...) Quando acabou o CAI passei logo para o Centro Paroquial, fui convidada pelo diácono, Sr. Albino, que me conhecia bem e conhecia o meu percurso aqui em Cachopo (...)</p> <p>Pois, deixou de haver jovens e crianças, não há escola não há nada, só idosos e pouco mais, é uma comunidade que está a envelhecer a olhos vistos (...) Jovens, só os da minha geração, na casa dos cinquenta, sessenta (riso), somos os mais jovens. Quantos casais há aí mais novos que eu? Muito poucos</p>
<p>Importância da educação de adultos</p>	<p>A educação de adultos foi muito importante para todas as partes. Foi importante para as pessoas que fizeram a 4ª classe e conseguiram emprego. Foi importante para comunidade que não tinha nada e passou a ter oportunidade de assistir a sessões temáticas, a cinema, a teatro. Construíram mais conhecimentos Passou a haver animação. Abriu as “mentes das pessoas”</p>	<p>Qual é a importância que atribui ao trabalho de alfabetização que foi feito aqui em Cachopo?</p> <p>M.J. Foi importante, foi muito importante em termos de aprendizagem e de socialização, Quer dizer, advinha daí, depois, reuniões, momentos de convívio, de animação (...) tudo isso, era muito importante para a comunidade. A alfabetização servia para haver outras ações na comunidade, lembro que houve teatro, música, cinema que se fazia na junta de freguesia para as pessoas do curso mas que eram abertas a toda a população. Isso era bom, porque em Cachopo nunca acontecia nada, ninguém organizava coisa nenhuma e a</p>

		<p>partir daí passaram a haver uma atividade ou outra, de vez em quando (...) Eu lembro-me que as pessoas, vinha por exemplo uma animação de fora e as pessoas mobilizavam-se, punham o lanche e havia uma interação. Lembro-me que isso acontecia (...). E, na altura, também, a Junta de freguesia era um grupo aberto e dinamizador, com uma mente, não diria progressista, mas sim, para a época era, sim, com vontade (...) Isso ajudou muito à alfabetização e a outros aspetos, se nós formos ver, mesmo na implantação de projetos. Nós tivemos aqui em Cachopo o primeiro Centro Infantil a nível das freguesias do concelho, o primeiro Centro de Idosos, também, parece-me que foi dos primeiros a abrir nas freguesias do concelho e havia uma abertura para novas iniciativas e havia quem puxasse estas coisas para a terra (...) O papel da Junta de freguesia foi muito importante aqui para Cachopo (...)</p> <p>“Num sítio onde não acontece nada ou que as pessoas se fecham em si próprias, portanto, aquilo era para a época, muito importante para as pessoas saírem da casca (...) foi importante como processo de socialização”</p>
--	--	---

ANEXO 22. ANÁLISE DA ENTREVISTA À MARGARIDA

Categorias	Análise	Excertos
Convite	Em Cachopo a escola as bolseiras foram escolhidas pelo presidente da Junta apos inscrição	“Houve inscrições na Junta de Freguesia de Cachopo e depois nós fomos inscrever. Depois, foi a partir daí que fui escolhida (...) Foi o presidente da Junta que fez a escolha (...)”
Ser bolseira	<p>Foi bolseira com vinte anos. A sua primeira experiência foi no Grainho, um lugar muito isolado., a cerca d dez Km de Cachopo Ficou dois anos como bolseira. Era muito acarinhada pelas pessoas. No 1ºano ia de táxi e no segundo ano aproveitava as viagens dos alunos do ensino básico e aproveitava a boleia na carrinha da Câmara.</p> <p>Muitas vezes chegava mais cedo que a hora do curso e ficava afalar com as pessoas que a convidavam para sua casa. Esse convívio serviu para conhecer melhor a comunidade, os seus problemas e necessidades. Ganhou uma grande proximidade com aquelas pessoas naqueles dois anos.</p> <p>As amizades que fez há mais de 25 anos ainda se mantêm. Encontra pessoas que ainda falam desse tempo da alfabetização</p>	<p>“Tinha aí uns vinte anos (...) M- O Grainho era muito longe, fica num vale mas o caminho era muito mau. Para lá é sempre a descer que até assusta. Agora a estrada está melhor, mas naquele tempo era terra batida e com buracos. Não era fácil lá chegar, só uma pessoa que conhecesse bem o caminho (...) No primeiro ano ia de táxi (riso). Aquilo de Cachopo ao Grainho são aí uns oito, dez quilómetros, é longe (...) Então no primeiro ano ia de táxi, o Sr. Vicente ia levar-me e depois ia buscar-me. Tinha vezes que ele esquecia-se de mim lá (riso). E eu lá ficava à espera, à espera, à espera, não havia telemóveis (...) Mas, depois, lá vinha ele, nunca me deixou lá. (...) Ficava sempre acompanhada, porque a maior parte das pessoas não saíam enquanto eu não me fosse embora, ficavam lá comigo. Via-se que elas gostavam muito daquilo (...) No segundo ano, já não ia de táxi, ia na carrinha da Câmara. Eles iam levar os miúdos da Escola, lá não havia Escola a carrinha da Câmara de manhã ia buscá-los e ao fim d atarde ia levá-los a casa. Era aí que eu ia, chegava sempre mais cedo do que a hora do Curso e ficava a falar com as pessoas (...) Eles saíam às 6 h da Escola e depois eu ia logo com o senhor da Câmara que os iam levar, com o motorista. Eu chegava lá aí uma meia hora antes do Curso e eles diziam “ Hoje vem para minha casa”, eu ficava na casa deles, umas vezes numa outras vezes noutras à espera da hora do Curso. Era durante esse tempo que a gente conversava e sabia da vida daquelas pessoas todas, falavam muito comigo, confiavam muito em mim (...) Foi por isso que eu convivi mais com essas pessoas (...)Até muitas das vezes ia dar com elas às hortas. Chegava, ainda era cedo, ia ter com elas. Por isso</p>

		<p>é que eu digo (...) tive uma grande proximidade com aquela gente do Grainho (...)</p> <p>“Ainda hoje sou amiga delas. Fiz boas amizades com aquelas pessoas, sempre que me vêm eu sinto que gostaram de mim. Era gente muito boa. Inclusivamente, hoje estou um pouco triste porque faleceu um senhor que tinha sido meu aluno nessa altura (...)</p> <p>Fique amiguíssima deles e ainda atendo um senhor que é o Sr. Iria que sempre que vem a Cachopo vem à minha procura ao Lar para me falar, para falar comigo, que se lembra dos tempos do Curso e gosta de falar nisso e depois recorda-se de coisas que aconteceram, é uma pessoa muito engraçada e muito bem-disposta (...) Foi uma experiência muito rica (...)</p>
<p>Significado da experiência</p>	<p>Experiência muito rica, sobretudo no Grainho. AS pessoas eram cultas, sabiam muito o que lhe proporcionou aprendizagens muito ricas.</p> <p>A experiência foi importante também porque não tinha experiência, foi o seu 1º emprego e sentia-se uma pessoa útil e realizada ajudar os outros</p> <p>O seu sonho era ser professora primária mas como foi possível acabou por desempenhar uma função parecida ser professora</p>	<p>Aquilo foi um tempo muito enriquecedor, foi uma experiência muito engraçada, mais quando eu estive no Grainho. Portanto, eu estive no Grainho e Vale de Odres. Só que no Grainho foi uma experiência diferente, gostei muito.</p> <p>“E eu costumava dizer que eles é que me ensinavam a mim. Eu aprendia mais com eles do que eles comigo. Eram pessoas que tinham muita necessidade de falar, de contar coisas e o mais engraçado é que as outras pessoas também gostavam muito de as ouvir, tinham muito respeito por elas (...)</p> <p>Todos, todos se respeitavam muito naquele lugar. Era engraçado que aquela gente era muito bem educada, podiam não saber ler e escrever, mas eram todos muito bem educados, nunca havia uma palavra desagradável, um palavrão, nada (...) Penso que foi uma experiência muito rica, foi bom para as pessoas e também foi muito bom para mim, tenho saudades desse tempo. Adorei, gostei muito (...)</p> <p>“Nessa altura teve muita importância, foi o primeiro trabalho que eu fiz, ainda nunca tinha trabalhado na vida, nunca tinha tido uma experiência assim e então, para mim, foi importantíssimo (...) como é que hei de dizer, sentia-me útil, sentia-me realizada, sentia-me bem por poder ajudar outras pessoas a</p>

		<p>aprender (...)</p> <p>“#Aquilo não era bem o que sonhava, não era com meninos, mas era com adultos e era ensinar que era o que eu gostava de fazer (...) pronto, lá estava a fazer certas coisinhas como se fosse para os miúdos”</p>
A bolsa	Foi o seu 1º ordenado e era uma grande ajuda	“Era o meu primeiro ordenado, sempre era um ajuda, mas, era muito mais importante fazer alguma coisa de útil e conviver com aquelas pessoas”
Local do curso	<p>No Grainho e no Vale de Odras os cursos funcionavam na casa das pessoas. Na serra a maioria dos cursos funcionavam em casa das pessoas.</p> <p>As pessoas gostavam de ir ao curso independentemente das condições físicas dos cursos</p>	<p>“Era na casa da senhora D. Maria Antónia porque lá não havia Escola e esta senhora quando fizemos o levantamento do analfabetismo e abrimos inscrições para o curso, esta senhora ofereceu logo a casa (...) No Vale de Odras também era na casa de uma pessoa. Acho que a maior parte dos cursos na serra eram na casa das pessoas. Quando não havia Escola era na casa das pessoas. Havia sempre alguém que oferecia a casa (...)</p> <p>“Havia umas mesas que tinha lá em casa, agora as cadeiras acho que eram as pessoas que levavam da sua casa (...) Mas tínhamos umas mesinhas (...) Toda a gente se acomodava.</p> <p>“As pessoas gostavam muito de ir ao curso, iam sempre, sempre. Era muito raro alguma faltar, só se estava muito doente, mas senão, iam sempre.</p>
Alfabetização	<p>O curso não era só alfabetização, também fazia recolhas de património oral. Algumas pessoas que já sabiam escrever gostavam de as copiar para o caderno e levavam par casa.</p> <p>Para os que já sabiam ler levava jornais e revistas que depois discutiam os temas em conjunto. Era uma forma de motivar as pessoas que já liam. Só senti dificuldades no início, depois aprende-se fazendo. Nas discussões temáticas aprendia muito com as pessoas.</p> <p>Em relação aos iniciantes, tinha mais dificuldades, mas a coordenadora concelhia deu uma grande ajuda. AS pessoas</p>	<p>“Para além da alfabetização também fizemos recolhas de tradições, mezinhas, provérbios, contos, coisas dessas assim (...) Esse senhor adorava ler o jornal. Eu comprava (...) Eu pedia ao meu marido, como trabalhava em Faro, para me trazer jornais revistas. Eu, depois, levava para o curso. Esse senhor pedia-me sempre e eu levava para ele ler. Quando fizemos as recolhas, esse senhor pedia-me os contos e as mezinhas e levava para casa para copiar para um caderno que ele lá tinha. Ainda gostava de estar com o senhor Iria porque depois perdi isso, eu não fiquei com nada disso e gostava de ter (...) Ainda há tempos falei com a minha colega Maria José sobre isso e ela também não ficou com nada. Ainda hei-de pedir ao Sr. Iria se ele ainda tem esse livrinho com essas recolhas (...) Às</p>

	<p>requeriam muita atenção e gostavam de levar trabalho para casa. Levavam as fichas que não acabavam na sessão e completavam-nas em casa</p>	<p>vezes, encontro nos meus papéis textos, fichas e papéis de coisas que eles faziam (...)</p> <p>“Logo ao princípio sim, não sabia o que me esperava, era muito jovem e não tinha experiência nenhuma. Depois, no Vale Odre não, lá no Grainho as pessoas é que me ajudavam, como eu já disse havia lá pessoas com muita cultura. Certos temas, eles sabiam mais do que eu e eles próprios é que davam andamento à conversa e falavam sobre os temas. Eu, muitas vezes, dizia-lhes, “Falem à vontade porque vocês sabem disso mais do que eu, viveram essas experiências, expliquem lá”, então era assim uma forma em que todos entravam na conversa, todos a darem o seu testemunho. Sobre isso eles sabiam mais do que eu (...)</p> <p>“A princípio achava muito complicado, mas a Etelvina também me ajudava muito. Ela ensinou-me a trabalhar com os dois grupos ao mesmo tempo. Enquanto uns faziam um trabalho eu estava com os outros (...) Lembro-me que, quando começava era com todos. A gente discutia um tema e quase toda a gente participava. Depois, aqueles que já sabiam qualquer coisa davam menos trabalho, dava-lhes uma ficha ou um texto pequenino e eles ajudavam-se uns aos outros. O grupo era muito unido. Com aqueles que tinham começado de princípio eu passava mais tempo com eles (...) Era com esses que eu utilizava as tais fichinhas que fazia em casa. Levavam muito tempo para fazer as coisas, mas estavam sempre a pedir ajuda (...) Aquilo só foi difícil princípio, depois não (...) Com os outros eu conseguia trabalhar mais facilmente, com estes, não, eles precisavam de muita atenção, muita atenção, enquanto os outros já seguiam o meu trabalho. Estes estavam sempre “Guida anda cá e Guida venha cá e Guida assim e Guida assado” (...) As pessoas queriam muito a minha presença, queriam muita atenção (...)</p> <p>“As fichinhas que lhes dava para levar para casa, eram elas que queriam, que pediam para lhes dar (..) Eram essas tais fichinhas que eu fazia para essas</p>
--	---	---

		<p>iniciantes, os outros não. O grupo que já sabia mais não levava trabalho para casa, os outros que iniciavam queriam. E, então era engraçado que lá vinham com o seu saquinho (risos).</p>
<p>O funcionamento do CEBA em termos pedagógicos</p>	<p>Dinamizava as sessões como tinha aprendido na formação. Mas, na maioria das vezes, improvisava, adaptava o seu “método” aquilo que as pessoas sabiam e à forma como achava que era mais fácil para elas aprenderem. O grupo era muito heterogêneo e tinha de motivar todas, as que sabiam mais e as que sabiam menos.</p> <p>As pessoas que sabiam mais influenciavam positivamente as outras.</p> <p>A coordenadora concelhia dava o material pedagógico, mas algumas pessoas tinham dificuldade então a Margarida construía o seu próprio material pedagógico.</p> <p>As pessoas gostavam de ir ao curso porque o mais importante de eram aqueles momentos de convívio, as conversas, as histórias que contavam</p>	<p>“Eu tinha que ensinar, bem, nós aprendemos na Formação, mas, muitas das vezes fugíamos aquilo que nos tinham dito porque tínhamos que ensinar conforme as pessoas sabiam (...) Tínhamos que fazer como elas tinham aprendido. A gente começava a conhecê-las, começávamos a ver o que é que elas sabiam, como é que tinham aprendido, as dificuldades que tinham em fazer isto ou fazer aquilo. Tinha de ser eu própria a adaptar-me à maneira como elas sabiam e depois tentar motivá-las. Aquelas pessoas eram todas diferentes, umas sabiam mais outras sabiam menos e havia algumas que não sabiam quase nada, não eram capazes de ler uma palavra. Com essas, era ainda mais difícil motivá-las, com as outras não. Elas queriam aprender e aprendiam (...)</p> <p>“Fazia como tinha aprendido na Formação que era a única maneira que eu sabia. Eu também tinha aquelas reuniões com a Etelvina e ela ensinava como tínhamos aprendido na Formação. A Etelvina entregava as fichas e explicava como é que devíamos fazer com os iniciantes e eu tentava. Era um bocado difícil (...) Às vezes não fazia como a Etelvina dizia, tentava adaptar aquilo que era mais fácil para mim e para as pessoas (...) Eu, também, durante o dia, não tinha que fazer, muitas das vezes, (...) Então preparava eu as minhas fichinhas, coisas assim para eles”</p> <p>“Certas pessoas que foram de início, pronto, eram pessoas de idade, tinham mais dificuldades em aprender a ler, mas todas aprenderam a fazer o nome (...) Queriam muito aprender a fazer o nome e eu levava horas e horas a ensinar apegar na caneta e a desenhar as letras. Quando conseguiam, ficavam todas felizes. Tinham muita dificuldade em pegar no lápis ou na caneta (...) Isso para elas já era muito. Tenho uma</p>

		<p>senhora que está agora ali no Lar que está sempre a dizer "Sei fazer o nome por causa tua, tu é que me ensinaste e nunca mais me esqueci". As pessoas ficavam muito satisfeitas quando conseguiam qualquer avanço, quando conseguiam escrever o nome ou mesmo quando conseguiam ler uma palavrinha simples (...) Elas aprendam, o problema é que depois esqueciam-se outra vez. A gente repetia, repetia, mas coitadas, depois acabavam por esquecer. Algumas ainda aprendiam qualquer coisa, outra era mais difícil (...) Mas o mais importante de tudo não era o aprender a ler ou a escrever o nome, o mais importante eram aqueles momentos de convívio, as conversas, as histórias que contavam (...) Para algumas daquelas pessoas aquele era o melhor bocadinho do dia. Falavam de tudo"</p>
<p>Os grupos de adultos educandos</p>	<p>Tinha uma média de 15 adultos. Alguns já tinham frequentado a escola. Esses ajudavam o grupo e participavam mais. Esses foram certificados</p>	<p>Eu tinha um grupinho de pessoas assim, eram aí umas quinze pessoas, dezasseis pessoas. E havia lá, por volta de umas cinco, seis pessoas que tinham muita cultura, eram pessoas muito sábias que eram muito ricas em contar histórias, as coisas da vida deles. Eram homens que já tinham andado à escola, sabiam ler e escrever, não sabiam muito, mas sabiam. Não tinham a4ª classe, mas sabiam qualquer coisa.(...) Com aquelas pessoas que depois fizeram a 4ª classe, eram pessoas que já tinham 2ª classe, tinham andado à Escola e depois desistiram, tiveram que ir trabalhar com os pais porque havia muita miséria na serra e a maioria das pessoas não tinha andado à Escola. (...) Tinham para aí a 2ª classe, mais não, 3ª não, que elas tinham muita dificuldade em ler e escrever- Agora estas pessoas tinham também era mais facilidade em falar. Elas gostavam muito de falar e isso era bom para mim, porque facilitava muito (...) Quando discutíamos algum tema, elas estavam sempre prontas a dar opinião e isso ajudava também as outras a dizer alguma coisa. É engraçado porque ali ninguém tinha vergonha, como toda gente se dava muito bem, ninguém tinha medo de falar ou de dizer</p>

		o que pensava (...)
Boas memórias		<p>mas, era muito mais importante fazer alguma coisa de útil e conviver com aquelas pessoas (...) Isso era o mais importante para mim, estrar ali com aquelas, aprender também outras coisas, ser respeitada (...). estar ocupada, passar as tardes a preparar aquelas coisinhas para levar para o curso (...) Pronto foi um sonho assim (...) Nós temos sempre aqueles sonhos quando somos mais jovens, eu queria ser professora primária (riso) (...) Tinha esse sonho e isso veio completar um bocadinho aquela tristeza de não poder tira esse curso, aquilo veio completar essa curiosidade de ser professora, esse desejo (...)</p> <p>J- Naquele processo o que foi mais importante para si? O que guarda melhor memória?</p> <p>M- As melhores memórias (...) Pronto, tudo foi importante, mas o mais importante foi ver aquelas pessoas que não sabiam pegar num lápis e depois já consegui fazer o nome. Pronto, era importante levar as pessoas a exame, a fazer a 4ª classe, a atingir aquele objetivo que tinham quando foram para o curso, mas penso que o mais enriquecedor foi ver a alegria daquelas mulheres que começaram de início e depois aprenderam a escrever o nome, a ler umas palavrinhas (...) As pessoas ficavam tão felizes quando conseguiam ver que tinham conseguido mais qualquer coisa (...) Porque esses avanços eram o resultado do meu trabalho e eu quando os via felizes também ficava feliz, era sinal que tinha valido a pena (...) Aqueles que quando foram para o curso já sabiam alguma coisa foram aprofundando aquilo que sabiam, aqueles que ainda não sabiam nada, eu penso (...) Pronto, a alegria que eles tinham quando iam assinar o nome, davam muito valor a isso. Quando chegavam à noite ao curso diziam “ Olha, hoje fui assinar o meu nome e já fiz sozinha, não foi preciso copiar” (...) Isso, a pessoa depois sente-</p>

		se realizada. Eu ficava toda orgulhosa quando as pessoas diziam isso, porque às vezes, também diziam “ Se não fosse a menina Guida não tínhamos aprendido a fazer o nome” (...)
Certificação		<p>Chegou a levar alguma pessoa a exame?</p> <p>M- Sim, fomos a Tavira, sim, foi uma festa, as pessoas nunca mis se esqueceram (...) Foi um dia especial para elas e também para mim. Ainda me recorde desse dia (...)</p> <p>J- Quantas pessoas levou a exame?</p> <p>M- Levei cinco pessoas, passaram todas (...) Fizeram muito boa figura que eu fiquei toda vaidosa (...)</p> <p>J- Cinco pessoas, foi muito bom.</p> <p>M- Sim, inclusive levei a exame uma pessoa que andava no curso e era do Monte da Ribeira. Ele queria entrar para a Câmara mas não conseguia porque não tinha a 4ª classe e foi para o curso. Era muito aplicado (...) Levei-o a Tavira e fez o exame. O homem não cabia de contente (...)</p> <p>J- E conseguiu entrar para a Câmara?</p> <p>M- Conseguiu, conseguiu (riso). Guardo muito boas recordações desse tempo. (...) Fiquei assim um pouco nervosa porque aí a Etelvina mandou-me fazer uma parte do exame (...) E eu fiquei em choque, mas correu tudo bem (...)</p>
Os CEBAs	<p>Esteve dois anos no Grainho e gostou muito. Ao fim de dois anos teve de deixar porque engravidou então podia fazer aquelas viagens tão atribuladas. Ficou muito triste porque gostava muito das pessoas. Refere que acha que fez um bom trabalho.</p> <p>No ano seguinte o curso acabou porque as pessoas não gostaram do professor em acumulação que foi lá colocado.</p> <p>Foi para Vale de Odre mas só esteve meio ano porque entretanto seu filho nasceu.</p> <p>Este curso também acabou pela mesma razão do Grainho. Os professores lá colocados ou não se adaptavam ou as</p>	<p>Gostei mais do Grainho (...). As pessoas eram muito diferentes, o grupo era mais rico, mais participativo e depois também estive lá mais tempo (...) Fiz um trabalho muito melhor, foi pena não ter continuado, porque houve pessoas que melhoraram muito (...) No final do segundo ano engravidei e como o caminho era muito mau, com muitas curvas, no outro ano já não fui para o Grainho, puseram-me em Vale de Odre que era mais perto e também havia gente para um curso de alfabetização.</p> <p>Quando saí do Grainho ainda colocaram lá uma outra bolseira, mas as pessoas não gostaram, parece que aquilo não correu bem e o curso acabou (...)</p> <p>No Vale de Odre ainda estive lá meio ano, mas comecei a passar mal e acabei por desistir e esse curso também acabou, acho que não havia ninguém</p>

	<p>peessoas não gostavam do seu trabalho e desistiam do curso. A Margarida não voltou a ser bolseira porque os cursos encerraram</p>	<p>para ir para lá (...) Depois também já não voltei à alfabetização, porque, entretanto, os cursos foram acabando (...)</p>
Método	<p>A Margarida aprendeu a fazer alfabetização com as próprias pessoas. Não recorda o método de Paulo Freire. Tinha uma vaga ideia. Preferia funcionar por intuição.</p>	<p>“Aprende-se muito, as pessoas ensinam-nos muita coisa (...) as pessoas são muito ricas, sabem muito (...) Às vezes, costumo dizer, “A gente vai ensinar, mas acabamos por aprender ainda mais do que ensinamos”.Eu lembro-me da Formação, de se falar nisso (...) Eram umas fichas com as palavras e os desenhos (...) foi aquilo que eu disse de princípio, a gente tinha as fichas que a Etelvina dava, mas eu fazia como achava que as pessoas aprendiam melhor, fazia ao meu jeito (...) Eu tinha que ir ao encontro daquilo que as pessoas, porque se nós não fossemos ao encontro do que as pessoas sabiam, das dificuldades delas, calhando estavam lá uma semana ou duas e desistiam. Elas diziam:“ Eu não tenho falta disto, o que é que eu estou aqui fazendo, eu não tenho falta disto” (...)Acho que fazia mais ou menos isso (...) Sim, aprendemos na Formação e depois a Etelvina também nos ensinou (...) Eu e os meus colegas tentava utilizar esse método consoante o que a gente sabia e as dificuldades que eles tinham, era isso (...) Havia ali uma adaptação “</p>
Temas	<p>Os temas eram propostos pelas pessoas . Outras vezes seguia planificação. Utilizava os materiais construídos pela coordenadora concelhia e as bolsieras nas reuniões quinzenais. Mas preferia quando eram as pessoas a introduzir os temas. O mais importante era conseguir a participação do grupo na discussão de temas que lhes interessasse</p>	<p>“Muitas das vezes os temas eram propostos pelos próprios textos que nós levávamos preparados e outras vezes, este senhor Iria, muitas das vezes, era o elemento dinâmico. Eu, muitas vezes, dizia-lhe “ Senhor Iria, amanhã traga uma história bonita para gente poder conversar aqui”. E, ele aí, trazia sempre alguma coisa para contar (...) Ele gostava muito e mesmo que falasse de mais, nunca era criticado pelos outros, porque eles sentiam que o Sr. Iria era uma pessoa mais culta</p>
A Formação	<p>Gostou muito da Formação porque permitia a partilha de experiências e a abordagem de temáticas novas. O regime de internato possibilitava uma maior conhecimento e convívio entre todos os</p>	<p>“A primeira foi na Aldeia das Açoteias e depois em Tavira (...) Isso era muito importante porque nós juntávamo-nos e aí, eu falava das minhas experiências, os outros bolseiros falavam das experiências deles, “e eu faço assim”, “e eu faço assim” e, pronto, trocávamos</p>

	bolseiros	ideias que ajudavam muito no nosso trabalho porque dava para a gente pensar naquilo que fazia e como é que podia fazer de outra maneira (...) Aqueles encontros eram muito interessantes, e eu gostava, gostava muito, era um fim-de-semana diferente em que se conhecia outros bolseiros, se conhecia gente nova e depois o ambiente era bom (...) Era um tipo de formação que eu não conhecia, mas gostei muito
Reuniões quinzenais	As reuniões eram realizadas em Tavira sede da coordenação concelhia. Essas reuniões eram muito importantes pelas aprendizagens que proporcionava. Erma os únicos momentos de formação que existia	“As reuniões eram quase sempre em Tavira com os outros cursos. Não eram só os cursos da freguesia de Cachopo, nós reuníamos com os cursos todos de Tavira, lá na coordenação (...) Mas, também reuníamos aqui só os cursos daqui da freguesia (...) A Tavira íamos, uma vez de quinze em quinze dias. Essas reuniões eram muito importantes por que aí aprendíamos sempre alguma coisa, eu apoiava-me muito na Etelvina e também aprendíamos com os colegas de outros cursos. Ouvíamos “ Olha aconteceu-me isto e isto, como é que eu vou ultrapassar, como é que eu faço” “ Este senhor tem esta dificuldade que não consigo de maneira nenhuma” Pronto, era muito importante porque aprendíamos uns com os outros”
Papel da coordenadora concelhia	Era muito importante. Havia uma relação muito boa. As reuniões quinzenais serviam para esclarecer dúvidas e para elaborar a planificação quinzenal.	“Era muito importante, nós tínhamos uma relação muito boa com ela e era uma ajuda muito grande. Ela dava-nos material, dava fichas e depois explicava como é que devíamos tratar aqueles temas (...) reuníamos muitas vezes com ela, falávamos do nosso trabalho, das dificuldades que tínhamos e ela estava sempre pronta a ajudar-nos (...) Ela tinha um papel muito importante e quando ia aos cursos as pessoas todas a conheciam (...) Eu gostava muito da Etelvina, nunca mais a vi (...)”
Apoio familiar	O marido era um bom apoiante. Gostava do trabalho que fazia como bolseira. Muitas vezes ia buscá-la ao Grainho para poder chegar mais cedo acasa	“Ele apoiava, às vezes até era ele que me ia buscar ao Grainho . Logo no 1º ano ele ia buscar-me ao Grainho (...) para eu chegar mais cedo a casa porque o Sr. Vicente às vezes atrasava-se com o táxi” (...)”
Transição	A experiência como bolseira ajudou a que tivesse sido contratada para o Centro de Animação Infantil. Se não	“Eu acho que já ter aquela experiência ajudou um bocadinho (...) O Alberto de Melo já me conhecia da educação de adultos (...) Eu penso que, como é que

	<p>tivesse conseguido este emprego teria deixado Cachopo como muitas pessoas fizeram.</p> <p>O que aprendeu na educação de adultos facilitou o trabalho no ATL. Sentia-se mais à vontade, tornou-se uma pessoa mais culta.</p> <p>Depois de 20 anos no CAI foi contratada para trabalhar no Centro Paroquial onde se mantém atualmente</p>	<p>hei-de dizer, influenciou um bocadinho, penso eu, não é? A gente já tinha experiência de trabalhar (...) Quando eu fui para o Centro Infantil, escolhi logo o ATL (...)</p> <p>“Se não tivesse arranjado trabalho tinha vindo embora como fizeram muitos (...)</p> <p>Influenciou, porque, até inclusivamente, o meu marido foi trabalhar para Conceição de Faro e ia e vinha todos os dias por causa minha porque eu estava no Centro “(...) A maior parte dos casais foram embora daqui, por isso é que já não há escola nem crianças por aqui (...).Passei a ter muito mais à vontade, sentia-me mais capaz de trabalhar com os mocinhos, tinha aprendido muita coisa sobre Cachopo, sobre as pessoas e podia ensinar isso às crianças, sentia-me muito mais à vontade com os trabalhos de casa, eles faziam lá os trabalhos de casa (...)</p> <p>Pronto, ajudou em tudo, eu era uma pessoa mais culta, sabia muito mais coisas (...) Fui para o Centro Paroquial de Cachopo (...) Encaixou tudo (...) O que aprendi foi muito útil para mim</p>
<p>Encerramento dos cursos</p>	<p>As pessoas sentiram-se enganadas quando os cursos encerraram. Queria muito continuar.</p> <p>O curso era como um centro de convívio. Para pessoas que viviam sozinhas aquela parte do dia era muito importante</p>	<p>“Eu sei que aquelas pessoas tiveram muita pena do curso acabar, muitas delas, pediram-me para voltar, mas já não podia ser, já não havia dinheiro para os bolseiros e aqueles cursos acabaram todos. Tenho a certeza que se eu voltasse, aquela gente voltava ao curso”</p> <p>“Foi um apenas. Isto era muito importante para a vida das pessoas, ajudava-as a passar o tempo, a não se sentirem tão sozinhas porque algumas delas viviam sozinhas, algumas mulheres eram viúvas e aquilo fazia-lhes muito bem (...) O curso o convívio, era a amizade, era para falar sobre as experiências que elas tiveram quando eram novas, inclusivamente elas gostavam de falar (...) contar histórias”</p> <p>“Se houvesse um centro de convívio as pessoas podiam conviver, podiam partilhar as suas ideias, mas, naquele tempo não havia nada, o curso era onde as pessoas podiam estar umas com as outras (...) O que era a vida delas, elas viviam para a horta, viviam para a sua comidinha, mais nada, não iam falar de certos assuntos com a vizinha, viviam</p>

		numa grande ignorância, por isso é que gostavam de ir ao curso (...)
Importância da educação de adultos na vida da comunidade	Foi muito importante porque ajudou muitas pessoas., para as que fizeram a 4ª classe e para as outras que aprenderam conhecimentos que eram úteis para sua vida. As pessoas tinham melhor vida, tinham oportunidade de passear.	Houve aquele senhor que depois de fazer o exame da 4ª classe foi trabalhar para a Câmara, mas, mesmo as outras, acho que foi muito bom para elas. Não foi só para aquelas que fizeram a 4ª classe, toda a gente aprendeu coisas novas e também foi um tempo em que via-se que viviam mais felizes. O curso fazia muito bem aquelas pessoas, aqueles momentos na sala de aula, o convívio, o lanchinho à sexta-feira, isso foi muito importante. “ Elas adoravam. Isso também as marcou muito. Elas estavam aqui isoladas, elas não conheciam nada, não saíam daqui. Isso para eles era muito, muito importante, era o melhor que lhes podia acontecer”
Centro de Convívio da Feiteira	O seu trabalho no Centro Paroquial de Cachopo é coordenar o trabalho no Centro de Convívio da Feiteira. Trabalha com idosos e o que aprendeu em educação de adultos tem sido muito útil. Fazem trabalhos parecidos e tem objetivos semelhantes. O Centro tal como a E.A. também ajuda a melhorar a vida das pessoas?	(...) Agora estou com os idosos, aqui neste Centro (...) Aqui também fazemos recolhas de provérbios, mezinhas, contos, essas coisas que a gente também fazia lá (no curso de alfabetização). Aqui também falamos de muitas coisas, de certos temas, as pessoas dão a sua opinião (...) Não se ensina a escrever nem a ler, mas, no fundo, no fundo, é muito parecido que é a gente discutir certos temas e as pessoas aqui participarem (...) Apesar de ser um sítio diferente, aqui as pessoas também vêm aqui ao Centro para não ficarem sozinhas em casa, para evitar a solidão, poderem conversar, conviver umas com as outras e também aprendem alguma coisa (...) aqui faz-se mais atividades recreativas (...) Sinto a alegria deles virem para aqui, a mesma alegria dos outros que iam para alfabetização. Aqui as pessoas também gostam muito de vir para aqui e eu também aprendo muito com elas”

ANEXO 23. ANÁLISE DA ENTREVISTA À ANABELA

Categorias	Análise	Excertos
Convite	Em 1984, ano de arranque do PIDR, NE/Alg, foi convidada pela coordenadora concelhia. Foi uma das primeiras bolseiras do nordeste algarvio	<p>“Tinha aí uns dezassete, dezoito anitos. Eu andava na Escola em Vila Real (...) Eu comecei quando começou a educação de adultos, comecei com a Célia”</p> <p>“Começou a haver alfabetização à noite na freguesia. Foi depois que a Célia me convidou. Ela era a coordenadora. (...) Eramos quatro bolseiras. Começamos com quatro. Portanto a Célia estava em Martinlongo com um curso de alfabetização, eu estava nos Castelhanos e estava a Lena em Vaqueiros e alguém ali para zona de Balurcos, que era a Teresinha (...) Começamos as quatro, depois no outro ano é que se alargou o número de cursos (...)</p>
vida difícil	Foi uma pessoa com uma infância difícil. Estudante de dia e bolseira à noite., durante dois anos. Esteve como bolseira durante oito anos, em três localidades diferentes, Enquanto a mãe foi viva manteve-se em Martinlongo	<p>“Eu ia às 7 da manhã para Vila Real para a Escola, regressava depois às 19,30 h. Jantava e depois às 20 h já estava no curso. Era o tempo de sair do autocarro, ir a casa e jantar. Depois ia para o curso”</p> <p>“Foram oito anos, estive um ano nos Castelhanos, cinco anos em Martinlongo e dois anos na Barrada”</p> <p>Porque eu não tive um início de vida nada fácil, tive a minha irmão com esclerose múltipla, depois a minha mãe também era doente. Fiquei lá em Martinlongo para lhe dar apoio. Foi uma opção minha, as minhas irmãs tinham a vida delas e eu fiquei com a minha mãe. Foi uma opção de que não me arrependo (...) Depois, ela faleceu quando eu tinha 26 anos. Olha a minha mãe faleceu em Março e eu casei em Junho (...) Eu cresci muito.</p>
Curso mais marcante	O curso na localidade Castelhanos que era um monte em que as pessoas tinham um sentido crítico diferente muito apurado e diferente dos outros montes. As pessoas identificavam-se como PCP. Foi a sua primeira experiência em alfabetização, mas foi muito acarinhada porque era a terra natal de sua mãe	<p>“O primeiro ano nos Castelhanos porque era a novidade. Era novidade, era a minha primeira experiência, era tudo de novo, depois os outros anos, pronto a gente (...) era a continuidade do trabalho que já tinha feito, era mais ou menos a mesma coisa (...) mas, apesar de ser sempre na mesma freguesia, eram sempre pessoas diferentes (...) Os Castelhanos era a tal história, eram todos comunistas, muito reivindicativos. Era a terra da minha mãe, ainda por cima, a minha mãe nasceu lá, os meus avós maternos já eram de lá. Mas havia aquela (...) o grupo tratava-me como uma filha, mas havia lá duas ou três que diziam «Ela anda aqui só para roubar o Estado». Mas estavam lá</p>

		<p>comigo todas as noites (risos). Estás a ver? Inclusive a minha mãe ia comigo. Pronto, também para estar entretida e também não sabia ler bem nem escrever e sempre aprendia qualquer coisa (...) Então ela ia comigo (...)</p> <p>“Era, aquilo era um monte muito pequenino, agora ainda está mais reduzido em termos de pessoas, mas eram terríveis. Pronto, era aquele tipo de pessoas muito amigas porque eram todas da mesma terra, mas, depois, ao mesmo tempo, conflituosos, porque a política dava para aquele comportamento, parecia que eram todos desconfiados (...) Mas eu fui sempre muito bem tratada, nunca tive qualquer problema”</p>
<p>Significado da experiência</p>	<p>Foi uma fase de muitas aprendizagens. O melhor foi a troca de experiências com os adultos com quem aprendeu muito. E foi com eles que aprendeu a ser bolsreira</p> <p>O mais importante foi ver as pessoas fazer a 4ª classe</p> <p>Foi ver como as pessoas evoluíram e observar o reconhecimento das pessoas.</p> <p>Foi um dos trabalhos mais significativos d sua vida. Sentia-se como professora que era uma profissão com que sonhava</p> <p>Foi uma aprendizagem para a vida. A pessoa que é deve-se muito a essa experiência.</p> <p>O curso era como um centro de apoio. Para além das funções de bolsreira ajudava as pessoas naquilo que necessitavam</p>	<p>“Foi muito bom porque foi naquela fase em que a gente está a aprender muita coisa, aprendemos e aquilo que eu ia aprendendo cá fora na escola, conseguia depois transmitir às pessoas, aos adultos que não sabiam nem o a nem o b (...) E era a troca de experiências, eles com as experiências deles de vida, não era de escola era de vida e nós com a experiência de escola (...)</p> <p>“Eu sinto que tudo aquilo que a gente dá de bom e ajuda os outros, eu acho que só nos faz é crescer (...) Depois eu também gostava, era uma coisa que eu gostava de fazer, não era um frete, eu gostava daquilo. Como é que te hei de dizer, aquilo dava-nos uma certa postura. Nós estávamos a ensinar, as pessoas reconheciam isso, dava um estatuto. Sabes que até éramos vistas de outra maneira, agora já não é assim (...) Davam-nos importância e nós éramos umas meninas. Apesar das pessoas nos conhecerem desde que nascemos</p> <p>Eu recordo com grande significado, pronto foi muito bom porque foi naquela fase em que a gente está a aprender muita coisa, aprendemos e aquilo que eu ia aprendendo cá fora na escola, conseguia depois transmitir às pessoas, aos adultos que não sabiam nem o a nem o b (...) E era a troca de experiências, eles com as experiências deles de vida, não era de escola era de vida e nós coma experiência de escola (...)</p> <p>“Se calhar foi dos trabalhos que mais importância teve para mim (...) Era a idade, quando comecei tinha dezoito anos, aquela idade em que a pessoa não sabe bem o que é quer fazer. E, se calhar, senti-me como professora, olha não continuei, mas durante</p>

		<p>oito anos senti-me como professora e marcou-me muito porque nós aprendemos muito com as pessoas de mais idade. Porque, mesmo, eu vivendo lá, o relacionamento do viver, o relacionamento com eles, com o ensinar, com o curso, as pessoas queixavam-se, as pessoas falavam da sua vida. SE não fosse isso, eu passava na rua e dizia «bom dia, está boa» e mais nada, e ia andando. Assim não, eu fiquei amiga daquelas pessoas, eu ajudei-as várias vezes «Ai eu preciso de fazer isto, ajude-me lá» «Ai o meu filho escreveu-me, mas, agora como é que eu respondo» “Aquilo era uma espécie de Centro de Apoio Se calhar isto estava fora do âmbito do Curso, mas eu fazia. Eu estava ali para ajudar as pessoas, para ensinar o que elas precisavam, não era só a fazer as fichas, era tudo o que tinha que ver com a vida delas. Isso era o mais importante para eles (...) Eu, depois, também andava à escola em Vila Real e eles diziam «Ai, então não me pode fazer isto, não me pode comprar este medicamento» E eu fazia, o que é que me custava comprar isto ou aquilo ou fazer o que me pediam (...) Tinha tempo, quando saía da Escola ia fazer isso. E as pessoas ficavam-me agradecidas</p> <p>“ O que eu sou hoje deve-se muito a essa experiência, há muita coisa que não tinha aprendido se não tivesse sido bolsreira oito anos (...) Aprende-se muito, aprende-se, aquilo é um curso de vida, sim.</p>
A bolsa	Começou por ganhar seis mil escudos e depois a passou a dez mil. Dava muito jeito, ajudava muito- Lá também não havia muito sítio onde gastar. O pai falecera quando eram mais pequena e a mãe era reformada. Essa bolsa era uma boa ajuda	Dez contos era a última bolsa, eu comecei com menos. Eu comecei com seis contos. E pagavam, às vezes, pagavam tarde, quando vocês lhes apetecia (risos). Ficávamos à espera que o Joca mandasse o dinheiro (risos). Eh pá! Mas, seis contos na altura, ajudava, era dinheiro. Eu com seis contos não pedia dinheiro à minha mãe (...) Olha, eu com os seis contos era assim (...) Como o meu pai tinha falecido, quando eu tinha nove anos, eu tinha sempre direito a um escalão. Ficava sempre ali no escalão intermédio. E, então, a minha mãe dava-me vinte escudos, todos os dias. Era dinheiro, a minha mãe era reformada do meu pai, era pensão de sobrevivência. A minha mãe não trabalhava, vivíamos dos rendimentos, da reforma, das amêndoas e tinha três contos e tal de reforma. A minha parte era quinhentos e tal escudos e a minha mãe era três contos e tal. A minha mãe foi das primeiras pessoas

		<p>viúvas a ter pensão de sobrevivência. (...) Foi a seguir ao 25 de Abril que tinha saído a lei. E, então, sabes que nunca me faltou nada, mas tínhamos que saber gerir. Então, eu com os seis contos comprava a roupa, seis contos era dinheiro (...) para os meus gastos, dava perfeitamente, não precisava pedir.</p>
<p>O funcionamento do CEBA em termos pedagógicos</p>	<p>Não sentia muitas dificuldades. Estava sempre a aprender. Conseguia grupalizar o ensino, Tinha iniciantes e pessoas que já tinham mais conhecimentos. Ambos os grupos eram exigentes. Uns porque sabiam muito pouco e queriam aprender e os outros sabiam mais e queriam saber aprender mais ainda para fazer o exame da 4ª classe.</p>	<p>Eu fazia assim. Na noite, quando iniciava, conversávamos todos, era com toda a gente. Depois fazia a distribuição das fichas para todos (...) Depois, explicava ao grupo mais avançado, os que já sabiam mais, claro que eu tinha sempre os dois grupos. Eu explicava e eles faziam, depois ia para o pé dos outros (...) Eu tinha esse tal deficiente e também tinha que me sentar ao lado dele e tinha pessoas que aprenderam a fazer o nome comigo. Quando começaram nem o nome sabiam fazer.</p> <p>Era assim, dependia. A dificuldade, se calhar, era a mesma, porque os de 3º e 4º ano também eram mais exigentes que os outros. Aqui não podemos comparar porque eram grupos diferentes, eu só podia comparar dentro do mesmo grupo (...) Os que sabiam mais, davam mais trabalho porque já sabiam mais coisas, os outros não sabiam nada e com qualquer coisa se entretinham e levavam muito tempo (...) É diferente, havia gente que nunca tinha andado à escola (...) Eu tinha um senhor que ia de bicicleta numa V5 que fazia, ele ia de Martinlongo à Barrada, ainda passava pela Ribeira. Ele devia fazer à volta de uns 10 Kms, de V5. Quando eu passei de Martinlongo para a Barrada, ele foi comigo, andou sempre atrás de mim. E um funcionário da Câmara que andou comigo em Martinlongo, também foi comigo para a Barrada. Também ia de bicicleta. Esse não tinha feito a 4ª classe ainda, fez depois. E, ainda é funcionário da Câmara. Esse andava lá porque precisava mesmo.</p>
<p>Os grupos de adultos educandos</p>	<p>Inicialmente os grupos eram mais jovens. Também havia pessoas mais velhas que queriam fazer a 4ª classe. Algumas tinham de se deslocar. Faziam muito sacrifício, sobretudo nas noites de inverno. Geralmente os grupos eram constituídos por uma</p>	<p>Havia de uns e de outros. Nos primeiros tempos era gente um bocado mais nova e havia aqueles que precisavam mesmo de fazer a 4ª classe. Este senhor que está na Câmara deve estar à beira da reforma, deve estar nos 60, portanto teria aí uns 35 anos. No Curso de Martinlongo havia um grupo de pessoas dessa idade, sim (...) Eles também faziam muito sacrifício porque naquelas noites frias, chovia, e eles iam quase sempre.</p>

	média de doze pessoas. Havia sessões todos os dias menos ao fim de semana	E, depois, também ficávamos ali na conversa, ninguém ia para casa. Gostavam de lá estar, é engraçado. Os grupos eram constituídos dez, doze pessoas.(...) Eu ia todos dias, menos ao sábado e ao domingo
Alfabetização	O mais importante era ensinar as pessoas a ler e escrever. Também era uma boa ocupação porque as pessoas não tinham mais nada para fazer. Era preferível estar no curso a ficar em casa a ver televisão ou ir ao café	<p>“Para mim, o mais importante foi saber que ao fim daqueles quatro anos as pessoas sabiam ler e escrever e que tinham ouvido coisas e se calhar tinham aprendido coisas que nunca lhes teria passado pela cabeça”</p> <p>“Claro, o curso foi uma boa experiência e é como eu já te disse, era uma ocupação, a malta não tinha nada que fazer, só havia os bailes lá no salão do Zé Artur, não havia mais anda para fazer”</p> <p>“Havia um senhor que era o sr Joaquim que fazia pecinhas de artesanato, foices, cestas, coisas assim, esse continuou sempre comigo, dizia que era a forma que tinha de se entreter, dizia que se chateava de ficar em casa a ver televisão e dizia que não gostava muito de ir ao café (...) Aqueles cursos eram um entretenimento para muitas pessoas”</p>
Certificação	A maioria dos adultos foram certificados. Eram os primeiros cursos de alfabetização. Eram frequentados por gente mais jovem. Em Martinlongo tinha analfabetos puros, que ao fim de 4 anos foram certificados. O curso fechou porque não havia inscritos. Na Barrada estive dois anos e também levou pessoas a fazer o 4º ano. Quando mudou de curso/localidade houve pessoas que a acompanharam	<p>-Nos Castelhanos eram umas dez pessoas, passaram quase todas. Ficou um ou dois pelo caminho. Havia um, o Arlindo que era deficiente, esse nunca conseguiu aprender a ler, mas ele andou sempre comigo, nunca faltava, sempre, sempre, aliás, ele já tinha andado comigo na escola primária”</p> <p>“Por onde fui passando fui certificando gente. Aí não certifiquei todos, mas no 1º ano certifiquei logo três ou quatro que eram pessoas que já tinham a 3ª classe. (...) Mas continuaram, muitas destas pessoas que eram certificadas, continuavam a ir ao curso, continuavam (...) E daquilo que me lembro, já mesmo depois de eu estar aqueles 4 anos em Martinlongo, o curso fechou porque não havia inscritos. E. essas pessoas que já tinham sido certificadas, algumas delas começaram a ir à Barrada. Iam ter comigo</p> <p>“Na Barrada fui lá dois anos e ainda certifiquei uns quantos porque eram pessoas que já tinham a 3ª classe. Os de Martinlongo não tinham nada. Começaram do zero e ao fim de quatro ou cinco anos consegui que fizessem a 4ª classe. Foi muito bom, só tinha o tal Arlindo que tinha a 1ª classe mas era o mesmo que não ler e tinha uma senhora que era a D. Laurentina que acho que também tinha 1ª ou a 2ª classe, o resto, eles não sabiam nada, não sabiam fazer o nome,</p>

		<p>sequer (...)Barrada eu vou quatro anos depois. Quando aquelas pessoas fizeram a quarta classe, o curso acabou em Martinlongo. Eram pessoas mais jovens foram certificadas e deixaram de ir. Depois não houve gente suficiente para formar um novo curso (...) Eu levei aquela gente toda até ao fim.</p>
Os CEBA's	<p>Nos Castelhanos o curso funcionava na casa de uma tia sua. Em Martinlongo foi numa sala da Casa do Povo . Na Barrada foi mesmo na Escola. Gostou muito de estar na Barrada. Ficava na cada de adultos educandos. Outras vezes vinha ficar a casa quando o táxi a ia buscar. As pessoas eram muito divertidas e na altura do carnaval mascarava-se.</p>	<p>“Eu adorava, até me mascarava quando era o carnaval, eu ia mascarada para me meter com eles, gostavam também da brincadeira (...) Sabes como é que eu ia para Barrada? Ia de táxi (...) mas muitas vezes não me iam buscar, esqueciam-se de mim. Muitas vezes tive de dormir lá”</p> <p>“Na casa das pessoas. Sabes, ali como é que era, há vinte e tal anos atrás, trinta anos, era complicado. Tinha lá dois sítios onde ficava que era na casa de dois alunos e que me ofereciam casa. Ofereceram-me sempre, diziam que se acontecesse alguma coisa para eu não me preocupar que eles ofereciam. Mas, tu sabes o que é de Inverno, eu ficava naquela escola desterrada. Acabava o curso e as pessoas iam embora. E eu ficava à espera do táxi, mas havia sempre duas pessoas que ficavam lá comigo até me ir embora, nunca me largavam até que o táxi chegasse. Se o táxi não chegava, eu lá tinha que ir com eles para o monte. E depois, agora a gente pega no telemóvel e telefona, naquele tempo não. Lá tinha eu que ir bater à porta de uma senhora que tinha telefone fixo para telefonar para a minha mãe para ela não ficar preocupada que eu ia dormir no monte porque não tinha táxi.</p> <p>“Nos Castelhanos era na casa de uma tia minha, mas ela não habitava a casa. Era uma sala, era uma casa que ela tinha. Olha era numa casa de jantar, a gente pôs os móveis todos à volta, a mesa passei-a para um quarto e depois tínhamos as secretárias da escola primária. Fomos à escola buscar aquelas secretárias (...) Em Martinlongo foi numa sala da Casa do Povo que já foi Centro de Saúde e agora já não é Centro de Saúde. Depois passou para os nossos Serviços da Segurança Social (...) Na Barrada foi mesmo na Escola</p>
Métodos	<p>Fazia como tinhas aprendido na formação. Quando tinha dificuldades recorri a à coordenador a concelhia. Pensa que o</p>	<p>É assim, eu fui com algum receio, mas depois como estava amparada pela Célia (...) senti que tinha proteção, estava protegida e suportada por uma pessoa que tinha muitos conhecimentos e então não me atrapalhei</p>

	<p>“método” de Paulo Freire é a melhor forma de trabalhar com aquelas pessoas.” Sentiu que a utilização do “método” funcionava. Também não conhecia mais nenhuma Com a prática foi aperfeiçoando o método</p>	<p>muito (...) Eu, também, quando havia assim uma situação mais complicada eu conseguia dar a volta (...) se não era naquele dia, era no outro. Sim, sim, nunca mais me esqueço desse nome, posso esquecer-me do resto (risos), Paulo Freire vai morrer comigo (risos) fazia tal e qual como me tinham ensinado na formação, aqueles passos todos “Acho que sim, resultava (...) acho que para aquelas idades e para que tipo de ensinar, acho que não há melhor, mas também não conheço mais nenhum método. Conheço aquele que me ensinaram e foi o que eu aplicava (...) Eu acho que o “método” que me ensinaram era o ideal, não conheço mais nenhum, mas nunca tive problemas” “É claro que depois também fui aperfeiçoando e ia tentando aprender mais e ver outros conceitos. E, depois, a pessoa com a prática a pessoa vai melhorando. Aquele “método” também tem muito a ver com a prática (...) a estrutura é simples, depois com a prática é que a pessoa vai usando melhor o “método”</p>
<p>O processo Ensino/Aprendizagem</p>	<p>Organizavas as sessões como tinha aprendido na formação, mas também improvisava quando era preciso. Quando a planificação não resultava. As planificações eram quinzenais e feitas com a coordenadora concelhia em grupo com outras bolsseiras. Mas os cursos tinham características diferentes e com pessoas com motivações e idades diferentes. Para algumas o mais importante era saber assinar o nome e aprender a ler Escrever era mais difícil que aprender a ler</p>	<p>Dependia muito, porque planificávamos uma coisa, mas depois chegávamos à sala e essa planificação pode ir um bocadinho por água abaixo (...) Depende, podes ter 10 pessoas ou doze, mas pode haver uma noite em que se planifica para esses doze e só ter lá seis, então temos que improvisar, que adaptar a planificação porque já não vamos fazer bem aquilo que tínhamos pensado(...) às vezes era preciso improvisar. “A gente tinha uma planificação global, geral. E, depois dentro dessa planificação eu planificava à minha maneira (...) Havia uma planificação, mas eu podia não poder trabalhar por aquela planificação porque as minhas pessoas eram diferentes das que estavam em Alcoutim, por exemplo. E os temas também eram diferentes. A gente também tentava que o tema fosse de acordo com as características dos nossos adultos (...) Por exemplo, na zona de Alcoutim, havia bolsseiras que tinham gente muito nova, apanharam pessoas que não tinham feito a 4ª classe, era malta nova. Eram pessoas que trabalhavam e precisavam do certificado. Enquanto que eu, por exemplo, tive de tudo (...) Mais jovens e tive pessoas que já eram reformadas e que nunca tinham ido à escola. Estavam ali por curiosidade e porque sempre</p>

		<p>tiveram aquele desgosto. Que era o que as pessoas diziam o desgosto de nem, pelo menos, saber fazer o nome. Muitas das pessoas foram para lá naquela de «De vez em quando preciso assinar o nome e não sei». Porque as pessoas tinham filhos no estrangeiro, porque as pessoas precisavam assinar um cheque. Então, foram por essa curiosidade e depois acabaram por ficar e acabaram por conseguir pegar numa folha de papel e ler que era o mais importante para elas. O mais importante era saber ler, não era saber escrever (...) Aprender a escrever também era mais difícil que aprender a ler (...) Escreviam o nome delas, escreviam algumas palavras, mesa, casa e eu gosto disto, assim frases simples, mas não conseguiam fazer um texto completo. Mas o importante para elas era saber pegar num livro e ler (...) E eu pensava assim, se o mais importante para eles era saber o nome, saber fazer as contas de mais, de menos, de multiplicar. Se um dizia, eu só me interessa saber multiplicar por um algarismo, era onde eu batia era aí. Se queres por um algarismo fazes por um algarismo (...) «E o que é que você quer mais?» «Ai eu quero é aprender a ler» «Então vamos para leitura» Era assim, eu ensinava de tudo um bocadito, mas depois insistia mais naquilo que eles queriam. Pronto, que era o objetivo deles.</p>
Temas	<p>Por vezes os temas motivavam discussão política sobretudo nos Castelhanos.</p> <p>Os temas surgiam naturalmente no início da sessão.</p> <p>As pessoas gostavam muito de receber visitas para as sessões temáticas, sobretudo sobre a saúde.</p> <p>Também gostavam quando se fazia ciclos de cinema. Havia convívio com as pessoas do monte e de montes vizinhos que vinham assistir. Havia festa no monte</p>	<p>“Mas a discussão só ia até um certo ponto, porque quando a coisa começava a descambar eu parava, para acalmar os ânimos”</p> <p>“Eu com eles? A gente tentava sempre (...) No início da noite começávamos sempre com uma conversa sobre qualquer coisa. Depois a partir daí, das ideias, das palavras que surgiam da nossa conversa, fazíamos o resto, fazíamos como tínhamos aprendido”</p> <p>“Vinha o médico. Nós ainda tivemos várias sessões com o médico, com enfermeiros”</p> <p>Tivemos cinema (...) Ainda não há muito tempo vi uma fotografia lá no salão do Zé Artur, numa sessão de cinema, a gente todas (...) porque quando havia uma sessão de cinema juntávamos uns quantos montes e lá íamos todas com os nossos grupos. Aquilo era uma festa (..) Tenho pena daquilo ter acabado, era muito bom para as pessoas. Se calhar hoje já não e justificava, não sei, mas era importante para as pessoas de lá (...)</p>
A Formação	A formação foi muito	Foi importante, foi importante, a gente não

	<p>importante. Principalmente nas Açoteias, no seminário de integração. Também gostava dos momentos de convívio. A formação era importante porque eram jovens e não sabiam nada de alfabetização. Mas a sua grande ajuda era coordenadora concelhia O Seminário no Eurotel em Tavira, para os bolseiros do nordeste algarvio também foi muito importante. Foi diferente mas foi interessante porque juntou os bolseiros de todo o nordeste Para além dos Seminários as reuniões de Orientação com a coordenadora concelhia também era muito importante. Os Encontros de bolseiros também eram momentos importantes de partilha.</p>	<p>sabia nada de alfabetização, apesar da pessoa dizer às vezes que gostava de brincar aos professores (...) Não tem nada a ver. Eu tive essa formação onde aprendi muita coisa (...) Mas, eu também andava muito com a Célia, com ela é que eu aprendi mais. Quando não sabia pedia-lhe ajuda. Éramos muito amigas, falávamos muito e isso dava-me confiança”. “Nessa altura, essa formação já foi um bocadinho diferente da outra Formação Inicial, porquê. Porque na outra eramos todas bolseiras, malta sem formação e eram vocês os formadores. Ali no outro seminário, já não, já estavam também as tais professoras do ensino básico que também eram bolseiras de educação de adultos. Então já foi diferente, havia os bolseiros como nós e havia as bolseiras que eram professoras primárias, eram professores de dia e monitores de alfabetização à noite (...) Já foi um bocadinho diferente. Na outra, eram bolseiros do mesmo nível, tirando os formadores, porque éramos todas bolseiras. Ali já se notou que era outro grupo, mas não se notou diferenças. O tratamento era igual, mas a formação já foi muito diferente. A gente também já sabia mais qualquer coisa sobre alfabetização, já tínhamos feito a outra formação, já tínhamos alguma experiência. Na outra Formação, não, a gente não sabia nada (...) Lá também era mais para Iniciar. Nesta Formação o programa também era diferente, aqui já não se falou do “método” de Paulo Freire, lembro-me que se falou doutras coisas e que foi mais uma partilha de conhecimentos e que apresentamos o trabalho que estávamos a fazer. Foi mais ou menos isso (...) Mas eu gostei, só tenho pena de não ter havido mais seminários destes. “ Lembro-me dos nossos trabalhos de grupo e depois das apresentações que era uma coisa nova, a gente apresentar para o resto do grupo (...) Este 2º Seminário foi mais para partilhar e para refletir sobre aquilo que estávamos a fazer. “Essas reuniões eram muito importantes porque discutíamos a planificação, falávamos como íamos fazer, tirávamos dúvidas, tirávamos ideias de umas e de outras e aí aprendíamos todas. Aprendíamos umas com as outras. Depois também fazíamos as fichas, e falávamos sobre isso com a coordenadora que nos ensinava sempre qualquer coisa. Aprendíamos sempre</p>
--	---	--

		<p>alguma coisa</p> <p>A gente não pode fazer trabalho nenhum de jeito se não tiver formação (...) eu acho que nós merecíamos ter mais formação, bastante falta nos fazia porque havia muita coisa que nós não sabíamos. Fazíamos aquilo que tínhamos aprendido e pouco mais, fora quando improvisávamos (...) Acho que se justificava darem-nos mais formação, haver mais Seminários, mais Encontros. Mas as coisas há quase trinta anos não eram como são hoje, havia problemas de comunicação, as estradas eram más, não era fácil juntar toda a gente. Era tudo muito diferente (...) Os Encontros, a gente gostava mais porque era tudo malta jovem e a gente gostava de se divertir e também aprendíamos, trocávamos ideias. Os Encontros eram mais práticos, aprendíamos mais e dava outro ânimo</p>
Casamento	Quando acabaram os cursos de alfabetização, decidi casar e vir morar para Faro	<p>“Casei na Bairrada. No dia que casei, vim para Faro (...) Casei lá, mas vim para a minha casa aqui”</p> <p>“É assim, depois a alfabetização acabou (...) Não, mas espera, acabou. Depois eu só estive em Martinlongo mais um ano, sem nada (...) Depois casei aos 26 anos e vim embora para Faro</p>
Sessões temáticas	As sessões temáticas proporcionavam aprendizagens sobre temas que eram uma novidade para as pessoas. As sessões temáticas proporcionavam também bons momentos de convívio	<p>“As sessões sobre saúde, sobre cinema. E houve os debates, as sessões de esclarecimento, em que a gente juntava aquela malta toda, juntávamos os cursos todos da freguesia, vinham dos vários sítios (...) Organizávamos esses Encontros nalgumas épocas, no Carnaval, na Páscoa (...) Fazíamos convívios entre os vários cursos, quando era o cinema também nos juntávamos”</p> <p>(...) E falaram de coisas que eles, se calhar, nunca na vida pensaram que era possível reunirem-se na casa de alguém e falar daquilo.</p>
Grupo de bolseiras	As bolseiras da freguesia de Martinlongo eram muito unidas. Criaram o 1º grupo de teatro do concelho de Alcoutim. A maioria das bolseiras deixaram a serra, foram embora. Tiraram cursos, empregaram-se, saíram. Mas houve também alguns que ficaram. Não pensou em sair porque tinha emprego e queria das	<p>nós, também em paralelo nós tínhamos um grupo de jovens em Martinlongo, fazíamos teatro. Era um grupo de teatro mas estava ligado à igreja que era o padre Manuel (...) Eramos um grupo de jovens, mas depois tornou-se mais abrangente. Mas, nós todas, bolseiras, fazíamos parte desse grupo de teatro. Porque até a Lena de Vaqueiros fazia parte do nosso grupo de teatro porque a gente reuniu o máximo de pessoas do concelho que quisessem fazer parte. De Alcoutim houve alguns que depois saíram porque era muito longe, mas a maior parte</p>

	apoio à mãe.	<p>das bolsseiras fazia parte desse grupo de teatro (...) E, depois, muitas de nós, independentemente de ser crente, de ser católica ou não, se calhar, muitas de nós nem ligavam nada a isso, a gente fazíamos parte daquele grupo. Era um grupo de teatro mas estava ligado à igreja.</p> <p>“Aquela convivência que nós tínhamos, independentemente da crença, até podia ser um grupo do Jeová, isso não interessava, o que estava em causa era a convivência (...) E, era uma convivência saudável, éramos um grupo transparente, éramos amigos. E, então aquilo também nos ajudou muito. Eu acho que a alfabetização, o ter feito parte daquele grupo de teatro, fez de mim a pessoa que sou hoje</p> <p>Da minha geração houve muita gente que saiu, mas nem todos, houve muita gente que ficou, muitas das bolsseiras ficaram. Também saíram alguns para Universidade (...) Na altura optei por ficar lá porque tinha minha mãe e juntei o facto de ter a minha mãe e depois ainda tinha a alfabetização e o Centro de Dia (...) Eu depois de deixar a Escola, até casar trabalhei 5 anos no Centro de Dia, era animadora.</p> <p>“ Há duas moças que foram bolsseiras que hoje são educadoras (...) É a São Ginja 4 a Tílinha, a Maria Otília (...) Foram bolsseiras a seguir a mim (...) E, depois vieram para a Universidade. A Tílinha, a Olga Ludovico que é doutorada está também em S. Brás (...) E esta moça a Tílinha vive em Martinlongo. Tem estado na Misericórdia.</p> <p>“Ficaram também porque têm trabalho (...) Os que ficaram foi porque praticamente todos arranjaram lá trabalho.</p>
Nova transição biográfica	Quando veio para Faro foi trabalhar na direção regional e mais tarde na segurança social. As aprendizagens em educação e adultos ajudaram-na para vida	“Aquilo foi a minha primeira experiência, mas tudo quanto a gente faz(...) tudo é importante para o resto da vida (...) aquilo foi a minha primeira caminhada e depois na altura.
Saudades	Sente muitas saudades desse tempo. Se os cursos tivessem continuado também teria continuado na serra	“Se não tem acabado eu tinha continuado porque eu gostava daquilo (...) Hoje, não sei porque a idade é diferente, mas naquele tempo tinha, tinha.”
Fecho dos cursos	O encerramento dos cursos provocou grande mal estar junto das pessoas	E depois, acabou, acabaram os cursos de alfabetização e as pessoas ficaram sem nada. Foi muito triste, as pessoas queriam continuar, gostavam de lá estar e de uma ano

		para o outro acabou, nem deu para eu acabar o meu trabalho porque havia pessoas que com mais um ano ou dois, conseguiam fazer a 4ª classe.
A educação de adultos provocou mudanças no concelho	As pessoas não esqueceram a educação de adultos. Para algumas pessoas a sua vida mudou para melhor devido ao curso de alfabetização. Em termos das comunidades também houve mudanças. Apareceram mais associações e as pessoas tonaram-se mais participativas	-Fica, fica sempre. Ainda hoje encontro o Sr Joaquim «Ai que belos tempos» E eu ainda lhe digo «Oh Sr. Joaquim e já lá vão trinta anos e ainda você se lembra disso» «Lembro-me sim senhor» Porque foi com a alfabetização que ele começou a fazer as peças de artesanato. E ainda hoje faz. É uma pessoa que está no Centro de Dia. “Houve algum desenvolvimento e ajudou. Ajudou porque todas essas atividades que mais tarde foram criadas, decorreram da educação de adultos. As associações, as atividades socioculturais (...) Deu, deu, porque na ideia deles, o mais importante não era ir à Escola. O ir à Escola para eles era um pretexto, mas eles gostavam de lá estar porque ninguém os obrigava, ninguém os chateava, ninguém discutia (...) Era um convívio e as pessoas estavam desejando que chegasse aquela hora

ANEXO 24. CONSENTIMENTOS INFORMADOS



Declaração de consentimento informado

Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Marina Sílvia Gonçalves Gregório Rusebmo

Declare que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Vila Real do Arco

Data: 03 / 07 / 2019

Assinatura:

Marina Sílvia Gonçalves Gregório Rusebmo

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Maria João Gonçalves Rodrigues de Horta:

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação “Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDR da região do Algarve”, no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

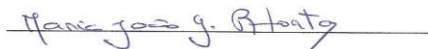
Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Tavira

Data: 04/ 07/ 2014

Assinatura:



Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Rosa Maria Batista Ribeiro Cabrita

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação “Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDR da região do Algarve”, no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Vila Real S.^{to} António

Data: 02/08/2014

Assinatura:

Rosa Maria Batista Ribeiro Cabrita

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Rosa Maria Nóbrega Torre da C. Silva

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Vila Real de S.^{to} António

Data: 03/07/2014

Assinatura:



Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Rosa Maria Nobre Terra da C. Silva

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usadas em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Vila Real de S.^{ta} António

Data: 03/07/2011

Assinatura:



Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Fátima de Fátima Martins Lourenço

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PTDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pascoal do Arco. perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concedei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: S. Brás Alportel

Data: 09/07/2014

Assinatura:



Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Fátima do Carmo Gomes Pereira Rufino

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pasragal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordo ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Vila Real de Santo António, 3 de julho de 2014

Data: 03/07/2014

Assinatura:

Fátima Rufino

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, ALBERTO EDUARDO DA SILVA E MELO

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDD da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Paságal do Arco. perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordo ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Lugar: FARO

Data: 24:06:2014

Assinatura:



Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Francisco Augusto Cairato Lourenço

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PJDAR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Macias Pastaga, do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados serão tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas, mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Alentejo

Data: 3/7/2014

Assinatura:

Amf

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

E. J. Juvénalia Figueiredo Bentes

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIEDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

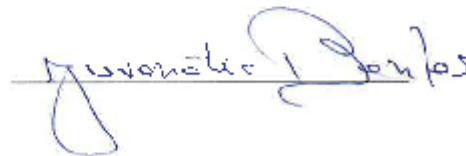
Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local:  _____

Data: 12/7/14

Assinatura:

 _____

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Maria Manuella Bárbara Domingues Chaves

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação “Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDD da região de Algarve”, no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Faro

Data: 15/7/14

Assinatura:

Maria Manuella Bárbara Domingues Chaves

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Anabela Nascimento Fernandes Guerreiro Pedro

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PDDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Diante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e sentimentos em causa. Concordei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência de investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Faro

Data: 13/3/14

Assinatura:

Anabela Pedro

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim da Arca

Eu, Dr. Manuel Ribeiro de Luz

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito da PIDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concedei ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Alentejo

Data: 14/07/2014

Assinatura:
[Assinatura]

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, **José Manuel Baltazar Simão**, declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Baluroes - Alcoutim

Data: 07/ 07/ 2014

Assinatura:



Declaração de consentimento informado

Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Faria Farganda dos Ramos Guerreiro Gonçalves

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PIDD da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pastagal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Foi-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concedei ainda que o meu **nome real** fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Ca. Europa

Data: 18 / 7 / 11

Assinatura:

Farganda Gonçalves

Declaração de consentimento informado
Investigação de Doutoramento de Joaquim do Arco

Eu, Maria José de Campos Cavaco

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação "Histórias de vida de professores / educadores de adultos no âmbito do PLDR da região do Algarve", no âmbito da investigação de Doutoramento de Joaquim Matias Pasalgal do Arco. Perante a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer as minhas dúvidas.

Aceito participar de livre vontade nessa investigação através de conversas informais e entrevistas gravadas, sabendo que posso recusar-me a responder a questões sempre que achar oportuno e ainda a interromper a qualquer momento a minha participação na investigação, sem nenhum tipo de penalização.

Fui-me garantido que todos os dados seriam tratados com o maior cuidado e respeitando as minhas interpretações dos eventos, acontecimentos e fenómenos em causa. Concordo ainda que o meu nome real fosse divulgado na tese de Doutoramento a ser elaborada na sequência da investigação realizada.

Aceito ainda que os dados possam ser posteriormente usados em publicações científicas mas, neste caso, usando-se um nome fictício. Qualquer exceção a esta regra implicará, portanto, um novo pedido e a assinatura de um novo consentimento informado.

Local: Cochupo

Data: 18 / 7 / 14

Assinatura:

